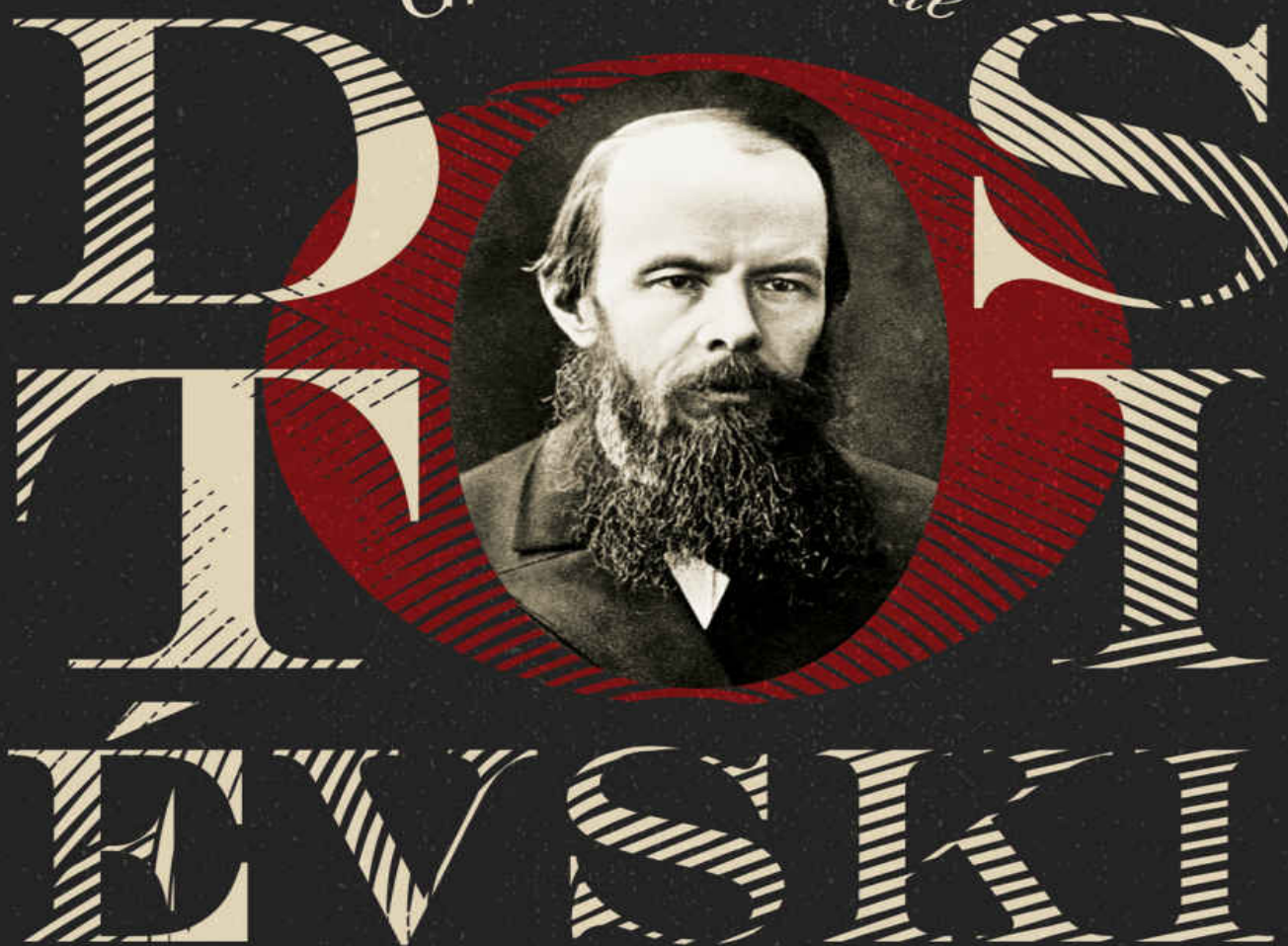




Grandes obras de



CRIME E CASTIGO

OS IRMÃOS KARAMÁZOV



FIÓDOR
DOSTOEVSKI

CRIME E CASTIGO
OS IRMÃOS KARAMÁZOV



Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D76i

Dostoiévski, Fiódor, 1821-1881

Grandes obras de Dostoiévski [recurso eletrônico] : crime e castigo e os irmãos Karamázov / Fiódor Dostoiévski ; [tradução Câmara Lima , Natália Nunes , Oscar Mendes]. -- [2. ed.]. -- Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2017.
recurso digital.

Tradução de: Crime et châtiment, los hermanos Karamázov

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 9788520941126 (recurso eletrônico)

1. Ficção russa. 2. Livros eletrônicos. I. Lima, Câmara. II. Nunes, Natália. III. Mendes, Oscar. IV. Título.

17-40912

CDD: 891.73

CDU: 821.161.1-3

06/04/2017 06/04/2017

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

SUMÁRIO

Volume 1

Crime e castigo

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

QUARTA PARTE

QUINTA PARTE

SEXTA PARTE

Epílogo

Volume 2

Introdução

Prefácio

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

QUARTA PARTE

Epílogo



FIÓDOR
DOSTOEVSKI

CRIME E CASTIGO

Tradução Câmara Lima



SUMÁRIO

Crime e castigo

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

QUARTA PARTE

QUINTA PARTE

SEXTA PARTE

Epílogo

CRIME E CASTIGO

As relações entre Fiódor Dostoiévski e seus leitores não são afetuosas nem agradáveis; é um conflito de instinto perigoso, cruel, voluptuoso; são relações apaixonadas no gênero das relações entre homem e mulher e não relações de amizade confiante. Dickens ou Gottfried Keller, seus contemporâneos, usam uma doçura persuasiva, uma música sedutora para atrair o leitor, para fazê-lo amar o mundo em que o introduzem. Provocam sua curiosidade, sua imaginação, mas estão longe de comover o coração tanto quanto Dostoiévski que se quer apoderar de nós inteiramente. Nossa curiosidade, nosso interesse não lhe bastam; quer nossa alma e nosso corpo; carrega a atmosfera de eletricidade, excita a nossa sensibilidade. Sua vontade, apaixonada por uma espécie de hipnose, enfraquece a nossa como um mágico, murmurando fórmulas de encarnação, embalam nosso espírito em diálogos intermináveis, desprovidos de interesse e desperta nossa simpatia, por alusões misteriosas; recusa-se a uma conquista muito apressada; é, para ele, uma volúpia prolongar o martírio da preparação. Fervemos de impaciência; ele concebe personagens, cenas novas e caminha sempre lentamente para a ação. Com uma volúpia consciente, diabólica, retarda o momento em que seremos conquistados, leva ao paroxismo a angústia interior, o peso trágico da atmosfera. Pressente-se a tempestade que sobe; o céu da alma está cortado por clarões precursores e terríveis.

Pensemos no tempo que nos é preciso para compreender que os estados de alma absurdos de *Crime e castigo* preparam um assassinato, enquanto nossos nervos têm, desde muito, a intuição de um drama terrível. O retardamento da ação é um dos requintes com que se embriaga a sensualidade de Dostoiévski; são pontas de agulha enfiadas à flor da pele.

STEFAN ZWEIG

Os construtores do mundo

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Em um maravilhoso entardecer de julho, extraordinariamente cálido, um rapaz deixou o quarto que ocupava no sótão de um vasto edifício de cinco andares no bairro de S*** e, lentamente, com ar indeciso, se encaminhou para a ponte de K***.

Teve a felicidade, ao descer, de não encontrar a senhoria, que morava no andar inferior. A cozinha, cuja porta estava sempre escancarada, dava para as escadas. Sempre que se ausentava, via-se o moço na contingência de afrontar as baterias do inimigo, o que o fazia passar pela forte sensação de quem se evade, que o humilhava e lhe carregava o sobrecenho. Devia uma quantia considerável à locatária e receava encontrá-la.

Não por covardia ou abjeção; pelo contrário. Mas havia já algum tempo que ele se encontrava num estado de excitação nervosa, vizinho da hipocondria. Isolando-se e concentrando-se, conseguira não só esquivar-se da senhoria, como também de seus semelhantes. A pobreza esmagava-o; ultimamente, porém, chegara a ser-lhe indiferente. Renunciara por completo às suas ocupações. Aliás, bem pouco lhe importavam a locatária e as disposições que lhe aprouvesse tomar contra ele. Mas ser surpreendido na escada, ouvir reclamações, sempre exprobrações, aliás pouco prováveis, ter de responder com evasivas, desculpas de mau pagador, mentiras — mil vezes não! Mais valia esgueirar-se furtivamente, deslizar como um gato pela escada.

Dessa vez, porém, quando alcançou a rua, até se admirou do temor que tivera de encontrar a credora.

“É incrível que, quando tenho em mente um projeto tão arriscado, me preocupem tais ninharias!”, cogitava ele com um sorriso singular. “É axiomático... Tudo está nas mãos de um homem e ele o deixa escapar por covardia. Estou propenso a crer que o que mais tememos é o que nos tira de nossos hábitos. Mas ando só a divagar e é por divagar tanto que nada faço. É verdade que eu poderia aduzir mais esta razão: é porque nada faço

que divago tanto. Há um mês que me acostumei a falar a sós, parado num canto dias inteiros, preocupado com disparates. Vejam, em que vou me meter? Serei capaz *disto*? *Isto* será sério? Não, *isto* não é sério... São fantasias que me preocupam o espírito, simples quimeras.”

O calor era insuportável. A turbamulta, a vista da cal, dos tijolos, da argamassa, e esse mau cheiro característico, conhecidíssimo do habitante de São Petersburgo que não pode fugir para o campo, no verão, tudo concorria para superexcitar os nervos do jovem. O fedor tremendo das tavernas, numerosas nessa parte da cidade, e os ébrios com que topava a cada passo, conquanto fosse dia útil, completavam o colorido repugnante do quadro. As feições finas do moço acusavam, por instantes, uma impressão de intensa náusea. A propósito, cumpre dizer que ele não era mal dotado fisicamente: de estatura um pouco acima da mediana, esbelto, elegante, possuía bonitos olhos escuros e cabelos castanhos. Mas, a breve trecho, mergulhou numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Seguiu alheio a tudo, ou melhor, sem querer atender a coisa alguma. De quando em quando, murmurava para seus botões algumas palavras, porque, como ele reconhecia, havia algum tempo que andava com a mania dos solilóquios. Neste momento, notava que as ideias se lhe baralhavam por vezes e era grande seu estado de fraqueza: havia dois dias que, quase se podia dizer, não se alimentava.

Estava de tal modo andrajoso que qualquer outro se vexaria de exhibir em pleno dia semelhantes farrapos. No entanto, o bairro tolerava qualquer indumentária. Nas imediações do Mercado do Feno, nas ruas centrais de São Petersburgo, onde vive o operariado, o vestuário mais singular não causa a menor estranheza. Mas um tal desdém por tudo se recalcava na alma do infeliz rapaz que, apesar de seu pudor, demasiadamente ingênuo por vezes, se envergonhava de passear pelas ruas seus trapos.

O caso seria diferente se encontrasse pessoas conhecidas, alguns de seus antigos camaradas, cujas aproximações geralmente evitava. Subitamente parou, ouvindo-se indicado à atenção dos transeuntes por estas palavras pronunciadas em voz irônica: “Vejam, um chapeleiro alemão!” Essas palavras eram ditas por um ébrio que era conduzido, não se sabe para onde, numa carroça.

Com um gesto nervoso tirou o chapéu e pôs-se a olhá-lo. Era de feltro de copa alta, comprado na casa do Zimmerman, muitíssimo usado, esverdeado, com muitas nódoas e buracos, sem abas, pavoroso enfim. No

entanto, longe de se sentir ferido em seu brio, o possuidor do estranho chapéu sentiu-se mais inquieto do que humilhado.

“Isto é, na verdade, o pior!”, murmurou ele. “Esta miséria... E qualquer coisa pode estragar o *negócio*. Efetivamente este chapéu dá muito na vista, está medonho! Ninguém usa uma coisa assim na cabeça. E então este, que se torna reparado a léguas de distância... Lembrar-se-ão, pode ser um indício... É absolutamente necessário chamar sobre mim a menor atenção possível. As coisas mais insignificantes têm, às vezes, maior importância e é geralmente por isso que a gente se perde...”

Não ia para muito longe; conhecia precisamente a distância entre sua morada e o lugar aonde se dirigia: 730 passos, nem mais nem menos. Contara-os quando o projeto tinha em seu espírito apenas a forma vaga de um sonho. Nesse tempo nem mesmo supunha que tal ideia viesse a tomar corpo e a fixar-se. Limitava-se a acariciar intimamente uma ilusão duplamente pavorosa e irresistível. Mas passara-se um mês, ele começava a ver as coisas por outro aspecto. Conquanto nos solilóquios se lastimasse da pouca energia e irresolução, tinha-se, no entanto, habituado pouco a pouco, malgrado seu, a julgar possível a realização dessa sonhada quimera, a despeito de não confiar ainda muito em si. Vinha agora precisamente repetir o ensaio de seu projeto e, a cada passo que dava, sentia-se mais e mais dominado por uma profunda inquietação.

Com o coração angustiado, os membros rudemente agitados por um tremor nervoso, aproximou-se de um grande prédio, que dava de um lado para o canal e do outro para a rua... O casarão era dividido em muitos compartimentos habitados por criaturas de toda espécie: alfaiates, serralheiros, cozinheiros, alemães de várias categorias, mulheres fáceis, pequenos empregados... Uma multidão entrava e saía pelas duas portas. Três ou quatro criados faziam o serviço. Com grande satisfação não viu nenhum deles. Transposto o limiar, galgou a escada da direita, que já conhecia, estreita e de uma obscuridade que não deixava de lhe agradar. Ali não havia a temer olhos indiscretos.

“Se tenho agora tanto medo, que será quando for de verdade?”, pensou quando chegava ao quarto andar. Ali teve de parar; alguns carregadores faziam a mudança da mobília de uma das divisões ocupadas (o nosso homem sabia-o) por um funcionário público alemão e a família. “Com a partida deles, a velha fica sendo a única moradora do andar. Vim em boa ocasião.” E puxou o cordão da campainha, que soou fortemente como se

fosse de lata, em vez de cobre. Nessas casas, as campainhas são geralmente assim.

Esquecera esse pormenor. O som especial lembrou-lhe algo, porque teve um estremecimento; sentia os nervos numa grande depressão. Um momento depois entreabriu-se a porta e pela fenda a dona da casa examinou o recém-chegado com visível desconfiança; apenas se lhe viam os olhos brilhando na escuridão como pontos luminosos. Mas, vendo os carregadores, sentiu ânimo e abriu a porta. O rapaz entrou para a saleta escura, dividida por um tabique, por trás do qual havia uma pequena cozinha. Diante dele, de pé, uma velha interrogava-o com o olhar. Teria sessenta anos, era baixa e magra, narizinho pontudo e olhar malicioso. Na cabeça descoberta, espalhavam-se os cabelos untados de óleo.

Trazia em volta do magro e seco pescoço, que lembrava uma perna de galinha, um trapo de lã. Apesar do calor, pendia-lhe dos ombros uma capa de peles, surrada e amarela. Tossia frequentemente. Com certeza o rapaz olhou-a de modo singular, porque seus olhos retomaram a expressão de desconfiança.

— Raskólnikov, estudante. Já vim uma vez aqui, há um mês, apressou-se a informar o visitante, pensando que era conveniente mostrar-se amável.

— Recordo-me, *bátuchka*,¹ recordo-me perfeitamente de já ter vindo — respondeu a velha, que não desviava do rapaz os olhos desconfiados.

— Pois muito bem... venho agora também para um negócio da mesma espécie — continuou Raskólnikov, perturbado e surpreso pela desconfiança que inspirava.

“Talvez isso seja feitiço dela”, pensava o estudante, “mas da outra vez não me pareceu tão desconfiada”. A velha fez silêncio por algum tempo; parecia pensar... Em seguida, indicou a porta do quarto e afastou-se para dar passagem a Raskólnikov.

— Entre, *bátuchka*.

O aposento para onde o rapaz passou era forrado de papel amarelo; pelas janelas, com cortinas de chita, onde havia gerânios, entrava a luz do sol quase no ocaso, iluminando escassamente o quarto. “*De outra vez*, o sol também brilhará assim!...”, pensou ele passando uma rápida inspeção em volta, como se quisesse inventariar os objetos que o cercavam e retê-los na memória.

Mas nada havia ali de particular. A mobília, de madeira amarela, era velha. Um sofá derreado, tendo defronte uma mesa oval fazendo frente para um espelho na parede entre duas janelas. Algumas cadeiras, umas insignificantes gravuras representando raparigas alemãs com pássaros nas mãos — eis tudo.

A um lado, diante de um pequeno ícone, ardia uma lâmpada. Mobília e soalho resplandeciam de asseio. “Anda aqui forçosamente a mão de Isabel”, pensou o rapaz. Não se via um grão de pó em todo o apartamento. “É preciso vir à casa destas viúvas velhas rabugentas para se ver tal limpeza”, monologava, reparando com curiosidade no cortinado de chita que ocultava a porta que dava para outro quarto, onde ele nunca entrara e onde estavam o leito e a cômoda da velha. O apartamento compunha-se desses dois quartos.

— Que quer então? — interrogou asperamente a velha, que, tendo seguido o visitante, se colocou à sua frente, de pé, para lhe ver bem o rosto.

— Apenas penhorar um objeto.

E tirou do bolso um velho relógio de prata, que tinha gravado na tampa um globo; a corrente era de aço.

— Mas ainda não pagou a importância que há tempos lhe emprestei! Sabe que o prazo findou anteontem?

— Virei pagar-lhe os juros deste mês, tenha paciência; espere mais alguns dias.

— Terei paciência ou venderei seu penhor, como eu achar melhor.

— Quanto me dá por este relógio, Alena Ivanovna?

— Não vale nada, *bátuchka*. Já da outra vez lhe emprestei duas notinhas sobre o anel, podendo comprar um novo por um rublo e meio.

— Dê-me quatro rublos e tiro o penhor. Era de meu pai. Hei de receber dinheiro brevemente e...

— Um rublo e meio, descontando já o juro.

— Um rublo e meio! — exclamou o jovem.

— É, se quiser.

E a velha estendia-lhe o relógio. Raskólnikov pegou-o irritado, e ia sair quando refletiu que a usurária era seu único recurso. Além disso, mais alguma coisa o trouxera ali.

— Vamos, deixa lá ver o dinheiro — disse com modo decidido.

A velha remexeu no bolso, procurando as chaves, e passou a outro quarto. Só, no meio da casa, o rapaz pôs-se a escutar atentamente, entregando-se, contudo, a diversas deduções. Ouviu a avarenta abrir o móvel. “Deve ser a gaveta de cima”, calculou ele. “Traz as chaves na algibeira direita... todas num argolão de aço... Uma delas muito maior que as outras e dentada, não é certamente a do móvel. É estranho! As chaves dos cofres de ferro têm geralmente esse feitio... Mas, afinal, como tudo isso é infame!...”

A velha voltou.

— Aqui tem, *bátuchka*: eu desconto uma *grivna* por mês de cada rublo, de um rublo e meio hei de tirar 15 copeques, porque o juro é pago adiantadamente. Depois, como pede que espere ainda um mês pelo pagamento dos dois rublos que lhe emprestei, fica me devendo por essa transação vinte copeques, o que atinge um total de 35. Tem, pois, a receber sobre o relógio um rublo e 15 copeques. Pegue lá...

— Como? Então não me dá senão isto?

— Nada mais!

Sem opor a menor objeção, o estudante pegou o dinheiro e ficou a olhar para a mesa, sem pressa de se retirar. Parecia querer dizer ou fazer alguma coisa, mas não sabia o que era.

— É provável, Alena, que brevemente lhe traga outro objeto... uma cigarreira de prata, muito bonita... Emprestei-a a um amigo... quando ele me devolver...

Disse essas palavras com ar comprometedor.

— Bem, veremos, *bátuchka*.

— Até depois... A senhora está sempre sozinha? Sua irmã não lhe faz companhia? — perguntou em tom indiferente, na ocasião em que passava para a antecâmara.

— Mas que tem a ver com minha irmã?

— Nada... Fiz a pergunta sem intenção. E a senhora... Adeus, Alena!

Raskólnikov saiu muito perturbado. Descendo a escada, parou repetidas vezes violentamente confuso; essa confusão cada vez mais aumentava de intensidade. Uma vez na rua, exclamou: “Meu Deus, como tudo isso é repugnante! Será possível que eu... Não! É uma loucura, um absurdo! Como pude ter tão horrível ideia? Pois eu seria capaz de tamanha

infâmia? Isso é odioso, ignóbil, nojento!... E, no entanto, durante um mês eu...”

As palavras eram-lhe insuficientes para exprimir a agitação do espírito. A sensação de nojo profundo, que a princípio o oprimia, quando se dirigira à casa da velha, atingira agora tal intensidade, que ele não sabia como escapar a este suplício. Caminhava como um ébrio, não vendo quem passava, esbarrando em todo mundo. Na rua imediata, serenou um pouco. Olhando em redor, viu uma taverna; uma escada que descia do passeio dava ingresso ao subterrâneo. Viu que saíam dali bêbados que se amparavam, dizendo injúrias mutuamente.

Hesitou um momento, depois desceu a escada. Nunca entrara numa taverna, mas, neste momento, a cabeça girava e ele sentia uma sede terrível. Apeteceu-lhe beber cerveja. Depois de sentar-se a um canto sombrio, pediu cerveja gelada e bebeu de um trago o primeiro copo.

Experimentou grande alívio. Seu espírito se desanuviou. “Tudo isso é absurdo”, pensou, esperançado, “e realmente não havia motivo para me assustar. Era apenas um incômodo passageiro! Um copo de cerveja e um pedaço de bolacha e num momento reaverei a minha lucidez e minha energia! Oh, como tudo isso é mesquinho!”. Apesar dessa conclusão desdenhosa, sua aparência era outra, como se repentinamente o tivessem aliviado de um grande peso. Olhava amigavelmente para toda a gente; mas, ao mesmo tempo, desconfiava que fosse transitório este regresso da energia.

Havia pouca gente na taverna. Após os dois ébrios, saíram cinco músicos e uma moça com uma harmônica. No estabelecimento havia relativo sossego, porque só restavam três pessoas. Um sujeito ligeiramente embriagado, denunciando a origem burguesa, estava sentado em frente de uma garrafa de cerveja. Junto dele, dormitava num banco, completamente bêbado, um homenzarrão de barba grisalha, vestindo um curto sobretudo.

De vez em quando, despertava sobressaltado. Espreguiçava-se, dava estalidos com os dedos, entoando uma canção sem nexos, cuja continuação procurava na confusa memória:

*Du...rante um ano a...mou sua mulher.
Durante um ano amou sua mu...lher.*

Ou então, de repente, como que despertando de novo:

*Caminhando pela Podiatcheskaia,
Encontrou a antiga companheira...*

Mas ninguém se associava à sua alegria: o companheiro ouvia silencioso, com ar enfadado. O terceiro bebedor parecia um antigo funcionário público. Sentado a um canto, levava, de quando em quando, o copo à boca e passava os olhos pela sala. Também parecia possuído de certa agitação.

CAPÍTULO II

Raskólnikov não estava habituado à multidão e, como já dissemos, havia algum tempo evitava encontrar-se com seus semelhantes. Mas agora sentia subitamente necessidade da convivência. Parecia operar-se nele uma transformação; o instinto de sociabilidade readquiria seus direitos. Votado todo um mês aos sonhos doentios que a solidão produz, o jovem estava tão fatigado de seu isolamento que precisava avistar-se, embora só por momentos, com alguém. Assim, por pouco decente que fosse a taverna, ocupava seu lugar com verdadeira satisfação.

O dono da casa estava em uma outra sala, mas aparecia frequentemente. As suas grandes botas de canos encarnados despertavam a atenção geral. Vestia um sobretudo e um colete de cetim preto coberto de nódoas, sem gravata. Todo o estabelecimento parecia untado de azeite.

Ao balcão estava um rapaz de 14 anos e outro ainda, mais novo, servia a clientela. Os pratos consistiam em rodela de pepino, bolacha preta e postas de peixe, exalando tudo um cheiro nauseabundo. O calor era asfixiante e o ar tão saturado de vapores alcoólicos, que parecia dever-se ficar embriagado após cinco minutos de permanência.

Acontece às vezes encontrarmos pessoas desconhecidas por quem nos interessamos à primeira vista, antes mesmo de termos trocado com elas uma palavra. Foi precisamente esse o efeito que produziu em Raskólnikov o indivíduo que tinha aparência de funcionário aposentado. Mais tarde, lembrando essa primeira impressão, o jovem atribuiu-a a um pressentimento. Não desviava os olhos do homem, naturalmente porque ele não cessava de o olhar, parecendo desejar travar palestra. A outros fregueses e ao dono da taverna, encarava-os o desconhecido com altivez, como pessoas muito inferiores à sua condição social.

Este homem, de mais de cinquenta anos, era de estatura mediana e aparência robusta. A cabeça, quase calva, conservava raros cabelos grisalhos. O rosto cheio, amarelo-esverdeado, denunciava intemperança;

entre as pálpebras inchadas brilhavam os pequenos olhos, avermelhados e penetrantes. A característica dessa fisionomia era o olhar, onde brilhavam a chama da inteligência e uma vaga expressão de loucura. Vestia um velho e roto casaco preto, com um único botão, onde se pendurava o último resquício de respeitabilidade. O colete, cor de barro, deixava ver o peito da camisa, amarrotado e sujo. A ausência de barba e bigode denunciava o funcionário, mas devia ter-se barbeado há muito, porque uma espessa camada de pelos lhe azulava o rosto. Em seus modos havia alguma coisa de gravidade burocrática; no entanto, neste momento, parecia comovido; passava os dedos pelos raros cabelos, e, de vez em quando, apoiando-se à mesa viscosa sem se preocupar com os cotovelos esburacados, encostava a cabeça às mãos. Subitamente, disse em voz alta, voltado para Raskólnikov.

— Não serei indiscreto dirigindo-lhe a palavra? É que, a despeito de seu traje, vejo no senhor um homem de educação e não um frequentador de tavernas. Sempre apreciei a boa educação aliada aos dotes de coração. Pertença ao *Tchin*;² permita-me que me apresente: Marmêladov, conselheiro titular. É empregado?

— Não, senhor; estudante — respondeu Raskólnikov, surpreendido com aquela polidez de linguagem, e um pouco perturbado, ao ver um desconhecido dirigir-lhe a palavra sem mais nem menos. Conquanto nesse momento se sentisse disposto à convivência sentia que se apossava dele o mau humor que experimentava sempre que um desconhecido tentava entabular relações com ele.

— Então é ou foi estudante — continuou o outro. — Exatamente o que eu imaginava! Nunca me engano... a minha longa experiência!...

E levou a mão à fronte, como a indicar suas grandes faculdades cerebrais.

— Foi ou ainda é um aluno de faculdade! Mas com sua licença...

Ergueu-se, bebeu o resto da cerveja e foi sentar-se ao lado de Raskólnikov. Apesar de já estar embriagado falava corretamente. Quem o visse cair sobre Raskólnikov como sobre uma presa, julgaria que também ele havia muito não falava.

— Senhor, recomeçou com ar grave, a pobreza não é vício, evidentemente! Sei também que a embriaguez não é uma virtude, o que é lastimável! Mas a indigência, a indigência é um vício. Na pobreza, conserva-se ainda um pouco da dignidade natural de nossos sentimentos;

na indigência nada se conserva. O indigente nem sequer é expulso a cacetadas da sociedade; é a vassouradas, o que é muito mais humilhante! E há realmente nisso razão: porque o indigente é sempre o primeiro a aviltar-se. Aí está a significação da taverna! Senhor, há um mês o sr. Lebeziátnikov bateu em minha mulher. Ora, tocar em minha Catarina é ferir-me na corda mais sensível! Percebe? Dê-me licença para que lhe faça ainda outra pergunta, por simples curiosidade. Já passou uma noite no Neva, deitado num barco de feno?

— Não. Nunca me sucedeu isso. Por quê?

— Pois bem, há cinco noites que eu durmo lá.

Encheu o copo que bebeu dum trago e ficou pensativo. Realmente, na roupa e nos cabelos viam-se-lhe, aqui e acolá, pedaços de feno. Naturalmente havia cinco dias que não se despia nem se lavava. Nas grossas e avermelhadas mãos com unhas orladas de negro, a imundície se tornava mais evidente.

Na taverna todos o ouviam sem dar maior importância ao arrazoado. Por trás do balcão os empregados riam. O patrão fizera sua entrada na sala, certamente para ouvir essa estranha criatura. Sentado a distância bocejava com um ar importante. Marmêladov era evidentemente muito conhecido na casa e sua loquacidade era devida ao hábito de conversar na taverna com as pessoas com quem o acaso o fazia encontrar. Para alguns bêbados esse hábito converte-se numa necessidade, especialmente para aqueles que, em casa, são rudemente tratados pelas mulheres pouco generosas; a consideração que lhes falta em casa, procuram-na nas tascas entre companheiros de orgia.

— Que grande pândego! — exclamou o taverneiro. — Mas por que não trabalhas, por que não vais ao serviço, já que és funcionário?

— Por que não trabalho? — respondeu Marmêladov, dirigindo-se a Raskólnikov, como se fosse dele que partisse a pergunta. — Por que não trabalho? E não será um desgosto para mim ser um inútil? Quando o sr. Lebeziátnikov com as próprias mãos bateu em minha mulher, enquanto eu, perdido de bêbado, assistia à cena, não sofri imensamente? Perdão, meu amigo, já lhe sucedeu... sim... já lhe aconteceu pedir sem esperança um empréstimo?

— Sim... mas o que quer dizer com as palavras *sem esperança*?

— Quero dizer, sabendo antecipadamente que não consegue o que pretende. Suponhamos: o senhor tem certeza de que este homem, este bom e honrado cidadão, não lhe emprestará dinheiro; por que razão, enfim... Sim, por que razão lhe havia de emprestar, se sabe que o senhor não paga? Por compaixão? Mas o sr. Lebeziátnikov, apóstolo das ideias novas, explicou há dias que a compaixão atualmente é até condenada pela ciência, e que essa é a doutrina corrente na Inglaterra, onde a economia política é o que o senhor sabe. Por que razão, repito, havia este homem de emprestar-lhe dinheiro? O senhor tem a certeza de que ele não empresta, no entanto dirige-se a ele e...

— Para que, nesse caso, se há de dirigir a ele? — interrompeu Raskólnikov.

— Porque é necessário ir a alguma parte, desde que se precise de dinheiro. Há ocasiões em que a gente se decide, quer queira, quer não, a fazer uma tentativa! Quando minha filha, a única, foi fichada, tive de ir também... (porque minha filha tem carteira amarela)³ acrescentou — olhando desconfiado para Raskólnikov. Isso me é perfeitamente indiferente, senhor, apressou-se a declarar com aparente calma, ao passo que, por trás do balcão, os dois rapazes mal continham o riso e o próprio patrão sorria. Pouco se me dá, não me importo com suas piscadelas de olhos, porque toda a gente sabe disso e não há segredo que não se descubra; não é com desprezo, mas com resignação que encaro esse caso. Está bem, está bem! *Ecce homo!* Mas diga-me, o senhor pode ou atreve-se, olhando-me agora, a negar que sou um porco?

Raskólnikov não respondeu.

O orador esperou, com um grande ar de serena dignidade, que cessassem as gargalhadas que suas últimas palavras tinham provocado e continuou:

— Mas, embora eu seja um porco, ela é uma dama! Tenho em mim as características do animal; mas Catarina Ivanovna, minha esposa, é uma criatura de fina educação, filha de um oficial superior. Bem sei que sou um relaxado, mas minha mulher tem um bom coração, sentimentos nobres e educação esmerada. E portanto... Oh! se ela tivesse pena de mim! Senhor, todo mundo precisa encontrar compaixão em alguém! Mas Catarina, apesar de sua boa alma, é injusta. E, conquanto eu compreenda perfeitamente que, quando ela me puxa os cabelos, é em meu interesse (sim, não tenho dúvida em repetir: ela puxa-me os cabelos, insistiu com

um gesto de altivez, ouvindo novas risadas) desejava, meu Deus, e ainda que não fosse senão uma vez, que ela... Mas não, não falemos nisso. Nem uma só vez obtive o que desejava, nem uma só vez teve piedade de mim, mas... seu gênio é assim, sou mesmo um animal!

— Creio! — respondeu o taverneiro, bocejando.

Marmêladov deu um murro na mesa.

— Sou assim! Sabe, senhor, eu até lhe bebi as meias, veja bem! Os sapatos, vá lá... mas as meias? Pois bebi suas meias. E bebi seu xale de lã de cabrito, com que a tinham presenteado, um objeto que já lhe pertencia quando solteira, que era propriedade dela, que devia ser sagrado para mim. E vivemos num quarto frigidíssimo, onde ela este inverno apanhou um horrível resfriado e tosse, a ponto de expectorar sangue! Temos três filhos, e Catarina trabalha o dia todo, lava roupa e os pequenos, porque desde criança é asseada. Infelizmente é de constituição débil, tem predisposição para a tuberculose e, Deus sabe quanto, eu sofro com isso. Então não sofro? Quanto mais bebo, mais sinto essa amargura. E é para sentir e sofrer mais que me embriago... Bebo porque quero sofrer duplamente.

E inclinou a cabeça sobre a mesa, acabrunhado.

— Meu caro — continuou ele empertigando-se —, parece-me estar lendo algum desgosto em sua fisionomia. Logo que o vi tive essa impressão, e foi essa a razão por que lhe falei. Se lhe conto minha vida, não é pelo prazer de me expor às gargalhadas desses idiotas que, afinal, há muito sabem tudo. Não, é porque necessito da solidariedade de um homem bem-educado. Saiba que minha mulher foi educada num colégio aristocrático da província e que, ao sair de lá, dançou diante do governador e outras autoridades, tal era a alegria por ter obtido medalha de ouro e diploma.

“A medalha... vendemo-la há muito tempo... O diploma, minha mulher conserva-o numa caixa e, ainda há pouco, o mostrou à nossa hospedeira. Apesar de estar a ferro e fogo com essa mulher, ou por isso, gosta de lhe pôr diante do nariz esse papel que representa as glórias passadas. Não levo isso a mal, porque atualmente seu único prazer é recordar o bom tempo ido. Tudo o mais desapareceu como fumaça! Sim, sim, ela tem uma alma ardente, nobre, acolhedora. Em casa, come pão preto, mas não suporta que lhe faltem com o respeito. Não tolerou a bestialidade do sr. Lebeziátnikov, e, quando para se vingar de ela lhe ter

dado uma boa lição, ele lhe bateu, ficou de cama, sofrendo mais com a ofensa feita à sua dignidade do que com as pancadas.

“Quando casamos, ela era viúva com três filhos. Casara em primeiras núpcias com um oficial de infantaria, que a raptara. Amava muito o marido; mas ele jogava, teve suas complicações com a justiça e morreu. Nos últimos tempos, batia-lhe. Sei que ela não o tratava muito bem; no entanto, a recordação desse primeiro homem ainda lhe enche os olhos de lágrimas, e não se farta de fazer entre ele e mim comparações pouco agradáveis para meu brio. Eu até gosto; consola-me a ideia de que ela pense que já foi feliz algum dia.

“Após a morte do marido, ficou só com as três crianças, numa região distante e selvagem. Foi lá que eu a encontrei.

“A sua sorte era tal, que eu, que tenho conhecido todas as misérias, nem tenho palavras para a descrever. Todos os parentes a tinham abandonado; aliás, seu orgulho não lhe permitiria recorrer à compaixão dos seus... Então eu, que também era viúvo, e tinha uma filha de 14 anos, ofereci minha mão a essa pobre criatura, tanta dó me causou ela.

“Instruída, prendada, de uma família honrada, consentiu, mesmo assim, em casar comigo; por isso pode imaginar em que situação ela se encontrava. Ouviu o meu oferecimento com lágrimas, soluçando, torcendo as mãos, mas aceitou-o, porque não tinha outro caminho a seguir. Percebe bem a significação destas palavras: ‘não tinha outro caminho a seguir?’ Não? O senhor ainda não pode compreender estas coisas!...

“Durante um ano cumpri lealmente minha palavra, sem pensar sequer nisto (e indicou a garrafa), porque tenho caráter. Mas nada ganhei com isso; entretanto perdi meu emprego, sem que tivesse incorrido na menor falta; meu emprego foi suprimido por questões de ordem administrativa, e foi, desde então, que comecei a beber!

“Vai em 18 meses que, depois de muitos dissabores e de uma vida errante, fixamos residência nesta magnífica capital, plena de admiráveis monumentos. Aqui consegui empregar-me novamente, mas de novo perdi o lugar. Dessa vez, foi minha a culpa; foi meu vício que deu margem a tal desgraça... Agora vivemos num cubículo, em casa de Amália Fedorovna Lippelvechzel. Se me perguntar como vivemos e como o pagamos, não lhe saberei responder. Afora nós, há lá muitos inquilinos. É um verdadeiro cortiço... Entretanto, a filha que tive de minha primeira mulher ia crescendo. O que ela sofreu por parte da madrastra não é coisa que se conte.

“Apesar de ser dotada de belos sentimentos, Catarina é uma criatura irascível, incapaz de conter os arrebatamentos de seu gênio. Sim, mas para que falar nisso? Também, como deve compreender, Sônia não teve grande instrução. Há quatro anos tentei ensinar-lhe geografia e história universal, mas, como não sou muito forte nessas matérias, e além disso não podia ter bons livros, os estudos não avançaram muito. Ficamos em Ciro, rei da Pérsia. Depois, quando chegou à adolescência, leu romances. O sr. Lebeziátnikov emprestou-lhe, não faz muito tempo, a *Fisiologia*, de Ludwig. Conhece? Sônia achou a obra muito interessante; leu-nos alguns trechos. Nisso se resume sua cultura.

“Agora, meu caro, diga-me sinceramente: pensa, em face da razão, que é possível a uma moça pobre, mas honesta, viver somente de seu trabalho? Se ela não possuir algum dom especial, ganhará 15 copeques diários, e, ainda assim, para atingir essa soma, não pode perder um instante! Que estou dizendo? Sônia fez umas seis camisas de pano de Holanda para o conselheiro Ivanovitch Klopstock — já ouviu falar nele? —, pois bem, não só não lhe pagou, mas pô-la na rua com uma descompostura, a pretexto de que a rapariga não tinha tomado bem a medida dos colarinhos.

“Enquanto isso sucedia, os pequenos tinham fome... Catarina Ivanovna passeava no quarto torcendo as mãos desesperadamente, com as faces afogueadas pelas rosetas escarlates que anunciam a marcha da terrível moléstia. ‘Mandriona’, increpara ela à pequena, ‘não tens vergonha de viver nesta casa sem trabalhar? Comes, bebes, dormes!’ O que podia a pobre comer e beber, se havia três dias que nem as crianças viam uma fatia de pão! Eu estava então doente, de cama... isto é, estava com uma grande bebedeira. Ouvi Sônia dizer timidamente com sua linda vozinha (ela é loura e o rosto muito pálido parece o de uma santa): ‘Mas, Catarina Ivanovna, eu posso fazer tal infâmia?’

“Devo dizer que já por umas três vezes uma tal Dária Frantzovna, criatura indigna, muito conhecida da polícia, lhe fizera propostas por intermédio de nossa senhoria. ‘Pois então!’, replicou, enfurecida e irônica, Catarina, ‘um tesouro desses deve-se guardar preciosamente!’. Não a acuse, senhor, não a acuse! Ela nem conhecia o alcance de suas palavras; estava aturdida, doente, vendo as crianças esfomeadas, chorando, e o que dizia era mais para irritar Sônia do que para a arrastar à prostituição... Catarina Ivanovna é assim: se ouve chorar os filhos, bate-lhes, ainda

mesmo que eles chorem com fome. Já tinham dado seis horas quando eu vi a Sonetchka pôr a capa e sair.

“Às nove horas voltou, foi direto a Catarina e, sem dizer uma palavra, pôs trinta rublos na mesa, diante de minha esposa. Depois, pegou em nosso grande lenço verde (que serve a toda a família), embrulhou nele a cabeça e deitou-se na cama, voltada para a parede e tremendo constantemente. Vi Catarina, sem fazer o menor ruído, ajoelhar-se junto da caminha dela e ali passou a noite beijando os pés de minha filha. Depois adormeceram nos braços uma da outra... ambas... ambas... ambas... sim, e eu no mesmo estado, perdido de bêbado!”

Marmêladov calou-se, como se a voz lhe tivesse faltado. Encheu bruscamente o copo, bebeu-o de um trago e continuou após curto silêncio:

— Desde esse dia, senhor, em consequência de uma desgraçada circunstância, e por uma vilíssima denúncia de criaturas infames (Dária Frantzovna tomara parte ativa e principal nesse negócio e queria vingar-se de uma suposta falta de consideração), desde esse dia minha filha ficou fichada no registro policial, vendo-se obrigada a deixar-nos. Nossa hospedeira, Amália Fedorovna, mostrou-se inflexível a esse respeito, esquecendo que ela própria favorecera em tempo as intrigas de Dária Frantzovna.

“O sr. Lebeziátnikov afinou pelo mesmo tom... Foi por causa de Sônia que Catarina teve com ele a questão de que lhe falei. Primeiramente, era muito assíduo junto de Sonetchka; mas, repentinamente, seu orgulho revoltou-se.

“‘É admissível que um homem de minha condição’, disse ele, ‘possa viver na mesma casa com tal criatura?’ Catarina tomou o partido de Sônia, o que deu em resultado acabar tudo em pancada... Agora nossa filha nos visita geralmente à tardinha e auxilia, quando pode, Catarina Ivanovna. A pobrezinha está hospedada em casa de Kapernáumof, um alfaiate coxo e gago.

“Tem família grande e todos os filhos gaguejam como ela. A mulher tem também qualquer coisa na língua... Vivem todos no mesmo quarto, mas Sônia ocupa um aposento especial, separado por um tabique da parte que eles habitam... Hum!... gente paupérrima e toda gaga... sim... Certa manhã, levantei-me, vesti meus farrapos, levantei as mãos ao céu e fui procurar S. Exa. Ivã Afanasiévitch. Conhece S. Exa. Ivã Afanasiévitch?

Pois então não conhece um santo. Aquilo é um círio a iluminar a face do Senhor!

“A minha triste história, que S. Exa. se dignou ouvir com o maior interesse, comoveu-o até as lágrimas. ‘Vamos Marmêladov’, disse ele, ‘já uma vez faltaste ao que prometeras, mas consinto em tomar-te sob minha responsabilidade pessoal.’ Foram suas palavras. ‘Vê se te lembras disso e vai com Deus!’ Beije a sola de suas botas, em pensamento, é claro, porque ele nunca consentiria que eu fizesse tal; é um homem excessivamente saturado das ideias novas, para poder admitir semelhantes homenagens. Ah, meu Deus, como me receberam em casa quando avisei de novo que ia trabalhar, ter ordenado...”

A comoção estrangulou outra vez a voz de Marmêladov. Nesse momento, a taverna foi invadida por alguns indivíduos meio bêbados. À porta tocavam realejo, e a voz fraca de um menino de sete anos cantava a *Cabana*. Na sala, o barulho aumentava. Patrão e criados andavam numa roda-viva, servindo os fregueses. Sem atentar no que se passava, Marmêladov continuou sua história. A embriaguez, aumentando, tornava-o mais expansivo. Recordando sua volta ao serviço, a fisionomia iluminava-se com um raio de alegria. Raskólnikov não perdia uma só de suas palavras.

— Isso foi há umas cinco semanas. Sim... Logo que Catarina Ivanovna e Sonetchka receberam a notícia, senti-me como que levado ao paraíso! Dantes não ouvia senão injúrias: “Deita-te, besta!” Agora andavam com mil cuidados, nos bicos dos pés, mandavam calar as crianças: “Chut! Simão Zakáritch está cansado de trabalhar, deixem-no descansar!” De manhã, antes de sair, davam-me uma xícara de café com leite. Compravam bom leite, sabe? E onde iriam elas arranjar 11 rublos e cinquenta copeques para me vestir? Sei lá! Sei apenas que me vestiram dos pés à cabeça, boas botas, excelentes camisas, um uniforme, tudo muito bem feito e por 11 rublos e meio.

“Na primeira manhã em que voltei do trabalho, Catarina Ivanovna cozinhou dois alimentos como nunca víamos antes: sopa e carne com legumes. Ela não possuía roupas decentes; no entanto, vestiu-se como se fosse receber visita, com os cabelos bem penteados e um colar em volta do pescoço; lá estava ela, uma pessoa completamente diferente, uma pessoa jovem e de melhor aspecto. ‘Sônia, a minha queridinha, ajudou com dinheiro economizado’, disse ela, ‘para quando pudesse visitar-nos sem

que ninguém a visse entrar, já tarde da noite.’ O senhor me ouve! Deitei-me para um cochilo depois do jantar e, apesar de Catarina Ivanovna ter discutido com nossa senhoria, Amália Fedorovna, somente há uma semana, não pôde resistir ao desejo de convidá-la para tomar café. Levaram duas horas sentadas cochichando: ‘Simão Zakáritch já trabalha novamente e recebendo um salário’, disse ela, “ele mesmo dirigiu-se a S. Exa., que foi até ele, deixando os demais esperando e conduziu-o a seu gabinete.’ O senhor me ouve! ‘Certamente’, disse Sua Exa., ‘Simão Zakáritch, recordando seus serviços passados e a despeito de sua propensão para a falta de juízo, e desde que promete agora e por ter sentido sua ausência...’ O senhor me ouve! Continuou S. Exa. ‘Confio em sua palavra de cavalheiro.’ Catarina Ivanovna não contava tudo isso para blasonar-se, acreditava realmente em sua fantasia. E eu não a reprovo, absolutamente não a reprovo.

“Há seis dias, quando levei para casa meu ordenado intacto, 23 rublos e quarenta copeques, minha mulher beliscou-me e chamou-me: ‘Meu petisco.’ Nós estávamos a sós, é claro. Não acha que ela foi amável?”

Marmêladov tentou sorrir, mas um tremor súbito agitou-lhe o queixo. Por fim, conseguiu dominar a comoção. Raskólnikov não sabia o que pensar desse tipo singular, bêbado havia cinco dias, dormindo nos bancos de feno e denunciando, apesar de tudo, uma afeição doentia pela família. Ouvia-o com a máxima atenção, mas com um grande mal-estar. Arrependia-se de ter entrado ali.

— Senhor, senhor! — continuou Marmêladov. — Talvez ache, como os outros, que isso é ridículo, talvez eu o esteja aborrecendo contando-lhe todos esses miseráveis pormenores de minha vida doméstica, mas para mim não são ridículos; sinto tudo isso... Durante esse bendito dia, tive sonhos lindos: pensava na organização de nossa casa, em vestir as crianças, em dar uma vida tranquila à minha mulher, desviar da abominação minha filha... Quantos projetos concebi! Pois bem, senhor, (Marmêladov estremeceu repentinamente, ergueu a cabeça e fitou seu interlocutor) no dia seguinte, há precisamente cinco dias, depois de ter acariciado todos esses sonhos, como um ladrão, roubei a chave de Catarina Ivanovna e tirei do cofre o resto do dinheiro que lhe levara. Quanto? Não me lembro. Eis aí. Há cinco dias abandonei minha casa; os meus não sabem o que foi feito de mim; perdi o emprego; deixei meu terno numa

taverna perto da ponte de Egipciétski, e deram-me em troca estes andrajos. Ora aqui está!

Deu um murro na cabeça, rangeu os dentes e, cerrando os olhos, encostou-se na mesa... Momentos depois, sua fisionomia mudou bruscamente de expressão, olhou para Raskólnikov com mal simulado cinismo e disse rindo:

— Fui hoje à casa de Sônia pedir dinheiro para beber. Eh! Eh! Eh!

— E ela te deu? — perguntou rindo um dos recém-chegados.

— Esta meia garrafa foi paga com seu dinheiro — respondeu ele, dirigindo-se a Raskólnikov. — Foi buscar trinta copeques e entregou-nos com as próprias mãos; era tudo o que tinha, que eu bem vi... Ela não disse nem uma palavra, pôs-se a olhar para mim... Uns olhos que não são da Terra, como os dos anjos que choram as culpas humanas, mas que não as condenam! É muito mais penoso assim, quando não nos censuram!... Trinta copeques, sim. E talvez lhe façam muita falta! Que lhe parece, meu caro senhor? Ela agora precisa andar bem-trajada; essa elegância que é preciso manter em sua condição sai caro. Compreende? É preciso ter pomada, saias engomadas, bonitas, que favoreçam o pé ao saltar uma poça d'água. Compreende bem que importância tem tudo isso? Pois fui eu, seu pai, quem lhe arrancou esses trinta copeques para beber! E bebo-os! E já estão bebidos!... Ora, quem há de ter dó de um homem como eu? Agora, senhor, ainda terá compaixão de mim? Diga, senhor — mereço sua compaixão? Sim ou não?

Agarrou novamente a garrafa, mas viu que estava vazia.

— Por que se há de ter dó de ti? — interrogou o taverneiro.

Ouviram-se gargalhadas entrecortadas de injúrias. Dir-se-ia que o bebedor apenas esperava a pergunta do taverneiro para dar larga expansão à sua verbosidade. Ergueu-se e, estendendo o braço, disse:

— Por que hão de ter compaixão de mim? — gritou exaltado. — Dizes tu, por que hão de ter pena de mim? É verdade, não há razão! Crucifiquem-me, preguem-me numa cruz e não me lastimem. Crucifiquem-me, juiz, mas, crucificando-me, tende piedade de mim. Então irei voluntariamente para o suplício, porque não tenho sede de alegria, mas sim de dores e de lágrimas! Julgas tu, traficante, que a tua meia garrafa me deu algum prazer? Busquei a tristeza, a tristeza e as lágrimas, no fundo dela, encontrei-as e saboreei-as; mas Aquele que teve dó de todos os

homens, Aquele que compreendeu tudo, Aquele que terá piedade de nós, é o único Juiz. Virá no último dia e perguntará: “Onde está a filha que se sacrificou por uma madrasta invejosa e tuberculosa, por crianças que não eram seus irmãos? Onde está a filha que teve compaixão de seu pai terrestre e não repudiou horrorizada esse bêbado devasso?” E Ele dirá: “Vem! Eu já te perdoei uma vez... Já te perdoei uma vez... Agora mesmo todos os teus pecados serão perdoados porque muito amaste...” E Ele há de perdoar à minha Sônia, Ele perdoará bem o sei... Senti-o há pouco, aqui, no coração, quando estava em casa dela! Todos serão julgados por Ele, e Ele a todos perdoará: aos bons e aos maus, aos audazes e aos humildes... E, quando tiver acabado com esses, chegará nossa vez: “Aproximai-vos vós, também”, nos dirá Ele, “aproximem-se os bêbados, os covardes, os devassos...”. E aproximar-nos-emos sem receio. E Ele nos dirá: “Vós sois uns porcos, sois umas bestas; mas não importa, vinde.” E os justos e os inteligentes dirão: “Senhor, por que recebes esses?” E Ele responderá:

“Recebo-os, justos, recebo-os, inteligentes, porque nenhum deles se julgou digno desse favor...” E Ele estender-nos-á os braços, onde nos lançaremos banhados em lágrimas... Compreenderemos tudo... Então todos compreenderão tudo... Catarina Ivanovna também... Senhor, venha a nós o Vosso Reino...

Cansado, deixou-se cair no banco, sem olhar para ninguém. Estranho a tudo que o cercava, absorveu-se em profunda meditação. Suas palavras produziram alguma impressão; por um momento cessou o ruído, mas logo recomeçaram as gargalhadas e os insultos.

— Falou muito bem!

— Que estopada!

— Burocrata!

— Vamo-nos daqui, senhor — disse subitamente Marmêladov, erguendo a cabeça e dirigindo-se a Raskólnikov. — Acompanhe-me à casa de Kozel, no pátio. É tempo de voltar... à casa de Catarina Ivanovna...

Desde muito que Raskólnikov desejava sair; pensava mesmo em oferecer seu auxílio a Marmêladov, que, sentindo as pernas mais fracas do que a voz, se apoiava no companheiro. A distância a andar era de duzentos a trezentos passos. À medida que o bêbado se aproximava de seu domicílio parecia cada vez mais inquieto e perturbado.

— Não é Catarina Ivanovna que eu receio agora balbuciou ele em meio à emoção —, tenho certeza de que me puxará pelos cabelos... mas isso não me importa! Desejo mesmo que ela me puxe por eles! Não é isso que eu temo... Mas tenho medo de seus olhos, das rosetas de suas faces. Assusta-me também sua respiração. Reparou como os tuberculosos respiram, quando estão possuídos de uma comoção violenta? Apavora-me o choro das crianças... Porque, se Sônia não lhes acudisse, nem eu sei como teriam vivido!... Das pancadas não tenho medo... Saberá, senhor, que essas pancadas não só não me fazem sofrer, mas até são para mim um prazer... Parece que não posso viver sem elas. Antes assim. Ela pode bater-me à vontade, se com isso minora seu sofrimento... mas vale isso. Aqui está a casa. Casa Kozel. O dono é um rico serralheiro alemão... Acompanha-me?

Depois de terem atravessado o pátio começaram a subir para o quarto andar. Eram quase 11 horas, e, conquanto, por assim dizer, naquela época do ano quase não haja noite em São Petersburgo, quanto mais subiam, mais negra era a escada, no alto da qual reinava a mais completa escuridão.

A porta enegrecida pela fumaça, que dava para o patamar, estava aberta. Um coto de vela bruxuleante iluminava um pequeno quarto extremamente pobre. Esse compartimento, que se via completamente da porta, estava no maior desarranjo. Pelo chão viam-se espalhadas roupas de crianças. Um lençol esburacado isolava uma parte do quarto, a mais afastada da porta. Além desse improvisado biombo, havia talvez uma cama. O quarto não continha mais do que duas cadeiras e um divã, coberto com oleado, tendo em frente uma mesa de cozinha, ordinária, despolida e sem resguardo. Sobre essa mesa acabara de arder num castiçal de ferro um coto de vela. Marmêladov tinha sua instalação à parte, não num canto do apartamento, mas num corredor. A porta que dava para os quartos dos outros inquilinos estava entreaberta. Toda essa gente fazia um ruído ensurdecedor. Certamente tinham-se reunido para jogar e tomar chá. Ouviam-se gritos, gargalhadas e às vezes palavrões.

Raskólnikov reconheceu imediatamente Catarina Ivanovna. Era alta, magra, elegante, mas de aspecto muito emaciado. Tinha ainda um lindo cabelo castanho e, como dissera Marmêladov, rosetas nas faces. Com os lábios contraídos e as mãos apertando o peito, passeava pelo quarto. Sua respiração era curta e desigual. O olhar brilhante de febre, duro e imóvel.

Iluminada pela luz bruxuleante da vela, sua fisionomia de tuberculosa dava uma impressão triste. A Raskólnikov pareceu que Catarina não teria mais de trinta anos; era realmente muito mais nova do que o marido... Não deu pela chegada dos dois; dir-se-ia que perdera as faculdades auditivas e visuais.

Embora o calor no quarto fosse sufocante e da escada subissem exalações infectas, não pensava em abrir a janela, nem em fechar a porta do patamar; a porta interior, apenas entreaberta, deixava passar espessas fumaradas de tabaco que lhe provocavam a tosse, mas de que ela não procurava libertar-se.

A pequena mais nova, de uns dois anos, dormia, sentada no chão, com a cabeça apoiada no divã; o rapaz, mais velho do que ela um ano, tremia e chorava a um canto; percebia-se que lhe tinham batido. A mais velha, uma menina de nove anos, magra e alta, vestia uma camisa esburacada; cobria-lhe os ombros nus uma capa velha de pano que teria sido feita para ela dois anos antes e que agora mal chegava aos joelhos.

De pé, a um canto, junto do irmão, com seu comprido braço, magro como um pavio, em volta do pescoço do pequeno, falava-lhe baixinho, sem dúvida tentando fazê-lo calar-se, seguindo ao mesmo tempo a mãe com o olhar assustado! Os grandes olhos negros, esgazeados pelo pavor, pareciam ainda maiores no pequeno rosto descarnado.

Marmêladov, em vez de entrar, ajoelhou-se à porta, mas, com um gesto, convidou Raskólnikov a adiantar-se. A mulher, vendo um desconhecido, parou distraidamente diante dele, e, durante um segundo, procurou explicar a si própria a presença daquele personagem ali. “Que virá este homem fazer?”, perguntou a si própria. Mas veio-lhe logo à ideia que ele procurava outros inquilinos, visto que o quarto de Marmêladov dava passagem para outros compartimentos. Assim, sem ligar atenção ao desconhecido, ia abrir a porta de comunicação, quando, de repente, soltou um grito; acabava de ver o marido, de joelhos, no limiar.

— Ah, voltaste! — gritou ela com a voz trêmula de cólera. — Celerado! Monstro! Que fizeste do dinheiro? Que tens nos bolsos? Deixa ver! Essa não é tua roupa! Que fizeste dela? Que fizeste do dinheiro? Responde!

Revistou-o. Longe de opor resistência, Marmêladov afastou os braços para facilitar a busca nos bolsos. Não tinha consigo um só copeque.

— Onde está então o dinheiro? — perguntou ela. — Oh, meu Deus, pois será possível que ele tenha bebido tudo! Havia ainda 12 rublos na gaveta!...

E, num grande assomo de raiva, agarrou o marido pelos cabelos e puxou-o com força para dentro. A serenidade de Marmêladov não se alterou; seguiu docilmente sua mulher arrastando-se de joelhos atrás dela.

— Isto enche-me de consolo! Não creia que isto seja para mim um sofrimento, mas sim um prazer, senhor! — exclamava ele, ao passo que Catarina Ivanovna lhe sacudia com força a cabeça, chegando mesmo a bater com ela no soalho.

A criança que dormia no chão acordou chorando. O menino, de pé ao canto, não pôde suportar tal espetáculo, pôs-se a gritar e correu para a irmã. Parecia presa de uma convulsão, tal era o medo. A filha mais velha tremia como uma vara.

— Bebeu tudo! tudo! — rugiu Catarina com desespero. — E não traz a roupa! Eles têm fome! — gritava ela, torcendo as mãos e indicando as crianças. — Oh, vida, três vezes maldita! E o senhor não tem vergonha de vir aqui após ter saído da taverna? — gritou, investindo contra Raskólnikov. — Tu bebeste com ele, hein? Bebeste com ele? Vá-te!

O jovem não esperou segunda intimação, e retirou-se sem pronunciar palavra. A porta interior abriu-se de par em par e, no limiar, apareceram muitos curiosos, de olhares insolentes, escarninhos. Tinham as cabeças descobertas e fumavam, uns cachimbo, outros cigarro. Uns cobriam-se com simples roupões; outros vestiam-se tão ligeiramente que chegavam a estar indecentes. Alguns traziam cartas nas mãos. O que mais os divertia era ouvir Marmêladov, arrastado pelos cabelos, declarar que aquilo lhe dava prazer.

Começavam já a invadir o quarto. De repente, ouviu-se uma voz irritada, era Amália Lippelvechzel, que, abrindo caminho, vinha restabelecer a ordem a seu modo. Pela centésima vez, a senhoria intimou a pobre mulher a abandonar a casa no dia seguinte. Como é de prever, a intimação foi feita nos termos mais injuriosos. Raskólnikov trazia consigo o troco do rublo com que pagara na taverna. Antes de sair, tirou do bolso algumas moedas de cobre e, sem que ninguém o visse, colocou-as no parapeito da janela. Depois, já na escada, arrependeu-se de sua generosa ação. Esteve tentado a voltar ao quarto dos Marmêladov.

“Que tolice eu fiz!”, pensou. “Eles têm sua Sônia e eu não tenho ninguém!” Mas refletiu que não podia tornar a levar o dinheiro e que ainda que o pudesse fazer, não o faria. E decidiu-se a seguir seu caminho. “A Sônia carece de pomada”, continuou ele com amargo sorriso, caminhando pela rua, “aquele *chic* custa dinheiro... Hum! parece que a Sônia não se explicou hoje. Efetivamente, a caça ao homem é como a caça às feras: corre-se às vezes o risco de ficar logrado... Se não fosse meu dinheiro, viam-se amanhã em apuros. Ah, sim, Sônia! Acharam nela uma boa vaca leiteira! E sabem explorá-la! Isso não lhes embrulha o estômago; já estão habituados... A princípio deitaram umas lágrimas; depois, com o tempo, veio o hábito. O homem pusilânime, conforma-se com tudo.”

Raskólnikov ficou pensativo.

“E pode ser que eu me engane”, continuou. “Se o homem não necessariamente pusilânime, deve calcar aos pés todos os receios, todos os preconceitos que o detêm!...”

CAPÍTULO III

Levantou-se tarde no dia seguinte, após um sono agitado que não lhe reparara as forças. Despertando, sentiu que estava de mau humor e lançou em volta de si um olhar de tédio, irritado. Esse cubículo de seis passos de comprimento tinha o aspecto mais miserável que se pode imaginar, com os estofos amarelados, deteriorados e imundos de poeira. O teto era tão baixo, que um homem de estatura alta não estaria à vontade naquela toca, com o permanente receio de bater nele com a cabeça. A mobília estava em harmonia com o recinto: três velhas cadeiras com falta de pés, a um canto uma mesa de pinho, na qual se amontoavam livros e cadernos cobertos de densa camada de pó, evidente prova de que havia muito que não tocavam neles; finalmente, um grande e desmantelado divã, cujo estofado se desfazia.

Este móvel, que ocupava quase metade do quarto, era a cama de Raskólnikov, que nele dormia quase sempre vestido e sem lençóis, cobrindo-se com sua velha capa de estudante, encostando a cabeça numa pequena almofada chata sob a qual metia toda a roupa, limpa e suja. Em frente do sofá havia uma pequenina mesa.

A misantropia de Raskólnikov adaptava-se magnificamente a toda aquela porcaria. Tomara tal aversão a qualquer ser humano que, à vista da própria criada que arrumava o quarto, se exasperava. Isso é frequente em certos monomaniacos, preocupados com uma ideia fixa.

Havia 15 dias que a hospedeira suspendera o fornecimento de comida, mas Raskólnikov não pensara ainda em ir entender-se com ela.

Quanto a Nastácia, cozinheira e única criada da casa, não se aborrecia ao ver o inquilino nessas disposições, porque isso importava uma diminuição de seu trabalho: deixara completamente de arrumar e limpar o quarto de Raskólnikov, vindo apenas uma vez por semana dar uma vassourada. Neste momento, entrou para despertá-lo.

— Levanta-te! Como podes dormir até estas horas? Já são nove. Trago-te chá, queres uma xícara? Sempre estás com uma cara!...

Raskólnikov abriu os olhos, espreguiçou-se e reconheceu Nastácia.

— É a patroa que manda o chá? — perguntou enquanto se sentava.

— Bem se importa ela com isso!

A criada colocou diante dele o bule onde havia ainda um resto de chá e pôs ao lado dois torrões de açúcar.

— Toma, Nastácia — disse ele, procurando no bolso e tirando uma moeda (mais uma vez se deitara vestido) —, peço-te que me vás comprar um pãozinho e traze-me do salsicheiro um pedaço de chouriço, do mais barato.

— Num minuto estou de volta com o pão; mas, em vez de chouriço, não queres antes *chtchi*?⁴ É de ontem e está uma beleza. Já ontem à noite te guardei um pedaço mas tu entraste tão tarde! Está uma delícia.

Foi buscar o *chtchi*. Raskólnikov pôs-se a comer, e ela sentou-se no sofá a seu lado, tagarelando, como camponesa que era.

— Prascóvia Pavlovna vai queixar-se de ti à polícia.

A fisionomia do rapaz alterou-se.

— À polícia? Por quê?

— Porque não lhe pagas e não queres sair. Ora aí tens o porquê.

— Essa só pelo diabo! Não me faltava mais nada! — rosnou por entre dentes. — Muito fora de propósito vem isso agora para mim... É tola — acrescentou em voz alta. — Vou logo falar-lhe.

— Tola? É tão tola como eu. Mas tu, que és esperto, para que passas os dias deitado, como um vagabundo? Por que é que ninguém vê o teu dinheiro? Dantes parece que davas lições; por que é que não fazes nada, agora?

— Sempre faço alguma coisa... — respondeu Raskólnikov bruscamente e contrariado.

— Que fazes tu?

— Trabalho.

— Mas que trabalho?

— Penso! — respondeu ele asperamente, depois de breve silêncio.

Nastácia riu. Seu caráter era jovial; mas, quando ria, era com um sorriso silencioso e interior, que a fazia tremer toda e a esfalfava.

— E quanto ganhas para pensar? — perguntou logo que pôde falar.

— Não se pode sair para dar lições quando não se tem botas. Deveras, cuspo sobre essas lições.

— Vê lá, não te caia o cuspe no rosto.

— Pelo que se ganha com as lições!... O que se pode fazer com alguns copeques? — disse em tom azedo, interrogando mais a si próprio do que dirigindo-se à criada.

— Querias ganhar uma fortuna de um momento para outro?

Ele fitou-a com um ar estranho e, por um momento, ficou calado.

— Sim, uma fortuna — respondeu com voz firme.

— Lá chegarás. Metes-me medo, és terrível! Ainda queres que vá buscar o pãozinho?

— Como quiseses.

— Olha, esquecia-me! Enquanto estiveste fora, chegou uma carta para ti.

— Uma carta? Para mim? De quem?

— De quem, não sei. Dei do meu dinheiro três copeques ao distribuidor. Fiz bem, pois não?

— Dá-me, por Deus! Dá-me a carta! — exclamou Raskólnikov inquieto. — Meu Deus!

Um momento depois tinha a carta nas mãos. Não se enganara: era de sua mãe e trazia o carimbo de R***. Ao recebê-la, empalideceu. Havia muito que não tinha notícias da família; contudo, sentia o coração angustiado.

— Nastácia, deixa-me só, por teus bons sentimentos! Eis os três copeques. Apressa-te!

A carta tremia-lhe na mão; não queria abri-la na presença de Nastácia; esperava que a rapariga saísse. Uma vez a sós, levou-a aos lábios e beijou-a. Depois releu atentamente o endereço, reconheceu os caracteres traçados pela mão querida: era a letra fina e inclinada de sua mãe, que outrora lhe ensinara a ler e escrever. Hesitava, parecendo experimentar certo receio. Finalmente abriu: a carta era muito extensa; duas grandes folhas de papel completamente escritas.

Meu querido Ródia,

há mais de dois meses que não falo contigo por este meio, e tem-me isso causado tal desgosto, que até o sono me tem tirado. Mas tu certamente desculpas meu silêncio. Bem sabes quanto te quero: Dúnia e eu não temos senão a ti; tu és tudo para nós: nossa esperança e nossa felicidade

futura. O que eu sofri quando soube que havia alguns meses te viras forçado a abandonar a universidade por falta de meios, e que não tinhas lições nem qualquer outro recurso!

Como podia eu valer-te com os meus 120 rublos anuais de pensão? Os 15 que te enviei há quatro meses, pedi-os emprestados, como sabes, a um negociante nosso patricio, Vassili Ivânovitch Vokrúchine. É uma boa criatura, e foi muito amigo de teu pai. Mas, tendo-lhe eu dado plenos poderes para receber minha pensão, nada podia enviar-te enquanto ele não estivesse reembolsado, o que só agora sucedeu.

Agora, graças a Deus, creio que poderei mandar-te mais algum dinheiro. Apresso-me a dizer-te que podemos finalmente alegrar-nos com nossa sorte. E deixa-me dar-te uma notícia, que estás longe de esperar, querido Ródia, é que tua irmã está comigo há seis semanas e não mais me abandonará. Deus seja louvado, seus tormentos acabaram; mas vamos por ordem, porque quero que saibas como tudo se passou e o que até agora te havíamos ocultado:

Há dois meses escrevias-me, dizendo que tinham falado na falsa posição em que Dúnia se achava em casa da família Svidrigailov, e pedias-me te dissesse o que havia sobre isso. Que podia eu então dizer-te? Se eu te tivesse posto a par do que se passava, terias abandonado tudo para vires ter conosco, mesmo que tivesses de vir a pé; porque, com teu caráter e sentimento, não consentirias que insultassem tua irmã. Eu mesma estava na maior aflição; mas que havia de fazer? Nem eu então sabia toda a verdade. O pior foi que ela, quando entrou no ano passado como governanta nessa casa, recebeu adiantadamente cem rublos, que deviam ser descontados todo mês vendo-se, portanto, obrigada a ficar ali enquanto não resgatasse a dívida.

Esta quantia (hoje tudo te posso dizer, caro Ródia), ela pediu adiantada, para te enviar os sessenta rublos de que tanto carecias e que recebeste no ano passado. Enganamos-te então, dizendo-te que esse dinheiro era de antigas economias. Era inexato; digo-te agora toda a verdade, porque Deus permitiu que as coisas tomassem subitamente bom caminho, e também para que fiques sabendo quanto Dúnia te estima e que coração de ouro é o dela!

O caso é que o sr. Svidrigailov mostrou-se-lhe a princípio muito grosseiro, à mesa continuamente praticava para com ela as maiores grosserias crivando-a de sarcasmos... Mas para que hei de insistir nesses dolorosos detalhes que servem apenas para te magoar profunda e inutilmente, uma vez que tudo passou? Enfim, apesar de ser tratada com todas as atenções por Marfa Petrovna, a esposa de Svidrigailov, e por todos de casa, Dunetchka sofria muito, especialmente quando o sr. Svidrigailov, que se habituou a beber no regimento, se achava sob a influência do álcool. Mas não era tudo! Imagina que, sob essa aparência de grosseria e de desprezo, esse néscio ocultava uma paixão por Dúnia!

Possivelmente, ele se envergonhava e horrorizava-se das próprias esperanças ilusórias, considerando sua idade e condição de pai de família; e isso o fez irar-se com Dúnia. E possivelmente, também, teve esperança que seu procedimento grosseiro e de desprezo escondesse a verdade aos outros. Mas, por fim, perdeu o controle e mostrou-se a Dúnia como era e lhe fez a infame proposta, propondo-lhe mundos e fundos e oferecendo, além disso, morar com ela em outra região ou fugir para o exterior. Imagina quanto Dúnia teria sofrido. Não somente o adiantamento, de que te falei, não lhe permitia abandonar desde logo suas funções, como não se atrevia a pronunciar palavra sobre o caso, para não despertar suspeitas em Marfa Petrovna e introduzir a discórdia na família. Além de poder provocar um terrível escândalo para Dúnia, o que seria inevitável. Seriam esses os motivos que, confessou Dúnia, impediram-na de escapar da terrível casa senão passadas seis semanas. Tu, naturalmente, conheces Dúnia; sabes quanto é inteligente e como é forte. Dúnia possui grande capacidade de sofrimento; em muitos casos, tem mostrado o valor de sua firmeza. Ela não me escreveu sobre esses fatos por temer transtornar-me, apesar de mantermos correspondência.

O desenlace veio quando menos se esperava. Marfa Petrovna surpreendeu o marido no jardim, no momento em que tentava Dúnia com suas propostas e, compreendendo mal o que se passava, atribuiu a culpa à tua irmã. Passou-se entre elas uma cena terrível. A sra. Svidrigailov não quis atender a nada, gritando durante uma hora contra a suposta rival. Chegou até a bater-lhe e finalmente mandou-a para minha casa numa carreta, sem lhe dar tempo de arrumar a mala. Tudo quanto pertencia a Dúnia, objetos, vestidos etc., veio amontoado no veículo. Chovia torrencialmente e, depois de ter sofrido tantos vexames, Dúnia teve de fazer uma viagem de 17 quilômetros na companhia de um mujique, em carro aberto. Dize-me agora que resposta podia dar à carta que me escreveste há dois meses? Estava aflitíssima; não tinha coragem de dizer-te a verdade, porque sabia que ia desgostar-te profundamente; e, depois, Dúnia tinha-me proibido. Para te escrever uma carta cheia de frivolidades, não me sentia com coragem para o fazer, tendo o coração retalhado. Por causa disso fomos, durante um mês, o pratinho da cidade e as coisas chegaram a ponto de Dúnia e eu nem podermos ir à missa sem ouvirmos cochichos à nossa passagem, com um ar de desprezo.

E tudo isso por causa de um mal-entendido de Marfa Petrovna, que não perdeu um momento em infamar Dúnia por toda parte. Essa criatura conhece todo mundo da região, e, durante este mês, tem vindo aqui quase todos os dias. E, como é muito faladora e gosta de se queixar a todos do marido, espalhou logo a história, não só na cidade, mas em todo o distrito. A minha saúde sofreu forte abalo, Dunetchka foi mais forte do que eu. Não só não sucumbiu diante da calúnia, mas até me consolava, procurando por todas as formas dar-me coragem. Se a visses então! Que anjo!

Mas quis a divina misericórdia pôr termo a nosso infortúnio. O sr. Svidrigailov refletiu, e, talvez com dó da pobre criança a quem tinha comprometido, apresentou à mulher as mais fortes provas da inocência de Dúnia.

Felizmente ele conservava uma carta que, antes da cena do jardim, ela se vira obrigada a escrever-lhe, a fim de recusar uma entrevista pedida. Nessa carta, Dúnia censurava-lhe a indignidade do procedimento para com a esposa, recordando-lhe seus deveres de pai e marido, finalmente quanto era ignóbil perseguir uma pobre moça indefesa.

Na verdade, querido Ródia, a carta estava escrita em termos tão nobres e patéticos que suspirei quando a li e ainda hoje não posso relê-la sem chorar. Além disso, o testemunho das criadas limpou a reputação de Dúnia; elas tinham percebido e sabiam muito mais sobre o sr. Svidrigailov do que este supunha — eram notórios os casos com as criadas. Desde então não restou a Marfa Petrovna a menor dúvida sobre a inocência de Dunetchka. No dia seguinte, veio à nossa casa, contou-nos tudo e lançou-se nos braços de Dúnia, pedindo perdão, banhada em lágrimas. Percorreu depois todas as casas da cidade e, em toda parte, fez o mais caloroso elogio à honestidade de Dunetchka, assim como à nobreza de seus sentimentos e a seu exemplar comportamento. Não satisfeita com isso, mostrava e lia a todo mundo a carta de Dúnia ao marido, chegando a mandar tirar várias cópias (o que, em minha opinião, era desnecessário). Nessa ocupação, levou vários dias percorrendo o povoado, porque algumas pessoas, sabedoras do ocorrido, mexericaram com as outras. Por isso teriam de receber o troco; todos esperavam Marfa Petrovna e, assim que chegava, ela lia a carta; não só para cada uma das pessoas, como também para os grupos, nas próprias casas e nos lugares públicos. Em minha opinião, o desagravo foi exagerado; mas esse é o caráter de Marfa Petrovna. Ao menos reabilitou Dúnia; o marido, porém, sai dessa aventura coberto de desonra e chega a ter pena desse maluco, tão severamente castigado.

Dúnia recebeu logo proposta para lecionar em várias casas, mas não aceitou nenhuma. Todo mundo começou, de um momento para outro, a demonstrar-lhe a maior consideração, e

essa brusca mudança de opinião foi principalmente devida ao inesperado acontecimento que, por assim dizer, vai modificar sensivelmente nossa situação.

Saberás, querido Ródia, que se apresentou um pretendente à mão de tua irmã, e que ela o aceitou, o que com grande alegria me apresso a participar-te. Estou convencida de que nos relevarás a falta de nos termos decidido sem te ter consultado, quando souberes que o caso não admitia demora e que não era possível esperar por tua resposta para darmos a nossa. Aliás, estando tu ausente, apreciarias sem perfeito conhecimento da causa.

Aqui tens como as coisas se passaram. O noivo, Pedro Petróvitch Lujine, é um advogado parente de Marfa Petrovna, que nesse caso procedeu muito corretamente. Foi ela quem nê-lo apresentou. Recebemo-lo com a maior afabilidade, tomou café conosco e, logo no dia seguinte, nos dirigiu uma carta atenciosíssima, fazendo seu pedido e solicitando resposta tão pronta como categórica. Esse homem tem uma vida muito ativa e está em vésperas de partir para São Petersburgo, de forma que não tem um minuto a perder.

Naturalmente, a princípio, ficamos surpresas, tão longe estávamos de esperar semelhante pedido. Durante todo o dia, tua irmã e eu estudamos a questão. Pedro Petróvitch está excelentemente colocado, ocupa dois cargos e possui já uma fortuna regular. É certo que tem 45 anos, mas é simpático e compreende-se que uma mulher goste dele. É homem sério e bem-educado; acho-o apenas um pouco frio e severo; mas, muitas vezes, as aparências iludem.

Ficas prevenido, querido Ródia: quando o vires em São Petersburgo, o que não tardará muito, não o julgues à primeira impressão, nem o condenes, como costumas, se, nesse primeiro momento, te inspirar pouca simpatia. Parece-me conveniente avisar-te disso, conquanto esteja certo de que ele não te causará má impressão. Aliás, em geral, para conhecermos uma pessoa, é preciso termos convivido com ela, observando-a a cada momento; do contrário, cometem-se erros de apreciação, que, por vezes, são difíceis de corrigir.

Mas, pelo que diz respeito a Pedro Petróvitch, tudo leva a crer que é um homem respeitabilíssimo. Logo em sua primeira visita nos disse ser muito franco. “No entanto”, acrescentou, “partilho em muitos pontos as ideias das gerações modernas e sou inimigo de todos os preconceitos”.

Disse muitas coisas mais, porque é, se não me engano, um nadinha vaidoso e retórico, o que afinal não é nenhum delito.

Por minha parte confesso que não compreendi suas palavras; por isso me limito a dar-te a opinião de Dúnia: “Conquanto mediocrementemente instruído”, disse-me ela, “é inteligente e parece bondoso”. Conheces o caráter de tua irmã, Ródia. É uma moça corajosa, ajuizada, paciente, bondosa, e possui um coração apaixonado, como tive ensejo de me convencer. Evidentemente não se trata, nem de um nem de outro lado, de um casamento de amor; mas Dúnia não é apenas uma moça inteligente; sua bondade é verdadeiramente angélica e, se o marido quiser torná-la feliz, ela há de impor-se o dever de lhe corresponder da mesma forma.

Sendo homem sensato, como é, Pedro Petróvitch há de compreender que a felicidade da esposa será a melhor garantia de sua própria. Devido a algumas falhas de caráter, a alguns velhos hábitos e mesmo a certas diferenças de opinião — que nos mais felizes casamentos são inevitáveis —, Dúnia costuma dizer, no que se refere a esse conjunto de fatos, confiar em si própria, que nada a inquietará, e está decidida a suportar essa situação galhardamente, desde que as futuras relações sejam honestas e escorreitas; a princípio, ele pareceu-me um pouco rude, mas naturalmente foi pelo modo por que disse as coisas sem rodeios. Na segunda visita, depois do pedido, disse-nos durante a conversação que, antes mesmo de conhecer Dúnia, estava resolvido a não casar senão com uma menina honesta, sem dote, e que tivesse tido privações.

Na opinião dele é para desejar que o homem não deva obrigações à esposa; antes é conveniente que ela veja no marido um benfeitor.

Não são essas precisamente suas palavras; reconheço que ele se exprimiu de modo diverso, muito mais delicado, mas só me recordo do sentido delas. Ele disse aquilo sem pensar, é evidente que a frase lhe escapou no calor da conversação, e, tanto assim, que procurou imediatamente atenuar-lhe o efeito. Mesmo assim achei a frase áspera e, mais tarde, disse-o a Dúnia. Porém ela respondeu-me irritada que palavras leva-as o vento, o que é verdade. Na noite que precedeu a resolução, Dunetchka não conseguiu dormir. Julgando-me dormir, ergueu-se e pôs-se a andar no quarto de um lado para outro. Por fim se ajoelhou diante do ícone, e, depois de uma longa e fervorosa prece, declarou-me no dia seguinte que estava resolvida a aceitar o pedido.

Já te disse que Pedro Petróvitch parte brevemente para aí. Interesses importantes levam-no a essa capital, onde pensa estabelecer banca de advogado. Há muito que ele está no foro, e acaba agora mesmo de vencer uma causa importante. A sua viagem a São Petersburgo é motivada pela necessidade de seguir de perto certa causa nas instâncias superiores. Em tais circunstâncias, querido Ródia, pode ele prestar-te bons serviços, e eu e Dúnia pensamos já que tu poderias começar, sob a proteção de Petróvitch, a tua futura carreira. Ah! Se assim fosse! Terias tanto a ganhar, que deveríamos atribuir isso a um favor especial da Providência Divina.

Dúnia não pensa noutra coisa. Já falamos ligeiramente no caso a Pedro Petróvitch. Respondeu com certa reserva: “Hei de certamente precisar de um secretário”, disse, “e prefiro dar esse lugar a um parente do que a um estranho, uma vez que ele seja capaz de o desempenhar cabalmente.” (Era o que faltava, não seres capaz de desempenhá-lo!) Parece, no entanto, que ele receia que, com os teus estudos não tenhas tempo necessário para te ocupares dos negócios do escritório. Nessa ocasião, a conversa ficou por aqui, mas, como já te disse, Dúnia não pensa noutra coisa. Em sua imaginação te vê já trabalhando sob a direção de Pedro Petróvitch e mesmo associado dele, tanto mais que estás na Faculdade de Direito. Quanto a mim, Ródia, penso exatamente do mesmo modo, e os projetos que tua irmã forma para teu futuro parecem-me bem viáveis.

Apesar da resposta incerta de Pedro Petróvitch, aliás natural, Dúnia confia absolutamente em sua influência de esposa para dispor tudo à nossa vontade. Está claro que não demos a entender a Pedro Petróvitch que tu poderás vir um dia a ser sócio dele. É um homem positivo, e, naturalmente, acolheria mal uma ideia que apenas lhe pareceria um sonho.

Ambas, Dúnia e eu, jamais lhe insuflamos uma palavra sequer da grande esperança que temos de ele nos auxiliar no pagamento de teus estudos universitários; não lhe falamos, principalmente porque isso ocorrerá mais tarde, quando ele se oferecer de vontade própria, sem perda de palavra (embora possa negar-se a fazê-lo), e tanto mais depressa quanto de tomares sua mão direita no escritório, apto a receber sua ajuda, não como caridade, mas como salário merecido de teu próprio esforço. Dúnia deseja arranjar tudo dessa forma e eu estou perfeitamente de acordo com seu ponto de vista. E não falamos ainda de nossos planos a Pedro Petróvitch porque desejo que tu sintas meu objetivo ao travares conhecimento com ele. Quando Dúnia se referiu com entusiasmo a ti, ao conversar com ele, respondeu que não podia nunca avaliar um homem sem conhecê-lo de perto, pela própria experiência, e que esperava formar opinião ao conhecer-te.

Sabes, querido Ródia, por diversas razões, que aliás não dizem respeito a Pedro Petróvitch e que não passa talvez de tontices de velha, creio que, depois do casamento, será melhor que eu continue a viver em minha casa, em vez de ir morar com eles? Estou crente de que ele é bastante delicado para me pedir que não me separe de minha filha; se até agora nada disse, é porque julga que o caso se subentende; mas penso recusar. Notei mais de uma vez, em minha vida, que

os genros não se dão bem com as sogras e não desejo ser insociável; de minha parte, manter-me-ei sempre independente, enquanto tiver uma côdea de pão e filhos como tu e Dúnia.

Se for possível, ficarei vivendo em tua vizinhança, e digo isso, Ródia, porque guardei o mais agradável para o fim. Imagina, querido filho, que em poucos dias nos reuniremos os três e que, de novo, nos abraçaremos após uma longa separação de três anos! Está decidido, já que Dúnia e eu iremos a São Petersburgo. Quando, não sei precisamente, mas, em todo caso, num prazo curto, em oito dias, talvez. Depende tudo das conveniências de Pedro Petróvitch, que há de enviar-nos instruções, logo que esteja estabelecido aí. Ele deseja, por certo motivo, apressar quanto possível o casamento que, se não houver inconveniente, talvez se realize num dos dias de carnaval, ou o mais tardar logo depois da festa da Assunção. Oh, com que prazer te apertarei contra o coração!

Dúnia está satisfeitiíssima com a ideia de te tornar a ver. Já me disse, cheia de alegria, que, só por isso, casaria de bom grado com Pedro Petróvitch. É um anjo! Ela nada acrescenta à minha carta porque, segundo diz, teria tantas coisas a contar-te, que não vale a pena escrever algumas palavras; incumbe-me de te enviar um abraço. Conquanto tenhamos de nos reunir em breve, espero enviar-te rapidamente o dinheiro de que puder dispor. Logo que aqui se espalhou a notícia de que Dunetchka ia casar com Pedro Petróvitch, meu crédito elevou-se num momento, e sei de boa fonte que Afanase Ivânovitch está disposto a emprestar-me até 75 rublos, com a garantia de minha pensão. Assim, talvez possa mandar-te 25 ou trinta rublos. Enviar-te-ia mesmo mais, se não tivesse de contar com a viagem. É verdade que Pedro Petróvitch tem a bondade de tomar sobre si uma parte de nossas despesas; até nos ofereceu uma grande mala, onde cabem todas as nossas coisas; mas sempre temos de pagar as passagens até São Petersburgo e não havemos de chegar aí sem um coque no bolso.

Dúnia e eu calculamos tudo: a viagem não nos ficará cara. De nossa casa à estrada de ferro, são umas noventa verstas, e tratamos com um campônio conhecido levar-nos até a estação; em seguida, entraremos muito satisfeitas em um compartimento de terceira classe. Enfim, bem feitas as contas, sempre te mandarei trinta rublos e não 25.

Agora, meu muito querido Ródia, abraço-te, enquanto não o faço pessoalmente, e envio-te minha bênção. Ama tua irmã! Recorda-te de que ela te ama ainda mais que a si própria; paga-lhe da mesma forma. Lembra-te de que ela é um anjo, e tu, Ródia, é tudo quanto temos no mundo: nossa única esperança, nosso único consolo. Se fores feliz, também nós o seremos. Ainda fazes tuas preces, Ródia, e acreditas na misericórdia de Deus e do Redentor? Temo, em meu coração, que estejas influenciado pelo novo espírito de impiedade que hoje campeia. Se isso ocorre, rezo por ti. Lembra-te, querido, como na infância, quando teu pai partiu desta vida, balbuciavas tuas preces em meus joelhos; como éramos felizes naquela época. Adeus, ou antes, até a vista. Abraço-te mil vezes.

Tua até a morte,

Pulquéria Raskólnikov.

Durante a leitura os olhos de Raskólnikov arrasaram-se por vezes de lágrimas. Quando terminou, porém, um amargo sorriso contraía-lhe a fisionomia pálida e transformada. Deixando cair a cabeça sobre a sujíssima almofada, ficou em profunda meditação. O coração palpitava-lhe violentamente, e as ideias entrechocavam-se em seu cérebro. Sentia-se

oprimido, sufocado nesse cubículo amarelo, que lhe parecia um armário ou um baú. Seus olhos fitaram o vácuo. Pegou o chapéu e saiu, sem recear, para encontrar quem quer que fosse na escada. Já nem se lembrava da hospedeira. Dirigiu-se a Vassíli Ostrof, pela avenida V***. Caminhava apressadamente, como se fosse para um serviço urgente; como de hábito, não dava atenção a nada, ia monologando por entre dentes, chamando a atenção dos transeuntes, alguns dos quais o julgavam ébrio.

CAPÍTULO IV

A carta de sua mãe sensibilizara-o muito. Mas, quanto ao ponto principal, não teve um momento de hesitação. Ainda não terminara a leitura e já tomara sua resolução: “Enquanto eu viver este casamento não há de realizar-se; que o sr. Lujine vá para o inferno!”

“O caso é claro”, murmurou sorrindo num ar triunfante, como se estivesse certo do resultado. “Não, mamãe; não, Dúnia; não me hão de enganar!... E ainda se desculpam por terem tomado tal resolução sem eu ter sido ouvido! Pois certamente! Elas julgam que agora é impossível desfazer o projetado casamento; pois veremos se é ou não! E que motivos alegam: ‘Pedro Petróvitch tem tanto que fazer que não pode casar senão a todo o vapor!’

“Não, Dunetchka, compreendo tudo, adivinho o que querias dizer-me, sei no que pensaste toda a noite passeando no quarto e o que pediste à Virgem de Kazã, cujo ícone está no quarto de mamãe.

“O Gólgota custa a subir. Hum!... Eis, pois, o que está assentado: Avdótia Romanovna vai casar com um homem franco e que já tem uma fortuna (o que não é para desprezar), que tem duas colocações e que partilha, segundo as palavras de mamãe, das ideias das gerações modernas. A própria Dunetchka diz que ele *parece* boa pessoa. Esse *parece* vale um mundo! Confiando nessa *aparência* é que a Dunetchka vai casar!... Admirável!...

“...Mas afinal queria saber por que é que mamãe se refere em sua carta às ‘gerações modernas’. Será unicamente para caracterizar a personagem, ou será com o fim de obter minha simpatia a favor do sr. Lujine? Oh!, que tática! Há ainda outro ponto que eu desejava esclarecer, e era: até que ponto elas teriam tido franqueza uma para com a outra durante o dia e a noite que precederam a resolução de Dunetchka? Chegariam a alguma explicação formal, ou compreender-se-iam reciprocamente sem quase terem necessidade de dizer o que pensavam? A julgar pela carta, sinto-me

mais inclinado para a última hipótese; mamãe achou-o um tanto pedante, e, com sua simplicidade, comunicou a Dúnia essa observação. Dúnia enfadou-se, naturalmente, e respondeu de maneira áspera.

“Está claro! Uma vez que era coisa decidida, que já não se podia voltar atrás, a observação de mamãe era, pelo menos, inútil. E para que me diz ela: ‘Ama muito tua irmã; lembra-te de que ela te ama ainda mais do que a si própria.’ Não sentirá a consciência a acusá-la de ter sacrificado a filha ao filho? ‘Tu és nossa felicidade futura, tudo quanto temos no mundo!’ Oh, mamãe!”

A exaltação do jovem aumentava de momento a momento e, se nessa ocasião tivesse encontrado o sr. Lujine, talvez não resistisse ao desejo de assassiná-lo.

“Sim! É verdade”, continuou, seguindo por alto as ideias que se baralhavam em sua cabeça, “é verdade que, para conhecer uma pessoa, é necessário ter convivido com ela, observando-a; mas o sr. Lujine não é difícil de compreender. Em primeiro lugar, é um homem de negócios e ‘parece’ bondoso; o resto, são coisas infantis, com um ar de chalaça; ‘incumbiu-se de nos dar uma grande mala!’ Vamos, depois dessa prova, como se há de duvidar de sua bondade? A noiva e a futura sogra hão de meter-se a caminho numa carreta onde apenas terão para se resguardar da chuva um toldo. (Eu que conheço esses carros!)

“Que importa? O caminho até a estação é só de noventa verstas: em seguida entramos com o maior prazer num carro de terceira classe... Têm razão: a capa deve ser talhada conforme o pano; mas, como pensa o sr. Lujine? Vejamos, trata-se de sua noiva... É possível que ignore que, para fazerem essa viagem precisam de um empréstimo sobre a pensão? Sem dúvida seu espírito mercantil considerou isso uma espécie de parceria, em que cada sócio tem de entrar com sua cota; mas não há paridade alguma entre o custo de uma mala, por grande que seja, e o de uma viagem.

“Ou elas não compreendem isso, ou fingem não compreender. O caso é que parecem satisfeitas! Contudo, que frutos poderemos esperar de tais flores? O que mais me irrita nesse procedimento não é tanto a mesquinhez quanto o mau gosto; o namorado mostra o que será o marido... E mamãe, que atira o dinheiro pela janela fora, com quanto chegará a São Petersburgo? Com três rublos em metal ou com dois *bilhetinhos* como diz... a... velha... hum! Com que meios contará ela para viver? Por certas razões viu que era preferível separar-se de Dúnia quando ela se casasse;

alguma palavra indiscreta desse amável cavalheiro foi uma luz para mamãe, por mais que ela queira fechar os olhos à realidade.

“‘Tenciono recusar’, diz ela. Então com que meios conta para viver? Sua pensão de 120 rublos, sujeita ao desconto da quantia emprestada por Afanase Ivânovitch? Lá na aldeia chegava a tecer lenços de malha e a bordar, mas bem sei que esse trabalho não rende mais de vinte rublos por ano. Evidentemente, a despeito de tudo, conta com a generosidade do sr. Lujine. ‘Quando ele se oferecer de vontade própria.’ Pois sim!

“Assim acontece sempre a esses nobres corações schillerescos; até o último instante, qualquer ganso é para eles um cisne; até o último momento, acreditam no melhor e nada veem de mau; embora deem uma espiada no outro lado do quadro que lhes é mostrado, não querem ver a verdade, até serem forçados a isso; a simples lembrança da verdade os faz estremecer; jogam fora a verdade com as duas mãos, até que as pessoas que lhes mostram as falsas cores imponham-lhes uma capa de louco. Gostaria de saber se o sr. Lujine possui algum mérito; aposto como traz a Ana pelo beicinho e disso se aproveita quando vai jantar com seus constituintes e homens de negócio. Pensa tê-la subjugada, até para o casamento! Basta de falar nele. Diabos o levem!

“Mamãe é assim mesmo, não há que admirar; Deus a abençoe. Mas Dúnia, como pode? Dúnia querida, como se não a conhecesse! Eu a vi pela última vez quando tinha quase vinte anos: então, nos entendíamos. Mamãe escreveu: ‘Dúnia está decidida a suportar essa situação galhardamente.’ Sei disto perfeitamente. Há dois anos e meio que eu sei, e neles estive pensando sobre o assunto, pensando exatamente como ‘Dúnia está decidida a suportar essa situação galhardamente’. Se pôde suportar a situação com o sr. Svidrigailov e o resto, ela certamente suportaria tudo galhardamente. E agora mamãe e ela decidiram resolver tudo com o sr. Lujine, defensor da teoria da felicidade das esposas, salvas do desamparo, e tudo devendo à magnanimidade do esposo — teoria defendida, logo na primeira entrevista. Deixando escapar a contragosto tal teoria, embora seja um homem sensível (ainda assim poderia não ser uma escápula, mas o desejo de fazer-se compreendido o mais cedo possível); mas Dúnia, Dúnia?! É impossível que ela não compreenda esse homem; e vai desposá-lo! Sua liberdade, sua alma eram-lhe mais caras do que o bem-estar; para não ter de renunciar a elas preferiria comer pão preto e beber água; não as trocaria pelo Schleswig-Holstein, quanto mais pelo sr. Lujine. Era assim a

Dúnia que conheci, e que, certamente, ainda não mudou. Bem sei que é triste viver sob o teto de qualquer Svidrigailov, andar sem destino, passar a vida inteira a aturar crianças, ganhando duzentos rublos por ano. Não é das melhores coisas. Mas minha irmã preferiria ir trabalhar em uma plantação da Lituânia, com um patrão alemão, a aviltar-se unindo por interesse pessoal sua existência à de um homem que não amasse e com quem nada tivesse de comum! Ainda que o sr. Lujine fosse de ouro ou de brilhantes, ela não se prestaria a ser a legítima amásia do sr. Lujine. Que motivo a demoveu então? Qual será a chave do enigma?”

Refletiu um momento.

“Ora, o motivo é bem claro; não procede em proveito próprio. Para conseguir o seu bem-estar ou para escapar à morte, é certíssimo que ela não se venderia; mas vende-se por outra pessoa, por um ente querido, adorado! Eis a explicação do mistério: é por nós, por mamãe e por mim, que ela se sacrifica. Vende-se completamente! Oh! Nesse caso, violenta-se o senso moral; leva-se ao mercado a liberdade, a paz, a própria consciência, tudo, tudo! Perca-se embora a vida, contanto que as criaturas adoradas sejam felizes! Mais ainda, recorre-se à sutil casuística dos jesuítas, transige-se com os próprios escrúpulos, chegamos mesmo a persuadir-nos de que é preciso proceder assim, porque o fim justifica o meio. Eis aqui como nós somos, e para que andamos por cá! É certo que aqui, no primeiro plano, se encontra Ródion Românovitch Raskólnikov. Não, é preciso assegurar-lhe a felicidade, conseguir-lhe os meios de concluir seu curso, de vir a ser sócio do sr. Lujine, de chegar a fazer fortuna, fama, glória, se possível for! E a mamãe? Essa só pensa em seu querido Ródia, em seu primogênito. Pois não é natural que ela sacrifique a filha a este filho, seu predileto? Corações ternos e injustos!

“Mas isso que elas vão fazer se assemelha a aceitar a sorte de Sonetchka, de Sonetchka Marmêladov, a eterna Sonetchka, que há de existir enquanto houver mundo! Mediste bem teu sacrifício? Sabes, Dunetchka, que viver com o sr. Lujine é nivelares-te com a Sonetchka? ‘Aqui não pode haver amor’, escreve mamãe. Pois bem, se não pode haver amor, nem estima, se, ao contrário, há antipatia, repulsão quase, em que difere esse casamento da prostituição? Mais desculpa tem a Sonetchka; essa vendeu-se não para aumentar um certo bem-estar, mas porque via a fome, a verdadeira fome, portas adentro!...

“E se mais tarde o sacrifício for superior às tuas forças, se vieres a te arrepender do que tiveres feito, quantas lágrimas vertidas em silêncio — porque tu não és Marfa Petrovna! E então que será de mamãe? Se ela agora já está inquieta, que fará quando vir as coisas por outro prisma, como realmente são? E eu? Porque eu, sim, eu também sou gente! Não aceito teu sacrifício, Dunetchka; não aceito, mamãe; enquanto eu viver não se realizará esse casamento.”

Subitamente, parou.

“Não há de se realizar? Mas que podes fazer para o impedir? Opor teu veto? E com que direito? O que podes prometer-lhes para te permitires tanta arrogância? Comprometer-te-ás a dedicar-lhes toda a tua vida, todo o teu futuro, *quando tiveres acabado teu curso e obtido uma colocação? Isso é para depois* mas agora? É necessário fazer já alguma coisa, entendes? Ora, que fazes tu atualmente? Vives à custa delas. Levas uma a pedir emprestado sobre sua pensão e outra a solicitar um adiantamento de ordenados aos Svidrigailov! Com o pretexto de que mais tarde serás milionário, pretendes hoje dispor despoticamente da sorte das duas; mas poderás atualmente tomar sobre ti o encargo de socorrer as necessidades de ambas? Daqui a dez anos, talvez! Entretanto, tua mãe chegará a cegar fazendo lenços de malha e a chorar, com a saúde arruinada por privações de toda espécie. E tua irmã? Vamos, pensa nos perigos que tua irmã pode correr nesse período de dez anos! Pensaste?”

Experimentava um amargo prazer fazendo a si mesmo essas dolorosas perguntas, que aliás não eram novas para ele. Havia muito que elas o perseguiram sem cessar, exigindo seguras respostas que ele se sentia incapaz de lhes dar. A carta da mãe fulminara-o como um raio. Compreendia agora que passara o tempo das lamentações, que nada remedeiam e que, em vez de increpar sua imprudência, cumpria-lhe fazer qualquer coisa o mais depressa possível. Era necessário tomar desde já uma resolução qualquer, ou...

“Ou renunciar à vida!”, exclamou subitamente, “aceitar, duma vez para sempre, o destino como ele é, abafar todas as aspirações, abdicar definitivamente do direito de ser livre, de viver, de amar!...”.

Raskólnikov lembrou-se de repente das palavras que Marmêladov dissera na véspera: “Compreende, compreende, senhor, o que significam estas palavras: *não ter para onde ir? ... Todo homem necessita de um lugar para voltar.*”

Estremeceu. Um pensamento que, na véspera, lhe viera, apresentava-se de novo a seu espírito. Não foi, contudo, a volta desse pensamento o que fez estremecer. Sabia já, ou antes pressentia, que, infalivelmente, voltaria e esperava-o. Mas essa ideia não era precisamente como a da véspera, e a diferença estava nisto: o que há um mês, ontem ainda, era apenas um sonho, surgia agora por um aspecto assustador. O jovem tinha consciência dessa diferença... Sentia um tumulto no cérebro e uma nuvem toldar-lhe a vista.

Olhou em torno, procurou alguma coisa. Precisava sentar-se e procurava um banco. Estava então na avenida K***. A cem passos havia um. Caminhou para ele a toda a pressa, mas, no trajeto, sucedeu-lhe uma pequena aventura, que durante alguns momentos o absorveu completamente.

Quando olhava na direção do banco, avistou uma mulher a uns vinte passos de distância. A princípio não ligou mais importância a ela do que às variadíssimas coisas que encontrara no caminho. Muitas vezes lhe sucedera, por exemplo, entrar em casa, sem conseguir lembrar-se do caminho que surgira; geralmente caminhava sem reparar em coisa alguma. Mas essa mulher tinha uma aparência tão estranha que Raskólnikov não pôde deixar de notá-la. A surpresa sucedeu a curiosidade, contra a qual tentou lutar, mas que bem depressa se tornou superior à sua vontade. De súbito quis saber o que havia de tão particularmente extraordinário nessa criatura. Pela aparência, ela devia ser muito nova. Apesar do excessivo calor, ia com a cabeça descoberta, sem guarda-sol nem luvas, agitando os braços de modo ridículo. Levava um lenço atado ao pescoço; o vestido era de seda, muito malposto, desacolchetado e rasgado na cintura; um farrapo oscilava de um lado para outro. E, ainda por cima de tudo isso, a passeante, não se podendo sustentar nas pernas, cambaleava. Esse encontro acabou por despertar toda a atenção de Raskólnikov. Aproximou-se da jovem, precisamente quando ela chegava junto ao banco, no qual se deitou em vez de se sentar, inclinando a cabeça para trás e cerrando os olhos como uma pessoa prostrada de cansaço. Não foi difícil a Raskólnikov perceber que ela estava embriagada. O caso pareceu-lhe tão singular que a si próprio perguntou se não seria engano seu. Tinha diante de si uma galante criança de 16 anos, talvez mesmo de 15. O rosto, emoldurado de cabelos louros, era bonito, mas afogueado. Parecia inconsciente. Levantou

uma das pernas em atitude indecorosa. Tudo levava a crer que ela nem sabia onde estava.

Raskólnikov não se sentou, não quis retirar-se e ficou diante dela, sem saber o que fazer. Já dera uma hora e fazia um calor insuportável; raras pessoas passavam nessa avenida, que é geralmente deserta. Todavia, a uns 15 passos de distância, no passeio, estava parado um homem que, sem dúvida, desejava aproximar-se da moça com certas intenções. Também ele, decerto, a vira a distância e a seguira; mas a presença de Raskólnikov incomodava-o: olhava-o irritado de soslaio esperando inquieto o momento em que aquele maltrapilho lhe cedesse o lugar. Suas intenções eram claras. Este sujeito, que se vestia elegantemente e teria uns trinta anos, era espadaúdo, forte, corado, de lábios vermelhos e fartos bigodes. Raskólnikov encolerizou-se e teve ímpetos de o insultar. Abandonou por um momento a jovem e aproximou-se dele:

— Olá, Svidrigailov! Que faz por aqui? — exclamou cerrando os punhos, ao passo que um sorriso sarcástico lhe entreabria os lábios, que começavam a orlar-se de espuma.

O elegante homem franziu o sobrolho e, na fisionomia, desenhou-se uma expressão de altivez e surpresa.

— Que quer dizer isso? — interrogou arrogantemente.

— Quer dizer que gire, que se ponha a andar.

— Pois tu te atreves, canalha!...

E ergueu a bengala. Raskólnikov, com os punhos cerrados, atirou-se a ele sem pensar na desigualdade de forças. Mas sentiu que o agarravam pelas costas. Era um policial que punha termo ao incidente.

— Então, senhores, então, não briguem no meio da rua. Que querem? Quem é o senhor? — perguntou com ar severo a Raskólnikov, reparando nos andrajos do rapaz.

Raskólnikov olhou atentamente para quem lhe fazia a pergunta. O policial, de bigode e suíças brancas, tinha o ar de um valente soldado e parecia inteligente.

— É exatamente do senhor que preciso — disse Raskólnikov, tomando-o por um braço. — Sou estudante e chamo-me Raskólnikov... o senhor pode também saber isto, acrescentou voltando-se para o outro. Venha comigo, vou mostrar-lhe uma coisa...

E, continuando a segurar o policial pelo braço, conduziu-o junto ao banco.

— Aqui está esta jovem embriagada; ainda agora andava aos tombos. É difícil dizer sua situação social, mas não tem aparência de vadia. O mais provável é que a tenham obrigado a beber e que abusassem dela... é uma principiante... compreende? Depois, a cair de bêbada, puseram-na na rua. Veja em que estado tem o vestido, não foi ela quem se vestiu, vestiram-na e foram mãos inábeis, mãos de homem que fizeram esse serviço. Agora olhe para este lado: esse janota em quem eu queria bater há pouco, não o conheço, vejo-o pela primeira vez; mas ele reparou nela também, certificou-se de que estava bêbada, que não tinha consciência de coisa alguma, e queria aproveitar-se dessa circunstância para levá-la a alguma hospedaria suspeita... É assim mesmo, pode ter certeza de que não me engano. Reparei como ele a olhava e a seguia. Cortei-lhe as asas e S. Exa. agora esperava que eu me fosse embora. Como se há de lhe arrancar esta presa? Como havemos de conseguir que ela vá para casa?

O policial, que compreendeu tudo, pôs-se a pensar. Não podia haver dúvida sobre as intenções do homem; restava a moça. Inclinou-se para ela, para a ver mais de perto, e em sua fisionomia desenhou-se uma profunda piedade.

— Que desgraça! — exclamou abanando a cabeça. — É ainda uma criança. Caiu numa cilada, por certo... Ouça, menina, onde mora? Diga, onde mora?

Ela entreabriu a custo as pálpebras, olhou espantada os dois e fez um gesto como que para os afastar.

Raskólnikov remexeu na algibeira e tirou vinte copeques.

— Tome, disse. Alugue uma carruagem e leve-a para casa. O que é preciso é saber onde mora.

— Menina — gritou outra vez o policial depois de guardar o dinheiro — vou chamar um carro e eu mesmo a levo para casa. Onde mora?

— Oh, meu Deus!... Eles agarram-me!... — murmurou ela com o mesmo gesto que fizera há pouco.

— Que coisa ignóbil! Que infâmia! — disse o policial indignado e cheio de piedade. — Eis a grande dificuldade! — continuou dirigindo-se a Raskólnikov, que novamente examinou dos pés à cabeça, parecendo-lhe muito singular este indigente tão pródigo. — Encontrou-a longe daqui?

— Já disse que ela caminhava adiante de mim cambaleando por esta mesma avenida e, quando chegou junto do banco, deixou-se cair.

— Que crueldades se praticam por esse mundo, meu Deus! Uma rapariga tão nova e embriagando-se dessa maneira! Enganaram-na, certamente! Tem o vestido rasgado!... Muito vício há por aí!... Talvez os pais sejam nobres caídos na decadência. Há tanta gente assim, agora! A aparência dela é de filha de boa família.

E novamente se inclinou para a jovem.

Talvez ele próprio fosse pai de raparigas bem-educadas que parecessem filhas de boa família.

— O que é necessário — continuou Raskólnikov — é não a deixarmos à mercê deste malandro! Evidentemente o pulha tem seu plano formado e não arreda pé dali!

Levantara a voz e indicava o sujeito com o gesto. Ele, percebendo que falavam a seu respeito, quis zangar-se, mas logo mudou de tática, limitando-se a lançar ao inimigo um olhar de desprezo. Em seguida, lentamente, afastou-se uns dez passos e tornou a parar.

— Não lhe há de pôr a mão — disse com ar pensativo o policial. — Ao menos, se ela dissesse onde mora! Sem essa indicação... Menina, menina! — chamou inclinando-se novamente sobre a jovem.

De repente ela abriu os olhos, olhou fixamente e pareceu voltar a si; levantou-se e seguiu em sentido inverso o caminho por onde viera.

— Que importunos, que desavergonhados, como se agarram a mim! — exclamou agitando novamente os braços, como para afastar alguém.

Caminhava apressadamente, mas pouco firme. O janota começou a segui-la por outro passeio, sem a perder de vista.

— Esteja tranquilo, não há de apanhá-la — disse o policial. — Há muito vício por aí. — E partiu atrás deles.

Nesse momento operou-se no espírito de Raskólnikov uma reviravolta tão completa como rápida.

— Ouça — gritou ele ao policial, que se voltou. — Deixe-os em paz. Que se divirtam! O que tem o senhor com isso?

O outro, surpreso, olhou Raskólnikov, que se pôs a rir. E continuou a seguir o desconhecido e a jovem, julgando certamente tratar-se de um louco.

“E lá se foram meus vinte copeques”, disse ele com seus botões, quando ficou só. “Há de aceitar também dinheiro do outro e deixá-lo com ela. Mas que diabo de ideia a minha de me armar em benfeitor! Tenho eu, talvez, a obrigação de defender a primeira pessoa que me aparece? Com que direito? Em honra de que santo? Ainda que se devorem uns aos outros, que tenho eu com isso? Para que dei vinte copeques?”

A despeito dessas palavras, tinha o coração oprimido. Sentou-se. Suas ideias não tinham coerência. Custava-lhe pensar fosse no que fosse. Desejaria adormecer profundamente, esquecer tudo, completamente, acordar e começar uma vida nova...

“Pobrezinha”, disse ele olhando para o banco onde a jovem se deitara, “quando voltar a si; há de chorar, depois a mãe saberá da aventura, bater-lhe-á para juntar a humilhação à dor; é provável que a ponha na rua... E quando não a abandone, qualquer Dária Frantzovna farejará essa caça, e teremos a mocinha aos trambolhões, de queda em queda até os hospitais, o que não sucederá muito tarde. Logo que estiver curada, recomeçará a pândega até ir novamente parar no hospital, com escala pela cadeia. Com dois ou três anos dessa vida, aos 18 ou 19, estará perdida. Quantas, que começaram dessa maneira, tenho eu visto acabar assim! Mas, enfim, dizem que é preciso, é uma percentagem, um prêmio que tem de ser pago... certamente ao diabo... para garantir a tranquilidade dos outros. Uma percentagem! Inventam realmente lindas palavras e dão-lhes um ar científico que lhes fica a calhar! Quando se diz tantos por cento, está dito tudo, é um caso liquidado. Se dessem outro nome talvez à coisa, causassem mais preocupação... E quem sabe? Não poderá suceder que a Dunetchka seja também compreendida na percentagem do ano próximo, ou talvez ainda na deste?...”.

“Mas aonde queria ir?”, pensou ele subitamente. “É extraordinário. Tinha destino quando saí de casa. Logo que li a carta, saí... Ah, sim, agora me lembro: ia procurar Razumíkhin, em Vassíli Ostrof. Mas que ia fazer? Como me veio à ideia visitar Razumíkhin? É singular!”

Nem ele mesmo se entendia. Razumíkhin era um de seus antigos colegas da Universidade. É de notar que, quando Raskólnikov seguia o curso de Direito, vivia muito só, não frequentava a casa de nenhum dos colegas e não lhe agradava receber a visita deles, que não tardaram a pagar-lhe na mesma moeda. Nunca tomava parte nas reuniões nem nos divertimentos acadêmicos. Era admirado por sua aplicação, mas não tinha

a simpatia de ninguém. Muito pobre, orgulhoso e concentrado, sua existência parecia envolver um mistério. Os condiscípulos queixavam-se de Raskólnikov que os olhava indiferentemente, como se fossem crianças ou criaturas muito inferiores a ele intelectualmente.

No entanto ligara-se a Razumíkhin, ou, para melhor dizer, tinha mais confiança nele que noutro qualquer. Certamente o gênio franco e alegre do estudante despertava a maior simpatia. Era um rapaz muito vivo, expansivo e duma bondade extrema. Os mais inteligentes colegas reconheciam-lhe o merecimento e estimavam-no. Não era tolo, embora às vezes fosse de uma ingenuidade infantil. Seus cabelos negros, a cara por barbear, seu porte esguio, alto, atraíam logo a atenção.

Tinha fama de valente. Uma noite, percorrendo as ruas de São Petersburgo em companhia de alguns amigos, atirou ao chão com um murro um policial que media cerca de 1,90 metro de altura. Por vezes entregava-se à embriaguez mas, quando lhe convinha, mantinha-se na maior sobriedade. Se, às vezes, praticava loucuras imperdoáveis, noutras mostrava prudência e equilíbrio inexcedíveis. Nunca o viram acabrunhado, sucumbido ante uma contrariedade. Era homem para dormir num telhado, sofrer o frio e a fome, sem por um momento perder o seu bom humor habitual. Extremamente pobre, reduzido aos próprios recursos, ganhava a vida regularmente, porque era ativo e conhecia uns certos pontos onde lhe era possível obter dinheiro, pelo trabalho, é claro.

Passou todo um inverno sem fogo, e dizia a todo o mundo que isso era muito mais agradável, porque se dorme muito melhor quando se tem frio. Presentemente, tivera também de deixar a Universidade por falta de meios, mas esperava continuar o curso em breve, não desprezando coisa alguma para melhorar sua situação precária. Havia quatro meses que Raskólnikov não o visitava e Razumíkhin não sabia sua morada. Tinham-me encontrado, havia uns dois meses, mas Raskólnikov atravessara imediatamente para outra calçada, querendo ocultar-se do colega, que viu o amigo, mas, receando incomodá-lo, fez vista grossa.

CAPÍTULO V

“Realmente, não há ainda muito tempo que eu tencionava ir procurar Razumíkhin, para lhe pedir que me conseguisse algumas lições, ou um trabalho qualquer...”, pensava Raskólnikov, “...mas, agora, em que me pode ser útil? Demos de barato que me arranje algumas lições, suponhamos mesmo que dispondo de alguns copeques, se sacrifique em me emprestar dinheiro para umas botinas e roupas decentes, indispensáveis a um professor... muito bem, e depois? Que posso fazer com alguns copeques? É disso que preciso agora? Decididamente faço uma grande tolice indo à casa de Razumíkhin...”.

O desejo de saber o que ia agora fazer em casa do condiscípulo intrigava-o ainda mais do que a si próprio confessava, buscava ansiosamente algum significado sinistro nesse fato, aparentemente banal.

“Pois é possível que, no meio de minhas contrariedades e apoquentações, eu só tenha esperança em Razumíkhin? Pois realmente só ele poderá salvar-me?”

Refletia, esfregou os olhos e, repentinamente, depois de ter por algum tempo atormentado o espírito, em seu cérebro brotou uma ideia extraordinária.

“Pois vou à casa de Razumíkhin”, disse tranquilamente, como se tivesse tomado uma última resolução, “vou à casa de Razumíkhin, não há dúvida... mas não neste momento... Irei visitá-lo... no dia imediato, quando *aquilo* estiver concluído e minhas coisas tiverem mudado de aspecto”.

Mas, mal pronunciou essas palavras, reconsiderou:

“Quando *aquilo* estiver concluído!”, exclamou com um sobressalto que o fez erguer-se do banco. “Mas *isso* realizar-se-á? Será possível?”

Levantou-se e andou rapidamente. Seu primeiro movimento foi voltar para casa, mas custava-lhe entrar nesse horrível cubículo onde passara

mais de um mês planejando tudo *aquilo*! Essa ideia despertou-lhe a repulsa; pôs-se a andar ao acaso.

O tremor nervoso tomara caráter febril; sentia calafrios, apesar da temperatura muito elevada. Automaticamente, como que cedendo a uma necessidade interior, procurava fixar a atenção num sem-número de coisas que encontrava, para fugir à obsessão de uma ideia perturbadora. Mas em vão procurava distrair-se; voltava sempre às mesmas ideias. Quando ergueu a cabeça para olhar em redor, esqueceu por um momento o que o preocupava e mesmo o local onde se encontrava. E foi assim que atravessou todo o Vassíli Ostrof, alcançou o Pequeno Neva, passou a ponte e chegou às ilhas.

As árvores e a brisa fresca desanuviaram a princípio seus olhos habituados à poeira, à cal, às pirâmides de alvenaria. Respirava-se bem ali; não havia exalações mefíticas nem tavernas. Mas bem depressa essas novas sensações perderam o encanto cedendo lugar a uma irritação doentia. Por vezes, Raskólnikov parava em frente de alguma casa de campo, envolvida na vegetação: olhava pelas grades, via nas janelas mulheres elegantemente vestidas e crianças correndo pelos jardins. As flores lhe prendiam mais a atenção; pasmado, olhava-as mais que outra coisa. De vez em quando, passavam a seu lado cavaleiros e amazonas, esplêndidas equipagens; seguia-os com o olhar investigador e esquecia-os antes mesmo de os perder de vista.

De súbito parou e contou o dinheiro que trazia: uns trinta copeques. “Dei vinte ao policial e três a Nastácia pela carta; portanto, foram 47 ou cinquenta copeques que deixei ontem com os Marmêladov.” Verificando a situação da sua bolsa, obedeceu a uma razão qualquer, mas, um momento depois, não se lembrava do *motivo* por que contara o dinheiro; ocorreu-lhe mais tarde, passando em frente de uma taverna. Sentia fome.

Entrou, bebeu um cálice de aguardente e mordeu um bolo que foi comendo pelo caminho. Havia muito que não tomava bebidas alcoólicas. A pouca aguardente que bebera produziu logo efeito. Faltavam-lhe as pernas e começou a sentir forte sonolência. Quis voltar para casa, mas, quando chegou a Petróvski Oskof, viu que não podia continuar. Retornou; enveredou por entre arbustos; deitou-se na grama e dormiu instantaneamente.

O cérebro, no estado mórbido, tem sonhos, por vezes, de um relevo extraordinário, de uma espantosa semelhança com a realidade. Às vezes, o

quadro é monstruoso; mas o cenário e as cenas são tão naturais, os pormenores são tão sutis e apresentam em seu imprevisto um tão artificioso engenho, que o sonhador, embora fosse um artista como Púchkin ou Túrguenef, seria incapaz de pintar tão perfeitamente. Esses sonhos mórbidos gravam-se na memória e influem poderosamente no organismo já alquebrado do indivíduo.

Raskólnikov teve um sonho horrível. Voltou à infância e à pequena cidade em que vivia então com a família. Tinha sete anos. Nas tardes de festa, passeava com o pai pelo campo. O tempo está enevoadado, o ar pesado, os lugares são precisamente como a memória os recordava; em sonho, encontra até mais de um pormenor apagado na memória. Distingue perfeitamente a pequena cidade, em cujos arredores não se ergue um único salgueiro-branco. Lá muito ao longe, na linha do horizonte, a mancha negra de um bosquezinho. Para lá do último jardim, há uma taverna, junto da qual o pequeno nunca podia passar, quando passeava com o pai, sem sentir uma impressão de terror. Havia sempre ali uma chusma que berrava, ria, se enfurecia e brigava, ou que cantava com voz rouca coisas de apavorar! Nos arredores, andavam sempre ébrios de rostos horríveis!... Se se aproximavam, Ródia agarrava-se ao pai, tremendo como uma vara. A passagem que conduz à taverna está sempre coberta de uma poeira negra. A trezentos passos, o caminho desvia-se para a direita e contorna o cemitério da cidade, no centro do qual se ergue uma igreja de pedra com cúpula verde, onde, em criança, ia com os pais ouvir missa duas ou três vezes por ano, quando se celebravam ofícios pela alma de sua avó, falecida havia muito e que ele não chegara a conhecer. Levava sempre um bolo de arroz tendo em cima uma cruz feita de passas. Gostava muito dessa igreja, de seus ícones, do velho padre de cabeça trêmula. Ao lado da lápide que cobria a terra onde repousavam os restos da velhinha, havia um pequeno túmulo, o de seu irmão mais novo, que morrera com seis meses. Também não o conhecera, mas tinham-lhe dito que tivera um irmão; por isso, sempre que ia ao cemitério, fazia piedosamente o sinal da cruz quando chegava junto ao túmulo, inclinava-se respeitosamente e beijava-o. Eis, agora, o sonho de Raskólnikov: segue com o pai pelo caminho que leva ao cemitério, passam em frente à taverna; o pequeno agarra-se à mão do pai e olha assustado para a casa odiada onde reina uma animação superior à do costume. Estão lá muitos burgueses e camponesas com seus maridos, todos com roupas endomingadas, toda uma ralé. Bêbados, cantam

todos. Em frente à porta da taverna, está um desses carroções que servem para transportar pipas de vinho, e que, geralmente, são puxados por vigorosos cavalos, de grossas pernas e crina farta. Raskólnikov tinha sempre prazer em admirar esses enormes animais, capazes de arrastar as mais pesadas cargas sem sentirem a menor fadiga. Mas, agora, ao carroção estava atrelado um cavalicoque ruço, de uma magreza horrível, um desses tristes sendeiros que os mujiques obrigam a puxar enormes carros de lenha ou de feno e que atormentam com pancadaria, chegando mesmo a bater-lhes nos olhos quando os desgraçados fazem debalde esforços para tirar o veículo atolado na lama. Esse espetáculo, que Raskólnikov por vezes presenciara, umedecia-lhe sempre os olhos, e a mãe nunca, em tal caso, deixava de o afastar da janela. Repentinamente, faz-se um grande tumulto; da taverna, saem gritando, cantando e tocando balalaica mujiques completamente embriagados, vestindo camisas vermelhas e azuis e com os capotes nos ombros.

— Subam, subam! — grita um rapaz muito novo, de pescoço taurino, avermelhado. — Levo-os todos, subam! — Essas palavras provocam gargalhadas e exclamações.

— Fazer andar este lazarento!

— Tu estás doido, Mikolka. Pois vais pôr um cavalo tão pequeno e velho em semelhante carro?!

— Isto é animal de seus vinte anos!

— Subam, subam! Levo-os todos — diz novamente Mikolka, que salta para o carro, toma as rédeas e fica de pé na almofada do veículo. — O cavalo baio foi há pouco com o Matvei, e este diabo, meus amigos, faz-me de palhaço. Minha vontade era matá-lo; não vale o que come. Subam, subam, e verão como o farei galopar! Olé se faço!

E pega no chicote satisfeito com a ideia de bater no pobre animal.

— Subam, vamos! Ele não diz que o faz galopar? — repete a multidão, cercando o carro e caçoando.

— Há dez anos, com certeza, que não galopa.

— Não tenham dó, meus amigos, pegue cada um em seu chicote e preparem-se!

— Está dito, vamos a isso!

Sobem para a carroça de Mikolka, rindo e chacoteando. Já lá estão seis passageiros e há ainda lugar. Entre eles vai uma aldeã gorducha, de faces

rubras, vestindo jaleco de algodão vermelho com uma espécie de coifa ornada de miçangas e grossos sapatos de couro. Trinca nozes e, de quando em quando, solta uma gargalhada. Na multidão que rodeia o carroção, rompem também as risadas; e, na verdade, quem não há de rir ao pensar que tal sendeiro arrastará a galope toda esta gente! Dois dos homens que subiram para o carro pegam em chicotes, dispostos a ajudar Mikolka.

— Agora! — grita ele. — O animal puxa com toda a pouca força, mas, longe de galopar, mal pode dar um passo; escorrega, resfolega e encolhe-se todo, recebendo as repetidas chicotadas que os três lhe vibram no dorso. Redobra a alegria no carro e na multidão; mas Mikolka perde a paciência e, desesperado, bate furiosamente no cavalo como se realmente esperasse fazê-lo galopar.

— Deixem-me subir também! — exclama dentre os circunstantes um rapagão que está ansioso por se juntar ao alegre bando.

— Sobe — responde Mikolka —, subam todos, ele pode com todos; há de poder por força!

— Papai, papai — grita a criança —, papai, que faz essa gente? Papai, estão a bater no pobre cavalinho!

— Vamos, vamos! — diz o pai. São bêbados que se divertem, estúpidos... Vem, não olhes para lá! — E tenta levá-lo; porém Ródion desprende-se da mão paterna e vai para junto do cavalo. Mas o pobre animal não pode mais. Arquejante, após um momento de descanso, volta a puxar inutilmente.

— Chicote até matá-lo! — grita Mikolka. — Não há outra coisa a fazer. Eu ajudo!

— Bem se vê que não és cristão, lobisomem! — exclama um velho entre a turba.

— Viu-se, alguma vez, um animalzinho assim puxar tal carga? — acrescenta outro.

— Tarado! — grita outro.

— Ele não é teu, ouviste? É meu. Posso fazer o que me aprouver. Suba mais gente, subam todos. Há de galopar à força!...

Mas a voz de Mikolka é abafada por fortes gargalhadas. À força de pancadas e, apesar de sua extrema fraqueza, o cavalo desatou aos coices. A hilaridade geral propaga-se até o velho. Na verdade, o caso é para rir: um animal que não se sabe por que milagre se aguenta nas pernas, a escoicear!

Da multidão saem dois indivíduos que se armam de chicotes e vão, um da esquerda, outro da direita, espancar o cavalo.

— Deem-lhe na cabeça! Nos olhos! Nos olhos! — grita Mikolka furioso.

— Vamos a uma canção, rapaziada? — propõe um dos do carro. E todos entoam em coro uma canção, que um pandeiro vai acompanhando. A aldeã trinca nozes e ri...

Ródion aproxima-se do animal e vê que lhe batem nos olhos! Seu coração confrange-se, as lágrimas correm-lhe em fio. O chicote de um dos facínoras toca-lhe a cara; nem o sente. Torce desesperadamente as mãos e soluça. Acerca-se do velho de barbas e cabelos brancos que, balouçando a cabeça, reprova aquela selvageria. Uma mulher toma-o pela mão e quer afastá-lo do bárbaro espetáculo. Mas ele esquiva-se e volta para junto do animal, que já não pode mais e faz um último esforço para escoicear.

— Ah, miserável! — grita ferozmente Mikolka. — Bandido! — Larga o chicote, tira do fundo do carro um pesado varal de madeira e, pegando-o por uma extremidade com as duas mãos, brande-o com esforço sobre o cavalo.

— Escangalha-o! — gritam em redor.

— Mata-o!

— Mata-o!

— É meu! — grita Mikolka, e o varal, vibrado por seus vigorosos braços, cai estrondosamente no costado do animal.

— Batam-lhe! Batam-lhe! Por que param? — repetem várias vozes na turba.

De novo o pau se ergue, de novo desce sobre o dorso da desgraçada besta, que cai com a violência da pancada. Contudo faz um supremo esforço e, com o pouco alento que lhe resta, puxa em diferentes direções, tentando escapar do suplício; mas, por todos os lados, vibram os chicotes dos algozes. O pau manejado por Mikolka desanca ainda outra vez a vítima. O bruto está furioso por não matar o animal de uma só pancada.

— Tem fôlego de gato — gritam os espectadores.

— Não terá por muito tempo; sua última hora chegou — observa alguém.

— Um machado! — lembra outro. — É a maneira de acabar já com ele.

— Deixem-me passar! — gritou freneticamente Mikolka largando o varal e procurando, no fundo da carroça, uma alavanca de ferro. — Afastem-se! — exclama e atira uma violenta pancada sobre o animal. O cavalo cai, quer ainda puxar, mas uma segunda pancada atira-o por terra, como se de um só golpe lhe tivessem cortado as pernas.

— Vamos matar este diabo — brada Mikolka saltando à terra. E toda aquela canalha lança mão do que encontra, paus, chicotes, varas e atira-se sobre o cavalo agonizante. Mikolka, junto do animal, bate-lhe com a alavanca de ferro. Ele estica-se, estende o pescoço e dá um último arranco.

— É um carnicheiro — gritou alguém na multidão.

— Mas por que não havia de galopar?

— É meu! — exclama Mikolka brandindo a alavanca, com os olhos injetados, parecendo lastimar-se de que a morte lhe roubasse a vítima.

— Bem se vê que não és cristão! — dizem indignados muitos curiosos.

O pequeno, desvairado, soluçando, vai por entre a turba que rodeia o animal; segura a cabeça ensanguentada do cavalo e beija-a nos olhos ternamente... Depois, num movimento de ódio, com os punhos cerrados, atira-se a Mikolka. Nesse momento, o pai, que há muito o procurava, descobre-o e leva-o dali.

— Vamos, vamos para casa!

— Papai, por que... mataram... o pobre animal? — pergunta por entre soluços a criança. Mas a respiração entrecorta-se, da garganta oprimida saem sons abafados.

— São atos de bêbados. Não temos nada com isso, vamos — responde o pai. Ródion aperta-o contra o coração, mas pesa-lhe muito sobre o peito... Quer respirar, gritar, e acorda, arquejante, com o corpo úmido e os cabelos empastados de suor.

Sentou-se junto de uma grande árvore e respirou longamente.

“Graças a Deus foi um sonho!”, pensou. “Mas dar-se-á o caso que seja um princípio de febre? Um sonho tão horrendo, dá-me que pensar.”

Sentia os membros despedaçados e a alma envolta num negro véu de confusão. Apoiou os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos.

“Meu Deus!”, monologou, “será possível que eu vá abrir com um machado o crânio dessa mulher!... Será possível que eu atravessasse o sangue e vá arrombar a fechadura, roubar e depois esconder-me, a tremer, ensanguentado... Senhor, isso será possível?”.

“Para que pensei nisso?”, continuou num tom de profunda surpresa. “Eu bem sabia que não era capaz de praticar tal crime. E para que me atormento com essa ideia? Ainda ontem, quando fui fazer aquele ensaio... compreendi logo que isso era superior às minhas forças. Depois, quando descia a escada, pensei que era ignóbil, infame, repugnante... Só a ideia de tal horror me aterrava... Não terei coragem... é superior às minhas forças! Quando mesmo meus raciocínios não dessem lugar à menor dúvida, quando mesmo todas as conclusões a que cheguei durante um mês fossem claras como a luz, exatas como a matemática, eu não poderia decidir-me a tal! Sou incapaz de fazê-lo... Mas por que será, sim; por que será, que mesmo agora?...”

Ergueu-se, olhou espavorido em torno, admirado de se encontrar em tal lugar, e seguiu pela ponte de T***. Estava pálido, os olhos brilhavam-lhe, a fraqueza manifestara-se em todo o seu ser, mas começava a respirar com mais desembaraço. Sentia-se aliviado do horrível peso que, por tanto tempo, o oprimira, e em sua alma a serenidade entrava de novo. “Senhor!”, suplicou, “mostra-me o caminho, e eu renunciarei a este sonho maldito!”.

Atravessando a ponte, contemplou tranquilamente o Neva e a majestade do crepúsculo. Apesar da fraqueza, nem mesmo sentia a fadiga. Dir-se-ia que o abscesso que havia um mês se formara em seu coração, acabava de rebentar. Agora, estava livre! O horrível malefício não produzia já seu efeito.

Mais tarde Raskólnikov lembrou-se do modo por que empregava o tempo nesses dias de crise, minuto por minuto; entre outras, uma circunstância vinha-lhe muitas vezes à ideia e, embora não tivesse nada de extraordinário, nunca pensaria nela sem uma espécie de terror supersticioso, dada a ação importante que exercera em seu destino.

Eis o fato que ficou sendo para ele um enigma: como se explicava que, estando ele fatigado, exausto, e devendo, naturalmente, voltar para casa pelo caminho mais curto e direto, tivesse a ideia de seguir pelo Mercado do Feno, onde nada, absolutamente nada, o chamava? É certo que essa volta não lhe alongava muito o caminho, mas era completamente desnecessária. É certo, também, que, muitas vezes, lhe sucedera chegar a casa sem dar atenção ao caminho seguido. “Mas”, perguntava a seus botões, “como se deu aquele encontro tão importante, tão decisivo para mim e, em todo caso, tão fortuito, que tive no Mercado do Feno, onde não havia razão para eu ir? Por que se deu esse encontro à mesma hora, no

momento preciso em que, nas disposições em que me encontrava, devia ter as mais graves, as mais funestas consequências?”. Parecia-lhe ver nessa fatal coincidência o efeito de uma predestinação.

Eram nove horas, mais ou menos, quando chegou ao Mercado do Feno. Os comerciantes fechavam as lojas, os vendedores preparavam-se para partir e os fregueses retiravam-se. Junto das tascas que, no mercado, ocupam o rés do chão da maior parte das casas, aglomeravam-se operários e indigentes. Esta praça e os *pereuloks*⁵ vizinhos eram os locais que Raskólnikov frequentava com prazer, quando saía de casa sem destino. Com efeito, naqueles lugares seus andrajos não davam na vista, podendo passear à vontade. Na esquina do *pereulok* K***, uns mercadores, marido e mulher, vendiam miudezas, dispostas em dois tabuleiros.

Embora se dispusessem também a ir para casa, tinham-se demorado a conversar com alguém que se aproximara deles. Esse alguém era Isabel Ivanovna, irmã mais nova de Alena Ivanovna, a usurária à casa de quem Raskólnikov fora no dia anterior empenhar o relógio e fazer seu “ensaio”. Havia muito que ele sabia o que precisava sobre Isabel, e também ela o conhecia um pouco. Era uma solteirona alta, magra e feia, de 35 anos, tímida, de modos suaves, meio idiota. Tremia diante da irmã, que a tratava como a uma escrava, obrigando-a a trabalhar dia e noite para ela e batendo-lhe às vezes. Nesse momento, sua fisionomia tinha um ar de indecisão. Estava de pé, com um pequeno pacote na mão, ouvindo atentamente o que diziam os mercadores, que lhe explicavam qualquer coisa, calorosamente. Quando Raskólnikov viu Isabel, teve uma sensação estranha, como de espanto, conquanto o encontro nada tivesse de singular.

— É preciso que venha para se tratar o negócio, Isabel — disse o mercador. — Venha amanhã, das seis para as sete horas. Eles também virão.

— Amanhã? — perguntou com voz dolente Isabel, que apenas parecia decidir-se.

— Tem receio de Alena Ivanovna? — interrompeu a mercadora com ar decidido. — É inacreditável que se deixe dominar inteiramente por uma criatura que não passa de sua irmã de leite!

— Dessa vez não diga nada a Alena Ivanovna — interrompeu o marido. — O que lhe aconselho é vir até aqui sem lhe pedir licença. Trata-se de um negócio vantajoso, sua irmã depois se convencerá disso.

— E a que horas devo vir?

— Amanhã, das seis para as sete; há de vir também alguém de casa deles. É preciso que esteja presente para se tratar da coisa.

— Haverá uma xícara de chá para você — continuou a mulher do mercador.

— Pois bem, virei — disse Isabel pensativa. E preparou-se para se despedir.

Raskólnikov passara já o grupo formado pelos três e não pôde ouvir mais. De propósito demorara o passo, para não perder uma única palavra da conversa. À surpresa do primeiro momento sucedeu em seu espírito um terror que o fazia tremer. O acaso acabava de lhe fazer saber que, no dia seguinte, às sete horas da noite em ponto, Isabel, a irmã e única companhia da velha estaria ausente e que, portanto, no dia seguinte, às sete horas, a velha *estaria só em casa...*

Raskólnikov estava perto de casa. Entrou em seu cubículo como se tivesse sido condenado à morte. Não pensava, nem podia pensar em nada; sentia subitamente em todo o seu ser que não dispunha nem de vontade nem de livre-arbítrio, e que estava definitivamente decidido.

É evidente que poderia esperar anos inteiros por uma ocasião propícia, provocá-la mesmo, sem achar ensejo tão seguro como o que acabava de se lhe oferecer.

Ainda assim, ser-lhe-ia difícil saber de véspera, e de boa fonte, sem correr risco algum, sem se comprometer com perguntas perigosas, que, no dia imediato, a tal hora, uma certa velha que ele queria matar estaria só em casa.

CAPÍTULO VI

Raskólnikov soube depois com que fim o negociante e a mulher haviam convidado Isabel a ir à casa deles. O caso era simples. Uma família estrangeira, na miséria, queria desfazer-se de alguns objetos, principalmente roupas de mulher. Essa gente desejava entender-se com uma adeleira, e Isabel exercia essa profissão. Tinha larga clientela, porque era honesta e oferecia preços mais vantajosos; com ela não era necessário regatear. Falava pouco. Como dissemos, era submissa e tímida.

Mas havia algum tempo que Raskólnikov se tornara supersticioso, e, mais tarde, quando pensava no caso, estava sempre disposto a ver nele a ação de causas estranhas, misteriosas. No inverno anterior, um estudante seu conhecido, Pokórief, antes de regressar a Kárkof, dera-lhe o endereço da velha adeleira Alena Ivanovna, para o caso de necessitar empenhar qualquer objeto. Durante muito tempo, Raskólnikov não foi à casa da velha, porque as lições lhe garantiam a subsistência. Mês e meio antes dos acontecimentos que narramos, lembrou-se do endereço; tinha dois objetos pelos quais poderia obter algum dinheiro de empréstimo: um velho relógio de prata que pertencera a seu pai e um anel de ouro, com três pequenas pedras vermelhas, oferta de sua irmã no momento de se separarem.

Decidiu então levar o anel a Alena Ivanovna. Logo à primeira vista, e antes mesmo de saber qualquer coisa a seu respeito, a velha inspirou-lhe ódio. Depois de ter recebido de suas mãos de usurária “dois bilhetinhos”, entrou num *traktir*⁶ ordinário que encontrou no caminho. Abancou-se, pediu chá e pôs-se a refletir. Um pensamento estranho, vago, ainda mal definido, dominava seu espírito. Numa mesa próxima estava sentado, junto de um oficial, um estudante que ele não conhecia e nunca encontrara. Os dois acabavam de jogar bilhar e dispunham-se a tomar chá. Subitamente, Raskólnikov ouviu o estudante dar ao oficial o endereço de Alena Ivanovna, secretária de colégio, que emprestava sobre penhores. A nosso homem pareceu já extraordinário ouvir falar de uma pessoa à casa

de quem fora pouco antes. Era por certo mero acaso, mas Raskólnikov lutava, nesse momento, com a impressão de que não podia vencer e, eis senão quando, como se fora de propósito, alguém vinha aumentar essa impressão; o estudante contava efetivamente ao amigo diversos pormenores sobre o negócio de Alena Ivanovna.

— É um excelente recurso — dizia ele —, temos sempre meio de obter dinheiro em casa dela. Rica como um judeu, pode, de um instante para outro, emprestar cinco mil rublos, e, no entanto, aceita penhores no valor de um. É uma criatura providencial para nós, mas que megera hedionda!

E contou que ela era má, caprichosa, que nem 24 horas de espera concedia, que todo penhor que não fosse retirado no dia fixado no contrato estava irremediavelmente perdido para o dono; emprestava por um objeto apenas a quarta parte do valor, cobrando cinco e até sete por cento de juros ao mês etc. O estudante, disposto a tagarelar, informou ainda que a miserável era de pequeníssima estatura, o que não a impedia de, às vezes, bater na irmã, Isabel, e de a manter na mais completa dependência, apesar de seus dois *archines* e oito *verchoks* de altura.⁷

— Outro fenômeno — disse ele rindo.

A conversa descambou para Isabel. O estudante falava dela jovialmente, rindo sempre. O oficial escutava-o atentamente e pediu-lhe que mandasse Isabel à sua casa para a encarregar do arranjo de roupa. Raskólnikov não perdeu uma única palavra dessa conversa; soube assim muitas coisas. Mais nova do que Alena Ivanovna, de quem era apenas irmã colaça, Isabel tinha 35 anos. Trabalhava dia e noite para a velha. Em casa, fazia os serviços de cozinha e lavadeira. Fazia trabalhos de costura que vendia, ia lavar casas, e tudo quanto ganhava ia parar nas garras aduncas da irmã. Não se atrevia a aceitar nenhum trabalho, qualquer encomenda, sem prévia autorização de Alena Ivanovna. Ela, e Isabel bem o sabia, fizera já testamento, no qual a irmã era apenas contemplada com os móveis. Querendo estabelecer uma fundação perpétua de orações em sufrágio de sua alma, a velha legara toda a fortuna a um convento na província de N***. Isabel pertencia à classe burguesa e não ao Tchin. Era uma mulher alta e deselegante, de pés enormes espalhados, sempre calçados em velhos sapatos de pele de cabra, sem saltos, mas muito cuidadosa com sua pessoa. O que mais provocava a hilaridade do estudante era Isabel estar sempre grávida...

— Mas tu dizes que ela é horrível! — observou o militar.

— É muito trigueira realmente; parece um soldado vestido de mulher; mas não se pode dizer que seja um monstro. A fisionomia é muito bondosa e os olhos têm uma grande expressão de ternura... A prova está em que agrada a muita gente. É muito pacata, paciente, meiga, caráter dócil... E o sorriso chega a ser atraente.

— Dar-se-á o caso de gostares dela? — perguntou o oficial rindo.

— Agrada-me pela excentricidade. Quanto à maldita velha, asseguro-te que era capaz de a assassinar para roubá-la, sem o menor remorso — acrescentou vivamente o estudante.

O oficial riu-se, e Raskólnikov estremeceu. Essas palavras tinham um extraordinário eco em seu coração!

— Ouve, vou fazer-te uma pergunta a sério — disse muito animado o estudante. — Há pouco gracejava, sem dúvida; mas olha, de um lado temos uma velha doente, parva, estúpida, má, um ente que não é útil a ninguém e que, pelo contrário, é prejudicial a todos, cuja existência não se justifica e que pode amanhã morrer de morte natural. Estás percebendo?

— Entendo — respondeu o oficial, que, vendo o amigo entusiasmado, ouvia-o com interesse.

— Bem. Do outro lado, o vigor da mocidade, frescura que se fana e se perde por falta de amparo, e disso vemos nós aos milhares e por toda parte! Quantas centenas ou milhares de obras úteis se poderiam fazer com o dinheiro que aquela velha vai legar a um convento? Poderia talvez reconduzir-se ao bom caminho centenas, milhares de crianças; dezenas de famílias arrancadas às garras da miséria, à ruína, à dissolução, ao vício, aos hospitais — e tudo com o dinheiro daquela mulher! Matem-na e apliquem o dinheiro em benefício da humanidade. E julgas que o crime — se é que nisso há crime — não seria sobejamente compensado por um sem-número de obras meritórias? Por uma só vida, milhares de vidas arrancadas à perdição! Por uma criatura de menos, cem criaturas restituídas à vida! Mas é uma questão de aritmética! Quanto pesa, na balança social, a vida de uma mulher decrépita, estúpida e ruim? Menos do que a vida de um piolho ou de um percevejo; menos certamente, porque essa velha é uma criatura malfazeja, um flagelo de seus semelhantes. Recentemente, encolerizada, mordeu com tal fúria um dedo de Isabel, que pouco faltou para cortá-lo totalmente!

— Sem dúvida, não merece viver — observou o oficial. — Mas que queres tu? A natureza...

— Oh, meu caro amigo, a natureza corrige-se, emenda-se; se não fosse assim, ficava-se sempre preso a preconceitos. Sem isso, não haveria grandes homens. Fala-se do dever, da consciência — e eu nada direi em contrário, — mas como interpretamos essas palavras? Se me dás licença, vou ainda fazer-te outra pergunta.

— Perdão, cabe-me agora a vez de interrogar. Deixa-me perguntar-te uma coisa.

— Pergunta!

— É isto, tu estás a falar com rasgos de eloquência, mas responde-me apenas a isto: és capaz de matar essa velha? Sim ou não?

— Certo que não! Eu falo em nome da justiça... Não se trata de mim...

— Assim, uma vez que declaras não seres capaz de a matar, é porque a ação não seria muito regular. Jogamos mais uma partida?

Raskólnikov sentia-se extraordinariamente inquieto. Certamente esse diálogo nada tinha de singular, que o impressionasse. Mais de uma vez, ouvira ideias análogas; apenas o tema era diferente. Mas como sucedeu que o estudante expusesse exatamente as ideias que, nesse momento, afluíam ao cérebro de Raskólnikov? E por que acaso singular ele próprio, exatamente quando saía da casa da velha, ouvia falar dela? Tal coincidência sempre lhe pareceu extraordinária. Estava escrito que essa simples conversa de taverna teria uma influência decisiva em seu destino...

* * *

Quando voltou do Mercado do Feno, atirou-se no divã, onde ficou imóvel durante uma hora. No quarto, reinava completa escuridão. Não havia vela, e, ainda que houvesse, não pensaria em acendê-la. Nunca pôde lembrar-se se, durante esse tempo, pensou em alguma coisa. Por fim, apoderaram-se dele os mesmos arrepios febris de há pouco, e então ocorreu-lhe a ideia de deitar-se. Um sono profundo bem depressa o tomou.

Dormiu muito mais do que costumava e não sonhou. Nastácia, que entrou no quarto no dia seguinte, às dez horas, teve dificuldade em acordá-

lo. A rapariga trazia-lhe pão e, como no dia antecedente, o resto de seu chá.

— Ainda não se levantou! — exclamou indignada. — Como é que se pode dormir assim!

Raskólnikov ergueu-se com esforço. Tinha dores de cabeça. Pôs-se de pé, deu um grito no quarto e novamente se deixou cair no divã.

— Outra vez! — exclamou Nastácia. — Estás doente?

Ele não respondeu

— Queres chá?

— Depois — murmurou a custo; e, cerrando os olhos, voltou-se para a parede. Nastácia, de pé, observava-o.

— Talvez esteja doente — disse antes de retirar-se.

Às duas horas voltou, trazendo sopa. Raskólnikov estava ainda deitado. Não tomara o chá. A rapariga zangou-se e começou a sacudi-lo violentamente.

— Que tens tu para dormir dessa forma? — disse olhando-o com desprezo.

Ele sentou-se, não respondeu, e conservou os olhos fixos no chão.

— Estás doente ou não? — interrogou Nastácia.

Como a primeira, essa segunda pergunta não obteve resposta.

— Devias sair — aconselhou ela após breve silêncio —, o ar havia de fazer-te bem. Comes alguma coisa, não é assim?

— Depois — murmurou Raskólnikov com voz débil. Deixa-me. — E apontou-lhe a porta.

Nastácia demorou-se ainda um momento observando-o com compaixão e por fim saiu.

Ao fim de alguns minutos, ele ergueu os olhos, deu com o chá e a sopa e começou a comer.

Engoliu três ou quatro colheradas sem apetite, maquinalmente. A dor de cabeça passara. Quando terminou a ligeira refeição, estendeu-se outra vez no divã, mas não pôde conciliar o sono e ficou de bruços, imóvel, com a cara sobre a almofada. Sua fantasia mórbida recordava continuamente quadros fantásticos: imaginava-se na África, no Egito; fazia parte de uma caravana parada num oásis; em volta, cresciam palmeiras, os camelos descansavam, os viajantes dispunham-se a jantar; ele dessedentava-se

numa límpida fonte, através de cuja água azulada, de deliciosa frescura, se viam no fundo pedras de diversas cores e areias palhetadas de ouro.

De repente, o bater de um relógio chegou-lhe distintamente ao ouvido, fazendo-o estremecer. Chamado à realidade, ergueu a cabeça, olhou para a janela e, depois de ter calculado que horas seriam, ergueu-se precipitadamente. Andando na ponta dos pés, aproximou-se da porta, abriu-a com a maior precaução e escutou. O coração palpitava-lhe violentamente. A escada estava no mais completo silêncio. Parecia que toda a gente da casa dormia... “Como pude deixar tudo para o último momento? Nada fiz, nada preparei!”, disse de si para si, sem dar razão a tal descuido... E talvez fossem seis horas que acabavam de soar.

À inércia sucedeu repentinamente nele uma atividade febril. Os preparativos, aliás, não eram demorados. Procurava não esquecer-se de coisa alguma; o coração palpitava-lhe com tal violência que dificilmente respirava. Em primeiro lugar, tinha de fazer um nó corredio e adaptá-lo ao casaco: trabalho de um minuto. Procurou entre a roupa que lhe servia de travesseiro uma camisa velha que já não fosse possível consertar. Rasgou-a e com as tiras fez uma espécie de ligadura de oito palmos de comprimento e um de largura.

Depois de a ter dobrado em duas, tirou o casaco de fazenda de algodão espessa e forte (era o único que possuía) e começou a coser pelo lado de dentro, debaixo do sôvaco esquerdo, as duas pontas da ligadura. As mãos tremiam-lhe ao executar esse trabalho; completou-o ainda assim com tal perfeição que, quando vestiu o casaco, nenhum vestígio aparecia exteriormente. Havia muito tempo que comprara a agulha e a linha; bastara tirá-las da gaveta.

Quanto ao nó corredio, destinado a conduzir o machado, era resultado de uma ideia engenhosa que tivera 15 dias antes. Aparecer na rua com um machado na mão era impossível! Esconder a arma sob o casaco era obrigar-se a estar constantemente com a mão sobre ela, e essa posição forçada chamaria, sem dúvida, a atenção; ao passo que, apoiado pelo ferro no nó corredio, o machado não cairia nem o obrigaria a constranger-se. Podia mesmo evitar que se movesse: bastava segurar a extremidade do cabo com a mão metida no bolso. Dada a largura do casaco — um verdadeiro saco —, o movimento da mão no bolso não podia ser notado.

Concluída a tarefa, Raskólnikov estendeu o braço para o divã, e, introduzindo os dedos numa fenda do soalho, tirou de lá o penhor de que

tivera o cuidado de se munir antecipadamente. Na verdade, esse objeto de nada valia; era uma simples régua de madeira envernizada, com o comprimento e a largura de uma cigarreira de prata usual. Num de seus passeios, achara casualmente esse pedaço de madeira, junto de uma marcenaria. Aplicou-lhe uma pequena chapa de ferro, delgada e polida, mas de menores dimensões, que também apanhara na rua. Depois de as apertar uma contra a outra, ligou-as com um barbante e embrulhou tudo num pedaço de papel branco.

Esse pequeno embrulho, ao qual procurava dar uma aparência elegante, foi, em seguida, atado de forma que tornava muito difícil a operação de desatá-lo. Era um meio de prender por momentos a atenção da velha; enquanto ela procurasse desmanchar o nó, Raskólnikov poderia aproveitar a ocasião propícia. A chapa de ferro destinava-se a fazer pesar mais o embrulho, a fim de que, no primeiro momento ao menos, a usurária não desconfiasse que lhe levavam uma simples régua de madeira. Raskólnikov metera o embrulho no bolso, quando ouviu alguém dizer do lado de fora:

— Já deram sete há muito!

“Há muito! Meu Deus!”

Correu para a porta, aplicou o ouvido e começou a deslizar pelos degraus como um gato. Faltava o essencial: ir buscar o machado na cozinha. Havia muito que ele decidira servir-se de um machado. Tinha em casa uma podadeira, mas a arma inspirava-lhe pouca confiança e menos confiança ainda lhe merecia sua força; a escolha recaiu definitivamente no machado. Deve-se notar, a propósito, uma particularidade: à medida que suas resoluções tomavam caráter definitivo, percebia mais claramente o absurdo e o horror delas. Apesar da medonha luta que se feria no foro íntimo, nem por um momento podia admitir que viesse a executar seu projeto.

Mais ainda. Se o problema fosse fácil, se todas as dúvidas se desvanecessem, se todas as dificuldades se removessem, naturalmente teria renunciado logo a seu intento, como a um absurdo, a uma monstruosidade, a um impossível. Mas restava-lhe ainda um certo número de pontos a decidir, de problemas a resolver. Quanto a obter o machado, não se preocupava com isso; nada mais fácil! Nastácia, à noite, quase nunca estava em casa, ia para a das amigas vizinhas ou para as lojas, o que provocava grandes zangas da patroa.

Na ocasião própria, bastaria, pois, entrar na cozinha e tirar o machado, indo pô-lo no lugar uma hora depois, quando tudo estivesse concluído. Mas, ainda assim, poderiam surgir dificuldades. “Suponhamos”, pensava Raskólnikov, “que, daqui a uma hora, quando eu vier pôr o machado na cozinha, Nastácia já esteja em casa. Nesse caso, terei de esperar uma nova ausência da criada. E se ela tiver dado pela falta do machado? Naturalmente procura-o, resmunga, quem sabe?, porá talvez a casa em rebuliço, e eis aí uma circunstância perigosa”.

Mas tudo isso eram pormenores com que ele não queria preocupar-se; não tinha tempo para isso. Tratava do essencial, pondo de parte os acessórios, nos quais pensaria apenas quando tivesse tomado uma resolução sobre o caso. Esta última condição, a essencial, parecia-lhe decididamente irrealizável; não imaginava que, no momento dado, deixaria de refletir e iria direto ao fim... Mesmo no último *ensaio* (na visita que fizera à velha para se assegurar da situação), faltou-lhe muito para se *ensaiar* completamente. Comediante sem convicção, não sustentara o papel e fugira indignado contra si próprio.

Contudo, do ponto de vista moral, Raskólnikov tinha razões para considerar o caso resolvido. Sua casuística, como uma lâmina afiada, cortara todas as objeções; mas, não as encontrando já no espírito, tentava encontrá-las fora dele. Dir-se-ia que, levado por um poder irresistível, sobre-humano, procurava desesperadamente um ponto fixo a que se agarrar. Os acontecimentos operaram-se nele de uma forma absolutamente automática; tal como um homem que, apanhado pelo casaco nas rodas de uma engrenagem, se achasse logo preso pela própria máquina.

O que mais o preocupava, e em que muitas vezes pensava, era a razão por que todos os crimes são tão facilmente descobertos, bem como a pista de quase todos os criminosos.

Chegou a diversas conclusões curiosas. Em seu modo de ver, a principal razão do fato consistia menos na impossibilidade material de ocultar o crime do que na própria personalidade do criminoso; num grande número de casos, ele experimentava, na ocasião do crime, uma diminuição da vontade e do entendimento, e era por isso que procedia com leviandade pueril e uma negligência extraordinária, quando mais necessárias lhe eram a precaução e a prudência.

Raskólnikov comparava esse lapso das faculdades intelectuais e o desfalecimento da vontade a uma afecção doentia que se manifestava

pouco a pouco, que atingia o máximo de intensidade pouco antes de praticado o crime e subsistia da mesma forma durante o ato e ainda depois (mais ou menos tempo, conforme os indivíduos) para terminar, como todas as doenças. Um ponto sobre o qual tinha dúvida era se a doença determinava o crime ou se o próprio crime, em virtude de sua natureza, não seria sempre acompanhado de algum fenômeno mórbido. Mas não se sentia ainda em condição de resolver esse caso.

Raciocinando assim, persuadiu-se de que estava ao abrigo de semelhantes desordens morais, que conservaria plenamente a inteligência e a vontade enquanto praticasse o atentado, pela simples razão de que esse atentado “não era um crime”... Passaremos sobre os argumentos que o levaram a essa conclusão, limitando-nos a dizer que, em suas preocupações, o lado prático, as dificuldades materiais, ficariam em último plano. “Conserve eu a serenidade e a força de vontade que, quando chegar o momento, triunfarei de todos os obstáculos...” Mas não se decidia. Confiava menos do que nunca na persistência de suas resoluções, e, quando chegou o momento, despertou como de um sonho.

Não chegara ainda ao fim da escada quando uma insignificante circunstância o desnorteou. No patamar, onde a senhoria residia, encontrou, como sempre, aberta de par em par a porta da cozinha e olhou disfarçadamente para dentro: não estaria lá a dona da casa, na ausência de Nastácia, e, quando não estivesse, estaria a porta do quarto bem fechada? Ela não o veria de lá, quando fosse buscar o machado? Era disso que pretendia certificar-se. Mas ficou espantado ao ver que Nastácia estava na cozinha, tirando roupa de um cesto e estendendo-a em cordas. Quando nosso homem se aproximou, a rapariga, interrompendo o trabalho, voltou-se e fitou-o até ele desaparecer.

Raskólnikov desviou os olhos e passou, fingindo não ter reparado. Lá fora tudo por água abaixo: não tinha machado! Essa contrariedade abalou-o profundamente.

“Como me convenci”, pensava ele descendo os últimos degraus da escada, “de que precisamente nesse momento Nastácia devia estar ausente? Como se encasquetou isso em minha cabeça!”.

Sentia-se sucumbido. Despeitado, teve vontade de rir de si próprio. Em todo o seu ser refervia uma cólera selvagem.

Parou indeciso diante do portão. Ir para a rua sem destino? Não estava disposto a isso. Mas era muito desagradável tornar a subir e ir meter-se no

quarto. “E pensar que perdi uma ocasião como esta!”, resmungou de pé, em frente do cubículo do *dvornik*, cuja porta estava aberta.

Repentinamente estremeceu. Na treva do compartimento, a dois passos dele, brilhava qualquer coisa debaixo de um banco, à esquerda... Raskólnikov olhou em redor. Ninguém. Aproximou-se cautelosamente do cubículo, desceu os dois degraus, e chamou em voz baixa o *dvornik*. “Bem, não está aqui, mas não deve ter ido longe, porque deixou a porta aberta.” Com a rapidez do relâmpago correu para o machado (era realmente um machado) e tirou-o de debaixo do banco onde estava entre duas achas. Colocou-o no nó corredio, meteu as mãos nos bolsos e saiu. Ninguém o vira! “Não foi a inteligência que me ajudou neste lance, foi o diabo!”, pensou com um sorriso estranho. O feliz acaso que acabava de o auxiliar contribuiu extraordinariamente para o animar.

Na rua, caminhou tranquilamente, *gravemente*, sem se apressar, receando despertar suspeitas. Não olhava para ninguém, procurava mesmo atrair o menos possível a atenção. De repente, pensou no chapéu. “Meu Deus! Anteontem tive dinheiro, podia tão facilmente ter comprado um boné!” E, do fundo da alma, partiu uma imprecisão.

Olhando por acaso para uma loja, verificou serem sete horas e dez minutos. O tempo urgia, e no entanto não podia deixar de fazer uma volta, porque não queria que o vissem chegar à casa da velha por aquele lado.

Antes, quando tentava representar na mente a situação em que ora se encontrava, parecia-lhe por vezes que estaria muito assustado. Mas, ao contrário de sua expectativa, não sentia receio algum. Ao espírito apresentavam-se-lhe pensamentos estranhos ao seu desígnio, mas a sua duração era rápida. Quando passou junto do jardim Iussupof, pensou que seria útil colocar em todas as praças públicas fontes que refrescassem o ar. Depois, por uma série de transições insensíveis, pensou que, se o Jardim do Verão tivesse a extensão do Campo de Marte e se ligasse com o jardim do Palácio Miguel, seria uma maravilha. Interessou-se em divagar sobre o porquê de as pessoas, nas grandes cidades, não serem premidas só pela necessidade, mas preferirem viver em bairros sem jardins e fontes, onde há lama, mau cheiro e imundície. Seus passos fizeram-no retomar, em pensamento, ao Mercado do Feno e, num instante, voltou à realidade. “Que asneira”, refletiu, “é melhor não fixar a ideia em coisa alguma”.

“É certamente por este modo que as pessoas levadas ao suplício demoram o pensamento em todas as coisas que encontram no caminho...”

Procurou afastar esta ideia... Entretanto, aproxima-se: eis o portão. De repente, ouve uma badalada. “Já serão sete horas e meia? É impossível; está adiantado, evidentemente!”

Mais uma vez o acaso favoreceu. No momento em que chegava defronte da casa, um grande carro de feno entrava pelo portão, tomando-o em quase toda a largura. Raskólnikov pôde transpor o limiar sem ser visto, metendo-se pelo intervalo entre o carro e o umbral.

Logo que entrou no pátio, dobrou imediatamente à direita. Do outro lado do carro, uns homens questionavam, gritando. Mas não o viram. Muitas das janelas que davam para o enorme saguão estavam abertas, mas ele nem ergueu a cabeça — não teve ânimo. A escada que conduzia ao quarto da velha estava perto, logo à direita do portão. Seu primeiro movimento foi alcançar-lhe os degraus.

Respirando e pondo a mão no coração para comprimir-lhe as violentas palpitações, preparou-se para subir a escada, depois de verificar que o machado estava bem seguro no nó corredio. A cada momento, aplicava o ouvido. Mas a escada estava deserta e as portas fechadas; não viu ninguém. No segundo andar estava aberto um compartimento desabitado, onde trabalhavam uns pintores, que também não o viram. Parou um instante, refletiu e continuou a subir. “Seria melhor que eles não estivessem ali, mas... por cima ainda há dois andares...”

Está, enfim, no quarto andar, à porta de Alena Ivanovna. A sala em frente está desocupada. No terceiro andar, a divisão que fica por baixo da habitada pela velha está também desocupada; o cartão que estava colocado na porta já lá não está; o inquilino mudou-se... Raskólnikov sufocava. Houve um momento em que hesitou: “Não faria melhor indo-se embora?” Mas, deixando a pergunta sem resposta, pôs-se a escutar por muito tempo, lançou novamente um olhar em redor e apalpou o machado. “Não estarei muito pálido? Não se notará perturbação em mim?”, pensava. “Ela é desconfiada... É melhor deixar passar algum tempo para serenar.”

Mas, em vez de diminuir, as pulsações de seu coração redobravam de violência... Não pôde esperar mais, e, levando a mão ao cordão da campainha, puxou-o. Segundos depois, tornou a tocar com mais força. Ninguém respondeu. Puxar pela campainha desabaladamente seria inútil e comprometedor. Por certo a velha, em casa, sozinha e desconfiada, não queria abrir. Conhecia os hábitos de Alena Ivanovna e aplicou novamente o ouvido à porta. Tinham desenvolvido as circunstâncias nele uma

especial faculdade de percepção (o que geralmente é difícil de admitir) ou com efeito era o ruído facilmente perceptível? Como quer que fosse, viu que uma mão se colocava cuidadosamente na maçaneta e um vestido roçava pela porta. Pela parte de dentro alguém fazia o mesmo que ele: escutava junto à fechadura, procurando dissimular a presença.

Propositadamente fez barulho, proferiu algumas palavras e tocou novamente e devagar a campainha, como quem não está impaciente.

Esse minuto deixou-lhe uma recordação imperecível. Quando, mais tarde, pensava nisso, não compreendia como pudera proceder com tanta astúcia, quando sentia uma emoção tal, que o privava momentaneamente das faculdades intelectuais e físicas... Momentos depois, percebeu que corriam o fecho.

CAPÍTULO VII

Como em sua última visita, Raskólnikov viu a porta entreabrir-se lentamente e, pela estreita fresta, dois olhos brilhantes fixarem-se nele com desconfiança. Nesse momento, a serenidade abandonou-o e chegou a fazer um disparate que podia ter estragado tudo.

Temendo que Alena Ivanovna tivesse medo de se achar a sós com um indivíduo cujo aspecto não era dos mais tranquilizadores, puxou a porta, para que a velha não tornasse a fechá-la. A usurária não tentou fazê-lo, mas não largou a maçaneta, sendo assim arrastada para o patamar. Como se conservasse atravessada no limiar e não deixasse a passagem livre, Raskólnikov avançou para ela. Assustada, deu um passo para trás, quis falar, mas não pôde pronunciar uma palavra e fitou o visitante com olhar espantado.

— Boa tarde, Alena Ivanovna — cumprimentou no tom mais despreocupado que pôde afetar — trago-lhe... um objeto... mas entremos... para avaliar, é preciso examiná-lo no claro...

E, sem esperar que a velha o convidasse a entrar, passou para o quarto. A usurária seguiu-o e soltou a língua.

— Meu Deus! Mas que quer? Quem é o senhor? Que deseja?

— Então, Alena Ivanovna, não me conhece? Raskólnikov! Tome, é o penhor de que lhe falei outro dia... E apresentou-lhe o embrulho.

Alena Ivanovna ia examiná-lo, mas, repentinamente, reconsiderou e, erguendo a cabeça, cravou um olhar penetrante e desconfiado no visitante que, sem cerimônia, se tinha introduzido em sua casa. Fitou-o assim durante um minuto. Raskólnikov julgou mesmo ler no olhar da velha uma expressão escarninha, como se ela já desconfiasse de tudo. Sentiu que perdia o sangue-frio, que começava a ter medo que, se esse inquérito mudo durasse mais meio minuto, ele fugiria.

— Por que olha assim para mim, como se não me conhecesse? — interrogou ele subitamente, escarninho também. — Se aceita o objeto, está

muito bem; se não o quer, acabou-se, vou a outro lugar; é desnecessário fazer-me perder tempo.

Essas palavras escaparam-lhe sem as ter premeditado.

A linguagem decidida de Raskólnikov causou ótima impressão na velha.

— Mas por que tem tanta pressa, *bátuchka*? E que é isto? — interrogou ela olhando o embrulho.

— É a cigarreira de prata de que lhe falei há dias.

A velha estendeu a mão.

— Como está pálido! E as mãos tão trêmulas! Estás doente, *bátuchka*?

— Tenho febre — respondeu ele secamente. “Como não se há de estar pálido quando não se tem o que comer”, concluiu a custo. As forças abandonavam-no novamente. Mas a resposta parecia natural; a velha aceitou o penhor.

— Que é? — perguntou outra vez, tomando o peso do embrulho, olhando fixamente o rapaz.

— Um objeto... uma cigarreira... de prata... veja.

— É singular, não parece de prata!... E como está atado!

Enquanto Alena Ivanovna tentava desatar o pequeno embrulho, ia-se aproximando da luz (a despeito do calor asfixiante, fechara todas as janelas); nessa posição, voltava as costas ao visitante e, durante um momento, não se preocupou com ele. Raskólnikov desabotoou o casaco e puxou o machado, sem o tirar completamente do nó corredo, limitando-se a segurá-lo com a mão direita. Sentia que seus membros se paralisavam. Receou deixar cair a arma... repentinamente, a cabeça começou a girar...

— Mas que diabo há aqui dentro? — exclamou Alena Ivanovna zangada, voltando-se para Raskólnikov.

Não havia um momento a perder. Tirou o machado de debaixo do casaco, levantou-o no ar segurando-o com ambas as mãos, e, quase maquinalmente, porque se sentia sem força, deixou-o cair sobre a cabeça da velha. Mas, apenas vibrou o golpe, voltou-lhe a energia física.

Alena Ivanovna estava, como de costume, com a cabeça descoberta. Os cabelos grisalhos e raros, untados com azeite, formavam uma pequena trança presa na nuca por um pedaço de pente de chifre. O golpe fendeu-lhe o sincipício, para o que contribuiu a pequena estatura da vítima, que apenas soltou um gemido e cambaleou, tendo, contudo, ainda forças para

levar as mãos à cabeça, numa das quais conservava o embrulho. Então Raskólnikov, cujos braços recuperaram todo o vigor, vibrou mais dois golpes no sincipício da avarenta. O sangue golfou abundante e o corpo caiu pesadamente no chão. Vendo a vítima cair, Raskólnikov recuou; mas, de repente, inclinou-se para o rosto da velha; estava morta. Os olhos desmesuradamente abertos pareciam querer saltar das órbitas; as convulsões da agonia tinham dado às feições dela um aspecto horrível.

O assassino deixou o machado no chão e preparou-se para revistar o cadáver, tomando as maiores precauções para não se manchar com o sangue; recordava-se de que, em sua última visita à velha, ela tirara as chaves do bolso direito do vestido. Estava em plena posse das faculdades intelectuais; não sentia vertigens nem o menor atordoamento, mas as mãos continuavam a tremer-lhe. Mais tarde, recordou-se de que fora muito cauteloso e que tivera muito cuidado em não se sujar... Encontrou logo as chaves; como da outra vez, estavam todas presas numa argola de aço.

Passou imediatamente ao quarto de dormir. Este compartimento era muito pequeno; de um lado havia um grande oratório cheio de ícones; do outro um leito muito limpo, com coberta de seda feita de retalhos e acolchoada. Junto da parede, uma cômoda. Caso singular! Quando Raskólnikov começou a experimentar as chaves, um arrepio percorreu-lhe o corpo. Pensou por um momento em abandonar tudo e retirar-se; mas esse pensamento durou um instante: era tarde demais para recuar.

Um sorriso contraía-lhe os lábios por ter pensado nisso, quando repentinamente teve um sobressalto terrível; se, por acaso, a velha não estivesse ainda morta e voltasse a si? Largou as chaves, correu para junto do corpo, pegou o machado e preparou-se para descarregar novo golpe sobre a vítima; mas a arma, já erguida, não desceu. Alena Ivanovna estava morta, não havia dúvida. Inclinando-se novamente para examiná-la de perto, Raskólnikov verificou que o crânio estava despedaçado. O sangue ensopava o chão. Reparando de repente num cordão que a usurária tinha no pescoço, Raskólnikov puxou com força, mas o cordão resistiu e não partiu. O assassino tentou então tirá-lo fazendo-o descer pelo corpo, sendo mais feliz nesta manobra. O cordão encontrou um obstáculo e deixou de descer. Raskólnikov levantou impacientemente o machado, pronto a ferir o cadáver para cortar com um golpe igual o nó; mas resolveu não proceder com tanta brutalidade. Por fim, depois de dois minutos de esforço que lhe deixaram as mãos arroxeadas, conseguiu partir o cordão com o gume do

machado sem tocar no cadáver. Como supusera, do cordão pendia uma bolsa e uma pequena medalha esmaltada e duas cruzes, uma de cipreste e outra de cobre. A bolsa ensebada — um pequeno saco de camurça — estava completamente cheia. Raskólnikov meteu-a no bolso sem verificar o conteúdo, atirou as cruzes sobre o peito da velha e, levando o machado, entrou apressadamente no quarto de dormir.

A sua impaciência era enorme; agarrou novamente as chaves e voltou à tarefa interrompida. Mas eram infrutíferas as tentativas para abrir o móvel, o que se devia atribuir mais aos repetidos enganos do que ao tremor das mãos; ele via, por exemplo, uma chave não servir na fechadura e teimava em fazê-la entrar. Subitamente recordou-se de uma conjectura que fizera em sua última visita; a chave grande, dentada, junto às outras menores, devia ser de algum cofre onde Alena tivesse talvez guardado todo o dinheiro. Abandonando o móvel, procurou debaixo da cama, lembrando-se de que é costume das velhas esconderem em tal lugar os pecúlios.

Com efeito, lá estava um cofre de pouco mais de um *archine* de comprimento, coberto de marroquim vermelho. A chave grande servia perfeitamente na fechadura. Logo que abriu o cofre, viu, sobre um pano branco, uma peliça com guarnições encarnadas, sob a qual estava um vestido de seda, e depois deste um xale; no fundo, parecia haver apenas farrapos. O assassino limpou no marroquim vermelho as mãos ensanguentadas. “No encarnado, o sangue há de aparecer menos.” Depois reconsiderou: “Meu Deus, estou louco?”

Mas apenas tocou nas roupas, caiu de entre a peliça um relógio de ouro. Revolveu então o conteúdo do cofre. Entre os farrapos, havia vários objetos de ouro, representando, naturalmente, cada um deles um penhor. Eram pulseiras, cadeias, brincos, alfinetes de gravata, uns encerrados em estojos, outros embrulhados em pedaços de papel, e atados com barbantes.

Raskólnikov não hesitou; encheu os bolsos das calças e do casaco com as joias, sem abrir os estojos, sem tocar nos embrulhos; mas, repentinamente, teve de interromper-se...

Ouviu passos no quarto onde estava o cadáver. Sentiu-se gelado de pavor. Mas o ruído cessou; julgou-se vítima de uma alucinação, quando de repente percebeu distintamente um grito; ou, antes, um fraco gemido. Passado um minuto ou dois, tudo recaiu novamente num silêncio de morte.

Raskólnikov sentara-se no chão, junto ao cofre, e esperava, respirando dificilmente. De repente estremeceu, agarrou no machado e saiu do quarto.

No meio do aposento, Isabel, sobraçando um embrulho, contemplava com olhar aterrado o corpo hirto da irmã; pálida como um cadáver, parecia não ter forças para soltar um grito. À brusca aparição do assassino começou a tremer e um suor gelado inundou-lhe o rosto, tentou erguer os braços, abrir a boca, mas não fez o menor gesto, não emitiu o menor som, e, recuando vagamente, com os olhos fixos em Raskólnikov, meteu-se num canto. A infeliz recuara sem dizer uma palavra, como se a respiração lhe faltasse. O assassino avançou para ela com o machado erguido, seus lábios contraíram-se como os das crianças quando têm medo, olhando fixamente para o objeto que as aterra.

O terror dominava-a de tal forma que, vendo-se ameaçada pela arma, nem sequer pensou em defender a cabeça, com esse gesto maquinal em que em tais casos sugere o instinto de conservação. Afastou apenas o braço esquerdo e estendeu-o vagarosamente na direção do assassino, como para o desviar. O ferro abriu-lhe o crânio fendendo toda a parte superior da fronte até quase o sincipício. Isabel caiu redondamente morta. Com a cabeça aturdida, Raskólnikov pegou no embrulho que sua segunda vítima trazia, para logo o largar e correr para a sala de entrada.

Estava cada vez mais transtornado, sobretudo desde que cometera o segundo assassinio, que não premeditara. Tinha pressa de fugir. Se, naquele momento, estivesse em estado de perceber melhor as coisas, se lhe tivesse sido possível calcular todas as dificuldades da situação, vê-la tão desesperada, tão horrorosa, tão absurda como realmente era, compreender quantos obstáculos tinha ainda a remover, talvez mesmo novos crimes a praticar, para poder deixar essa casa e refugiar-se na rua, teria provavelmente renunciado à luta e ido ato contínuo denunciar-se; nem se pode dizer que fosse a pusilanimidade que o levaria a isso, mas o horror do que fizera. Essa impressão ia tomando vulto a cada momento. Por coisa alguma se aproximaria agora do cofre nem entraria no quarto.

Mas, pouco a pouco, seu espírito preocupou-se com outros pensamentos e caiu numa espécie de vaga meditação; por momentos, o assassino parecia esquecer-se de si, ou antes esquecer-se do principal para pensar em ninharias. Lançando os olhos para a cozinha, viu um balde com água: lembrou-se de se lavar e limpar o machado. O sangue tornara-lhe as mãos grudentas. Depois de mergulhar na água o gume do machado, pegou

num pedaço de sabão que estava no parapeito da janela e começou suas abluções. Quando acabou de lavar as mãos, ensaboou o cabo da arma, que estava também ensanguentado.

Depois, limpou-se numa roupa estendida a secar na corda que atravessava a cozinha. Terminada a operação, aproximou-se da janela para examinar minuciosamente o machado. Os vestígios de sangue tinham desaparecido, mas o cabo estava ainda úmido. Raskólnikov escondeu-o cuidadosamente debaixo do casaco, pendurado no nó corredio. Depois inspecionou minuciosamente a roupa, tanto quanto permitia a fraca luz que iluminava a cozinha. À primeira vista, o casaco e as calças nada apresentavam que originasse suspeitas; mas as botas estavam manchadas de sangue. Limpou-as com um pano molhado.

Essas precauções, porém, não o sossegavam, porque não podia ver distintamente e era possível ter-lhe passado despercebida alguma mancha. Deixava-se ficar de braços caídos, no meio da casa, obcecado por ideias aflitivas: o pensamento de que endoidecia, de que nesse momento estava incapaz de tomar uma resolução e de garantir sua segurança, de que seu procedimento não era, porventura, o que convinha em tal situação... “Meu Deus! Devo fugir, sem demora, o mais depressa possível!”, murmurou ele, e passou à saleta de entrada, onde o aguardava a impressão de terror mais intensa que até então experimentara.

Ficou petrificado, sem sequer acreditar no que via: a porta exterior que dava para o patamar, aquela em que batera e por onde pouco antes entrara, estava aberta: por precaução, talvez a velha não a fechara; nem tinha dado volta à chave nem corraera o fecho. Mas, Deus, ele bem vira depois Isabel! Como não lhe ocorrera que a infeliz entrara pela porta? Ela não podia ter entrado pela fechadura.

Fechou a porta e correu o ferrolho.

— Mas não, não é isso... Preciso sair, depressa...

Puxou novamente o fecho e, entreabrindo a porta, pôs-se a escutar.

Aplicou o ouvido durante muito tempo. Embaixo, naturalmente à porta da rua, duas vozes trocavam injúrias. “Quem será esta gente?” Esperou pacientemente. Por fim, deixaram de se ouvir os doestos: os contendores haviam-se retirado. Preparava-se para sair, quando, no andar de baixo, se abriu ruidosamente uma porta, e alguém começou a descer, cantando. “Por que fará toda esta gente tanto barulho?”, pensou; e cerrou outra vez a

porta, continuando a esperar. Finalmente o silêncio restabeleceu-se, mas, no momento em que se preparava para descer, seu ouvido apurado percebeu novo ruído.

Eram passos ainda muito afastados que subiam os primeiros degraus da escada; no entanto, logo que os ouviu, adivinhou imediatamente a verdade; vinham sem dúvida para *aqui*, para o quarto andar, para a casa da velha. Como explicar esse pressentimento? O que havia nesses passos de tão extraordinariamente significativo? Eram pesados, vagarosos e regulares.

“*Ele* já chegou ao primeiro andar e continua a subir... cada vez se ouve melhor... toma a respiração como um asmático... Prepara-se para vir ao terceiro andar... vem aí...”

Raskólnikov teve repentinamente a sensação de uma paralisia geral, como, quando num pesadelo, nos julgamos perseguidos por inimigos que já estão próximos de nós, que vão assassinar-nos, e ficamos petrificados no mesmo lugar, sem podermos fazer o menor movimento.

O desconhecido começava a subir a escada do quarto andar; Raskólnikov, a quem o terror imobilizara no patamar, pôde enfim vencer o torpor e entrou a toda a pressa na casa, fechando a porta imediatamente e correndo o fecho sem fazer o menor ruído. Neste momento, foi guiado mais pelo instinto do que pela reflexão. Encostou-se à porta e pôs-se à escuta, mal se atrevendo a respirar. O visitante já estava no patamar, apenas a porta separava os dois. O desconhecido estava para com Raskólnikov na mesma situação em que ele se encontrara há pouco com a velha.

O visitante respirou com esforço, por várias vezes. “Deve ser forte e alto”, pensou o assassino, apertando o cabo do machado. Tudo aquilo lhe parecia um sonho. O desconhecido puxou violentamente a campainha.

Julgou, decerto, ouvir ruído no interior, porque, durante alguns segundos, escutou atentamente. Depois tornou a tocar, esperou ainda algum tempo e, de repente, impacientado, puxou com toda a força a maçaneta da porta. Raskólnikov olhava aterrado para o fecho que oscilava na chapa e esperava a cada instante vê-lo saltar, tão forte eram os empurrões. Pensou em segurar o fecho com a mão, mas *ele* podia desconfiar. A cabeça recomeçava a girar. “Estou perdido!”, pensou; todavia recuperou a serenidade quando o visitante se pôs a monologar.

— Estarão dormindo ou alguém as estrangularia? Mulheres, três vezes malditas! — resmungava. — Olá, Alena Ivanovna, velha bruxa! Isabel Ivanovna, beleza maravilhosa! Abram! Excomungadas! Estarão dormindo?

Exasperado, tocou dez vezes seguidas, com toda a força. Este homem era, sem dúvida, íntimo da casa; parecia mandar ali.

Ao mesmo tempo, ouviram-se na escada passos ligeiros, apressados. Era mais alguém que subia para o quarto andar. Raskólnikov não percebeu logo a presença do recém-chegado.

— Pois será possível que não haja ninguém? — disse este com voz alegre, dirigindo-se ao primeiro visitante, que continuava a puxar o cordão da campainha. — Boa tarde, Kokh!

“A julgar pela voz deve ser um rapazinho”, pensou Raskólnikov.

— Sei lá! Por pouco não arrombei a fechadura — respondeu Kokh. — Mas de onde me conhece o senhor?

— Que pergunta! Ainda anteontem, no Gambrinos, lhe ganhei três partidas de bilhar seguidas.

— Ah!

— Então, elas não estão em casa? É extraordinário! Direi mesmo, é estúpido. Onde iria a velha? Precisava falar-lhe.

— Também eu precisava falar com ela.

— Então, que havemos de fazer? Irmo-nos embora. E eu que vinha pedir-lhe dinheiro emprestado! — exclamou o rapaz.

— Certamente, não há jeito senão irmo-nos embora; mas para que diabo me disse ela que eu viesse? Foi a própria bruxa que marcou a hora. E é tão longe de minha casa até aqui! Mas aonde iria ela? Não entendo! Ela que não se move durante todo o ano, que fica aqui apodrecendo, que sofre de reumatismo, logo hoje é que saiu!

— E se perguntássemos ao *dvornik*?

— Para quê?

— Para saber aonde ela foi e quando volta.

— Que diabo!... perguntar... Mas ela nunca sai!... — E tornou a puxar a maçaneta da porta. — Diabo, não há remédio senão irmo-nos!

— Espere! — exclamou o rapaz, olhe, vê como a porta resiste quando se puxa?

— Então?

— É a prova de que não está fechada com a chave, mas só com o fecho. Não o sente mover-se?

— E depois?

— Não percebe? É claro que uma delas está em casa. Se ambas tivessem saído, teriam fechado a porta por fora com a chave, não corriam o fecho por dentro. Não ouve o barulho que ele faz? Ora, para alguém fechar uma porta por dentro é preciso estar em casa. Evidentemente elas estão aí.

— É verdade! — exclamou Kokh, surpreendido.

E pôs-se a sacudir a porta furiosamente.

— Veja lá, não puxe com tanta força. Aqui há qualquer coisa... O senhor tocou, puxou a porta com toda a força e não abriram. Está claro que ou ambas estão desmaiadas ou...

— Ou... o quê?

— O que devemos fazer é ir chamar o *dvornik* para ele próprio as acordar.

— Não é má ideia!

— Espere. Não saia daqui enquanto eu vou chamar o *dvornik*.

— Mas por que hei de ficar?

— Ninguém sabe o que pode acontecer.

— Pois fico aqui.

— Sou estudante de direito! Aqui há um mistério, é evidente! — disse com vivacidade o rapaz, descendo de quatro em quatro os degraus da escada.

Ficando só, Kokh tornou ainda a tocar, mas com pouca força; depois, pôs-se a mover com ar pensativo a maçaneta, fazendo oscilar a lingueta para se convencer de que a porta estava apenas fechada com o fecho.

Em seguida, respirando com esforço, curvou-se para olhar pelo buraco da fechadura, mas, como a chave estava pela parte de dentro, nada conseguiu ver.

Encostado à porta, Raskólnikov apertava na mão o cabo do machado.

Próximo do delírio, preparava-se para fazer frente aos dois homens quando eles transpusessem o limiar. Mais de uma vez, ouvindo-os bater à porta, teve a ideia de pôr termo àquilo e de os interpelar. “Quanto mais depressa isto acabar, melhor!”, pensava ele.

O tempo passava, e não vinha ninguém. Kokh impacientava-se.

— Ora, adeus!... — exclamou ele farto de esperar e descendo para encontrar-se com o rapaz. Aos poucos, o ruído de seus passos, que ressoavam pesadamente na escada, foi esmorecendo.

“Meu Deus! Que hei de fazer?”

Raskólnikov correu o fecho e entreabriu a porta. Animado com o silêncio que reinava em todo o prédio e não estando nesse momento em estado de refletir, saiu, fechou a porta e começou a descer a escada.

Descera já alguns degraus, quando, subitamente, ouviu um grande barulho no fundo da escada. Onde havia de se meter? Não podia esconder-se em parte alguma. Tornou a subir a toda a pressa.

— Oh, diabo, diabo, para!

Aquele que assim gritava acabava de sair de um dos andares inferiores e descia os degraus de quatro em quatro.

— Mitka! Mitka! Mitka! O diabo leve o doido!

A distância não permitiu ouvir mais; o homem que gritara estava longe. Restabeleceu-se o silêncio; mas, mal cessara este incidente, produziu-se outro: um grupo de homens, falando em voz alta, subia tumultuosamente a escada. Raskólnikov distinguiu a voz sonora do rapaz. “São eles!”

Não esperando já lhes escapar, correu ousadamente a seu encontro: “Sucedá o que suceder!”, pensou ele. “Se me prenderem, deixo! Se me deixarem passar, passarei. Mas não de lembrar-se de terem cruzado comigo na escada...” Ia dar-se o encontro. Só um andar os separava... Repentinamente, Raskólnikov encontrou a salvação! Uns degraus mais, e à direita estava desabitada e com a porta aberta uma das divisões do segundo andar onde trabalhavam os pintores. Muito a propósito acabavam de o abandonar.

Eram certamente eles que haviam saído há pouco, fazendo aquela algazarra. Notava-se que a tinta das janelas estava ainda fresca. Os pintores tinham deixado, no meio do quarto, uma lata de tinta e um grande pincel. Num momento Raskólnikov introduziu-se no quarto desocupado e colou-se à parede. Era tempo: seus perseguidores chegaram um momento depois ao patamar, continuando a subir para o quarto andar, falando alto. Depois de esperar que se afastassem, saiu na ponta dos pés e desceu precipitadamente.

Ninguém na escada! Ninguém à porta! Transpôs rapidamente o portão e, chegando à rua, enveredou pela esquerda.

Raskólnikov tinha certeza de que, naquele momento, os visitantes da velha, depois de se espantarem por verem a porta aberta, contemplavam cheios de terror os dois cadáveres. “Não lhes será por certo necessário mais de um minuto para adivinharem que o assassino conseguiu escapular enquanto subiam a escada; talvez mesmo desconfiem que estivesse escondido no compartimento desocupado do segundo andar, quando eles subiam ao quarto andar.” Mas, enquanto fazia essas reflexões, não se atrevia a apressar o passo, apesar de estar ainda um pouco distante da primeira esquina. “Se eu ficasse sob um portal e esperasse lá um instante? Nada disso! Se fosse atirar o machado em qualquer lugar? Se tomasse um carro? Não, nada disso...”

Finalmente chegou a um bairro, mais morto que vivo. Sabia que podia considerar-se a salvo. Ali as suspeitas não podiam incidir nele; e, depois, era-lhe mais fácil não despertar a atenção no meio dos transeuntes. Mas as sucessivas comoções tinham-no de tal modo prostrado, que sentiu vergarem-lhe as pernas.

Corriam-lhe pelo rosto grandes gotas de suor. “Já tens a tua conta”, disse-lhe alguém, quando ele ia desembocar no canal, julgando-o bêbado.

Estava atordoado; quanto mais caminhava, mais se lhe baralhavam as ideias. Quando chegou ao cais, assustou-se por lá ver tão pouca gente e, receando que o notassem em lugar tão pouco concorrido, voltou ao bairro. Conquanto mal se aguentasse de pé, fez uma grande volta para voltar para casa.

Quando chegou lá, ainda não estava de posse de sua serenidade; não se lembrou do machado senão quando já subia a escada. E, no entanto, o problema que ele tinha de resolver era dos mais sérios: tornar a colocar a arma onde a encontrara, sem atrair a atenção. Se estivesse em estado de apreciar sua situação, teria certamente compreendido que, em vez de colocar o machado no lugar, seria preferível desfazer-se dele, atirando-o para o pátio de uma casa qualquer.

Mas tudo correu conforme seus desejos. A porta do cubículo estava encostada, mas não fechada, o que levava a crer que o *dvornik* estava em casa. Mas Raskólnikov perdera a tal ponto o raciocínio, que abriu a porta. Se o *dvornik* lhe perguntasse “O que quer?” talvez, sem dizer uma palavra,

lhe entregasse o machado. Mas, como antes, não estava lá, e Raskólnikov pôde colocar o machado debaixo do banco, onde o tinha encontrado.

Depois subiu a escada e chegou ao quarto sem encontrar vivalma; a porta da hospedaria estava fechada. Logo que entrou em casa, deitou-se vestido mesmo no divã. Não dormiu, mas caiu numa espécie de torpor. Se alguém tivesse então entrado no quarto, ele ter-se-ia levantado e não poderia conter um grito. Em seu cérebro, baralhavam-se os pensamentos; mas, por mais esforços que fizesse, não conseguiu seguir nenhum...

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

Raskólnikov permaneceu deitado durante muito tempo. Às vezes, parecia sair do torpor e então notava que a noite ia adiantada; mas não lhe acudia a ideia de levantar-se. Por fim, percebeu os primeiros alvares do dia. Estendido de costas, não conseguira ainda libertar-se do letargo que pesava sobre ele. Gritos horríveis de desespero partidos da rua chegaram a seus ouvidos; eram certamente os que ouvia todas as noites, às duas horas, sob a janela. Dessa vez, acordaram-no. “Ah! São os bêbados que saem das tavernas”, pensou. “São duas horas”; e sentia uma impressão estranha, como se alguém o erguesse do divã. “Pois será possível que já sejam duas horas?” Sentou-se e subitamente recordou-se de tudo.

Nos primeiros momentos, julgou que enlouquecia. Percorria-lhe todo o corpo uma terrível sensação de frio, que tinha origem na febre que o acometera durante o sono. Tremia tanto que os dentes batiam uns contra os outros. Abriu a porta e escutou. No prédio, tudo dormia. Lançou em volta de si um olhar espantado. Como se esquecera de correr o fecho da porta quando entrara? Como se deitara no divã, com o chapéu na cabeça? Lá estava ele no chão, para onde rolara, junto do travesseiro. “Se alguém entrasse aqui, que julgaria? Que eu estava bêbado, mas...”

Correu à janela. Era já dia claro. Inspecionou-se dos pés à cabeça, para verificar se a roupa não estava manchada. Mas não podia confiar nesse exame incompleto; despiu-se e passou nova revista, reparando em tudo minuciosamente. Por três vezes recomeçou esse exame. Salvo umas gotas de sangue coagulado na bainha da calça nada descobriu. Pegou um canivete e cortou as extremidades franjadas da calça. Repentinamente lembrou-se de que tinha nos bolsos os objetos que tirara do cofre da velha! Não pensara neles e menos ainda em escondê-los.

Num momento, despejou os bolsos sobre a mesa. Depois, tendo-os voltado, para se certificar de que nada lá ficara, levou todo o roubo para um canto do quarto, onde o papel que revestia a parede estava roto. Foi ali,

debaixo do papel, que ele guardou as joias e a bolsa. “Pronto! Isto está em bom lugar!”, pensou satisfeito, erguendo-se um pouco e olhando com ar pasmado. De repente, um tremor convulsivo agitou-lhe os membros: “Meu Deus”, murmurou com desespero, “que terei eu? Estará isso bem escondido? Será assim que se escondem as coisas?”.

De fato, ele não contava com as joias; pensara apenas em lançar mão do dinheiro da velha; assim a necessidade de esconder o roubo encontrava-o desprevenido.

“Mas agora, neste momento, terei razões para estar satisfeito?”, pensou. “Será assim, realmente, que se escondem as coisas? Parece que a razão me foge!”

Extenuado, deixou-se cair no divã, sentindo de novo um arrepio. Maquinalmente, pegou num casaco de inverno em pedaços, que estava em uma cadeira, e cobriu-se. Logo se apoderou dele o sono acompanhado de delírio. Não teve mais a noção das coisas.

Cinco minutos depois, acordou aflitíssimo e seu primeiro movimento foi inclinar-se angustiosamente sobre a roupa. “Como me deixei adormecer novamente sem ter feito coisa alguma! Porque ainda não fiz nada; o nó está ainda pregado na manga do casaco! Não me lembrei disso! Uma prova esmagadora!” Arrancou a faixa de pano, rasgou-a em pedaços e meteu-a no embrulho que servia de travesseiro. “Estes trapos não podem certamente causar suspeitas; pelo menos em minha opinião”, repetiu de pé, no meio do quarto, e, com uma atenção que o esforço tornava penosa, olhou em redor, para se certificar de que nada esquecera.

Sofria de uma maneira horrível ao convencer-se de que tudo o abandonava, a própria memória, a mais elementar prudência.

“Será isso o princípio do castigo? É isso, é!”

Efetivamente, as franjas da calça que ele cortara estavam no chão, no meio do quarto, expostas ao olhar de quem ali entrasse.

— Mas onde tenho a cabeça? — exclamou, desanimado.

Veio-lhe então uma ideia espantosa: pensou que a roupa estaria talvez suja de sangue e que o enfraquecimento de suas faculdades não lhe permitira distinguir as manchas... De repente, lembrou-se de que a bolsa estava também ensanguentada. “Mas então o bolso deve estar sujo de sangue, porque a bolsa estava ainda úmida quando a guardei!” Puxou imediatamente o forro do bolso, que efetivamente tinha nódoas. “Ao

menos, o raciocínio ainda não me abandonou completamente; não perdi, portanto, nem a memória nem a lucidez. Se tivesse perdido, como me lembraria disso?”, pensou, triunfante, soltando um fundo suspiro de satisfação. “Tive apenas um acesso febril que passageiramente me perturbou a inteligência.”

E arrancou o forro do bolso esquerdo da calça. Nesse momento, um raio de luz incidiu na botina esquerda; pareceu-lhe descobrir um indício revelador. Descalçou-a. “Efetivamente é um indício! O bico da botina está manchado de sangue.” Sem dúvida pusera o pé imprudentemente no sangue empoçado... “Como arranjaréi isso? Como hei de livrar-me desta botina, destas franjas, do forro do bolso?”

E deixou-se ficar no meio do quarto, tendo nas mãos todos esses objetos denunciadores.

“Se eu atirasse ao fogão? Mas é natural que vão lá procurar... E se eu queimasse isso? Mas como hei de queimar isso? Não tenho fósforos... O melhor é jogar tudo fora”, disse, sentando-se no divã. “E imediatamente, sem perda de um momento!” Mas, em vez de pôr em prática essa resolução, encostou novamente a cabeça no travesseiro; sentiu-se outra vez arrepiado e voltou a embrulhar-se nos farrapos. Durante muito tempo, horas mesmo, em seu espírito fixou-se esta ideia: “É necessário ir já atirar isso fora!” Quis levantar-se, mas não pôde. Por fim, pancadas vibradas violentamente na porta arrancaram-no do torpor.

Era Nastácia.

— Anda, abre, se estás vivo! — gritou ela. — Estás sempre a dormir! Passas dias inteiros enroscado como um cão! És tal qual um cão! Abre, não ouves? Já são dez horas.

— Talvez ele não esteja — disse uma voz de homem.

“Ah, é o *dvornik*... Que quererá ele?”

Estremeceu e sentou-se no divã. O coração parecia querer saltar-lhe fora do peito.

— Então quem havia de fechar a porta com o fecho? — replicou Nastácia. — Ele fechou-se por dentro! Tem talvez receio de que o raptem! Abre, anda, acorda!

“Que quererão eles? A que virá o *dvornik*? Está tudo descoberto. Devo resistir ou abrir a porta? Que vão para o diabo!...

Ergueu-se um pouco, estendeu o braço e correu o fecho. O quarto era tão pequeno que, mesmo deitado no divã, Raskólnikov podia abrir a porta.

Nastácia e o *dvornik* entraram.

A rapariga fitou o hóspede com modo estranho. Raskólnikov olhou para o *dvornik* como quem perdeu de todo a esperança, e este estendeu-lhe silenciosamente um papel cinzento dobrado no meio e lacrado.

— É uma citação do comissariado — disse.

— De que comissariado?

— Do da polícia, naturalmente. Já se sabe que de outro não podia ser.

— Eu é que não sei como o chamam... Saia.

Examinou atentamente o inquilino, olhou em volta de si e ia sair quando Nastácia disse, olhando fixamente Raskólnikov:

— Parece que estás pior.

A essas palavras o *dvornik* voltou-se.

— Desde ontem que tem febre.

Ele não respondia, conservando o papel na mão sem o abrir.

— Ora, deixa-te estar — disse a criada compadecida, vendo que ele se ia erguer. — Estás doente? Pois não vás! Não será coisa de urgência. Que tens aí na mão?

Raskólnikov olhou: tinha na mão direita as franjas da calça, a botina e o forro arrancado do bolso. Adormecera agarrado a tudo isso. Mais tarde, procurando a explicação do caso, lembrou-se de que estivera entorpecido por um acesso de febre, e que, depois de ter apertado tudo, adormecera profundamente.

— Dorme agarrado a trapos como se fossem um tesouro!... — E, dizendo isso, Nastácia estorcia-se com o riso nervoso que lhe era peculiar.

Raskólnikov escondeu apressadamente debaixo da roupa tudo o que tinha nas mãos e fitou a criada com olhar penetrante. Conquanto não se sentisse em estado de refletir, percebia que não se lhe dirigiriam por aquela forma se soubessem tudo. “Mas a polícia?”

— Queres chá? Ainda há uma gota...

— Não... eu vou já, e imediatamente — balbuciou.

— Mas tu nem tens força para descer a escada!

— Devo ir...

— Faze o que quiseses.

E a rapariga saiu atrás do *dvornik*. Raskólnikov foi logo examinar à janela as franjas da calça e o bico da botina: “Têm manchas, mas não se distinguem: a lama e a esfoladura encobrem a cor. Quem não desconfiar, não dá por isso. Por consequência, Nastácia, do lugar onde estava, não podia perceber. Graças a Deus!” Então, com as mãos trêmulas, abriu o papel e leu-o repetidas vezes, acabando finalmente por compreender. Era uma citação redigida nos termos de costume: o comissário de polícia do bairro intima Raskólnikov a apresentar-se no comissariado às nove e meia.

“Mas então quando chegou a citação?... Pessoalmente, nada tenho com a polícia... E justamente hoje?...” pensou, sentindo-se invadido por uma horrível ansiedade. “Senhor, que isso acabe o mais depressa possível!” E, quando ia prosternar-se para orar, desatou a rir — não da prece, mas de si próprio. Começou a vestir-se apressadamente. “Vou perder-me! Mas não faz mal, acabou-se! Vou calçar a botina. Afinal, com a poeira do caminho, as manchas cada vez desaparecerão mais.” Porém, apenas a calçou, cheio de medo descalçou-a logo, com repugnância.

Mas, refletindo que não tinha botinas, tornou a calçá-las, sorrindo. “Tudo isso é convencional, relativo, talvez haja apenas desconfiança e nada mais.” Essa ideia a que se agarrava sem convicção não o impedia de sentir um tremor geral. “Vamos, já me calcei, finalmente!” Mas sua hilaridade cedeu lugar à prostração. “Não; é demasiado para minhas forças...”, pensou. “As pernas vergam. É medo”, disse de si para si.

O calor atordoava-o. “É um ardil! Arranjaram esse pretexto para me apanharem lá, e, quando eu chegar, vão direto à questão”, continuou com seus botões, dirigindo-se para a escada. “O pior é que estou meio louco... posso cair em alguma contradição...”

Já na escada, lembrou-se de que os objetos roubados estavam mal escondidos no forro da parede. “Talvez me chamem de propósito, para virem revistar o quarto durante minha ausência”, pensou. Mas estava tão desorientado, via a hipótese de sua perda com tal desprendimento, que essa apreensão o deteve apenas um momento.

Na rua, o calor também estava insuportável, nenhuma gota de chuva caíra nos últimos dias. Outra vez o pó, os tijolos, a argamassa, o fedor das tavernas, os bêbados, os mascates finlandeses e os calhambeques. O sol ofuscava-se para que não olhasse essas coisas. Sentia-se atordoado como quem em estado febril sai em um dia de verão.

Chegando à esquina da rua por onde na véspera seguira, lançou furtivamente o olhar inquieto na direção *da casa*... Mas logo desviou os olhos.

“Se me interrogarem, talvez confesse”, pensou ao aproximar-se do comissariado.

A repartição mudara há pouco tempo para o quarto andar de uma casa situada a um quarto de *versta* da sua.

Antes de a polícia se instalar na nova casa, ele tivera uma vez de ajustar contas com ela, mas por um caso insignificante e havia já muito tempo. Quando transpôs o portal, viu à direita uma escada por onde descia um mujique, com um livro na mão. “Naturalmente é um *dvornik*; a repartição deve, portanto, ser aqui.” E subiu ao acaso. Não queria pedir indicações.

“Entro, ajoelho-me e confesso tudo...”, pensava enquanto subia.

A escada era estreita, íngreme e escorregadia, cheia de águas imunda. As cozinhas dos andares abriam-se para a escada e permaneciam de portas escancaradas quase o dia todo. Sentia-se um cheiro horrível, e o calor sufocava; os *dvorniks* subiam e desciam sobraçando livros, cruzando com agentes de polícia e grande número de pessoas que tinham negócios a liquidar com a autoridade. A porta do comissariado estava aberta.

Raskólnikov entrou e parou na primeira sala, onde alguns mujiques esperavam. Ali, como na escada, o calor era intensíssimo; além disso, a casa, pintada recentemente, tresandava a óleo até provocar náuseas. Depois de esperar um instante, resolveu entrar na sala imediata. Seguiam-se muitos cubículos estreitos e baixos. O rapaz estava cada vez mais impaciente. Ninguém atentava nele. Na segunda sala, trabalhavam alguns amanuenses um pouco mais bem-vestidos do que ele. Toda essa gente tinha uma aparência singular. Dirigiu-se a um deles:

— Que quer?

Ele mostrou a citação.

— É estudante? — interrogou o amanuense depois de lançar os olhos sobre o documento.

— Fui estudante.

O empregado olhou para ele, sem curiosidade. Era um homem de cabeleira desgrenhada, que parecia dominado por uma ideia fixa.

“Por ele não chego a saber nada; tudo lhe é indiferente”, pensou Raskólnikov.

— Dirija-se ao chefe de repartição — disse o amanuense indicando com o dedo o último compartimento.

Raskólnikov entrou. Essa divisão, a quarta, era estreita e estava cheia de gente, um pouco mais bem-vestida do que a que acabara de ver. Entre os assistentes havia duas senhoras. Uma delas vestida de luto, pobremente. Sentada em frente do funcionário, escrevia qualquer coisa que este lhe ditava.

A outra era uma criatura de carnes opulentas, rosto avermelhado, vestindo-se luxuosamente; um enorme broche que trazia ao peito atraía as atenções. Estava de pé, um pouco afastada, na atitude de quem espera. Raskólnikov entregou a intimação ao funcionário. Este lançou-lhe um olhar rápido e disse-lhe: “Espere um pouco.” E continuou ditando à senhora de luto.

O rapaz respirou mais livremente. “Decerto, não foi por causa *daquilo* que me chamaram!” Pouco a pouco foi recuperando a serenidade; pelo menos diligenciava, quanto possível, encher-se de ânimo.

“A menor indiscrição ou imprudência, bastam para me trair!... O diabo é não se poder respirar aqui”, acrescentou, “sufoca-se... Tenho a cabeça aturdida...”.

Sentiu horrível mal-estar e receava descontrolar-se. Quis fixar o pensamento em qualquer coisa indiferente, mas não conseguiu. Sua atenção fixava-se exclusivamente no chefe de repartição, queria decifrar a fisionomia daquela criatura. Era um rapaz de 22 anos, cujo rosto moreno e móvel o fazia parecer mais velho. Vestia-se elegantemente, tinha o cabelo repartido até a nuca, por uma risca feita com arte; em suas mãos bem tratadas brilhavam alguns anéis e, sobre o colete, pendia uma corrente de ouro. Dirigiu-se a um estrangeiro que ali se encontrava, em francês, e falou corretamente.

— Luíza Ivánovna, sente-se — disse ele à senhora pomposamente vestida, de rosto carminado, que continuava de pé embora tivesse uma cadeira ao lado.

— *Ich danke* — respondeu ela, e sentou-se compondo as saias impregnadas de perfume. Espalhado em volta da cadeira, o vestido de seda azul, guarnecido de rendas brancas, ocupava quase metade da pequena

sala. A dama parecia contrariada por lançar de si tanto perfume e ocupar tanto espaço. Sorria com expressão simultaneamente impudente e servil, no entanto sua inquietação era manifesta.

A dama de luto levantou-se. Repentinamente, entrou com estrondo um oficial, de aspecto resoluto, que movia os ombros a cada passo que dava; atirou em cima da mesa o capacete e sentou-se numa cadeira de braços.

Ao vê-lo, a dama, luxuosamente vestida, levantou-se e fez uma reverência; mas o oficial não lhe deu a menor importância, e ela não ousou tornar a sentar-se em sua presença. Essa personagem era o adjunto do comissário de polícia; tinha grandes bigodes ruivos espetados e feições delicadas, mas pouco expressivas, denunciando apenas uma certa insolência. Olhou de revés para Raskólnikov, com um certo ar de indignação; conquanto fosse muito modesta a aparência de nosso herói sua atitude contrastava com a miséria da roupa. Esquecendo a mais rudimentar noção de prudência, Raskólnikov afrontou tão diretamente o olhar do oficial, que ele se sentiu irritado.

— Que queres? — interrogou ele, sem dúvida admirado de um maltrapilho não baixar os olhos ante seu olhar fulminante.

— Chamaram-me... fui solicitado..., respondeu Raskólnikov.

— É o estudante a quem exigem o dinheiro, explicou o chefe de repartição, desviando a atenção da papelada que tinha diante de si. — Aqui tem! — e estendeu a Raskólnikov um processo, designando-lhe certo ponto.

— Leia.

“Dívida? Que dívida?”, pensou ele, “então não é por *aquilo!*”. E estremeceu de alegria. Experimentou um alívio extraordinário, inexprimível.

— Mas para que horas foi solicitado, senhor? — exclamou o oficial, cujo mau humor aumentava. Intimam-no para as nove horas e aparece às 12!

— Entregaram-me este papel há um quarto de hora — respondeu imediatamente, já irritado. — Doente, febril, não foi sem custo que aqui vim!

— Não grite tanto!

— Eu não grito, estou falando naturalmente; o senhor é que está gritando; sou estudante e não admito que me falem desse modo.

Essa resposta irritou o oficial a tal ponto que, por momentos, nem pôde proferir palavra; de seus lábios saíam apenas sons inarticulados. Deu um salto na cadeira.

— Cale-se, está na presença da autoridade; não seja insolente.

— O senhor também está em presença da autoridade — replicou com aspereza Raskólnikov —, e não só grita, mas fuma; é, portanto, o senhor quem nos ofende a todos.

Sentiu um grande alívio ao pronunciar essas palavras.

O chefe de repartição sorria, olhando os interlocutores. O petulante oficial ficou por um momento pasmado.

— Que tem o senhor com isso? — respondeu afinal, afetando serenidade na voz para disfarçar sua irritação. — Faça a declaração que lhe pedem, ande! Mostre-lhe isso, Alexandre Gregoriévitch. Há queixas contra você. Não paga o que deve! É um bom caloteiro!

Mas Raskólnikov não o escutava; pegara o papel, impaciente por decifrar aquele enigma. Leu a primeira e a segunda vez e não entendeu.

— Que é isso? — perguntou ao chefe de repartição.

— É um documento de dívidas no qual lhe pedem o pagamento. Pode pagá-lo desde já com os juros, ou declarar quando poderá efetuar o pagamento. Nesse caso, é necessário comprometer-se a não se ausentar e a não vender nem alienar seus haveres, até integral pagamento. Pelo que diz respeito ao credor, ele pode vender-lhe os bens e persegui-lo com o rigor da lei.

— Mas eu... eu não devo nada a ninguém.

— Não temos nada com isso. Vieram aqui fazer entrega de uma letra protestada, de 115 rublos, assinada pelo senhor, há nove meses, à sra. Zarnitzine, viúva de um professor, e que essa senhora entregou em pagamento ao conselheiro Tchebarof, mandamo-lo, portanto, citar para que fizesse suas declarações.

— Mas se é minha hospedeira!

— E o que tem isso?

O chefe de repartição olhou com um sorriso indulgente e, ao mesmo tempo, triunfante para o noviço, que ia aprender à custa o processo usado para com os devedores. Mas que importava agora a Raskólnikov a letra? Que importância tinha para ele a reclamação da locatária! Valia a pena apoquentar-se com isso, ligar a menor atenção ao fato? Estava ali lendo,

ouvindo, respondendo, interrogando, mas fazia tudo isso maquinalmente. A certeza de estar a salvo, a satisfação de ter escapado a um perigo iminente, era o que nessa ocasião predominava em todo o seu ser.

Por enquanto, as preocupações, todos os cuidados estavam afastados. Foi um minuto de verdadeiro alívio, de uma satisfação indescritível. Mas, nessa ocasião, rebentou uma verdadeira tempestade na repartição. O oficial, que não engolira ainda a afronta a seu orgulho, buscava evidentemente uma desforra. E começou a tratar com grosseria a senhora elegantemente vestida, que, desde que ele fizera sua imponente entrada, não cessara de o olhar com um sorriso estúpido.

— E tu, descarada? — vociferou ele aos berros (a senhora de luto já saíra). — O que sucedeu à noite passada em tua casa? Não cessas de dar escândalo! Sempre rixas e bebedeiras! Gostas de ir para a cadeia? Eu bem te disse que havia de acabar por perder a paciência. Decididamente és incorrigível!

O próprio Raskólnikov deixou cair o papel e pôs-se a olhar espantado para a elegante dama, tratada com tão pouca cerimônia. Mas não tardou a compreender do que se tratava, e a história começou a interessá-lo. Escutava aquilo com prazer, dava-lhe vontade de rir...

— Iliá Pietróvitch! — atalhou o chefe de repartição, reconhecendo logo que seria inoportuna sua intervenção naquele momento, porque sabia por experiência própria que, quando o oficial seguia naquela carreira desenfreada, era impossível contê-lo.

A elegante dama tremera a princípio, sentindo a tempestade desencadear-se sobre sua cabeça; mas, coisa singular, ao passo que ia ouvindo, sua fisionomia tomava uma expressão cada vez mais sorridente, não tirando os olhos do terrível oficial. A cada momento sorria e esperava oportunidade para falar.

— Em minha casa não houve gritos nem brigas, senhor — apressou-se ela a dizer logo que lhe foi possível (falava o russo correntemente, mas com sotaque alemão) — não se deu nenhum escândalo. Aquele homem apareceu lá bêbado e pediu três garrafas de cerveja; depois, pôs-se a tocar piano com os pés, o que é impróprio em uma casa respeitável, e quebrou as teclas. Observei-lhe que não devia proceder daquela forma, e então ele agarrou uma garrafa e começou a bater com ela em todo mundo. Chamei logo Karl, o *dvornik*. Assim que o viu, atirou-lhe com a garrafa à cara, e fez outro tanto a Henriqueta. Em mim, deu-me cinco bofetadas. É

inacreditável tal procedimento em uma casa séria, senhor oficial. Gritei por socorro; ele abriu a janela que dá para o canal e começou a grunhir como um porco. Que vergonha! Ir para a janela que dá para o canal grunhir como um porco! Coin! Coin! Coin! Karl puxou-o para dentro e realmente, nessa ocasião, arrancou-lhe uma aba do casaco. Então, reclamou 15 rublos de indenização. E eu paguei de meu bolso cinco rublos pela aba, senhor oficial. Foi esse malcriado quem fez escândalo! E ele ainda me disse: “Posso forçá-la a me pagar, porque escreverei a seu respeito em todos os jornais.”

— Então, ele é um escritor?

— Sim, um mal-educado que frequenta uma casa respeitável...

— Basta! Basta! Já te disse, já te repeti...

— Iliá Pietróvitch! — atalhou novamente o chefe de repartição. O oficial lançou-lhe um olhar rápido e viu-o abanar a cabeça.

— ...Pois bem, pelo que te diz respeito, nada mais tenho a dizer-te, veneranda Luíza Ivánovna — continuou o oficial. — Se houver mais algum escândalo em tua respeitável casa, meto-te na jaula, como vulgarmente se diz. Entendeste? Então, um escritor arranca cinco rublos por uma aba de casaco em uma casa respeitável? Bela corja, esses escritores.

Lançou um olhar desdenhoso a Raskólnikov.

— Outro dia, houve um escândalo em um restaurante; um escritor almoçou, não quis pagar e ainda disse: “Escreverei uma sátira sobre o dono.” E houve outro que, na semana passada, apareceu a bordo do barco fluvial dirigindo palavras grosseiras à respeitável família de um conselheiro, sua esposa e filha. Outro mais foi enxotado de uma alfaiataria. Todos são assim, os literatos, os estudantes, as vozes que instruem o público... Vote! — Dirigindo-se para Luíza Ivánovna: — Retira-te! Um dia, procurar-te-ei pessoalmente, e será melhor que sejas mais cuidadosa! Entendeste?

Com amabilidade requintada Luíza Ivánovna cumprimentou para todos os lados, mas, quando ia recuando e fazendo medidas, esbarrou de costas com um garboso militar, de porte expressivo e fisionomia risonha, possuidor de magníficas suíças loiras. Era o comissário de polícia Nikodim Fomitch. Luíza Ivánovna curvou-se quase até o chão e saiu com passinhos miúdos.

— De novo o raio, o trovão, a tromba-d'água, a tempestade — disse em tom jovial Nikodim Fomitch a seu adjunto. — Excitaram-te e desesperaste! Ouvi-te da escada.

— Que fazer! — disse negligentemente Iliá Pietróvitch, mudando-se com a enorme papelada para outra mesa, gingando os ombros a cada passada. — Preste atenção: aquele senhor, estudante, ou escritor, não paga o que deve, assina letras e recusa deixar a casa que habita; temos várias queixas contra ele, e é esse cavalheiro que se melindra por eu fumar um cigarro em sua presença. Antes de achar que os outros lhe faltam ao respeito, não seria mais conveniente respeitar-se a si próprio? Olhe para ele, não parece que o aspecto requer a maior consideração?

— A pobreza não é vício, meu amigo. E bem se sabe, *Pólvora*, que facilmente te incendeias! Provavelmente julgou ofendido e não pôde conter-se — continuou Nikodim Fomitch, dirigindo-se cordialmente a Raskólnikov —, mas não andou bem. Este senhor é uma excelente pessoa, afirmo-lhe eu, porém um pouco arrebatado! Exalta-se, enfurece-se, mas, depois de ter desabafado, acabou-se tudo: fica só um coração de ouro! No regimento chamavam-lhe “tenente *Pólvora*”...

— E que regimento aquele! — exclamou Iliá Pietróvitch, sensibilizado com as últimas palavras do comissário.

Raskólnikov desejou dizer-lhe alguma coisa agradável.

— Queira desculpar-me, senhor — começou, dirigindo-se a Nikodim Fomitch. — Coloquem-se os senhores em minha situação... Estou pronto a dar todas as satisfações se, por acaso, procedi incorretamente. Sou um estudante doente, pobre, esmagado pela miséria. Abandonei a Universidade porque atualmente não tenho meios de subsistência; mas espero receber dinheiro... Minha mãe e minha irmã residem na província de***. Brevemente me mandarão dinheiro, e então pagarei. A minha senhoria é uma boa mulher; mas, como eu já não dou lições e há quatro meses não lhe pago, nem mesmo me dá de jantar... Não compreendo essa história de letra! Então ela quer que eu lhe pague neste momento? E poderei fazê-lo? Os senhores bem veem que não.

— Mas nós não temos nada com isso... — observou o chefe de repartição.

— Perfeitamente, também é essa minha opinião, mas dê-me licença para eu me explicar... — continuou Raskólnikov, dirigindo-se sempre a

Nikodim Fomitch e não ao chefe; procurava assim provocar a atenção de Iliá Pietróvitch, conquanto este afetasse nada ouvir e ocupar-se exclusivamente com seus papéis. — Deixe-me dizer-lhe que vivo em casa dela há quase três anos, desde que cheguei da província, e em tempo... afinal por que não hei de confessar?... Comprometi-me a casar com a filha dela... fiz-lhe uma promessa formal nesse sentido... ela agradava-me... ainda que eu não estivesse perdido de amores... em resumo, eu era um criança, a hospedeira deu-me amplo crédito e levei uma vida... pouco regular.

— Ninguém lhe pede essas explicações, e nós não temos tempo para ouvi-las — atalhou grosseiramente Iliá Pietróvitch. Mas Raskólnikov continuou com animação.

— Dê-me, porém, licença para lhe contar como o caso se passou, embora reconheça a inutilidade da declaração. Há um ano, essa menina morreu de febre tifoide; continuei a ser hóspede da sra. Zamitzine e, quando a minha hospedeira foi viver na casa que atualmente habito, disse-me... amigavelmente... que eu lhe merecia a maior confiança... mas que, no entanto, desejava que eu lhe assinasse uma letra de 115 rublos, quantia que representava o total de minha dívida. Assegurou-me que, uma vez de posse desse documento, continuaria a conceder-me crédito ilimitado e que nunca, nunca — foram essas as suas palavras — negociaria essa letra... E agora que eu não tenho lições, agora que não tenho o que comer, vem ela exigir o pagamento... Como classificar esse procedimento?

— Todos esses pormenores, senhor, nada importam — atalhou insolentemente Iliá Pietróvitch —, o que é necessário é que faça a declaração que lhe foi exigida. O resto, a história de seus amores e de outras não vêm ao caso.

— Oh! Que severidade... — interrompeu Nikodim Fomitch, que se sentara à secretária e folheava papéis um tanto contrariado.

— Escreva intimou o chefe de repartição a Raskólnikov.

— Mas o que hei de escrever? — perguntou ele asperamente.

— Vou ditar.

A Raskólnikov pareceu que, após sua confissão, o chefe de repartição o tratava mais desdenhosamente; mas, caso singular, repentinamente passara a ser-lhe indiferente o juízo que dele fizessem, e essa mudança operou-se instantaneamente. Se refletisse por um momento, admirar-se-ia de ter

podido, um minuto antes, conversar daquela forma com pessoas da polícia e levá-las até a ouvir-lhe as confidências. Agora, pelo contrário, se, em vez de estar cheia de gente da polícia, a sala de repente se enchesse com seus amigos mais diletos, não encontraria provavelmente uma palavra para lhes dizer, tanto sentia o coração vazio de sentimentos.

Experimentava simplesmente a penosa sensação de um grande isolamento. Não se sentia humilhado pela circunstância de Iliá Pietróvitch ter sido testemunha de suas confidências; nem fora a petulância do oficial que de repente produziu em sua alma essa revolução. Que lhe importava, agora, a própria ignomínia? Que lhe importavam os militares, a letra, o comissário de polícia? Se, nesse momento, o condenassem a ser queimado vivo, nem isso o comoveria; nem ouviria até o fim a leitura da sentença.

Dava-se nele um fenômeno inteiramente novo. No foro íntimo, compreendia ou — o que era muito pior — sentia que estava para sempre afastado do convívio dos homens, que lhe era defesa qualquer expansão sentimental, como a de há pouco, que lhe seria impossível sustentar uma conversação qualquer, não só com essa gente da polícia, mas até com os próprios parentes. Nunca, até então, experimentara sensação tão cruel.

O chefe de repartição começou a ditar a fórmula da declaração usada em tais casos: “Não posso pagar, mas comprometo-me a satisfazer em tal dia; não sairei da cidade; não venderei nem cederei meus haveres, etc.”

— Mas o senhor não pode escrever, a pena treme-lhe na mão — observou o funcionário, olhando-o com curiosidade. — Está doente?

— Estou... Sinto a cabeça girar... queria continuar.

— É apenas isso. Assine.

O chefe de repartição pegou o papel e atendeu outros indivíduos.

Raskólnikov pousou a pena, mas, em vez de se retirar, encostou os cotovelos na mesa e apertou a cabeça entre as mãos. Parecia que lhe enterravam um prego no sincipício. Repentinamente, acudiu-lhe uma ideia extraordinária; dirigir-se a Nikodim Fomitch e contar-lhe o caso da velha em todos os pormenores; levá-lo em seguida ao quarto e mostrar-lhe os objetos escondidos no buraco da parede. Essa ideia dominou-o de tal modo, que chegou a levantar-se para a executar. “Não; será melhor refletir um momento”, pensou, “ou devo seguir a primeira inspiração, ver-me livre desse peso quanto antes?”. Mas ficou como que chumbado no chão.

Entre Nikodim Fomitch e Iliá Pietróvitch travara-se uma animada conversa, que ele ouvia.

— É impossível, hão de pô-los em liberdade, aos dois. Em primeiro lugar, há uma série de coisas inverossímeis. Veja bem, se eles tivessem praticado o crime, para que haviam de chamar o *dvornik*? Para se denunciarem? Por astúcia? Não, isso era de uma grande sutileza. Enfim, o estudante Priestriakov foi visto pelos dois *dvorniks* e por uma mulher, junto ao portão, na ocasião em que entrava na casa: ia com mais três que o deixaram à porta, e, antes de afastar-se, ouviram-no perguntar aos *dvorniks* onde a velha morava. Se ele fosse ali para a matar, teria feito tal pergunta? Quanto a Kokh, sabe-se que esteve meia hora em casa do joalheiro do rés do chão antes de ir à casa da velha; eram oito horas menos um quarto, precisamente quando ele o deixou para subir ao quarto andar. Agora veja...

— Mas nas declarações deles há coisas inexplicáveis: afirmam que bateram à porta que estava fechada; ora, três minutos depois, quando voltaram com os *dvorniks*, a porta estava aberta!

— Aí é que está o nó górdio. Não há dúvida que o assassino estava em casa da velha e que se fechara por dentro; tê-lo-iam infalivelmente agarrado se o Kokh não cometesse a tolice de ir procurar o *dvornik*. Foi, por isso, que o assassino conseguiu escapar. O Kokh benze-se! “Se eu permaneço lá o assassino saía de repente e matava-me com o machado.” Diz que vai mandar rezar uma missa!

— E ninguém conseguiu ver o assassino?

— E como o haviam de ver? Aquilo não é casa, é a Arca de Noé! — observou o chefe de repartição, que seguia a conversa.

— O caso é claro — disse Nikodim Fomitch.

— Não é tal; escuro e bem escuro é que é — respondeu Iliá Petróvich.

Raskólnikov pegou o chapéu e ia retirar-se, mas não chegou à porta...

* * *

Quando voltou a si, viu-se sentado numa cadeira, alguém, à direita, o amparava; à esquerda, outro indivíduo tinha na mão um copo cheio de um líquido amarelo; Nikodim Fomitch, de pé, em frente dele, olhava-o atentamente. Raskólnikov levantou-se.

— Então, sente-se doente? — perguntou em tom severo o comissário.

— Há pouco, quando escrevia a declaração, mal podia segurar a pena — disse o chefe de repartição, voltando a sentar-se à secretária e recomeçando o exame de sua papelada.

— Já se sente doente há muito? — perguntou de seu lugar Iliá Pietróvitch, que também folheava papéis. Como os outros, aproximara-se de Raskólnikov quando ele desmaiou, mas, vendo que o rapaz recuperava os sentidos, voltou imediatamente a seu lugar.

— Desde ontem — murmurou Raskólnikov.

— Mas ontem saiu de casa?

— Saí.

— E já estava doente?

— Sim.

— E a que horas saiu?

— Entre as sete e as oito da noite.

— E aonde foi?

— Para a rua.

Branco como cal, Raskólnikov respondeu a todas as perguntas em tom breve; seus olhos negros e profundos não baixaram ante o olhar de Iliá Pietróvitch.

— Vês que ele mal pode ter-se de pé — interveio Nikodim Fomitch — e...

— Não há dúvida! — respondeu em tom enigmático Petróvitch.

O comissário de polícia quis ainda dizer alguma coisa, mas reparou que o chefe de repartição não desviava os olhos dele e calou-se. Emudeceram todos subitamente, o que não deixou de ser notado.

— Está bem, não queremos detê-lo — disse por fim Iliá Pietróvitch.

Raskólnikov dirigiu-se à porta; mas ainda não tinha saído da sala quando a conversa se travou de novo, muito animada, entre os três funcionários policiais. Dominando as outras vozes, a de Nikodim Fomitch formulava perguntas. Na rua, Raskólnikov sentiu-se inteiramente senhor de si.

“Eles vão proceder imediatamente a uma busca!”, monologou, dirigindo-se precipitadamente para casa; “os malandros desconfiam!”. O terror que momentos antes experimentara dominava-o agora completamente.

CAPÍTULO II

E se eles me antecedessem! Se eu os encontrasse ao chegar em casa?”

Está enfim no quarto. Tudo está em ordem; não veio ninguém. Nem a própria Nastácia tocou em coisa alguma. Mas, Senhor!, como pôde ele deixar tudo aquilo em tal esconderijo?

Correu ao canto, e, enfiando a mão pelo buraco, tirou os estojos, ao todo oito. Havia duas caixas que continham brincos ou coisa parecida — ele não dera atenção a isso —, quatro estojos de marroquim, uma corrente de relógio embrulhada num pedaço de jornal e, também entre papéis, outro objeto que parecia uma condecoração...

Raskólnikov meteu aquilo nos bolsos, diligenciando acomodar tudo sem fazer grande volume. Guardou também a bolsa e saiu do quarto, deixando a porta aberta.

Caminhava rapidamente e com passo firme; conquanto estivesse muito fraco não lhe faltava presença de espírito. Receava que o perseguissem, que, em meia hora, em um quarto de hora talvez, procedessem a um inquérito sobre sua pessoa; era, portanto, necessário fazer desaparecer o roubo enquanto lhe restava alguma força e energia... Masa onde iria?

“Atiro tudo ao canal, e o caso morre afogado!”

Assim decidira na noite anterior, quando delirava, sentindo o desejo de se levantar e de ir a toda a pressa atirar aquilo fora. Mas não era fácil a execução desse projeto.

Durante mais de meia hora passeou de um para outro lado no cais do canal Catarina; ao passo que as ia encontrando, examinava as várias escadas que desciam para a água. Mas o azar opunha sempre algum obstáculo à realização do seu intento. Agora, eram lavadeiras, logo seriam barcas ali ancoradas. Depois, o cais enxameava de gente que não deixaria de reparar num ato fora do comum; não era possível, sem erguer suspeitas, descer até a linha d'água e atirar um objeto ao canal. E se, como era natural, os estojos flutuassem em vez de desaparecerem na água? Toda a

gente notaria isso. Raskólnikov já se julgava alvo de todas as atenções; parecia-lhe que todos o observavam.

Pensou por fim em ir lançar o embrulho no Neva. Aí efetivamente havia menos gente no cais, corria menor risco de ser notado e, circunstância importante, estaria mais afastado de seu bairro. “Mas”, perguntou ele repentinamente a si próprio, “para que andava eu há mais de meia hora de um lado para outro, em lugares que não me garantem a menor segurança? As objeções que se apresentam agora em meu espírito, não as poderia eu ter feito há mais tempo? Se perdi meia hora a preparar um projeto insensato, é simplesmente porque tomei tal resolução num momento de delírio!”. Tornara-se excessivamente distraído e esquecido, e não ignorava essa circunstância. Decididamente era necessário agir rápido!

E partiu a caminho do Neva, pela avenida de V***, mas, no caminho, teve de repente outra ideia. “Para que hei de ir ao Neva? Para que hei de atirar isso ao rio? Não seria preferível ir a outra parte, bastante longe, a uma ilha?... Aí sim, poderia procurar um lugar deserto, uma floresta, e enterrar tudo junto de uma árvore, na qual repararia atentamente para mais tarde a reconhecer.” Embora se sentisse incapaz de tomar naquele momento uma decisão razoável, a ideia pareceu-lhe prática, e resolveu pô-la em execução.

Mas o acaso foi resolvido por outra forma. Quando ele desembocava da avenida V*** para a praça, reparou num pátio rodeado de altos muros, inteiramente coberto de fuligem. Ao fundo, havia um alpendre, que, evidentemente, era dependência de uma oficina qualquer; certamente havia ali uma marcenaria ou correaria.

Não vendo ninguém no pátio, entrou, e, depois de ter olhado em redor, pensou que em parte alguma se lhe oferecia melhor ensejo para a realização de seu plano. Junto ao muro, ou antes, ao tapume de madeira que separava o pátio da rua, à esquerda da porta, estava encostada uma pedra de umas sessenta libras de peso. Para lá do tapume era o passeio. Raskólnikov ouvia os passos dos transeuntes, quase sempre numerosos neste lugar, mas da rua ninguém podia vê-lo; para isso seria necessário entrar no pátio.

Inclinou-se sobre a pedra, agarrou-a e, puxando-a contra si, conseguiu voltá-la. O terreno, no lugar em que ela estava colocada, fazia uma pequena depressão; atirou imediatamente para lá tudo quanto trazia nos

bolsos. A bolsa ficou sobre as joias. Em seguida, removeu a pedra para o lugar onde dantes estava, parecendo agora um pouco mais elevada. Com o pé, cobriu a base com terra. Nada podia notar-se.

Então saiu e dirigiu-se para a praça. Como horas antes, no comissariado, sentiu-se, durante um momento, invadido por uma alegria doida. “Pronto! Desapareceu o corpo de delito! Quem se há de lembrar de ir procurá-lo debaixo da pedra? Talvez ela esteja ali desde a construção da casa ao lado, e, quem sabe, por quanto tempo lá estará! E, quando venham a descobrir o que está sob esse bloco, quem poderá adivinhar o intuito de quem ali pôs aquilo? Está tudo acabado. Não há provas!” E pôs-se a rir. Sim, lembrou-se mais tarde que atravessara a praça a rir, com um riso nervoso e insistente. Mas quando chegou à avenida K***, onde encontrara a moça embriagada, essa hilaridade cessou repentinamente. Outras ideias lhe ocorreram. Repugnava-lhe passar pelo local, onde, após a moça se ter retirado, se sentara e havia pensado que também seria odioso enfrentar o policial de suíças a quem dera vinte copeques. Diabos o levem! Olhando em torno, perplexo e aborrecido, foi embora.

Todos os seus pensamentos giravam agora em torno de um ponto culminante cuja grande importância confessava a si próprio; e reconhecia que, pela primeira vez havia dois meses, se achava em face desse problema.

“Que o diabo carregue tudo isso”, pensou ele num repentino acesso de mau humor. “Vamos, a taça está cheia, é necessário bebê-la; que martírio de vida! Como isso é estúpido. Senhor! Quantas mentiras tenho dito, quantas baixezas tenho cometido hoje... A que miserável servilismo eu tive de rebaixar-me há pouco para conseguir a benevolência desse pobre Iliá Pietróvitch! Mas afinal que importa isso? Rio-me de todos eles e das covardias que porventura pratiquei. Não é nada disso o que importa...”

De repente estacou, preocupado, aturdido com um novo pensamento tão inesperado como simples:

“Se, na realidade, te conduziste em tudo isso como um indivíduo esperto e não como um imbecil, se tinhas um objetivo perfeitamente meditado, como explicar o fato de não teres verificado o conteúdo da bolsa? Como podes ainda ignorar quanto te advém do ato em cujo risco e em cuja ignomínia não receaste incorrer? Não ias há pouco atirar à água a bolsa e as joias, em que mal lançaste os olhos?... Que dizer a isso?...”

Sim! Tudo isso é verdadeiro. No entanto, já o sabia antes e não era uma nova dúvida para ele ter-se decidido à noite sem hesitação, como teria de ser, embora não pudesse ser de outro modo. Sim! De tudo soubera e compreendera. Certamente decidira-se ontem, no momento em que se curvara sobre o cofre e tirara os estojos de joias. Assim sucedera. “Tudo isso sucedera por eu estar muito doente”, disse horrorizado. “Tenho-me atormentado e não sei o que faço. Ontem e anteontem, tenho-me atormentado e devo voltar a ter saúde, sem me aborrecer. Mas que será, se não ficar bom? Meu Deus, como estou doente!”

Precisava urgentemente de uma distração, mas não sabia o que fazer, não sabia como encontrá-la. Nova sensação terrível o dominava progressivamente. Era uma repulsa física para tudo que o cercava, um obstinado e maligno sentimento de ódio; todos com quem se encontrava, tornavam-se-lhe repugnantes. Odiava-lhes os rostos, os gestos. Se alguém lhe falasse, sentia que lhe cuspiria na cara ou o morderia.

Chegando ao cais do Pequeno Neva, em Vassíli Ostrof, parou junto da ponte. “É aqui, é nesta casa que ele mora”, pensou. “Que quer dizer isso? Parece que as pernas me trouxeram por conta própria à casa de Razumíkhin. É o caso do outro dia... Eu caminhava sem destino e o acaso conduziu-me aqui! Dizia eu... anteontem... que havia de ir vê-lo depois *daquilo*, no dia imediato. Pois bem, vou vê-lo! Já não poderei fazer uma visita?...”

Subiu ao quinto andar, onde seu amigo habitava.

Razumíkhin estava escrevendo no quarto e foi ele mesmo quem veio abrir. Havia quatro meses que os dois não se viam. Com o cabelo desgrenhado, vestindo um roupão esfarrapado, os pés sem meias enfiados numas velhas chinelas, Razumíkhin não estava lavado nem barbeado. Na fisionomia, lia-se-lhe o espanto que a visita causava.

— Ah, és tu!? — exclamou, examinando dos pés à cabeça o recém-chegado. E pôs-se a assobiar. — Pois será possível que os negócios corram tão mal? O caso é que me excedes em elegância — continuou ele depois de ter inspecionado novamente os andrajos do amigo. — Senta-te, estás cansado! — E quando Raskólnikov se deixou cair no divã turco forrado de oleado, ainda mais miserável do que o dele, Razumíkhin notou que ele sofria.

— Tu estás gravemente doente, sabes?

Quis tomar-lhe o pulso, mas ele retirou rapidamente o braço.

— Não te incomodes — disse —, vim... eu te digo por quê: não tenho lições... e queria... mas afinal eu não preciso de lições para nada...

— Sabes o que mais? Tu estás doido! — respondeu Razumíkhin, que observava atentamente o amigo...

— Não! Não estou doido — disse levantando-se. Ao subir à casa de Razumíkhin, não pensou que ia encontrar-se frente a frente com seu antigo condiscípulo. Ora, naquele momento, uma entrevista, fosse com quem fosse, era o que mais lhe repugnava. Quase sufocado de desespero contra si próprio, dirigiu-se para a porta.

— Adeus! — disse bruscamente.

— Vem cá, homem! Sempre me saíste um pateta!

— Não insistas!... — disse, puxando a mão que o amigo segurava.

— Então para que diabo vieste cá? Estás doido? Mas não vês que isso é ofensivo? Não te deixo sair assim...

— Pois está bem... ouve lá... vim procurar-te porque só tu me podes auxiliar... a principiar... porque tu és melhor do que os outros... quero dizer, mais inteligente... podes julgar... Mas vejo agora que não preciso de coisa alguma... Não preciso nem de favores nem da simpatia de ninguém!... Eu me arranjarei... Deixa-me em paz!

— Mas espera um momento, limpa-chaminés! Estás completamente maluco! Por mais que me digas, não me convences do contrário, eu também não tenho lições. Mas não ligo para isso. Tenho um editor, Keruvimof, que, no gênero, é uma lição viva. Não o trocaria por cinco lições em casas de ricos! O homem publica uns folhetos de ciências naturais que se vendem como pão! O caso está em achar-lhes os títulos. Tu dizias frequentemente que eu era estúpido; pois então fica sabendo que há muitos piores do que eu! Meu editor, que não sabe ler, está no auge da fama; eu, está claro, vou animando-o. Aqui, estão, por exemplo, estas duas folhas e meia de texto alemão, que, no meu entender, são do mais cretino charlatanismo; o autor trata esta momentosa questão: “A mulher é um ser humano?” Como é natural, sustenta a afirmativa e demonstra-a com ar de triunfo. Estou traduzindo esse opúsculo para Keruvimof, que o considera de atualidade, neste momento em que tanto se debate o feminismo. Com estas duas folhas e meia do original alemão, vamos nós fazer seis; pomos-lhe um título de efeito que ocupe meia página e venderemos o volume a

cinquenta copeques. Vai ter um êxito colossal! Pagam-me a tradução a seis rublos por folha, ou seja, ao todo, 15 rublos, dos quais já me adiantaram seis... Quando terminar isso, iniciarei uma tradução sobre baleias e alguns dos mais insípidos escândalos de *Les Confessions*, da segunda parte que marcamos para traduzir. Alguém disse a Keruvimof que Rousseau é uma espécie de Radischef. E eu não o contraditarei. Que ele se enforque! Queres traduzir a segunda folha? Se queres, leva o original, penas e papel — tudo por conta do Estado — e consente que te adiante três rublos. Como recebi seis adiantados pelas primeiras duas folhas, tens a receber três e outro tanto quando acabares o trabalho. Não vás agora pensar que me ficas devendo um grande favor. Pelo contrário, logo que entraste, pensei nisso; que me ias ser útil, pois, em primeiro lugar, meu forte não é a ortografia, e, depois, porque conheço o alemão pessimamente, de sorte que, num grande número de casos, invento em vez de traduzir, alegro-me com a ideia que acrescento algumas belezas ao texto, mas talvez me iluda. Então, que dizes, aceitas?

Raskólnikov pegou silenciosamente as folhas da brochura e os três rublos; depois saiu sem proferir uma só palavra. Razumíkhin seguiu-o com um olhar de espanto. Mas quando ia dobrar a primeira esquina, Raskólnikov retrocedeu precipitadamente e tornou a subir à casa do amigo. Colocou na mesa a brochura e os três rublos e tornou a sair sem dizer palavra.

— Mas isso é de doido! — gritou Razumíkhin exasperado. — Que história é esta? Até me fazes perder a calma! Para que diabo vieste então aqui?

— Não preciso de traduções... — murmurou ele descendo a escada.

— Dize-me, onde moras?

A pergunta ficou sem resposta.

— Bem, vá para o diabo!

Mas Raskólnikov já estava na rua. Na ponte de Nikolaiévski, retornou à consciência de seus atos, devido a um incidente desagradável. Um cocheiro, após lhe ter gritado duas vezes, deu-lhe uma chicotada por tê-lo quase feito cair sob as patas dos cavalos. A chicotada enfureceu-o tanto que se jogou contra a balaustrada (por uma razão que não sabia, andara no meio do tráfego, pelo centro da ponte) e trincou os dentes com raiva ao ouvir o escárnio dos transeuntes.

— Bata-lhe com força!

— Acho que é punguista!

— Na certa, imita estar bêbado para ficar sob as rodas da carruagem e assim ter quem se responsabilize por ele.

— É contumaz... isso ele é!

Enquanto estava parado na balaustrada, olhando com raiva e susto a carruagem que retrocedia e esfregando a espádua dolorida, sentiu alguém lhe pôr dinheiro na mão. Era uma senhora idosa, de lenço na cabeça e sapatos de couro de cabra, com uma criança, provavelmente sua filha, de chapéus e guarda-sol verde.

— Guarde-o, em nome de Cristo!

Raskólnikov guardou-o, e elas prosseguiram. Era uma moeda de vinte copeques. Por seus andrajos, deviam tomá-lo por um mendigo a esmolar e a dádiva de vinte copeques era devida à chicotada, o que as entristecera. Fechou a mão sobre a moeda; andou dez passos e retrocedeu, tendo o Neva e o palácio pela frente. No céu não havia nuvem alguma, e a água do rio estava azul-celeste, coisa rara no Neva. A cúpula da catedral, melhor vista da ponte a vinte passos da capela, resplandecia à luz do sol e, no ar puro, cada um de seus ornamentos podia ser claramente distinguido. A dor da chicotada se esvanecera, e Raskólnikov já esquecera o fato. Uma inquietude, uma indefinida ideia ocupou-o completamente; parou e ficou olhando detidamente a distância. Tal lugar era-lhe familiar; quando cursava a Faculdade, parara ali centenas de vezes ao voltar para casa, e quase sempre se maravilhava com a vaga e misteriosa emoção a que era induzido por tal espetáculo. Desta vez, ficou estranhamente indiferente; este exuberante espetáculo para ele era vazio e sem vida. Cada vez que refletia, ele se surpreendia com essa sombria e enigmática impressão e, não confiando em si mesmo, procurava achar uma explicação para o fato. Rememorando vividamente todas as antigas dúvidas e perplexidades, parecia-lhe não ser simples acaso relembra-las agora. Achou estranho e grotesco que tivesse habitualmente se demorado em tal lugar; embora, de fato, tivesse pensado as mesmas coisas, interessando-se pelas mesmas teorias e panoramas há tão pouco tempo. Esta diferença quase o divertiu, embora, também, lhe dilacerasse o coração. Do íntimo, bem escondido, tudo lhe aparecia agora... seu antigo passado, seus antigos problemas e teorias, suas antigas impressões, este panorama, ele próprio, e tudo... tudo... Sentia que voava e que tudo lhe fugia da visão. Tentando um

movimento inconsciente com a mão, de súbito teve consciência da moeda no punho cerrado. Abriu-o, olhou esgazeado para a moeda e, flexionando o braço, lançou-a na água; então, voltou para casa. Parecia-lhe ter-se separado de tudo e de todos com aquele gesto.

Anoitecia quando chegou a casa; portanto devia ter perambulado cerca de seis horas, sem saber por onde voltara. Tremendo dos pés à cabeça, como um cavalo estafado, despiu-se, estendeu-se no divã e, depois de se ter embrulhado no capote, adormeceu profundamente.

Era já noite alta quando um grande barulho o despertou. Que cena medonha se estava passando, Senhor! Eram gritos, gemidos, ranger de dentes, vociferações, como ele nunca ouvira. Aterrado, sentou-se no divã; de instante a instante, seu terror aumentava, porque cada vez lhe chegavam mais distintamente aos ouvidos o som das pancadas, as lamentações e as vociferações. De súbito, com grande surpresa, reconheceu a voz da hospedeira.

A pobre mulher gemia, suplicava, aflitíssima. Era impossível distinguir o que ela dizia, mas decerto pedia que não lhe batessem mais, porque evidentemente estavam a espancá-la na escada. Quem assim a maltratava, vociferava com voz rouca, alterada pela cólera, de forma que suas palavras eram também ininteligíveis. Raskólnikov tremia como vara verde; reconhecera essa voz; era a de Iliá Pietróvitch. “Iliá Pietróvitch está batendo na senhoria! Dá-lhe pontapés, bate-lhe com a cabeça nos degraus... É claro que não me engano... O ruído, os gritos da vítima, tudo indica que se trata de pancadaria. O que será isso?”

Os inquilinos dos diversos andares corriam para a escada; ouviam-se vozes, exclamações; subiam, desciam, empurravam fortemente as portas ou fechavam-nas com estrondo. “Mas por que foi tudo isso? Como é isso possível?”, repetia ele, começando a acreditar que a loucura se apoderava de seu cérebro. Mas qual! Ele distinguia nitidamente os ruídos!... “Mas então, vêm a meu quarto, porque... tudo isso, naturalmente, é por causa da *história*... Meu Deus!...” Quis correr o fecho da porta, mas não teve forças para erguer o braço... Aliás, sabia bem que essa preocupação de nada lhe serviria! O terror gelava-lhe a alma...

O rumor durou uns dez minutos, cessando pouco a pouco. A dona da casa gemia. Iliá Pietróvitch continuava os insultos e as ameaças... Por fim também se calou. “Ter-se-ia *ido* embora? Meu Deus!... Sim, lá se vai também a patroa, sempre chorando e gemendo... Com que ruído fecha a

porta do quarto... Os inquilinos recolhem-se, com exclamações de espanto, ora gritos, ora em voz baixa. Devia ser muita gente; pois acudiram todos, ou quase todos, os inquilinos! Oh, meu Deus, será possível? Mas por que viria ele aqui?”

Raskólnikov caiu exausto no divã, mas não pôde adormecer; durante meia hora foi dominado por um terror estranho. Repentinamente, uma luz brilhante iluminou o quarto. Era a Nastácia que estava com uma vela e um prato de sopa. A rapariga olhou para ele atentamente, e, convencida de que não dormia, colocou o castiçal na mesa, bem como o mais que trouxera: pão, sal, um prato e uma colher.

— Parece-me que não comes desde ontem. Aí ficaste todo o dia a arder em febre.

— Oh, Nastácia... por que bateram na patroa?

Ela fitou-o demoradamente.

— Quem foi que bateu nela?

— Há pouco... talvez há meia hora, Iliá Pietróvitch, o adjunto do comissário de polícia, deu-lhe uma grande surra, ali na escada... Por que a espancaria assim? E que veio ele fazer aqui?

Nastácia franziu o sobrolho sem dizer palavras e examinou atentamente o hóspede. Esse olhar penetrante embaraçou-o.

— Por que não respondes, Nastácia? — perguntou finalmente com voz débil.

— É o sangue — murmurou ela como se pensasse em voz alta.

— O sangue!... Que sangue?... — balbuciou Raskólnikov, empalidecendo e recuando até a parede.

Nastácia continuava a observá-lo silenciosamente.

— Ninguém bateu na patroa — disse afinal em tom seco.

Ródion olhou para ela, respirando com dificuldade.

— Eu ouvi perfeitamente... não dormia... estava sentado no divã — disse timidamente. Escutei durante muito tempo. Veio o ajudante do comissário de polícia... Os inquilinos correram todos à escada...

— Não veio ninguém... Isso tudo é do sangue a ferver. Quando não encontra saída, coagula e vem o delírio... Queres comer?

Ele não respondia. Nastácia continuava a observá-lo.

— Tenho sede, Nastáciuchka.

A rapariga saiu e voltou depois com uma vasilha de barro cheia de água... Mas aí paravam as recordações de Raskólnikov. Lembrava-se apenas de ter bebido água. Em seguida, perdera os sentidos.

CAPÍTULO III

Todavia, enquanto durou a doença, Raskólnikov não esteve completamente privado da razão: estava como que num estado febril delirante, numa semi-inconsciência. Mais tarde, recordou-se de muitas coisas. Umas vezes julgava ver em redor de si indivíduos que o queriam levar, discutindo vivamente a seu respeito. Outras vezes via-se só no quarto: toda a gente se havia retirado com medo dele; apenas, de vez em quando, entreabriam a porta para o vigiar; ameaçavam-no, cochichavam, riam e encolerizavam-no. Percebeu muitas vezes Nastácia à sua cabeceira; via também um homem que certamente conhecia bem, mas quem era ele? Não conseguia ligar o nome à pessoa e isso torturava-o até as lágrimas.

Por vezes, afigurava-se-lhe que havia já um mês que estava de cama; noutros momentos, parecia-lhe que todos os incidentes de sua doença tinham sucedido num único dia. Mas *aquilo, aquilo*, ele não lembrava absolutamente; no entanto, a cada momento pensava que se esquecera de alguma coisa de que devia lembrar-se, e afligia-se, fazia esforços de memória, ficava furioso ou possuído de um terror indescritível por não se recordar. Por fim, erguia-se na cama, queria fugir, mas sempre alguém o retinha com pulso forte. Essas crises deixavam-no numa prostração enorme e terminavam sempre por um desmaio. Finalmente recuperou por completo o uso da razão.

Seriam dez horas da manhã. Quando o tempo estava bom, o sol entrava àquela hora no quarto, projetando uma larga faixa de luz na parede do lado direito que se estendia até o canto, junto à porta. Nastácia estava junto ao leito com um homem que ele não conhecia e que o observava com curiosidade. Era um rapaz quase imberbe, vestindo blusa como a dos operários. Pela porta entreaberta, a dona da casa espreitava. Raskólnikov ergueu-se um pouco.

— Quem é, Nastácia? — perguntou ele apontando o desconhecido.

— Veja, voltou a si! — exclamou a criada.

— Já voltou a si! — repetiu o desconhecido. — A essas palavras a hospedeira fechou a porta e desapareceu. À sua timidez desagradavam as explicações. Essa mulher, que teria quarenta anos, tinha olhos negros, era muito gorda e de aparência agradável. Bondosa, como em geral são as pessoas adiposas e indolentes, era extremamente tímida.

— Quem é o senhor? — continuou Raskólnikov a perguntar, dirigindo-se ao desconhecido. Mas nesse momento a porta abriu-se novamente e entrou Razumíkhin curvando-se um pouco por causa de sua elevada estatura.

— Que droga! — exclamou ele, bato sempre com a cabeça no teto; e chamam a isto um quarto? Então, meu amigo, já voltaste a si, segundo me disse agora Pachenka?

— Agora mesmo recuperou os sentidos — disse Nastácia.

— Só agora recuperou de todo os sentidos — repetiu como um eco o desconhecido, sorrindo.

— Mas quem é o senhor? — perguntou asperamente Razumíkhin. — Eu me chamo Vrazumikine; não Razumíkhin, como sou chamado habitualmente, mas Vrazumikine, sou estudante, filho de um fidalgo, e este senhor é meu amigo. Agora fará o favor de apresentar-se.

— Sou empregado no estabelecimento de Cheloparef e venho aqui tratar de um negócio.

— Sente-se nessa cadeira — disse Razumíkhin sentando-se do outro lado da mesa. — Meu amigo, fizeste bem em voltar a si, continuou o estudante dirigindo-se a Raskólnikov. Há quatro dias que quase não comes nem bebes. Tomavas apenas um pouco de chá. Trouxe-te duas vezes o Zózimov! Lembras-te de Zózimov? Examinou-te minuciosamente e disse que isso não era nada. A tua doença, segundo ele, era apenas um esgotamento nervoso, resultado da má alimentação, mas sem consequências. É um tipo interessante o Zózimov! Já clinica por sua conta... Mas não quero tomar-lhe o tempo — disse Razumíkhin voltando-se para o empregado de Cheloparef. — Queira expor o motivo de sua visita. Nota, Ródia, que é a segunda vez que o patrão dele manda alguém aqui. Mas da primeira vez não foi este. Quem foi que veio antes do senhor?

— Refere-se talvez ao Aléxei Semênovitch, também empregado da casa.

— Tem a língua mais desembaraçada do que o senhor, não acha?

— Sim, ele é mais apresentável.

— Modéstia digna de elogio! Queira ter a bondade de continuar.

— O caso é este — começou o jovem dirigindo-se a Raskólnikov: — A pedido de sua mãe, Afanase Ivânovitch Vakrúchine, de quem certamente já ouviu falar, enviou-lhe uma quantia, que nossa casa foi encarregada de lhe entregar. Se está em seu juízo, queira passar o recibo desses 35 rublos, que, a pedido de sua mãe, Sêmen Semênovitch recebeu de Afanase Ivânovitch, para lhe serem entregues. Certamente teve aviso da remessa desse dinheiro.

— Sim... Tenho ideia... Vakrúchine... — balbuciou Raskólnikov com ar pensativo.

— Está ouvindo... ele conhece Vakrúchine. Está em perfeitas condições mentais. E vejo que o senhor também é inteligente. É sempre agradável ouvir a voz da sabedoria.

— Essa é a pessoa, Afanase Ivânovitch Vakrúchine. A pedido de sua mãe, remeteu-lhe algum dinheiro por intermédio de Sêmen Semênovitch e instruções, há alguns dias, para lhe entregar 35 rublos a fim de suavizar suas condições.

— Este “suavizar suas condições” é a melhor coisa que o senhor disse, embora “sua mãe” não seja tão ruim assim. Pois bem, que tem a dizer? Ele está em seu juízo!

— Tudo estará certo se puder assinar um pequeno documento.

— Ele vai assinar. Traz o livro? — disse Razumíkhin.

— Sim, senhor. Aqui está.

— Dê-me. Vamos lá, Ródia, faça um pequeno esforço; vê se te podes sentar, eu ajudo-te... Toma a pena... Anda, assina, meu amigo, e lembra-te que atualmente dinheiro é o mel da humanidade.

— Não preciso dele — disse Raskólnikov afastando a pena.

— Como assim?

— Não assino!

— Mas é preciso que passes o recibo!

— Não tenho necessidade... de dinheiro...

— Não tens necessidade de dinheiro!... Quanto a isso, meu caro amigo, faltas à verdade. Sou testemunha! Não se preocupe, senhor, ele não sabe o que está dizendo... regressou novamente ao país dos sonhos. Isso

também lhe sucede no estado normal. O senhor, que é um homem de juízo, vai-me ajudar a ampará-lo e ele há de assinar. Vamos, ajude-me.

— Mas eu volto depois.

— Não, não, por que se há de incomodar?... Vamos, Ródia, não demores este senhor... bem vêes que ele está esperando... — E Razumíkhin procurava guiar a mão de Raskólnikov.

— Deixa, eu não preciso de auxílio para isso... — respondeu o doente. E, tomando a pena, assinou.

O empregado de Cheloparef deu o dinheiro e retirou-se.

— Muito bem! E agora, queres tomar alguma coisa?

— Quero — respondeu Raskólnikov.

— Haverá sopa?

— Há um resto de ontem — respondeu Nastácia.

— Com arroz e batatas?

— Sim.

— Bem. Vá buscar a sopa e traz também chá.

Raskólnikov olhava surpreso para todos e para tudo com um ar aterrado e imbecil. Decidiu calar-se e esperar o que desse e viesse. “Creio que já não deliro”, pensou ele, “tudo isso me parece real”.

Dez minutos depois, Nastácia voltou com a sopa e a promessa de que o chá não tardava. Trazia duas colheres, dois pratos, sal, pimenta, mostarda para a carne etc. Havia muito que aquela mesa não era posta com tanta abundância. Até a toalha era limpa.

— Nastáciuchka — disse Razumíkhin —, Prascóvia Pavlovna faria muito bem se nos mandasse duas garrafas de cerveja.

— Não queres que lhe falte coisa alguma — resmungou a criada. E saiu.

O doente continuava a observar tudo com inquietação. Entretanto, Razumíkhin sentara-se no divã junto dele. Com a ternura de um irmão amparava com o braço esquerdo a cabeça do amigo, que não precisava desse apoio, ao passo que com a mão direita lhe chegava aos lábios uma colher de sopa, tendo o cuidado de a esfriar soprando-a várias vezes, para que o doente não se queimasse ao sorvê-la. E, no entanto, a sopa estava quase fria. Raskólnikov tomara avidamente três colheradas, quando Razumíkhin interrompeu-o, declarando que não lhe dava mais sem consultar Zózimov.

Nastácia entrou trazendo as duas garrafas de cerveja.

— Queres chá?

— Quero.

— Vá buscar o chá num logo, Nastácia, porque quanto a esta bebida, creio que podemos dispensar o consentimento da faculdade.

— Aqui está a cerveja!

Tornou a sentar-se, puxou o prato de sopa e a carne e pôs-se a jantar com tanto apetite, como se há dias não comesse.

— Agora, amigo Ródia, janto todos os dias em tua casa — disse ele com a boca cheia. — É a Pachenka, a tua amável senhoria, quem me trata desta maneira. Tem por mim grande consideração. Eu não me oponho, está claro. É desembaraçada a pequena! Queres cerveja, Nastáciuchka?

— Estás caçoando de mim?

— Mas chazinho queres, hein?

— Chá, sim... quero.

— Serve-te. Não, espera, eu mesmo vou te servir. Senta-te.

E, levando a sério seu papel de anfitrião, encheu duas xícaras, depois do que saiu da mesa e voltou a sentar-se no divã. Como momentos antes, foi com as maiores atenções que Razumíkhin deu chá a Raskólnikov. Este consentia tudo sem dizer palavra, embora sentisse que podia estar perfeitamente sentado sem que ninguém o amparasse, segurar a xícara e talvez mesmo andar. Mas, com um maquiavelismo quase instintivo, lembrou-se de aparentar uma grande prostração, de simular mesmo certa falta de inteligência, conservando sempre os olhos atentos e os ouvidos apurados. Mas a repugnância foi superior à sua resolução; depois de ter tomado algumas colheradas de chá, voltou a cabeça com um movimento brusco, afastou a colher e deixou-se cair sobre o travesseiro. Essa palavra não era agora uma figura de retórica. Raskólnikov tinha um bom travesseiro de penas, com fronha limpa; ao notar essa circunstância, não deixara de se impressionar.

— É preciso que Pachenka nos mande ainda hoje o xarope de framboesas para fazermos o refresco para Ródia — disse Razumíkhin, voltando ao seu lugar e continuando o jantar interrompido.

— Onde vai ela buscar o xarope? — perguntou Nastácia, que bebia o chá pelo pires pousado na palma da mão.

— Ora, minha amiga, que o mande comprar. Sabes, Ródia, deu-se aqui um fato de que não tens conhecimento. Quando fugiste de minha casa como um ladrão, sem me dizer onde moravas, fiquei tão zangado que decidi procurar-te para me vingar de forma solene. Nesse dia, procedi a indagações. O que eu andei, o que eu perguntei! Tinha-me esquecido de teu endereço pela melhor das razões: porque nunca o soube. Quanto a teu antigo alojamento, lembrava-me que era nos Cinco Cantos, no prédio Karlamof. Vou nessa pista, descubro a casa Karlamof, que afinal não é Karlamof, mas sim casa Buk. Eis aqui como a gente confunde às vezes os nomes próprios! Resolvi no dia seguinte ir à repartição do registro de moradas sem nenhuma esperança no bom resultado da tentativa. Pois, meu caro, em dois minutos informaram-me de tua residência. Estás lá inscrito!

— Meu nome!

— Sim; e não souberam indicar a residência do general Kobelef a alguém que a pedia! Em resumo, logo que aqui cheguei, puseram-me a par de quanto te diz respeito. Sei tudo. A Nastácia te contará isso depois. Travei relações com o Nikodim Fomitch, apresentaram-me o Iliá Pietróvitch, o *dvornik*, Alexandre Gregoriévitch Zametov, chefe de repartição, e, finalmente, Pachenka. Esta foi o *bouquet* final, a Nastácia que te diga...

— Enfeitiçaste-a — disse a rapariga com um sorriso malicioso.

— Por que não puseste açúcar no chá, Nastácia Nikiforovna?

— És o maior! — respondeu Nastácia com uma casquinada. — Não sou Nikiforovna, mas Petrovna — acrescentou logo, ficando séria.

— Tomarei nota disso! Para encurtar a história... tomei a meu cargo fazer uma verdadeira revolução neste lugar para erradicar todas as influências malignas, mas Pachenka venceu a primeira batalha. Não esperava encontrá-la tão... prepotente. Que pensas disso?

Raskólnikov nada respondeu, mantendo os olhos fixos no amigo, cheios de alarme.

— Tudo isso, pelo mesmo, poderia ser desejado, prosseguiu Razumíkhin, sem se embaraçar com o silêncio.

— Que sujeito manhoso! — disse Nastácia, a quem a conversa deixava num contentamento indescritível.

— O teu grande mal, meu amigo, foi não saber levá-la no princípio. Não devias proceder com ela como procedeste. O caráter dessa mulher é

muito original! Mas, depois, falaremos de seu caráter... O que fizeste, por exemplo, para que ela te suspendesse as refeições? E a letra? Estavas maluco quando assinaste tal documento. E o projeto de casamento quando Natália Jegorovna, a filha, era viva!... Sei tudo! Mas vejo que te estou magoando e sou uma besta; perdoa-me. A propósito de besta, não és de opinião que Prascóvia Pavlovna não é tão tola como poderia supor-se à primeira vista?

— Não... — balbuciou Raskólnikov, desviando o olhar, sem refletir que mais conveniente lhe seria sustentar a conversação.

— Não é verdade? — continuou Razumíkhin. — Mas também não se pode dizer que seja inteligente. É uma criatura única! O que te asseguro é que não a compreendo... Vai fazer quarenta anos, mas diz que tem 36 e pode fazê-lo sem correr risco de passar por mentirosa. Aliás, juro-te que não posso avaliá-la senão intelectualmente, porque nossas relações são as mais singulares que se possam imaginar! Não entendo isso. Mas vamos ao que importa. Ela viu que tu tinhas abandonado a universidade, que não lecionavas, que não tinhas roupa; por outro lado, depois da morte da filha, não havia razão para seres considerado como pessoa da família. Em vista disso, teve receio. Tu, por teu lado, em vez de manteres com ela as antigas relações, vivias metido em teu buraco. Aí está por que ela te quis pôr na rua. Havia muito que pensava nisso; mas como tinhas assinado a letra e lhe asseguravas que tua mãe pagaria...

— Procedi indignamente, dizendo isso... Minha mãe vive também quase na miséria. Menti para me garantir por mais tempo o alimento e este abrigo... — disse Raskólnikov em voz clara e vibrante.

— Sim, tinhas razão procedendo assim. O que estragou tudo foi a intervenção do Tchebarof. Se não fosse ele, a Pachenka não teria ido tão longe; é demasiadamente tímida para isso. Mas o Tchebarof não é tímido, e naturalmente foi quem pôs as coisas nesse pé. O homem tem com que pagar? Tem, porque a mãe, embora tenha somente uma pensão de 120 rublos, se privaria de comer para salvar seu Ródia de uma dificuldade, e a irmã, que por ele seria capaz de se vender como uma escrava. Foi daqui que o sr. Tchebarof partiu... Por que te afliges?.... Compreendo bem teu pensamento. Não fazias mal em desabafar no seio de Pachenka, quando ela via em ti um futuro genro; mas ao passo que o homem sensível precisa de desabafar, o homem de negócios concentra-se em proveito próprio. Em resumo, ela endossou a letra em pagamento a esse Tchebarof, que não teve

cerimônia em te exigir o reembolso. Logo que soube de toda essa história, quis, por descargo de consciência, tratar o Tchebarof pela eletricidade; entretanto, estabeleceram-se magníficas relações entre mim e Pachenka, e consegui sustar o processo, responsabilizando-me eu pela dívida. Percebes, meu amigo? Apresentei-me como teu fiador. O Tchebarof apareceu, tapamos-lhe a boca com dez rublos e ele entregou o papel que tenho a honra de te apresentar. Agora és apenas devedor sob palavra. Aqui o tens, toma...

Razumíkhin colocou o documento na mesa. Raskólnikov olhou-o e virou-se para a parede sem dizer uma palavra. Até Razumíkhin sentiu remorso.

— Sei, meu caro — disse momentos depois —, que não passo de um tolo. Pensei que te divertiria com minha palestra, mas só consegui contrariar-te.

— Era a ti que eu não conhecia no delírio? — perguntou Raskólnikov após um curto silêncio.

— Era; e até mesmo minha presença te causou crises, principalmente quando trouxe o Zametov.

— O Zametov?... O chefe de repartição da polícia?... Para que o trouxeste cá?...

Proferindo essas palavras, Raskólnikov mudou rapidamente de posição e agora encarava Razumíkhin.

— Que tens?... Por que te assustas?... Ele desejava ver-te, foi ele mesmo quem quis vir, porque tínhamos falado muito a teu respeito. Se não fosse ele, como saberia eu tantas coisas? É um excelente rapaz muito meu amigo e extraordinário... em seu gênero, já se vê. Agora somos amigos; vemo-nos todos os dias, porque mudei-me para este bairro. Ainda não sabias, é verdade! Mudei-me há pouco tempo. Já fui duas vezes com ele à casa de Luísa. Lembras-te da Luíza Ivánovna?

— Eu disse disparates quando delirava?

— Pois certamente. Não sabias o que dizias.

— Mas que disse eu?

— Ora, o que pode dizer um homem que delira... Agora é preciso não perdermos tempo. Pensemos no que interessa.

Levantou-se e pegou o boné.

— Mas que dizia eu?

— Tens muita vontade de o saber? Receias ter revelado algum segredo? Tranquiliza-te: não disseste uma única palavra sobre a condessa! Mas falaste muito num relógio, em brincos, em cadeias de relógio, na ilha de Krestóvski, num *dvornik*, em Nikodim Fomitch e no Iliá Pietróvitch. Preocupavas-te também muito com uma de tuas botinas: “Deem-me”, dizias, choramingando. O Zametov procurou-a por todos os cantos e trouxe-te esta porcaria, em que não teve nojo de pegar com suas brancas mãos, perfumadas e cheias de anéis. Então sossegaste, e durante 24 horas conservaste essa imundície entre as mãos: era impossível arrancá-la, deve estar ainda debaixo do cobertor. Pedias também as franjas de uma calça; e com que lágrimas! Desejava muito saber que valor tinham para ti as tais franjas, mas era impossível deduzir qualquer coisa da incoerência de tuas palavras... Mas falemos de coisas mais importantes. Estão aqui 35 rublos; levo dez, e daqui a duas horas dir-te-ei como os empreguei. Passarei pela casa de Zózimov; há muito que ele devia estar aqui; já passa das 12... Durante a minha ausência, Nastáciuchka, que nada falte a teu hóspede e traga-lhe algum refresco... Eu próprio vou fazer algumas recomendações a Pachenka. Até logo.

— Chama-lhe Pachenka! Oh, que bandido! — disse a criada quando ele voltou as costas; em seguida saiu e pôs-se a ouvir junto da porta; mas, não podendo conter-se, desceu apressadamente, inquieta por saber o que Razumíkhin dizia à patroa. Que Nastácia tinha uma verdadeira admiração pelo estudante, isso não oferecia a menor dúvida.

Mal ela fechou a porta, o doente afastou a roupa e saltou, como desvairado, da cama abaixo. Esperava com a maior impaciência o momento de se encontrar só, para se entregar à sua tarefa. Mas a que tarefa? Disso é que ele já não se lembrava. “Meu Deus! Permiti que eu saiba apenas uma coisa: já sabem tudo ou ainda ignoram? Talvez já saibam, mas dissimulam, por eu estar doente; esperam para desmascarar-me quando me virem restabelecido: então hão de dizer-me que havia muito sabem tudo... Que hei de fazer? Parece incrível: não me recordo e, ainda não há um minuto, eu pensava nisso!...”

Estava de pé, no meio do quarto, olhando em redor, perplexo. Aproximou-se da porta, abriu-a e aplicou o ouvido. Mas não era bem isso... Subitamente pareceu voltar-lhe a memória; correu ao canto, onde o forro estava roto, introduziu a mão no buraco e apalpou; mas também não era isso... Abriu o fogão e revolveu a cinza; as franjas e o forro das

algibeiras das calças ainda ali estavam como quando lá os deixara. Era, pois, evidente que não tinham ido procurar no fogão!

Pensou então na botina de que Razumíkhin falara. Realmente estava no divã e debaixo do cobertor; mas depois do crime arranhara-se e enlameara-se tanto que, sem dúvida, Zametov nada teria percebido.

“Esta agora! Zametov... a repartição de polícia! Mas para que me chamam àquela casa? Onde está a citação? Ah! Estou baralhando tudo; foi há dias que me mandaram chamar; também nessa ocasião examinei a botina, mas agora... Agora estive doente. Mas por que Zametov viria aqui o Zametov? Para que traria o Razumíkhin?”, balbuciou Raskólnikov, sentando-se desfalecido no divã. “Mas que será isso? Ainda estarei delirando, ou as coisas são como as vejo? Parece-me que não estou a sonhar. Ah! Lembro-me agora: é necessário partir, e quanto antes, é absolutamente necessário. Sim... mas partir para onde? E onde está a roupa? Não tenho botinas! Eles levaram tudo, esconderam tudo! Compreendo! Ah! Está aqui o casaco — é que não o viram. Dinheiro em cima da mesa, graças ao Senhor! A letra também lá está... Meto o dinheiro no bolso e escapulo-me, vou alugar outro quarto e eles não me tornam a encontrar!... Sim, mas a repartição das residências? Vão logo dar comigo! Razumíkhin descobre-me com certeza. É melhor emigrar, ir para a América; bem me importo eu com eles! É necessário levar também a letra... pode servir-me. E que mais hei de levar? Eles julgam-me doente, pensam que não estou em estado de dar um passo, ah, ah!... Li em seus olhos que sabem tudo!... Basta descer a escada; mas se a casa estiver cercada? Se eu for encontrar lá embaixo a polícia?... Que é aquilo? Chá? E também cerveja... Como isso me vai confortar!”

Pegou a garrafa, que conteria tanto como um copo grande, e bebeu-a sem interrupção, com verdadeiro prazer, porque tinha o peito em fogo. Mas ainda não passara um minuto, a cerveja causou-lhe tonturas e sentia que um ligeiro arrepio lhe percorria as costas. Deitou-se, cobriu-se com o cobertor. Suas ideias, incoerentes, começaram a confundir-se cada vez mais. Pouco depois, cerravam-se-lhe as pálpebras. Pousou com voluptuosidade a cabeça no travesseiro, embrulhou-se mais na macia coberta que substituíra seu esfarrapado capote e adormeceu profundamente.

O rumor de passos acordou-o. Era Razumíkhin que acabava de abrir a porta, mas hesitava em entrar, conservando-se de pé no limiar.

Raskólnikov ergueu-se bruscamente e olhou para o amigo como se procurasse recordar-se de alguma coisa.

— Como estás acordado, entro! Nastácia, traze cá o embrulho — ordenou Razumíkhin à criada que estava embaixo. — Tenho de te prestar contas.

— Que horas são? — perguntou o enfermo, olhando em volta, espantado.

— Dormiste como uma criança, meu amigo; o dia vai declinando, são quase seis horas. Dormiste mais de seis horas.

— Meu Deus! Como pude dormir tanto!

— Ora essa! Isso até te faz bem! Tinhas algum assunto urgente? Talvez alguma entrevista amorosa! Agora temos o tempo livre. Há três horas que esperava que despertasses. Já tinha vindo aqui duas vezes e te encontrei dormindo. Também fui duas vezes à casa de Zózimov, mas ele não estava. Devia tratar de umas coisas minhas; tive de mudar hoje meu domicílio. Mudei tudo, inclusive meu tio... Não sei se sabes que meu tio vive agora comigo... Mas basta de conversa... Vamos ao que importa. Traze para aqui o embrulho, Nastácia. Como te sentes agora, meu amigo?

— Bem, já não estou doente... Há muito tempo que estás aqui, Razumíkhin?

— Acabo de te dizer que estive três horas à espera de que acordasses.

— Não é isso; antes...

— Antes?...

— Há quanto tempo vens cá?

— Mas ainda agora te disse! Já não te lembras?

Raskólnikov concentrou suas ideias. Os acontecimentos do dia apareciam-lhe como que em sonho. Foram infrutíferos os esforços de memória; com o olhar interrogava Razumíkhin.

— Hum! — disse ele. Não te lembras. Já tinha percebido que não estavas em teu estado normal!... Agora o sono te fez bem... Realmente estás com muito melhor aparência... Mas não te preocupes com essas coisas; logo te lembrarás. Olha para isto, meu caro.

Abriu o embrulho que era objeto de todas as atenções.

— Tinha um especial empenho nisso. É que é necessário fazer de ti um janota. Vamos a isso. Começemos por cima. Vês este boné? — disse ele,

mostrando um boné modesto, mas não desairoso. — Dás-me licença que te experimente?

— Não, agora não, depois — disse Raskólnikov afastando o amigo com um gesto impaciente.

— Não, há de ser já, amigo Ródia; deixa-me ver como te fica; logo seria tarde, e depois não dormiria a pensar no caso, porque comprei por cálculo, por não ter a medida de tua cabeça. Serve-te perfeitamente! — exclamou triunfante depois de ter posto o boné na cabeça de Raskólnikov. — Parece que foi feito de encomenda! Um chapéu decente é a peça principal do vestuário e, de certa forma, um cartão de visita. Tolstiákov, um amigo meu, é sempre obrigado a tirar o penico da cabeça em lugares onde há pessoas de chapéu ou boné. Pensam que ele faz isso por sua polidez eslava, mas é simplesmente por ter vergonha de seu penico; ele é um sujeito muito acanhado. Olha, Nastácia! Aqui estão duas coberturas de cabeça: este Palmerston (tirou do canto o velho e surrado chapéu de Raskólnikov, que, por uma razão desconhecida, chamava de Palmerston), este Palmerston e esta joia! Calcula por quanto a comprei, Nastáciuchka? — disse ele à criada, vendo que o amigo se mantinha calado.

— Dois *grivnas*, certamente — respondeu Nastácia.

— Dois *grivnas*? Tu perdeste o juízo! — disse Razumíkhin desconsolado. Oito *grivnas* e foi por já ter sido usado!... Vejamos agora a calça. Declaro-te que estou contentíssimo com ela.

E estendeu em frente de Raskólnikov uma calça cinzenta, de tecido leve, de verão.

— Nem o mais pequenino buraco, nem uma nódoa e em ótimo estado, apesar de ser de segunda mão. O colete é da mesma cor, como a moda exige. Também, se tudo isso não é novo, nem por isso é pior. A roupa, com o uso, adquire mais elasticidade, torna-se mais flexível... Sabes, Ródia, em minha opinião o meio de irmos para diante neste mundo é vestirmo-nos conforme a estação. As pessoas de distinção não comem aspargos em janeiro; foi por esse princípio que me guiei ao fazer estas compras. Estamos no verão? Comprei roupa de verão! Quando chegar o outono hás de precisar de roupa mais quente, e então porás esta de parte... Tanto mais que até o outono tem tempo de se estragar. Vê, calcula quanto custou isto? Dois rublos e 25 copeques! Lembra-te da condição: se usá-los ganharás outro de graça. No sistema de Fediáiev só se faz negócio nessa base; uma vez realizada a compra, fica-se satisfeito para o resto da vida, pois nunca

mais se voltará lá por vontade própria. Agora vejamos as botinas... Que te parece? Vê-se que foram usadas, mas hão de prestar muito serviço durante dois meses. Isto não é artigo daqui; eram de um secretário da embaixada inglesa, que as vendeu a semana passada: usou-as apenas dois dias, mas estava precisando muito de dinheiro... Custaram um rublo e cinquenta copeques. Uma pechincha!

— Mas talvez não lhe sirvam! — observou Nastácia.

— Não servem! Ora essa! E para que serve isto! — replicou Razumíkhin tirando do bolso uma botina velha de Raskólnikov, esburacada e suja. — Tinha-me prevenido: a medida foi tirada por este monstro. Procedeu-se em tudo com o maior cuidado. Por causa da roupa branca é que sustentei uma verdadeira luta com a adeleira. Finalmente, aí tens três camisas com peitilhos da moda... Agora, contas: boné, oito *grivnas*; calça e colete, dois rublos e 25 copeques; botinas, um rublo e cinquenta copeques; roupa branca, cinco rublos; total: oito rublos e 75 copeques. Tenho, portanto, a entregar-te 45 copeques. Aqui os tens, guarda-os. Por uma ninharia te transformaste num janota, porque me parece que teu casaco não só pode servir-te, como até mesmo é elegante. Vê-se que foi feito no Charmal! Relativamente a meias e outras miudezas, não pensei nisso; depois comprarás. Temos ainda 25 rublos; não te preocupes com Pachenka nem com o aluguel do quarto. Já te disse que tens crédito ilimitado... Agora, meu amigo, vamos mudar essa roupa; tua camisa cheira a febre.

— Deixa-me, não quero! — respondeu Raskólnikov afastando-o.

Durante a alegre exposição de Razumíkhin conservara um ar taciturno.

— Tem paciência, meu caro, vamos lá. Então para que andei batendo solas? — insistiu Razumíkhin. Nastáciuchka, não te faças de tola e vem ajudar-me. Assim mesmo! — E, a despeito da resistência oposta, conseguiu mudar-lhe a roupa.

O doente caiu sobre o travesseiro e, durante dois minutos, não proferiu palavra. “Quando me deixarão em paz?”, pensava ele.

— Com que dinheiro foi comprado tudo isso? — perguntou alto, voltando-se para a parede.

— Que boa pergunta! Com teu dinheiro! Tua mãe enviou-te, por intermédio de Vakrúchine, 35 rublos, que há pouco recebeste. Já não te lembras?

— Lembro-me agora... — disse Raskólnikov depois de permanecer algum tempo pensativo e triste. Razumíkhin, com os sobrolhos franzidos, contemplava-o com inquietação.

A porta abriu-se, e um homem de estatura elevada e forte, cuja aparência pareceu familiar a Raskólnikov, entrou.

— Zózimov! Até que enfim — exclamou Razumíkhin alegremente.

CAPÍTULO IV

O recém-chegado teria 27 anos, era alto, robusto, rosto cheio, pálido e cuidadosamente escanhado; os cabelos, de um louro quase branco, penteava-os para cima, arrepiados, como os de uma escova. Usava óculos e, no indicador de sua grande mão, brilhava um argolão de ouro. Notava-se que gostava de andar à vontade, embora a roupa não deixasse de ter um talhe elegante. Vestia um largo casaco de verão e calça larga. A camisa era irrepreensível e, sobre o colete, trazia uma grossa corrente de ouro. Havia em suas maneiras algo de moroso e fleumático, por mais que ele se esforçasse por apresentar o contrário. Aliás, percebia-se nele um pretensioso. Todas as pessoas de suas relações o achavam insuportável, mas consideravam-no um excelente médico.

— Fui duas vezes procurar-te em casa, meu amigo... Sabes, ele voltou a si! — disse Razumíkhin.

— Bem vejo... Então como se sente hoje? — perguntou Zózimov a Raskólnikov, observando-o atentamente, ao passo que procurava arranjar, no extremo do divã, junto aos pés do enfermo, lugar suficiente para sua alentada pessoa.

— Ainda está hipocondríaco — continuou Razumíkhin. — Há pouco, quando lhe mudamos a roupa, quase se pôs a chorar.

— É natural; podiam ter feito isso mais tarde, sem o contrariar... O pulso está magnífico. A cabeça ainda dói, não é verdade?

— Estou bem, sinto-me muito bem! — disse Raskólnikov irritado. E, dizendo isso, ergueu-se de chofre no divã; seus olhos faiscavam; mas, depois, caiu sobre o travesseiro e voltou-se para a parede. Zózimov observava-o com atenção.

— Bem, não há nada de extraordinário. Tem comido alguma coisa?

Disseram-lhe o que o doente tinha comido e perguntaram o que podiam dar-lhe.

— Qualquer coisa... Sopa, chá... Está claro que os cogumelos e os pepinos são proibidos; não deve também comer carne nem... Mas estou aqui a perder tempo sem necessidade... — Trocou um olhar com Razumíkhin. — Nada de remédio, e amanhã voltarei...

— Amanhã à tarde há de ir passear! — resolveu Razumíkhin. — Iremos ao jardim Iussupof e ao Palácio de Cristal.

— Amanhã talvez seja muito cedo, mas um pequeno giro... Enfim, veremos.

— Calcula que justamente hoje festejo a inauguração de minha nova casa, aqui ao lado. Queria que ele fosse dos nossos, ainda que tivesse de ficar deitado no divã! Tu vais? — perguntou Razumíkhin a Zózimov. — Prometeste; não faltes.

— Não falto; porém irei mais tarde. Há baile?

— Qual baile... Há chá, vodca, arenques e um pastelão. É uma simples reunião de amigos.

— Quais são os convidados?

— Colegas e um velho tio, que veio tratar de negócios em São Petersburgo e aqui está desde ontem; vemo-nos de cinco em cinco anos.

— Que faz ele?

— Vegetou toda a vida num distrito onde foi diretor do correio... recebe uma pequena pensão, tem 65 anos. Sou-lhe afeiçoado... Espero também Porfírio Petróvitch, o juiz de instrução... um jurisconsulto. Mas agora me lembro que o conheces.

— Também é teu parente?

— É, mas muito afastado; por que franzes o sobrolho? Então porque já tiveram uma questão julgas que não deves ir?

— Oh! Não me importo com ele!

— Fazes bem. Enfim, estarão lá estudantes, um professor, um empregado, um músico, um oficial, o Zametov...

— Dize-me lá, que tens tu... (com um aceno de cabeça Zózimov indicou Raskólnikov) de comum com Zametov?

— Oh, meu prezado amigo. Princípios! És feito de princípios, como o fosses de primaveras, que se renovam todos os anos. Não te aventuras sozinho nesse campo. Se um homem é um bom sujeito, basta esse princípio para nele me fiar. Zametov é uma agradável criatura.

— Embora se deixe subornar.

— Ele se deixa! E que tem isso? Não me importo que ele seja subornado — gritou Razumíkhin com irritação fora do natural. — Não o estimo por se deixar subornar. Disse somente que era um bom sujeito, em seu âmbito de ação. Mas se olharmos para os homens, sob todos os aspectos, será que sobrará algum? Porque estou certo que nesse caso não valeria um níquel furado.

— Isso é muito pouco. Por ti, daria dois níqueis.

— E eu não daria mais que um por ti. Deixa de brincadeiras! Zametov não passa de uma criança, até posso puxar-lhe as orelhas. Devemos orientá-lo e não repeli-lo. Nunca melhorarás um homem se o repelires e especialmente se for uma criança. Devemos ser duplamente carinhosos com as crianças. Oh, néscios progressistas! De nada entendem e prejudicam-se ao rebaixar outrem... Mas, se queres saber, temos realmente algo em comum.

— Sempre desejei saber o quê.

— É ainda aquele caso do pintor. Empregamos nossos esforços para pô-lo em liberdade. Agora as coisas tomaram rumo mais favorável. O caso já não oferece dúvidas! Nossa intervenção serviu exclusivamente para precipitar o desenlace.

— A que pintor te referes?

— Ainda não te falei nisso? Ah! Agora me lembro que só te contei o princípio da história... É aquele do assassinio da velha usurária... Prenderam o pintor como o autor do crime.

— Sim, sim. Já, antes de me teres falado nisso, ouvira qualquer coisa a respeito, e o caso chegou a interessar-me... Tenho lido o que os jornais têm dito...

— Também mataram Isabel! — exclamou Nastácia, dirigindo-se a Raskólnikov. Nastácia não saíra do quarto e se conservava de pé, junto à porta, ouvindo o que se dizia.

— Isabel! — balbuciou o doente com voz débil.

— Sim, a Isabel, aquela, não te lembras? Ela vinha cá embaixo. Até te fez uma camisa acrescentou Nastácia.

Raskólnikov voltou-se para a parede e pôs-se a olhar fixamente uma das pequenas flores estampadas no papel que forrava o quarto. Sentia os membros presos, mas não tentava movê-los, e o olhar conservava-se fixo na flor.

— Mas havia algum indício contra esse pintor? — perguntou Zózimov, atalhando com impaciência a loquacidade de Nastácia, que se calou, soltando um fundo suspiro.

— Sim, mas indícios que nada valem, e é isso exatamente que havemos de demonstrar! A polícia seguiu nesse caso um caminho errado, principiando pela tolice de suspeitar de Kokh e Priestriakov e detê-los! Por mais alheio que seja à questão, incomoda ver uma investigação tão mal encaminhada! Priestriakov talvez vá esta noite à minha casa... A propósito, Ródia, tu conheces o caso; ocorreu precisamente na véspera do dia em que desmaiaste no comissariado, quando falavam nisso...

Zózimov olhou Raskólnikov com curiosidade, mas ele não se moveu.

— Preciso não te perder de vista. Razumíkhin; entusiasmas-te excessivamente por coisas que não te dizem respeito — observou o médico.

— É possível, mas não faz mal! Havemos de arrancar esse desgraçado das garras da justiça! — exclamou Razumíkhin dando um soco na mesa. — O que me irrita não é só a falsidade dessa gente; todos podem enganar-se; o erro é desculpável e é certo que por ele se chega muitas vezes a descobrir a verdade. O que me desespera é que, apesar de caírem em erro, eles continuam a julgar-se infalíveis. Simpatizo com o Porfírio, mas... Imagina o que a princípio os desnorteou! A porta estava fechada; ora, quando Kokh e Priestriakov chegaram com o *dvornik*, encontraram-na aberta: logo, Kokh e Priestriakov são os assassinos! Ora, aí tens a lógica dessa gente!

— Não te exaltes! Prenderam-nos e não podiam nem deviam deixar de fazê-lo... E a respeito desse tal Kokh: tive ocasião de o encontrar, parece que tinha negócios com a velha, comprando-lhe os objetos que não eram resgatados no prazo devido.

— Sim, é um espertalhão de marca! Também é agiota. Sua desdita não me comove. O que me irrita profundamente são as praxes arcaicas e estúpidas que eles seguem religiosamente... Parece que já é tempo de adotar processos novos, dando uma vassourada na rotina. Só indícios de caráter psicológico podem conduzir à verdadeira pista. “Temos fatos!”, dizem eles. Mas os fatos não bastam; para o bom êxito de uma investigação criminal, o essencial é a maneira de interpretá-los.

— E tu sabes interpretar os fatos?

— Oh, meu caro amigo, eu não te digo que sei interpretar os fatos: o que te digo é que é impossível a gente calar-se quando sente, quando tem a convicção absoluta de que poderia ajudar a fazer luz, se... Conheces os pormenores?

— Falaste-me num pintor, mas não conheço o caso.

— Então escuta. Três dias depois de praticado o crime, de manhã, enquanto a polícia prosseguia nas investigações relativamente a Kokh e a Priestriakov, surgia subitamente o mais imprevisto dos incidentes. Um tal Dúchkine, que tem uma taverna em frente da casa onde se deu o crime, foi entregar ao comissário de polícia um estojo com um par de brincos e contou-lhe uma história enorme: “Anteontem, pouco depois das oito horas (repara no dia e na hora!), um pintor chamado Micolai, que frequenta meu estabelecimento, pediu-me que lhe emprestasse dois rublos sobre os brincos. Quando lhe perguntei onde os obtivera, respondeu que os achara na rua. Não lhe fiz mais perguntas (é ainda Dúchkine quem fala) e dei-lhe um rublo, porque disse comigo: se eu não ficar com isto, outro se apresentará como seu dono, e assim mais vale aproveitar: se houver reclamação, se eu vier a saber que os brincos foram roubados, irei entregá-los à polícia.”

É claro que nosso amigo mentia descaradamente. Eu conheço-o; é um intrujão. Ao obter de Micolai um objeto que valia trinta rublos, não lhe passava pela mente entregá-lo à polícia. Se o fez foi sob a influência do medo. Mas deixemos Dúchkine prosseguir em sua história.

— “Conheço desde pequeno o tal Micolai Demiéntiev; somos ambos da província de Kazan e do distrito de Zarsk. Sem ser propriamente um bêbado, às vezes toma sua pinga a mais. Eu sabia que ele estava pintando naquela casa com Mitrei, que também é nosso patrício. Logo que recebeu o rublo, bebeu dois copos de vinho, deu a moeda para pagar e foi-se com o troco. Mitrei não o acompanhava.

“No dia seguinte, ouvi dizer que tinham assassinado com um machado Alena Ivanovna e a irmã, Isabel. Então tive suspeitas quanto aos brincos, porque sabia que a velha emprestava dinheiro sobre joias. Para esclarecer essas suspeitas, fui à casa da velha e perguntei se Míkolai estava lá. Mitrei informou-me que o Micolai andava na farra. Tinha voltado a casa de madrugada, bêbado, e, dez minutos depois, saíra. Desde então Mitrei não o tornara a ver e estava terminando, sozinho, o trabalho. A escada da casa das vítimas conduz também ao apartamento onde os dois operários

trabalhavam, o qual fica no segundo andar. Depois de saber tudo isso, não disse coisa alguma a ninguém; mas tratei de obter o maior número de detalhes que pude sobre as circunstâncias do crime e voltei para casa. Esta manhã, às oito horas (isto é, dois dias depois do crime) Micolai entrou na minha loja; percebia-se que tinha bebido, mas não estava muito embriagado e entendia perfeitamente o que se lhe dizia. Sentou-se silenciosamente. Quando ele entrou só havia um freguês que dormia estirado num banco e meus dois caixeiros.

— “Viste Mitrei? — perguntei-lhe. — Não, disse ele, não o vi. — Não trabalhaste hoje ali? — Desde ontem que não — respondeu. — E onde dormiste esta noite? — No Areal, em casa de Kolomênski. — E onde arranjaste os brincos que me trouxeste outro dia? — Achei-os na rua — disse desconfiado, evitando-me com o olhar. — Não soubeste que nessa tarde, à mesma hora, se passou alguma coisa de extraordinário no prédio em que trabalhavas? — Não, não sei de coisa alguma. — Então contei-lhe o que se passara, e ele ouvia-me com os olhos esgazeados. De repente fez-se branco como cal, pegou no boné e levantou-se. Eu queria agarrá-lo: — Espera aí, Micolai — disse-lhe —, não bebes um copo de vinho? — Ao mesmo tempo fiz sinal ao caixeiro para se pôr à porta e saí para fora do balcão. Mas percebendo, naturalmente, minha intenção ele começou a correr e um momento depois desaparecera na primeira esquina. Desde então não tenho dúvidas sobre sua culpabilidade.”

— Também me parece... — opinou Zózimov.

— Mas espera; ouve o resto! Naturalmente a polícia procurou Micolai. Dúchkine e Mitrei ficaram detidos. Procedeu-se a uma busca em casa deles e na dos Kolomênski, mas só anteontem é que o Micolai foi preso numa hospedaria dos subúrbios, em circunstâncias muito extraordinárias. Quando chegou à hospedaria, entregou uma cruz de prata ao dono da locanda e pediu um copo de vodca. Momentos depois, uma camponesa ia ordenhar as vacas, e, como olhasse casualmente por uma fresta do tabique para um curral ao lado, viu o infeliz preparando-se para se enforcar. A mulher gritou e acudiu gente — “Isto é coisa que se faça!” — “Levem-me à inspetoria de polícia que eu confesso tudo.” Fizeram-lhe a vontade e levaram-no à estação de polícia por ele indicada e que é a de nosso bairro. Procedeu-se ao interrogatório. “Quem és? Que idade tens? — Vinte e dois anos — etc...” Pergunta: — “Enquanto trabalhavas com Mitrei não viram ninguém na escada entre tantas e tantas horas?” Resposta: — “Pode ser

que passasse alguém, mas nós não percebemos.” — “E não ouviram ruído?” — “Não ouvimos nada de extraordinário.” — “Mas então não sabias que, nesse dia a tantas horas, mataram duas mulheres?” — “Ignorava; só anteontem é que soube, na taverna, pelo Afanase Pavlóvitch” — “E onde foste arranjar os brincos?” — “Achei-os na rua.” — “Por que não foste no dia seguinte trabalhar com Mitrei?” — “Porque andei na pândega.” — “E onde foi a pândega?” — “Em lugares diversos.” — “Por que razão fugiste da casa de Dúchkine?” — “Porque tive medo.” — “Mas de que tinhas medo?” — “De ser preso e processado.” — Pois quer acredites, quer não, Zózimov, fizeram-lhe esse interrogatório, assim mesmo. Sei-o positivamente, porque conheço o questionário em todas as minúcias! E, agora, que achas?

— Mas aí há provas.

— Quais provas? Mas não é disso que se trata, trata-se do interrogatório, da maneira como a polícia julga a natureza humana. Enfim, adiante. Numa palavra, apertaram tanto o desgraçado, que ele acabou confessando. — “Não foi na rua que eu achei os brincos; foi no quarto onde trabalhava com Mitrei.” — “Como foi que os achastes?” — “Mitrei e eu tínhamos trabalhado todo o dia; eram oito horas e preparávamo-nos para sair, quando Mitrei pegou um pincel, besuntou-me a cara e fugiu. Corri atrás dele. Desci os degraus aos pulos, gritando como doido. Mas no momento em que chegava ao fim da escada, correndo desenfreadamente, esbarrei no *dvornik* e em dois sujeitos que estavam com ele. Não me lembro quantos eram. Então o *dvornik* e um outro insultaram-me. A mulher do primeiro *dvornik* apareceu e fez coro com eles. Finalmente, outro sujeito, que ia entrando com uma senhora, descompôs-nos também, porque estávamos à porta, impedindo a passagem. Eu tinha agarrado Mitka pelos cabelos, deitara-o chão e esmurrava-o. Ele também me tinha agarrado pelo cabelo e dava-me quantos podia, apesar de estar por baixo. Fazíamos isso tudo em ar de brincadeira. Mas Mitka soltou-se e pôs-se a fugir. Corri atrás dele, mas não o alcancei e voltei ao quarto, porque precisava pôr em ordem minhas coisas. Enquanto as arrumava, esperava que Mitka voltasse. Nessa ocasião, na sala de entrada, mesmo no canto, pus o pé sobre uma coisa. Olhei e vi um objeto embrulhado num papel. Abri o embrulho e encontrei uma caixinha com uns brincos.”

— Atrás da porta!? Estava atrás da porta!? — exclamou de repente Raskólnikov, olhando com terror para Razumíkhin e tentando erguer-se no

divã.

— Estava... E então? Mas que tens? Por que te afliges assim? — disse Razumíkhin erguendo-se também da cadeira.

— Não é nada!... — respondeu debilmente Raskólnikov, deixando cair o travesseiro e voltando-se novamente para a parede.

Todos ficaram, por momentos, silenciosos.

— Naturalmente estava meio adormecido — disse Razumíkhin, interrogando Zózimov com o olhar.

Este acenou negativamente com a cabeça.

— Continua — disse o médico. — E depois?

— Sabes o resto. Logo que se viu de posse dos brincos, não pensou mais nem no trabalho nem em Mitka. Pôs o boné e foi logo à taverna. Como já disse, recebeu um rublo do taverneiro e enganou-o, dizendo-lhe que achara o estojo na rua. Depois foi para a pândega. Mas, com respeito ao crime, suas declarações não variam: “Não sei de nada; só tive conhecimento do crime dois dias depois.” — “Por que não apareceste durante todo esse tempo?” — “Porque não me atrevia a aparecer.” — “E por que querias enforcar-te.” — “Porque tive medo.” — “Medo de quê?” — “De ser perseguido.” — Aí tens a história. Agora, que conclusão julgas que a polícia tirou de tudo isso?

— Eu sei... Existe de fato uma presunção, talvez discutível, mas que nem por isso deixa de ser valiosa. Querias que dessem liberdade ao homem?

— Mas é que eles lhe atribuem o assassinio. A tal respeito não têm a menor dúvida...

— Vamos, não te exaltes. Lembra-te dos brincos. No mesmo dia, pouco depois de praticado o crime, uns brincos, que estavam no cofre da vítima, foram vistos em poder do homem. Hás de concordar que, a primeira coisa a fazer, nesse caso, é indagar como ele se achava de posse deles. É um caso que o juiz instrutor não pode deixar de apurar.

— Como se achava de posse deles?! — exclamou Razumíkhin. — Tua obrigação, meu caro doutor, é conhecer o homem; tens, mais do que qualquer outro, ocasião de estudar a natureza humana. Pois bem! Será possível que, com todos esses elementos, não percebas qual seja a natureza desse Micolai? Pois não percebes, *a priori*, que todas as declarações,

durante o inquérito, são a verdade nua e crua? Obteve os brincos exatamente como conta. Pôs o pé sobre o estojo e apanhou-o...

— A verdade nua e crua! Mas ele próprio reconheceu que mentira da primeira vez.

— Ora, ouve-me com atenção: o *dvornik*, Kokh, Priestriakov, o outro *dvornik*, a mulher do primeiro *dvornik*, a tendeira que estava então no cubículo do porteiro, o conselheiro Krukof, que nesse mesmo momento descia da carruagem e entrava no prédio dando o braço a uma senhora, toda a gente, ou seja, oito testemunhas, declaram unanimemente que Micolai jogara ao chão Mitka, segurava-o pelos cabelos e que o outro lhe fazia o mesmo. Os dois estão atravessados na porta e interceptam a passagem: todos os insultam e eles, “como duas crianças” (palavras das testemunhas), gritam, descompõem-se, riem e correm um atrás do outro até a rua, como garotos. Estás entendendo? Agora observa este detalhe: lá em cima estão dois cadáveres ainda quentes. Nota que ainda estavam quentes quando deram com eles. Se o crime foi perpetrado por dois pintores, ou só por Micolai, permite-me que te faça uma pergunta: compreende-se tal despreocupação, tanta presença de espírito, em indivíduos que acabavam de cometer dois assassinios, seguidos de roubo? Não haverá incompatibilidade entre esses gritos, essas gargalhadas, essa luta de crianças e o estado moral em que devem achar-se os assassinos? Então cinco ou dez minutos depois de terem assassinado — porque, insisto, encontraram os cadáveres quentes —, eles saem deixando aberta a porta do quarto onde ficam estendidos os corpos de suas vítimas, e, sabendo que alguém sobe para a casa da velha, ficam brincando à porta da rua, bloqueiam a passagem, riem, atraindo a atenção geral, como as testemunhas depõem unanimemente!

— É realmente extraordinário, parece impossível, mas...

— Não há *mas* nenhum, meu caro amigo. Eu reconheço que os brincos, vistos nas mãos de Micolai pouco depois do crime, constituem contra ele uma importante prova circunstancial. Mas o fato é explicado plausivelmente pelas declarações do acusado e, como tal, irrefutável. E há ainda a considerar os fatos justificativos, tanto mais que não *podem ser desmentidos*. Infelizmente, dado o espírito de nossa jurisprudência, nossos magistrados são capazes de admitir que um fato justificativo, baseado numa mera impossibilidade psicológica, possa destruir indícios materiais, qualquer que seja a natureza? Não, nunca o hão de admitir, pela simples

razão de terem encontrado o estojo, e por ter o homem tentado enforcar-se, “o que não faria se não se reconhecesse culpado”! Essa é a questão máxima, e é por isso que eu me irrito, compreendes?

— Sim, eu bem vejo que te exaltas. Mas ouve: esquecia-me de fazer-te uma pergunta. Quem prova que o estojo que encerrava os brincos fosse roubado da casa da velha?

— Isso está fartamente provado! — exclamou Razumíkhin, nervoso. — Kokh reconheceu o objeto e indicou a pessoa que o fora empenhar, a qual, por sua vez, demonstrou cabalmente que o estojo lhe pertencia.

— Tanto pior. Uma última pergunta. Não houve quem visse Micolai enquanto Kokh e o Priestriakov subiam ao quarto andar? Poderíamos assim estabelecer o *álibi*.

— Não, ninguém o viu — disse já irritado Razumíkhin —, e isso é realmente deplorável! O próprio Kokh e Priestriakov não viram os pintores quando subiram a escada; também, agora seu testemunho não teria grande valor. “Nós reparamos”, dizem eles, “que o compartimento estava aberto e calculamos que estivessem trabalhando; mas passamos sem dar atenção e não nos recordamos se lá estavam ou não operários.”

— Hum! Então a justificação de Micolai baseia-se apenas nas gargalhadas e no pugilato com o colega. Sim, será uma excelente presunção a favor de sua inocência, mas... Permite-me que te pergunte qual o juízo que formas sobre o caso: admitindo como verdadeira a versão do acusado, como explicas o achado dos brincos?

— Como o explico? Mas que tem isso a explicar? O caso é claro. Pelo menos o caminho está nitidamente traçado à instrução e indicado precisamente pelo estojo. O verdadeiro culpado deixou cair os brincos. Estava em cima quando Kokh caiu na tolice de descer; então o assassino desceu também, porque não tinha outro meio de escapar. Na escada, evitou ser visto por Kokh, por Priestriakov e pelo *dvornik*, refugiando-se no compartimento do segundo andar precisamente no momento em que os operários acabavam de o abandonar. Escondeu-se atrás da porta enquanto o *dvornik* e os outros subiam para a casa da velha, esperou que avançassem e desceu calmamente a escada, justamente quando os pintores chegavam à rua. Como cada um seguiu seu rumo, não encontrou ninguém. Pode ser mesmo que o vissem, mas ninguém reparou nele: quem vai observar todas as pessoas que entram ou saem de uma casa? Quanto ao estojo, deixou-o cair do bolso enquanto esteve escondido atrás da porta e não deu por isso,

porque tinha outras preocupações. O estojo demonstra, portanto, claramente que o assassino se escondeu no compartimento do segundo andar, onde não havia ninguém. E aí está explicado o mistério.

— É engenhoso, meu caro, e faz honra à tua imaginação!

— Por quê?

— Porque todos os pormenores estão bem combinados, porque todos os detalhes são naturais... Tal qual no teatro.

Razumíkhin ia retrucar, mas a porta abriu-se e apareceu um sujeito que nenhum deles conhecia.

CAPÍTULO V

Era um homem de meia-idade, com ares um tanto pedantes, de fisionomia parada e severa. Hesitou um momento, lançando os olhos em torno com um espanto que não procurava disfarçar. “Onde eu vim parar!”, parecia dizer a si mesmo. Um tanto desconfiado e afetando um certo receio, examinava o cubículo onde se achava. Seu olhar manifestou o mesmo espanto quando encontrou Raskólnikov, deitado no velho divã, despido, desgrehado e sujo e que não fez um único movimento, olhando também atentamente para o desconhecido. Este último, mantendo sempre o porte altivo, examinava agora a barba crescida e a cabeleira desgrehada de Razumíkhin, que, por seu turno, sem se mover, o fitou com impertinente curiosidade. Durante um minuto, reinou um silêncio constrangedor entre todos. Compreendendo afinal que a ninguém causava impressão sua atitude artificial, o homenzinho dirigiu-se cortesmente a Zózimov.

— Ródion Românovitch Raskólnikov, estudando ou ex-estudante? — perguntou, destacando as sílabas.

Zózimov levantou-se e ia responder, quando Razumíkhin, a quem a pergunta não fora dirigida, se apressou a informar.

— É a pessoa que está deitada naquele divã. Mas o cavalheiro que deseja?

O modo incisivo por que a resposta foi dada desconcertou a grave personagem: ia dirigir-se a Razumíkhin, mas, reconsiderando talvez, voltou-se bruscamente para Zózimov.

— Ali está Raskólnikov! — disse negligentemente o médico, indicando o doente com um ligeiro movimento de cabeça. E, bocejando irreverentemente, tirou do bolso um grande relógio de ouro, que consultou e tornou a guardar.

Raskólnikov, deitado de costas, não dizia uma única palavra, e, embora seus olhos não se desviassem do recém-chegado, percebia-se que o pensamento estava longe dali. Desde que deixara de fitar a flor, seu rosto,

extremamente pálido, denunciava um grande sofrimento. Parecia que acabara de submeter-se a uma operação melindrosa ou a um suplício. Mas, pouco a pouco, a presença do desconhecido despertou nele um interesse crescente; a princípio foi surpresa, depois curiosidade e, por fim, como que receio. Quando o médico disse “Ali está Raskólnikov”, ergueu-se de repente, sentou-se no divã e, com voz débil que não deixava trair um tom de provocação, disse:

— Sim, senhor, sou Raskólnikov. Que deseja?

O desconhecido olhou para ele com atenção e respondeu em tom majestoso:

— Pedro Petróvitch Lujine. Creio que meu nome não lhe é completamente estranho.

Mas Raskólnikov, que estava longe de esperar aquela visita, limitou-se a olhar silenciosamente para Lujine, com ar de espanto, como se pela primeira vez ouvisse tal nome.

— Pois será possível que nunca tivesse ouvido falar de mim? — perguntou o noivo de Dúnia.

Raskólnikov recostou-se vagarosamente sobre o travesseiro, cruzou os braços debaixo da cabeça e fitou o teto. Foi sua resposta. Na fisionomia de Pedro Petróvitch, lia-se o descontentamento provocado por tal irreverência. Zózimov e Razumíkhin observavam o recém-chegado com curiosidade, o que acabou por lhe desconcertar a famosa atitude.

— Eu estava persuadido de que uma carta enviada há dez ou 15 dias...

— Mas por que não entra? — interrogou bruscamente Razumíkhin, se tem alguma coisa a dizer, queira sentar-se, porque Nastácia e o senhor não cabem aí à porta, que é estreita. Nastáciuchka, deixa passar este senhor! Ora faça o favor, aqui tem uma cadeira! Veja se pode passar!

Afastou a cadeira da mesa, deixando um pequeno espaço livre entre ela e seus joelhos, e esperou numa posição incômoda que o visitante atravessasse essa estreita passagem.

Era impossível recusar. Pedro Petróvitch chegou, com dificuldade, até a cadeira e, depois de se sentar, olhou desconfiadamente para Razumíkhin.

— Não faça cerimônia — disse o estudante com arrogância — Ródia está doente há cinco dias, em três dos quais delirou; mas agora recuperou os sentidos e até já comeu com apetite. Este cavalheiro é o médico. Eu sou

condiscípulo de Ródia e sirvo-lhe de enfermeiro. Não se importe, pois, conosco e queira continuar sua conversa como se não estivéssemos aqui.

— Muito obrigado. Mas a conversa não fatigará o doente? — perguntou Pedro Petróvitch dirigindo-se a Zózimov.

— Não, é mesmo uma distração para ele — respondeu o médico com indiferença, bocejando outra vez.

— Ele já recuperou o uso das faculdades mentais desde esta manhã! — informou Razumíkhin, cuja sem-cerimônia respirava uma bonomia tão sincera que Pedro Petróvitch começou a sentir-se mais à vontade. Afinal, esse homem irreverente e malvestido era um estudante.

— Sua mãe... — começou Lujine.

— Hum! — resmungou Razumíkhin.

Lujine olhou para ele admirado.

— Não faça caso, é um *tic*. Queira continuar...

Lujine encolheu os ombros.

—...Sua mãe tinha começado uma carta para o senhor, antes de minha partida. Quando aqui cheguei, demorei minha visita alguns dias, para ter a certeza quando viesse, de que o senhor já sabia tudo, mas vejo com espanto...

— Eu sei, eu sei! — atalhou bruscamente Raskólnikov, visivelmente irritado. — O senhor é o noivo, já sei... escusava de falar tanto.

Essas palavras e o modo por que foram proferidas magoaram Pedro Petróvitch, que se conservou silencioso, perguntando a si próprio o que queria dizer tudo aquilo. A conversa ficou, por momentos, interrompida. Raskólnikov, que para responder se voltara um pouco na direção de Lujine, voltou a examiná-lo com grande atenção, como se alguma coisa, que a princípio lhe tivesse passado despercebida, o houvesse agora impressionado. Ergueu-se um pouco no divã para vê-lo melhor. O caso é que o aspecto de Pedro Petróvitch tinha alguma coisa de particular que parecia justificar o nome de *noivo*, pelo qual fora há pouco tão irritantemente designado.

Percebia-se à primeira vista, até demasiadamente, que Petróvitch, mal chegara à capital, se dera pressa em “tornar-se cativante”, e preparar-se para a próxima chegada de sua noiva. Isso era, certamente, não só desculpável, mas até louvável. Talvez Lujine deixasse transparecer, mais do que convinha, a satisfação que lhe causava o completo êxito de seu

desígnio: mas tal fraqueza num noivo é o que há de mais perdoável. Vestia um terno completamente novo e sua elegância apenas num ponto merecia reparo de crítica: era muito recente e traía ingenuamente um intuito. Eram dignos de notar-se os cuidados com que o visitante cercava seu esplêndido chapéu alto, recentemente comprado, e a delicadeza com que segurava numa das mãos lindas luvas Louvain, que não se atrevia a calçar. No vestuário predominavam os tons claros. O jaquetão, de tecido leve, era elegante, e a calça e o colete, da mesma cor, bonitos. A camisa de finíssima cambraia acabara de sair da loja do camiseiro, bem como a gravata de riscas cor-de-rosa. Aliás manda a verdade dizer que Pedro Petróvitch tinha boa aparência com este vestuário que o remuçava.

No rosto corado, que não demonstrava seus 45 anos de idade, umas suíças pretas talhadas em forma de costeleta, faziam sobressair a alvura do queixo cuidadosamente barbeado. Tinha poucos cabelos brancos na cabeleira primorosamente frisada. Se na grave e correta fisionomia havia alguma coisa de antipático e desagradável, isso devia atribuir-se a outras causas. Depois de ter contemplado descortesmente Lujine, Raskólnikov deu um sorriso escarninho, deixou-se de novo cair sobre o divã e fitou outra vez o teto.

Mas o sr. Lujine parecia disposto a não se preocupar com ninharias; fechou os olhos a essas esquisitas maneiras e esforçou-se por continuar a conversa.

— Creia que é com bastante pesar que o encontro neste estado. Se soubesse de sua doença, teria vindo há mais tempo. Mas tenho tantas preocupações!... Além disso, vejo-me obrigado a acompanhar na última instância um processo muito importante. Nem é bom falar nas preocupações constantes que essa causa me dá. Espero, de um momento para outro, sua família, isto é, sua mãe e sua irmã...

Raskólnikov pareceu querer dizer alguma coisa; a fisionomia exprimiu uma certa agitação. Petróvitch deteve-se, esperou, mas, vendo que ele continuava calado, prosseguiu:

— ...De um momento para outro. Arranjei-lhes casa...

— Onde? — perguntou Raskólnikov com voz muito fraca.

— Aqui próximo, no edifício Bakalêief...

— É em Voskresênski informou Razumíkhin —, são dois andares, mobiliados... Quem aluga é o negociante Juchine.

— Sim, alugam ali quartos mobiliados...

— É uma pocilga imunda e que goza de má reputação. Passaram-se lá casos pouco edificantes. Fui levado lá numa aventura escandalosa. Os quartos, porém, não são caros.

— Compreenderá que eu não podia saber disso, pois que acabo de chegar da província, respondeu formalizado Pedro Petróvitch; de qualquer modo, porém, os dois quartos que tomei são muito limpos e a demora será curta... Já aluguei nossa futura casa — continuou ele dirigindo-se a Raskólnikov —, já a estão arrumando. Por enquanto, também estou numa pensão. É muito perto daqui, em casa da sr^a Lippelvechzel, onde resido com meu amigo André Semenióvitch Lebeziátnikov.

— Lebeziátnikov? — disse lentamente Raskólnikov, como se esse nome lhe trouxesse alguma recordação.

— Sim, André Semenióvitch Lebeziátnikov, funcionário do ministério... o senhor o conhece?

— Sim... não... — respondeu Raskólnikov.

— Perdão, sua pergunta fez-me supor que o conhecesse... É um rapaz muito simpático... de ideias liberais... Gosto do convívio dos rapazes; é por eles que se sabe o que vai pelo mundo.

Dizendo isso, Pedro Petróvitch olhou para os presentes, esperando ler-lhes nas fisionomias qualquer sinal de aprovação.

— De que ponto de vista? — perguntou Razumíkhin.

— Do mais sério de todos, isto é, do ponto de vista social — respondeu Lujine satisfeitiíssimo por lhe terem feito a pergunta. — Havia dez anos que eu não vinha a São Petersburgo. Todas as novidades, todas as reformas, todas as ideias chegam até nós, provincianos; mas, para se poder ver mais distintamente, é indispensável vir a São Petersburgo. Ora, a meu ver, é da observação das novas gerações que podemos obter os melhores resultados. E eu confesso que fiquei encantado...

— Com quê?

— Sua pergunta é de certa amplitude. Estarei enganado, mas parece-me ter notado uma visão mais nítida das coisas, um espírito mais crítico, uma atividade mais...

— Insensatez! Não há praticabilidade — agrediu-o Razumíkhin com essas palavras. — Praticabilidade é coisa difícil de se encontrar, não cai do céu; nos últimos duzentos anos, a humanidade tem vivido divorciada da

vida prática. As ideias existem em germe e a tendência para o bem existe, embora em estágio primário, e a honestidade poderá ser encontrada, apesar das multidões de desonestos. Todavia não há praticabilidade. A praticabilidade anda em baixa.

— Não concordo — retrucou Pedro Petróvitch, com visível entusiasmo. — De fato, os homens deixam-se levar e cometem erros, mas devemos ser indulgentes. Tais erros são simplesmente a prova de entusiasmo por uma causa e o anormal meio ambiente em que vivem. Se pouco foi feito até hoje é porque o tempo foi curto. Do meio, nem ousou falar... É meu ponto de vista particular. Se deseja saber, algo já foi obtido: novas ideias de grande valia, novas obras substituem nossos sonhadores e românticos escritores. A literatura atinge a maturidade; muitos preconceitos têm sido desarraigados e tornados ridículos. Em uma palavra: separamo-nos irrevogavelmente do passado; e isso, em meu modo de ver, já é um grande progresso...

— Decorou para pavonear-se! — disse subitamente Raskólnikov.

— Quê? — retrucou Pedro Petróvitch, sem entender as palavras e ficando sem resposta.

— É exato — interrompeu Zózimov com ar despreocupado.

— Não é assim? — replicou Petróvitch, agradecendo ao médico com um olhar amável. — O amigo há de concordar — prosseguiu dirigindo-se a Razumíkhin — que há progressos evidentes, pelo menos no que respeita aos ramos científicos e econômicos...

— Um lugar-comum!

— Perdão, isso não é um lugar-comum! Por exemplo, se me disserem “Ama o teu semelhante” e eu queira seguir esse conselho, qual o resultado? — respondeu Lujine com calor. — Rasgo minha capa, dou metade ao próximo e ficamos ambos seminus. Como diz um provérbio nosso: “Quando se perseguem muitas lebres ao mesmo tempo, não se apanha nenhuma.” A ciência, por seu lado, manda-me atender apenas a minha pessoa, uma vez que tudo neste mundo se baseia no interesse pessoal. Aquele que segue essa doutrina, cuida convenientemente de seus interesses e fica com a capa inteira. Afirma a economia política que, tanto mais sólida e próspera será uma sociedade quanto maior for o número de fortunas particulares ou de capas inteiras nessa sociedade. Portanto, trabalhando apenas para mim, trabalho para todos os outros, do que resulta

meu próximo vir a obter mais do que a metade de uma capa, e isso sem favores particulares ou individuais, mas em consequência do progresso geral. A ideia é simples; infelizmente levou muito tempo a propagar-se e a triunfar da quimera e do devaneio; e, no entanto, não julgo que seja necessária uma grande inteligência para compreender...

— Perdão, mas é que eu pertenço à classe dos tolos — interrompeu Razumíkhin. — Por isso fiquemos por aqui. Eu tinha um objetivo ao encetar essa conversa; mas de três anos para cá, tenho os ouvidos tão causticados desse palavreado, de todas essas banalidades, que chega a repugnar-me falar e mesmo ouvir falar nelas. Naturalmente, o senhor apressou-se a expor-nos suas teorias; era desnecessário, mas não o censuro por isso. Apenas desejava saber quem é o senhor porque, na verdade, ultimamente, lançou-se sobre os negócios públicos uma multidão de especuladores que, procurando somente o interesse próprio, tem destruído tudo em que põe a nefasta mão. Vamos andando!

— Senhor! replicou Lujine escandalizado. — Parece querer insinuar que eu...

— Ora... de nenhum modo... Mas fiquemos nisso! — redarguiu Razumíkhin, voltando-se para Zózimov e continuando a conversa que a chegada de Petróvitch interrompera.

Ele teve o bom senso de aceitar, sem restrições, a explicação do estudante. Aliás, decidira ir-se embora.

— Agora que nos conhecemos — disse ele dirigindo-se a Raskólnikov —, espero que nossas relações continuem logo que recupere a saúde e se tornem mais íntimas pela circunstância que conhece... Desejo-lhe completo e rápido restabelecimento.

Raskólnikov pareceu não ter ouvido. Pedro Petróvitch levantou-se.

— Foi certamente algum devedor que a matou — disse Zózimov.

— Está claro! — repetiu Razumíkhin. — O Porfírio não diz o que pensa, mas intimou as pessoas que tinham negócios com ela.

— Houve interrogatórios? — perguntou com voz forte Raskólnikov.

— Sim, e então?

— Nada.

— Mas como soube ele quem é essa gente? — perguntou Zózimov.

— Kokh apontou alguns; acharam-se os nomes de outros escritos nos papéis que envolviam os objetos, e alguns se apresentaram

espontaneamente, quando souberam...

— O assassino deve ser muito hábil e experimentado! Que decisão! Que audácia!

— Pois não é tal. Aí é que tu e todos os outros se enganam redondamente — replicou Razumíkhin. — Em minha opinião, ele não é nem hábil nem experiente, e esse crime foi provavelmente sua estreia. Na hipótese de o assassino ser um facínora calejado, não há explicação possível, porque as inverossimilhanças surgem de todos os lados. Se, pelo contrário, o supusermos como principalmente, devemos admitir que só o acaso lhe permitiu escapar-se; mas de que não seria capaz o acaso? O assassino talvez nem mesmo previsse todos os obstáculos! E como executa ele seu plano? Enche os bolsos com objetos que valem dez ou vinte rublos, que procura na caixa onde a velha guardara a roupa. Ora, na gaveta superior da cômoda encontrou-se uma caixa com 1.500 rublos, sem contar as notas! Se nem sequer soube roubar, soube só matar! Insisto: foi uma estreia. O homem perdeu a cabeça, e, se não foi agarrado, deve dar graças ao acaso mais do que à sua habilidade.

Pedro Petróvitch desejava despedir-se, mas não quis sair sem dizer algumas palavras de peso. Queria deixar uma impressão favorável de sua pessoa, e a vaidade foi superior ao bom senso.

— Referem-se, sem dúvida, ao recente assassinio da velha adeleira? — perguntou dirigindo-se a Zózimov.

— Exatamente. Ouviu falar nisso?...

— Ora essa! Na sociedade...

— Conhece os pormenores?

— Mais ou menos; mas esse caso interessa-me principalmente pela questão de ordem geral que estabelece. Já não quero referir-me ao progressivo aumento dos crimes nas classes baixas, nos últimos cinco anos. Ponho de parte a série de roubos e incêndios. Há, acima de tudo, um fato que impressiona altamente: é que nas classes superiores a criminalidade vai numa progressão de alguma forma paralela. Ali, cita-se a história de um estudante que assaltou o correio na estrada; acolá, gente de boa condição social falsifica dinheiro; em Moscou, uma quadrilha foi capturada, por falsificar bilhetes de loteria, e um dos chefes era um professor de história universal; depois, um secretário de legação foi assassinado, no exterior, por escuso motivo de dinheiro... E se essa velha

adeleira foi assassinada por alguém da classe social mais elevada — porque camponeses não empenham berloques de ouro —, como podemos explicar essa desmoralização da parte civilizada de nossa sociedade?

— Tem havido muitas mudanças econômicas — interferiu Zózimov.

— Como explicá-las? — cortou Razumíkhin. — Deve-se explicar por nossa impraticabilidade.

— Como diz?

— Que resposta deu o professor de Moscou por falsificar bilhetes? “Todos se enriquecem de algum modo, portanto apresso-me a enriquecer.” Não recordo as palavras exatas, mas o sentido é de que necessitava de dinheiro sem esforçar-se, sem esperar e sem trabalhar. Estamos acostumando-nos a ter os desejos satisfeitos de imediato, a nos amparar em outrem, a conseguir nosso alimento mastigado. A grande hora soa,⁸ e cada homem tem de mostrar-se com seu verdadeiro caráter.

— Mas moral? São só palavras! Princípios...

— Mas que é que o preocupa? — interrogou Raskólnikov. — Isso, afinal, é sua teoria posta em prática.

— Mas... como assim?

— A conclusão lógica do princípio que o senhor há pouco estabeleceu é que é lícito matar...

— Essa agora! — protestou Lujine.

— Não, não é isso — observou Zózimov.

Raskólnikov, muito pálido, respirava a custo; o lábio superior tremia-lhe.

— Nem tanto ao mar nem tanto à terra — prosseguiu com altivez Pedro Petróvitch —; as ideias econômicas, que eu saiba, não conduzem ao assassinio e, pelo fato de se enunciar um princípio...

— É verdade — interrompeu Raskólnikov com a voz alterada pela cólera —, é verdade ter o senhor dito à sua futura esposa... precisamente quando ela acabava de aceder a seu pedido, que o que mais lhe agradava nela... era a pobreza... visto que era preferível casar com uma mulher pobre, para depois poder dominá-la e atirar-lhe à cara os benefícios recebidos?...

— Senhor! — gritou Lujine com a voz entrecortada pela ira. — Senhor!... alterar por tal forma meu pensamento! Permita-me que lhe diga que a informação que lhe deram não tem o menor fundamento, e eu...

desconfio de quem... enfim, sua mãe... Ela já me tinha parecido, a despeito das suas excelentes qualidades, um tanto exaltada e romanesca; estava, porém, muito longe de a supor capaz de dar tal interpretação às minhas palavras, e citá-las, alterando-lhes o sentido... E finalmente...

— Olhe, sabe... — gritou Raskólnikov, erguendo-se e despedindo centelhas pelos olhos. Sabe?...

— O quê?

E Lujine parou, esperando em atitude de desafio.

— Se tem o atrevimento... de dizer mais uma palavra... a respeito de minha mãe... atiro-o pela escada abaixo!

— Mas que é isso? — acudiu Razumíkhin.

— É isso; mais nada.

Lujine tornou-se muito pálido e mordeu os lábios. Estava furioso, mas fazia um grande esforço para se conter.

— Ouça — começou ele após curto silêncio. — O acolhimento que me fez não me deixou dúvidas acerca de sua inimizade; demorei, porém, propositadamente a minha visita, para me certificar a esse respeito. Poderia desculpar tudo a um doente, a um parente, mas isso... nunca...

— Eu não estou doente! — gritou Raskólnikov.

— Tanto pior!...

— Vá para o inferno!

Mas Lujine não esperara por essa intimação para se retirar. Saiu rapidamente sem olhar para ninguém, nem mesmo para Zózimov, que há muito lhe fazia sinais que deixasse o doente em paz. A coluna vertebral espigada demonstrava claramente o insulto recebido.

— Que absurdo! — disse, abanando a cabeça, Razumíkhin.

— Deixem-me, deixem-me todos! — exclamou Raskólnikov exasperado. — Por que não se vão embora, carrascos? Eu não os temo! Não tenho medo de ninguém. Agora saiam! Quero ficar só, só, só!

— Vamos! — disse Zózimov fazendo sinal a Razumíkhin.

— Mas havemos de deixá-lo nesse estado?

— Vamos — insistiu o médico saindo.

Razumíkhin refletiu um momento e depois resolveu-se a sair.

— É melhor obedecer-lhe — disse Zózimov na escada. — Está muito irritado.

— Que há com ele?

— Um abalo profundo que o arrancasse àquela preocupação é que lhe fazia bem. Ele tem alguma coisa que o preocupa seriamente. É isso o que me inquieta.

— Pode ser que esse Pedro Petróvitch não seja estranho a isso. Pela conversa que acabamos de ouvir, parece que nosso amigo recebeu pouco antes de adoecer uma carta a esse respeito.

— Sim. O diabo foi esse homem vir aqui. Talvez sua visita estragasse tudo. Mas notaste que só uma parte da conversa interessou ao doente, levando-o a sair da apatia e do mutismo? Logo que se fala naquele crime, exalta-se.

— Sim, notei isso — disse Razumíkhin —, prestava atenção ao que se dizia, inquietava-se. É que, no próprio dia em que adoeceu, aterraram-no no comissariado, e chegou a perder os sentidos.

— Hás de contar-me isso logo minuciosamente, e eu também te hei de dizer uma coisa. Esse rapaz interessa-me muito! Daqui a meia hora volto para me informar de seu estado... Aliás, não há que recear por agora...

— Agradeço teu cuidado. Agora vou conversar um pouco com Pachenka e mando Nastácia vigiá-lo.

Depois de terem saído do quarto, Raskólnikov pôs-se a olhar para a criada com impaciência; ela, porém, hesitava em retirar-se.

— Queres tomar agora o chá? — perguntou a rapariga.

— Logo! Quero dormir! Deixa-me!...

E voltou-se para a parede num brusco movimento convulsivo. Nastácia retirou-se.

CAPÍTULO VI

Mas, logo que a criada saiu, Raskólnikov correu o fecho da porta e começou a vestir a roupa que Razumíkhin trouxera. Caso singular: à exasperação de há pouco e ao pânico dos últimos dias parecia haver sucedido repentinamente em Raskólnikov uma absoluta tranquilidade. Era o primeiro minuto de uma serenidade estranha, repentina. Seus movimentos, regulares e precisos, denotavam uma resolução enérgica. “Hoje mesmo!...”, murmurava ele. No entanto não compreendia que estava muito fraco; a forte tensão moral, que restituíra a tranquilidade, dava-lhe vigor e confiança; julgava poder aguentar-se na rua, de pé. Depois de ter se vestido, olhou de novo para o dinheiro espalhado na mesa, refletiu um momento e meteu-o no bolso. Eram 25 rublos. Guardou também o troco dos dez rublos gastos por Razumíkhin na compra da roupa. Depois, abriu com precaução a porta, saiu e desceu a escada. Ao passar em frente da cozinha, cuja porta estava aberta, lançou um olhar para o interior: Nastácia, de costas, soprava o samovar da patroa e não o viu. Aliás, quem poderia prever aquela fuga? Momentos depois, estava na rua.

Eram oito horas; tinha acabado de pôr-se o sol. Embora a atmosfera estivesse asfíxiante, Raskólnikov respirava avidamente o ar poeirento, portador das exalações mefíticas da grande cidade. Sentia a cabeça girar.

Os olhos inchados, o rosto emagrecido e lívido exprimiam uma energia selvagem. Não sabia para onde dirigir-se nem pensava em tal. Sabia apenas que era preciso acabar com “isso” hoje mesmo, de uma vez, imediatamente; que de outra forma não tornaria a entrar em casa, “porque não queria viver assim”. Como acabar com aquilo? Não tomara sobre o caso resolução alguma e diligenciava afastar essa ideia — pergunta que o atormentava. Sentia unicamente que era preciso que tudo mudasse; fosse como fosse, “custe o que custar”, repetia.

Obedecendo a um velho hábito, dirigiu-se ao Mercado do Feno. Antes de chegar lá, encontrou, parado em frente a uma loja, um tocador de

realejo, um rapazinho de cabeleira negra que ia fazendo o instrumento gemer uma melodia sentimental. O pequeno músico acompanhava no realejo uma menina de 15 anos, aprumada em frente dele, vestida como uma dama, mantilha, luvas e chapéu de palha preto ornado com uma pluma cor de fogo, tudo velho e desbotado. Cantava uma *romanza* com voz áspera, mas forte e suportável, esperando que da loja lhe atirassem alguma moeda de dois copeques. Duas ou três pessoas tinham parado a ouvi-la. Raskólnikov deteve-se um momento, tirou do bolso uma moeda de cinco copeques e meteu-a na mão da menina. Ela sustou a *romanza* na nota mais aguda e sentimental, gritou ao companheiro que parasse, e seguiram ambos para o estabelecimento mais próximo.

— O senhor gosta das canções de rua? — perguntou Raskólnikov bruscamente a um transeunte de certa idade, que, ao lado dele, escutava os músicos ambulantes. O interpelado olhou surpreendido para ele. — Eu — prosseguiu Raskólnikov como se falasse de coisa muito diversa da música das ruas —, eu aprecio o canto, ao som do realejo, em uma tarde de outono, sombria, úmida e fria, principalmente quando há umidade, quando os transeuntes têm um aspecto mórbido e esverdeado; ou o que é melhor, quando a neve cai verticalmente, sem ser impedida pelo vento, e os candeeiros da iluminação pública brilham através dela!

— Não sei... desculpe... — balbuciou o outro, assustado com o modo estranho de Raskólnikov. E atravessou a rua.

Raskólnikov pôs-se a caminho, chegando pouco depois à esquina do Mercado, no lugar onde, dias antes, o mascate e a mulher conversavam com Isabel; mas lá já não estavam. Reconhecendo o local, parou, olhou em redor e dirigiu-se a um rapaz de blusa encarnada, que bocejava à porta de uma padaria.

— Naquela esquina não costumam ficar um mascate e a mulher?

— Aqui toda a gente vende — respondeu o outro, medindo desdenhosamente Raskólnikov com o olhar.

— Como se chama esse mascate?

— Chama-se pelo nome!

— Tu não és de Zaráisk? De que província?

O rapaz olhou novamente seu interlocutor.

— Alteza, nós não somos de uma província, somos de um distrito. Meu irmão saiu e eu nada sei... Queira Vossa Alteza perdoar-me

generosamente.

— Aquilo ali em cima é uma taverna?

— É um *troktir*, com bilhar, frequentado por princesas... Vai lá muito boa gente!

Raskólnikov seguiu para a outra extremidade da praça, onde havia uma multidão de mujiques. Meteu-se entre eles, lançando um olhar a cada um e desejando dirigir a palavra a toda a gente. Mas os aldeãos não reparavam nele, e, em pequenos grupos, conversavam animadamente sobre seus negócios. Após um momento de reflexão, saiu do mercado e entrou no *pereulok*...

Muitas vezes seguira esse caminho, que forma um ângulo e conduz à praça de Sadovaia. Ultimamente, gostava de passar em todos esses lugares quando começava a aborrecer-se, para se aborrecer ainda mais. Agora dirigia-se para aquele lado sem um propósito determinado. Há aí uma vasta casa, cujas lojas são ocupadas por depósitos de vinho e tavernas. Dessas pocilgas saíam constantemente marafonas vestidas sumariamente. Juntavam-se em grupos, em vários pontos do passeio, principalmente perto das escadas que conduzem a subterrâneos duvidosos.

Num desses havia, naquele momento, alegre algazarra. Cantavam, tocavam e gritavam tanto que se ouvia de um extremo a outro da rua. À entrada desse antro havia grande número de mulheres, umas sentadas nos degraus, outras no passeio, outras de pé, conversando. Um soldado embriagado, de cigarro na boca, andava aos trancos berrando; parecia querer entrar em algum lugar de que não se lembrava. Dois maltrapilhos insultavam-se mutuamente. Um homem, em completo estado de embriaguez, estava estendido na rua.

Raskólnikov parou perto do maior grupo de mulheres, que conversavam em voz alta. Estavam todas vestidas de cassa, cabeça descoberta, os pés calçados em sapatos de pele de cabrito. Algumas tinham já dobrado o cabo dos quarenta; outras não teriam mais de 17 anos. Quase todas tinham olheiras.

A algazarra que vinha do subterrâneo atraiu a atenção de Raskólnikov. Por entre as gargalhadas e o vozear, uma balalaica acompanhava uma voz esganiçada, enquanto alguém dançava desesperadamente, batendo com os tacões:

*Tu, meu belo botão,
não me esperes em vão.*

Raskólnikov, no alto da escada, ouvia sombrio e pensativo, não querendo perder uma palavra da canção, como se para ele fosse caso da maior importância. “Se eu entrasse?”, pensava. “Estão contentes, estão bêbados... E se eu me embebedasse também?”

— Não entra, querido *bárine*?⁹ — perguntou uma das mulheres, de voz razoavelmente timbrada e conservando ainda alguma frescura. Era ainda nova e a única do grupo que não causava repulsa.

— Que bonita rapariga! — disse Raskólnikov olhando-a.

Ela sorriu lisonjeada com o cumprimento.

— Também o senhor é bonito — respondeu.

— Bonito, esse esqueleto! — observou com voz rouca outra mulher. — Parece que saiu agora do hospital!

Nesse momento, aproximou-se do grupo um mujique com ar canalha, vestuário em desordem, cara radiante.

— Parecem filhas de generais, mas têm o nariz chato! Oh, formosas!

— Entra, já que vieste!

— Vou entrar, beleza!

E desceu ao subterrâneo. Raskólnikov ia afastar-se.

— Olha lá, *bárine*! — gritou-lhe a rapariga.

— Que é?

— Querido, eu desejava passar uma hora contigo, mas agora não me sinto muito à vontade em tua presença. Dá-me seis copeques para uma bebida?

Raskólnikov tirou do bolso três moedas de cinco copeques.

— Que generoso *bárine*!

— Como te chamas?

— Pergunte pela Dúklida.

— Vejam só! — exclamou uma das do grupo, indicando Dúklida com um aceno de cabeça. — Não sei como tem descaramento para pedir. Eu morreria de vergonha...

Raskólnikov olhou curiosamente para a mulher que falara. Era uma trintona picada de varíola, coberta de equimoses, com o lábio superior

inchado. Censurava a outra em tom sereno e grave.

“Onde li eu”, pensava Raskólnikov afastando-se, “aquela frase atribuída a um condenado à morte, uma hora antes do suplício? Se ele tivesse de passar a vida sobre um alcatil, sobre um rochedo perdido na imensidade do mar, que lhe oferecesse apenas o espaço suficiente para firmar os pés; se tivesse de viver assim mil anos, sobre o espaço de um pé quadrado, na solidão, na treva, exposto a todas as intempéries — preferiria à morte tal existência! Viver seja como for, mas viver!... Como isso é verdadeiro, meu Deus, como é verdadeiro! O homem é desprezível! E também é quem o chama”, acrescentou.

Havia muito tempo que caminhava ao acaso, quando reparou na tabuleta de um café: “O Palácio de Cristal! Razumíkhin falou no Palácio de Cristal, ainda agora. Mas que queria eu... Ah, sim, ler... Zózimov disse que tinha lido nos jornais...”

— Há jornais? — perguntou, entrando no estabelecimento confortável, onde havia gente. Dois ou três fregueses tomavam chá. Numa sala afastada, quatro indivíduos sentados a uma mesa bebiam champanhe. Pareceu a Raskólnikov que um deles era Zametov, mas a distância não lhe permitia distinguir. “Afinal, que importa?”, pensou ele.

— Que deseja? — perguntou um criado.

— Traga-me chá e os jornais dos últimos cinco dias. — Deu-lhe uma boa gorjeta.

— Aqui estão os de hoje. Quer também vodca?

Quando o criado trouxe os jornais, Raskólnikov pôs-se a procurar: “Izler — Izler — Os Azteques — Os Azteques — Izler... — Máximo — Oh! que estopada... Ah! Está aqui o noticiário: Mulher que caiu de uma escada — Um negociante embriagado — Incêndio no Areal — O incêndio do Petersburgskaia. — Izler — Izler — Izler — Izler — Máximo... Ah, aqui está...”

Tendo finalmente achado o que procurava, começou a leitura. As linhas dançavam-lhe diante dos olhos: conseguiu ainda assim ler a notícia até o fim, passando com crescente curiosidade aos “novos pormenores” nos números seguintes. Folheava os jornais com mão trêmula, sentindo uma impaciência febril.

De repente, alguém sentou-se a seu lado. Raskólnikov ergueu os olhos: era Zametov, o próprio Zametov, trajado como naquele dia em que o

encontrara no comissariado. Eram os mesmos anéis, a mesma corrente, o mesmo cabelo preto, frisado e lustroso, dividido por uma risca até a nuca, a sobrecasaca um pouco surrada, a camisa ligeiramente amarrotada.

O chefe de repartição da polícia parecia alegre, sorrindo com jovialidade. O rosto moreno estava ligeiramente rosado, devido ao champanhe que acabara de ingerir.

— O senhor por aqui? — interrogou ele com ar surpreso e no tom com que falaria a um camarada. Mas ainda ontem o Razumíkhin me disse que o senhor continuava doente. É extraordinário! Sabe que estive em sua casa...

Raskólnikov percebeu que o funcionário policial queria entabular conversa. Pôs de lado os jornais e voltou-se para Zametov com um sorriso constrangido.

— Eu soube de sua visita — respondeu. — Sei que procurou minha botina... Razumíkhin o aprecia muito. Ouvi dizer que tinha ido com ele à casa de Luíza Ivánovna, aquela cuja defesa quis tomar há dias, recorda-se? O senhor fazia sinais ao tenente Pólvora, que não os percebia. Pois não era preciso ter uma inteligência excepcional para os entender. A coisa era clara... hein?

— É levado da breca!

— O Pólvora?

— Não! Seu amigo, Razumíkhin.

— Ao senhor é que a vida corre bem, sr. Zametov; tem entrada gratuita em toda parte. Quem lhe ofereceu há pouco champanhe?

— Por que me haviam de oferecer champanhe?

— Como gratificação! Meu amigo faz render tudo! — disse Raskólnikov escarninho. — Não se zangue, excelente moço! — acrescentou, dando uma palmada familiar no ombro de Zametov. — Disse isso sem ideia de ofender; é brincadeira, como dizia, a propósito dos socos que deu em Mitka, o pintor que prenderam por causa do assassinio da velha.

— Mas como sabe disso?

— Talvez saiba mais do que meu amigo.

— O senhor é um homem extraordinário! Na verdade está ainda muito doente. Fez mal em sair.

— Acha-me singular?

— Muito, que é que estava lendo?

— Jornais.

— Sobre incêndios?

— Ora, que me importam os incêndios! — Olhou Zametov de modo estranho, e nos lábios assomou-lhe novo sorriso de escárnio.

— Não, os incêndios não me interessam — continuou piscando os olhos. — Mas confesse, meu caro, que se empenha em saber o que eu estava lendo.

— Eu? Não faço empenho algum! Perguntei-lhe o que lia para dizer alguma coisa. Havia inconveniência em perguntar-lhe? Por que é que o senhor...

— Ouça: meu amigo é homem instruído, ilustrado, não é verdade?

— Tenho o curso de preparatórios, até o sexto ano — respondeu com ar desvanecido Zametov.

— Até o sexto ano! Oh, que maganão! E traz o cabelo lindamente repartido, anéis... é um felizardo! E bonito! — Dizendo isso, Raskólnikov desatou a rir na cara do chefe de repartição da polícia, que recuou, não ofendido, mas muito surpreendido.

— Que criatura singular! — repetiu com grande seriedade Zametov. — Quer-me parecer que ainda está delirando.

— Eu? Delirando? Está brincando, meu amigo! Com que então sou uma criatura singular? Quer o amigo dizer que me acha curioso, hein? Curioso?

— Sim.

— E deseja saber o que eu lia nos jornais? Veja os números que mandei vir. Isso dá-lhe o que pensar, não é assim?

— Vamos, diga...

— Imagina então que acertou.

— Com quê?

— Depois lhe direi. Agora, meu caro, declaro-lhe, ou antes, confesso. Não, não é bem isso; faço um depoimento e o senhor toma nota! Pois bem, declaro que procurava e achei... — Raskólnikov piscou os olhos e esperou. — Foi até para isso que entrei aqui: os pormenores relativos ao assassinio da velha que emprestava sobre penhores.

Raskólnikov pronunciou as últimas palavras em voz baixa, aproximando o rosto de Zametov, que sustentou fixamente o olhar do rapaz sem pestanejar nem afastar a cabeça. O que mais tarde lhe pareceu

estranho foi que, durante um minuto, os dois se olharam sem dizer palavras.

— E que me importa o que o senhor leu? — disse afinal Zametov, irritado com os modos enigmáticos do outro. — Que tenho eu com isso!?

— Sabe? — continuou em voz baixa Raskólnikov, sem reparar na exclamação de Zametov. — É aquela mesma velha de quem falavam outro dia, no comissariado, quando perdi os sentidos. Percebe agora?

— “*Percebo agora*” o quê? — disse Zametov.

A fisionomia imóvel e sombria do rapaz mudou subitamente de expressão. Raskólnikov soltou de repente uma gargalhada nervosa, que parecia impossível conter.

Assaltara-o uma sensação igual à que experimentara no dia do crime quando, sitiado no quarto da velha por Kokh e Priestriakov, tivera repentinamente o desejo de os insultar, de os escarnecer.

— Olhe, ou o senhor está doido ou... — começou Zametov e deteve-se, impressionado por uma ideia súbita.

— O quê? Que ia dizer? Acabe!

— Não! — replicou Zametov. — Tudo isso é absurdo!

Calaram-se. Depois do acesso de riso, Raskólnikov caiu em sombria meditação. Com o cotovelo apoiado na mesa, a cabeça encostada na mão, parecia ter esquecido completamente o outro.

O silêncio alongava-se.

— Tome seu chá. Está esfriando — observou Zametov.

— Hein?... O quê? O chá?... Ah, sim!

Raskólnikov levou a xícara aos lábios, mastigou um pedaço de pão e, lançando um olhar a Zametov, tranquilizou-se; sua fisionomia retomara a expressão sarcástica.

— Estes crimes são agora muito frequentes. Ainda há pouco tempo li na *Moskovskie Viedomosti* que tinham prendido em Moscou uma quadrilha de moedeiros falsos. Falsificavam notas de banco.

— Ora, aonde vai isso! Há mais de um mês que eu li esse caso — respondeu calmamente Raskólnikov. — Acha que são criminosos? — acrescentou ele, sorrindo.

— Então que hão de ser?

— São uns néscios, uns patetas; criminosos, não. Juntar-se cinquenta para tal fim! Isso é coisa que se faça? Num caso desses, três já são demais;

e é necessário que cada um dos membros da quadrilha tenha mais confiança nos sócios que em si próprio. Não sendo assim, basta que um deles diga uma palavra imprudente e vai tudo por água abaixo. Uns imbecis! Mandam sujeitos em quem não têm confiança absoluta trocar as notas no banco; como se essa missão se pudesse confiar a qualquer um! Mas admitamos a hipótese de que esses idiotas se saiam bem, suponhamos que a operação rendesse um milhão a cada um. E depois? Ficavam eles para toda a vida sob a dependência uns dos outros. Mais vale enforcar-se que viver assim! Nem mesmo souberam passar adiante o papel; um deles apresenta-se num banco, dão-lhe o troco de cinco mil rublos e tremem-lhe as mãos ao receber o dinheiro. Conta quatro mil, mete o quinto milhar no bolso sem contar, tal é a pressa que tem de se ver fora dali. Foi assim que nasceram as suspeitas, e o negócio acabou mal por causa de um só imbecil. Compreende-se isso?

— O quê? Que suas mãos tremessem? — perguntou Zametov. — É claro que se compreende, e acho mesmo o fato natural. Em certos casos não é fácil se dominar.

— Não se poder dominar?

— O senhor poderia? Eu não posso. Pela recompensa de cem rublos, enfrentar essa terrível experiência? Ir com notas falsas a um banco, cujos funcionários têm o dever de verificar sua autenticidade? Não! Eu não poderia fazer tal. O senhor o faria?

Raskólnikov teve novamente o irresistível desejo de dar com a língua nos dentes. Calafrios correram-lhe pela espinha.

— Eu faria diferente — começou Raskólnikov. — Trocaria o dinheiro deste modo: contaria os primeiros mil rublos três ou quatro vezes, para frente e para trás, olhando as cédulas; depois faria o mesmo com o segundo milhar. Chegando à metade, olharia uma nota de cinquenta rublos contra a luz para ver se era falsa e diria: “Temo receber, como um parente meu outro dia, uma nota falsa de 25 rublos.” Depois enredaria o funcionário com uma história. A seguir contaria o terceiro milhar. “Desculpe-me”, diria, “enganei-me na sétima centena, mas não estou bem certo”. Assim, passaria do terceiro ao segundo milhar e retornaria ao primeiro, recontando todo o dinheiro. Tomaria uma cédula do primeiro e do quinto milhar, contrastava-as na luz e pediria ao funcionário para trocá-las. Confundia-o tanto que ele desejaria querer livrar-se de mim. Quando

terminasse e tivesse ido embora, regressaria para lhe pedir uma nova informação. Este seria o processo por mim empregado.

— Que processo maquiavélico! — disse Zametov rindo. — Felizmente não passa de uma palestra. Ouso dizer que se o levasse à prática cometeria uma escorregadela. Acredito que um homem decidido a tudo nem sempre possa contar consigo mesmo, muito menos eu e o senhor. Aliás, temos uma prova bem recente. O assassino da velha deve ser um sujeito bem audacioso, porque não hesitou em praticar o crime de dia e nas condições mais arriscadas; só por milagre é que escapou. Pois, apesar disso, as mãos lhe tremeram. Não soube roubar; perdeu a serenidade. Os fatos demonstram-no claramente...

Estas palavras estimularam Raskólnikov.

— Parece-lhe? Pois descubram-no, prendam-no — vociferou, sentindo um grande prazer em provocar o policial.

— Espere, lá chegaremos... Havemos de prendê-lo.

— Quem? O senhor é quem o vai prender? Oh, meu caro, perde seu tempo. O ponto de partida dos senhores é sempre o mesmo: se fulano faz ou não faz despesas. Fulano, que não tinha um copeque, começa de repente a gastar dinheiro como um perdulário: é ele o culpado. Baseando-se nessa lógica, uma criança, se quiser, escapa às suas pesquisas.

— O que é certo é que todos caem do mesmo modo — redarguiu Zametov. — Depois de procederem com uma habilidade e astúcia inexcusáveis, deixam-se apanhar numa taverna; são sempre os gastos que os traem. Nem todos são espertos como o meu amigo. Aposto que o senhor não frequentaria tavernas!

Raskólnikov franziu o sobrolho e fitou Zametov.

— Parece que também deseja saber como eu procederia em tais circunstâncias? — perguntou exaltado.

— Desejava — replicou vivamente o outro.

— Tem muito empenho nisso?

— Tenho.

— Perfeitamente. Pois vai ouvir o que eu faria — começou Raskólnikov em voz baixa, e aproximando-se de Zametov e fitando-o nos olhos. Dessa vez o comissário de polícia estremeceu. — Aqui está o que eu faria: metia no bolso o dinheiro e as joias e procurava sem perda de tempo um local ermo e vedado, um pátio ou uma horta, por exemplo.

Depois verificaria se a um canto do pátio, encostada à parede, havia alguma pedra de quarenta ou sessenta libras de peso. Deslocaria essa pedra, e na depressão do terreno causada pelo seu peso depositaria o dinheiro e as joias, depois removeria a pedra para seu lugar, colocava alguma terra junto da base, calçava-a e ia-me embora. Deixava ficar ali o roubo um, dois, três anos. E que o procurassem!

— O senhor está louco! — respondeu Zametov, sem ter uma razão aparente. Pronunciou também estas palavras em voz baixa e afastou-se de Raskólnikov. Os olhos deste brilhavam, o rosto estava pálido, um tremor convulso agitava-lhe o lábio superior. Inclinou-se tanto quanto lhe era possível para o lado do chefe policial, articulando os lábios sem proferir uma única palavra.

Assim decorreu um minuto. Raskólnikov sabia o que fazia, mas não podia conter-se. A terrível confissão estava prestes a escapar-lhe.

— E se fosse eu o assassino? — disse de repente; mas voltou-lhe imediatamente o instinto do perigo.

Zametov olhou para ele com ar estranho e fez-se branco como a cal, a boca franzia num sorriso contrafeito.

— Não é possível! — exclamou ele com voz tão débil que mal se ouvira.

Raskólnikov fitou-o com um olhar perverso.

— Confesse que acreditou. Confesse...

— De modo algum. Agora acredito menos do que nunca — apressou-se Zametov a protestar.

— Afinal sempre confessa, meu caro: acreditou antes, pois agora diz *acreditar menos do que nunca*.

— Não, de modo algum — protestou Zametov, visivelmente incomodado. — Foi o senhor quem quis insinuar essa ideia!

— Nesse caso, não acredita? E a respeito do que conversavam, no outro dia, quando eu saí do seu gabinete? E para que me interrogou o Pólvora depois de eu ter recuperado os sentidos? Ei, rapaz, quanto devo? — gritou ele ao criado, levantando-se e pegando o boné.

— Trinta copeques — respondeu o criado.

— Aqui estão e mais vinte de gorjeta. Veja que dinheirão eu tenho! — prosseguiu mostrando a Zametov algumas notas. Entre vermelhas e azuis 25 rublos. De onde me vem tanto dinheiro? E como se explica que eu

apareça agora tão bem-vestido? O senhor bem sabe que eu não possuía um copeque! A estas horas já obrigará Pachenka a falar... Vamos, basta de conversa!... Até a vista!...

Saiu, agitado por uma estranha sensação. O seu rosto convulsionado parecia o de um homem que acabasse de ter um ataque apoplético. Entretanto, a fadiga foi-se apoderando dele rapidamente. Há pouco, estimulado por uma grande excitação, recuperara subitamente as forças; mas logo que esse estimulante transitório deixou de operar, cedeu o lugar a uma prostração crescente.

Zametov permaneceu por muito tempo ainda no mesmo lugar. Raskólnikov transtornara inopinadamente todas as suas ideias sobre determinado caso e ele estava deveras perplexo.

“Iliá Pietróvitch é uma besta!” — concluiu por fim.

Chegando à porta da rua, Raskólnikov encontrou-se com Razumíkhin, que ia entrar. A distância de um passo os dois ainda não se tinham avistado, e quase esbarram um no outro. Durante algum tempo olharam-se sem trocar palavra; Razumíkhin estava assombrado; mas de repente seu olhar brilhou de cólera.

— Aqui é que te meteste! — gritou com voz trovejante. — Fugiste da cama, peste! E eu a procurar-te por toda parte, até debaixo do divã! E por tua causa quase esbordei a Nastácia. E aqui está para onde Sua Exa. veio! Ródia, que quer dizer isto? Dize-me a verdade: confessa! Ouves?

— Isso quer dizer que vocês todos estão me aborrecendo muito e quero estar só — respondeu Raskólnikov com a maior tranquilidade.

— Queres ficar só quando ainda não te agentas em pé, quando estás pálido como um cadáver e nem te podes mexer? Imbecil!... Que vieste fazer no Palácio de Cristal? Responde!

— Deixa-me passar! — replicou Raskólnikov, querendo afastá-lo.

Razumíkhin exasperou-se e agarrou o amigo violentamente pelo ombro.

— Deixa-me passar? Ousas dizer “deixa-me passar”? Sabes o que vou já fazer? Vou levar-te como um traste debaixo do braço para o teu quarto, onde te fecharei à chave.

— Ouve, Razumíkhin — começou Raskólnikov em voz baixa e no tom aparentemente mais severo: como não percebes que eu dispenso os teus favores? E que mania é essa de obsequiar a gente à força e contra a nossa

vontade? Que ideia foi essa te instalares à minha cabeceira quando adoeci? Quem te diz que a morte não seria para mim a libertação? Não te disse hoje da forma mais positiva que me martirizavas, que me eras insuportável? Tens prazer em me apoquentar? Crê que tudo isso atrasa a minha cura, trazendo-me numa contínua irritação. Tu bem viste que o Zózimov foi embora para não me afligir; pois deixa-me também, pelo amor de Deus!

Começara com voz calma, deliciando-se de antemão com as venenosas frases que proferia, mas terminou exaltado, arquejante, como se defrontasse com Lujine.

Razumíkhin ficou, por um momento, pensativo, depois largou o braço do amigo.

— Pois vá para o diabo! — disse com desânimo.

Mas logo que Raskólnikov deu o primeiro passo, prosseguiu.

— Escuta! Sabes que eu festejo hoje a estreia da minha nova casa. Talvez mesmo já estejam lá os convidados: meu tio foi incumbido de recebê-los. Ora, se tu não fosses um imbecil, um grande imbecil... olha, Ródia, eu bem sei que és inteligente... mas és também um imbecil! Pois bem! Se não fosses um imbecil, vinhas passar a noite conosco, em vez de gastares as tuas lindas botinas a vadiar por essas ruas, sem destino. Já que fizeste a asneira de sair, aceita o meu convite. Senta-se numa cadeira estofada, que os meus hospedeiros têm... Tomas uma xícara de chá e estás na nossa companhia... Se não te deres bem na cadeira, podes deitar-te na cama; ao menos estarás conosco... Vai também o Zózimov. E tu?

— Não.

— Essa resposta não vale nada replicou com vivacidade Razumíkhin.
— Como sabes que não vais? Não podes responder por ti... Quantas vezes me aconteceu mandar ao diabo a sociedade, e depois de a abandonar, voltar apressadamente para ela... Envergonhamo-nos da nossa misantropia e procuramos novamente o nosso semelhante! Vê lá, não te esqueças: casa Pôtkinkof, terceiro andar...

— Senhor Razumíkhin, creio que, por cristalina benevolência, o senhor permite qualquer um agredi-lo.

— Agredir-me? Quem? Pela simples ideia, arrancar-lhe-ia o nariz! Casa Pôtkinkof, número 47, andar de Babúchkine.

— Não vou, Razumíkhin! — E, dizendo isto, Raskólnikov afastou-se.

— Ora, se vais! — gritou-lhe o amigo. Senão... nunca mais nos falamos. Ouve lá, Zametov está aí?

— Está.

— Viu-te?

— Viu.

— E falou-te?

— Sim.

— A propósito de quê? Se não queres dizer, não digas. Casa Pôtkinkof, número 47, quarto Babúchkine. Não te esqueças!

Chegando à Sadovaia, Raskólnikov voltou à esquerda. Depois de o ter seguido com um olhar inquieto, Razumíkhin decidiu-se a entrar; mas a meio da escada, parou.

“Diabos o levem”, disse ele quase em voz alta: “fala com lucidez, como se... Mas que tolo sou às vezes: os doidos nem sempre dizem incoerências! Parecia-me que Zózimov também suspeitava...”, e pôs a ponta do indicador na testa. “E se... como é possível deixá-lo sozinho... É capaz de se jogar no rio... Fiz asneira, não há dúvida. Nada, não há um momento a perder!” E pôs-se a correr na direção que Raskólnikov seguira. Mas não o encontrou e teve de voltar a passos largos ao Palácio de Cristal, para interrogar Zametov.

Raskólnikov caminhou direto à ponte***, parou no meio, apoiou-se ao parapeito e pôs-se a olhar vagamente. Sua fraqueza aumentara tanto, depois de deixar Razumíkhin, que se arrastara até ali com dificuldade. Sentia necessidade de se sentar ou deitar em qualquer parte, mesmo na rua. Inclinado sobre a água, fixava distraidamente o último reflexo do sol no ocaso e o casario sobre que vinham caindo as sombras da noite; uma janela de sótão, na margem esquerda, reverberava em chamas aos últimos raios do sol poente. Por fim, círculos vermelhos ofuscavam-lhe a visão; as casas se moviam, os transeuntes, os bancos, as carruagens dançavam frente a seus olhos. Súbito livrou-se, salvo de desmaio, talvez por sobrenatural e horrível visão. Sentiu alguém parado a seu lado. Era uma mulher alta, com um lenço amarrado na cabeça, de rosto marcado pelo sofrimento, de olhos fundos nas órbitas e injetados, que olhava em sua direção, mas sem ver e reconhecer coisa alguma. Repentinamente, pousou a mão no parapeito, alçou a perna esquerda, em seguida a direita, e lançou-se ao canal. A água imunda abriu-se e acolheu a vítima; a suicida flutuou à

deriva na correnteza, com a cabeça e pernas submersas e a saia inflada como um balão.

— Uma mulher se afogando! Uma mulher se afogando! — gritavam vozes; o povo acorria, as margens fervilhavam de espectadores; pessoas, na ponte, rodeavam Raskólnikov espremendo-o de encontro ao parapeito.

— Que Deus se amerceie dela! É Afrosínia! — gritava uma mulher lacrimojante. — Tenham piedade! Salvem-na!

— Um bote! Um bote! — gritavam na multidão. — Mas não havia necessidade de um bote. Um policial descia as escadas até o nível do canal, retirava o capote e as botinas e atirava-se às águas. Era fácil alcançá-la. Flutuava a pequena distância dos degraus da escada. O policial segurava-a com a mão esquerda e com a direita, uma vara que um colega lhe estendia. A mulher que se afogava foi logo retirada da água; colocaram-na no pavimento de granito da murada do canal; em breve, ela recobrava os sentidos, levantava a cabeça, erguia o busto, tossia e espirrava convulsivamente, enxugando, atordoadas, com as mãos o vestido encharcado. Ela nada dizia.

— Está desvairada! — A mesma voz feminina gemeu a seu lado. — Desvairada! Outro dia quis enforcar-se e livramo-la do laço. Agora mesmo saí da loja, deixando minha filha cuidar dela — e novamente se meteu em encrenca! É uma vizinha, moramos perto uma da outra; na penúltima casa da rua; é aquela...

A multidão se dispersava. Os policiais permaneciam em torno da mulher. Alguém lembrava o comissariado de polícia. Raskólnikov olhava a cena com estranha sensação de indiferença e apatia. Sentia-se desgostoso. “Isto é asqueroso... água... não é solução”, murmurava consigo mesmo. “Nada poderá daí advir. Para que demorar? Que há com o comissariado de polícia? Por que Zametov não está no comissariado? Costuma fechar às dez horas...”, encostou-se na balaustrada e olhou a seu redor.

— Isto tem de ser! — decidiu ele, deixando a ponte, em direção ao comissariado de polícia. No seu coração fizera-se um grande vácuo. Não sentia a menor angústia. A energia que se havia manifestado nele quando saíra de casa para acabar com “aquilo” cedera o passo a uma grande apatia.

“Afim, é uma saída!”, resmungava ele enquanto seguia vagarosamente pelo cais do canal. “Assim, ao menos o desenlace é uma

consequência da minha vontade. Mas que fim, este! E será mesmo o fim? Confessarei ou não? Ai, que inferno! Já não posso mais. Se eu pudesse deitar-me em algum lugar! O que mais me tortura é a estupidez do caso! Acabou-se, não pensemos mais nisso! Que ideias tolas nos ocorrem às vezes!...”

Para ir ao comissariado de polícia, ele tinha de seguir em linha reta e voltar pela segunda rua à esquerda. Mas, quando chegou à primeira esquina, parou, consultou-se por um momento e entrou no quarteirão.

Percorreu duas ou três ruas sem fim determinado, talvez para ganhar tempo e refletir. De repente, teve a impressão de que alguém lhe murmurava alguma coisa ao ouvido, ergueu os olhos e viu que estava em frente da porta *daquela* casa. Não voltara ali depois *daquilo*.

Impelido por uma tentação tão irresistível como inexplicável, entrou, tomou pela escada à direita e dispunha-se a subir ao quarto andar. Parava em cada patamar e olhava curiosamente em redor. No primeiro andar tinham posto um vidro novo na janela. “Este vidro não estava ainda aqui”, pensou ele. Chegou ao segundo andar, junto do quarto onde trabalhavam Micolai e Mitka. “Está fechado; a tinta da porta ainda está fresca; a casa está certamente alugada.” Continuou a subir: terceiro andar, quarto... “É aqui.” Teve um momento de hesitação; a porta estava aberta. Havia gente lá dentro, ouvia-se falar. Raskólnikov não previra essa eventualidade; mas logo tomou uma resolução; subiu os últimos degraus e entrou.

Estavam tratando de proceder a obras. A presença dos operários causou a Raskólnikov profundo espanto. Pensava que ia encontrar o apartamento da velha tal qual o deixara; talvez mesmo julgasse que os cadáveres estariam ainda estendidos no chão. Agora via as paredes nuas, os quartos desguarnecidos de mobília. Aproximou-se da janela e sentou-se no peitoril.

Na sala estavam apenas os operários, dois rapazes da mesma idade aproximadamente. Substituíam o velho papel amarelo por papel branco com flores roxas. Esta circunstância (ignoramos por quê) desagradou a Raskólnikov. Olhava irritado para o papel novo, como se todas essas modificações o contrariassem.

Os operários preparavam-se para sair. Olharam, apenas, para o visitante e continuaram conversando.

— Ela visitou-me de manhã — disse o mais velho dos operários ao outro. — Logo cedo, vestida para sair. “Por que estás toda enfeitada como um pavão?”, disse-lhe. “Estou decidida a fazer de tudo para agradá-lo, Tito Vassilitch.” Este é um dos caminhos que a mulher escolhe. Vestida como por um figurino!

— Que é um figurino? — perguntou o mais novo; na certa, reconhecia no outro uma autoridade.

— Figurino é uma porção de retratos coloridos. Chega do estrangeiro, todos os sábados, para os modistas ensinarem como as pessoas devem vestir-se. São retratos. Os homens usam agora sobretudo de pelos e as mulheres, refolhos. Isto, porém, está acima de tua imaginação.

— Em São Petersburgo encontra-se tudo que se deseja — gritou entusiasticamente o mais jovem. — Exceto nossos pais, tudo o mais é encontrado.

— Afora eles, tudo o mais pode ser encontrado — sentenciou o mais velho.

Raskólnikov levantou-se e entrou no quarto onde antes estavam o cofre, o leito e a cômoda; o quarto sem o mobiliário pareceu-lhe muito pequeno. O papel não fora ainda substituído. No caso ainda se percebia o lugar que o oratório ocupava. Depois de satisfazer sua curiosidade, voltou a sentar-se no peitoril da janela. Um dos operários olhou para ele desconfiado e perguntou:

— Que desejas aqui?

Em vez de responder, Raskólnikov levantou-se, dirigiu-se à porta e pôs-se a puxar o cordão da campainha. Era a mesma, dando o som da folha de flandres! Tocou uma segunda, uma terceira vez, aplicando o ouvido e concentrando-se em suas reminiscências. A impressão horrível que sentira no dia do assassinio à porta da velha voltava-lhe com uma nitidez e vivacidade crescentes; a cada toque da campainha estremecia, sentindo nisso um prazer indescritível.

— Mas que faz? Quem é o senhor? — interrogou com arrogância um dos operários.

— Quero alugar um quarto e vim ver este — respondeu.

— Não se veem cômodos de noite, e quem os pretende faz-se acompanhar pelo *dvornik*.

— Lavaram o soalho... vão pintá-lo? — prosseguiu Raskólnikov. — Já não se percebem as manchas de sangue?

— Qual sangue?

— O da velha e da irmã que foram assassinadas. Havia aqui uma poça de sangue.

— Mas quem és? — perguntou o operário inquieto.

— Eu?

— Sim.

— Desejas sabê-lo? Acompanha-me ao comissariado, lá eu direi. — Os dois operários olharam para ele surpresos.

— São horas de nos irmos. Anda, Alechka, vamos fechar o quarto — disse um para o outro.

— Então vamos — disse Raskólnikov indiferente. E saiu adiante, descendo vagarosamente a escada. — Eh, *dvornik*! — gritou, quando chegou ao portão.

Dirigiu-se a um grupo de pessoas que estavam à porta, entre as quais dois *dvorniks*, uma aldeã e um burguês de robe.

— Que desejas? — perguntou um dos *dvorniks*.

— Foste ao comissário de polícia?

— Vim agora mesmo de lá, por quê?

— Ainda estão lá?

— Estão.

— E o adjunto do comissário também está?

— Estava há pouco. Mas que queres?

Raskólnikov não respondeu.

— Este senhor veio ver o cômodo — disse um dos operários, aproximando-se do grupo.

— Que cômodo?

— Aquele onde estamos trabalhando. “Por que lavaram o sangue do chão? Aqui houve um assassinato. Vim verificar”, ele nos disse e começou a puxar a campainha, quase desmontando-a. “Venha ao comissariado, lá direi o resto”, acrescentou ainda, sem querer deixar-nos.

O *dvornik* examinou demoradamente Raskólnikov com o sobrolho franzido.

— Quem és?

— Ródion Românovitch Raskólnikov, estudante, moro aqui próximo, no quarteirão vizinho, casa Chill, quarto número 11. Pergunte ao *dvornik*...

Deu esta informação com a maior indiferença e tranquilidade, olhando obstinadamente para a rua, sem voltar uma só vez a cabeça para o interlocutor.

— Que foi fazer lá em cima?

— Fui ver o cômodo.

— Para quê?

— E se o prendêssemos e levássemos à delegacia? — propôs o burguês.

Raskólnikov olhou para ele com atenção, por sobre o ombro, e convidou:

— Vamos.

— É claro que devemos levá-lo à polícia! — repetiu com vivacidade o outro. — Se ele foi lá em cima é porque tem alguma coisa a pesar-lhe na consciência.

— Talvez esteja bêbado — lembrou um dos operários.

— Mas que queres? — interrogou novamente o *dvornik*, que já estava irritado. — Para que vieste incomodar-nos?

— Tens medo de ir ao comissário? — perguntou Raskólnikov, escarnecendo.

— Medo de quê? Ora esta!...

— É um gatuno — disse a aldeã.

— Mas por que havemos de discutir com ele? — interveio o outro *dvornik*, que era um mujique enorme, com o gibão desabotoado, trazendo um molho de chaves na cintura. — É certamente um gatuno! Anda, põe-te na rua imediatamente.

E, agarrando Raskólnikov por um braço, empurrou-o violentamente.

Ródion por um triz não foi ao chão. Equilibrando-se, olhou toda aquela gente sem proferir palavra e afastou-se.

— Que figura singular — observou um dos operários.

— Há agora tanta gente assim! — exclamou a aldeã.

— Devíamos levá-lo à delegacia! — insistiu o burguês.

— É melhor não se meter com ele! — decidiu o *dvornik* corpulento. — É um ladrão! Ele quer é isto, esteja certo... se lhe der o dedo, ele lhe tomará a mão... Conheço esse canalha!

“Irei ou não?”, pensava Raskólnikov, parado e olhando em redor como se esperasse ouvir a opinião de alguém. Mas a pergunta não obteve resposta; tudo em volta dele era mudo como as pedras da calçada... Subitamente, a duzentos passos de distância, no extremo de uma rua, distinguiu um grupo de onde saíam gritos, palavras proferidas com vivacidade... Rodeavam uma carruagem... “Que será aquilo?” Raskólnikov seguiu à direita e dirigiu-se para lá, metendo-se entre a multidão. Dir-se-ia que queria distrair-se, preocupar-se com o menor incidente, e este pueril desejo fazia-o sorrir, porque tomara uma resolução e chegara a convencer-se de que, momentos depois, “acabaria com tudo aquilo”.

CAPÍTULO VII

No meio da rua estava parada uma magnífica carruagem particular, tirada por uma parelha de cavalos baios. Dentro não havia ninguém e o próprio cocheiro descera da boleia. Os cavalos estavam seguros pelo freio. Em volta da carruagem uma multidão de curiosos era dificilmente contida por policiais. Um deles, com uma lanterna, curvado para a calçada, iluminava o que quer que fosse que estava junto das rodas do carro. Toda aquela gente falava e gesticulava consternada. O cocheiro, desorientado, só dizia de quando em quando:

— Que desgraça, que desgraça!

Raskólnikov abriu a custo caminho por entre a multidão e viu finalmente o que dera motivo a tal ajuntamento. Por terra, ensanguentado e inerte, jazia um homem que acabava de ser atropelado pelos cavalos.

Embora estivesse mal vestido, via-se que não era um plebeu. Do crânio e do rosto jorrava sangue por horríveis feridas. Facilmente se compreendia que o desastre era muito grave.

— Meu Deus! — exclamava o cocheiro. — Não era possível evitar isto! Se os cavalos viessem a galope, a culpa era minha; mas a carruagem seguia vagorosamente, como muita gente viu. Infelizmente um bêbado nunca atende a coisa alguma. Eu vi-o atravessar a rua cambaleando, gritei-lhe que se arredasse três vezes! Freio os cavalos; mas o homem caminha direto para eles, como se o fizesse de propósito! Os animais são fogosos, não pude contê-los, e ele gritou, o que ainda os assustou ainda mais... E assim se deu esta desgraça!

— Sim, foi isso mesmo — confirmou um dos presentes.

— Exatamente; o cocheiro gritou-lhe três vezes que se arredasse — disse outro sujeito.

— Gritou mesmo — informou um terceiro.

O cocheiro, porém, não se mostrava preocupado com as consequências do caso. Evidentemente, o dono da carruagem era personagem rica e

altamente colocada; esta circunstância determinou, especialmente, a benevolência dos agentes de polícia. Entretanto, era necessário remover sem demora o ferido para o hospital. Ninguém, porém, o conhecia.

Mas Raskólnikov, que à força de encontros conseguira aproximar-se, reconheceu à luz da lanterna o infeliz.

— Eu conheço-o! — Conheço-o! exclamou ele, ao passo que, afastando as pessoas que o rodeavam, chegava à primeira fila de curiosos. É um antigo funcionário, o conselheiro honorário Marmêladov! Mora aqui perto, na casa Kozel... Chamem um médico, depressa! Eu pago, aqui está o dinheiro!

E, tirando efetivamente dinheiro do bolso, mostrou-o a um policial. Estava extraordinariamente agitado.

Os agentes de polícia ficaram satisfeitos por se tornar conhecida a identidade da vítima. Raskólnikov deu nome e endereço e solicitou com a maior energia que o ferido fosse imediatamente transportado para casa. Se se tratasse do próprio pai ele não teria mostrado mais zelo.

— É aqui perto — dizia ele —, em casa de Kozel, um alemão rico... Provavelmente recolhia-se à casa bêbado... eu conheço-o, é um odre... Vive com a família; tem mulher e filhos. Antes de o levarem para o hospital, será bom que o médico veja; aqui perto deve haver algum. Eu pago, eu pago!... No estado em que ele está, se o não socorrerem imediatamente, não chega vivo ao hospital.

Meteu algum dinheiro na mão de um dos agentes de polícia. Afinal, o que ele queria era perfeitamente regular. Levantaram Marmêladov e alguns homens ofereceram-se espontaneamente para o transporte do ferido a seu domicílio. A casa Kozel ficava a uns trinta passos do local do desastre. Raskólnikov seguia atrás, sustentando com caridosa precaução a cabeça do ferido e indicando o caminho.

— Aqui! Aqui! Cuidado na escada; é preciso que ele não vá com a cabeça pendente. Virem... assim! Eu pago, eu pago tudo! Obrigado!

Nesse momento, Catarina Ivanovna passeava, como lhe sucedia sempre que tinha um momento de descanso, em todo o comprimento do seu cubículo; ia da janela ao fogão e do fogão à janela, com os braços cruzados sobre o peito, monologando e tossindo. Ultimamente conversava mais amiúde com sua filha mais velha, Polenka. Embora a criança, que apenas tinha dez anos, não percebesse muita coisa, compreendia, no

entanto, a necessidade que a mãe tinha dela; seus grandes olhos inteligentes fixavam-se em Catarina Ivanovna, e, logo que a mãe dirigia-se a ela, diligenciava compreender, ou pelo menos parecer que compreendia.

Polenka despia o irmão, que durante o dia estivera doente e ia deitar-se. Enquanto esperava que lhe tirassem a camisa, para a lavarem durante a noite, a criança, com a fisionomia muito grave, estava sentada numa cadeira, silenciosa e imóvel, ouvindo com os olhos muito abertos o que a mãe dizia à irmã. A pequenina Lidotchka, vestida de farrapos, esperava sua vez de pé, junto ao biombo. A porta que abria para o patamar estava aberta a fim de deixar sair a fumaça de tabaco que vinha do quarto próximo, e que fazia tossir cruelmente a tuberculosa. Catarina parecia ainda mais abatida do que oito dias antes; as sinistras rosetas das faces tinham agora um colorido mais intenso.

— Tu não podes fazer ideia, Polenka — dizia ela passeando —, como a vida era brilhante e alegre em casa de meu pai, e quanto aquele bêbado nos fez a todos desgraçados. Meu pai tinha um emprego civil que correspondia ao posto de coronel; era quase governador: mais um degrau subido na escala, e seria governador. Toda a gente lhe dizia: “Ivã Mikailitch, nós já o consideramos nosso governador...” — Continuou arquejante e exaltada — Quando eu... Oh, vida três vezes maldita! — Procurou clarear a voz e apertou as mãos contra o peito. — Quando no último baile... no palácio do marechal... Quando a princesa Bezzemélني me viu — aquela que me abençoou, quando teu pai e eu nos casamos, Polenka — perguntou imediatamente: “Não é esta a linda menina que se exibiu na dança dos véus no final do baile?” (Deves enxugar tuas lágrimas, Pólia; debes ganhar agulha e linha, como te ensinei, e coser, ou amanhã, tossiu, o rasgão estará maior, disse com grande esforço.) O príncipe Chegolskói, um pajem, havia chegado de São Petersburgo... dançou comigo a mazurca e propôs-me casamento no dia seguinte, mas agradeci-lhe polidamente, e disse que meu coração, de há muito, pertencia a outro. O outro era teu pai, Pólia; meu pai ficou aborrecidíssimo... A água está pronta. Dá-me a camisa. E as meias. Lídia — disse ela dirigindo-se à pequenina —, esta noite dormes sem camisa... põe as meias... lava-se tudo junto. E aquele bêbado sem voltar!... queria lavar também a camisa dele, para não ter de me fatigar duas noites seguidas!... Senhor! Que será? — disse vendo o vestíbulo encher-se de gente e que entravam no quarto alguns homens trazendo uma espécie de fardo. — Que é isso? Que trazem aí? Meu Deus!

— Onde o colocamos? — perguntou um policial olhando em redor, enquanto introduziam no quarto Marmêladov coberto de sangue e sem sentidos.

— No divã! Estendam-no ao comprido no divã... A cabeça para este lado — indicou solicitadamente Raskólnikov.

— É um bêbado que foi atropelado! — informou alguém no vestíbulo. Catarina Ivanovna, muito pálida, respirava dificilmente. As crianças estavam aterradas. Lidotchka correu para a irmã mais velha e, toda trêmula, abraçou-a. Depois de ter ajudado a deitar Marmêladov no divã, Raskólnikov dirigiu-se a Catarina Ivanovna:

— Tranquelize-se, não se assuste! — disse ele com vivacidade. — Ele ia atravessar a rua e uma carruagem atropelou-o. Não se aflija, vai recuperar os sentidos... Mandeí transportá-lo para aqui... Eu já estive aqui, talvez não se lembre... Ele há de voltar a si... eu pagarei tudo!

— Não resiste a esta! — exclamou Catarina correndo para o marido inanimado.

Raskólnikov percebeu logo que a mulher não perdia facilmente a presença de espírito. A cabeça do infeliz já descansava numa almofada, o que a ninguém ainda ocorrera.

Catarina começou a despir Marmêladov, a examinar-lhe as feridas, a dispensar-lhe os mais diligentes cuidados. Apesar da comoção, não perdia a serenidade; mordida os beiços trêmulos e reprimia no peito gritos de angústia.

Entretanto, Raskólnikov conseguira que alguém fosse chamar um médico que morava numa casa próxima.

— Mandeí chamar um médico — disse ele a Catarina —, não se aflija, eu pago tudo! Não tem água... Dê-me também uma toalha, um pano qualquer, depressa; ainda não se pode avaliar a gravidade dos ferimentos... Ele está ferido, mas não morto, creia... veremos o que diz o médico.

Catarina correu à janela, junto da qual em uma velha cadeira estava uma bacia de água, que ela destinava à lavagem da roupa do marido e dos filhos. Esta tarefa noturna fazia-a com as próprias mãos, pelo menos duas vezes por semana, porque haviam chegado a tal miséria que lhes faltava absolutamente roupa para mudarem. Cada um possuía apenas a camisa que trazia vestida. Ora, Catarina não tolerava a falta de asseio, e preferia

fatigar-se lavando de noite a roupa de toda a família para que no dia seguinte a encontrassem lavada e engomada, a consentir que na sua miserável casa houvesse falta de limpeza.

Logo que Raskólnikov lhe pediu água, ela trouxe a bacia, com esforço. O rapaz, tendo encontrado uma toalha, molhou-a e lavou o rosto ensanguentado de Marmêladov. Catarina, de pé, ao lado de Raskólnikov, respirava a custo e apertava as mãos contra o peito. “Talvez procedesse mal mandando-o transportar para aqui”, pensava Raskólnikov.

O policial não sabia também o que havia de fazer.

— Pólia! — gritou Catarina. — Corre à casa de Sônia e dize-lhe que o pai foi atropelado por uma carruagem; que venha imediatamente. Se não a encontrares em casa, dize aos Kapernáumof que lhe deem a notícia logo que ela volte. Depressa, Pólia! Põe este lenço na cabeça!

— Vá depressa! — gritou de repente o menino, que retornou ao silêncio e imobilidade anteriores, com os olhos esbugalhados, os calcanhares para a frente e os artelhos separados.

Entretanto, entrava tanta gente no quarto que um alfinete não cairia no chão. Os policiais saíram; ficou apenas um que fazia recuar a multidão para o patamar. Mas, enquanto procedia a esta operação, pela porta interior entravam no quarto quase todos os inquilinos da sra. Lippelvechzel, aglomerando-se primeiro à entrada e invadindo depois o aposento. Catarina Ivanovna encolerizou-se.

— Ao menos deixem-no morrer em paz! — gritou ela. Vêm ver o espetáculo, de cigarro na boca! De chapéu na cabeça!... Saíam! Tenham respeito pela morte!

A tosse que a sufocava não lhe deixou proferir mais uma palavra; mas a severa reprimenda produziu o efeito desejado; os inquilinos, que pareciam ter receio de Catarina, foram saindo aos poucos, levando no coração aquele vago sentimento de satisfação que ainda o homem mais compassivo não deixa de experimentar à vista da desgraça alheia.

Logo que saíram, suas vozes fizeram-se ouvir do outro lado da porta, dizendo que se devia mandar o ferido para o hospital, a fim de não perturbar o sossego da casa.

— Já a morte perturba! — vociferou Catarina preparando-se para os fulminar com sua indignação. Mas quando corria para a porta de

comunicação, encontrou-se com a sra. Lippelvechzel, que vinha estabelecer a ordem. Era uma alemã insuportavelmente malcriada.

— Meu Deus! — exclamou ela juntando as mãos. — Seu marido estava bêbado, foi atropelado por uma carruagem?... Que vá para o hospital! Sou dona da casa...

— Amália Ludvigovna, pense no que está dizendo! — começou Catarina em tom exaltado. Era assim que ela costumava falar-lhe para chamá-la “ao caminho das conveniências” e, mesmo em tal momento, não pôde esquivar-se a esse prazer. — Amália Ludvigovna!...

— Já lhe disse mil vezes que não me chamo Amália Ludvigovna; sou Amália Ivanovna!

— A senhora não é Amália Ivanovna, é Amália Ludvigovna, e como eu não faço parte do grupo dos seus adutores, como o sr. Lebeziátnikov, que deve estar agora a rir-se por trás da porta (“Lá vão elas agatanhar-se! Kss, kss!”, diziam efetivamente no quarto próximo), hei de chamar-lhe sempre Amália Ludvigovna, embora não perceba o motivo por que este apelido não lhe agrada. A senhora sabe o que sucedeu a Sêmen Zakaróvitch e que ele está a expirar. Façam-me o favor de fechar aquela porta e não deixar entrar ninguém. Deixem-no morrer em paz! Senão afianço-lhe que amanhã o governador-geral saberá do seu procedimento. O príncipe conhece-me de pequena, e lembra-se muito bem de Sêmen Zakaróvitch, a quem mais de uma vez prestou serviços. Toda a gente sabe que meu marido tinha muitos amigos que o protegiam; foi ele próprio que, cômico do seu desgraçado vício, deixou de procurá-los por um sentimento de nobre delicadeza; mas agora — continuou ela, indicando Raskólnikov — encontramos proteção neste generoso rapaz que é rico, está bem relacionado e era desde criança amigo de Sêmen Zakaróvitch. Não tenha dúvida, Amália Ludvigovna...

Falava com grande rapidez; mas a tosse interrompeu-a bruscamente. Neste momento, Marmêladov, voltando a si, soltou um gemido. Ela correu para junto do marido, que sem perceber o que se passava, olhava para Raskólnikov, que estava de pé, à cabeceira. Respirava a custo com os cantos da boca sujos de sangue e a fronte coberta de suor. Catarina dirigiu-lhe um olhar aflito e severo, mas bem depressa as lágrimas lhe saltaram dos olhos.

— Meu Deus! Ele tem o peito esmagado! Que quantidade de sangue! É preciso tirar-lhe toda a roupa. Vira-te, se podes, Sêmen Zakaróvitch — disse-lhe ela.

Marmêladov reconheceu-a.

— Um padre! — murmurou.

Catarina foi para junto da janela, encostou a cabeça nos vidros e exclamou no auge do desespero: “Oh, vida três vezes maldita!”

— Um padre! — repetiu o moribundo depois de um minuto de silêncio.

— Chut! — fez Catarina. Ele obedeceu, calou-se. Seus olhos procuravam a mulher com uma expressão de timidez e ansiedade. Ela voltou para a cabeceira. Marmêladov sossegou um pouco, mas não foi por muito tempo. O olhar vago demorou-se sobre a sua favorita, Lidotchka, que tremia convulsivamente e fitava-o com os grandes olhos de criança aterrada.

— Ah... Ah! — disse ele agitadamente, indicando a criança. Percebia-se que queria dizer alguma coisa.

— Que é? — perguntou Catarina.

— Ela não tem sapatos! — murmurou aflitivamente, e seu olhar não se desviava dos pés descalços da pequenina.

— Cala-te! Tu bem sabes por que ela não tem sapatos!

— Graças a Deus, aí vem o médico! — exclamou Raskólnikov.

Entrou um velho alemão com ares metódicos, olhando em redor, desconfiado. Aproximou-se do ferido, tomou-lhe o pulso, examinou demoradamente a cabeça, depois, auxiliado por Catarina, desabotoou a camisa ensanguentada e descobriu o peito, que pareceu horivelmente esmagado. No lado direito havia algumas costelas partidas; no esquerdo, junto do coração, via-se uma grande nódoa negra orlada de amarelo causada por uma patada de cavalo. O médico não estava satisfeito. O agente de polícia que o fora chamar contara-lhe que o atropelado ficara entalado numa roda e assim fora arrastado numa distância de trinta passos.

— Parece incrível que ainda viva — disse dirigindo-se a Raskólnikov.

— Então? — perguntou este.

— Nada há que fazer. Está perdido.

— Não tem esperança?...

— Nenhuma. Está a expirar... A ferida na cabeça é gravíssima... Podia tentar uma sangria... Mas tudo o que se fizesse seria inútil. Não consegue viver mais de dez minutos.

— Mas tente...

— Pois sim. Mas previno-o de que isso de nada servirá.

Neste momento ouvia-se um novo ruído de passos, a gente que se aglomerava no patamar abriu passagem, e no limiar apareceu um padre de cabelos brancos. Trazia a extrema-unção ao moribundo. O médico cedeu o lugar ao padre, com quem trocou um olhar de inteligência. Raskólnikov pediu-lhe que se demorasse um pouco, ao que ele acedeu, encolhendo os ombros.

Afastaram-se todos. A confissão foi rápida: Marmêladov já não compreendia o que se lhe dizia; apenas proferia sons ininteligíveis. Catarina ajoelhou-se ao canto, próximo do fogão, e mandou ajoelhar os filhos. A pequenina Lidotchka tremia sempre, o pequeno, em camisa, imitava os sinais da cruz que a mãe fazia e prosternava-se arrojando a fronte ao chão; parecia ter nisto um prazer especial. Catarina, mordendo os lábios, continha as lágrimas. Ao passo que orava, ia compondo a criança irrequieta. Sem interromper a oração nem se levantar, tirou da gaveta da cômoda um lenço que lançou sobre os ombros nus de Lidotchka. Entretanto, a porta de comunicação foi de novo aberta pelos inquilinos e no vestíbulo crescia também o número de espectadores. Todos os inquilinos dos outros andares estavam ali reunidos, não ousando transpor o limiar. A cena era apenas iluminada por um coto de vela.

Polenka, que fora buscar a irmã, atravessou rapidamente por entre toda a gente que se apinhava à porta. Quando entrou, mal podia respirar. Depois de se desembaraçar do lenço procurou com o olhar a mãe, aproximou-se dela e disse-lhe: “Ela já vem; encontrei-a na rua!” Catarina Ivanovna mandou-a ajoelhar-se. Sônia, timidamente, abriu caminho por entre a multidão. Nesse cubículo, onde reinavam a miséria, o desespero e a morte, sua aparição produziu um efeito estranho. Embora pobremente vestida, trajava com a elegância especial das Messalinas de viela. Chegando à porta, não transpôs o limiar e lançou em redor um olhar de espanto.

Parecia ter perdido a consciência de tudo e ter-se esquecido do seu vestido de seda comprado em segunda mão, cuja cor berrante e a cauda exagerada estavam ali muito deslocadas; da sua enorme saia-balão, que tomava a porta em toda a largura; das suas botinas; do guarda-chuva que trazia sem necessidade; do seu espantoso chapéu de palha ornado com uma pluma encarnada. Sob esse chapéu, petulantemente inclinado de um lado, via-se um rostinho doentio e pálido, com a boca entreaberta e os olhos numa imobilidade de terror. Sônia tinha dezoito anos. Era loura, pequenina

e magra, mas discretamente formosa; seus olhos claros eram realmente bonitos. Olhava para o corpo inanimado do pai e para o padre. Polenka estava cansadíssima pela pressa com que viera. Por fim, algumas palavras proferidas pela multidão chegaram-lhe aos ouvidos. Baixando um pouco a cabeça, transpôs o limiar e entrou no quarto, mas parou logo.

O moribundo recebera a bênção e a esposa voltara para junto dele. Antes de se retirar, o padre dirigiu a Catarina algumas palavras consoladoras.

— Que será deles! — murmurava ela com desespero, indicando as crianças.

— Deus é infinitamente bom e misericordioso; espere o seu socorro, respondeu o sacerdote.

— É, é bom, é misericordioso, mas não para nós!

— Isso é um pecado, senhora, uma blasfêmia — observou o padre.

— E isto que é? — perguntou apontando o moribundo.

— É possível que os que a privaram involuntariamente do marido, que era o seu amparo, a socorram.

— O senhor não me entende! — exclamou irritada Catarina Ivanovna. — Por que me haviam de socorrer? Foi ele que, embriagado, se atirou debaixo das patas dos cavalos! Ele, o meu amparo! Ele nunca foi para mim senão um tormento. Deixava-nos sem pão para ir beber na taverna com o dinheiro de casa. Deus foi misericordioso livrando-nos dele!

— A um moribundo perdoa-se, senhora; esses sentimentos são um enorme pecado!

Enquanto conversava com o padre, Catarina não deixara de cuidar do ferido; dava-lhe de beber, limpava-lhe o suor e o sangue da cabeça, ajeitava-lhe a cabeceira. As últimas palavras do padre encolerizaram-na.

— Ora, palavras, palavras e mais nada! Perdoar! Hoje, se não tivesse sido atropelado, teria voltado bêbado. Como nem tem outra camisa, senão a que traz vestida, eu teria de lavá-la, enquanto ele dormisse, juntamente com a roupa dos pequenos. Depois tinha de pôr tudo a secar para passar a ferro de manhã. Aí está como eu passo as noites. E ainda me vem falar de perdão! Mais do que devia já eu lhe perdoei!

Um violento acesso de tosse impediu-a de continuar. Escarrou num lenço, ao passo que comprimia dolorosamente o peito. O lenço estava todo manchado de sangue.

O padre curvou a cabeça e silenciou.

Marmêladov agonizava. Seus olhos cravaram-se no rosto da mulher, que de novo se inclinara sobre ele. Parecia querer dizer alguma coisa, percebia-se que tentava um esforço para falar, mas só proferia sons inarticulados. Catarina, compreendendo que ele queria pedir perdão, gritou-lhe imperiosamente:

— Cala-te! É escusado... Já sei o que queres dizer.

O ferido calou-se e seu olhar, seguindo na direção da porta, encontrou-se com o de Sônia...

Até então não dera pela presença dela no canto mal-iluminado onde a rapariga se deixara ficar.

— Quem está aí? Quem é? — disse ele subitamente com voz débil e estertorosa, olhando aterrado para a porta junto da qual a filha se conservava de pé, e tentando erguer-se.

— Não te levantes, fica quieto! — gritou Catarina.

Mas, com esforço sobre-humano, Marmêladov conseguiu erguer-se sobre o cotovelo. Fitou a filha fixamente. Parecia não reconhecê-la; aliás, era a primeira vez que a via assim vestida.

Tímida, corando de humilhação, envergonhada das suas garridices canalhas de meretriz, a infeliz esperava com humildade que lhe fosse permitido despedir-se do pai. De repente, ele reconheceu-a e no seu rosto desfigurado espalhou-se uma nuvem de imensa amargura.

— Sônia!... Minha filha!... Perdoa-me! — exclamou. Quis estender-lhe a mão, mas perdendo o ponto de apoio, caiu pesadamente no chão. Levantaram-no e estenderam-no expirante no leito. Sônia soltou um grito, correu para o pai e abraçou-o. Marmêladov expirou nos braços da filha.

— Está morto! — exclamou Catarina contemplando o cadáver do marido. — Que irei fazer agora? Onde hei de arranjar dinheiro para o enterro? Que hão de comer estas crianças amanhã?

Raskólnikov aproximou-se dela.

— Catarina Ivanovna — disse ele —, há dias Marmêladov contou-me sobre sua vida; sei das suas dificuldades... Ele referia-se à senhora com uma estima que era quase adoração. A partir desse dia, vendo quanto ele amava os seus, quanto, especialmente, a honrava e apreciava, Catarina a despeito do seu desgraçado vício, dei-lhe a minha amizade... Consinta, que neste doloroso momento... a auxilie no cumprimento dos últimos

deveres para com o meu falecido amigo. Aqui ficam... vinte rublos, e se eu lhe for necessário para alguma coisa, enfim... virei certamente vê-los amanhã...

E saiu rapidamente; mas no vestíbulo encontrou-se com Nikodim Fomitch, que, sabedor do desastre, vinha cumprir os deveres que seu cargo lhe impunha. Não tornara a visitar Raskólnikov depois que o encontrara no comissariado, mas reconheceu-o imediatamente.

— O senhor aqui? — perguntou ele.

— Morreu agora — disse Raskólnikov. — Teve os socorros da ciência e da religião; nada lhe faltou. Não aborreça muito a pobre mulher; ela é tuberculosa e esta desgraça talvez a leve mais depressa à sepultura. Anime-a, se puder... Eu sei que o senhor é bondoso... — acrescentou sorrindo e encarando o comissário.

— Mas o senhor está manchado de sangue — observou Nikodim Fomitch, apontando algumas nódoas no colete de Raskólnikov.

— Sim... Estou coberto de sangue — disse Raskólnikov, com segunda intenção; ele sorriu, cumprimentou com a cabeça e começou a descer as escadas.

Desceu-as vagarosamente. Agitava-lhe todo o corpo um arrepio; sentia afluir-lhe ao coração um sangue novo e rico. Esta sensação poderia comparar-se à de um condenado à morte, a quem inesperadamente viessem dar a notícia de que estava perdoado. No meio da escada afastou-se para deixar passar o padre. Os dois trocaram uma saudação cerimoniosa e muda. Mas, quando descia os últimos degraus, Raskólnikov ouviu passos apressados atrás de si, de alguém que queria alcançá-lo. Era Polenka, que descia rapidamente a escada gritando-lhe: “Espere-me! Espere-me!”

Voltou-se para a jovem, que já vinha no último lance e parou em frente dele. Do pátio vinha uma luz fraca. Raskólnikov olhou fixamente o rosto chupado, mas formoso, da pequenina, que sorria para ele e o fitava com seus grandes e ternos olhos. Tinham-na encarregado de uma missão que lhe era evidentemente agradável.

— Como se chama o senhor?... Onde mora? — perguntou ela rapidamente.

Raskólnikov apoiou as mãos nos ombros da criança e pousou nela os olhos, que brilhavam de felicidade. Por que experimentava um tal prazer ao contemplar a pequenina? Nem ele próprio o sabia.

— Quem a mandou fazer-me essas perguntas?

— Foi Sônia — respondeu ela sorrindo.

— Eu já calculava que vinha a mando de Sônia.

— E da mamãe, também. Sônia foi quem me mandou, mas mamãe disse logo: “Vá depressa, Polenka!”

— É amiga de Sônia?

— Mais do que ninguém! — respondeu vivamente Polenka; e seu sorriso tomou uma expressão grave.

— E de mim? Vai ser minha amiga?

Por única resposta a criança chegou o rosto ao de Raskólnikov e estendeu os lábios para o beijar. Seus bracinhos magros cingiram o pescoço de Ródion, e inclinando a cabeça sobre o ombro do rapaz, desatou a chorar.

— Pobre papai! — disse pouco depois erguendo a cabeça e limpando as lágrimas com as mãos. — Para nós só existem desgraças — acrescentou tristemente, como se compreendesse toda a sua desventura.

— Papai era seu amigo?

— Ele gostava mais de Lidotchka — respondeu ela. — Era a sua predileta por ser a menor e porque é muito doentinha. Trazia-lhe sempre presentes. A nós ensinava-nos a ler e a mim dava-me lições de gramática e das Escrituras — acrescentou com dignidade. — Mamãe não dizia nada, mas nós percebíamos que isso lhe agradava. Mamãe quer ensinar-me francês, porque diz que já é tempo de principiar a minha educação.

— E já sabes rezar?

— Se sei rezar? Há muito tempo! Eu, como sou a mais velha, rezo só; Kólia e Lidotchka rezam em voz alta com mamãe. Dizem primeiro a ladainha de Nossa Senhora, depois o “Meu Deus, concedei o vosso perdão e a vossa bênção à nossa irmã Sônia” e depois o “Meu Deus concedei o vosso perdão e a vossa bênção ao outro papai”, porque nós tínhamos um pai que morreu há muito tempo; este era outro, mas nós também rezávamos pelo primeiro.

— Poletchka, chamo-me Ródion; quando se lembrar reze também por mim: “Perdoai também o vosso servo Ródion”; apenas isto.

— Hei de rezar sempre pelo senhor — respondeu com vivacidade a criança, tornando a abraçá-lo ternamente.

Raskólnikov disse-lhe o nome e endereço e prometeu voltar no dia seguinte. A pequena estava encantada. Tinham dado dez horas quando Ródion saiu.

“Basta”, disse ele consigo, “acabaram-se os espectros, os fantasmas e os vãos terrores! Ainda vivo! Não senti eu que vivia, há pouco? Minha vida não terminou com a da velha! Deus tenha em paz a tua alma, mulher, mas também já é tempo de deixares a minha em sossego! Agora que recobrei a inteligência, a vontade, a energia, veremos!” — Agora, viverei! — exclamou como que lançando um repto a algum poder invisível.

“Por enquanto, estou muito fraco, mas... já não estou doente. Quando saí de casa, sabia perfeitamente que a doença não tardaria a abandonar-me. Espera... A casa Pôtchinkof fica aqui perto. Vou visitar Razumíkhin... Deixá-lo ganhar a aposta. Vai caçoar de mim, mas não me importa... A força é necessária, sem ela nada se faz; mas a força é que origina a força e isso é o que eles ignoram”, concluiu com convicção. Sua audácia, a confiança em si mesmo, aumentava de momento a momento. Raskólnikov sentia operar-se nele uma rápida transformação. Que acontecera para provocar-lhe esta transformação? Ele próprio não sabia. Como um homem correndo atrás de uma palha, soprada pelo vento, sentia que também podia viver, que sua vida não acabara com a daquela velha. Talvez suas conclusões fossem muito apressadas, mas não sabia o que pensar daquilo tudo.

“Eu pedi a ela que se lembrasse do ‘servo Ródion em suas preces’”, foi a ideia que lhe ocorreu. “Bem, isto foi... uma emergência”, acrescentou e riu-se de sua ingenuidade infantil. Estava bem-humorado.

Não teve dificuldade em encontrar o apartamento de Razumíkhin. No edifício Pôtchinkof o novo inquilino era já conhecido. A meio da escada Raskólnikov ouvia o rumor da animada reunião. A porta que dava para o patamar estava aberta.

A parte do andar ocupada por Razumíkhin era bastante espaçosa; estavam lá umas 15 pessoas. O visitante parou na primeira sala, onde havia dois samovares, garrafas, pratos, tabuleiros cheios de pastéis e sanduíches e duas criadas que andavam em volta de tudo isso. Raskólnikov mandou chamar Razumíkhin, que não se fez esperar, muito bem-disposto. Notava-se logo à primeira vista que bebera, e embora, em geral, fosse quase impossível ao estudante embriagar-se nesta ocasião via-se que a regra sofrera exceção.

— Sabes? — começou Raskólnikov. — Vim só para te dizer que ganhaste a aposta e que, na verdade, ninguém sabe o que irá acontecer-lhe. Mas não entro; sinto-me ainda muito fraco; não me aguento nas pernas. Adeus; passa amanhã lá por casa.

— Espera, vou acompanhar-te. Tu estás assim...

— E os teus convidados? Quem é aquele homenzinho de cabelo frisado que entreabriu a porta?

— Creio que nem o diabo sabe quem ele é. Talvez algum amigo de meu tio ou um gaiato qualquer que veio sem convite... Ficam com meu tio: é uma criatura que vale o que pesa em ouro. Sinto que não possas conhecê-lo hoje. Aliás, que o diabo os leve a todos. Já não os posso tolerar! Tenho necessidade de ar; nunca chegaste tanto a propósito, meu amigo. Se não aparecesses, dentro de dois minutos toda esta malta sentiria o peso das minhas mãos. Dizem tanta tolice... Tu não podes imaginar as divagações de que um homem é capaz. E, afinal de contas, podes. Não estamos nós aqui a divagar? Deixá-los dizer tolices: eles hão de acabar... Espera um momento, vou buscar o Zózimov.

O médico veio imediatamente. Ao ver o cliente manifestou surpresa.

— É preciso ir deitar-se já — disse ele. — Seria conveniente tomar qualquer coisa que lhe provocasse um sono tranquilo. Olhe, aqui tem um medicamento que preparei especialmente para o senhor. Quer tomá-lo?

— Certamente — respondeu Raskólnikov.

— Acompanha-o — observou Zózimov a Razumíkhin. — Amanhã veremos como ele está; por agora vai bem. Operou-se uma diferença notável de ainda agora para cá. Vivendo é que se aprende...

— Queres saber o que Zózimov me disse há pouco? — começou Razumíkhin com a voz perturbada pelo álcool, logo que chegou à rua. — Recomendou-me que te fizesse falar e o informasse depois das tuas palavras. Cismou que tu estás doido ou quase! Já viste pateta assim? Em primeiro lugar tu és muitíssimo mais inteligente do que ele; depois, como não estás doido, podes rir-te da opinião que faz de ti; e em terceiro lugar aquela bola de carne, cuja especialidade é a cirurgia, há tempos não pensa senão em afecções mentais. Mas modificou seu diagnóstico por causa da conversa que tiveste com Zametov.

— Zametov contou-te isso?

— Disse-me tudo e fez muito bem. Agora já percebemos toda a história. Sim, em resumo, Ródia... a verdade é... Olha que eu estou embriagado, mas não há que ver... O caso é que aquela ideia... aquela ideia tinha ocorrido aos dois... tu entendes? Nenhum deles se atrevia a dizer o que pensava, porque era um absurdo enorme; mas, logo que prenderam o pintor, tudo caiu por terra. Eu então virei-me contra Zametov (isto aqui para nós; peço-te encarecidamente que não dês a entender que o sabes; ele é cheio de suscetibilidades). Foi em casa de Luísa que o caso se passou — mas agora está tudo explicado. Foi principalmente Iliá Pietróvitch. Desconfiava por causa da síncope que tiveste no comissariado, mas foi o primeiro a arrepender-se de tal suposição; eu sei perfeitamente.

Raskólnikov ouvia-o com atenção e ansiedade. Sob a ação do álcool, o outro falava inconsideradamente.

— A síncope foi em resultado do excessivo calor e do cheiro de tinta. Eu sufocava — disse Raskólnikov.

— E tu ainda a dares explicações! Nem era necessário o cheiro de tintas. Há um mês que trazias a doença incubada; Zózimov que o diga. Mas não fazes ideia da cara com que está o tolo do Zametov. “Eu nada valho diante daquele homem”, diz referindo-se a ti. “Ele não é mau rapaz...”, mas a lição que hoje lhe deste no Palácio de Cristal foi de mestre! A princípio meteste-lhe medo; estava aterrado: quase o levaste a supor novamente o estúpido despropósito e de repente convenceste-o de que estavas a caçoar dele. De primeiríssima ordem! Ele ficou sem graça! És um mestre, meu amigo; e permitisse Deus que todos fossem como tu. Que pena eu tive de não estar presente para gozar essa cena! Zametov está lá em casa. Havia de ter prazer em ver-te. O Porfírio também deseja conhecer-te.

— Ah!... Também esse... Mas por que julgam que eu estou doido?

— Não é bem isso, eles não te julgam doido. Parece-me que estou falando demais! O que causou impressão a Zózimov, há pouco, foi te interessares exclusivamente por aquele caso; agora sabe-se o motivo por que ele te interessa. Conhecendo todas as circunstâncias do caso, a impressão que ele te produziu na ocasião e a correlação que teve com a tua doença... Olha, o que te sei dizer é que ele tem lá as suas razões. É um maníaco que só pensa em afecções mentais. Não te importes com isso...

Durante meio minuto os dois não pronunciaram uma só palavra.

— Ouve, Razumíkhin, vou falar-te francamente — começou Raskólnikov. Venho da casa de um morto, um amigo funcionário público... deixei lá todo o meu dinheiro... e, depois, fui beijado por uma criatura que, ainda que eu tivesse assassinado alguém... finalmente, vi lá outra criatura... com uma pluma cor de fogo... Mas já estou divagando... Sinto-me muito fraco... ampara-me... eis a escada...

— Mas que tens? — inquiriu Razumíkhin assustado.

— Estou atordado, mas isto não é nada... O pior é que estou muito triste, muito! Como uma mulher... Olha! Que é aquilo? Olha, olha.

— O quê?

— Não vês? Há luz no meu quarto! Pela fenda da porta, repara.

Estavam no penúltimo patamar, junto à porta da locatária, e daí via-se realmente luz no quarto de Raskólnikov.

— Talvez Nastácia esteja lá — lembrou Razumíkhin.

— Ela nunca vai ao meu quarto a estas horas, e deve estar deitada há muito. Mas... que importa isso? Adeus!

— Não, eu te acompanho.

— Bem sei, mas quero apertar-te a mão aqui, despedir-me aqui de ti. Dá-me a tua mão e adeus!

— Nada! Subamos; tu vais ver...

Enquanto subiam Razumíkhin refletia que talvez Zózimov tivesse razão. “É possível que eu o perturbasse com meu palavrório”, pensou ele.

Quando se aproximaram da porta ouviram vozes no quarto.

— Mas que será isto? — perguntou Razumíkhin.

Raskólnikov abriu o trinco, escancarou a porta e parou atônito no portal.

Sua mãe e sua irmã, sentadas no divã, esperavam-no havia hora e meia.

Como explicar que a visita das duas o encontrasse desprevenido? Por que não pensara ele nisso quando, nesse mesmo dia, lhe tinham anunciado a chegada da família de um momento para outro? As duas senhoras não haviam feito outra coisa senão interrogar Nastácia, que ainda estava ali em frente a elas. A criada dera já todas as informações possíveis sobre Raskólnikov. Quando souberam que ele saía, doente e certamente durante um acesso febril, a julgar pelas palavras de Nastácia, Pulquéria Alexandrovna e Avdótia Romanovna, aterradas, julgaram-no perdido. Quantas lágrimas choradas e que aflição a dessa hora e meia de espera!

Quando viram os dois, as duas mulheres loucas de alegria correram para Raskólnikov. Mas ele estava imóvel como uma estátua; repentinamente um pensamento horrível gelara-lhe o sangue nas veias. Nem pôde abrir os braços. Mãe e irmã apertaram-no contra o peito e beijaram-no com ternura, rindo e chorando ao mesmo tempo. Raskólnikov deu um passo e caiu sem sentidos.

Susto, gritos de aflição, soluços... Razumíkhin, que se conservava à porta, correu para Raskólnikov, erguendo-o nos vigorosos braços e deitando-o no divã.

— Isto não é nada! — disse ele tranquilizando as duas senhoras. — Um simples desmaio sem consequências! O médico disse ainda agora que ele está muito melhor, quase restabelecido! Água! Olhem, volta a si, veem?...

E, enquanto ia falando, apertava inconscientemente o braço de Dunetchka, obrigando-a a curvar-se a fim de se convencer de que realmente o irmão recuperava os sentidos. Razumíkhin assumia o aspecto de verdadeira Providência. Nastácia contara às duas quantas provas de dedicação tinha dado durante a doença de Ródion “aquele desembaraçado moço”, como nessa mesma noite o classificou Pulquéria Alexandrovna, conversando com Dúnia.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Raskólnikov ergueu meio corpo, sentando-se no divã.

Fez um sinal a Razumíkhin para que interrompesse o curso da sua eloquência consoladora: depois tomou nas suas as mãos de sua mãe e de sua irmã e contemplou-as em silêncio, alternadamente, por muito tempo. No seu olhar, onde se lia uma dolorosa sensibilidade, havia ao mesmo tempo o que quer que fosse de insensatez. Pulquéria Alexandrovna, aterrada, desatou a chorar.

Avdótia Romanovna estava pálida e sua mão tremia na de Raskólnikov.

— Voltem para casa... com ele — disse o rapaz com a voz entrecortada, apontando Razumíkhin. — Amanhã, amanhã, tudo... Quando chegaram?

— Chegamos esta tarde, Ródia, respondeu Pulquéria Alexandrovna. O trem estava muito atrasado. Mas, por nada deste mundo consentiria em separar-me de ti agora. Passarei a noite aqui junto do...

— Não me aborreçam — replicou ele, irritado.

— Eu fico com ele — atalhou Razumíkhin —, não me afasto daqui, e que os meus convidados vão para o diabo! Que se zanguem, se quiserem. Aliás, meu tio lhes fará as honras da casa.

— Como havemos de agradecer-lhe? — começou Pulquéria, apertando entre as suas as mãos de Razumíkhin; mas o filho cortou-lhe a palavra.

— Eu não posso, não posso... repetia ele enfadado, não me apoquentem! Basta, vão-se embora. Eu não posso!...

— Retiremo-nos, mamãe — disse em voz baixa Dúnia, inquieta. — Saíamos do quarto por um instante que seja. É evidente que a nossa presença o aflige.

— E não me é permitido passar um momento junto dele depois de uma separação de três anos! — murmurou Pulquéria Alexandrovna.

— Esperem um instante! — disse Raskólnikov. — Interrompem-me sempre e fazem-me perder o fio das ideias... Viram Lujine?

— Não, Ródia, mas ele já sabe que chegamos. Soubemos que Pedro Petróvitch teve a gentileza de vir hoje procurar-te — acrescentou, com timidez, Pulquéria Alexandrovna.

— Sim... teve essa bondade... Dúnia, eu disse há pouco ao Lujine que o atirava pela escada abaixo e mandei-o para o diabo.

— Que dizes, Ródia?! Pois tu... não é possível! — começou a mãe aterrada; mas um sinal de Dúnia obrigou-a a calar-se.

Avdótia Romanovna, com os olhos fitos no irmão, aguardava que ele se explicasse mais claramente. Já informadas da ocorrência por Nastácia, que lhe relatara a seu modo e da maneira como lhe fora possível compreender, as duas senhoras estavam numa perplexidade angustiosa.

— Dúnia — prosseguiu com esforço Raskólnikov —, eu não consinto nesse casamento; por consequência, amanhã mesmo, despede Lujine, e não falemos mais nisso.

— Meu Deus! — exclamou Pulquéria Alexandrovna.

— Meu irmão, pensa bem no que dizes! — observou com veemência Avdótia Romanovna; mas conteve-se imediatamente. — Neste momento não estás no teu estado normal: estás fatigado — concluiu ela com brandura.

— Estou delirando? Não estou... Tu casavas-te com Lujine por *minha* causa; mas eu não aceito esse sacrifício. Portanto, escreve-lhe uma carta... para o desobrigares do seu compromisso. Dás-me de manhã para eu a ler e acabou-se.

— Eu não posso fazer isso! — exclamou ela ofendida. — Com que direito?...

— Dunetchka, tu também comesas a encolerizar-te. Basta; amanhã... Pois não vês... — balbuciou a mãe assustada, detendo a filha. — É melhor irmo-nos embora!

— Está com a cabeça transtornada — disse Razumíkhin com voz que traía a embriaguez. — Se não fosse isso não se atrevia... Amanhã terá recuperado a razão... Mas hoje, com efeito, pôs o sujeito na rua. O homem zangou-se... estava aqui discursando, a explanar suas teorias, mas se foi embora. Ia como uma fera!

— Então é verdade!? — exclamou Pulquéria Alexandrovna.

— Até amanhã, meu irmão — disse em tom compassivo Dúnia —, vamos, mamãe... Adeus, Ródia!

Ele fez um esforço para lhe dirigir algumas palavras.

— Ouve, Dúnia, não estou delirando: esse casamento seria uma infâmia. Embora eu seja um infame, tu é que não o deves ser... um já é demais... Mas, por mais miserável que eu seja, renegar-te-ia se contraísse uma tal união. Ou eu ou Lujine. Vão-se embora!...

— Mas tu perdeste a cabeça! És um déspota! — vociferou Razumíkhin.

Raskólnikov não respondeu; talvez já não estivesse em estado de responder. Exausto, estendeu-se no divã e voltou-se para a parede. Avdótia Romanovna olhou curiosamente para Razumíkhin; seus olhos negros brilhavam. O estudante estremeceu sob este olhar. Pulquéria Alexandrovna estava consternada.

— Não posso decidir-me a ir embora — murmurava ela aflita ao ouvido de Razumíkhin. — Fico aqui em qualquer canto... Acompanhe Dúnia.

— E vai agravar a situação! — respondeu no mesmo tom o estudante. Saíamos ao menos do quarto. Nastácia, ilumina o caminho! Juro-lhes — continuou ele logo que saíram para o patamar — que há pouco quase nos bateu, no médico e em mim! Entendem? O próprio médico deixou que lhe batesse, para não irritá-lo mais. Fiquei no rés do chão, em guarda, porém ele se vestiu imediatamente e escapuliu, e há de escapular novamente se o irritarem a esta hora da noite, e assim prejudicar-se-á...

— Que coisa nos conta!

— Além disto é impossível deixar Avdótia Romanovna sozinha naquela hospedaria! Imagine em que casa as fizeram alojar-se! Aquele patife do Pedro Petróvitch não poderia achar-lhes uma casa respeitável?... Devo dizer-lhes que bebi um pouco a mais, e aí está por que as minhas expressões... são um tanto arrebatadas: não façam caso.

— Pois bem — prosseguiu Pulquéria Alexandrovna —, vou ter com a senhoria de Ródia e peço-lhe que nos dê qualquer canto para ficarmos esta noite. Não posso abandoná-lo neste estado!

Esta conversa travara-se no patamar, em frente da porta da senhoria. Nastácia, em pé no último degrau, ficara iluminando. Razumíkhin estava muito animado. Meia hora antes, quando acompanhara Raskólnikov a casa, falava demais, como ele próprio reconhecera; mas a esse tempo ainda tinha a cabeça desanuviada, apesar da enorme quantidade de vinho

que tinha ingerido. Agora, porém, estava mergulhado numa espécie de êxtase, e a influência capitosa do vinho fazia-se sentir com intensidade. Apoderara-se das mãos das senhoras, dirigia-se-lhes numa linguagem de extraordinária desenvoltura, e, talvez no intuito de as convencer melhor, acentuava quase todas as palavras com uma formidável pressão nos dedos das suas interlocutoras. Ao mesmo tempo, com a maior sem-cerimônia, devorava com os olhos Dúnia.

Às vezes, vencidas pela dor, as pobres senhoras tentavam soltar os dedos presos naquela grande mão ossuda; mas ele resistia e continuava a apertar. Se elas lhe pedissem como um favor especial que se atirasse pela escada de cabeça para baixo, o rapaz não hesitaria um segundo em lhes satisfazer o desejo. Pulquéria Alexandrovna bem percebia que Razumíkhin era muito excêntrico e, principalmente, tinha a mão de ferro, mas, entregue por completo ao pensamento do seu Ródia, fechava os olhos às maneiras originais do rapaz, que naquele momento era para ela uma providência.

Quanto a Avdótia Romanovna, embora partilhasse as preocupações de sua mãe e não fosse tímida de natureza, era com surpresa, e até com certo receio, que via fixarem-se nela os olhares inflamados do amigo de seu irmão. Se não fosse o ter-lhe inspirado ilimitada confiança naquele homem singular a entusiástica narrativa de Nastácia, não teria resistido à tentação de fugir, arrastando consigo a mãe. Depois compreendia que naquele momento o estudante lhes era indispensável. Aliás, ao cabo de dez minutos serenaram as apreensões da jovem; em qualquer disposição de espírito que se encontrasse Razumíkhin, a feição especial do seu caráter era revelar-se por completo logo à primeira vista, de modo que se percebia rapidamente com que espécie de indivíduo se tratava.

— É impossível pedir isso à hospedeira, minha senhora; é o cúmulo do absurdo! — replicou com vivacidade o estudante Razumíkhin. — O fato de ser mãe de Ródia não impedirá que ele fique desesperado ao saber que ficou aqui, e então Deus sabe o que acontecerá! Ouça, aqui está o que eu proponho: Nastácia fica tomando conta dele e eu vou acompanhá-las à sua casa, porque é imprudente aventurarem-se duas senhoras sós, a estas horas, nas ruas de São Petersburgo. Depois de as deixar em casa volto aqui num pulo, e daí a um quarto de hora, dou-lhes a minha palavra de honra que voltarei para fazer-lhes o meu relatório, dizer-lhes como ele vai, se pôde conciliar o sono etc. Em seguida corro à minha casa — estão lá

alguns amigos meus, todos bêbados, por sinal —, agarro Zózimov — é o médico que está tratando de Ródia, mas esse não está bêbado: nunca bebe. Trago-o aqui ao doente e depois levo-o à sua casa. No intervalo de uma hora terá assim duas vezes notícias de seu filho: primeiro por mim e depois pelo médico, o que é muito mais positivo. Se ele estiver pior, juro-lhes que as tornarei a trazer aqui: se estiver melhor, deitem-se. Eu passarei a noite aqui na saleta — ele não o saberá — e faço deitar o Zózimov no apartamento da locatária para o ter à mão em caso de necessidade. Neste momento parece-me que a presença do médico sempre será mais útil ao Ródia do que a das senhoras. Voltem, pois, para casa! Quanto a ficarem no apartamento da hospedaria é impossível; eu posso fazê-lo, mas as senhoras, não; ela não consentiria em hospedá-las, porque... porque é tola. A dizer a verdade, ela gosta de mim e teria ciúme de Avdótia Romanovna e da senhora também... mas de Avdótia Romanovna com toda a certeza. Tem um gênio muito especial! E no fim das contas eu também sou um burro... Vamos, venham daí! Têm confiança em mim, não têm?

— Vamos, mamãe — disse Avdótia Romanovna —, estou certa de que fará o que promete. Meu irmão deve a vida aos seus cuidados, e se o médico consentir em passar aqui a noite, que de melhor poderíamos desejar?

— Ora aí está... Compreende-me porque é um anjo! — exclamou Razumíkhin com exaltação. — Partamos! Nastácia, sobe imediatamente e deixa-te ficar junto a ele; eu volto já.

Embora não estivesse muito convencida, Pulquéria Alexandrovna não fez mais objeções. Razumíkhin tomou um braço a cada uma das senhoras e obrigou-as a descer a escada. A mãe não estava livre de cuidados: “É certo que ele é desembaraçado e que se interessa por nós; mas podemos contar com as promessas no estado em que ele se acha?...”

O jovem adivinhou este pensamento.

— Percebo! Imaginam que estou sob a influência da bebida! — dizia ele enquanto seguia pelo passeio a largos passos, sem atentar a que as senhoras mal podiam acompanhá-lo. Isto não quer dizer nada! Isto é, eu bebi como uma cabra, mas não vale a pena pensar nisso; não é o vinho o que me embriaga. Logo que as vi tive a impressão de que me tinham desferido uma paulada na cabeça... Não reparem; estou dizendo disparates, sou indigno de acompanhá-las. Logo que as deixar em casa vou até o canal, despejo dois baldes de água na cabeça e fico curado... Se

soubessem que afeição me inspiram ambas!... Não se riam nem se zanguem comigo! Sou amigo dele e por consequência também o quero ser das senhoras... Eu bem tinha o pressentimento do que havia de suceder... O ano passado, houve um momento... Mas, qual, eu não podia ter esse pressentimento, visto que, por assim dizer, caíram do céu. Mas já sei que não prego olho esta noite. Zózimov há pouco estava com medo que ele endoidecesse... Eis por que não devemos irritá-lo!

— Que diz? — exclamou a mãe.

— Será possível que o médico dissesse isso? — perguntou assustada Avdótia Romanovna.

— Disse, mas engana-se redondamente. Também tinha dado ao Ródia um medicamento em pó, que eu vi; mas nesse momento chegaram as senhoras! Era melhor que chegassem amanhã. Foi bom que nos retirássemos. Daqui a uma hora, Zózimov vem trazer-lhes notícias. Esse não está bêbado e também eu já não estarei. Mas por que motivo me deixei excitar? Porque eles me fizeram discutir, os malditos! Eu já tinha feito o protesto de não tornar a meter-me em tais discussões!... Dizem tanto disparate! Por pouco não me peguei com eles! Lá ficou meu tio para fazer as honras da casa. Pois querem saber? Eles são partidários da impersonalidade completa! Para eles o progresso supremo consiste em parecer-se o menos possível consigo mesmo. Se a estupidez fosse somente deles mesmos... Contudo, como é...

— Ouça — interveio timidamente Pulquéria Romanovna. — Com isto lança mais lenha à fogueira.

— Pensam — falou Razumíkhin mais alto do que nunca — pensam que os ataco por falarem tolices? Nem um pouco! Gosto de ouvi-los dizer tolices! Este é um privilégio da Criação. Pelo erro se chega à verdade. Sou um homem porque erro. Nunca uma simples verdade será alcançada sem serem cometidos 14 enganos e muito provavelmente 114. E o erro nos conduz a muitas coisas boas, mas devemos errar sob nossa própria responsabilidade. Digam tolices, mas digam-nas as suas próprias, e eu os beijarei por isto! Errar em nosso caminho é melhor que acertar em caminho alheio. No primeiro caso, é um homem; no segundo, não é melhor que um pássaro. A verdade não fugirá, mas a vida pode ser torcida. Há muitos exemplos... E como procedemos? No campo da ciência, do desenvolvimento econômico, do pensamento, das invenções, dos ideais, anelos, liberalismo, julgamentos, experiências e tudo o mais estamos na

escola primária. Apraz-nos aos russos vivermos das ideias dos outros e saturamo-nos delas. É ou não verdade? — bradou Razumíkhin, apertando as mãos das duas senhoras.

— Oh, meu Deus! Não sei! — disse a pobre Pulquéria Alexandrovna.

— Sim, sim... No entanto não estou de acordo com o senhor — acrescentou com gravidade Avdótia Romanovna.

Mas, mal acabara de pronunciar estas palavras, soltou um grito de dor provocado por um enérgico aperto de mão de Razumíkhin.

— Sim? Disse que sim? — bradou Razumíkhin num transporte de alegria. — A senhora é um conjunto de bondade, de pureza, de bom senso e... de perfeições! Dê-me a sua mão... dê-me também a sua, minha senhora. Quero beijar-lhes as mãos, aqui mesmo, de joelhos.

E ajoelhou-se no meio da rua, que por felicidade estava deserta nesse momento.

— Basta, peço-lhe! Que faz!? — exclamou Pulquéria Alexandrovna assustadíssima.

— Levante-se! — disse Dúnia rindo, mas também com um certo receio.

— Isso nunca! Pelo menos enquanto não me derem as mãos. Ora, bem, aqui estou já de pé! Não passo de um imbecil, indigno das senhoras; e de mais a mais, nesta ocasião, alcoolizado, envergonho-me... Bem sei que não sou digno de as amar; mas prostrar-se na sua presença é dever de todo aquele que não for uma cavalgada!... Aqui está sua casa, ainda que não fosse senão por causa dela, tinha Ródia feito muito bem em correr com o tal Pedro Petróvitch! Como ousou ele metê-las nesta hospedaria! É escandaloso! Sabem que espécie de gente mora aqui? E é a sua noiva! Pois declaro-lhe que depois de tal ação seu futuro marido é um pulha.

— Ouça, sr. Razumíkhin, o senhor esquece-se... — começou Pulquéria Alexandrovna.

— Sim, sim, tem razão; esqueci-me, com efeito, e envergonho-me — desculpou-se o estudante —, mas... mas... não devem querer-me mal pelas minhas palavras. Se disse isto é porque sou franco e não porque... Seria ignóbil! Numa palavra, não é pelo fato de eu a... Mas há pouco, por ocasião da sua visita, todos percebemos que aquele homem não era do nosso meio. Não porque tivesse o cabelo frisado pelo barbeiro; não porque tivesse tanta ansiedade em mostrar sua sapiência; mas porque é um

traidor, um especulador, um sovina e um bufão. Isto é evidente. Acham-no inteligente? Não, é um asno, um asno. E lhes serve de companhia? Deus as livre! Estão vendo, senhoras? — Ele parou subitamente no patamar superior. — Embora todos os meus amigos estejam bêbados, são homens honestos e, conquanto falemos um monte de asneiras, eu inclusive, chegaremos por meio de nossas conversas à verdade, porque estamos no caminho certo. Enquanto Pedro Petróvitch não está. Se bem que eu dê epítetos a meus amigos, respeito-os a todos e, embora não respeite Zametov, gosto dele porque é um boneco, e ao eunuco Zózimov, porque é honesto e conhece sua profissão. Mas basta! Está tudo perdoado. Não é verdade que me perdoam? Pois então vamos lá! Conheço este corredor; já vim aqui uma vez. Olhem! Aqui no número três houve um escândalo... Em que quarto estão? No oito? Neste caso fechem bem a porta por dentro e não abram para ninguém. Daqui a um quarto de hora trago-lhes notícias e meia hora depois voltarei com Zózimov. Adeus, até já!...

— Meu Deus, que será de nós, Dunetchka! — disse Pulquéria Alexandrovna.

— Tranquelize-se, mamãe — respondeu Dúnia tirando o chapéu e a mantilha —, é a Providência que nos manda este rapaz. Apesar de ter vindo de uma orgia, tenho confiança nele. E o que ele tem feito por Ródia...

— Deus sabe se ele voltará, Dunetchka! Como pude resolver-me a abandonar Ródia!... Quem diria que o havia de encontrar assim! E de que modo ele nos recebeu! Parece que nossa vinda o contraria!

Chorava.

— Não, mamãe, não é isso. É que não o viu bem; as lágrimas não lhe deixavam ver. Acaba de passar por uma crise gravíssima, e é essa a causa de tudo.

— Ah! Essa doença!... Como acabará tudo isso? E como ele te falou, Dúnia! — continuou a pobre mãe, procurando ler nos olhos da filha, mais tranquilizada por ver que Dúnia defendia o irmão e que portanto já o perdoara. — Estou convencida de que amanhã ele terá outra opinião — acrescentou ela, desejando continuar seu inquérito.

— E eu garanto-lhe que ele há de dizer a mesma coisa... a esse respeito — respondeu Avdótia Romanovna.

O caso era tão melindroso que Pulquéria Alexandrovna não ousou prosseguir. Dúnia beijou a mãe, que, sem dizer uma palavra, a estreitou ao coração. Em seguida Pulquéria sentou-se esperando ansiosamente que Razumíkhin voltasse. Com os olhos seguia a filha, que, pensativa e com os braços cruzados, passeava em todo o comprimento do quarto. Sempre que alguma coisa a preocupava, Avdótia Romanovna passeava de um a outro extremo da casa.

Razumíkhin, animado pelo álcool e subitamente apaixonado por Dúnia, era decerto ridículo. Mas, contemplando a linda moça, enquanto pensativa e triste passeava com os braços cruzados sobre o peito, qualquer pessoa desculparia o estudante, sem mesmo levar em conta a sua embriaguez. A figura de Avdótia Romanovna era impressionante: de estatura elevada, perfeitamente constituída, de uma singular pureza de linhas, seus gestos denunciavam confiança em si, mas sem prejuízo da graça e delicadeza femininas. O rosto, que se parecia com o do irmão, era lindo. Como Ródia, Avdótia tinha cabelos castanhos, porém mais claros. Nos seus olhos negros lia-se aquela altivez que não exclui a bondade. Era pálida, mas sua palidez nada tinha de doentio, o rosto era fresco e sadio. A boca era pequena; o lábio inferior, de um carmim vivo, um pouco saliente, bem como a extremidade do mento. Esta irregularidade única que se podia notar naquele formoso rosto dava-lhe, no entanto, uma estranha impressão de energia e orgulho. Razumíkhin nunca vira criatura semelhante. Moço e perturbado pelos vapores do álcool, sentiu-se naturalmente impressionado. Ademais, quis o acaso que ele se encontrasse pela primeira vez com Dúnia no momento em que a alegria de tornar a ver o irmão aureolava de uma luz de ternura o rosto da moça. Depois vira-a soberba de indignação ante as palavras insolentes de Ródion. Seu coração não poderia resistir.

Aliás, dissera a verdade quando há pouco, nas suas divagações, dera a entender que Prascóvia Pavlovna, a excêntrica locatária de Raskólnikov, teria ciúmes, não só de Avdótia Romanovna, como também de Pulquéria Alexandrovna. Embora tivesse 43 anos, a mãe de Raskólnikov conservava vestígios da sua antiga formosura; parecia ter menos idade, caso que se verifica algumas vezes nas mulheres que se aproximam da velhice com o coração puro e o espírito lúcido. Os cabelos começavam a encanecer, em torno dos olhos apareciam as primeiras rugas; as atribulações tinham-lhe cavado as faces; no entanto seu rosto era ainda formoso. Era o retrato de Dunetchka, com vinte anos mais e sem a saliência do lábio inferior, que

caracterizava a fisionomia da filha. Pulquéria Alexandrovna era uma alma sensível, mas sem pieguices; tímida por índole, cedendo por hábito, sabia, contudo, deter-se no caminho das concessões, desde que a sua honestidade ou as suas convicções lhe impusessem essa atitude.

Precisamente vinte minutos depois da sua partida, Razumíkhin batia na porta.

— Não entro, não tenho tempo! — foi ele dizendo quando abriram a porta. — Dorme como um justo, um sono sossegadíssimo, que Deus permita se prolongue por dez horas! Nastácia está junto dele com ordem de não o abandonar um momento sequer, até que eu volte. Agora vou buscar Zózimov, ele dirá o que tem a dizer e as senhoras vão logo deitar-se, porque estão a cair de fadiga.

E pôs-se pelo corredor.

— Que rapaz tão desembaraçado... que delicadeza! — disse Pulquéria sorrindo.

— Parece uma esplêndida pessoa! — respondeu com certa vivacidade Avdótia Romanovna, continuando o seu passeio.

Uma hora depois ouviram-se passos no corredor e novamente bateram na porta. Razumíkhin voltava com Zózimov, que não hesitara em abandonar o banquete para ir ver Raskólnikov, mas foi com relutância que se decidira a ir à casa da mãe e da irmã do doente, porque não queria acreditar nas palavras de Razumíkhin, que lhe parecia ter deixado uma boa parte da razão no fundo dos copos. Mas não tardou que a vaidade do médico se sentisse lisonjeada: Zózimov compreendeu que era esperado como um oráculo.

Nos dez minutos que a sua visita durou conseguiu tranquilizar plenamente Pulquéria Alexandrovna. Com ar grave e a circunspecção que convém a um médico, chamado em circunstâncias especiais, testemunhou pelo doente a maior dedicação. Limitou-se ao assunto da sua visita, e não mostrou desejar estabelecer relações de intimidade com as duas senhoras. Tendo, logo a princípio, notado a formosura de Avdótia Romanovna, evitava olhar a jovem e dirigia-se exclusivamente à sua mãe.

Encontrara Raskólnikov em estado satisfatório. A doença derivara em parte das más condições materiais em que Ródion vivia há alguns meses e a outras causas de ordem moral; era o resultado complexo de fatores físicos e psicológicos, tais como: preocupações, cuidados, receios etc.

Percebendo sem o dar a entender, que Avdótia o ouvia com manifesta atenção, demorou-se condescendentemente neste tema.

Interrogado pela inquieta mãe se notara no filho qualquer sintoma de loucura respondeu, sorrindo, que tinha exagerado o alcance das suas palavras; que apenas se notava no doente uma ideia fixa, uma espécie de monomania, e que ele, Zózimov, estudava especialmente este interessante ramo da medicina.

— Mas, prosseguiu, devemos ter em vista que o doente até hoje esteve quase sempre delirante e certamente a chegada das senhoras será para ele benéfica, contribuindo para a restauração das forças, exercendo uma forte ação salutar... caso seja possível evitar-lhe novos abalos — concluiu com intenção.

Levantou-se e depois de fazer um cumprimento ao mesmo tempo cerimonioso e cordial, saiu coberto de bênçãos e de protestos de gratidão. Avdótia chegou mesmo a estender-lhe a mão. Enfim, Zózimov estava radiante com a sua pessoa e com o efeito da sua visita.

— Amanhã conversaremos melhor; agora, vão descansar, que já é tempo! — aconselhou Razumíkhin saindo com Zózimov. — De manhã virei trazer-lhes notícias.

— Que criatura deliciosa essa Avdótia! — disse Zózimov logo que chegaram à rua.

— Deliciosa? Tu disseste deliciosa? — gritou Razumíkhin pondo as mãos no pescoço do médico. — Se tiveres o atrevimento... — Entendes? bradava ele segurando-o pela gola do casaco e levando-o de encontro à parede. — Percebeste-me bem?

— Larga-me, beerrão! — exclamou Zózimov tentando livrar-se dele. Depois, quando Razumíkhin o largou, fitou-o atentamente e deu uma gargalhada.

O estudante estava diante dele com os braços caídos e um ar de tristeza.

— Não há dúvida nenhuma! Sou um pedaço de asno! — disse ele com o sobrolho carregado. — Mas tu és outro.

— Não, meu caro, não sou. Não penso em tolices.

Caminharam sem trocar palavra, e só quando chegaram próximo do prédio onde Raskólnikov morava é que Razumíkhin, preocupado, disse:

— Zózimov, tu és um bom rapaz, mas tens uma linda coleção de vícios. És, especialmente, um voluptuoso, um miserável sibarita. Amas as tuas comodidades, engordas como um suíno, não te recusas coisa alguma. Ora, isso é ignóbil porque conduz em linha reta à torpeza. Sendo, como és, uma criatura indolente, não posso compreender como, apesar disso, és também um bom médico, e o que é mais, um médico dedicado. Dormes em colchão de penas (um médico!) e no entanto levantas-te a qualquer hora para visitar um doente! Diabos me levem se daqui a três anos fores capaz de te levantar por mais que lhe batam na porta! Mas não é a isso que eu quero chegar; eis o que eu queria dizer-te: vou deitar-me na cozinha e tu passas a noite nos aposentos da hospedeira. Foi com grande dificuldade que obtive o consentimento dela! Terás ocasião de travar com Pachenka conhecimento mais íntimo. Não é o que tu pensas. Meu caro, nem de longe...

— Mas não penso absolutamente nada.

— Meu amigo, ela é uma criatura pudica, tímida, de uma castidade a toda prova, e ao mesmo tempo muito meiga e terna. Livra-me dela, peço-te por todos os diabos! É muito amável, sem dúvida... mas já não a posso aturar.

Zózimov deu uma gargalhada.

— Não sabes o que dizes! Por que iria eu fazer-lhe a corte?

— Afirmo-te que será fácil captar-lhe a simpatia. Basta que lhe fales sobre o que for; o caso está em sentares-te junto dela e dar à língua. Depois, és médico: cura-a de qualquer coisa. Afianço-te que não te hás de arrepender. Ela tem um plano; eu, como sabes, canto. Pois cantei-lhe uma canção que começa assim: “Choro lágrimas amargas!...” Ela adora as melodias sentimentais! Pois foi aí que a coisa começou. Ora, tu és um mestre de piano, um *virtuose* de nível de Rubinstein... Acredita que te hás de dar bem!

— Mas fizeste-lhe alguma promessa? Assinada? Uma promessa de casamento, talvez?

— Nada. Nada dessa espécie. Ela não é deste tipo. Tchobarof tentou...

— Pois bem, deixa-a de lado!

— Mas não posso deixar.

— Por que não podes?

— Não posso, simplesmente. Existe um elo atrativo, meu caro.

— Por que não a conquistaste?

— Não a conquistei porque fui conquistado em meu transe. Ela pouco se importará se fores tu ou eu; basta que alguém suspire a seu lado... Não posso explicar-te a situação, meu caro... Vê, tu sabes bem matemática e fazer cálculos no momento... Começa a ensinar-lhe o cálculo integral; por minha alma! Não estou brincando, falo sério... será a mesma coisa para ela! Olhar-te-á esgazeada e suspirará durante um ano inteiro. Falei-lhe dois dias seguidos sobre o Parlamento da Prússia (porque tinha que falar alguma coisa) — ela só olhava e suspirava. E não precisas falar de amor — é tímida até a histeria —, mas demonstra-lhe que não podes afastar-te dela sem chorar... isto lhe basta. Isto é tremendamente confortável e sentir-te-ás como em casa, poderás ler, sentar, mentir como quiseses, escrever. Podes até aventurar um beijo, se tiveres o necessário cuidado.

— Mas que ganho eu com isso?

— Parece que não me faço entender! Ouça-me: vocês estão talhados um para o outro. Não foi hoje nem ontem que pensei em ti... Uma vez que hás de acabar fatalmente nisso, que te importa que seja agora ou depois? Aqui, tens colchões de penas e coisa melhor! Aqui encontrarás tudo, desde o abrigo até os excelentes *blines*, não contando com o samovar, à noite, e a botija nos pés. Estarás como um morto com uma grande diferença — viverás: dupla vantagem! Mas basta de conversa: são horas de dormir. Olha: sucede-me frequentemente acordar; aproveitarei essas ocasiões para ver Ródion; se me ouvires subir, não te preocupes. Se te parece conveniente, vá vê-lo, e no caso de notares qualquer alteração para pior, acorda-me. Mas estou certo de que não será necessário.

CAPÍTULO II

No dia seguinte Razumíkhin acordou depois das sete horas, preocupado com pensamentos que até nesse momento nunca haviam perturbado a sua existência. Recapitulou todos os incidentes da véspera e percebeu que sofrera uma impressão diferente de todas as que até então experimentara. Ao mesmo tempo tinha a convicção de que o sonho que lhe atravessara a mente era absolutamente irrealizável. Pareceu-lhe tão absurda essa quimera que teve vergonha de demorar nela o pensamento, passando logo a outras questões de ordem prática que o maldito dia anterior lhe legara igualmente.

O que mais o amargurava era ter-se mostrado sob o aspecto de um pulha. Não somente o tinham visto bêbado: abusara da vantagem que a situação de protetor lhe dava sobre uma moça que recorrera a ele, insultara com um sentimento de injustificável ciúme o noivo dessa rapariga, sem saber que relações existiam entre um e outro, nem quem fosse, ao certo, esse indivíduo.

Que direito lhe assistia para julgar tão levianamente Pedro Petróvitch? E quem lhe perguntara a sua opinião? Ademais, era admissível que uma mulher como Avdótia Romanovna fosse casar por interesse com um homem indigno dela? Logo, Pedro Petróvitch devia necessariamente ter algum merecimento. Havia, na verdade, a questão da casa que ele lhes arranjava, mas como podia ele saber o que era essa casa? Aliás, aquelas senhoras achavam-se ali provisoriamente, estava tratando de lhes preparar outra casa... Oh, como tudo isso era miserável! E podia ele justificar-se, alegando a sua embriaguez? Esta tola desculpa ainda o aviltava mais. No vinho reside a verdade, e sob a influência do vinho revelara ele os baixos sentimentos de um coração grosseiramente ciumento. Era talvez lícito, a ele, Razumíkhin, ter semelhante sonho? Que valia ele diante dessa moça, ele, o bêbado inconveniente e brutal da véspera? Que haveria de mais

odioso e de mais ridículo do que a ideia de uma ligação entre dois entes tão diferentes?

Já sucumbido diante de tão loucos pensamentos, o jovem recordou-se subitamente de ter dito na véspera, na escada, que a senhoria o amava e que teria ciúmes de Avdótia Romanovna... Esta lembrança veio a calhar para pôr termo à sua turbacão. Era demais: descarregou um formidável murro no fogão, na cozinha, e partiu um tijolo.

“Sem dúvida”, murmurou para si próprio com um sentimento de profunda humilhação, “agora não há meio de desfazer todas aquelas baixezas... É, pois, inútil pensar nisso. Apresentar-me-ei sem dizer nada, desempenharei em silêncio a minha tarefa e... não apresentarei desculpas, nada direi... Agora é tarde; o mal está feito!”. E, contudo, cuidava do seu vestuário com particular esmero. Tinha apenas um terno, mas ainda que tivesse mais, talvez vestisse o da véspera, “para não parecer que se preparara de propósito”... E no entanto uma falta de asseio seria do pior gosto; não lhe assistia o direito de ferir os sentimentos alheios, principalmente quando, como no caso presente, se tratava de pessoas que tinham necessidade dele e lhe haviam espontaneamente pedido que viesse vê-las. Por consequência escovou cuidadosamente o terno. Pelo que dizia respeito à roupa branca, Razumíkhin trazia-a sempre escrupulosamente limpa.

Tendo encontrado sabão no quarto de Nastácia, lavou o cabelo, o pescoço e especialmente as mãos. Quando chegou o momento de decidir se faria a barba (Prascóvia Pavlovna tinha ótimas navalhas, herança do seu defunto marido, o sr. Zarnitzine), resolveu a questão negativamente e até mesmo com uma certa irritação. “Nada, assim estou muito bem! Eram capazes de pensar que tinha feito a barba para... isso! Nunca!”

“O pior é que ele é um bruto, imundo, tem maneiras de taverneiro; e... e admitindo que tenha alguns princípios de cavalheirismo, que haveria nisto para julgar-se orgulhoso? Cada um deveria ser um cavalheiro por muitas outras atitudes que não só estas... e todos, (lembrou-se) eu também incluído, cometem pequenos deslizes... não desonestidades, e contudo... E que ideias tinha às vezes? E dissera tudo em frente a Avdótia Romanovna? Diabos me levem! Assim é a vida! Fizera questão de mostrar-se sujo, imundo, um taverneiro em seus modos, e não se importara! Podia ser pior!”

Este monólogo foi interrompido pela chegada de Zózimov. Depois de ter passado a noite em casa de Prascóvia Pavlovna, o doutor fora à sua própria casa e voltava para visitar o doente. Razumíkhin disse-lhe que Raskólnikov estava dormindo como um bruto. Zózimov proibiu que o despertassem e prometeu voltar entre as dez e as onze horas.

— Contanto que ele esteja em casa, porque, em um doente que se escapa com tanta facilidade, nunca se pode confiar. Sabes se ele ficou de ir à casa delas ou se elas virão aqui?

— Presumo que virão — respondeu Razumíkhin, percebendo o motivo da pergunta —, é de crer que tenham de conversar sobre negócios de família, e por isso sairei. Tu, na qualidade de médico, tens naturalmente mais direito que eu de ficar.

— Eu não sou confessor; além disso, tenho mais que fazer do que ouvir segredos; também irei embora.

— Há uma coisa que me preocupa — prosseguiu Razumíkhin franzindo o sobrolho —, ontem estava bêbado e, quando acompanhei Ródion até aqui, não tive cuidados com a língua. Entre outras tolices, disse-lhes que tu receavas que ele tivesse predisposição para a loucura...

— Disseste isto às senhoras?!

— Bem sei que foi asneira! Bate-me se queres! Mas, aqui para nós, sinceramente, qual é a tua opinião sobre o caso?

— Que hei de te dizer? Tu mesmo me apresentaste como um monomaníaco quando me trouxeste aqui... E ontem ainda nós lhe perturbamos mais o espírito: digo nós, mas realmente foste tu, com a tua história do pintor. Ora, aí está um belo assunto para conversa em presença de um homem cujo desarranjo intelectual provém exatamente desse caso. Se eu na ocasião conhecesse em todos os seus pormenores a cena que se passou no comissariado de polícia, e soubesse que tinham recaído sobre ele as suspeitas de um canalha, teria cortado a conversa logo às primeiras palavras. Para esses monomaníacos uma gota de água é um oceano, as fantasias da sua imaginação aparecem-lhes como se fossem realidades... Pelo que Zametov nos contou ontem na tua festa, começo agora a compreender metade do caso. Sei do caso de um hipocondríaco, um quarentão, que cortou o pescoço de um menino por não aguentar suas peraltices à mesa! E neste caso, os andrajos, o policial insolente, a febre e a suspeita! Tudo isso mortificando um homem meio frenético pela

hipocondria, e de mórbida e incomum vaidade! Isto deve ter sido o ponto de partida da doença! Esqueçamos tudo!... A propósito, aquele Zametov é muito boa pessoa, no entanto, fez mal em dizer ontem tudo aquilo. É um terrível falador!

— Mas a quem contou ele o caso? A ti e a mim.

— E ao Porfírio.

— E então! Que tem que ele contasse ao Porfírio?

— A propósito: tu tens alguma influência sobre a mãe e a irmã? Era conveniente que elas hoje fossem discretas com ele...

— Eu lhe direi! — respondeu com ar contrariado Razumíkhin.

— Por que ele não gosta de Lujine? Um homem com dinheiro, e ela parece gostar dele... e elas não têm um tostão, acho! Não é?

— Que tens a ver com isto? — gritou Razumíkhin aborrecido. — Como posso saber que elas tenham tostão. Pergunta e talvez saberás...

— Bem, até logo; agradece por mim a Prascóvia Pavlovna sua hospitalidade. Ela fechou-se no quarto. Gritei-lhe “Bons dias!” através da porta e não me respondeu. No entanto, está levantada desde as sete horas; encontrei-me no corredor com a criada que lhe levava o samovar. Não se dignou admitir-me à sua presença...

Às nove horas em ponto chegava Razumíkhin à casa Bakalêief. As duas senhoras esperavam-no, havia muito, com uma impaciência febril: tinham-se levantado antes das sete horas. Ele entrou, sombrio como a noite, cumprimentou secamente e logo em seguida sentiu amargo despeito por se ter apresentado de tal forma. Calculara mal a ansiedade com que era esperado: Pulquéria Alexandrovna correu imediatamente ao seu encontro, agarrou-lhe ambas as mãos e por pouco não as beijou. O mancebo lançou um olhar tímido a Avdótia Romanovna, mas em vez de um olhar irônico, de desdém involuntário e mal dissimulado, que esperava encontrar naquele altivo semblante, leu nele uma tal expressão de gratidão e de afetuosa simpatia, que a sua confusão aumentou. Por fortuna tinha um assunto obrigatório e apressou-se em encetar a conversação.

Ao saber que seu filho ainda dormia, mas que seu estado era satisfatório, Pulquéria Alexandrovna declarou que tudo ia pelo melhor, porque tinha grande necessidade de conferenciar previamente com Razumíkhin. A mãe e a filha perguntaram em seguida ao estudante se já tomara chá, e como ele respondesse negativamente, convidaram-no a

tomá-lo na companhia delas, porque tinham aguardado a chegada do estudante para se sentarem à mesa.

Avdótia Romanovna tocou a campainha e apareceu um criado. Ordenou-lhe que trouxesse o chá, que foi servido de modo tão inconveniente, tão pouco asseado, que as duas senhoras se sentiam corar de vergonha. Razumíkhin protestou energicamente contra uma tal “espelunca”; mas, pensando em Lujine, calou-se, ficou perturbado e sentiu-se feliz por escapar a tão desagradável situação graças à saraivada de perguntas que Pulquéria Alexandrovna fez chover sobre ele.

Interrogado a todo momento, falou durante quase uma hora e contou tudo quanto sabia relativamente aos principais fatos da vida de Ródia Românovitch no último ano. Está claro que não se referiu ao que convinha calar; por exemplo, à cena do comissariado e às suas consequências. As duas senhoras ouviram-no avidamente; já ele julgava ter-lhes relatado todos os pormenores dignos de interesse e ainda a sua curiosidade não se dava por satisfeita.

— E diga-me, diga-me, como lhe parece... Ah, perdão! Ainda não sei seu nome — disse Pulquéria Alexandrovna.

— Dmitri Prokófitch.

— Pois bem! Dmitri Prokófitch, desejaria saber como ele agora encara as coisas, ou melhor, o que lhe agrada e o que lhe desagrada. Continua a irritar-se com frequência? Quais são seus desejos, suas aspirações? Que influência especial se exerce sobre ele presentemente?

— Ah, mamãe, como ele pode responder a tudo de uma vez? — objetou Dúnia.

— Deus do céu! Não esperava que ele mudasse tanto, Dmitri Prokófitch.

— Isto é natural — respondeu Razumíkhin. — Não tenho mãe, mas meu tio vem todos os anos e quase sempre não me reconhece, mesmo quanto à aparência, apesar de ser um homem inteligente, e sua separação de três anos significa muito. Que poderei responder? Conheço Ródion há 18 meses: é taciturno, reservado e orgulhoso. Nestes últimos tempos (mas talvez esta disposição existisse nele há muito) tornou-se desconfiado e hipocondríaco. Tem bom coração, é generoso. Não gosta de revelar seus sentimentos e lhe é mais fácil ferir as pessoas do que mostrar-se expansivo. Às vezes, nada tem de hipocondríaco, mostra-se, porém, frio e

insensível até a desumanidade. Dir-se-ia que há nele dois caracteres opostos, que alternadamente se manifestam. Em certas ocasiões é extremamente taciturno, tudo lhe pesa, todos o incomodam e fica dias inteiros deitado, sem fazer coisa alguma. Não gosta de escarnecer dos outros, não porque ao seu espírito falte causticidade, mas porque despreza a zombaria como um passatempo demasiado frívolo. Não escuta até o fim o que se lhe diz: nunca se interessa pelas coisas que interessam a toda a gente. Tem-se em alto conceito, e nesse ponto quer-me parecer que tem alguma razão. Que poderei acrescentar? Estou convencido de que a presença de vocês exercerá sobre ele uma ação das mais benéficas.

— Ai, Deus queira! — exclamou Pulquéria Alexandrovna, a quem essas revelações sobre o caráter do filho haviam deixado inquieta.

Por fim Razumíkhin atreveu-se a olhar com mais audácia para Avdótia Romanovna. Enquanto falava tinha-a por várias vezes examinado, mas rapidamente e desviando logo os olhos. A moça ora se sentava junto da mesa, escutando atentamente, ora se levantava e, segundo seu costume, passeava de um para o outro lado do quarto, com os braços cruzados e os lábios comprimidos, fazendo de quando em quando uma pergunta, sem interromper o passeio. Outro costume que lhe era habitual consistia em não escutar até o fim o que lhe diziam. Trajava um vestido leve de tecido escuro e em volta do pescoço uma gola branca de rendas. Razumíkhin não tardou em reconhecer, por diversos indícios, que as duas mulheres eram muito pobres. Se Avdótia Romanovna trajasse como uma rainha, é de crer que por isso não o tivesse intimidado; ao passo que, talvez pelo fato mesmo de estar pobremente vestida, experimentava junto dela um grande receio e media cautelosamente suas expressões e seus gestos, o que ainda mais aumentava a perturbação de um homem já pouco senhor de si.

— Deu-nos imparcialmente muitos pormenores curiosos acerca do caráter de meu irmão. Antes assim: cheguei a pensar que ele lhe inspirava admiração — observou Avdótia Romanovna com um sorriso. Quer-me parecer que anda ali mulher — acrescentou pensativa.

— Não digo isso, mas pode ser que tenha razão, apenas...

— O quê?

— Ele não ama ninguém; talvez mesmo nunca venha a amar — prosseguiu Razumíkhin.

— Quer dizer que o julga incapaz de amar?

— Mas sabe, Avdótia Romanovna, que a acho de uma extraordinária semelhança com seu irmão, e direi mesmo, em todos os sentidos! — deixou escapar levemente o rapaz. Mas lembrou-se subitamente do juízo que acabava de fazer sobre Raskólnikov, perturbou-se e fez-se vermelho como um camarão. Avdótia Romanovna não pôde deixar de sorrir ao vê-lo assim.

— É possível que ambos se enganem a respeito do Ródion — notou Pulquéria Alexandrovna um tanto formalizada. — Eu não falo do presente, Dunetchka. O que Pedro Petróvitch escreve naquela carta... e o que ambas supusemos pode não ser verdade; mas o senhor não pode imaginar a que ponto ele é original e caprichoso. Tinha apenas 15 anos e já o seu caráter era para mim uma contínua surpresa. Agora mesmo o julgo capaz de fazer um despropósito que não ocorresse a nenhum outro homem... Sem ir mais longe, sabe que há 18 meses ele esteve a ponto de ser a causa da minha morte, quando se lhe meteu na cabeça casar com aquela... com a filha daquela senhora Zarnitzine, sua hospedeira?

— Conhece os pormenores dessa história? — perguntou Avdótia Romanovna.

— Talvez julgue — prosseguiu a mãe com animação — que ele tivesse contemplação com as minhas súplicas, com as minhas lágrimas, que a minha doença, o receio de me ver morrer, a nossa miséria, o haveriam comovido? Qual! Teria posto em prática o seu projeto, com a máxima tranquilidade, sem se deixar demover por qualquer consideração. E, todavia, pode admitir que ele não nos ame?

— Ele nunca me disse coisa alguma a esse respeito — respondeu com reserva Razumíkhin. — Mas alguma coisa me constou pela sra. Zarnitzine, que também não é muito expansiva, e o que eu soube não deixa de ser bastante estranho.

— E o que foi que soube? — perguntaram as senhoras.

— Oh, nada de particularmente interessante. Tudo quanto sei é que esse casamento, que já era caso decidido e ia concluir-se quando a noiva faleceu, desagradava em extremo à própria sra. Zarnitzine... Dizem também que a rapariga não era bonita, ou melhor, que era feia; ademais, parece que era muito doente e... excêntrica. No entanto, é possível que tivesse certas qualidades... devia tê-las, com certeza, de outra forma não se compreenderia... Ela também não tinha dinheiro e ele de qualquer

modo não levaria em conta o dinheiro dela... Mas é sempre difícil julgar esses casos.

— Estou convencida de que essa moça era aceitável — disse laconicamente Avdótia Romanovna.

— Deus me perdoe, mas regozijei-me com a sua morte, e, no entanto, não sei a qual dos dois esse casamento teria sido mais funesto — concluiu a mãe. Em seguida, timidamente, depois de muitas hesitações, e olhando de quando em quando para Dúnia, a quem parecia desagradar bastante esta conversa, pôs-se a interrogar novamente Razumíkhin sobre a cena da véspera entre Ródia e Lujine.

Este incidente parecia preocupá-la mais do que qualquer outra coisa e causar-lhe verdadeiro terror. O jovem tornou a fazer a narrativa circunstanciada da altercação de que fora testemunha, mas acrescentando dessa vez a conclusão. Acusou Raskólnikov de ter insultado premeditadamente Pedro Petróvitch e não invocou a doença para justificar o procedimento do amigo.

— Antes de adoecer já deliberara isso — concluiu ele.

— Assim penso também — disse Pulquéria Alexandrovna, visivelmente consternada.

Mas ficou muito surpreendida vendo que dessa vez Razumíkhin falara de Pedro Petróvitch em termos convenientes e até mesmo com simpatia. Esta circunstância não passou igualmente despercebida a Avdótia Romanovna.

— E é essa a tua opinião sobre Pedro Petróvitch? — perguntou Pulquéria Alexandrovna.

— Não posso ter outra a respeito do futuro esposo de sua filha, — respondeu em tom veemente Razumíkhin —, e não é uma formalidade banal o que assim me faz falar: digo isto porque... porque... acabou-se! Basta que seja esse o homem a quem Avdótia Romanovna por sua livre vontade honrou com a sua escolha. Se ontem me exprimi em termos ofensivos a seu respeito, é que estava lamentavelmente bêbado, e além disso... doído; estava completamente desequilibrado... e hoje envergonho-me do que fiz e disse!

Corou e calou-se. As faces de Avdótia Romanovna ruborizaram-se, mas a gentil rapariga conservou-se silenciosa. Desde que se falava a respeito de Lujine, não mais proferia uma palavra.

Privada do auxílio da filha, Pulquéria Alexandrovna encontrava-se em visíveis embaraços. Finalmente tomou a palavra com voz hesitante e, erguendo os olhos para Dúnia, declarou que uma circunstância a preocupava deveras nesse momento.

— Dize-me, Dúnia — começou ela. — Achas que devo ser franca com Dmitri Prokófitch?

— Sem dúvida, mamãe — respondeu a moça em tom autoritário.

— Eis a questão — apressou-se a dizer a mãe, como se lhe tivessem tirado um grande peso de cima do peito, permitindo-lhe comunicar aos outros as suas mágoas. — Esta manhã, recebemos uma carta de Pedro Petróvitch em resposta a uma que lhe tínhamos enviado ontem a participar-lhe a nossa chegada. Pedro devia esperar-nos ontem na estação como tinha prometido. Em seu lugar encontramos um criado que nos conduziu até aqui anunciando-nos para hoje de manhã a visita de seu amo. Ora sucede que, em vez de vir, Pedro mandou-nos esta carta... há aí uma coisa que me inquieta bastante... Vai ver já o que é... e dir-me-á francamente sua opinião, Dmitri Prokófitch! Conhece muito bem o caráter de Ródia e melhor que ninguém poderá aconselhar-nos. Devo dizer-lhe que Dunetchka decidiu logo a questão; mas, por minha parte, confesso que não sei qual o partido que deva tomar.

Razumíkhin desdobrou a carta, datada da véspera, e leu o que se segue:

Sra. Pulquéria Alexandrovna:

Tenho a honra de informá-la de que circunstâncias imprevistas me impediram de ir esperá-la na estação, motivo por que me fiz substituir por pessoa da minha inteira confiança. Os negócios privar-me-ão igualmente da honra de vê-la amanhã, de manhã; além de que não desejo servir de estorvo à sua entrevista com seu filho, nem à de Avdótia Romanovna com seu irmão. Por conseguinte somente às oito horas da noite é que terei a honra de ir apresentar-lhe os meus cumprimentos, em sua casa. Rogo-lhe ardentemente que me poupe, durante esta entrevista, o dissabor de me encontrar com Ródion Românovitch, porque esse homem insultou-me da forma mais grosseira, por ocasião da visita que lhe fiz ontem. Independentemente desta circunstância, é-me forçoso ter com a senhora uma explicação pessoal a respeito de um ponto que nós ambos não interpretaremos certamente da mesma forma. Tenho a honra de avisá-la com antecedência de que, se apesar do meu desejo formalmente expresso na presente carta, encontrar em sua casa Ródion Românovitch, ver-me-ei forçado a retirar-me imediatamente, e então só terá de queixar-se de si própria.

Faço este aviso partindo do princípio de que Ródion Românovitch, que parecia estar tão doente por ocasião da minha visita, recobrou inesperadamente a saúde duas horas depois, e pôde, por conseguinte, ir à sua casa. Com efeito, ontem vi-o em casa de um bêbado que pouco antes fora esmagado por uma carruagem e, a pretexto de pagar o funeral, deu 25 rublos à filha do defunto, uma moça de notório mau comportamento e cuja crônica escandalosa é conhecida

de todo mundo. Causou-me o fato grande admiração porque sei à custa de quantas privações a senhora conseguiu aquela quantia! Resta-me agora pedir-lhe que transmita as minhas homenagens a Avdótia Romanovna e permitir-me que me assine, com respeitosa dedicação.

Seu obediente criado.

P. Lujine.

— Que fazer agora, Dmitri Prokófitch? — perguntou Pulquéria Alexandrovna quase chorando. — Como iremos dizer a Ródia que não venha? Ele é capaz de vir aqui quando souber disto e... que acontecerá então?

— Siga o conselho de Avdótia Romanovna — respondeu tranquilamente e sem hesitação Razumíkhin.

— Meu Deus! — disse Pulquéria... — Deus sabe o que Avdótia fala, mas não me explica o seu intento! Segundo a opinião dela é preferível, ou antes, é absolutamente indispensável que Ródia venha esta noite, pelas oito horas, e se encontre aqui com Pedro Petróvitch... Por mim, preferiria não lhe mostrar a carta e usar de subterfúgios para o impedir de vir; contava sair-me bem deste passo difícil com o seu auxílio... Não sei de que bêbado esmagado por um carro e de que filha se trata nesta carta: não posso compreender como ele tenha dado a estas as últimas moedas de prata... que...

— Que representam tantos e tantos sacrifícios para mamãe — concluiu Avdótia.

— Ontem ele não estava no seu estado normal — disse Razumíkhin com ar pensativo. Se soubesse a que passatempo se entregou num *traktir*! Aliás, fez ele muito bem! Na verdade, falou-me de um morto e de uma rapariga, na ocasião em que o acompanhei a casa; mas não compreendi nada... É verdade que eu ontem estava...

— O melhor, mamãe, é ir à casa dele, aí afianço-lhe que havemos de ver qual é o melhor caminho a seguir. E é tempo de tomar uma resolução. Deus do céu! Já são dez horas! — exclamou Avdótia Romanovna, consultando um soberbo relógio de ouro esmaltado, que tinha suspenso ao pescoço por uma delicada cadeia de Veneza e contrastava visivelmente com o resto da *toilette*.

“É um presente do noivo”, pensou Razumíkhin.

— Ah, é muito tarde! O tempo corre, Dunetchka! — disse Pulquéria Alexandrovna. — Vai pensar que estamos sentidas com ele pela recepção de ontem; talvez assim é que interpretará a nossa demora.

E assim falando, apressou-se a pôr o chapéu e a mantilha.

Dunetchka preparou-se também para sair. As luvas eram muito usadas, estavam mesmo esburacadas, o que não passou despercebido a Razumíkhin; todavia, esses trajes, cuja pobreza saltava aos olhos de todo mundo, davam às duas damas certo ar de dignidade, como acontece sempre às mulheres que sabem vestir-se discretamente. Razumíkhin olhou embevecido para Dúnia e sentiu-se orgulhoso em acompanhá-la.

“A rainha que remendava suas meias na prisão”, pensou, “deve ter-se assemelhado, em cada polegada de seu corpo, a uma rainha, parecendo ainda mais uma rainha do que quando se apresentava em suntuosos banquetes e recepções”.

— Meu Deus! — exclamou Pulquéria. Poderia eu sonhar que havia de recear uma entrevista com meu filho, com o meu querido Ródia! Tenho medo, Dmitri Prokófitch! — exclamou ela, olhando timidamente para o jovem.

— Nada receie, mamãe — disse Dúnia beijando-a —, quanto a mim, tenho confiança.

— Ah, meu Deus, de minha parte tenho confiança também, e no entanto não dormi a noite toda! — disse a pobre mulher.

Os três saíram.

— Sabes, Dunetchka, que esta manhã, ao romper do dia, meio adormecida, vi em sonhos a defunta Marfa Petrovna? Estava vestida de branco... ela veio a meu encontro, tomou-me pelas mãos, cumprimentou-me com a cabeça, mas com tal seriedade, como se me repreendesse... Este é um bom sinal? Ah, meu Deus! Dmitri Prokófitch, não abe ainda que Marfa Petrovna morreu?

— Não, não sabia... Que Marfa Petrovna é essa?

— Morreu de repente! E imagine que...

— Logo contará isso, mamãe — interveio Dúnia —, Dmitri não sabe ainda de que Marfa se trata.

— Ah, não a conhece? Pensei que já tinha contado toda essa história. Desculpe-me, Dmitri Prokófitch, ando com a cabeça transtornada! Já o considero como a nossa Providência, eis que me persuado de que Dmitri

anda ao corrente de todos os nossos negócios. Trato-o como pessoa da família. Ah! Mas que tem na mão? Está ferido?

— Sim, feri-me — murmurou Razumíkhin com satisfação.

— Às vezes sou muito curiosa, e Dúnia até me censura por isso... Ora vejam em que pocilga ele vive! E aquela mulher, a hospedeira, chama àquilo um quarto! Ora, ouça: disse-me que ele não gosta de abrir-se com pessoa alguma; pode, pois, suceder que eu lhe cause aborrecimento com as... minhas franquezas. Não me dá algumas instruções a este respeito, Dmitri Prokófitch? Como devo proceder para com ele? Bem vê que estou sem saber o que fazer.

— Não lhe faça muitas perguntas, se vir que ele franze a testa; evite, sobretudo, falar-lhe da saúde, porque Ródia não gosta disso.

— Ah, como é triste, algumas vezes, a posição de uma mãe! Mas olhem para esta escada... Que horror!

— Mamãe está branca como a cal da parede; sossegue, querida — disse Dúnia, acariciando a mãe —, para que amofinar-se assim, quando deve ser para ele uma felicidade vê-la? — acrescentou Dúnia, cujos olhos tinham um fulgor singular.

— Esperem, eu vou na frente para ver se ele está acordado.

Razumíkhin tomou a dianteira e as mulheres subiram sem fazer ruído, atrás dele. Chegados ao quarto, notaram que a porta da hospedeira estava entreaberta e que, pela estreita abertura, dois olhos negros e penetrantes as observavam. Quando os olhares se cruzaram, a porta fechou-se com tal estrondo que Pulquéria Alexandrovna quase deixou escapar um grito de terror.

CAPÍTULO III

— Está melhor! Está muito melhor! — exclamou Zózimov alegremente, vendo entrar as duas senhoras. Estava ali havia dez minutos, ocupando no divã o mesmo lugar da véspera. Raskólnikov, sentado na outra extremidade, estava completamente vestido, tendo-se mesmo dado ao trabalho de lavar o rosto e se pentear, operações que não praticava havia muito tempo. Embora a chegada de Razumíkhin e das duas senhoras determinasse o atravancamento literal do aposento, Nastácia encontrou meio de entrar atrás deles e achar um lugar para ouvir o que se dissesse.

Realmente Raskólnikov estava melhor, mas muito pálido e mergulhado em profunda meditação. Parecia ferido ou ter passado por tremendo sofrimento físico. Lábios comprimidos, sobreceixo cerrado, olhos febricitantes, falava pouco e relutantemente, como se cumprisse uma obrigação, e havia um tremor em seus movimentos. Só faltava enfaixar o braço e colocar uma atadura no dedo para dar a impressão de que tivesse um abscesso doloroso ou um braço quebrado. A pálida e sombria fisionomia iluminou-se quando a mãe e a irmã entraram, mas somente deu uma expressão mais forte de intenso sofrimento, em lugar do desânimo apático. A luz em breve se extinguiu, mas a expressão de sofrimento perdurou. Zózimov observou, com todo o zelo de um jovem médico que inicia sua clínica, não haver nenhuma alegria em seu paciente pela chegada das duas, mas uma espécie de resignado estoicismo para suportar durante uma ou duas horas uma tortura que não podia evitar. Assim que se iniciou a palestra, o médico teve a impressão de que cada palavra reabrisse uma ferida na alma do seu cliente; mas, ao mesmo tempo, surpreendia-se ao vê-lo relativamente senhor de si, o monomaníaco furioso da véspera dominava-se agora até certo ponto e conseguia disfarçar as próprias impressões.

— Sim, sinto que estou quase restabelecido — disse Raskólnikov abraçando a mãe e a irmã com uma cordialidade que inundou de alegria o

rosto de Pulquéria —, e hoje não digo isto como o dizia ontem — acrescentou dirigindo-se a Razumíkhin e apertando-lhe afetuosamente a mão.

— Eu próprio me confesso espantado por vê-lo hoje tão bem disposto — disse Zózimov. — Continuando assim, dentro de três ou quatro dias, teremos o Raskólnikov de há um mês ou dois... Esta doença estava incubada há muito, não é assim? Confesse agora que até certo ponto contribuiu para este resultado — terminou sorrindo, mas receando ainda que seu doente se irritasse.

— É muito provável — respondeu friamente Raskólnikov.

— Agora que podemos conversar — continuou Zózimov —, desejaria convencê-lo de que é absolutamente necessário afastar as causas primárias do desenvolvimento da sua doença; se fizer isto, curar-se-á; do contrário, o mal agravar-se-á irremediavelmente. Ignoro quais sejam as causas primárias a que aludi; mas o meu amigo ter-se-á observado a si próprio. Quero crer que a sua saúde começou a alterar-se depois que saiu da universidade. É opinião minha que o amigo não deve ficar absolutamente ocioso; ser-lhe-ia muito útil que se entregasse ao trabalho, que tivesse um fim qualquer em vista, seguindo-o com persistência.

— Sim, sim. Tem razão... voltarei o mais depressa possível para a universidade, e tudo volverá à normalidade...

O médico dera estes sensatos conselhos muito especialmente para produzir efeito diante das senhoras. Quando terminou, olhou para Raskólnikov, ficando um tanto desconcertado por ler-lhe no rosto um ar de mofa; mas teve em breve a recompensa da sua profunda decepção. Pulquéria agradeceu-lhe os seus bons serviços e se confessou muito reconhecida pela visita que ele lhes fizera na noite anterior.

— Como, o senhor Zózimov foi à sua casa ontem à noite? — perguntou Raskólnikov com a voz um pouco alterada. — De modo que não descansaram ainda depois de uma viagem tão fatigante?

— Oh, Ródia, não eram ainda duas horas. Em nossa casa nunca nos deitávamos cedo.

— Não sei como agradecer-lhe tantos favores — continuou Raskólnikov, que bruscamente franziu os sobrolhos e baixou a cabeça. — Pondo de lado a questão de dinheiro, e desculpe-me aludir a ela — disse ele a Zózimov não sei por que motivo lhe pude merecer tanto interesse.

Não percebo e... direi até que me pesa uma tão excessiva benevolência, porque quanto a mim nada a justifica... Como vê, sou muito franco...

— Não se preocupe com isso — respondeu Zózimov afetando um sorriso —, suponha que é o meu primeiro cliente. Ora, nós, os médicos, ficamos tão amigos dos nossos primeiros clientes como se fossem nossos próprios filhos. E, pelo que me diz respeito, deve compreender que não tenho ainda uma clientela numerosa.

— Não digo palavra a respeito dele — disse Raskólnikov indicando Razumíkhin — que não seja uma injúria, e cause-lhe as maiores contrariedades.

— Que tolices está dizendo? Pelo que vejo, estás hoje sentimental — disse Razumíkhin.

Se fosse mais perspicaz teria visto que, longe de estar sentimental, seu amigo encontrava-se numa disposição de espírito inteiramente oposta. Mas Avdótia não era tão falta de perspicácia e pôs-se a observar o irmão, um tanto inquieta.

— Da senhora, mamãe, quase nem ousa falar — disse ainda Raskólnikov com o ar de quem repetia uma lição decorada pela manhã —, só hoje pude compreender quanto sofrera ontem esperando a minha volta.

Disse essas palavras sorrindo e estendeu a mão à irmã, sem uma palavra, seu sorriso exprimindo agora um sentimento verdadeiro. No rosto de Ródion não se notava a dissimulação. Dúnia apertou efusivamente a mão que se lhe oferecia. Era o primeiro momento de atenção que o irmão lhe dava depois da alteração da véspera. Esta cena muda de reconciliação entre os dois irmãos encheu de satisfação Pulquéria Alexandrovna, que estava radiante.

Razumíkhin deu um pulo na cadeira.

— Só por isto amá-lo-ia para sempre! — disse ele com sua tendência para exagerar tudo.

“Que bonita ação!”, pensava a mãe, “que nobres sentimentos ele tem! Este simples fato de estender a mão à irmã, olhando-a afetuosamente, não seria a forma mais franca e delicada de pôr termo ao incidente da véspera? E que olhos delicados tem. Como é nobre seu rosto... é mais belo que Dúnia. Mas, Deus do céu!, como está mal vestido. Vásia, o mensageiro da loja de Afanase Ivânovitch, traja-se melhor! Poderia abraçá-lo carinhosamente... e chorar em seus ombros, mas tenho medo... Oh,

querido, estás tão estranho! Falas ternamente, mas tenho medo! Por quê? De que tenho medo?”.

— Ah, Ródia, não podes imaginar — apressou-se a responder à observação do filho, quanto eu e Dúnia fomos ontem... infelizes! Agora que tudo terminou e estamos satisfeitos, pode-se contar. Ora, ouve lá: à saída do trem, viemos numa corrida desenfreada para te abraçar, e a criada... Olha, ela está aqui! Bom dia, Nastácia!... Pois ela disse-nos, mal entramos, que tu estiveste de cama com febre, que acabaras de sair, delirando, e que andavam à tua procura. Não podes imaginar em que estado ficamos! Não posso deixar de pensar no trágico fim do tenente Potanchikof, amigo de teu pai. Não te lembras, Ródia? Fugiu da mesma forma, com febre alta, e caiu na área e não puderam retirá-lo senão no dia seguinte. Naturalmente, exageramos os fatos, estávamos a ponto de sair correndo à procura de Pedro Petróvitch para pedir-lhe ajuda, porque estávamos sozinhas — disse Pulquéria queixosamente, calando-se de repente, por lembrar-se que ainda era temerário falar em Pedro Petróvitch, “embora estivessem de pazes feitas”.

— Sim, sim... isso é realmente pouco agradável... — murmurou Raskólnikov, mas disse isso tão distraidamente, para não dizer com indiferença, que Dunetchka contemplou-o surpreendida.

— Que mais ia eu dizer? — continuou ele fazendo um esforço para se recordar. — Ah, sim, peço-lhe, mamãe, e a ti, Dúnia, que não julguem que eu não quisesse ser o primeiro a ir visitá-las, e que esperasse que me viessem ver...

— Mas por que dizes isso, Ródia!? — exclamou Pulquéria, desta vez não menos espantada do que a filha.

“Parece que nos atende por simples delicadeza”, pensou Dunetchka, “reconcilia-se como se cumprisse uma simples formalidade ou recitasse uma lição”.

— Logo que acordei, quis ir procurá-las; mas não tinha roupa. Tencionava dizer ontem a Nastácia que lavasse este sangue... Só há pouco é que pude vestir-me.

— Sangue? — perguntou-lhe Pulquéria assustada.

— Não é nada, não se aflija. Ontem, enquanto estava com delírio, tropecei, na rua, com um homem que acabava de ser esmagado; foi por isso que ensanguentei a roupa...

— Enquanto estavas com delírio? Mas recordas-te de tudo! — interrompeu Razumíkhin.

— Lembro-me — respondeu Raskólnikov pensativo — lembro-me de tudo, até das coisas mais insignificantes, mas o que é singular é que não consigo explicar a mim próprio por que razão fiz isso, por que disse aquilo, por que fui a tal lugar.

— É um fenómeno vulgar — observou Zózimov —, o ato é às vezes praticado com uma segurança e habilidade extraordinárias; mas o princípio de que ele emana altera-se e depende de diversas impressões mórbidas, como em um sonho.

“Talvez seja uma boa coisa julgar-me alienado”, pensou Raskólnikov.

— Por que pessoas híidas atuam do mesmo modo? — observou Dúnia, olhando constrangida para Zózimov.

— Há um grão de verdade em sua observação — respondeu Zózimov. — Neste sentido agimos frequentemente como alienados, com uma ligeira diferença: modificamo-nos abruptamente, porque somos capazes de traçar um limite. Um homem normal, em verdade, dificilmente existe. Entre dúzias — talvez entre centenas de milhares — não se encontra um.

A palavra “alienado” produziu uma impressão desagradável de calafrio; Zózimov deixara-a escapar distraidamente, todo entregue ao prazer de fazer frases sobre o seu tema favorito. Raskólnikov, sempre absorto, pareceu não ter dado atenção alguma às palavras do médico. Um sorriso estranho pairava nos seus lábios descorados.

— Mas esse homem esmagado? — apressou-se a interrogar Razumíkhin.

— O quê? — perguntou Raskólnikov como se acordasse. — Ah! sim... ensanguentei-me quando o ajudei a conduzir à casa... A propósito, mamãe, eu fiz ontem uma coisa imperdoável: era preciso realmente que estivesse com a cabeça perdida... Todo o dinheiro que você me mandou dei-o... à viúva do tal homem... para o enterro. A pobre mulher dá pena... está tuberculosa... ficou com três crianças sem ter o que lhes dar de comer... e há ainda outra moça... mamãe talvez fizesse o mesmo que eu fiz, se visse aquele horror. No entanto, reconheço que não tinha o direito de dar aquele dinheiro, sabendo quanto custou a mamãe obtê-lo. Para ajudar os outros deve-se ter direito, do contrário: “*Crevez, chiens, si vous n’êtes pas contents.*”¹⁰ — Ele riu. — Não é verdade, Dúnia?

— Não, não é! — respondeu Dúnia incisivamente.

— Ora, também tens ideais — resmungou ele, olhando para Dúnia quase com ódio e sorrindo sarcasticamente. — Deveria ter levado isto em conta... aquilo que achas digno de louvor e melhor para ti... e se tu atingisse um limite, não ultrapassarias e serias infeliz... se o ultrapassasses, talvez fosses mais infeliz ainda... Mas tudo isso é idiotice! — acrescentou irritado por divagar. — Somente lhe quis pedir perdão, mamãe — concluiu abruptamente.

— Não penses nisso, Ródia! Quanto a mim, tudo quanto fazes é bem-feito! — respondeu a mãe.

— Pois não tem mais razões para pensar assim — replicou ele dissimulando um sorriso.

A conversa ficou suspensa durante algum tempo. Palavras, silêncio, recordação, perdão, tudo era um tanto forçado, e todos o sentiam.

“Agem como se me temessem”, pensou Raskólnikov, olhando espantado para a mãe e a irmã. Pulquéria Alexandrovna certamente ficava mais tímida quanto mais persistia o silêncio. “Embora na ausência delas, parecia que as amava tanto”, relampejou na mente de Raskólnikov.

— Sabes, Ródia, que Marfa Petrovna morreu? — disse de repente Pulquéria.

— Qual Marfa Petrovna?

— A mulher de Svidrigailov, não te recordas? Falei-te tanto dela na minha última carta!

— Ah, sim, lembro-me agora... Então morreu? Essa agora... — disse ele com um estremecimento súbito de quem acorda. — Como é possível que ela morresse? Mas de que morreu?

— Imagina, morreu de repente! — apressou-se a dizer Pulquéria, animada a prosseguir pela curiosidade que o filho manifestava. — Morreu no mesmo dia em que te escrevi a carta... Segundo dizem, foi o miserável do marido o causador da morte. Correu que a moera de pancada.

— Era costume dele? — perguntou Raskólnikov dirigindo-se à irmã.

— Não, ao contrário; ele mostrava-se até muito atencioso e delicado com ela. Havia ocasiões em que dava mesmo provas de grande indulgência, e isso durou sete anos... Mas um belo dia perdeu a paciência.

— Então ele não era tão mau como o pintam, uma vez que teve paciência durante sete anos! Parece que o desculpas, Dunetchka?

Avdótia Romanovna franziu as sobancelhas.

— Era realmente um homem terrível. Eu não posso imaginar nada pior — respondeu ela com ar pensativo.

— Murmura-se que de manhã houve entre eles cena violenta — continuou Pulquéria. — Depois disso, parece que ela mandou aprontar a carruagem, porque queria ir à cidade depois do jantar, como costumava fazer; dizem que comeu com bastante apetite...

— Apesar da sova?

— Estava habituada. Depois de jantar tomou um banho... Tratava-se pela hidroterapia e tomava banho numa fonte que há na casa deles. Mal entrou na água, teve uma apoplexia.

— Pudera! — observou Zózimov.

— Mas a que vem tudo isso? — perguntou Dúnia.

— Hum! Eu não sei por que mamãe conta tais tolices — disse Raskólnikov irritando-se de repente.

— Oh, filho, eu não sabia sobre o que falar... — confessou ingenuamente Pulquéria Alexandrovna.

— Parece que ambas têm medo de mim — continuou ele com um sorriso contrafeito.

— E é verdade — respondeu Dúnia, fixando nele o olhar severo. — Quando subíamos a escada, mamãe até se persignou, tão assustada vinha.

A expressão severa do rosto de Ródia transformou-se.

— Que estás dizendo, filha? Não te zanges, Ródia... Como dizes essas coisas, Dúnia!... — desculpou-se Pulquéria Alexandrovna bastante confusa. — A verdade é que no vagão eu não deixei de pensar, em todo o caminho, na felicidade de te tornar a ver e de estar contigo... Felicidade tão grande que até a viagem me pareceu curta, tão enlevada vinha nessa ideia. E agora sinto-me feliz, filho! Feliz por estar a teu lado, Ródia!...

— Basta, mamãe — murmurou ele agitado, sem a encarar e apertando-lhe a mão —, temos de conversar!

Pronunciou estas palavras perturbado e pálido: de novo sentiu um frio de morte na alma, de novo reconheceu que acabara de mentir horivelmente e que daí em diante já não podia conversar à vontade nem com sua mãe nem com pessoa alguma. E a sensação desse pensamento torturante foi tão viva que, esquecendo-se dos seus visitantes, Raskólnikov se levantou e encaminhou-se para a porta.

— Aonde vais? — gritou-lhe Razumíkhin agarrando-o por um braço.

Raskólnikov tornou a sentar-se e olhou silenciosamente em redor: todos o observavam com espanto.

— Mais parece que estão empenhados em aborrecer-me! — exclamou por fim. — Digam alguma coisa! Por que permanecem mudos? Falem! Não é para se estar calado que a gente se reúne. Conversemos.

— Louvado seja o Senhor! Eu já pensava que ele ia ter outro acesso como ontem — disse Pulquéria Alexandrovna, que se tinha persignado.

— Mas que tens, Ródia? — perguntou Dúnia já inquieta.

— Nada, era um disparate que me tinha passado pelo espírito — respondeu desatando a rir.

— Está bem, se é um disparate, tanto melhor! Que eu por mim receava... — murmurou Zózimov, levantando-se. — Agora vou deixá-los; verei se posso voltar logo...

Despediu-se e saiu.

— Que excelente rapaz! — observou Pulquéria.

— É um bom rapaz, com efeito, filho de boa família, instruído, inteligente... — disse Raskólnikov com animação desusada, já não me recordo onde o encontrei antes da minha doença... Creio que o encontrei em algum lugar... E aqui está outro rapaz excelente! — acrescentou indicando Razumíkhin. — Gostas dele, Dúnia? — perguntou subitamente a ela e, sem nenhum motivo, riu.

— Muito — respondeu Dúnia.

— Passa! Que patife és! — protestou Razumíkhin, ruborizando-se em terrível confusão e erguendo-se da cadeira. Pulquéria Alexandrovna sorriu timidamente, mas Raskólnikov riu ruidosamente.

— Mas aonde vais?

Razumíkhin, com efeito, tinha-se levantado.

— Preciso ir-me embora também... tenho o que fazer... — disse ele.

— Não tens nada que fazer, deixa-te estar! Porque Zózimov saiu também queres ir-te embora. Não vás... Mas que horas são? É meio-dia? Que lindo relógio tens, Dúnia! Por que se tornam a calar outra vez? Ninguém fala senão eu!...

— Foi um presente de Marfa Petrovna — respondeu Dúnia.

— E foi muito caro! — continuou Pulquéria Alexandrovna.

— Ah, ah! E enorme! Parece não ser de senhora.

— Gosto assim — disse Dúnia.

“Então não é um presente do noivo”, pensou Razumíkhin, deliciado sem ter motivo.

— Julguei que fosse presente de Lujine — falou Raskólnikov.

— Não, ele nada deu a Dunetchka.

— Ah! Oh, mamãe, lembra-se de que eu estive enamorado e quis casar? — disse ele bruscamente, voltando-se para a mãe, espantada da feição imprevista que Ródia acabava de dar à conversa e do tom em que falava.

— Ah, sim, meu filho! — respondeu Pulquéria Alexandrovna trocando um olhar com Dunetchka e Razumíkhin.

— Sim! É verdade! Que direi eu? Já não me lembro de nada disso. Era uma moça fraquinha, sempre adoentada — continuou pensativo e de olhos baixos. — Gostava de dar esmolas aos pobres e o seu pensamento constante era entrar para um convento; um dia via-a desfazer-se em lágrimas, enquanto me falava disso. Lembro-me perfeitamente, parece que a estou vendo. Era mais feia do que bonita. A dizer a verdade, nem sei por que me afeiçoei a ela. Talvez por ser muito doente... Se, além disso, ela fosse também coxa ou corcunda, parece-me que a teria amado mais ainda... (Sorriu tristemente.) Enfim, isso não tinha importância... era uma doidice de rapaz...

— Não, não era só uma doidice de rapaz... — observou Dunetchka muito convicta.

Raskólnikov olhou atentamente para a irmã, mas não ouviu bem, ou mesmo não entendeu suas palavras. Depois com um ar melancólico, levantou-se, abraçou a mãe e tornou a sentar-se no mesmo lugar.

— E ainda a amas? — disse Pulquéria, comovida.

— Ainda a amo? Ah, sim... fala dela? Não. Tudo isso está agora muito longe de mim... e já há muito tempo. Aliás, tudo que me rodeia me dá a mesma impressão...

Olhou com atenção as duas mulheres.

— Ora vejam: mamãe e Dúnia estão aqui, junto de mim... Pois bem, parece-me que as vejo a uma distância de mil *verstas*... Mas para que falamos nisto! E por que diabo me interrogam! acrescentou agastado. Depois começou a roer as unhas e tornou a cair no seu devaneio.

— Que quarto medonho tu arranjaste, Ródia! Parece um túmulo — disse bruscamente Pulquéria Alexandrovna para romper o silêncio —, estou certa de que este quarto contribuiu muito para a tua hipocondria.

— Este quarto? — replicou ele distraidamente. — Sim, talvez tenha contribuído, já tenho pensado nisso... No entanto, se mamãe soubesse que ideia singular acaba de exprimir! — acrescentou ele com um sorriso enigmático.

Raskólnikov estava em tal estado que quase lhe custava suportar a presença da mãe e da irmã, de quem estivera separado durante três anos, mas com as quais sentia que era impossível sustentar qualquer conversa. Havia, porém, uma questão que não podia sofrer adiamento; pouco antes, quando se tinha levantado, dissera a si mesmo que ela havia de ser decidida nesse mesmo dia de um modo ou de outro. Neste momento, foi para ele uma sorte encontrar nessa questão um meio de sair do embaraço.

— Eis o que eu quero dizer-te, Dúnia — começou ele em tom seco. — Naturalmente peço-te as minhas desculpas pelo incidente de ontem, mas julgo de meu dever recordar-te que mantenho os termos de meu dilema: ou eu ou Lujine. Eu posso ser infame, mas tu não deves ser. Um é bastante. Portanto, se casas com Lujine deixo no mesmo instante de te considerar como irmã.

— Ródia! Ródia! Estás falando outra vez como ontem! — exclamou Pulquéria Alexandrovna, desconsolada. — Por que te chamas sempre infame? Não posso suportar isso! Já ontem dizias a mesma coisa...

— Meu irmão — respondeu Dúnia num tom que não ficava atrás, nem em secura nem em aspereza, ao de Raskólnikov —, o equívoco que nos desune provém de um erro em que estás. Refleti muito nisso esta noite e descobri em que ele consiste. Tu supões que eu me sacrifico por alguém. Ora, aí está o teu engano. Eu caso única e simplesmente por minha causa, porque a minha situação pessoal é difícil. Sem dúvida, mais tarde, estimarei muito ser útil à minha família, podendo fazê-lo; mas esse não é o motivo principal da minha resolução.

“Mente!”, pensava consigo Raskólnikov, roendo as unhas de raiva. “Orgulhosa! Não confessa que quer ser minha benfeitora! Que arrogância! Oh, que caracteres baixos! O seu amor parece-se com o ódio... Como eu... os detesto a todos!”

— Numa palavra — continuou Dunetchka —, eu caso com Pedro Petróvitch porque de dois males escolho o menor. Pretendo cumprir lealmente tudo o que ele espera de mim; por conseguinte não engano... Por que sorriste ainda agora?

Corou e um relâmpago de cólera brilhou-lhe nos olhos.

— Cumprirás tudo? — perguntou ele sorrindo com amargura.

— Até certo limite. Pela maneira por que Pedro Petróvitch pediu a minha mão, percebi logo o que lhe é necessário. Ele forma talvez um alto conceito de si próprio; mas espero que também saberá apreciar-me... Por que tornas a rir?

— E tu por que tornas a corar? Tu mentes, minha irmã; não podes estimar Lujine; vi-o e conversei com ele. Por conseguinte, casas por interesse; em todo caso cometes uma baixeza; e ao menos estimo ver que ainda sabes corar!

— Não é verdade, eu não minto! — gritou a jovem perdendo todo o sangue-frio —, não me casarei sem estar bem segura de que ele me aprecia e estima; não casarei com ele sem estar plenamente convencida de que eu própria posso estimá-lo. Felizmente tenho um meio de me certificar disso de maneira decisiva e, o que é mais, hoje mesmo. Mas, ainda mesmo que tivesse razão, quando efetivamente eu estivesse resolvida a uma baixeza, não era uma crueldade de sua parte falares-me dessa maneira? Por que exiges de mim um heroísmo que tu talvez não tenhas? Isso é tirania, é uma violência! Se prejudico alguém, sou eu a prejudicada... Ainda não matei ninguém!... Por que olhas para mim desse modo? Por que empalideces? Ródia, que tens? Ródia, querido!...

— Meu Deus! Desmaiou, e tu é que foste a causa! — exclamou Pulquéria.

— Não, isso não é nada, que tolice!... Foi a cabeça que se transtornou um pouco. Não foi um desmaio... Os desmaios são para as mulheres. Sim! Que queria dizer? Ah, como poderás convencer-te ainda hoje de que podes vir a estimar Lujine e que... ele te aprecia... porque era isso o que dizias ainda agora, não é verdade? Ou eu não ouvi bem?

— Mamãe, mostre a meu irmão a carta de Pedro Petróvitch — disse Dunetchka.

Pulquéria Alexandrovna estendeu a carta com a mão trêmula.

Raskólnikov recebeu-a com grande interesse, mas, antes de abri-la, olhou num relance e com espanto para Dúnia.

— É estranho — disse lentamente, como que movido por nova ideia. — Por que estou fazendo tanta confusão? Para que tudo isso? Casa-te com quem quiseses!

Disse para consigo mesmo, mas disse-o alto e olhou a irmã por algum tempo, como que desconcertado. Abriu por fim a carta com o mesmo estranho olhar de surpresa e, devagar e atentamente, começou a ler. Leu-a toda duas vezes. Pulquéria Alexandrovna demonstrava uma ansiedade marcante, e todos esperavam alguma cena insólita. Depois de uma curta pausa, devolvendo a carta à mãe, mas sem se dirigir a ninguém em particular, disse:

— O que me surpreende é ser um homem de negócios, um advogado, com conversa decididamente pretensiosa e, no entanto, escrever carta como um ignorante.

Essas palavras fizeram pasmar todo mundo, ninguém esperava tal resposta.

— Mas todos escrevem nesses termos, como é sabido — observou Razumíkhin.

— Leste-a?

— Sim.

— Mostramo-la, Ródia. Nós... o consultamos ainda há pouco... — começou Pulquéria Alexandrovna a falar embaraçada.

— Esse é o jargão dos tribunais — interferiu Razumíkhin. — Os documentos legais são escritos assim até hoje.

— Legal? Sim, justamente legal — linguagem comercial —, não totalmente deseducada e não totalmente polida. Linguagem comercial.

— Pedro Petróvitch também não oculta que recebeu pouca instrução e orgulha-se de dever tudo a seu trabalho — disse Avdótia Romanovna, um pouco melindrada pelo tom em que o irmão falara.

— Pois bem, ele pode orgulhar-se com razão, não digo o contrário. Parece que estás magoada, minha irmã, porque manifestei uma opinião frívola a respeito dessa carta, julgas que insisto de propósito em tais ninharias para te aborrecer? De modo nenhum; relativamente ao estilo, reparei que, no caso presente, está longe de não ter importância. A frase “Só terá de queixar-se de si mesma” não deixa nada a desejar do ponto de

vista da clareza. Além disso, adverte que se retirará imediatamente se me encontrar quando for visitá-las. Essa ameaça significa simplesmente que, se não lhe obedecerem, ele as abandonará a ambas, depois de as ter obrigado a vir a São Petersburgo. Então que te parece? Essas palavras da parte de Lujine ofendem do mesmo modo que se tivessem sido escritas por ele (apontando para Razumíkhin), por Zózimov ou por um de nós?

— Não — respondeu Dunetchka —, compreendo que ele traduziu pouco delicadamente seu pensamento e que não é talvez muito hábil escritor... Tua observação é muito justa, meu irmão. Eu nem esperava...

— Admitindo que ele escreve como um homem de negócios, não podia exprimir-se de outra forma e não foi talvez por sua culpa que se mostrou tão grosseiro. Aliás, devo desiludir-te um pouco. Nessa carta há uma outra frase que contém uma calúnia bem vil. Eu dei ontem algum dinheiro a uma viúva tuberculosa e prostrada pela desgraça, não como ele escreve: “a pretexto de pagar o funeral”, mas justamente para o funeral; e essa quantia foi à própria viúva que a entreguei e não à filha do defunto — essa rapariga “cuja crônica escandalosa é conhecida de todo mundo”, segundo ele diz, e que eu vi ontem pela primeira vez.

Em tudo isso, descobre-se o objetivo de me desacreditar em tua opinião e na de mamãe. Ainda nesse ponto, ele escreve em estilo jurídico, isto é, revela claramente seu fim, e prossegue em seu fito sem rodeios nem cerimônias. É inteligente; mas, para se proceder corretamente, a inteligência só não basta. Tudo isso define o homem, e não creio que ele te aprecie muito. E falo-te assim para teu governo, porque desejo sinceramente tua felicidade.

Dunetchka não respondeu; desde o princípio, a sua resolução estava tomada, só esperava pela noite.

— Então, Ródia, que decides? — perguntou Pulquéria Alexandrovna; sua inquietação aumentara desde que o filho começara a falar pausadamente, como um homem de negócios.

— Que quer dizer com isso, mamãe?

— Tu viste o que escreveu Pedro Petróvitch: ele deseja que não venhas à nossa casa esta noite e declara que se irá embora... se lá fores. É por isso que pergunto o que pensas fazer.

— Não tenho a decidir coisa nenhuma. Mamãe e Dúnia é que devem ver se essa exigência de Pedro Petróvitch não é ofensiva para ambas. Eu

farei o que lhes agradar — acrescentou friamente.

— Dunetchka já resolveu a questão, e eu sou inteiramente de seu parecer — apressou-se a responder Pulquéria.

— Eu acho indispensável que assistas a essa reunião e peço-te encarecidamente para ires lá — disse Dúnia. — Vais?

— Vou.

— Peço-lhe também o favor de ir à nossa casa às oito horas — continuou ela dirigindo-se a Razumíkhin. — Mamãe, convida também o senhor Dmitri Prokófitch.

— E fazes bem, Dunetchka. Está decidido, faça-se conforme teu desejo, acrescentou Pulquéria Alexandrovna. Aliás, para mim é um alívio; eu não gosto de fingir nem de mentir e mais vale uma explicação franca... E agora Pedro Petróvitch que se zangue à vontade!

CAPÍTULO IV

Nesse momento, abriu-se a porta e entrou uma rapariga, olhando timidamente em redor. Sua aparição causou surpresa geral e todos os olhares se fixaram nela. A princípio, Raskólnikov não a conheceu. Era Sônia Semenovna Marmêladov. Vira-a na véspera pela primeira vez, mas em tais circunstâncias e com um vestuário que lhe haviam reproduzido outra imagem na memória. Agora, era uma moça modesta e pobre, de maneiras honestas e humildes. Trajava um vestidinho simples e um chapéu velho fora de moda. De seus adornos da véspera, trazia apenas o guarda-sol. Vendo toda aquela gente que não esperava encontrar, sentiu-se envergonhada, e ia retirar-se.

— Ah! É Sônia... — disse Raskólnikov admiradíssimo, sentindo-se ele próprio perturbado.

Lembrou-se de que a carta de Pedro Petróvitch continha uma alusão a certa pessoa de “notório mau comportamento”. Acabava de protestar contra a calúnia de Lujine e de declarar que só na véspera vira aquela rapariga pela primeira vez; e era precisamente nesse momento que ela entrava em sua casa. Lembrou-se também de que não protestara contra as palavras “notório mau comportamento”. Num relance, todos esses pensamentos lhe atravessaram o espírito. Mas, observando atentamente a pobre criatura, viu-a muito envergonhada e teve piedade dela. Quando, assustada, ela ia retirar-se, uma onda de revolta se apoderou dele.

— Não a esperava — disse-lhe imediatamente, convidando-a com o olhar a que ficasse. — Queira sentar-se. Vem certamente da parte de Catarina Ivanovna. Com licença, aí não; sente-se aqui...

Razumíkhin, sentado junto da porta numa das três cadeiras que havia no quarto, levantou-se para a deixar passar. Raskólnikov pensou em oferecer-lhe um lugar no divã, onde Zózimov estivera sentado; mas, lembrando-se da aplicação especial desse móvel, que lhe servia de cama, mudou de parecer e ofereceu a Sônia a cadeira de Razumíkhin.

— Senta-te aqui — disse ele ao amigo indicando-lhe o lugar que o médico tinha ocupado.

Sônia sentou-se, trêmula, e olhou timidamente para as duas senhoras, sentindo quanto era humilhante sua situação junto delas. E tal comoção lhe causou esta ideia, que se levantou bruscamente e, muito agitada, dirigindo-se a Raskólnikov:

— Eu... eu vim apenas por um instante. Desculpe-me tê-lo incomodado. Catarina Ivanovna mandou-me aqui porque não tinha mais ninguém. Pede-lhe com empenho que assista amanhã, de manhã... à cerimônia fúnebre... em São Mitrofane, e passe depois por nossa casa... para tomar alguma coisa... Espera que lhe dê essa honra.

Pronunciou essas palavras com muita dificuldade.

— Farei todo o possível — respondeu Raskólnikov, já levantado. — Tenha a bondade de sentar-se — disse-lhe de repente —, peço-lhe... Está com pressa?... Precisava falar-lhe; conceda-me dois minutos...

Ao mesmo tempo, com o gesto, convidava-a a sentar-se. Sônia obedeceu e olhou de novo, timidamente, para as duas damas.

A fisionomia de Raskólnikov contraiu-se, o rosto de pálido tornou-se carmesim, os olhos chamejavam.

— Mamãe — disse em voz alta —, é Sônia Semenovna Marmêladov. Filha do infeliz Marmêladov, que, ontem, foi esmagado por uma carruagem, e de quem falei há pouco.

Pulquéria Alexandrovna olhou para Sônia e cerrou as pálpebras. Apesar dos receios que sentia diante do filho, não pôde deixar de permitir-se essa satisfação. Dunetchka voltou-se para a pobre rapariga e examinou-a com ar severo. Chamada por Raskólnikov, Sônia levantou outra vez os olhos, mas tornou a baixá-los, embaraçada.

— Queria perguntar-lhe — disse ele — o que se passou hoje em sua casa... Incomodaram-nas muito? O inquérito da polícia aborreceu-as?

— Não, não houve nada... a causa da morte era evidente, deixaram-nos em paz; apenas os inquilinos se mostram descontentes.

— Por quê?

— Dizem que o corpo está em casa há muito tempo... Com este calor, o cheiro... de modo que hoje à tarde é removido para a capela do cemitério, onde ficará depositado até amanhã. A princípio, Catarina não queria, mas acabou por concordar que não podia deixar de ser...

— Então o cadáver é trasladado esta noite?

— Catarina espera que nos fará a honra de assistir amanhã ao funeral e que, em seguida, irá à nossa casa tomar parte na refeição fúnebre...

— Ela dá banquete?

— Dá uma pequena refeição; encarregou-me também de lhe transmitir seus agradecimentos pelo auxílio que nos prestou... Se não fosse o senhor, não poderíamos fazer o enterro.

Um tremor repentino agitou os lábios e o queixo da rapariga.

Durante esse diálogo, Raskólnikov observou-a atentamente. Sônia era magra e pálida; o nariz arrebitado e o queixo anguloso prejudicavam o conjunto, que não era de grande beleza. Todavia os olhos azuis eram de uma doce limpidez e, quando se animavam, davam-lhe à fisionomia uma doce expressão de bondade. Ainda outra particularidade caracterizava seu rosto: parecia mais nova do que realmente era, e, embora tivesse 18 anos, tinha o aspecto de uma menina.

— Mas Catarina poderá satisfazer tantas despesas com tão poucos recursos? E pensa ainda num banquete?... — perguntou Raskólnikov.

— O funeral será modesto... não custará caro... Calculamos as despesas; chega ainda para a refeição... e Catarina faz questão dela... Não devemos contrariá-la... Sempre é um consolo... Bem sabe como ela está...

— Compreendo... sem dúvida... Está reparando em meu quarto? Mamãe já disse que parecia um túmulo.

— Ontem, despojou-se do que possuía, por nossa causa! — respondeu Sonetchka com a voz entrecortada e pondo os olhos no chão. Os lábios e o queixo começaram novamente a tremer. Logo que entrara, havia notado a pobreza de Raskólnikov, e aquelas palavras escaparam-lhe espontaneamente. Houve um silêncio. Os olhos de Dunetchka iluminaram-se, e Pulquéria Alexandrovna olhou Sônia com ternura.

— Ródia — disse ela levantando-se —, fica combinado que jantas conosco. Dunetchka, vamos... Mas, Ródia, tu deves sair, dar um pequeno passeio; depois descansas um pouco e vais ter conosco o mais cedo possível... Receio que te tenhas fatigado...

— Sim, vou — respondeu prontamente Ródion, levantando-se também... — Aliás, ainda tenho que fazer...

— Olha lá, não deixes de vir jantar — disse Razumíkhin, olhando admirado para Raskólnikov —, vê o que fazes...

— Vou com certeza... Mas tu ficas ainda um pouco... Mamãe ainda precisa dele? Não lhe faz mais falta?

— Não; e Dmitri Prokófitch será também tão amável que virá jantar conosco.

— Sou eu que lhe peço — acrescentou Dúnia.

Razumíkhin inclinou-se contente. Durante um minuto todos se sentiram contrafeitos.

— Adeus, Ródia; isto é, até logo; eu não gosto nunca de dizer “adeus”. Adeus, Nastácia... E eu a dizer “adeus” outra vez!...

Pulquéria Alexandrovna tinha a intenção de saudar Sônia; porém, apesar de toda a boa vontade não pôde decidir-se a isso e saiu precipitadamente do quarto.

O mesmo não aconteceu com Avdótia Romanovna, que parecia haver aguardado esse momento com impaciência. Quando, após sua mãe, passou ao lado de Sônia, fez a ela uma saudação com todas as formalidades. A pobre moça perturbou-se, inclinou-se com uma precipitação temerosa, e seu rosto traiu mesmo uma impressão dolorosa, como se a polidez de Avdótia Romanovna a houvesse comovido penosamente.

— Dúnia, adeus! — exclamou Raskólnikov no patamar. — Dá-me logo a mão.

— Mas já te disse adeus, esqueceste? — respondeu Dúnia voltando-se para ele afavelmente, apesar de se sentir pouco à vontade.

— Bem, aperta-me a mão outra vez!

Apertou com força os pequeninos dedos da irmã. Dunetchka sorriu corando e, retirando a mão bruscamente, seguiu a mãe. Ela também se sentia feliz, sem que soubesse por quê.

— Ora muito bem! — disse Ródia voltando-se para Sônia e encarando-a serenamente. — Que o Senhor conceda a paz aos mortos e deixe viver os vivos! Não é assim?

Sônia notou que Raskólnikov estava agora mais satisfeito: durante algum tempo olhou para ela silenciosamente; recordava tudo o que Marmêladov lhe dissera da filha...

* * *

— Céus! Dúnia — começou Pulquéria Alexandrovna ao chegarem à rua —, sinto-me aliviada por sair. Como tive ontem a ideia de não ser mais feliz?

— Repito-lhe, mamãe, ele está muito doente. Não viu? Talvez tenha-se aborrecido por tê-lo contrariado. Devemos ser pacientes e muito poderá ser perdoado.

— Não foste muito paciente! — interrompeu Pulquéria Alexandrovna, acalorada e enciumada. — Sabes, Dúnia, que observava os dois. És o verdadeiro retrato dele, não tanto no rosto, mas na alma, ambos são taciturnos e excitáveis, ambos orgulhosos e generosos... Por certo não poderá ser um egoísta, Dúnia. Hein? Quando lembro o que nos espera esta noite, fuge-me o coração.

— Não se inquiete, mamãe. O que tiver de ser, será.

— Dúnia, pense em que situação nos encontramos. Que sucederá se Pedro Petróvitch romper contigo? — disse abruptamente a pobre Pulquéria Alexandrovna imprudentemente.

— Não terá muito valor, se o fizer — disse Dúnia áspera e desdenhosamente.

— Fizemos bem em irmo-nos — interrompeu rapidamente Pulquéria Alexandrovna. — Ele está preocupado com algum negócio. Se puder sair e tomar um hausto de ar... está confinado no quarto... Mas onde alguém pode respirar ar puro? Até as ruas parecem túmulos. Deus do céu, que cidade!... Espera! Para este lado... te amassarão com este carregamento... é um piano que carregam! Tenho muito medo por causa dessa moça!

— Que moça, mamãe?

— A tal Sônia Semenovna que estava lá.

— Por quê?

— Tenho um pressentimento, Dúnia. Podes acreditar ou não, mas, no instante em que ela entrou, senti que era a causa principal da encrenca.

— Nada disso! — exclamou Dúnia aborrecida. — Que tolíce seu pressentimento! Ele só a conheceu na véspera e não a reconheceu quando ela entrou.

— Verás... Ela me aborrece; mas verás, verás... fiquei tão amedrontada. Ela olhou-me com olhos enormes. Quase não me contive sentada na cadeira, quando ele nos apresentou, lembraste! Parecia tão

estranho, mas Pedro Petróvitch escreveu a respeito dela e ele nos apresentou — a ti! Portanto deve tê-la em consideração.

— Costuma-se escrever qualquer coisa. Também fomos discutidas e comentadas em escritos. Não se lembra? Estou segura de que é uma boa moça e que o resto é bobagem.

— Deus o permita!

— E Pedro Petróvitch é um caluniador desprezível — Dúnia deixou escapar subitamente.

Pulquéria Alexandrovna estava arrasada, a conversa não se reanimou.

* * *

— Aqui está o que te quero dizer — disse subitamente Raskólnikov chamando Razumíkhin, que ficara à janela...

— Posso então dizer a Catarina que vai?...

— Eu já a atendo, Sônia, nós não temos segredos, creia que não nos incomoda... Eu tenho ainda que falar-lhe... — E, voltando-se, disse a Razumíkhin:

— Tu conheces um... como se chama ele?... Porfírio Petróvitch?...

— Se conheço! É meu parente! — respondeu Razumíkhin muito intrigado com a pergunta.

— Não disseram ontem que era ele quem instruía o processo... o processo do homicídio?

— Sim, e então?... — perguntou Razumíkhin, abrindo muito os olhos.

— Ele interrogou todas as pessoas que tinham penhores em casa da velha. Ora, eu tinha empenhado lá algumas coisas, valia a pena falar nisso: um anel de minha irmã, que ela me deu quando eu vim para São Petersburgo, e um relógio de prata que pertenceu a meu pai. Tudo isso vale cinco rublos, mas tem grande valor estimativo para mim. Que devo fazer? Não queria perder esses objetos, sobretudo o relógio. Receava há pouco que minha mãe me pedisse que lhe mostrasse, quando se falou no de Dunetchka. É o único objeto de meu pai que possuímos. Se o relógio se perde, minha mãe adoece! As mulheres! Dize-me o que devo fazer! Ir à polícia, bem sei. Mas não seria melhor procurar o próprio Porfírio? Que achas? Preciso tratar disso já. Verás que, antes do jantar, minha mãe pergunta-me pelo relógio.

— Não é à polícia que deves ir, mas à casa de Porfírio! — disse Razumíkhin. — Poderemos lá ir imediatamente, é a dois passos daqui; tenho certeza de o encontrarmos.

— Pois sim, vamos...

— Ele há de gostar de conhecer-te! Falei-lhe diversas vezes de ti... ainda ontem... Vamos! Tu, então, conhecia a velha? Tudo isso se liga admi-ra-vel-men-te! Ah, sim... Sófia Ivanovna...

— Sônia Semenovna — retificou Raskólnikov. — Sônia Semenovna, meu amigo Razumíkhin, um belo rapaz.

— Se tem de sair... — disse Sônia, embaraçada com essa apresentação, sem se atrever a olhar para Razumíkhin.

— Pois sim, vamos! — decidiu Raskólnikov. — Irei à sua casa de dia, Sônia, onde é sua residência?

Disse isso com facilidade, mas precipitadamente e procurando evitar os olhos dela. Sófia deu-lhe o endereço corando. Os três saíram juntos.

— Não fechas a porta? — perguntou Razumíkhin.

— Nunca!... Há dois anos que estou para comprar uma fechadura... Feliz, não é verdade?, a gente que não tem o que fechar, acrescentou alegremente — dirigindo-se a Sônia.

No portal pararam.

— Segue para a direita, Sônia Semenovna? A propósito, como soube onde moro?...

Notava-se que não era isso o que ele queria dizer, fixando os meigos olhos claros da moça.

— O senhor disse onde era a Poletchka.

— Que Poletchka? Ah! sim! a pequena... é sua irmã? Foi a ela então que eu disse?

— Já se tinha esquecido?

— Não, agora me lembro...

— Eu já tinha ouvido meu pai falar do senhor... Mas não sabia seu nome, nem ele também. E quando ontem o soube... perguntei hoje: Mora aqui o senhor Raskólnikov?... Não sabia que vivia também numa casa de pensão... Adeus... direi a Catarina...

Satisfeita por poder afinal ir-se embora, Sônia afastou-se rapidamente. Desejava chegar à esquina da rua para fugir às vistas dos dois rapazes e refletir sem testemunhas nas peripécias dessa visita. Nunca experimentara

sensação semelhante. Um mundo ignorado surgia confusamente em sua alma. Lembrou-se de que Raskólnikov tinha espontaneamente manifestado a intenção de ir vê-la nesse dia: talvez fosse imediatamente!

— Se ele não fosse hoje! — murmurou ela aflita. — Em minha casa... nesse quarto... ele compreenderá... Oh, meu Deus!

Ela muito preocupada para notar que um desconhecido a seguia desde que saíra da casa de Raskólnikov. Na ocasião em que os três pararam na rua para conversar, o acaso quis que esse sujeito passasse por eles. As palavras dela “perguntei: — É aqui que mora o sr. Raskólnikov?” chegaram a seu ouvido e fizeram-no estremecer. Olhou de soslaio para os três e particularmente para Raskólnikov, com quem ela falava: depois examinou o rosto para reconhecê-la mais tarde. Tudo isso foi feito num momento e disfarçadamente; depois o desconhecido afastou-se devagar, como se esperasse alguém. Esperava por Sônia; viu-a despedir-se deles e seguir seu caminho.

“Onde mora ela? Eu já vi essa cara em algum lugar: preciso saber.”

Ao chegar à esquina, passou para o outro lado da rua, voltou-se e viu a rapariga caminhando no mesmo sentido que ele; ela não o viu. Depois de uns cinquenta passos, atravessou a rua, aproximou-se e seguiu-a a pequena distância.

Era um homem de cinquenta anos, bem conservado, parecendo mais novo. De estatura além da mediana, corpulento, tinha os ombros largos e um pouco abaulados. Vestido elegantemente, com luvas novas, segurava uma bela bengala com que batia no passeio a cada passo. Tudo denunciava um homem de sociedade. A fisionomia era agradável. Os cabelos louros começavam a ficar grisalhos. A barba comprida, forte, abundante, era mais clara que os cabelos. Nos olhos azuis, lia-se firmeza e severidade.

O desconhecido tivera muito tempo para observar Sônia, para ver que ela ia distraída e pensativa. Ao chegar diante da casa, a rapariga atravessou o pátio de entrada; ele continuou a segui-la um pouco admirado. Depois de transpor o pátio, Sônia subiu a escada da direita — a que ia dar à sua porta. “Ah!”, exclamou o indivíduo, e subiu também a mesma escada. Só então Sônia viu o desconhecido. Chegando ao terceiro andar, foi por um corredor e bateu no número nove, onde se liam, na porta, estas palavras escritas a giz: kapernáumof, alfaiate. “Ah!”, repetiu o desconhecido, surpreendido com a coincidência, e bateu ao lado, no número oito. As duas portas ficavam a seis passos uma da outra.

— Mora com Kapernáumof? — disse-lhe ele rindo. — Ainda ontem me consertou este colete. Eu moro junto, em casa da senhora Ressler, Gertrudes Karlovna.

Sônia olhou para ele com atenção.

— Somos vizinhos — continuou ele alegremente. — Estou aqui desde anteontem, não sou de São Petersburgo. Quando terei o prazer de tornar a vê-la?

Ela não respondeu. A porta abriu-se e ela entrou rapidamente. Sentia-se com medo, envergonhada...

* * *

Razumíkhin ia, muito satisfeito, com Raskólnikov, para a casa de Porfírio.

— Está muito bem — dizia ele muitas vezes —, e eu estou muito satisfeito! Não sabia que também tinha penhores em casa da velha. E... e... há muito tempo já? Quero dizer: faz muito tempo que estiveste em casa dela?

— Deixa-me ver, quando foi? — respondeu Raskólnikov, como que interrogando a memória. Parece-me que estive lá na antevéspera do dia do crime. Ademais, não se trata de desempenhar meus objetos — acrescentou vivamente, como se fosse isso o que mais o preocupasse — nem eu tenho mais do que um rublo, devido às tolices que fiz ontem sob a influência desse maldito delírio!

Acentuou de modo especial a palavra “delírio”.

— Sim, sim — continuou Razumíkhin, respondendo a um pensamento íntimo —, eu já tinha percebido... enquanto durou o delírio, só falavas em anéis, cadeias, relógios!... Agora explica-se tudo.

“Ora, aí está! Essa ideia invadiu seu espírito! Tenho a prova: este homem deixava-se matar por minha causa e sente-se feliz por poder *explicar* por que é que eu falava em anéis durante todo o tempo que delirei. Minhas palavras confirmaram-lhe todas as suspeitas!...”

— E encontrá-lo-emos? — perguntou em voz alta.

— Por certo — respondeu sem hesitar Razumíkhin. — É um belo tipo, vais ver! Um tanto brusco, é certo; mas não é nada tolo; pelo contrário, muito inteligente; mas tem um modo de pensar estranho... É incrédulo, cético, cínico... gosta de mistificar... Fiel aos processos antigos, só

admite provas materiais... Mas conhece o ofício. No ano passado, esclareceu um processo de assassinio em que não havia a menor pista! Ele tem o maior desejo de conhecer-te!

— Mas por quê?

— Oh, não imaginas... é que ultimamente, durante tua doença, ouviu muitas vezes falar a teu respeito... Assistia às nossas conversas... Quando soube que eras estudante da universidade, exclamou: “Que pena!” De onde eu concluí... quero dizer, ele disse muito mais coisas de ti. Ontem, Zametov... Ouve, Ródia: quando ontem te levei a casa ia embriagado falando de tudo; receio que tivesses tomado a sério o que falei.

— Ora!... Que me importa que eles digam que sou doido? E talvez tenham razão — disse Raskólnikov com riso forçado.

— Sim... sim... É isso! Puf! Não!... Mas tudo que disse (e havia muito mais a dizer), tudo foi estúpido, estupidez de bêbado.

— Por que te desculpas? Estou farto disso tudo — gritou Raskólnikov com exagerada irritação, parcialmente simulada.

— Eu sei, eu sei. Compreendo. Acredita-me. Eu compreendo. Envergonho-me de falar no caso.

— Se sentes vergonha, não fales.

Calaram-se. Razumíkhin estava satisfeitíssimo, o que tornava Raskólnikov furioso. O que o amigo acabara de dizer-lhe acerca do juiz de instrução não podia deixar de inquietá-lo.

“Tenho de mostrar-me zangado com Porfírio”, pensou, com o coração agitado e o rosto lívido, “e fazê-lo naturalmente. O mais natural seria ignorar tudo. *Ignorar* também não seria natural... Oh! Deixarei que os fatos se sucedam... Verei pessoalmente... Será conveniente ir ou não? As mariposas voam de encontro à luz. Meu coração está agitado... isso é ruim”.

— Nessa casa cinzenta — disse Razumíkhin.

“O essencial é saber”, pensou Raskólnikov, “se Porfírio soube da visita que fiz ontem à casa da bruxa e do que perguntei sobre o sangue. É preciso saber isso; é preciso que, ao entrar na sala, eu leia na cara desse homem; de outra forma... será minha ruína”.

— Sabes? — disse de repente a Razumíkhin com um sorriso malicioso; parece-me que, desde esta manhã, andas numa agitação extraordinária. É verdade?

— Excitado! Nem por isso! — respondeu Razumíkhin vexado.

— Olha que não me engano. Há pouco, quando estavas sentado, parecia que tinhas câibras. Não podias estar quieto. Teu humor variava continuamente; de vez em quando, irritavas-te, e logo ficavas doce como mel. Até coravas; principalmente quando te convidaram para jantar, ficaste vermelho como uma papoula.

— Não, que tolice! Mas por que dizes isso?

— Francamente, tens ingenuidades de colegial.

— Tu estás insuportável.

— Mas que significa essa confusão, meu belo Romeu? Deixa estar que ainda hoje hei de contar o caso em certa parte. Do que mamãe há de rir e mais outra pessoa!...

— Ouve, ouve, isso é sério: repara que... Mas que... — titubeou Razumíkhin gelado de medo. — Que vais dizer? Sempre és de má raça!

— Uma verdadeira rosa de primavera! Um gajo de dois *archines* e 12 *verchoks*! Mas, espera, tu hoje te lavaste e limpaste as unhas, não é verdade? Quando fizeste isso? Deus me perdoe se não puseste pomada no cabelo. Baixa a cabeça para eu cheirar!

— Atrevido!!!!

Raskólnikov desatou a rir, com uma alegria que parecia não ter fim, e que durava ainda quando chegaram à casa de Porfírio Petróvitch. Da sala podiam ouvir-se as gargalhadas do visitante na antecâmara, e Raskólnikov queria que fossem ouvidas.

— Se dás uma palavra, desanco-te! — exclamou Razumíkhin furioso, agarrando o amigo pelo braço.

CAPÍTULO V

Raskólnikov entrou na casa do juiz de instrução com a fisionomia de um homem que faz o possível para manter-se sério, mas que só o consegue a muito custo. Atrás dele, marchava com ar comprometido Razumíkhin, vermelho como uma papoula, com as feições transtornadas pela cólera e pela vergonha. A figura desengonçada e a fisionomia atarantada do rapaz eram, naquela ocasião, bem cômicas para justificarem o riso de seu camarada. Porfírio Petróvitch, em pé no meio da sala, interrogava com o olhar os dois visitantes. Raskólnikov inclinou-se diante do dono da casa, trocou um aperto de mão com ele e pareceu fazer um grande esforço para abafar a vontade de rir enquanto declinava o nome e a qualidade. Mas apenas recobrou o sangue-frio e balbuciara algumas palavras, justamente no meio da apresentação, seus olhos encontraram Razumíkhin. Então é que não se pôde conter, e toda a seriedade foi substituída por uma risada tanto mais estrondosa quanto é certo que tinha sido muito tempo reprimida. Razumíkhin serviu sem saber aos intuitos do amigo, porque aquele riso louco pô-lo numa irritação que acabou de dar a toda a cena a aparência de uma alegria franca e natural.

— Oh, que grande patife! — berrou ele com um movimento furioso do braço.

Esse gesto brusco fez cair uma pequena mesa redonda sobre a qual se achava um bule com chá.

— Mas não é preciso estragar a mobília, meus senhores! É um prejuízo para o Estado! — exclamou alegremente Porfírio Petróvitch.

Raskólnikov ria de tal modo que, durante alguns instantes, esqueceu a mão na do juiz de instrução; mas teria sido pouco natural deixá-la muito tempo e, por isso, a retirou no momento próprio para dar verossimilhança a seu papel. Quanto a Razumíkhin, estava mais atrapalhado que nunca, depois de ter feito cair a mesa e o bule; e, tendo considerado com um olhar sombrio o resultado de seu arrebatamento, dirigiu-se para a sacada e lá,

voltando as costas aos dois, pôs-se a olhar pela vidraça sem ver, aliás. Porfírio Petróvitch ria também por delicadeza, mas evidentemente esperava explicações. A um canto, numa cadeira, estava Zametov; à aparição dos visitantes tinha-se levantado um pouco, esboçando um sorriso; entretanto não parecia ter muita fé na sinceridade daquela cena e observava Raskólnikov com curiosidade. Este último não esperava encontrar o chefe de polícia, cuja presença lhe causou surpresa desagradável.

“Mais uma circunstância a ponderar”, pensou ele.

— Peço-lhe o favor de me desculpar... — começou com embaraço simulado.

— Ora essa, dá-me muito gosto... O senhor entrou de um modo tão agradável... Então, ele nem quer dizer bons-dias? — acrescentou Porfírio Petróvitch, apontando Razumíkhin.

— Na verdade, não sei por que se zangou comigo. Eu só lhe disse no caminho que ele parecia um Romeu... e... e demonstrei-o, não houve mais nada.

— Malandro! — gritou Razumíkhin sem voltar a cabeça.

— Ele deve ter motivos muito fortes para se ofender desse modo com um gracejo tão insignificante — observou rindo Porfírio Petróvitch.

— Basta de asneiras! Vamos a nosso caso: apresento-te meu amigo Ródion Românovitch Raskólnikov, que tem ouvido falar muito de ti e quer conhecer-te; depois tem de tratar contigo um pequeno negócio. Olá, Zametov! Que acaso o trouxe por aqui? Então se conheciam? Desde quando?

“Que quer dizer isso, agora?”, perguntou para si Raskólnikov inquieto.

A pergunta de Razumíkhin embaraçou um pouco Zametov.

— Foi ontem em tua casa que nos conhecemos — disse ele com desembaraço.

— Pois então foi Deus quem fez tudo. Imagina tu, Porfírio, que, na semana passada, ele me tinha manifestado um vivo desejo de te ser apresentado, mas parece que não foi preciso a minha intervenção... Tens fumo?

Porfírio estava em *toilette* de manhã: roupão e pantufas. Era um homem de seus 35 anos, estatura menos que mediana, grosso e ligeiramente obeso. Não usava barba e trazia o cabelo cortado rente. A

grande cabeça redonda tinha uma rotundidade particular na nuca. O rosto cheio e um pouco chato tinha certa vivacidade e inspirava simpatia.

Notar-se-ia uma certa bonomia no rosto se não fosse a expressão dos olhos, que, abrigados sob pestanas quase brancas, piscavam constantemente, como para fazer sinais a alguém. À primeira vista, o físico do juiz de instrução oferecia certa analogia com o de uma camponesa, mas sua máscara não enganava por muito tempo um observador sagaz.

Desde que soube que Raskólnikov tinha *um pequeno negócio* a tratar com ele, Porfírio Petróvitch convidou-o a tomar lugar no divã, sentou-se ele próprio na outra ponta e pôs-se à disposição do jovem com a maior solicitude. Ordinariamente sentimo-nos um pouco constrangidos quando um homem que mal conhecemos manifesta uma tal curiosidade de nos escutar; mas nosso embaraço é ainda maior se o assunto, que temos a tratar, acontece ser a nossos próprios olhos pouco digno da atenção de outros. Todavia Raskólnikov, em algumas palavras breves e precisas, expôs claramente o caso: pôde até, ao mesmo tempo, observar muito bem Porfírio Petróvitch. Este, por seu lado, não tirava dele os olhos. Razumíkhin, sentado em frente deles, ouvia com impaciência e seus olhares iam incessantemente do amigo para o juiz de instrução, e vice-versa, um pouco demasiadamente, talvez.

“Imbecil!”, rugia interiormente Raskólnikov.

— É preciso fazer uma declaração à polícia — respondeu com ar indiferente Porfírio Petróvitch. — O senhor declarará, que, informado desse acontecimento, isto é, daquela morte, deseja fazer saber ao juiz de instrução encarregado dessas questões, que tais e tais objetos lhe pertencem e quer desempenhá-los... ou... mas, aliás, depois lhe escreverão.

— Infelizmente — disse Raskólnikov com uma confusão fingida, eu estou longe de ter recursos nesse momento... meus meios não me permitem mesmo desempenhar essas ninharias... Queria agora somente limitar-me a declarar que esses objetos são meus e que, quando tiver dinheiro...

— Isso não vem ao caso — respondeu Porfírio Petróvitch, que acolheu friamente a explicação; aliás, se o senhor quiser, pode escrever-me diretamente, declarando que, sabendo do caso, deseja fazer-me ciente de que os objetos lhe pertencem e que...

— Posso fazer essa declaração em papel comum? — interrompeu ele, afetando sempre não ver senão o lado pecuniário da questão.

— Oh, sim, em qualquer papel!...

Porfírio Petróvitch disse essas palavras com um ar de troça, piscando os olhos para Raskólnikov. Pelo menos o jovem iria jurar que esse piscar de olhos se dirigia a ele e traía, porventura, algum pensamento secreto. Talvez, no fim de contas, ele se enganasse, porque isso durou um segundo.

“Sabe!”, pensou ele.

— Peço-lhe desculpa de o ter incomodado por tão pouco — replicou bastante descoroçoado —; esses objetos valem ao todo cinco rublos, mas a origem torna-os para mim particularmente valiosos e queridos, e confesso que fiquei muito inquieto quando soube...

— Foi por isso que ontem ficaste chocado quando me ouviste dizer a Zózimov que Porfírio interrogava os donos dos objetos penhorados! — notou com intenção evidente Razumíkhin.

Era demais! Raskólnikov não se pôde conter e lançou ao desastrado um olhar de cólera. Mas logo compreendeu que acabara de cometer uma imprudência e esforçou-se em repará-la.

— Parece que estás a troçar comigo, meu caro — disse ele a Razumíkhin, afetando viva contrariedade. Reconheço que me preocupo talvez demais com coisas absolutamente insignificantes a teus olhos; mas isso não é razão para me julgares ávido e egoísta; essas misérias podem ter um grande valor para mim. Como te dizia ainda agora, aquele relógio de prata, que vale um *groch*, é tudo o que me resta de meu pai. Pode rir de mim à vontade, mas minha mãe veio visitar-me — dizendo isso voltou-se para Porfírio —, e, se ela soubesse — continuou —, se ela soubesse que eu não estava na posse desse relógio — dirigindo-se de novo a Razumíkhin com voz trêmula —, juro-te que ficaria desesperada. São mulheres!

— Mas não há tal. Não era isso que eu queria dizer. Tu não entendeste o sentido de minhas palavras! — protestava Razumíkhin.

“Andei bem? Fui natural? Não forcei a nota?”, perguntava ansiosamente Raskólnikov a si próprio. “Para que disse eu: são mulheres!”

— Ah, sua mãe veio visitá-lo? — perguntou Porfírio Petróvitch.

— Veio, sim.

— Quando chegou?

— Ontem à noite.

O juiz de instrução ficou um instante silencioso; parecia refletir.

— Seus objetos não podiam ter-se perdido de modo nenhum — prosseguiu ele em tom sereno. — Há muito que eu esperava sua visita.

Dizendo isso, aproximou vivamente o cinzeiro de Razumíkhin, que sacudia implacavelmente no tapete a cinza do cigarro. Raskólnikov estremeceu, mas o juiz de instrução não mostrou notar isso, tão ocupado estava em preservar o tapete.

— Como? Esperavas a visita dele? Mas sabias que ele tinha empenhado alguma coisa? — perguntou Razumíkhin.

Sem lhe responder, Porfírio Petróvitch dirigiu-se a Raskólnikov.

— Seus objetos, um anel e um relógio, estavam em casa dela, embrulhados num papel, e, sobre o papel, estava escrito a lápis seu nome, com a nota do dia em que ela os recebera.

— Que memória o senhor tem para tudo isso! — disse Raskólnikov, com um sorriso contrafeito; e esforçava-se sobretudo em olhar com firmeza para o juiz de instrução; todavia não pôde impedir-se de acrescentar bruscamente:

— Fiz essa observação porque, sendo muitos os proprietários dos objetos empenhados, o senhor poderia ter alguma dificuldade em se lembrar de todos... Ora, vejo, pelo contrário, que não esqueceu um... e... e...

“Parvo! Idiota! Que necessidade tinha eu de dizer isso?”

— Mas quase todos já se deram a conhecer; só o senhor é que ainda não tinha vindo — respondeu Porfírio com um tom ligeiramente motejador.

— Tenho estado um tanto doente.

— Ouvi dizer isso. Disseram-me até que estava muito mal. Agora mesmo está bastante pálido...

— Ora essa... Não estou pálido... pelo contrário, passo até bem! — replicou Raskólnikov, num tom repentinamente violento.

Sentia ferver dentro de si a ira que não podia dominar.

“O arrebatamento vai fazer-me algum disparate!”, pensou. “Mas para que me desesperam?”

— Tem estado um pouco doente! Ora, aí está um eufemismo! — gritou Razumíkhin. — A verdade é que até ontem ele esteve quase sempre desacordado... Queres saber, Porfírio? Ontem, mal podendo ter-se nas

pernas, aproveitou o momento em que Zózimov e eu acabávamos de sair para se vestir, safar-se e ir passear, Deus sabe para onde, até a meia-noite... Isso, em completo estado de delírio. Podes imaginar coisa semelhante? É um caso dos mais extraordinários!

— O quê! Realmente! Em estado de completo delírio? — disse Porfírio Petróvitch com o gesto de cabeça peculiar às camponesas russas.

— É falso! Não acreditem! ademais, não vale a pena cansar-me; sua convicção está formada! — disse Raskólnikov, arrebatado pela cólera. Mas Porfírio Petróvitch pareceu não ter ouvido essas palavras singulares.

— Pois como poderias ter saído se não estivesses delirando? — replicou Razumíkhin excitando-se. — Por que tinhas de sair? Com que fim? E sobretudo a circunstância de te ires assim às ocultas! Vamos, reconhece que não estavas em teu juízo! Agora, que o perigo passou, digo-te francamente!

— Ontem, todos tinham-me aborrecido demais — disse Raskólnikov, dirigindo-se ao juiz de instrução com um sorriso que parecia um desafio, e, para me desembaraçar deles, saí para alugar um quarto, onde não pudessem dar comigo; levei para isso certa quantia. O sr. Zametov viu o dinheiro. Pois bem! Sr. Zametov, eu estava ontem em meu juízo ou delirava? Queira ser juiz nesse caso.

— Em minha opinião, o senhor falava sensatamente e até com muita sutileza; simplesmente o que estava era irascível — declarou secamente Zametov.

— E hoje — acrescentou Porfírio Petróvitch — Nikodim Fomitch disse-me que o tinha visto ontem, a uma hora muito alta da noite, em casa de um funcionário que acabava de ser esmagado por uma carruagem.

— Tudo isso vem em apoio do que acabo de dizer! — prosseguiu Razumíkhin —, não procedeste como um doido em casa desse funcionário? Privaste-te de todos os recursos para lhe pagar o enterro. Admito que fosses socorrer a viúva, mas podias dar-lhe 15 rublos, vinte mesmo, e guardar alguma coisa para ti: mas não, em vez disso deixaste lá tudo quanto possuías; todos os 25 rublos lá ficaram!

— Mas encontrei talvez um tesouro! E isso tu não sabes... Ontem estava com a bossa da generosidade... O sr. Zametov, que não me deixará mentir, sabe que encontrei um tesouro... Peço-lhe mil vezes perdão por os ter enfastiado com tanto palavreado inútil — continuou, com os beiços

trêmulos, dirigindo-se a Porfírio. O senhor está aborrecidíssimo, não é verdade?

— Não diga tal, por quem é! Ao contrário! Se soubesse como simpatizo com o senhor! Acho-o muito interessante. Gosto de ver e ouvir... confesso que me felicito por ter, enfim, recebido sua visita...

— Se mandasses vir chá, hein? Temos as gargantas secas — disse Razumíkhin.

— Boa ideia... Mas, antes do chá, talvez tomassem alguma coisa mais sólida?

— Não o digas outra vez. Manda vir isso logo!

Porfírio Petróvitch saiu para mandar fazer o chá. Um tumulto de pensamentos andava no cérebro de Raskólnikov. Estava muito excitado.

“Nem ao menos se dão ao trabalho de fingir: não fazem cerimônias, não há dúvida. Se Porfírio não me conhecia, que tinha a conversar a meu respeito com Nikodim Fomitch? Nem pensam em reservas, dando a entender que me seguem como uma matilha de cães! Positivamente, escarram-me na cara!”, pensou tremendo de raiva. “Pois bem! Procedam francamente; nada de brincar comigo como gato com rato! É uma grosseria, Porfírio Petróvitch, e isso não admito! Se perco a cabeça, digolhes toda a verdade na cara e verão como os desprezo!”

Respirou com esforço. “Mas... se tudo isso só existisse em minha imaginação? Se tudo fosse uma ilusão? Se eu tivesse interpretado mal? Tentemos sustentar nosso vil papel, e não vamos perder-nos como um tolo! Quem sabe se eu lhes atribuo intenções que eles não têm? Realmente, suas palavras nada têm de extraordinário; mas, nelas, se oculta um pensamento reservado. Por que é que Porfírio Petróvitch disse simplesmente ‘em casa dela’, referindo-se à velha? Por que é que Zametov observou que eu falara *com muita sutileza*? Por que falam assim? Sim, é realmente esquisito... E como é que nada disso impressionou Razumíkhin? Esse parvo não dá por coisa alguma! Bonito, estou com febre outra vez! Será que Porfírio me piscou os olhos há pouco ou enganei-me com uma simples aparência? É um absurdo, decerto; para que havia ele de piscar os olhos para mim? Talvez eles queiram bulir-me com os nervos, irritar-me, provocar-me... Ou isso é uma fantasmagoria ou sabem tudo!

“O próprio Zametov é insolente. Deve ter refletido após a cena de ontem. Bem me parecia que ele havia de mudar de opinião. Está aqui

como em sua casa e é a primeira vez que vem... Hum! Porfírio não o trata como pessoa de cerimônia; senta-se voltando-lhe as costas. Esses dois homens são amigos e a amizade tem, evidentemente, certa correlação comigo. Estou certo de que falavam sobre mim, quando entramos. Saberão de minha visita à casa da velha? Quem me dera saber... Quando disse que tinha saído para ir alugar um quarto, Porfírio não fez a menor observação... Mas foi bom dizer isso; talvez mais tarde essa mentira me sirva!...

“Pelo que respeita ao delírio, o juiz de instrução não pareceu acreditar muito nisso... Parece perfeitamente informado do modo por que passei a noite.

“Ele ignorava a chegada de minha mãe!... E aquela bruxa que tinha tomado nota do dia em que fui empenhar os objetos!... Não, não, a confiança que afetam não me ilude; até agora, não têm provas, fundam-se em vagas conjecturas! Citem-me um fato, se podem, se lhes é possível alegar um só contra mim!

“A minha ida à casa da velha não tem significação alguma; explica-se pelo delírio; recordo-me perfeitamente do que disse aos operários e ao *dvornik*... Saberão eles que fui lá? Não sairei daqui ignorando o que há sobre isso! Para que vim aqui? Mas lá me vou irritar agora, e isso é que é o diabo! Afinal é melhor que assim seja: estou magnificente em minha situação de doente... Esse diabo vai provocar-me e eu perco a tramontana! Ora, para que vim aqui?”

Todas essas ideias atravessaram o espírito de Ródion com a rapidez do raio.

Passados alguns momentos, Porfírio Petróvitch voltou. Parecia de muito bom humor.

— Ontem, quando saí de tua casa, meu caro, tinha uma dor de cabeça horrível — começou dirigindo-se a Razumíkhin com uma afabilidade que ainda não tivera até então —; mas passou, felizmente...

— E então, foi interessante a prosa? Abandonei-os no melhor momento... A quem coube a vitória?

— A ninguém, naturalmente. Fartaram-se de discutir as velhas teses.

— Imagina, Ródia, que a discussão era sobre a seguinte questão: há crimes ou não há crimes? Que quantidade de asneiras eles não urraram a esse respeito!...

— Que há nisso de extraordinário? É uma antiga questão social; nem tem o mérito de novidade — respondeu distraidamente Raskólnikov.

— A questão não foi posta desse modo — observou Porfírio.

— Não era bem assim, realmente — concordou Razumíkhin, que exagerava como de costume. — Ouve, Ródia, e dá-me tua opinião, que desejo conhecer. Lutava com eles com unhas e dentes e precisava de tua presença. Disse-lhes que irias... Começaram pela doutrina socialista; tu a conheces... — o crime é um protesto contra a anormalidade do organismo social; e não admitem outras causas.

— Nisso estás errado — gritou Porfírio Petróvitch, que estava animadíssimo e ria enquanto olhava para Razumíkhin, que o excitava como nunca.

— Não estou errado! Mostrar-te-ei os panfletos. Qualquer coisa para eles é “influência do meio”; sua frase favorita. Da qual se conclui que, se a sociedade estivesse alicerçada em bases sólidas, todo crime cessaria imediatamente, pois nada haveria contra o que se protestar e todos os homens tornar-se-iam justos instantaneamente. A natureza humana não é levada em conta, é excluída, simplesmente negada. Não reconhecem que a humanidade, desenvolvendo-se por um processo histórico-biológico, há de se tornar afinal uma sociedade normal. Eles, porém, acreditam que um sistema social criado por um cérebro matemático é capaz de organizar, perfeita e imediatamente, a humanidade e fazê-la justa e sem pecados num ápice, com maior rapidez que qualquer evolução biológica. Por isso, instintivamente, odeiam a história (nada há senão horror e estupidez) e explicam-na toda como uma estupidez! Por isso, odeiam a evolução natural da vida! Não desejam um *espírito vivo*! O *espírito vivo* necessita de vida, o espírito não obedece às leis mecânicas, é objeto de suspeita, o espírito é retrógrado! Mas o que desejam, embora tenha cheiro de cadáver e seja feito de borracha, é uma humanidade, no mínimo, sem vida própria, sem vontade, servil e que não se revolte! Por fim, chegam a reduzir tudo à construção de paredes, ao planejamento de cômodos e corredores de um falanstério! O falanstério existe, mas nossa natureza humana não se adapta a ele — necessita de vida, ainda não completou o ciclo vital, ainda é muito cedo de ir para o cemitério! Pela lógica, não podem ultrapassar a natureza. A lógica pressupõe três possibilidades, mas existem milhões. Desprezem um milhão, reduzam tudo à questão do conforto. Essa é a melhor solução para o problema. É sedutoramente positivo e não necessita de

elucubrações. Grande coisa: não precisarem pensar! Todos os segredos da vida em duas páginas impressas.

— Ele está em seu elemento! Cuidado com ele! — riu Porfírio Petróvitch e, voltando-se para Raskólnikov. — Podes imaginar seis pessoas se aturarem, como ontem, em um único quarto, tendo bebido ponche logo de saída? Não, meu caro, estás errado. O ambiente influi muito no crime, posso assegurar-te.

— Sei que influi, mas diz-me: um quarentão violenta uma criança de dez anos. Foi o ambiente que o levou ao desatino?

— Estritamente, sim! — observou Porfírio com marcante gravidade. Um crime dessa natureza pode ser atribuído perfeitamente à influência do ambiente.

Razumíkhin ficou frenético. E estertorou:

— Oh, caso queiras, posso provar que tuas pestanas podem ser atribuídas ao fato de a igreja de Ivã, o Grande ter 250 pés de altura, e o provarei de modo claro, exato e progressivo e ainda com uma tendência liberal! Proponho-me a isso. Queres apostar?

— Feito! Ouçamo-lo como poderá provar!

— Estás sempre mistificando! Diabos te levem! — gritou Razumíkhin, saltando e gesticulando de pé. Que adianta falar-te? Provoca-nos propositadamente; não o conheces, Ródion. Tomou o partido deles, ontem, simplesmente para ridicularizá-los. E as afirmações feitas! Foram divertidas! Ele pode recordar-se de uma palavra durante 15 dias. O ano passado tentou convencer-nos que ia entrar para um convento; manteve essa ideia durante dois meses. Há pouco, meteu na cachola que iria casar-se, que o enxoval estava pronto. De fato, encomendara roupas novas. Congratulamo-nos com ele, mas tudo era fantasia, não havia noiva nem coisa alguma.

— Estás enganado! Comprara as roupas antes. Foram as roupas que me levaram a embaí-los.

— É tão bom simulador? — perguntou descuidadamente Raskólnikov.

— Não o acreditava, hein? Espera um pouco. Vou enganá-lo também. Ah, ah, ah! Dir-lhes-ei a verdade: todos esses fatos de crime, ambiente, criança, fizeram-me recordar um artigo seu que, na época, me interessou: *Acerca do crime...* não me recordo bem do título. Li-o há uns dois meses, com prazer, na *Palavra Periódica*.

— Meu artigo? Na *Palavra Periódica*? — perguntou Raskólnikov surpreendido. Há seis meses, quando deixei a universidade, escrevi um artigo a propósito de um livro, mas mandei-o para a *Palavra Hebdomadária* e não para a *Palavra Periódica*.

— Mas foi nessa que foi publicado.

— Entretanto a *Palavra Hebdomadária* suspendeu a publicação, e foi por isso que meu artigo não saiu.

— Sim, mas quando suspendeu, a *Palavra Hebdomadária* fundiu-se com a *Palavra Periódica*, e aí está como há quase dois meses esta última gazeta publicou o artigo! Não sabia disso?

Ele ignorava-o.

— Pois pode ir reclamar o dinheiro de seu artigo. Que criatura singular o senhor é! Vive tão retirado que até aquilo que mais diretamente o interessa não chega a seu conhecimento! É extraordinário!

— Bravo, Ródia! Eu também não sabia nada disso! — exclamou Razumíkhin. — Hoje mesmo vou procurar o jornal no gabinete de leitura! Há dois meses que o artigo foi publicado? Em que data? Não importa; eu o encontrarei. Ora, aí está um caso engraçado. E o maroto calado.

— Mas como soube que o artigo era meu? Assinei apenas com uma inicial.

— Soube-o por acaso. O redator-chefe é um de meus melhores amigos; foi ele quem traiu o segredo... Esse artigo interessou-me muitíssimo.

— Eu fazia observações, se bem me lembro, sobre o estado psicológico do criminoso durante o crime.

— Exatamente, e pretendia demonstrar que o criminoso, ao praticar o crime, é sempre um doente. É uma opinião muito original, mas... não foi essa parte do trabalho que mais me interessou; notei especialmente um pensamento que vinha no fim do artigo, e que, por infelicidade, o senhor se limitou a indicar muito sumariamente... Em resumo, se a memória não me falta, o senhor dava a entender que existem na Terra homens que podem, ou melhor, que têm o direito absoluto de cometer toda casta de ações criminosas, homens para quem, de certo modo, não existe a lei.

A essa perversa interpretação de seu pensamento, Raskólnikov sorriu.

— Como assim? O quê? O direito ao crime? Não quis ele dizer, antes, que o criminoso é levado ao crime pela influência irresistível do meio? — perguntou Razumíkhin com surpresa e inquietação.

— Não, não é isso — respondeu Porfírio. No artigo de que se trata, os homens são divididos em *ordinários* e *extraordinários*. Os primeiros devem viver na obediência e não têm o direito de desrespeitar a lei, porque são ordinários; os segundos têm o direito de praticar todos os crimes e violar todas as leis, pela razão simplíssima de que são criaturas extraordinárias. Foi isso o que o senhor disse, se não me engano.

— Não pode ser assim! — balbuciou Razumíkhin estupefato.

Raskólnikov sorriu de novo. Percebera que lhe queriam arrancar uma profissão de fé, uma declaração de princípios, e, recordando-se do artigo, não hesitou em explicá-lo.

— Não é bem isso — começou modestamente. — Confesso, aliás, que o senhor reproduziu quase exatamente meu pensamento; direi mesmo... exatamente... (E disse as últimas palavras com manifesto prazer.) Apenas, eu não disse, como o senhor insinuou, que os homens extraordinários podem cometer todos os crimes. Aliás, é evidente que a censura não permitiria a publicação de um artigo sustentando tal doutrina. Eis o que disse: o homem extraordinário tem o direito não oficialmente, mas pelo próprio alvedrio, de autorizar sua consciência a saltar sobre certos obstáculos, no caso especial que assim exija a realização de sua ideia, a qual pode, por vezes, ser útil ao gênero humano. Diz o senhor que meu artigo não é claro: vou tentar explicar-lhe; e talvez não me engane supondo que é esse seu desejo.

“Em minha opinião, se os inventos de Kepler e Newton, em virtude de circunstâncias especiais, não tivessem podido fazer-se conhecer senão com o sacrifício de uma, de dez, de cem ou maior número de vidas, que fossem obstáculo a essas descobertas, Newton teria tido o direito, ainda mais, teria sido obrigado a suprimir esses dez ou cem homens, a fim de que essas descobertas aproveitassem ao mundo inteiro. Isso, é claro, não quer dizer que Newton tenha o direito de matar à vontade ou de ir todos os dias roubar no mercado.

“Recordo-me de que, em vários pontos do artigo, insisto sobre a ideia de que todos os legisladores e guias da humanidade, a principiar pelos mais antigos para continuar em Licurgo, Sólon, Maomé, Napoleão etc., que todos, sem exceção, foram criminosos, promulgando novas leis, violando, portanto, as antigas, observadas pela sociedade e transmitidas pelos antepassados; certamente eles não recuavam ante a efusão de sangue; desde o momento em que ela podia ser-lhes necessária.

é notável até que quase todos esses benfeitores e guias da espécie humana foram sanguinários. Portanto, não somente todos os grandes homens, mas todos os que se elevam um pouco acima do nível comum, que são capazes de dizer alguma coisa de novo, devem pela própria natureza, ser naturalmente criminosos, mais ou menos, é claro. De outro modo ser-lhes-ia difícil sair do ramerrão; quanto a ficar nele, certamente não suportariam isso e creio até que o próprio Deus o proíbe. Em suma: o senhor vê que, até aqui, não há nada de novo em meu artigo. Isso tem sido dito e impresso muitas vezes.

“Quanto à minha divisão dos seres em ordinários e extraordinários, convenho que é um pouco arbitrária, mas ponho de lado a questão de egoísmo, que não influi nada no caso. Simplesmente julgo que, no fundo, meu pensamento é justo. Quero estabelecer o princípio de que a natureza divide os homens em duas classes: uma inferior, a dos ordinários, espécie de matéria, tendo por única missão reproduzir-se; outra superior, compreendendo os homens que têm o dever de lançar em seu meio uma palavra nova. As subdivisões apresentam traços distintos bem característicos.

“À primeira pertencem, em geral, os conservadores, os homens de ordem, que vivem na obediência e têm por ela um culto. Em minha opinião, são até obrigados a obedecer, porque é essa a missão que o destino lhes impõe, e isso nada tem de humilhante para eles.

“O segundo grupo compõe-se apenas de homens que transgridem a lei, ou tentam transgredi-la, segundo os casos. Naturalmente os crimes são relativos e de uma gravidade variável.

“A maioria deles reclama a destruição do presente por causa do melhor.

“Mas, se em defesa de sua ideia, forem forçados a derramar sangue, a passar sobre cadáveres, eles podem em consciência fazer uma coisa e outra — no interesse dessa ideia, é claro. É, nesse sentido, que meu artigo lhes admite o direito ao crime. (O senhor lembra-se de que nosso ponto de partida foi uma questão jurídica.) Ademais não há motivos para nos inquietarmos a esse respeito: quase sempre as massas não lhes reconhecem esse direito: cortam-lhes a cabeça ou enforcam-nos (mais ou menos), e, desse modo, exercem a missão conservadora até o dia em que essas mesmas massas erigem estátuas a esses mesmos supliciados e os veneram (mais ou menos). O primeiro grupo é sempre senhor do presente

e o segundo é senhor do futuro. Um conserva o mundo, multiplica-lhe os habitantes; outro move o mundo e o dirige. Estes e aqueles têm absolutamente o mesmo direito à existência e — viva a guerra eterna — até a Nova Jerusalém, bem entendido.”

— Então o senhor crê numa Nova Jerusalém?

— Creio respondeu convicto Raskólnikov, que, durante o longo discurso tinha conservado os olhos baixos, olhando obstinadamente para o tapete.

— E... crê em Deus? Desculpe-me essa curiosidade.

— Creio — repetiu o rapaz, erguendo os olhos para Porfírio.

— E... na ressurreição de Lázaro?

— Também. Por que pergunta tudo isso?

— Acredita nela realmente?

— Perfeitamente.

— Desculpe-me ter-lhe feito essas perguntas, que me interessam. Mas, dê-me licença, volto ao assunto de que falamos há pouco, nem sempre eles são executados; há, pelo contrário, alguns que...

— Que triunfam na vida? Sim; isso acontece a alguns, e então...

— São esses que levam os outros ao suplício.

— Sendo necessário, e a dizer a verdade, é o caso mais comum. De modo geral, sua observação é muito justa.

— Muito obrigado. Mas diga-me: como é que se podem distinguir esses homens extraordinários dos ordinários? Trazem sinais quando nascem? Parece-me conveniente, nesse ponto, um pouco mais de precisão, uma delimitação de algum modo mais claro. Desculpe essa inquietação natural num homem prático e bem-intencionado; mas não poderiam eles fazer, por exemplo, um vestuário particular, um emblema qualquer?... Porque, o senhor deve concordar, se houver uma confusão, se um indivíduo de uma categoria pensa que pertence a outra e entra, conforme sua feliz expressão, a “suprimir todos os obstáculos”, então...

— Oh, isso sucede sempre! Essa segunda observação é mais sutil que a primeira.

— Muito obrigado.

— Não há de quê: mas lembre-se de que o erro só é possível na primeira categoria, isto é, naqueles que eu chamei, talvez despropositadamente, homens *ordinários*. Apesar de sua tendência inata

para a obediência, muitos dentre eles, por um capricho da natureza, querem passar por homens da vanguarda, por *destruidores*, creem-se chamados a fazer ouvir *uma palavra* nova, e essa ilusão é sincera neles. Ao mesmo tempo, quase nunca reparam nos verdadeiros inovadores, desprezam-nos até como gente atrasada e sem elevação mental. Mas, quanto a mim, não pode haver nisso grande perigo, e o senhor não tem por que se inquietar, porque eles nunca vão muito longe. Sem dúvida, poder-se-iam açoitar uma vez ou outra para os punir da loucura e colocá-los no lugar; seria o bastante e mesmo assim não seria preciso incomodar o executor, eles próprios se açoitam, porque são pessoas muito virtuosas; ora fazem esse serviço uns aos outros, ora se batem com as próprias mãos... Veem-se publicamente inflingindo-se diversas penitências, o que não deixa de ser edificante; numa palavra, o senhor não tem que se preocupar com eles.

— Bom, por esse lado, ao menos, o senhor tranquilizou-me um pouco; mas aqui está ainda uma coisa que me apoquento: diga-me, faça o favor: há muitos desses indivíduos *extraordinários* que têm o direito de matar os outros? Sem dúvida, estou pronto a inclinar-me diante deles, mas, se forem muitos, deve confessar que o caso será um pouco desagradável, hein?

— Oh! Também não se deve inquietar com isso — prosseguiu no mesmo tom Raskólnikov. — Em geral, nasce um número singularmente restrito de homens com uma ideia nova, ou mesmo capazes de dizerem o que quer que seja de novo. É evidente que a distribuição dos nascimentos nas diversas categorias e subdivisões da espécie humana deve ser estritamente determinada por alguma lei da natureza. Essa lei, bem entendido, é-nos desconhecida até hoje, mas creio que ela existe e que poderá mesmo ser conhecida depois. Uma grande massa de pessoas não existe na Terra senão para, depois de demorados e misteriosos cruzamentos de raças, dar enfim nascimento a um homem que, entre mil, terá certa independência. À medida que o grau de independência aumenta, não se encontra senão um homem em dez mil, em cem mil (números aproximados). Conta-se um gênio em muitos milhões de indivíduos, e milhares de milhões de homens passam talvez na Terra antes que surja uma dessas altas inteligências que renovam a face do mundo. Enfim, eu não fui espreitar pela retorta onde tudo isso se opera. Mas há certamente e deve haver a esse respeito uma lei fixa: aqui não pode existir o acaso.

— Mas estais a gracejar?! — exclamou Razumíkhin. — Estais a mistificar-vos reciprocamente, não é verdade? Então, não estáveis a divertir-vos à custa um do outro?! Estás a falar seriamente, Ródia?

Sem lhe responder, Raskólnikov ergueu para ele a face pálida. Examinando a fisionomia serena e triste do amigo, Razumíkhin achou esquisito o tom cáustico, provocante e indelicado que tinha tomado Porfírio.

— Realmente, meu amigo, se falas sério... Sem dúvida tens razão em dizer que isso não é novidade, e que se parece muito com o que temos lido e ouvido mil vezes; mas o que aí há realmente original, o que só pertence a ti, digo-o contristado, é o direito moral de derramar sangue, que concedes e defendes, perdoa-me dizê-lo, com tanto fanatismo... Eis, portanto, o pensamento principal de teu artigo. Essa autorização moral de matar é, em minha opinião, mais espantosa do que a autorização legal...

— Tal qual; é muito mais espantosa, com efeito — observou Porfírio.

— Nada, a expressão ultrapassou teu pensamento, não foi isso o que quiseste dizer! Eu hei de ler teu artigo... A conversar, a gente às vezes deixa-se levar! Não podes pensar desse modo... Eu hei de ler o artigo.

— Nada disso está no artigo; mas toquei na questão — disse Raskólnikov.

— Sim, sim — prosseguiu Porfírio —, agora compreendo a sua maneira de encarar o crime, mas... desculpe a insistência: se um rapaz imaginar ser Licurgo ou Maomé... futuro, já se deixa ver que principiará por suprimir todos os obstáculos que o impeçam de cumprir sua missão... “Eu empreendo uma longa campanha”, diria ele, “e para uma campanha é preciso dinheiro...”. Consequentemente, procurará recursos... o senhor adivinha de que maneira?

Zametov a essas palavras resfolegou no canto. Raskólnikov nem levantou os olhos.

— Sou obrigado a reconhecer — respondeu com calma, que tais casos devem suceder efetivamente. — É uma armadilha que o amor-próprio arma aos vaidosos e aos tolos; os jovens, sobretudo, deixam-se cair nelas muitas vezes.

— Não é verdade? E então?

— Então, o quê? — replicou rindo Raskólnikov. — Não tenho culpa de que assim seja. Isso vê-se e ver-se-á sempre. Ainda há pouco ele me

acusava de admitir o assassinio — acrescentou indicando Razumíkhin. — Que importa? A sociedade não é bastante protegida pelas deportações, pelas prisões, pelos juízes de instrução, pelas galés? Por que havemos, pois, de nos inquietar? Procurem o ladrão!

— E se o encontrarmos?

— Tanto pior para ele.

— O senhor pelo menos é lógico. Mas que lhe dirá a consciência?

— Que tem o senhor com isso?

— É um caso que interessa o sentimento humano.

— Aquele que tem consciência sofre, reconhecendo o erro. É o castigo — independentemente das galés.

— Então — perguntou Razumíkhin franzindo a testa —, os homens de gênio, aqueles a quem é dado o direito de matar, não devem sentir nem quando derramam sangue?

— Que vem fazer a palavra *devem*? O sofrimento não lhes é permitido nem proibido. Eles que sofram à vontade, se têm piedade da vítima... O sofrimento acompanha sempre uma inteligência elevada e um coração profundo. Os homens verdadeiramente grandes devem, parece-me, experimentar uma grande tristeza, acrescentou Raskólnikov, acometido de melancolia súbita, que contrastava com o tom da conversação precedente.

Ergueu os olhos, encarou todos os assistentes com ar distraído, sorriu e pegou o boné. Estava muito sereno, comparativamente com a atitude que tinha ao entrar, e notava essa diferença. Todos levantaram-se.

Porfírio Petróvitch voltou ainda ao assunto.

— Ou o senhor me injurie ou não, ou se zangue, isso é mais forte do que eu, preciso ainda dirigir-lhe uma pequena pergunta... Na verdade tenho pejo de abusar desse modo... Enquanto penso nisso e para não me esquecer, queria ainda participar-lhe uma ideia que me acudiu...

— Bem, participe sua ideia — respondeu Raskólnikov em pé, pálido e sério, diante do juiz de instrução.

— É o seguinte, na verdade, não sei como hei de explicar-me... é uma ideia bizarra... Ao escrever seu artigo, é muito provável que o senhor se considerasse um desses homens “extraordinários”, de que falava... Hein, não é verdade?

— É bem possível — respondeu ele desdenhosamente.

Razumíkhin fez um movimento de espanto.

— Sendo assim, não estaria o senhor decidido também, quer para sair de embaraços materiais, quer para fazer progredir a humanidade, não estaria o senhor resolvido a transpor o obstáculo?... Por exemplo, a matar e a roubar?...

Ao mesmo tempo, piscava o olho e ria silenciosamente tal qual como há pouco.

— Se eu estivesse decidido a isso, certamente não lhe diria — replicou Raskólnikov com um tom altivo de desafio.

— A minha pergunta era simples curiosidade literária; a fiz com o único fim de melhor interpretar o sentido de seu artigo...

“Oh, como o laço é grosseiro! Que malícia cosida com linha branca!”, pensou Raskólnikov desanimado.

— Permita-me que lhe observe — respondeu secamente — que não me julgo nem um Maomé nem um Napoleão... nem qualquer outra personagem desse gênero: por conseguinte, não posso informá-lo sobre o que faria nessas circunstâncias.

— Ora, adeus! Quem é que entre nós, na Rússia, não se julga agora um Napoleão? — disse com brusca familiaridade o juiz de instrução.

Dessa vez o próprio tom da voz traía um pensamento secreto.

— Não seria um futuro Napoleão quem matou nossa Alena Ivanovna na semana passada? — disse de repente Zametov, de seu canto.

Sem dizer uma palavra, Raskólnikov fixou sobre Porfírio um olhar firme e agudo. As feições de Razumíkhin alteravam-se. Parecia estar desconfiado de alguma coisa. Volveu em volta de si um olhar irritado. Fez-se um silêncio sombrio. Raskólnikov preparou-se para sair.

— Parte agora! — disse cortesmente Porfírio, estendendo a mão para o rapaz com extrema amabilidade. — Estou encantado por tê-lo conhecido. E, quanto à sua petição, esteja tranquilo. Escreve no sentido que lhe indiquei. Ou melhor: venha o senhor mesmo procurar-me... um dia desses... amanhã, por exemplo. Estarei aqui sem falta, às 11 horas. Arranjaremos tudo... Conversaremos um pouco... Como o senhor é um dos últimos que lá foram, poderá talvez dizer-nos alguma coisa — acrescentou com ar ingênuo.

— O senhor quer interrogar-me com todas as regras? — perguntou Raskólnikov rispidamente.

— Para quê? Não se trata disso agora. O senhor não me compreendeu. Aproveito todas as ocasiões, entende o senhor? E... e conversei lá com todos aqueles que tinham objetos empenhados na casa da vítima... muitos me forneceram dados úteis... e como o senhor foi o último... A propósito! — exclamou com uma alegria súbita. — Ainda bem que me lembrou a tempo, já ia esquecer-me!... (Dizendo isso, voltou-se para Razumíkhin.)

— Tu aturdias-me outro dia os ouvidos sobre aquele Micolai... Pois bem, estou certo, estou convencido de sua inocência — prosseguiu dirigindo-se de novo a Raskólnikov. — Mas que fazer? Foi preciso inquietar também Mitka... Mas eis o que lhe queria perguntar: quando subiu as escadas... foi entre as sete e as oito horas?

— Foi — respondeu Raskólnikov, e logo se arrependeu de ter dado essa resposta.

— Bem!... E, subindo as escadas entre as sete e as oito horas, não viu no segundo andar, num quarto que tinha a porta aberta, está lembrado? Não viu dois operários, ou pelo menos um? Estavam pintando o quarto; não reparou neles por acaso? Isso é muito importante!

— Pintores? Não vi... — respondeu lentamente Raskólnikov, com ar de quem interroga a memória, procurando descobrir o mais depressa possível que laço se ocultava na pergunta feita pelo juiz de instrução. — Não os vi nem mesmo tenho ideia de nenhum quarto aberto — continuou muito satisfeito por se ter livrado dessa — mas no quarto andar, recordo-me de que o empregado que morava em frente de Alena Ivanovna andava fazendo a mudança; lembro-me muito bem... vi alguns homens que transportavam um divã, até tive de me encostar à parede... mas pintores não me lembro de ter visto... não tenho mesmo lembrança de um quarto com a porta aberta.

— Mas que estás a dizer? — bradou de repente Razumíkhin, que até então tinha ouvido, parecendo refletir. — No próprio dia do assassinio é que os pintores trabalharam nesse aposento e, dois dias antes, é que foi lá à casal Por que estás a perguntar-lhe isso?

— É verdade! Ora essa! Confundi as datas! — disse Porfírio batendo na testa. — Diabos me levem! Esse caso faz-me rodar a cabeça — acrescentou como que desculpando-se, dirigindo-se a Raskólnikov —, e é tão importante para nós saber se alguém os viu no aposento entre as sete e as oito horas que, sem mais reflexão, julguei que o senhor me poderia dar essa informação... confundi inteiramente as datas!

— Pois seria bom que prestasses mais atenção — resmungou Razumíkhin.

As últimas palavras foram ditas na antecâmara; Porfírio acompanhou os visitantes até a porta, muito amavelmente. Estavam sombrios quando saíram e seguiram sem dizer palavra. Raskólnikov respirava como quem passa por uma prova difícil.

CAPÍTULO VI

— Não creio! Não posso acreditar! — repetiu Razumíkhin, que fazia todos os esforços para repetir as conclusões de Raskólnikov. Estavam já próximos da casa Bakalêief, onde os esperavam há muito Pulquéria Alexandrovna e Dúnia. No curso da discussão, Razumíkhin parava a cada instante; estava muito agitado, porque era a primeira vez que os dois conversavam sobre *aquilo* abertamente.

— Não acredites, se quiseses! — respondeu Raskólnikov com um sorriso frio e indiferente. — Tu, segundo teu hábito, não reparaste em nada, mas eu pesei todas as palavras.

— Tu és desconfiado, e é por isso que descobres em tudo pensamentos secretos... Hum... com efeito, concordo que o tom em que Porfírio falou era singular e foi sobretudo aquele aparte de Zametov... Tens razão, havia nele não sei quê... mas como pode isso ser, como?

— Mudando de opinião de ontem para hoje.

— Não, estás enganado! Se eles tivessem essa estúpida ideia, teriam, ao contrário, tratado de a dissimular; esconderiam o jogo para te inspirar uma confiança capciosa, esperando o momento de descobrirem as baterias... Na hipótese em que te colocas, teu modo de proceder de hoje seria tão desastrado como insolente!

— Se eles tivessem fatos ou presunções um pouco fundadas, então sem dúvida que se esforçariam por esconder o jogo, na esperança de obterem novas vantagens sobre mim (aliás, já teriam dado há muito tempo uma busca em meu domicílio). Mas não têm provas, nenhuma; tudo se reduz para eles a conjeturas, a suposições, e é por isso que recorrem ao descaramento. Não devemos talvez ver nisso senão o despeito de Porfírio, que está furioso por não encontrar provas. Ou talvez tenha suas intenções... Parece inteligente... Talvez me quisesse amedrontar. Ele também tem sua psicologia, meu amigo. Aliás, todas essas questões são repugnantes de tratar. Deixemos isso!

— É odioso! Compreendo-te! Mas... visto que abordamos francamente este caso (e acho que fizemos bem), não hesitarei mais em confessar-te que, há muito tempo, tinha notado essa ideia neles. Bem entendido, ela mal ousava formular-se, andava no espírito deles em estado de dúvida, mas já não é pouco que eles a pudessem conceber mesmo sob essa forma! E que foi que lhe despertou tão abomináveis desconfianças? Se tu soubesses que raiva isso me dá! Pois quê! Está aí um pobre estudante em luta com a miséria, em vésperas talvez de uma doença grave; um rapaz desconfiado, cheio de amor-próprio, tendo consciência de seu valor, há seis meses fechado num quarto, onde não vê ninguém; apresenta-se vestido de farrapos, com botinas sem solas, perante miseráveis chefes de polícia, dos quais sofre os insultos; reclamam-lhe à queima-roupa o pagamento de uma letra protestada; a sala está cheia de gente, há um calor de trinta graus; o cheiro das tintas torna a atmosfera ainda mais insuportável; o desgraçado, com o estômago vazio, ouve falar do assassinio de uma pessoa à casa de quem foi na véspera e desmaia. Mas, nessas condições, quem não desmaiaria! E é sobre essa síncope que se baseia tudo! Eis o ponto de partida! Que os leve o diabo. Compreendo que estejas vexado; mas em teu lugar, Ródia, ria-me na cara deles todos, ou melhor, atirava-lhes meu desprezo num jato de cuspe; assim é que eu responderia. Coragem! Escarra-lhes nas caras! É vergonhoso!

“Disse sua tirada com convicção!”, pensou Raskólnikov.

— Escarrar nas caras? Isso é muito bom dizer... E amanhã tenho outro interrogatório! — respondeu ele tristemente. — Será preciso rebaixar-me a dar explicações! Já estou arrependido de ter conversado ontem com Zametov no *traktir*...

— Que o leve o diabo! Irei à casa de Porfírio! É meu parente; hei de aproveitar-me disso para lhe tirar os macaquinhos do sótão; há de pôr tudo em pratos limpos. E quanto a Zametov...

“Enfim, o peixe mordeu a isca!”, disse para si Raskólnikov.

— Espera! — disse de repente Razumíkhin segurando o amigo pelo ombro. — Espera! Tu divagavas ainda agora! Onde vias um ardil? Dizes que a pergunta relativa aos operários ocultava um laço? Ora, raciocina um pouco: se tivesses feito *aquilo*, serias tão tolo que fosses dizer que tinhas visto os pintores no segundo andar? Pelo contrário, ainda mesmo que os tivesses visto, terias negado! Quem faz declarações que comprometam?

— Se eu tivesse feito *aquela* coisa, não teria omitido a declaração de ter visto os operários — replicou Raskólnikov, que parecia continuar a conversação com grande repugnância.

— Mas para que fazer declarações nocivas à própria causa?

— Porque só os mujiques e os estúpidos é que negam tudo de caso pensado. Um acusado, regularmente hábil, confessa todas as provas materiais que não pôde destruir; apenas explica de outra maneira, modifica-lhes a significação, apresenta-as sob um aspecto novo. Muito provavelmente Porfírio contava que eu responderia assim; julgava que, para dar mais verossimilhança às minhas declarações, eu confessaria ter visto os operários, explicando depois o fato em sentido favorável à minha causa.

— Mas ele responder-te-ia logo que, na antevéspera do dia do crime, não podias ter visto lá os operários e que, por conseguinte, tinhas estado na casa da vítima no dia do assassinio, entre as sete e as oito horas. Estavas apanhado!

— Ele julgava que eu não teria tempo de refletir e que, obrigado a responder da maneira mais verossímil, esqueceria essa circunstância: a impossibilidade da presença dos operários na casa na antevéspera do crime.

— Mas como se podia esquecer isso?

— Nada mais fácil! Essas minúcias são o escolho dos maliciosos: quando são interrogados, por essa forma é que se contradizem. Quanto mais fino é um homem, menos suspeita o perigo das perguntas insignificantes. Porfírio sabe-o bem; está longe de ser tão tolo como julgas...

— Se é como dizes, ele é, então, um canalha!

Raskólnikov não pôde deixar de sorrir. Mas, no mesmo instante, admirou-se de ter ouvido a última explicação com verdadeiro prazer, ele que até então não sustentara a conversa senão contra a vontade e por ser obrigado a isso pelo fim que queria atingir.

“Parece que vou tomar gosto por essas questões!”, pensou. Mas, quase ao mesmo tempo, apoderou-se dele uma inquietação súbita. Os dois estavam já à porta do edifício Bakalêief.

— Entra — disse bruscamente Raskólnikov —, eu já volto.

— Aonde vais?

— Tenho de fazer uma coisa... volto daqui a meia hora. Dize-lhes...

— Pois bem, acompanho-te!

— Que diabo, juraste perseguir-me até a morte?!

Essa exclamação foi proferida com tal acento de furor e um ar tão desesperado que Razumíkhin não insistiu. Ficou algum tempo à porta, seguindo com o olhar sombrio Raskólnikov, que ia a grandes passadas na direção de seu *pereulok*. Enfim, depois de ter rangido os dentes, cerrado os punhos e fazer a promessa de espremer Porfírio como um limão, subiu para tranquilizar Pulquéria Alexandrovna, já inquieta por aquela longa demora.

Quando Raskólnikov chegou a casa, tinha as fontes latejando e úmidas de suor e respirava com dificuldade. Subiu as escadas de quatro em quatro degraus, entrou no quarto, que tinha ficado aberto, e fechou a porta. Depois, trêmulo de medo, correu ao esconderijo, introduziu a mão sob o papel e explorou o buraco em todos os sentidos. Não encontrando lá nada, depois de ter apalpado minuciosamente, levantou-se e deu um suspiro de desafogo. Havia pouco, quando chegava à casa Bakalêief, tivera de repente a ideia de que algum dos objetos roubados teria podido escorregar para qualquer fenda da parede; se um dia fossem lá encontrar uma corrente de relógio, um botão de punho ou mesmo um dos papéis que envolviam esses objetos e que continham anotações feitas pela mão da velha, que terrível prova contra ele!

Ficou mergulhado numa vaga meditação, e um sorriso singular flutuava em seus lábios. Por fim, pegou o chapéu e saiu do quarto sem ruído. As ideias baralhavam-se-lhe. Pensativo, desceu as escadas e chegou à porta.

— Olhe, ele está ali! — bradou uma voz forte.

O rapaz levantou a cabeça.

O *dvornik*, de pé, à porta de seu cubículo, mostrava Raskólnikov a um homem de pequena estatura e aparência burguesa. Esse indivíduo vestia uma espécie de *khalat* e um jaquetão; ao longe parecia uma camponesa. A cabeça, coberta por um chapéu sebento, inclinava-se-lhe sobre o peito. A julgar pelo rosto pálido e cheio de rugas, devia ter passado dos cinquenta. Os olhos pequenos tinham o que quer que fosse de mau.

— Que há? — perguntou Raskólnikov aproximando-se do *dvornik*.

O burguês olhou-o de través, examinando-o longamente; depois, sem dizer palavra, voltou as costas e afastou-se.

— Mas que é isto! — exclamou Raskólnikov.

— Que é? É um homem que veio perguntar se morava aqui um estudante; disse seu nome e perguntou onde o senhor morava. Nesse meio-tempo, o senhor desceu, mostrei-o, e ele se foi; ora aí está!

O *dvornik* estava também um pouco admirado. Depois de ter refletido um momento, entrou no cubículo.

Raskólnikov seguiu nas pegadas do burguês. Apenas saiu de casa, viu-o caminhando do outro lado da rua com passo lento e regular, olhos no chão, meditativo. O rapaz alcançou-o logo, mas, durante algum tempo, limitou-se a seguir-lhe os passos; por fim colocou-se-lhe ao lado e mirou-lhe obliquamente o rosto. O burguês notou-o também, lançou-lhe um golpe de vista rápido, depois baixou de novo os olhos. Durante um minuto, ambos andaram assim lado a lado, sem dizerem uma palavra.

— O senhor perguntou por mim... ao *dvornik*? — começou Raskólnikov sem elevar a voz.

O burguês não respondeu, nem mesmo olhou para quem lhe falava. Houve novo silêncio.

— O senhor veio procurar-me... e não diz nada... Que quer dizer isso? — prosseguiu Raskólnikov com a voz entrecortada.

Dessa vez, o outro olhou para o mancebo com ar sinistro.

— Assassino! — disse bruscamente em voz baixa, mas clara e distinta...

Raskólnikov marchava ao lado dele. Sentiu, de repente, enfraquecerem-se-lhe as pernas e um arrepio pela espinha; durante um segundo, seu coração teve como que um delíquio, mas bem depressa bateu com uma violência extraordinária. Os dois homens andaram assim uns cem passos um ao lado do outro, sem falarem.

— Mas que é que o senhor... O quê? Quem é assassino? — balbuciou Raskólnikov com voz quase inaudível.

— És *tu* que és um assassino — disse o outro, acentuando essa réplica com mais clareza e energia do que da primeira vez; ao mesmo tempo, parecia ter nos lábios o sorriso do ódio triunfante e olhava friamente para o rosto pálido de Raskólnikov, cujos olhos se tornaram vítreos.

Aproximavam-se então de uma encruzilhada. O burguês dobrou uma rua à esquerda e seguiu seu caminho sem olhar para trás. Raskólnikov deixou-o afastar-se, mas seguiu-o por muito tempo com os olhos. Depois de ter andado cinquenta passos, o desconhecido voltou-se para observar o rapaz sempre parado no mesmo lugar. A distância não permitia ver bem; todavia Raskólnikov julgou notar que o outro o mirava ainda com seu sorriso de ódio.

Transido de terror, foi-se arrastando até a casa e subiu para o quarto. Depois de atirar o chapéu sobre a mesa, ficou em pé, imóvel, durante dez minutos. Então, já sem forças, deitou-se no divã e estendeu-se languidamente com um fundo suspiro. Assim permaneceu meia hora.

Não detinha o pensamento em coisa alguma. Algumas ideias... fragmentos de ideias... algumas imagens, sem ordem ou coerência, flutuavam-lhe na mente. Rostos de pessoas vistas na infância ou encontradas algures... de quem jamais lembrar-se-ia... o campanário da igreja de V***; o bilhar num *traktir*, que alguns oficiais jogavam; o cheiro de charutos em alguma tabacaria subterrânea; uma taverna; um vão de escada de fundos, muito escuro, escorregadio de águas imundas, semeado de cascas de ovos; os sinos domingueiros badalando ao longe; as imagens sucediam-se num rodopio de furacão. De algumas gostava e procurava reter, mas desvaneciam-se. Durante esse tempo, sentia-se oprimido, mas não irresistivelmente, antes agradavelmente... Um leve tremor persistia em seu corpo, porém também lhe dava uma sensação agradável.

Ouviu passos rápidos e a voz de Razumíkhin; fechou os olhos e fingiu dormir. Razumíkhin abriu a porta e, durante alguns minutos, ficou no limiar, parecendo não saber o que fazer. Mas resolveu-se a entrar pé ante pé e aproximou-se, com precaução, do divã.

— Não o acordes; deixa-o dormir, ele comerá depois — disse Nastácia em voz baixa.

— Tens razão — disse Razumíkhin.

Saíram na ponta dos pés e fecharam a porta. Passou ainda mais meia hora. Raskólnikov abriu os olhos, levantou o corpo com um movimento brusco e cruzou as mãos sob a cabeça...

“Quem é ele? Quem é esse homem saído das entranhas da terra? Onde estava ele e o que viu? Viu tudo, sem dúvida. Onde se achava então? De que lugar viu *aquilo*? Como é que só agora dá sinal de vida? Como pôde

ele ver? Será possível?... Hum!...”, continuou, tomado de um tremor glacial. “E o estojo que Micolai achou atrás da porta; quem poderia esperar tal coisa?”

Sentia que as forças o abandonavam e teve nojo de si próprio.

“Eu devia saber isso”, pensou ele, com um sorriso amargo, “como ousei derramar sangue? Eu tinha obrigação de saber isso antecipadamente... e, aliás, bem o sabia...”, murmurou desesperado.

Por momentos, demorava-se num pensamento:

“Não, essas criaturas não são assim: o verdadeiro *dominador*, a que tudo é permitido, *bombardeia* Toulon, massacra Paris, *esquece* um exército no Egito, *perde* meio milhão de homens na batalha de Moscou, *salva-se* em Vilna por um trocadilho; depois de morto levantam-lhe estátuas. *Tudo*, portanto, lhe é permitido. Não, esses indivíduos não são feitos de carne, mas de bronze!”

Uma ideia que lhe ocorreu de repente quase o fez rir.

“Napoleão, as pirâmides, Waterloo — e uma velha, secretária de colégio, uma ignóbil usurária que tem um cofre de marroquim vermelho debaixo do leito; como poderia Porfírio Petróvitch fazer tal comparação?... A estética opõe-se a tal; Napoleão ter-se-ia escondido, por acaso, debaixo da cama de uma velha?”, dizia. “Eh, que disparate!”

Apodera-se dele uma grande exaltação febril.

“A velha nada significa”, continuou; “suponhamos que a velha seja um erro, não se trata dela! A velha apenas foi um acidente... eu queria dar o salto o mais breve possível... Não foi uma criatura humana que matei, foi um princípio! Efetivamente matei o princípio, mas não soube passar sobre ele, fiquei do lado de cá... Não soube senão matar... E mesmo parece que não foi muito bem... Um princípio? Por que é que esse imbecil do Razumíkhin atacava ainda há pouco os socialistas? Eles são laboriosos homens de negócios, ‘ocupam-se da felicidade comum’... Não; eu só tenho uma vida; não estou para esperar a ‘felicidade universal’. Quero viver para mim próprio, de outro modo não vale a pena existir. Não quero viver ao lado de uma mãe esfomeada, guardando meu rublo no bolso, sob o pretexto de que um dia todos serão felizes. ‘Levo a minha pedra ao edifício da felicidade universal e isso basta para a tranquilidade do coração.’ Ah, ah! Então por que se esqueceram de mim? Visto que só vivo uma vez, quero minha parte de felicidade logo... ‘Eh! Sou um verme

esteta, nada mais’”, acrescentou subitamente, rindo como um louco; e, agarrando-se a essa ideia, experimentou um prazer acre em sondá-la em todos os sentidos, em voltá-la sob todas as facetas. “Sim, com efeito, sou um verme; primeiro, exatamente porque estou pensando agora se o sou ou não; depois, porque durante um mês inteiro importunei a Divina Providência tomando-a por testemunha de que me resolvia àquela empresa, não para procurar satisfações materiais, mas tendo em vista um fim grandioso, ah!, ah! Em terceiro lugar, porque, na execução, quis fazer a justiça possível: entre todas as pragas, escolhi a mais nociva, e, matando-a, contava encontrar em casa dela exatamente o que me era preciso para garantir minha entrada na vida (o que sobrasse iria para o mosteiro a que ela tinha legado sua fortuna; — ah! ah!)... Sou na verdade uma praga”, acrescentou rangendo os dentes, “porque sou talvez ainda mais vil e mais ignóbil que a praga que matei e porque pressentia que, depois de a ter matado, diria isso mesmo! Há alguma coisa comparável a tal horror? Oh, baixeza! Oh, vergonha! Oh, como eu compreendo o Profeta, a cavalo, de alfanje em punho! Alá manda: obedece, ‘pusilânime criatura’! Tem razão, o Profeta! Quando dispõe a tropa no campo e fere indistintamente o justo e o pecador sem mesmo se dignar explicar-se! Obedece, pusilânime criatura, e *livra-te de querer*, porque isso não te é dado... Oh, nunca perdoarei à velha!...”

Tinha a cabeça ensopada de suor, os lábios ressequidos agitavam-se, o olhar imóvel não deixou o teto.

“Minha mãe, minha irmã, como eu as amava! Por que as detesto agora? Sim, detesto-as, odeio-as fisicamente, não posso suportá-las junto de mim... Ainda há pouco, lembro-me de que me aproximei de minha mãe e beijei-a... Beijei-a... e pensar que, se ela soubesse... Oh, como odeio agora a velha! Parece-me que, se ela ressuscitasse, a mataria outra vez. Pobre Isabel, por que acaso foi ela lá? É singular, quase que nem penso nela, como se não a tivesse matado? Isabel, Sônia! Pobres criaturas de olhos meigos... Queridas!... Por que elas não choram? Por que não se lamentam? Vítimas resignadas, aceitam tudo em silêncio... Sônia, Sônia, encantadora Sônia!...”

Perdera a consciência de si e, com grande surpresa, viu que estava na rua. A noite ia muito adiantada. As trevas condensavam-se, a lua cheia tinha um brilho cada vez mais vivo, mas o ar era sufocante. Havia muita gente nas ruas: operários e pequenos empregados recolhiam-se às casas; os

outros passeavam. Havia no ar um cheiro de cal, de poeira, de água estagnada. Raskólnikov seguia aflito e preocupado: lembrava-se perfeitamente de que tinha saído de casa com um fim, que tinha de fazer qualquer coisa urgente, mas o quê? Esquecera. De súbito parou e viu que, da outra calçada, um homem lhe fazia sinal com a mão. Atravessou a rua para ir ter com ele, mas logo esse homem voltou-se e continuou seu caminho com a cabeça baixa, sem se voltar. “Enganar-me-ei?”, pensou; e todavia continuou a segui-lo. Ainda não dera dez passos, quando o conheceu de repente e ficou aterrado; era o burguês de há pouco, curvado do mesmo modo, vestindo o mesmo casaco. Raskólnikov, cujo coração batia violentamente, caminhava a distância; entraram num *pereulok*. O outro continuava sem se voltar. “Ele verá que o sigo?”, perguntava a si próprio. O burguês transpôs o limiar de uma grande casa. Raskólnikov adiantou-se apressado para a porta e pôs-se a olhar, pensando que talvez essa misteriosa personagem se voltaria e o chamaria. Efetivamente, logo que o burguês se achou no pátio, voltou-se e pareceu chamar outra vez o rapaz com um gesto. Ele obedeceu; mas, tendo chegado ao pátio, já lá não encontrou o desconhecido. Julgando que devia ter ido pelas primeiras escadas, Raskólnikov subiu-as. Com efeito, quando chegou ao segundo andar, ouviu passos lentos e regulares. Coisa singular, parecia conhecer aquelas escadas! Eis a janela do primeiro andar; através dos vidros entrava, misteriosa e triste, a luz da lua; eis o segundo. Hein! Era o local em que trabalhavam os pintores... Como não reconhecera a casa imediatamente? Os passos do homem que o precedia cessaram: “Por conseguinte ele parou ou escondeu-se em algum lugar. Eis o terceiro andar: terei de subir ainda? E que silêncio! É aterrador!...” Todavia prosseguiu na ascensão das escadas. Os ruídos dos próprios passos lhe metiam medo. “Meu Deus, que escuridão! O burguês escondeu-se, evidentemente, em algum canto.” Ah! O aposento que dava para o patamar estava aberto de par em par. Raskólnikov refletiu um instante, depois entrou. A antecâmara estava completamente vazia e muito escura. O rapaz passou à sala na ponta dos pés. A luz da lua iluminava inteiramente o recinto; a mobília não fora mudada; Raskólnikov viu em seus antigos lugares as cadeiras, o espelho, o divã e as estampas emolduradas. Pela janela via-se a enorme face redonda, vermelho-acobreada da lua. Esperou muito tempo em profundo silêncio. De súbito, ouviu um ruído seco como o que faz uma lasca que se parte, depois tudo recaiu em silêncio. Uma

mosca que acordou foi voando esbarrar na vidraça e pôs-se a zumbir lamentavelmente. No mesmo instante, num canto, entre o pequeno armário e a janela, Raskólnikov julgou ver uma capa de mulher pendurada na parede. “Por que está ali aquela capa?”, pensou ele, “não estava lá antes...” Aproximou-se devagar e desconfiou que, atrás da capa, alguém devia estar escondido. Afastou-se com precaução e viu que numa cadeira, ao canto, estava sentada a velha, dobrada em duas, com a cabeça de tal modo pendida que ele não pôde distinguir-lhe o rosto; mas era realmente Alena Ivanovna. “Tem medo!”, disse consigo Raskólnikov. Desprende com cautela o machado do laço e por duas vezes o descarregou sobre o crânio. Mas, coisa singular, Alena nem se mexeu; dir-se-ia de pedra. Estupefato, ele curvou-se sobre ela para a examinar, mas a velha baixou ainda mais a cabeça. Curvou-se então até o solo, mirou-a de baixo para cima e, vendo-lhe o rosto, ficou abismado: Alena ria, sim, ria com um riso silencioso, contendo-se para não ser ouvida. Subitamente pareceu a Raskólnikov que a porta do quarto de dormir estava aberta, e que lá também alguém ria e cochichava.

Então, enfurecido, começou a dar golpes na cabeça da velha, mas a cada machadada os risos e as murmurações do quarto de dormir percebiam-se mais distintos! A velha estorcia-se de riso. Quis fugir, mas a antecâmara estava cheia de gente, bem como o patamar e a escada; todos olhavam, mas escondidos e esperando em silêncio... Seu coração comprimiu-se; sentia os pés presos ao chão...

Respirou com esforço e julgava ainda sonhar, quando viu, de pé, no limiar da porta do quarto, aberta de par em par, um desconhecido, que o examinava atentamente.

Raskólnikov, que mal abrisse os olhos, tornou a fechá-los. Deitado de costas, nem se mexeu. “Será a continuação do sonho?”, pensou, e levantou quase imperceptivelmente as pálpebras para lançar um olhar sobre o desconhecido. Este, sempre no mesmo lugar, não cessava de observar. De repente, transpôs o limiar, fechou devagar a porta, aproximou-se da mesa e, depois de ter esperado um minuto, sentou-se sem ruído numa cadeira junto do divã.

Durante todo esse tempo, não perdera de vista Raskólnikov. Depois, pousou o chapéu no chão, apoiou-se no castão da bengala e encostou o queixo nas mãos, como quem se prepara para esperar muito. Pelo que Raskólnikov pudera julgar, por um olhar furtivo, aquele homem já não era

moço; tinha aparência forte e usava barba espessa, de um louro quase branco...

Dez minutos se passaram assim. Havia alguma claridade, mas já era tarde. No aposento, reinava profundo silêncio. Das escadas não vinha ruído algum. Não se ouvia senão o zumbido de uma grande mosca, que, voando, esbarrava na janela. Por fim, aquele silêncio era já insuportável. Raskólnikov não pôde conter-se e sentou-se no divã.

— Fale; que quer o senhor?

— Eu bem sabia que seu sono era só aparente — respondeu o desconhecido com um sorriso. — Permita que me apresente: Árcade Ivânovitch Svidrigailov...

QUARTA PARTE

CAPÍTULO I

“Estarei bem acordado?”, pensou novamente Raskólnikov, olhando desconfiado para a inesperada visita.

— Svidrigailov? Não pode ser! — disse finalmente, não podendo acreditar no que ouvira.

Essa exclamação não surpreendeu Svidrigailov.

— Vim à sua casa por duas razões: primeira, porque desejava conhecê-lo pessoalmente, pois durante muito tempo ouvi falar do senhor nos termos mais lisonjeiros; depois, porque espero que não me recusará seu auxílio numa empresa que interessa diretamente à sua irmã, Avdótia Romanovna. Só, sem apresentação, seria difícil que ela me recebesse, visto estar prevenida contra mim; mas apresentado pelo senhor calculo que o caso seria diferente.

— Não conte comigo — disse Raskólnikov.

— Essas senhoras só chegaram ontem? Permita-me que lhe faça essa pergunta.

Ele não respondeu.

— Foi ontem, eu sei. Eu mesmo só vim anteontem. Pois bem, ouça o que vou dizer-lhe a respeito, Ródion Românovitch; é supérfluo justificarme, mas permita-me que o interrogue: que há, afinal, em tudo isso, de procedimento criminoso, de meu lado, bem entendido, se se apreciarem as coisas serenamente e sem preconceitos?

Raskólnikov continuava a observá-lo silencioso.

— Vai dizer-me, não é verdade?, que persegui em minha casa uma moça indefesa e que a *insultei com propostas vergonhosas*? (Eu mesmo faço a acusação!) Mas pense unicamente que eu sou um homem, *et nihil humanum...* numa palavra, que sou suscetível de um arrebatamento, de apaixonar-me (o que é independente de nossa vontade), e então tudo se explica do modo mais natural. Toda a questão é isso. Sou um monstro, ou antes uma vítima? Certamente uma vítima. Quando propus à criatura

amada fugir comigo para a América ou para a Suíça, alimentava talvez os sentimentos mais respeitosos e pensava assegurar-lhe uma felicidade comum!... A razão não é senão uma escrava da paixão; foi a mim próprio sobretudo que prejudiquei...

— Não é disso que se trata — respondeu Raskólnikov: — que procedesse bem ou mal; não posso evitar o ódio que tenho; não quero saber quem é. Saia!

Svidrigailov soltou uma gargalhada.

— Não há meio de iludi-lo! — disse alegremente. — Quis servir-me de um estratagema, mas vejo que não deu resultado.

— Agora mesmo continua a enganar-me.

— Mas em quê? Em quê? — repetia Svidrigailov, rindo à vontade. — E numa *bonne guerre*, como dizem os franceses, a minha astúcia era permitida!... Mas não me deixou acabar. Ora, voltando ao caso, devo dizer-lhe que nada houve de desagradável, a não ser o caso do jardim. Marfa Petrovna...

— Diz-se também que Marfa Petrovna foi morta pelo senhor — interrompeu brutalmente Raskólnikov.

— Ah, também lhe falaram nisso? Não é de admirar... A respeito dessa história, e, apesar da tranquilidade de minha consciência, não sei o que hei de responder-lhe. Não imagine que receio a continuação desse processo: todas as formalidades foram cumpridas o mais minuciosamente possível; os médicos afirmaram que ela morreu de uma apoplexia, como resultado de um banho que tomou após uma refeição abundante em que bebeu quase uma garrafa de vinho; nada mais... Não é isso o que me inquieta. Mas, por várias vezes, em viagem para São Petersburgo, a mim mesmo perguntei se não havia contribuído moralmente para essa... desgraça, com qualquer desgosto que desse a Marfa ou de outra forma qualquer. Acabei por ver que não tinha motivo para apreensões.

Raskólnikov riu-se.

— Que preocupações as suas!

— Por que se ri? Bati-lhe apenas com um chicote, algumas vergastadas que não deixaram o menor vestígio... Não me julgue um cínico; sei perfeitamente que foi vil de minha parte etc., mas sei também que meus acessos de brutalidade não desagradavam a Marfa Petrovna. O que se passou com sua irmã foi espalhado pela cidade por minha mulher, que

aborreceu todas as pessoas que conhecia com a famosa carta (soube que ela dava-a a ler a toda a gente?). Como tempestades as duas chicotadas caíram do céu. Sua primeira ação foi ordenar a partida da carreta... Não falando dos casos em que as mulheres se sentem muito felizes por serem maltratadas, apesar das demonstrações de indignação. Qualquer um pode passar por esses transe! Os seres humanos gostam de ser maltratados. Já notou? Especialmente as mulheres; posso afirmar até ser esse o único divertimento delas.

Em dado momento, Raskólnikov pensou em levantar-se e sair, terminando assim a entrevista. Estranha curiosidade e uma espécie de prudência fizeram-no aguardar um momento apropriado.

— Gostava muito de servir-se do chicote? — perguntou-lhe, distraído.

— Nem por isso — respondeu calmamente Svidrigailov. — Raras vezes tínhamos discussões. Vivíamos em muito boa harmonia; ela estava sempre bem comigo. Durante os sete anos de nossa vida comum, o chicote trabalhou apenas duas vezes (ponho de parte um terceiro caso, um pouco duvidoso): a primeira vez, foi dois meses após nosso casamento, quando chegamos a uma casa de campo, onde tencionávamos passar tempos; a segunda e última, foi nas circunstâncias que disse há pouco. Considera-me por isso um monstro, um retrógrado, um partidário da escravidão?... Ah!, ah! A propósito, lembra-se, Ródion Românovitch, como há alguns anos... naqueles dias de beneficência pública, um nobre, esqueci-lhe o nome, foi achincalhado em todos os jornais por haver espancado uma alemã no trem? Lembra-se? Foi por essa época, creio, que ocorreu “a infeliz ação da *Idade*”. (Recorda-se? *As noites egípcias*, quando foram apresentadas em público, lembra-se? Dos olhos negros? Ah, os áureos dias de nossa juventude! Onde estão?) Quanto ao cavalheiro que esbofeteou a alemã, não lhe tenho simpatia; nesse incidente nada há simpático! Eu, porém, sei existirem “alemães” tão provocadores que não acredito haver um ser humano que seja capaz de ficar impassível ante eles. Ninguém, na época, analisou a ocorrência desse ponto de vista, mas esse é o único verdadeiramente humano. Asseguro-lhe!

Dito isso, Svidrigailov soltou repentina gargalhada.

Raskólnikov estava certo de que esse homem tinha algum plano habilmente oculto, e era capaz de assim mantê-lo.

— Deve ter passado muitos dias seguidos sem falar com ninguém.

— Essa suposição é quase real. Mas admira-se, não é verdade?, de que eu tenha tão bom caráter?

— Acho-o até excelente!

— Por não me ter formalizado com as perguntas grosseiras que me faz? Por que havia de melindrar-me? Como me interrogou, respondi-lhe — disse Svidrigailov com singular expressão de bonomia. — Na verdade, nada, ou quase nada, me interessa — continuou. — Agora, principalmente, nada tenho em que empregue o meu tempo... Fica-lhe o direito de pensar que tento captar suas boas graças, tanto mais que preciso falar com sua irmã, como já lhe disse. Mas digo-lhe com franqueza: aborreço-me muito! Nos últimos dias, principalmente!... De forma que estava contentíssimo por vê-lo... Não se zangue se lhe disser que me parece um homem como não é comum ver-se... Há em si alguma coisa de anormal; sobretudo agora; não nesse momento, mas desde certa época... Mas calo-me; não tome esse aspecto severo! Não sou a fera que imagina.

— Talvez não seja uma fera — disse Raskólnikov. — Parece-me uma pessoa de boa sociabilidade, ou, pelo menos, que o sabe ser quando é necessário.

— Não me importo com a opinião que se faz a meu respeito — respondeu secamente Svidrigailov, com ligeiro ar de desprezo —, e por que não se hão de aceitar as maneiras de um homem pouco educado, num país onde elas são tão cômodas, e... e sobretudo quando há para isso uma propensão natural? — acrescentou rindo.

— Ouvi dizer que tem aqui muitos amigos, que não é pouco relacionado. Que pretende de mim, se não tem um objetivo especial?

— Realmente sou muito relacionado em São Petersburgo, tornou o visitante sem responder à pergunta. Há três dias que passeio pelas ruas da capital e já encontrei algumas pessoas amigas; reconheci-as e creio que também me reconheceram. Tenho boa apresentação e sou tido como homem rico; a abolição da escravatura não me arruinou. Minha propriedade constitui-se principalmente de florestas e pastagens ribeirinhas. Os lucros não cessaram, mas não vim para contá-los; de há muito estou enfiado deles. Estou aqui há três dias e não procurei ninguém. Que cidade! Como pôde desenvolver-se entre nós? Uma cidade de oficiais e estudantes de toda espécie. Sim, existe muita coisa que não observei oito anos atrás, gastando os calcanhares... Minha única esperança reside na anatomia. Por Deus!

— Anatomia?

— Quanto aos clubes, aos frequentadores do restaurante Dussand, paradas militares, ou progresso... passam muito bem sem mim — prosseguiu sem responder à pergunta. — Afinal, que prazer há em roubar no jogo de cartas?

— Era, então, um batoteiro?

— Mas decerto! Há oito anos éramos uma sociedade completa, constituída de homens da mais elevada posição, capitalistas, poetas, que entretínhamos o tempo a jogar e a roubar-nos o máximo que podíamos. Já reparou que, na Rússia, as pessoas de distinção são gatunos? Naquele tempo, um grego de Niéjine, a quem eu devia setenta mil rublos, mandou-me prender por dívidas. Apareceu então Marfa Petrovna. Entrou em combinações com meu credor e, mediante trinta mil rublos que ela lhe deu, obteve minha liberdade. Casamos; em seguida, ela levou-me para a sua terra, como um tesouro. Era mais velha que eu cinco anos e amava-me muito. Durante sete anos não saí da aldeia. Note que teve sempre em seu poder, como precaução, a letra que eu assinara ao grego e que ela comprara: se eu tentasse sacudir o jugo, ela mandar-me-ia para a prisão imediatamente. Oh, apesar de todo seu amor não hesitaria! As mulheres têm desses caprichos.

— Se ela não procedesse assim, o senhor a abandonaria?

— Não sei como responder-lhe. Esse documento, no entanto, me incomodava. Eu não tinha vontade de sair dali. Por duas vezes, Marfa Petrovna, vendo que eu me aborrecia, disse-me que viajassemos. Mas eu tinha já visitado a Europa e andei sempre medonhamente aborrecido. Sem dúvida, os grandes espetáculos da natureza provocam nossa admiração, mas, enquanto se contempla um nascer do sol, o mar, a baía de Nápoles, sente-se uma grande tristeza, e o mais humilhante é que não se sabe por quê. Não se está melhor em nossa casa. Eu agora partiria talvez para o polo Norte, porque o vinho, que era meu último recurso, acabou por não me cair bem. Já não o posso beber. Diz-se que, no domingo, há uma ascensão aerostática no Jardim Iussupof: Berg tenta uma grande viagem aérea e aceita companhia por certo preço. Será verdade?

— Quer viajar em balão?

— Eu?... Não... Sim — murmurou Svidrigailov, que parecia pensar.

“Que espécie de homem será este?”, pensou Raskólnikov.

— Não, a letra não me incomodava — continuou ele —, foi por minha vontade que ficamos na aldeia. Haverá talvez um ano, Marfa Petrovna, no dia de meu aniversário, deu-me esse papel com uma grande quantia, como presente. Era muito rica. “Vê como confio em ti, Árcade Ivânovitch”, disse-me ela. Foram essas suas palavras; quer acreditar? Como sabe, eu desempenhava-me cabalmente de meus deveres de proprietário rural; todos lá me estimavam. Ademais, para entreter-me, mandava vir livros; Marfa Petrovna, a princípio, aprovava meu gosto pela leitura; mais tarde, receou que isso me fatigasse.

— A morte de Marfa Petrovna devia deixar um grande vácuo em sua existência?!

— Talvez... É possível... A propósito, crê em visões?

— Em que visões?

— Em visões no sentido vulgar da palavra?

— E o senhor acredita?

— Sim e não; contudo...

— Já lhe apareceu alguma?

Svidrigailov olhou para seu interlocutor com uns modos estranhos.

— Marfa Petrovna vem visitar-me — disse ele, e sua boca franziu num sorriso indefinível.

— Vem visitá-lo?...

— Sim, já três vezes. A primeira vez vi-a no próprio dia do enterro, uma hora após ter voltado do cemitério. Foi na véspera de minha partida para São Petersburgo. Tornei a vê-la depois, na viagem: apareceu-me anteontem de madrugada na estação de Malaía Vichera; a terceira vez foi há duas horas, no quarto que habito, onde me achava sozinho.

— Estava acordado?

— Estava. De todas as vezes estava acordado. Ela vem, conversa um momento e sai pela porta, sempre pela porta. Parece que a ouço andar.

— Sempre pensei que deviam dar-se fatos dessa natureza — disse bruscamente Raskólnikov. Ao mesmo tempo que se admirava de ter dito essa frase, sentia-se muito agitado.

— Seriamente? Já o tinha pensado? — perguntou Svidrigailov surpreso. Será possível? Veja como eu tinha razão dizendo que há entre nós um ponto de contato!

— Nunca me disse tal! — respondeu irritado Raskólnikov.

— Não disse?

— Não! Nunca!

— Julguei que tinha dito. Há pouco, quando entrei e o vi deitado, com os olhos fechados parecendo que dormia, pensei comigo: “É aquele mesmo!”

— “Aquele mesmo!” Que significam essas palavras? A quem aludia?
— perguntou Raskólnikov.

— A quem? Francamente, não sei... — respondeu embaraçado Svidrigailov.

Por momentos os olhares de ambos cruzaram-se.

— Isso, afinal, não significa nada! — exclamou com violência Raskólnikov. — Que lhe diz ela quando aparece?

— Ela? Fala-me de futilidades, coisas insignificantes, e veja o que é o homem; isso irrita-me. Da primeira vez que me apareceu, eu estava muito cansado; a cerimônia fúnebre, o Réquiem, o jantar, tudo isso me fatigara. Estava só em meu gabinete fumando, absorvido em minhas reflexões, quando a vi entrar: “Árcade Ivânovitch”, disse-me, “hoje, com a lida que tiveste, te esqueceste de dar corda no relógio da sala de jantar”. Fui eu, efetivamente, quem durante sete anos dei corda nesse relógio todas as semanas, e, se me esquecia, era ela quem me vinha lembrar. No outro dia, parti para São Petersburgo. De madrugada, tendo chegado a uma estação, apeei-me e entrei no *buffet*. Como dormira mal, tinha os olhos inchados. Tomei uma xícara de café. De repente, que vejo? Marfa Petrovna sentada a meu lado com um baralho nas mãos. “Queres que diga o que acontecerá em tua viagem, Árcade Ivânovitch?”, perguntou-me. Ela deitava muito bem cartas; estou arrependido de não ter sabido então minha sorte. Fugi, aterrado, tanto mais que a sineta chamava os viajantes. Hoje, depois de um jantar detestável que não consegui digerir, estava sentado no quarto e acendera um charuto, quando vi surgir novamente Marfa Petrovna, ricamente vestida: um vestido novo de seda verde com cauda muito comprida: “Bom dia, Árcade Ivânovitch! Gostas de meu vestido? Aniska ainda não fez outro igual” (Aniska era uma costureira de nossa aldeia, que foi criada e veio aprender na casa de uma modista de Moscou — um apetitoso pedaço de mulher!). Olhei para o vestido, depois fixei atentamente nela e disse-lhe: “É inútil incomodares-te, Marfa Petrovna, para falar-me de bagatelas.” — “Ah, meu Deus!”, exclamou ela, “não há

modos de te meter medo!”. — “Vou casar-me”, continuei eu querendo irritá-la um pouco. — “És livre, Árcade Ivânovitch; mas não te fica bem tornares a casar tendo enviuvado há tão pouco tempo; ainda que faças uma boa escolha, não terás os aplausos da gente séria.” Dito isso saiu, e eu julguei ter ouvido roçar a cauda de seu vestido! Não é curioso?

— Mas quem me garante que não está mentindo?

— É raro que eu minta, respondeu Svidrigailov pensativo; e sem fazer reparo na rudeza da pergunta.

— E antes disso alguma vez lhe apareceram visões?

— Uma vez, há seis anos. Um criado meu, Filka, tinha morrido. No dia em que foi enterrado, por distração, chamei-o como de costume: — “Filka, meu cachimbo!” Ele apareceu e foi ao armário onde estavam meus objetos de fumar. “Não está contente comigo!”, pensei, porque pouco antes de sua morte havíamos tido uma alteração. — “Como te atreves”, disse-lhe, “a apresentar-te diante de mim com o casaco roto nos cotovelos? Sai já daqui!”. Deu meia-volta, saiu e nunca mais voltou. Não contei o caso a Marfa Petrovna. Primeiramente, pensei mandar rezar uma missa pela alma do pobre homem, mas, depois, vi que era uma criancice.

— Consulte o médico!

— Esse conselho é inútil; vejo que estou doente, conquanto na verdade não saiba de quê; parece-me, contudo, que estou melhor que o senhor. Eu não lhe perguntei: acredita que se vejam essas aparições? Minha pergunta é esta: acredita que há visões, espectros?...

— Não, não acredito! — respondeu Raskólnikov imediatamente, bastante irritado.

— Que se diz geralmente? — monologou Svidrigailov, com a cabeça pendida, olhando de revés. — Todos dizem: o senhor está doente, portanto o que julga ver é apenas um sonho próprio do delírio. Isso não é raciocinar com toda a força da lógica. Admito que essas visões só aparecem aos doentes, o que prova apenas que é preciso estar doente para observá-las, mas não que elas não existem.

— Por certo não existem! — replicou violentamente Raskólnikov.

Svidrigailov olhou-o demoradamente.

— Não existem? É sua opinião? Não se poderá dizer: “As visões, os espectros, são de qualquer forma fragmentos, pedaços de outros mundos. O homem sadio não tem, naturalmente, motivo para vê-las, visto que é,

sobretudo, um ser material e, por isso, vive apenas a vida terrestre. Mas, desde que seja um doente, desde que saia do normal, da Terra, de seu organismo, logo se lhe começa a manifestar a ideia de outro mundo; à medida que a doença se agrava, multiplicam-se suas relações com outro mundo, até que a morte para lá o faça entrar a pé firme.” Há muito tempo que faço esse raciocínio, e, se acredita na vida futura, tem forçosamente de o aceitar.

— Eu não creio na vida futura — respondeu Raskólnikov.

Svidrigailov pensava.

— E se lá houvesse somente aranhas ou coisas semelhantes? — perguntou de repente.

“É doido”, pensou Raskólnikov.

— Nós imaginamos sempre a eternidade como uma ideia que não se pode compreender, uma coisa imensa, imensa! Mas, por que há de ser assim? E se, em vez disso, pensarmos que é um quarto pequeno, uma espécie de quarto de banho, enegrecido pelo fumo, com aranhas pelos cantos? Assim a imagino eu muitas vezes.

— Será possível que não tenha sobre o caso uma ideia mais consoladora e mais justa! — exclamou Raskólnikov contrafeito.

— Mais justa? Quem sabe? Talvez esse modo de ver seja o melhor, e sê-lo-ia certamente, se dependesse de mim! respondeu Svidrigailov, esboçando um sorriso.

Essa cínica resposta deu calafrios em Raskólnikov. Svidrigailov ergueu a cabeça, olhou fixamente o rapaz e desatou a rir.

— É curioso! — disse. — Há meia hora, ainda não nos tínhamos visto, considerávamo-nos como inimigos. Entre nós havia um assunto a tratar: pomos de parte o assunto e começamos a filosofar! Eu bem dizia que somos plantas do mesmo terreno!

— Perdão — disse Raskólnikov contrariado —, faça o favor de explicar-me, sem mais delongas, a que devo a honra de sua visita... Tenho pressa; preciso sair...

— Imediatamente. Sua irmã, Avdótia Romanovna, vai casar com o sr. Pedro Petróvitch Lujine?

— Peço-lhe que não fale na minha irmã; nem mesmo pronuncie o nome dela. Nem compreendo como se atreve a isso em minha presença, se é efetivamente Svidrigailov.

— Mas se eu vim para lhe falar dela, como hei de deixar de pronunciar seu nome?

— Então fale, mas depressa.

— Esse senhor Lujine é meu parente por afinidade. Creio que o senhor terá formado opinião sobre ele, se já o viu, por pouco tempo que fosse, ou se alguma pessoa digna de crédito lhe falou a respeito dele. Não é partido que convenha a Avdótia Romanovna. Em minha opinião, sua irmã sacrifica-se de uma forma tão bela como impensada pela família. Tudo o que sabia do senhor, levava-me a crer que estimaria o rompimento desse enlace, se fosse possível fazê-lo sem prejuízo para os interesses de sua irmã. Agora que o conheço pessoalmente não tenho dúvida alguma a esse respeito.

— Isso, de sua parte, parece-me bastante imprudente — respondeu Raskólnikov.

— Calcula então que tenho intuits secretos! Sossegue, Ródion Românovitch, se trabalhasse para mim, escondia melhor o jogo; eu não sou absolutamente imbecil. Vou, a propósito, referir-lhe uma singularidade psicológica. Há pouco, desculpava-me de ter amado sua irmã, dizendo que eu próprio fora uma vítima. Pois bem, agora, não tenho por ela nenhum amor, o que me chega a surpreender porque estive seriamente apaixonado...

— Era um capricho de homem desocupado e vicioso — interrompeu Raskólnikov.

— Realmente, sou ocioso e viciado. Ademais, sua irmã possui bastantes atrativos para impressionar mesmo um libertino como eu, mas tudo isso era fogo de palha, reconheço-o agora.

— Desde quando pensa desse modo?

— Desde há muito; contudo, só anteontem me convenci definitivamente, ao chegar a São Petersburgo. Em Moscou, ainda estava resolvido a obter a mão de Avdótia Romanovna, apresentando-me como rival de Lujine.

— Desculpe-me interrompê-lo, mas não poderia resumir e entrar imediatamente no assunto de sua visita? Repito-lhe que tenho pressa, preciso dar umas voltas...

— Pois não! Resolvido agora a fazer certa... viagem, queria, primeiro, regularizar alguns negócios. Meus filhos ficam com a tia; são ricos, não

precisam de mim. Está a observar-me em meu papel de pai? Não trouxe mais que o dinheiro que Marfa Petrovna me deu há um ano. Chega. Desculpe-me: vou entrar no assunto. Não é precisamente porque odeie Lujine, mas ele foi a causa da última desinteligência que tive com minha mulher: indignei-me quando soube que ele projetava esse casamento. Diriço-me ao senhor para conseguir falar com Avdótia Romanovna: se quiser, pode assistir à nossa conversa. Desejaria que sua irmã pesasse bem os inconvenientes que lhe hão de resultar do casamento com Lujine, que me perdoasse todos os desgostos que lhe causei e me desse licença para oferecer-lhe dez mil rublos, o que compensaria o rompimento, que estou crente não lhe repugnaria, se visse a possibilidade de realizá-lo.

— Mas o senhor é doido, positivamente doido! — bradou Raskólnikov, mais surpreendido do que encolerizado. — E como se atreve a falar assim?

— Já sabia que havia de exaltar-se outra vez, mas começarei por dizer-lhe que, não sendo rico, posso dispor perfeitamente desses dez mil rublos, que não me fazem falta. Se Avdótia Romanovna não os aceitar, Deus sabe que loucuras farei com eles. Além disso, minha consciência está tranquila; essa oferta não obedece a qualquer premeditação. Acredite ou não, o futuro o provará, ao senhor e a Avdótia Romanovna. Em resumo, procedi muito mal com sua digna irmã, sinto um profundo arrependimento e desejo, ardentemente, não reparar com uma compensação pecuniária os aborrecimentos que teve, mas prestar-lhe um pequeno serviço para que não se diga que só lhe fiz mal. Se minha proposta ocultasse algum pensamento reservado, não a faria tão abertamente e não me limitava a oferecer hoje dez mil rublos, quando, há cinco semanas, ofereci muito mais. Ademais, vou casar brevemente com uma moça daqui, e não poderão suspeitar que pretendi seduzir Avdótia Romanovna. Por fim, dir-lhe-ei que, embora ela venha a ser esposa de Lujine, receberá essa quantia de outra forma... Mas não se zangue, Ródion Românovitch, aprecie a sangue-frio.

Svidrigailov pronunciou essas palavras com extraordinária fleuma.

— Peço-lhe que acabe — disse Raskólnikov. — Essa proposta é de uma insolência imperdoável.

— Não acho. Além disso, o homem, neste mundo, só pode fazer mal a seu semelhante; tendo de vingar-se não lhe assiste o direito de fazer o menor bem; as conveniências sociais opõem-se. É absurdo. Por exemplo,

se eu morresse, e deixasse em testamento esse dinheiro à sua irmã, acha que ela recusava-o?

— É muito provável.

— Não falemos mais nisso. Seja como for, peço-lhe que faça meu pedido à sua irmã.

— Nada lhe direi.

— Nesse caso, Ródion Românovitch, é preciso que me encontre com ela, o que decerto a incomodará.

— E se eu lhe comunicar sua proposta desistirá de falar-lhe em particular?

— Não sei o que hei de responder-lhe. Desejava muito vê-la uma vez, ao menos.

— Perca as esperanças.

— Mau! O senhor não me conhece. Poderíamos ter relações de amizade.

— Julga isso?

— Por que não? — disse sorrindo Svidrigailov, levantando-se e pegando o chapéu. — Eu não desejo impor-me à sua simpatia, e mesmo vindo aqui, não contava... esta manhã impressionou-me...

— Onde me viu esta manhã? — perguntou inquieto Raskólnikov.

— Vi-o por acaso... Penso sempre que somos dois frutos da mesma árvore... Mas não fique constrangido. Não sou intrometido. Costumo tratar bem os batoteiros. Nunca importunei o príncipe Svírbei, grande personagem, parente distante meu, e pude escrever sobre a *Madonna* de Rafael no álbum da senhora Prílukof; durante sete anos, nunca abandonei Marfa Petrovna. Em meus velhos dias, costumava passar as noites na casa de Viassêmski, no Mercado do Feno, e talvez suba no balão de Berg.

— Está bem. Permita-me que lhe pergunte se tenciona partir brevemente.

— Partir?

— Não me falou há pouco em uma viagem?

— Eu? Numa viagem? Ah, sim!... Se soubesse o que veio despertar!
— acrescentou secamente. — Talvez que, em vez de viajar, me case. Querem arranjar-me um casamento.

— Aqui?

— Sim, aqui.

— Desde que chegou a São Petersburgo não perdeu tempo!

— Mas estou ansioso para ver Avdótia Romanovna, pelo menos uma vez. Peço-lhe esse favor. Até mais ver... Ah! Já me esquecia! Diga à sua irmã que Marfa Petrovna lhe deixou três mil rublos. Minha mulher fez suas disposições testamentárias oito dias antes de morrer. Avdótia Romanovna deverá receber o dinheiro em duas ou três semanas.

— Isso é verdade?

— É. Diga-lhe. Um seu criado... Moro muito perto daqui...

À saída, Svidrigailov encontrou-se na escada com Razumíkhin.

CAPÍTULO II

Eram quase oito horas; os dois partiram logo para a casa Bakalêief, pois queriam chegar antes de Lujine.

— Quem saía de tua casa quando entrei? — perguntou Razumíkhin ao chegarem à rua.

— Svidrigailov, o proprietário em cuja casa minha irmã esteve como governanta e de onde saiu porque ele lhe fazia a corte; Marfa Petrovna, a mulher desse tipo, despediu-a. Mais tarde, porém, pediu perdão a Dúnia. Morreu há dois dias repentinamente. E era dela que minha mãe falava às vezes. Não sei por quê, esse homem assusta-me. É muito singular e tem alguma resolução firmemente tomada... Dir-se-ia que sabe alguma coisa... Chegou aqui logo após o enterro da mulher... É preciso proteger Dúnia contra ele. Aqui tens o que eu queria dizer-te, ouviste?

— Protegê-la! Que pode ele fazer contra Avdótia Romanovna? Agradeço-te por me teres avisado... Protegê-la-emos, descansa!... Onde mora ele?

— Não sei.

— Por que não perguntaste? Que diabo! Hei de reconhecê-lo!

— Viste-o? — perguntou Raskólnikov, depois de breve silêncio.

— Oh, vi! Reparei bem nele!

— Estás seguro? Viste-o distintamente? — insistiu Raskólnikov.

— Perfeitamente; lembro-me muito bem de sua fisionomia, reconhecê-la-ia entre mil pessoas.

Calaram-se outra vez.

— Olha, sabes, parece-me que sou vítima de uma ilusão — murmurou Raskólnikov.

— Por que dizes isso? Não te entendo.

— Queres ver — continuou Raskólnikov fazendo uma careta que pretendia ser um sorriso —; todos dizem que sou louco, e há pouco julguei

que tinham razão e que apenas vira um espectro.

— Que ideia!

— Quem sabe? Talvez eu seja realmente louco, e os sucessos dos últimos dias só existissem em minha imaginação.

— Ródia, perturbaram-te mais o espírito!... Mas que te disse ele! Por que foi à tua casa?

Ele não respondeu. Razumíkhin pensou um momento.

— Escuta, vou dizer-te o que fiz — começou. — Fui à tua casa; dormias ainda. Depois jantamos, e, em seguida, fui à casa de Porfírio. Zametov ainda estava lá. Comecei a arengar, mas não fui feliz a princípio; não conseguia entrar na matéria. Todos eles pareciam não me perceber, sem contudo apresentarem objeção. Levei Porfírio para a janela, recomecei, mas não fui mais bem-sucedido. Cada um de nós olhava para seu lado. Por fim, aproximei de sua cara a mão fechada em gesto agressivo e disse-lhe que o esmagava. Ele olhou para mim sem dizer nada. Escarrei e dei-lhes as costas. Uma tolice. Com Zametov não troquei palavra. Vinha zangado comigo mesmo pela forma estúpida como tinha procedido, quando uma súbita reflexão me consolou: ao descer a escada, perguntei a mim próprio: valerá a pena preocuparmo-nos tanto com isso? Evidentemente, se algum tempo corresse, as coisas passavam-se de outro modo. Mas que tens a recear? Não és culpado, portanto, eles não te podem inquietar. Mais tarde nos riremos da tolice deles e, em teu lugar, eu sentiria grande prazer em troçar deles. Como essa gente pode cometer um erro tão grosseiro? Cospe nisso; esses asnos não merecem desprezo.

— É justo! — respondeu Raskólnikov. “Mas que dirás amanhã!”, disse consigo. Caso curioso, até então ele nunca pensara em interrogar-se: “Que dirá Razumíkhin ao saber que sou culpado?” Olhou fixamente para o amigo. A descrição da visita a Porfírio interessara-o pouco: sua preocupação era outra.

No corredor, encontraram Lujine. Chegara às oito horas em ponto, mas esquecera o número, de forma que entraram juntos, sem se olharem nem cumprimentarem. Raskólnikov e Razumíkhin entraram logo; Pedro Petróvitch, sempre fiel observador das conveniências, demorou-se na antecâmara a despir o sobretudo. Pulquéria Alexandrovna dirigiu-se logo a ele. Dúnia e Raskólnikov cumprimentaram-se.

Pedro Petróvitch saudou as senhoras muito amavelmente, mas com extrema gravidade. Via-se que estava preocupado. Pulquéria Alexandrovna, que também parecia não estar à vontade, pediu a todos que se sentassem à mesa, onde o samovar borbilhava. Dúnia e Lujine ficaram defronte um do outro nas extremidades. Razumíkhin e Raskólnikov, em frente de Pulquéria Alexandrovna — o primeiro ao lado de Lujine, o outro junto da irmã.

Durante algum tempo, ninguém falou. Pedro Petróvitch tirou do bolso um lenço de *baptiste* perfumado e assoou-se. Suas maneiras eram as de um homem ferido em sua dignidade e firmemente resolvido a exigir explicações. Na ocasião em que despira o sobretudo, já ele pensara se o melhor castigo a infligir a essas senhoras não seria retirar-se imediatamente. Todavia não o fez, porque gostava das situações definidas. Elas que assim procediam é que teriam alguma razão para isso. Mas que razão? Mais valia pôr tudo claro: era sempre tempo de castigar, e a punição pela demora não era menos certa.

— Fez bem sua viagem, não é verdade? — perguntou por delicadeza a Pulquéria Alexandrovna.

— Graças a Deus!

— Estimo muito. E Avdótia Romanovna também não se fatigou, pois não?

— Eu sou nova e forte; nada me cansa, mas para mamãe a viagem foi muito incômoda — respondeu Dúnia.

— Então! Nossas estradas são tão extensas, a Rússia é tão grande... Apesar de meus bons desejos, não pude ir ontem esperá-las. Mas chegaram bem?

— Oh! Desculpe-me, Petróvitch; mas encontramos-nos numa situação muito difícil — respondeu logo Pulquéria Alexandrovna com uma entonação particular. — E se Deus não nos enviasse Dmitri Prokófitch, não saberíamos realmente o que havíamos de fazer... Permita-me que lhe apresente nosso salvador: Dmitri Prokófitch Razumíkhin.

— Já ontem tive o prazer de... — disse Lujine lançando a Razumíkhin um olhar de antipatia.

Pedro Petróvitch era uma dessas criaturas que se esforçam por parecer amáveis e brilhantes, mas que, à menor contrariedade, perdem subitamente a serenidade, a ponto de mais parecerem meninos amuados do

que cavalheiros de fino trato. O silêncio reinou de novo: Raskólnikov mantinha-se numa obstinada mudez. Avdótia Romanovna não julgava a ocasião oportuna para falar. Razumíkhin não tinha o que dizer, e, portanto, Pulquéria Alexandrovna viu-se ainda na necessidade de manter a conversação.

— Marfa Petrovna morreu, sabia? — começou, empregando o supremo recurso em semelhante caso.

— Sabia! Fui informado imediatamente do triste acontecimento, e posso até dizer-lhes que, após o enterro de sua mulher, Árcade Ivânovitch Svidrigailov veio a toda a pressa para São Petersburgo. Tive essa notícia de boa fonte.

— Aqui? Em São Petersburgo? — perguntou assustada Dúnia, trocando um olhar com a mãe.

— É verdade. E deve supor-se que não veio sem nenhuma intenção; a precipitação da partida e o conjunto de circunstâncias anteriores assim o levam a crer.

— Meu Deus! Virá apoquentar outra vez Dunetchka?! — exclamou Pulquéria.

— Parece-me que não há razões para se inquietarem com a presença dele em São Petersburgo, pelo menos por ora. Por mim, estou de sobreaviso.

— Ah! Pedro Petróvitch, não calcula como me assustou agora! disse Pulquéria. Vi esse homem apenas duas vezes e pareceu-me terrível; terrível! Tenho certeza de que foi ele o causador da morte da infeliz Marfa Petrovna.

— As informações que recebi não levam a essa conclusão. Ademais, não vejo em que seu procedimento tivesse, até certo ponto, abreviado o curso natural das coisas. Mas, quanto ao comportamento e em geral às qualidades morais da personagem, estamos de acordo. Ignoro se ficou rico com o que Marfa Petrovna lhe deixou. Sabê-lo-ei logo. O certo é que, achando-se em São Petersburgo, não tardará a voltar aos antigos hábitos, por poucos que sejam seus recursos. Não há homem mais vicioso e depravado! Marfa Petrovna, que teve a infelicidade de se apaixonar por ele, que lhe pagou as dívidas, ainda lhe foi útil por outra forma. À custa de muitos esforços e sacrifícios, conseguiu abafar o processo que podia muito bem tê-lo levado à Sibéria, Tratava-se de um assassinio cometido em

condições medonhas e, por assim dizer, fantásticas. Eis o que é esse homem.

— Ah, meu Deus! — exclamou Pulquéria Alexandrovna.

Raskólnikov ouvia atentamente.

— Segundo nos disse, suas informações são de origem segura? — perguntou Dúnia, desabrida e enfaticamente.

— Limito-me a repetir o que ouvi de Marfa Petrovna. É preciso notar que, do ponto de vista jurídico, esse caso era muito obscuro. Naquela época, vivia aqui, e parece que ainda vive, uma tal Resslich, estrangeira, que emprestava a juros e exercia ainda outras profissões. Entre essa mulher e Svidrigailov existiam, há muito tempo, relações íntimas e misteriosas. Vivia com ela uma parenta afastada, sobrinha, creio eu, rapariga de 14 ou 15 anos, surda-muda. A Resslich não podia aturar a moça, dava-lhe maus tratos, batendo-lhe barbaramente. Um dia, a infeliz foi encontrada enforcada. As investigações concluíram que se tratava de suicídio, e o caso ficava por ali quando a polícia recebeu — denúncia de que a pequena fora violada por Svidrigailov. Francamente, tudo isso era pouco claro: a denúncia fora dada por outra mulher estrangeira de caráter duvidoso e cujo depoimento não podia valer muito. Daí a pouco tempo, ninguém mais falou sobre o processo. Marfa Petrovna pusera-se em campo, espalhara dinheiro e conseguira paralisar a ação da justiça. Nem por isso deixaram de formar-se as opiniões mais desagradáveis sobre Svidrigailov. Falaram-lhe também, naturalmente, Avdótia Romanovna, no caso do criado Filipe, que morreu vítima de maus tratos. O caso passou-se há seis anos, quando havia ainda a escravatura.

— Ouvi dizer que Filipe se enforcara.

— Pois sim, mas foi levado a isso, ou melhor, obrigado a isso, pelas brutalidades incessantes e vexames continuados de que o patrão o fazia vítima.

— Não sabia — disse secamente Dúnia —, ouvi apenas a esse respeito uma história bastante curiosa: esse Filipe parece que era hipocondríaco, uma espécie de criado filósofo; os companheiros diziam que as leituras o tinham perturbado; e, pelo que contam, conclui-se que se enforcou não por causa dos maus tratos, mas pelas troças que lhe faziam. Sempre vi Svidrigailov tratar os criados com humanidade: todos gostavam dele, embora lhe atribuíssem a morte de Filipe.

— Vejo que toma a peito defendê-lo respondeu Lujine com um sorriso equívoco. — É verdade que ele é homem hábil para insinuar-se no coração das senhoras: a infeliz Marfa Petrovna, morta em circunstâncias tão singulares, bem lamentavelmente o provou. Quis avisá-las apenas, a ela e a sua mãe, prevendo qualquer tentativa que ele não deixará de renovar. Quanto a mim, estou firmemente convencido de que esse homem acabará preso, por dívidas. Marfa Petrovna pensava muito no futuro dos filhos, e assim não teria deixado ao marido uma parte importante da fortuna. Naturalmente legou-lhe o bastante para viver sem dificuldades, mas, com seu gênio dissipador, antes de um ano terá perdido tudo.

— Peço-lhe, Pedro Petróvitch, que não fale mais de Svidrigailov. Desagrada-me muito essa conversa.

— Ele foi procurar-me — disse subitamente Raskólnikov, que até então estivera calado.

Todos voltaram-se para Ródion com exclamações de surpresa. Até Pedro Petróvitch parecia intrigado.

— Há uma hora, eu estava dormindo. Ele entrou, acordou-me e apresentou-se — continuou Raskólnikov. — Estava alegre, muito à vontade; espera que eu venha a ser amigo dele. Entre outras coisas, deseja ardentemente falar contigo, Dúnia, pediu-me que servisse de mediador nesse sentido. Tem uma proposta a fazer-te e disse-me o que era. Assegurou-me, positivamente, que Marfa Petrovna te deixara, em testamento, três mil rublos, e que podes receber esse dinheiro sem demora.

— Louvado seja Deus! — disse Pulquéria Alexandrovna, benzendo-se. — Reza por ela, Dúnia, reza!

— O fato é verdadeiro — disse Lujine.

— E depois? — perguntou com interesse Dúnia.

— Depois, disse-me que ele próprio não era rico, e toda a fortuna pertencia aos filhos, que estão agora na casa de uma tia. Disse também que morava perto de mim, mas onde? Ignoro, porque não lhe perguntei.

— Que proposta quer ele, então, fazer a Dúnia — perguntou sobressaltada Pulquéria Alexandrovna. — Disse-te?

— Disse.

— Então o que é?

— Mais tarde direi.

Tendo respondido assim, Raskólnikov começou a tomar seu chá.

Pedro Petróvitch olhou o relógio.

— Um negócio urgente obriga-me a deixá-los, e assim não me torno importuno para o que têm a dizer — acrescentou parecendo melindrado. E levantou-se.

— Fique, Pedro Petróvitch; tinha prometido passar a noite conosco. Ademais, sua carta dizia que desejava falar com mamãe.

— É verdade, Avdótia Romanovna — respondeu Pedro Petróvitch, tornando a sentar-se, mas com o chapéu na mão — desejava, com efeito, falar com sua mãe e com a senhora sobre um assunto da mais alta gravidade. Mas como seu irmão não pode contar diante de mim as propostas de Svidrigailov, eu não posso nem quero explicar-me diante... de terceiras pessoas... sobre uma questão de extrema importância. Ademais, tinha manifestado, nos termos mais positivos, um desejo de que não fez caso...

A fisionomia de Lujine tomou um ar severo e altivo.

— Efetivamente tinha-nos pedido que meu irmão não assistisse a essa nossa reunião, mas, se ele não respeitou seu pedido, foi por instância minha — respondeu Dúnia. Em sua carta, dizia-nos que meu irmão o insultou. Ora, eu desejo que não haja entre os dois algum dissídio e que se reconciliem. Se realmente Ródia o ofendeu, deve pedir-lhe desculpa, e decerto pedirá.

Ouvindo essas palavras, Pedro Petróvitch se sentiu ainda menos disposto a fazer concessões.

— Apesar da melhor boa vontade, Avdótia Romanovna, há certas injúrias que não se podem esquecer. Em tudo há um limite que é perigoso ultrapassar, porque, uma vez que tal se faça, é impossível voltar atrás.

— Não era exatamente sobre isso que eu falava, Pedro Petróvitch — interrompeu Dúnia com alguma impaciência. — Por favor, compreenda que todo nosso futuro depende de que tudo isso seja esclarecido tão breve quanto possível. Disse-lhe francamente para não ver esse fato sob outra luz, e, se tiver alguma consideração por mim, tudo deverá ser solucionado hoje, seja qual for a dificuldade. Repito-lhe: se meu irmão for culpado, ele lhe pedirá desculpa.

— Surpreendo-me em ter colocado a questão nesses termos — disse Lujine cada vez mais irritado. — Estimando, e podendo dizer adorando-a, ao mesmo tempo e sem dúvida alguma, posso não gostar de algum

membro de sua família. Embora reivindique a felicidade de tê-la por esposa, não posso aceitar obrigações incompatíveis com...

— Ah! Não se ofenda por tão pouco, Pedro Petróvitch — interrompeu Dúnia comovida —; seja o homem inteligente e nobre que sempre conheci e desejo sempre ver. Fiz-lhe uma promessa, ser sua mulher; confie em mim nessa questão e creia que a julgarei imparcialmente. O papel de juiz que tomo não é surpresa para nenhum dos dois. Quando hoje, depois de receber sua carta, instei com meu irmão para vir, nada lhe disse de minhas intenções. Compreendo que recusem reconciliar-se; eu serei forçada a optar por um e excluir o outro. É assim que a questão fica posta. Não quero, nem devo, enganar-me na escolha que fizer. Se o escolher, deixarei meu irmão; escolhendo meu irmão, abandonarei o senhor. Posso e quero julgar seus sentimentos a meu respeito. Vou saber se tenho em Ródia um irmão e em Pedro Petróvitch um esposo que me ama.

— Avdótia Romanovna — respondeu Lujine arrogantemente —, suas palavras prestam-se a muitas interpretações; direi mais, são ofensivas para a situação em que tenho a honra de estar para com você. Sem falar no quanto me magoa ver-me considerado pessoa orgulhosa; elas parecem significar a possibilidade de que nosso casamento não se realize. Disse que vai escolher entre mim e seu irmão; assim mostra quanto lhe mereço... Não posso aceitar isso, dadas nossas relações e os compromissos de parte a parte.

— Como! — exclamou Dúnia corando. — Então eu ligo seus interesses ao que tenho de mais caro na vida e diz-me que me merece pouco!

Raskólnikov sorriu sarcasticamente, Razumíkhin fez uma careta, mas a resposta de Dúnia não sossegou Lujine, que, cada vez, estava mais corado e mais áspero.

— O amor ao marido, ao futuro companheiro da vida, deve ser superior ao amor fraterno — declarou ele sentenciosamente —, e, em todo caso, eu não posso ser posto a par... Conquanto tivesse dito há pouco que não queria nem podia explicar-me na presença de seu irmão sobre o principal motivo de minha visita, há um ponto, muito importante para mim, que desejava esclarecer logo, com sua mãe. Seu filho — continuou, dirigindo-se a Pulquéria Alexandrovna —, ontem, diante do senhor Rassudkine (não é assim que se chama? Desculpe-me, esqueci-me de seu nome, disse ele a Razumíkhin, cumprimentando-o amavelmente),

ofendeu-me pelo modo como alterou uma frase pronunciada por mim ultimamente, ao tomar café em sua casa. Eu disse que, para mim, uma moça pobre e que já sofreu privações dava a um marido mais garantias de moralidade e felicidade do que uma que nunca sentiu falta de coisa alguma. Seu filho, propositadamente, deu um sentido absurdo às minhas palavras, atribuiu-me intenções odiosas, e presumo que se fundou, para fazê-lo, em suas cartas. Far-me-ia um grande favor se me dissesse exatamente por que palavras reproduziu meu pensamento na carta que fez a Ródion Românovitch.

— Não me lembro — retorquiu embaraçada Pulquéria Alexandrovna —, mas reproduzi-o conforme o percebi. Não sei como Ródia lhe repetiu essa frase. É possível que ele a tenha alterado, trocado as palavras.

— Se o fez foi inspirado em sua carta.

— Pedro Petróvitch — tornou com altivez Pulquéria Alexandrovna, a prova de que Dúnia e eu não tomamos em mau sentido suas palavras —, é que estamos aqui reunidos.

— Exatamente, mamãe — aprovou Dúnia.

— Então fui eu que andei mal! — disse Lujine magoado.

— Pedro Petróvitch acusa sempre Ródion. Ainda há pouco, sua carta o culpava de um fato que é falso — disse Pulquéria Alexandrovna animada pelo *satisfecit* da filha.

— Não me lembro de ter escrito falsidade alguma.

— Conforme sua carta — interrompeu duramente Raskólnikov sem se voltar para Lujine —, o dinheiro que ontem dei à viúva de um homem que foi esmagado por uma carruagem, dei-lhe por causa da filha (que eu via pela primeira vez). O senhor escreveu isso com a intenção de me indispor com minha família e, para melhor o conseguir, qualificou do modo mais ignóbil a vida de uma moça que não conhece. Isso é uma reles injúria.

— Desculpe, senhor — respondeu Lujine, trêmulo de raiva —, se, em minha carta, fiz considerações a seu respeito foi unicamente porque sua mãe e sua irmã me pediam que lhes dissesse em que situação o encontrara e que impressão me causara. Ademais, desafio-o a provar a falsidade do fato a que se refere. Negará que desbaratou o dinheiro, e, quanto à família de que se trata, atrever-se-á a garantir a respeitabilidade de todos os membros?

— Em minha opinião, apesar de toda a sua respeitabilidade, o senhor não vale um cabelo da pobre moça que caluniou.

— Dessa forma não hesitará em trazê-la à casa de sua mãe e sua irmã?

— Se o deseja saber, dir-lhe-ei que já a apresentei. Hoje mesmo, a meu pedido, ela esteve junto de mamãe e de Dúnia.

— Ródia! — exclamou Pulquéria Alexandrovna. Dunetchka corou; Razumíkhin franziu a testa; Lujine exibiu um riso de desprezo.

— Veja, Avdótia Romanovna — disse ele —, se é possível chegarmos a um acordo. Espero que esse caso fique liquidado e que nunca mais falemos em tal coisa. Retiro-me para não interromper a reunião de família; ademais, devem ter confidências a fazer. (Levantou-se e pegou o chapéu.) Mas permitam que lhes diga, antes de me ir, que desejo, de hoje para o futuro, nunca mais ter de encontrar-me em tal companhia. É à senhora particularmente, digna senhora, que faço esse pedido, tanto mais que minha carta foi dirigida só à senhora e a mais ninguém.

Pulquéria Alexandrovna irritou-se.

— Pensa que nos governa, Pedro Petróvitch?! Dúnia já lhe disse por que não foi satisfeito o seu desejo; as intenções dela eram boas. Mas, francamente, sua carta era muito imperiosa. Devemos aceitar seus desejos como ordens? Ao contrário; agora, principalmente, deve tratar-nos com muita consideração, porque nossa confiança no senhor é tanta, que tudo deixamos para vir aqui e, portanto, ficamos à sua discrição.

— Isso não é absolutamente certo, Pulquéria Alexandrovna, sobretudo no momento em que sabe do legado de Marfa Petrovna à sua filha. Esses três mil rublos chegam bem a propósito, a julgar pelo tom altivo com que me fala — disse Lujine.

— Essa observação faz supor que especulou com nossas privações — observou Dúnia, indignada.

— Mas agora já não posso fazer o mesmo e não quero impedir que ouçam as promessas secretas de Svidrigailov, que seu irmão está encarregado de trazer. Pelo que vejo, dão-lhes importância capital, e, talvez, até lhes sejam muito agradáveis.

— Oh, meu Deus! — bradou Pulquéria.

Razumíkhin não conseguia estar sentado na cadeira.

— Não te sentes envergonhada, minha irmã? — disse Raskólnikov.

— Sim, Ródia — respondeu Dúnia. — Pedro Petróvitch, saia! — disse ela pálida de furor.

Lujine não esperava esse desfecho. Presumira muito de sua pessoa e contara demasiadamente com a força e a fraqueza de suas vítimas. Mesmo agora, ainda não podia crer no que ouvira.

— Avdótia Romanovna — disse ele, mudando de cor e com os lábios trêmulos —, se eu sair agora, fique certa de que nunca mais volto. Pense bem! Eu tenho uma só palavra.

— Que arrojo! — exclamou Dúnia. — Mas se eu não desejo que volte.

— Sério? — gritou Lujine, fora de si, vendo realizado um rompimento que julgava impossível. — Pois bem! Mas saiba, Avdótia Romanovna, que eu posso protestar...

— Que significa esse modo de falar? — perguntou com energia Pulquéria. — Como pode protestar? Que direito tem para isso? Eu não darei minha filha a um homem como o senhor! Saia, vá-se embora, deixe-nos em paz. No que andamos mal foi em permitir intimidades; e eu então, eu...

— Contudo, Pulquéria Alexandrovna — disse Petróvitch furioso —, eu tinha sua palavra, que, vejo, retira agora, e enfim... enfim... sempre fiz despesas...

Estas palavras, tão próprias do caráter de Lujine, fizeram rir Raskólnikov, apesar da raiva que o dominava. Mas Pulquéria Alexandrovna é que não se conteve.

— Despesas? — perguntou com violência. — Vai falar das passagens que nos mandou? Mas disse-nos que obtivera o transporte gratuito. Tínhamos dado nossa palavra? Mas as situações mudam! Éramos nós que estávamos às suas ordens, e não o senhor que estava às nossas.

— Basta, mamãe, basta! — disse Dúnia. — Pedro Petróvitch, faça-nos o favor de sair.

— Eu saio; uma última palavra apenas — disse ele muito exaltado. — Sua mãe parece ter esquecido que lhe pedi sua mão, Avdótia, numa ocasião em que toda a gente dizia a seu respeito coisas pouco agradáveis. Afrontei a opinião, restabeleci seu bom nome, tinha motivos para esperar gratidão... mas agora abriram-me os olhos! Vejo que meu procedimento foi pouco refletido e que talvez fizesse mal em desprezar o que se dizia...

— Mas ele quer que lhe partam a cara! — exclamou Razumíkhin, pondo-se de pé para castigar o insolente.

— O senhor é um vilão, um miserável! — disse Dúnia.

— Nem uma palavra! Nem um gesto! — exclamou Raskólnikov sustendo Razumíkhin. — Vá-se embora — disse em voz baixa, mas perfeitamente clara —, e nem mais uma palavra, senão...

Pedro Petróvitch, com o rosto branco e vincado pela cólera, olhou para ele durante alguns segundos; em seguida, voltou as costas e desapareceu, levando no coração um ódio mortal contra Raskólnikov, a quem atribuía toda a sua desgraça. Deve notar-se que, enquanto descia a escada, pensava que não estava tudo perdido e que a reconciliação era ainda possível — quanto à mãe e à filha.

CAPÍTULO III

O fato é que Lujine nunca esperara tal desfecho. Vangloriara-se até o último instante, nunca sonhara que duas indefesas e fracas mulheres pudessem escapar de seu controle. Essa convicção era robustecida por sua vaidade e seu orgulho, um orgulho que atingia as raias do ridículo. Pedro Petróvitch subira da insignificância, era morbidamente vítima do narcisismo; tinha os mais altos conceitos sobre sua inteligência e capacidade, e, por vezes, se admirava sozinho ao espelho. Porém amava e valorizava sobretudo o dinheiro, conseguido com seu trabalho e toda a sorte de expedientes: o dinheiro o igualava a todos que lhe foram superiores.

Quando, amargurado, relembrou a Dúnia que se decidira a desposá-la, apesar dos comentários desairosos, Pedro Petróvitch falara sinceramente convicto e, em verdade, sentira genuína indignação por tão “negra ingratidão”. Apesar disso, quando pedira a mão de Dúnia, estava inteiramente a par da inconsistência das calúnias. A história fora contraditada por Marfa Petrovna em todas as minúcias e, na época, ninguém mais lhe dava crédito no vilarejo, onde todos defendiam calorosamente Dúnia. E, instado, não negaria já conhecer tudo. Falando com Dúnia, omitira os sentimentos secretos que acariciava e admirava e não podia entender que outros não os pudessem admirar também. Visitara Raskólnikov com a atitude de um benfeitor, como quem vai colher os frutos sazoados de suas boas ações ou ouvir agradáveis elogios. Agora, ao descer as escadas, sentia-se imerecidamente injuriado e sem que ninguém lhe demonstrasse reconhecimento.

Dúnia tornara-se vital para ele, viver sem ela era inconcebível. Durante muitos anos, tivera sonhos voluptuosos com o casamento, mas continuara esperando, enquanto juntava dinheiro. Gostosa e secretamente, ruminava no pensamento a figura de uma moça — virtuosa, pobre (devia ser pobre), jovem, bela, de boa condição social e instrução, tímida, que muito sofrera

e fosse humilde em relação a ele, uma que o olhasse o resto da vida como seu salvador, que o venerasse, e só a ele. Quantas cenas, quantos episódios amorosos imaginara em seus devaneios langorosos, cheios de sedução e prazer, ao terminar suas tarefas diárias! E o sonho de tantos anos se realizara; a beleza e a instrução de Avdótia Romanovna o impressionaram, sua posição de abandono fora uma tentação; nela encontrara mais que seu sonho realizado. Estava retratada nela a moça de brio, caráter, virtude, de instrução e polidez superior à dele (ele o sentia), e essa criatura sentir-se-ia submissamente agradecida a ele, para o resto da vida, por seu heroico assentimento, e humilhar-se-ia, arrojando-se no pó, à sua frente, e ele teria absoluto e irrestrito domínio sobre ela. Por seu lado, não muito tempo depois, após longa reflexão e hesitação, fizera importante mudança de carreira e estava prestes a entrar em um círculo mais amplo de negócios. Com essa mudança, seus acalentados sonhos de galgar uma posição social mais elevada pareciam a ponto de se realizar. Estava realmente decidido a tentar a sorte em São Petersburgo. Sabia que as mulheres são grandes auxiliares. O fascínio de uma encantadora, virtuosa e polida mulher podia tornar o caminho mais fácil, graças ao poder de atrair pessoas; por outro lado, cercava o marido de uma auréola. E agora tudo ruína! Esse súbito e terrível acontecimento atingiu-o como o impacto de um raio; era como uma odiosa brincadeira, um absurdo. Só mostrara um início de prepotência, não tivera tempo de dar curso às suas ideias, fizera uma simples brincadeira, fora levado pelos impulsos — e tudo tivera um fim tão sério. Em verdade, também, amava Dúnia a seu modo, já a possuía em seus sonhos — e de repente...! Não! No dia seguinte, tudo teria de ser consertado, polido, pacificado. Sobretudo devia arrasar aquele maricas orgulhoso, a causa de tudo. Com um sentimento doentio não conseguiria reconciliar-se com Razumíkhin, mas, em breve, assegurou-se dessa possibilidade; como se um garoto desses pudesse ombrear-se com ele! O homem realmente a temer era Svidrigailov... Em poucas palavras, tinha muito que fazer...

* * *

— Não, mais do que ninguém devo ser recriminada — disse Dúnia abraçando a mãe. — Fui tentada pelo dinheiro, meu irmão, mas, por minha

honra não sabia que era um canalha. Se desconfiasse, nada me tentaria. Não me culpes, Ródia!

— Deus nos livre! Deus nos livre! — murmurou Pulquéria Alexandrovna, semiconsciente, mal entrevedo o que acontecera.

Durante cinco minutos, todos se sentiram aliviados, traduzindo-se mesmo a alegria por gargalhadas. Apenas a fisionomia de Dunetchka tomava, de vez em quando, um aspecto sombrio, como se a formosa moça se lembrasse da cena anterior. Pulquéria Alexandrovna surpreendia-se também em estar alegre, ainda pela manhã considerava o rompimento com Lujine um terrível infortúnio. Mas, de todos, o que ficou mais satisfeito foi Razumíkhin. A alegria, que não se atrevia ainda a manifestar abertamente, traía-se por uma excitação febril que o dominava totalmente. Agora, tinha o dever de consagrar toda a vida àquelas senhoras, de prestar-lhes todos os serviços... Todavia afastava essas ideias para longe, receando que tomassem corpo. Raskólnikov conservava-se imóvel e triste, não tomando parte na alegria geral; podia dizer-se que seu espírito não estava ali. Insistira tanto no rompimento com Lujine, e agora, que ele se efetuava, era quem menos importância lhe dava. Dúnia não podia esquivar-se da ideia de que Ródia ainda estava zangado com ela, e Pulquéria Alexandrovna observava-o inquieta.

— Que te disse Svidrigailov? — perguntou Dúnia, aproximando-se de Raskólnikov.

— Ah, é verdade! — exclamou Pulquéria.

Raskólnikov ergueu a fronte.

— Svidrigailov quer por força dar-te dez mil rublos e deseja ver-te uma só vez, estando eu presente.

— Vê-la! Nunca! — exclamou Pulquéria. — E como se atreve a oferecer dinheiro?

Raskólnikov contou, secamente, o que se passara entre ele e Svidrigailov, omitindo as visitas fantasmagóricas de Marfa Petrovna, desejoso de evitar qualquer conversa supérflua.

— Que resposta lhe deste? — perguntou Dúnia.

— A princípio disse que não traria nenhum recado. Então, me disse que faria o impossível para conseguir um encontro contigo, já que eu não o auxiliava. Assegurou-me que a paixão por ti fora passageira, não tendo

mais nenhuma atração por ti. Ele quer evitar que te cases com Lujine... Sua conversa foi sempre confusa.

— Qual a tua opinião, Ródia? Ele te impressionou?

— Devo confessar que não o entendi bem. Ofereceu-te dez mil rublos e ainda disse não estar bem de vida. Disse que viajará e, em dez minutos, esqueceu o que dissera. Disse que vai casar-se e já ter a moça escolhida... Sem dúvida tem um intento... e só pode ser maligno. Não compreendo como pode ser tão grosseiro quando tem algum desígnio... Em teu lugar, rejeitaria o dinheiro dele... No conjunto, julgo-o muito estranho... quase considero-o louco, mas posso estar errado; nele se vê só o que deseja mostrar... A morte de Marfa Petrovna parece tê-lo impressionado muito.

— Deus guarde sua alma! — exclamou Pulquéria Alexandrovna. Rezarei sempre por ela! Onde estaríamos hoje, Dúnia, sem os três mil! Caíram do céu! Isso porque, Ródia, esta manhã tínhamos só três rublos nos bolsos e Dúnia e eu planejáramos empenhar o relógio para evitar que aceitássemos qualquer auxílio que Lujine nos oferecesse.

Dúnia estava estranhamente impressionada com o oferecimento de Svidrigailov. Ficou pensativa por muito tempo.

— Preparou algum indigno projeto! — murmurou aterrorizada.

Raskólnikov abalou-se com o terror da irmã.

— Hei de tornar a encontrar-me com ele — disse.

— Havemos de vê-lo! Eu o descobrirei! — acrescentou com vivacidade Razumíkhin. — Não o perco de vista. Ródia autorizou-me. Ainda há pouco, me disse: “Protege minha irmã.” Consente, Avdótia Romanovna? Consente?

Dúnia sorriu, estendeu-lhe a mão, mas, em seu rosto, via-se que estava apreensiva. Pulquéria olhou para ela com ar tímido; aliás, os três mil rublos tinham-na tranquilizado, sensivelmente.

Um quarto de hora depois, conversava-se vivamente. Raskólnikov, mantendo-se calado, prestava no entanto atenção ao que se dizia em torno.

— Mas por que há de ir embora? — perguntou Razumíkhin mecanicamente. — Que vai fazer em sua terra, tão pequena e tão ruim? O ponto capital a considerar é que, estando aqui, estão todos juntos; e como precisam uns dos outros, quanto mais juntos estiverem, tanto melhor. Fique algum tempo... Aceite-me como amigo, como sócio, e asseguro-lhe que faremos um bom negócio. Vou explicar-lhe minuciosamente meu

projeto: esta manhã, antes de tudo o que se passou, já eu tivera esta ideia. Quer ver?...

“Eu tenho um tio (hei de apresentar-lhe: é um velho muito gentil e muito respeitável); esse tio tem um capital de dois mil rublos porque apenas gasta o ordenado que lhe garante as despesas. Há dois anos que ele não se cansa de oferecer-me essa quantia a 6%. Eu compreendo: é um modo de auxiliar-me. O ano passado não precisei de dinheiro, mas este ano só espero que ele renove a oferta para dizer-lhe que aceito o dinheiro. Aos dois mil rublos de meu tio juntam-se mil seus, e temos a sociedade formada! E o que vamos fazer com isso?”

Então Razumíkhin pôs-se a desenvolver seus planos: em seu modo de ver, a maior parte dos livreiros e editores fazia maus negócios, porque não sabia o ofício; mas, com boas obras, podia-se ganhar muito dinheiro. Havia já dois anos que ele trabalhava para algumas livrarias; estava a par do negócio e sabia muito bem três línguas europeias. Seis dias antes, dissera a Raskólnikov que sabia pouco do alemão, mas com o intuito de decidi-lo a colaborar numa tradução que lhe devia dar alguns rublos. Raskólnikov não percebera essa mentira.

— Por que havemos de deixar de fazer um bom negócio se dispomos do mais essencial dos meios: o dinheiro? — continuou, animando-se. — Sem dúvida é preciso trabalhar muito, mas trabalharemos; dedicar-nos-emos todos à empresa: Avdótia, eu, Ródion... Há publicações que dão grandes lucros. Temos ainda a vantagem de saber escolher o que se há de traduzir. Seremos, simultaneamente, tradutores, editores e professores. Eu, agora, posso ser útil, porque já tenho experiência. Há dois anos que vivo com livreiros; conheço todos os segredos do negócio, e não se trata de beber o mar. Quando se oferece ocasião para ganhar alguma coisa, por que não se há de aproveitar? Posso citar dois ou três livros estrangeiros cujas traduções darão muito dinheiro. Se os indicasse a um de nossos editores, só por isso não receberia menos de quinhentos rublos, mas estão bem livres disso! E talvez esses imbecis hesitassem! Quanto à parte material do ramo: impressão, papel, venda — eu me encarrego dela! Sei bem como tudo isso se faz! Começaremos modestamente, desenvolvendo pouco a pouco o negócio, e faremos fortuna.

Os olhos de Dúnia cintilaram.

— Sua proposta agrada-me muito, Dmitri — disse ela.

— Eu não entendo dessas coisas — acrescentou Pulquéria Alexandrovna —, mas talvez o projeto seja bom; Deus o sabe. Decerto somos forçados a ficar aqui algum tempo... — disse, relanceando um olhar para o filho.

— E que pensa a esse respeito? — perguntou Dúnia ao irmão.

— Acho a ideia excelente, respondeu Raskólnikov. — É claro que não se improvisa de um dia para outro uma livraria; mas há cinco ou seis livros que garantem um sucesso seguro. Podem ter toda a confiança no critério de Razumíkhin; sabe do ofício... Mas têm tempo para falar sobre o negócio.

— Hurra! — gritou Razumíkhin. — Agora, esperem; há aqui, neste mesmo prédio, uma casa independente que se aluga; não é cara, está mobiliada e tem três compartimentos. Aconselho que a aluguem. Ficam lá muito bem, podendo estar todos juntos...

— Mas aonde vais, Ródia? — perguntou Pulquéria Alexandrovna, inquieta.

— Nessa ocasião! — gritou Razumíkhin.

Dúnia olhou para o irmão surpreendida e desconfiada. Ródia tinha o chapéu na mão e preparava-se para deixá-los.

— Dir-se-ia que é uma separação eterna! Reparem que não vou morrer! — disse de modo estranho.

Sorriu... Mas que sorriso!

— E, quem sabe, talvez seja a última vez que nos vemos! — emendou de repente.

Essas palavras vieram-lhe espontaneamente aos lábios.

— Mas que tens? — perguntou ansiosa a mãe.

— Aonde vais? — interrogou a irmã, dando à pergunta um acento particular.

— Preciso partir — respondeu ele. Sua voz era hesitante, mas o rosto pálido exprimia uma resolução firme. — Eu queria dizer... vindo aqui... queria dizer-lhe, mamãe, e a ti também, Dúnia, que era melhor separarmos por algum tempo. Não me sinto bem, preciso de repouso... voltarei depois... voltarei logo que possa. Não as esqueço e amá-las-ei muito... Mas deixem-me! Deixem-me só! Minha resolução é irrevogável. Aconteça o que acontecer, quero estar só. Esqueçam-me. Vale mais... Não queiram

saber de mim. Quando for preciso, virei... Tudo se há de arranjar, talvez... Do contrário, havia de odiá-las... Adeus...

As duas mulheres e o amigo estavam aterrados.

— Meu Deus! — suspirou Pulquéria.

— Ródia, Ródia! Faze as pazes conosco, sejamos amigos como antes! — suplicava a pobre mãe.

Raskólnikov encaminhou-se para a porta; Dúnia aproximou-se dele.

— Meu irmão! Como podes tratar assim nossa mãe? — Seu olhar chamejava de indignação.

Ele fez um grande esforço para olhar para ela.

— Não é nada! Voltarei! — disse a meia-voz. E saiu.

— Egoísta! Coração sem piedade! — exclamou Dúnia.

— Não é um egoísta, é um doido! Está doido, digo-lhe eu! Talvez não pareça. Mas nessas circunstâncias nós é que não temos piedade — disse Razumíkhin ao ouvido de Dúnia, apertando-lhe a mão com força.

— Eu já volto! — disse em voz alta a uma Pulquéria Alexandrovna sucumbida e partiu.

Raskólnikov esperava-o no fim do corredor.

— Eu bem sabia que vinhas ter comigo — disse-lhe. — Vai para junto delas e não as abandones... Fica com elas até amanhã... e sempre... Eu... voltarei... se puder... talvez... Adeus!

Ia afastar-se sem apertar a mão de Razumíkhin.

— Mas aonde vais? — perguntou ele atordoado. — Que tens? Por que procedes desse modo?

Raskólnikov parou novamente.

— De uma vez por todas: nunca mais me interrogues, pois não te posso responder... Não voltes à minha casa. Eu talvez venha aqui. Deixa-me, mas a elas... *não as abandones*. Compreendes-me?

O corredor era escuro; mas os dois estavam perto de uma lâmpada. Olharam-se silenciosamente. O estudante viu nessa ocasião toda a vida de Raskólnikov, cujo olhar fixo e brilhante parecia querer penetrar-lhe até o fundo da alma. De repente, Razumíkhin estremeceu, ficou pálido como um cadáver: a horrível verdade acabava de revelar-se-lhe.

— Compreendeu agora? — perguntou subitamente Raskólnikov, com a fisionomia medonhamente alterada... — Volta para junto delas — disse, e afastou-se rapidamente.

Não se descreve a cena que se passou à volta de Razumíkhin. Como se compreende, ele empregou todos os meios para tranquilizar as senhoras. Assegurou-lhes que Ródia estava doente, precisava descansar; jurou-lhes que ele havia de voltar, que o veriam todos os dias. Ródion estava moralmente afetado; era preciso não o contrariar. Prometeu vigiá-lo, fazê-lo tratar-se por um bom médico, pelo melhor; se fosse necessário, chamaria para o examinarem os príncipes da ciência...

Desde aquela noite Razumíkhin foi considerado pelas duas um filho e um irmão.

CAPÍTULO IV

Raskólnikov dirigiu-se para a casa à margem do canal onde vivia Sônia. O prédio, que tinha três andares, era uma velha construção pintada de verde. Não sem custo encontrou o *dvornik*, e por ele soube onde morava o alfaiate Kapernáumof. Depois de ter descoberto no canto do pátio uma escada estreita e escura, subiu ao segundo andar e seguiu pelo corredor em frente. Ao fundo, encontrou uma porta, em que bateu maquinalmente.

— Quem está aí? — perguntou uma voz trêmula de mulher.

— Sou eu... venho visitá-la — respondeu Raskólnikov, e entrou para um cubículo onde, numa mesa ordinária, ardia uma vela num castiçal de cobre.

— Ah, é o senhor! — disse Sônia, muito abatida, parecendo não ter forças para se mover.

— É aqui que mora? Aqui?

E Raskólnikov passou em seguida para o quarto de dormir, sem olhar para a moça.

Momentos depois, Sônia estava junto dele com o castiçal na mão, de pé, presa de uma agitação indefinida. Essa inesperada visita assustava-a. De repente corou, e as lágrimas umedeceram-lhe os olhos. Sentia um enternecido acanhamento... Raskólnikov desviou-se um pouco, sentando-se na cadeira, junto à mesa. Num relance, analisou tudo o que havia no aposento.

Só essa sala, grande mas muito baixa, é que os Kapernáumof tinham alugado a Sônia; à esquerda havia uma porta que dava para o quarto deles; à direita, outra que estava sempre fechada. O quarto de Sônia parecia um estábulo, com a forma de retângulo muito irregular. A parede, onde havia três janelas, dando para o canal, fazia um ângulo muito agudo, em cujo vértice nada se podia distinguir porque a luz da vela era muito fraca. O ângulo oposto era, ao contrário, muito obtuso. No quarto, quase não havia móveis. No canto da direita, uma cama; entre a cama e a porta, uma

cadeira; do mesmo lado, em frente à porta fechada, uma mesa coberta com um pano azul; junto à mesa, duas cadeiras de vime. Encostada à outra parede, próximo do ângulo agudo, uma cômoda que nunca fora envernizada parecia perdida no espaço. E era tudo. O papel que forrava as paredes, amarelado, sujo, estava muito negro nos cantos, talvez por efeito da umidade e da fumaça do carvão. Tudo indicava pobreza; a cama nem tinha colcha.

Sônia observou, calada, o visitante que examinava o quarto tão atentamente e sem-cerimônia; por fim, começou a tremer de medo como se tivesse diante de si o juiz de sua vida.

— Chego tarde... São 11 horas, não? — perguntou ainda sem levantar os olhos.

— Sim — murmurou Sônia. — Sim, são — acrescentou rapidamente, como se nisso residisse seu apoio. — O relógio da locatária acaba de bater, eu mesma escutei-o.

— Venho vê-la pela última vez — disse tristemente Raskólnikov, parecendo esquecer-se de que era também a primeira vez que ali ia —, talvez nunca mais a veja...

— Vai... viajar?

— Não sei... amanhã tudo...

— Então não vai amanhã à casa de Catarina Ivanovna? — disse Sônia com a voz tremendo.

— Não sei... amanhã tudo... Não se trata disso: vim para dar-lhe uma palavra. — Olhou para ela pensativo e só então notou que a moça estava de pé.

— Então, por que está de pé?... Sente-se! — disse-lhe com voz suave e carinhosa.

Sônia obedeceu. Durante algum tempo, Raskólnikov olhou para ela com ternura.

— Como está magra! Que mãos! Através delas pode ver-se a luz do sol. Seus dedos parecem de um cadáver.

Tomou-lhe a mão. Sônia sorriu mais tranquila.

— Fui sempre assim...

— Mesmo quando vivia com seus pais?

— Sim! Sempre...

— Ah, decerto! — disse ele grosseiramente. Uma súbita mudança se lhe operou novamente no rosto e nas palavras. Olhou ainda uma vez em volta.

— É em casa de Kapernáumof que mora?

— É...

— Eles moram ali?

— Moram... O quarto é igual a este.

— Têm só um quarto para todos?

— Só um.

— Eu, num quarto assim, de noite, teria medo — disse ele com aspecto sombrio.

— Esses vizinhos são boa gente, muito delicados — respondeu Sônia sem ter recobrado ainda toda a presença de espírito —, e toda a mobília, tudo... é deles. São muito bondosos; os filhos vêm muitas vezes ver-me.

— São gagos?

— São... o pai é gago e coxo; a mãe também. Ela não gagueja, mas tem um defeito na voz. É uma boa mulher. Kapernáumof foi escravo. Tem sete filhos... O mais velho também é gago, os outros são doentes, mas não gaguejam... Mas como sabe tudo isso? — perguntou admirada.

— Foi seu pai quem me disse. Também foi por ele que soube toda a sua história. Disse-me que Sônia saiu às seis horas, e, quando voltou, passava das nove e que Catarina se ajoelhara ao pé da cama.

Sônia perturbou-se.

— Parece-me que já o vi hoje — disse ela hesitante.

— Quem?

— Meu pai, na rua, na esquina mais próxima, seriam nove ou dez horas. Parecia caminhar diante de mim, ia jurar que era ele. Estive para dizer a Catarina...

— Passeou?

— Passeei — respondeu Sônia baixando os olhos, confusa.

— Catarina batia-lhe?

— Oh! não. Por que diz isso? Não! — repetiu, olhando com medo para Raskólnikov.

— Gosta dela?

— Mas por que pergunta?! — respondeu Sônia com a voz sufocada e juntando as mãos como a pedir piedade. — Ah! O senhor não a... não a conhece, não! Ela é uma criança... Tem o espírito ferido... pela desgraça. Mas era tão inteligente! Como é boa e generosa! O senhor não sabe nada, nada... Ah!

Sônia lançou essas palavras com desespero. Dominava-a uma grande agitação, torcia as mãos. As faces pálidas tinham-se colorido outra vez, e nos olhos lia-se uma grande dor. Evidentemente, haviam-lhe tocado na corda mais sensível, e ela tomara a defesa de Catarina.

— Ela bater-me! Mas que diz o senhor! Ela bater-me! E mesmo que o fizesse, então! O senhor não sabe nada, nada... Ela é tão infeliz, tão infeliz! E doente... Seu ideal é a justiça... É pura... boa, uma santa... Podem falar mal dela, mas tudo o que ela diz e faz é justo. Como uma criança, como uma criança, ela é boa!

— Sônia, que vai ser de você?

A moça interrogou-o com o olhar.

— Agora toda aquela gente fica a seu cuidado. É verdade que antes era a mesma coisa: até o morto vinha pedir-lhe dinheiro para beber. Mas agora, como há de ser?

— Não sei — respondeu ela tristemente.

— Eles ficam naquela casa?

— Não sei. Devem muito à senhoria, e parece que ela hoje disse que ia despejá-los; Catarina também diz que não fica ali nem mais um instante.

— E em que se fia ela? É com você que conta?

— Não, não diga isso! Nossa bolsa é comum, nossos interesses são os mesmos! — respondeu logo Sônia, com uma irritação que se assemelhava à inofensiva cólera de um passarinho. Ademais, que havia ela de fazer? — perguntou, animando-se cada vez mais. — E como chorou hoje! Ela não está boa da cabeça já reparou? Às vezes, agoniza-se como uma criança com o que tem a fazer no dia seguinte, para que tudo esteja bem arranjado, o jantar, a casa... Outras vezes desespera-se, torce as mãos, escarra sangue, bate com a cabeça nas paredes. Depois resigna-se, põe todas as esperanças no senhor, que vai ser quem há de protegê-la: fala em pedir dinheiro emprestado a fim de voltar para sua terra comigo: aí fundará um colégio para meninas nobres e dar-me-á o lugar de inspetora. “Uma vida completamente nova, uma vida feliz vai começar para nós”, diz beijando-

me muito. Essas ideias consolam-na, crê firmemente nelas. Pergunto: deve-se contrariá-la? Todo o dia de hoje passou a lavar e arranjar a casa. Fraquinha como está armou uma essa no quarto, mas muito cansada, sem forças, caiu de cama. De manhã, tínhamos ido ambas às lojas comprar sapatos para Poletchka e Lena, que andavam descalcinhas. Infelizmente o dinheiro era pouco, não dava. Ela havia escolhido umas botinhas muito bonitas, porque tem muito gosto. Não imagina... Pois ali, na loja, pôs-se a chorar, diante de toda a gente, porque não podia comprá-las... Que espetáculo triste!

— Depois disso, compreende-se que Sônia... viva assim — observou Raskólnikov com um sorriso contrafeito.

— E não tem pena dela? — perguntou Sônia. — O senhor mesmo, eu sei, gastou com ela seus últimos recursos e, contudo, não sabia de nada. Mas se visse tudo! Quantas vezes eu a fiz chorar! Ainda na semana passada! Que pesar tive durante todo o dia ao lembrar-me disso.

Sônia torcia as mãos, tanto essa lembrança lhe era amarga.

— Era, então, muito má?

— Era, sim. Tinha ido vê-los — continuou ela a chorar —, e meu pai disse-me: “Sônia, dói-me a cabeça, lê-me alguma coisa... aqui tens um livro.” Era um livro de André Semênovitch Lebeziátnikov, que tem sempre livros muito alegres. “Tenho de sair”, respondi. Eu não gostava de ler e fora mostrar a Catarina uma compra que fizera. Isabel tinha-me vendido uns punhos e gola de renda, quase novos, por uma bagatela. Catarina gostou muito deles, pô-los, vendo-se ao espelho, e achou-os muito bonitos. “Dá-me, Sônia? Peço-te!”, disse-me ela. Não lhe serviam para nada, mas Catarina é assim; lembra-se sempre do tempo feliz de sua mocidade. Vai muito ao espelho, no entanto há anos ela não tem vestidos novos nem nada. A mim, custava-me dar-lhes: “Mas para que queres isso, Catarina?”, perguntei-lhe. Olhou para mim tão aflita, que fazia dó vê-la... E não era pela gola e os punhos, não; o que a desgostava era minha recusa, bem o percebi. Ora... mas isso para o senhor é indiferente!

— Conheceu essa Isabel?

— Conheci... O senhor também? — perguntou Sônia um pouco surpresa.

— Catarina está tuberculosa no último grau; não viverá muito tempo — disse Raskólnikov, após uma pausa, sem responder à pergunta.

— Oh, não, não! — E Sônia, sem ideia do que fazia, apertava-lhe as mãos, como se a sorte de Catarina dependesse dele somente.

— Melhor será que ela morra!

— Oh, não, isso não! — disse ela apavorada.

— E os filhos! Que fará deles, visto que não poderá tê-los aqui?

— Oh, nem sei! — exclamou ela completamente desolada, apoiando a cabeça na mão. Era claro que esse pensamento a tinha preocupado muitas vezes.

— Suponhamos que Catarina viva ainda algum tempo; Sônia pode adoecer, e se a levarmos para o hospital, que sucederá então? — prosseguiu cruelmente Raskólnikov.

— Ah! Que quer dizer? É impossível!

O terror transtornava o rosto de Sônia.

— Como, impossível? — repetiu ele com um riso sarcástico —, ninguém tem certeza de não adoecer. E depois? Toda a família ficará na rua, a mãe a pedir esmola e a tossir, batendo com a cabeça nas paredes, como hoje, os pequenos a chorar... Catarina cairá na rua, irá para o hospital, onde morrerá, e os filhos...

— Oh!, não!... Deus não há de permitir! — disse Sônia com a voz sufocada.

Até então escutara tudo silenciosamente, com as mãos erguidas numa prece muda, como se ele pudesse conjurar as desgraças que predizia.

Raskólnikov levantou-se e começou a andar pelo quarto. Sônia continuava de pé, os braços caídos, a cabeça baixa, sofrendo atrozmente.

— E Sônia não pode fazer economias, pôr algum dinheiro à parte, para quando chegarem esses dias maus? — perguntou Raskólnikov parando de repente junto dela.

— Não.

— Não, naturalmente! Mas já tentou? — disse ainda, com ironia.

— Já. Não é possível.

— E não obtive resultado! Compreende-se! Não se lhe pode exigir mais...

E continuou a passear no quarto. Houve um momento de silêncio. Raskólnikov perguntou:

— Não ganha dinheiro diariamente?

A essa pergunta Sônia perturbou-se ainda mais, corando.

— Não — respondeu em voz baixa, com grande esforço.

— O mesmo acontecerá a Poletchka — disse ele de modo grosseiro.

— Não, não, não é possível! — gritou Sônia como se aquelas palavras fossem uma punhalada que lhe atravessasse o peito. — Deus não há de consentir semelhante miséria!

— Ele consente tantas!

— Deus há de protegê-las — repetiu a moça fora de si.

— Mas talvez Deus não exista — insistiu Raskólnikov rindo e olhando para ela.

Uma mudança repentina se deu na fisionomia de Sônia: todos os músculos da face se lhe contraíram. Lançou ao interlocutor um olhar severo, cheio de censuras, e quis falar; mas nenhuma palavra lhe saía da boca, então começou a chorar cobrindo o rosto com as mãos.

— Disse-me que Catarina tem o espírito afetado; vejo que o seu também está.

Decorreram cinco minutos.

Ele passeava sempre, sem falar, sem olhar para Sônia. Por fim, aproximou-se dela. Tinha os olhos brilhantes, os lábios trêmulos. Pondo-lhe as mãos nos ombros, lançou-lhe um olhar incendiado ao rosto molhado de lágrimas... De repente, curvou-se até o chão e beijou-lhe os pés. Ela recuou assustada, como se estivesse diante de um doido. E, nesse momento, Raskólnikov parecia realmente ter perdido o juízo.

— Que faz?! — exclamou empalidecendo e sentindo o coração oprimido.

O rapaz levantou-se imediatamente.

— Não foi diante de ti que me curvei, mas diante de toda a dor humana, disse, indo encostar-se à janela. — Ouve — prosseguiu voltando — outra vez para junto de Sônia —, eu disse há pouco a um insolente que ele não valia um fio de teu cabelo, e que tinha honrado sobremodo minha irmã, dizendo-lhe que se sentasse a teu lado.

— Ah, como pôde dizer tal coisa! E diante dela? — perguntou Sônia estupefata. — Sentar-se a meu lado; uma honra! Mas eu sou... uma criatura sem honra... Para que disse isso?

— Falando assim não pensava em teus erros nem em tua desonra, mas só em teu grande sofrimento. Sem dúvida, és culpada — continuou ele

com emoção cada vez maior —, mas se o és, é somente para o bem de outros. Sei que és uma infeliz. Viver nessa lama que detestas, e, ao mesmo tempo, saber (porque não podes ter ilusões a tal respeito) que isso de nada serve, e que teu sacrifício não salva ninguém!... Mas dize-me, enfim — terminou ele exaltando-se cada vez mais —, como, com tantas delicadezas de alma, te resignas a semelhante opróbrio? Mais valia que te afogasses!

— E eles? Que seria deles? — perguntou Sônia, com voz fraca, erguendo os olhos de mártir, ao passo que não se admirava do conselho que ele lhe dava. Raskólnikov analisava-a com singular curiosidade. Aquele olhar dissera-lhe tudo. Ela já tinha pensado no suicídio. Muitas vezes, no auge do desespero, lembrara-se de recorrer à morte; pensara nisso tão seriamente, que não se surpreendia agora ao ouvir a proposta. Não percebeu a maldade daquelas palavras; a significação das censuras de Raskólnikov também: o ponto de vista particular, pelo qual ele encarava a desonra de Sônia, era letra morta para ela, e Raskólnikov assim o julgou. Mas ele compreendia perfeitamente quanto a torturava a ideia de sua situação infamante, e perguntava a si mesmo o que a impedira até então de acabar com a vida. A única resposta estava na dedicação da pobre moça às crianças e por Catarina, a desgraçada mulher tuberculosa e quase louca, que batia com a cabeça nas paredes.

Contudo parecia-lhe que Sônia, com seu caráter e sua educação, não podia ficar assim sempre. Dificilmente se explicava como, não recorrendo ao suicídio, ela não enlouquecera. Ele bem percebia que a posição de Sônia era um fenômeno social de exceção, mas não seria isso uma razão para que a vergonha a matasse à entrada de um caminho de que tudo devia afastá-la, tanto o passado honesto como a cultura intelectual relativamente elevada? Por que se mantinha nessa situação? Seria pelo gosto de uma vida impura? Não; seu corpo estava prostituído, mas o vício não fora até a alma. Raskólnikov bem o sentia: no coração dela lia como num livro aberto.

“A sorte dela está determinada”, pensava ele. “Tem em frente o canal, o hospício ou... o envilecimento.” Repugnava-lhe, contudo, admitir esta última eventualidade; mas, cético como era, não deixava de acreditar nela como a mais provável.

“Seria assim”, dizia consigo, “poderá esta moça, que conserva ainda toda a pureza da alma, atolar-se de vez na imundície e na iniquidade? Não andou já por elas, e se até o presente pôde suportar esta vida, não seria

porque o vício perdeu para ela o nojo? Não, não! É impossível!”, exclamou para si, como se tivesse pouco antes gritado a Sônia: — Não, o que até hoje a impediu de lançar-se no canal foi o receio de cometer um pecado e a afeição que tem *a elas*... “Se ainda não enlouqueceu... Mas quem pode afirmar que não? Haverá quem se exprima daquele modo? Quem não está perturbado raciocina da maneira por que ela o faz? Uma criatura equilibrada, com aquela tranquilidade, fechando os ouvidos a todos os conselhos? É um milagre que espera? Com certeza. E não são esses os sintomas da alienação mental?”

Fixara-se obstinadamente nessa ideia. Sônia louca: esta perspectiva agradava-lhe menos que qualquer outra. Começou a examiná-la cuidadosamente.

— Rezas muito, Sônia?

De pé, junto dela esperava a resposta.

— Que seria de mim, se não fosse Deus? — disse em voz baixa, mas firme, fixando em Raskólnikov os olhos brilhantes e apertando-lhe a mão com força.

“Não me engano!”, pensou ele.

— Mas que te faz Deus? — perguntou Raskólnikov, desejando esclarecer suas dúvidas.

Sônia ficou muito tempo silenciosa, como se não pudesse responder. A comoção fazia-lhe arfar o peito.

— Cale-se! Não me interrogue! Não tem direito a isso! — gritou, colérica e severamente, olhando para ele.

“Não me engano!”, de novo ele pensou.

— Ele concede tudo! — murmurou ela rapidamente, com os olhos baixos.

“Está tudo explicado!”, concluiu mentalmente o rapaz, observando Sônia com grande curiosidade.

Raskólnikov experimentava uma sensação nova, estranha, quase doentia, ao olhar essa carinha pálida, magra, óssea, esses olhos azuis e meigos, que, no entanto, lançavam chamas e exprimiam uma paixão veemente; enfim, esse franzino corpo, ainda trêmulo de indignação! Tudo isso lhe parecia muito singular, quase fantástico. “É uma fanática religiosa”, repetia.

Sobre a cama estava um livro. Raskólnikov já o vira enquanto passeava pelo quarto. Pegou nele e examinou-o: era uma tradução do Novo Testamento.

— De onde veio este livro? — perguntou a Sônia, de longe, do extremo do quarto.

A rapariga conservava-se sempre no mesmo lugar, a três passos da mesa.

— Emprestaram-me — disse contrariada, sem olhar para ele.

— Quem te emprestou?

— Isabel; eu tinha-lhe pedido...

“Isabel... é curioso!” — pensou ele. A cada instante, tudo que dizia respeito a Sônia parecia-lhe mais estranho e maravilhoso.

Aproximou-se da luz e abriu o livro.

— É aqui que vem o caso da ressurreição de Lázaro? — perguntou de súbito.

Sônia, com os olhos baixos, continuou calada e afastou-se um pouco da mesa.

— Traz a ressurreição de Lázaro? Procura-me esse trecho, Sônia.

Ela olhou de viés para Raskólnikov.

— Não é aí... é no quarto Evangelho — respondeu secamente, sem se mover...

— Procura essa passagem e leia — disse ele, sentando-se e encostando a cabeça na mão, desalentado e dispondo-se a ouvir.

“Em três semanas irão internar-me no hospício. Estarei lá, se não estiver em lugar pior”, murmurou consigo próprio.

Sônia hesitou em chegar-se à mesa. O desejo manifestado pelo rapaz parecia-lhe pouco sincero. Contudo pegou o livro.

— Nunca o leu? — perguntou olhando-o de lado. A voz tornava-se-lhe cada vez mais áspera.

— Há muito tempo... Quando era criança. Lê!

— Nunca o ouviu na Igreja?

— Eu... não vou lá. Tu vais muitas vezes?

— Não — murmurou Sônia.

Raskólnikov sorriu.

— Compreendo... Então não vais amanhã ao enterro de teu pai?

— Vou. Ainda a semana passada fui à igreja... ouvir uma missa.

— Por alma de quem?

— De Isabel. Assassinaram-na.

— Davas-te muito com ela?

— Sim... Era muito boa... raras vezes vinha à minha casa... não era livre. Líamos e conversávamos. Está no céu, decerto.

A última frase soou-lhe estranha. Novamente — algo de insólito se apresentava: os misteriosos encontros com Isabel, e, ambas, religiosas fanáticas. “Breve, eu mesmo serei um religioso fanático! Isso é contagiante!”

— Lê! — disse em voz alta, de mau humor.

Sônia continuava hesitando. O coração batia-lhe com força. Parecia que tinha receio de ler. Ele olhou com uma expressão quase dolorosa para a “pobre alienada”.

— Que lhe importa isso, se não acredita?... — murmurou a rapariga com voz abafada.

— Lê, eu quero! — insistia ele. — Tu lias para Isabel!

Sônia abriu o livro e procurou a passagem que ele indicara. Tremiam-lhe as mãos, as palavras paravam-lhe na garganta. Duas vezes tentou ler e não pôde dizer uma sílaba.

— Estava enfermo Lázaro, de Betânia — disse afinal com esforço. Mas de repente, à terceira palavra, a voz esmoreceu e expirou-lhe nos lábios como uma corda de violino que se retesa demais e parte-se. Respirava com dificuldade.

Raskólnikov percebia, em parte, a hesitação de Sônia em obedecer-lhe, e, à medida que a compreendia melhor, mais imperiosamente reclamava a leitura. Sentia quanto custava à pobre moça manifestar-lhe de algum modo o que lhe ia na alma. Evidentemente, ela não podia sem custo resolver-se a fazer confidências a um estranho dos sentimentos que, desde a infância talvez, a tinham sustentado, que foram seu viático moral, quando, entre um pai que se embebedava e uma madrastra enlouquecida pela desgraça, entre crianças esfomeadas, ouvia apenas recriminações e clamores injuriosos. Raskólnikov via tudo isso, mas percebia também que, não obstante essa repugnância, Sônia sentia um grande desejo de ler, de ler para *ele*, principalmente *agora* — “sucedesse o que sucedesse depois!...”. Seus olhos bem mostravam a agitação de que estava possuída... Com um

violento esforço sobre si, Sônia venceu o espasmo que lhe apertava a garganta e continuou a ler o capítulo XI do Evangelho de São João. Assim chegou ao versículo 19:

— Muitos dentre os judeus tinham vindo ter com Marta e Maria, para as consolar, a respeito de seu irmão. Marta, quando soube que vinha Jesus, saiu a seu encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa. Disse, pois, Marta a Jesus: “Senhor, se estivesse aqui, não meu irmão teria morrido. Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus te concederá.”

Aqui fez uma pausa para triunfar da emoção que lhe tomava de novo a voz.

— Declarou-lhe Jesus: “Teu irmão há de ressurgir.” “Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia.” Disse-lhe Jesus: “*Eu sou a ressurreição e a vida*. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente. Crês nisso?”

(E, embora respirando dificilmente, Sônia elevou a voz como se, ao ler as palavras de Marta, fizesse ela mesma sua profissão de fé.)

— “Sim, Senhor, respondeu ela, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo.”

Interrompeu-se, levantando rapidamente os olhos para *ele* e, baixando-os logo sobre o livro, continuou a ler. Raskólnikov ouvia imóvel, sem se voltar, encostado à mesa e olhando de revés. A leitura continuou até o versículo 32.

— Quando Maria chegou ao lugar onde estava Jesus, ao vê-lo, lançou-se-lhe aos pés, dizendo: “Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido.” Jesus, vendo-a chorar, bem como os judeus que a acompanhavam, agitou-se no espírito e comoveu-se. E perguntou: “Onde o sepultastes?” Eles lhe responderam: “Senhor, vem e vê.” Jesus chorou. Então disseram os judeus: “Vede quanto o amava!” Mas alguns objetaram: “Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer com que este não morresse?”

Raskólnikov olhou para Sônia, estava muito agitado. A moça, trêmula, febril. Era o que ele esperava. Ao chegar à descrição do milagre, um sentimento de triunfo se apoderara dela. A voz tornara-se firme e tinha sonoridades metálicas. No último versículo — “Não podia ele, que abriu

os olhos ao cego...” — abaixou a voz, acentuando com paixão a dúvida, a blasfêmia, a censura desses judeus incrédulos e cegos que, num momento, iam, como fulminados pelo raio, cair de joelhos, soluçar, crer... “E *ele, ele* que também é cego, incrédulo, *ele* também num instante será tocado pela graça divina, acreditará! Sim! Sim! Já, imediatamente!”, pensava ela, animada por essa doce esperança.

— Jesus, agitando-se novamente em si mesmo, encaminhou-se para o túmulo; era este uma gruta, em cuja entrada tinham posto uma pedra. Então ordenou Jesus: “Tirai a pedra.” Disse-lhe Marta, irmã do morto: “Senhor, já cheira mal, porque já é de *quatro* dias.”

E acentuou bem a palavra *quatro*.

— Respondeu-lhe Jesus: “Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?” Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: “Pai, graças te dou, porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste.” E, tendo dito isso, chamou em voz alta: “Lázaro, vem para fora!” *Saiu aquele que estivera morto* (lendo estas linhas Sônia estremecia como se ela própria tivesse visto o milagre), tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço. Então lhes ordenou Jesus: “Desatai-o e deixai-o ir.”

— *Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo visitar Maria, vendo o que fizera Jesus, creram nele.*

Não pôde ler mais; fechou o livro e levantou-se apressadamente.

— É por causa da ressurreição de Lázaro... — disse em voz baixa dominando-se, sem olhar para aquele a quem se referia. Parecia receosa de levantar os olhos para Raskólnikov. O tremor febril durava-lhe ainda. A vela quase no fim iluminava mal o paupérrimo quarto, onde um assassino e uma prostituta acabavam de ler um livro sagrado. Passaram mais de cinco minutos.

De repente, Raskólnikov levantou-se e aproximou-se dela.

— Vim aqui para tratarmos de um negócio — disse ele com voz forte.

Dizendo isso, franziu a testa. A rapariga atentou nele e leu-lhe na dureza do olhar uma resolução feroz.

— Hoje — continuou ele — cortei relações com minha mãe e minha irmã. Nunca mais volto à casa delas.

— Por quê? — perguntou Sônia admirada. O encontro que tivera com Pulquéria e Dúnia havia-lhe deixado uma impressão extraordinária, ainda que obscura. Uma espécie de pavor a assaltou ao saber que Raskólnikov rompera com a família.

— Agora, não tenho mais ninguém senão a ti — acrescentou. — Partamos juntos... Vim para fazer-te essa proposta. Ambos estamos amaldiçoados. Pois bem, sigamos juntos!

Seus olhos faiscavam. “Está doido”, pensou também Sônia.

— Para onde? — perguntou ela cheia de espanto, afastando-se involuntariamente.

— Como posso saber? Sei somente que o caminho e o fim são os mesmos para nós; disso tenho certeza!

Sônia olhou para ele sem entender.

Uma verdade apenas ressaltava das palavras de Raskólnikov: que era excessivamente infeliz.

— Ninguém te compreenderá quando falares — continuou ele —, mas eu te compreendi. Preciso de ti e por isso te procurei.

— Não percebo... — sussurrou Sônia.

— Mais tarde perceberás. Não fizeste como eu? Tu também saíste fora do comum... Tiveste essa coragem. Destruíste uma vida... a tua (é tudo a mesma coisa!). Pode viver em espírito e compreensão, mas terminarás no Mercado do Feno... Não podes ficar assim, e se continuas *só*, perdes a razão, como eu também. Agora pareces uma louca. É preciso, portanto, que caminhemos juntos, que sigamos pela mesma estrada! Partamos!

— Mas por quê? Por que diz isso? — perguntou Sônia perturbada com essa linguagem.

— Por quê? Porque não podes ficar assim, ora aí está... É preciso pensar seriamente, ver as coisas pelo verdadeiro prisma, em vez de chorar como uma criança, ou esperar tudo de Deus! Se amanhã te levarem para o hospital, que sucede? Catarina quase doida e tuberculosa morrerá imediatamente. E o que há de ser das crianças? Poletchka prostitui-se com certeza. Não viste crianças esmolando pelas esquinas e ensinadas pelas próprias mães? Descobri onde essas mães vivem e quais seus ambientes. Ali as crianças não podem permanecer! Aos sete anos já são viciadas e ladras; no entanto, como tu sabes, as crianças são à imagem de Cristo:

“delas será o reino dos céus”. Ele nos ordena que as amemos e as dignifiquemos, porque nelas está o futuro da humanidade...

— Mas que fazer? Que fazer? — repetia Sônia chorando histericamente e retorcendo as mãos.

— Que é preciso fazer? Acabar com o mal de uma vez e ir para diante, aconteça o que acontecer. Não me compreendes? Mais tarde compreenderás... Ser livre e ter poder, mas sobretudo poder! Dominar todas as criaturas fracas, todo esse formigueiro humano!... Aqui tens o que é preciso fazer! Lembra-te disso! É o legado que te faço em testamento. Talvez te esteja falando pela última vez. Se eu não vier amanhã, saberás tudo, e então lembra-te de minhas palavras. Mais tarde, daqui a alguns anos, com a experiência da vida, compreenderás talvez o que elas significavam. Se eu vier amanhã, dir-te-ei quem matou Isabel. Adeus.

— Mas sabe quem a matou? — perguntou hirta de terror.

— Sei, e hei de dizê-lo... mas só a ti! Escolhi-te. Não virei pedir-te perdão, mas somente dizer-te. Há muito tempo que te escolhi. Tive essa ideia quando teu pai me falou de ti; Isabel ainda vivia. Adeus. Não me dê a mão. Até amanhã.

Saiu, deixando Sônia sob a impressão de que estava doido; ela própria estava desvairada e sentia-o. A cabeça girava-lhe à roda. “Oh, meu Deus! Como sabe ele quem matou Isabel? Que traduzem aquelas palavras? É extraordinário!” Contudo não teve a menor suspeita da verdade... “Oh, ele deve ser terrivelmente desgraçado!... Abandonar a mãe e a irmã. Por quê? Que haveria? Quais serão suas intenções? Que foi que ele me disse? Beijou-me os pés e disse... disse-me (sim, foram essas suas palavras) que não podia viver sem mim... Meu Deus!”

Sônia passou a noite febril e delirante. Levantava-se amiúde, chorava e retorcia as mãos. Recaía em sono febricitante e sonhava com Poletchka, Catarina Ivanovna e Isabel, sonhava lendo um versículo e com ele... ele, de rosto emaciado, olhos chamejantes... beijando-lhe os pés, chorando.

A porta fechada dava para um quarto que estava vazio e pertencia à casa de Gertrude Karlovna Ressler. Era para alugar, como indicavam um papel pregado na porta e os escritos colados nas janelas que davam para o canal. Sônia sabia que ali não morava ninguém. Mas, durante a cena precedente, Svidrigailov, escondido atrás da porta, ouvira com toda a

atenção a conversa. Quando Raskólnikov saiu, o inquilino da Ressler refletiu um momento, depois voltou sem fazer o menor ruído a seu quarto, contíguo ao que estava vago, pegou uma cadeira e foi encostá-la à porta. O que acabava de ouvir interessava-o altamente; de forma que essa cadeira serviria para ele escutar mais vezes, sem ter de estar de pé tanto tempo.

CAPÍTULO V

Quando, no dia seguinte, às 11 horas, Raskólnikov foi ao juiz de instrução, admirou-se de que o fizessem esperar tanto. Pensava que deviam recebê-lo logo; no entanto decorreram dez minutos antes que Porfírio Petróvitch o mandasse entrar. Na sala de espera, ia e vinha gente, que parecia não se importar com ele. Na sala, junto à secretaria, escreviam alguns empregados, e era evidente que nenhum deles se preocupava com Raskólnikov.

Olhou desconfiado para os lados. Não estaria por ali alguém, algum Argos misterioso, encarregado de o vigiar e impedir que fugisse, se tentasse fazê-lo? Mas nada viu que lhe desse tal impressão: os amanuenses continuavam o trabalho e os outros não faziam caso dele. Tranquilizou-se. “Se, com efeito”, pensou, “essa pessoa misteriosa de ontem, esse espectro saído da terra soubesse tudo, tivesse visto tudo, deixar-me-ia andar à solta, como ando? Já não me teriam prendido, em vez de esperarem que eu viesse aqui, por vontade própria? Portanto, ou esse homem não fez revelação alguma, ou... simplesmente nada sabe nem viu. E como podia ter visto? Evidentemente, meus olhos enganaram-me; tudo o que ontem se deu não passa de uma ilusão de minha imaginação doentia.” Cada vez lhe parecia mais aceitável essa explicação que, já na véspera, lhe tinha vindo ao espírito na ocasião em que se sentia mais inquieto.

Refletindo em tudo isso e preparando-se para novo embate, Raskólnikov surpreendeu-se de súbito a tremer. Indignou-se ao pensar que era o medo da entrevista com o odioso Porfírio Petróvitch que trazia esse tremor. Para ele o pior era tornar a encontrar-se com esse homem: odiava-o e receava que seu ódio o perdesse. A fúria foi tão violenta que até deixou de tremer. Preparou-se para entrar sereno e firme, prometendo a si próprio falar o menos possível, estar sempre em guarda, enfim, dominar a todo custo a irascibilidade de seu temperamento. Nesse ínterim, foi levado à presença de Petróvitch.

Porfírio estava só no gabinete. Era uma sala regular, havia uma mesa grande diante de um sofá forrado de oleado, uma secretária, uma estante e algumas cadeiras, tudo de mogno. Na parede, ou antes, no tabique que ficava ao fundo, havia uma porta fechada, o que fazia supor a existência de outras salas, além do gabinete.

Assim que Porfírio viu Raskólnikov, foi logo fechar a porta por onde ele entrara. O juiz de instrução recebeu-o aparentemente de modo afável; só passados alguns minutos é que Raskólnikov percebeu os modos levemente afetados do juiz. Pareceu-lhe que o fora interromper em meio a um trabalho secreto.

— Ah, meu caro! Por aqui... por essas bandas... — começou Porfírio estendendo-lhe ambas as mãos. — Então, sente-se. Mas talvez não goste que o trate por meu caro, assim, *tout court*? Peço-lhe, por quem é, que não repare nem leve a mal a intimidade... Aqui no sofá!

Raskólnikov sentou-se sem tirar os olhos do juiz de instrução.

“Essas palavras ‘por essas bandas’, as desculpas pela intimidade, essa expressão francesa *tout court*, que significava tudo isso? Estendeu-me as duas mãos e não apertou nenhuma, retirando-as a tempo”, pensava desconfiado. Ambos se observavam, mas, quando os olhares se encontravam, desviavam-nos com a rapidez do relâmpago.

— Vim para trazer-lhe este papel... a respeito do relógio... Aqui está. Estará bem, ou será preciso fazer outro?

— Mas que papel é esse?... Ah! Sim! Sim!... Não se incomode; está tudo certo — disse precipitadamente Porfírio, antes de examiná-lo. E, em seguida, tendo-o visto. — Está tudo certo, é o que é preciso — continuou, falando depressa e pondo a declaração na mesa. Um minuto depois, fechou-a na secretária.

— Ontem, pareceu-me que o senhor tinha desejos de interrogar-me... formalmente... sobre minhas relações com... a vítima? — disse Raskólnikov.

“Mas por que disse eu *pareceu-me*?”, pensou ele de repente. “Ora, que importa? Que posso temer?”

Pelo simples fato de estar na presença de Porfírio, com quem tinha apenas trocado duas palavras, sua desconfiança tomou proporção exagerada; percebeu essa circunstância e que tal disposição de espírito era

muito perigosa. A agitação e a irritabilidade dos nervos aumentavam. “Mau! Mau! Sou capaz de fazer uma tolice.”

— Não se altere. Temos tempo — dizia Porfírio, que, sem nenhuma intenção aparente, passeava pela sala, indo da janela até a mesa e voltando da mesa para a secretária, parando às vezes e olhando para Raskólnikov. Era um espetáculo ridículo o desse homem baixo, gordo e redondo, fazendo evoluções como uma bola que ricocheteasse de uma parede à outra da sala.

— Não há pressa, não há pressa! Fuma?... Tem fumo?... Aqui tem cigarros — dizia — oferecendo-lhe um maço... — Recebo-o aqui, mas moro numa casa para a qual aquela porta dá entrada. Estou aqui provisoriamente, enquanto fazem obras... Estão acabadas, ou quase. Não sei se sabe que é magnífico ter uma casa dada pelo Estado. Não lhe parece?

— Decerto, deve ser agradável — respondeu ele, com ar irônico.

— Uma coisa magnífica! Magnífica! — repetia Porfírio, pensando em outro assunto. — Sim, magnífica! — disse bruscamente, levantando a voz, parando junto de Raskólnikov, fitando-o. A incessante e disparatada repetição daquela frase que uma casa dada pelo Estado era uma coisa magnífica contrastava pela chateza com o olhar sério, profundo, enigmático, que o magistrado lhe lançava.

Vendo isso, Raskólnikov sentiu que a raiva lhe aumentara e desafiou o juiz por uma forma trocista e imprudente.

— Sabe — começou, fitando-o insolentemente e fazendo gala dessa insolência — que me parece ser uma regra jurídica, um princípio estabelecido por todos os juízes de instrução, falar primeiramente de ninharias, ou mesmo de um assunto sério, mas completamente estranho à questão, a fim de animar aqueles que desejam interrogar, ou antes distraí-los, adormecer-lhes a prudência; depois, subitamente, vibrar-lhes em pleno crânio o golpe capital. Não é verdade?... Não é o uso observado em sua profissão?

— Julga então que se eu falei na casa dada pelo Estado era para...

Ao dizer isso, Porfírio fechou os olhos, o rosto tomou uma expressão de alegria maliciosa, as rugas da testa apagaram-se. Depois, olhando para Raskólnikov desatou a rir, um riso seco, prolongado, que lhe agitava todo o corpo. Raskólnikov ria também, embora contra a vontade, o que fez

redobrar o riso de Porfírio, a ponto de o juiz ficar rubro como uma lagosta cozida. Raskólnikov, sentindo-se mal, perdeu toda a prudência: cerrou os dentes, franziu os sobrolhos e, enquanto durou a alegria de Porfírio, que parecia fictícia, olhou para ele com rancor. Nem um nem outro se tinham observado. Porfírio, rindo tanto na cara de Raskólnikov, não notou o descontentamento dele. Essa circunstância dava o que pensar a Ródion: pensou que sua visita não incomodava o juiz de instrução; que, pelo contrário, fora ele que caíra numa armadilha. Evidentemente havia ali alguma cilada, a mina estava preparada e devia arrebentar em breve.

Atacando a questão, ergueu-se e pegou o boné.

— Porfírio Petróvitch — disse firmemente, mas num tom que denotava irritação —, o senhor manifestou ontem a ideia de me sujeitar a um interrogatório. (Acentuou muito a palavra *interrogatório*). Vim pôr-me a seu dispor, se tem perguntas a fazer-me, faça-as; se não, permita que me retire. Não posso estar a perder meu tempo; tenho mais o que fazer... preciso ir ao enterro do homem que foi esmagado pela carruagem, e do qual... o senhor ouviu falar... — acrescentou, arrependendo-se logo de ter dito aquela frase. Depois continuou, mais irritado: — Tudo isso me aborrece, percebe? Foi, em parte, o que me fez adoecer... Numa palavra — disse ele mais contrariado ainda, por ter visto que falar na doença fora erro ainda maior que proferir a outra frase —, numa palavra, interrogueme ou passe pelo desgosto de me ver sair... Mas, se me interrogar, há de fazê-lo como é de costume nesses casos, aliás, não lhe respondo: e, enquanto esse interrogatório não vem, vou-me embora, visto que agora nada tenho a fazer aqui.

— Mas que é isso? Para que hei de interrogá-lo já? — respondeu o juiz deixando de rir. — Não se aborreça, peço-lhe.

Insistiu com ele para sentar-se, continuando a passear ao longo do gabinete.

— Temos tempo, temos tempo; e isso não tem importância! Estimo até que viesse procurar-me. É como visita que o recebo... Quanto ao riso, Ródion, desculpe-me. Sou nervoso, e achei muito engraçadas suas observações. Há ocasiões em que o riso me faz saltar como uma bola de borracha; às vezes, isso dura mais de meia hora... Meu temperamento até me faz temer uma apoplexia... Mas sente-se, senão penso que está zangado comigo...

Raskólnikov, visivelmente contrariado, ouvia e observava. Por fim, sentou-se.

— Vou dizer-lhe uma coisa que há de servir-lhe para traduzir meu caráter — começou Petróvitch, evitando o olhar de Raskólnikov. — Vivo só, como sabe, não frequento a sociedade, sou quase desconhecido e sinto-me no declinar da existência, muito acabado... e... tem reparado, Ródion, que entre nós na Rússia, principalmente nos círculos de São Petersburgo, quando se encontram dois homens inteligentes, que pouco se conhecem mas que se estimam, como nós, por exemplo, nesse momento, não têm nada para dizer na primeira hora — e ficam como petrificados em frente um do outro? Todo mundo tem um assunto sobre o qual conversar, as senhoras, as pessoas da sociedade, as pessoas de posição mais elevada... nesse meio há sempre em que se fale, *c'est de rigueur*; mas a classe média, como nós, é sempre taciturna. Por que isso? Não temos também interesses sociais? Ou será porque nossa honestidade nos proíbe enganar os outros? Não sei. Qual é sua opinião? Mas ponha aqui o boné, dir-se-ia que quer sair...

Raskólnikov pôs o boné sobre uma cadeira. Calado, de testa franzida, ouvia o palavreado de Petróvitch. “Está dizendo todas essas tolices para distrair minha atenção.”

— Não ofereço café, porque o lugar não é próprio... Compreende... Peço-lhe não reparar que eu esteja sempre a passear, desculpe-me, mas preciso tanto de exercício! Vivo sempre sentado, de modo que é para mim uma sorte poder mover-me durante cinco minutos... sofro de hemorroidas... tenho pensado em tratar-me pela ginástica... Hoje em dia a ginástica é uma verdadeira ciência... Quanto aos deveres de nosso cargo, os interrogatórios, todas essas formalidades... é o que o senhor dizia há pouco... os interrogatórios desarmam às vezes o juiz mais experimentado... Sua observação tinha tanto de espirituosa como de real (Raskólnikov não fizera nenhuma observação). Sobre nossas rabulices estou de acordo com o senhor. Qual é o acusado que desconhece, por mais ignorante que seja, que se começa por fazer perguntas fora do caso para o adormecer, segundo sua feliz expressão, e depois vibrar-lhe um golpe em pleno crânio, eh!, eh!, eh!, em pleno crânio (para me servir de sua engenhosa metáfora)! Eh!, eh! Por isso Ródion pensou que eu falava na casa para... O senhor é muito levado! Vamos, não falemos mais nisso! Ah! sim, a propósito: uma palavra puxa outra, os pensamentos atraem-se

mutuamente, há pouco falou-me no modo por que procedem os juizes de instrução. Mas que é esse modo? Como sabe, num grande número de casos nada significa. Muitas vezes, uma simples conversa, uma visita amigável dão melhores resultados. A rabulice nunca desaparecerá, decerto; mas não se pode obrigar um juiz de instrução a ficar preso a ela. A missão de quem inquire é, no gênero, uma arte liberal, ou coisa semelhante.

Petróvitch parou para respirar. Falava sem parar, ora contando puras bagatelas, ora metendo-se em dissertações graves, com palavras enigmáticas, para continuar a dizer tolices. Aquele passeio pelo gabinete dava a ideia de um exercício a prêmio: as grossas pernas do magistrado moviam-se cada vez mais depressa. Petróvitch prosseguia, os olhos no chão, a mão direita no bolso do casaco, enquanto com a outra fazia gestos que não estavam em harmonia com o que dizia. Raskólnikov viu, ou julgou ver, que, enquanto passeava, por duas vezes parou junto da porta parecendo ouvir: “Esperará alguma coisa?”

— Tem muita razão — disse Porfírio, olhando para Ródion com uma bonomia que o fez desconfiar —, nossas rabulices merecem, realmente, suas ironias. Esses processos, que pretendem ser inspirados em profunda psicologia, são muito ridículos e muitas vezes inúteis... Ora com respeito à *forma*, vai ver! Suponhamos que estou encarregado de instruir um processo; que sei, ou julgo saber, que o criminoso é certo indivíduo... Não se destina à advocacia, Ródion Românovitch?

— Sim, estudei algum tempo.

— Pois aqui tem um exemplo que mais tarde pode servir-lhe. Mas, por Deus, não imagine que vou arvorar-me em seu professor. Eu não pretendo ensinar nada a um homem que escreve sobre questões de criminologia. Tomo apenas a liberdade de citar-lhe um caso, como exemplo: suponho ter descoberto o verdadeiro criminoso. Para que havia de alarmá-lo mesmo com provas contra ele? Outro qualquer não faria assim; mandava-o prender. Mas por que não havia de deixá-lo andar pela cidade? Vejo que me entende muito bem, mas vou explicar o fato. Se eu me apressasse a prendê-lo, dava-lhe, por assim dizer, um ponto de apoio moral. Ri-se? (Raskólnikov nem pensava em rir; tinha os lábios cerrados e o olhar vivo não se retirava dos olhos de Petróvitch.) Contudo, isso é assim. — Mas se há provas?... — perguntar-me-á. — Pois sim; mas o senhor sabe o que são provas; num grande número de casos levam às conclusões mais variadas, e eu sou juiz de instrução, homem, portanto sujeito a enganos.

“Ora, eu queria dar ao meu inquérito o rigor de uma demonstração matemática; queria que as conclusões a que chegasse fossem tão claras, tão fortes, como a afirmação de que dois mais dois são quatro! Portanto, se prendesse o indivíduo logo, privava-me dos meios ulteriores de provar sua culpabilidade. Como assim?, perguntará. Porque lhe dou uma posição definida; mandando-o para a prisão sossego-o, reintegro-o em sua situação psicológica: daí em diante, está prevenido contra mim.

“Logo após Alma, diziam em Sebastopol, onde as pessoas esclarecidas estavam aterrorizadas, que o inimigo podia atacar frontalmente Sebastopol e tomá-la de um só ímpeto. Mas quando se convenceram de que o inimigo preferia sitiar, entusiasmaram-se — assim pelo menos me foi garantido —, porque o desenlace demoraria um ou dois meses. Está rindo; não acredita em mim novamente. Decerto tem razão. Tem razão. Admito que todos esses são casos particulares, mas deve observar, meu caro Ródion Românovitch, que o caso comum, o caso para o qual todas as formalidades e regras foram prescritas, para o qual foram concebidas e publicadas, simplesmente não existe; pelo fato de que cada caso, cada crime, por exemplo, tão logo ocorre torna-se um caso perfeitamente *particular* e, às vezes, totalmente diferente dos precedentes. Casos dessa espécie, muito cômicos, ocorrem frequentemente.

“Se, ao contrário, deixo completamente à vontade o suposto criminoso, se não o prendo logo, se não o alarmo, mas se, a todos os momentos, ele está obcecado pela ideia de que eu sei tudo, que dia e noite não o perco de vista, que é para mim objeto de uma intensa vigilância, o que sucede? Infalivelmente acomete-o uma vertigem, virá ter comigo, dar-me-á armas contra si próprio e colocar-me-á em situação de tirar conclusões de meu inquérito com caráter e evidência seguros, o que não deixa de ter seu encanto.

“Se esse processo dá resultado com qualquer mujique, não é menos eficaz ao se tratar de um homem inteligente, ilustrado, distinto até! Porque o importante é adivinhar em que sentido o indivíduo se desenvolve. Este é inteligente, mas tem os nervos doentes!... E a bÍlis, a bÍlis, que grande papel representa! Repito que, nessas manifestações mórbidas, há uma mina de informações. Que me importa que ele ande por aí? Deixá-lo gozar à vontade esse resto de liberdade. É minha a presa, não me fugirá! Ademais, para onde irá? Para o estrangeiro, responder-me-ão. Um polaco fugiria para o estrangeiro, mas *ele* não, tanto mais que o tenho sob minha

vigilância e as medidas tomadas não falham. Fugirá para o interior. Mas aí vivem somente os mujiques, russos primitivos, gente incivil; e esse homem superior preferirá a prisão a viver nesse meio.

“Mas isso nada significa, é o lado externo da questão. Ele não foge, não só porque não sabe para onde ir ainda, mas sobretudo porque *psicologicamente* me pertence. Que tal acha a expressão? Por uma lei natural não fugiria, mesmo que o pudesse fazer. Já viu a mariposa em volta da luz? Pois é o caso: há de andar em torno de mim incessantemente como a mariposa em volta da luz; cada vez mais inquieto, mais cansado; eu lhe vou dando tempo, e ele porta-se de tal modo que sua culpa resulta nítida, como dois mais dois são quatro... E girará sempre, em volta de mim, em círculos cada vez mais próximos, até que por fim, zás!, entra-me na boca e engulo-o. É muito agradável! Não acha?”

Raskólnikov ficou silencioso; pálido e imóvel, observava o rosto de Porfírio com grande esforço de atenção.

“A lição é boa”, pensava ele aterrado. “Não é mais como ontem: o gato a brincar com o rato. Fala-me assim para sentir o prazer de mostrar sua força... Deve ter outro fim, mas qual? Continua, tudo o que dizes é para me meter medo!! Não tens provas, e o homem de ontem não existe. Queres aniquilar-me com boas maneiras, irritar-me e dar então o golpe fatal; mas enganas-te e lamentarás depois o tempo perdido. Mas por que fala de maneira tão enigmática?... Está a especular com a irritabilidade dos meus nervos... Não, amigo, por mais esforços que faças não me vencerás. Vamos ver que cilada preparas...”

E preparou-se para afrontar a catástrofe terrível que previa. Havia momentos em que tinha vontade de estrangular o juiz. Desde que entrara no gabinete, seu maior receio era não poder conter a cólera. O coração batia-lhe com violência. Resolveu calar-se pensando que, em tais circunstâncias, era a melhor atitude — não só não se comprometia, mas talvez conseguisse irritar o adversário e apanhar-lhe alguma palavra imprudente. Tal era a esperança de Raskólnikov.

— Vejo que não acredita; pensa que estou a gracejar — disse Porfírio. Parecia cada vez mais alegre e continuava o passeio pelo gabinete. — Está certo, asseguro: Deus me deu um corpo que só pode despertar ideias cômicas em outras pessoas — o de um bufão. Deixa-me, porém, dizer, repito: desculpe um homem velho; o senhor, Ródion Românovitch, é jovem, ainda coloca o intelecto acima de tudo, como todos os jovens. O

espírito jocosos e o argumento abstrato o fascinam; é por isso que todos gostam do *Hofkriegsrat* austríaco,¹¹ tanto quanto sou capaz de julgar coisas militares, ou seja, no mapa já havia derrotado e aprisionado Napoleão. Seus planos foram executados da forma mais inteligente, mas, veja só, o general Mack entregou-se com todas as tropas... Vejo, Ródion Românovitch, sorrindo por ver um civil como eu escolher exemplos da história militar, mas não posso conter-me, é o meu fraco, gosto da ciência militar e das leituras dos episódios militares. Certamente errei de profissão. Devia ter entrado para o exército, juro que devia! Não chegaria a um Napoleão, mas a major com toda a certeza.

“Voltando ao *caso particular* de que falávamos, devo acrescentar que é preciso contar com a realidade, com a natureza. É uma coisa importante, e que triunfa muitas vezes sobre a habilidade mais consumada! Ouça o que lhe diz um velho; falo seriamente (pronunciando essas palavras, Porfírio, que contava só 35 anos, parecia na verdade ter envelhecido, e até na voz); ademais, sou franco... Sou ou não um homem franco? Que lhe parece?... Creio que não se pode ser mais: digo-lhe todas essas coisas sem mira na recompensa!

“Continuemos: a finura de espírito é o ornamento da natureza, o consolo da vida, e com ela pode-se facilmente embarçar um pobre juiz de instrução, que já é muitas vezes enganado pela própria imaginação, visto que é homem! Mas a natureza vem auxiliar o juiz, eis o mal! E é nisso que não pensa a mocidade, que confia na inteligência, que “calca aos pés todos os obstáculos” (segundo sua expressão tão fina e tão engenhosa).

“No *caso particular* de que tratamos, o criminoso, admito, mentirá com superioridade, mas, quando julgar que todo mundo foi vítima de sua habilidade, crac!, desmaia no próprio lugar em que o acidente se torna mais comentado. Suponhamos que pode atribuir essa síncope ao estado de fraqueza, à atmosfera sufocante da sala; nem por isso deixa de levantar suspeitas! Mentiu de uma forma excelente, mas não soube precaver-se contra a natureza. Aí é que está a armadilha.

“Uma outra vez, levado pelo gênio trocista, diverte-se a enganar quem suspeita dele, e, por brincadeira, diz ser o criminoso que a polícia procura; mas volta a representar a comédia, com *naturalidade*, o que ainda é um indício. Em certo momento, o interlocutor pode ser iludido; mas, se não é um pateta, fica de prevenção. Nosso homem compromete-se a todo instante. Que digo! Aparecerá ele próprio, sem que o chamem, dirá frases

imprudentes em alegorias que todos perceberão! Quererá saber por que o prendem! E isso acontece ao espírito mais alto, a psicólogos, a literatos! A natureza é um espelho transparente, basta contemplá-la... Por que está tão pálido, Ródion Românovitch? Sente muito calor, talvez? Quer que abra a janela?”

— Não se incomode, peço-lhe! — disse Raskólnikov, desatando a rir.
— Não faça caso da palidez.

Porfírio parou diante dele e, de repente, começou também a rir. Raskólnikov, cujo riso cessara, levantou-se.

— Porfírio Petróvitch! — disse com voz clara e forte, embora sentisse dificuldade em aguentar-se nas pernas. Estou certo de que suspeita que fui eu quem matou a velha e a irmã. Ora, devo declarar-lhe que estou farto de tudo isso. Se julga dever perseguir-me, prenda-me. Mas não consinto que faça troça, que me martirize...

De repente, os lábios tremeram-lhe, os olhos chamejaram, a voz, que até então tinha dominado, atingiu o tom mais elevado.

— Não consinto! — gritou, dando um vigoroso murro na mesa. — Percebe, Petróvitch? Não consinto!

— Oh, meu Deus! Mas o que foi que lhe deu?! — exclamou o juiz de instrução, aparentemente muito assustado. — Ródion Românovitch! Meu bom amigo! Que tem?

— Não consinto! — repetiu Raskólnikov.

— Fale mais baixo! Podem ouvir, aparecer alguém, e que havemos de dizer? Pelo amor de Deus! — murmurou assustado Petróvitch aproximando-se.

— Não permito! Não consinto! — repetiu maquinalmente, mas agora mais baixo, de modo que só Petróvitch o ouvisse.

Porfírio foi abrir a janela.

— É preciso arejar este gabinete. Se tomasse um copo de água?

Dirigia-se à porta para chamar o criado quando viu a garrafa de água.

— Beba — disse, dando-lhe um copo —, há de fazer-lhe bem...

O susto e a solicitude de Petróvitch pareciam tão naturais, que Raskólnikov calou-se e fitou o magistrado com sombria curiosidade. Com um gesto recusou a água.

— Ródion Românovitch, meu amigo! Se continua assim, fica doido, afirmo-lhe. Beba; beba uns goles!

Quase à força meteu-lhe o copo na mão. Maquinalmente, Raskólnikov levou-o à boca, mas, de repente, o pôs em cima da mesa.

— Creia; teve um ataque! Se não tiver cuidado, pode ter uma recaída — observou, muito amável, o juiz de instrução, que parecia muito preocupado. — Meu Deus! É possível que se faça tão pouco caso da saúde?... O mesmo sucedeu a Dmitri Prokófitch, que esteve aqui ontem... Concorde que tenho um gênio cáustico, que sou pouco simpático, mas, meu Deus!, que significação dão às minhas pobres tagarelices! Dmitri esteve aqui ontem, depois de sua visita: estávamos jantando. Disse coisas que... Valha-nos Deus!... Foi o senhor que o mandou, não foi? Mas sente-se, sente-se....

— Eu não o mandei aqui! Mas sabia dessa visita e a razão dela — respondeu secamente Raskólnikov.

— Sabia, então?

— Sabia! E daí, que conclui?

— Concluo, Ródion Românovitch, que sei muita coisa a seu respeito; estou informado de tudo! Sei que ontem pretendeu *alugar certa casa*, que puxou o cordão da campainha, que fez uma pergunta sobre certa poça de sangue, que seus modos deixaram surpresos os operários e mais gente que o viu. Ah! Compreendo a situação moral em que estava... Mas essas agitações porão o senhor doido! Por toda parte suas palavras permitem que, em voz alta, lhe façam acusações. Essas insinuações estúpidas tornam-se-lhe insuportáveis e quer acabar com elas o mais breve possível. Não é verdade? Adivinhei os sentimentos que o dominam?... Apenas não só transtorna a própria cabeça, como também dá cabo de meu pobre Razumíkhin, o que é realmente uma pena! A bondade dele o expõe, mais do que a qualquer outro, a sofrer o contágio de sua doença... Quando se acalmar, hei de contar-lhe... Mas sente-se! Peço-lhe que sossegue; está transtornado. Sente-se e acalme-se.

Ele sentou-se; um tremor febril agitava-o. Ouviu com profunda surpresa Petróvitch dando-lhe demonstração de interesse. Impressionava-o sobretudo a referência à visita à casa da velha, na véspera. “Como soube disso, e para que o diz?”, pensava.

— Conheço um caso psicológico parecido, um caso mórbido — continuou Porfírio —, um homem foi acusado de um assassinio que não cometera. Pois declarou-se culpado: contou toda uma história, uma

alucinação que tivera, e o que dizia era tão verossímil, parecia tanto concordar com os fatos, que não podia haver a menor dúvida. Como se pode explicar isso? Sem intenção alguma, esse indivíduo fora, em parte, causador de um crime. Quando soube que, sem o querer, facilitara o assassinio, teve tal desgosto que perdeu a razão imaginando ser ele próprio o assassino! Afinal o tribunal, revendo o processo, encontrou provas da inocência dele. Mas se não fosse isso, o que aconteceria a esse pobre-diabo! Aqui está o que o apoquentava também, Ródion! Pode-se ficar monomaníaco quando se vai de noite puxar os cordões das campainhas e fazer perguntas sobre sangue! Em minha profissão tenho tido ocasião de estudar tudo isso. É uma atração como a que leva um homem a atirar-se de uma janela ou de uma torre... O senhor está doente, Ródion Românovitch! Fez mal em negar essa doença. Devia ter consultado um médico experimentado em vez de se tratar com esse Zózimov! Isso é efeito do delírio!...

Durante um momento, Raskólnikov julgava ver tudo girar. “É possível que ainda esteja mentindo?”, perguntava. E fazia esforços para afastar essa ideia, pressentindo a que extremos ela o podia levar.

— Eu não delirava! — gritou Raskólnikov enquanto torturava o espírito para perceber até onde Petróvitch queria chegar. — Estava em perfeito juízo, entende?

— Percebo, percebo! Já ontem me disse que não tinha delírio, insistiu mesmo nesse caso! Compreendo tudo o que me pode dizer! Mas permita-me ainda uma observação, meu caro Românovitch. Se, com efeito, fosse culpado ou tivesse tomado parte nessa maldita questão pergunto: continuaria sustentando que procedera em uso da razão e não em delírio? Em minha opinião dizia o contrário: sustentaria precisamente que tinha procedido sob efeito do delírio! Pois não lhe parece?

O tom com que a pergunta foi feita admitia suspeitar uma cilada. Dizendo aquelas palavras, Porfírio voltou-se para Raskólnikov, que, do sofá, olhou silenciosamente para ele.

— Exatamente como no caso da visita de Razumíkhin. Se o senhor fosse culpado, diria que ele veio aqui por livre vontade e ocultava que o instigou a vir. Ora, ao contrário, confessa que o mandou.

Raskólnikov, que não afirmara isso, sentiu calafrios na espinha dorsal.

— Continua a mentir! — disse com voz fraca, esboçando um sorriso triste. — Quer convencer-me de que está lendo em meu rosto, que sabe o que lhe vou responder — continuou, sentindo que não pesava já as palavras que proferia —; quer meter-me medo ou troçar de mim...

Falando assim, Raskólnikov não deixava de olhar fixamente para o juiz de instrução. Logo, violenta cólera de novo lhe incendiou o olhar.

— O senhor não fez senão mentir! — exclamou. — Sabe perfeitamente que a melhor tática para um criminoso é confessar o que é impossível ocultar. Eu não acredito no senhor!

— Como sabe disfarçar! — murmurou Porfírio. — Mas apesar disso vejo que não pensa noutra coisa; é o efeito da monomania. Não acredita? Pois digo-lhe que já vai acreditando em mim um pouco e teria muito prazer em que me acreditasse completamente, porque gosto do senhor sinceramente; tenho muita simpatia pelo senhor.

Os lábios de Raskólnikov começaram a tremer.

— Creia; quero-lhe bem — continuou Porfírio tomando-lhe amigavelmente o braço. — E mais uma vez lhe digo: trate-se. Ademais, sua família veio agora para São Petersburgo: pense um pouco nela. Podia fazê-la feliz e agora só lhe causa inquietações.

— Mas que lhe importa? Como sabe disso? E, então, além de me vigiar, diz-me claramente?

— Mas atenda a que o que sei, foi o senhor quem me disse! Não reparou que na sua agitação falava espontaneamente das suas coisas, não só comigo mas com os outros? Várias particularidades interessantes foi Razumíkhin quem me contou. Ia dizer-lhe quando me interrompeu que, apesar de todo o seu espírito, não está vendo tudo claramente, por causa da sua índole desconfiada. Ora, veja, por exemplo, esse incidente da campainha; uma preciosidade, um fato inapreciável para o juiz de instrução! Refiro-lhe singelamente, e isso não lhe abre bem os olhos? Se eu o julgasse culpado, procedia deste modo? A minha linha de conduta em tal caso era certamente outra; começava, pelo contrário, por adormecer a sua desconfiança, afetando ignorar o fato, e atraía-lhe a atenção para um ponto oposto; depois, bruscamente, descarregava o golpe perguntando-lhe: “Que foi o senhor fazer ontem às dez horas da noite na casa da vítima? Por que puxou o cordão da campainha! Para que perguntou pelo sangue? Por que pediu a todo mundo que o levasse à polícia?” Aqui tem como eu teria

procedido se suspeitasse do senhor. Submetia-o a um interrogatório em regra ou ordenava investigações, informava-me... Mas se eu não fiz nada disso, é porque não tenho a menor suspeita!... O senhor perdeu a noção das coisas, e não vê nada, repito-lhe!

Raskólnikov tremia, fato que não passou despercebido a Porfírio.

— O senhor mente! — gritou. — Não conheço as suas intenções, mas mente... Há pouco falava-me de outro modo: não me ilude... Mente!

— Minto? — disse Porfírio com certa vivacidade, conservando-se embora sereno e não dando importância à opinião que Raskólnikov fazia dele. — Minto? Mas que lhe disse há pouco? Eu, juiz de instrução, dei-lhe os argumentos com que o senhor podia defender-se; “a doença, o delírio, as torturas do amor-próprio, a hipocondria, a afronta recebida no comissariado de polícia etc.”. Pois não foi isto? Seja dito antes, que esses meios de defesa não são dos melhores: podiam voltar-se contra o senhor. Se dissesse “Eu estava doente, delirava, não sabia o que fazia, não me lembro de nada”, podiam responder-lhe: “Tudo isso está muito bem; mas por que é que o delírio se manifesta sempre com o mesmo caráter?... Podia manifestar-se de outras formas!” Não lhe parece?

Raskólnikov levantou-se olhando o juiz com profundo desdém.

— Afinal — disse alto e peremptoriamente, pondo-se de pé e empurrando Porfírio para trás —, afinal, quero saber se suspeita de mim. Fale, Petróvitch, explique-se sem rodeios, imediatamente!

— Valha-o Deus! Está como as crianças que pedem a Lua! — respondeu Porfírio rindo. — Mas que necessidade tem de saber tanto, se até agora o deixaram livre? Por que se assusta desse modo? Por que vem aqui sem ninguém o chamar? Que razões tem para isso?

— Repito-lhe — gritou Raskólnikov enraivecido — que já não posso suportar...

— O quê? A dúvida? — interrompeu o juiz de instrução.

— Não me leve a extremos! Não quero!... Não posso nem quero!... Ouve? — continuou Raskólnikov em voz alta, dando outro murro na mesa.

— Fale baixo! Podem ouvi-lo! Vou dar-lhe um conselho a sério: tome cautela! — murmurou Porfírio.

O rosto do juiz perdera a expressão de bonomia; franziu a testa, falava como senhor absoluto. Contudo isso durou um instante. Intrigado, Raskólnikov logo sentiu novo acesso de cólera; mas, fato curioso, ainda

dessa vez, apesar de ter chegado ao auge do desespero, obedeceu à ordem de falar baixo. Sentia que não podia deixar de o fazer, e essa ideia mais o irritou...

— Não me deixarei martirizar! — sussurrou; e reconhecendo instantaneamente, com ódio, que teria de obedecer à ordem, deixou-se empolgar por um ódio maior ainda. — Prenda-me, vigie-me, investigue, mas proceda como de costume, e não esteja brincando comigo!

— Não se preocupe com o costume — interrompeu Porfírio com ironia, ao passo que olhava com mal dissimulado júbilo para Raskólnikov. — Foi como amigo que o convidei a vir ver-me!

— Não quero a sua amizade; não preciso dela. Percebeu? E agora apanho o boné e saio. Que me diz, se tem intenção de prender-me?

Mas quando chegava à porta, Porfírio tomou-lhe o braço.

— Quer ver uma surpresa? — perguntou o juiz de instrução, cada vez mais animado, o que desnorteava Raskólnikov.

— Que surpresa? Que quer dizer? — perguntou Ródion parando e olhando Porfírio com certa inquietação.

— Uma surpresazinha ali atrás da porta! (Apontava para a porta que comunicava com os seus aposentos.) Até a fechei à chave para que não me fugisse.

— Que é? Onde? Quem?

Raskólnikov aproximou-se da porta e quis abri-la, mas não pôde.

— Está fechada! Aqui está a chave!

Dizendo isto, o juiz de instrução tirou a chave do bolso e mostrou-a.

— Mentos! — gritou Ródion. — Mentos, maldito palhaço!

E atirou-se a Porfírio, que se desviou sem manifestar o menor receio.

— Compreendo tudo! Tudo! — gritou Raskólnikov. — Mentos e desesperas-me, para eu me trair...

— Mas não é preciso trair-se. E não grite, senão chamo alguém.

— Mentos, não tens surpresa nenhuma. Chama tua gente. Sabias que eu estava doente e quiseste irritar-me, para me arrancares uma confissão. Estás onde querias chegar! Mas as provas? Não as tens, baseias-te em pobres suposições, nas conjeturas de Zametov!... Conhecias meu caráter, quiseste desnortear-me, até mandares teus agentes... Espera-os, não é assim?

— Mas por que fala em agentes? Que ideia! A forma do costume, para servir-me dos seus próprios termos, não permite isso. O senhor não percebe nada disso, meu caro amigo... — murmurou Porfírio, que se encostara à porta para ouvir.

Efetivamente havia certo barulho na sala contígua.

— Ah! Aí vêm eles — exclamou Raskólnikov, manda-os entrar todos: delegado, testemunhas; manda entrar quem quiseses! Estou pronto!

Mas neste momento deu-se um caso tão extraordinário, que nem Raskólnikov nem Petróvitch o teriam podido prever.

CAPÍTULO VI

Quando mais tarde relembrou a cena, foi assim que Raskólnikov a entendeu.

O ruído na outra sala aumentou de repente e a porta abriu-se.

— Quem é? — gritou colérico Porfírio. — Eu tinha dado ordem.

Ninguém respondeu, mas a origem do ruído adivinhava-se: alguém queria entrar no gabinete do juiz e havia quem o impedisse à força.

— Mas que é? — repetiu Porfírio.

— É que trouxeram o acusado Micolai — disse alguém.

— Levem-no! Espere lá!... Mas para que o trouxeram? Que desordem! — censurou o magistrado dirigindo-se para a porta.

— Mas foi ele que... — tornou a mesma voz parando de súbito.

Durante momentos ouviu-se o barulho de uma luta entre dois homens; depois um deles repeliu o outro com força e entrou bruscamente no gabinete.

Tinha um aspecto singular. Olhava para a frente, mas parecia não ver ninguém. Nos olhos brilhantes lia-se a firmeza de uma resolução. Estava lívido como um condenado a caminho da forca. Os lábios tremiam ligeiramente.

Era muito novo ainda, magro, de estatura mediana e trajava como um operário. Tinha o cabelo cortado rente; a fisionomia era delicada. O outro, um policial que ele tinha repelido, entrou após, agarrando-o pelo braço; mas Micolai conseguiu soltar-se.

À porta agrupavam-se curiosos. Tudo isso se passou em muito menos tempo do que é preciso para dizer.

— Vá-te, ainda é cedo! Espera que te chamem!... Para que o trouxeram? — resmungou Petróvitch irritado e surpreendido.

Mas de repente Micolai pôs-se de joelhos.

— Que fazes? — gritou o juiz de instrução cada vez mais admirado.

— Perdão! Eu sou o criminoso! Sou o assassino! — disse Micolai com voz forte, apesar da comoção que o asfixiava.

Durante segundos houve um silêncio profundo, como se todos tivessem sido atacados de síncope; o policial não tentou segurar o preso, e dirigiu-se para a porta onde ficou imóvel.

— Que dizes? — gritou Porfírio quando o assombro lhe permitiu falar.

— Sou... o assassino... — repetiu Micolai, depois de breve silêncio.

— Como?... Tu?... Quem assassinaste?

O juiz de instrução estava verdadeiramente atordoado.

Micolai não respondeu logo.

— Eu... assassinei... com um machado Alena Ivanovna e a irmã, Isabel. Tinha o espírito transtornado... — acrescentou de repente; depois calou-se, conservando-se ajoelhado.

Tendo ouvido a resposta Petróvitch parecia pensar profundamente; depois, com um gesto violento, mandou sair as pessoas presentes. Todos obedeceram e a porta fechou-se.

Raskólnikov, de pé, a um canto, olhava Micolai. Durante algum tempo o juiz de instrução observou atentamente a ambos. Por fim falou a Micolai de mau humor:

— Espera que te interroguem; não te antecipes. Eu não te perguntei se tinhas o espírito transtornado. Responde agora: mataste?

— Eu sou o assassino... confesso — respondeu Micolai.

— Ah!... E como mataste?

— Com um machado. Tinha-o levado de propósito para isso.

— Não tenhas pressa! Sozinho?

Micolai não percebeu a pergunta.

— Não tinhas cúmplices no crime?

— Não. Mitka está inocente, não tomou parte.

— Não te apresses em desculpar Mitka; falei nele?... Mas como se explica que os dois fossem vistos descendo a escada a correr?...

— Foi de propósito que saí atrás de Mitka, para desviar as suspeitas.

— Basta! — gritou Porfírio furioso. — Ele não diz a verdade! — murmurou como se falasse sozinho, e de súbito seus olhos encontraram-se com os de Raskólnikov, cuja presença esquecera durante o diálogo. Vendo-o, o juiz de instrução ficou perturbado. Falou-lhe logo.

— Ródion Românovitch, desculpe-me, já não tem aqui nada que fazer... ora veja... que surpresa!

Tomara-o pelo braço, indicando-lhe a porta de saída.

— Parece que não esperava por isso — observou Raskólnikov.

Naturalmente o que se passara era ainda para ele um enigma; contudo recobrou grande parte da calma.

— Mas o senhor também não contava com este episódio. Como a sua mão treme!

— Também o senhor treme, Porfírio Petróvitch.

— É verdade; não esperava por isso...

Estava à porta. O juiz de instrução queria evidentemente ver-se livre dele.

— Então não mostra a surpresa prometida?

— Com que dificuldade ganhou forças para falar e já fala com ironias. É um homem muito singular, Ródion! Até mais ver...

— Talvez fosse melhor dizer *adeus*!

— Será como Deus quiser! — disse Petróvitch com um riso forçado.

Atravessando a secretaria notou que os empregados olharam-no muito. Na antecâmara reconheceu, entre a multidão, os dois homens *daquela casa* a quem pedira que o levassem ao comissariado de polícia. Pareciam esperar alguma coisa. Mas ouviu a voz de Porfírio. Voltou-se e viu o juiz de instrução correndo atrás dele.

— Uma palavra. Ródion Românovitch, esta questão há de resolver-se como Deus quiser; mas por causa das formalidades terei que pedir-lhe algumas informações... e por isso tornaremos a ver-nos, com certeza!

E Porfírio parou diante dele, sorrindo.

— Com certeza! — repetiu.

Poderia supor-se que queria ainda dizer mais alguma coisa, mas calou-se.

— Desculpe-me aqueles modos de há pouco, Petróvitch... excitei-me demais — começou a dizer Raskólnikov, que, senhor de si, sentia uma vontade irresistível de troçar do magistrado.

— Não falemos mais nisso — disse Porfírio quase alegre. — Eu mesmo... tenho uns modos muito desagradáveis, confesso. Mas até breve! Se Deus quiser havemos de ver-nos ainda muitas vezes!

— E havemos de ser amigos? — perguntou Raskólnikov.

— Havemos de dar-nos muito — respondeu como um eco Petróvitch, piscando os olhos e olhando seriamente o seu interlocutor. — Vai a alguma festa de aniversário?

— A um enterro.

— Ah, bem! Tenha cuidado com a saúde...

— De minha parte, não sei o que hei de desejar! — respondeu Raskólnikov, começando a descer a escada. Mas de súbito voltou-se para Porfírio. — Desejo-lhe maior sucesso que o de hoje. Como as suas funções são cômicas!

A estas palavras o juiz de instrução, que já ia para o gabinete, perguntou ainda:

— Que têm elas de cômico?

— Ora essa! Aí está o caso desse pobre Micolai... Como devia tê-lo atormentado, perseguindo-o para lhe arrancar confissões! Dia e noite, por certo, dizia-lhe em todos os tons: “És o assassino, és o assassino...” Perseguiu-o sem cessar segundo o seu método psicológico. E agora que o desgraçado se diz culpado, começa a zombar dele, cantando-lhe outra ária. “Mentes, não és o assassino, não o podes ser, não é verdade.” Ora, depois disso não se tem direito de achar cômicas as suas funções?

— Ah! Reparou, então, que observei a Micolai que ele não falava a verdade?

— Como não havia de notar?

— Tem o espírito muito sutil, nada lhe escapa! E tem graça, cultiva a ironia. O senhor tem veia humorística. Diz-se que era a característica de Gogol...

— É verdade, de Gogol... Até outra vista.

— Até outra vez.

Raskólnikov foi diretamente para casa; deitou-se no divã e, durante um quarto de hora, tentou pôr em ordem as ideias. Não tentou sequer explicar o caso de Micolai, convencido de que havia um mistério cuja chave, naquela ocasião, era inútil procurar. Ademais, não tinha ilusões sobre as consequências do incidente: a confissão do operário em breve seria reconhecida como falsa, e então as suspeitas recairiam novamente sobre ele. Mas enquanto esperava os acontecimentos era livre, e devia tomar precauções, prevendo o perigo que julgava próximo.

Até onde estava ameaçado? A situação começava a clarear. Sentia calafrios, ao lembrar-se da entrevista com o juiz de instrução. Decerto não podia compreender todas as ideias de Porfírio, mas o que adivinhava era mais que suficiente para que visse o terrível perigo de que se salvara. Um pouco mais e se perderia irremediavelmente. Conhecendo-lhe a irritabilidade o magistrado caíra sobre ela e muito audazmente descobrira o jogo. Raskólnikov comprometera-se muito; todavia, as imprudências que reconhecia ter cometido não constituíam uma prova; tinham apenas importância relativa. Não se enganaria pensando assim? Qual era o fim a que Porfírio visava? Teria realmente maquinado qualquer intriga, armado um golpe? Mas como era esse golpe? Sem a presença imprevista de Micolai, como terminaria aquela visita?

Porfírio mostrara quase todos os trunfos — de fato, arriscara-se algo em mostrá-los —, e se tivesse algum escondido na manga do casaco, pensava Raskólnikov, tê-lo-ia mostrado também. Qual seria a “surpresa”? Era uma brincadeira? Teria algum significado? Poderia trazer escondido algum fato, alguma prova irrefutável de culpa? Sua visita de ontem? Onde se metera? Onde estaria hoje? Se Porfírio tivesse alguma prova, só poderia estar ligada à visita...

Raskólnikov sentara-se no divã, os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça entre as mãos. Um tremor nervoso tomava-lhe todo o corpo. Por fim, levantou-se, pegou o boné e, depois de pensar um momento, dirigiu-se para a porta.

“Pelo menos por hoje, não há nada a temer.” De repente, teve uma grande ideia: lembrou-se de ir à casa de Catarina. Era muito tarde para o enterro, mas chegava a hora do jantar, e aí veria Sônia.

Parou, refletiu, e um triste sorriso ficou-lhe nos lábios:

“Hoje! Hoje!”, repetiu. “Sim, hoje mesmo! É preciso...”

Ao abrir a porta, alguém lhe poupou esse trabalho. Recuou espantado, vendo surgir o enigmático indivíduo da véspera, o homem *que saíra de debaixo da terra*.

A misteriosa personagem parou, e depois de olhar silenciosamente para ele, entrou. Vestia como na véspera, mas dir-se-ia que a fisionomia não era a mesma. Parecia aflito, soltando fundos suspiros do peito.

— Que deseja? — perguntou-lhe Raskólnikov pálido como um morto.

O outro não respondeu e curvou-se até o solo; pelo menos bateu no soalho com o anel que trazia na mão direita.

— Quem é o senhor? — perguntou Raskólnikov.

— Peça-lhe perdão — disse o homem em voz muito baixa.

— De quê?

— Dos meus maus pensamentos!

Olharam um para o outro.

— Estava zangado... Quando outro dia, com o espírito turvo pela bebida, o senhor perguntou pelo sangue, e pediu que o levasse à polícia, vi com pesar que ninguém dava importância ao que o senhor dizia, tomando-o por um bêbado. Mas eu, lembrando-me da sua morada, vim ontem aqui...

— Foi o senhor que veio procurar-me? — interrompeu Raskólnikov.

Começava a fazer-se luz no seu espírito perturbado.

— Sim. Insultei-o vilmente.

— Estava então naquela casa...?

— Estava à porta, quando o senhor foi lá. Não se lembra? Moro lá há muito tempo... Sou curtidor e preparador de peles e levo trabalho para casa... acima de tudo, estava zangado...

Raskólnikov lembrou-se então de toda a cena da antevéspera.

Com efeito, além dos *dvorniks* tinha mais gente à porta. Alguém aconselhou que o levassem logo à polícia. Não podia lembrar-se do rosto de quem fizera aquela observação, nem mesmo agora o reconheceria, mas lembrava-se de ter dito qualquer coisa à toa.

Assim se explicava o mistério da véspera! E, sob a horrível impressão que lhe causava uma coisa tão insignificante, estivera quase a perder-se! Esse homem não pudera contar senão que ele se apresentara para alugar a casa da velha e perguntara pelo sangue. Portanto, salvo este passo dado por um *doente delirante*. Porfírio não sabia mais nada; não havia fatos, nada de positivo. “Por consequência, se não surgiram novos acontecimentos (e não surgirão, com certeza), que me podem fazer? Mesmo que me prendam, como poderão provar minha culpa?”

Outra conclusão tirava Raskólnikov daquelas palavras: havia pouco ainda Petróvitch soubera da sua visita à casa da vítima.

— O senhor disse hoje a Porfírio que eu tinha estado lá? — perguntou ele tomado por uma ideia súbita.

— Qual Porfírio?

— O juiz de instrução.

— Disse-lhe. O *dvornik* não quis ir, mas eu fui.

— Hoje? Não foi?

— Cheguei dois minutos antes do senhor. Ouvi tudo. Ele fez-lhe passar um mau quarto de hora ali!

— Onde? O quê? Quando?

— Eu estava lá, na sala junto ao gabinete. Estive ali o tempo todo desde que chegou lá.

— Como? Então o senhor era a tal surpresa? Mas como foi isso? Conte-me, por favor.

— Vendo que os *dvorniks* se recusavam a avisar à polícia sob pretexto de que era tarde e o comissariado estava fechado, resolvi saber quem era o senhor. No dia seguinte, ontem, tomei informações e fui ter com o juiz de instrução. Da primeira vez que fui lá, não estava. Uma hora depois voltei, mas não me recebeu; finalmente, da terceira vez mandou-me entrar. Contei como as coisas se passaram; ouvindo-me, pulava no gabinete como uma bola de borracha: “Aí está como esses peraltas trabalham!”, exclamou. “Se soubesse disso mais cedo mandava-o prender!” Em seguida saiu, chamou alguém com quem falou num canto da sala; depois voltou-se para mim e pôs-se a interrogar-me, proferindo imprecações. Ficou certo de tudo. Conte-lhe que o senhor não se atrevera a responder-me e que não me reconhecera. Ele continuava dando murros, gritando e pulando. Nisto vieram anunciar a sua chegada: “Retira-te para ali e não te mexas”, disse-me. Quando lhe trouxeram Micolai ele despediu o senhor, e depois mandou-me sair.

— E ele interrogou Micolai na sua presença?

— Saí logo depois do senhor, e só então é que começou o interrogatório.

Terminando a sua história o burguês curvou-se outra vez até o chão.

— Perdoe-me a denúncia e o mal que lhe fiz.

— Que Deus te perdoe! — respondeu Raskólnikov.

O outro curvou-se novamente e saiu.

“Não há acusações seguras, não há provas”, pensou Raskólnikov, sentindo renascer-lhe a esperança. E saiu de casa.

“Podemos ainda lutar”, disse com um riso feroz, ao descer a escada. E era a si próprio que ele odiava, pensando, humilhado, na sua “pusilanimidade”.

QUINTA PARTE

CAPÍTULO I

No dia seguinte àquele em que teve a explicação com Dúnia e a mãe dela, Lujine compreendeu com grande pesar que o rompimento, em que na véspera ainda não podia crer, era um fato consumado. A serpente do amor-próprio mordeu-lhe o coração durante toda a noite. Logo que se levantou, o primeiro ato de Petróvitch foi ver-se ao espelho, receava ter tido algum derramamento bilioso.

Felizmente essa suposição não tinha fundamento. Vendo o rosto pálido, sentiu certa satisfação ao pensar que não seria difícil substituir Dúnia, e, quem sabe, talvez com vantagem. Mas logo abandonou essa esperança e cuspiu para o lado, o que fez sorrir com ar trocista o seu amigo e companheiro de quarto, André Semênovitch Lebeziátnikov.

Petróvitch notou aquele sorriso e lançou-o na conta do amigo, conta que estava bem carregada há muito tempo. Seu desespero aumentou mais ainda, pensando que não lhe devia ter contado essa história. Uma asneira, que seu temperamento o obrigara a cometer naquela tarde: cedeu à necessidade de desabafar.

Durante o dia o azar perseguiu Lujine. No tribunal, a questão de que tratava reservava-lhe um desgosto. O que sobretudo o irritava era não poder dar razão ao proprietário da casa que tinha arrendado por causa do seu próximo casamento. Esse indivíduo, de origem alemã, era um antigo operário que enriquecera. Não aceitava transação alguma e reclamava o pagamento estipulado no contrato, ainda que Petróvitch lhe entregasse a casa imediatamente.

O estofador não era menos exigente. Não queria restituir um só rublo do que Petróvitch dera de sinal pelo mobiliário que encomendara para a sua nova residência de casado. “Será possível que eu tenha de casar por causa da mobília?”, dizia Lujine rangendo os dentes e, ao mesmo tempo, apegando-se a um lampejo de esperança. “O mal não terá remédio?” A lembrança dos encantos de Dunetchka feriu-lhe o coração como um

espinho voluptuoso. Nesse terrível momento, se pudesse por um simples desejo tirar a vida a Raskólnikov, tê-lo-ia matado imediatamente.

“Outra tolice minha foi não lhes dar dinheiro”, pensava voltando tristemente para o quarto de Lebeziátnikov, “por que fui tão avarento? Andei mal. Deixando-as momentaneamente sem recursos pensei que elas veriam em mim uma providência, e no fim fogem-me das mãos!... Se tivesse dado 1.500 rublos para o enxoval, se comprasse presentes no Armazém Inglês, meu procedimento seria a um tempo nobre e... hábil! Não me abandonavam tão facilmente. Com os seus escrúpulos julgar-se-iam obrigadas a restituir-me presentes e dinheiro, e isso havia de ser-lhes difícil! E era um caso de consciência: como, diriam, se há de despedir um homem tão generoso e delicado?... Fiz uma grande asneira!”

Pedro Petróvitch rangeu de novo os dentes, e chamou-se imbecil... mas, claro, em voz baixa.

Chegando a esta conclusão, voltou para casa muito mais aborrecido do que quando saíra. Contudo, despertou-lhe a curiosidade o movimento que havia em casa de Catarina com os preparativos para o jantar. Já na véspera ouvira falar em tal; lembrou-se até que fora convidado, mas suas preocupações o tinham impedido de atender ao convite.

Na ausência de Catarina (que estava no cemitério), a senhora Lippelvechzel andava dando ordens em volta da mesa. Conversando com ela, Pedro Petróvitch soube que se tratava de um verdadeiro banquete fúnebre para o qual tinham convidado todos os inquilinos do prédio, entre os quais havia alguns que nem conheciam o finado. André Semênovitch recebera convite, apesar de ter cortado relações com Catarina. Enfim, desejava-se muito que Petróvitch honrasse o ato com a sua presença, visto que era o mais respeitável de todos os moradores.

Catarina, esquecendo todos os agravos da senhoria, entendeu que devia dirigir-lhe um convite; portanto, era com a maior satisfação que Amália Ivanovna cuidava naquela ocasião dos preparativos. Vestira uma rica *toilette*; e tinha grande vaidade em apresentar-se com um belo vestido de seda preta. Informado de todas essas coisas, Pedro Petróvitch voltou pensativo para o seu quarto, ou, antes, para o de André. Soubera que Raskólnikov era um dos convidados.

Naquele dia, por qualquer motivo, André não saíra. Entre ele e Petróvitch existiam relações um tanto singulares, explicáveis, aliás:

Petróvitch detestava-o quase, desde o dia em que lhe pedira hospitalidade, não se sentindo por isso à vontade diante dele.

Chegando a São Petersburgo, Lujine fora para a casa de Lebeziátnikov, não só por economia, mas por outra razão. Na província ouvira falar de André, seu antigo pupilo, como um dos rapazes, na capital, de ideias mais avançadas e ainda como homem que ocupava uma situação importante em alguns centros que se tornaram verdadeiramente lendários. Esta circunstância interessava-o. Há muito sentia um vago receio desses centros poderosos que sabiam tudo, não respeitavam ninguém e declaravam guerra a todo mundo.

É inútil acrescentar que a distância em que se achava não lhe permitia ver bem as coisas. Como os outros, ouvira dizer que havia em São Petersburgo progressistas, niilistas etc.; mas no seu espírito, como no da maioria, estas palavras tinham uma significação exagerada até o absurdo. O que ele receava especialmente eram as *devassas feitas* contra certos indivíduos pelo partido revolucionário. Certas lembranças dos primeiros tempos da sua carreira contribuíram bastante para este receio, desde que acariciara o sonho de ficar em São Petersburgo de uma vez.

Duas personagens de alta categoria que o tinham protegido sofreram os ataques dos anarquistas, sentindo-lhes as terríveis consequências. De modo que, logo que chegou a São Petersburgo, Pedro Petróvitch observou de que lado soprava o vento, e, pelo sim, pelo não, tratou de conquistar as boas graças da *nova geração*. Contava para isso com André. Pela conversa que o vimos ter com Raskólnikov, vê-se que já se apropriara, em parte, da linguagem dos modernos.

Cedo descobriu que André Semênovitch era um simplório, mas isto de modo algum tranquilizava Pedro Petróvitch. Mesmo que estivesse certo de que todos os progressistas fossem estúpidos como André, sua inquietação não ficaria acalmada. Todas as doutrinas, ideias, sistemas com que André Semênovitch o intoxicara tornaram-se sem interesse para ele. Tinha objetivo próprio — simplesmente queria descobrir logo o que ocorria em São Petersburgo. Os progressistas tinham poder ou não? Devia temê-los? Denunciariam algum negócio dele? Qual era, precisamente, o objetivo do ataque deles? Poderia ele enfrentá-los e evitá-los se eram realmente poderosos? Devia fazer isto ou não? Lucraria algo por intermédio deles? Centenas de perguntas desse tipo apresentavam-se-lhe à mente.

André era empregado num ministério. Baixo, anêmico, escrofuloso, cabelos de um louro quase branco e suíças em forma de costeletas, que eram a sua vaidade. Estava quase sempre doente dos olhos. Bom homem, no fundo era um razoável pedante, falava afetado, com arrogância e entono que contrastavam ridiculamente com a sua figura débil.

Aliás, era tido por um dos bons inquilinos da Lippelvechzel porque não bebia e pagava pontualmente. À parte estes méritos, André era realmente um insignificante. Um entusiasmo de simplório levava-o a colocar-se sob a bandeira progressista. Era um dos numerosos ingênuos escravos da ideia em moda, e que muitas vezes, pela parvoíce, desacreditam a causa.

Ademais, apesar do seu belo caráter, Lebeziátnikov achou insuportável o seu hóspede e antigo tutor Pedro Petróvitch. A antipatia era recíproca. Apesar da sua simplicidade, André começava a perceber que Petróvitch o desprezava, e que “não havia nada a fazer com aquele homem”. Mostrava-lhe as teorias de Fourier e de Darwin, mas Petróvitch, que o ouvira com ar trocista, não hesitava em dizer coisas que magoavam o jovem catequizador. O fato é que Lujine acabou suspeitando que Lebeziátnikov não era apenas um imbecil, mas também um falador sem conceito algum no partido a que pertencia. Sua função era a *propaganda*, mas ainda aí não estava muito seguro, porque tropeçava a cada passo ao expor as teorias; decididamente, que se podia rezear de tal criatura?

Note-se que desde que se instalara em casa de André (sobretudo nos primeiros dias) Petróvitch aceitava-lhe com prazer, ou pelo menos sem reserva, as atenções; quando ele, por exemplo, manifestava um grande zelo em formar uma comuna na rua dos Burgueses, e lhe dizia “O senhor é bem inteligente para se zangar com sua mulher um mês depois do casamento, se ela tiver um amante; um homem inteligente como o senhor não batiza os filhos” etc. etc., Petróvitch não pestanejava, tanto lhe agradava o diploma de inteligente que ele lhe dava.

Vendera alguns títulos de manhã e, sentado à mesa, contava o dinheiro que recebera. André Semênovitch, que quase nunca tinha dinheiro, passeava pelo quarto afetando indiferença pelos maços de notas. Petróvitch não acreditava naquela indiferença. Por seu lado, André adivinhava com pesar o pensamento cético de Lujine e dizia consigo que ele era bem capaz de lhe estender diante dos olhos todo seu dinheiro para o humilhar, e lembrar-lhe a distância em que a fortuna os colocava.

Dessa vez Petróvitch estava de má disposição e prestava menos atenção do que de hábito a Lebeziátnikov, que desenvolvia seu tema favorito: o estabelecimento de uma nova comuna de outro gênero. Não interrompia suas contas senão para fazer alguma observação irônica e desagradável. Mas o “humano” André não se alterava. O mau humor de Lujine explicava-o pelo despeito de um noivo que fora dispensado. Tinha pressa de tocar nesse assunto, porque desejava lançar a respeito, algumas observações *progressistas*, que podiam consolar o amigo e contribuir para o seu desenvolvimento.

— Parece que se prepara um banquete em casa da viúva? perguntou à queima-roupa Lujine, interrompendo André no ponto mais vivo do seu discurso.

— Como se o senhor não soubesse. Ainda ontem lhe falei nisto, expondo-lhe até a minha opinião sobre essas cerimônias... Pelo que ouvi dizer, ela convidou-o.

— Eu não podia crer que, na miséria em que está, essa imbecil gastasse num jantar todo o dinheiro que recebeu desse outro imbecil... Raskólnikov. Há pouco ao entrar fiquei admirado, vendo esses preparativos... Os vinhos!... E parece que convidou muita gente. O diabo que a entenda! — continuou Petróvitch, que parecia falar com intenção. — Disse que ela me convidou? — perguntou ainda levantando a cabeça. — Quando? Não me lembro. Mas não vou. Que vou fazer lá? Conhecia-a apenas de ontem, quando trocamos poucas palavras. Disse-lhe que como viúva de um funcionário podia obter algum auxílio. Seria por isto que me convidou para o banquete?

— Eu também não tenho intenção de ir — disse Lebeziátnikov.

— Não faltava mais nada! O senhor já lhe bateu!... Compreende-se que tenha escrúpulo em ir jantar lá.

— Bati-lhe? A quem se refere — perguntou Lebeziátnikov, ficando muito vermelho.

— Refiro-me a Catarina Ivanovna, em quem bateu há de haver um mês! Soube-o ontem... Ora, aí estão as suas convicções!... Aí está o seu modo de resolver a questão da mulher!

Dita esta frase que o aliviou, continuou a contar o dinheiro.

— É uma infâmia; uma calúnia! — respondeu logo Lebeziátnikov, que não gostava que lhe falassem nisso. — Não houve nada disso! O que lhe

contaram é falso. Defendi-me, apenas. Foi Catarina que se atirou a mim para me arranhar... Puxou-me pelas suíças... Todos, penso eu, têm o direito de defender-se. Ademais, sou inimigo da violência, venha de onde vier, por princípios, porque é despotismo. Que devia eu fazer? Deixá-la bater-me? Repeli-a, apenas.

— Ah!, ah!, ah! — ria Lujine, maliciosamente.

— O senhor, por estar de mau humor, quer sofismar; mas isto não significa nada, não tem relação com a questão da mulher. Eu fiz este raciocínio, de que se está admitido que o homem é igual à mulher em tudo, até na força (como agora começa a sustentar-se), então a igualdade deve existir também neste caso. Refleti que não havia motivo para debater esta questão, porque nas sociedades futuras não haverá lutas, pela simples razão de que não haverá disputas... Portanto é absurdo pensar na igualdade da luta. Eu não sou tão tolo... ainda que, afinal, haja conflitos... isto é, mais tarde não os haverá... mas por ora ainda não é possível evitá-los... Mas com os diabos, com o senhor uma pessoa atrapalha-se... Não é isso que me leva a não aceitar o convite. Se não vou lá jantar é somente por causa dos princípios, para não sancionar com a minha presença o costume desses jantares de enterro, ora aqui tem! Aliás, podia ir para trocar de tudo aquilo... Felizmente não vão padres lá, porque se fossem eu não faltaria.

— Quer dizer que ia ao jantar da mulher para falar mal dela e da forma por que o recebia; não é verdade?

— Não era para falar mal; era para protestar, e com um fim útil. Eu posso, indiretamente, auxiliar a propaganda civilizadora, como é dever de todos. Talvez essa missão se cumprisse melhor se houvesse menos pieguices. Eu posso semear a ideia, o grão... Desse grão nascerá um fato. Trabalhar assim prejudica alguém? Primeiro arrepiam-se, mas depois compreendem que se lhes prestou um serviço útil... O senhor sabe, Terebieva (pertencente, hoje, à comuna) foi censurada quando abandonou a família e... se devotou. Ela escreveu aos pais que não continuaria a viver convencionalmente e entregar-se-ia ao casamento livre; disseram-lhe que fora muito brutal, que os devia ter poupado e escrito em termos mais agradáveis. Acho tudo isso bobagem e que não há necessidade de brandura; ao contrário, é necessário o protesto. Varenta esteve casada sete anos, abandonou os dois filhos, e disse sem reboços, em carta, ao marido: “Concluí que não posso ser feliz contigo. Nunca te perdorei ter-me escondido existir outra organização social, ou seja, a comuna. Só

tardamente aprendi esta lição com o magnânimo homem a quem me entreguei e com quem estou estabelecendo uma comuna. Falo claramente por considerar desonesto enganar-te. Faça o que entenderes. Não penses em meu regresso, és um retrógrado. Desejo que sejas feliz.” Assim deviam ser escritas todas as cartas!

— Esta Terebieva é aquela que já casou-se pela terceira vez?

— Não, é o segundo casamento apenas! Mas que importa que seja o quarto ou o 15º? Tudo é tolice! Se alguma vez lastimo a morte de meus pais é neste momento, e penso qual protesto lhes lançaria em rosto se ainda *vivessem*. Intentaria alguma coisa propositadamente... Mostrar-lhes-ia! Assombrá-los-ia! Lamento realmente que eles não mais vivam!

— Seja! — interrompeu Petróvitch, — Mas diga-me: conhece a filha do falecido, essa magricela... diz-se que ela... É verdade?...

— Pois então? Quanto a mim, minha convicção é que a situação dela é a normal da mulher. Por que não? Distingamos. Na sociedade atual este modo de vida não é normal, porque é forçado; mas na sociedade futura será absolutamente normal porque será *livre*. Agora mesmo ela tinha obrigação de o seguir: estava desgraçada; por que não disporia *livremente* do seu capital? Bem entendido que na sociedade futura o capital não existirá, mas a participação da mulher terá outro significado, regulado por uma forma racional. Quanto a Sônia Semenovna, vejo o seu procedimento como um protesto contra a organização social e tenho-lhe por isso muita estima. Direi mais: quando a vejo, sinto-me satisfeito...

— Contudo, disseram-me que a tinha expulsado daqui!

Lebeziátnikov irritou-se.

— Outra mentira! Não houve isso! Catarina Ivanovna contou essa história de um modo falso porque não percebeu nada! Eu jamais quis favores de Sófia Semenovna. Limitava-me simplesmente a desenvolvê-la, sem nenhum pensamento reservado, esforçando-me por lhe despertar a ideia do protesto... Não fiz outra coisa: ela própria compreendeu que não podia continuar a viver aqui!

— Convidaram-na para a comuna? Ah!, ah!

— Recolha seu riso, é inapropriado. Deixe-me contar-lhe! Não entende? Não existe tal papel em uma comuna, esta é estabelecida para que não haja semelhante papel. Em comuna tal função é transformada na essência. O que aqui é estúpido, lá é sensível; o que nas atuais condições

sociais é inatural, torna-se perfeitamente natural na comuna. Tudo depende do ambiente. O homem em si nada vale. Vivo em bons termos com Sônia Semenovna até hoje, provando que ela nunca me julgou tê-la prejudicado. Atualmente procuro atraí-la para a comuna, mas em bases diferentes das em que *vive*. De que se ri? Queremos fundar uma comuna com bases especiais, mais amplas. Progredimos em nossas convicções. Rejeitamos muito mais! Se Dobrolíubof e Bielínski saíssem do túmulo ter-me-iam como adversário! Neste intervalo, continuo desenvolvendo Sófia Semenovna. Tem um belo, belíssimo caráter!

— E se aproveita então desse caráter?

— Não, não! Pelo contrário!

— Pelo contrário, é boa! Sim, senhor!...

— Pode acreditar-me: por que lhe havia de esconder a verdade? E, sabe? há mesmo uma coisa que me admira: ela parece sempre contrafeita, tem um pudor, um recato...

— E o senhor então desenvolve-a? Ah!, ah! Demonstra-lhe que esse pudor é imbecil.

— Não! Não! Oh! Que sentido tão grosseiro, tão estúpido, o senhor dá à palavra desenvolver! Como está atrasado!... *Não vê nada!* Nós procuramos a liberdade da mulher e o senhor pensa somente na porcaria. Pondo de parte o caso da castidade e do pudor, coisas inúteis e até absurdas, admito perfeitamente as reservas dela diante de mim, *visto* que assim usa da sua liberdade e exerce os seus direitos. Certamente, se ela me dissesse “quero que sejas meu” eu seria feliz, porque ela agrada-me; mas no atual estado de coisas ninguém é mais delicado nem mais conveniente para com ela do que eu. Nunca fizeram justiça às qualidades dela... mas eu não a perco de vista e espero — aí está!

— Dê-lhe um presente. Talvez ainda não pensasse nisto!

— O senhor não percebe, já lhe disse! A sua situação permite-lhe esses sarcasmos, mas não é o que o senhor julga. O senhor despreza-a. O senhor, fundando-se num fato que julga ser desonesto, não trata com humanidade essa criatura. Pois não sabe que caráter tem ela! Só estou triste porque ultimamente ela abandonou a leitura dos *livros* que lhe emprestei. Entristeço-me, também, em sabê-la com energia e resolução para protesto, — como já demonstrou uma vez, e ter tão pouca autoconfiança, independência para romper os liames de certos preconceitos e ideias tolas.

Ainda assim, entende alguns pontos, por exemplo o beija-mão, isto é, que seja um insulto para a mulher o homem beijar-lhe a mão, por ser símbolo da desigualdade. Debateremos a questão; esclarecia-a. Ouviu atentamente meu relato sobre associações trabalhistas da França. Agora estou ensinando-lhe o processo de como entrar em um quarto na futura sociedade.

— E como é isto?

— Ultimamente, discutimos a respeito: um membro da comunidade tem o direito de entrar no quarto de um outro, seja homem ou mulher, a qualquer hora? Decidimos que tem!

— Isto pode ocorrer num momento impróprio! Ah, ah!

Lebeziátnikov ficou verdadeiramente aborrecido.

— Pensa sempre em inconveniências! — gritou com aversão. — Passa! Como me envergonho por ter prematuramente falado sobre a vida privada ao expor nosso sistema! É sempre um escolho no caminho para pessoas como o senhor, que ridicularizam antes de entender! Passa! Defendo a opinião de que este assunto *não deve* ser revelado a um principiante, que ainda não tenha fé no sistema. E diga-me, por favor, que acha de tão vergonhoso em uma latrina? Eu seria o primeiro a candidatar-me a limpar qualquer latrina. E não se trata de autossacrifício, e sim de trabalho honrado, útil, tão bom como qualquer outro. É muito melhor que a obra de um Rafael ou de um Púchkin, por ser mais útil.

— E mais honroso, muito mais honroso! Ah!, ah!

— Que entende por “mais honroso”? Não aceito tal expressão para qualificar uma atividade humana. “Mais honroso”, “mais nobre” — tudo isso não passa de preconceitos antiquados, e que eu rejeito. Tudo que é *útil* à humanidade é honroso. Só aceito uma palavra: *útil*! Pode rir-se à socapa, mas é isso mesmo...

Pedro Petróvitch riu abertamente. Acabara de contar o dinheiro e o amontoava, deixando algumas cédulas na mesa. A “questão da latrina” já fora objeto de discussão entre eles. O absurdo é que Lebeziátnikov se aborrecia sinceramente, ao passo que Lujine se divertia.

Neste momento, estava particularmente desejoso de enfurecer seu jovem amigo.

— Seu azar de ontem o deixou mal-humorado e aborrecido — explodiu Lebeziátnikov, que, apesar de sua “independência” e “protestos”,

não se aventurava opor-se a Pedro Petróvitch e ainda o tratava com um pouco do respeito da infância.

— Diga-me disse Lujine com orgulhoso desagrado, pode... ou tem bastantes relações com ela para lhe pedir que venha aqui um momento? Já devem ter vindo do cemitério... Parece-me ouvi-los subir a escada. Desejava ver essa rapariga...

— Mas para quê? — perguntou admirado André.

— Preciso falar-lhe. Devo partir hoje ou amanhã, e tenho que dizer-lhe... Pode assistir a essa conversa... é até conveniente... Do contrário, sabe Deus o que o senhor pensaria!

— Não pensava nada... Fiz esta pergunta por fazer. Se tem o que lhe dizer, é muito fácil mandá-la aqui ou chamá-la, e não os incomodarei.

Efetivamente, cinco minutos depois, Lebeziátnikov trazia Sonetchka, muito surpresa. Quando se via em tais situações, ficava sempre inquieta; as caras novas causavam-lhe medo. Petróvitch apresentou-se delicadamente. Um homem sério e respeitável como ele não podia deixar de receber uma criatura tão nova e tão interessante sem lhe fazer um acolhimento gentil. Primeiro tratou de *sossegá-la*, pedindo-lhe que se sentasse. Sônia obedeceu, olhando ora para Lebeziátnikov, ora para o dinheiro, que estava na mesa; depois fixou os olhos em Petróvitch. Dir-se-ia que Lujine exercia sobre ela forte atração. Lebeziátnikov ia saindo. Petróvitch fez um sinal a Sônia e deteve André.

— Raskólnikov já chegou? — perguntou baixinho.

— Raskólnikov... já... Chegou agora... Já o vi... Por quê?

— Nesse caso peço-lhe o favor de ficar, para não me deixar só com esta menina... A questão de que se trata é insignificante, mas Deus sabe que coisas podia trazer. Não quero que Raskólnikov vá contar *lá*... Compreende por que lhe digo isto?

— Compreendo! — respondeu Lebeziátnikov. — Está no seu direito. Por mim, acho demais os seus receios... mas isso não vem ao caso. Fico. Vou para a janela e não os incomodo. A minha opinião é que está no seu direito.

Petróvitch voltou a sentar-se defronte de Sônia, fitou-a demoradamente, com expressão grave, severa, que parecia dizer-lhe: “Não pense que vou dizer-lhe alguma coisa inconveniente.” Sônia sentiu-se mais à vontade.

— Primeiramente, Sófia Semenovna, peço-lhe que apresente minhas desculpas à sua mãe... Não me engano exprimindo-me desta forma? Catarina Ivanovna tem-lhe servido de mãe? — começou Petróvitch muito sério, mas muito amável. Evidentemente seu propósito era sério.

— Sim, realmente, ela tem sido para mim uma segunda mãe — respondeu Sônia, timidamente e confusa.

— Queria então dizer-lhe quanto me entristece não poder aceitar o seu amável convite, por causas independentes da minha vontade.

— Vou já dizer-lhe. — E Sonetchka levantou-se.

— Não é ainda tudo — continuou Petróvitch sorrindo ao ver a ingenuidade da pobre moça, sua ignorância das práticas sociais. Não me conhece, Sófia Semenovna, se julga que por um motivo tão fútil a incomode. O meu fim é outro.

A um gesto seu, Sônia, mais confusa, sentou-se outra vez. As notas de diferentes cores, em cima da mesa, apresentaram-se-lhe novamente aos olhos, mas ela desviou-se logo para Petróvitch. Olhar para o dinheiro dos outros parecia-lhe inconveniência, sobretudo no seu caso. Fixava alternadamente o monóculo com aro de ouro, que Lujine segurava na mão esquerda, e o grande anel com uma pedra amarela que brilhava no dedo médio dessa mão. Afinal, não sabendo para onde olhar, fixou o rosto de Petróvitch, que prosseguiu:

— Falei ontem com Catarina, e pelo pouco que ouvi, convenci-me de que se encontra em situação anormal.

— Anormal, sim — repetiu Sônia docilmente.

— Oh! Mais claramente, num estado mórbido...

— Sim, mais claramente... sim, está doente.

— Ora, por dever humanitário, e... e... de compaixão, eu queria ser-lhe útil, prevendo que ela vai achar-se, sem dúvida, numa situação muito triste. Agora, segundo parece, essa pobre gente conta só com Sônia.

Ela levantou-se bruscamente:

— Desculpe a minha pergunta, mas o senhor não disse que Catarina podia receber uma pensão? Foi ela quem me contou que o senhor se encarregaria de obtê-la. Não é verdade?

— Não é bem assim: dei-lhe a perceber que, como viúva de um funcionário morto em serviço, poderia obter um auxílio, se tivesse proteções. Mas parece que além de não ter o tempo necessário para a

reforma, seu pai nem estava em serviço quando morreu... Afinal, pode-se esperar sempre, mas essas esperanças são pouco fundadas, porque não há direito a esse favor. E ela já a pensar em pensão... Acha tudo muito fácil...

— Sim, ela esperava isso... É muito boa e fia-se em tudo... essa bondade leva-a a acreditar em tudo... e... tem a cabeça à toa. Desculpe-a, sim? — disse Sônia, levantando-se outra vez.

— Ainda não ouviu tudo.

— Não ouvi tudo? — repetiu ela.

Sônia, envergonhada, sentou-se pela terceira vez.

— Vendo-a nessa situação, rodeada de crianças, eu queria, como disse, ser-lhe útil dentro dos meus recursos, veja bem, *dentro dos meus recursos*. Poderia assim organizar, em favor dela, uma subscrição, uma tômbola... ou qualquer coisa igual, como fazem as pessoas que desejam auxiliar os parentes ou estranhos.

— Pois sim... Faça... — murmurou Sônia com os olhos esgazeados fitos em Petróvitch.

— Pode fazer-se, mas... depois falaremos nisso. Ver-nos-emos logo, e falaremos sobre o caso. Volte às sete horas. André Semênovitch assistirá à nossa conversa. Mas... antes de tudo... há um ponto que precisa ser examinado. Foi por isso que a incomodei. Parece-me que não se deve dar o dinheiro a Catarina. Será uma grande tolice. Para o provar basta este jantar de hoje. Ela não tem calçado, sua subsistência não está segura por dois dias, e compra rum da Jamaica, vinho da Madeira e café. Vi quando passava. Amanhã toda a família fica a seu cargo e Sônia terá de mantê-la. Portanto, acho que se deve fazer subscrição para a viúva, mas que Sônia administre o dinheiro. Que lhe parece?

— Não sei. Hoje é que ela está assim... isto sucede-lhe uma vez na vida... queria honrar a memória do marido... Ademais, será como quiser, ser-lhe-ei sempre muito grata... todos lhe serão... e Deus há de... e os órfãos...

Não pôde acabar, estava banhada em lágrimas.

— Bem, é um caso resolvido. Agora leve para ela esta quantia que representa a minha parte. Desejo que meu nome não seja dito. Aqui está... tenho tido também algumas dificuldades, e sinto não dar mais...

E entregou a Sônia uma nota de dez rublos. Ela recebeu-a corando muito; e dizendo palavras vagas despediu-se. Petróvitch acompanhou-a até

a porta. Sônia voltou para casa numa agitação extraordinária.

Durante esta cena, André ficou à janela, a fim de não perturbar a conversa. Quando Sônia saiu dirigiu-se a Petróvitch e estendeu-lhe a mão:

— Ouvi tudo e *vi* tudo — disse, acentuando bem a palavra *vi*. — É nobre, isto é, é *humano*, porque eu não admito a palavra nobre. Nem quis os agradecimentos, bem *vi*! Embora por questão de princípios eu seja inimigo da beneficência oculta, que longe de extirpar a miséria favorece-lhe os progressos, não posso deixar de reconhecer que seu gesto é digno de aplauso. Sim, agradou-me!

— Mas é o que há de mais simples! — exclamou Lujine, embaraçado, olhando Lebeziátnikov atentamente.

— Não é tão simples assim! Um homem que, ferido, como o senhor, por uma afronta, ainda é capaz de olhar pela desgraça alheia, tal homem pode estar em oposição à lei social, que não é por isso menos digno de estima! Eu não esperava isso, tanto mais que com as suas ideias... Ah, como está ainda cheio das suas ideias! Como se incomodou com essa história de ontem! — exclamou Semênovitch, que sentia voltar-lhe a simpatia por Petróvitch. — E que necessidade tem de casar *legalmente* meu caro Pedro Petróvitch? Para que quer uma união *legal*? Bata-me, se quiser, mas declaro-lhe que me alegro pelo seu insucesso, que estou satisfeito ao pensar que é livre, que não está perdido para a humanidade... Como vê, sou franco!

— O casamento legal evita que os outros olhem para nós com sorrisos e desdêns; dá-me a convicção de que não educo os filhos dos outros, como acontece no seu casamento livre — respondeu Petróvitch para dizer alguma coisa. Estava pensativo e ouvia distraído o que seu amigo dizia.

— Filhos? Fala em filhos? Tornou André animando-se como um cavalo de combate que ouve o clarim, filhos é uma questão social e de capital importância, concordo, mas que tem outra solução. Muitos recusam-se a ter filhos, porque sugerem a instituição da família. Falaremos deles depois, ocupemo-nos por ora com a honra. Este é o meu ponto fraco, confesso! Esta horrível e militar expressão de Púchkin não constará de nenhum dicionário do futuro. Que, de fato, significa? Estupidez, porque no casamento livre não haverá decepção! Ela é consequência natural, o corretivo, por assim dizer, do casamento legal, o protesto contra um elo indissolúvel; e sob este aspecto nada tem de humilhante... Se alguma vez, o que é absurdo supor, eu contraísse o

casamento legal, estimaria que minha mulher me enganasse. Dir-lhe-ia: “Até agora, querida, eu por ti só tinha amor; doravante respeito-te porque soubeste protestar!” Ri? É porque não tem a força para romper com os preconceitos! Compreendo que na união legal seja desagradável ser enganado, mas isso é o triste efeito de uma situação que degrada por igual os dois esposos. Quando as pontas simbólicas do adultério rompem numa testa (refiro-me ao caso especial do casamento livre), deixam de ter significação e de chamar-se chifres. Ao contrário, a mulher prova assim ao homem que o estima, pois que o julga incapaz de impedir a felicidade dela e muito inteligente para tirar vingança de um rival. Eu penso às vezes que se fosse casado (livre ou legalmente, pouco importa) e que se a minha mulher não arranjasse um amante, seria eu próprio que o ia procurar, e dizia-lhe: “Minha querida, amo-te, mas quero sobretudo que me estimes: aqui tens!” Não me dá razão?

Estas palavras apenas faziam rir Petróvitch, cujo pensamento estava longe. Esfregava as mãos muito preocupado. André Semênovitch só mais tarde se lembrou dessa preocupação do seu amigo...

CAPÍTULO II

Seria difícil dizer como a insensata ideia do jantar nasceu no cérebro de Catarina Ivanovna, que gastou nesse banquete mais da metade do dinheiro que Raskólnikov lhe dera para o enterro do marido. Talvez Catarina julgasse que devia honrar “convenientemente” a sua memória para provar a todos os inquilinos, e sobretudo a Amália Ivanovna, “que o morto valia tanto como eles, ou mais”. Talvez obedecesse à vaidade especial dos pobres, que em certos atos da vida, batismo, casamento, enterro etc., levam os infelizes ao sacrifício dos últimos recursos, com o fim de “fazer tudo tão bem como os outros”. É ainda lícito supor que no momento em que se via levada à extrema miséria, Catarina queria mostrar a toda essa *gente insignificante*, que não só *sabia viver e receber*, mas que, filha de um coronel, “educada em casa rica, *aristocrática, até*”, não fora criada para esfregar chão, ou lavar, à noite, a roupa dos filhos.

Não havia grande variedade de vinhos, nem de várias marcas, nem Madeira. Petróvitch exagerara. Contudo havia vinho. E vodca, rum, Porto, de qualidade inferior, mas em quantidade suficiente. O jantar, preparado na cozinha de Amália, compreendia, além do *kútia*,¹² três ou quatro pratos. Havia dois samovares para quem quisesse tomar chá ou ponche depois do jantar. Catarina fizera as compras acompanhada por um polaco famélico, que morava, Deus sabe como, no prédio de Lippelvechzel.

Desde o primeiro instante esse pobre-diabo pôs-se ao dispor da viúva, e durante 36 horas andou por toda parte com um zelo que Catarina não se fartava de elogiar. A todo momento, pela menor causa, corria, atarefado, a pedir ordens. Tendo declarado, primeiro, que sem o auxílio “desse homem serviçal” nada faria, Catarina terminou por achar o seu factótum insuportável. Era o seu feitio: via em tudo cores brilhantes e em todos encontrava merecimentos que só existiam na sua imaginação, mas que ela acreditava. Depois, ao entusiasmo sucedia uma desilusão: então despedia com violência e injúrias aquele que antes enchera de louvores demasiados.

Ela era de natureza alegre, vivaz e cordata, mas pelos contínuos fracassos e desgraças chegava a desejar *acerbamente* que todos vivessem em paz e alegria e não *ousassem* quebrar a harmonia, porque a mais íntima discórdia, o mais comezinho desentendimento levavam-na a um estado frenético e passava, instantaneamente, das fagueiras esperanças e imagens à maldição de seu destino, ao desvario e a bater com a cabeça nas paredes.

Amália Ivanovna também subira muito no conceito de Catarina, talvez pela simples razão de ter tomado a responsabilidade do jantar, de se encarregar de pôr a mesa, ou emprestar as louças, as toalhas etc. etc., e cozinhar.

Saindo para o cemitério, Catarina deu-lhe todos os poderes, e a senhora Lippelvechzel mostrou-se digna dessa confiança. A mesa estava muito bem-posta. As louças, os vidros, as xícaras, os garfos, as facas, que os inquilinos emprestaram, traíam pela diversidade origens diferentes, mas à hora marcada estava tudo no seu lugar.

Ao voltar do cemitério, Catarina notou a expressão de triunfo no rosto de Amália Ivanovna. Satisfeita por ter cumprido tão bem sua missão, impava de orgulho dentro do vestido novo. Pusera também uma guarnição nova na touca. Esse orgulho, embora legítimo, desagradou a Catarina. “Como se não se pusesse a mesa sem o auxílio dela!” A touca também. “Não veem esta alemã maluca fazendo um figurão? Como é proprietária, dignou-se por bondade auxiliar pobres inquilinos! Ora vejam! Em casa de papai havia às vezes quarenta pessoas a jantar e não se receberia, nem mesmo numa ocasião dessas, uma Amália Ivanovna, ou melhor, Ludvigovna!...” Catarina não quis dizer logo tudo quanto sentia, mas prometeu a si mesma colocar no seu devido lugar, e nesse mesmo dia, aquela pedante.

Outra circunstância concorreu ainda para aborrecer a viúva: à exceção do polaco, que fora até o cemitério, poucos dos outros convidados para o enterro tinham ido; no entanto, quando se tratou de comer, vieram todos; alguns apresentaram-se até muito inconvenientemente. Os dois mais asseados parecia que tinham combinado para não virem, a começar por Pedro Petróvitch, o melhor de todos. Contudo, na véspera à noite, Catarina tinha dito dele maravilhas a todos, isto é, a Lippelvechzel, a Poletchka, a Sônia e ao polaco; era, dizia, um homem nobre, generoso, muito rico, e, tendo excelentes relações, fora amigo do seu primeiro marido, frequentara a casa do pai e prometera-lhe toda a sua influência para lhe conseguir uma

pensão. Note-se que Catarina ao falar da fortuna e das relações das pessoas que conhecia, era sem cálculo, sem interesse, somente para realçar o prestígio da pessoa.

Como Lujine, e “talvez para seguir seu exemplo”, faltava também “esse palhaço Lebeziátnikov”. Que ideia fazia ele de si? Catarina convidara-o porque morava com Petróvitch: sendo agradável a um tinha de ser ao outro. Notou-se também a ausência de uma “grande dama” e sua filha. Estas havia só quinze dias que moravam ali; contudo já tinham feito observações por causa do barulho constante em casa dos Marmêladov, principalmente quando o marido vinha bêbado. Como se supõe, a senhoria levou essas queixas a Catarina. A força de incessantes discussões com a inquilina, Amália Ivanovna ameaçava pôr na rua os Marmêladov, “visto que”, gritava ela, “incomodam, pessoas distintas, a cujos calcanhares não chegam”. Por isso, Catarina tivera o cuidado de convidar estas senhoras “a cujos calcanhares não chegava”, tanto mais que ao vê-las na escada, elas desviavam-se arrogantemente. Era o modo de mostrar a elas quanto lhes era superior em sentimentos; e depois, mãe e filha poderiam convencer-se, naquele jantar, de que ela não nascera para a vida horrível que levava. Estava decidida a dizer-lhes isso à mesa, a atirar-lhes na cara que o pai fora governador, e que, portanto, não tinham razão para lhe voltarem a cara quando a viam. Um gordo tenente-coronel (na verdade capitão reformado) também faltava. Mas esse tinha desculpa: desde a véspera que a gota o tinha preso no leito.

Em compensação, além do polaco, chegou primeiro um escrevente de chancelaria, feio, gordo, vestindo um casaco sujo de nódoas, cheirando mal e mudo como um peixe; depois um antigo empregado dos Correios, um velho surdo e quase cego de quem alguém pagava o aluguel do quarto. A estes seguiu-se um tenente da reserva. Este, já ébrio, entrou às gargalhadas, e “imagem, sem colete!”. Outro convidado entrou e foi logo sentar-se à mesa, sem mesmo falar com a viúva. Outro, que não tinha roupa, apresentou-se em robe. Era demais: o polaco e Amália não o deixaram entrar. O polaco trouxera dois dos seus patrícios que não eram inquilinos da Lippelvechzel e ninguém conhecia.

Tudo isso causou grande desprazer a Catarina.

“Valeu a pena fazer tanta despesa para receber essa gente?” Com receio que à mesa, que ocupava todo o comprimento do quarto, não coubessem todos, tinham posto os talheres das crianças sobre uma mala,

ao canto; Poletchka, como mais velha, devia olhar pelas outras e servi-las. Desapontada, Catarina recebeu os convidados com orgulho quase insolente. Tomando Amália Ivanovna responsável pela ausência dos convidados mais dignos, tratou a senhoria de tal modo que esta se melindrou. Finalmente foram para a mesa.

Raskólnikov apareceu e Catarina ficou contente ao vê-lo; primeiro, porque dos presentes era o único homem ilustrado (apresentou-o como devendo, dentro em pouco, ocupar uma cadeira de professor na universidade). Depois, porque ele se desculpou respeitosamente de não ter podido assistir aos funerais. Catarina sentou-o à sua esquerda, porque Amália Ivanovna ocupara a direita, e entabulou com ele, a meia-voz, uma conversa animada, quanto lhe permitiam seus deveres de dona de casa.

Nos últimos dias a doença dela tomara caráter alarmante e a tosse não a deixava muitas vezes acabar as frases; contudo sentia-se feliz, por ter com quem desabafar o ódio de que estava possuída diante dessa sociedade mesquinha.

A princípio sua cólera manifestou-se por sátiras aos convidados e, principalmente, à senhoria.

— Tudo isso por culpa daquela imbecil. Sabe de quem falo? — E indicava Amália com um gesto de cabeça. — Olhe para ela, vê que falamos a seu respeito, mas como não sabe o que dizemos arregala os olhos como pires. Olhe a coruja. Ah, Ah! (tosse). E aquela touca?... É para dar a entender que me honra sentando-se à minha mesa! Eu pedira-lhe que convidasse pessoas distintas, principalmente os amigos do morto. Veja que coleção de porcos ela arranjou! Está ali um que nunca se lavou! E esses pobres polacos... Ninguém os conhece (tosse); é a primeira vez que os vejo. Parecem duas cebolas! Eh! *Pan* — gritou para um deles. — Sabe-lhe bem? Coma! Beba! Quer cerveja ou vodca? Esperem, (levantou-se, agradeceu)... São decerto uns pobres-diabos! Para eles tudo vai bem, contanto que comam! Ao menos não fazem barulho... apenas... apenas receio pelos talheres de prata da senhoria!... Amália Ivanovna! — disse em voz alta. — Se por acaso roubarem os talheres, não me responsabilizo!

Depois dessa satisfação dada ao seu dissabor, voltou-se outra vez para Raskólnikov e começou a ridicularizar a senhoria:

— Ah, ah, ah! Não entendeu! Não compreendeu nada! Fica sempre de boca aberta! Repare: é uma verdadeira coruja!

Esta risada terminou por um acesso de tosse que durou cinco minutos. Ela levou o lenço aos lábios e mostrou-o depois a Raskólnikov manchado de sangue. As gotas de suor desciam pelo rosto da tuberculosa, que estava excessivamente corada e respirava mal. Contudo continuou falando em voz baixa.

— Confiei-lhe a missão de convidar essa senhora e a filha... sabe a quem me refiro?... Era necessário muito tato. Pois bem, fez as coisas de modo que essa estrangeira tola, essa mulher que veio aqui para pedir uma pensão como viúva de um maior, e que de manhã à noite corre os ministérios, com a cara pintada, essa imbecil, recusou o convite sem mesmo dar uma desculpa, como manda a mais vulgar delicadeza! Também não compreendo por que Pedro Petróvitch não veio. Mas onde está Sônia! Ah, aí vem! Sônia, onde estavas? É esquisito que num dia como hoje sejas tão pouco pontual! Ródion, deixe-a sentar a seu lado. Aqui tens teu lugar, Sônia... come o que quiseses. Recomendo-te a entrada fria com geleia, que está excelente. Já te trazem o restante. Serviram as crianças? Poletchka, não te esqueças! (tosse) Bem, bem! Lena está quieta, Kólia, não mexas assim com as pernas; porta-te como gente de boa família. Que dizes, Sonetchka?

Sônia apresentou à madrastra as desculpas de Petróvitch, falando alto, para que a ouvissem. Não contente em reproduzir os termos delicados de Lujine, ampliou-os ainda. Pedro Petróvitch, disse, encarregara-a de dizer a Catarina que viria vê-la o mais depressa possível para conversar sobre *negócios*, e combinar o que se faria depois... etc. etc.

Sônia sabia que isto sossegava Catarina e lisonjeava o seu amor-próprio. Sentando-se ao lado de Raskólnikov, cumprimentando-o rapidamente, lançou-lhe um olhar de curiosidade. Mas, durante o jantar, parecia esquivar-se de olhar ou falar com ele. Parecia distraída, de olhos fixos em Catarina, para adivinhar-lhe os desejos.

Nenhuma delas estava de luto. Sônia tinha um vestido cor de canela escuro; a viúva trazia um vestido de algodão listrado, escuro, o único que possuía.

As desculpas de Pedro Petróvitch foram bem recebidas.

Depois de ter ouvido Sônia com dignidade, Catarina informou-se com ar grave da saúde de Petróvitch. E sem se ocupar dos outros convidados, observava a Raskólnikov como um homem respeitável como Petróvitch

estaria deslocado num meio tão “extraordinário”. Compreendia, pois, que ele não viesse, apesar dos laços de amizade que o prendiam à sua família.

— Aqui tem porque, Ródion, eu lhe agradeço muito não ter recusado minha hospitalidade, oferecida nestas condições — disse em voz alta. — Estou convencida de que foi somente a amizade que tinha a meu marido que o trouxe aqui.

Depois, Catarina, pôs-se a gracejar com os convivas. De repente, dirigindo-se ao velho surdo, gritou-lhe: “Quer mais carne assada? Serviram-no de vinho do Porto?” Ele não respondeu, e esteve muito tempo sem perceber, até que lhe explicaram o que Catarina dissera, ao passo que se riam. Ele olhou em volta e ficou de boca aberta, aumentando assim o riso.

— Que estúpido! Mas por que o convidaram? — dizia Catarina a Raskólnikov. — Esperei que Petróvitch viesse. — Com certeza — prosseguiu, dirigindo-se a Amália Ivanovna com termos tão cortantes e altos que esta desconcertou-se — ele não se parece com as suas damas janotas; essas, nem meu pai as queria para cozinheiras; e se meu marido as recebesse era somente por cortesia.

— Ele gostava de beber; tinha seu fraco pelo álcool — gritou de súbito o tenente da reserva, esvaziando o duodécimo copo de vodka.

Catarina repeliu com energia essas palavras grosseiras.

— Sim, meu marido tinha esse defeito; estimava e respeitava a família. Só podia ser acusado pela sua demasiada bondade. Aceitava facilmente como amigos todos os debochados, e sabe Deus quem o acompanhava! Gente que não lhe chegava às solas das botinas! Imagine, Ródion Românovitch; encontraram-lhe no bolso um galo de doce, um bolo; mesmo na embriaguez não se esquecia dos filhos.

— Um galo? Foi galo que disse? — gritou o mesmo indivíduo.

Catarina não respondeu. Suspirou e ficou pensativa.

— Talvez pense, como os outros, que eu era muito severa com ele — disse ela a Raskólnikov. — É engano! Ele estimava-me! Tinha por mim muito respeito, sua alma era boa. Muitas vezes me causou piedade! Quando, sentado a um canto, erguia os olhos para mim, sentia-me tão enternecida que não podia dominar a comoção. Mas dizia a mim mesma: “Se fraquejas, ele não larga o vício.” Só à força de severidade é que ele se continha.

— Bem sei, puxando-lhe os cabelos, o que aconteceu muitas vezes — disse o tenente da reserva, engolindo mais um copo de vodca.

— Há indivíduos a quem não só se devia puxar os cabelos, mas correr a pau. Não me refiro a meu marido — respondeu asperamente Catarina.

As faces afogueavam-se-lhe, o peito arfava. Uma palavra mais, e ela faria escândalo. Muitos riam, achando o caso cômico e incitando o tenente da reserva.

— Permita-me que lhe pergunte a quem se refere? Diga a quem é? — perguntou ele com voz ameaçadora. — Mas não! É inútil! Uma viúva! Uma pobre viúva! Está perdoada. Não faço caso disso!

E engoliu outro copo de vodca.

Raskólnikov ouvia silencioso, com desgosto. Sentia piedade de tudo aquilo. Por delicadeza, apenas provava as iguarias de que Catarina o servia constantemente.

Não tirava o olhar de Sônia, que sempre mais receosa seguia inquieta o desespero de Catarina. Pressentia que o jantar acabaria mal. Entre outras coisas, Sônia sabia que fora por sua causa que as tais senhoras não participavam do jantar. Soubera por Amália que, ao receber o convite, a mãe ficara ofendida, e perguntara “como havia de sentar sua filha ao lado dessa meretriz”.

Sônia pensava que Catarina sabia disso. Ora, um insulto a Sônia era para ela pior que um insulto a si própria, a seus filhos ou à memória de seu pai: um ultraje mortal. Sônia adivinhava que naquele momento Catarina só tinha um desejo: provar a essas mulheres que elas eram etc. Nessa ocasião um conviva, sentado à cabeceira da mesa, passou a Sônia um prato com dois corações atravessados por uma seta, feitos com miolo de pão. Catarina disse, rubra de cólera e com voz retumbante, que o autor do gracejo era algum *asno bêbado*.

Amália Ivanovna já previa encrenca e, ao mesmo tempo, sentia-se profundamente ferida pelo orgulho de Catarina Ivanovna. Para realegrar os convidados e fazer-se estimada por eles, começou, sem mais nem menos, contando uma história sobre um de seus amigos, “o químico Karl, que, certa noite, quando viajava de coche, foi ameaçado de morte pelo cocheiro e tanto implorou de mãos-postas e chorou que acabou morrendo de medo por lhe ter parado o coração”. Catarina logo observou, apesar de sorrir, que Amália não devia contar anedotas em russo; esta se ofendeu ainda mais,

respondendo-lhe que seu *Vater* de Berlim era um homem muito importante e que andava sempre com as mãos nos bolsos. Catarina, não se contendo, riu tão alto que Amália Ivanovna impacientou-se, quase descontrolando-se.

— Ouçamos a coruja! — sussurrou a seguir Catarina, quase recuperando o bom humor. — Quis dizer que andava com as mãos nos bolsos dele, mas disse que andava sempre com as mãos nos bolsos alheios (tosse, tosse). Reparou, Ródion Românovitch, que os estrangeiros em São Petersburgo, especialmente os alemães, são mais burros que nós. Pode imaginar um russo contando como “o químico Karl morreu de medo, por parar o coração” e que o idiota, em lugar de agredir o cocheiro, ficasse de mãos-postas chorando e implorando? Ah, que idiota! E veja que ela julga a história muito comovente e não percebe como é estúpida. A meu ver, esse tenente da reserva é bem mais inteligente, embora qualquer um possa observar que ele afogou o cérebro em álcool; mas sabe como os estrangeiros são educados e sérios, e veja como está sentada de olhos fixos! Está zangada! Ah, ah! — Catarina Ivanovna sofre um violento acesso de tosse.

Recuperando o bom humor, Catarina Ivanovna, dirigindo-se a Raskólnikov, declarou que queria retirar-se logo que obtivesse a pensão para T***, sua terra natal, onde fundaria um colégio para meninas nobres. Referiu-se ao diploma de que Marmêladov falara a Raskólnikov, quando se encontraram no botequim. Esse documento dava-lhe direito de fundar um colégio. Tinha-o consigo principalmente para confundir as duas fúfias, se elas aceitassem o convite. Mostrar-lhes-ia que “a filha de um coronel, descendente de família nobre, valia mais que as aventureiras cujo nome se tornara tão conhecido”. O documento correu pela mesa; os convivas, avinhados, passavam-no de mão em mão, sem que Catarina se opusesse, porque esse papel confirmava que era filha de um conselheiro, o que a autorizava quase a dizer-se filha de um coronel.

Contou então a vida feliz que tencionava levar em T***. Abriria um concurso para professores de ginástica; entre eles contava-se Mangot, um velho digno que lhe ensinara francês; esse não hesitava em ir dar lições por um preço módico. Enfim, anunciou a ideia de levar Sônia para T*** e confiar-lhe a direção do estabelecimento. A estas palavras reboou uma gargalhada na extremidade da mesa.

Catarina fingiu não ter ouvido; mas, elevando a voz, declarou que Sônia Ivanovna possuía todas as qualidades para substituí-la nesse cargo. Depois de ter elogiado a meiguice de Sônia, sua paciência, abnegação, cultura intelectual e nobreza de sentimentos, afagou-a e beijou-a duas vezes, efusivamente. Sônia corou e Catarina começou a chorar.

— Estou com os nervos excitados — disse ela desculpando-se —, não posso mais. Vá servir-me o chá.

Amália Ivanovna, muito vexada por não ter entrado na conversa, escolheu este momento para fazer uma tentativa, e observou à futura diretora do colégio que devia ter muito cuidado com a roupa das educandas, e não as deixar ler romances à noite. A fadiga e o desespero aumentavam a impaciência de Catarina, que recebeu com maus modos os conselhos de Amália, que na sua opinião não entendia do caso; num colégio de meninas nobres a roupa branca estava a cargo de uma criada, e não da diretora; quanto à leitura dos romances, era simplesmente uma inconveniência; pedia a Amália que se calasse.

Em vez de ceder ao pedido, a senhoria retorquiu com rancor, que dissera aquilo “para seu bem”, que tinha sempre as melhores intenções, e havia muito tempo Catarina não lhe pagava. “Mente, quando fala em boas intenções”, respondeu a viúva. “Ainda ontem, e diante do cadáver do meu marido, fez cenas a propósito do aluguel.” Amália mudou o rumo da conversa e disse que “tinha convidado essas senhoras, mas que elas não aceitaram o convite porque eram nobres, e não frequentavam a casa de quem não o era”. Catarina respondeu que uma cozinheira não sabia avaliar a nobreza verdadeira.

Amália Ivanovna, ofendida, respondeu que “o seu *Vater* era homem importantíssimo em Berlim, que passeava com as mãos nos bolsos, bufando sempre: puff, puff!”. Para dar melhor ideia do seu *Vater*, a senhoria Lippelvechzel levantou-se, meteu as mãos nos bolsos e, inflando as faces, imitou o som de um fole. Houve uma risada geral, na expectativa de uma luta entre as duas mulheres. Entretinham-se a excitar Amália Ivanovna. Catarina, perdendo então toda a gravidade, declarou que Amália nunca tivera *Vater*, que era apenas filha de um bêbado das tavernas de São Petersburgo, ou coisa pior. Amália, furiosa, retorquiu que Catarina é que não tivera *Vater*, o seu era de Berlim, vestia grandes sobrecasacas e estava sempre: puff, puff! A viúva observou que todos sabiam sua origem, e o seu diploma dava-a como filha de um coronel, ao passo que Amália (supondo

que tivesse pai) devia ser filha de algum leiteiro da Finlândia; nem sabia seu nome paterno; às vezes era Amália Ivanovna, outras Amália Ludvigovna. A senhoria, fora de si, exclamou batendo na mesa que era Ivanovna e não Ludvigovna, que o seu *Vater*, chamava-se Iohann e fora bailio, o que nunca o fora o *Vater* de Catarina. Esta levantando-se disse, afetando uma serenidade que era desmentida pela agitação do seio e a palidez da face.

— Se ousar outra vez igualar o seu miserável *Vater* a meu pai arranco-lhe a touca e piso-a.

Ouvindo isto, Amália correu pelo quarto gritando que era a dona da casa, e que Catarina havia de sair dali. Furiosa, tirou os talheres de prata. Houve uma confusão enorme; uma balbúrdia; as crianças começaram a chorar; Sônia agarrou-se à madrastra para evitar uma violência. Mas Amália falou em voz alta na “carteira amarela”. Catarina soltou-se dos braços da enteada e atirou-se à senhoria para arrancar-lhe a touca. Neste momento abriu-se a porta e surgiu Pedro Petróvitch.

Olhou severamente para todos. Catarina foi falar-lhe.

CAPÍTULO III

— Pedro Petróvitch! — gritou ela. — Acuda-me! Obrigue essa criatura a não falar assim a uma senhora nobre e infeliz, o que não é permitido... Hei de queixar-me à autoridade... Será chamada à polícia... Em atenção ao que lhe fez meu pai, defenda estes órfãos.

— Dê-me licença, minha senhora, dê-me licença — disse Petróvitch fazendo um gesto para afastá-la —, eu nunca tive a honra de conhecer seu pai (ouviu-se uma ruidosa gargalhada) e não é ideia minha meter-me nas suas questões. Venho aqui porque desejo falar a Sófia... Ivanovna... É assim seu nome, parece-me. Dê licença...

E deixando Catarina, Petróvitch dirigiu-se a Sônia.

Catarina parecia presa ao solo. Não percebia por que Petróvitch negava ter-lhe conhecido o pai. O que a magoava ainda mais era o tom altivo, quase ameaçador, com que lhe falara. Com a chegada de Lujine o silêncio restabeleceu-se. A sua *toilette* correta contrastava com a de todos os convivas, que concordavam que só um motivo de muita gravidade podia explicar a presença daquela personagem. Todos esperavam qualquer coisa. Raskólnikov, que ficara junto de Sônia, afastou-se para ele passar. Lujine não tomou conhecimento da presença dele.

Logo depois, apareceu Lebeziátnikov; mas em vez de entrar ficou à porta, ouvindo com curiosidade, sem saber o que se passava.

— Desculpe-me vir perturbar a reunião, mas sou forçado a isso por um motivo grave — começou Petróvitch, sem se dirigir a ninguém. — Estimo bastante explicar-me diante de todos. Amália Ivanovna, na qualidade de dona da casa, peço-lhe ouvir o que vou dizer a Sófia Ivanovna.

Em seguida, chamando Sônia, surpreendida e medrosa, disse-lhe:

— Sófia Ivanovna, depois da sua visita, dei por falta de uma nota de cem rublos, que estava na mesa no quarto do meu amigo André Lebeziátnikov. Se sabe o que é feito dessa nota, e se me disser, dou-lhe a

minha palavra diante de todos os presentes, que o caso não terá consequências. Do contrário, serei obrigado a recorrer a outros meios.

Seguiu-se um profundo silêncio. Até as crianças deixaram de chorar. Sônia, pálida como um cadáver, olhava para Lujine sem responder. Parecia não ter compreendido nada.

— Então, que responde? — perguntou Petróvitch fixando-a severamente.

— Não sei... não sei... — disse Sônia, com voz sumida.

— Não sabe nada? — interrogou Lujine, fazendo nova pausa por segundos. — Pense um momento, senhorita — disse severamente, porém como quem admoesta. — Reflita, dou-lhe tempo para pensar. Por favor, repare nisto: se eu não estivesse inteiramente convencido como estou, asseguro-lhe que, com minha experiência, não me aventuraria a acusá-la diretamente, por saber que seria responsabilizado, de certo modo, em fazer uma acusação direta, frente a testemunhas, caso fosse falsa ou errônea; porém estou certo do que digo.

“Esta manhã levei vários títulos no valor de três mil rublos, que vendi. Ao voltar tornei a contar o dinheiro; André Semênovitch estava presente. Depois de ter contado 2.300 rublos, meti-os numa carteira que guardei no bolso da minha sobrecasaca. Na mesa ficaram quinhentos rublos, aproximadamente, em notas; entre elas havia três notas de cem rublos. Ora, a meu pedido foi à minha casa, e durante essa curta visita esteve sempre agitada. Por três vezes até se levantou para sair, sem que a conversa tivesse terminado. André Semênovitch é testemunha do fato.

“Creio que não nega que mandei chamá-la por André com o fim de tratarmos da situação desgraçada da sua madrasta (à casa de quem eu não podia vir) e do modo de auxiliá-la, por meio de uma tómbola ou subscrição, ou outra forma. Agradeceu-me chorando. (Entro em todas essas minúcias para provar que tenho tudo bem presente.) Depois, tirei da mesa uma nota de dez rublos e dei-lhe para as primeiras despesas de Catarina. André Semênovitch viu tudo isso. Depois acompanhei-a até a porta, e vi-a sair com a mesma agitação.

“Fiquei ainda conversando uns minutos com André, que depois saiu. Em seguida, ao guardar o dinheiro, com grande surpresa dei pela falta da nota de cem rublos. Agora, pense: desconfiar de André Semênovitch, é impossível! É-me impossível mesmo conceber tal ideia. Também não

podia enganar-me nas contas porque momentos antes tinha-as verificado. Concorde, pois, em que, lembrando-me da sua agitação, da pressa que tinha de sair, e ainda do fato de ter estado a mexer na mesa, enfim, considerando sua profissão e os hábitos que traz, eu devia, embora contra minha vontade, chegar a uma suspeita, cruel, sem dúvida, mas segura!

“Por mais convencido que eu esteja da sua culpa, repito-lhe que sei ao que me exponho fazendo tal acusação. Contudo não hesito em fazê-la, e vou dizer por que: é, unicamente, pela sua ingratidão. Então! Chamo-a porque me impressiona a situação da sua madrasta; dou para ela dez rublos, e é assim que me agradece! Não; isso não pode ser! É preciso um corretivo! Reflita, peço-lhe como seu amigo! Senão serei inflexível! Então, confessa?”

— Não tirei nada! — disse cheia de espanto. — Deu-me dez rublos, aí os tem.

Tirou o lenço do bolso, desatou o nó e retirou a nota de dez rublos, que deu a Lujine.

— Continua a negar o roubo? — perguntou ele sem pegar na nota.

Sônia, lançando um olhar em torno de si, viu que todos estavam indignados. Olhou para Raskólnikov... De pé junto à parede, com os braços cruzados, não desviava dela os olhos cintilantes...

— Oh, meu Deus! — bradou ela.

— Amália Ivanovna, é preciso chamar a polícia. Peço-lhe mandar subir o *dvornik*, disse Lujine.

— *Gott, der Barmherzige!*¹³ Eu bem sabia que era uma ladra! — exclamou a Lippelvechzel, esfregando as mãos.

— Sabia? — perguntou Pedro Petróvitch. — Fatos anteriores permitiam-lhe tirar essa conclusão? Peço-lhe que não esqueça o que acaba de dizer. Aliás, há testemunhas.

Houve um vozerio por todos os lados. Todos se agitaram.

— O quê! — exclamou Catarina saindo de súbito da letargia em que se conservara e adiantou-se para Lujine. — Acusa-a de roubo? Ela, Sônia? Oh! Canalha, canalha! E, aproximando-se de Sônia, apertou-a efusivamente contra o peito com os braços magros.

— Sônia, como aceitaste os dez rublos desse homem? Entrega-os! Dá-lhe todo esse dinheiro! Aí estão!

Catarina tirou a nota das mãos de Sônia, amarrotou-a e atirou-a na cara de Lujine. O papel, feito uma bola, bateu em Petróvitch, e rolou no chão. Amália Ivanovna apanhou-o. Petróvitch irritou-se.

— Segurem essa doida, gritou.

Nessa ocasião houve aglomeração à porta do aposento. Entre os curiosos viam-se as duas senhoras da província.

— Doida, dizes tu? É a mim que chamas doida, imbecil? — gritava Catarina. — Tu, tu és um reles chicaneiro, um homem ordinário! Sônia roubou-lhe dinheiro! Sônia é uma ladra! Ela era bem capaz de dar-te muito mais, estúpido! — E Catarina, histérica, desatou a rir. — Já se viu um parvo assim? — dizia ela, interrogando um por um todos os presentes e mostrando Lujine. De repente olhou para Amália e não pôde mais conter-se. — E tu, comedora de salsicha, tu também, infame prussiana, tu também a dizer que ela é uma ladra. Ah! Não viste que ela nem saiu de casa? Foi daqui ao outro quarto, ao teu, patife!, e voltou logo a sentar-se à mesa conosco, como todos viram. Sentou-se ao lado de Ródion Românovitch!... Revistem-na! Como ela não foi a mais lugar algum, deve ter o dinheiro. Procura, procura! Mas se não encontrares, pagarás o que disseste! Vou queixar-me ao imperador, ao czar; vou deitar-me aos seus pés, hoje mesmo. Sou órfã! Hão de deixar-me entrar! Julgas que não me recebe? Enganas-te! Como ela é boa, imaginavas que nada tinhas a recear! Contava com a sua timidez? Mas se ela é tímida, eu não tenho medo; os teus cálculos saíram errados! Procura, procura, vamos, depressa!

Assim falando agarrava Lujine e empurrava-o para junto de Sônia.

— É isso o que quero; mas sossegue... — dizia ele, bem vejo que não tem medo!... Na polícia é que isto se devia fazer... Mas aqui há testemunhas... Vamos... Todavia é impróprio de um homem... por causa do sexo... Se Amália Ivanovna quisesse... contudo, não é assim que se deve fazer...

— Manda-a revistar por quem quiser — gritou Catarina —, Sônia mostra-lhe os bolsos! Aí estão! Aí estão! Vê bem, monstro! Vês que está vazio? Um lenço, nada mais! Agora, o outro; aí está, aí está! Vês!

Não contente de tirar o que havia nos bolsos de Sônia, Catarina virou-os. Mas na ocasião em que virava o bolso direito, saltou um papelzinho que caiu aos pés de Lujine. Todos viram, e alguns soltaram um grito de espanto. Petróvitch abaixou-se, apanhou o papel e desdobrou-o. Era uma

nota de cem rublos dobrada em oito. Petróvitch mostrou-a a todos, para que não restasse dúvida sobre a culpabilidade de Sônia.

— Ladra! Fora daqui! A polícia! A polícia! — berrou a Lippelvechzel. — Levem-na para a Sibéria! Rua!

Todos comentavam. Raskólnikov, silencioso, só desviava os olhos de Sônia para olhar Lujine. A rapariga parecia mais parva do que surpreendida. De repente corou, e cobriu o rosto com as mãos.

— Não fui eu; não roubei nada! Não sei como foi isso! — exclamou ela cheia de amargura. — Dirigindo-se a Catarina, que lhe abria os braços, como um asilo inviolável.

— Sônia! Sônia! Não acredito! Bem vês que não acredito! — repetiu Catarina, rebelde à evidência. E dizia isto afetuosamente, beijando-lhe as mãos, embalando-a nos braços como uma criança. — Tu, roubares alguma coisa. Mas que gente estúpida! Oh! Meu Deus! São todos uns parvos! — gritava ela aos presentes. — Não sabem que coração está aqui! Ela roubar, ela! Para os socorrer, se tivessem necessidade, era capaz de andar descalça, vender a última camisa. Ela até se sujeitou à humilhação da “carteira amarela” porque meus filhos tinham fome; vendeu-se por nossa causa! Ah, meu pobre marido! Que jantar funerário! Oh, Deus, Mas defendam-na todos, em vez de ficarem impassíveis! Ródion Românovitch, por que não a defende? Também acredita que ela é ladra? Todos os que aqui estão não valem uma de suas unhas. Oh, Deus, defende-a!

As lágrimas, as súplicas, o desespero da pobre Catarina causavam funda impressão. Seu rosto magro de tísica, os lábios secos, a voz apagada exprimiam um sofrimento tão forte que comovia os mais duros. Pedro Petróvitch também foi levado à compaixão.

— Minha senhora! — disse solene Lujine —, isto não lhe diz respeito! Ninguém deseja acusá-la de cumplicidade; ademais, foi a senhora quem, virando os bolsos, mostrou o roubo; isto basta para provar sua inocência. Serei indulgente para esse ato de Sônia, provocado talvez pela miséria. Mas por que não o confessou? Receava o escândalo? Compreende-se, compreende-se muito bem!... Veja, contudo, ao que se expôs! Meus senhores — disse voltando-se para todos, movido por um sentimento de piedade —, perdoo, apesar das injúrias que me dirigiram. — Depois, voltando-se para Sônia: — Que a vergonha por que passou lhe sirva de lição. Não dou parte à polícia desse fato.

Petróvitch olhou de revés para Raskólnikov. Os olhares dos dois encontraram-se; o de Raskólnikov chamejava. Catarina parecia não ter ouvido nada, e continuava beijando Sônia. A exemplo da mãe, as crianças estendiam-lhe os braços; Poletchka, sem entender de que se tratava, chorava; apoiou sua cabecinha no ombro de Sônia.

De repente, da porta, retumbou uma voz forte:

— Como isto é vergonhoso!

Pedro Petróvitch voltou-se bruscamente.

— Que miséria! — repetiu Lebeziátnikov, encarando Lujine, que estremeceu. — E atreveu-se a invocar meu testemunho? — disse, aproximando-se de Petróvitch.

— Que significa isso? De quem fala? — perguntou, hesitante, Lujine.

— Estas palavras significam que o senhor é... um caluniador! Aí tem o que elas traduzem! — respondeu Lebeziátnikov calorosamente. Via-se que estava cheio de violenta cólera; enquanto fixava Petróvitch, os olhos doentes tinham uma expressão desusada. Raskólnikov ouvia ansioso, com o olhar pregado no jovem socialista.

Ninguém falava. A perturbação de Petróvitch era visível.

— É a mim que o senhor... — balbuciou ele. — Mas que tem? Está no seu juízo? É possível?

— Estou, estou no meu juízo, e o senhor é... um pulha! Como isto é vergonhoso! Ouvi tudo, e não falei logo para poder avaliar bem o seu caráter. Mas por que fez tudo isso?...

— Mas que foi que fez? Deixe-se de enigmas... Talvez bebesse demais?...

— Oh! Miserável, se algum de nós bebeu, não fui eu! Nunca bebo vodka porque isso é contra os meus princípios! Imaginem que foi ele próprio quem deu a nota de cem rublos a Sófia Semenovna, e eu vi; sou testemunha, posso jurá-lo! Foi ele! — repetia Lebeziátnikov.

— Está doido, veado! — respondeu violentamente Lujine. — Ela afirmou aqui, diante de todos, que só lhe dei dez rublos. Como pode dizer que eu lhe dei mais?

— Eu vi, eu vi! — repetia energicamente André. — Embora isso esteja em oposição aos meus princípios, estou pronto a jurá-lo perante a justiça; eu vi-o meter-lhe o dinheiro no bolso, disfarçadamente! Mas julguei que o fazia — que asneira a minha! — por generosidade. Quando se despediu

estendeu-lhe a mão direita e com a outra introduziu-lhe à socapa a nota. Eu vi! Eu vi!

Lujine fez-se branco.

— Que belo conto! — respondeu ele com insolência. — Estava encostado à janela, e pôde ver tudo isso? A sua doença de olhos enganou-o... foi vítima de uma ilusão, é o que é.

— Não me enganei! Apesar da distância vi tudo muito bem, tudo! Da janela era difícil distinguir a nota — nesse ponto sua observação é justa —, mas por uma circunstância particular, eu sabia que era uma nota de cem rublos. Quando deu os dez rublos a Sônia, eu estava junto à mesa, e vi-o pegar ao mesmo tempo uma nota de cem rublos. Não me esqueci disso porque então tive uma ideia. Depois de dobrar a nota apertou-a na palma da mão. Ao se levantar, passou-a para a mão esquerda. Ocorreu-me novamente a mesma ideia, isto é, não queria que Sônia lhe agradecesse diante de mim. Podem imaginar com que atenção vi todos os seus gestos. Vi então que lhe metera o papel no bolso. Vi, vi, vou jurá-lo!

Lebeziátnikov estava sufocado de cólera. De todos os lados cruzavam exclamações; a maior parte delas exprimia espanto, outras eram ameaçadoras. Os convivas cercavam Petróvitch. Catarina dirigiu-se a Lebeziátnikov.

— André Semênovitch! Desconhecia-o! Defende-a! É o único que toma o partido dela! Foi Deus que o mandou para a socorrer. André Semênovitch, meu amigo!

E Catarina, quase sem consciência do que fazia, caiu de joelhos diante dele, em lágrimas.

— Isso são asneiras! — gritou Lujine furioso. — O senhor não sabe o que diz. — “Esqueci-me, lembrei-me, tornei a esquecer-me, tornei a lembrar-me”; o que é que isto significa? De forma que, se o acreditasse, era eu que tinha introduzido cem rublos no bolso dela! Por quê? Com que fim? Que tenho eu com essa...

— Por quê? Isso é que não compreendo. Limito-me a contar o fato como se passou, sem pretender explicá-lo, mas garantindo a verdade. Engano-me tão poucas vezes, vil criminoso, que me lembro de ter feito a mim mesmo essa pergunta quando o felicitava, apertando-lhe a mão. Por que fizera o senhor essa ação às ocultas? Talvez, disse comigo, quisesse ocultar-me por saber que sou em princípio inimigo da caridade. Depois

pensei que talvez quisesse fazer uma surpresa a Sônia: há efetivamente pessoas que gostam de fazer caridade dessa forma. Depois tive outra ideia: a sua intenção era experimentar Sônia; queria saber se, quando ela encontrasse a nota, viria agradecer-lhe. Ou então desejava furtar-se aos agradecimentos, conforme o preceito de que a mão direita deve ignorar... Deus sabe todas as hipóteses que fiz. O seu gesto intrigava-me tanto que tencionava pensar nele mais tarde; imaginei que faltava aos deveres da delicadeza dando a entender que conhecia o seu ato. Nessa ocasião lembrei-me de que Sônia, ignorando a sua generosidade, podia perder a nota. Aqui têm para que vim aqui: para lhe dizer que tinha cem rublos no bolso. Mas antes entrei em casa das senhoras Kobilátnikof. Fui restituir a *Révue générale de la méthode positive*, e recomendar-lhes o artigo de Piderit (o de Wagner também não deixa de ter valor). Chego aqui e vejo esta cena! Podia eu ter todas essas ideias, fazer todos esses raciocínios, se não tivesse visto meter os cem rublos no bolso de Sônia?

Quando terminou, André estava cansado; o suor corria-lhe pelo rosto.

Mesmo em russo tinha grande dificuldade em exprimir-se, apesar de não saber outra língua. Esse esforço tinha-o esgotado, extenua do pela heroica explosão. Suas palavras produziram um efeito extraordinário.

O tom de sinceridade com que as dissera convenceu a todos.

Pedro Petróvitch sentiu que estava em má situação.

— Que me importam suas tolices! — exclamou. — O senhor sonhou essas histórias. Digo-lhe que mente! Mente e calunia-me para satisfazer o seu ódio! A verdade é que é meu inimigo, porque eu combato o radicalismo das suas doutrinas antissociais!

Este ataque em vez de favorecê-lo provocou violentos protestos.

— Aqui está o que me respondes. — Não é muito! — disse Lebeziátnikov. — Chama a polícia que eu vou jurar que Sônia está inocente. Uma só coisa fica sem explicação para mim: é o motivo que te levou a uma ação tão vil! Oh, que miserável! Que covarde!

Raskólnikov avançou:

— Eu posso explicar esse procedimento, e se for preciso irei também depor! — disse com voz firme.

À primeira vista, aquela afirmação serena provava que ele conhecia a fundo o caso e ia desvendar tudo.

— Agora compreendo tudo — continuou Raskólnikov, dirigindo-se a Lebeziátnikov. — Desde o começo do incidente que eu farejara um fato ignóbil; minhas suspeitas fundavam-se em certas circunstâncias só por mim conhecidas, mas que vou revelar, porque esclarecem esta questão. Foi o senhor, André Semênovitch, que com sua declaração fez luz no meu espírito. Peço que ouçam! Este senhor — continuou ele, apontando Lujine — pediu ultimamente a mão de minha irmã, Avdótia Romanovna. Chegado há pouco a São Petersburgo, procurou-me anteontem. Mas logo à primeira conversa tivemos um atrito, e eu o pus fora de casa, como duas testemunhas podem declarar. Este homem é um infame... Anteontem ainda eu não sabia que ele morava com André Semênovitch; por esta circunstância, que ignorava, ele achava-se presente no momento em que, como amigo de Marmêladov, dei algum dinheiro a Catarina para o enterro. Imediatamente escreveu à minha mãe dizendo-lhe que eu dera o dinheiro a Sônia, e não a Catarina, qualificando Sônia com os termos mais ultrajantes e dando a entender que eu tinha com ela relações íntimas. O fim, compreendem, era indispor-me com a minha família, insinuando que gastava em orgias o dinheiro de que ela se priva para custear minhas despesas. Ontem à tarde, na ocasião em que ele visitava minha mãe e minha irmã, mostrei a verdade dos fatos: “Esse dinheiro”, disse eu, “dei-o a Catarina, para pagar o enterro do marido, e não a Sônia, que não conhecia”. Ao mesmo tempo, acrescentei que Pedro Petróvitch Lujine, com todas as suas virtudes, não valia o dedo mínimo de Sófia Semenovna, embora falasse tão mal dela. À sua pergunta — se eu permitiria que Sônia se sentasse ao lado de minha irmã — respondi-lhe que já o havia permitido naquele dia. Furioso por ver que as calúnias não tinham o efeito desejado, insultou grosseiramente minha mãe e minha irmã. Houve então um rompimento, e puseram-no fora de casa. Isso tudo passou-se ontem à tarde. Agora, pensem, e compreenderão o interesse que ele tinha, no presente caso, de estabelecer a culpa de Sônia. Se conseguisse indigitá-la do roubo, era eu que ficava como culpado para minha família, visto que não receava enxovalhá-la tendo relações com uma ladra, ele, ao contrário, atacando-me, defendia a consideração de minha irmã, sua futura mulher. Era o meio de me indispor com os meus ao mesmo tempo que lhes caía em graça, para não pensarem que se vingava pessoalmente de mim, por supor que a honra e a felicidade de Sófia Semenovna eram-me preciosas. Aqui está o cálculo que ele fez!

Raskólnikov foi várias vezes interrompido por exclamações. Mas, apesar disso, seu discurso conservou até o fim serenidade e firmeza. A voz vibrante, o tom de convicção com que falava comoveram fundamentalmente a todos.

— É isso, é isso! — disse Lebeziátnikov. — O senhor deve ter razão, porque quando Sônia entrou no meu quarto, ele perguntou-me se Raskólnikov estaria aqui, se eu o tinha visto entre os convivas de Catarina, chamou-me à janela para fazer essa pergunta. Portanto, convinha-lhe que o senhor estivesse aqui!

Lujine, muito pálido, ficou silencioso, sorrindo com desdém. Parecia procurar modos de sair da situação. Talvez mesmo quisesse retirar-se, mas nessa ocasião era quase impossível: ir-se embora seria reconhecer o fundamento das acusações que lhe faziam.

Por outro lado, a atitude dos convivas, excitados por grandes libações, não era tranquilizadora. O tenente da reserva, que aliás não estava bem a par do caso, gritava mais que todos e dizia coisas bem desagradáveis para Lujine. Ademais, todos estavam embriagados. Os três polacos, indignados, ameaçavam Petróvitch. “*pan lajdak!*”, diziam em polônês.

Sônia escutava, mas parecia não ter ainda recobrado toda a calma; dir-se-ia que voltava a si após um desmaio. Não tirava os olhos de Raskólnikov, sentindo que estava nele todo o seu apoio. Catarina, aflitíssima, respirava com dificuldade.

Amália Ivanovna parecia nada ter entendido, com a boca escancarada, olhando pasmada para todos. Apenas compreendia que Petróvitch estava em maus lençóis. Raskólnikov quis falar outra vez, mas desistiu por ver que não seria ouvido. De todos os lados choviam ameaças e injúrias contra Lujine, em torno do qual se formara um grupo compacto e hostil. Vendo que a partida estava perdida, ele recorreu ao cinismo.

— Deem licença, meus senhores, deixem-me passar — disse tentando abrir caminho. — É inútil meterem-me medo; não me assusto por tão pouco. Serão os senhores que responderão no tribunal pela proteção a um ato criminoso. O roubo está mais que provado, e apresentarei queixa. Os juizes são pessoas esclarecidas e... não bebem: recusarão o testemunho de dois ímpios, dois revolucionários que me acusam de vingança pessoal. Com licença!

— Não quero por mais tempo respirar o ambiente que o senhor respira. Faria o favor de deixar o meu quarto? Tudo está acabado entre nós! Quando penso que durante 15 dias suei para lhe expor...

— Imediatamente, André Semênovitch. Eu já lhe dissera que partia; o senhor é que instava comigo para ficar. Por ora limito-me a dizer-lhe que é um imbecil. Desejo-lhe as melhoras do espírito e dos olhos! Com licença, meus senhores!

Conseguiu passar, mas o empregado da assistência, achando que as injúrias não eram castigo bastante, pegou um copo e atirou-o com toda a força em Petróvitch. Por desgraça o projétil destinado a Lujine acertou Amália, que começou a gritar. Ao atirar o copo, porém, o empregado desequilibrou-se e rolou para debaixo da mesa. Lujine voltou ao quarto de Lebeziátnikov, e uma hora depois deixou a casa.

De natureza tímida, Sônia, antes desta cena, já sabia que sua situação a expunha a todos os ataques, e que qualquer um podia ultrajá-la. Todavia, imaginou sempre que podia desarmar ódios, à força de humildade e de bondade para com todos. Fugia-lhe agora essa ilusão. Decerto tivera muita paciência para suportar tudo com resignação, mas a decepção fora cruel. Mesmo que sua inocência triunfasse sobre a calúnia, quando lhe passasse a triste impressão daquele momento, o coração havia de apertar-lhe angustiado ao pensar no seu abandono e no seu isolamento na vida. Teve um ataque de nervos. Por fim, não podendo mais, saiu dali e voltou a toda a pressa para casa.

O incidente do copo causou riso geral, mas a senhoria não gostou da brincadeira e desfechou toda a fúria sobre Catarina, que, vencida pelo sofrimento, se deitara:

— Saia já daqui! Vamos!

Dizendo isto, pegava todos os objetos que pertenciam a Catarina e atirava-os para o chão. Alquebrada, quase desfalecida, a pobre mulher saltou do leito e arremeteu para Amália. Mas a luta era muito desigual. A senhoria não teve dificuldade em repelir o assalto.

— Não lhe basta ter caluniado Sônia, mete-se agora comigo! No dia do enterro do meu marido expulsa-me de casa? Depois de ter recebido a minha hospitalidade, põe-me na rua com os filhos? Mas para onde hei de ir? — arquejava e soluçava a infeliz mulher. — Oh, meu Deus! — exclamou levantando os olhos para o céu. — Já não há justiça? Quem

defendes, se não nos defendes, a nós que somos órfãos? Mas veremos! Na Terra há tribunais e juizes. Vou falar-lhes! Espera um pouco, perversa! Poletchka, toma conta das crianças; eu já volto. Se te puserem para fora, espera-me na rua! Veremos se há justiça na Terra!

Pôs na cabeça o lenço verde, que Marmêladov mencionara a Raskólnikov, atravessou a multidão ruidosa dos inquilinos que continuavam a encher o quarto e com o rosto em lágrimas desceu, com a firme resolução de ir procurar justiça, custasse o que custasse. Poletchka, espantada, tinha nos braços os dois irmãozinhos; as três crianças esperavam, tremendo, a volta da mãe.

Amália, como uma fúria, andava pelo quarto, rugindo e atirando ao chão tudo o que agarrava. Os inquilinos falavam incoerentemente, alguns comentavam o ocorrido segundo a sua compreensão, uns discutiam querendo impor seus pontos de vista, enquanto outros cantavam...

“É tempo de ir-me embora!”, pensou Raskólnikov. “Sônia, vamos ver o que dizes agora!”

E dirigiu-se para o aposento de Sônia.

CAPÍTULO IV

Raskólnikov pleiteara valorosamente a causa de Sônia contra Lujine, a despeito das suas preocupações e angústias. Independentemente do interesse que tinha por ela, aproveitara com alegria, após as torturas da manhã, aquele incidente para sacudir impressões que não podia suportar. A sua próxima entrevista com Sônia preocupava-o, assustava-o até; *devia* revelar-lhe que matara Isabel, e, pressentindo quanto essa confissão lhe era difícil, tratava de desviar o pensamento para outra coisa.

Ao sair da casa de Catarina exclamou: “Sônia Semenovna, vamos ver o que dirá agora!”. Era o combatente exaltado pela luta, excitado ainda pela vitória sobre Lujine, que dizia essa frase de desafio. Mas, caso singular, quando chegou ao cubículo de Kapernáumof, a serenidade abandonou-o e veio o medo. Passou indeciso diante da porta: “Será forçoso dizer-lhe que matei Isabel?” A pergunta era extraordinária, porque nesse momento sentia a impossibilidade daquela confissão.

Não sabia por que não podia confessar seu crime, mas *sentia-o*, e ficou esmagado pela dolorosa demonstração da sua fraqueza. Para se poupar a maiores tormentos, abriu a porta e parou no limiar olhando para Sônia, que estava sentada, com os cotovelos na mesa, e o rosto entre as mãos. Ao ver Raskólnikov levantou-se e dirigiu-se a ele, como se o esperasse.

— Que seria de mim sem o senhor! — disse, levando-o até ao meio do quarto. Parecia que pensava apenas no serviço que ele lhe prestara, e que tinha pressa de agradecer.

Raskólnikov aproximou-se da mesa e sentou-se na cadeira de Sônia, que ficou de pé, a dois passos dele, tal como no dia anterior.

— Então, Sônia — disse com voz trêmula —, “toda a acusação se baseava *sobre a tua posição social e os costumes que traz*”. Compreendeste isto?

Ela entristeceu.

— Não me fale como ontem! — respondeu. — Peço-lhe que não recomece. Já sofri tanto!... E apressou-se a sorrir, receando que aquela censura melindrasse Raskólnikov. — Há pouco saí como louca. Que irá por lá agora? Queria voltar mas pensei... que o senhor viesse aqui.

Raskólnikov disse-lhe que Amália pôs para fora os Marmêladov e Catarina fora *procurar* justiça.

— Ah! meu Deus! — vamos depressa até lá.

E pegou a mantilha.

— Sempre a mesma! — disse ele. — Só pensas neles! Fica um pouco comigo!

— Mas... Catarina?...

— Ora! Catarina virá aqui, descansa — respondeu ele com ar enfadado. — Se ela não te encontrar a culpa será tua...

Sônia sentou-se inquieta. Raskólnikov, com os olhos no chão, pensava.

— Hoje, Lujine não queria processar-te, apenas perder tua reputação — começou sem olhar para a rapariga. — Mas se nós não estivéssemos lá e se ele quisesse mandar-te prender, estarias agora na prisão, não é verdade?

— É — respondeu ela com voz fraca — é — repetia maquinalmente, distraída pela inquietação que a dominava.

— Ora, eu podia não estar lá, e foi por um acaso que Lebeziátnikov chegou.

Sônia ficou silenciosa.

— E se te tivesse prendido, que sucederia? Lembras-te do que te disse ontem?

Ela continuava calada, esperando ocasião para responder.

— Eu pensava que me dirias “Ah, não me fale nisso!” — continuou ele com um sorriso contrafeito. — Mas calas-te? — perguntou passado um minuto. — É preciso que eu sustente a conversa? Tinha curiosidade de saber como resolverias uma *questão*, como diz Lebeziátnikov. (O embaraço tornava-se visível.) Falo seriamente. Suponha que, antecipadamente, te contaram os projetos de Lujine, que sabias desses projetos destinados a perder Catarina e os filhos, sem contar contigo: suponha que Poletchka é condenada a uma vida como a tua. Ora, se dependesse de ti que ele continuasse vivendo, isto é, que Lujine vivesse

para realizar seus vis projetos ou que Catarina Ivanovna devesse morrer? Como decidiras sobre quem recairia a morte? Pergunto-te!

Sônia olhou para ele, atônita: nestas palavras ditas em voz trêmula, adivinhava um pensamento secreto.

— Não esperava por essa pergunta — disse, interrogando-o com o olhar.

— Talvez; mas que decidiras?

— Que interesse tem em saber o que eu faria num caso que não pode dar-se? — disse Sônia relutante.

— Deixarias então Lujine fazer todas as vilanias? Parece que não tens coragem para o dizer?

— Mas eu não sei os segredos da Providência... Para que me pergunta o que farei num caso impossível? Como pode a vida de um homem depender da minha vontade? Quem confiou a mim a vida ou a morte dos outros?

— Desde que apelas para a Providência, nada mais tenho a dizer — respondeu Raskólnikov, despeitado.

— Diga-me francamente o que quer dizer-me! — exclamou ela aflita. Está com subterfúgios!... Veio aqui para me torturar?

Ela não pôde controlar-se e começou a chorar amargamente. Durante cinco minutos ele observou-a com o aspecto sombrio.

— Tens razão, Sônia — disse abaixando a voz.

Uma transformação súbita se dera nele; a gravidade afetada, o tom altivo com que falara tinham desaparecido; agora mal se faziam ouvir.

— Disse-te ontem que não viera pedir-te perdão, e foi quase a dar-te desculpas que comecei a falar. Falando-te em Lujine, desculpava-me, Sônia...

Quis sorrir, mas o rosto conservou o tom sombrio. Baixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos.

De repente pensou que detestava Sônia. Surpreendido, admirado até de tal descoberta, levantou a cabeça e olhou para ela com atenção: ela fixava nele um olhar em que brilhava a luz do amor. Imediatamente a dúvida desapareceu, Raskólnikov enganara-se no sentimento que o agitara. Isso significava apenas que tinha chegado o momento fatal.

De novo cobriu o rosto com as mãos e baixou a cabeça. De repente empalideceu, levantou-se e, depois de tornar a olhar para Sônia, foi sentar-

se no leito, sem dizer palavra.

A impressão de Raskólnikov era então a mesma que sentira quando de pé, atrás da velha, se preparava para matá-la e dizia: “Não há um momento a perder.”

— Que tem? — perguntou Sônia.

Não respondeu. Tencionava *explicar-se* em outras condições e não compreendia agora o que se passava nele, que não o podia fazer. Ela aproximou-se muito meiga, sentou-se a seu lado e esperou sem deixar de o olhar. A situação era insuportável; ele ergueu para ela os olhos, pálido, e contraiu os lábios, querendo falar. Sônia estava aterrada.

— Que tem? — repetiu, afastando-se um pouco.

— Nada; não te assustes... Francamente, isto não vale nada, é uma tolice — disse — desvairado. — Mas para que vim apoquentar-te? perguntou de repente, olhando para Sônia. — Sim; para quê? É o que eu não cesso de perguntar a mim mesmo.

Um quarto de hora antes fizera a si mesmo esta pergunta, mas nesse momento sua fraqueza era tão grande, que apenas tinha consciência de si, porque se sentia a tremer.

— Oh, como sofre! — pronunciou Sônia, angustiada, olhando-o intencionalmente.

— Não é nada!... Queres saber o que é?... (durante dois minutos um pálido sorriso desanimado pairou-lhe nos lábios) Lembra-te do que ontem quis dizer?

Sônia escutava, inquieta.

— Disse-te, ao sair, que talvez me despedisse de ti para sempre, mas que se voltasse te diria... quem matou Isabel.

Ele estremeceu.

— Eis para o que vim.

— Sim, foi o que me disse ontem — respondeu Sônia com voz pouco firme. — Mas como sabe?

A rapariga sentia que lhe faltava o ar. Seu rosto tornava-se cada vez mais lívido.

— Sei...

— Já descobriram? — perguntou ela timidamente, depois de um curto silêncio.

— Não, não o descobriram...

Houve outro silêncio.

— Então como sabe? — perguntou de novo com uma voz que mal se ouvia.

Voltou-se para ela, olhou-a fixamente, enquanto um sorriso desanimado lhe flutuava na boca.

— Adivinha — disse ele.

Um estremecimento percorreu-a.

— Mas para que me assusta assim? — perguntou, sorrindo como uma criança.

— Se o sei é porque o conheço — respondeu Raskólnikov sem desviar os olhos dos de Sônia. — Essa Isabel, ele não a queria matar... assassinou-a sem premeditação... Queria apenas a velha... quando ela estivesse sozinha... Mas apareceu Isabel... matou-a.

Um silêncio lúgubre seguiu-se a estas palavras. Ambos continuavam com os olhos fixos um no outro.

— Então não adivinhas? — perguntou subitamente sentindo a sensação de quem se precipita num abismo.

— Não — respondeu Sônia, com voz sumida.

— Observa-me bem...

Quando pronunciou estas palavras sentiu a alma gelar-se-lhe: parecia-lhe ver no rosto dela a expressão fisionômica de Isabel, quando a desgraçada recuava diante do assassino, que avançava para ela de machado em punho. Nesse momento, Isabel erguera o braço, como as criaturas medrosas que, quase a chorar, fixam o olhar espantado no objeto que as assusta. Era assim que Sônia manifestava o indizível terror; estendeu também o braço, empurrou-o levemente, pondo-lhe a mão no peito, afastando-se pouco a pouco, sem deixar de o olhar. O terror dela comunicou-se-lhe. Pôs-se a contemplá-la com os olhos alucinados.

— Adivinhaste? — sussurrou ele.

— Meu Deus! — lamentou com um grito de entrecortar o coração.

Caiu exausta no leito, escondendo o rosto no travesseiro. De repente, levantou-se e aproximou-se dele, tomou-lhe as mãos e apertando-as com os dedos, lançou-lhe um longo olhar. Neste último desesperado olhar procurou perscrutá-lo e encontrar uma última esperança. Mas não havia esperança, não havia nenhuma dúvida remanescente. Mais tarde, quando ela rememorava este momento, achou estranho e admirou-se como vira de

pronto não haver dúvida. Não poderia ter dito, por exemplo, que previra um tal desfecho — e agora, logo que ele lhe falou, repentinamente imaginou que ela realmente previra tal fim.

— Basta, Sônia! Basta, não me tortures! — suplicou miseravelmente a ela.

Todas as suas previsões saíram erradas, porque não era *assim* que ele queria confessar o crime.

Sônia parecia fora de si; saltou do leito para o meio do quarto, torcendo as mãos, e voltou a sentar-se junto dele, quase encostada ao seu ombro. De repente estremeceu, soltou um grito e caiu de joelhos.

— Está perdido! — disse com desespero, e levantando-se lançou-se ao pescoço dele e beijou-o com ternura.

Raskólnikov afastou-a e, com a voz cheia de tristeza disse-lhe:

— Não te compreendo, Sônia. Beijas-me depois de te dizer isto... Tu não tens consciência do que fazes agora.

Ela não o ouviu.

— Não há na Terra homem mais infeliz do que você! — exclamou cheia de piedade, rompeu subitamente com choro violento e histérico.

Raskólnikov sentia comover-se sob a influência de um afeto que não conhecia. Não tentou lutar contra essa impressão: duas lágrimas brilharam-lhe nos olhos.

— Não me abandonas, Sônia? — perguntou-lhe com o olhar suplicante.

— Nunca! Nunca! Acompanho-te para onde quiseres! Oh, meu Deus! Como sou infeliz! Mas por que não te conheci há mais tempo? Por que não te conheci antes?

— Mas vês como vim!

— E agora? Que se há de fazer?... Juntos! Juntos! — repetia ela inconscientemente, abraçando-o muito. Irei contigo até a Sibéria.

Estas palavras causaram uma sombria impressão em Raskólnikov: um sorriso cheio de amargura e quase altivo pairou-lhe nos lábios.

— Por ora não estou resolvido a ir para a Sibéria.

Sônia olhou rapidamente para ele. Nunca sentira tanta piedade. Aquelas palavras e a maneira por que foram ditas tornavam a lembrar-lhe que ele era um assassino. Olhou-o pasmada. “Ele! Ele, um assassino! Não é possível!”

— Não, não é verdade! Onde estou eu? — perguntava ela, como se despertasse. — Mas como fizeste isso?

— Para roubar! Basta Sônia — disse-lhe ainda, fatigado, quase com mortificação.

Sônia ficou estupefata, mas de repente tornou:

— Tinhas fome? Foi para ajudares tua mãe?

— Não — respondeu ele —, queria, com efeito, ajudar minha mãe... mas não foi essa a razão... não me aflijas!

Ela sentia-se muito nervosa.

— Será verdade tudo isso? É possível, meu Deus? Como acreditá-lo? Tu mataste para roubar, tu que és capaz de ficar sem nada para dar aos outros! Ah! — exclamou de repente. — E esse dinheiro que deste a Catarina... esse dinheiro... Oh! Meu Deus, é possível que esse dinheiro...

— Não, Sônia — interrompeu ele precipitadamente —, esse dinheiro não era... sossega! Foi minha mãe quem me mandou quando estive doente. Tinha-o recebido havia pouco quando o dei a Catarina... Razumíkhin viu... Esse dinheiro era meu, só meu!

Sônia ouvia-o muito atenta, esforçando-se para compreendê-lo.

— Quanto ao dinheiro da velha... que eu nem sei se havia dinheiro, tirei-lhe do pescoço uma bolsa que parecia estar cheia... mas não verifiquei o que continha... Roubei diferentes coisas, botões de punho, correntes de relógio... Esses objetos e a bolsa escondi-os no dia seguinte de manhã, num prédio que dá para V***. Ainda está tudo lá...

Sônia redobrava de atenção.

— Mas por que não ficaste com alguma coisa, visto que mataste para roubar? — perguntou ela aferrando-se a uma última e vaga esperança.

— Não sei; nem mesmo resolvi ainda ficar com esse dinheiro — respondeu Raskólnikov hesitante, dando um breve sorriso irônico. Que história tola te contei...

“Estará doido?”, perguntava ela a si própria. Mas logo repeliu a ideia. Havia ali outra coisa. Decididamente não percebia nada.

— Sabes o que te digo, Sônia? Se só a necessidade me levasse ao crime — dizia ele acentuando cada palavra, e tendo no olhar o que quer que fosse de enigmático —, eu seria agora *feliz*! Fica sabendo! Mas que te importa o motivo, desde que ouviste a horrível confissão! — exclamou com desespero, momentos depois.

Sônia ia falar, mas deteve-se.

— Ontem pedi que fugisses comigo, porque não tenho mais ninguém no mundo.

— Para que me queres contigo? — interrompeu ela timidamente.

— Não é para matar nem roubar, sorriu amargamente, nós não somos gente dessa laia... E sabes, só há pouco compreendi por que te pedi ontem que viesses comigo. Quando te fiz o pedido, nem sabia por que o fazia. Sei agora: é que não queria que me abandonasses. Tu não me deixas, Sônia?

Ela apertou-lhe a mão com força.

— Mas para que, para que te disse o que fiz?! — exclamava ele um minuto depois, olhando para ela com infinita angústia. — Esperas que te dê explicações, pelo que vejo, mas que hei de dizer, Sônia? Nada perceberias e afligir-te-ias ainda mais! Por que choras? Por que me abraças? Porque eu não tenho coragem para suportar o peso do fardo e o descarrego em outrem? Porque procuro no sofrimento um alívio ao meu desgosto? E podes gostar de um homem assim?

— Mas tu não sofres também? — choramingou Sônia.

Durante um minuto os dois sentiram-se extremamente sen sibilizados.

— Sônia, eu tenho um mau coração, repara; isto explica-te muita coisa. Foi por ser mau que vim aqui. Poucas pessoas seriam capazes de fazê-lo. Mas eu sou um covarde... e um infame. Mas... não importa! Não é esta a causa. Preciso falar agora, mas não sei como começar.

Parou e ficou pensativo.

— Somos diferentes — gritou ele de novo —, não somos iguais. E por que vim procurar-te? Nunca me perdoarei por ter vindo.

— Não, não; fizeste bem em vir! É melhor que eu saiba tudo, muito melhor!

Raskólnikov olhou para ela, dolorosamente.

— Eu queria ser um Napoleão; aqui tens por que matei. Percebes?

— Não — sussurrou Sônia ingênua e timidamente —, mas fala, fala... Eu compreenderei!

— Compreenderás? Vamos, então...

Durante algum tempo Raskólnikov concentrou-se.

— O fato é que um dia apresentei a mim mesmo esta questão: se Napoleão estivesse no meu lugar, se não tivesse no começo da sua carreira Toulon, o Egito, a passagem do monte Branco, e se se encontrasse diante

de um assassinio a cometer para assegurar seu futuro, repugnar-lhe-ia matar uma velha, uma usurária, que tivesse de ser assassinada para obter o dinheiro guardado em seu cofre (para sua carreira, entendes?). Teria ele praticado esse ato se não houvesse outro meio? Sentiria algum remorso por estar esse meio tão longe do monumental... e, também, ser criminoso? Durante muito tempo pensei nesse problemas e senti-me envergonhado quando por fim reconheci que ele não hesitaria, que nem mesmo teria admitido a possibilidade de hesitar. Não tendo outra saída, fá-lo-ia sem o menor escrúpulo. Desde então nunca mais hesitei, escudei-me na autoridade de Napoleão. Ris? Tens razão, Sônia. Sim, Sônia, o motivo de riso talvez seja porque assim realmente sucedeu.

Ela não tinha vontade nenhuma de rir.

— Dize-me francamente... sem rodeios — disse com voz sumida e ainda mais timidamente.

Raskólnikov voltou-se para ela, olhou-a com tristeza e tomou-lhe as mãos com carinho.

— Tens razão, Sônia. Tudo isso é absurdo, frases apenas! Ouve lá: minha mãe está sem recursos. O acaso permitiu que minha irmã recebesse educação, e está condenada a ser governanta! Todas as esperanças de ambas estavam em mim. Entrei para a universidade, mas por falta de meios interrompi os estudos. Suponhamos mesmo que os continue; no melhor dos casos podia, depois de dez ou 15 anos, ser nomeado professor ou obter um emprego com o ordenado de mil rublos... Mas até que isso chegasse, os cuidados e os desgostos arruinariam a saúde de minha mãe e... talvez à minha irmã sucedesse pior. Privar-se de tudo, deixar a mãe na miséria, sofrer a desonra de sua irmã — é vida? E tudo por quê? Depois de ter enterrado os meus, poderia constituir família nova. Deixaria, morrendo, mulher e filhos sem um bocado de pão! Pois bem! Pensei que com o dinheiro da velha não continuaria a ser pesado à minha mãe, poderia voltar para a universidade e em seguida assegurar meu começo de vida... Aí está... Naturalmente fiz mal matando a velha... mas, basta!

Foi com esforço que terminou sua exposição, ficou exausto e deixou a cabeça pender.

— Não é isso, não é isso! — exclamou Sônia tristemente. — É, pois, verdade que não houve outro motivo?

— Não houve motivo. O que eu disse é a verdade!

— A verdade! Oh!

— Afinal, Sônia, matei apenas um verme ignóbil, nocivo...

— Esse verme era uma criatura humana!

— Sei que não era um verme — disse, olhando-a estranhamente. — Estou falando incongruências, Sônia — acrescentou. Há tempos que digo incongruências... Não é isto! Tens razão, Sônia, foram outros os motivos. Há muito tempo que eu não conversava... sinto uma violenta dor de cabeça.

Os olhos pareciam febris. Parecia delirar, um sorriso inquietador pairava-lhe na boca. Aquela animação fictícia esgotara-o. Sônia viu quanto ele sofria. Ela também julgava que ia perder a razão. “Que linguagem extravagante! Apresentar tais explicações...” Não acreditava e torcia as mãos em desespero.

— Não, Sônia, não é isto! — prosseguiu erguendo a cabeça, como se um novo e súbito fluxo de ideias o possuísse e o incitasse. — Não é isto! Imagina que eu sou um odre de amor-próprio, invejoso, mau, vingativo, e com tendência para a loucura. (Deixa que lhe diga de uma vez! Percebi que me julgam louco.) Disse-te que deixei a Universidade. Pois podia não o ter feito! Minha mãe pagava as matrículas e eu ganhava com meu trabalho para vestir-me, e assim podia viver. Tinha lições que me davam cinquenta copeques. Razumíkhin trabalha muito, este sim! Mas eu estava farto, não queria mais. Sim, farto; é o termo! Então fiquei no quarto, como a aranha. Tu conheces a minha trapeira, já estiveste lá... Sabes que se sufoca nos quartos baixos e estreitos? Oh, como eu odiava esse cubículo! Contudo não queria mudar-me. Ficava lá dias inteiros, deitados, ocioso, não me preocupando nem com o que havia de comer.

“‘Se Nastácia me trouxer alguma coisa, muito bem’, dizia eu, ‘senão, passarei sem comer’. Estava muito irritado para pedir alguma coisa! Tinha renunciado ao estudo e vendido os livros; havia uma polegada de pó sobre as minhas notas e cadernos. À noite, não tinha luz: para comprar uma vela seria preciso trabalhar, e eu não queria trabalhar; preferia sonhar deitado no divã! É inútil dizer em que consistiam os meus sonhos. Foi então que comecei a pensar... Não, não é isto! Ainda não digo as coisas como são! Ouve, Sônia, eu dizia sempre comigo: visto que sabes que os outros são tolos, por que não procuras ser mais inteligente? Depois, reconheci que, para esperar o mundo ser inteligente, seria preciso ter grande paciência. Mais tarde convenci-me de que esse momento nunca chegaria; que os

homens não mudarão e que se perde tempo a querer modificá-los! Sim, é isto! É uma lei de sua natureza... Sei agora, Sônia, que para os homens o senhor é quem possui uma inteligência poderosa. Quem ousa muito tem razão aos olhos deles. Aquele que os provoca e os despreza impõe-se ao seu respeito! E o que se tem visto sempre e sempre se verá!”

Enquanto falava, Raskólnikov olhava para ela, mas já não lhe importava que o compreendesse. Estava possuído de grande exaltação. A moça sentiu que aquele catecismo feroz era a sua fé e a sua lei.

— Então, Sônia, convenci-me — continuou cada vez mais excitado — de que o poder não é concedido senão ao que ousa baixar-se para o tomar; é necessário ousar. Desde o dia em que vi esta verdade, clara como a luz, quis *ousar*, e matei... quis apenas praticar um ato de audácia; foi esse, Sônia, o móvel da minha ação!

— Oh! Cala-te, cala-te — gritou ela fora de si. — Descreste de Deus, e Deus castigou-te entregando-te ao diabo!...

— Então, Sônia, quando todas essas ideias iam visitar-me na treva do meu quarto, era o diabo que me tentava? O diabo?

— Cala-te! Não rias, és um herege, não compreendes nada!

— Cala-te, Sônia, eu não estou rindo; sei bem que foi o diabo que me arrastou. Cala-te, Sônia, cala-te! — repetiu com sombria insistência. — Sei tudo. Tudo o que possas dizer-me, disse-o a mim, mil vezes, deitado às escuras. Que lutas interiores sofri! Como todos esses sonhos me eram insuportáveis e como eu queria desembaraçar-me deles! Julgas que matei como um estouvado? Não, não procedi senão depois de maduras reflexões, e foi o que me perdeu! Pensas que me iludi? Quando eu me interrogava se tinha direito ao poder, sentia perfeitamente que não, por isso que o punha em dúvida. Quando eu me perguntava se uma criatura era um verme, eu me capacitava perfeitamente de que para mim não o era, mas o era para o audacioso, que não se teria feito essa pergunta e teria seguido seu caminho sem atormentar o espírito com ninharias... Enfim, o simples fato de me propor este problema — “Napoleão mataria esta velha?” — bastava para me provar que não era um Napoleão... Finalmente, renunciava a procurar justificações sutis: quis matar sem casuística, matar para mim, apenas para mim! Não pensei em iludir minha consciência. Se matei, não foi nem para aliviar a pobreza de minha mãe nem para consagrar ao bem da humanidade o poder e a riqueza que, no meu cálculo, essa morte devia ajudar-me a conquistar. Não, não; tudo isso estava longe do meu espírito.

Naquele momento por certo não me inquietava a dúvida sobre se fazia bem a alguém, ou se seria toda a minha vida um parasita social!... E o dinheiro não foi para mim o principal móvel do crime; foi outra razão que principalmente me levou... Vejo-o agora muito bem... Ouve: se pudesse voltar atrás, talvez não fizesse o que fiz. Mas então eu queria sobretudo saber se era um verme como os outros ou um homem na acepção da palavra, se tinha ou não em mim a força de saltar sobre o obstáculo, se era um fraco ou se tinha *direito*...

— O direito de matar? — perguntou Sônia horrorizada.

— Eh! Sônia! — disse ele irritado; e veio-lhe aos lábios uma resposta, mas absteve-se desdenhosamente de dizê-la. — Não me interrompas! Eu queria somente provar-te uma coisa: o diabo levou-me à casa da velha e depois fez-me compreender que não tinha o direito de ir lá, visto que sou um verme, como os demais! O diabo troçou de mim! E agora venho à tua casa! Pois se eu não fosse um verme viria fazer-te esta visita? Escuta: quando fui à casa da velha, queria só fazer uma *experiência*... Fica sabendo!...

— E mataste! Mataste!

— Bem, mas como matei? É assim que se mata? Faz-se o que eu fiz quando se vai matar alguém? Um dia te contarei os pormenores... E porventura matei a velha? Não, a mim é que matei e perdi-me sem remédio... Quanto à velha, foi morta pelo diabo, não por mim... Basta, Sônia, basta! Deixa-me — gritou ele de repente —, deixa-me!

Apoiou os cotovelos nos joelhos e apertou fortemente a cabeça entre as mãos...

— Como sofres! — gemeu Sônia.

— E agora? Dize-me, o que hei de fazer? — perguntou ele levantando subitamente a cabeça.

Tinha as feições horripelantemente transtornadas.

— Que hás de fazer?! — exclamou ela. Correu para ele, e os seus olhos, até ali rasos de lágrimas, incendiaram-se. Levanta-te! (E dizendo isto agarrou-o pelos ombros; ele levantou-se um pouco e olhou para Sônia com ar surpreso.) Vá imediatamente, agora, à viela próxima, arroja-te ao chão e beija a terra que manchaste; em seguida olha para todos os lados e grita a toda a gente: “Eu matei!” Então Deus te restituirá a vida. Vais?

Vais? — perguntou ela a tremer, apertando-lhe as mãos com força e fixando nele os olhos brilhantes.

Esta súbita exaltação mergulhou Raskólnikov num pesar profundo.

— Então queres que eu vá para a Sibéria, Sônia? Preciso denunciar-me, não é? — perguntou com ar sombrio.

— É preciso que aceites a expiação e que te regeneres por meio dela.

— Não, Sônia, não irei denunciar-me, jamais.

— E viver? Como viverás? — replicou ela com força. — É possível agora? Como poderás suportar o olhar de tua mãe? Oh! Que será delas agora? Mas que digo eu? Já abandonaste tua mãe e tua irmã. Por isso é que quebraste os laços de família! Oh, Senhor! — exclamou. — Ele próprio já compreendeu tudo! E agora, como hás de ficar fora da humanidade? Que há de ser de ti?

— Pensa bem, Sônia — disse Raskólnikov, ternamente. — Para que hei de apresentar-me à polícia? Que diria eu a essa gente? Eles próprios matam milhões de homens e fazem disso alarde. São canalhas e covardes, Sônia!... Não vou! Que lhes diria? Que cometi um crime e que, não ousando aproveitar-me do dinheiro roubado, o escondi sob uma pedra? — acrescentou com um sorriso amargo. — Eles zombariam de mim; diriam que sou um imbecil e um pulha! Eles, Sônia, não compreenderiam nada; são incapazes disso. Para que entregar-me? Não vou. Pensa bem, Sônia...

— Será difícil demais suportares — repetiu ela, estendendo as mãos em uma desesperada súplica.

— Talvez tenha sido desleal para comigo mesmo — ponderou sombriamente —, talvez, apesar de tudo, pois sou um homem e não um verme. Apressei-me em condenar-me. Continuarei outra luta por causa disso.

Um sorriso orgulhoso apareceu-lhe nos lábios.

— Carregar esse fardo! E toda a vida; toda a vida!

— Reabilitar-me-ia? — disse com um ar feroz. — Escuta — prosseguiu depois. — Basta de lágrimas; é tempo de falarmos seriamente; eu vim dizer-te que já me procuram para me prender.

— Ah! — exclamou Sônia, aflita.

— Então, que é isso? Pois se desejas que eu vá para a Sibéria, por que te assustas? Mas ainda não me pegaram. Hei de dar-lhes o que fazer, e, afinal de contas, nada conseguirão. Não têm indícios positivos. Ontem

corri grande perigo e julguei que estava perdido; hoje reparou-se o mal. Todas as provas se prestam a duas interpretações, isto é, os argumentos contra mim posso explicá-los no interesse da minha causa, compreendes? E não terei dificuldade em fazê-lo. Certamente me meterão na cadeia. Sem uma circunstância muito fortuita, é até muito provável que já me tivessem prendido hoje; estou em risco de ser ainda preso antes de findar o dia. Mas isso não vale nada, Sônia: se me prenderem, serão obrigados a soltar-me porque não têm uma prova real, e não a terão, juro-te. Por simples suspeitas não se pode condenar um homem. Está bem, basta... Eu queria só avisar-te. Quanto à minha mãe e minha irmã, vou arranjar as coisas de maneira que não se inquietem. Parece que minha irmã está agora ao abrigo de necessidades; posso, pois, estar tranquilo também quanto à minha mãe... Bem... Tem prudência. Irás ver-me quando eu estiver preso?

— Decerto! Decerto!

Estavam um ao lado do outro, sentados, tristes e abatidos como dois náufragos lançados sobre uma plaga deserta pelo temporal.

Olhando para Sônia, Raskólnikov sentia quanto ela o amava, e, coisa singular, aquela imensa ternura de que se via objeto causou-lhe uma impressão dolorosa.

Dirigira-se à casa dela, dizendo de si para si que o seu único refúgio, a sua única esperança estavam ali: cedera à necessidade irresistível de desabafar as suas penas; e agora que ela lhe dava todo o seu coração, julgava-se muito mais desgraçado que antes.

— Sônia — disse —, é melhor que não me vejas na prisão!

Ela não respondeu; chorava. Passaram-se alguns minutos.

— Tens alguma cruz contigo? — perguntou ela subitamente, como se lhe tivesse ocorrido uma ideia.

Ele não percebeu logo a pergunta.

— Não, não tens? Então toma esta, que é de cipreste. Eu tenho outra de cobre, que Isabel me deu. Fizemos uma troca: ela deu-me a cruz, e eu dei-lhe um ícone. Agora vou usar a cruz de Isabel e levarás esta. Toma... é a minha! — insistiu. — Iremos ambos para a expiação; conduziremos a nossa cruz até o fim.

— Dá-me! — disse Raskólnikov para não a desgostar, e estendeu a mão, mas quase no mesmo instante retirou-a.

— Não, agora, não, Sônia. É melhor depois.

— Sim, mais tarde — respondeu. — Dar-te-ei na hora da expiação. Virás aqui, ponho-a em seu pescoço, rezaremos e partiremos.

Nesse momento soaram três pancadas na porta.

— Sófia Semenovna, pode-se entrar? — disse uma voz familiar e amável.

Sônia, inquieta, correu a abrir. Era Lebeziátnikov.

CAPÍTULO V

André Semênovitch tinha o rosto transtornado.

— Vinha procurá-la, Sônia. Peço desculpa... Já esperava encontrá-lo aqui — disse bruscamente a Raskólnikov —, quero dizer, não pensava nada de mau, não vá supor... mas pensava justamente... Catarina Ivanovna enlouqueceu — concluiu —, dirigindo-se novamente a Sônia.

A moça deu um grito.

— Pelo menos parece. Puseram-na na rua, na casa aonde foi, e provavelmente bateram-lhe... Pelo menos parece. Fora procurar o chefe de Simão Zakáritch, mas não o encontrou; jantava em casa de um dos seus colegas. Dirigiu-se logo para a casa do tal homem e insistiu em falar ao chefe de Zakáritch, que ainda estava à mesa. Naturalmente puseram-na na rua. Ela conta que o injuriou e lhe atirou qualquer coisa na cabeça. Nem sei como não a prenderam! Agora deu para contar os seus projetos a todo o mundo, incluindo Amália Ivanovna. Mas está numa tal agitação que pouco se ouve o que ela diz. Como não lhe resta recurso algum, quer ir tocar realejo nas ruas, acompanhando os filhos, que cantarão e dançarão implorando a caridade. Diz que todos os dias irá colocar-se sob as janelas do general... “Hão de gozar o espetáculo dos filhos de uma família nobre pedindo esmolas pelas ruas!” Bate nas crianças, que choram. Ensina “Minha choupana” a Lida e dá lições de dança ao pequeno e a Paulina Mikailovna. Rasga os poucos trapos que tem para fazer roupa de saltimbancos, e à falta de instrumento quer levar uma bacia de metal como tambor... Não admite uma palavra contra os seus projetos. Enfim, só vendo!...

Lebeziátnikov ia continuar, mas Sônia, que o ouvira quase sem respirar, pôs o chapéu e saiu precipitadamente. Os dois seguiram-na.

— Está positivamente doida — disse André a Raskólnikov. — Para ir preparando Sônia, disse-lhe que apenas parecia; mas não é possível duvidar de que está doida. Nos tísicos parece que é frequente tuberculose

no cérebro. Lamento não entender de medicina. Tentei dissuadi-la, mas não me atendeu.

— O senhor falou-lhe em tuberculose?

— Não; nem ela compreenderia. Mas faça o favor de me dizer: se o senhor convencer alguém com o rigor da lógica, de que no fundo não há razão alguma que justifique o choro, esse alguém deixará de chorar? É claro que não! Por que continuaria a chorar, não me dirá?

— Se assim fosse, a vida seria deliciosa! — respondeu Raskólnikov.

— Desculpe-me, desculpe-me, seria muito difícil que Catarina Ivanovna o entendesse, mas sabe que em Paris têm sido feitas experiências para a possível cura dos doentes mentais, simplesmente pela argumentação lógica? Um professor de lá, um renomado cientista, há pouco falecido, acreditava na possibilidade de cura. Sua ideia era de que nada existe de doença física nos loucos, e que a doença mental é, por assim dizer, um defeito de lógica, de julgamento, uma visão incorreta das coisas. Gradualmente mostrara aos loucos seus erros, e, pode acreditar nisto, dizem que obteve sucesso! Mas como também aplicara duchas, não se sabe em que proporção o sucesso é devido a tal tratamento... Isto em minha opinião.

Raskólnikov já não o ouvia há algum tempo. Chegava à casa onde morava. Saudou com a cabeça Lebeziátnikov, e entrou. Lebeziátnikov deu-se conta de onde estava, olhou em torno e afastou-se apressado.

Raskólnikov quando chegou a seu cubículo, perguntou a si próprio por que voltara. O olhar fixava-se no papel amarelado e no velho divã em que dormia... Do pátio subia um ruído seco, como de marteladas. Estariam pregando alguma coisa? Foi à janela, pôs-se na ponta dos pés e olhou com a maior atenção. Mas não viu ninguém. Na casa da esquerda, viu algumas janelas abertas; nos parapeitos havia vasos com gerânios raquíticos. Lençóis estavam pendurados nas janelas... já os conhecia de cor. Por fim sentou-se no divã. Nunca sentira tamanha sensação de isolamento! Sim, de novo sentia que detestava Sônia, e que a detestava sobretudo depois de ter aumentado a sua desgraça. Para que a fizera chorar? Que necessidade tinha de lhe envenenar a vida? Que covardia! “Ficarei só”, disse resolutamente, “e ela não irá ver-me na prisão!”. Cinco minutos depois ergueu a cabeça e sorriu a uma ideia que lhe ocorrera. “Talvez fosse melhor ir para a Sibéria”, pensou num relance.

Quanto tempo durou esse sonho? Nunca se pôde lembrar disso. De súbito a porta abriu-se, dando passagem a Avdótia Romanovna, que parou no limiar, olhando o irmão atentamente. Depois aproximou-se e sentou-se à sua frente numa cadeira, no mesmo lugar da véspera.

Raskólnikov fitou-a silenciosamente.

— Não te aborreças, Ródia; demoro-me pouco. A sua fisionomia era grave, não severa; o olhar, límpido e terno. Raskólnikov percebeu que a irmã viera pela grande afeição que lhe tinha.

— Meu irmão, sei tudo, *tudo*. Dmitri contou-me tudo. Perseguem-te, atormentam-te, és vítima de suspeitas tão insensatas como odiosas... Dmitri Prokófitch é de opinião que nada há que temer e que não tens motivos para te incomodares desse modo. Não partilho Dessa opinião compreendo a tua indignação e não me surpreenderia se toda a tua vida te ressentires disso. E é isso o que receio. Deixaste-nos. Não discuto a tua resolução, e peço-te que me perdoes as palavras desagradáveis que te disse. Sinto que, em idêntico caso faria como você: evitaria todo o convívio. É claro que não direi à mamãe uma só palavra a este respeito, mas falar-lhe-ei de ti sempre e dir-lhe-ei que não tardarás a ir vê-la. Não te preocupes por ela; eu a tranquilizarei; mas por tua parte não a aflijas. Vá lá, embora só uma vez; lembra-te de que é tua mãe! Eu vim, Ródia — disse Dúnia levantando-se —, para te dizer que, se tiveres necessidade de mim, seja para o que for, estou à tua disposição para a vida e para a morte!... Chama-me e virei. Adeus.

Dirigiu-se para a porta.

— Dúnia! — chamou Raskólnikov erguendo-se. Razumíkhin é um excelente rapaz.

Dúnia corou ligeiramente.

— Então? — interrogou ela depois de esperar.

— É ativo, laborioso, honesto e capaz de um afeto sólido... Adeus, Dúnia!

No meio da sua perturbação ela teve um sobressalto.

— Mas então nos separamos para sempre, Ródia? Parece que me dás os últimos conselhos?

— Não faças caso... Adeus!

Deu-lhe as costas e foi até a janela. Dunetchka esperou um momento olhando para ele, e retirou-se inquieta.

Não, não era indiferença o que sentia pela irmã. Houve até um momento, o último, em que sentira um violento desejo de abraçar e lhe contar tudo; e todavia não pudera nem estender-lhe a mão. “Mais tarde, estremeceria ao lembrar-se disso... E suportaria tal confissão?”, acrescentou mentalmente. “Não, não suportaria... *Essas mulheres* não sabem suportar nada...” E o seu pensamento voou para Sônia.

Pela janela entrava uma brisa doce. O dia declinava. Raskólnikov pôs o boné e saiu.

Evidentemente não pensava em tratar-se. Mas os terrores, as contínuas aflições que sentia deviam produzir suas naturais consequências, e se a febre não o tinha ainda prostrado, era devido à força fictícia que lhe dava aquela agitação tão forte.

Caminhou sem destino. Anoitecia. Havia já algum tempo que ele sofria atrozmente, entre vendo longos anos a passar numa ansiedade mortal, “a eternidade no espaço de um metro quadrado”. Era sempre à tarde que esse pensamento o acabrunhava. “Com este estúpido mal-estar em que nos deixa o pôr do sol, como deixar de fazer tolices! Vou apenas à casa de Sônia ou também à casa de Dúnia?”, murmurava amargamente.

Ouvindo seu nome, voltou-se: era Lebeziátnikov que o chamava.

— Venho de sua casa, fui procurá-lo. Imagine, a mulherzinha pôs o plano em execução e anda pelas ruas com os filhos! Sônia e eu tivemos grandes dificuldades em encontrá-los. Por fim, demos com eles: a mãe a rufar numa panela, os pequenos a dançar. As pobres crianças fazem dó. Param nas praças e em frente dos estabelecimentos, seguidos por uma multidão de vadios. Venha depressa.

— E Sônia? — perguntou Raskólnikov inquieto, seguindo André Semênovitch.

— Coitada, está quase como a madrastra. A polícia não deixa de intervir no caso e o senhor faz ideia do efeito que isso produz na pobre rapariga. Agora estão no canal, perto da ponte de*** próximo da casa de Sônia. E já aqui, a dois passos...

No canal, a pequena distância da ponte havia uma multidão, composta na maioria de crianças. A voz fraca e desafinada de Catarina ouvia-se já da ponte. De fato, o espetáculo era bem singular para atrair a atenção pública. Com um chapéu de palha e o velho vestido sobre o qual lançara um xale esfrangalhado, Catarina Ivanovna justificava demasiadamente as palavras

de Lebeziátnikov. Estava exausta, arquejante. O rosto demonstrava mais do que nunca sofrimento (aliás, as pessoas que sofrem do peito, ao sol, na rua, têm sempre pior aspecto do que em casa), mas, não obstante a fraqueza, estava numa agitação extraordinária, que aumentava a todo momento.

Corria para os filhos, repreendia-os, preocupada com a sua educação coreográfica e musical, lembrando-lhes o motivo por que os fazia dançar e cantar. Depois, exprobava-lhes a pouca inteligência e batia-lhes.

Interrompia-se a cada momento para falar ao público; e, se avistava um homem vestido mais decentemente, apressava-se a explicar-lhe as circunstâncias extremas a que estavam reduzidos os filhos “de uma família nobre, podia mesmo dizer-se aristocrática”. Se ouvia risos ou ditos escarnecedores, insultava os malcriados.

O fato é que muitos troçavam, outros abanavam a cabeça e em geral todos olhavam com curiosidade para aquela doida cercada de crianças aterradas. Catarina Ivanovna batia as mãos cadenciadamente, enquanto Poletchka cantava e Lida e Kólia dançavam. Às vezes ela própria tentava cantar também; mas à segunda nota era interrompida pela tosse; então desesperava-se e chorava.

O que sobretudo a enraivecia eram as lágrimas e o modo de Kólia e de Lida. Como dissera Lebeziátnikov, ela tentara vestir os filhos como os cantores das ruas. O pequeno tinha na cabeça uma espécie de turbante. Não tendo pano para fazer uma roupa para Lida, ela limitara-se a pôr-lhe na cabeça o barrete de dormir do falecido Simão Zakáritch, ornado com uma pena de avestruz que outrora pertencera à viúva Catarina Ivanovna e que esta tinha conservado como lembrança de família. Poletchka trajava o vestido de todos os dias. Não largava a mãe, de quem adivinhava o desarranjo mental, e, olhando para ela timidamente, procurava esconder-lhe as lágrimas. A pobre pequena estava espantada por se ver assim na rua, no meio daquela gente. Sônia, seguindo Catarina e chorando, suplicava-lhe que voltasse para casa. Mas Catarina teimava.

— Cala-te, Sônia — gritava, tossindo. — Tu nem sabes o que pedes; és uma criança. Já te disse que não voltarei para casa dessa bêbada alemã. Que todo o mundo, que toda a gente de São Petersburgo veja mendigando os filhos de um nobre que toda a vida serviu lealmente à pátria e que, pode dizer-se, morreu em serviço! (Tomara-a esta ideia e era impossível convencê-la do contrário.) Que esse canalha do general seja testemunha da

nossa miséria!... Mas tu és tola, Sônia: que comeremos? Nós já te exploramos bastante! Ah, é o senhor, Ródion Românovitch! — exclamou avistando Raskólnikov. E correndo para ele: — Por favor, faça compreender a esta imbecil que é o melhor partido que podemos tomar! Assim como se dá esmola aos tocadores de realejo, também nos darão; hão de reconhecer em nós uma família nobre na miséria, e esse vilão do general será demitido; verá. Havemos de ir todos os dias para debaixo das suas janelas; o imperador passará e eu lançar-me-ei aos seus pés, mostrar-lhe-ei meus filhos e dir-lhe-ei: “Pai, protege-nos!” O senhor verá! E esse maroto do general... Lida, *tenez-vous droite*! Tu, Kólia, vais já recomeçar esse passo. Que estás a choramingar? Isso acabará. De que é que tens medo? Senhor! Que se há de fazer com eles, Ródion Românovitch? Se soubesse como são estúpidos! Não há meio de fazer nada com eles!

Ela própria tinha lágrimas (o que, aliás, não a impedia de falar sempre), enquanto mostrava a Raskólnikov os filhos lacrimosos. O rapaz tentou convencê-la de que devia ir para casa; julgando movê-la pelo amor-próprio, observou-lhe que não era conveniente andar pelas ruas como os tocadores de realejo, quando se queria abrir um colégio para meninas pobres.

— Um colégio, ah!, ah!, ah! Que ideia! — exclamou Catarina, em meio a um violento acesso de tosse. — Não, Ródion Românovitch, esse sonho morreu! Todo mundo nos abandonou! E aquele general... Sabe, Ródion, que lhe atirei à cara um tinteiro que estava na mesa, ao lado do livro em que os visitantes se inscrevem? Depois de ter escrito meu nome, atirei-lhe o tinteiro e saí pela porta. Oh, os covardes! Os covardes! Mas, afinal, não me apoquento; agora sustentarei meus filhos; não adularei ninguém. Nós já a martirizamos bastante! — acrescentou ela, apontando Sônia. — Poletchka, quanto recebeste já? Deixa ver o dinheiro! O quê! Dois copeques! Ah, avarentos! Não dão nada, e seguem-nos sempre pondo-nos a língua de fora. Então? (Mostrava alguém entre a multidão.) E sempre por culpa deste Kólia, por causa da sua tolice é que se riem de nós! Que queres, Poletchka? Fala-me em francês, *parlez-moi français*. Eu dei-te lições; lá sabes algumas frases!... De outra forma como reconhecerão que vocês pertencem a uma família nobre, que são crianças bem-educadas e não músicos ambulantes? Não cantem canções vulgares, entoem *romanzas*... Ah! Sim, é verdade, que vamos cantar? Interrompem-me sempre, e não nos deixam escolher repertório, porque, como o senhor sabe,

Ródion, estávamos desprevenidos, não tínhamos nada preparado, precisamos ensaiar, depois iremos para a avenida Neuski, onde param pessoas de distinção. Aí provocaremos a atenção geral. Lida sabe a “Minha choupana”, mas essa canção já se vai tornando insuportável. Não se ouve outra coisa. Então, Pólia, não tens uma ideia? Auxilia tua mãe! Eu já não tenho memória! É verdade, por que não cantamos o “Hussardo encostado ao sabre”? Não será melhor cantarmos em francês os “Cinq sous”? Essa já te ensinei; tu a aprendeste. E depois, como é canção francesa, logo veem que vocês pertencem à nobreza e isso será mais tocante... Poderemos mesmo juntar-lhe “Malborough s’en va-t’en-guerre”! Tanto mais que esta cançoneta, realmente infantil, é a mais cantada em todas as casas aristocráticas para adormecer as crianças.

*Malborough s’en va-t’en-guerre
Qui sait s’il reviendra...*

“Começou ela a cantar... Mas não, “Cinq sous” é melhor! Vamos, Kólia, mão no quadril, com elegância! E tu, Lida, põe-te em frente dele. Poletchka e eu faremos o acompanhamento!

*Cinq sous, cinq sous,
Pour monter notre ménage...*

“Poletchka, anda, o vestido está caindo — disse ela enquanto tossia. — Agora é essencial mostrarem atitudes corteses e delicadas, para que se veja serem de nascimento fidalgo. Já disse que o corpete devia ser mais comprido e de duas larguras de pano. Foi tua culpa, Sônia, com o conselho de encurtá-lo. Vês, agora, que deforma a criança... Todos estão chorando novamente! Que há, estúpidos? Vem, Kólia, começa! Rápido, rápido! Que criança insuportável!

Cinq sous, cinq sous.

“Um policial outra vez! Que quer ele?”

Um guarda abria passagem por entre o povo. Ao mesmo tempo aproximou-se da louca um tipo de aspecto respeitável, comovido com

aquele espetáculo. O recém-chegado era condecorado, o que alegrou Catarina, e não deixou também de produzir efeito no policial. Estendeu a Catarina uma nota de três rublos. Ao recebê-la a viúva de Marmêladov inclinou-se com a delicadeza cerimoniosa de uma grande dama.

— Muito agradecida, senhor — começou num tom de dignidade —, os motivos que nos induziram... (Toma o dinheiro, Poletchka, vê que ainda há homens generosos e prontos a socorrer uma senhora nobre caída na desgraça.) Os órfãos que tem na sua frente são nobres, pode até dizer-se que são aparentados com a primeira aristocracia... E aquele general estava comendo uma perdiz... Bateu o pé porque tive a ousadia de o procurar... “V. Exa.”, disse-lhe, “conheceu muito Simão Zakáritch; defenda os órfãos que ele deixou. No dia do seu enterro, a filha foi injuriada pelo mais ínfimo dos mariolas...” — Outra vez o policial! Proteja-me! — exclamou dirigindo-se ao seu benfeitor. Por que é que este homem não me larga? Já nos expulsaram da rua dos Burgueses... Que é que queres, imbecil?

— É proibido escândalo nas ruas. Porte-se direito.

— Tu é que és inconveniente! Eu ando como os tocadores de realejo! Deixa-me em paz!

— Os tocadores de realejo têm licença e a senhora não a traz, e está provocando ajuntamentos! Onde mora?

— Como, uma licença? — gritou Catarina. — Eu enterrei hoje meu marido; creio que é uma verdadeira licença!

— Minha senhora, minha senhora, sossegue — disse o desconhecido intervindo —, eu vou levá-la. A senhora não está no seu lugar neste meio. A senhora está doente...

— Oh, o senhor não sabe nada! — bradou Catarina. — Vamos para a avenida Neuski... Sônia, Sônia! Mas onde está ela? Também chora! Mas que têm vocês? Kólia, Lida, onde estão? — gritou, inquieta. — Oh! Crianças doidas! Kólia, Lida! Mas onde estão?

Kólia e Lida, já assustados com o povo e as excentricidades da mãe, possuídos de um terror louco, desataram a fugir de mãos dadas à vista do policial, que desejava debandá-los. Chorando e lamentando-se, a pobre Catarina Ivanovna correu atrás deles. Era um espetáculo inusitado e de provocar compaixão vê-la correr chorando e arquejando. Sônia e Poletchka seguiram-na.

— Faze-os voltar, Sônia, chama-os! Oh, que crianças tolas! Poletchka, agarra-os! É por vocês que eu...

Na corrida, tropeçou e caiu.

— Oh, meu Deus! Ela feriu-se, está cheia de sangue! — exclamou Sônia, inclinando-se sobre a madrastra.

Não tardou a formar-se um grupo em volta das duas mulheres. Raskólnikov e Lebeziátnikov foram os primeiros a acudir, assim como o desconhecido benfeitor e o policial, que murmurou “Que maçada!”, com um gesto de impaciência, sentindo que esse serviço lhe causaria incômodo.

— Vão-se embora! Vão-se embora! — Não cessava de dizer este, esforçando-se para dispersar o povo.

— Está morrendo — disse alguém.

— Está desmaiada — disse outro.

— Que Deus a proteja! — falou uma mulher persignando-se. — Seguraram as duas crianças? Trazem-nas de volta, a mais velha as traz... Ah! Capetas desobedientes!

Mas, examinando bem Catarina, descobriu-se que ela não se ferira como Sônia julgava, e que o sangue que avermelhava o chão vinha de uma hemoptise.

— Eu sei o que é isto — disse o desconhecido ao ouvido dos dois rapazes —, é a tuberculose. Não há ainda muito tempo tive um caso numa parenta minha: o sangue jorrando produziu a sufocação. Não há nada a fazer. Ela vai morrer.

— Para aqui! Para aqui! Para minha casa! — suplicou Sônia. Eu moro aqui perto! A segunda casa... mas depressa, depressa! Mandem vir um médico... Oh, meu Deus! — repetia aflita.

Graças à intervenção do desconhecido, arranjou-se tudo; o próprio policial ajudou a levar Catarina, que estava como morta quando a deitaram no leito de Sônia. A hemorragia continuou ainda por algum tempo, mas pouco a pouco ela pareceu voltar a si. No quarto entraram, além de Sônia, Raskólnikov, Lebeziátnikov e o desconhecido. O policial entrou depois de ter dispersado os curiosos, muitos dos quais tinham acompanhado o triste cortejo.

Poletchka apareceu, trazendo os dois fugitivos que tremiam e choravam. Vieram também os Kapernáumof. O alfaiate, coxo e cego de um

olho, era um tipo singular, com os cabelos e as suíças ásperas como pelos de porco. Entre outros apareceu também, de repente, Svidrigailov. Ignorando que ele morava naquela casa e não se lembrando de o ter visto entre os curiosos, Raskólnikov ficou espantado de o encontrar ali. Falou-se em chamar um médico e um padre, o policial sussurrou a Raskólnikov ser muito tarde para chamar um médico, mas este ordenou que se mandasse buscar. Foi Kapernáumof que foi à procura de um médico. Entretanto Catarina Ivanovna estava um pouco mais sossegada e a hemorragia cessara. A desgraçada dirigiu um olhar magoado mais fixo à pobre Sônia que, trêmula e pálida, lhe limpava o rosto com um lenço. Por fim, pediu que a sentassem na cama. Sentaram-na amparando-a.

— Onde estão as crianças? — perguntou com voz fraca. — Trouxeste-as, Pólia? Oh, que imbecis!... Então, por que fugiram? Oh!

Tinha ainda os lábios rubros de sangue. Olhou em torno.

— E aqui está como vives, Sônia... Nunca tinha vindo aqui... Foi preciso isto para eu vir...

Lançou à rapariga um olhar de piedade.

— Nós exploramos-te, Sônia... Pólia, Lida, Kólia, venham cá... Aí os tens Sônia, toma-os... Entrego-os nas tuas mãos... Eu, por mim, estou farta... Acabou-se a festa! Ah! Larguem-me, deixem-me morrer sossegada.

Fizeram-lhe a vontade, ela caiu sobre o travesseiro.

— O quê? Um padre? Não preciso... Não é necessário gastar um rublo com ele! Eu não tenho pecado! E ainda que tivesse... Deus deve perdoar-me... Ele sabe o que sofri!... Se não me perdoar, deixá-lo-ei...

As ideias confundiram-se-lhe cada vez mais. De vez em quando estremecia, olhava em volta e reconhecia durante um minuto todos os que a rodeavam, mas logo o delírio se apoderava dela outra vez. Respirava com dificuldade.

— Eu disse-lhe: Vossa Excelência!... — exclamava ela, parando a cada palavra. — Aquela Amália Ludvigovna... Ah! Lida, Kólia, mãos nas ilhargas, e mexam esses pés; *glissez, glissez!... pas de basque. Du hast Diamanten und Perlen...*¹⁴ Como é depois? Era o que devia ter cantado.

*Du hast die schönsten Augen
Mädchen, Was willst du mehr?...¹⁵*

“Sim! Que mais ela quer, a imbecil? Ah! É verdade:

*Numa campina do Daguestão,
Onde o sol dardejia a prumo...*

“Ah! Como eu gostava... como eu adorava esta linda canção, Poletchka!... Teu pai cantava-a antes do nosso casamento. Ó tempos... Aí está o que deveríamos cantar! Então! Então!... Ora essa, me esqueci... Mas lembra-me o resto!”

Extraordinariamente agitada, esforçava-se por se levantar. Por fim, com voz rouca, estrangulada, sinistra, começou a cantar, respirando a cada palavra, enquanto o rosto mostrava um terror sempre maior.

*Numa campina do Daguestão,
Onde o sol dardejia a prumo,
Uma bala no peito...*

Depois, desatou a chorar numa desolação comovedora.

— Excelência! — exclamou. — Proteja os órfãos! Em atenção à hospitalidade que recebeu em casa do falecido Simão Zakáritch!... Pode dizer-se até aristocrática!... Ah!...

Estremeceu de repente, e procurando lembrar-se de onde estava, olhou aflita para todos e, reconhecendo Sônia, pareceu surpreendida de a ver ali.

— Sônia, Sônia... — disse com voz terna. — Sônia, minha querida, estás aqui?

Levantaram-na novamente.

— Basta!... Acabou-se!... Desfez-se a carcaça!... — exclamou com amargo desprezo, e deixou cair a cabeça no travesseiro. O pescoço retesou-se, a boca abriu-se, as pernas estenderam-se convulsivamente. Deu um longo suspiro e morreu.

Sônia, mais morta do que viva, lançou-se sobre o cadáver, estreitando-o nos braços, e apoiou a cabeça sobre o peito seco da defunta. Poletchka, soluçando, pôs-se a beijar os pés da mãe. Kólia e Lida, muito crianças para compreenderem o fato, adivinhavam a terrível catástrofe. Passaram os braços em volta do pescoço um do outro, miraram-se nos olhos e começaram a gritar. Estavam ainda vestidos de saltimbancos, isto é, um

com o turbante e a outra com o barrete de dormir ornado com a pena de avestruz.

Raskólnikov foi para a janela. Lebeziátnikov apressou-se a ir ter com ele.

— Está morta! — disse André Semênovitch.

Svidrigailov aproximou-se.

— Ródion Românovitch, eu desejava falar-lhe.

Lebeziátnikov cedeu o lugar e saiu discretamente.

Todavia Svidrigailov julgou dever levar Raskólnikov para um canto.

— Eu me encarrego do enterro. O senhor sabe que isso vai custar muito dinheiro e, como já lhe disse, tenho algum de que não preciso. Poletchka e os dois pequenos entrarão num asilo de órfãos, onde ficarão bem instalados, e farei um depósito de 1.500 rublos para cada um até a maioridade, para que Sônia Semenovna não se preocupe com eles. Quanto a esta, retirá-la-ei do lodo porque tem um belo caráter, não é verdade? E o senhor pode dizer a Avdótia Romanovna o emprego que dei ao dinheiro que destinava a ela.

— Com que fim é o senhor tão generoso? — perguntou Raskólnikov.

— Oh, como o senhor é cético! — respondeu rindo Svidrigailov. — Já lhe disse que este dinheiro não me faz falta, procedo apenas por generosidade. O senhor não admite isto? Afinal — acrescentou, indicando com o dedo o canto em que estava a defunta —, aquela mulher não era “um verme como certa usurária”. Concorde “que valia mais que ela morresse e que Lujine vivesse para praticar infâmias”? Sem o meu auxílio, Poletchka, por exemplo, teria a mesma existência que a irmã...

Disse isso num tom malicioso e, enquanto falou, não desviou os olhos de Raskólnikov. Este empalideceu e sentiu-se tremer ouvindo as expressões quase textuais de que se servira na sua conversa com Sônia.

Recuou bruscamente e olhou para Svidrigailov:

— Como... sabe isso? — balbuciou.

— É que eu moro ali, do outro lado, em casa da senhora Resslich, minha velha e excelente amiga. Sou vizinho de Sônia.

— O senhor?

— Eu — continuou Svidrigailov, que sorria — dou-lhe minha palavra, meu querido Ródion Românovitch, que nos tornaremos a ver. E o senhor

verá como eu sou um homem acomodático. Verá que se pode viver comigo!

SEXTA PARTE

CAPÍTULO I

A situação de Raskólnikov era singular: dir-se-ia que uma névoa o envolvia e o isolava da humanidade. Quando mais tarde recordava essa época da sua vida, supunha que perdera por vezes a consciência de si próprio e que este estado durara até a catástrofe final. Estava convencido de que cometera muitos erros, por exemplo, que a sucessão cronológica dos acontecimentos lhe escapara muitas vezes. Pelo menos, quando mais tarde quis reunir e coordenar as reminiscências, foi-lhe necessário recorrer a testemunhos estranhos, para saber um grande número de detalhes. Confundia os fatos, considerava tal incidente consequência de outro que só existia na sua imaginação. Às vezes era dominado por um temor doentio que degenerava em terror. Mas lembrou-se também de que tivera momentos, horas, e talvez até dias, em que, pelo contrário, se achava mergulhado numa apatia comparável à indiferença de certos moribundos.

Em geral, naqueles últimos tempos, em vez de procurar ter uma ideia clara da situação, fazia todos os esforços para não pensar nisso. Certos fatos da sua vida, que não tinham importância, impunham-se, contra a vontade, à sua atenção; em compensação, parece que tinha gosto em desprezar as questões cujo esquecimento, no seu caso especial, só podia ser-lhe fatal.

Tinha sobretudo terror de Svidrigailov. Desde que este lhe repetira as palavras ditas por ele no quarto de Sônia, seus pensamentos como que tinham tomado novo rumo. Mas conquanto essa complicação nova o inquietasse demais, ele não se apressava a pôr o caso a limpo. Às vezes, quando ia por algum bairro longínquo da cidade, ou abancava em algum reles *traktir*, sem saber por que razão tinha entrado, pensava logo em Svidrigailov: fazia tenção de ter o mais cedo possível uma explicação com esse homem que lhe atormentava o espírito.

Um dia em que fora passear para além das barreiras até se lhe afigurou que dera *rendez-vous* a Svidrigailov para aquele mesmo lugar. Outra vez,

acordando antes da aurora, ficou admirado de se encontrar deitado no meio de uma mata. Ademais, durante os dois ou três dias que se seguiram à morte de Catarina, duas vezes encontrou Svidrigailov: a primeira, no quarto de Sônia; depois, no vestibulo, perto da escada que levava ao aposento dela.

Nessas duas ocasiões limitaram-se a trocar poucas palavras, e abstiveram-se de falar no ponto capital, como se, por um acordo tácito, se combinassem para afastar momentaneamente esse caso.

O cadáver de Catarina Ivanovna estava ainda na cama. Svidrigailov dava ordens para o funeral. Sônia estava também muito ocupada. No último encontro, Svidrigailov disse a Raskólnikov que suas diligências em favor dos filhos de Catarina Ivanovna tinham tido o melhor êxito; graças a certas pessoas pudera obter a admissão das crianças em asilos. Os 1.500 rublos com que cada um dos pequenos fora dotado desbravaram o caminho das diligências, porque nos asilos eram recebidos de preferência os órfãos dotados. Acrescentou algumas palavras sobre Sônia, prometeu ir num dia próximo à casa de Raskólnikov e deu a entender que havia certas coisas que desejava falar com ele... Enquanto falava, Svidrigailov não cessava de observar o rapaz. Esta conversação se dava no patamar da escada. De repente calou-se; depois perguntou, baixinho:

— Mas que tem, Ródion? Parece que não está bem senhor de si. Ouve, olha e parece não entender! Tenha calma! Precisamos conversar um pouco; infelizmente ando muito ocupado, tanto pelos meus negócios como pelos dos outros... Eh! Ródion Românovitch, acrescentou bruscamente, todos os homens precisam de ar, ar, ar fresco... antes de tudo.

Afastou-se para deixar passar um padre e um sacristão que subiam. Iam celebrar o ofício de defuntos: Svidrigailov, quisera que essa cerimônia tivesse lugar duas vezes por dia. Svidrigailov foi para seus aposentos. Raskólnikov, depois de um momento de reflexão, seguiu o padre à casa de Sônia.

Ficou à porta. O ofício começou com uma triste solenidade. Desde criança Raskólnikov sentia uma espécie de terror místico ante o aparato da morte; por isso evitava sempre assistir às *panikidas*. Ademais, esta tinha para ele um caráter comovente: as três crianças estavam ajoelhadas junto ao caixão. Poletchka chorava. Atrás delas Sônia orava, escondendo as lágrimas. “Durante esses dias”, pensou ele de repente, “ela não levantou os

olhos para mim e não me disse uma palavra!”. O sol iluminava vivamente o quarto entre o fumo do incenso.

O padre leu a oração usual: “Dá-lhe, Senhor, o repouso eterno!” Raskólnikov ficou até o fim. Depois de dar a bênção e se despedir, o padre olhou em volta com um ar estranho. Raskólnikov aproximou-se de Sônia. Ela pegou-lhe as mãos e inclinou a cabeça sobre o ombro do rapaz, a quem esta demonstração de amizade causou um profundo assombro. “O quê! Sônia não lhe tinha a menor aversão, o menor horror; suas mãos não tremiam nas dele! Era o cúmulo da abnegação!” Pelo menos foi isso o que ele julgou. Ela não disse uma palavra. Raskólnikov apertou-lhe a mão e saiu.

Sentia um grande mal-estar. Se lhe fosse possível naquele momento encontrar a solidão em algum lugar, ainda que ela devesse durar toda a vida, ter-se-ia julgado feliz. Ah! Desde algum tempo embora estivesse quase sempre só, não podia dizer que estava. Acontecia-lhe ir passear até fora da cidade, ir por uma estrada qualquer; uma vez mesmo meteu-se por um bosque. Mas quanto mais solitário era o lugar, mais ele sentia perto um ser invisível cuja presença o aterrava ainda menos do que o irritava. Por isso apressava-se em voltar, misturava-se com a multidão, entrava nos *traktirs*, ia ao Tolhântki ou à Sienaía. Aí estava mais à vontade e isolado!

Ao anoitecer cantavam numa taverna. Passou uma hora ali sentindo um grande prazer. Mas, enfim, a inquietação tomou-o novamente; um pensamento cruel como um remorso começou a torturá-lo:

“Estou aqui a ouvir cantigas; e não era isso o que eu devia fazer!”, disse consigo. Além disso, adivinhava que essa não era sua única preocupação; outra questão devia ser resolvida logo, mas por mais que ela se lhe impusesse, não podia decidir-se a uma solução. “Não; mais vale a luta! Mais valia encontrar-me agora frente a frente com Porfírio... ou Svidrigailov... Sim, sim; antes um adversário qualquer, um ataque a repelir!”

Com esta reflexão, saiu precipitadamente da taverna. De súbito, o pensar em sua mãe e sua irmã lançou-o numa espécie de terror. Passou essa noite nas matas de Krestóvski-Ostrof; antes do dia romper, acordou com febre e pôs-se a caminho de casa, onde chegou pela manhã. Após algumas horas de sono a febre o deixara. Eram duas horas quando acordou.

Lembrou-se de que esse dia era o dos funerais de Catarina Ivanovna, e felicitou-se por não ter assistido ao ato. Nastácia levou-lhe o almoço.

Comeu e bebeu com apetite, quase com avidez. Sentia-se mais sereno. Num dado momento espantou-se até dos acessos de pavor que tivera.

A porta abriu-se e Razumíkhin entrou.

— Ah! Comes! Então não estás doente! — disse ele, sentando-se em frente de Raskólnikov. Estava muito agitado e não o dissimulava. Estava evidentemente encolerizado, mas falava devagar e sem elevar a voz.

— Ouve — começou decidido. — Eu desisto de tudo porque vejo agora, de modo claro, que teu procedimento é inexplicável. Não venho interrogar-te. Bem me importo com tudo isso! Tenho mais que fazer que tirar minhocas da cabeça! Agora, se tu me disseses todos os teus segredos era bem provável que eu os não quisesse ouvir: ia-me embora. Vim somente para ver o teu estado mental. Sabes que há pessoas que se julgam doidas ou em vésperas disso? Confesso-te que eu mesmo estava disposto a aceitar essa opinião em vista de teu modo de proceder, estúpido e inexplicável. Aliás, que se há de pensar do teu procedimento com tua mãe e tua irmã? Que homem, senão um doido ou um canalha, se comportaria com elas como você? Decerto estás louco...

— Estiveste com elas?

— Ainda há pouco. E tu, não vais vê-las? Fazes o favor de me dizer onde passas o dia inteiro? Já vim três vezes aqui. Desde ontem tua mãe está doente. Quis vir ver-te. Avdótia tentou dissuadi-la disso, mas Pulquéria Alexandrovna não quis atender a nada. “Se ele está doente”, dizia ela, “se tem a cabeça transtornada, quem deve tratá-lo senão sua mãe?”. Viemos aqui todos, e no caminho suplicamos-lhe sempre que sossegasse. Quando chegamos, estavas ausente. Ficamos calados, ao lado dela. “Se ele sai”, disse tua mãe quando se levantou, “é porque não está doente. Esquece-se de sua mãe; não devo, pois, mendigar a afeição do meu filho”.

“Voltou para casa e foi para a cama; agora está com febre. ‘Vejo agora’, disse ela há pouco, ‘que é a ela que ele dedica todo o seu tempo’. Supõe que Sófia Semenovna é tua noiva ou amante. Fui à casa de Sônia, porque, meu amigo, desejava saber o que havia. Entro e que vejo? Um caixão, crianças a chorar e Sônia Semenovna cosendo roupas de luto. Não estavas lá. Desculpei-me, saí e fui contar a Avdótia Romanovna o resultado da minha visita. Decididamente, isto não significa nada, não se trata de amor; resta, pois, como mais provável, a hipótese da loucura. Ora, chego aqui e encontro-te a comer carne, como se não comesses há três

dias! Sem dúvida, o fato de estar doido não impede de comer; mas apesar de ainda não me teres dito nada... não; não estás doido; eu ponho as mãos no fogo!... Isso para mim está fora de dúvida. Portanto mando todos para o diabo, visto que se trata de um mistério e não quero quebrar a cabeça com a charada. Vim somente para fazer uma cena e desafiar. Enfim, sei o que vou fazer.”

— Que vais fazer?

— Que importa?

— Vais beber.

— Como adivinhaste?

— Era difícil de adivinhar isto!...

Razumíkhin ficou um momento calado.

— Foste sempre muito inteligente, e nunca, nunca estiveste doido — observou ele de repente. — Disseste a verdade; vou embebedar-me. Adeus!

E deu um passo para a porta.

— Anteontem, se bem recordo, falei de ti à minha irmã — disse Raskólnikov.

Razumíkhin parou.

— De mim!... Mas... onde a viste anteontem? — perguntou ele pálido e perturbado.

— Veio aqui e conversou comigo.

— Ela?

— Sim, ela mesma.

— Então que lhe disseste... a meu respeito?

— Disse-lhe que eras um homem excelente, honesto e laborioso. Não disse que a amavas, porque ela o sabe.

— Ela própria sabe?

— Para onde quer que eu vá, tu ficas sendo o seu amparo. Entrego-a, por assim dizer, nas tuas mãos, Razumíkhin. Digo-te isto porque sei muito bem que a amas e estou certo da pureza dos teus sentimentos. Sei também que ela há de vir a amar-te. Agora decide se deves ou não ir embriagar-te.

— Ródia... Tu sabes... que diabo! Mas tu, aonde vais?... Se é segredo, não falemos mais nisso! Mas eu... eu hei de saber de que se trata... Estou convencido de que não é nada sério, que são tolices de que a tua

imaginação fez monstros. Afinal, és um excelente homem! Um excelente homem!

— Eu queria acrescentar, mas interrompeste — disse Raskólnikov —, que tinhas razão ainda agora quando declaravas renunciar a saber tal segredo. Não te inquietes. As coisas virão a seu tempo e saberás tudo na ocasião própria. Ontem alguém me disse que era preciso ao homem ar, ar, ar fresco! Vou daqui perguntar-lhe o que é que ele queria dizer com isso.

Razumíkhin permaneceu silencioso e excitado, concluindo: “É um conspirador político, com certeza! E está em vésperas de alguma tentativa audaciosa. É isso; é...! Não pode ser outra coisa... e... e Dúnia sabe...” Depois dirigindo-se a Ródion:

— Então, Avdótia Romanovna veio à tua casa, e tu vais procurar alguém que te disse que é preciso ar... — disse ele, escandindo as palavras. — É provável que a carta tenha também sido mandada por esse alguém — concluiu ele.

— Que carta?

— Ela recebeu hoje uma carta que a tornou muito inquieta. Quis falar-lhe de ti; ela disse-me que nos separaríamos talvez dentro em breve e agradeceu-me não sei que favores. Depois foi para o quarto...

— Recebeu uma carta? — perguntou de novo Raskólnikov pensativo.

— Recebeu. Não sabias?

Houve um minuto de silêncio.

— Adeus, Ródion... Eu, meu amigo... houve tempo... Bem, adeus! Devo também ir-me. Quanto a embebedar-me, não; não farei isso, é inútil...

Saiu num rompante, mas mal fechara a porta tornou a abri-la e disse:

— A propósito! Lembra-te daquela morte, do assassinio daquela velha? Pois descobriram o assassino. Confessou-se culpado e forneceu todas as provas em apoio das suas palavras. Imagine que é um dos pintores que defendi calorosamente. Queres crer? A folia dos dois operários enquanto o *dvornik* e as duas testemunhas subiam, os sopapos que se davam a rir, tudo isso eram truques do assassino para desviar suspeitas. Que astúcia! Que presença de espírito tem ele! Custa a crer, mas ele mesmo explicou tudo, do modo mais claro. E como eu fui na onda! Aquela criatura é o gênio da dissimulação e da astúcia. Depois daquilo a gente não

pode admirar-se de nada! Mas onde eu tinha os olhos! E as lanças que quebrei na defesa dos dois malandros!

— Dize-me uma coisa: como soubeste isso e por que é que isso te interessa tanto? — perguntou Raskólnikov agitado.

— Por que me interessa? Tem graça a pergunta! Quanto aos fatos, soube deles por muitas pessoas, entre elas Porfírio. Foi ele quem me disse quase tudo.

— Porfírio?

— Sim.

— E... que te disse ele? — perguntou Raskólnikov inquieto.

— Deu-me a explicação cabal do caso. Psicologicamente; o seu método.

— Explicou? Ele próprio?

— Sim. Adeus. Mais tarde dir-te-ei mais alguma coisa; mas agora sou forçado a deixar-te. Houve um tempo em que pensei!... Bem, contar-te-ei isso depois. Que necessidade tenho agora de beber? As tuas palavras bastam para me embriagar. Agora, Ródia, estou bêbado, sem ter bebido uma gota de vinho... Adeus, até breve...

E saiu.

“É um conspirador político, isso é certo, positivo!”, concluiu Razumíkhin ao descer as escadas vagarosamente. “E arrastou a irmã na empresa. É muito provável, dado o caráter de Avdótia. Eles têm tido conversas. Ela já me fizera supor por algumas palavras... Agora compreendo certas alusões... Sim, é isso! Como achar outra explicação para este mistério? Hum! E tinha-me vindo à cabeça... Oh, meu Deus! O que eu pensei! Sim, cheguei a pensar uma coisa horrível! Caluniei-o! Outro dia, no corredor, contemplando seu rosto iluminado pela lâmpada, tive um minuto de desvario. Que horrível ideia me passou! Micolai fez muito bem em confessar!... Sim, presentemente, tudo o que se tem passado se explica: a doença de Ródion, a singularidade do seu procedimento, aquele humor sombrio e feroz que manifestava já quando era estudante... Mas que significa aquela carta? De onde veio? Aqui há coisa... Desconfio... Hum... Não, eu hei de saber!”

Ao lembrar-se de Dunetchka, sentia gelar-lhe o sangue e ficava como que pregado ao chão. Teve de fazer um violento esforço para continuar o caminho.

Logo após a partida de Razumíkhin, Raskólnikov levantou-se: aproximou-se da janela, depois passeou de um lado para outro, esquecido das dimensões exíguas do quarto. Por fim, tornou a sentar-se. Uma transformação completa parecia ter-se dado nele. Tinha ainda que lutar: era um recurso.

Sim, um recurso, um meio de fugir à situação aflitiva, à carga em que vivia agonizando. Uma letargia envolvia-o aos poucos. Desde a aparição de Micolai em casa de Porfírio ele sentia-se sufocar, engaiolado sem esperança de fuga. Nesse mesmo dia e depois da confissão de Micolai dera-se a cena em casa de Sônia, cena cujas peripécias e desfecho tinham iludido as previsões de Raskólnikov. Mostrara-se fraco; reconhecera, bem como Sônia e muito sinceramente, que não podia sozinho com tal fardo! Svidrigailov?... Svidrigailov era um enigma que o inquietava, mas não tanto. Havia talvez meio de se desembaraçar de Svidrigailov, mas com Porfírio o caso mudava de feição.

“De modo que foi Porfírio quem explicou a Razumíkhin a culpa de Micolai, segundo o célebre método *psicológico!*”, monologava. “Ainda nisso Porfírio se serviu da maldita psicologia? Mas como pôde ele crer Micolai culpado, depois da cena que acabava de passar-se entre nós e que só admite *uma* explicação? (Nesses dias, Raskólnikov lembrou-se de pormenores da conversa com Porfírio e não podia evitar que sua mente os relembresse.) Suas palavras, seus gestos, seus olhares, o som da sua voz, tudo nele atestava uma convicção tão forte que nenhuma das pretensas confissões de Micolai podia abalá-la.

“Mas quê? Razumíkhin também desconfiava de qualquer coisa. O incidente do corredor deve, sem dúvida, sugerir-lhe reflexões. Correu logo à casa de Porfírio... Mas por que este o mistificou de tal modo? Com que fim ele engana Razumíkhin a respeito de Micolai? Evidentemente, não fez isso sem motivo, deve ter suas intenções. Quais serão? Em verdade já se passou muito tempo desde essa manhã, e não tenho ainda a menor notícia de Porfírio. Quem sabe, contudo, se isso não é um mau sinal?...”

Pegou o boné e, depois de refletir um instante, saiu. Naquele momento, pela primeira vez há muito, sentia-se de posse das faculdades intelectuais. “É preciso liquidar com Svidrigailov”, pensava, “e, custe o que custar, decidir isto o mais depressa possível; ademais, ele parece esperar minha visita”. Nesse instante, saiu-lhe do coração um ódio tão violento que se

pudesse matar um ou outro desses dois seres detestados, Svidrigailov ou Porfírio, não teria hesitado.

“Veremos, veremos.” Repetia para si próprio.

Mas, mal abriu a porta, encontrou-se em frente ao próprio Porfírio. O juiz de instrução procurava-o. No primeiro momento Raskólnikov ficou embatucado. Coisa singular, essa visita não o espantou muito e não lhe causou receio. “É talvez o desfecho! Mas por que amorteceria ele o ruído dos passos? Não ouvi nada. Estava talvez ouvindo atrás da porta.”

— Não esperava minha visita, Ródion Românovitch? — disse jovialmente Porfírio. — Já há muito pensava vir visitá-lo, e ao passar agora diante da sua casa lembrei-me de subir. Ia sair? Não me demorarei. Cinco minutos só, o bastante para fumar um cigarro, se não o incomodo...

— Mas sente-se, Porfírio Petróvitch, sente-se — disse Raskólnikov oferecendo uma cadeira ao juiz, com um ar tão afável, que ele próprio ficaria surpreendido se pudesse ver-se. Todos os vestígios das suas impressões anteriores tinham desaparecido, como sucede a quem, sendo atacado por salteadores, e tendo passado meia hora de ânsias mortais, já não sente medo nenhum quando lhe põem o punhal ao peito.

Sentou-se em frente a Porfírio e fixou nele o olhar.

O juiz de instrução verrumou os olhos em Raskólnikov, e começou acendendo um cigarro.

“Fala logo, diabo! Fala logo!”, dizia-lhe mentalmente Raskólnikov, cujo coração parecia arrebentar.

CAPÍTULO II

— Oh! esses cigarros — começou enfim Porfírio, após acender um — sinto que serão a causa da minha morte e não posso deixá-los! Estou sempre tossindo, tenho um princípio de irritação na laringe e sou asmático. Consultei Bajtine, que examina todos os doentes pelo menos durante meia hora. Depois de me ter auscultado, disse-me, entre outras coisas: “O fumo faz-lhe mal; o senhor tem os pulmões afetados.” Pois sim, mas como hei de abandonar o fumo? Como hei de substituí-lo? Eu não bebo! Aí é que está o mal, eh, eh! Tudo é relativo, Ródion Românovitch!

“Cá está mais um preâmbulo trescalando a rabulice!”, resmungava de si para si Raskólnikov. A sua conversa recente com o juiz de instrução acudiu-lhe bruscamente ao espírito e a essa lembrança a cólera veio ao seu coração.

— Eu vim à sua casa anteontem à noite, sabia? — continuou Porfírio Petróvitch, olhando em volta. — Entrei neste mesmo quarto. Encontrei-me por acaso na sua rua, como hoje, e veio-me à ideia fazer-lhe uma visitinha. A porta estava aberta. Entrei, esperei um pouco, depois saí sem dizer o nome à criada. O senhor não costuma fechar a porta?

O rosto de Raskólnikov tornava-se cada vez mais sombrio. Porfírio Petróvitch adivinhava, sem dúvida, aquilo em que ele estava pensando.

— Vim explicar-me — meu caro Ródion! — Devo-lhe uma satisfação — prosseguiu sorrindo e batendo ligeiramente sobre o joelho do jovem; mas quase no mesmo instante seu rosto tomou uma expressão séria, mesmo triste, para grande espanto de Raskólnikov, a quem o juiz de instrução se mostrava com um aspecto inesperado.

— A última vez que nos vimos houve entre nós uma cena esquisita, Ródion Românovitch. Eu talvez tenha agido injustamente para com o senhor; sinto-o. O senhor lembra-se como nos separamos: ambos tínhamos os nervos excitados, ambos faltamos às mais elementares regras de

civilidade, e somos dois cavalheiros. Lembra-se de como nos separamos?... Isto foi bastante incivil.

“Aonde quer chegar?”, perguntava a si mesmo Raskólnikov, que não cessava de examinar Porfírio com curiosidade.

— Pensei que faríamos melhor agora procedendo com sinceridade — continuou o juiz de instrução virando a cabeça, como se receasse perturbar sua vítima com seu olhar e por não usar esses ardis. — É preciso que não se repitam tais cenas. Se não fosse a inesperada aparição de Micolai, não sei até onde as coisas chegariam. Aquele curtidor danado estava sentado na sala ao lado. Lembra-se? O senhor sabia, naturalmente, e sei que ele o procurou depois. Mas naquilo que acreditou então não era verídico: não mandara chamar ninguém, não fizera nenhum arranjo. Pergunta-me por que não fiz? Que lhe direi? Tudo ocorrera intempestivamente. Mal chamara o *dvornik* (o senhor o notara. Estou certo disto). Uma ideia relampejou-me no cérebro; estava firmemente convicto naquele instante, veja bem, Ródion Românovitch. Bem, pensei: mesmo que perca uma coisa, segurarei outra, de modo algum deixarei escapar o que desejo. O senhor é muito irascível, Ródion Românovitch, em contraste com outras qualidades de coração e caráter, de que orgulho-me em ter divisado. Por certo, refleti então, é incomum um homem chegar a ponto de transmitir seus segredos. No entanto, acontece, caso seja irritado o bastante, mas ainda assim é raro. Nisto baseou-se meu método. “Se eu pudesse”, dizia comigo, “arrancar-lhe uma prova, por mais insignificante que fosse, mas uma prova real, tangível, enfim, uma coisa diferente de todas as induções psicológicas!”. Porque, se um homem é culpado, com este método se obtém uma prova concreta, inclusive pode-se chegar a resultados imprevisíveis. Baseava-me em seu temperamento, Ródion Românovitch, nele acima de tudo! Naquela época, já depositava grandes esperanças no senhor.

— Mas aonde quer chegar? — balbuciou Raskólnikov, sem saber o que perguntava. “De que está falando?”, pensava perplexo. “Julgar-me-á inocente, por acaso?”

— Aonde quero chegar? Vim explicar-me pessoalmente, é meu dever esclarecer minha conduta. Porque, reconheço, a meu pesar, o submeti outro dia a uma tortura cruel e não quero que me tome por um monstro, Ródion. Sei o que significa para uma pessoa ter sido tão duramente atingida, mas que é voluntariosa e sobretudo impaciente por ter de

suportar tal tratamento. Reconheço no senhor um homem de caráter nobre e não isento de rasgos de magnanimidade; embora não perfilhe todas as suas opiniões. Em primeiro lugar, queria dizer-lhe isto, franca e sinceramente, porque, antes de mais nada, não desejo iludi-lo. Quando o conheci, senti-me atraído pelo senhor. Talvez não tenha simpatizado à primeira vista comigo. Realmente, não há motivo para gostar de mim. Pense o que quiser; agora, porém, desejo fazer tudo a meu alcance para apagar esta impressão e mostrar-lhe que sou um homem de coração e consciência. Falo-lhe sinceramente.

Porfírio Petróvitch fez uma pausa solene. Raskólnikov sentiu um estremecimento e renovado alarme. A ideia de que Porfírio pudesse considerá-lo inocente inquietava-o.

— Quase não é necessário entrar em pormenores — continuou Porfírio Petróvitch. — Dificilmente poderia consegui-lo. A princípio circularam boatos sobre cuja natureza julgo supérfluo alargar-me; é também inútil dizer-lhe quando a sua personalidade veio ao caso. Quanto a mim, o que me deu o alarme foi uma circunstância, aliás fortuita, de que também não tenho que falar agora. De todos esses boatos e circunstâncias acidentais resultou para mim a mesma conclusão. Confesso-o francamente, porque, a dizer a verdade, fui o primeiro a meter seu nome no caso: pus de parte as notas juntas aos objetos que se encontraram na casa da velha. Esse indício e outros do mesmo gênero nada significavam. Nesse meio-tempo, tive ocasião de saber do incidente no comissariado de polícia. Essa cena foi-me contada com todos os detalhes por alguém que nela representa o papel principal e que, sem dar por isso, a tinha conduzido superiormente. Ora, bem, nessas condições, como podia deixar de me voltar para um outro lado? *From a hundred rabbits you can't make a horse, a hundred suspicions don't make a proof*,¹⁶ diz o provérbio inglês. É a razão que fala assim, mas vá alguém lutar contra as paixões! Ora, um juiz de instrução é homem e, portanto, apaixonado. Lembrei-me também do trabalho que o senhor publicou numa revista; em sua primeira visita falei a respeito, lembra-se? Zombei do senhor, mas era apenas para estimulá-lo. Repito, Ródion Românovitch, o senhor é um homem doente e impaciente. Observara ser ousado, decidido, realmente, e... passara por muita coisa. Passei, também, pelo mesmo; assim, seu artigo pareceu-me familiar. O artigo fora escrito em noites insones, com o coração palpitante, em êxtase e com entusiasmo dissimulado. Esse orgulhoso entusiasmo dissimulado

nos jovens é perigoso! Zombei do senhor, mas digo-lhe, como literato amador, que tenho profundo respeito pelos ensaios puros do calor da juventude. Há uma nebulosidade, porém na névoa há uma corda de violino soando. Seu artigo é absurdo e fantástico, mas nele existe a sinceridade transparente, o orgulho incorruptível da juventude e a ousadia desesperada. É um artigo sombrio, mas nisto reside o seu valor. Li seu artigo e deixei-o de lado pensando: “Eis um homem que não seguirá o caminho comum.”

“Por que não havia de aproximar esse artigo dos fatos ulteriores? — pergunto eu. — O declive é irresistível... Note que me refiro ao passado, que se trata de um pensamento que então me veio. Que penso agora? Nada, isto é, quase nada. Presentemente tenho Micolai *repousando* entre minhas mãos e há fatos que o acusam — digam o que disserem, há fatos! Ele também tem problemas psicológicos, tenho de levá-los em consideração, por se tratar de uma questão de vida ou morte. Por que estou explicando-lhe tudo isso? Para entender-me e não julgar mal o meu malicioso comportamento anterior. Não era malicioso, garanto-lhe.

“Eh!, eh! Mas, perguntará o senhor, por que não fez uma busca em minha casa? Pois vim, eh!, eh!, vim quando o senhor estava doente na cama. Não como magistrado, não em caráter oficial, mas vim. Seu quarto, logo às primeiras suspeitas, foi remexido de cima a baixo, sem resultado! Eu disse comigo: agora este homem vai à minha casa, ele mesmo irá procurar-me e daqui a pouco tempo; se tem culpa vai. Qualquer outro não iria, este irá. O senhor lembra-se do falatório de Razumíkhin? Nós, de propósito, demos-lhe parte das nossas ideias, na esperança de que lhe diria tudo, porque sabíamos que Razumíkhin não poderia conter a indignação. Zametov tinha sobretudo notado a sua audácia e, realmente, é preciso ser audaz para dizer de repente em pleno café. ‘Matei!’ É na verdade muito perigoso e muito descuidado! Pensei, então, se for culpado será um adversário temível. Fiquei à sua espera, mas o senhor deitou por terra o Zametov... e tudo se resume nisto — como pode alterar esta psicologia dos infernos; apesar de ser uma faca de dois gumes. Esperei-o e veio! Como me bateu o coração quando o vi! Por quê, enfim, que necessidade tinha o senhor de ir lá? Se está lembrado, o senhor entrou a rir-se. Seu riso deu-me muito que pensar, mas se eu não estivesse de pé atrás, como estava, não teria reparado nele. Note a influência de um capricho! E Razumíkhin, então... Ah! A pedra, o senhor recorda-se sob a qual estão

escondidos os objetos? Parece-me vê-la daqui, em qualquer parte, num pomar... E foi de um pomar que o senhor falou a Zametov? Em seguida, quando a conversa girou sobre seu artigo, por detrás de cada uma das suas palavras julgávamos descobrir um sentido oculto. Aí está como a convicção se me firmou pouco a pouco, Ródion Românovitch.

“Por certo, meu amigo, tudo isso se explica de outro modo, é claro. Mais valeria uma pequenina prova. Mas quando soube da história do cordão da campainha, não duvidei mais, julguei estar enfim na posse da pequenina prova tão desejada e não refleti em nada. Nesse momento teria dado mil rublos do meu bolso para o ver com os meus olhos andando cem passos, ao lado de um burguês que lhe chamara de assassino, sem que o senhor ousasse responder-lhe!... Certamente não se pode ligar grande importância às palavras e obras de um doente que procede sob delírio. Contudo, depois disso, como se pode admirar da maneira como eu procedi com o senhor? E por que motivo, justamente naquele momento, foi à minha casa? Algum diabo, decerto o levou. e, em verdade, se Micolai não tivesse aparecido... O senhor lembra-se da chegada de Micolai? Foi como um raio! Não acreditei em nada do que ele disse, bem viu! Depois da sua partida, continuei a interrogá-lo; respondeu-me sobre certos pontos de modo tal que fiquei espantado; e no entanto suas declarações deixaram-me incrédulo. Veja em que dá ser tão firme como uma rocha! Não, pensei: *Morgenfrüh*¹⁷ ... Micolai nada tem a ver com o caso!”

— Razumíkhin disse-me ainda há pouco que o senhor agora estava convencido da culpa de Micolai, que o senhor mesmo lhe afiançou que... — disse Raskólnikov.

Sua voz falhou, interrompendo a conversa. Ouvia com indescritível agitação que este homem, que o perscrutara totalmente, mudava o rumo da conversa. Temia acreditar e não acreditava mesmo. Em suas palavras ambíguas procurava achar algo definido e concreto.

— Razumíkhin! — exclamou Petróvitch, que parecia muito satisfeito por ter ouvido, enfim, uma observação da boca de Raskólnikov. — Eh!, eh! Mas o deixei de lado; dois é bom, três é demais. Razumíkhin não é homem adequado, está fora do páreo. Veio correndo a mim com o rosto pálido... Mas esqueçamo-lo, para que relembrá-lo? Voltando a Micolai: gostaria de saber, Ródion Românovitch, como ele é, como eu o conheço? Para começar, é uma criança, sem ser covarde propriamente, é impressionável como um artista. Não ria, é assim mesmo! É inocente e fácil de ser

influenciado. É ingênuo, um camarada fanático. Canta, dança e conta histórias, a ponto de o povo vir de outras aldeias para ouvi-lo. Assiste a aulas também, ri-se até gritar se erguerem um dedo contra ele; bebe até perder a noção das coisas, não porque seja bêbado contumaz, mas porque, às vezes, seus camaradas o seduzem como a uma criança. Rouba também, sem o saber, porque: “Se encontrei alguma coisa, como pode ser roubo.” Sabe que ele é um velho-crente, ou pelo menos um cismático? Em sua família houve *begúni*¹⁸ e esteve dois anos na sua aldeia sob a influência de um velho pastor. Soube isso por Micolai e por alguns conterrâneos dele. E há mais, queria viver no deserto! Era de uma devoção exaltada, passava noites rezando e lia sempre livros religiosos, “os antigos, os verdadeiros”, a ponto de se tornar fanático.

“São Petersburgo modificou-o muito; depois que veio para aqui entregou-se ao vinho e às mulheres, o que fê-lo esquecer a religião. Soube que um de nossos artistas se interessara por ele e começou a dar-lhe lições. Nesse meio-tempo, sucede este desgraçado caso. O pobre rapaz amedronta-se e tenta enforcar-se. Que quer o senhor? Nosso povo está convencido de que todo homem procurado pela polícia é um condenado! Na prisão, Micolai relembrou-se do velho pastor e da Bíblia. Sabe, Ródion Românovitch, o poder que a palavra ‘sofrimento’ exerce sobre o povo? Não é sofrer em benefício de outrem, mas sim a ‘necessidade do sofrimento’. Se sofrer em mãos das autoridades, tanto melhor! Em meu tempo, havia um prisioneiro manso e dócil, que levou um ano na prisão lendo a Bíblia, todas as noites, à estufa; leu, leu, até o desespero. E tão desesperado ficou que, um dia, sem nenhum motivo, apanhou um tijolo e jogou-o contra o administrador da prisão, apesar de este nada lhe ter feito de mal. E o modo por que o fez? Propositadamente, a um metro de distância, mirou-o cuidadosamente, de lado, com temor de feri-lo muito. É sabido o que sucede a um prisioneiro que ataca um oficial... Assim, ele ‘teve o seu sofrimento’.

“Por isso, creio que Micolai deseja ‘sofrer’, ou algo desse gênero. Por outros fatos, disto estou certo. Somente não sabe que eu já percebi isso. Não crê existir pessoas tão fanáticas entre os mujiques? Asseguro que as há e aos montões. O velho pastor recommençou a influenciá-lo desde o momento que tentou enforcar-se. Afinal acabará por confessar toda a verdade. O senhor julga que ele sustentará o papel até o fim? Espere um pouco e verá como se retrata de tudo quanto disse. Cheguei a ponto de

gostar de Micolai e estudá-lo a fundo. Que acha? Eh!, eh! Enfim, se consegui dar em alguns pontos um aspecto de verossimilhança, em outros se contradisse com os fatos, e disto ele não suspeita.

“Não, Ródion Românovitch, o criminoso não é Micolai. Estamos em presença de um caso fantástico e sombrio; este crime tem a marca do nosso tempo, de uma época que faz consistir a vida na procura do conforto. O culpado é um homem de teorias, vítima dos livros; desenvolveu uma grande audácia, mas essa audácia é a de um homem que se precipita do cume de uma montanha ou de uma torre. Esqueceu-se de fechar a porta e matou duas pessoas para obedecer a uma teoria. Matou e não se apoderou do dinheiro; o que pôde levar foi escondê-lo sob uma pedra. Não lhe bastaram as aflições por que passou na antecâmara, enquanto ouvia as pancadas na porta e o tilintar da campainha; cedendo a uma necessidade irresistível de sentir as mesmas sensações, foi mais tarde visitar o aposento vazio e puxar o cordão da campainha. Lancemos isso à conta da doença, do delírio, seja! Mas eis ainda outro ponto a notar: ele matou, mas nem por isso se julga menos respeitável, despreza seus semelhantes, é orgulhoso. Não, não se trata de Micolai, meu caro Ródion Românovitch, não é ele o culpado, por certo.”

Ao receber este golpe, absolutamente inesperado depois das desculpas com que o juiz de instrução começara a conversa, Raskólnikov sentiu um tremor em todo o corpo.

— Então... quem foi? — perguntou com a voz estrangulada.

O juiz de instrução aprumou-se na cadeira com o espanto que pareceu causar-lhe tal pergunta.

— Como, quem foi?... — replicou ele, como se lhe custasse a crer no que ouvira. Mas foi o senhor, Ródion Românovitch, foi o senhor quem matou! O senhor... — acrescentou ele em voz baixa e num tom profundamente convicto.

Raskólnikov ergueu-se com um movimento brusco, ficou de pé alguns segundos e depois tornou a sentar-se, sem dar uma palavra. Ligeiras convulsões agitavam-lhe os músculos da face.

— Lá está o lábio a tremer como naquele dia — notou com interesse Porfírio Petróvitch. — O senhor, julgo que não entendeu o fim da minha visita, Ródion Românovitch, prosseguiu ele depois de um silêncio: por isso é que está estupefato. Eu vim dizer tudo, para esclarecer tudo.

— Não fui eu que matei — gaguejou o jovem, defendendo-se como uma criança apanhada numa falta.

— Foi, foi o senhor, Ródion Românovitch, foi o senhor e só o senhor — replicou severamente o juiz de instrução.

Ambos se calaram e, coisa singular, esse silêncio prolongou-se durante dez minutos.

Encostado à mesa, Raskólnikov passava convulsivamente a mão no cabelo e Porfírio Petróvitch esperava sem dar sinal de impaciência. De repente, Raskólnikov olhou com desprezo para o magistrado:

— Voltou aos seus velhos processos, Porfírio Petróvitch! Sempre a mesma coisa: isso não o enfada, afinal?

— Deixe lá os meus processos! A coisa seria outra se estivéssemos na presença de testemunhas; mas estamos conversando a sós. O senhor bem vê que eu não vim para o apanhar como se fosse uma caça. Que o senhor confesse ou não, neste momento isso é-me indiferente. Em qualquer dos casos a minha convicção é firme.

— Se assim é, por que veio? — perguntou Raskólnikov irritado. Repito a pergunta que já fiz: se o senhor me julga culpado por que não expede um mandado de prisão?

— Que pergunta! Em primeiro lugar, sua prisão de nada me serviria.

— Como não serviria de nada! Desde o momento em que está convencido, deve...

— Mas que importa a minha convicção? Até este instante está sobre nuvens. E para que hei de prendê-lo? O senhor bem sabe, visto que pede que o prendam. Eu suponho que, acareado com o burguês, o senhor dir-lhe-ia: “Tu tinhas bebido ou não? Quem me viu contigo? Eu tomei-te simplesmente por um bêbado e era bêbado que estavas.” Que poderia eu replicar, tanto mais que o homem é conhecido como bêbado? Sem dúvida, mandá-lo-ei prender, e vim aqui para o avisar disso. E no entanto não hesito em lhe declarar que isso não me servirá de nada. O segundo fim de minha visita...

— Qual é? — perguntou Raskólnikov ofegante.

— ...já lhe disse. Queria sobretudo explicar-lhe a minha conduta, porque não desejo passar por um monstro, especialmente agora, que estou bem disposto a seu favor, quer creia, quer não. Em virtude do interesse que tenho pelo senhor, convido-o a ir denunciar-se. Vim também para lhe dar

este conselho. É com certeza o melhor partido para o senhor e para mim, que estaria livre desta questão. Então, sou ou não franco?

Raskólnikov refletiu um instante.

— Escute, Porfírio Petróvitch, o senhor só tem contra mim sua famosa psicologia, e todavia aspira à evidência matemática. Quem lhe diz que não está enganado?

— Não, Ródion Românovitch, não me engano. Tenho uma prova. Deus enviou-me!

— Qual é?

— Não lhe direi, Ródion Românovitch. Mas, em todo caso, agora já não tenho o direito de deter-me; vou mandar prendê-lo. Veja, pois: qualquer resolução que tome pouco me importa; tudo o que lhe digo é, portanto, somente para seu interesse. A melhor solução é a que lhe indico; esteja certo disso, Ródion!

Ele esboçou um sorriso maligno.

— A sua linguagem é simplesmente ridícula, é vergonhosa. Vejamos: supondo que eu seja criminoso (o que não confesso de modo nenhum), para que hei de ir-me denunciar, se o senhor próprio me disse já que o culpado está em *repouso*?

— Ah! Ródion Românovitch, não tome essas palavras ao pé da letra; pode lá se encontrar *repouso* e pode não se encontrar. Sou de opinião, sem dúvida, de que a prisão acalma o culpado, mas é uma teoria; uma teoria pessoal. Ora, eu sou uma autoridade para o senhor? Quem sabe se, mesmo neste momento, lhe oculto alguma coisa? O senhor não pode exigir que eu diga todos os meus segredos! Quanto ao proveito que terá desse procedimento, é incontestável. Ganha decerto com ele diminuir-lhe muito a pena. Ora, veja em que ocasião o senhor iria denunciar-se; no momento em que um outro assumiu a autoria do crime e veio atrapalhar a instrução! Pela parte que me toca, comprometo-me perante Deus a empregar todos os esforços para que o tribunal lhe conceda todo o benefício. Os juízes, afirmo-lhe, ignoram que eu suspeitei do senhor; e a sua ação terá portanto aos olhos deles caráter espontâneo. Não se verá no seu crime senão o resultado de um desvario, e, no fundo, não foi outra coisa. Eu sou honesto, Ródion Românovitch, e cumprirei a palavra dada.

Raskólnikov baixou a cabeça e pensou algum tempo; por fim sorriu de novo, mas dessa vez seu sorriso era brando e melancólico.

— E que ganho com isso? Que me importa a diminuição da pena? Não preciso dela! — disse, sem reparar que isto equivalia quase a uma confissão.

— Aí está o que eu receava! — exclamou Porfírio como que a seu pesar. Já desconfiava que o senhor rejeitaria a indulgência.

Ele olhou para o juiz com ar grave e triste.

— Eh! Não seja desdenhoso! — continuou o juiz de instrução: ainda viverá muitos anos. O quê! O senhor não quer uma diminuição da pena? É difícil de contentar!

— Que terei depois em perspectiva?

— A vida! O senhor é profeta para saber o que ela lhe reserva? Procure e achará. Quem sabe se tudo isso não é uma prova a que Deus o sujeita? Afinal, o senhor não será condenado por toda a vida.

— Obtereí atenuantes... — disse, rindo, Raskólnikov.

— É talvez um sentimento de ridículo amor-próprio que o impede de se confessar culpado. Seja superior a essas tolices!

— Oh! Bem me importo com isso! — murmurou o jovem num tom de desprezo. Tornou a fazer menção de se levantar, mas sentou-se outra vez visivelmente abatido.

— O senhor é desconfiado e pensa que eu quero iludi-lo grosseiramente. Mas o senhor nasceu ontem! Que sabe da vida? Imaginou uma teoria, que na prática lhe deu consequências tão pouco originais que hoje está envergonhado! Cometeu um crime, é verdade, mas não é um criminoso sem remissão; está muito longe disso. Qual é a minha opinião a seu respeito? Considero-o um desses homens que deixariam arrancar as entranhas, contanto que encontrassem uma fé ou um Deus. Pois bem, procure-os. Antes de tudo há muito tempo que o senhor precisa mudar de ar. Depois, o sofrimento é uma boa coisa. Sofra! Micolai tem talvez razão em querer sofrer.

“Eu sei que é um cético, mas abandone-se, sem raciocinar, à corrente da vida; ela o levará a qualquer parte. Aonde? Não se inquiete com isso; irá ter a um porto qualquer. Qual? Ignoro-o; creio somente que o senhor ainda tem muito tempo para viver. Sem dúvida, presentemente diz que estou a representar meu papel de juiz de instrução; mas talvez mais tarde se lembre das minhas palavras, e então lhes dará valor: aí está porque lhe falo deste modo. Ainda é uma sorte que só tenha matado uma velha

usurária. Com outra teoria teria feito uma ação mil vezes pior. Ainda pode dar graças a Deus, quem sabe? Talvez Ele tenha os seus desígnios a seu respeito. Portanto, tenha coragem, e não recue, por medo, diante da justiça. Sei que o senhor não me acredita, mas com o tempo há de tomar novamente gosto pela vida. Hoje falta-lhe somente ar, ar fresco!”

Raskólnikov positivamente sobressaltou-se.

— Mas quem é o senhor — exclamou ele — para me fazer tais profecias?! Que alta sabedoria lhe permite prever o meu futuro?!

— Quem sou? Sou um homem acabado, nada mais. Um homem sensível e compassivo a quem a experiência ensinou alguma coisa, mas um homem que se liquidou, completamente acabado. Quanto ao senhor, o caso é outro: o senhor está no começo da vida, e esta aventura, quem sabe, não deixará talvez vestígio algum. Por que há de temer tanto a mudança da sua situação? É do bem-estar que um coração como o seu pode ter pena? Aflige-se com a ideia de estar por muito tempo na obscuridade? Mas do senhor depende que essa obscuridade não seja eterna. Transforme-se em sol e todos o verão. O sol, acima de tudo, é o sol! Por que sorri outra vez? Por eu ser como Schiller? Aposto como o senhor imagina que eu esteja a envolvê-lo com lisonjas! É muito possível! Não lhe peço que acredite em mim, Ródion Românovitch; antes de tudo, sou juiz, concordo; somente acrescento isto: mais que as minhas palavras, os fatos lhe demonstrarão se sou um mentiroso ou um homem honrado.

— Quando quer prender-me?

— Posso conceder-lhe ainda um dia e meio ou dois de liberdade. Pense, meu amigo; peça a Deus que o inspire. O conselho que lhe dou é o melhor a seguir, acredite.

— E se eu fugir? — perguntou Raskólnikov com um riso estranho.

— Não foge. Um mujique fugiria, um revolucionário vulgar fugiria porque tem um credo para toda a vida. Mas o senhor já não crê na sua teoria. Que levaria se fugisse? Ademais, que existência ignóbil e odiosa a de um fugitivo! Fugindo, voltaria por sua própria vontade. O senhor não pode passar sem *nós*. Quando eu o tiver mandado prender, daqui a um mês ou dois, ou mesmo três, o senhor lembrar-se-á das minhas palavras e confessará. O senhor será levado a isso quase sem querer. Estou mesmo certo de que depois de refletir aceitará a expiação. Neste momento não acredita, mas verá... E que, com efeito, Ródion Românovitch, o

sofrimento é uma grande coisa. Na boca de um gorducho que não se priva de nada esta linguagem pode dar vontade de rir. Não importa, há uma ideia no sofrimento. Micolai tem razão. Não; o senhor não fugirá, Ródion Românovitch.

Raskólnikov ergueu-se e pegou o boné. Porfírio Petróvitch também levantou-se.

— Vai passear? A noite deve estar esplêndida, se não vier alguma tempestade. Aliás, não será mau refrescar a temperatura.

Ele apanhou o chapéu.

— Porfírio Petróvitch — disse Raskólnikov secamente —, peço-lhe que não vá pensar que eu lhe fiz confissões. O senhor é um homem singular e eu ouvi-o por mera curiosidade. Mas não confessei nada... não se esqueça disto.

— Basta; não me esquecerei. Eh! Como treme! Não se altere, caro amigo, guardo sua recomendação. Passeie um pouco, mas não ultrapasse os limites... É verdade, tenho ainda a fazer-lhe um pedido, disse abaixando a voz, é um pouco delicado, mas tem sua importância no caso, aliás pouco provável, de, durante essas 48 horas, se lhe fixar a ideia de acabar com a vida (desculpe-me este absurdo), deixe um bilhetinho, duas linhas apenas, dizendo o lugar em que está a pedra: seria uma ação nobre. E até a vista, e que Deus o ilumine.

Retirou-se, evitando olhar para Raskólnikov. Este aproximou-se da janela, esperou com impaciência o momento em que, segundo o seu cálculo, o juiz de instrução estaria longe da casa. Depois saiu a toda a pressa.

CAPÍTULO III

Estava ansioso por ver Svidrigailov. O que podia esperar desse homem, ele ignorava. Mas essa criatura tinha sobre ele um poder misterioso. Desde que se convencera disso, a inquietação devorava-o e já não podia esperar mais o momento de uma explicação.

No caminho, um pensamento o preocupava: “Svidrigailov teria ido à casa de Porfírio?” Pelo que podia julgar, não; Svidrigailov não fora lá. Tê-lo-ia jurado. Relembrando todas as circunstâncias da visita de Porfírio, chegava sempre à mesma conclusão negativa. Mas se Svidrigailov não fora à casa do juiz de instrução, porventura não iria mais? Sobre isto ele também acabava respondendo negativamente. Por quê? Não podia dar as razões da sua maneira de ver, e ainda mesmo que pudesse explicá-la, não iria quebrar a cabeça por causa disso.

Tudo isso o aborrecia e ao mesmo tempo deixava-o quase indiferente. Era singular, quase inacreditável: por muito crítica que fosse a sua situação, Raskólnikov não se afligia senão ligeiramente, o que o atormentava era alguma coisa mais importante, que o interessava pessoalmente. Afora isso, sentia uma imensa fadiga moral, embora estivesse mais em estado de raciocinar que nos dias passados.

Depois de tantos embates, seria preciso começar nova luta para triunfar sobre essas miseráveis dificuldades? Valia a pena, por exemplo, fazer o cerco a Svidrigailov, tentar embaí-lo, com medo de ele ir à casa do juiz de instrução?

Oh! Como tudo isso lhe mexia com os nervos!

Todavia tinha pressa em ver Svidrigailov; esperava dele algo *novo*, um conselho, um meio de salvação. Os afogados agarram-se a uma palha! Era o destino ou o instinto que impelia os dois homens um para o outro? Oh! Raskólnikov procurava Svidrigailov somente por já não saber para onde se virar! Tinha necessidade de outra pessoa, e agarrava-se a Svidrigailov por não encontrar coisa melhor. E Sônia? Mas por que iria agora à casa de

Sônia? Para fazê-la chorar mais? Depois, Sônia assustava-o; Sônia era para ele a sentença inexorável, a decisão sem apelo. Naquele momento, sobretudo, não se sentia em estado de afrontar sua presença. Não; não valeria mais fazer uma tentativa com Svidrigailov? A seu pesar, confessava intimamente que há muito tempo Árcade Ivânovitch lhe era de certo modo indispensável.

Entretanto, que haveria de comum entre eles? A maldade de Svidrigailov não era de modo a aproximá-los, Esse homem desagradava-lhe: era um debochado, um impostor, talvez um tarado. Corriam lendas sinistras a seu respeito. É verdade que protegia os filhos de Catarina Ivanovna. Mas quem sabia por que procedia desse modo?

De tal homem não podia esperar nada de bom. Fazia alguns dias havia outro pensamento que não cessava de inquietar Raskólnikov, embora se esforçasse por afastá-lo, tanto lhe era doloroso. “Svidrigailov anda sempre me cercando”, dizia para si muitas vezes, “descobriu meu segredo; pretendeu o amor de minha irmã; talvez o pretenda ainda, é mesmo provável. Se agora, que ele conhece o meu caso, quisesse servir-se dele como uma arma contra Dúnia?”.

Esta ideia, que às vezes o inquietava, até em sonhos, não lhe tinha ainda ocorrido com clareza como no momento em que ia à casa de Svidrigailov. A princípio lembrou-se de dizer tudo à irmã, o que transformaria a situação. Depois lembrou-se de que faria melhor indo denunciar-se, para prevenir alguma tolice da parte de Dunetchka. E a carta? Naquela manhã, Dúnia recebera uma carta! Quem podia ter-lhe escrito em São Petersburgo? (Não seria Lujine?) É verdade que Razumíkhin estava de guarda, mas Razumíkhin de nada sabia. “E eu não deveria também contar tudo a Razumíkhin?”, perguntou a si próprio com uma revolta no coração. “Em todo caso é preciso ver Svidrigailov o mais cedo possível. Graças a Deus, os pormenores importam menos que o fundo do caso; mas se Svidrigailov tem a audácia de tentar uma patifaria, uma cilada a Dúnia, então matá-lo-ei!”

Parou no meio da rua e olhou em redor. Que caminho tomara ele? Onde estava? Achava-se na avenida***, a trinta passos do Mercado do Feno, que atravessara. O segundo andar da casa à esquerda era ocupada por um *traktir*. As janelas estavam abertas. A julgar pela gente que aparecia lá, o estabelecimento devia estar cheio. Na sala cantavam, tocavam. Ouviam-se gritos de mulheres. Surpreendido por se ver aí, ele ia voltar pelo mesmo

caminho, quando de repente, em uma das janelas, avistou Svidrigailov. Isto causou-lhe espanto e receio ao mesmo tempo. Svidrigailov olhava-o em silêncio, e, o que espantou mais Raskólnikov, fez menção de se levantar, como se quisesse evitar que ele o visse. Raskólnikov fingiu não vê-lo e pôs-se a olhar distraidamente para o lado, continuando a examiná-lo disfarçadamente. A inquietação fazia-lhe palpitar o coração com violência. Evidentemente, Svidrigailov tinha interesse em não ser visto; tirou o cachimbo da boca e quis evitar os olhares de Raskólnikov; mas levantando-se e afastando a cadeira, reconheceu que já era tarde. Estava-se dando entre eles o mesmo jogo de cena da primeira conversa no quarto de Raskólnikov. Cada um sabia que era observado pelo outro. Um sorriso malicioso, cada vez mais vivo, pairava nos lábios de Svidrigailov. Por fim, deu uma gargalhada.

— Bem, entre, se lhe apraz; aqui estou! — gritou da janela.

O jovem subiu, então.

Encontrou Svidrigailov próximo a um salão onde um grande número de frequentadores, mercadores, funcionários, artistas etc., tomava chá ouvindo as cançonetistas que faziam um barulho infernal! Numa sala vizinha jogava-se bilhar. Svidrigailov tinha à frente uma garrafa de champanhe e um copo quase cheio; estava em companhia de dois músicos ambulantes, um pequeno com uma harmônica e uma moça dos seus 18 anos, fresca e sadia, com um chapéu tirolês escandalosamente enfeitado. Acompanhada pela harmônica, cantava com uma voz de contralto bem forte uma cantiga vulgar.

— Está bem; basta! — interrompeu Svidrigailov, quando Raskólnikov entrou.

Ela calou-se logo e esperou em atitude respeitosa. Cantara suas rimas de sarjeta, também com expressão séria e respeitosa.

— Eh! Filipe, um copo! — gritou Svidrigailov.

— Não bebo! — disse Raskólnikov.

— Como quiser. Bebe, Kátia. Já não preciso de ti; podes ir embora.

Encheu um copo de vinho para a moça e deu-lhe uma pequena nota. Kátia bebeu e, depois de ter pegado na nota, beijou a mão de Svidrigailov, que aceitou seriamente esse testemunho de respeito. A cantora retirou-se, seguida do pequeno com a harmônica.

Ainda não havia oito dias que Svidrigailov estava em São Petersburgo, e tomá-lo-iam já por velho freguês da casa. O criado Filipe conhecia-o e mostrava ter por ele uma consideração especial. Svidrigailov estava como em sua casa naquela saleta onde passava dias inteiros. O *traktir*, sujo, ignóbil, nem pertencia à categoria média das casas desse gênero.

— Ia à sua casa — começou Raskólnikov —, mas como é que se explica que, saindo do Mercado do Feno, eu tenha tomado pela avenida***? Nunca passo por aqui. Dobro sempre a direita, quando saio do Mercado. Também não é o caminho para ir à sua casa. E apenas me volto, encontro-me com o senhor! É singular!

— Por que não diz antes: “é um milagre”?

— Porque é um simples acaso.

— É um hábito que todos têm aqui! Nem quando realmente creem num milagre, ousam confessá-lo! O senhor mesmo diz que é um simples acaso. Não pode imaginar, Ródion Românovitch, como aqui há pouca gente com a coragem da sua opinião! O senhor tem uma opinião pessoal e não receia dizê-la. É mesmo por isso que atraiu minha curiosidade.

— Só por isso?

— Acha pouco?

Svidrigailov estava visivelmente excitado, embora só tivesse bebido meio copo de champanhe.

— Parece-me que, quando foi à minha casa, ignorava ainda se eu tinha opinião pessoal, observou Raskólnikov.

— Então, era outra coisa. Mas, quanto ao milagre, dir-lhe-ei que parece que tem estado a dormir todos esses dias. Eu próprio lhe indiquei este *traktir*, e não é de espantar que aqui tenha vindo ter. Indiquei-lhe o caminho e as horas em que podia ser encontrado. Lembra-se?

— Esqueci-me disso — respondeu Raskólnikov com espanto.

— Acredito. Dei-lhe essa indicação duas vezes. O endereço gravou-se maquinalmente na sua memória e ela guiou-o sem dar por isso. Ademais, enquanto eu lhe falava, via bem que seu espírito estava longe. O senhor não se observa bastante, Ródion. Mas há ainda outra coisa: tenho observado que em São Petersburgo muitas pessoas andam nas ruas monologando. É uma cidade de lunáticos.

“Se tivéssemos médicos, juristas e filósofos, poderiam fazer aqui estudos bem curiosos; cada um na sua especialidade. Não há lugar onde a

alma humana seja submetida a influências tão estranhas. A ação do clima só por si já é funesta. Desgraçadamente, São Petersburgo é o centro administrativo do país, e o seu caráter deve refletir-se sobre toda a Rússia. Mas não se trata disso agora; eu queria dizer-lhe que já o vi passar muitas vezes na rua. O senhor sai de casa com a cabeça erguida. Depois de ter dado vinte passos, baixa-a e cruza as mãos nas costas. Olha, mas é claro que não vê nada, nem na frente nem dos lados. Enfim, põe-se a mexer os lábios e a falar sozinho; às vezes gesticula, declama, para no meio da rua mais ou menos tempo. Isso não quer dizer nada. Mas, como eu, talvez outros reparem, o que não deixa de ser perigoso. No fundo, pouco me importa; não tenho a ideia de curá-lo, mas o senhor percebe, sem dúvida...”

— Sabe se me seguem? — perguntou Raskólnikov, lançando a Svidrigailov um olhar perscrutador.

— Não, não sei — respondeu com ar admirado.

— Bem! Então não falemos mais de mim — disse Raskólnikov franzindo a testa.

— Pois bem, não falemos mais do senhor.

— Responda antes a esta pergunta: se é verdade que por duas vezes me indicou este *traktir* como lugar em que podia encontrá-lo, por que é que, ainda há pouco, quando ergui os olhos para a janela, o senhor se afastou e tentou evitar que eu o visse? Notei isso.

— Eh!, eh! Por que outro dia, quando entrei no seu quarto, fingiu que dormia, apesar de estar acordado? Também notei isso.

— Eu podia ter... razões... bem o sabe...

— E eu podia também ter minhas razões, embora não as conheça.

Havia um minuto que Raskólnikov examinava cuidadosamente o rosto do seu interlocutor. Aquela figura causava-lhe sempre espanto. Embora bela, tinha alguma coisa de profundamente antipática. A cor do rosto era muito fresca, os lábios vermelhos, a barba muito loura, os cabelos espessos, os olhos azuis e parados. Svidrigailov trajava um elegante terno de verão; a camisa era de uma brancura irrepreensível. Um grosso anel ornado com uma pedra valiosa brilhava-lhe num dos dedos.

— Entre nós as tergiversações já não têm razão de ser — disse o rapaz.
— Apesar de estar em condições de me fazer muito mal, se tiver vontade disso, vou ser-lhe franco. Fique pois sabendo que, se o senhor ainda tem a

mesma pretensão à minha irmã e se conta servir-se, para chegar aos seus fins, do segredo que surpreendeu, matá-lo-ei antes que me faça meter na cadeia. Dou-lhe minha palavra de honra. Em segundo lugar, pareceu-me notar nestes últimos dias que o senhor queria ter comigo uma conversa particular: se tem alguma coisa a dizer-me avie-se, que o tempo é precioso, e daqui a pouco talvez seja tarde.

— Mas o que o apressa tanto assim? — perguntou Svidrigailov.

— Cada um tem os seus segredos — replicou Raskólnikov sombrio.

— O senhor convida-me à franqueza e, à primeira pergunta que lhe faço, recusa responder-me — observou Svidrigailov sorrindo. — Julga que ainda tenho certos projetos; por isso está seguro a meu respeito. Na sua posição compreende-se muito bem. Mas, por melhores desejos que eu tenha de viver em boa inteligência com o senhor, não me incomodarei em desenganá-lo. Realmente não vale a pena, e eu não tenho nada de particular a dizer-lhe. Então que me quer o senhor? Por que anda sempre em volta de mim?

— Simplesmente porque é um ser curioso de observar. Agradou-me pelo lado fantástico da sua situação, ora aí está! Além disso é irmão de uma pessoa que me interessa muito; que me falou muitas vezes a seu respeito e me convenceu de que tem uma grande influência sobre ela. Não são razões suficientes? Ademais, confesso-o, a sua pergunta é complexa e é-me difícil responder. Ora aí tem. Se veio ver-me não foi só para tratar de negócios, mas na esperança de que eu lhe dissesse alguma coisa de novo, não é verdade? — disse com um sorriso malicioso. — Ora, imagine que eu também, vindo a São Petersburgo, contava que o senhor me diria alguma coisa de *novo*, esperava pedir-lhe alguma coisa. Aí está como nós somos, os ricos!

— Pedir-me o quê?

— Eu sei lá o quê? O senhor vê em que miserável *traktir* eu passo todo dia — continuou. — Não porque me divirta, mas porque, em suma, é preciso passar o tempo em algum lugar. Distraio-me com aquela pobre Kátia. Se tivesse a fortuna de ser gastrônomo, estaria bem, mas não; aí está o que posso comer! (Apontava um prato de zinco que tinha os restos de um mau bife.) A propósito, já jantou? Quanto a vinho, não bebo senão champanhe e um copo chega-me para um dia. Se hoje pedi esta garrafa, é porque tenho de ir a certo lugar e quis esquentar-me um pouco antes de ir. O senhor encontra-me num estado de espírito particular. Há pouco

escondi-me como um colegial, porque receava que sua visita me trouxesse algum transtorno; mas ainda posso passar uma hora com o senhor; são quatro e meia, acrescentou, depois de ter consultado o relógio. Talvez não acredite, mas há momentos em que tenho pena de não ser qualquer coisa: proprietário, pai de família, ulano, fotógrafo, jornalista!... É horrível não ter o que fazer. Realmente eu pensava que o senhor me diria alguma coisa nova.

— Quem é o senhor e que veio fazer aqui?

— Quem sou eu? O senhor já o sabe; sou gentil-homem, servi dois anos na cavalaria, depois passei por São Petersburgo, em seguida casei-me com Marfa Petrovna e fui viver no campo. Eis a minha biografia completa!

— Parece que é jogador.

— Eu, jogador? Não, diga antes que fui batoteiro.

— Ah! O senhor fazia trapaça no jogo?

— Fazia, é verdade.

— Já foi esbofeteado?

— Com efeito, sim. Por quê?

— Porque nesse caso poderia bater-se em duelo; isso sempre lhe daria sensações.

— Não tenho o que dizer-lhe; aliás, não sou forte em discussão filosófica. Confesso que, se vim para São Petersburgo, foi sobretudo por causa das mulheres.

— Logo após ter enterrado Marfa Petrovna?

Svidrigailov sorriu.

— Sim, logo depois, respondeu com uma franqueza desorientadora. E daí? O senhor está escandalizado como falo das mulheres?

— Pergunta-me se acho algum escândalo no deboche?

— Deboche! Então é isto que o senhor quer saber! Mas vou responder-lhe pela ordem. Primeiro, a respeito das mulheres em geral; o senhor sabe que gosto muito de falar. Diga-me, por que razão eu teria de refrear-me? Por que havia de renunciar às mulheres, se gosto delas? De qualquer modo, é uma ocupação.

— Então, nada aspira senão ao deboche?

— Vá lá! O senhor insiste no termo: deboche. Contudo eu gosto de uma pergunta direta. No deboche, pelo menos, existe algo permanente,

algo que se fundamenta, por certo, na natureza. Nada de fantasioso; algo que existe no sangue e não pode ser destruído. O senhor concordará que é uma espécie de ocupação.

— Não há motivo para se comprazer, pois se trata de uma doença, de uma doença perigosa.

— Ora! Isto é o que o senhor pensa! Concordo em que seja uma doença, como tudo que passa dos limites da moderação. E, naturalmente, neste caso, há sempre um excesso. Mas, em primeiro lugar, todos agem assim, de um modo ou de outro; em segundo lugar, por certo que se deve ser moderado e prudente. Mas que posso fazer? Se assim não fosse, deveria suicidar-me. Estou pronto a admitir que um homem decente devia evitar aborrecer-se. Mesmo assim...

— E seria capaz de suicidar-se?

— Ora, ora! — retrucou Svidrigailov com certo enfado. — Por favor, não fale nisso, acrescentou às pressas, mudando completamente o tom que adotara anteriormente. Sua fisionomia se alterou. — Admito que seja uma fraqueza imperdoável — continuou Svidrigailov, mas nada posso fazer. Tenho medo da morte e me repugna dela falar. Sabe que eu sou, até certo ponto, um místico?

— Ah! As aparições de Marfa Petrovna. Elas continuam a visitá-lo?

— Oh! Não falemos delas. Marfa Petrovna não mais me apareceu aqui em São Petersburgo — gritou irritado... — É melhor falarmos... Hum!... Não tenho muito tempo agora para ficar com o senhor... É uma pena! Teria muita coisa para lhe contar...

— Com quem é o encontro? Com uma mulher?

— Sim, uma mulher, por acaso... Mas não é sobre isto que desejo falar.

— A indignidade e a depravação que o rodeiam o atingiram de tal modo que não tem mais forças para se deter?

— E o senhor acha que possui essa força? Ah!, ah! Surpreendeu-me agora, Ródion Raskólnikov, embora já soubesse antes que seria assim. Prega-me um sermão sobre o vício, o deboche e a estética! O senhor — um Schiller —, o senhor — um idealista! Tudo é como deveria ser e eu ficaria surpreso se assim não fosse. Apesar de ser estranho na realidade... Ah! Que pena não ter mais tempo. O senhor é um tipo dos mais

interessantes! E a propósito... gosto muito de Schiller!... Aprecio-o muito.

— Que fanfarrão me saiu o senhor — disse Raskólnikov, com certo asco.

— Juro que não o sou — respondeu Svidrigailov rindo. — Contudo não discuto... Vá lá que seja um fanfarrão! Isto não fere ninguém. Passei sete anos no campo com Marfa Petrovna, de maneira que, ao encontrar uma pessoa inteligente como o senhor — inteligente e muito interessante —, fico encantado e dou de falar muito; além disso, bebi aquele meio copo de champanhe e estou um pouco bêbado. Ainda mais, há um certo fato que me causou tremenda impressão, mas sobre o qual... silenciarei. Para onde vai o senhor? — perguntou em pânico.

Raskólnikov começara a levantar-se. Sentia-se pouco à vontade e arrependia-se de ter ido ali. Svidrigailov parecia-lhe o patife mais depravado que podia haver na Terra.

— Eh! Fique um pouco mais; mandei vir chá. Vamos, sente-se. Quer que eu conte como uma mulher quis converter-me? Será até uma resposta à sua primeira pergunta, pois se trata de sua irmã. Posso contar? Sempre se mata o tempo...

— Seja! Espero que o senhor...

— Oh, não tenha receio! Aliás, mesmo a um homem tão vicioso como eu, Avdótia Romanovna só pode inspirar o mais profundo respeito.

CAPÍTULO IV

— Talvez o senhor saiba... é verdade, eu mesmo lhe contei — começou Svidrigailov —, estive preso aqui por causa de uma grande quantia e não tinha esperança alguma de pagá-la. Não há necessidade de entrar em minúcias de como Marfa Petrovna me salvou; o senhor sabe até que ponto de loucura, às vezes, uma mulher pode amar? Ela era honesta e muito sensível, embora completamente ignorante. O senhor acreditaria que esta mulher honesta e ciumenta, depois de muitas cenas histéricas e insultos, concordasse em firmar uma espécie de contrato comigo, que ela respeitou durante toda a nossa vida matrimonial? Ela era muito mais velha do que eu e, além disso, trazia sempre na boca um desodorante perfumado, ou outra coisa qualquer. Havia tanta sujeira em minha alma e, ao mesmo tempo, tanta honestidade, que eu lhe disse sem reboços: “Não posso absolutamente lhe ser fiel!” Esta confissão a pôs furiosa; mesmo assim, pareceu gostar de minha franqueza rude. Julgou que eu não estava querendo enganá-la, uma vez que a avisava de antemão, e, para uma mulher ciumenta, o senhor sabe, isto é prova de uma grande consideração. Depois de muito choro e muitas lágrimas, foi firmado um contrato verbal entre nós: em primeiro lugar, eu nunca abandonaria Marfa Petrovna e seria sempre seu esposo; em segundo lugar, eu nunca me ausentaria sem sua permissão; em terceiro, eu nunca arranjaría uma amante permanente; em quarto, em troca disto tudo, Marfa Petrovna me daria inteira liberdade com as criadas, contanto que ela não soubesse; em quinto, ai de mim! se me apaixonasse por uma mulher de nossa classe social; em sexto, no caso em que eu — ai de mim — fosse vítima de uma séria paixão, estaria obrigado a revelar tudo a Marfa Petrovna. Neste último item, contudo, Marfa Petrovna estava perfeitamente à vontade; era uma mulher sensível e por isso não poderia deixar de me ver como um depravado e incapaz de um amor verdadeiro. No entanto, uma mulher sensível, e uma mulher ciumenta são duas coisas muito diferentes, e aí é que está o transtorno. Para se julgar alguém imparcialmente, devemos renunciar a algumas

opiniões preconcebidas e à nossa atitude habitual para com as pessoas comuns que nos cercam. Tenho motivos para acreditar no julgamento do senhor mais no que de qualquer outra pessoa. O senhor talvez já tenha ouvido muita coisa ridícula e absurda a respeito de Marfa Petrovna. Claro que ela possuía uns modos muito ridículos, mas eu lhe digo francamente que lamento as inúmeras aflições que causei a ela. Bem, acho que isto basta à guisa de *oraizon funèbre* feita pelo mais terno dos esposos à mais terna das esposas. Quando nós discutíamos, geralmente eu calava a boca e nunca a irritava, e esta conduta cavalheiresca raramente deixava de surtir efeito, influenciava-a e por certo lhe era agradável. Em certas ocasiões, ela positivamente se orgulhava de mim. Mas a irmã do senhor ela não podia suportar, e apesar disso acabou arriscando-se a ter como governanta em sua casa esta encantadora criatura. Minha explicação é que Marfa Petrovna era uma mulher ardente e impressionável e simplesmente apaixonou-se — sim, exatamente isto, apaixonou-se — por sua irmã. Não é de admirar — olhe para Avdótia Romanovna! —, senti o perigo ao primeiro olhar. E que acha o senhor? Resolvi evitar olhá-la, mas a própria Avdótia Romanovna teve a primeira iniciativa, o senhor acredita? Acredita também que Marfa Petrovna ficou sinceramente aborrecida comigo, logo de saída, pelo meu silêncio constante sobre a sua irmã, pela minha fria acolhida a seus constantes louvores sobre Avdótia Romanovna? Não sei o que ela queria! Naturalmente Marfa Petrovna contou a Avdótia Romanovna tudo a meu respeito. Tinha o miserável costume de contar tintim por tintim a todo mundo os nossos segredos de família e de viver queixando-se de mim; como poderia deixar de confiar em tão deliciosa amiga nova? Espero que elas conversassem tão somente a meu respeito, e sem dúvida alguma Avdótia Romanovna soube de todos esses boatos misteriosos que eram espalhados a meu respeito... Aposto que o senhor também já ouviu algo a respeito.

— Ouvi. Lujine acusou-o de provocar a morte a uma criança. É verdade?

— Por favor, não fale dessas histórias vulgares — disse Svidrigailov com enfado e aborrecimento. — Se o senhor insiste em saber tudo que há sobre essa idiotice, eu lhe contarei, mas outro dia, agora não.

— Também me contaram a respeito de um criado que o senhor maltratou.

— Peço-lhe que mude de assunto — interrompeu Svidrigailov, com visível impaciência.

— Foi esse criado que, depois de morto, voltou para encher seu cachimbo?... O senhor mesmo me falou nisso.

Raskólnikov sentia-se cada vez mais irritado.

Svidrigailov olhou-o atentamente e Raskólnikov notou nesse olhar um laivo de sarcasmo. Mas Svidrigailov conteve-se e respondeu com bons modos:

— É verdade. Foi ele. Vejo que o senhor também está muitíssimo interessado e acho que é minha obrigação satisfazer sua curiosidade na primeira oportunidade. Diabos me levem! Vejo que devo passar realmente por uma figura romântica aos olhos de certas pessoas. Imagine como me sinto reconhecido a Marfa Petrovna por ter ela repetido a Avdótia Romanovna esse tão interessante e misterioso mexerico a meu respeito. Não posso pensar na impressão que isto deve ter causado a Avdótia Romanovna, porém foi bom para mim. Com toda a aversão natural de Avdótia Romanovna e a despeito de meu aspecto invariavelmente sujo e repulsivo — ela acabou tendo pena de mim, pena de uma alma perdida. Quando o coração de uma jovem sente compaixão, é mais perigoso do que qualquer outra coisa. Ela passa a querer “salvá-lo”, chamá-lo à razão, e o levanta e encaminha a nobres objetivos, recuperando-o para a vida nobre e útil — sim, todos nós sabemos até que ponto esses sonhos podem ir... Vi, imediatamente, que o passarinho estava pronto para cair no alçapão; eu também estava pronto. Percebo, Ródion Românovitch, que está se enfurecendo; não há necessidade! Como o senhor sabe, tudo não passou de uma bolha de sabão. (Diabos me levem, como estou bebendo vinho!) Desde o começo lamentei que sua irmã não tenha tido o destino de nascer no século II ou III de nossa era, como filha de um príncipe reinante ou de algum governador ou procônsul na Ásia Menor; sem dúvida alguma seria uma daquelas que enfrentaram o martírio, teria sorrido quando lhe dilacerassem seus seios com tenazes em brasa, e por seus próprios pés teria enfrentado o martírio. E no século IV ou V, ter-se-ia refugiado nos desertos do Egito para lá ficar trinta anos, vivendo de raízes e êxtases. Ela tem loucura por sofrer por quem quer que seja, e não conseguindo é capaz de se atirar de uma janela. Ouvi falar alguma coisa a respeito de um certo sr. Razumíkhin — diz-se que é um sujeito sensato, aliás o seu sobrenome sugere isto¹⁹ —, provavelmente é um anjo de estudante. É melhor que ele

tome conta de sua irmã! Acho que a compreendo e disto me orgulho. Mas, logo que se trava conhecimento com alguém, como o senhor sabe, ninguém vê as coisas claramente. Veja só: por que razão sua irmã é tão bonita? A culpa não é minha. Na realidade, começou de minha parte um desejo físico, com o mais irresistível desejo físico. Avdótia Romanovna é terrivelmente casta, incrivelmente pura. Tome nota! Isto que estou dizendo de sua irmã é um fato. Ela é quase que doentiamente casta, a despeito de sua vasta inteligência, e assim continuará sempre. Acontece que havia uma moça em minha casa. Paracha, uma camponesa de olhos negros, que eu não havia visto antes. Acabava de chegar do campo. Bonita, mas horrivelmente estúpida: rompeu em prantos, berrou de tal maneira que podia ser ouvida por toda parte e causou escândalo.

“Um dia, depois do jantar, Avdótia Romanovna chamou-me de lado e, mirando-me com olhos faiscantes, *exigiu* de mim que deixasse em paz a pobre Paracha. Era, parece, a primeira vez que conversávamos frente a frente. Naturalmente, apressei-me em obedecer a seus desejos, fingi-me comovido, perturbado; em suma, fiz meu papel com consciência. A partir desse momento, tivemos frequentes conversas reservadas, durante as quais ela me pregava moral e me pedia, com lágrimas nos olhos, que mudasse de vida. Sim, com lágrimas nos olhos! Eis até onde chega, em certas moças, a mania da propaganda! Já se vê, eu imputava todos os meus desacertos ao destino, e finalmente empreguei um meio que nunca falha no coração das mulheres: a lisonja. Nada no mundo é mais duro de falar que a verdade e nada mais cômodo que a lisonja. Se há um centésimo de falsidade na verdade, isto acarretará discórdia e confusão; porém, se tudo é falso na lisonja, esta é agradável e ouvida com satisfação, que, pode ser baixa, mas não deixa de ser uma satisfação. Não obstante seja vil a lisonja, pelo menos sua metade parecerá certamente verdade. Assim é em todas as classes sociais — uma virgem vestal pode perfeitamente ser seduzida pela lisonja. Não posso deixar de rir quando me lembro como certa vez seduzi uma senhora que era dedicada a seu esposo, a seus filhos e a seus princípios. Foi muito divertido e fácil! A senhora realmente tinha princípios — princípios a seu modo, contudo. Toda a minha tática consiste, simplesmente, no fato de aniquilar-me e me prostrar genuflexo diante da pureza da mulher. Lisonjeio-a desavergonhadamente e, logo que consigo um aperto de mão e um olhar seu, reprovo-me por ter obtido isto à força e declaro que ela resistiu, mostrando que só obtenho algo por ser tão

sem princípios; asseguro-lhe ser tão, tão inocente, que não poderia prever a minha traição e se rendeu inconscientemente. De fato, fui vitorioso enquanto a tal senhora ficou firmemente convencida de que era inocente, casta e fiel a seus deveres e obrigações, que sucumbira tão somente por acidente. E como ficou furiosa comigo, quando afinal lhe expliquei ser minha convicção sincera que ela era tão voluptuosa quanto eu! A pobre Marfa Petrovna era demasiado sensível à lisonja e se eu tivesse desejado teria posto todas as suas propriedades em meu nome quando ainda vivia. (Já estou bebendo muito vinho e dando demais com a língua nos dentes.) Espero que o senhor não se zangue, se eu acrescentar que a própria Avdótia Romanovna não foi a princípio insensível à lisonja, com que lhe enchi os ouvidos. Infelizmente, a minha impaciência e estupidez estragaram tudo. Eu devia moderar o brilho dos olhos quando falava com sua irmã, isso inquietou-a e acabou por se lhe tornar odioso. Sem entrar em detalhes, bastará dizer-lhe que rompemos e depois fiz novas tolices.

“Expandi-me em sarcasmos indignos. Paracha tornou a entrar em cena e foi seguida de muitas outras; numa palavra, comecei a levar uma vida irregularíssima. Oh! Visse então os olhos de sua irmã! Ródion Românovitch, saberia que faíscas eles podem lançar às vezes! Não pense que é porque estou bêbado e acabei de emborcar um copo inteiro de champanhe. Estou falando a verdade. Asseguro-lhe que os olhares dela me perseguiram até dormindo, tinha chegado a nem poder suportar o fru-fru do seu vestido. Cheguei a crer que ia ter ataques. Nunca supusera que pudesse apoderar-se de mim tal loucura. Era absolutamente preciso que eu me reconciliasse com Avdótia Romanovna e isso era impossível! Imagine o que eu faria então! A que grau de estupidez pode levar o ódio de um homem! Nunca empreenda coisa alguma nesse estado! Lembrando-me que Avdótia Romanovna era, afinal, uma pobre (oh, perdão! Eu não queria dizer isto... mas a palavra não importa), enfim, que ela vivia do seu emprego, que tinha a seu cargo a mãe e o senhor (oh! Diabo, lá torna o senhor a franzir a testa...), decidi-me a oferecer-lhe minha fortuna (podia então reunir trinta mil rublos) e a propor-lhe que fugisse comigo, para aqui, para São Petersburgo.

“Já se vê, assim que aqui estivéssemos, eu ter-lhe-ia jurado amor eterno etc. Quer acreditar? Andava tão maluco por ela nesse tempo que se ela me dissesse ‘Apunhala, ou envenena Marfa Petrovna e casa comigo’ tê-lo-ia feito imediatamente! Mas tudo isso acabou o desastre que o senhor

conhece, e pode imaginar como fiquei irritado quando soube que minha mulher tinha negociado o casamento de Avdótia com esse miserável trapaceiro do Lujine, porque, enfim, que diabo!, tanto valia sua irmã aceitar o meu oferecimento como casar com tal homem. Não é verdade? Vejo que me ouviu com a maior atenção...”

Svidrigailov deu um murro na mesa com impaciência. Estava muito corado, e, apesar de ter bebido só dois copos de champanhe, a embriaguez começava a manifestar-se. Raskólnikov percebeu isso e resolveu aproveitar-se desse fato para descobrir as intenções do que ele considerava o mais perigoso inimigo.

— Depois de tudo isso, já não duvido de que o senhor vem aqui por causa de minha irmã — declarou tanto mais confiadamente quanto queria irritar Svidrigailov.

Este tentou logo destruir o efeito produzido pelas suas palavras.

— Ora, adeus!... Eu já lhe disse... aliás, sua irmã não pode suportar-me.

— É a minha opinião, estou certo de que ela não pode suportá-lo, mas não se trata disso.

— Está bem certo de que ela não pode? — replicou Svidrigailov sorrindo com ar de zombaria. — O senhor tem razão; ela não me ama; mas nunca afirme sobre o que se passa entre marido e mulher, ou entre um homem e sua amante. Há sempre um recanto que fica escondido de todos e só é conhecido pelos interessados. Ousa o senhor afirmar que Avdótia Romanovna me olhava com aversão?

— Certas palavras da sua narração provam-me que o senhor tem ainda neste momento desígnios infames com relação a Dúnia e que tenciona pô-los em execução.

— Como! Eu deixei escapar essas palavras? — disse Svidrigailov, inquieto; aliás, não se scandalizou de maneira nenhuma pelo modo com que eram qualificados os seus desígnios.

— Mas agora mesmo o senhor está manifestando os seus pensamentos secretos. Por que tem medo? De onde vem esse receio súbito neste momento?

— Receio? Receio do senhor? Mas que história é essa? O senhor, meu caro, é que deve temer-me, assim... Aliás estou bêbado, bem vejo, por pouco não dizia mais outra tolice. Diabos levem o champanhe!

— Eh, rapaz! Água!

Atirou a garrafa pela janela. Filipe trouxe água.

— Tudo isso é tolice — disse Svidrigailov, molhando uma toalha que passou logo pelo rosto —, e eu posso, com uma palavra, reduzir a nada todas as suas desconfianças. Sabe que vou casar?

— Já me disse.

— Já lhe disse? Tinha-me esquecido. Mas quando lhe falei do meu casamento, não podia ainda falar-lhe senão de uma forma duvidosa, porque então não havia nada decidido. Agora, é um caso concluído, e, se eu estivesse livre agora, conduzi-lo-ia à casa da minha futura; desejava muito saber se aprovaria minha escolha. Oh! Diabo, não tenho senão dez minutos. Mas vou contar-lhe a história do meu casamento, é bem curiosa... Então, ainda quer ir-se embora?

— Não, agora não o deixo; não o largo...

— Não me larga? Havemos de ver isso! Sem dúvida, hei de mostrar-lhe minha noiva, mas não agora, porque nos separaremos daqui a pouco. O senhor vai para a direita e eu para a esquerda. Ouviu talvez falar da sra. Resslerich, em casa de quem moro atualmente? Sei que o senhor está pensando ser ela a mulher cuja filha se afogou no inverno. Vamos, o senhor está prestando atenção! Foi ela quem me arranjou tudo. “Tu te aborreces”, dizia-me ela, “o casamento será para ti uma distração momentânea”. Efetivamente sou um triste, um sensaborão. Julga que sou alegre? Engana-se; tenho um gênio muito esquisito; não faço mal a ninguém, mas tenho ocasiões de estar três dias a fio num canto, sem dizer nada. Ademais, essa boa amiga pensa como você; calcula que me enfastiarei de depressa de minha mulher e a deixarei, e ela então lança-la-á na circulação. O pai está doente há três anos, com as pernas tolhidas, enterrado numa poltrona; a mãe é uma senhora inteligente; o filho está na província e não se importa com os pais: a filha mais velha não dá notícias. Têm a sustentar dois sobrinhos pequenos; a filha mais nova saiu do colégio antes de acabar os estudos; faz 16 anos no próximo mês; é dela que se trata: é a minha noiva.

“Munido desses dados, apresentei-me à família como um proprietário, viúvo, de boa família, com fortuna. Os meus cinquenta anos não suscitaram a mais leve objeção.

“Era preciso ver-me falando com o pai e a mãe! Era cômico!... Chega a pequena, de vestido curto, e cumprimenta-me corada como uma papoula. Sem dúvida, ensinaram-lhe a lição. Não conheço seu gosto em questão de mulheres, mas para mim aqueles 16 anos, aqueles olhos ainda infantis, aquela timidez, aquelas lagrimzinhas pudicas, tudo isso tinha mais encanto que a beleza; aliás, a pequena é muito bonita com seus cabelos claros, anelados, os lábios rubros e os seiozinhos apontando... Em suma, travamos conhecimento, disse-lhe que negócios de família me obrigavam a apressar o casamento, e no dia seguinte, isto é, anteontem, ficamos noivos. Desde então, quando vou vê-la, tenho-a sentada nos joelhos durante todo o tempo, beijo-a constantemente. Ela cora, mas consente. A mamãe sem dúvida lhe deu a entender que a um futuro marido pode permitir-se aquelas intimidades. Assim compreendidos, os direitos do noivo não são menos agradáveis que os do marido. Pode dizer-se que é a verdade e a natureza que falam naquela criança! Conversei duas vezes com ela; não é nada tola e tem um modo de olhar para mim que incendeia todo o meu ser. A sua fisionomia parece-me um pouco com a da Madona Sixtina. O senhor já notou a expressão fantástica que Rafael deu a essa cabeça de virgem? No dia seguinte ao do contrato, levei à minha futura uns 1.500 rublos de presentes: diamantes, pérolas, um serviço de *toilette* de prata. A carinha de Madona estava radiante. Ontem não me constrangi ao sentá-la nos joelhos — ela corou e vi-lhe nos olhos uma lágrima que tentou esconder. Deixaram-nos a sós; ela então lançou-me os braços ao pescoço e, beijando-me, jurou que seria para mim uma esposa obediente e fiel, que me faria feliz e que em troca só me pedia a *minha* estima, nada mais. ‘Não tenho necessidade de presentes!’, disse ela. Ouvir um anjo de 16 anos, com as faces coradas pelo pudor virginal, fazer à gente tal declaração com lágrimas nos olhos, há de concordar que é delicioso, hein?... Bem, ouça... hei de levá-lo à casa da minha noiva... mas agora não pode ser!”

— Numa palavra, essa terrível diferença de idade excita a sua sensualidade! É possível que o senhor pense seriamente em tal casamento?

— Sem perder tempo. Cada um pensa em si próprio e mais alegremente vive aquele que sabe enganar a si mesmo! Ah!, ah!... Por que o senhor é tão apegado à virtude? Tenha compaixão de mim, eu sou um pobre pecador. Ah!, ah!

— Mas o senhor protegeu as filhas de Catarina Ivanovna... embora tenha tido as suas razões... Compreendo tudo agora.

— Adoro as crianças — riu Svidrigailov. — Posso contar um curioso episódio a respeito: No primeiro dia em que cheguei, visitei vários bordéis; depois de sete anos, literalmente eu corri para eles. O senhor provavelmente sabe que não me apresso em renovar laços com os velhos amigos, passo sem eles o maior tempo que posso. Quando estava no campo com Marfa Petrovna, era assediado com a lembrança desses lugares secretos, nos quais, quem os conhece, pode achar muita coisa. Diabos me levem! A ralé se embriaga; os jovens educados, em férias, se consomem em sonhos e visões impossíveis e ficam atados às teorias; os judeus amontoam dinheiro; e os demais se entregam à orgia. Desde os primeiros passos comecei a sentir no ar os cheiros familiares da cidade; aconteceu que eu estava em horrível espelunca — gosto das minhas espeluncas sujas —, era um salão de dança, como o chamam, e havia um canção como nunca vira em minha vida. Sim, aquilo era um progresso. De repente, vi uma garota de 13 anos, encantadoramente vestida, dançando com um virtuose e com um outro à sua frente; sua mãe sentava-se em uma cadeira encostada à parede. O senhor não pode imaginar que espécie de canção era aquele! A garota ficou envergonhadíssima, julgou-se insultada e começou a chorar. Seu par segurou-a, rodopiou com ela e dançou na sua frente. Todo mundo caiu na gargalhada — eu gosto de plateia, mesmo quando se trata de plateia de canção —, todos riam e gritavam: “É isso que acontece! Para que trazem uma criança?” Eu nada tinha com aquilo. Imediatamente tracei meu plano e fui sentar-me ao lado da mãe. Comecei dizendo que era recém-chegado e que aquela gente mal-educada não podia distinguir pessoas decentes e tratá-las com respeito. Dei a entender possuir muito dinheiro e ofereci-me para levá-la a casa em minha carruagem. Levei-as e travamos relações. Moravam em uma miserável espelunca e tinham acabado de chegar do interior. Ela me disse que ambas só poderiam considerar minha amizade como uma honra. Descobri que nada tinham, absolutamente nada. Vieram à cidade para tratar de assunto com a justiça. Prometi meus préstimos e dinheiro. Soube que foram àquele salão de dança por engano, julgando tratar-se de coisa melhor. Ofereci custear a educação da garota em francês e dança. Meu oferecimento foi aceito com entusiasmo e como uma honra. E até agora somos íntimos... Caso o senhor queira, iremos vê-las, mas agora não.

— Chega! Chega dessas histórias nojentas, sujeito sensual, depravado!

— Schiller! O senhor é um perfeito Schiller! *Où va-t-elle la vertu se nicher?*²⁰ O senhor sabe que conto propositadamente essas coisas só pelo prazer de ouvir seus protestos.

— Compreendo que faço um papel ridículo — resmungou Raskólnikov furioso.

Svidrigailov riu-se à vontade. Chamou Filipe, pagou a conta e começou a levantar-se.

— Posso dizer que estou bêbado; *assez, causé* — disse ele —, foi um prazer!

— Sem dúvida que é um prazer para um consumado sem-vergonha descrever tais aventuras, tendo em mente um monstruoso projeto da mesma espécie — notadamente sob estas circunstâncias e em relação a um homem como eu... É um gozo!

— Se o senhor chega a essa conclusão — respondeu Svidrigailov, fixando Raskólnikov meio surpreso. — Se o senhor chega a essa conclusão é por ser um completo cínico. Pelo menos tem um grande material nas mãos... e pode fazer bom uso dele. Mas basta! Lamento sinceramente não poder conversar mais tempo, mas devemos de tornar a ver-nos... O senhor há de ter paciência...

Saiu do *traktir*. Raskólnikov seguiu-o. A embriaguez de Svidrigailov dissipava-se; franzia os sobrolhos e parecia muito preocupado, como um homem que vai fazer um negócio extremamente importante. Já há alguns minutos certa impaciência era traída em suas maneiras, ao mesmo tempo que sua linguagem para Raskólnikov era cáustica e agressiva. Tudo isso parecia justificar cada vez mais as apreensões de Raskólnikov, que resolveu seguir a inquietadora personagem. Estavam no passeio.

— Agora separemo-nos: o senhor vai para a direita e eu para a esquerda, ou vice-versa. Meu amigo, até a vista!

E seguiu na direção do Mercado do Feno.

CAPÍTULO V

Raskólnikov seguiu-o.

— Que significa isto?! — exclamou Svidrigailov voltando-se. — Eu julgava ter-lhe dito...

— Isto significa que estou resolvido a acompanhá-lo.

— O quê?

Ambos pararam e durante um momento mediram-se com os olhos.

— Na sua semiembriaguez o senhor disse-me o bastante para me convencer de que longe de renunciar aos seus odiosos projetos contra minha irmã, mais do que nunca se preocupa com ela. Sei que ela recebeu esta manhã uma carta. O senhor não perdeu tempo desde que chegou a São Petersburgo. Que no curso das suas idas e vindas o senhor tenha desencavado uma mulher é possível; mas isso nada significa. Desejo assegurar-me pessoalmente...

Raskólnikov dificilmente poderia explicar-se sobre o que desejava e queria esclarecer.

— Por minha fé! Quer que eu chame a polícia?

— Chame!

Pararam de novo em frente um do outro. Por fim o rosto de Svidrigailov mudou de expressão. Vendo que a ameaça não intimidava Raskólnikov, prosseguiu subitamente em tom mais alegre.

— Que maganão o senhor é! Eu não falei do seu caso muito de propósito, apesar da grande curiosidade que ele me despertou. Queria deixar isso para depois; mas realmente o senhor faz um defunto perder a paciência. Bem, venha comigo; simplesmente advirto-o de que entrarei em casa só para ir buscar dinheiro; em seguida sairei, meter-me-ei num carro e irei passar toda a noite nas ilhas. Que necessidade tem de me seguir?

— Tenho que fazer na casa em que mora, mas não é ao seu domicílio que vou, é ao de Sófia Semenovna; vou pedir-lhe desculpa por não ter ido ao enterro da madrastra.

— Como quiser; mas Sônia está ausente. Foi levar as crianças à casa de uma senhora do meu conhecimento, que está à frente de um asilo de órfãos. Dei um grande prazer a esta senhora entregando-lhe o dinheiro para os pequenos de Catarina Ivanovna e mais um donativo para o estabelecimento que dirige; enfim, contei-lhe a história de Sônia Semenovna, sem omitir nenhuma minúcia. A narração produziu um efeito indescritível. Eis por que Sônia Semenovna foi convidada a ir hoje ao palacete***, onde a *barínia* em questão mora provisoriamente desde que veio do campo.

— Não importa, irei à casa dela.

— À vontade: simplesmente eu é que não o acompanho. Para quê? Mas diga-me, estou convencido de que desconfia de mim. É porque tive a delicadeza de não lhe fazer até agora perguntas escabrosas. Adivinha ao que aludo? Ia apostar que a minha descrição lhe pareceu extraordinária! Ora, vá lá a gente ser gentil para ser recompensado assim!

— O senhor acha delicado escutar às portas?

— Ah, ah! Já me surpreendia que não me fizesse essa observação! — respondeu rindo Svidrigailov. — Se supõe que não é permitido escutar às portas, mas que se pode matar à vontade, e como os juízes podem não ser dessa opinião, não faria mal em safar-se para a América o mais depressa possível! Parta depressa, rapaz. Talvez ainda haja tempo. Falo-lhe com sinceridade. É dinheiro que lhe falta? Dar-lhe-ei o que precisar para a viagem.

— Tenho mais em que pensar — disse Raskólnikov com tédio.

— Compreendo: pensa em saber se procedeu segundo a moral, como é digno de um homem. Mas devia ter pensado nisso antes; agora já vem fora de tempo. Eh!, eh! Se julga ter cometido um crime, dê um tiro nos miolos. É o que vai fazer?

— Parece que o senhor quer irritar-me para se ver livre de mim...

— Como o senhor é desconfiado! Mas chegamos, tenha o incômodo de subir. Aqui tem o quarto de Sônia. Não há ninguém! Não acredita? Pergunte aos Kapernáumof, com quem ela deixa a chave. Eis justamente a sra. Kapernáumof. Então? O quê? (Ela é um pouco surda). Sônia Semenovna saiu? Aonde foi?... Agora está convencido? Não está e provavelmente virá muito tarde da noite. *Vamos* agora ao meu aposento.

“O senhor não tinha a ideia de me fazer uma visita? Eis-nos no meu quarto. A sra. Ressler saiu. Aquela mulher tem sempre mil negócios, mas é uma excelente pessoa, asseguro-lhe; talvez lhe fosse útil se o senhor fosse mais razoável. Ora veja, tiro da minha secretária um título de 5% (veja quantos me ficam ainda!); este vai hoje ser vendido. Viu? Como não tenho aqui mais nada a fazer, fecho a secretária, fecho o quarto e estamos outra vez na escada. Se quiser, vamos chamar um carro. Eu vou para as ilhas. Não lhe agradaria um passeio em *calèche*? O senhor percebe; ordeno ao cocheiro que me conduza à ponte de Elaguina... Recusa? Já está satisfeito? Ora, deixe-se tentar! A chuva nos ameaça, mas o carro tem capota...”

Svidrigailov estava já no carro. Raskólnikov, sem responder uma palavra, deu meia-volta e foi para o Mercado do Feno.

Se se tivesse voltado, veria que Svidrigailov se apeava e pagava ao cocheiro. Mas o jovem caminhava sem olhar para trás. Daí a pouco virou a esquina e nada mais viu. Intenso desgosto afastava-o de Svidrigailov.

“E pensar que, por um instante, pudesse receber ajuda desse bruto selvagem, depravado sensual, viciado indecoroso”, pensou ele.

Raskólnikov expressava seu julgamento superficial e rápido: havia algo em Svidrigailov que lhe dava uma certa originalidade e um caráter misterioso. Quanto à sua irmã, estava convencido de que Svidrigailov não a deixaria em paz, mas era demasiado cansativo e insuportável pensar e repensar nisso.

Antes de vinte passos dados, como sempre, quando sozinho, não tardou a cair em devaneio. Chegando à ponte, parou junto à balaustrada e fixou os olhos no canal. De pé, a pequena distância, Avdótia Romanovna observava-o.

Ao subir a ponte, passara junto à irmã, mas não a viu. Quando o avistou, Dunetchka experimentou um sentimento de surpresa e inquietação. Ficou um momento hesitando se iria ter com ele. De repente avistou do lado do Mercado do Feno Svidrigailov, que se dirigia rapidamente para ela.

Mas aproximava-se cautelosamente. Não subiu a ponte e parou no passeio, esforçando-se por escapar aos olhos de Raskólnikov. Tinha visto Dúnia e já há tempo lhe fazia sinais. A jovem pareceu perceber que ele a chamava e pedia que não atraísse a atenção do irmão.

Obedecendo a este convite mudo, Dúnia afastou-se do irmão e aproximou-se de Svidrigailov.

— Vamos mais depressa — disse-lhe este baixo. — Tenho empenho em que Ródion Românovitch ignore nossa conversa. Aviso-a de que ele foi procurar-me ainda agora em um *traktir* aqui perto, e que me custou desembaraçar-me dele. Ele sabe que lhe escrevi uma carta e desconfia. Decerto não foi a senhora quem falou nisso, mas quem foi?

— Já viramos a esquina — interrompeu Dúnia subitamente —, meu irmão não pode ver-nos. Declaro-lhe que não vou mais longe. Diga-me o que tem a dizer.

— Em primeiro lugar, não é na rua que se podem fazer tais confidências; depois, a senhora deve ouvir Sônia Semenovna; em terceiro lugar, preciso mostrar-lhe certos documentos... Enfim, se não quiser ir à minha casa, recuso-me a dar o menor esclarecimento e retiro-me. Aliás, peço-lhe que não se esqueça de que tenho nas minhas mãos um segredo muito curioso que interessa ao seu querido irmão.

Dúnia parou indecisa e fixou o olhar em Svidrigailov.

— O que receia? — observou este tranquilamente —, a cidade não é o campo. E, ainda no campo, a senhora fez maior mal a mim do que a si própria...

— Sônia Semenovna está avisada?

— Não; não lhe disse nada, mas estou convencido de que ela está agora em casa... Deve estar. Foi hoje o enterro da madrastra: não é dia para fazer visitas. Por ora, não quero falar disto a ninguém e lamento mesmo, até certo ponto, ter-me aberto com a senhora. Em tais casos, a palavra mais insignificante dita sem discrição equivale a uma denúncia. Eu moro aqui, nesta casa. Aqui está o nosso *dvornik*; conhece-me bastante, cumprimenta-me, como vê. Ele vê que venho com uma senhora e decerto reparou no seu rosto. Isto deve serená-la, se desconfia de mim. Peço perdão de lhe falar assim... Estou aqui numa casa de apartamentos. O meu quarto e o de Sônia são apenas separados por um tabique. Todo o andar é ocupado por diferentes inquilinos. Por que tem medo como uma criança? Que tenho eu de terrível?

Svidrigailov tentou um sorriso, mas o rosto recusou obedecer-lhe. O coração batia-lhe com força e sentia o peito oprimido. Afetava elevar a voz para esconder a agitação que sentia. Precaução supérflua, aliás, porque

Dunetchka não lhe notava nada de particular: as últimas palavras tinham irritado muito a orgulhosa moça para que ela pensasse em outra coisa que não fosse o seu amor-próprio ferido.

— Embora saiba que o senhor é uma criatura... sem honra, não tenho medo. Leve-me — disse ela em tom sereno, desmentido pela extrema palidez.

Svidrigailov parou em frente ao quarto de Sônia.

— Permita-me que veja se ela está em casa. Não, não está. Um contratempo inesperado! Mas sei que voltará dentro de pouco tempo. Não pode ter-se ausentado senão para ir ver uma senhora que se interessa pelos órfãos. Eu tratei desse caso. Se Sônia não chegar dentro de dez minutos e se quiser absolutamente falar-lhe, mandá-la-ei hoje mesmo à sua casa. Aqui estão os meus aposentos; compõem-se destas duas divisões. No quarto para onde dá esta porta, mora a minha hospedeira, a sra. Resslerich. Agora, olhe para aqui; esta porta dá para um aposento de duas divisões, que está vazio. Veja... é preciso que tome conhecimento exato do local...

Ele ocupava dois quartos mobiliados, bem espaçosos. Dunetchka olhava em volta desconfiada, mas não descobriu nada suspeito. Todavia poderia notar, por exemplo, que Svidrigailov morava entre dois aposentos vazios. Para chegar aos seus quartos, era preciso atravessar duas divisões vazias que faziam parte do domicílio da hospedeira. Abrindo a porta, que do seu quarto dava para o aposento não alugado, mostrou também este a Dunetchka. Ela parou à porta, não compreendendo por que a convidava a olhar, mas a explicação foi-lhe logo dada.

— Veja este grande quarto, o segundo. Veja esta porta fechada a chave. Ao lado está uma cadeira, a única que há nas duas divisões. Fui eu que a trouxe para cá a fim de ouvir em condições mais cômodas. A mesa de Sônia está colocada justamente atrás desta porta. Ela estava ali e conversava com Ródion Românovitch enquanto eu, sentado, ouvia atentamente. Estive aqui duas noites seguidas, e duas horas cada vez. Pude, portanto, ouvir alguma coisa; não lhe parece?

— O senhor escutava à porta?

— Escutava. Agora voltemos ao meu quarto; aqui nem podemos sentar-nos.

Levou Avdótia Romanovna para a sala e ofereceu-lhe uma cadeira, junto à mesa, sentando-se também a distância respeitosa; mas seus olhos

brilhavam, com o mesmo fogo que de outra vez tanto tinha atemorizado Dunetchka. A jovem tremeu, apesar da serenidade que afetava, e novamente olhou desconfiada em volta. O isolamento dos aposentos de Svidrigailov acabou por atrair-lhe a atenção.

— Aqui está a sua carta — começou ela deixando-a na mesa. — Será possível o que me diz? O senhor dá a entender que meu irmão cometeu um crime. As suas insinuações são claras; não tente, pois recorrer a subterfúgios. Antes das suas revelações já eu ouvira falar desse caso absurdo, no qual não acredito. O odioso não cede neste caso senão ao ridículo. Essas suspeitas me são conhecidas e também sei o que as fez nascer. O senhor não pode ter prova alguma. Uma vez, porém, que prometeu provar, prove! Mas previno-o de que não lhe dou crédito.

Dunetchka pronunciou estas palavras com extrema rapidez e, durante um instante, a emoção fez-lhe subir a cor às faces.

— Se não me acreditasse, viria à minha casa? Então por que veio? Por curiosidade?

— Não me mortifique; fale!

— É preciso concordar que é uma jovem corajosa! Eu julgava que pediria ao sr. Razumíkhin que a acompanhasse. Mas pude convencer-me de que, se ele não veio com a senhora, também não a seguiu. É uma jovem audaz! Foi sem dúvida uma atenção da sua parte para com Ródion Românovitch. Ademais, tudo é divino na senhora... Quanto a seu irmão, que hei de lhe dizer? Ainda o vi há pouco. Como lhe pareceu?

— Não é certamente sobre isso que o senhor baseia a sua acusação!

— Não, não é sobre isso, mas sobre as próprias palavras dele. Ele veio por duas vezes passar a noite em casa de Sônia. Indiquei-lhe há pouco onde eles se sentavam. Seu irmão fez a ela uma confissão completa. É um assassino. Matou uma velha usurária em casa de quem tinha objetos empenhados. Pouco depois, uma irmã da vítima, chamada Isabel, entrou por acaso e ele matou-a também. Serviu-se para matar as duas mulheres de um machado. Sua intenção era roubar e roubou; dinheiro e outros objetos... Só ela conhece esse segredo, mas não tomou parte no assassinio. Longe disso, ao ouvir a narração ficou tão aterrada como a senhora está neste momento. Fique tranquila; não será ela quem irá denunciar seu irmão.

— É impossível — balbuciaram os lábios lívidos da moça arquejando —, é impossível! Ele não cometeu esse crime... É mentira!

— O roubo foi o motivo. Raskólnikov roubou dinheiro e joias. É verdade que, segundo ele próprio diz, não se aproveitou disso, e foi escondê-los debaixo de uma pedra, onde estão ainda.

— É crível que ele tenha roubado? Pois pode sequer isso ter-lhe passado pela ideia?! — exclamou Dúnia, levantando-se. — O senhor conhece-o, tem-no visto. Parece-lhe que seja um ladrão?

Parecia estar implorando a Svidrigailov, esquecera totalmente seu terror.

— Existem milhares e milhões de combinações e possibilidades, Avdótia Romanovna. Um ladrão rouba e sabe que é um ladrão; no entanto, soube de um gentil-homem que roubou a mala do correio. Quem sabe? Seu irmão julgava praticar um ato louvável. Eu próprio recusaria acreditar se tivesse sabido de outro modo, mas tenho que confiar no que ouço... Ele explicou todos os pormenores do ocorrido a Sófia Semenovna, ela, porém, não acreditou no que ouvia. Por fim, teve de confiar no que seus olhos viam.

— Quais foram as causas?

— É uma longa história, Avdótia Romanovna! Ei-la... Como lhe contar? Uma teoria específica, a mesma pela qual eu considere ser permitido um único caso anormal, desde que o alvo principal seja justo; um delito solitário entre centenas de boas ações! Na realidade, mortifica um jovem bem-dotado e de orgulho altivo saber que se tivesse, por exemplo, uns vis três mil rublos toda sua carreira, todo seu futuro, formar-se-ia de modo diferente, e inteirar-se de que não os possui. Junte ainda a irritação nervosa, provinda da fome, o morar em um buraco, os andrajos, o vívido senso de sua posição social e a de sua mãe e da irmã. Acima de tudo, vaidade, orgulho, embora, só Deus sabe, tendo boas qualidades... Não estou condenando-o. Por favor, não pense isto, mesmo porque não é de minha alçada. Uma pequenina teoria específica também interveio — uma teoria específica —, a que divide a humanidade, como sabe, em massa bruta e pessoas superiores, isto é, em pessoas não atingidas pela lei, dada a superioridade, pessoas que fazem leis para a massa. Teoricamente é ótima, *une théorie comme une autre*. Napoleão o impressionou muito, foi o que o moveu — muitas pessoas de gênio não hesitaram em praticar o mal, espezinharam a lei, sem se incomodarem. Parece ter-se imaginado um

gênio, convenceu-se disto por algum tempo. Sofreu muito, e ainda sofre, devido à ideia de poder estabelecer uma teoria, mas ter sido capaz de sobrepujar a lei corajosamente e com isto ter o seu gênio falhado, isto é humilhante para um jovem, com qualquer grau de orgulho, sobretudo em nossos dias...

— E o remorso? Nega-lhe qualquer senso moral? Ele é assim?

— Ah! Avdótia Romanovna! Tudo está confuso. Não que, em alguma época, estivesse claro. Os russos, em geral, são grandes em suas ideias, Avdótia Romanovna. Grandes como o seu país e por demais inclinados ao fantástico, ao caótico. Mas é uma desgraça ser grande, ser amplo, sem gênio adequado. Lembra-se de quanta discussão gerou-se sobre este assunto? Quando sentávamos, após o jantar, no terraço, ao anoitecer? Porque costumava repreender-me com suas ideias arejadas! Quem sabe, talvez estivesse ele aqui, deitado, engendrando seu plano, enquanto conversávamos lá? Não existem tradições sagradas entre nós, especialmente na classe elevada, Avdótia Romanovna. No máximo, alguém as moldará para si próprio, quando as retirar dos velhos livros ou de alguma crônica. Os que delas se utilizam, em sua maior parte, são os estudantes e os velhos caturras, e isto é falta de linha no homem de boa sociedade. Julgo que conhece minhas opiniões. Nunca condenei alguém, nada faço, persevero nisto. Mas já falamos disto mais de uma vez. Seria felicíssimo se pudesse interessá-la em minhas opiniões... Está muito pálida, Avdótia Romanovna!

— Conheço a teoria dele. Li o artigo sobre os homens a quem tudo é permitido. Razumíkhin trouxe-me a revista.

— Senhor Razumíkhin? O artigo do seu irmão? Em uma revista? Existe tal artigo? Não sabia, deve ser interessante. Mas aonde vai, Avdótia Romanovna?

— Quero ver Sônia — respondeu com voz fraca. — Por onde se vai ao quarto dela? Talvez já tenha chegado; quero vê-la. É preciso que ela... — Não pôde acabar, estava sufocada.

— Provavelmente Sônia não estará de volta antes da noite. Se ainda não voltou é porque demorará.

— Ah! Já vejo que mentiste; não disseste senão mentiras!... Não acredito em ti!... — bradou num transporte de cólera.

Quase desfalecida, caiu numa cadeira que Svidrigailov ofereceu-lhe.

— Que tem, Avdótia Romanovna? Controle-se! Beba um pouco de água; aqui tem! — Borrifou-lhe o rosto. A jovem estremeceu e voltou a si.

“Produziu efeito”, murmurou consigo mesmo Svidrigailov, franzindo o cenho.

— Avdótia Romanovna, sossegue, Ródion tem amigos! Nós salvá-lo-emos. Quer que eu o leve para o estrangeiro? Tenho dinheiro: daqui a três dias terei liquidado todos os meus negócios. Esteja tranquila. Seu irmão pode vir a ser ainda um grande homem. Então, que tem? Como se sente?

— Indigno! Zombas da desgraça! Deixa-me...

— Mas aonde quer ir?

— Procurá-lo. Onde está ele? Por que fechaste esta porta? Foi por ela que entramos e agora está fechada a chave. Para que a fechaste?

— Não era necessário que se ouvisse o que dizíamos. No estado em que está, para que ir procurar seu irmão? Quer perdê-lo? O seu procedimento vai enfurecê-lo, e ele próprio irá entregar-se. Ademais, não o perdem de vista e a menor imprudência pode ser-lhe funesta. Espere um momento; eu vi-o e falei-lhe ainda há pouco; pode ainda salvar-se. Sente-se; vamos ver o que se deve fazer. Foi para tratarmos disto que a convidei a vir à minha casa. Mas sente-se!

— Podes salvá-lo? Realmente ele pode salvar-se?

Dúnia sentou-se.

Svidrigailov postou-se a seu lado.

— Tudo depende da senhora, só da senhora — começou em voz baixa. Os olhos brilhavam-lhe e sua agitação era tal que mal podia falar.

Dúnia, assustada, recuou a cadeira.

— Só uma palavra sua e seu irmão está salvo — continuou ele, trêmulo. — Eu... salvá-lo-ei. Tenho dinheiro e amigos. Fá-lo-ei partir para o estrangeiro, arranjar-lhe-ei passaporte. Conseguirei dois: um para ele e outro para mim. Tenho amigos com que posso contar... Quer? Arranjarei também um passaporte para a senhora... para sua mãe... Que lhe importa Razumíkhin? O meu amor vale bem o dele... amo-a muito. Deixe-me beijar-lhe a orla do vestido. O roçar do seu vestido alucina-me! Mande: executarei as suas ordens, sejam quais forem. Farei o impossível. Todas as suas vontades serão as minhas. Não olhe para mim desse modo! Sabe que me mata?...

Delirava. Dir-se-ia atacado de alienação mental. Dúnia correu para a porta e sacudiu-a com todas as suas forças.

— Abram! Abram! — gritou, esperando que a ouvissem de fora. — Abram! Não há ninguém nesta casa?

Svidrigailov levantou-se. Tinha recuperado a calma. Um sorriso de mofa pairava nos seus lábios ainda trêmulos.

— Não há ninguém aqui — disse lentamente —, minha hospedeira saiu e não ganha nada em gritar; é perfeitamente inútil...

— Onde está a chave? Abra a porta imediatamente, canalha!

— Perdi a chave; não a encontro.

— Ah! Então é uma cilada! — rugiu Dúnia, pálida, e correu para um canto onde se entrincheirou, colocando diante de si uma mesa.

Depois calou-se, mas sem desfilar o inimigo, atenta aos menores movimentos. De pé, defronte dela, na outra extremidade do quarto, Svidrigailov não se mexia. Estava controlado, pelo menos na aparência, mas seu rosto estava pálido como antes. O riso de mofa não o abandonava.

— Avdótia Romanovna, se há cilada, avalie que tomei precauções. Sônia Semenovna não está em casa; cinco divisões nos separam do quarto de Kapernáumof. Enfim, sou pelo menos duas vezes mais forte que a senhora, e, independentemente disso, nada tenho a recear, porque se se queixar de mim seu irmão está perdido. Aliás, ninguém acreditará: todas as aparências depõem contra uma moça que vai sozinha ao quarto de um homem. E, mesmo que se atrevesse a sacrificar seu irmão, não poderia provar, é muito difícil provar uma violação, Avdótia Romanovna.

— Miserável! — disse Dúnia em voz baixa, mas terrível de indignação.

— Pois sim; mas note que tenho raciocinado do ponto de vista da sua hipótese. Pessoalmente, sou da sua opinião, e acho que a violação é um crime abominável. Tudo o que tenho dito é para tranquilizar sua consciência no caso de... no caso de consentir em salvar seu irmão, como lhe proponho. Poderia dizer que só cedeu à força... se é absolutamente preciso empregar esta palavra. Pense bem; a sorte de seu irmão e de sua mãe está nas suas mãos. Eu serei seu escravo... toda a minha vida... espero a sua resposta...

Sentou-se no divã, a oito passos de Dúnia.

A jovem não duvidava que a resolução dele fosse inabalável. Conhecia-o... bem...

Subitamente tirou do bolso um revólver e colocou-o na mesa, ao alcance da mão. Svidrigailov deu um pulo.

— Ah, é isso! — gritou surpreso, mas sorrindo maliciosamente. — Temos a situação mudada; isso alivia-me a consciência. Mas onde obteve esse revólver, Avdótia Romanovna? Emprestou-lhe o sr. Razumíkhin? Espere, é o meu, vejo-o perfeitamente! Com efeito, eu o tinha procurado, sem resultado... As lições de tiro que dei no campo não foram então inúteis...

— Este revólver não era teu; era de Marfa Petrovna, que tu mataste, celerado! Nada te pertencia! Apossei-me dele quando comecei a ver do que eras capaz. Se dás um passo, juro que te mato!

Dúnia, desnorteada, preparava-se para executar a ameaça, se fosse necessário.

— E teu irmão?... É por curiosidade que pergunto — disse Svidrigailov, sempre no mesmo lugar.

— Denuncia-o, se quiseses! Se avanças, eu disparo! Envenenaste tua mulher; eu bem sei; tu é que és assassino!...

Estava com o revólver engatilhado.

— Tens certeza de que envenenei Marfa Petrovna?

— Tenho! Foste tu mesmo que deste a perceber; falaste-me de veneno... eu sei que o tinhas... Foste tu... Foste tu, com certeza... infame!

— Ainda que isso fosse verdade, tê-lo-ia feito por ti... tu é que terias sido a causa de tudo.

— Mentas! Eu sempre te detestei, sempre.

— Pareces esquecida, Avdótia Romanovna, de quando no teu zelo pela minha conversão te encostavas em mim, com olhares lânguidos... Eu lia nos teus olhos. Lembras-te da noite ao luar, enquanto cantava o rouxinol?

— Mentas! — A raiva incendiou o olhar de Dúnia. — Difamas!

— Minto? Pois bem, minto. Menti. As mulheres não gostam que lhes lembrem essas coisas — replicou rindo. — Eu sei que vais atirar, belo monstrozinho. Pois bem, vamos a isso!

Dúnia apontou a arma, esperando somente um movimento dele para fazer fogo. Uma palidez mortal cobria-lhe o rosto; o lábio tremia-lhe de cólera e os grandes olhos negros lançavam chamas. Nunca ele a vira tão

bela. Avançou um passo. Um tiro ecoou. A bala roçou-lhe os cabelos e cravou-se na parede. Ele estacou e riu suavemente.

— Uma picada de vespa! — disse sorrindo. — Ela apontou para a minha cabeça... Que é isto? Sangue?

Tirou o lenço para limpar um fio de sangue que lhe escorria pela fronte direita: a bala roçara a pele do crânio. Dúnia abaixou a arma e olhou para Svidrigailov com uma espécie de estupor. Parecia não entender o que acabava de praticar.

— Então; erraste a pontaria, recomeça! Eu espero — replicou Svidrigailov, cujo bom humor tinha não sei que de sinistro, se demoras terei tempo de agarrar-te antes que te defendas.

Toda trêmula Dunetchka tomou rapidamente o revólver e ameaçou seu perseguidor.

— Deixa-me — disse com desespero. — Juro que atiro outra vez... Mato-te!

— A três passos é impossível errar, efetivamente. Mas se não me matas, então...

Nos olhos rutilantes de Svidrigailov podia ler-se o resto do pensamento.

Deu ainda mais dois passos.

Dunetchka disparou, e o revólver falhou.

— A arma não foi bem carregada. Não importa; isso pode-se ainda remediar; ainda resta uma cápsula. Eu espero.

Em pé, a dois passos de Dúnia, fixava nela o olhar feroz que exprimia indomável resolução. Dúnia compreendeu que ele morreria mas não renunciaria ao seu desígnio. “E agora que não estava senão a dois passos dela, matá-lo-ia com certeza!...”

De repente largou o revólver.

— Não queres disparar! — disse ele espantado e respirando com força. O receio da morte não era talvez o mais rude fardo de que ele sentia a alma livre; todavia, ser-lhe-ia difícil explicar a natureza do alívio que sentia.

Aproximou-se de Dúnia e segurou-a docemente pela cintura. Ela não resistiu, mas olhou para ele trêmula, com os olhos suplicantes.

Svidrigailov quis falar, mas não pôde dizer uma palavra.

— Afasta-te de mim — implorou Dúnia. — Ouvindo ser tratado por tu, numa voz que já não era a de há pouco, Svidrigailov estremeceu.

— Então não me amas? — perguntou em voz baixa.

Dúnia fez um sinal negativo.

— E... não poderás amar-me um dia?... Nunca? — continuou ele com um tom desesperado.

— Nunca! — murmurou ela.

Durante um instante houve uma luta horrível na alma de Svidrigailov.

Seu olhar fixava Dúnia com uma expressão indizível. Subitamente retirou o braço que lhe passara em volta da cintura, afastou-se rapidamente e foi colocar-se em frente da janela.

— Aqui está a chave! — disse depois de um instante de silêncio. (Tirou-a do bolso esquerdo do paletó e pô-la atrás de si, sobre a mesa, sem se voltar para Avdótia Romanovna.) Parte depressa! Sai!...

Olhava fixamente para a janela.

Dúnia aproximou-se para pegar a chave.

— Depressa! Depressa! — repetiu ele.

Não mudara de posição e não olhava para ela; mas a palavra “depressa” era pronunciada num tom sobre cuja significação não podia haver dúvida nenhuma.

Dúnia pegou a chave, correu para a porta, abriu-a e saiu do quarto. Um instante depois corria como louca ao longo do canal, na direção da ponte***.

Svidrigailov ficou ainda uns três minutos junto à janela. Por fim, voltando-se, olhou em volta e passou a mão pela fronte. As feições desfiguradas por um sorriso estranho exprimiam o mais vivo desespero. Vendo que tinha sangue nas mãos ficou encolerizado; depois molhou uma toalha e lavou o ferimento.

A arma, arremessada por Dúnia, tinha rolado até a porta. Levantou-a e examinou-a. Era um pequeno revólver de três tiros, modelo antigo; tinha ainda duas cargas e uma cápsula. Depois de refletir, meteu-o no bolso, apanhou o chapéu e saiu.

CAPÍTULO VI

Até as dez horas, passou aquela noite andando de um *traktir* para outro. Kátia reapareceu e cantou outra canção de sarjeta, como um certo “vilão e tirano”.

Começou a beijar Kátia.

Svidrigailov pagou bebidas para Kátia, o pequeno tocador de harmônica, alguns cantores, os garçons e dois amanuenses. Com estes ficou particularmente atraído, porque ambos tinham narizes tortos, um virado para a esquerda e o outro para a direita. Finalmente, levou-os a um parque de diversões, pagando-lhes as entradas. Lá havia um raquítico pinheiro de três anos e três arbustos. Também havia um *Vaux-hall*, que não passava de um bar muito ordinário, onde serviam chá, com algumas mesas verdes tendo cadeiras à volta. Um coro de péssimos cantores e um palhaço alemão de Munique, já embriagado e de nariz vermelho, entretinham o público. Os amanuenses, encontrando conhecidos, começaram a discutir, pouco faltando para haver pancadarias. Svidrigailov foi escolhido para árbitro. Depois de ter ouvido durante um quarto de hora as recriminações confusas das duas partes, pareceu-lhe compreender que um dos amanuenses furtara qualquer coisa que vendera a um judeu, sem querer partilhar com os outros o produto. O objeto roubado era uma colher de chá pertencente ao *Vaux-hall*. Foi reconhecida pelos empregados da casa, e a questão ameaçava tomar aspecto grave, se Svidrigailov não indenizasse os queixosos. Isto ocorrera por volta das seis horas.

Em toda a noite não bebera uma gota de vinho; no *Vaux-hall* pediu chá, para não deixar de mandar vir alguma coisa. A temperatura estava sufocante e grossas nuvens escureciam o céu.

Às dez horas caiu uma violenta tempestade. Svidrigailov chegou a casa molhado até os ossos. Fechou-se no quarto, abriu a secretária, de onde

retirou todos os haveres e assinou dois ou três papéis. Depois de meter o dinheiro no bolso, pensou em mudar de roupa; mas, como a chuva continuava a cair, viu que não valia a pena, pegou o chapéu e saiu, sem fechar a porta. Foi ao quarto de Sônia, que encontrou em casa. Ela não estava só, tinha em volta os quatro pequenos dos Kapernáumof, que tomavam chá.

Recebeu-o respeitosamente, olhou com surpresa para a roupa molhada de Svidrigailov, mas não disse nada. À vista do estranho, as crianças fugiram. Svidrigailov sentou-se perto da mesa e convidou-a a fazer outro tanto. Ela preparou-se timidamente para ouvir o que ele tinha a dizer-lhe.

— Sófia Semenovna — começou ele —, eu vou talvez viajar até a América e, como provavelmente nos vemos pela última vez, venho para pôr em ordem os negócios. Foi à casa daquela senhora? Eu sei o que ela disse, é inútil contar-me. (Sônia fez um movimento e corou.) Aquela gente tem seus preconceitos. Quanto a suas irmãs e seu irmão, a sorte deles está garantida; o dinheiro com que os dotei está em mãos seguras. Aqui estão os recibos; guarde-os para o que der e vier. Agora, aqui tem para a senhora três títulos de 5% que representam três mil rublos. Desejo que tudo fique entre nós e que não dê conhecimento disto a ninguém. Este dinheiro é-lhe necessário Sófia Semenovna, porque não pode continuar a viver desse modo.

— O senhor já fez tantos benefícios aos órfãos, à finada e a mim..., — balbuciou ela. — Se eu ainda mal lhe agradeçi, não creia...

— Basta, basta, não falemos nisso agora.

— Quanto a este dinheiro, fico-lhe muito agradecida, mas agora não preciso dele. Eu me arranjarei. Não me acuse de ingratidão ao recusar o dinheiro. *Visto* que é tão caritativo, esta quantia...

— Guarde-a, Sófia Semenovna; e peço-lhe que não faça objeções; não tenho tempo para ouvir. Ródion Românovitch só tem a escolher entre meter uma bala na cabeça ou ir para a Sibéria.

A estas palavras, Sônia tremeu e olhou assustada para ele.

— Não se inquiete — prosseguiu. — Eu ouvi tudo da boca dele e sou discreto; não o direi a ninguém. Procedeu muito bem aconselhando-o a que fosse denunciar-se. E sem dúvida o melhor partido a tomar. Ora, bem, quando ele for para a Sibéria, acompanha-o, não é verdade? Então há de precisar de dinheiro; será preciso para ele, compreende? A soma que

ofereço é a ele que a dou por seu intermédio. Ademais, prometeu pagar a Amália Ivanovna o que deviam. Mas para que toma tais encargos? A devedora dessa alemã era Catarina Ivanovna. Sônia, devia ter mandado a alemã para o diabo. É preciso ter mais tento na vida... Bem, se amanhã ou depois alguém a interrogar a meu respeito, não fale desta visita e não diga que lhe dei dinheiro. E, agora, adeus. (Levantou-se.) Leve os meus cumprimentos a Ródion Românovitch. A propósito: faria bem em confiar o dinheiro, por ora, ao sr. Razumíkhin. É um excelente moço. Entregue-lhe amanhã ou quando tiver ocasião. Mas daqui até lá, não se deixe roubar.

Sônia tinha-se levantado também e olhava inquieta para Svidrigailov. Tinha vontade de dizer alguma coisa, mas estava perturbada e não sabia por onde começar.

— Então o senhor... então o senhor vai sair com um tempo assim?...

— Quando se vai para a América não se olha a chuva. Adeus, querida Sófia! Viva, e viva por muito tempo; você é útil aos outros. A propósito... leve meus cumprimentos ao sr. Razumíkhin. Diga-lhe que Árcade Ivânovitch o cumprimenta. Não se esqueça.

Depois de ele ter saído, Sônia sentiu-se oprimida por um vago terror.

Na mesma noite Svidrigailov fez uma outra visita, singular e inesperada. A chuva continuava a cair. Às 11h20, apresentou-se todo molhado em casa dos pais da sua noiva, que ocupavam uma pequena casa em Vassíli Ostrof.

Teve grande dificuldade para lhe abrirem a porta, e a sua chegada a hora tão alta causou no primeiro momento estupefação. Julgaram a princípio que fosse uma extravagância de embriagado, mas essa impressão só durou um instante, porque, quando queria, Árcade Ivânovitch tinha as mais sedutoras maneiras. A inteligente mãe fez rodar para junto dele a poltrona do pai doente e encetou a conversação por assunto diferente. Nunca ia direta a um fim: se queria saber, por exemplo, quando agradaria a Árcade Ivânovitch que fosse feito o casamento começava por interrogá-lo curiosamente sobre Paris, sobre a sociedade parisiense, para o levar pouco a pouco a Vassíli Ostrof.

Das outras vezes esse estratagema dera sempre bom resultado; mas agora ele mostrou-se mais impaciente que de costume; pediu para ver logo a noiva, apesar de lhe dizerem que já estava deitada. Mas apressaram-se a satisfazer-lhe a vontade. Árcade Ivânovitch disse à pequena que, sendo

obrigado por um negócio urgente a ausentar-se por algum tempo, lhe trazia 15 mil rublos, e lhe pedia que aceitasse aquela ninharia, que queria fazer-lhe presente deles antes do casamento. Não havia relação lógica entre o presente e a partida anunciada; também não parecia que para isso fosse preciso uma visita àquela hora da noite e chovendo muito. Todavia, por mais equívocas que pudessem parecer, estas explicações foram perfeitamente acolhidas. Os pais quase nem se mostraram surpresos com um procedimento tão estranho; muito sóbrios de perguntas e exclamações, desfizeram-se em agradecimentos calorosos aos quais a inteligente mãe misturou as lágrimas. Ele levantou-se, beijou a noiva, afagou-a e assegurou-lhe que em breve estaria de volta. Ela olhava para ele com um ar intrigado; lia-se-lhe nos olhos mais que simples curiosidade infantil. Árcade Ivânovitch reparou nesse olhar; beijou-a novamente e saiu, pensando com despeito que o seu presente seria com toda a certeza guardado a chave pela mais sensível das mães.

Ele foi embora deixando-os todos em um estado de enorme excitação, mas a terna mamãe, sussurrando, resolveu a maior de suas dúvidas, concluindo que Svidrigailov era um grande homem, de grandes negócios e relações, de grande riqueza, e eles não podiam saber o que tinha em mente. Partiria em viagem, gastaria dinheiro conforme seu capricho, de modo que nada havia de surpreendente em seu gesto. Era de estranhar ter-se apresentado com a roupa encharcada, mas os ingleses são ainda mais extravagantes. Toda essa gente da alta sociedade não dá importância a que se fale dela, nem tampouco a cerimônias. Possivelmente, viera de propósito, para mostrar não temer coisa alguma. O melhor seria silenciar, pois não se sabe o que disso poderia advir. O dinheiro deveria ser guardado a chave, e foi ótimo que Fedócia não tivesse saído da cozinha. E, sobretudo, nada se devia dizer à velha gata, à sra. Ressler etc. etc. Ficaram sussurrando até as duas horas da manhã, apesar de a moça ter ido para a cama mais cedo, atônita e triste.

Svidrigailov, à meia-noite, voltava à cidade pela ponte***. A chuva cessara, mas o vento soprava rudemente. Começou a tiritar de frio, e por um instante fixou o olhar nas águas negras do pequeno Neva com especial interesse, especulativamente. Mas achou-as muito frias. Durante quase meia hora andou à toa pela avenida***, e mais de uma vez tropeçou no escuro, na calçada de madeira. Olhava continuamente para o lado direito, procurando algo. Notara, quando passou em uma das última vezes, que

havia um hotel, quase no fim da avenida, construído em madeira, de fachada larga, cujo nome, como se lembrava, parecia Andrinopla. Por fim encontrou-o. O hotel era tão visível neste lugar, onde Judas perdeu as botas, que mesmo no escuro não poderia deixar de reconhecê-lo. Era um longo e enegrecido edifício de madeira, onde, apesar do adiantado da hora, havia luzes nas janelas e sinais de vida. Entrou e pediu um quarto a um rapaz esfarrapado que encontrou no corredor. Após olhar inquisitivamente para Svidrigailov, o criado levou-o a um pequeno quarto escuro, na extremidade do corredor, sob a escada. Era o único disponível.

— Há chá? — perguntou Svidrigailov.

— Pode-se fazer, querendo.

— Que há mais?

— Há vitela, vodca e petiscarias.

— Traze-me vitela e chá.

— O senhor não quer mais nada? — perguntou com uma espécie de hesitação.

— Não.

O homem afastou-se desapontado.

“Em que diabo de casa me meti”, pensou Svidrigailov, “aliás, também devo ter o ar de quem, ao vir de um café-cantante, teve uma aventura no caminho. Em todo caso estou com curiosidade de saber que espécie de gente frequenta isto”. Acendeu a vela e fez um exame do quarto. Era muito estreito e tão baixo que ele mal podia estar de pé; tinha apenas uma janela. A mobília compunha-se de uma cama suja, uma mesa e uma cadeira de madeira pintadas na mesma cor. O papel de parede estava roto e tão coberto de pó que mal se lhe conhecia a cor primitiva. A escada cortava o teto obliquamente, o que dava ao quarto o aspecto de uma água-furtada. Svidrigailov pousou a vela na mesa, sentou-se na cama e ficou pensativo. Mas um ruído incessante de vozes, no quarto vizinho, acabou por lhe atrair a atenção. Levantou-se, pegou a vela e foi espreitar por uma fenda do tabique.

Num quarto um pouco maior que o seu viu dois indivíduos, um de pé, outro sentado numa cadeira. O primeiro, em mangas de camisa, era corado e tinha o cabelo anelado. Apostrofava o companheiro, com lágrimas na voz: “Tu não tinhas posição e estavas na miséria; tirei-te do atoleiro e depende de mim tornar a deixar-te cair.”

O outro tinha o ar de quem quer fugir e não pode. Às vezes lançava um olhar embasbacado ao companheiro, evidentemente não entendia uma palavra do que ele lhe dizia, talvez nem ouvisse nada.

Sobre a mesa, em que uma vela se consumia, estava uma garrafa de vodka quase vazia, copos de tamanhos diversos, pão, pepinos e um serviço de chá. Depois de ter visto este quadro atentamente, Svidrigailov deixou o posto de observação e tornou a sentar-se na cama.

Ao trazer o chá e a vitela, o moço não pôde deixar de perguntar mais uma vez a Svidrigailov se não queria mais nada. Tendo recebido resposta negativa, retirou-se de vez. Svidrigailov apressou-se a beber o chá para aquecer-se, mas foi-lhe impossível comer. A febre que começava a agitá-lo tirava-lhe o apetite. Despiu o paletó, envolveu-se nos cobertores e deitou-se.

Estava inquieto. “Agora é que eu havia de adoecer!...”, disse para consigo, sorrindo. O ar era sufocante, a vela pouco iluminava, o vento bramia fora, ouvia-se a um canto o ruído de um rato; e um cheiro de ratos e de couro enchia o quarto todo.

Estendido na cama, ele devaneava mais do que pensava. As ideias sucediam-se confusamente; queria fixar a imaginação em alguma coisa. “É sem dúvida um jardim que há por baixo da janela; as árvores são sacudidas pelo vento. Como detesto esse barulho de árvores, de noite, com tempestade e às escuras!”

Recordou-se de que havia pouco, passando ao lado do parque Petróvski, sentira a mesma impressão dolorosa. Depois, lembrou-se do Neva e teve de novo o estremecimento que sentira quando, na ponte, olhava a água. “Jamais gostei de água, nem das paisagens”, pensou ele. De repente uma ideia fê-lo sorrir: “Parece que, neste momento, devia importar-me pouco com a estética e o conforto, todavia estou como os animais que têm sempre o cuidado de escolher a cama... em casos idênticos. Se eu tivesse ido a Petróvski Ostrof? Parece que tive medo do frio e da escuridão! Preciso de sensações agradáveis!... Mas por que não apago a vela?” (Apagou-a.) “Os nossos vizinhos deitaram-se”, acrescentou, não vendo luz na fenda do tabique.

“Agora, Marfa Petrovna, é que a tua visita viria a propósito. Está escuro, o lugar é propício, a situação excepcional. E justamente agora é que não vens...”

Lembrou-se, subitamente, de que, horas antes, quando pretendia consumir seus intentos a respeito de Dúnia, recomendara a Raskólnikov confiá-la à guarda de Razumíkhin. “Suponho que realmente disse isto, como julgou Raskólnikov, para atormentar-me! Que velhaco é Raskólnikov! Já passou por muitas. Talvez venha a ser um bem-sucedido velhaco quando sobrepujar sua idiotice. Agora, porém, ele se apega demasiadamente à vida. Sobre este ponto, tais jovens são desprezíveis. Que se danem! Que seja como queiram, nada tenho a ver com isto.”

Continuava a não ter sono. Pouco a pouco a imagem de Dúnia aparecia-lhe ao lembrar-se da cena que tivera com ela pouco tempo antes. “Não, não pensemos mais nisso. Coisa singular, nunca odiei ninguém, nunca tive mesmo o desejo de me vingar de alguém; é mau sinal, mau sinal! Também nunca fui desordeiro nem violento. — “Outro mau sinal! Mas que promessa lhe fiz há pouco! Ela levar-me-ia longe...” Calou-se e cerrou os dentes. A imaginação mostrou-lhe de novo Dunetchka, exatamente como quando, depois de ter atirado e incapaz de resistir, fixava nele o olhar espantado. Lembrou-se de como se apiedara dela naquele momento, como sentira o coração oprimido... “Os diabos levem tais pensamentos!”

Quase adormecido, pareceu-lhe de súbito que debaixo da roupa alguma coisa lhe corria pelo braço e pela perna. Estremeceu.

“Diabo! É por certo um rato”, pensou. “Deixei a vitela na mesa...”

Temendo o frio, não queria descobrir-se nem levantar-se, mas de súbito sentiu no pé um novo contato desagradável. Arrancou o cobertor e acendeu a vela, curvou-se na cama e examinou-a, mas não viu coisa alguma. Sacudiu o cobertor e bruscamente um rato saltou na cama. Tentou segurá-lo, mas ele descrevia zigue-zagues e escapava sempre. Depois meteu-se debaixo do travesseiro. Svidrigailov atirou o travesseiro para o chão, mas no mesmo instante sentiu que alguma coisa saltara sobre ele e lhe passeava pelo corpo, por baixo da camisa. Começou a tremer nervosamente e... acordou.

A escuridão era absoluta; ele estava deitado na cama, envolto no cobertor; o vento continuava a uivar lá fora: “É de arrepiar!”, disse consigo aborrecido.

Sentou-se no leito de costas voltadas para a janela. “É melhor não dormir!”, decidiu.

Pela vidraça entrava uma aragem úmida. Sem se levantar, puxou o cobertor e envolveu-se nele. Não acendeu a vela.

Não pensava em nada, nem queria pensar, mas no cérebro passeavam-lhe ideias incoerentes. Estava como numa espécie de meia sonolência. Era o efeito do frio, das trevas, da umidade ou do vento que agitava as árvores? O que é certo é que esses devaneios tomavam um aspecto estranho.

Tinha diante dos olhos uma linda paisagem. Era no dia da Santíssima Trindade; o tempo estava belo.

Entre platibandas floridas surgia um elegante *cottage* no estilo inglês; junto da escada emaranhavam-se trepadeiras e nos degraus cobertos por um rico tapete havia vasos chineses com flores admiráveis.

Nas janelas, em vasos com água, mergulhavam jacintos brancos, inclinados nas hastes verdes, rescendendo um perfume delicioso.

Esses vasos atraíam a atenção de Svidrigailov, que não podia afastar-se deles; no entanto subiu as escadas e entrou numa grande sala onde, por toda parte, nas janelas, junto da porta que dava para o terraço, e no próprio terraço, havia flores em profusão.

O sobrado estava alcatifado de erva fresca, exalando um cheiro que tornava o ar da sala delicioso. Os pássaros chilreavam debaixo das janelas.

No meio da sala, numa mesa coberta de cetim branco, estava um caixão cercado de grinaldas de flores; por dentro era forrado de tafetá e *ruche* branca. Nele repousava numa cama de flores uma moça vestida de branco com os braços cruzados sobre o peito. Parecia uma estátua de mármore. Tinha os cabelos de um louro claro, em desordem e molhados; uma coroa de rosas cingia-lhe a fronte. O perfil severo do rosto parecia também esculpido, e o sorriso dos lábios arroxeados exprimia tristeza profunda, penetrante; uma desolação que não é natural na mocidade. Svidrigailov conhecia aquela moça. Não havia junto ao esquife ícones, luzes ou orações. Era uma suicida — uma afogada. Aos catorze anos fora-lhe partido o coração por um ultraje que transformara a sua consciência infantil, lhe enlutara a alma angélica com uma vergonha e lhe arrancara do peito um supremo grito de dor, grito abafado pelos rugidos do vento, numa sombria noite de gelo...

Svidrigailov despertou, levantou-se e aproximou-se da janela. Depois de ter procurado o ferrolho às apalpadelas, abriu-a, expondo o rosto e o

peito apenas protegido pela camisa à brisa glacial que entrava pelo quarto. Embaixo devia com efeito haver um jardim, talvez um jardim de recreio; de dia, sem dúvida, cantava-se lá e tomava-se chá em pequenas mesas. Mas agora estava envolto em trevas, e os objetos só se revelavam por manchas escuras mal esboçadas. Durante cinco minutos, encostado ao peitoril, olhou para baixo, na escuridão. Ouviram-se dois tiros de canhão.

“Ah! É um sinal! O Neva sobe!”, pensou ele, “pela manhã, a parte baixa da cidade estará inundada, os ratos afogar-se-ão nas adegas; os inquilinos dos rés do chão, a escorrerem água, praguejando, salvarão os trastes expostos à chuva e ao vento... Que horas serão?”.

Mal se fizera esta pergunta, um relógio vizinho deu três horas. “Bem, daqui a uma hora é dia! Por que hei de estar à espera? Vou partir logo para a ilha Petróvski...” Fechou a janela, acendeu a vela e vestiu-se; depois, com o castiçal na mão, saiu para ir acordar o moço e sair. “É o momento mais favorável.”

Vagou algum tempo pelo corredor, comprido e estreito; não vendo ninguém, ia chamar em voz alta, quando, de repente, num canto sombrio, entre um armário e uma porta, viu um objeto estranho, o que quer que fosse parecer estar vivo. Inclinando-se com a luz viu que era uma pequenina de uns cinco anos, trêmula e chorosa. O seu vestido estava encharcado. A presença de Svidrigailov não pareceu atemorizá-la; fixou nele os grandes olhos negros com uma expressão de surpresa. Continuava a soluçar de vez em quando, como as crianças que, após chorarem muito tempo, começam a resignar-se. Tinha o rosto pálido e desfigurado, e tremia com o frio. Como se encontrava ela ali? Sem dúvida escondera-se naquele canto e não dormira toda a noite. Svidrigailov interrogou-a.

Animando-se logo, a criança começou, com voz infantil e gaguejando um pouco, uma história interminável onde entrava muitas vezes “a mamãe” e uma “xícara *quebada*”. Ele compreendeu que se tratava de uma criança pouco estimada: a mãe, talvez alguma cozinheira do hotel, bebia e maltratava-a.

A pequena quebrara uma xícara e, temendo o castigo, fugira, na ocasião em que chovia. Mais tarde, entrara secretamente e escondera-se atrás do armário, onde passara a noite, tremendo e chorando com medo da treva e com a ideia de ser castigada, não só por causa da xícara, mas pela fuga.

Svidrigailov tomou-a nos braços, levou-a para o quarto e, depois de a deitar na cama, despiu-a.

Ela não tinha meias e os sapatos furados estavam tão úmidos como se tivessem estado toda a noite num charco. Depois de lhe ter tirado a roupa, deitou-a e envolveu-a no cobertor. A pequena adormeceu. Svidrigailov recaiu nos seus pensamentos tristes.

“Mas com que estou me preocupando!”, disse ele de si para si, encolerizado. “Que tolice!” Irritado, pegou o castiçal para ir procurar o criado e deixar o hotel o mais depressa possível. “Ora, uma fedelha!”, disse, rugindo uma praga quando abria a porta. Mas voltou a cabeça para lançar uma vista de olhos à criança e certificar-se se ela dormia. Levantou com cuidado o cobertor que lhe cobria a cabeça. Ela dormia profundamente. Aquecera-se e as faces tinham recuperado a cor.

Todavia, coisa singular, o rosado do seu rosto era muito mais vivo que o normal! “É a febre”, pensou ele. Dir-se-ia que a pequena tinha bebido. Os lábios rubros pareciam abrasados. De súbito, pareceu-lhe ver mexer as longas pestanas da criança adormecida; sob as pálpebras semicerradas adivinhava-se um olhar malicioso, dissimulado, nada infantil. “Não estaria dormindo?” Com efeito, os lábios sorriam, tremendo, como quando se tem grande vontade de rir. Mas, deixou de se constranger, riu francamente. Um não sei que de descarado, de provocante partia daquele rosto que já não era de uma criança, mas o de uma prostituta, de uma *cocotte*.

As pálpebras abriram-se, ela envolveu Svidrigailov num olhar lascivo.

“O quê! Nesta idade!”, murmurou ele espantado. “É possível?!”

Ela, porém, volta para ele o rosto incendiado, estende-lhe os braços...

“Ah, maldita!”, exclama ele, com horror, levanta a mão para ela e no mesmo instante acorda. Estava deitado, envolto no cobertor. O dia clareava.

“Toda a noite tive pesadelos!”

Ergueu meio corpo. Lá fora havia um nevoeiro grosso através do qual não se via coisa alguma. Era perto das cinco horas; Svidrigailov dormira muito.

Levantou-se, vestiu a roupa ainda úmida e, sentindo o revólver no bolso, tirou-o para se certificar de que a cápsula estava bem colocada.

Em seguida sentou-se e, na primeira folha da carteira, escreveu algumas linhas

Depois de as ter relido, encostou-se à mesa e ficou absorvido nas reflexões. As moscas regalavam-se com a fatia de vitela que ficara intacta. Esteve a olhar para elas por muito tempo, depois começou a matá-las. Por fim, espantou-se dessa ocupação, e recuperando a consciência da sua situação, saiu apressadamente do quarto. Um instante depois estava na rua.

Um forte nevoeiro envolvia a cidade. Svidrigailov caminhava na direção do pequeno Neva. Enquanto seguia na escorregadia calçada de madeira, a imaginação apresentava-lhe a ilha Petróvski com as suas relvas, suas árvores, seus maciços, suas ruazinhas... Em toda a perspectiva não se enxergava uma cara, uma só criatura humana. As casinhas amarelas, com as janelas fechadas, tinham um ar sujo e melancólico.

O frio começava a fazer tiritar o passeante matinal. De espaço a espaço, quando via a tabuleta de alguma loja, lia-a maquinalmente.

Chegando ao fim da calçada junto a uma grande casa, viu um cão nojento que atravessava a rua com o rabo entre as pernas.

Um bêbado estava caído no passeio, com o rosto voltado para o chão. Svidrigailov olhou para ele um instante e passou. À esquerda, viu de repente uma casa da guarda. “Aqui está um bom local, que necessidade de ir à ilha Petróvski? Deste modo a coisa poderá ser oficialmente constatada por uma testemunha...” Sorrindo a esta ideia enveredou pela rua***, onde vira a casa da guarda.

À porta estava um homenzinho envolto numa capa de soldado e com um capacete na cabeça. Ao ver Svidrigailov aproximar-se, lançou-lhe um olhar enfastiado. Sua fisionomia tinha a expressão de uma melancolia azeda, que é a marca secular dos israelitas. Durante algum tempo ambos se examinaram em silêncio. Por fim, pareceu esquisito ao outro que um homem que não estava bêbado parasse a três passos dele e o olhasse sem dizer uma palavra.

— Que quer o senhor? — perguntou, sem se mover e sem mudar de posição.

— Nada, caro amigo; bom dia! — respondeu Svidrigailov.

— Siga seu caminho, então.

— Meu caro amigo, eu vou para o estrangeiro.

— Para o estrangeiro?

— Para a América.

— Para a América?

Svidrigailov tirou o revólver do bolso e engatilhou-o. O soldado redobrou de atenção fixando-o.

— Eh... aqui não é lugar para brincadeiras!

— Por quê?

— Aqui não é lugar para isso.

— Não importa, meu caro amigo, o local é esplêndido. Se te interrogarem, dize que parti para a América.

Apoiou o cano do revólver na frente.

— Isso não se pode fazer aqui, não é lugar próprio! — replicou o soldado, esgazeando os olhos assombrados.

Svidrigailov apertou o gatilho...

CAPÍTULO VII

Nesse mesmo dia, entre as seis e as sete horas da tarde, Raskólnikov foi à casa de sua mãe. As duas mulheres habitavam agora na casa Bakalêief os aposentos de que Razumíkhin lhes falara. Quando subia a escada, Raskólnikov parecia ainda hesitar. Todavia, por motivo algum voltaria agora; estava decidido a fazer a visita. “Ademais, elas ainda não sabem nada”, pensava ele, “e já estão habituadas a ver em mim um excêntrico”. Sua roupa estava coberta de lama e rota; por outro lado, a fadiga física, após a luta que se feria nele havia 24 horas, tinha-lhe desfigurado o rosto. Passara toda a noite Deus sabe onde. Mas, por fim, tomara uma resolução.

Bateu na porta; foi a mãe quem a abriu. Dunetchka saíra e a criada também não estava em casa. Pulquéria Alexandrovna ficou a princípio muda de surpresa e alegria; depois tomou a mão do filho e levou-o para o quarto.

— Até que enfim te vejo! — disse ela com a voz trêmula de emoção. Não te zangues, Ródia, se tenho a fraqueza de te receber com lágrimas: é a felicidade que as faz correr. Pensas que estou triste? Não; estou alegre, bem alegre; apenas tenho este tolo costume de chorar. Desde a morte de teu pai choro por qualquer coisa. Senta-te, querido filho, estás cansado, bem vejo. Ah! Como estás sujo!

— Foi a chuva de ontem, mamãe... — começou ele.

— Deixa disso! — interrompeu vivamente Pulquéria Alexandrovna. — Pensavas que ia aborrecer-te com a minha curiosidade? Descansa, compreendo tudo; agora, já estou um pouco iniciada nos costumes de São Petersburgo, e, realmente, vejo que aqui são mais espertos que na nossa terra. Eu disse para comigo uma vez para sempre que não tenho necessidade de me meter nas tuas coisas e pedir-te contas delas. Tendo talvez o espírito ocupado, Deus sabe por que pensamentos havia de ir perturbar-te com as minhas perguntas? Nada, nada. Vês, Ródia, estava a ler pela terceira vez o artigo que publicaste numa revista; Dmitri

Prokófitch trouxe-o para mim. Foi uma revelação para mim; desde então, tudo se explicou e reconheci quanto tenho sido estúpida. “Aí está o que o preocupa”, disse comigo, “ele anda lá com ideias novas, e não gosta que o vão tirar às suas reflexões; todos os sábios são assim”. Apesar da atenção com que li teu artigo, meu filho, há nele bastantes coisas que me escapam; mas, ignorante como sou, não admira que não compreenda.

— Deixa-me ver, mamãe.

Raskólnikov pegou a revista e lançou uma rápida vista ao artigo. Um autor experimenta sempre vivo prazer ao ver-se impresso pela primeira vez, sobretudo quando tem só 23 anos. Embora seu espírito estivesse cheio de cruéis cuidados, ele não pôde subtrair-se a essa impressão, que não durou, aliás, mais que um instante. Depois de ter lido algumas linhas, franziu os sobrolhos e um grande sofrimento lhe comprimiu o coração.

Aquela leitura tinha-lhe de súbito lembrado todas as agitações dos últimos meses. Foi com um sentimento de violenta repulsão que arremessou a brochura para cima da mesa.

— Mas, apesar de ser muito ignorante, tenho a convicção de que dentro de pouco tempo ocuparás um dos primeiros lugares, ou o primeiro, no mundo da ciência. E eles pensando que estavas doido! Não sabias que tiveram essa ideia? Coitados! Ademais, como poderiam eles entender tão alta inteligência? Mas pensar que Dunetchka, sim a própria Dunetchka, não estava longe de crer nisso! Que dizes a isto? Teu pai colaborou duas vezes para revistas; a primeira, mandou poemas (talvez ainda consiga achar o manuscrito), e na segunda, um romance completo. (Pedi-lhe para deixar-me copiar e, como implorei, ele não permitiu.) Foi incrível! Há seis ou sete dias, Ródia, afligia-me por ver como vives; a tua casa, a tua roupa, o teu alimento... Mas agora vejo que era mais um disparate meu; efetivamente, logo que queiras, com o teu espírito e o teu talento, terás a fortuna. Por ora, sem dúvida, não te importas com isso, ocupas-te de coisas mais importantes...

— Dúnia não está, mamãe?

— Não, Ródia. Passa muito tempo fora, deixa-me sozinha. Dmitri Prokófitch tem a bondade de me vir ver e sempre me fala de ti. Ele estima-te muito. Quanto à tua irmã, não me queixo se tem para comigo menos atenções. Tem o seu gênio, como eu tenho o meu. Não me quer dar a conhecer os seus negócios; isso é com ela! Eu, por mim, não escondo nada aos meus filhos. Sem dúvida, estou persuadida de que Dúnia é muito

inteligente, e que, além disso, tem muita afeição a mim e a ti... Mas não sei em que tudo isto dará... Lamento que ela não possa aproveitar a visita que me fazes. Quando voltar, dir-lhe-ei: “Na tua ausência teu irmão veio cá. Por onde andaste durante esse tempo?” Tu, Ródia, não te prendas comigo; quando puderes vir sem te causar transtorno, vem; quando não puderes, não te incomodes, terei paciência. Basta-me saber que me amas. Lerei as tuas obras, ouvirei falar de ti, e, de tempos em tempos, receberei tua visita. Que mais posso desejar? Hoje vieste consolar tua mãe, bem vejo...

Bruscamente, Pulquéria Alexandrovna chorou.

— E eu outra vez!... Não repares, sou doida! Ah, Senhor! Mas eu não penso em nada! — exclamou ela, levantando-se. — Há café ali e não te ofereci! Vê o que é o egoísmo das velhas! Só um instante!

— Não vale a pena, mamãe, vou-me embora. Não vim aqui para isso. Ouça-me.

Pulquéria Alexandrovna aproximou-se timidamente.

— Mamãe, aconteça o que acontecer, ainda que ouça dizer de mim as coisas mais estranhas, amar-me-á sempre como agora? — perguntou ele de repente.

Estas palavras saíram-lhe do fundo do coração, antes que pudesse medir o alcance delas.

— Ródia, Ródia, que tens? Como podes fazer-me tal pergunta? Quem ousará algum dia dizer-me mal de ti? Se alguém se atrevesse a isso, eu recusaria ouvi-lo e expulsá-lo-ia da minha casa.

— O fim da minha visita era dizer-lhe que sempre a amei, e estimo bem que estejamos a sós, estimo até que Dunetchka não esteja — prosseguiu com a mesma animação —, talvez mamãe venha a ser infeliz; mas fique certa de que seu filho a amará sempre mais do que a si próprio e que mamãe não teve razão ao duvidar da minha afeição. Nunca deixarei de a amar... Bem, basta; eu pensei que devia, antes de tudo, repetir-lhe isto bem vivamente.

Pulquéria Alexandrovna beijou silenciosamente o filho e apertou-o ao peito, chorando.

— Não sei o que tens, Ródia — disse, afinal. — Julguei que a nossa presença te enfadava. Agora, vejo que uma grande desgraça te ameaça e que vives em grande ansiedade. Eu desconfiava, Ródia. Perdoa-me falar-te

nisto; mas não penso em outra coisa, a ponto de não dormir. A noite passada, tua irmã sonhou, e proferia teu nome sempre. Ouvi algumas palavras, mas não entendi nada. Desde esta manhã até agora sofri como um condenado à espera da execução; pressenti alguma coisa má! Ródia; mas aonde vais? Porque estás para partir, não é?

— Sim, vou partir...

— Eu tinha adivinhado! Mas posso ir contigo, não é verdade? Dunetchka acompanhar-nos-á; ela ama-te muito. Até se for preciso levaremos conosco Sônia, pois não? Não tenho dúvida em aceitá-la por filha. Dmitri Prokófitch ajudar-nos-á nos nossos preparativos... mas... aonde vais?

— Adeus, mamãe.

— O quê! Hoje mesmo! — exclamou ela como se fosse uma separação eterna.

— Não posso demorar-me; é absolutamente preciso deixá-la...

— E eu não posso ir contigo?...

— Não; mas rogue a Deus por mim. Talvez Ele atenda às suas preces.

— Oxalá Ele as ouça! Recebe a minha bênção... Oh, meu Deus!

Em verdade ele estimava que a irmã não assistisse àquela conversa. Para se expandir à vontade, sua ternura precisava do *tête-à-tête*, e uma testemunha qualquer, mesmo Dúnia, tê-lo-ia embaraçado.

Caiu aos pés da mãe e beijou-os. Pulquéria Alexandrovna e o filho abraçaram-se chorando; ela não lhe fez mais perguntas. Compreendera que o jovem atravessava uma crise terrível e que sua sorte ia decidir-se em breve.

— Ródia, meu querido filho — disse ela através das lágrimas —, estás como eras na infância: era assim que vinhas oferecer-me tuas carícias e teus beijos. Antes, quando teu pai era vivo, não tínhamos nas nossas infelicidades outro consolo senão a tua presença, e, depois que ele morreu, quantas vezes não fomos, tu e eu, chorar no seu túmulo, abraçados, como agora! Se choro há tanto tempo, é que o meu coração de mãe tinha pressentimentos. Na noite em que chegamos aqui, logo à nossa primeira conversa, teu rosto disse-me tudo, e hoje, quando te abri a porta, pensei ao ver-te que chegara a hora fatal. Ródia, Ródia, tu partes imediatamente?

— Não.

— Ainda voltas?

— Sim... Voltarei...

— Ródia, não te zangues por eu perguntar. Dize-me só duas palavras: vais para muito longe?

— Para muito longe... não sei ainda...

— Mas terás lá um emprego, uma posição?

— Terei o que Deus quiser... peça por mim nas suas orações...

Queria sair, mas ela agarrou-se a ele ansiosamente e encarou-o de maneira firme, com a expressão do mais intenso desespero.

— Basta, mamãe — disse o jovem que, vendo aquela dor imensa, se arrependia de ter ido lá.

— Não vais para sempre, não é? Não partes imediatamente? Ainda vens amanhã aqui?

— Venho; adeus; adeus...

Conseguiu finalmente sair.

A noite estava cálida, mas não sufocante. O tempo melhorara desde a manhã. Raskólnikov foi para casa. Queria acabar tudo antes do pôr do sol. Naquela ocasião qualquer encontro lhe seria desagradável. Ao subir notou que Nastácia, ocupada a preparar o chá, interrompera o serviço, seguindo-o com um olhar curioso.

“Estará alguém no meu quarto?”, pensou ele; e, sem querer, lembrou-se do odioso Porfírio. Mas ao abrir a porta viu Dunetchka. A jovem sentada no divã estava pensativa; decerto esperava o irmão há muito tempo. Ele parou no limiar. Ela teve um movimento de espanto, mas tranquilizou-se logo e fitou-o longamente.

Uma grande desolação se lia nos seus olhos. Esse olhar provou claramente a Raskólnikov que ela sabia tudo.

— Devo entrar ou retirar-me? — perguntou ele hesitando.

— Passei todo o dia a esperar-te em casa de Sônia; contávamos que fosses lá.

Raskólnikov entrou e deixou-se cair numa cadeira, em enorme prostração.

— Sinto-me fraco, Dúnia; estou muito cansado e, agora, sobretudo, precisava de todas as minhas forças.

Lançou à irmã um olhar desconfiado.

— Mas onde estiveste toda a noite passada?

— Não me lembro bem; queria tomar uma resolução, Dúnia, e por vezes me aproximei do Neva, disso me lembro. A minha intenção era acabar assim... mas... não pude... — concluiu em voz baixa, procurando ler no rosto da irmã as impressões das suas palavras.

— Louvado seja Deus! Era precisamente isso o que tínhamos, Sônia e eu. Ainda tens esperanças na vida; louvado seja Deus! Ele sorriu amargamente.

— Eu não tenho esperanças e, no entanto, há pouco, na casa da mamãe, abraçamo-nos chorando, pedi-lhe que rezasse por mim.

Deus sabe como isto pôde ser! Eu próprio não compreendo nada do que sinto.

— Estiveste em casa da mamãe?! Falaste-lhe?! — exclamou ela assustada, terias a coragem de falar *daquilo*?

— Não; nada lhe disse... porém desconfia de alguma coisa! Ouviu-te sonhar em voz alta a noite passada. Estou certo de que já adivinhou metade do mistério. Fiz talvez mal em ir vê-la. Não sei por que o fiz. Sou um miserável, Dúnia!

— Sim, mas pronto para expiar tua culpa. Vais, não é verdade?

— Imediatamente. Para evitar este horror, queria afogar-me; mas, quando ia atirar-me à água, disse comigo que um homem não deve ter medo da vergonha. Será orgulho, Dúnia?

— É, Ródia! Orgulho...

Uma espécie de clarão iluminou seus olhos tristes; parecia feliz com a ideia de ainda ter orgulho.

— Tu não julgas, Dúnia, que eu tivesse medo da água? — perguntou com um sorriso sinistro.

— Oh! Ródia, basta! — disse ela, magoada com a suposição.

Ambos ficaram calados durante alguns minutos. Raskólnikov tinha os olhos baixos; Dunetchka contemplava-o com expressão dolorosa.

De repente ele levantou-se.

— As horas vão passando; é tempo de ir. Vou entregar-me, mas não sei por que o faço.

Grossas lágrimas desceram pelas faces de Dunetchka.

— Choras, minha irmã; mas ainda podes estender-me a mão?

— Tinhas dúvida?

Apertou-o com força contra o peito.

— Oferecendo-te à expiação não diminuis a metade do teu crime? — exclamou ela beijando-o.

— O meu crime? Que crime? — replicou ele num surto de cólera. — O de ter matado um verme imundo, uma velha usurária nociva a todo mundo, um vampiro que chupava o sangue dos pobres? Mas esta morte devia antes obter indulgência para os pecados! Eu nem penso nisso... Todos a gritarem-me: “Crime! Crime!” Agora que me decidi a afrontar essa desonra, agora é que o absurdo da minha covarde determinação me aparece em toda a clareza! Só por baixeza e covardia é que me resolvo a isso, a não ser que seja também por interesse, como dizia Porfírio...

— Ródia, meu irmão, que dizes? Mas tu derramaste sangue! — respondeu ela, consternada.

— E então? Toda a gente o derrama — retorquiu ele com veemência —, em todos os tempos correram ondas de sangue sobre a terra: os que o derramaram como champanhe sobem depois ao Capitólio e são proclamados benfeitores da humanidade. Examina as coisas mais de perto antes de as julgares. Também eu queria fazer bem aos homens, centenas e milhares de boas ações teriam compensado amplamente essa única tolice, e, quando digo tolice, devia dizer falta de habilidade, porque a ideia não era tão má como agora pode parecer: depois do insucesso, os projetos mais bem combinados parecem idiotices. Eu queria apenas conseguir uma situação independente, garantir meus primeiros passos na vida, ter recursos; depois levantaria voo... Mas fui malsucedido, e é por isso que sou miserável! Se tivesse sido bem-sucedido, ter-me-iam coroado, ao passo que desse modo lançar-me-ão às feras.

— Mas não se trata disso! Que dizes, meu irmão?

— É verdade que não procedi com as regras da estética! Decididamente não entendo por que é mais glorioso bombardear uma cidade que matar alguém a machadada! A preocupação estética é o primeiro sinal de fraqueza! Nunca o senti melhor do que hoje e cada vez compreendo menos qual é o meu crime! Nunca me senti mais forte, mais convencido do que agora!

Seu rosto pálido tinha-se colorido subitamente. Mas, quando acabava de dizer esta última exclamação, seus olhos encontraram os da irmã, ela olhava para ele com tal expressão de tristeza que a sua exaltação desapareceu. Não pôde deixar de dizer consigo que, afinal, tinha feito a desgraça daquelas duas pobres mulheres...

— Dúnia, minha querida, se sou culpado, perdoa-me, embora não mereça perdão, se realmente sou culpado. Adeus! Não discutamos! É tempo de partir. Peço-te que não me sigas; tenho ainda uma visita a fazer... Vá já para casa e fica com mamãe, peço-te encarecidamente, é o último pedido que te faço. Não a abandones; deixei-a muito inquieta e temo que ela não resista à dor; ou morre ou endoidece. Vela, pois, por ela! Razumíkhin não as abandonará; já falei com ele... Não chores por mim; apesar de assassino, farei tudo para ser corajoso e honesto. Talvez um dia ouças falar de mim. Não desonrarei nosso nome, verás; provarei ainda... Agora, adeus — disse ele notando uma expressão singular nos olhos da irmã. — Mas por que choras? Não chores, não nos deixamos para sempre!... Ah, é verdade! Espera, esquecia-me...

Pegou um grosso livro que estava na mesa, coberto de pó, e tirou de lá uma pequena aquarela pintada em marfim. Era o retrato da filha da hospedeira, a moça que ele amara. Durante um momento contemplou-lhe angustiado o rosto, que beijou e entregou a Dunetchka.

— Conversei muitas vezes com ela sobre *aquilo*, só com ela — disse pensativo —, confiei ao seu coração esse projeto que teria um resultado tão lamentável. Tranquiliza-te — continuou dirigindo-se a Dúnia —, ela revoltou-se como tu, e eu estimo bem que tivesse morrido.

Depois voltando ao assunto principal das suas preocupações:

— O essencial agora — disse — é saber se pensei bem no que vou fazer e se estou pronto a aceitar as consequências. Dizem que é preciso esta prova. Será? Que força moral terei eu ao sair das galés, alquebrado por vinte anos de sofrimentos? Ainda valerá a pena viver? E consinto em carregar o peso de tal existência! Oh! Vi que era um covarde esta manhã, quando quis atirar-me ao Neva!

Afinal saíram ambos. Só o amor fraternal tinha amparado Dúnia naquela penosa entrevista. Separaram-se na rua. Depois de ter andado cinquenta passos, ela voltou-se para ver uma última vez o irmão. Este, ao chegar à esquina, voltou-se também. Seus olhos encontram-se, mas Raskólnikov, notando o olhar da irmã fixo nele, fez um gesto de impaciência e mesmo de cólera convidando-a a seguir o seu caminho. Depois virou abruptamente a esquina.

“Estou fraco, bem vejo”, pensou consigo mesmo, sentindo vergonha de sua recente atitude inamistosa para com Dúnia. “Mas por que gostam tanto de mim se eu não o mereço? Oh, se eu fosse só, se ninguém me amasse e

eu não amasse quem quer que fosse! *Nada disso teria acontecido!* Será que, nesses quinze ou vinte anos, tornar-me-ei tão dócil a ponto de humilhar-me diante de todos e choramingar cada vez que disserem ser eu um criminoso? Sim, assim será! É para isto que me deportarão. É isto o que eles querem! Vejam-nos caminhando pelas ruas de um lado para outro. Cada um deles é um canalha e um criminoso intimamente. Pior ainda: um idiota! Deixem-me livre e eles ficarão cegos de justa indignação. Oh, como odeio a todos!”

Começou a especular sobre qual processo deveriam usar para ser humilhado diante de todos, indistintamente — humilhado por convicção e, por que não?, assim deveria ser. Por acaso, vinte anos de servidão não o esmagariam inteiramente? Água mole em pedra dura... E por que iria viver depois disso? Por que iria, sabendo agora que seria assim? Era, talvez, pela centésima vez que se perguntava, desde a noite anterior, mas assim mesmo foi.

CAPÍTULO VIII

Começava a anoitecer quando Raskólnikov chegou à casa de Sônia. Ela esperara-o ansiosamente durante o dia. Pela manhã recebera a visita de Dúnia, que fora vê-la por ter ouvido dizer na véspera de Svidrigailov que Sônia sabia *daquilo*.

Não referiremos à conversa das duas mulheres; limitando-nos a dizer que choraram, abraçadas, e ficaram amigas de alma e coração. Dessa conversa Dúnia levou ao menos o consolo de pensar que seu irmão não estaria só: fora Sônia quem primeiro ouvira a confissão, fora a ela que ele se dirigiu quando necessitou confiar a um ser humano seu segredo; ela acompanhá-lo-ia para onde o levasse o destino. Sem fazer perguntas sobre isso, Avdótia Romanovna estava certa de que assim seria. Tratou Sônia com uma espécie de veneração, a ela, que se julgava indigna de levantar os olhos para Dúnia. Desde a sua visita à casa de Raskólnikov, a imagem da encantadora criatura que a saudara tão graciosamente nesse dia ficara-lhe na alma como uma das visões mais belas e mais doces da sua vida.

Por fim, Dunetchka resolveu esperar o irmão na casa dela, pensando que Ródion não deixaria de ir lá. Assim que Sônia ficou só o pensamento do suicídio provável do rapaz sobressaltou-a. Esse era também o receio de Dúnia. Mas, enquanto estavam juntas, as duas tinham dado uma à outra toda espécie de razões para se tranquilizarem e tinham-no conseguido em parte.

Logo que se separaram, acordou a inquietação em ambas.

Sônia lembrou-se de que Svidrigailov lhe dissera na véspera: “Raskólnikov só tem a escolher: ir para a Sibéria ou...” E ademais, ela conhecia o orgulho do rapaz e a sua falta de religião. “É possível que ele se resigne a viver unicamente por medo, por medo da morte?”, pensava ela em desespero. Sônia já não duvidava de que o infeliz tivesse acabado com a vida, quando ele entrou em casa.

Um grito de alegria saiu do seu peito. Mas, observando atentamente o rosto do jovem, empalideceu de súbito.

— Ora bem! — disse ele rindo —, venho buscar as tuas cruzes, Sônia. Pediste-me que me arrojasse na terra e a beijasse, e agora que vou satisfazer o teu desejo tens medo?

Sônia olhou-o espantada. Parecia-lhe estranho o tom em que ele falava. Um tremor percorreu-lhe todo o corpo; mas, passado um minuto, viu que aquela firmeza de ânimo era fingida. Raskólnikov, ao falar-lhe, olhava para um canto e parecia ter receio de fixar os olhos nos olhos dela.

— Afinal vi que era melhor assim. Há uma circunstância... mas levaria muito tempo para dizer, e eu não tenho tempo. Sabes o que me irrita, Sônia? Sinto-me revoltado com a ideia de que, daqui a pouco, todos aqueles brutos me rodearão; abrirão os olhos para mim, far-me-ão perguntas estúpidas a que será preciso responder. Apontar-me-ão o dedo... Não vou à casa de Porfírio; acho-o detestável. Prefiro ir procurar o amigo Pólvora. Como ele vai ficar espantado! Posso contar com um belo sucesso. Mas é preciso ter mais sangue-frio; nestes últimos dias tornei-me muito irritável. Queres acreditar? Pouco faltou, ainda há pouco, para que ameaçasse minha irmã, só porque ela se voltou para me ver a última vez. A que baixeza cheguei! Bem, então, onde estão as cruzes?

O pobre rapaz parecia não estar em estado normal. Não podia demorar no mesmo lugar nem fixar o pensamento sobre um objeto; as ideias sucediam-se-lhe sem transição, ou, para dizer melhor, seu espírito desvairava.

As mãos tremiam-lhe a todo momento.

Sônia não dizia palavra. Tirou de uma caixa duas cruzes, uma de cipreste e outra de cobre, depois persignou-se e, tendo repetido isso na pessoa de Raskólnikov, passou-lhe em volta do pescoço a cruz de cipreste.

— É uma maneira simbólica de exprimir que vou carregar uma cruz! Como se só hoje começasse a sofrer! A cruz de cipreste é a dos pobres-diabos. A de cobre pertencia a Isabel, guarda-a para ti. Deixa vê-la! Ela trazia-a naquele momento?... Havia mais objetos de devoção: uma cruz de prata e uma medalha. Joguei-as então no peito da velha. Era o que eu agora devia pôr no pescoço... Mas não digo senão tolices e esqueço-me do que importa... Ouve, Sônia, vim sobretudo para te prevenir, para que saibas... Bem, eis tudo... Vim só por isso. (Hum! Contudo parece-me que tinha

mais alguma coisa a dizer-te.) Ora bem, tu é que exigiste. Vou entregar-me. Satisfaço o teu desejo. Por que choras então? Também você! Basta, basta! Oh! como tudo isso me incomoda.

Partia-se-lhe o coração, vendo Sônia em lágrimas: “Que sou para ela?”, dizia consigo, “por que se interessa por mim como minha mãe ou Dúnia?”.

— Faze o sinal da cruz, reza — suplicou ele com voz trêmula.

— Rezarei quanto quiseses.

Persignou-se muitas vezes. Sônia atou na cabeça um lenço verde, provavelmente o mesmo de que Marmêladov lhe falara na taverna e que servia então a toda a família. Esse pensamento atravessou o espírito de Raskólnikov, que se absteve de fazer perguntas. Notara que tinha contínuas distrações e estava muito perturbado. Isso inquietava-o. De repente reparou que Sônia se preparava para acompanhá-lo.

— Que fazes? Aonde vais? Fica, fica! Eu quero ir só — exclamou ele, dirigindo-se para a porta. — Que necessidade tenho eu de levar alguém — resmungou ao sair.

Sônia não insistiu. Ele nem lhe disse adeus, esquecera-se dela. Uma única ideia o tomava naquele instante.

“Está então tudo acabado? Já não há meio de voltar atrás, de arranjar tudo... e não ir lá?”, dizia consigo ao descer a escada.

No entanto continuou seu caminho, vendo de súbito que a hora das hesitações passara. Na rua lembrou-se de que não tinha dito adeus a Sônia, que ela parara no meio do quarto, que as suas palavras a tinham chumbado ao chão. E então dirigiu a si próprio outra pergunta, que minutos antes lhe viera ao espírito sem se formular nitidamente:

“Para que lhe fiz esta visita? Para lhe dizer que ‘vou para lá’? Para dizer que a amo? Agora mesmo acabo de repeli-la. Quanto à cruz, que necessidade tinha eu dela? A que baixeza cheguei! Não; do que eu precisava era das suas lágrimas; o que eu queria era partir-lhe o coração! E talvez também o que procurei, indo vê-la, foi ganhar tempo, retardar um pouco a hora fatal! E sonhei com altos destinos, julguei-me chamado a fazer grandes coisas, eu, tão *vil*, tão miserável, tão covarde!” Caminhava ao longo do cais e não tinha de ir mais longe; mas quando chegou à ponte, parou um momento, e depois seguiu para o Mercado do Feno.

Seus olhares dirigiam-se avidamente para a direita e para a esquerda, fazia esforços para examinar cada objeto que via e não podia concentrar a atenção em nada. “Daqui a oito dias, um mês”, pensava, “tornarei a passar por aqui; um carro de prisioneiros me conduzirá para qualquer parte. Com que olhos verei então este canal? Ainda repararei naquela tabuleta? Leio nela a palavra companhia; ainda a lerei como agora? Quais serão as minhas sensações e os meus pensamentos?... Meu Deus, como todas essas coisas são mesquinhas!

“Pareço um menino, faço pose para mim próprio; e, afinal, por que hei de corar dos meus pensamentos? Eia! Que multidão! Este gorducho — provavelmente alemão — que me empurrou, pensa lá em quem tocou com o cotovelo? E esta mulher, que traz uma criança pela mão e pede esmola, provavelmente julga-me mais feliz do que ela... Tem graça! Eu devia dar-lhe alguma coisa pela singularidade do fato. Hein? Por acaso terei cinco copeques no bolso? Bem, toma lá *matovelka*!”

— Que Deus te conserve! — disse a mendiga em tom piedoso.

O Mercado do Feno estava cheio de gente. Esse fato desagradou muito a Raskólnikov; todavia, dirigiu-se precisamente para o lado em que a multidão era mais intensa. Teria comprado a solidão por qualquer preço, mas sentiu que não poderia gozá-la. Tendo chegado ao meio da praça, lembrou-se das palavras de Sônia: “Corre à rua, saúda o povo, beija a terra que manchaste com o teu pecado e dize bem alto, à face do mundo: ‘Eu sou um assassino!’”

A essa lembrança estremeceu sem querer.

As angústias dos dias passados tinham-no de tal modo transformado, que se julgou feliz por sentir-se ainda acessível a esta sensação a que se abandonou.

Sentiu-se invadido por uma onda de ternura e dos olhos caíram-lhe lágrimas.

Pôs-se de joelhos no meio da praça, curvou-se até o chão e beijou o solo enlameado.

Depois, ajoelhou-se novamente.

— Aqui está um que não se poupou! — disse alguém a seu lado.

Esta frase foi acolhida com gargalhadas.

— É um peregrino que vai a Jerusalém, meus amigos; despede-se dos filhos e da pátria; saúda toda a gente e dá o beijo de despedida a São

Petersburgo, à capital — acrescentou um burguês meio bêbado.

— E ainda novo — disse um outro.

— E é nobre — observou alguém, seriamente.

— Atualmente já não se distinguem os nobres.

Vendo que era objeto da atenção geral, Raskólnikov perdeu um pouco a serenidade, e as palavras “Eu assassinei”, quase a sair-lhe da boca, expiraram nos seus lábios. Aliás, as exclamações, os *lazzi* da multidão, deixaram-no indiferente, e foi com a maior placidez que se dirigiu para o comissariado de polícia. No caminho, só uma visão atraía seus olhares, é certo que contava encontrá-la e não se admirou de vê-la.

No momento em que no Mercado do Feno acabava de se prostrar pela segunda vez, avistara Sônia. Ela tentara escapar à sua vista, escondendo-se atrás de uma barraca de madeira. De modo que ela seguia-o enquanto ele subia o seu calvário!

Desde esse instante ele teve a certeza de que Sônia lhe pertencia para sempre, o seguiria por toda parte, ainda que seu destino o levasse ao fim do mundo.

Chegou enfim ao lugar fatal. Entrou no pátio com passo bastante firme. O comissariado era no terceiro andar do prédio.

Como por ocasião da sua primeira visita, a escada estava cheia de imundícies, empestada de exalações das cozinhas abertas para cada patamar.

As pernas enfraqueciam-se-lhe enquanto ia subindo.

Parou um instante para tomar fôlego e preparar a entrada. “Mas para quê?”, perguntou de repente a si próprio. “Visto que é preciso esgotar este cálice, que importa o modo de o beber? Quanto mais amargo, melhor.” Depois lembrou-se de Iliá Pietróvitch, o tenente Pólvora. “De fato é com ele que *vou* falar? Não poderia dirigir-me a outro, a Nikodim Fomitch, por exemplo? Se fosse agora procurar o comissário de polícia em casa e lhe contasse tudo. Não, não! Falarei com Pólvora, acaba-se mais depressa com isto...”

Tremendo, sem ter bem consciência de si próprio, Raskólnikov abriu a porta. Dessa vez só encontrou na antecâmara um *dvornik* e um homem do povo. O contínuo nem deu por ele. O jovem dirigiu-se à sala seguinte, onde trabalhavam dois escreventes. Nem Zametov nem Nikodim Fomitch estavam ali.

— Não há ninguém? — perguntou a um dos empregados.

— Quem o senhor procura?

— A... a... ah! — Sem lhe ouvir as palavras, sem lhe ver a cara, adivinhei a presença de um russo... como se diz não sei em que conto...

— Os meus respeitos! — disse logo uma voz conhecida.

Raskólnikov estremeceu: o Pólvora estava diante dele; acabava de sair de uma outra sala. “O destino assim o quis”, pensou ele.

— O senhor por aqui?! Que motivo... — exclamou Iliá Pietróvitch, que parecia estar de bom humor e até um tanto alegre. Se vem tratar de alguma coisa, ainda é muito cedo.²¹ Estou aqui por acaso... Ademais, em que posso eu... Confesso que não o... Como? Como? Peço perdão...

— Raskólnikov.

— Ah, sim, Raskólnikov! O senhor julgou que eu me esquecera! Peço-lhe que não me julgue tão... Ródion... Ró... Rodionitch, não?

— Ródion Românovitch.

— Sim, sim, sim! Ródion Românovitch! Tinha o nome na ponta da língua. Confesso-lhe que lamento o modo com que procedemos com o senhor outro dia... Mais tarde explicaram-me; soube que o senhor era um jovem escritor, um sábio mesmo... soube que estreara na carreira das letras... Eh, meu Deus! Qual é o literato, qual é o sábio que nos seus princípios não teve mais ou menos a vida de boêmio? Minha mulher e eu adoramos a literatura, mas minha mulher, então!... É doida pelas letras e pela arte!... Salvo o nascimento, tudo o mais se pode adquirir com talento, o saber, a inteligência, o gênio! Que significa, por exemplo, um chapéu? Posso ir comprar um no Zimmerman; mas o que se abriga sob o chapéu, isso é que eu não compro em parte alguma! Confesso que queria até ir visitá-lo para lhe dar explicações, mas pensei que talvez o senhor mesmo... Parece que sua família está agora em São Petersburgo?

— Sim, minha mãe e minha irmã.

— Eu já tive a honra e o prazer de ver sua irmã — é uma senhorita encantadora e distinta. Realmente, deploro que há tempos altercássemos daquele jeito. Quanto às conjeturas sobre o seu desmaio, depois reconheceu-se a falsidade delas. Compreendo a indignação que o senhor sentiu. Agora, como sua família veio para São Petersburgo, vai mudar de casa?

— Não, por ora, não. Eu vinha procurar... Julgava encontrar Zametov.

— Mas Zametov não está mais aqui. Deixou-nos ontem; houve até, antes da sua partida, troca de palavras azedas entre ele e nós... É um pobre-diabo, nada mais; dava esperanças, mas teve a desgraça de frequentar certa sociedade brilhante e meteu-se-lhe na cabeça fazer exames para poder fingir-se sábio. Isto é, Zametov não tem nada de comum com o senhor, por exemplo, ou com o senhor Razumíkhin, seu amigo. Os senhores abraçaram a ciência e os reveses não os fizeram abandoná-la. Para os senhores, o conforto da vida *nihil est* tem tido a existência austera, ascética, do homem de estudo. Um livro, uma pena, uma indagação científica a fazer; isso lhe basta para a felicidade! Eu próprio, até um certo ponto... O senhor leu a correspondência de Livingstone?

— Não.

— Eu li. Aliás, o número de niilistas aumentou agora, o que não é de admirar numa época como a nossa. Aqui entre nós... o senhor não é niilista? Responda francamente, francamente!

— Não.

— Não receie ser franco comigo, como o seria consigo mesmo! Uma coisa é o serviço, outra coisa... o senhor julga que eu ia dizer *amizade*? Enganou-se, amizade, não, mas o sentimento da humanidade e do amor a Deus. Eu posso ser uma personagem oficial, um funcionário; nem por isso deixo de ser um homem, um cidadão. O senhor falava de Zametov; pois bem, Zametov é um rapaz que copia o *chie* francês, que faz chinfrim nas casas duvidosas, mal bebe um copo de champanhe ou de vinho do Don — aí está o que é o Zametov! Fui talvez um pouco severo com ele; mas se minha cólera me levou muito longe, nem por isso deixava de obedecer a um sentimento elevado: o zelo pelo serviço. Aliás, tenho um emprego, importância social! Sou casado, pai de família. Cumpro meu dever de homem e de cidadão, enquanto ele... Que é ele, consinta que lhe pergunte? Diriço-me ao senhor como um homem ilustre... Aí tem, as parteiras multiplicaram-se também de um modo extraordinário.

Raskólnikov olhou aturdido para o tenente. As palavras de Iliá Pietróvitch, que evidentemente acabara de jantar, ressoavam-lhe aos ouvidos vazias de sentido. Todavia, melhor ou pior, compreendia algumas. Naquele momento interrogava-o com os olhos e não sabia como tudo aquilo acabaria.

— Refiro-me a essas moças que usam o cabelo cortado à Tito — continuou. — Chamo-as parteiras e o nome parece-me bem achado. Eh! Médicas, mulheres que estudam anatomia! Ora, diga-me, se eu adoecer, hei de tratar-me com uma moça? Eh!, eh!

Iliá Pietróvitch pôs-se a rir, deliciado, com o seu espírito.

— Compreendo que todo mundo tenha vontade de se instruir; mas não pode haver instrução sem se cair nesses excessos? Por que é preciso ser insolente? Para que é preciso insultar os homens respeitáveis, como esse mariola do Zametov? Por que ele me injuriou? Outra epidemia que faz terríveis progressos é a do suicídio. Comem tudo quanto têm e depois matam-se! Velhos, rapazolas, meninas, passam-se desta para melhor!... Ainda há pouco soubemos que um tal, chegado agora, acabava de pôr termo à vida. Nil Palvitch, eh! Nil Palvitch! Como se chamava o sujeito que deu um tiro na cabeça na Petersburgskaia?

— Svidrigailov — respondeu com voz rouca alguém que se achava na sala ao lado.

Raskólnikov estremeceu.

— Svidrigailov! Svidrigailov deu um tiro na cabeça?! — exclamou.

— Como! O senhor conhecia-o?

— Conhecia... Chegara há pouco tempo...

— Efetivamente, tinha chegado há pouco. Enviuvara. Era debochado. Matou-se com um tiro de revólver em condições escandalosas. Encontrou-se com ele uma carteira onde escrevera algumas palavras: “Morro em plena posse das minhas faculdades intelectuais; não acusem ninguém da minha morte...” Esse homem parece que tinha fortuna. De onde o conhecia?

— Sim... conhecia-o pessoalmente... minha irmã foi governanta da família dele.

— Bem!... Mas então o senhor pode prestar informações. Desconfiava de sua intenção?

— Vi-o ontem... estava bebendo champanhe... não desconfiei de nada.

Raskólnikov sentia como que uma montanha sobre o peito.

— Aí está o senhor a empalidecer, se não me engano o ar desta casa está sufocante...

— Sim, é tempo de ir-me embora — balbuciou ele. — Peço desculpa por tê-lo incomodado...

— Ora essa, estou sempre a seu dispor! O senhor deu-me muito prazer e tenho gosto em declarar...

Pronunciando estas palavras, Iliá Pietróvitch estendeu a mão ao jovem.

— Eu queria somente... Vim ver Zametov.

— Compreendo, compreendo, encantado pela sua visita...

— Eu... também... até outra vez — disse Raskólnikov com um sorriso.

Saiu vacilando. A cabeça girava. Mal se podia ter de pé, e ao descer a escada foi forçado a apoiar-se à parede para não cair. Pareceu-lhe que um *dvornik*, que ia para o comissariado, o acotovelara ao passar, que um cão ladrava no primeiro andar e que uma mulher gritava para fazer calar o cão. Atravessou o pátio. De pé, não longe da porta, Sônia, pálida, contemplava-o com um ar estranho. Parou em frente dela. A moça bateu com as mãos uma na outra; seu rosto exprimia terrível desespero. Atentando nisso Raskólnikov sorriu, mas com que sorriso! Um instante depois entrava novamente no comissariado de polícia.

Iliá Pietróvitch estava em frente à mesa. Junto dele, de pé, o mesmo mujique que pouco antes, na escada, o acotovelara.

— Ah! o senhor outra vez! Esqueceu alguma coisa? Mas que tem?

Com os lábios descorados, o olhar fixo, Raskólnikov adiantou-se lentamente para Iliá Pietróvitch. Apoiando a mão na mesa ante a qual estava sentado o tenente, quis falar mas só pôde proferir sons vagos.

— O senhor não está bem; uma cadeira! Sente-se! Água!

Raskólnikov deixou-se cair na cadeira que lhe ofereciam, sem deixar de fixar Pietróvitch, cujo rosto exprimia grande surpresa.

Durante um minuto olharam-se em silêncio.

Trouxeram água.

— Fui eu... — começou Raskólnikov.

— Beba.

Ele repeliu com um gesto o copo e, em voz baixa, mas distinta, fez, interrompendo-se por vezes, a seguinte declaração:

— *Fui eu que assassinei a golpes de machado, para roubar, a velha adeleira e sua irmã Isabel.*

Iliá Pietróvitch ficou boquiaberto.

Acudiu gente de todos os lados.

Raskólnikov renovou as declarações.

EPÍLOGO

I

A Sibéria.

À margem de um rio largo e deserto ergue-se uma cidade, que é um dos centros oficiais da Rússia. Na cidade existe uma fortaleza e na fortaleza uma prisão. Na prisão está há nove meses Ródion Românovitch Raskólnikov, condenado a trabalhos forçados. Perto de 18 meses passaram desde o dia em que cometeu o crime.

Na formação do processo não houve embaraços. O culpado renovou as declarações com nitidez e precisão, sem torcer as circunstâncias, sem lhes amenizar o horror, sem fugir aos fatos, sem esquecer os menores detalhes. Fez uma narração completa: desvendou o caso do objeto visto nas mãos da velha (lembra-se de que era um pedaço de madeira preso a uma lâmina?); contou como tirara as chaves do bolso da vítima, descreveu essas chaves e o cofre e indicou o que vira; explicou a morte de Isabel; contou como Kokh batera na porta, como depois dele viera um estudante; referiu a conversa entre os dois; como, depois, ele correria para a escada, ouvira os gritos de Micolai e Mitka, escondera-se no quarto vazio e voltara para casa. Afinal, quanto aos objetos roubados, disse que os escondera sob uma pedra, num pátio que dava para a rua Voznesênski, e lá foram encontrados. Enfim, fez-se luz sobre tudo. O que, entre outras coisas, surpreendia os juízes era que, em vez de aproveitar o roubo, ele fosse escondê-lo; e ainda menos compreendiam que não só não lembrasse de todos os objetos roubados, mas que até se enganasse no número.

Ademais, achava-se incrível que não tivesse aberto a bolsa uma só vez e ignorasse o que continha. (Eram 317 rublos e três moedas de vinte copeques; por causa da umidade as notas estavam deterioradas.) Durante muito tempo deu-lhes o que pensar por que razão nesse único ponto o acusado mentia, ao passo que sobre o resto dizia a verdade. Por fim alguns

(especialmente os psicólogos) admitiram a possibilidade de ele não ter aberto a bolsa e de se ter, portanto, livrado dela sem saber o que continha; mas disso concluíram que o próprio crime fora cometido sob influência de loucura. O culpado, disseram, cedera à monomania do assassinio e do roubo, sem objetivo fixo, sem cálculo. Era uma ocasião de proclamar a teoria nova da alienação temporária; teoria com a qual se procura hoje explicar os crimes de certos homens. Além disso, a doença hipocondríaca de que Raskólnikov sofria era atestada por muitas testemunhas: o doutor Zózimov, antigos camaradas do réu, a sua hospedeira, os criados. Tudo isso fazia crer que Raskólnikov não era um assassino vulgar. Com grande espanto dos próprios partidários da opinião, ele não tentou defender-se; interrogado sobre os motivos, declarou com franqueza brutal que fora levado pela miséria: esperava, disse, encontrar em casa da vítima ao menos três mil rublos e contava com isso garantir seu começo de vida. Seu caráter, leviano e baixo, exasperado pelas privações, fizera dele um assassino. Quando lhe perguntaram por que fora entregar-se, respondeu que representara a comédia do arrependimento. Tudo isso foi dito com cinismo...

Todavia a sentença foi menos severa de que se presumia, em atenção ao crime; foi talvez favorável ao acusado o fato de, em vez de pretender desculpar-se, mostrar-se antes empenhado em acusar-se. Todas as particularidades do caso foram levadas em consideração.

O estado de doença e de pobreza em que se encontrava o réu antes do crime não podia oferecer dúvida nenhuma.

Como não se serviu do roubo, supôs-se que ou o remorso o impedira disso, ou que as suas faculdades mentais estavam variando quando praticou o crime. A morte, não premeditada, de Isabel, deu também um argumento em apoio desta última ideia; um homem pratica dois assassinios e esquece-se de que a porta está aberta! Enfim, ele fora entregar-se, e isso justamente no momento em que as falsas confissões de um fanático (Micolai) acabavam de desnortear a instrução; na ocasião em que a justiça estava longe de conhecer o verdadeiro culpado (Porfirio Petróvitch cumpriu religiosamente sua palavra); todos esses fatos contribuíram para moderar a severidade da pena.

Por outro lado, os debates puseram em evidência fatos honrosos para o réu. Uns documentos apresentados pelo estudante Razumíkhin provavam que, na universidade, Raskólnikov tinha repartido seus poucos recursos,

durante seis meses, com um colega pobre, doente, que morrera, deixando na penúria o pai enfermo, de quem era, desde os 13 anos, o único amparo; Raskólnikov fizera o velho entrar numa casa de saúde e depois pagara as despesas do enterro.

O testemunho da viúva Zarnitzine foi também muito favorável. Declarou que na época em que morava nos Cinco Cantos com o seu inquilino, tendo havido um incêndio numa casa, à noite, ele arriscara a vida, salvando duas criancinhas; e que ficara até gravemente ferido ao praticar esse ato. Fez-se um inquérito relativamente a esse fato e numerosas testemunhas certificaram sua exatidão. Enfim, o tribunal, atendendo às confissões do réu, bem como aos seus bons antecedentes, condenou-o apenas a oito anos de trabalhos forçados.

Logo ao começar os debates, a mãe de Raskólnikov adoeceu. Dúnia e Razumíkhin acharam um meio de afastá-la de São Petersburgo durante o processo. Razumíkhin escolheu uma cidade onde passava a estrada de ferro e situada a pequena distância da capital; nessas condições podia seguir as audiências e ver bastantes vezes Avdótia Romanovna.

A doença de Pulquéria Alexandrovna era uma afecção nervosa com desarranjo das faculdades mentais.

Quando voltou para casa, depois da última entrevista com o irmão, Dúnia encontrara a mãe bem doente, febril, delirando. Nessa mesma noite combinou com Razumíkhin as respostas a dar quando Pulquéria Alexandrovna pedisse notícias do filho: inventaram uma história, em que Raskólnikov fora enviado para muito longe, para os confins da Rússia, com uma missão que devia trazer-lhe honra e proveitos. Mas para grande surpresa deles, a pobre mulher nunca os interrogou sobre isso.

Ela própria inventara um romance para explicar o desaparecimento do filho; contava, chorando, a visita de despedida que ele lhe fizera, dando a entender que conhecia muitas coisas misteriosas e graves: Ródion era obrigado a esconder-se porque tinha inimigos poderosos; ademais, ela não duvidava que o futuro deles fosse brilhante, logo que fossem removidas certas dificuldades; assegurava a Razumíkhin que, com o correr do tempo, seu filho seria um homem eminente; tinha a prova disso no artigo que ele escrevera, o qual denunciava um talento notável.

Esse artigo lia-o ela sempre, às vezes em voz alta; quase se podia dizer que dormia com ele; e, no entanto, não perguntava onde estava Ródia,

apesar do cuidado que havia em evitar o assunto, o que lhe devia causar suspeita.

O silêncio singular de Pulquéria Alexandrovna sobre alguns pontos acabou por inquietar Avdótia Romanovna e Razumíkhin.

Por exemplo: ela não se queixava de o filho não lhe escrever, quando outrora esperava sempre com impaciência as cartas do seu querido Ródia.

Esta última circunstância era de tal forma inexplicável que Dúnia começou a angustiar-se.

Veio-lhe à ideia que sua mãe pressentia uma desgraça terrível sucedida a Ródia e que não ousava interrogá-los com receio de saber alguma coisa ainda pior.

Em todo caso, Dúnia percebia que a mãe tinha o cérebro alterado. Ela própria, porém, por duas vezes dirigiu a conversa de tal maneira que foi impossível responder-lhe sem lhe dizer onde se achava Ródia. Em seguida às respostas embaraçadas que lhe deram, caiu numa profunda tristeza; durante muito tempo viram-na sombria e taciturna.

Dúnia reconheceu, enfim, que as mentiras não surtiavam efeito e o melhor era fazer silêncio absoluto; mas cada vez se lhe tornou mais evidente que a mãe suspeitava o que quer que fosse de horrível. Dúnia sabia especialmente — tinha-lhe dito o irmão — que a mãe a ouvira falar sonhando na noite posterior à sua entrevista com Svidrigailov; as palavras que lhe haviam escapado durante o delírio não teriam projetado uma luz sinistra no espírito da pobre senhora?

Depois de dias e semanas de um mutismo sombrio e lágrimas silenciosas, produzia-se às vezes na doente uma espécie de acesso histérico. Punha-se de repente a falar alto do filho, das suas esperanças, do seu futuro...

A sentença foi dada cinco meses após a confissão feita pelo criminoso. Logo que possível, Razumíkhin foi vê-lo na prisão. Sônia também. Chegou enfim o momento da partida. Dúnia e Razumíkhin juraram a Ródion que aquela separação não seria eterna. Dmitri Prokófitch tinha um projeto firmemente resolvido no seu espírito: juntariam algum dinheiro durante três ou quatro anos, depois partiriam para a Sibéria, país onde as riquezas só esperam capitais e braços para serem exploradas; estabelecer-se-iam no lugar onde Ródia estivesse, e recomeçariam uma vida nova. Todos choraram à despedida. Havia alguns dias Raskólnikov mostrava-se

bastante inquieto, multiplicava as perguntas sobre a mãe, pedia notícias dela constantemente. Essa excessiva preocupação afligia Dúnia. Quando lhe falaram claramente sobre o estado de Pulquéria Alexandrovna, ficou extremamente taciturno.

No momento do último adeus o condenado teve um sorriso estranho, ouvindo sua irmã e Razumíkhin falaram-lhe do futuro próspero que se abriria para eles depois da sua saída da prisão; ele previa que a doença da mãe não tardaria a matá-la. Enfim, Raskólnikov e Sônia partiram.

Dois meses depois, Dunetchka casou com Razumíkhin. Foi uma boda modesta e triste. Entre os convidados estavam Porfírio Petróvitch e Zózimov. Havia algum tempo que Razumíkhin se transformara. Dúnia acreditava que ele poria em execução todos os seus projetos e não podia deixar de acreditar porque lhe conhecia a vontade forte. Dmitri começou reingressando na universidade para terminar o curso. Os dois esposos falavam sempre de planos de futuro, tinham ambos a firme intenção de partir para a Sibéria dentro de cinco anos. Enquanto não iam, contavam com Sônia para os substituir lá...

Pulquéria Alexandrovna deu com prazer a mão de sua filha a Razumíkhin; mas, depois do casamento, pareceu ficar ainda mais inquieta e triste. Para lhe dar alguns momentos agradáveis, Razumíkhin contou-lhe a bela ação de Raskólnikov relativa ao estudante e o seu velho pai; contou-lhe também como, no ano anterior, Ródia expusera a vida para salvar duas crianças num incêndio. Essas narrativas exaltaram até o mais alto grau o espírito já perturbado de Pulquéria Alexandrovna. Não falava de outra coisa, na rua mesmo contava esses casos aos transeuntes (apesar de Dúnia acompanhá-la sempre). Nos carros, nas lojas, em toda parte onde encontrava um ouvinte benévolo, referia-se logo ao filho, à bondade do filho para com um estudante, a corajosa dedicação de que seu filho dera prova num incêndio etc. Dunetchka não sabia como fazê-la calar-se. Aquela excitação doentia tinha os seus perigos; além de esgotar as forças da pobre mulher, podia dar-se o caso de alguém ouvindo nomear Raskólnikov, vir a falar no processo. Pulquéria Alexandrovna conseguiu até indagar o endereço da mulher cujos filhos tinham sido salvos por Ródion e quis ir vê-la. Por fim sua agitação atingiu os últimos limites. Às vezes desfazia-se em lágrimas, tinha acessos febris durante os quais delirava.

Uma manhã declarou que, pelos seus cálculos, Ródia devia estar de volta, porque, quando ele lhe dissera adeus, tinha dito que voltaria daí a nove meses. Começou, pois, a preparar tudo prevendo a próxima vinda do filho, destinando-lhe seu próprio quarto; pôs-se a arranjá-lo: espanou os móveis, lavou o soalho, substituiu as cortinas etc. Dúnia, muito aflita, não dizia nada, e até ajudava a mãe nesse trabalho.

Após um dia todo de visões loucas, de sonhos felizes e de lágrimas, Pulquéria Alexandrovna foi atacada de febre. Quinze dias depois morreu. Algumas palavras pronunciadas em delírio deram a entender que ela adivinhara quase inteiramente o terrível segredo, que se tinham esforçado por lhe ocultar.

Raskólnikov ignorou por muito tempo a morte de sua mãe, embora desde sua chegada à Sibéria recebesse sempre notícias da família por intermédio de Sônia. Todos os meses ela escrevia uma carta a Razumíkhin e todos os meses lhe respondiam. No princípio as cartas de Sônia pareciam a Dúnia e a Razumíkhin um pouco secas; mas depois ambos compreenderam que era impossível escrevê-las melhor, visto que eles encontravam nelas os dados mais completos e mais precisos sobre a situação de seu desgraçado Ródia. Sônia descrevia de uma maneira muito simples e muito clara toda a vida de Raskólnikov na prisão. Não falava das suas primeiras esperanças, nem das suas ideias quanto ao futuro, nem dos seus sentimentos pessoais. Em vez de explicar o estado moral, a vida interior do condenado, limitava-se a citar fatos, isto é, as próprias palavras ditas por ele; dava notícias de Raskólnikov, dizia que desejos ele manifestava, que perguntas fizera, do que a tinha encarregado nas suas entrevistas etc.

Mas essas indicações, por muito amplas que fossem, não eram nos primeiros tempos muito consoladoras.

Dúnia e o marido viam pelas cartas de Sônia que o irmão se conservava sombrio; quando ela lhe comunicava as notícias recebidas de São Petersburgo, ele quase nem dava atenção; às vezes pedia informações sobre a mãe, e, quando Sônia, vendo que ele entrevira a verdade, lhe tinha enfim anunciado a morte de Pulquéria Alexandrovna, notara, com surpresa, que ele ficara impassível.

“Embora pareça estranho a tudo quanto o cerca”, escrevia Sônia, “encara francamente sua vida nova, compreende bem a situação, não espera nada melhor, não se embala com esperanças frívolas, nem sucumbe

neste meio que difere tanto do antigo... Seu estado de saúde é bom. Vai para o trabalho sem repugnância. É quase indiferente à alimentação, mas, salvo no domingo e nos dias de festa, ela é tão má que Ródion aceitou de mim algum dinheiro para ter chá todos os dias. Quanto ao resto, pede-me que não me inquiete, porque não gosta que se ocupem dele”.

“Na prisão”, dizia outra carta, “vive em comum com os outros; eu não visitei a fortaleza, mas tenho razões para pensar que lá se vive muito mal. Ródion dorme num leito de campanha com um lençol de feltro e não quer outro. Se recusa tudo o que poderia tornar-lhe a vida material menos má, não é por princípios, ou em virtude de premeditação, mas somente por indiferença”.

Sônia confessava que, no princípio, as visitas, em vez de darem prazer, lhe causavam uma espécie de irritação: só saía da mudez para dizer grosserias. Mais tarde, é verdade, essas entrevistas tornaram-se para ele um hábito, quase que uma necessidade, a tal ponto que ficara muito triste quando uma indisposição de alguns dias obrigou Sônia a interromper as visitas.

Nos dias santificados, viam-se ou à porta da prisão ou na casa da guarda, onde levavam por alguns minutos o prisioneiro quando ela o mandava chamar; nos dias úteis, ela ia vê-lo no trabalho; nas oficinas, nos fornos, nos telheiros às margens do Irtch.

Quanto a ela, Sônia dizia que fizera relações, que vivia da costura e que, não tendo na cidade nenhuma modista, arranjava razoável clientela. O que ela não dizia é que tinha pedido proteção para Raskólnikov; que, graças a ela, o prisioneiro fora dispensado dos trabalhos mais grosseiros etc.

Por fim, Razumíkhin e Dúnia souberam que Raskólnikov evitava todo mundo, que seus companheiros não o estimavam, que ficava calado dias inteiros e estava abatido.

Dúnia já notara certa inquietação nas últimas cartas de Sônia. Subitamente ela escreveu que ele caíra gravemente doente, tendo dado entrada no hospital da prisão...

Já há muito tempo que ele estava doente; mas o que lhe abatia as forças não eram os horrores da prisão, nem o trabalho, nem a alimentação, nem a vergonha de lhe raparem a cabeça a navalha e de vestir andrajos. Oh! Que lhe importavam essas atribulações, essas misérias? Ao contrário, tinha até satisfação em trabalhar: a fadiga física dava-lhe pelo menos algumas horas de sono tranquilo. E que significava para ele a alimentação — aquela má sopa de couves em que se encontravam baratas? Outrora, quando estudante, muitas vezes se daria por feliz se tivesse isso para comer. A roupa era quente e própria ao seu gênero de vida. Quanto aos grilhões, nem lhe, sentia o peso. Restava a humilhação de trazer a cabeça rapada e o vestuário de preso. Mas diante de quem podia ele corar? Diante de Sônia? Ela tinha medo dele; como podia corar diante dela?

Todavia, a vergonha constrangia-o mesmo para com a própria Sônia; era por isso que se mostrava grosseiro e desdenhoso. Mas essa vergonha não era nem dos grilhões nem da cabeça rapada; seu orgulho fora ferido cruelmente; e dessa ferida é que ele sofria. Oh! Como teria sido feliz se se pudesse acusar! Então suportaria tudo, até a vergonha e a desonra. Mas por mais que pensasse, sua consciência endurecida não encontrava no passado nenhuma falta horrorosa; só se arrependia de ter sido malsucedido, o que podia acontecer a todo mundo. O que o humilhava era ver-se, ele, Raskólnikov, perdido estupidamente, perdido sem remissão e ter de submeter-se, resignar-se, se quisesse encontrar um pouco de sossego.

Uma inquietação sem objetivo e sem fim no presente, um sacrifício contínuo no futuro — eis o que lhe restava na terra. Vão consolo para ele, pensar que dali a oito anos só teria 32 anos e que nessa idade poderia recomeçar a vida! Viver para quê? Viver por viver? Mas ele sempre estivera pronto a jogar a vida por uma ideia, uma esperança, até por uma fantasia. Fizera sempre pouco caso da vida pura e simples; quis sempre mais alguma coisa. Talvez a força dos seus desejos o fizera crer, outrora, que era desses homens a quem é permitido mais que aos outros.

Ainda se o destino lhe tivesse dado o arrependimento, o arrependimento que despedaça o coração, que tira o sono, o arrependimento cujos tormentos são tais que um homem se suicida para lhe escapar! Oh! Ele tê-lo-ia acolhido com alegria! Sofrer e chorar — ainda é viver. Mas ele não se arrependia do seu crime.

Ao menos poderia arrepender-se, como antes, pelas ações estúpidas e odiosas que o tinham levado à prisão. Mas agora, no isolamento do

cativeiro, refletia de novo sobre seu procedimento passado e já não o achava tão odioso nem tão estúpido.

“Em que consistia a minha ideia”, pensava ele, “mais estúpida que as outras ideias e teorias que se debatem desde que o mundo existe? Basta ver o caso de um ponto de vista amplo, independente, sem preconceitos, e então certamente essa ideia já não parecerá tão... singular. Ó vós que vos dizeis livres-pensadores, filósofos de cinco copeques, por que parais a meio caminho?”.

“E por que classificaís de vil o meu ato?”, perguntava a si próprio. “Por que é um crime? Que significa a palavra crime? A minha consciência está tranquila. Sem dúvida foi um ato ilegal, violei a letra da lei, derramei sangue; pois bem, enforcai-me... e acabou-se! Decerto, nesse caso, muitos dos benfeitores da humanidade, daqueles que não tiveram o poder por herança, mas que se apoderaram dele à força, deveriam ter sido supliciados. Mas esses foram até o fim e isso os justifica; enquanto que eu não prossegui. Por conseguinte, não tinha o direito de começar.”

Só reconhecia que andara mal numa coisa: em ter fraquejado; ter ido entregar-se.

Outro pensamento fazia-o sofrer também: por que não se matara? Por que preferira entregar-se à polícia, em vez de se jogar na água? Era tão difícil vencer o amor à vida? Todavia Svidrigailov triunfara em relação a ele!

Interrogava-se dolorosamente sobre isso, e não podia compreender que no próprio momento em que, junto do Neva, pensava no suicídio, pressentia talvez em si e nas suas convicções um erro profundo. Não compreendia que esse pressentimento podia conter em germe uma nova ideia de vida, que podia ser o início de uma revolução na sua existência, o primeiro sinal da sua ressurreição. Admitia apenas que tinha cedido por covardia, à força bruta do instinto.

O espetáculo que lhe davam os companheiros de prisão espantava-o. Como todos amavam a vida! Como a queriam! Parecia até a ele que esse sentimento era mais forte no prisioneiro do que no homem livre. Que horríveis sofrimentos suportavam alguns daqueles desgraçados, o vagabundo, por exemplo! Como se compreendia que tivessem tanto valor a seus olhos um raio de sol, uma floresta virgem, a fria primavera oculta em algum recanto invisível, que o vagabundo marcara três anos antes e aspirava revê-la como se fosse a própria namorada, sonhando com a verde

relva em torno e as aves cantando no bosque? E à medida que os observava atentamente, descobria fatos ainda mais inexplicáveis.

Na prisão, no meio em que estava, muitas coisas, sem dúvida, lhe escapavam; aliás, ele não queria fixar a atenção em nada. Vivia, por assim dizer, com os olhos meio fechados, achando insuportável olhar em volta. Mas, com o tempo, muitos fatos o impressionaram, e de certo modo e a seu pesar começou a notar o que a princípio nem tinha pensado. O que mais o espantava era o abismo espantoso, invencível, que existia entre ele e aquela gente. Dir-se-ia que ele e outros pertenciam a nações diferentes. Encaravam-se com desconfiança e hostilidade recíprocas. Ele sabia e compreendia as causas desse fenômeno, mas nunca até então as supusera tão fortes e tão profundas. Além dos criminosos de direito comum havia na fortaleza polacos condenados por crimes políticos. Estes consideravam os outros simples animais e desprezavam-nos; mas Raskólnikov não podia concordar com aquilo, pois observava que muitos pontos de vista esses animais eram muito mais inteligentes que os próprios polacos. Também havia russos lá — um antigo oficial e dois seminaristas, que desprezavam a plebe da prisão. Raskólnikov notou também o erro deles.

Quanto a ele, Ródion, não o estimavam; evitavam-no. Acabaram até por odiá-lo. Por quê? Ignorava-o. Malfeitores, cem vezes mais culpados que ele, desprezavam-no, escarneciam dele: seu crime era objeto de sarcasmos.

— Tu és um *bárine*! — diziam-lhe. — Não devias matar a golpes de machado: isso não é próprio de um *bárine*.

Na segunda semana da Quaresma teve de assistir aos officios religiosos com seus camaradas. Foi à igreja e rezou. Um dia, sem ele mesmo saber por que motivo, os companheiros fizeram-no passar um mau quarto de hora. Viu-se assaltado por eles.

— Tu és um ateu! Tu não crês em Deus! — gritavam furiosos. Matemo-lo!

Ele nunca lhes falara nem de Deus nem da religião, e no entanto eles queriam matá-lo como ateu. Não lhes respondeu. Um prisioneiro, no auge da fúria, lançava-se já sobre ele; Raskólnikov, sereno e silencioso, esperava-o sem pestanejar, sem que músculo algum do rosto se movesse. Um guarda lançou-se a tempo entre ele e o agressor — um instante mais tarde teria corrido sangue.

Havia ainda outra questão inexplicável para ele: por que todos estimavam tanto Sônia? Ela não procurava captar as boas graças de ninguém; eles poucas vezes tinham ocasiões de vê-la; só uma vez ou outra a viam, quando ia passar alguns instantes com ele. E, no entanto, todos a conheciam, não ignoravam que ela o seguira, sabiam como vivia e onde vivia. Sônia não lhes dava dinheiro nem lhes prestava serviços. Só uma vez, pelo Natal, levou um presente para toda a turma: bolos e *kalátchi*. Mas pouco a pouco entre eles e Sônia estabeleceram-se certas relações; ela escrevia-lhes as cartas para as famílias e punha-as no correio. Quando os parentes dos presos vinham à cidade, era nas mãos de Sônia que entregavam os objetos e até o dinheiro destinado a estes. As mulheres e as amantes dos presos conheciam-na e iam à casa dela. Quando visitava Raskólnikov, entre os camaradas, ou quando encontrava um grupo dirigindo-se para o trabalho, todos tiravam os bonés, todos se inclinavam: “*Matuchka*, Sófia Semenovna, tu és a nossa querida mãezinha!”, diziam os condenados à delicada criatura. Ela saudava-os sorrindo e todos ficavam contentes. Eles gostavam até da sua maneira de andar e voltavam-se para a seguirem com os olhos quando ela se ia. E que elogios lhe faziam! Até a louvavam por ser pequenina.

Raskólnikov esteve no hospital quase toda a Quaresma e a semana da Páscoa. Restabelecido, lembrou-se dos sonhos que tivera durante a doença. Parecia-lhe então ver o mundo assolado por um flagelo terrível e sem precedentes, que vindo, do fundo da Ásia, caíra sobre a Europa. Todos deviam morrer, salvo um reduzido número de privilegiados. Uns seres microscópicos, triquinas de nova espécie, introduziam-se nos corpos. Mas esses seres eram dotados de inteligência e vontade. Os indivíduos infectados ficavam logo doidos furiosos. Todavia, coisa singular, nunca os homens se julgavam tão sábios, tão seguros da verdade, como esses desgraçados. Nunca tinham tido mais confiança na infalibilidade dos seus juízos, na solidez das conclusões científicas e dos princípios morais. Aldeias, cidades, povos inteiros eram atacados pela moléstia e perdiam o juízo, não se compreendendo uns aos outros.

Cada qual julgava saber, ele só, a verdade inteira e, contemplando os outros, afligia-se, batia no peito, chorava e torcia as mãos. Ninguém se entendia sobre o bem e o mal nem sabia quem se havia de condenar ou absolver. Matavam-se uns aos outros levados por uma cólera absurda. Reuniam-se formando grandes exércitos, mas, começada a campanha, as

tropas dividiam-se, as fileiras rompiam-se, os guerreiros atiravam-se uns contra os outros, assassinavam-se e devoravam-se. Nas cidades tocava-se a rebate, todavia, mas por que e a que propósito? Ninguém sabia e todos andavam inquietos. Cada um propunha as suas ideias, as suas reformas e não havia acordo; a agricultura fora abandonada. Aqui e ali se reuniam vários grupos, combinavam uma ação comum, juravam não se separar — mas logo depois esqueciam-se da resolução tomada, começavam a acusar-se uns aos outros, a bater-se, a matar-se. Os incêndios e a fome completavam o triste quadro. Homens e coisas, tudo perecia. O flagelo estendia-se cada vez mais. No mundo só podiam salvar-se alguns homens puros, predestinados a refazer a humanidade, a renovar a vida e a purificar a terra; mas ninguém via esses homens; ninguém ouvia suas palavras e suas vozes.

Estes sonhos absurdos deixaram no seu espírito uma impressão dolorosa que levou muito tempo para se apagar. Veio a segunda semana da Páscoa. O tempo estava quente, sereno, verdadeiramente primaveril; abriram as janelas do hospital (janelas gradeadas sob as quais rondava uma sentinela). Durante toda a doença de Raskólnikov, Sônia só pudera fazer-lhe duas visitas; de cada vez era preciso pedir autorização, difícil de obter; mas muitas vezes, sobretudo à tardinha, ela ia ao pátio do hospital e, durante um minuto, ficava ali a olhar as janelas.

Uma tarde, o prisioneiro, já quase restabelecido, tinha adormecido; quando acordou, aproximou-se casualmente da janela e viu Sônia, que, de pé junto à porta do hospital, parecia esperar alguma coisa. Ao vê-la sentiu como que o coração pungido, estremeceu e afastou-se. No dia seguinte Sônia não veio, no outro também não; notou que a esperava com ansiedade. Quando voltou à prisão, os companheiros participaram-lhe que Sônia estava doente e não saía do quarto.

Ficou muito inquieto e mandou saber notícias dela. Soube logo que a doença não era grave. Sônia, sabendo-o tão preocupado, escreveu-lhe uma carta a lápis informando-o de que estava muito melhor, que tivera um ligeiro resfriado e não tardaria a ir vê-lo. Ao ler essa carta, o coração de Raskólnikov bateu com força.

Às seis horas da manhã foi trabalhar na margem do rio, onde se construía um forno sob um telheiro. Tinham sido mandados para lá apenas três operários. Um deles, seguido do guarda, foi buscar uma ferramenta na fortaleza, o outro começou a aquecer o forno. Raskólnikov saiu do

telheiro, sentou-se na barranca e pôs-se a contemplar o rio. Daquela margem elevada via-se extenso panorama. Ao longe, do outro lado do Irtych, cantavam canções cujo vago eco chegava aos ouvidos do prisioneiro. Na imensa estepe cheia de sol as barracas dos nômades pareciam pequenos pontos negros. Lá havia liberdade; lá viviam homens que não se pareciam com os daqui; lá parecia que o tempo não andava desde a época de Abraão e dos seus rebanhos. Raskólnikov devaneava, com os olhos fixos naquela visão; não pensava em coisa alguma, mas uma inquietação o trespassava.

De repente achou-se na presença de Sônia. Ela aproximara-se sem ruído e sentou-se a seu lado. O frio da manhã ainda se fazia sentir. Sônia trazia seu velho albornoz e o lenço verde. Ao chegar junto dele sorriu, mas, segundo o costume, foi com timidez que lhe estendeu a mão. Às vezes até não ousava estendê-la, como se receasse vê-la repelida. Ele parecia sempre apertá-la com repugnância, mostrando-se agastado quando ela chegava, algumas vezes, e não lhe dizia uma só palavra. Havia dias em que ela tremia diante dele e retirava-se aflita. Mas dessa vez suas mãos apertaram-se prolongadamente. Raskólnikov olhou para ela, não disse uma palavra e baixou os olhos. Estavam a sós, ninguém os via. O guarda afastara-se momentaneamente.

Subitamente, e sem que ele mesmo soubesse como, uma força invisível lançou-o aos pés da moça. Abraçou-lhe os joelhos, chorando. No primeiro momento ela ficou assustada e pálida. Levantou-se vivamente e a tremer olhou para Raskólnikov. Mas bastou-lhe esse olhar para compreender tudo. Uma felicidade imensa se via nos seus olhos radiantes; não podia já duvidar de que ele a amava com um amor infinito, finalmente...

Quiseram falar, mas não puderam. Tinham lágrimas nos olhos. Estavam ambos pálidos, mas no seu rosto brilhava já a luz de uma renovação, de um renascimento completo. O amor regenerava-os, o coração de um encerrava uma fonte de vida para o coração do outro.

Resolveram esperar. Tinham ainda sete anos de Sibéria; de que sofrimentos intoleráveis e de que doce felicidade devia ser preenchido para eles esse tempo! Mas ele tinha ressuscitado, sentia-o no seu ser, e Sônia — Sônia só vivia da vida de Raskólnikov.

À noite, depois de trancafiarem os prisioneiros, o jovem deitou-se e pensou nela. Parecia-lhe até que nesse dia todos os presos, os seus antigos

inimigos, o tinham olhado de outro modo. Fora ele o primeiro a falar-lhes e eles tinham-lhe respondido com amabilidade.

Pensava nela. Lembrava-se dos pesares que lhe dera constantemente; revia seu pequeno rosto pálido e magro. Mas agora essas lembranças eram apenas um remorso; reconhecia quanto a fizera sofrer, a ela, que o redimia por um amor enorme, eterno, ilimitado.

Sim, que importava todo o horror do passado? Naquela primeira alegria da volta à vida, tudo, até o seu crime, até a sua condenação e a sua ida para o degredo, tudo lhe parecia um fato exterior, estranho; parecia até duvidar que isso tivesse acontecido. Ademais, naquela noite estava incapaz de refletir muito tempo, de fixar o pensamento num objeto qualquer, de resolver um caso com segurança; só tinha sensações. A vida tinha substituído nele o raciocínio.

À cabeceira da cama havia uma Bíblia. Segurou-a maquinalmente. Aquele livro era de Sônia; fora naquele volume que ela lhe lera outrora a passagem da ressurreição de Lázaro.

No princípio de sua prisão, ele esperava uma perseguição religiosa por parte dela. Julgava que ela lhe atiraria sempre a Bíblia ao rosto. Mas, para grande surpresa sua, nem uma só vez ela fez mudar a conversa para esse assunto, nem uma só vez lhe oferecera o livro. Fora ele próprio que o pedira pouco antes da sua doença e ela levou-o sem dizer nada. Até então ele não o abrira.

Também não o abriu dessa vez, mas um pensamento atravessou seu espírito: “As suas convicções podem agora ser diferentes das minhas? Poderei ter acaso outros sentimentos, outras ideias que não sejam os dela?”

Durante esse dia, Sônia esteve também muito inquieta, mas estava tão alegre, e aquela felicidade era uma surpresa tão grande, que quase tinha medo. Sete anos, *somente sete anos!* Na embriaguez das primeiras horas, pouco faltou para que ambos sentissem esses anos como se fossem dias. Raskólnikov ignorava que a nova vida não lhe seria dada de graça teria de adquiri-la à força de longos e dolorosos sacrifícios.

Mas aqui começa uma segunda história, da lenta transformação de um homem, da sua regeneração, da sua passagem gradual de um mundo para outro, travando relações com uma nova e até agora completamente

desconhecida realidade. Podia ser o motivo de uma nova narração. A que quisemos oferecer ao leitor termina aqui.

- ¹ Paizinho.
- ² *Tchin (tchinóvinik)*: a classe dos funcionários.
- ³ Carteira de identidade amarela, fornecida às prostitutas.
- ⁴ Típica sopa russa de repolho.
- ⁵ Ruas laterais, travessas, becos.
- ⁶ Botequim.
- ⁷ Um metro e oitenta.
- ⁸ A emancipação dos escravos em 1861.
- ⁹ Senhor, cavalheiro.
- ¹⁰ Morram, cães, se não estão satisfeitos.
- ¹¹ Conselho Imperial de Guerra.
- ¹² Prato tradicional de arroz com mel.
- ¹³ Deus misericordioso!
- ¹⁴ Deslizem, deslizem... Passo basco! — tu tens diamantes e pérolas...
- ¹⁵ Tens os mais lindos olhos, donzela. Que mais queres?
- ¹⁶ Cem coelhos não valem um cavalo, cem conjecturas não fazem uma prova.
- ¹⁷ Amanhã será outro dia..
- ¹⁸ Errantes (membros de uma seita religiosa).
- ¹⁹ *Rázum*, em russo, significa razão, sentido, sabedoria. Razumíkhin é uma pessoa de sensatez, daí a ideia sugerida pelo nome desta personagem.
- ²⁰ Onde a virtude vai aninhar-se?
- ²¹ Dostoiévski esqueceu-se de que a cena se passara à tarde, portanto, devia dizer: já é muito tarde.





OS IRMÃOS KARAMÁZOV

Tradução Natália Nunes e Oscar Mendes

Introdução Otto Maria Carpeaux



SUMÁRIO

Introdução
Prefácio

PRIMEIRA PARTE

Livro I
História de uma família!
Livro II
Uma reunião intempestiva
Livro III
Os sensuais

SEGUNDA PARTE

Livro IV
Os tumultos
Livro V
Pró e contra

Livro VI
Um monge russo

TERCEIRA PARTE

Livro VII

Aliócha

Livro VIII

Mítia

Livro IX

O processo preparatório

QUARTA PARTE

Livro X

Morte de Iliúcha

Livro XI

Ivan Fiódorovitch

Livro XII

Um erro judiciário

Epílogo

INTRODUÇÃO

O REINO DOS KARAMÁZOV

Em dezembro de 1877 interrompeu Dostoiévski sua publicação periódica, *O diário de um escritor*, comunicando aos leitores o motivo de sua temporária desistência da atividade jornalística: pretendia escrever um novo romance.

O tema da obra, que por enquanto ainda não foi revelado, ocupara o escritor há vários anos: um grande crime. Desde os temas em que Dostoiévski tinha na Sibéria, na *Casa dos mortos*, seu primeiro contato com criminosos, aquele tema nunca deixou de fasciná-lo. Sua primeira grande obra, *Crime e castigo*, fora, pelo menos na aparência, um romance policial. A obra seguinte, *O idiota*, terminará com uma pavorosa cena de crime. O romance político *Os demônios* girara em torno de um crime perpetrado por conspiradores. Sempre se tratava de crimes de morte, de homicídios. Mas nunca, até então, ousara Dostoiévski encarar aquele crime de morte que mais o assustava ou mais o fascinava: o parricídio. Sabe-se que o pai do escritor foi assassinado por seus servos amotinados. Os psicanalistas que tentaram escrever a psicografia de Dostoiévski afirmam que a morte violenta do pai, embora pelas mãos de outros, tinha para o filho a significação de um desejo secreto satisfeito. Não quero discutir, aqui, essa tese porque ela não me parece capaz de ser comprovada. Fica o fato de que Dostoiévski, no ponto mais alto de suas faculdades literárias, resolveu dar o nome às coisas, escrevendo um romance em que um pai é morto pelo próprio filho. Mas, mesmo assim, a censura interior lhe impôs uma modificação disfarçadora: o parricida não seria um filho assim como o próprio Dostoiévski, mas um filho ilegítimo, um bastardo, um rejeitado. E nas primeiras notas e esboços de 1877 esse bastardo já tem o mesmo nome que terá o criminoso no romance *Os*

irmãos Karamázov: é chamado Smierdiákov, nome ligeiramente simbólico, pois *smert* significa, em russo, “morte”.

Naquelas primeiras notas, o velho Karamázov é um debochado que tiraniza e martiriza seu filho ilegítimo; e Smierdiákov vinga-se, matando o pai natural ou, antes, desnatural. Seria um enredo simples, retilíneo. Poderia satisfazer a desejos íntimos, subconscientes, do homem Dostoiévski. Mas seria insatisfatório para o escritor Dostoiévski, acostumado a escrever romances volumosos, panorâmicos, com uma multidão de personagens e com enredos complicados. Motivos externos encarregaram-se de fornecer a complexidade desejada. Naquele tempo morreu o filhinho do escritor. Dostoiévski caiu em profunda depressão. Foi sua mulher quem lhe aconselhou uma visita ao mosteiro de Optina Pustyn, naquela época muito procurado pelos russos de fé ortodoxa, porque ali vivia o velho frei Ambros, tido como santo e dotado de capacidades espirituais para consolar os deprimidos. Certamente esse monge é o modelo de *stáriets*, no romance. O encontro inspirou-lhe a ideia de dar ao assassino Smierdiákov um mais jovem irmão legítimo, Alieksiêi, ou Aliócha, discípulo do Santo, polo positivo da história. A história já começou a ficar mais complexa, pois Aliócha não seria o único irmão ilegítimo do criminoso.

No mosteiro de Optina Pustyn encontrou Dostoiévski seu amigo, o grande filósofo (e poeta) Soloviev. Foi a primeira pessoa à qual o escritor contou o enredo inteiro, pelo menos até o ponto até onde então elaborado. A ideia ainda era de um romance policial; mas nesse gênero de ficção precisa-se, ao lado do criminoso, de um inocente suspeito, que é falsamente acusado do crime cometido pelo outro. Realmente, Dostoiévski contou a Soloviev que o crime de Smierdiákov não teria sido logo descoberto porque um outro fora o suspeito: Dimítri, o mais velho filho legítimo do velho Fiódor Karamázov. Dimítri teria sido um homem nobre, de altos voos idealistas, mas de temperamento violento, assim como o pai, e apaixonado pela mesma mulher, Grúchenhka, que o velho também cortejava; quando, então, foi descoberta a morte do velho (pelas mãos de Smierdiákov), o primeiro suspeito seria Dimítri, por causa da rivalidade sexual com o pai; e a parte central do romance seria o processo contra Dimítri perante o tribunal do júri. O tribunal do júri era, então, instituição nova na Rússia. Pela primeira vez os processos criminais desenrolaram-se perante o público, inspirando muita curiosidade e interesse apaixonado. O

próprio Dostoiévski dedicou muitas páginas de *O diário de um escritor* a reportagens e comentários de processos perante o tribunal do júri, e um processo desses seria a parte central do novo romance.

Acontece que Dostoiévski não tinha inventado esse enredo, mas recordado. *Os irmãos Karamázov* passa-se numa cidade de província sem que fosse dado o nome. Nos primeiros esboços aparece o nome da cidade de Tobolsk. Foi natural de Tobolsk um certo Ilinski que Dostoiévski tinha encontrado na Sibéria, condenado à prisão perpétua por ter assassinado o pai. Mas no capítulo 7 da *Casa dos mortos* conta o escritor que Ilinski, homem de forte temperamento e natureza nobre, fora condenado à base de indícios falsos, que mais tarde se revelou sua inocência. Dimítri Karamázov parece-se muito com aquele Ilinski: é um russo típico (assim como Dostoiévski imaginava o tipo russo), violento mas generoso, apaixonado, mas idealista. Ele, muito mais que o anjinho Aliócha, é o polo oposto de Smierdiákov, encarnação de tudo que há de sórdido e perverso nas possibilidades da alma russa.

Nessa altura Smierdiákov já não servia, porém, como contrapeso de Dimítri. Dostoiévski, psicólogo penetrante, conhecedor dos abismos negros na alma dos idealistas e das capacidades de redenção na alma dos condenados, não podia satisfazer-se com um desenho em preto e branco: de um lado os bons e do outro lado os ruins. Sua autoconsciência lhe proibiu esse maniqueísmo simplista.

O antagonista do nobre idealista Dimítri também tinha de ser um nobre idealista, apenas com a diferença de que o idealismo desse outro não era tão inocente como o de Dimítri. Não seriam assim os intelectuais ateus e revolucionários, eles também idealistas, mas correspondendo à alma do povo russo? Assim nasceu no espírito do escritor o personagem do terceiro irmão Karamázov (ao lado de Dimítri e Aliócha): Ivan, o intelectual ateu. Ninguém o suspeitava do parricídio, porque lhe faltava a força de vontade e a energia para realizar seus pensamentos. Mas é ele quem dirige invisivelmente a mão de Smierdiákov, do assassino.

Agora está completo o elenco. Todos eles são russos típicos. Os irmãos, os três legítimos e o ilegítimo: Dimítri, o idealista tempestuoso; Ivan, o intelectual ensimesmado; Aliócha, o cristão esperançoso; e Smierdiákov, o popular corrompido. Representam os três caminhos possíveis para o futuro da Rússia. São os filhos autênticos do velho Fiódor

Karamázov, patriarcal, debochado, destinado a parecer o representante da Rússia antiga.

É uma família representativa. Representa a Rússia toda, que é “o reino dos Karamázov”.

Duvido que os russos, como um todo, jamais tinham se reconhecido nesse espelho. E tinham razão. Não se trata de realidade fotografada, mas, sim, de uma realidade criada e manipulada pela mão de um grande romancista. A um russo nunca ocorreria a ideia de escrever um tratado sobre a psicologia coletiva de sua nação, tomando como base *Os irmãos Karamázov*, o que não é, aliás, argumento contra a veracidade superior da obra. Muito diferente foi e é a impressão que o romance exerce nos leitores ocidentais. A obra enorme, com seus ambientes estranhos e com seus personagens que gritam, gesticulam e se exaltam e cujas reações imprevisíveis são tão diferentes das nossas, tudo isso fez e faz a impressão de exótico. É uma Rússia fantástica.

Não é uma impressão errada, pois a Rússia de *Os irmãos Karamázov* — obra de um homem de imaginação exaltada — é mesmo fantástica. Mas essa impressão impede a boa compreensão do romance que se apresenta, então, como coleção de casos patológicos num ambiente pitoresco. Devemos analisar o “reino dos Karamázov”. A análise por assim dizer geográfica desse reino com suas vastas estepes e florestas impenetráveis, pântanos, lagos, rios, aldeias, pequenas cidades e grandes metrópoles, essa análise dá resultado diferente. Em primeira linha, a hegemonia de sua população.

De *Os irmãos Karamázov* estão ausentes as minorias étnicas: os judeus e os poloneses, os tártaros e os letonianos e até os ucranianos. A cidade na qual se desenvolvem os acontecimentos fica situada algures, no coração da Rússia. A terra é preta, como em toda a parte na Rússia. As cúpulas das igrejas são bizantinas, como em toda a parte na Rússia. A multidão e a multiplicidade dos personagens também engana. Quando mais familiarizados com eles, também reconhecemos em todos eles o ar de família. Todas as classes, grupos e camadas estão representados. Faltam ao analista a burguesia urbana e o proletariado industrial, porque essas duas classes não existiam na Rússia semipatriarcal de 1880; em vez da burguesia, os comerciantes à antiga, semiorientais, e, em vez dos proletários, os ex-servos, os “mujiques”. Mas, no resto, os latifundiários e os camponeses, os burocratas e os intelectuais, os juízes e os oficiais, os

homens ricos e seus criados, os monges e os bêbedos, eles pertencem, todos eles, à família. O milagre é que, no entanto, não são tios, mas indivíduos bem caracterizados que dão, até, a impressão de excêntricos, de extravagantes. Quem sabe se são reais, se os havia assim na realidade; importa que parecem reais, acreditáveis. É o triunfo do realismo especificamente dostoievskiano. Com efeito, esse romance *Os irmãos Karamázov* é a síntese de todas as possibilidades da arte de Dostoiévski; é um romance policial psicológico, como *Crime e castigo*; é, quanto a Dimítri, a história de um idealista mal julgado, como *O idiota*; é, quanto a Ivan, o romance dos intelectuais ateus, como *Os demônios*; é, quanto a Aliócha, a história da formação de um novo, como *O adolescente*. Seria preciso realizar uma análise capítulo por capítulo e quase página por página para demonstrar como Dostoiévski, embora escrevendo com pressa de jornalista e embora inventando uma história de romance de cordel, procede como grande artista. Cito, apenas, três exemplos: que Aliócha, o personagem angelical, nunca aparece sozinho, o que afasta as possibilidades de autointrospecção e de dúvida; que o personagem de *stáriets*, situado acima dos outros, não se mistura com eles, mas é abrigado numa grande cesura do enredo; enfim, o suicídio de Smierdiákov, fato altamente inverossímil, mas necessário para impossibilitar a confissão de Ivan. Entre todas as aparências, Dostoiévski não é um indisciplinado gênero explosivo, mas um grande artista.

É por isso que empreguei a expressão: “realismo especificamente dostoievskiano”. Não é um realismo comparável ao de um Flaubert ou Verga ou Pérez Galdós; ou então, para escolher exemplos russos, não é realismo comparável ao de um Turgueniev, Gontcharov ou Tolstói. O autor de *Os irmãos Karamázov* não cria, como já se disse sobre Shakespeare, “nossa realidade outra vez”. Cria uma outra realidade especificamente sua, total, completa, que parece real porque não padece de contradições internas, assim como é real — mas diferente da nossa realidade — a geometria de quatro dimensões ou a lógica em que não vale o princípio da terceira solução excluída.

Tudo isso precisa ser dito para refutar velhos equívocos e demonstrar a grande arte do romancista Dostoiévski; não teria sentido comparar essa arte com a de um Stendhal ou Flaubert — “na casa do meu Pai há muitas mansões”, as dos realistas e outros. Mas o reconhecimento da arte de Dostoiévski tem graves consequências que ele próprio não teria admitido.

O realismo dos outros grandes romancistas citados tem a pretensão de inflamar-nos sobre nossa realidade. Exige ser tomado ao pé da letra. Pode ser tendencioso como o de Dickens ou Tolstói ou pode ser sem tendência reconhecível, como o de um Flaubert ou Verga. Pode ser quimérico, como em Stendhal, ou sociológico, como em Balzac, ou filosófico, como em Hardy, ou biológico, como em Zola. Mas sempre pretende dizer a verdade. Um realismo como o de Dostoiévski não informa. Não pode exigir que seja considerado como portador ou mensageiro de verdades. Acontece, porém, que Dostoiévski tinha justamente essa pretensão: de informar-nos e de dizer-nos verdades e de empregar, se lhe fosse possível, o poder material do czar da Rússia e as maldições da igreja ortodoxa para impor-nos suas pretensas verdades e submeter-nos a elas. A contradição entre a realidade criada e a mensagem manifesta é completa.

O romance *Os irmãos Karamázov* passa-se em dois níveis diferentes. Embaixo: a Rússia dos Karamázov, envolvida nas névoas da paixão sexual desenfreada, das bebedeiras e orgias, do crime mascarado, e da justiça cega, das filosofias subversivas e das visões satânicas; o diabo aparece em pessoa para conversar com Ivan, que por sua vez dirige a mão do parricida. Em cima: o convento, luminoso como um reflexo de glória celeste. Essa dicotomia representa a visão dostoiévskiana do futuro: o cristianismo salvará a Rússia; e a Rússia fará o cristianismo vencer no mundo. Eis a mensagem de Dostoiévski, que ele lança contra a mensagem escondida na filosofia de Ivan e de todos os Ivans, que esperam que a revolução salve a Rússia e que a Rússia salve o mundo. Por seu romance afirma Dostoiévski que a primeira tese, a sua, é evangélica e que outra é satânica. Mas não escapa à inteligência insubornável do escritor o fato de que as duas teses são no fundo idênticas: basta trocar um substantivo para transformar uma na outra. Nenhuma invenção novelística basta para demonstrar a realidade de uma das duas teses contraditórias e o irrealismo da outra. Eis o resultado desastroso da tentativa de usar uma visão do mundo, de realismo, para querer proclamar uma verdade metafísica. O próprio Dostoiévski percebeu a contradição entre sua arte e sua mensagem. Prova disso é o fato de que o escritor saiu dos moldes de seu realismo, embora fantástico, inventando uma lenda para marcar a diferença entre a liberdade espiritual cristã e a tirânica felicidade terrestre: a lenda do Grande Inquisidor.

Sobre esse capítulo, o mais enigmático do romance, existe uma bibliografia imensa. O caso é algo parecido com o de Cervantes: a verdade universal de *Dom Quixote*, que também é uma obra representativa do realismo fantástico, ficou difícil porque o autor a fantasiou de polêmica literária, contra os romances de cavalaria. A lenda do Grande Inquisidor está fantasiada de polêmica contra o catolicismo romano, que Dostoiévski mal conhecia e mal compreendia. A igreja de Roma teria prometido a felicidade ao gênero humano, ao preço de abdicar de sua liberdade espiritual; em contraste, a igreja ortodoxa da Rússia, protegida pelo czar, teria garantido a liberdade espiritual — o que é uma inverdade evidente; assim como é uma inverdade que a igreja do Grande Inquisidor tivesse prometido a felicidade terrestre. A mensagem de Dostoiévski é falsa, porque não nasceu de uma visão realista das coisas. Mas o problema que sua arte fantástica formulou é uma realidade: a liberdade em conflito permanece com a autoridade.

Não sabemos se esse problema será um dia resolvido. Mas supondo mesmo um futuro remoto o resolverá: a lenda do Grande Inquisidor perderia, por isso, o fascínio e o romance, do qual faz parte, o interesse? Não creio. Será melhor arquivar a mensagem metafísica de Dostoiévski, que é uma impossibilidade, e ler, em vez disso, *Os irmãos Karamázov*, símbolos de possibilidades humanas até hoje não extintas e provavelmente inextinguíveis. O caso é como o do *Inferno* de Dante, em que já não acreditamos e que, no entanto, continua a assustar-nos. Se há, na literatura universal, um nome que se coloca ao lado de Dante pela amplitude, é o de Shakespeare; se há, na literatura universal, um romance que se coloca ao lado de Dante pela intensidade, é o de Dostoiévski.

Otto Maria Carpeaux

Os irmãos Karamázov
(1879)

A Anna Grigórievna
Dostoiévskiaia¹

Em verdade, em verdade vos
digo que se o grão de trigo
que cai na terra não morrer,
fica infecundo: mas se morrer,
produz muito fruto.
Jo 12: 24 e 25.

¹ Segunda esposa de Dostoiévski. A companhia e a dedicação dessa mulher lhe permitiram a calma e a estabilidade necessárias à realização de seus últimos e melhores romances.

PREFÁCIO

Ao começar a biografia de meu herói, Alieksiêi Fiódorovitch, sinto-me um tanto perplexo. Com efeito, se bem que o chame meu herói, sei que ele não é um grande homem; prevejo também perguntas deste gênero: “Em que é notável Alieksiêi Fiódorovitch, para que tenha sido escolhido como seu herói? Que fez ele? Quem o conhece e por quê? Tenho eu, leitor, alguma razão para consagrar meu tempo a estudar-lhe a vida?”

A derradeira pergunta é a mais embaraçosa, porque só lhe posso responder dizendo: “Talvez o senhor mesmo descubra isso no romance.” Mas se o lerem, sem achar que meu herói é notável? Digo isso, porque prevejo, infelizmente, a coisa. A meus olhos, é ele notável, mas duvido bastante de que consiga convencer o leitor. O fato é que ele age, seguramente, mas de uma maneira vaga e obscura. Aliás, seria estranho, em nossa época, exigir clareza das pessoas! Uma coisa, no entanto, está fora de dúvida: é um homem estranho, até mesmo um original. Mas a estranheza e a originalidade prejudicam, em lugar de conferir um direito à atenção, sobretudo quando todo mundo se esforça por coordenar as individualidades e destacar um sentido geral do absurdo coletivo. O original, na maior parte dos casos, é o indivíduo que se põe de parte. Não é verdade?

No caso de me contradizerem, a propósito deste último ponto, dizendo: “Não é verdade”, ou “não é sempre verdade”, retomo coragem a respeito do valor de meu herói. Porque não somente o original não é “sempre” o indivíduo que se põe de parte, mas acontece-lhe deter a quinta-essência do patrimônio comum, enquanto que seus contemporâneos o repudiaram por algum tempo.

Aliás, em vez de engajar-me nessas explicações destituídas de interesse e confusas, teria começado bem simplesmente, sem prefácio — se minha obra agradar, hão de lê-la —, mas a desgraça está em que, além de uma biografia, tenho dois romances. O principal é o segundo, é a

atividade de meu herói em nossa época, no momento presente. O primeiro desenrola-se há 13 anos, para dizer a verdade, é apenas um momento da primeira juventude do herói. É indispensável, porque, sem ele, muitas coisas ficariam incompreensíveis no segundo. Mas isso só faz aumentar meu embaraço: se eu, biógrafo, acho que um romance teria bastado para um herói tão modesto e vago, como apresentar-me com dois e justificar tal pretensão?

Desesperando de resolver essas questões, deixo-as em suspenso. Naturalmente, o leitor perspicaz já adivinhou que tal era meu fim desde o começo e leva-me a mal que perca um tempo precioso em palavras inúteis. Ao que responderei que o fiz por polidez, e em seguida por astúcia, a fim de que se fique prevenido de antemão. Além do mais, folgo que meu romance se divida por si mesmo em duas narrativas, “contudo conservando sua unidade integral”; depois de ter tomado conhecimento do primeiro, o leitor verá por si mesmo se vale a pena abordar o segundo. Sem dúvida, cada qual é livre; pode-se fechar o livro desde as primeiras páginas da primeira narrativa para não mais abri-lo. Mas há leitores delicados que querem ir até o fim, para não deixar de ser imparciais; tais são, por exemplo, todos os críticos russos. Sente-se a gente de coração mais leve para com eles. Malgrado sua consciência metódica, forneço-lhes um argumento dos mais fundamentados para abandonar a narrativa no primeiro episódio do romance. Eis terminado meu prefácio. Convenho que é supérfluo, mas, já que está escrito, deixemo-lo.

E agora, comecemos.

O Autor.

PRIMEIRA PARTE

LIVRO I

HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA!

I

FIÓDOR PÁVLOVITCH KARAMÁZOV

Alieksiêi Fiódorovitch Karamázov era o terceiro filho de um proprietário de terras de nosso distrito, Fiódor Pávlovitch, tão conhecido em seu tempo (dele se lembram, aliás, ainda) pelo seu fim trágico, ocorrido há 13 anos e de que falarei mais adiante. No momento, limitar-me-ei a dizer desse “proprietário” (chamavam-no assim, se bem que jamais tivesse morado em sua “propriedade”) que era o tipo estranho, embora bastante frequente, da criatura vil e corrompida ao mesmo tempo que absurda. Sabia arranjar perfeitamente seus negócios proveitosos, mas nada mais. Fiódor Pávlovitch, por exemplo, começou quase do nada: era um modesto proprietário, gostando muito de jantar em casa dos outros, com fama de parasita. E no entanto, ao morrer, possuía mais de cem mil rublos em metal sonante. Isso não o impediu de ser, durante sua vida, um dos piores malucos de nosso distrito. Repito-o, não se trata de estupidez — a maior parte desses malucos é bastante inteligente e astuta —, mas de extravagância específica e nacional.

Foi casado duas vezes e teve três filhos; o mais velho, Dimítri, da primeira mulher, e os dois outros, Ivan e Alieksiêi, da segunda. Sua primeira mulher pertencia a uma família nobre, os Miúsovi, proprietários bastante ricos do mesmo distrito. Como pôde uma moça tendo um dote, bonita e além do mais viva e espirituosa, tal como se encontra muito entre nossas contemporâneas, casar-se com tão nulo “doidelo” (era assim que o chamavam)? Creio inútil explicá-lo demasiado longamente. Conheci uma jovem, da penúltima geração “romântica”, que, após vários anos de amor misterioso por um senhor, com o qual poderia casar-se tranquilamente, acabou imaginando obstáculos intransponíveis a esse casamento. Numa noite de tempestade precipitou-se, do alto de um penhasco, num rio impetuoso e profundo, e pereceu vítima de sua imaginação, unicamente para parecer-se com a Ofélia de Shakespeare. Se aquele penhasco, de que ela gostava particularmente, tivesse sido menos pitoresco ou substituído

por uma margem chata e prosaica, não se teria ela, sem dúvida, se suicidado. O fato é autêntico e creio que entre as duas ou três últimas gerações russas houve numerosos casos análogos. Semelhantemente, a decisão que Adelaida Miúsova tomou foi sem dúvida o eco de influências estrangeiras, a exasperação de uma alma cativa. Queria talvez afirmar sua independência de mulher, protestar contra as convenções sociais, contra o despotismo de sua família. Sua imaginação complacente pintou-lhe — por um curto momento — Fiódor Pávlovitch, malgrado sua reputação de papajantares, como um dos personagens mais ousados e mais maliciosos daquela época em via de melhoramento, quando era ele, muito simplesmente, um pregador de más peças. O picante da aventura foi um rapto que encantou Adelaída Ivánovna. A situação de Fiódor Pávlovitch dispunha-o então a semelhantes proezas; estava louco por abrir caminho a qualquer preço: introduzir-se em uma boa família e receber um dote era bastante atraente. Quanto ao amor, não se cuidava disso nem de um lado nem de outro, malgrado a beleza da moça. Esse episódio foi provavelmente único na vida de Fiódor Pávlovitch, grande amador do belo sexo, a vida inteira, sempre pronto a agarrar-se a qualquer saia, contanto que ela lhe agradasse. Ora, aquela mulher foi a única que não exerceu sobre ele atração nenhuma do ponto de vista sensual.

Adelaída Ivánovna não tardou a verificar que só sentia desprezo por seu marido. Nessas condições, as consequências do matrimônio não se fizeram esperar. Se bem que a família se tivesse resignado bem depressa ao acontecido e remetido seu dote à fugitiva, uma existência desordenada e cenas contínuas começaram. Conta-se que a jovem senhora mostrou-se muito mais nobre e mais digna do que Fiódor Pávlovitch, que lhe escamoteou desde o começo, como se soube mais tarde, todo seu capital, 25 mil rublos, de que ela não mais ouviu falar. Durante algum tempo fez ele tudo para que sua mulher lhe transmitisse, por um documento em boa e devida forma, uma pequena aldeia e uma casa de cidade bastante bonita, que faziam parte de seu dote. Teria certamente logrado isso, tanto era o desprezo e desgosto que lhe causava com suas extorsões e exigências descaradas, levando-a por lassidão a dizer “sim”. Por felicidade, a família dela interveio e refreou a rapacidade de seu marido. É notório que os esposos chegavam frequentemente à troca de pancadas e pretende-se que não era Fiódor Pávlovitch quem as dava, mas Adelaída Ivánovna, mulher arrebatada, atrevida, morena irascível, dotada de estupendo vigor. Por fim

abandonou a casa e fugiu com um seminarista que não tinha onde cair morto, deixando a cargo do marido um menino de três anos, Mítia. Fiódor Pávlovitch não tardou em transformar sua casa num harém e em organizar pândegas e bebedeiras. Entrementes, percorria toda a província, lamentando-se com todos da deserção de Adelaída Ivánovna, com pormenores chocantes sobre sua vida conjugal. Dir-se-ia que achava prazer em representar diante de todo mundo o papel ridículo de marido enganado, em pintar seu infortúnio, carregando as cores. “Acreditar-se-ia que você subiu de grau. Fiódor Pávlovitch, tão contente você se mostra, apesar de sua aflição”, diziam-lhe os trocistas. Muitos ajuntavam que ele se sentia feliz em mostrar-se em sua nova atitude de bufão e que, de propósito, para fazer rir mais, fingia não notar sua situação cômica. Quem sabe, aliás, fosse ingenuidade de sua parte? Por fim, conseguiu descobrir a pista da fugitiva. A desgraçada achava-se em Petersburgo, para onde fora com seu seminarista e onde começara a agir publicamente com a maior liberdade. Fiódor Pávlovitch começou a agitar-se e preparou-se para partir — com que fim? — ele mesmo não sabia nada. Talvez tivesse verdadeiramente feito a viagem a Petersburgo, mas, tomada essa decisão, achou que tinha o direito, para se dar coragem, de embriagar-se desenfreadamente. Enquanto isso, soube a família de sua mulher da morte desta, em Petersburgo. Morrera de repente, num pardieiro, de febre tifoide, dizem uns, de fome, segundo outros. Fiódor Pávlovitch estava bêbedo, quando lhe anunciaram a morte de sua mulher; conta-se que correu para a rua e se pôs a gritar, em sua alegria, de braços levantados para o céu: “Agora, deixa morrer o teu servo.”¹ Outros pretendem que soluçava como uma criança, a ponto de causar pena vê-lo, malgrado a aversão que inspirava. Pode dar-se que ambas as versões sejam verdadeiras, isto é, que se regozijou com sua libertação, chorando a sua libertadora. Muitas vezes as pessoas, mesmo más, são mais ingênuas, mais simples do que o pensamos. Nós também, aliás.

II

KARAMÁZOV LIVRA-SE DE SEU PRIMEIRO FILHO

Pode-se bem imaginar que pai e que educador seria tal homem. Como era de prever, desinteressou-se totalmente do filho que tivera de Adelaída Ivánovna, não por animosidade ou rancor conjugal, mas simplesmente porque se esquecera dele por completo. Enquanto importunava todos com suas lágrimas e suas queixas e fazia de sua casa um antro de corrupção, foi o pequeno Mítia recolhido por Grigóri, um servidor fiel; se não tivesse este tomado conta dele, o menino não teria tido talvez nem mesmo quem lhe trocasse as fraldas. Além disso, sua família por parte de mãe pareceu esquecê-lo. Seu avô morrera, sua avó, estabelecida em Moscou, era muito doente e suas tias haviam-se casado, de modo que Mítia teve de passar quase um ano em casa de Grigóri e morar em sua isbá. Aliás, se seu pai se tivesse lembrado dele (de fato não podia ignorar sua existência), teria mandado o menino de volta para a isbá, para não ser incomodado em suas orgias. Mas, entretanto, chegou de Paris o primo da falecida Adelaída Ivánovna, Piotr Alieksándrovitch Miúsov, que devia, mais tarde, passar muitos anos no estrangeiro. Naquela época, era ainda bastante moço e se distinguia de sua família pela sua cultura, sua estada na capital e no estrangeiro. Tendo sempre tido a mentalidade ocidental, tornou-se, para o fim de sua vida, um liberal à moda dos anos de 1840 e 1850. No curso de sua carreira, esteve em relações com numerosos ultraliberais, na Rússia e no estrangeiro, e conheceu pessoalmente Proudhon e Bakunin.² Gostava de evocar os três dias da Revolução de fevereiro de 1848,³ em Paris, dando a entender que chegara mesmo a tomar parte nas barricadas. Era uma das melhores recordações de sua juventude. Possuía uma fortuna independente, cerca de mil almas,⁴ para contar à moda antiga. Sua soberba propriedade encontrava-se nas proximidades de nossa cidadezinha e se limitava com as terras de nosso famoso mosteiro. Logo de posse de sua herança, Piotr Alieksándrovitch iniciou contra os monges um processo interminável, por causa de certos direitos de pesca ou de corte de madeira, não sei mais ao certo, mas achou de seu dever, na qualidade de cidadão esclarecido, processar os “clericais”. Tendo sabido das desgraças de Adelaída Ivánovna, de quem se lembrava, e posto ao corrente da existência de Mítia, meteu-se no caso, malgrado sua indignação juvenil e seu desprezo por Fiódor Pávlovitch. Foi então que o viu pela primeira vez. Declarou-lhe abertamente sua intenção de encarregar-se da educação do menino. Muito tempo depois, contava, como traço característico, que Fiódor Pávlovitch, quando se tratou de Mítia, pareceu um momento não

compreender absolutamente de qual filho se tratava e até mesmo admirar-se de ter um menino em alguma parte, em sua casa. Mesmo exagerado, o relato de Piotr Alieksándrovitch estava próximo da verdade. Efetivamente, Fiódor Pávlovitch gostou toda a sua vida de tomar atitudes, de representar um papel, por vezes sem necessidade nenhuma, e mesmo em detrimento seu, como naquele caso particular. É, aliás, um traço especial de muitas pessoas, mesmo inteligentes. Piotr Alieksándrovitch levou a coisa a sério e foi até nomeado tutor do menino (juntamente com Fiódor Pávlovitch), uma vez que a mãe dele deixara uma casa e terras. Mítia foi morar em casa daquele primo que não tinha família. Com pressa de regressar a Paris, depois de haver regularizado seus negócios e assegurado o pagamento de suas rendas, confiou o menino a uma de suas tias que morava em Moscou. Mais tarde, tendo-se aclimatado na França, esqueceu-se do menino, sobretudo quando estourou a Revolução de Fevereiro, que lhe impressionou a imaginação para o resto de seus dias. Tendo morrido a tia que morava em Moscou, Mítia foi recolhido por uma de suas filhas casadas. Mudou, ao que parece, pela quarta vez, de lar. Não me alongo a esse respeito no momento, tanto mais quanto ainda muito se falará desse primeiro rebento de Fiódor Pávlovitch, e limito-me aos detalhes indispensáveis, sem os quais é impossível começar o romance.

Em primeiro lugar, esse Dimíttri foi o único dos três filhos de Fiódor Pávlovitch que cresceu com a ideia de que tinha alguma fortuna e seria independente ao atingir a maioridade. Sua infância e sua juventude foram agitadas: deixou o ginásio antes do término, entrou em seguida para uma escola militar, partiu para o Cáucaso, serviu no Exército, foi degradado por haver-se batido em duelo, voltou ao serviço, entregou-se à orgia, gastou dinheiro em quantidade. Recebeu dinheiro de seu pai somente quando atingiu a maioridade, mas fizera dívidas enquanto esperava. Só veio a ver pela primeira vez Fiódor Pávlovitch, depois de sua maioridade, quando chegou à nossa província especialmente para informar-se a respeito de sua fortuna. Seu pai, ao que parece, não lhe agradou desde o começo; ficou pouco tempo em casa dele e apressou-se em partir, levando certa soma, depois de haver concluído um acordo a respeito das rendas de sua propriedade. Coisa curiosa: nada pôde arrancar de seu pai a respeito de seu rendimento e do valor do domínio. Fiódor Pávlovitch notou então — e importa notá-lo — que Mítia fazia de sua fortuna uma ideia falsa e exagerada. Ficou com isso muito contente, tendo em vista seus interesses

particulares. Concluiu de tudo que o rapaz era estouvado, arrebatado, de paixões vivas, um boêmio ao qual bastava dar um osso a roer para acalmá-lo até nova ordem. Fiódor Pávlovitch explorou a situação, limitando-se a largar de tempos em tempos pequenas somas, até que um belo dia, quatro anos depois, Mítia, perdida a paciência, reapareceu na localidade para exigir uma regularização de contas definitiva. Para estupefação sua, aconteceu que não possuía mais nada; era mesmo difícil verificar as contas: já havia recebido em espécie, de Fiódor Pávlovitch, o valor total de seus bens; talvez mesmo viesse a ser seu devedor; de acordo com tal e tal arranjo, concluído em tal e tal data, não tinha o direito de reclamar mais, etc. O rapaz ficou consternado; suspeitou da falsidade, da fraude, ficou fora de si, quase perdeu a razão. Essa circunstância provocou a catástrofe cuja narrativa forma o assunto de meu primeiro romance, ou antes seu quadro exterior. Mas antes de iniciar o dito romance, é previsto falar ainda dos dois outros filhos de Fiódor Pávlovitch e explicar-lhes a proveniência.

III

NOVO CASAMENTO E NOVOS FILHOS

Fiódor Pávlovitch, depois de livrar-se do pequeno Mítia, contratou em breve um segundo casamento, que durou oito anos. Escolheu por esposa dessa segunda vez também uma mulher bastante jovem, de uma outra província, aonde tinha ido, em companhia de um judeu, para tratar de um pequeno negócio. Embora boêmio, bêbedo e debochado, nunca deixava de ocupar-se com a boa colocação de seu capital e arranjava quase sempre bem seus negócios, mas quase sempre desonestamente. Sófia Ivánovna, órfã desde a infância, filha de um obscuro diácono, vivera na opulenta casa de sua benfeitora, a viúva, altamente colocada, do general Vórokhov, que a educava e a maltratava. Ignoro os detalhes, ouvi simplesmente dizer que a moça, doce, paciente e cândida, tentara enforcar-se, pendurando-se dum prego, na despensa, tão farta estava dos caprichos e das eternas censuras daquela velha, não má no íntimo, mas a quem sua ociosidade tornava insuportável. Fiódor Pávlovitch pediu sua mão; tomaram informações a seu respeito e despacharam-no. Como por ocasião de seu primeiro

casamento, propôs então à órfã raptá-la. Muito provavelmente, teria ela recusado tornar-se sua esposa, se tivesse tido melhores informações a seu respeito. Mas isso se passava em outra província; que podia, aliás, compreender uma moça de 16 anos, senão que valia mais lançar-se à água do que ficar em casa de sua benfeitora? Foi assim que a infeliz substituiu sua benfeitora por benfeitor. Dessa vez, Fiódor Pávlovitch não recebeu um vintém, porque a generala, furiosa, nada dera, a não ser sua maldição. De resto não contava ele com o dinheiro. A beleza notável da moça e sobretudo sua candura tinham-no encantado. Estava maravilhado, ele, o voluptuoso, até então apaixonado apenas pelos encantos grosseiros. “Aqueles olhos inocentes transpassavam-me a alma”, dizia mais tarde com um riso canalha. Aliás, aquela criatura corrupta não podia experimentar senão atração sensual. Fiódor Pávlovitch não se incomodou com sua mulher. Como era ela por assim dizer “culpada” para com ele, que a havia quase “salvado da corda”, aproveitando, além disso, de sua doçura e de sua resignação espantosas, pisou aos pés a decência conjugal mais elementar. Sua casa tornou-se teatro de orgias nas quais tomavam parte mulheres de má vida. Um traço a notar é que o criado Grigóri, criatura taciturna, discutidor estúpido e teimoso, que detestava sua primeira patroa, tomou o partido da segunda, discutindo por causa dela com seu amo duma maneira quase intolerável da parte dum criado. Um dia, chegou a ponto de expulsar as mulheres que se entregavam a orgias em casa de Fiódor Pávlovitch. Mais tarde, a infeliz jovem senhora, aterrorizada desde a infância, foi presa duma doença nervosa, frequente entre as aldeãs, e que lhes vale o nome de “possessas”. Por vezes, a doente, vítima de terríveis crises de histeria, perdia a razão. Deu, no entanto, a seu marido, dois filhos: o primeiro, Ivan, após um ano de casamento; o segundo, Alieksiêi, três anos mais tarde. Quando ela morreu, estava o jovem Alieksiêi com quatro anos de idade e, por mais estranho que isso pareça, nunca se esqueceu de sua mãe durante toda a sua vida, mas como por meio de um sonho. Morta sua mãe, tiveram os dois meninos a mesma sorte que o primeiro: seu pai esqueceu-se deles, abandonou-os totalmente, tendo sido eles recolhidos pelo mesmo Grigóri na sua isbá. Foi lá que os encontrou a velha generala, a benfeitora que havia educado a mãe deles. Vivia ainda e, durante aqueles oito anos, seu rancor não se desarmara. Perfeitamente ao corrente da existência que levava sua Sófia, ao saber de sua doença e dos escândalos que ela suportava, declarou duas ou três vezes aos parasitas que a

cercavam: “Bem feito; Deus a castiga por causa de sua ingratidão.” Três meses, exatamente, após a morte de Sófia Ivânovna, apareceu a generala em nossa cidade e apresentou-se em casa de Fiódor Pávlovitch. Sua visita não durou senão uma meia hora, mas aproveitou seu tempo. Era de noite. Fiódor Pávlovitch, a quem não via fazia oito anos, apresentou-se em estado de embriaguez. Conta-se que, desde que ela o viu, e sem explicações, lhe deu duas bofetadas ressoantes e puxou-lhe de alto a baixo o topete umas três vezes. Sem acrescentar uma palavra, foi diretamente à isbá, onde se encontravam os meninos. Não estavam lavados, nem vestidos com roupas limpas; vendo isso, a irascível velha assestou também uma bofetada na cara de Grigóri e declarou-lhe que levava os meninos. Tais como estavam, enrolou-os numa manta de viagem, pô-los na carruagem e tornou a partir. Grigóri guardou a bofetada como bom servidor e absteve-se de qualquer insolência; ao reconduzir a velha senhora à carruagem, disse num tom grave, depois de ter-se inclinado profundamente, que “Deus a recompensaria por sua boa ação”. “Não passas de um bobalhão”, gritou-lhe ela à guisa de adeus. Tendo examinado o caso, Fiódor Pávlovitch declarou-se satisfeito, concedeu mais tarde seu consentimento formal à educação dos meninos em casa da generala. Foi à cidade vangloriar-se das bofetadas recebidas.

Pouco tempo depois, a generala morreu; deixava, por testamento, mil rublos a cada um dos dois petizes “para sua instrução”; esse dinheiro devia ser despendido integralmente em proveito deles, mas bastar até sua maioridade, sendo já tal soma muito para semelhantes crianças. Se outros quisessem dar mais, que dessem de seu bolso, etc.

Não li o testamento, mas trazia ele um trecho estranho, naquele gosto por demais original. O principal herdeiro da velha senhora era, por felicidade, um homem honesto, marechal da nobreza da província, Iefim Pietróvitch Poliénov.⁵ Tendo compreendido, pelas cartas de Fiódor Pávlovitch, que ele nada retiraria para a educação de seus filhos (contudo este último nunca recusava categoricamente, mas arrastava as coisas indefinidamente, fazendo por vezes sentimentalismo), interessou-se pelos órfãos e concebeu afeição especial pelo caçula, que ficou muito tempo em sua família. Chamo a atenção do leitor para isso. Se os jovens deviam a alguém sua educação e sua instrução, era justamente a Iefim Pietróvitch, caráter nobre raramente encontrado. Conservou intacto para as crianças seu pequeno capital, que, na ocasião de sua maioridade, atingia dois mil

rublos com os juros, educou-os à sua custa, gastando nisso, para cada um, bem mais de mil rublos. Não farei agora um relato detalhado da infância e da juventude deles, limitando às principais circunstâncias. O mais velho, Ivan, tornou-se um adolescente sombrio e fechado, nada tímido, mas compreendera bem cedo que seu irmão e ele cresciam em casa de estranhos, de graça, que tinham como pai um indivíduo que lhes causava vergonha, etc. Esse rapaz mostrou, desde sua mais tenra idade (pelo que se conta, pelo menos), brilhantes capacidades para o estudo. Com a idade de cerca de 13 anos, deixou a família de Iefim Pietróvitch para seguir os cursos de um ginásio de Moscou, e tomar pensão em casa de um famoso pedagogo, amigo de infância de seu benfeitor. Mais tarde, Ivan contava que Iefim Pietróvitch fora inspirado por seu “ardor pelo bem” e pela ideia de que um adolescente genialmente dotado devia ser educado por um educador genial. De resto, nem seu protetor nem o educador de gênio existiam mais, quando o rapaz entrou para a universidade. Não tendo Iefim Pietróvitch tomado bem suas disposições e como o pagamento do legado da generala ia-se arrastando, em consequência de diversas formalidades e retardamentos inevitáveis entre nós, o rapaz viu-se em apertos em seus dois primeiros anos de universidade, obrigado a ganhar a vida enquanto fazia seus estudos. É preciso notar que então não tentou de modo algum corresponder-se com o pai — talvez por altivez, por desdém para com ele —, talvez também o frio cálculo de sua razão lhe demonstrasse que nada tinha a esperar dele. Seja como for, o rapaz não se perturbou, encontrou trabalho, a princípio deu lições a vinte copeques, em seguida redigiu artigos de dez linhas a respeito de cenas da rua, assinados “Uma testemunha ocular”, que levava a diversos jornais. Esses artigos, dizem, eram sempre curiosos e espirituosos, o que lhes assegurou bom êxito. Dessa maneira o jovem repórter mostrou sua superioridade prática e intelectual sobre os numerosos estudantes dos dois sexos, sempre necessitados, que, em Petersburgo e em Moscou, assaltam ordinariamente, da manhã à noite, as redações dos jornais e revistas, não imaginando nada de melhor senão reiterar seu eterno pedido de tradução do francês e cópias. Uma vez conhecido nas redações, Ivan Fiódorovitch não perdeu o contacto; em seus derradeiros anos de universidade, pôs-se com muito talento a escrever resenhas de obras especiais, fazendo-se assim conhecido nos círculos literários. Mas somente para o fim é que conseguiu, por acaso, despertar uma atenção particular num círculo de leitores muito

mais extenso. O caso era bastante curioso. À sua saída da universidade e quando se preparava para partir para o estrangeiro com seus dois mil rublos, publicou Ivan Fiódorovitch, num grande jornal, um artigo estranho, que atraiu a atenção até mesmo dos profanos. O assunto era-lhe aparentemente desconhecido, uma vez que seguira os cursos de Ciências Naturais e o artigo tratava a questão dos tribunais eclesiásticos, suscitada, então, por toda parte. Examinando algumas opiniões omitidas a respeito dessa matéria, expunha igualmente as opiniões pessoais. O que impressionava, era o tom e o inesperado da conclusão. Ora, muitos eclesiásticos tinham o autor como seu partidário. Por outra parte, os leigos, bem como os ateus, aplaudiam suas ideias. Afinal de contas, algumas pessoas decidiram que o artigo inteiro não passava de uma desavergonhada mistificação. Se menciono esse episódio é sobretudo porque o artigo em questão chegou até o nosso famoso mosteiro — onde havia interesse pela questão dos tribunais eclesiásticos — e ali provocou grande perplexidade. Uma vez conhecido o nome do autor, o fato de ser originário de nossa cidade e filho daquele mesmo Fiódor Pávlovitch aumentou o interesse. Pela mesma época, apareceu o autor em pessoa.

Por que Ivan Fiódorovitch viera à casa de seu pai, já o perguntava eu então a mim mesmo, lembro-me, com certa inquietude. Aquela chegada tão fatal, que engendrou tantas consequências, permaneceu por muito tempo inexplicada para mim. Na verdade, era estranho que um homem tão sábio, de aparência tão altiva e tão reservada, aparecesse numa casa tão escandalosa, em casa de tal pai. Este ignorara-o toda a sua vida, não se lembrava dele e — se bem que não tivesse dado, por coisa alguma do mundo, dinheiro, se lhe houvesse pedido — temia sempre que seus filhos aparecessem para o reclamar. E eis que o rapaz se instala na casa de tal pai, passa junto com ele um mês, depois dois, e se entendem maravilhosamente. Não fui eu o único a espantar-me com tal acordo. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, de quem já se falou, passava uma temporada então entre nós, em sua propriedade suburbana, vindo de Paris, onde fixara residência. Estava surpreendido mais que todos, tendo travado conhecimento com o rapaz que o interessava bastante e com o qual rivalizava em erudição. “Ele é altivo, dizia-nos. — Saberá sempre arranjar-se; desde agora, tem com que partir para o estrangeiro. Que faz ele aqui? Todos sabem que não veio cá procurar seu pai para pedir dinheiro, que aquele lhe recusaria, aliás. Não gosta de beber, nem de

requestar mulheres; no entanto, o velho não pode passar sem ele, de tal modo estão de acordo.” Era verdade; o jovem exercia visível influência sobre o velho, que por vezes o atendia, se bem que muito teimoso e caprichoso; começou mesmo a comportar-se mais decentemente...

Soube-se mais tarde que Ivan chegara igualmente por causa da demanda e dos interesses de seu irmão mais velho, Dimítri, que ele viu pela primeira vez nessa ocasião, mas com o qual já se correspondia, a respeito de um negócio importante. Falar-se-á disso pormenorizadamente a seu tempo. Mesmo quando fiquei ao corrente, pareceu-me Ivan Fiódorovitch enigmático e sua chegada à nossa cidade difícil de explicar.

Acrescentarei que ele mantinha papel de árbitro e de reconciliador entre seu pai e seu irmão mais velho, então totalmente desavindos, tendo este último intentado mesmo uma ação na justiça.

Pela primeira vez, repito-o, essa família, da qual certos membros nunca se tinham visto, achou-se reunida. Somente o caçula, Alieksiêi, morava entre nós havia já um ano. É difícil falar dele neste preâmbulo, antes de pô-lo em cena no romance. Devo, no entanto, estender-me a seu respeito para elucidar um ponto estranho, isto é, que meu herói aparece, desde a primeira cena, sob o hábito de um noviço. Havia um ano, com efeito, que morava em nosso mosteiro e se preparava para ali passar o resto de seus dias.

IV

O TERCEIRO FILHO: ALIÓCHA

Tinha vinte anos (seus irmãos, Ivan e Dimítri, estavam então, respectivamente, com 24 e 28 anos). Devo prevenir que esse jovem Aliócha não era absolutamente um fanático, nem mesmo, pelo que creio, um místico. Na minha opinião, era simplesmente um filantropo na dianteira de seu tempo, e se escolhera a vida monástica, era porque então somente ela o atraía e representava para ele a ascensão ideal para o amor radioso de sua alma liberta das trevas e do ódio daqui embaixo. Atraía-o essa via, unicamente porque havia nela encontrado um ser excepcional a seus olhos, o nosso famoso *stáriets*⁶ Zósima, ao qual se ligara com todo o

fervor noviço de seu coração sedento. Convenho que era ele já bastante estranho, tendo isso começado desde o berço. Já contei que, tendo perdido a mãe aos quatro anos, dela se lembrou toda a sua vida, de seu rosto, de suas carícias, “como se eu a visse viva”. Semelhantes recordações podem persistir (cada qual o sabe), mesmo numa idade mais tenra, mas não permanecem como pontos luminosos nas trevas, como o fragmento de um imenso quadro que tivesse desaparecido. Era o caso para ele: lembrava-se duma suave noite de verão, da janela aberta aos raios oblíquos do sol poente; a um canto do quarto uma imagem santa com a lâmpada acesa e, diante da imagem, sua mãe ajoelhada, soluçando como numa crise de nervos, lançando gemidos e exclamações. Ela o tomara em seus braços, apertando-o a ponto de sufocá-lo e implorava por ele à Santa Virgem, afrouxando seu amplexo para empurrá-lo para a imagem como a pô-lo sob sua proteção... mas a ama acorre e arranca-o, apavorada, dos braços de sua mãe. Tal era a cena! Aliócha lembrava-se do rosto de sua mãe, exaltado, mas sublime, segundo suas recordações. Mas não gostava de falar disso. Na sua infância e na sua mocidade, era antes concentrado e até mesmo taciturno, não por timidez ou selvageria, pelo contrário, mas por uma espécie de preocupação interior tão profunda que o fazia esquecer-se dos que o cercavam. Mas gostava de seus semelhantes, toda a sua vida teve fé neles, sem passar jamais por simplório ou ingênuo. Algo nele revelava que não queria ser o juiz alheio, nem censurar as pessoas ou condená-las por preço algum. Parecia mesmo tudo admitir, sem reprovação, embora muitas vezes com profunda melancolia. Bem mais ainda, conseguirão neste sentido ficar inacessível ao espanto e ao medo, desde sua primeira mocidade. Chegado aos vinte anos à casa de seu pai, num foco de baixo deboche, ele, casto e puro, retirava-se em silêncio, quando a vida se lhe tornava intolerável, mas sem testemunhar a ninguém reprovação alguma nem desprezo. Tendo seu pai sido outrora parasita e, por consequência, sutil e sensível às ofensas, acolheu-o a princípio de má vontade. “Ele se cala, dizia ele, mas nem por isso deixa de pensar.” Entretanto, não tardou em beijá-lo, em acariciá-lo; eram, na verdade, lágrimas e um enternecimento de bêbedo, mas via-se que o amava com um amor sincero, profundo, que até então fora incapaz de sentir por quem quer que fosse... Sim, aquele adolescente era amado por todos, em toda parte aonde fosse, e isso desde sua infância. Na família de seu benfeitor, Iefim Pietróvitch Poliénov, tinham-se de tal modo ligado a ele que todos o consideravam

como filho da casa. Ora, entrara em casa deles numa idade em que a criança é ainda incapaz de cálculo e de astúcia, em que ignora as intrigas que atraem o favor e a arte de se fazer amar. Esse dom de despertar a simpatia era por consequência nele natural, espontâneo, sem artifício. O mesmo ocorria na escola e, no entanto, as crianças como Aliócha atraem a desconfiança de seus camaradas, suas zombarias e, por vezes, o ódio. Desde a infância, gostava ele, por exemplo, de isolar-se para sonhar, para ler num canto; contudo, foi objeto da afeição geral durante sua permanência na escola. Não era brincalhão, nem mesmo alegre; observando-se, via-se depressa que não era melancolia, mas, pelo contrário, uma disposição igual e serena. Entre seus condiscípulos, jamais queria pôr-se à frente. Por essa razão, talvez, jamais temia alguém, e os rapazes notavam que, longe de orgulhar-se disso, parecia ignorar sua ousadia, sua intrepidez. Não era rancoroso. Uma hora após ter sido ofendido, respondia ao ofensor ou dirigia-lhe ele próprio a palavra, com um ar confiante, tranquilo, como se nada se tivesse passado entre eles. Não parecia então ter esquecido a ofensa, ou decidido perdoá-la, mas não se considerava ofendido e isso fazia com que conquistasse o coração dos meninos. Um só traço de seu caráter incitava frequentemente todos os seus camaradas a zombarem dele, não por maldade, mas por divertimento. Era dum pudor, duma castidade exaltada, feroz. Não podia suportar certas palavras e certas conversas a respeito de mulheres. Essas “certas” palavras e conversas são infelizmente tradicionais nas escolas. Jovens de alma e coração puros, quase crianças ainda, gostam muitas vezes de entreter-se com cenas e imagens, a respeito das quais os próprios soldados nem sempre falam; aliás, estes últimos sabem menos a este respeito que os rapazes de nossa sociedade culta. Não há ainda aí, admito-o, corrupção moral, nem verdadeiro cinismo, mas a aparência disso; e isso passa frequentemente aos olhos deles como algo de delicado, de fino, digno de ser imitado. Vendo Aliócha Karamázov tapar rapidamente os ouvidos, quando se falava “daquilo”, formavam por vezes um círculo em redor dele, afastavam suas mãos à força e gritavam-lhe obscenidades. Alieksiêi debatia-se, deitava-se no chão, ocultando o rosto; suportava a ofensa em silêncio e sem se zangar. Por fim deixavam-no em repouso, cessavam de chamá-lo de “mocinha”, sentia-se mesmo compaixão por ele. Na classe, era um dos melhores alunos, mas nunca obteve o primeiro lugar.

Após a morte de Iefim Pietróvitch, Aliócha passou ainda dois anos no ginásio. A viúva partiu em breve para uma longa viagem à Itália, com toda a sua família, que se compunha de mulheres. O rapaz foi morar em casa de parentes afastados do defunto, duas senhoras que ele jamais vira. Ignorava as condições; era, aliás, nele um traço bastante característico o jamais inquietar-se à custa de quem vivia. A esse respeito, era totalmente o contrário de seu irmão mais velho, Ivan, que conhecera a pobreza nos seus dois primeiros anos de universidade, vivendo de seu trabalho, e que havia sofrido, desde sua infância, por ter de comer o pão de um benfeitor. Mas não se podia julgar severamente essa particularidade do caráter de Alieksiêi, porque bastava conhecê-lo um pouco para que se ficasse convencido de que era um desses inocentes capazes de dar todo o seu capital a uma boa obra, ou mesmo a um cavalheiro de indústria, se lhe pedisse. Em geral ignorava o valor do dinheiro, em sentido figurado, entende-se. Quando lhe davam dinheiro não sabia o que fazer dele durante semanas ou gastava-o num piscar de olhos. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, bastante metódico no que se refere a dinheiro e honestidade burguesa, tendo tido mais tarde ocasião de observar Alieksiêi, caracterizou-o desta maneira: “Eis talvez o único homem no mundo que, se ficasse sem recursos numa grande cidade desconhecida, não morreria de fome, nem de frio, porque imediatamente o nutririam, viriam em seu auxílio, se não ele mesmo se livraria logo de apertos, sem trabalho nem humilhação, e seria um prazer para os outros prestar-lhe serviços.”

No ginásio, não terminou seus estudos: restava-lhe ainda um ano, quando declarou de repente àquelas senhoras que partia para a casa de seu pai por causa de um negócio que lhe viera à cabeça. As senhoras lamentaram muito; não queriam deixá-lo partir. A viagem custava muito pouco, não deixaram elas que ele empenhasse o relógio que lhe tinha dado a família de seu benfeitor, antes de partir para o estrangeiro; foi abundantemente provido de dinheiro, bem como de roupa branca e vestes, mas ele devolveu-lhes a metade da soma declarando que fazia questão de viajar em terceira classe. Como seu pai lhe perguntasse por que viera antes de ter acabado seus estudos, não respondeu nada, mas mostrou-se mais pensativo que de costume. Em breve verificou-se que ele procurava o túmulo de sua mãe. Confessou mesmo não ter vindo senão para isso. Mas não era provavelmente a única causa de sua chegada. Sem dúvida, ignorava então que não teria podido explicar ele mesmo com certeza o que

havia de súbito surgido em seu íntimo para arrastá-lo irresistivelmente a uma via nova, desconhecida. Fiódor Pávlovitch não pôde indicar-lhe o túmulo de sua mãe, porque ali jamais voltara e esquecera o lugar após tantos anos...

Falemos de Fiódor Pávlovitch. Ficara muito tempo ausente de nossa cidade. Três ou quatro anos após a morte de sua segunda mulher, partiu para o sul da Rússia e chegou por fim a Odessa, onde passou vários anos. Travou conhecimento, segundo suas palavras, com “muitos judeus, judias e judotes de toda a laia” e acabou por ser recebido “não só em casa dos judeus, mas também em casa dos israelitas”. É preciso crer que, durante esse período, aperfeiçoara a arte de juntar e de subtrair dinheiro. Reapareceu em nossa cidade três anos somente antes da chegada de Aliócha. Seus antigos conhecidos acharam-no bastante envelhecido, se bem que não fosse muito idoso. Mostrou-se mais descarado do que nunca: o antigo bufão experimentava agora a necessidade de rir à custa dos outros. Gostava de frequentar os bordéis duma maneira mais repugnante do que outrora e, graças a ele, novos cabarés abriram-se em nosso distrito. Atribuía-lhe um capital de cem mil rublos ou quase, e dentro em breve muitas pessoas tornaram-se seus devedores, em troca de sólidas garantias. Nos últimos tempos, ficara enrugado, começava a perder o equilíbrio emocional e o controle de si mesmo; caiu numa espécie de idiotismo, começando por uma coisa e acabando por outra, incapaz de concentrar-se e embriagando-se cada vez mais. Sem aquele mesmo criado, Grigóri, que havia também envelhecido muito e o vigiava por vezes como um guia, a existência de Fiódor Pávlovitch teria sido erçada de dificuldades. A chegada de Aliócha influiu sobre ele do ponto de vista moral, e recordações, que dormiam desde muito tempo, despertaram-se na alma daquele velho prematuro. “Sabes — repetia ele a seu filho, observando-se — que te pareces com a endemoniada?” Era assim que chamava sua segunda mulher. Foi o criado Grigóri quem indicou a Aliócha o túmulo da “endemoniada”. Conduziu-o ao cemitério, mostrou-lhe num canto, afastado, uma placa de ferro fundido, modesta mas decente, em que estavam gravados o nome, a condição, a idade da defunta, com a data de sua morte; embaixo figurava uma quadra, como se leem frequentemente sobre o túmulo das pessoas da classe média. Coisa de espantar: aquela laje era obra de Grigóri. Fora ele que a colocara, à própria custa, sobre o túmulo da pobre “endemoniada”, depois de ter muitas vezes importunado

seu patrão com suas alusões; este partira afinal para Odessa, dando de ombros a respeito de túmulos e de todas as suas recordações. Aliócha não mostrou nenhuma emoção especial diante do túmulo de sua mãe; prestou atenção ao relato grave que lhe fez Grigóri a respeito da colocação da laje, permaneceu curvado e retirou-se sem ter pronunciado uma palavra. Depois, não voltou mais ao cemitério, talvez por um ano inteiro. Mas esse episódio produziu em Fiódor Pávlovitch um efeito bastante original. Pegou mil rublos e levou-os a nosso mosteiro para o repouso da alma de sua mulher, não a segunda, a “endemoniada”, mas a primeira, aquela que lhe batia. Na mesma noite, embriagou-se e falou mal dos monges na presença de Aliócha. Ele próprio estava longe de ter sentimentos religiosos; talvez jamais tivesse posto uma vela de cinco copeques diante de uma imagem. Os sentimentos e o pensamento de semelhantes indivíduos têm por vezes impulsos tão bruscos quanto estranhos.

Já disse que ele havia ficado bastante enrugado. Sua fisionomia trazia então os traços reveladores da existência que levava. As pequenas bolsas que pendiam sob seus olhinhos sempre descarados, desconfiados, maliciosos, às rugas profundas que sulcavam sua cara gorda vinha juntar-se, sob seu queixo pontudo, um gordo pomo de adão, carnudo, que lhe dava o ar de um luxurioso repelente. Juntai a isso uma larga boca de carnicheiro, de lábios intumescidos, em que apareciam os cacos enegrecidos de seus dentes apodrecidos. Espalhava saliva toda vez que falava. De resto, gostava de zombar de sua figura, se bem que ela lhe agradasse, sobretudo seu nariz, não muito grande, mas bastante reduzido e curvo. “Um verdadeiro nariz romano”, dizia ele. “Com meu pomo de adão, dir-se-ia um perfeito patrício da decadência.” Orgulhava-se disso.

Algum tempo depois da descoberta do túmulo de sua mãe, declarou-lhe Aliócha, inesperadamente, que queria entrar para o convento onde os monges estavam dispostos a admiti-lo como noviço. Acrescentou que era seu mais caro desejo e que lhe implorava o consentimento paterno. O velho já sabia que o *stáriets* Zósima⁷ produzira sobre seu “manso rapaz” uma impressão particular.

— Esse *stáriets* é seguramente entre eles o monge mais honesto — declarou, depois de ter ouvido Aliócha, num silêncio pensativo, mas sem se espantar com o pedido dele. — Hum! eis onde queres ir, meu manso rapaz! — Estava meio bêbedo. Abria-se em seu rosto um sorriso de ébrio, marcado de astúcia e finura. — Hum! Pavia que irias chegar a isso,

imagina tu! Era bem isso que tinhas em vista. Pois bem, seja! Tens dois mil rublos, será teu dote; quanto a mim, meu anjo, não te abandonarei nunca e pagarei por ti o que for preciso, se o pedirem. Senão de que serve tomarmos compromisso, não é verdade? Precisas de tanto dinheiro quanto de alpiste um canário... Hum! Sabes! Há um convento, com um lugarejo, nos arredores da cidade, habitado, como ninguém o ignora, pelas “esposas dos monges”, é assim que as chamam. São umas trinta, creio... Visitei-o. É interessante em seu gênero. Interrompe a monotonia. Por desgraça, só se encontram ali russas, nem uma francesa. Poder-se-ia tê-las, não faltam fundos para isso. Quando o souberem, virão. Aqui, não há mulheres, mas duzentos monges. Jejuam conscientemente. Convenho... Hum! Com que então, queres fazer-te monge? Causas-me dó, Aliócha; na verdade, tinha-te criado afeição... Aliás, eis uma boa ocasião: reza por nós, pecadores de consciência sobrecarregada. Tenho muitas vezes perguntado a mim mesmo: quem reze um dia por mim? Meu querido rapaz, sou totalmente ignorante a esse respeito, talvez o saibas, não? Totalmente. Mas vês, malgrado minha estupidez, reflito por vezes; penso que os diabos me arrastarão com toda a certeza com seus ganchos, após minha morte. E digo a mim mesmo: donde vêm esses ganchos? De que são? De ferro? Onde os forjam? Será que eles possuem uma fábrica? Os religiosos, por exemplo, estão convencidos de que o inferno tem teto. Ora, tenho muita vontade de acreditar no inferno, mas sem teto, é mais delicado, mais iluminado, como entre os luteranos. No fundo, não será a mesma coisa, com ou sem teto? Eis a dificuldade! Ora, se não há teto, então não há ganchos. Mas seria incrível: quem me arrastaria então, com ganchos? Porque se não me arrastarem, onde estaria a justiça neste mundo? Seria preciso inventar esses ganchos, especialmente para mim, para mim só. Se soubesses, Aliócha, que descarado sou eu!...

— Não há ganchos lá — declarou Aliócha, em voz baixa, olhando seriamente para o pai.

— Ah! Só há sombras de ganchos. Sei, sei. Era assim que um francês descrevia o inferno. *J'ai vu l'ombre d'un cocher qui, avec l'ombre d'une brosse, frottait l'ombre d'un carrosse.*⁸ Donde sabes tu, meu caro, que não há ganchos? Uma vez entre os monges, mudarás de tom. Mas afinal, parte, vá destrinçar a verdade e vem informar-me. Será mais fácil ir para o outro mundo sabendo o que lá se passa. Será mais conveniente para ti estar entre os monges do que em minha casa, velho bêbedo, com mulheres... se bem

que estejas, como um anjo, acima de tudo isso. Talvez o mesmo aconteça lá e, se te deixo ir, é que conto com isso. Não és tolo. Teu ardor se extinguirá e voltarás curado. Quanto a mim, esperar-te-ei, porque sinto que és o único neste mundo que não me censurou, meu querido rapaz, não posso deixar de senti-lo!...

E pôs-se a choramingar. Estava sentimental. Sim, era mau e sentimental.

V

Os *STÁRTSI*¹⁹

O leitor imaginará talvez que o meu herói fosse um indivíduo doentio e extático, um pálido sonhador, macilento, atacado de tuberculose. Pelo contrário, Aliócha, que tinha então 19 anos, era um jovem bem-feito, de faces vermelhas, de olhar límpido, transbordante de saúde. Era mesmo bastante belo, de talhe esbelto, cabelos castanhos, rosto regular, embora um pouco alongado, olhos dum cinzento-escuro, brilhantes, rasgados, pensativo e parecendo bastante calmo. Dir-se-á talvez que faces vermelhas não impedem de ser fanático ou místico: ora, parece-me que Aliócha era, mais que qualquer outra pessoa, realista. Oh! Bem decerto, no convento cria perfeitamente nos milagres, mas, na minha opinião, os milagres jamais perturbarão o realista. Não são eles que o levam a crer. Um verdadeiro realista, se é incrédulo, encontra sempre em si a força e faculdade de não crer mesmo no milagre, e se este último se apresenta como um fato incontestável, duvidará de seus sentidos em vez mesmo de admitir o fato. Se o admitir, será como um fato natural, mas desconhecido dele até então. No realista, a fé não nasce do milagre, mas o milagre da fé. Se o realista adquire a fé, deve necessariamente, em virtude de seu realismo, admitir também o milagre. O apóstolo Tomé declarou que não acreditaria enquanto não visse; em seguida, diz: “Meu Senhor e meu Deus!” Fora o milagre que o obrigara a crer? Muito provavelmente não, mas ele acreditava unicamente porque desejava crer; talvez tivesse já a fé inteira nas dobras ocultas de seu coração, mesmo quando declarava: “Só acreditarei depois que tiver visto.”

Dir-se-á talvez que Aliócha era obtuso, pouco desenvolvido, que não terminara seus estudos. Esse último fato é exato, mas seria bastante injusto dizer que fosse ele obtuso ou estúpido. Repito o que já disse: escolhera aquela via unicamente porque somente ela o atraía então e representava a ascensão ideal para a luz que sua alma desprendia das trevas. Além disso, era aquele rapaz da época mais recente, isto é, leal, ávido da verdade, procurando-a com fé, e, uma vez encontrada, querendo dela participar com toda a força de sua alma, querendo realizações e pronto a tudo sacrificar com esse fim, até mesmo a vida. Entretanto, esses rapazes não compreendem, desgraçadamente, que sacrificar sua vida é a coisa mais fácil em muitos casos, ao passo que consagrar, por exemplo, cinco ou seis anos da bela mocidade ao estudo e à ciência — não fosse senão para decuplicar suas forças, a fim de servir à verdade e atingir o fim proposto — é um sacrifício que os ultrapassa. Aliócha só fizera escolher a via oposta a todas as outras, mas com a mesma sede de realização imediata. Logo que se convenceu, após sérias reflexões, de que Deus e a imortalidade existem, disse a si mesmo, naturalmente: “Quero viver para a imortalidade, não admito compromissos.” Igualmente, se tivesse concluído que não há nem Deus nem imortalidade, ter-se-ia tornado imediatamente ateu e socialista (porque o socialismo não é apenas a questão operária ou do quarto estado, mas é sobretudo a questão do ateísmo, de sua encarnação contemporânea, a questão da torre de Babel, que se construiu sem Deus, não para atingir os céus da terra, mas para abaixar os céus até a terra). Parecia estranho e impossível a Aliócha viver como antes. Está dito: “Abandona tudo quanto tens e segue-me, se queres ser perfeito.” Aliócha dizia a si mesmo: “Não posso dar em lugar de ‘tudo’ dois rublos e em lugar de ‘segue-me’ ir somente à missa.” Entre as recordações de sua tenra infância, lembrava-se talvez de nosso mosteiro, aonde sua mãe talvez o levara para assistir aos ofícios. Talvez tivesse ali sofrido a influência dos raios oblíquos do sol poente diante da imagem para o qual o voltava sua mãe, a endemoniada. Chegou entre nós pensativo, unicamente para ver se se tratava aqui de tudo ou somente de dois rublos, e encontrou no convento aquele *stáriets*.

Era o *stáriets* Zósima, como já o expliquei acima; seria preciso dizer algumas palavras a propósito dos *stártsi* nos nossos mosteiros e lamento não ter, neste domínio, toda a competência necessária. Tentarei, no entanto, fazê-lo a grandes traços. Os especialistas competentes asseguram

que a instituição dos *stártsi* apareceu nos mosteiros russos em época recente, há menos de um século, quando, em todo o Oriente ortodoxo, sobretudo no Sinai e no monte Atos, existe ela desde bem mais de mil anos. Pretende-se que os *stártsi* existiam na Rússia em tempos bastante antigos, ou que deveriam ter existido, mas que, em consequência das calamidades que sobrevieram, o jugo tártaro, as perturbações, a interrupção das antigas relações com o Oriente, após a queda de Constantinopla, essa instituição se perdeu entre nós e os *stártsi* desapareceram. Foi ressuscitada por um dos maiores ascetas, Paísi Vielitchkóvski, e por seus discípulos, mas até o presente, após um século, existe ela em muito poucos conventos e foi mesmo, ou pouco faltou, alvo de perseguições, como uma inovação desconhecida na Rússia. Florescia sobretudo no famoso eremitério de Kózilhskaia Optínaia.¹⁰ Ignoro quando e por quem foi ela implantada em nosso mosteiro, mas já se haviam sucedido ali três *stártsi*, dos quais Zósima era o último. Estava quase a sucumbir à fraqueza e às doenças e não se sabia quem substituí-lo. Para nosso mosteiro, era essa uma séria questão, porque, até o presente, nada o havia distinguido; não possuía nem relíquias santas nem ícones miraculosos, ligando-se as tradições gloriosas à nossa história. Faltavam-lhe igualmente os altos fatos históricos e os serviços prestados à pátria. Tornara-se florescente e famoso em toda a Rússia, graças a seus *stártsi*, que os peregrinos vinham em multidão ver e ouvir de todos os pontos da Rússia, a milhares de versts. Que é um *stáriets*? O *stáriets* é aquele que absorve vossa alma e vossa vontade nas suas. Tendo escolhido um *stáriets*, vós abdicais de vossa vontade e a entregais com toda a obediência, com inteira resignação. O penitente submete-se voluntariamente a essa prova, a essa dura aprendizagem, na esperança de, após um longo estágio, vencer a si mesmo, dominar-se a ponto de atingir afinal, depois de ter obedecido toda a sua vida, a liberdade perfeita, isto é, a liberdade para consigo mesmo, e evitar a sorte daqueles que viveram sem se encontrar a si mesmos. Essa invenção, isto é, a instituição dos *stártsi*, não é teórica, mas tirada, no Oriente, de uma prática milenar. As obrigações para com o *stáriets* são bem diversas da “obediência” habitual que sempre existiu igualmente nos mosteiros russos. Lá, a confissão de todos os militantes ao *stáriets* é perpétua, e o elo que liga o confessor ao confessado, indissolúvel. Conta-se que, nos tempos antigos do cristianismo, um noviço, depois de haver deixado de cumprir um dever prescrito pelo seu

stáriets, abandonou o mosteiro para dirigir-se a outro país, da Síria ao Egito. Ali, praticou atos sublimes e foi por fim julgado digno de sofrer o martírio pela fé. Já a Igreja ia enterrá-lo, reverenciando-o como um santo, quando o diácono proferiu: “Que os catecúmenos saiam!”. O caixão que continha o corpo do mártir foi arrancado de seu lugar e projetado fora do templo três vezes seguidas. Soube-se, por fim, que aquele santo mártir havia infringido a obediência e abandonado o seu *stáriets*, e que, por consequência, não podia ser perdoado sem o consentimento deste último, malgrado sua vida sublime. Mas quando o *stáriets*, chamado, o desligou da obediência, pôde-se enterrá-lo sem dificuldade. Sem dúvida, não passa isso de uma antiga lenda, mas eis um fato recente. Um religioso cuidava de sua salvação no monte Atos, ao qual queria de toda a sua alma, como um santuário e um retiro tranquilo, quando seu *stáriets* lhe ordenou, de repente, que partisse para ir primeiro a Jerusalém, visitar os Lugares Santos, depois voltar ao norte, na Sibéria. “Lá é que é teu lugar e não aqui.” Consternado e desolado, o monge foi procurar o patriarca em Constantinopla e suplicou-lhe que o libertasse da obediência, mas o chefe da Igreja respondeu-lhe que não somente ele, patriarca, não podia desligá-lo, como não havia nenhum poder no mundo capaz de fazê-lo, exceto o *stáriets* do qual ele dependia. Vê-se dessa forma que, em certos casos, os *stártsi* estão investidos duma autoridade sem limites e incompreensível. Eis por que, em muitos de nossos mosteiros, essa instituição foi a princípio quase perseguida. No entanto o povo testemunhou imediatamente grande veneração pelos *stártsi*. Por isso o povinho e as pessoas mais distintas vinham em multidão prosternar-se diante dos *stártsi* de nosso mosteiro e lhes confessavam suas dúvidas, seus pecados, seus sofrimentos, implorando conselhos e direções. Vendo o quê, os adversários dos *stártsi* lhes censuravam, entre outras acusações, envilecerem arbitrariamente o sacramento da confissão, se bem que as confidências ininterruptas do noviço ou dum leigo ao *stáriets* não tivessem de modo algum o caráter dum sacramento. Seja como for, a instituição dos *stártsi* manteve-se e implanta-se pouco a pouco nos mosteiros russos. É verdade que esse meio experimentado e já milenar de regeneração moral, que faz o homem passar da escravidão à liberdade, aperfeiçoando-o, pode também tornar-se uma arma de dois gumes: em lugar da humildade e do domínio de si mesmo, pode desenvolver um orgulho satânico e fazer um escravo em lugar de um homem livre.

O *stáriets* Zósima tinha 65 anos; descendia duma família de proprietários; na mocidade servira o Exército como oficial, no Cáucaso. Sem dúvida, Aliócha ficou impressionado por certa qualidade especial da alma dele. Vivia na mesma cela do *stáriets*, que muito o amava e o mantinha a seu lado. É preciso notar que, vivendo no mosteiro, não estava Aliócha preso por nenhum laço; podia ir aonde bem quisesse, dias inteiros, e, se usava batina, era voluntariamente, para não se distinguir de ninguém no mosteiro. Talvez a imaginação juvenil de Aliócha tivesse sido muito impressionada pela força e pela glória que cercavam seu *stáriets* como uma auréola. A propósito do *stáriets* Zósima, muitos contavam que à força de acolher, desde numerosos anos, todos aqueles que vinham expandir seu coração, ávidos de seus conselhos e de suas consolações, havia, para o fim, adquirido grande perspicácia. Ao primeiro olhar lançado sobre um desconhecido, adivinhava o motivo de sua vinda, o que lhe era preciso e até mesmo o que lhe atormentava a consciência. O penitente ficava espantado, confuso e por vezes mesmo apavorado por sentir-se penetrado, antes de ter proferido uma palavra. Aliócha notara que muitos daqueles que vinham pela primeira vez entreter-se em particular com o *stáriets* entravam em seu aposento com temor e inquietação; quase todos saíam radiantes e o rosto mais sombrio iluminava-se de satisfação. O que o surpreendia também é que o *stáriets*, longe de ser severo, parecia mesmo satisfeito. Os monges diziam dele que se ligava aos que mais pecavam e os estimava na proporção de seus pecados. Mesmo para o fim de sua vida, contava o *stáriets*, entre os monges, inimigos e invejosos, mas seu número diminuía, se bem que figurassem nele personalidades importantes do convento. Tal era um dos mais religiosos, por demais taciturno e jejuador extraordinário. No entanto, a grande maioria era partidária do *stáriets* Zósima e muitos o amavam sinceramente, de todo o coração; alguns lhe eram mesmo ligados quase fanaticamente. Estes diziam, mas em voz baixa, que era um santo, decerto, e, prevendo seu fim próximo, aguardavam imediatos milagres que espalhariam grande glória sobre o mosteiro. Alieksiêi cria cegamente na força miraculosa do *stáriets*, da mesma maneira que acreditava no relato do caixão projetado fora da igreja. Entre as pessoas que levavam ao *stáriets* crianças ou parentes doentes, para que ele lhes impusesse as mãos ou rezasse uma oração em sua intenção, via Aliócha muitos voltarem em breve, por vezes no dia seguinte, para agradecer-lhe de joelhos o ter-lhes curado seus doentes.

Havia cura ou somente melhoria natural do estado deles? Aliócha nem sequer fazia a si mesmo a pergunta, porque acreditava absolutamente na força espiritual de seu mestre e a glória dele era como seu próprio triunfo. Batia-lhe o coração e ficava radiante, sobretudo, quando o *stáriets* saía a ter com a multidão dos peregrinos que o esperavam nas portas do eremitério, pessoas do povo vindas de todos os pontos da Rússia para vê-lo e receber sua bênção. Prosternavam-se diante dele, choravam, beijavam seus pés e o lugar onde ele se achava, lançando gritos; as mulheres estendiam para ele seus filhos; traziam possessos. O *stáriets* falava-lhes, fazia uma curta oração, dava-lhes sua bênção, depois mandava-os embora. Nos derradeiros tempos, a doença havia-o de tal modo enfraquecido que mal podia ele deixar sua cela, e os peregrinos aguardavam sua saída para o mosteiro por vezes dias inteiros. Aliócha não perguntava a si mesmo absolutamente por que eles o amavam tanto, por que se prosternavam diante dele com lágrimas de enternecimento, vendo seu rosto. Oh! Compreendia perfeitamente que para a alma resignada do simples povo russo, vergado sob o trabalho e o pesar, mas sobretudo sob a injustiça e o pecado contínuos — o seu e o do mundo —, não há maior necessidade e consolo do que encontrar um santuário ou um santo, cair de joelhos, adorá-lo: “Se o pecado, a mentira, a tentação são nossa partilha, há no entanto em alguma parte do mundo um ser santo e sublime; possui a verdade, conhece-a; portanto, ela descera um dia até nós e reinará sobre a terra inteira, como foi prometido.” Aliócha sabia que é assim que o povo sente e até mesmo raciocina; compreendia isso, mas que o *stáriets* fosse precisamente esse santo, esse depositário da verdade divina aos olhos do povo, estava disso persuadido tanto quanto aqueles mujiques e aquelas mulheres doentes que lhe estendiam seus filhos. A convicção de que o *stáriets*, após sua morte, atrairia uma glória extraordinária para o mosteiro reinava em sua alma mais forte talvez do que entre os monges. Desde algum tempo, seu coração aquecia-se sempre mais à labareda dum profundo entusiasmo interior. Não o perturbava absolutamente nada ver no *stáriets* um indivíduo isolado: “Dá no mesmo, há em seu coração o mistério da renovação para todos, esse poder que instaurará por fim a verdade na terra e todos serão santos, amar-se-ão uns aos outros; não haverá mais nem ricos nem pobres, nem elevados nem humilhados; todos serão como os filhos de Deus e será isso o advento do reino do Cristo.” Eis com que sonhava o coração de Aliócha.

Parece que impressionou fortemente Aliócha a chegada de seus dois irmãos, que ele não conhecia absolutamente até então. Ligara-se mais a Dimítri, se bem que este tivesse chegado mais tarde. Quanto a Ivan, interessava-se muito por ele, mas os dois jovens permaneciam estranhos um ao outro e, no entanto, dois meses se haviam passado durante os quais viam-se bastante frequentemente. Aliócha era taciturno; além disso, parecia esperar não se sabia o quê, ter vergonha de alguma coisa; muito embora tivesse notado no começo os olhares curiosos que lhe lançava seu irmão, cessou Ivan em breve de prestar-lhe atenção. Aliócha sentiu por isso alguma confusão. Atribuiu a indiferença de seu irmão à desigualdade de sua idade e de sua instrução. Mas tinha uma grande ideia. O pouco interesse que Ivan lhe testemunhava podia provir de uma causa que ele ignorava. Parecia este absorvido por algo de importante, como se visasse a um alvo muito difícil, o que teria explicado sua distração a respeito dele. Alieksiêi perguntou igualmente a si mesmo se não havia naquilo o desprezo de um ateu sábio por um pobre noviço. Não podia sentir-se ofendido com tal desprezo, se é que ele existia, mas aguardava com um vago alarme, que ele próprio não explicava a si mesmo, no momento em que seu irmão queria aproximar-se dele. Seu irmão Dimítri falava de Ivan com o mais profundo respeito, num tom circunspecto. Contou a Aliócha os detalhes do importante negócio que havia aproximado estreitamente os dois mais velhos. O entusiasmo com que Dimítri falava de Ivan impressionava tanto mais Aliócha quanto, comparado a seu irmão, Dimítri era quase um ignorante: o contraste da personalidade deles e de seus caracteres era tão vivo que se teria dificilmente imaginado dois seres tão diferentes.

Foi então que teve lugar a entrevista, ou antes a reunião, na cela do *stáriets*, de todos os membros daquela família mal harmonizada, reunião que exerceu influência extraordinária sobre Aliócha. O pretexto que a motivou era na realidade mentiroso. O desacordo entre Dimítri e seu pai, a respeito da herança de sua mãe e das contas da propriedade, atingia então seu auge. As relações tinham-se envenenado a ponto de tornar-se insuportáveis. Foi Fiódor Pávlovitch quem sugeriu, por brincadeira, que se reunissem todos na cela do *stáriets* Zósima; sem recorrer à sua intervenção, poderiam eles entender-se mais decentemente, sendo capazes a dignidade e a pessoa do *stáriets* de impor a reconciliação. Dimítri, que jamais estivera em casa dele e jamais o vira, pensou que quisessem

amedrontá-lo daquela maneira; mas como ele próprio se censurava secretamente de muitas explosões bastante bruscas em sua querela com seu pai, aceitou o desafio. É preciso notar que não residia, como Ivan, em casa de seu pai, mas na outra extremidade da cidade. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, que morava então em nossa cidade, agarrou-se a essa ideia. Liberal dos anos 1840 e 1850, livre-pensador e ateu, tomou neste caso uma parte extraordinária, por tédio, talvez, ou para se divertir. Tomou-o subitamente a fantasia de ver o mosteiro e o “santo”. Como seu antigo processo contra o mosteiro durasse ainda — o litígio tinha por objeto a delimitação de suas terras e certos direitos de pesca e de corte —, apressou-se em se aproveitar dessa ocasião, sob o pretexto de entender-se com o padre abade, a fim de dar por terminado aquele negócio amigavelmente. Um visitante animado de tão boas intenções podia ser recebido no mosteiro com mais atenções que um simples curioso. Essas considerações fizeram com que se insistisse junto ao *stáriets*, o qual, desde algum tempo, não deixava mais sua cela e recusava mesmo, por causa de sua doença, receber os simples visitantes. Deu seu consentimento e foi marcado o dia. “Quem me encarregou de decidir entre eles?”, declarou ele somente a Aliócha, com um sorriso.

Ao saber dessa reunião, ficou Aliócha muito perturbado. Se algum dos adversários em luta podia tomar aquela entrevista a sério, era seguramente seu irmão Dimítri, e somente ele; os outros iriam com intenções frívolas e talvez ofensivas para o *stáriets*. Aliócha o compreendia bem. Seu irmão Ivan e Miúsov ali se dirigiam levados pela curiosidade e seu pai para fazer o papel de palhaço, se bem que guardando silêncio. Conhecia-o a fundo. Repito, aquele rapaz não era tão ingênuo como todos o acreditavam. Aguardava com ansiedade o dia marcado. Sem dúvida levava muito em questão ver cessar por fim o desacordo em sua família. Mas preocupava-se sobretudo com o *stáriets*; tremia por ele, por sua glória, temendo as ofensas, particularmente as finas zombarias de Miúsov e as reticências do erudito Ivan. Queria mesmo tentar prevenir o *stáriets*, falar-lhe a respeito daqueles visitantes eventuais, mas refletiu e calou-se. Na véspera do dia marcado, mandou dizer a Dimítri que o amava muito e esperava dele o cumprimento de sua promessa. Dimítri, que procurou em vão lembrar-se de ter prometido alguma coisa, respondeu-lhe por carta que faria tudo para evitar uma baixaza. Embora cheio de respeito pelo *stáriets* e por Ivan, via naquilo uma armadilha ou uma comédia indigna. “Entretanto, preferirei

engolir minha língua a faltar ao respeito ao santo homem que veneras”, dizia Dimíttri, terminando sua carta. Aliócha nem por isso ficou reconfortado.

LIVRO II

UMA REUNIÃO INTEMPESTIVA

I

A CHEGADA AO MOSTEIRO

Estava um dia magnífico, quente e claro. Era no fim de agosto. A entrevista com o *stáriets* fora marcada para imediatamente depois da última missa, às 11h30. Os nossos visitantes chegaram quase no fim da cerimônia em duas carruagens. A primeira, uma elegante caleça puxada por dois cavalos de preço, estava ocupada por Piotr Alieksándrovitch Miúsov e um parente afastado, Piotr Fomitch Kolgánov, de vinte anos de idade. Este rapaz preparava-se para entrar na universidade. Miúsov, de quem ele era hóspede, propunha-lhe levá-lo ao estrangeiro, a Zurique ou a Iena, para ali acabar seus estudos, mas ele não havia ainda tomado uma decisão. Pensativo e distraído, tinha um aspecto agradável, uma constituição robusta, a estatura bastante elevada. De olhar estranhamente fixo, o que é próprio das pessoas distraídas, olhava-nos por vezes muito tempo sem ver-nos, taciturno e algo embaraçado, acontecia-lhe — somente na intimidade — mostrar-se de repente bastante loquaz, veemente, jovial, rindo só Deus sabe de quê. Mas sua imaginação não passava de um fogo de palha, assim que se acendia, logo se apagava. Andava sempre bem-vestido e até mesmo com apuro. Possuidor de certa fortuna, tinha ainda mais em perspectiva. Entretinha com Aliócha relações amigáveis.

Fiódor Pávlovitch e seu filho tinham tomado lugar em uma caleça de aluguel bastante estragada, mas espaçosa, atrelada a dois velhos cavalos malhados de preto e branco, que seguiam a uma distância respeitável. Dimítri tinha sido prevenido na véspera da hora da entrevista, mas estava atrasado. Os visitantes deixaram suas carruagens perto da cerca, na hospedaria, e transpuseram a pé as portas do mosteiro. Exceto Fiódor Pávlovitch, os três outros jamais tinham visto o mosteiro, e Miúsov havia trinta anos que não entrava numa igreja. Olhava com certa curiosidade, assumindo um ar desenvolto. Mas o interior do mosteiro, de parte da igreja e as dependências, aliás, bastante banais, nada oferecia a seu espírito observador. Os derradeiros fiéis que saíam da igreja benziavam-se de

gorros nas mãos. Entre o povinho viam-se também pessoas de uma posição mais elevada: duas ou três damas, um velho general, todos hospedados na pousada. Mendigos cercaram nossos visitantes, mas ninguém lhes deu esmola. Somente Pietrucha Kolgánov tirou dez copeques de seu porta-moedas e, acanhado Deus sabe por quê, introduziu-os rapidamente na mão de uma mulher, murmurando: “Reparta-os.” Nenhum de seus companheiros lhe fez qualquer observação, o que teve como resultado aumentar-lhe a confusão.

Coisa estranha: teriam deveras devido esperá-los e até mesmo testemunhar-lhes algumas atenções; um deles acabava de fazer um donativo de mil rublos, o outro era um proprietário bastante rico, que mantinha os monges mais ou menos sob sua dependência, no que dizia respeito à pesca, de acordo com o rumo que tomasse o processo. No entanto nenhuma personalidade oficial se encontrava lá para recebê-los. Miúsov contemplava com ar distraído as lápides tumulares ao redor da igreja e quis fazer a observação de que os ocupantes daqueles túmulos deviam ter pago bastante caro o direito de ser enterrados em um lugar tão “santo”, mas manteve-se em silêncio: sua ironia de liberal dava lugar à irritação.

— A quem, diabo, devemos dirigir-nos nesta casa onde todos mandam?... Seria preciso sabê-lo, porque o tempo passa — murmurou ele, como consigo mesmo.

De repente, aproximou-se deles um personagem calvo, de idade madura, numa ampla veste de verão e de olhos ternos. De chapéu na mão, apresentou-se, ceceando, como o proprietário de terras Maksímov, do governo de Tula. Deu-se conta imediatamente do embaraço daqueles senhores.

— O *stáriets* Zósima mora no eremitério, à parte, a quatrocentos passos do mosteiro; é preciso atravessar o bosquezinho...

— Sei bem — respondeu Fiódor Pávlovitch. — Não nos lembramos bem da estrada, pois faz muito tempo que não venho por aqui.

— Passem por aquela porta, depois sigam diretamente pelo bosquezinho. Permitam-me que os acompanhe... eu mesmo... por aqui, por aqui...

Saíram da cerca e meteram-se no bosque. O proprietário Maksímov, de uns sessenta anos de idade, caminhava, ou antes corria ao lado deles,

examinando-os a todos com uma curiosidade incômoda. Esbugalhava os olhos.

— Fique o senhor sabendo que nós vamos à casa desse *stáriets* para tratar de um negócio pessoal — observou friamente Miúsov. — Obtivemos, por assim dizer, “uma audiência” desse personagem; de modo que, malgrado nossa gratidão, não lhe propomos que entre conosco.

— Já estive ali... Un *chevalier parfait* — declarou, dando um piparote no ar, o proprietário.

— Quem é *ce chevalier*? — perguntou Miúsov.

O *stáriets*, o famoso *stáriets*... a glória e a honra do mosteiro, Zósima. Aquele *stáriets*, vejam...

Sua tagarelice foi interrompida por um monge, com capuz, de pequena estatura, pálido e desfeito, que alcançou o grupo. Fiódor Pávlovitch e Miúsov pararam. O monge saudou-os com grande polidez e lhes disse:

— Senhores, o padre abade convida-os a todos para almoçar, depois da visita ao eremitério. É à uma hora em ponto. O senhor também — disse ele a Maksímov.

— Não terei de faltar! — exclamou Fiódor Pávlovitch, encantado pelo convite. — O senhor sabe que todos prometemos portar-nos decentemente... E o senhor virá, Piotr Alieksándrovitch?

— Como não? Por que estou aqui, senão para observar os costumes deles? Uma só coisa me embaraça, Fiódor Pávlovitch, é encontrar-me agora com o senhor.

— Sim, Dimítri Fiódorovitch ainda não chegou.

— Seria perfeito se ele faltasse; acredita o senhor que seja isso um prazer para mim, essa história dos senhores e o senhor ainda de quebra? Estaremos lá para o almoço; agradeça ao padre abade — disse ele ao monge.

— Perdão, tenho de conduzi-los à casa do *stáriets* — respondeu este.

— Neste caso vou diretamente à casa do padre abade, sim, vou durante este tempo à casa do padre abade — gorjeou Maksímov.

— O padre abade está muito ocupado neste momento, mas será como o senhor quiser... — disse o monge, perplexo.

— Que sujeito cacete esse velho! — observou Miúsov, quando Maksímov voltou ao mosteiro.

Parece-se com von Sohn — declarou, de repente, Fiódor Pávlovitch.

— É tudo quanto o senhor sabe... em que se parece ele com von Sohn? O senhor mesmo já o viu?

— Vi-lhe a fotografia. Se bem que as feições não sejam idênticas, há qualquer coisa de indefinível. É totalmente o sócio de von Sohn. Reconheço-o apenas pela fisionomia.

— Ah! Talvez seja o senhor entendido nisso. Todavia, Fiódor Pávlovitch, o senhor acaba de lembrar que prometemos portar-nos decentemente; não se esqueça disso. Digo-lhe que se contenha. Se o senhor começa a fazer-se de palhaço, não tenho eu a intenção de ser metido no mesmo cesto que o senhor. Veja esse homem — disse ele dirigindo-se ao monge —, tenho medo de ir com ele à casa de pessoas distintas.

Um pálido sorriso, não desprovido de astúcia, apareceu nos lábios exangues do monge, que, no entanto, nada respondeu, deixando ver claramente que se calava pela consciência da própria dignidade. Miúsov franziu ainda mais o cenho.

“Oh! Que o diabo leve todas essas criaturas de exterior, plasmado pelos séculos, mas cujo íntimo não é senão charlatanismo e absurdo!” — dizia ele para si.

— Eis o eremitério, chegamos — gritou Fiódor Pávlovitch, que se pôs a fazer grandes sinais da cruz diante dos santos pintados por cima e de lado do portal.

— Cada qual vive como lhe agrada — declarou ele. — E o provérbio russo diz com razão: “A monge duma outra ordem não imponhas tua regra.” Há aqui 25 bons padres que tratam de suas salvaçãoes, contemplam-se uns aos outros e comem couves. E nenhuma mulher transpôs esse portal, eis o que é espantoso. No entanto, ouvi dizer que o *stáriets* recebia senhoras — disse ele ao monge.

— As mulheres do povo esperam-no lá embaixo, perto da galeria, veja, estão sentadas no chão. Para as senhoras da sociedade prepararam dois quartos na própria galeria, mas fora da cerca, veja aquelas janelas; o *stáriets* ali chega por um corredor interno, quando sua saúde lhe permite. Há uma senhora Khokhlakova, proprietária em Khárkov, que quer consultá-lo a respeito de sua filha, atacada de fraqueza. Teve de prometer vir vê-las, se bem que nesses últimos tempos esteja muito fraco e não se mostre em público.

— Há, pois, no eremitério uma porta entreaberta do lado das senhoras. Não estou fazendo mau juízo, meu padre! No monte Atos, o senhor deve saber, não somente são proibidas as visitas femininas, como não se tolera nenhuma mulher, nem fêmea, galinhas, peruas, bezerras...

— Fiódor Pávlovitch, vou-me embora e deixo-o sozinho. Vão mandá-lo embora a tapas, sou eu que o predigo a você.

— Em que é que eu o incomodo, Piotr Alieksándrovitch? Olhe! — exclamou ele, de repente, uma vez transposta a cerca. — Veja em que vale de rosas eles moram!

Efetivamente, se bem que não houvesse então rosas, via-se uma profusão de flores outonais, magníficas e raras. Mãos experimentadas deviam cuidar delas. Havia canteiros em redor das igrejas e entre os túmulos. Flores cercavam ainda a casinha de madeira, um rés do chão, precedido duma galeria, onde se encontrava a cela do *stáriets*.

— Era assim também no tempo do *stáriets* precedente, Varsonófi? Dizem que ele não gostava da elegância, arrebatava-se e recebia mesmo as senhoras a bengaladas — observou Fiódor Pávlovitch, subindo o patamar.

— O *stáriets* Varsonófi parecia por vezes, com efeito, um pobre espírito, mas exagera-se muito a este respeito. Nunca bateu em ninguém com o báculo — respondeu o monge. — Agora, senhores, um minuto, vou anunciá-los.

— Fiódor Pávlovitch, pela derradeira vez lhe digo, comporte-se bem, do contrário, aí do senhor! — murmurou ainda uma vez Miúsov.

— Gostaria bem de saber o que o comove dessa maneira — observou Fiódor Pávlovitch, zombeteiro. — São seus pecados que o amedrontam? Porque dizem que, com um simples olhar, adivinha ele com quem está tratando. Mas como pode fazer tal caso da opinião deles o senhor, um parisiense, um progressista? Palavra, o senhor me espanta!

Miúsov não teve oportunidade de responder a esse sarcasmo; convidavam-nos a entrar. Sentiu ligeira irritação. “Pois bem! Sei de antemão que, nervoso como estou, irei discutir, acalorar-me... rebaixar-me, a mim e a minhas ideias”, disse a si mesmo.

UM VELHO PALHAÇO

Entraram quase ao mesmo tempo que o *stáriets*, que, desde a chegada deles, havia saído de seu quarto de dormir. Na cela, tinham sido precedidos por dois religiosos do eremitério: um era o padre bibliotecário, o outro, o padre Paísi, doente, malgrado sua idade pouco avançada, mas erudito, segundo se dizia. Achava-se ainda ali um rapaz (ficou de pé todo o tempo), parecendo ter 22 anos de idade, de sobrecasaca, seminarista e futuro teólogo, protegido pelo mosteiro e pela confraria. Era de estatura bastante elevada, tinha o rosto fresco, os pômulos salientes, com olhinhos castanhos de olhar inteligente. Seu rosto exprimia deferência, mas sem obsequiosidade. Não cumprimentou os visitantes, considerando-se não como um igual, mas como um subalterno.

O *stáriets* Zósima apareceu, em companhia de um noviço e de Aliócha. Os religiosos levantaram-se, fizeram-lhe profunda reverência, com os dedos tocando a terra, receberam sua bênção, beijaram-lhe a mão. A cada um deles, o *stáriets* respondeu com uma reverência semelhante, com os dedos tocando a terra, pedindo-lhes por sua vez sua bênção. Aquela cerimônia, marcada de grande seriedade, nada tendo da etiqueta vulgar, exalava uma espécie de emoção. No entanto, pareceu a Miúsov que aquilo se fazia com uma finalidade de sugestão premeditada. Conservava-se à frente de seus companheiros. Teria sido conveniente, quaisquer que fossem suas ideias — e por simples polidez, para se conformar com os usos —, que se aproximassem do *stáriets* para receber sua bênção, se não para beijar-lhe a mão. Foi no que pensara na véspera, mas as reverências e os beijos dos monges fizeram-no mudar de resolução. Fez uma reverência grave e digna, de homem da sociedade, e foi sentar-se. Fiódor Pávlovitch fez a mesma coisa, macaqueando dessa vez Miúsov. A saudação de Ivan Fiódorovitch foi das mais corteses, mas também ele conservou os braços ao longo dos quadris. Quanto a Kolgánov, tal era sua confusão que não fez saudação nenhuma. O *stáriets* deixou recair a mão prestes a abençoá-los e convidou todos a sentarem-se. O sangue subiu às faces de Aliócha, estava envergonhado. Seus maus pressentimentos realizavam-se.

O *stáriets* tomou lugar num pequeno divã de couro — móvel bastante antigo — e fez seus visitantes sentarem-se perto da parede em frente, em quatro cadeiras de acaju, recobertas de couro bastante surrado. Os

religiosos instalaram-se de lado, um à porta, outro à janela. O seminarista, Aliócha e o noviço ficaram de pé. A cela não era vasta e mostrava certo ar de coisa velha. Continha somente alguns móveis e objetos grosseiros, pobres, o estritamente necessário. Dois jarros de flores na janela, a um canto, numerosos ícones; um deles representava uma virgem de grandes dimensões, pintada provavelmente muito tempo antes do Raskol.¹¹ Uma lâmpada ardia diante dela. Não longe, dois outros ícones de revestimentos cintilantes, depois dois querubins esculpidos, pequenos ovos de porcelana, um crucifixo de marfim, com uma *Mater Dolorosa* que o abraçava, e algumas gravuras estrangeiras, reproduções de grandes pintores italianos dos séculos passados. Ao lado dessas obras de valor, exibiam-se litografias russas para uso do povo, representando santos, mártires, prelados, as quais se vendiam por alguns copeques em todas as feiras. Miúsov lançou uma olhadela rápida sobre aquelas imagens, depois fixou seu olhar no *stáriets*. Respeitava sua maneira de ver, fraqueza desculpável, seguramente, se se considera que já tinha cinquenta anos, idade em que um homem do mundo, inteligente e opulento, leva-se sempre mais a sério, por vezes mesmo contra sua vontade.

Desde o começo, o *stáriets* causara-lhe desagrado. Havia efetivamente em sua figura algo que teria desagradado a muitos outros e não apenas a Miúsov. Era um homenzinho curvado, de pernas muito fracas, de sessenta anos somente, mas que parecia ter dez anos mais, por causa de sua doença. Todo o seu rosto, aliás bastante seco, estava sulcado de pequenas rugas, sobretudo em redor dos olhos. Tinha os olhos claros, não muito grandes, vivos e brilhantes como dois pontos luminosos. Seus cabelos grisalhos chegavam-lhe apenas às têmporas; sua barba, pequena e rala, acabava em ponta; os lábios, delgados como duas correias, sorriam frequentemente; o nariz agudo lembrava um pássaro.

“Segundo toda a aparência, uma alma malévola e arrogante”, pensou. Em geral, estava muito descontente consigo mesmo.

O soar da hora ajudou o início do diálogo. Um pequeno relógio de pesos bateu 12 pancadas.

— A hora exata — exclamou Fiódor Pávlovitch —, e meu filho Dimíttri Fiódorovitch que não chega! Peço-lhe desculpas por ele, santo *stáriets*! (Aliócha estremeceu ao ouvir aquelas palavras “santo *stáriets*”.) Sou sempre pontual, dentro do prazo, lembrando-me de que a pontualidade é a polidez dos reis.

— No entanto, o senhor não é nenhum rei — resmungou Miúsov, incapaz de conter-se.

— É verdade, não o sou. E imagine, Piotr Alieksándrovitch, que eu mesmo o sabia, palavra! E falo sempre assim, fora de propósito! Vossa Reverência — exclamou ele, de súbito, num tom patético — tem diante de si um verdadeiro palhaço. É minha maneira de apresentar-me. Um velho hábito, ai de mim! Ora, se falo por vezes fora de propósito, é intencionalmente, com o fim de fazer rir e ser agradável. É preciso ser agradável, não é verdade? Há sete anos, cheguei a uma cidadezinha para tratar duns negocinhos, umas contas em sociedade com uns negociantezinhos. Fomos à casa do *isprávník*, uma vez que tínhamos algo a pedir-lhe e para convidá-lo a comer conosco. Aparece o *isprávník*: era um homem de alta estatura, gordo, louro e carrancudo — os indivíduos mais perigosos em semelhante caso, pois a bília os atormenta. Abordo-o com a desenvoltura de um homem do mundo: “Senhor *isprávník* — disse eu —, o senhor será talvez, por assim dizer, o nosso Naprávník?”¹² — “Que Naprávník?” — perguntou ele. Vi imediatamente que aquilo não pegava, que ele continuava todo grave; obstinei-me: “É uma brincadeira, quis tornar todos alegres, porque o senhor Naprávník é um chefe de orquestra conhecido; ora, para a harmonia de nosso empreendimento, precisamos justamente duma espécie de chefe de orquestra.” A explicação e a comparação eram razoáveis, não? “Perdão — disse ele —, sou *isprávník* e não permito que se façam trocadilhos a respeito de minha profissão.” Volta as costas e retira-se. Corro atrás dele gritando: “Sim, sim, o senhor é *isprávník* e não Naprávník.” — “Não — replicou ele —, o senhor disse, sou Naprávník.” Imaginem que isso fez fracassar nosso negócio! Nem por isso me emendei. Prejudico-me por causa de minha amabilidade! Certa vez, há muitos anos, dizia eu a um personagem importante: “Sua esposa é uma mulher coceguenta”, no sentido de ser muito sensível em questões de honra, de qualidades morais, por assim dizer, ao que ele me replica: “O senhor lhe fez cócegas?” Não pude conter-me, banquemos o amável, pensei: “Sim, fiz-lhe cócegas”; mas então quem me fez cócegas foi ele... Aconteceu há muito tempo, por isso não tenho vergonha de contá-lo; é sempre assim que causo prejuízo a mim mesmo.

— E está causando agora — murmurou Miúsov, com desagrado.

O *stáriets* examinava um a um, em silêncio.

— Deveras? Imagine que já o sabia, Piotr Alieksándrovitch, e, até mesmo, saiba que pressentia o que faço, desde que comecei a falar, e até mesmo, saiba-o, pressentia que seria o senhor o primeiro a observar-me isso. Nesses momentos, quando vejo que minhas pilhérias não dão resultado, Reverendíssimo Senhor, minhas bochechas começam a dessecar-se na direção das gengivas, tenho quase como uma convulsão; isso remonta à minha mocidade, quando era parasita em casa dos nobres e ganhava meu pão por meio dessa habilidade. Sou um palhaço autêntico, inato. Reverendíssimo Senhor, a mesma coisa que um idiota; não nego que um espírito mau more talvez em mim, bem modesto em todo caso; se fosse mais importante, ter-se-ia alojado em outra parte, somente não no senhor, Piotr Alieksándrovitch, porque o senhor não é importante. Em compensação, creio, creio em Deus. Nesses últimos tempos, tinha dúvidas; mas agora espero sublimes palavras. Pareço-me com o filósofo Diderot,¹³ Reverendíssimo Senhor. Sabe o senhor, santíssimo padre, como se apresentou ele diante do metropolita Platon, no reinado da imperatriz Katierina? Entrou e largou sem mais: “Não há Deus.” Ao que o grande prelado respondeu, de dedo erguido: “O insensato disse em seu coração: ‘Não há Deus!’”. Imediatamente Diderot lançou-se a seus pés: Creio — exclamou ele e quero ser batizado! Batizaram-no ali mesmo. A princesa Dachkova¹⁴ foi a madrinha, e Potiomkin,¹⁵ o padrinho.

— Fiódor Pávlovitch, é intolerável! Porque o senhor mesmo sabe que está mentindo e que essa estúpida anedota é falsa; por que fazer-se malicioso? — proferiu com voz trêmula Miúsov, que já não se podia conter.

— Toda a minha vida pressenti que era isso uma mentira! — exclamou Fiódor Pávlovitch, entusiasmando-se. — Em compensação, senhores, dir-lhes-ei toda a verdade. Eminente *stáriets*, perdoe-me, eu mesmo inventei esse fim, ainda há pouco, com o batismo de Diderot; isso jamais me ocorrera antes. Inventei-o para dar certo ar picante ao caso. Se me faço de malicioso, Piotr Alieksándrovitch, é para ser mais gentil. De resto, por vezes, não sei eu mesmo por quê. Quanto a Diderot, ouvi contar isto: “O insensato disse...” umas vinte vezes em minha juventude, pelos proprietários de terras do país, quando morava entre eles; ouvi-o dizer, Piotr Alieksándrovitch, de sua tia, Mavra Fomínichna. Até agora, estão todos persuadidos de que o ímpio Diderot fora à casa do metropolita Platon para discutir a existência de Deus...

Miúsov levantara-se, não somente porque perdera a paciência, mas achava-se fora de si. Estava furioso e compreendia que isso o tornava ridículo. Com efeito, passava-se na cela algo de intolerável. Havia quarenta ou cinquenta anos, ainda no tempo dos precedentes *stártsi*, os visitantes reuniam-se naquela cela, mas sempre com a mais profunda veneração. Quase todos quantos eram admitidos compreendiam que lhes era concedido um insigne favor. Muitos, dentre eles, punham-se de joelhos e assim ficavam durante toda a visita. Pessoas de posição elevada, eruditos e até mesmo livres-pensadores, vindos, quer por curiosidade, quer por qualquer outro motivo, achavam um dever o testemunhar ao *stáriets* profunda deferência e grandes atenções, durante toda a entrevista — quer fosse pública ou privada —, tanto mais quanto não havia questão de dinheiro. Só havia o amor e a bondade, em presença do arrependimento e da sede de resolver algum difícil problema moral ou uma crise da vida do coração. Assim, as piadas a que se entregara Fiódor Pávlovitch, chocantes em tal lugar, haviam provocado o embaraço e o espanto das testemunhas, em todo o caso de várias dentre elas. Os religiosos, que permaneciam impassíveis, fixavam sua atenção no que iria dizer o *stáriets*, mas pareciam já prestes a levantar-se como Miúsov. Aliócha tinha vontade de chorar e curvava a cabeça. Toda a sua esperança repousava em seu irmão Ivan, o único cuja influência seria capaz de deter seu pai, e estava estupefato por vê-lo sentado, imóvel, de olhos baixos, aguardando com curiosidade o desenlace daquela cena, como se fosse completamente estranho a ela. Era impossível a Aliócha olhar para Rakítin (o seminarista), com o qual vivia quase em intimidade: conhecia seus pensamentos (era, aliás, o único a conhecê-los em todo o mosteiro).

— Desculpe-me... — começou Miúsov, dirigindo-se ao *stáriets* — se pareço tomar parte nessa indigna pilhéria. Errei ao acreditar que, até mesmo um indivíduo da qualidade de Fiódor Pávlovitch, visitando uma personalidade tão respeitável, saberia compreender suas obrigações... Não pensava que seria preciso desculpar-me por ter vindo com ele...

Piotr Alieksándrovitch não acabou e, todo confuso, queria sair já do quarto.

— Não se inquiete, rogo-lhe — disse o *stáriets*, que, erguendo-se sobre seus pés débeis, pegou Piotr Alieksándrovitch pelas duas mãos e obrigou-o a tornar a sentar-se. — Acalme-se, rogo-lhe. O senhor é meu hóspede.

Dito isso, e após uma reverência, voltou a sentar-se no divã.

— Eminente *stáriets*, diga-me, será que minha vivacidade o ofende!?

— exclamou, de repente, Fiódor Pávlovitch, agarrando-se nos dois braços da poltrona, como prestes a saltar, de acordo com a resposta que recebesse.

— Rogo-lhe igualmente que não se inquiete e não se constranja — declarou o *stáriets* com majestade. — Não se constranja, esteja como que em sua casa. Sobretudo não tenha tanta vergonha de si mesmo, porque todo o mal vem daí.

— Completamente como em minha casa? Isto é, ao natural? Oh! É demais, é muito demais. Aceito, porém, com enternecimento! Sabe, meu venerando padre? Não me leve a mal mostrar-me ao natural, é por demais arriscado... eu mesmo não chego a esse ponto. Digo isso para que o senhor se previna. Pois bem! O resto está ainda enterrado nas trevas do desconhecido, se bem que alguns quisessem enforcar-me. Isso dirige-se ao senhor, Piotr Alieksándrovitch; quanto ao senhor, santa criatura, eis o que declaro: “Estou transbordante de entusiasmo!” Levantou-se e, de braços para o ar, proferiu: “Bendito o ventre que te concebeu e benditos os peitos que te amamentaram, os peitos sobretudo!” Com aquela sua observação de há pouco: “Não tenha tanta vergonha de si mesmo, porque todo o mal vem daí”, o senhor como que me transpassou e leu em mim. Justamente, quando me dirijo às pessoas, parece-me que sou a mais vil de todas e que todo mundo me toma por um palhaço; então digo a mim mesmo: “Sejamos palhaço, não temo vossa opinião, porque vós sois todos, até o derradeiro, mais vis do que eu!” Eis por que sou palhaço, por vergonha, eminente padre, por vergonha. Somente por timidez é que me faço de valentão. Porque se estivesse certo, ao entrar, de que todos me acolheriam como um ser simpático e ajuizado, meu Deus!, como eu seria bom! Mestre — pôs-se de repente de joelhos —, que é preciso fazer para ganhar a vida eterna?

Mesmo então, era difícil saber se brincava ou cedia ao enternecimento.

O *stáriets* ergueu os olhos para ele e declarou, sorrindo:

— Há muito tempo que o senhor mesmo sabe o que é preciso fazer; não lhe falta senso: não se entregue à embriaguez e à intemperança de linguagem; não se entregue à sensualidade, sobretudo ao amor ao dinheiro; e feche seus botequins, pelo menos dois ou três, se não pode fechá-los todos. Mas sobretudo, antes de tudo, não minta.

— É a propósito de Diderot que o senhor diz isso?

— Não, não é a propósito de Diderot. Sobretudo não minta ao senhor mesmo. Aquele que mente a si mesmo e escuta a própria mentira vai ao ponto de não mais distinguir a verdade, nem em si nem em torno de si; perde, pois, o respeito de si e dos outros. Não respeitando ninguém, deixa de amar; e para se ocupar, e para se distrair, na ausência de amor, entrega-se às paixões e aos gozos grosseiros; chega até a bestialidade em seus vícios, e tudo isso provém da mentira contínua a si mesmo e aos outros. Aquele que mente a si mesmo pode ser o primeiro a ofender-se. É por vezes bastante agradável ofender a si mesmo, não é verdade? Um indivíduo sabe que ninguém o ofendeu, mas que ele mesmo forjou uma ofensa e mente para embelezar, enegrecendo de propósito o quadro, que se ligou a uma palavra e fez dum montículo uma montanha — ele próprio o sabe, portanto é o primeiro a ofender-se, até o prazer, até experimentar uma grande satisfação, e por isso mesmo chega ao verdadeiro ódio... Mas levante-se, sente-se, rogo-lhe; isso também é um gesto falso...

— Bem-aventurado! Deixai-me beijar-vos a mão. — Fiódor Pávlovitch levantou-se e pousou os lábios sobre a mão descarnada do *stáriets*. — Justamente, justamente, ofender-se a si mesmo causa prazer. O senhor disse-o tão bem, como jamais o ouvi dizer. Justamente, justamente, senti prazer em toda a minha vida com as ofensas, por um sentimento de estética, porque ser ofendido não somente causa prazer, mas por vezes é belo. Eis o que o senhor esqueceu, eminente *stáriets*: a beleza! Notá-lo-ei no meu caderninho! Quanto a mentir, não faço senão isso em toda a minha vida, a cada dia e a cada hora. Na verdade, sou mentira e o pai da mentira! Aliás, creio que não é o pai da mentira, embaraço-me nos textos, pois bem, o filho da mentira, e isso basta. Somente... meu anjo... pode-se por vezes florear a respeito de Diderot! Isso não faz mal, ao passo que certas palavras podem fazer mal. Eminente *stáriets*, a propósito, recordo-me de que, há três anos, tinha prometido a mim mesmo vir aqui informar-me e descobrir com insistência a verdade; peça somente a Piotr Alieksándrovitch que não me interrompa. Eis de que se trata. É verdade, reverendo padre, o que se conta em alguma parte das *Vidas dos santos*, a respeito dum santo taumaturgo, que sofreu o martírio pela fé, depois de ter sido decapitado, ergueu do chão sua cabeça e, “beijando-a delicadamente”, a carregou muito tempo em seus braços? É verdade ou não, meus padres?

— Não, não é verdade — disse o *stáriets*.

— Não há nada de semelhante em nenhuma *Vidas dos santos*. A propósito de que santo diz o senhor que se relata esse fato? — perguntou um religioso, o padre bibliotecário.

— Ignoro qual. Não tenho conhecimento disso. Induziram-me em erro. Ouvi-o dizer, e sabe por quem? Por esse mesmo Piotr Alieksándrovitch Miúsov, que ainda há pouco se zangava a respeito de Diderot; era ele quem contava isso.

— Jamais lhe contei isso, pela razão muito justa de que não converso nunca com o senhor.

— É verdade que não contou isso a mim, mas numa reunião social em que me encontrava há quatro anos. Se lembrei o fato, é que o senhor abalou minha fé com essa narrativa cômica, Piotr Alieksándrovitch. O senhor de nada sabia, mas voltei para minha casa com a fé abalada e desde então vacilo cada vez mais. Sim, Piotr Alieksándrovitch, foi o senhor causa duma grande queda. É coisa bem diversa de Diderot!

Fiódor Pávlovitch acalorava-se duma maneira patética, se bem que fosse evidente para todos que ele de novo não fazia senão exhibir-se. Mas Miúsov estava exacerbado.

— Que absurdo, como tudo isso, aliás! — murmurou ele. — Talvez tenha-o dito uma vez, na verdade... mas não ao senhor. Falaram-me disso. Ouvi em Paris um francês contar que se lê entre nós esse episódio na missa, nas *Vidas dos santos*. Foi um erudito que tem especialmente estudado a estatística da Rússia... há muito tempo. Quanto a mim, não li as *Vidas dos santos* e não a lerei... Pode-se bem dizer coisas durante o jantar... Nós estávamos jantando, então...

— Sim, os senhores estavam jantando então e eu perdi a fé! — disse para aborrecê-lo Fiódor Pávlovitch.

— Que me importa sua fé! — ia gritar Miúsov, mas conteve-se e proferiu com desprezo: — O senhor emporcalha, literalmente, tudo quanto toca.

O *stáriets* levantou-se de repente.

— Desculpem-me, senhores, deixá-los a sós por alguns minutos — disse ele, dirigindo-se a todos os visitantes —, mas já me esperavam antes da chegada dos senhores. Quanto ao senhor, abstenha-se de mentir — acrescentou, voltando-se para Fiódor Pávlovitch, com o rosto alegre.

Saiu da cela. Aliócha e o noviço lançaram-se a ajudá-lo a descer a escada. Aliócha sufocava; sentia-se feliz por sair, feliz igualmente por ver o *stáriets* alegre e não ofendido. O *stáriets* dirigia-se para a galeria, a fim de abençoar aquelas que o esperavam, mas Fiódor Pávlovitch deteve-o às portas da cela.

— Bem-aventurado! — exclamou ele, sentimentalmente. — Permita-me que lhe beije ainda uma vez a mão! Com o senhor pode-se conversar, pode-se viver. O senhor pensa que minto sempre assim e que banco o palhaço? Era para verificar se se pode viver com o senhor, se há lugar para minha humildade ao lado de sua altivez. Passo-lhe um certificado de sociabilidade! Agora, nem mais uma palavra. Vou sentar-me e ficar em silêncio. Cabe ao senhor falar, Piotr Alieksándrovitch, o senhor passa a ser o personagem principal... por dez minutos.

III

AS MULHERES CRENTES

Embaixo da galeria de madeira que dava para o muro exterior do recinto apertavam-se umas vinte mulheres do povo. Tinham-nas prevenido de que o *stáriets* sairia afinal e haviam-se agrupado à espera. As proprietárias Khokhlakovi esperavam-no igualmente, mas num quarto da galeria, reservado às visitantes de qualidade. Eram duas: a mãe e a filha. A primeira, senhora rica e sempre trajada com gosto, era ainda bastante jovem e de exterior bastante agradável, de olhos vivos e quase negros. Tinha apenas 33 anos e estava viúva havia cinco. Sua filha, de 14 anos, tinha as pernas paralíticas. A pobre menina não andava mais havia seis meses; carregavam-na numa cadeira de rodas. Tinha um rosto delicioso, um pouco emagrecido pela doença, mas alegre. Algo de folgazão brilhava em seus grandes olhos sombrios, de longas pestanas. Desde a primavera estava a mãe disposta a levá-la ao estrangeiro, mas trabalhos efetuados em suas terras haviam-nas retardado. Fazia uma semana, viviam em nossa cidade, mais por negócios que por devoção, mas já haviam visitado o *stáriets* três dias antes. Agora voltavam e, embora sabendo que o *stáriets* não podia quase receber mais ninguém, suplicavam que lhes concedesse “a

felicidade de ver o grande curador”. Aguardando a vinda dele, a mãe estava sentada ao lado da poltrona de sua filha; a dois passos mantinham-se de pé um velho monge, vindo dum longínquo convento do Norte e que desejava receber a bênção do *stáriets*. Mas este, quando apareceu na galeria, dirigiu-se diretamente ao povo. A multidão comprimia-se em torno do patamar de três degraus que unia a galeria baixa ao solo. O *stáriets* manteve-se no degrau superior, revestiu-se da estola e pôs-se a abençoar as mulheres que o cercavam. Trouxeram-lhe uma possessa que seguravam pelas duas mãos. Assim que ela avistou o *stáriets*, foi tomada dum soluço, lançando gemidos e sacudida por espasmos, como numa crise de eclampsia. Tendo-lhe coberto a cabeça com a estola, pronunciou o *stáriets* sobre ela uma curta prece e ela acalmou-se imediatamente. Ignoro o que se passa agora, mas na minha infância tive muitas vezes ocasião de ver e de ouvir essas possessas, nas aldeias e nos conventos. Levadas à missa, ganiam e ladravam na igreja, mas, quando traziam o santo sacramento e elas dele se aproximavam, a “crise demoníaca” cessava imediatamente e as doentes se acalmavam sempre por certo tempo. Ainda menino, isso me espantava e me surpreendia bastante. Ouvia então certos proprietários rurais e sobretudo professores da cidade responderem às minhas perguntas que era aquilo uma simulação para não trabalhar e que se podia sempre reprimi-la, mostrando severidade. Citavam-se em apoio disso diversas anedotas. Mais tarde, soube com espanto, de médicos especialistas, que não havia ali nenhuma simulação, que era uma terrível doença das mulheres, atestando, mais particularmente na Rússia, a dura condição de nossa camponesa. Provinha de trabalhos estafantes, executados muito cedo, após laboriosos partos mal efetuados, sem nenhuma ajuda médica: além disso, desespero, maus-tratos, etc., etc., o que certas naturezas femininas não podem suportar, malgrado o exemplo geral. A cura estranha e súbita de uma possessa presa de convulsões, desde que a aproximavam das sagradas espécies, cura atribuída então à simulação e, além do mais, a um ardil empregado, por assim dizer, pelos próprios “clérigos”, efetuava-se provavelmente também da maneira mais natural. As mulheres que conduziam a doente, e sobretudo ela própria, estavam persuadidas, como duma verdade evidente, de que o espírito impuro que a possuía jamais poderia resistir na presença do santo sacramento, diante do qual inclinavam a infeliz. De modo que, numa mulher nervosa e psiquicamente doente, produzia-se sempre (e isso devia

ser) como que um abalo nervoso de todo o organismo, abalo causado pela expectativa do milagre da cura e pela fé absoluta na sua realização. E ele se realizava, nem que fosse por um minuto. Foi o que ocorreu, assim que o *stáriets* cobriu a doente com a estola.

Muitas das mulheres que se comprimiam em redor dele vertiam lágrimas de enternecimento e de entusiasmo, sob a impressão daquele minuto; outras avançavam para beijar nem que fosse a orla do hábito dele; algumas lamentavam-se. Ele abençoava todas e conversava com elas. Conhecia já a possessa, que morava numa aldeia a seis versts do mosteiro; não era a primeira vez que a traziam.

— Eis uma que vem de longe! — disse ele, apontando uma mulher ainda jovem, mas muito magra e desfeita, o rosto mais enegrecido que queimado. Estava de joelhos e fitava o *stáriets* com um olhar imóvel. Seu olhar tinha qualquer coisa de desvairado.

— Venho de longe, *bátiuchka*, de longe, a trezentas versts daqui. De longe, meu pai, de longe — repetiu a mulher como um estribilho, balançando a cabeça da direita para a esquerda, com a face apoiada na palma de sua mão. Falava como que se lamentando. Há no povo uma dor silenciosa e paciente; entra em si mesma e se cala. Mas há uma outra que explode: manifesta-se por lágrimas e se expande em lamentações, sobretudo entre as mulheres. Não é mais ligeira que a dor silenciosa. As lamentações só se acalmam, roendo e dilacerando o coração. Semelhante dor não quer consolações, repasta-se com a ideia de ser inextinguível. As lamentações são apenas a necessidade de irritar cada vez mais a ferida.

— A senhora é da cidade, sem dúvida? — continuou o *stáriets*, olhando-a com curiosidade.

— Moramos na cidade, *bátiuchka*; somos do campo, mas moramos na cidade. Vim para ver-te. Ouvimos falar de ti, *bátiuchka*. Enterrei meu filhinho bem novo, fui rogar a Deus, estive em três conventos e disseram-me: “Vá lá embaixo também, Nastássiuchka, isto é, vir ter com o senhor, *bátiuchka*, com o senhor.” Vim, estava ontem de noite na igreja e eis-me aqui.

— Por que choras?

— Choro pelo meu filho *bátiuchka*; ele estava com três anos, ia fazê-los dentro de três meses. É por causa dele que me atormento. Era o último; Nikítuchka e eu tivemos quatro, mas os meninos não ficam em nossa casa,

bem-amado, não ficam. Enterrei os três primeiros, não tinha tanto pesar, mas este último, não posso esquecê-lo. É como se tivesse ficado diante de mim, não se vai embora. Estou de alma ressequida. Contemplo sua roupinha, sua camisinha, suas botinas, e soluço. Exponho tudo quanto restou depois dele, cada coisa, contemplo-as e choro. Digo a Nikítuchka, meu marido: “Ah, meu senhor, deixa-me ir em peregrinação.” Ele é cocheiro, temos de tudo, meu pai, temos de tudo, vivemos por nossa conta, tudo nos pertence, os cavalos e os carros. Mas de que servem agora todos esses bens? Sem mim, meu Nikítuchka deve ter-se posto a beber, decerto, e, já antes, assim que eu me afastava fraquejava ele. Mas agora não penso mais nele, há três meses que abandonei a casa. Esqueci tudo e não quero mais lembrar-me de nada; que farei dele agora? Rompi com ele e com todos. E agora não desejaria ver minha casa e meus bens e preferiria mesmo ter perdido a vista.

— Escuta, mãe — proferiu o *stáriets*. — Outrora um grande santo avistou no templo uma mãe que chorava como tu, também por causa de seu filho único que o Senhor havia igualmente chamado a si. “Não sabes — disse-lhe o santo — como são atrevidas essas criancinhas diante do Trono de Deus? Não há mesmo ninguém mais atrevido, no reino dos céus. ‘Senhor, Tu nos deste a vida — dizem eles a Deus —, mas apenas vimos o dia. Tu no-la tomaste.’ Pedem e reclamam tão atrevidamente que o Senhor faz deles logo anjos. Por isso, disse o santo, rejubila-te e não chores, teu filho acha-se agora na casa do Senhor, no coro dos anjos.” Eis o que disse, nos tempos antigos, o santo à mulher que chorava. Era um grande santo e nada podia dizer-lhe que não fosse verdade. Sabe pois, mãe, que teu filho também se acha decerto diante do Trono do Senhor, regozija-se, diverte-se e roga a Deus por ti. Podes chorar, mas rejubila-te.

A mulher escutava-o, com a face na mão, inclinada. Suspirou profundamente.

— Era da mesma maneira que Nikítuchka me consolava: “Não és razoável — dizia ele —, por que chorar? Nosso filho, decerto, canta agora com os anjos junto do Senhor.” Diz-me isso e ele mesmo chora, vejo suas lágrimas. “Eu sei — digo eu —, Nikítuchka. Onde estaria ele senão na casa do Senhor? Somente não está mais aqui conosco, neste momento, bem perto, como ficava outrora.” Oh! Se eu pudesse revê-lo uma vez, uma vez, apenas, sem me aproximar dele, sem falar, ocultando-me em um canto. Vê-lo somente um minuto, ouvi-lo brincar lá fora, vir, como vinha

por vezes, gritar com sua vozinha: “Mamãe, onde estás?” Se eu pudesse ouvir seus pezinhos trotarem pelo quarto; bem muitas vezes, lembro-me, corria para mim com gritos e risadas. Se pudesse ao menos ouvi-lo! Mas ele não está mais lá, *bátiuchka*, e não o ouvirei nunca mais! Eis o seu cinto, mas ele não está mais lá e tudo acabou para sempre!...

Tirou do seio o cinturãozinho de passamanaria de seu filho; assim que o olhou, foi abalada por soluços, ocultando os olhos com seus dedos através dos quais corriam torrentes de lágrimas.

— Ah! — exclamou o *stáriets*. — Isto é o antigo “Raquel chorando seus filhos sem poder ser consolada, porque eles não mais existem”. Tal é a sorte que vos está destinada neste mundo, ó mães! Não te consoles, não é preciso que te consoles, chora, mas, cada vez que chorares, lembra-te de que teu filho é um dos anjos de Deus, que, lá do alto, te olha e te vê, que se rejubila com tuas lágrimas e mostra-as ao Senhor; por muito tempo ainda tuas lágrimas maternais correrão, mas afinal tornar-se-ão uma alegria tranquila, tuas lágrimas amargas serão lágrimas de enternecimento e de purificação, que salvam do pecado. Rogarei pelo repouso da alma de teu filho. Como se chamava ele?

— Alieksiêi, *bátiuchka*.

— Um belo nome. Tinha por santo padroeiro Alieksiêi, “homem de Deus”?

— Sim, *bátiuchka*, Alieksiêi, “homem de Deus”.¹⁶

— Que grande santo! Rogarei por ele, mãe, não esquecerei tua aflição em minhas preces; rogarei também pela saúde de teu marido, mas é um pecado abandoná-lo, volta para ele, toma bastante cuidado com ele. Lá do alto, teu filho vê que abandonaste o pai frl e chora por vós. Por que perturbar a sua beatitude? Ele vive porque a alma vive eternamente, não está em casa, mas encontra-se bem perto de vós, invisível. Como virá ele à tua casa, se dizes que a detestas? Para quem virá ele, se não vos encontra em casa, se não vos encontra juntos, o pai e a mãe? Ele te aparece agora e ficas atormentada; então enviar-te-á doces sonhos. Volta para teu marido, mãe, hoje mesmo.

— Irei, bem-amado, segundo a tua palavra; leste em meu coração. Nikítuchka, tu me esperas, meu querido, tu me esperas — começava a mulher a lamentar-se, mas já o *stáriets* se voltava para uma velhinha, vestida não de peregrina, mas de cidadina. Por seus olhos, via-se que tinha

um caso, que viera para comunicar alguma coisa. Era a viúva dum suboficial, morador de nossa cidade. Seu filho, Vássienhka, empregado num comissariado, partira para Irkutsk, na Sibéria. Escrevera duas vezes, mas havia um ano que estava ela sem notícias; havia-se informado, mas na verdade não sabia mesmo onde informar-se.

— Um dia desses, Stiepanida Ilínichna Biedriáguina, uma rica comerciante, me dizia: “Escreve o nome de teu filho num papel, Prókhorovna, vai à igreja e encomenda preces pelo repouso de sua alma. Sua alma ficará angustiada e ele te escreverá. É esse — afirmou Stiepanida Ilínichna — um meio seguro e frequentemente posto em prática.” Tenho somente dúvidas... Tu, que és nossa luz, dize-me se isso é verdade ou mentira, bem ou mal?

— Guarda-te bem disso. É até vergonhoso pedi-lo. Como se pode rezar pelo repouso de uma alma viva, e ainda por cima sua própria mãe? É um grande pecado, como a feitiçaria; somente tua ignorância vale-te o perdão. Reza, antes, pela saúde dele à Rainha dos Céus, a Pronta Medianeira, Auxiliadora dos Pecadores, a fim de que ela perdoe teu erro. Escuta, Prókhorovna: ou teu filho voltará em breve para ti, ou enviará decerto uma carta. Fica sabendo. Vá em paz, teu filho está vivo, digo-te.

— Bem-amado, que Deus te recompense, a ti, nosso benfeitor, que reza por nós todos e por nossos pecados...

Mas o *stáriets* já havia notado na multidão o olhar ardente, dirigido para ele, duma camponesa de aspecto de tuberculosa, acabada, se bem que ainda jovem. Ela olhava em silêncio, seus olhos imploravam alguma coisa, mas parecia temer aproximar-se.

— Que queres, minha cara?

— Alivia minha alma, bem-amado — murmurou ela, docemente. Sem pressa, pôs-se de joelhos, prosternou-se a seus pés. — Pequei, meu bom pai, e tenho medo de meu pecado.

O *stáriets* sentou-se no derradeiro degrau. A mulher aproximou-se dele, sempre de joelhos.

— Sou viúva há três anos — começou ela a meia-voz. — Era penoso viver com meu marido, era velho e batia-me duramente. Estava deitado, doente, e, pensava eu, olhando-o: “Mas se ele restabelecer-se e levantar-se de novo, que acontecerá então?” E essa ideia não me deixou mais...

— Espera — disse o *stáriets* e aproximou seu ouvido dos lábios dela. A mulher continuou com uma voz que mal se ouvia. Logo terminou.

— Há três anos? — perguntou o *stáriets*.

— Três anos. A princípio, não pensava nisso, mas a doença chegou e estou cheia de angústia.

— Vens de longe?

— Caminhei quinhentas verstras.

— Confessaste-te?

— Confessei-me duas vezes.

— Fostes admitida à comunhão?

— Admitiram-me. Tenho medo; tenho medo de morrer.

— Não temas nada e nunca tenhas medo, não te apoquentes. Contanto que o arrependimento perdure, Deus perdoa tudo. Não há pecado sobre a terra que Deus não perdoe àquele que se arrepende sinceramente. O homem não pode cometer pecado tão grande que esgote o amor infinito de Deus. Por que poderá haver pecado que ultrapasse o amor de Deus? Sem cessar, não sonhes senão com o arrependimento e bane todo temor. Crê que Deus te ama como não podes imaginá-lo, se bem que te ame em teu pecado e com teu pecado. Haverá mais alegria nos céus por um pecador que se arrepende do que por dez justos. Não te aflijas a respeito dos outros e não te irrites com as injúrias. Perdoa em teu coração ao defunto todas as suas ofensas contra ti, reconcilia-te com ele em verdade. Se te arrependes, é que o amas. Ora, se amas, serás já de Deus... O amor tudo redime e tudo salva. Se eu, um pecador como tu, me enterneci, se tive piedade de ti, com mais forte razão o Senhor. O amor é um tesouro tão inestimável que em troca podes adquirir o mundo inteiro e redimir não só teus pecados, mas os dos outros. Vá e não temas nada.

Fez três vezes sobre ela o sinal da cruz, tirou de seu pescoço uma pequena imagem, passou-a no pescoço da pecadora, que se prosternou em silêncio até o chão. Ele se levantou e olhou alegremente uma mulher robusta que trazia nos braços um bebê.

— Venho de Vichegórie, bem-amado.

— Tu te cansaste andando seis verstras com esse menino. Que queres?

— Vim ver-te. Não é a primeira vez, já te esqueceste? Tens memória fraca, se não te lembras de mim. Dizia-se lá em nossa aldeia que estavas doente. “Pois bem — pensei —, eu mesma irei vê-lo!” Vejo que não tens

nada. Viverás ainda vinte anos, palavra! Não rezam bastante por ti, como haverias de cair doente?

— Obrigado por tudo, minha cara.

— A propósito, tenho um pequeno pedido a fazer-te. Aqui estão sessenta copeques. Dá-os a outra mais pobre do que eu. Ao vir para cá, pensava: “valerá melhor entregá-los a ele, que saberá a quem dá-los.”

— Obrigado, minha cara, obrigado, minha boa mulher, eu te amo. Não deixarei de fazer o que pedes. É uma menina que tens nos braços?

— Uma menina, bem-amado, Lisavieta.

— Que o Senhor vos abençoe as duas, a ti e à pequena Lisavieta. Tu alegraste meu coração, mãe. Adeus, minhas queridas filhas.

Abençoou todas e fez-lhes uma profunda reverência.

IV

UMA DAMA SEM MUITA FÉ

A dama proprietária, recentemente chegada, testemunha dessa conversação com as mulheres do povo e da bênção, vertia suaves lágrimas que enxugava com seu lenço. Era uma mulher da sociedade, sensível, de tendências virtuosas. Quando o *stáriets* a abordou, por fim, acolheu-o com entusiasmo.

— Experimentei uma tal impressão, contemplando essa cena enternecedora... — a emoção cortou-lhe a palavra. — Oh! Compreendo que o povo vos ame, eu mesma amo o povo. Como não se haveria de amar nosso excelente povo russo, tão ingênuo em sua grandeza?

— Como vai sua filha? Quis de novo entreter-se comigo?

— Oh! Pedi instantaneamente, tenho suplicado, estava pronta a me pôr de joelhos e a ficar três dias diante de vossas janelas, até que me deixásseis entrar. Vimos, grande curador, exprimir-vos todo o nosso reconhecimento entusiasta. Porque fostes vós que curastes Lisa, completamente, quinta-feira, rezando diante dela e impondo-lhe as mãos. Tínhamos pressa em beijar essas mãos, em testemunhar nossos sentimentos e nossa veneração.

— Eu a curei, diz a senhora? Ela, porém, está ainda deitada em sua poltrona.

— Mas as febres noturnas desapareceram completamente há dois dias, a partir de quinta-feira — disse a dama com uma solicitude nervosa. — Não é tudo: suas pernas fortificaram-se. Esta manhã, levantou-se de boa saúde. Olhai suas cores e seus olhos que brilham. Chorava constantemente, agora ri, está alegre, jovial. Hoje, exigiu que a pusessem de pé e manteve-se um minuto sozinha, sem nenhum apoio. Quer apostar comigo que dentro de 15 dias dançará uma quadrilha? Mandeí chamar o doutor Herzenstube; ele levanta os olhos e diz: “Estou admirado, não compreendo nada disso.” E queríeis vós que não vos incomodássemos, que não acorrêssemos aqui, para agradecer-vos? Lisa, vamos, agradece!

O rostinho de Lisa tornou-se subitamente sério. Ergueu-se de sua poltrona tanto quanto pôde e, fitando o *stáriets*, juntou as mãos, mas não pôde conter-se e pôs-se a rir.

— É dele que rio, dele — disse ela, mostrando Aliócha, contrariada por não poder impedir-se de rir. Observando-se o rapaz, que se mantinha por trás do *stáriets*, ter-se-ia visto que suas faces se cobriam dum rápido rubor. Seus olhos brilharam e ele os baixou.

— Ela tem um recado para você, Alieksiêi Fiódorovitch... Como vai você? — continuou ela dirigindo-se a Aliócha e estendendo-lhe a mão deliciosamente enluvada. O *stáriets* voltou-se e examinou Aliócha. Este aproximou-se de Lisa e estendeu-lhe a mão, sorrindo acanhadamente. Lisa assumiu um ar grave.

— Katierina Ivânovna pediu-me que lhe remetesse isto — e entregou-lhe uma pequena carta. — Ela lhe pede que vá vê-la o mais cedo possível e sem falta.

— Ela me pede que eu vá à casa dela? Por quê?... — murmurou Aliócha com profundo espanto. Seu rosto tornou-se preocupado.

— Oh! É a propósito de Dimítri Fiódorovitch e... de todos esses últimos acontecimentos — explicou rapidamente a mãe. — Katierina Ivânovna firmou-se agora numa decisão... mas para isso deseja vê-lo... Por quê? Ignoro-o, decerto, mas pediu ela que fosse o mais cedo possível e você não deixará de ir lá, os sentimentos cristãos o obrigam a isso.

— Vi-a uma vez ao todo — continuou Aliócha, sempre perplexo.

— Oh! É uma criatura tão nobre, tão inacessível!... Quando menos por seus sofrimentos... Considere o que tem ela suportado, o que ela suporta agora e o que a espera... Tudo isso é horrível, horrível!

— Está bem, irei — decidiu Alieksiêi, depois de ter lido o bilhete, curto e enigmático, que não continha nenhuma explicação, a não ser a súplica instantânea para que ele fosse.

— Ah! Como é gentil de sua parte — exclamou Lisa, animadamente. — Dizia eu a mamãe: “Ele jamais irá, está tratando de sua salvação.” Como você é bom! Sempre pensei que você era bom. É um prazer dizer-lhe isso agora!

— Lisa! — disse gravemente a mãe, que, aliás, sorriu.

— Você nos esqueceu, Alieksiêi Fiódorovitch, não quer absolutamente visitar-nos. Entretanto, Lisa me disse duas vezes que só se encontrava bem em sua companhia. — Aliócha ergueu seus olhos baixos, corou de novo e sorriu sem saber por quê. Aliás, o *stáriets* não o observava mais. Entrara em conversa com o monge que aguardava sua vinda, como o dissemos, ao lado da cadeira de Lisa. Era, pelo que se via, um monge duma condição das mais modestas, de ideias estreitas e paradas, mas crente e obstinado a seu modo. Contou que vivia longe, no Norte, em Obdorsk, no convento de São Silvestre, pobre mosteiro, que só contava nove monges. O *stáriets* abençoou-o, convidou-o a vir à sua cela, quando bem lhe parecesse.

— Como tentais semelhantes coisas? — perguntou o monge, mostrando gravemente Lisa. Fazia alusão à sua “cura”.

— É ainda demasiado cedo para falar disso. Um alívio não é a cura completa e pode ter outras causas. Mas o que pôde passar-se é unicamente devido à vontade de Deus. Tudo vem dele. Venha ver-me, padre — acrescentou ele —, eu não poderei vir sempre; estou doente e sei que meus dias estão contados.

— Oh! Não, não, Deus não vos arrebatará de nós, vivereis ainda muito tempo, muito tempo — exclamou a mãe. — Além disso, qual a vossa doença? Pareceis de tão bom aspecto, alegre e feliz.

— Sinto-me muito melhor hoje, mas sei que não é por muito tempo. Conheço agora a fundo minha doença. Se lhe pareço tão alegre, nada me pode causar mais prazer que ouvi-la dizer isso. Porque a felicidade é o fim do homem, e aquele que tem sido completamente feliz tem o direito de

dizer a si mesmo: “Cumprir a lei divina nesta terra.” Os justos, os santos, os mártires todos foram felizes.

— Oh! As ousadas, as sublimes palavras! — exclamou a mãe. — Elas nos transpassam! Entretanto, onde está a felicidade? Quem pode dizer-se feliz? Oh! Já que tivestes a bondade de permitir que vos viéssemos ver ainda hoje, escutai tudo quanto não vos disse na derradeira vez, tudo quanto não ousava dizer-vos, aquilo de que sofro desde tanto tempo! Porque eu sofro, desculpai-me, eu sofro... — e, num ímpeto de fervor, juntou as mãos diante dele.

— De quê, particularmente?

— Sofro... porque não creio...

— Não crê em Deus?

— Oh! Não, não, não ousou pensar nisso, mas a vida futura, que enigma? E ninguém pode responder a isso! Escutai-me, vós que conheceis a alma humana e a curais; sem dúvida, não ousou pedir-vos que me acrediteis absolutamente, mas asseguro-vos, da maneira mais solene, que não é por leviandade que falo agora, essa ideia da vida de além-túmulo me emociona até o sofrimento, até o espanto e o pavor... E não sei a quem dirigir-me, não ousei toda a minha vida... Agora me permito dirigir-me a vós... Oh! Deus! Por quem me tomais?

Bateu as mãos uma contra a outra.

— Não se inquiete com a minha opinião — respondeu o *stáriets*. — Creio perfeitamente na sinceridade de sua angústia.

— Oh! Como vos sou grata! Vede: fecho os olhos e sonho. Se todos acreditam, donde vem isso? Assegura-se que tudo isso provém a princípio do medo, inspirado pelos fenômenos grandiosos da natureza, mas que nada existe. Pois bem! Penso eu, acreditei toda a minha vida; morrerei e não haverá nada e somente “a relva brotará sobre o túmulo”, como se exprime um escritor. É horrível! Como recuperar a fé? Aliás, cri somente na minha infância, mecanicamente, sem pensar em nada... Como me convencer? Vim inclinar-me diante de vós e rogar-vos que me esclareçais. Porque se deixo passar a ocasião presente nunca mais me responderão. Como persuadir-me? De acordo com que provas? Quanto sou infeliz! Em redor de mim, ninguém se preocupa com isso, quase ninguém; ora, não posso suportar isso sozinha. É esmagador!

— Decerto, é esmagador. Mas onde nada se pode provar, pode a gente persuadir-se.

— Como? De que maneira?

— Pela experiência do amor que age. Esforce-se por amar seu próximo com ardor e sem cessar. À medida que progredir no amor, convencer-se-á a senhora da existência de Deus e da imortalidade de sua alma. Se for até a abnegação total em seu amor ao próximo, então acreditará indubitavelmente e nenhuma dúvida mesmo poderá aflorar sua alma. Está isso demonstrado pela existência.

— O amor que age! Eis ainda uma questão, e que questão! Vede: amo tanto a humanidade que, acreditaríeis vós?, sonho por vezes abandonar tudo quanto tenho, deixar Lisa e fazer-me irmã de caridade. Fecho os olhos, sonho e devaneio; nesses momentos, sinto em mim uma força invisível. Nenhum ferimento, nenhuma chaga purulenta poderia horrorizar-me. Eu as pensarei, as lavarei com minhas próprias mãos, serei a enfermeira desses pacientes, prestes a beijar suas úlceras...

— Já é muito que a senhora tenha tais pensamentos. Por acaso acontecer-lhe-á praticar verdadeiramente uma boa ação.

— Sim, mas poderia eu suportar muito tempo tal existência? — continuou a dama, apaixonadamente, com um ar quase desvairado. — Eis a questão capital, a que mais me atormenta. Fecho os olhos e pergunto a mim mesma: “Persistirias muito tempo nessa via? Mas se o doente, cujas úlceras tu lavas, pagar-te com ingratidão, puser-se a atormentar-te com seus caprichos, sem apreciar nem notar teu devotamento, se gritar contra ti, se mostrar-se exigente e queixar-se mesmo à diretoria (como acontece muitas vezes quando se sofre muito), farás então o quê? Continuará o teu amor?” Imaginai que já decidi, com um arrepio: “Se há alguma coisa que possa esfriar imediatamente meu amor ‘que age’ em favor da humanidade, é unicamente a ingratidão.” Numa palavra: trabalho por um salário, exijo-o imediatamente, sob forma de elogios e de amor em troca do meu. De outro modo, não posso amar ninguém.

Depois de haver-se assim fustigado, num acesso de sinceridade, ela fitou o *stáriets* com um atrevimento provocante.

— É exatamente o que me contava, há muito tempo, aliás, um médico — observou o *stáriets*. — Era um homem de idade madura e verdadeiramente inteligente, exprimia-se tão francamente quanto a

senhora, se bem que brincando, mas com tristeza. “Eu amo — dizia ele — a humanidade, mas admiro-me de mim mesmo. Tanto mais amo a humanidade em geral, quanto menos amo as pessoas em particular, como indivíduos. Muitas vezes tenho sonhado apaixonadamente em servir à humanidade, e talvez tivesse verdadeiramente subido ao calvário por meus semelhantes, se tivesse sido preciso, muito embora não possa viver com ninguém dois dias no mesmo quarto. Sei-o por experiência. Desde que alguém está junto de mim, sua personalidade oprime meu amor-próprio e constrange minha liberdade. Em 24 horas, posso mesmo antipatizar com as melhores pessoas: uma, porque fica muito tempo à mesa, outra, porque está resfriada e só faz espirrar. Torno-me o inimigo dos homens, apenas se acham eles em contato comigo. Em compensação, invariavelmente, quanto mais detesto as pessoas em particular, tanto mais ardo de amor pela humanidade em geral.”

— Mas que fazer? Que fazer em semelhante caso? É de desesperar.

— Não, porque basta que a senhora fique desolada. Faça o que puder e ser-lhe-á levado isso em conta. A senhora já fez muito para ser capaz de conhecer a si mesma, de maneira tão profunda, tão sincera. Se me falou agora com tal franqueza, unicamente para receber meus elogios por sua veracidade, não atingirá nada, seguramente, no domínio do amor que age. Tudo se limitará a sonhos e sua vida escoar-se-á como um sonho. Então, naturalmente, esquecerá a vida futura e para o fim tranquilizar-se-á duma maneira ou de outra.

— Vós me acabrunhais! Compreendo somente agora, como acabais de dizer-me, que, ao contar-vos o horror que sinto pela ingratidão, esperava vossos elogios à minha sinceridade, e nada mais. Sugeristes, captastes meus pensamentos para nos revelardes.

— Fala sério? Pois bem! Depois de tal confissão, creio que a senhora é boa e sincera. Se não atingir a felicidade, lembre-se sempre de que está no bom caminho e trate de não sair dele. Sobretudo, evite toda mentira, particularmente a mentira para consigo mesma. Observe sua mentira, examine-a a cada instante. Evite também a repugnância para com os outros e para consigo mesma: o que lhe parece mau na senhora mesma está purificado, pelo simples fato de que o notou na senhora. Evite também o temor, se bem que seja ele somente a consequência de toda mentira. Não tema jamais a própria covardia na procura do amor, não se deixe mesmo atemorizar demais por suas más ações a esse propósito.

Lamento nada poder dizer-lhe de mais rejubilante, porque o amor que age, comparado com o amor contemplativo, é algo de cruel e atemorizante. O amor contemplativo tem sede de realização imediata e de atenção geral. Chega-se a ponto de dar a vida, com a condição de que isso não dure muito tempo, e que tudo se acabe rapidamente, como no palco, sob os olhares e os elogios. O amor atuante é o trabalho e o domínio de si, e para alguns toda uma ciência. Ora, predigo-lhe que no momento mesmo em que a senhora verificar com terror que, malgrado todos os seus esforços, não somente não se aproximou a senhora do alvo, mas até mesmo dele se afastou — nesse momento, predigo-lhe —, a senhora atingirá o alvo e verá acima da senhora a força misteriosa do Senhor, que a terá guiado com amor, sem que a senhora soubesse. Desculpe-me não poder demorar mais tempo com a senhora. Esperam-me. Adeus.

A dama chorava.

— Lisa, Lisa, abençoei-a — disse ela com ímpeto.

— Ela não merece ser amada. Vi-a divertir-se todo o tempo — brincou o *stáriets*. — Por que zombou de Alieksiêi?

Lisa, com efeito, dedicara-se todo o tempo a isso. Desde muito tempo, desde o ano anterior, notara que Aliócha se perturbava em sua presença, evitava olhá-la, e isso tornou-se muito divertido para ela. Fitava-o; buscava seu olhar. Não resistindo àquele olhar fixo, obstinadamente sobre ele, Aliócha, impelido por uma força invisível, olhava-a por sua vez; imediatamente ela se abria num sorriso triunfante. Isso aumentava a confusão e o despeito de Aliócha. Afinal afastou-se completamente dela, ocultando-se por trás do *stáriets*. Ao fim de alguns minutos, como que hipnotizado, voltou-se para ver se o olhavam. Lisa, quase fora de sua cadeira, observava-o de viés e esperava impacientemente que ele a olhasse; tendo assim captado o olhar dele, explodiu em tal gargalhada que o *stáriets* não pôde conter-se.

— Por que, sua brejeira, faz você que ele core dessa maneira?

Lisa ficou toda vermelha, seus olhos brilhavam, seu rosto ficou sério e com voz lamentosa, indignada, disse nervosamente:

— Por que esqueceu ele tudo? Quando eu era bem pequenina, carregava-me em seus braços, brincávamos juntos. Foi ele quem me ensinou a ler, sabíeis? Há dois anos, ao partir, disse que não o esqueceria jamais, que éramos amigos para sempre, para sempre! E ei-lo agora que

tem medo de mim, como se eu fosse comê-lo. Por que não se aproxima e não quer falar? Por qual razão não nos vem ver? Não é porque vós o retenhais, pois sabemos que ele vai a toda parte. Não é conveniente para mim convidá-lo. Deveria ele lembrar-se em primeiro lugar, se não esqueceu. Não, agora trata de sua salvação! Por que o revestistes desse hábito de longas abas?... Se correr, cairá...

De súbito, não suportando mais, ocultou o rosto nas mãos e reventou numa gargalhada nervosa, prolongada, silenciosa, que a sacudia toda. O *stáriets*, que a havia escutado sorrindo, abençoou-a com ternura; ao beijar-lhe a mão, ela a apertou contra seus olhos e se pôs a chorar.

— Não vos zangueis comigo, sou uma bobinha, não valho coisa alguma... Aliócha tem talvez razão em não querer ir à casa duma moça tão ridícula.

— Eu o mandarei lá, sem falta — cortou o *stáriets*.

V

ASSIM SEJA!

A ausência do *stáriets* durara cerca de 25 minutos. Era mais de meio-dia e meia e Dimítri Fiódorovitch, por causa de quem se havia convocado a reunião, ainda não tinha chegado. Mas tinham-no quase esquecido, e quando o *stáriets* reapareceu na cela, encontrou seus visitantes ocupados numa conversação bastante animada. Travava-se, sobretudo, entre Ivan Fiódorovitch e os dois religiosos. Miúsov a ela se misturava com ardor, mas sem grande êxito. Ficava em segundo plano e não lhe respondiam, o que só fazia aumentar sua irritabilidade. Anteriormente, já havia feito duelo de erudição com Ivan Fiódorovitch e não podia suportar de sangue-frio certa falta de atenções da parte deste último. “Até agora, pelo menos, estava eu no nível de tudo quanto há de progressista na Europa, mas essa nova geração nos ignora totalmente”, pensava consigo mesmo. Fiódor Pávlovitch, que havia jurado ficar sentado sem dizer palavra, guardou silêncio por algum tempo, mas observava, com um sorriso zombeteiro, seu vizinho Piotr Alieksándrovitch, cuja irritação o alegrava visivelmente. Desde muito tempo se dispunha a pagar-lhe na mesma moeda e não queria

deixar passar a ocasião. Por fim, não se conteve mais, inclinou-se para o ombro de seu vizinho e mexeu com ele a meia-voz.

— Por que não partiu ainda há pouco, depois da anedota do santo, e consentiu em ficar em companhia tão inconveniente? É que, sentindo-se humilhado e ofendido, ficou o senhor para mostrar seu espírito e tirar sua vingança. Agora o senhor não irá embora sem tê-lo mostrado.

— O senhor recomeça? Vou-me embora agora mesmo, pelo contrário.

— Será o último a sair — lançou-lhe Fiódor Pávlovitch.

O *stáriets* voltou quase imediatamente.

A discussão parou por um minuto, mas tendo o *stáriets* retomado seu lugar, passeou seu olhar sobre os assistentes como para convidá-los a continuar. Aliócha, que conhecia cada expressão de seu rosto, viu que ele estava extenuado e exigia demais de suas forças. Nos últimos tempos de sua doença, desmaiava de fraqueza. A palidez, que era o sintoma disso, espalhava-se agora por seu rosto; tinha os lábios exangues, mas não queria evidentemente despedir a assembleia, tendo para isso suas razões. Quais? Aliócha observava-o com atenção.

— Comentamos um artigo bastante curioso do senhor — explicou o padre Ióssif, o bibliotecário, designando Ivan Fiódorovitch. — Há muitas apreciações novas, mas a tese parece de dois gumes. É um artigo em resposta a um padre, autor de uma obra a respeito dos tribunais eclesiásticos e da extensão de seus direitos.

— Infelizmente, não li seu artigo, mas ouvi falar dele — respondeu o *stáriets*, olhando atentamente para Ivan Fiódorovitch.

— O senhor coloca-se dum ponto de vista bastante curioso — continuou o padre bibliotecário. — Parece rejeitar absolutamente a separação da Igreja e do Estado na questão dos tribunais eclesiásticos.

— É curioso, mas em qual sentido? — perguntou o *stáriets* a Ivan Fiódorovitch.

Este respondeu-lhe afinal, não com um ar altivo, pedante, como Aliócha receava ainda na véspera, mas num tom modesto, discreto, excluindo qualquer segunda intenção.

— Parto do princípio de que essa confusão dos elementos essenciais da Igreja e do Estado, tomados separadamente, durará sem dúvida para sempre, se bem que seja impossível e jamais se possa levá-la a um estado não somente normal, mas um pouco conciliável, porque repousa sobre

uma mentira. Um compromisso entre a Igreja e o Estado, em questões tais como a da justiça, por exemplo, é, na minha opinião, essencialmente impossível. O eclesiástico a quem replico sustenta que a Igreja ocupa no Estado um lugar preciso e definido. Objetei-lhe que a Igreja, pelo contrário, longe de ocupar apenas um canto no Estado, devia absorver o Estado inteiro, e que, se isso é atualmente impossível, deveria ser, por definição, o alvo direto e principal de todo o desenvolvimento ulterior da sociedade cristã...

— Perfeitamente justo — declarou com voz firme e nervosa o padre Paísi, religioso taciturno e erudito.

— É ultramontanismo puro! — exclamou Miúsov, cruzando as pernas em sua impaciência.

— Pois se nem sequer temos montes em nosso país! — exclamou o padre Ióssif, que continuou, dirigindo-se ao *stáriets*. — O senhor refuta os princípios “fundamentais e essenciais” de seu adversário, um eclesiástico, notai-o. Ei-los: em primeiro lugar: “Nenhuma associação pública pode nem deve atribuir-se o poder, dispor dos direitos políticos e civis de seus membros”; em segundo lugar: “O poder, em matéria civil e criminal, não deve pertencer à Igreja, porque é incompatível com sua natureza, como instituição divina e como associação que se propõe fins religiosos.” Afinal, em terceiro lugar: “A Igreja é um reino que não é deste mundo.”

— É esse um jogo de palavras totalmente indigno de um eclesiástico! — interrompeu, de novo, o padre Paísi, com impaciência. — Li a obra que o senhor refuta — disse ele, dirigindo-se a Ivan Fiódorovitch — e fiquei surpreso diante das palavras daquele padre: “A Igreja é um reino que não é deste mundo.” Se ela não é deste mundo, não poderia existir sobre a terra. No Santo Evangelho, as palavras “não és deste mundo” são empregadas num outro sentido. É impossível brincar com semelhantes palavras. Nosso Senhor Jesus Cristo veio precisamente estabelecer a Igreja sobre a terra. O reino dos céus, bem entendido, não é deste mundo, mas do céu, e nele só se entra pela Igreja, a qual foi fundada e estabelecida sobre a terra. Também os trocadilhos mundanos e esse respeito são impossíveis e indignos. A Igreja é verdadeiramente um reino, está destinada a reinar, e finalmente seu reino se estenderá sobre o universo inteiro, temos disso a promessa...

Calou-se de repente, como que se contendo. Ivan Fiódorovitch, depois de havê-lo escutado com deferência e atenção, com a maior calma,

continuou com a mesma simplicidade, dirigindo-se ao *stáriets*.

— A ideia mestra de meu artigo é que o cristianismo, nos três primeiros séculos de sua existência, aparece sobre a terra como uma Igreja e não era outra coisa. Quando o Estado romano pagão adotou o cristianismo, aconteceu que, tornado cristão, incorporou a si a Igreja, mas continuou a ser um Estado pagão numa multidão de atribuições. No fundo, era isso inevitável. Roma, como Estado, herdara por demais da civilização e da sabedoria pagãs, como, por exemplo, os fins e as próprias bases do Estado. A Igreja do Cristo, inserida no Estado, não podia evidentemente nada cortar de suas bases, da pedra sobre a qual repousava; só podia prosseguir os seus fins, firmemente estabelecidos e indicados pelo próprio Senhor, entre outros: converter em Igreja o mundo inteiro e, por consequência, o Estado pagão antigo. Dessa maneira (isto é, em vista do futuro), não era a Igreja que devia procurar para si um lugar definido no Estado, como “toda associação pública”, ou como “uma associação que se propunha fins religiosos” (para empregar os termos do autor que refuto), mas, pelo contrário, todo Estado terrestre devia posteriormente converter-se em Igreja, não ser senão isso, renunciar a seus outros fins incompatíveis com os da Igreja. Isso não o humilha absolutamente, não diminui nem sua honra nem sua glória, como grande Estado, nem a glória de seus chefes, mas isso a faz deixar a falsa via, ainda pagã e errada, pela via justa, a única que leva aos fins eternos. Eis por que o autor do livro as *Bases da justiça eclesiástica* teria pensado com justeza se, procurando e propondo essas bases, as tivesse considerado um compromisso provisório, necessário ainda à nossa época pecadora e imperfeita, mas nada mais. Desde, porém, que o autor ousa declarar que as bases que propõe agora, e das quais o padre Ióssif acaba de aumentar uma parte, são inabaláveis, primordiais, eternas, está ele em oposição direta à Igreja e sua predestinação santa imutável. Eis a exposição completa de meu artigo.

— Isto é, em duas palavras — disse o padre Ióssif, fazendo força sobre cada palavra —, segundo certas teorias, que não fizeram senão revelar-se por demais no nosso século XIX, a Igreja deve converter-se em Estado, passar como que dum tipo inferior a um superior, a fim de absorver-se em seguida nele, depois de ter cedido à ciência, ao espírito do tempo, à civilização. Se ela se recusa a isso e resiste, não lhe reservam no Estado senão um pequeno lugar, vigiando-a, e por toda parte é esse o caso na Europa de nossos dias. Pelo contrário, segundo a concepção e a esperança

russas, não é a Igreja que deve converter-se em Estado como que dum tipo inferior em um superior, é, pelo contrário, o Estado que deve finalmente mostrar-se digno de ser unicamente uma Igreja e nada mais. Assim seja! Assim seja!

— Pois bem, confesso-o, o senhor me reconfortou um pouco — disse Miúsov, sorrindo e cruzando de novo as pernas. — Tanto quanto o compreendo, é a realização dum ideal infinitamente longínquo, por ocasião do regresso do Cristo. É tudo quanto se quer. O sonho utópico do desaparecimento das guerras, dos diplomatas, dos bancos, etc. Alguma coisa que se assemelhe mesmo ao socialismo. Ora, pensava eu que tudo isso era sério, que a Igreja ia “agora”, por exemplo, julgar os criminosos, condenar ao chicote, à galé e até mesmo à pena de morte.

— Se houvesse atualmente um só tribunal eclesiástico, a Igreja não enviaria agora às galés ou ao suplício. O crime e a maneira de encará-lo deveriam então seguramente modificar-se pouco a pouco, não duma só vez, mas, no entanto, bastante depressa... — declarou num tom tranquilo Ivan Fiódorovitch.

— Fala seriamente? — interrogou Miúsov, fitando-o.

— Se a Igreja absorvesse tudo, excomungaria o criminoso e o refratário, mas não cortaria as cabeças — continuou Ivan Fiódorovitch. — Pergunto-vos: aonde iria o excomungado? Porque deveria, então, não somente separar-se das pessoas, mas do Cristo. Pelo seu crime, insurgir-se-ia não só contra as pessoas, mas contra a Igreja do Cristo. É o caso, atualmente, sem dúvida, no sentido estrito, no entanto não é proclamado, e a consciência do criminoso de hoje transige muitas vezes: “Roubei, diz ela, mas não vou contra a Igreja, não sou o inimigo do Cristo.” Eis o que diz frequentemente o criminoso de hoje. Pois bem, quando a Igreja tiver substituído o Estado, ser-lhe-á difícil falar assim, a menos que negue a Igreja na terra inteira: “Todos, diria ele, estão no erro, todos se desviaram, a Igreja deles é falsa, somente eu, assassino e ladrão, sou a verdadeira Igreja cristã.” É difícilimo manter essa linguagem, supõe isso condições extraordinárias, circunstâncias que raramente existem. Atualmente, considerai de outra parte o ponto de vista da própria Igreja para com o crime: será que não deveria modificar-se em oposição ao de hoje, que é quase pagão, e, de meio mecânico de cortar um membro gangrenado, como se pratica atualmente para preservar a sociedade, transformar-se

totalmente na ideia da regeneração do homem, de sua ressurreição e de sua salvação...?

— Que quer dizer isso? Deixo de novo de compreender — interrompeu Miúsov. — Ainda um sonho. Algo de informe, de incompreensível. Que excomunhão é essa? Creio que o senhor se diverte simplesmente, Ivan Fiódorovitch.

— Na realidade, é assim mesmo atualmente — começou o *stáriets* e todos se voltaram para ele. — Se não houvesse agora a Igreja do Cristo, não haveria para o criminoso nem freio a seus crimes nem castigo, uma vez cometidos, isto é, um castigo real, não mecânico, como o senhor acaba de dizer, e que não faz senão irritar na maior parte dos casos, mas o único eficaz, o único que amedronta e acalma e que consiste na confissão da própria consciência...

— Como se pode dar isso, permita-me que lhe pergunte? — disse Miúsov com viva curiosidade.

— Pois vou dizer-lhe — prosseguiu o *stáriets*. — Todas essas deportações a trabalhos forçados, agravadas outrora por punições corporais, não emendam ninguém e sobretudo não atemorizam quase nenhum criminoso, o número dos crimes não somente não diminui, como só faz aumentar, à medida que se avança. Estarão nisso de acordo comigo. Resulta que dessa maneira não fica a sociedade de modo algum preservada, porque, muito embora o membro nocivo seja mecanicamente cortado e mandado para longe, oculto à vista, outro criminoso surgiu em seu lugar, talvez mesmo dois. Se alguma coisa protege ainda a sociedade, mesmo em nossos dias, emenda o próprio criminoso e faz dele outro homem, é ainda unicamente a lei do Cristo que se manifesta pela voz da própria consciência. Somente depois de ter reconhecido sua falta como filho da sociedade do Cristo, isto é, da Igreja, é que se reconhecerá diante da própria sociedade, isto é, diante da Igreja. Dessa maneira, é somente diante da Igreja que o criminoso contemporâneo é capaz de reconhecer sua falta e não diante do Estado. Se a justiça pertencesse à sociedade na qualidade de Igreja, saberia então a quem revogar da excomunhão, a quem admitir em seu seio. Agora a Igreja, não tendo nenhuma justiça efetiva, mas somente a possibilidade de uma condenação moral, renuncia ela própria a castigar efetivamente o criminoso. Não o excomunga, cerca-o de sua edificação paternal. Mais ainda, esforça-se mesmo por conservar com o criminoso todas as relações entre a Igreja e o cristão; admite-o nos

ofícios, na comunhão, faz-lhe caridade e trata-o mais como transviado do que como criminoso. E que seria do criminoso, Senhor, se a sociedade cristã, isto é, a Igreja, o rejeitasse como o rejeita e o exclui a lei civil? Que aconteceria, se a Igreja o excomungasse cada vez que o castiga a lei do Estado? Não poderia haver maior desespero, pelo menos para os criminosos russos, porque eles ainda têm fé. Ora, aliás, quem sabe, aconteceria talvez uma coisa terrível — a perda da fé no coração ulcerado do criminoso, e, então, o que haveria? Mas a Igreja, como uma mãe terna, renuncia ela mesma ao castigo efetivo, visto que sem isso o culpado já é demasiado duramente punido pelo tribunal secular e é preciso haver alguém que tenha compaixão dele. Renuncia a isso sobretudo porque a justiça da Igreja encerra em si unicamente a verdade e não pode juntar-se, por consequência, essencial e moralmente, a nenhuma outra, mesmo sob a forma de compromisso provisório. Aqui, é impossível transigir. O criminoso estrangeiro, dizem, arrepende-se raramente, porque as doutrinas contemporâneas o confirmam na ideia de que seu crime não é crime, mas somente uma revolta contra a força que o oprime injustamente. A sociedade o afasta de si mesma por meio de uma força que triunfa dele totalmente de maneira mecânica e acompanha essa exclusão de ódio (é assim, pelo menos, que se conta na Europa) — de ódio e de uma indiferença, dum esquecimento completo a respeito do destino ulterior desse homem, do ponto de vista fraternal. Dessa maneira, tudo se passa sem que a Igreja testemunhe a menor compaixão, porque em numerosos casos não há mais Igreja lá, não subsistem senão eclesiásticos e edifícios magníficos, esforçando-se as próprias Igrejas há muito tempo por passar do tipo inferior, como Igreja, ao tipo superior, como Estado. É assim pelo menos, parece, nos países luteranos. Em Roma, há já mil anos que, em lugar de Igreja, proclamou-se o Estado. Assim o próprio criminoso não se reconhece membro da Igreja e, excomungado, cai no desespero. Se volta para a sociedade, é frequentemente com tal ódio que a própria sociedade o exclui espontaneamente de seu seio. Podeis julgar como isso acaba. Em numerosos casos, parece que o mesmo ocorre entre nós; mas o fato é que, à parte os tribunais estabelecidos, temos além disso a Igreja, que não perde jamais o contato com o criminoso, que é para ela um filho sempre caro; além do mais, existe e subsiste, ainda que apenas em ideia, a justiça da Igreja, se bem que não efetiva agora, mas viva para o futuro, mesmo em sonho, e reconhecida certamente pelo próprio criminoso, pelo instinto de

sua alma. O que se acaba de dizer aqui é justo, a saber, que, se a justiça da Igreja entrasse em vigor, isto é, que se a sociedade inteira se convertesse em Igreja, então não somente a justiça da Igreja influiria na emenda do criminoso como não o faz nunca atualmente, mas os próprios crimes diminuiriam em proporção inverossímil. E a Igreja, sem dúvida alguma, compreenderia no futuro, em numerosos casos, o crime e os criminosos duma maneira diferente da atual; saberia converter o excomungado, prevenir as intenções criminosas, regenerar o decaído. É verdade — e o *stáriets* sorriu — que a sociedade cristã não está ainda preparada para isso e só repousa sobre sete justos; mas como eles não se enfraquecem, permanece ela na expectativa de sua transformação completa de associação quase pagã em Igreja única, universal e reinante. Assim será, nem que seja no fim dos séculos, porque só isso está predestinado a cumprir-se! E não há por que preocupar-se a propósito dos tempos e dos prazos, porque o mistério deles depende da sabedoria de Deus, de Sua presciência, de Seu amor. E o que, a vistas humanas, parece bastante afastado está talvez, pela predestinação divina, em vésperas de cumprir-se. Assim seja!

— Assim seja! — confirmou respeitosamente o padre Paísi.

— Estranho, estranho no mais alto grau! — proferiu Miúsov, num tom de indignação contida.

— Que encontra nisso de estranho? — informou-se com precaução o padre Ióssif.

— Francamente, que é que isso significa!? — exclamou Miúsov, de súbito agressivo. — O Estado é eliminado e instaura-se a Igreja em seu lugar! — É ultramontanismo na segunda potência. O próprio Grigóri Siedmói¹⁷ não o tinha sonhado!

— Sua interpretação é o contrário da verdade! — disse severamente o padre Paísi. — Não é a Igreja que se converte em Estado, notai-o bem, isto é Roma e seu sonho, é a terceira tentação diabólica. Pelo contrário, é o Estado que se converte em Igreja, que se eleva até ela e torna-se uma Igreja sobre a terra inteira, o que é diametralmente oposto a Roma, ao ultramontanismo, à vossa interpretação, e não é senão a missão sublime reservada à ortodoxia no mundo. É no Oriente que essa estrela começará a resplender.

Miúsov manteve um silêncio significativo. Toda a sua pessoa refletia uma dignidade extraordinária. Um sorriso de condescendência apareceu

em seus lábios. Aliócha observava-o, com o coração palpitante. Toda aquela conversação havia-o emocionado extremamente. Olhou por acaso para Rakítin, imóvel no mesmo lugar, o qual escutava atento, de olhos baixos. Por seu rubor, adivinhou Aliócha que estava tão comovido quanto ele próprio: sabia por quê.

— Permitti-me, senhores, que vos conte uma anedota — começou Miúsov, com ar digno e imponente. — Tive ocasião, em Paris, após o golpe de Estado de dezembro, de visitar um de meus conhecidos, personagem importante, então no poder. Encontrei em casa dele um indivíduo bastante curioso que, sem ser de todo um policial, dirigia uma brigada da polícia política, posto bastante influente. Aproveitando a ocasião, conversei com ele por curiosidade; recebido na qualidade de subalterno que apresenta um relatório, ao ver-me em bons termos com seu chefe, testemunhou-me relativa franqueza, isto é, mais polidez que franqueza, à maneira dos franceses, tanto mais quanto sabia que eu era estrangeiro. Mas compreendi-o perfeitamente. Tratava-se dos socialistas revolucionários que estavam então sendo perseguidos. Negligenciando o resto de sua conversa, contentar-me-ei em relatar uma observação muito curiosa que escapou àquele personagem: “Não tememos demais — declarou ele — todos esses socialistas, anarquistas, ateus e revolucionários, nós os vigiamos e estamos ao corrente de seus atos e gestos. Mas entre eles existe uma categoria particular, na verdade pouco numerosa: são os que creem em Deus, embora sendo socialistas. Eis os que tememos mais que todos, é uma corja temível! O socialista cristão é mais perigoso que o socialista ateu.” Essas palavras tinham-me abalado então, e agora, senhores, junto de vós, elas me voltam à memória...

— Quer dizer que o senhor as aplica a nós e vê em nós socialistas? — perguntou sem reboços o padre Paísi. Mas antes que Piotr Alieksándrovitch tivesse encontrado uma resposta, a porta se abriu e Dimíttri Fiódorovitch entrou, consideravelmente atrasado. Na verdade, não o esperavam mais e sua aparição súbita causou a princípio certa surpresa...

VI

POR QUE TAL HOMEM EXISTE?

Dimíttri Fiódorovitch, jovem homem de 28 anos, de estatura média e de presença agradável, parecia, no entanto, notavelmente mais velho. Era musculoso e adivinhava-se nele uma força física considerável; no entanto, seu rosto magro, de faces chupadas, a tez dum amarelo doentio, tinha uma expressão enfermiça. Seus olhos negros, à flor da testa, mostravam um olhar vago, se bem que parecesse obstinado. Mesmo quando estava agitado e falava com irritação, seu olhar não correspondia a seu estado de alma e exprimia algo de diferente, por vezes nada em harmonia com o minuto presente. “É difícil saber em que ele pensa”, costumavam dizer os que falavam com ele. Em certos dias, seu riso súbito, atestando ideias alegres e travessas, surpreendia aqueles que o acreditavam, no mesmo momento, por seus olhos, pensativo e tristonho. Aliás, sua expressão um pouco sofredora naquele momento nada tinha de espantoso; todo mundo estava a par de sua vida agitada e dos excessos a que se entregava naqueles últimos tempos, da mesma maneira que se conhecia a exasperação que dele se apoderava em suas discussões com o pai, por questões de dinheiro. Circulavam na cidade anedotas a esse respeito. Na verdade, era irascível por natureza, “de um espírito impetuoso e irregular”, como o caracterizou numa reunião nosso juiz de paz Siemion Ivânovitch Katchálnikov. Entrou vestido de modo elegante e irreprochável, com a sobrecasaca abotoada, de luvas pretas, cartola na mão. Como oficial há pouco tempo reformado, só trazia no momento os bigodes. Seus cabelos castanhos estavam cortados curtos e penteados para a frente. Caminhava a grandes passadas, com ar decidido. Tendo parado um instante na soleira da porta, passeou o olhar pela assistência e dirigiu-se diretamente ao *stáriets*, adivinhando nele o dono da casa. Fez-lhe uma profunda vênia e pediu-lhe a bênção. Tendo-se levantado o *stáriets* para dar-lhe, Dimíttri Fiódorovitch beijou-lhe a mão com respeito e declarou com agitação e com um ar quase irritado:

— Queira desculpar-me por me ter feito esperar tanto. Mas como insistisse em conhecer a hora da entrevista, o criado Smierdiákov, enviado por meu pai, respondeu-me duas vezes, categoricamente, que estava marcada para uma hora. E, agora, venho a saber...

— Não se atormente — disse o *stáriets* —, não é nada, o senhor está um pouco atrasado, não há mal nisso.

— Sou-lhe muito grato e não esperava menos de sua bondade.

Depois dessas palavras lacônicas, Dimíttri Fiódorovitch inclinou-se de novo, depois, voltando-se para o lado de seu pai, fez-lhe a mesma

saudação profunda e respeitosa. Via-se que havia ele premeditado aquela saudação, com sinceridade, considerando uma obrigação exprimir assim sua deferência e suas boas intenções. Fiódor Pávlovitch, se bem que apanhado de improviso, saiu-se à sua maneira: em resposta à saudação do filho, levantou-se da cadeira e retribuiu-lhe igualmente. Seu rosto se tornou grave e imponente, o que não deixava de dar-lhe um aspecto mau. Depois de ter respondido em silêncio às saudações dos presentes, Dimítri Fiódorovitch dirigiu-se com passo decidido para a janela e ocupou o único assento livre, não longe de padre Paísi; inclinado sobre sua cadeira, preparou-se para escutar a continuação da conversa interrompida.

A chegada de Dimítri Fiódorovitch passara-se em dois ou três minutos e a conversação prosseguiu. Mas desta vez Piotr Alieksándrovitch não creu necessário responder à pergunta premente e quase irritada de padre Paísi.

— Permitam-me que abandone esse assunto — declarou ele, com certa desenvoltura mundana. — É, aliás, um assunto delicado. Vejam Ivan Fiódorovitch sorrindo para meu lado; tem provavelmente algo de curioso a dizer a esse propósito. Perguntem-lhe.

— Nada de particular — respondeu logo Ivan Fiódorovitch. — Farei somente observar que, desde muito tempo já, o liberalismo europeu em geral e mesmo nosso diletantismo liberal russo confundem frequentemente os resultados finais do socialismo com os do cristianismo. Essa conclusão extravagante é, aliás, um traço característico. Por outro lado, como se vê, não somente os liberais e os diletantes confundem em muitos casos o socialismo e o cristianismo, há também os gendarmes, no estrangeiro, bem entendido. A anedota parisiense do senhor é bastante característica a esse respeito, Piotr Alieksándrovitch.

— Em geral, peço de novo permissão para abandonar o assunto — repetiu Piotr Alieksándrovitch. — Contar-lhes-ei, antes, outra anedota bastante interessante e bastante característica, a propósito de Ivan Fiódorovitch. Há cinco dias, numa reunião em que se achavam sobretudo senhoras, declarou ele solenemente, no curso duma discussão, que nada no mundo obrigava as pessoas a amar seus semelhantes, que não existia nenhuma lei natural ordenando ao homem que amasse a humanidade; que se o amor havia reinado até o presente sobre a terra, era isso devido não à lei natural, mas unicamente à crença das pessoas em sua imortalidade. Ivan Fiódorovitch acrescentou entre parênteses que nisso está toda a lei natural, de sorte que se destruíis no homem a fé em sua imortalidade, não

somente o amor secará nele, mas também a força de continuar a vida no mundo. Mais ainda, não haverá então nada de imoral, tudo será autorizado, até mesmo a antropofagia. Não é tudo: terminou afirmando que para cada indivíduo — nós agora, por exemplo — que não acredita nem em Deus, nem em sua imortalidade, a lei moral da natureza devia imediatamente tornar-se o inverso absoluto da precedente lei religiosa; que o egoísmo, mesmo levado até a perversidade, devia não somente ser autorizado, mas reconhecido como a saída necessária, a mais razoável e quase a mais nobre. De acordo com tal paradoxo, julguem o resto, senhores, julguem o que nosso querido e excêntrico Ivan Fiódorovitch acha bom proclamar e suas intenções eventuais...

— Com licença! — exclamou de súbito Dimítri Fiódorovitch. — Se bem entendi, “a perversidade deve não somente ser autorizada, mas reconhecida como a saída mais necessária e a mais razoável de cada ateu”! É bem isso?

— É exatamente isso — disse o padre Paísi.

— Haverá de lembrar-me!

Dito isso, Dimítri Fiódorovitch calou-se tão subitamente quanto tinha tomado parte na conversa. Todos o olharam com curiosidade.

— Será possível que o senhor encare dessa forma as consequências do desaparecimento nas pessoas da crença na imortalidade da alma? — perguntou de súbito o *stáriets* a Ivan Fiódorovitch.

— Sim, afirmei-o. Não há virtude sem imortalidade.

— É feliz se assim acredita; pode-se ser muito infeliz!

— Por que infeliz? — objetou Ivan Fiódorovitch, sorrindo.

— Porque, segundo toda aparência, não crê o senhor nem na imortalidade da alma, nem mesmo no que escreveu a respeito da questão da Igreja.

— Talvez o senhor tenha razão!... No entanto, não brinquei absolutamente — confessou de modo estranho Ivan Fiódorovitch, corando imediatamente.

— O senhor não brincou absolutamente, é verdade. Essa ideia não está ainda resolvida no seu coração e tortura-o. Mas o mártir também gosta por vezes de divertir-se com seu desespero, igualmente como para esquecê-lo. No momento, é por desespero que o senhor se diverte com artigos de revistas e com discussões mundanas, sem acreditar em sua dialética e

zombando dela dolorosamente a sós consigo. Essa questão não está ainda resolvida no senhor, e é isso que causa seu tormento, porque reclama ela imperiosamente uma solução.

— Mas pode ela ser resolvida em mim, resolvida no sentido positivo? — perguntou ainda de modo estranho Ivan Fiódorovitch, olhando o *stáriets* com um sorriso inexplicável.

— Se não puder ser resolvida no sentido positivo, não o será nunca no sentido negativo; o senhor mesmo conhece essa propriedade de seu coração; é isso que o tortura. Mas agradeça ao Criador por ter-lhe dado um coração sublime, capaz de assim atormentar-se, “de meditar nas coisas celestes e procurá-las, porque nossa morada está nos céus”. Que Deus lhe conceda encontrar a solução ainda aqui embaixo e abençoe seus caminhos!

O *stáriets* ergueu a mão e quis, de seu lugar, fazer o sinal da cruz sobre Ivan Fiódorovitch. Mas este se levantou, foi até ele, recebeu sua bênção e, tendo-lhe beijado a mão, voltou a seu lugar sem dizer uma palavra. Tinha o ar firme e sério. Essa atitude e toda a sua conversa precedente com o *stáriets*, que não era esperada de sua parte, impressionaram a todos por não sei o quê de enigmático e solene; de sorte que um silêncio geral reinou por um instante e o rosto de Aliócha exprimia quase terror. Mas Miúsov ergueu os ombros ao mesmo tempo que Fiódor Pávlovitch se levantava.

— Divino e santo *stáriets* — exclamou ele, designando Ivan Fiódorovitch —, eis meu filho bem-amado, a carne de minha carne! E por assim dizer meu muito reverencioso Karl Moor, mas eis meu outro filho que acaba de chegar, Dimítri Fiódorovitch, contra o qual exijo satisfação perante o senhor — é o irreverentíssimo Frantz Moor —, ambos tirados de *Os bandidos*, de Schiller; e eu, nessa circunstância, sou o Regierender Graf von Moor!¹⁸ Julgue-nos e salve-nos! Temos necessidade não somente de suas preces, mas de seus vaticínios!

— Fale duma maneira ajuizada e não comece por ofender seus próximos — respondeu o *stáriets* com voz extenuada. Sua fadiga aumentava e suas forças decresciam visivelmente.

— É uma comédia indigna que eu previa, ao vir aqui! — exclamou com indignação Dimítri Fiódorovitch, que também se havia erguido. — Desculpe-me, reverendo padre, sou pouco instruído e ignoro mesmo como o chamam, mas enganaram-no, e foi o senhor demasiado bom para nos conceder esta entrevista em sua casa. Meu pai tinha necessidade absoluta

de escândalo. Com que fim? É negócio dele. Só age calculadamente. Mas agora creio saber por quê...

— Todo mundo me acusa! — gritou por sua vez Fiódor Pávlovitch. — Inclusive Piotr Alieksándrovitch. Sim, o senhor me acusou, Piotr Alieksándrovitch! — prosseguiu, voltando-se para Miúsov, se bem que este não pensasse absolutamente em interrompê-lo. — Acusam-me de ter ocultado o dinheiro de meu filho e de não lhe ter dado um vintém sequer! Mas, pergunto-lhes, não há tribunais? Ali, Dimítri Fiódorovitch, de acordo com seus recibos, de acordo com as cartas e convênios, far-se-á a conta do que você tinha, de suas despesas e do que lhe resta! Por que evita Piotr Alieksándrovitch pronunciar-se? Dimítri Fiódorovitch não lhe é estranho. É porque estão todos contra mim; ora, Dimítri Fiódorovitch continua a dever-me, não uma pequena soma, mas vários milhares de rublos, do que posso dar as provas. Seus excessos provocam conversinhas da cidade inteira. Em suas antigas guarnições gastou mais de um milhar de rublos para seduzir moças honestas; só o sabemos, Dimítri Fiódorovitch, da maneira mais circunstanciada, e demonstrá-lo-ei... Reverendo padre, acreditaria o senhor que fez com que se apaixonasse por ele uma moça das mais distintas, de excelente família, com fortuna, filha de seu antigo chefe, um bravo coronel que serviu meritoriamente à pátria, condecorado com o colar de santa Ana com gládios? Essa moça, que ele comprometeu, oferecendo-se para casar com ela, mora agora aqui, órfã, é sua noiva, e, aos olhos dela, frequenta ele uma sereia. Se bem que esta última tenha vivido em união livre com um homem respeitável, mas de caráter independente, é uma fortaleza inexpugnável para todos, tal como uma mulher legítima, porque ela é virtuosa, sim, meus reverendos padres, ela é virtuosa! Ora, Dimítri Fiódorovitch quer abrir aquela fortaleza com uma chave de ouro, eis por que faz-se de bravo agora comigo, quer subtrair-me dinheiro, já gastou milhares de rublos por causa dessa sereia; além disso anda pedindo dinheiro emprestado sem cessar, e a quem, sabem os senhores? Devo dizê-lo ou não, Mítia?

— Cale-se! — exclamou Dimítri Fiódorovitch. — Espere que eu me retire, evite enodoar em minha presença a mais nobre das moças... É já uma vergonha para ele que tenha ousado fazer alusão a isso... Não o tolerarei!

Estava sufocado.

— Mítia, Mítia! — gritou Fiódor Pávlovitch, nervoso e fazendo força para chorar. — E a bênção paterna, que fazes dela? Se eu amaldiçoar-te, que acontecerá?

— Tartufo sem-vergonha! — rugiu Dimíttri Fiódorovitch.

— É assim que trata seu pai, seu pai! Como o fará aos outros? Escutem, senhores, há aqui um homem pobre mas honrado; capitão reformado, que foi dispensado em consequência de uma desgraça, mas não em virtude de um julgamento, de reputação intacta, sobrecarregado de numerosa família. Há três semanas, o nosso Dimíttri Fiódorovitch agarrou-o pela barba num botequim, arrastou-o pela rua e surrou-o em público, pela mera razão de estar esse homem secretamente encarregado de meus interesses em determinado negócio.

— Mentira tudo isso! Aparentemente é verdade; no fundo, pura mentira! — disse Dimíttri Fiódorovitch, tremendo de cólera. — Meu pai, não justifico minha conduta; sim, convenho publicamente que fui brutal para com esse capitão. Agora lamento isso e minha brutalidade me causa horror, mas esse capitão, encarregado de seus negócios, foi procurar aquela pessoa que o senhor chama de sereia e lhe propôs de parte do senhor avaliar minhas promissórias, que estão em seu poder, a fim de perseguir-me e mandar-me prender, no caso de apertá-lo eu demais a propósito de nosso ajuste de contas. Se o senhor quer atirar-me na prisão é unicamente por ciúme dela, porque o senhor mesmo começou a rondar essa mulher — estou ao corrente de tudo. Ela só fez rir, está ouvindo? E foi zombando do senhor que o repeliu. Tal é, meus reverendos padres, esse homem, esse pai que censura a má conduta do filho. Os senhores, que são testemunhas, perdoem minha cólera, mas pressentia eu que esse pérfido velho os convocara a todos aqui para provocar um escândalo. Vim na intenção de perdoar, se ele me estendesse a mão, de perdoar-lhe e de pedir-lhe perdão! Mas como acaba ele de insultar não somente a mim, mas a moça mais nobre, cujo nome não ousa pronunciar em vão, porque a respeito, decidi desmascará-lo publicamente, se bem que seja meu pai.

Não pôde continuar. Seus olhos faiscavam, respirava com dificuldade. Todos os presentes estavam emocionados, exceto o *stáriets*; todos se haviam levantado, agitados. Os religiosos olhavam com olhar severo, mas aguardavam a vontade do *stáriets*. Este último estava pálido, não de emoção, mas de fraqueza doentia. Um sorriso suplicante desenhava-se em seus lábios; erguia por vezes a mão como para conter aqueles furiosos.

Teria podido, com um só gesto, pôr fim à cena; mas parecia esperar qualquer coisa e olhava fixamente, como se quisesse ainda compreender um ponto que lhe teria escapado. Por fim, Piotr Alieksándrovitch sentiu-se definitivamente humilhado, atingido em sua dignidade.

— No escândalo que acaba de desenrolar-se, somos todos culpados! — declarou ele, apaixonadamente. — Mas não previa tudo isso vindo aqui, se bem que soubesse com quem tratava... É preciso acabar com isso sem tardar. Meu reverendo padre, fique certo de que eu não conhecia eu exatamente todos os detalhes revelados aqui, não queria acreditar neles e fico conhecendo-os pela primeira vez. O pai está com ciúmes de seu filho por causa de uma mulher de má vida e entende-se com essa criatura para lançá-lo na prisão... E é em semelhante companhia que me fizeram vir aqui... Enganaram-me, declaro ter sido enganado tanto quanto os outros...

— Dimíttri Fiódorovitch! — gritou de súbito Fiódor Pávlovitch, com uma voz que não era a sua. — Se não fosse você meu filho, eu o desafiaria agora mesmo a um duelo... a pistola, a três passos... através de um lenço, através de um lenço — terminou ele, sapateando.

Há, nos velhos mentirosos que representam comédia a vida inteira, momentos em que entram de tal maneira em seu papel que tremem e choram com verdadeira emoção, se bem que, no mesmo instante, possam dizer a si mesmos (ou logo depois): “Tu mentes, velho descarado, és um ator mesmo agora, malgrado tua santa cólera.”

Dimíttri Fiódorovitch ficou sombrio, mirando o pai com um desprezo indizível.

— Eu pensava... — disse ele em voz baixa — eu pensava voltar ao país natal com aquele anjo, minha noiva, para cuidar da velhice dele, e que vejo? Um debochado luxurioso e um vil comediante!

— A um duelo! — gritou de novo, ofegante e babando a cada palavra. — Quanto ao senhor, Piotr Alieksándrovitch Miúsov, fique sabendo que em toda a sua linhagem não há talvez mulher mais nobre e mais honesta — está entendendo? —, mais honesta do que essa criatura, como se permitiu o senhor chamá-la ainda há pouco! Quanto a você, Dimíttri Fiódorovitch, que substituiu sua noiva por essa “criatura”, você mesmo julgou que sua noiva não valia a sola dos sapatos dela!

— É vergonhoso! — deixou escapar padre Ióssif.

— É vergonhoso e infame! — gritou com uma voz juvenil, trêmula de emoção, o rosto rubro, Kolgánov, que havia até então guardado silêncio.

— Por que tal homem existe? — rugiu surdamente Dimítri Fiódorovitch, a quem a cólera quase enlouquecia. Ergueu os ombros a ponto de parecer corcunda. — Não, dissei-me, pode-se permitir ainda que ele desonre a terra? — Lançou um olhar circundante e apontou para o velho com a mão. Falava num tom lento, medido.

— Estais ouvindo, monges, estais ouvindo o parricida!? — exclamou Fiódor Pávlovitch, dirigindo-se ao padre Ióssif. — Eis a resposta ao vosso “É vergonhoso!”. Que é que é vergonhoso? Essa “criatura”, essa “mulher de má vida” talvez seja mais santa que vós todos, senhores religiosos, que tratais de vossa salvação! Ela caiu talvez em sua juventude, vítima do meio, mas “muito amou”. Ora, o Cristo também perdoou aquela que muito amou...

— O Cristo não perdoou tal amor... — deixou escapar em sua impaciência o manso padre Ióssif.

— Não, foi esse amor mesmo, monges, esse mesmo. Cuidais de vossa salvação comendo couves e vos acreditais sábios. Comeis cadozes, um por dia, e pensais poder comprar Deus com cadozes.

— É intolerável, intolerável! — ouviu-se de todos os lados.

Mas essa cena escandalosa cessou da maneira mais inesperada.

De súbito, o *stáriets* se levantou. Alieksiêi, que quase enlouquecera de medo por ele e por todos, pôde, no entanto, segurá-lo pelo braço. O *stáriets* dirigiu-se para o lado de Dimítri Fiódorovitch e, ao chegar bem perto, ajoelhou-se diante dele. Aliócha pensou que ele tivesse caído de fraqueza, mas não era nada disso. Uma vez de joelhos, o *stáriets* prosternou-se aos pés de Dimítri Fiódorovitch numa profunda saudação, precisa e consciente; sua testa aflorou mesmo a terra. Aliócha ficou de tal maneira estupefato que nem mesmo o ajudou a levantar-se. Um leve sorriso pairava-lhe nos lábios.

— Perdoem, perdoem todos! — disse ele, saudando seus hóspedes para todos os lados.

Dimítri Fiódorovitch ficou alguns instantes como que petrificado; prosternar-se diante dele! Que significava aquilo? Por fim exclamou: “Ó Deus!”, cobriu o rosto com as mãos e lançou-se para fora do quarto. Todos os hóspedes seguiram-no em fila, tão perturbados que se esqueceram de

despedir-se do dono da casa e de cumprimentá-lo. Somente os religiosos se aproximaram para receber-lhe a bênção.

— Por que ele se prosternou? Será algum símbolo? — Fiódor Pávlovitch, de súbito acalmado, procurava assim travar uma conversa, não ousando, aliás, dirigir-se a alguém em particular. Transpunham naquele momento a cerca do eremitério.

— Não respondo por alienados — respondeu logo Piotr Alieksándrovitch, com aspereza. — Mas, em compensação, desembaraço-me de sua companhia, Fiódor Pávlovitch, e acredite que é para sempre. Onde está aquele monge de há pouco?...

“Aquele monge”, isto é, o que os havia convidado a jantar com o padre abade, não se fizera esperar. Encontrara os hóspedes a tempo, no momento em que estes desciam o patamar, como se tivesse estado todo o tempo à espera deles.

— Tenha a bondade, reverendo padre, de assegurar ao padre abade o meu profundo respeito e apresentar-lhe minhas desculpas; em consequência de circunstâncias imprevistas, é-me impossível, malgrado todo o meu desejo, aceitar o convite — declarou Piotr Alieksándrovitch ao monge, com irritação.

— A circunstância imprevista sou eu! — interveio logo Fiódor Pávlovitch.

— Escute, meu padre, é que Piotr Alieksándrovitch não quer ficar a meu lado, senão iria agora mesmo. Vá, Piotr Alieksándrovitch, não deixe de ir à casa do padre abade, e bom apetite! Fique sabendo que sou eu que me escapulo e não o senhor. Volto para casa, lá poderei comer; aqui, sinto-me incapaz, meu bem-amado parente.

— Não sou seu parente, jamais o fui, vil indivíduo.

— Disse isso de propósito para fazer-lhe raiva, porque o senhor repudia esse parentesco embora seja meu parente, malgrado seus ares de importância, provar-lhe-ei pelo almanaque eclesiástico; enviar-te-ei o carro, Ivan, fica também, se quiseses. Piotr Alieksándrovitch, as conveniências lhe ordenam que se apresente em casa do padre abade; é preciso pedir desculpas das tolices que cometemos lá.

— É verdade que se vai embora? Não está mentindo?

— Piotr Alieksándrovitch, como o ousaria eu depois do que se passou? Deixei-me arrebatado, senhores, perdoem-me. Além disso, estou

transtornado! E tenho vergonha. Senhores, pode-se ter o coração de Alexandre da Macedônia ou o de um cãozinho. Eu me assemelho ao cãozinho Fidelhaka. Tornei-me tímido. Pois bem! Como ir ainda jantar depois de tal leviandade, encher-me dos assados do mosteiro? Tenho vergonha, não posso, desculpem-me!

“O diabo sabe de que é ele capaz! Não terá ele a intenção de nos enganar?” Miúsov parou, irresoluto, seguindo com um olhar perplexo o palhaço que se afastava. Este voltou-se e, vendo que Piotr Alieksándrovitch o observava, enviou-lhe com a mão um beijo.

— Vai à casa do padre abade? — perguntou Miúsov a Ivan Fiódorovitch, num tom brusco.

— Por que não! Ele mandou convidar-me especialmente desde ontem.

— Por desgraça, sinto-me verdadeiramente quase obrigado a comparecer a esse maldito jantar — continuou Miúsov no mesmo tom de irritação amarga, sem mesmo tomar cuidado com o mongezinho que o ouvia. — É preciso pelo menos desculpar-nos do que se passou e explicar que não fomos nós... Que pensa disso?

— Sim, é preciso explicar que não fomos nós. Além disso, meu pai não estará lá — observou Ivan Fiódorovitch.

— Era só o que faltava que seu pai estivesse lá! Maldito jantar.

No entanto todos para ele se dirigiam. O mongezinho escutava em silêncio. Ao atravessar o bosque, fez notar que o padre abade esperava desde muito tempo e estava atrasado mais de meia hora. Não lhe responderam. Miúsov mirava Ivan Fiódorovitch com um ar cheio de ódio.

“Ele vai ao jantar como se nada se tivesse passado”, pensava ele. “Uma testa de bronze e uma consciência de Karamázov!”

VII

UM SEMINARISTA AMBICIOSO

Aliócha conduziu o *stáriets* a seu quarto de dormir e fê-lo sentar no leito. Era uma peça muito pequena, com o mobiliário indispensável; a cama de ferro estreita tinha apenas uma almofada de feltro à guisa de colchão. A

um canto, sobre uma estante, perto dos ícones, repousavam a cruz e o Evangelho. O *stáriets* deixou-se cair, extenuado. Seus olhos brilhavam, resfolegava. Uma vez sentado, olhou fixamente Aliócha, como se meditasse em alguma coisa.

— Vai, meu caro, vai, Porfíri me basta, apressa-te. Têm necessidade de ti em casa do padre abade, servirás à mesa.

— Permita-me ficar aqui — disse Aliócha, com voz suplicante.

— És mais necessário lá. A paz não reina ali. Servirás e tornar-te-ás útil. Vêm os maus espíritos, recita uma oração. Fica sabendo, meu filho (o *stáriets* gostava de chamá-lo assim), que no futuro teu lugar não será aqui. Lembra-te disso, rapaz. Assim que Deus me tiver julgado digno de comparecer perante ele, deixa o mosteiro. Parte imediatamente.

Aliócha estremeceu.

— Que tens? Teu lugar não é aqui no momento. Abençoo-te tendo em vista uma grande tarefa a cumprir no mundo. Peregrinarás muito tempo. Deverás casar-te, é preciso. Deverás suportar tudo até voltares. Haverá muito que fazer. Mas não duvido de ti. Eis por que te envio. Que o Cristo esteja contigo! Guarda-O e Ele te guardará. Experimentarás uma grande dor e ao mesmo tempo serás feliz. Tal é tua vocação: procurar a felicidade na dor. Trabalha, trabalha sem cessar. Lembra-te de minhas palavras, doravante, porque entreter-me-ei ainda contigo, mas meus dias e mesmo minhas horas estão contados.

Viva agitação pintou-se no rosto de Aliócha. Seus lábios tremiam.

— Que tens de novo? — sorriu docemente o *stáriets*. — Que os mundanos chorem seus mortos; aqui nos regozijamos quando um padre agoniza. Nós nos rejubilamos e rezamos por ele. Deixa-me. Tenho de rezar. Vá, despacha-te. Fica junto de teus irmãos, e não somente junto de um, mas de ambos.

O *stáriets* ergueu a mão para abençoá-lo. Era impossível fazer objeções, muito embora Aliócha tivesse grande vontade de ficar. Queria também perguntar-lhe, estava mesmo com a pergunta nos lábios, o que significava aquela prostração diante de seu irmão Dimítri, mas não ousou. Sabia que o *stáriets* lhe teria ele próprio explicado, se tivesse podido. Portanto, não o queria. Ora, aquela saudação até o chão havia enchido Aliócha de estupefação; havia naquilo um sentido misterioso. Misterioso e talvez terrível. Uma vez fora da cerca do eremitério, para

chegar ao mosteiro no começo da refeição em casa do padre abade (devia servir à mesa), seu coração se fechou e teve de deter-se: parecia-lhe ouvir de novo as palavras do *stáriets* predizendo seu fim próximo. O que tinha predito o *stáriets* com tal exatidão devia cumprir-se sem nenhuma dúvida. Aliócha acreditava naquilo cegamente. Mas como ficaria sem ele, sem vê-lo nem ouvi-lo? E aonde iria? Ordenavam-lhe que não chorasse e que deixasse o mosteiro. Senhor! Desde muito tempo não sentia Aliócha semelhante angústia. Atravessou rapidamente o bosque que separava o eremitério do mosteiro e, incapaz de suportar os pensamentos que o acabrunhavam, pôs-se a contemplar os pinheiros seculares que orlavam o caminho. O trajeto não era longo, quinhentos passos no máximo; não se podia encontrar ninguém àquela hora, mas na primeira curva avistou Rakítin. Ele esperava alguém.

— Seria a mim que esperavas? — perguntou Aliócha, quando o alcançou.

— Justamente — respondeu Rakítin, sorrindo. — Apressas-te em ir à casa do padre abade. Sei; oferece um jantar. Desde o dia em que recebeu o bispo e o general Parkhátov — lembras-te? — não houve jantar igual. Lá não estarei, mas tu vais para lá, servirás os pratos. Dize-me, Aliócha, que significa esse sonho? Queria perguntar-te.

— Que sonho?

— Aquela prostração diante de teu irmão Dimítri Fiódorovitch. Bateu até com a cabeça no chão!

— Falas do padre Zósima?

— Sim, dele.

— A testa?

— Ah, exprimi-me irreverentemente! Não tem importância. Pois bem, que significa aquele sonho?

— Ignoro, Micha, o que ele significa!

— Estava certo de que ele não te explicaria. Isso nada tem de espantoso, são sempre as mesmas santas frioleiras. Mas o truque foi jogado de propósito. Agora vão os beatos falar na cidade e espalhar na província: “Que significa esse sonho?” Na minha opinião, o velho é perspicaz; farejou um crime. Isso lá na tua casa está de feder.

— Que crime?

Rakítin queria evidentemente dizer alguma coisa.

— Será na tua família que ele ocorrerá, esse crime. Entre teus irmãos e teu rico papai. Eis por que o padre Zósima bateu com a testa para qualquer eventualidade. Depois, que acontecerá? “Ah! Isso fora predito pelo santo eremita, ele profetizou.” No entanto, que profecia há nisso de bater com a cabeça? Não, dirão, é um símbolo, uma alegoria, e Deus sabe o quê! Será divulgado e lembrado: ele adivinhou o crime, designou o criminoso. Os “inocentes” agem sempre assim; fazem sobre o botequim o sinal da cruz e atiram pedras no templo. Da mesma maneira o teu *stáriets*: para um sábio, pauladas, mas diante de um assassino curva a cabeça.

— Que crime? Diante de qual assassino? Que é que estás contando?

Aliócha ficou como que pregado no lugar. Rakítin também parou.

— Que crime? Como se não o soubesses! Aposto que já pensaste nisso. A propósito, é curioso; escuta, Aliócha, tu dizes sempre a verdade, se bem que te assentes sempre entre duas cadeiras; pensaste nisso ou não? Responde.

— Pensei nisso — respondeu Aliócha em voz baixa. Rakítin perturbou-se!? — Como, também tu já pensaste nisso? — exclamou ele.

— Eu... não é que tenha pensado precisamente nisso — murmurou Aliócha —, mas acabas de falar tão estranhamente a esse respeito que me pareceu tê-lo pensado eu mesmo.

— Estás vendo? (E como o exprimiste claramente!) Estás vendo? Hoje, ao veres teu pai e teu irmão Mítia, pensaste em um crime. Portanto, não me engano.

— Espera, espera um pouco — interrompeu-o Aliócha, perturbado. — Onde tiras tudo isso? E, em primeiro lugar, por que isso tanto te interessa?

— Duas perguntas diferentes, mas naturais. Responderei a cada uma separadamente. Onde tiro tudo isso? De nenhuma parte o teria tirado, se não tivesse compreendido hoje Dimítri Fiódorovitch, teu irmão, dum relance e totalmente, tal como ele é, segundo certa linha. Entre essas pessoas muito honestas, mas sensuais, há uma linha que não se deve transpor. De outro modo, golpeará seu pai até mesmo com uma faca. Ora, seu pai é um bêbedo e um debochado desenfreado, que jamais conheceu a medida em coisa alguma; nenhum dos dois se conterà, e pronto, eis todos dois no fosso.

— Não, Micha, se é só isso, reconfortas-me. Isso não chegará a esse ponto.

— Mas por que tremes tanto? Sabes por quê? Pode ele ser um homem honesto, Mítia (é estúpido, mas honesto), apenas é um sensual. Eis sua definição e o fundo de sua natureza. Foi seu pai quem lhe transmitiu sua abjeta sensualidade. A respeito de ti, somente, Aliócha, é que me espanto; como se dá que sejas virgem? És, no entanto, um Karamázov! Na família de vocês, a sensualidade chega até o frenesi. Ora, esses três seres sensuais espiam-se agora... de faca no bolso. Três deram cabeçadas, podes ser o quarto.

— Enganas-te certamente a respeito daquela mulher. Dimítri a... despreza — disse Aliócha, fremente.

— Grúchenhka?¹⁹ Não, irmão, ele não a despreza. Já que abandonou publicamente sua noiva por causa dela, não a despreza. Aqui, irmão, aqui há qualquer coisa que não compreendes agora. Que um homem se apaixone por uma beldade qualquer, por um corpo de mulher, até mesmo somente por uma parte desse corpo (um voluptuoso me compreenderia imediatamente), entregará por causa dela os próprios filhos, venderá pai e mãe, a Rússia e a pátria; honesto, irá roubar; manso, assassinará; fiel, trairá. O cantor dos pés femininos, Púchkin, celebrou-os em versos; outros não os cantam, mas não podem olhá-los a sangue-frio. Mas não há somente os pés... Aqui, irmão, o desprezo é impotente. Ele despreza Grúchenhka, mas não pode destacar-se dela.

— Compreendo isso — disse, de repente, Aliócha.

— Deveras? E tu o compreendes, na verdade, para que o confesses desde a primeira palavra — declarou Rakítin com uma alegria maldosa. — Isso escapou-te por acaso. Nem por isso deixa a confissão de ser mais preciosa; por consequência, a sensualidade é para ti um assunto conhecido, já pensaste nela! Ah, o santinho! Tu és santo, Aliócha, convenho, mas és um santinho, e o diabo sabe em que é que já não pensaste, o diabo sabe o que já conheces! És virgem, mas já penetraste bastantes coisas, observo-te há muito tempo. És tu mesmo um Karamázov, és um completo; portanto, a raça e a seleção significam alguma coisa. És sensual por teu pai e “inocente” por tua mãe. Por que tremes? Será verdade o que digo? Sabes? Grúchenhka me pediu: “Trá-lo aqui (isto é, tu) e eu lhe arrancarei a batina.” E como tivesse insistido: “Trá-lo, trá-lo!”, disse a mim mesmo:

por que está ela tão curiosa dele? Sabes, ela também é uma mulher extraordinária!

— Dir-lhe-ás que não irei, juro — disse Aliócha, com um sorriso constrangido. — Acaba, Mikhail, o que começaste, dir-te-ei em seguida o que penso.

— Para que acabar? Tudo é claro. Tudo isso, irmão, é uma velha canção. Se tu mesmo tens um temperamento sensual, que será de teu irmão Ivan, filho da mesma mãe? Porque também ele é um Karamázov. Ora, a natureza dos Karamázov se resume assim: sensuais, ávidos no ganho e malucos! Teu irmão Ivan distrai-se agora escrevendo artigos de teologia por um cálculo estúpido que se ignora, sendo ele próprio ateu, e confessa essa baixeza. Além disso, está a ponto de conquistar a noiva de seu irmão Mítia e parece perto de seu fim. De que maneira? Com o consentimento do próprio Mítia, porque este lhe cede a noiva com o único fim de se desembaraçar dela e ir juntar-se a Grúchenhka. E tudo isso não obstante sua nobreza e seu desinteresse, nota-o. Tais indivíduos são os mais fatais. Como entendê-los, afinal? Tendo plena consciência de sua baixeza comportam-se baixamente. Escuta agora: um velho barra o caminho a Mítia, o próprio pai. Porque este está loucamente apaixonado por Grúchenhka, fica com a boca cheia d'água só de vê-la. Foi unicamente por causa dela que provocou tal escândalo, somente porque Miúsov tinha ousado chamá-la de criatura depravada. Está mais amoroso do que um gato. Antes, estava ela somente a seu serviço para certos negócios equívocos e em suas tavernas; agora, depois de tê-la bem examinado, percebeu ele que ela lhe agradava, encarna-se após ela e faz-lhe propostas desonestas, naturalmente; pois bem, o pai e o filho encontram-se nessa estrada. Mas Grúchenhka reserva-se, hesita ainda e mexe com os dois, examina qual é o mais vantajoso, porque se se pode arrancar muito dinheiro do pai, em compensação ele não se casará, tornar-se-á talvez avarento, por fim, e fechará sua bolsa. Em semelhante caso, Mítia também tem seu valor; não tem dinheiro, mas pode casar-se. Sim, é capaz disso! Abandonará sua noiva, uma beldade incomparável, Katierina Ivânovna, rica, nobre e filha de coronel, para se casar com Grúchenhka, outrora mantida por Samsonov, um velho comerciante, mujique depravado e prefeito da cidade. De tudo isso, podem verdadeiramente resultar um conflito e um crime. Ora, é o que espera teu irmão Ivan. Dá ele assim um golpe duplo: toma posse de Katierina Ivânovna, pela qual morre de

amores, e se apropria de seu dote de sessenta mil rublos. Para um pobre-diabo como ele, um pobretão, não é coisa de desdenhar, no começo. E nota bem! Não somente não ofenderá Mítia, mas este lhe será grato até a morte. Porque sei de boa fonte que, na última semana, achando-se Mítia embriagado num restaurante com ciganos, exclamou que era indigno de Kátienhka, sua noiva, mas que seu irmão Ivan era digno dela. A própria Katierina Ivânovna acabará não repelindo um homem encantador como Ivan Fiódorovitch; já hesita entre eles. Mas como pode esse Ivan seduzir-vos para que estejais todos em êxtase diante dele? Ri-se de vós. Estou extasiado, diz ele, e festejo às vossas custas.

— De onde sabes tudo isso? Por que falas com tal segurança? — perguntou bruscamente Aliócha, franzindo o cenho.

— Mas por que me interrogas, temendo de antemão a resposta? Isso significa que reconheces que disse a verdade.

— Não gostas de Ivan. Ivan não se deixa seduzir pelo dinheiro.

— Deveras? E a beleza de Katierina Ivânovna? Não se trata somente de dinheiro, muito embora sessenta mil rublos sejam bastante atraentes.

— Ivan olha mais alto. Milhares de rublos não o deslumbrariam. Não é nem o dinheiro nem a tranquilidade que ele procura. Ivan procura talvez o sofrimento.

— Que sonho é esse ainda? Ah, vós outros... os nobres!

— Ora! Micha, sua alma é impetuosa. Seu espírito é cativo. Tem ele um grande pensamento ainda não resolvido. É daqueles que não têm necessidade de milhões, mas de resolver seu pensamento.

— É um plágio, Aliócha, parafraseias o teu *stáriets*. Ora! Ivan propôs-vos um enigma! — gritou com visível animosidade Rakítin, cujo rosto se alterou e cujos lábios se contraíram. — É um enigma estúpido, não há nele nada a adivinhar. Faze um pequeno esforço e compreenderá. Seu artigo é ridículo e inepto. Ouvi ainda há pouco sua absurda teoria: “Se não há imortalidade da alma, então não há virtude, o que quer dizer que tudo é permitido.” Lembra-te de como teu irmão Mítia gritou: “Lembrar-me-ei disso!” É uma teoria sedutora para os tratantes... Mas estou insultando, é uma estupidez... não os tratantes, mas os fanfarrões da escola com “uma profundidade de pensamento insolúvel”. É um falastraz e isto no fundo quer dizer simplesmente: “Boné branco e branco boné.” Toda a sua teoria não passa duma infâmia! A humanidade encontra em si mesma a força de

viver para a virtude, mesmo sem crer na imortalidade da alma! Tira-a do amor à liberdade, à igualdade e à fraternidade...

Rakítin acalorara-se, tinha dificuldade em conter-se. Mas de repente parou, como se se lembrasse de alguma coisa.

— Pois bem, basta! — disse ele, com um sorriso ainda mais forçado. — Por que ris? Pensas que sou um casca-grossa?

— Não, nem mesmo tinha ideia de pensá-lo. És inteligente, mas... Deixemos isso. Sorri por estupidez. Compreendo que possas acalorar-te, Micha. Adivinhei por teu arrebatamento que tu mesmo não és indiferente para com Katierina Ivânovna. Há muito tempo que duvidava disso, irmão. Eis por que não gostas de Ivan. Tens ciúmes dele.

— E também do dinheiro dela? Vá até o fim.

— Não, não falarei do dinheiro, não quero ofender-te.

— Creio-o, porque o disseste, mas que o diabo vos leve, a ti e a teu irmão Ivan! Nenhum de vós compreende que, mesmo posta de lado Katierina Ivânovna, ele é muito pouco simpático. Que razão terei para gostar dele, com a breca! Ele me faz a honra de injuriar-me. Não terei o direito de retribuir-lhe?

— Jamais o ouvi dizer bem ou mal de ti. Não fala absolutamente de ti.

— Pois bem, contaram-me que anteontem, em casa de Katierina Ivânovna, disse boas de mim, tanto se interessava por este teu criado. Depois disso, ignoro qual irmão tem ciúme do outro. Houve ele por bem insinuar que, se eu não me resignar à carreira de *arkhimandrit* e não largar a batina num futuro bem próximo, partirei para Petersburgo, entrarei para uma grande revista na qualidade de crítico, escreverei por uma dezena de anos e acabarei por tornar-me proprietário da revista. Publicá-la-ei então com orientação liberal e ateia, com uma tintura socialista, certo verniz mesmo de socialismo, mas tomando minhas precauções, isto é, nadando entre duas águas e ludibriando os imbecis. Sempre segundo teu irmão, malgrado essa tintura de socialismo, colocarei minhas rendas em conta-corrente, pondo-as no momento em circulação, sob a direção dum judeuzinho qualquer até que eu consiga construir um grande imóvel em Petersburgo; meus escritórios ocuparão um andar e alugarei os outros. Designou mesmo o local da casa, perto da nova ponte de pedra que se projeta, parece, entre a Litiéinaia Úlitsa e Vibórskaia Storóná...

— Ah! Micha, isso se realizará talvez de ponta a ponta! — exclamou Aliócha que não pôde conter um riso jovial.

— E você também zomba, Alieksiêi Fiódorovitch?

— Não, não, estou brincando, desculpa-me. Pensava em outra coisa bem diversa. Mas, dize-me, quem pôde comunicar-te tais detalhes, de quem os terias sabido? Porque não estavas em casa de Katierina Ivânovna, quando ele falava de ti.

— É verdade, mas Dimíttri Fiódorovitch ali se achava e ouvi-o repetir isso, isto é, escutei contra a minha vontade, oculto no quarto de dormir de Grúchenka, donde não podia sair em sua presença.

— Ah! Sim, esquecia-me de que é tua parenta.

— Minha parenta? Essa Gruchka seria minha parenta!? — exclamou Rakítin, todo vermelho. Perdeste a razão? Tens o cérebro desarranjado.

— Como? Não é tua parenta? Ouvi dizer isso.

— Onde pudeste ouvi-lo? Ah! Senhores Karamázov, tomais ares de alta e velha nobreza, quando teu pai bancava o palhaço à mesa alheia e figurava por favor na cozinha. Admitamos, não passo de filho de pope, um vil plebeu, ao lado de vós, nobres, mas não me insulteis com tão alegre sem-cerimônia. Tenho também minha honra, Alieksiêi Fiódorovitch. Não posso ser parente de Gruchka, uma mulher pública, compreende portanto!

Rakítin estava violentamente superexcitado.

— Desculpa-me, pelo amor de Deus, não o teria nunca acreditado, aliás. É ela verdadeiramente... uma mulher pública? — Aliócha ficou completamente rubro. — Repito-te, disseram-me mesmo que era tua parenta. Vais muitas vezes à casa dela e tu mesmo me disseste que não tinhas ligações com ela... Jamais teria crido que a desprezasses tanto! Merece-o ela verdadeiramente?

— Se a frequento, tenho talvez minhas razões para isso, mas basta. Quanto ao parentesco, será antes teu irmão ou mesmo teu pai que a fará entrar em tua família e não na minha. Mas eis-nos chegados. Vá antes à cozinha... Ora! Que é que há? Que está acontecendo? Estaríamos atrasados? Mas não é possível que já tenham acabado de jantar! A menos que os Karamázov não tenham feito das suas. Deve ser isso. Eis teu pai e Ivan Fiódorovitch que o segue. Fugiram da casa do padre abade. Eis o padre Isídor do patamar a gritar alguma coisa na direção deles. É teu pai que grita agitando os braços. Decerto está descompondo. Eis Miúsov que

parte de calça, não o vês correr? O proprietário Maksímov corre; é um verdadeiro escândalo; o jantar não se realizou! Teriam eles batido no padre abade? Ou então foram surrados! Teriam bem merecido uma surra!...

Rakítin tinha razão de fazer essas exclamações. Ocorrera de fato um escândalo inaudito e inesperado. Tudo se passara “por inspiração do momento”.

VIII

UM ESCÂNDALO

Quando Miúsov e Ivan Fiódorovitch iam entrar em casa do padre abade, produziu-se em Piotr Alieksándrovitch — que era um homem educado — uma reviravolta delicada. Teve vergonha de sua cólera. Sentia em seu íntimo que teria devido estimar por seu justo valor o lamentável Fiódor Pávlovitch, conservar seu sangue-frio na cela do *stáriets*, e não perder a cabeça, como fora o caso. “Os monges não têm culpa nenhuma”, decidiu ele de repente no patamar do abade. “Ora, se há aqui pessoas decentes (o padre Nikolai, o abade, é, parece, da nobreza), por que não me mostrar para com eles delicado, amável e polido? Não discutirei, farei mesmo coro, conquistarei a simpatia deles por minha amabilidade e... por fim, provar-lhes-ei que não sou o companheiro daquele Esopo,²⁰ daquele palhaço, daquele saltimbanco, e que fui metido nisso com eles todos...”

Resolveu ceder-lhes definitivamente os direitos de corte e pesca, de uma vez por todas, naquele dia mesmo — tanto mais que aquilo não tinha valor —, e de cessar os processos contra o mosteiro.

Todas essas boas intenções afirmaram-se ainda, quando entraram na sala de jantar do padre abade. Não era na verdade uma, porque não havia senão duas peças, aliás muito mais espaçosas e mais cômodas que as do *stáriets*. Mas o mobiliário não brilhava pelo conforto: os móveis eram de acaju, recobertos de couro à antiga moda de 1820, e até mesmo os soalhos não eram pintados. Em compensação, tudo rebrilhava de limpeza, havendo nas janelas muitas flores caras; mas a elegância principal residia naquele momento na mesa suntuosamente servida — relativamente, como era natural; a toalha era imaculada, a prataria cintilava; na mesa três espécies

de pão muito bem cozidos, duas garrafas de vinho, dois jarros de excelente hidromel do mosteiro e um garrafão cheio de *kvas* reputado das redondezas. Não havia vodka. Rakítin contou mais tarde que o jantar compreendia daquela vez cinco pratos: uma sopa de esturjão com bocados de peixe; depois um peixe cozido, preparado segundo uma receita especial e deliciosa; bolinhos de esturjão; gelados e compota; e, por fim, um prato de doce de batata em estilo de manjar-branco.

Rakítin havia farejado tudo isso, e, incapaz de conter-se, lançou uma olhadela à cozinha do padre abade, onde tinha conhecidos. Tinha-os por toda parte e ficava sabendo o que queria saber. Era um coração atormentado e invejoso. Tinha plena consciência de seus dons indiscutíveis; fazia mesmo deles, em sua presunção, uma ideia exagerada. Sabia-se destinado a desempenhar um papel, mas Aliócha, que lhe era muito ligado, afligia-se por ver seu amigo desprovido de consciência e não se aperceber disso. Rakítin, pelo contrário, sabendo que jamais roubaria dinheiro a seu alcance, estimava-se por isso como homem de perfeita honorabilidade. A esse respeito nem Aliócha nem ninguém podia influir sobre ele.

Rakítin era um personagem por demais mesquinho para figurar na refeição; em compensação, padre Ióssif e padre Paísi tinham sido convidados, bem como um outro religioso. Aguardavam eles já na sala de jantar, quando entraram Piotr Alieksándrovitch, Kolgánov e Ivan Fiódorovitch. O proprietário de terras Maksímov mantinha-se à parte. O padre abade avançou para o meio da sala para acolher seus convidados. Era um velho grande e magro, mas ainda vigoroso, de cabelos negros já grisalhos, de rosto comprido, emaciado e grave. Cumprimentou seus hóspedes em silêncio e eles vieram por sua vez receber sua bênção. Miúsov tentou mesmo beijar-lhe a mão, mas o abade preveniu seu gesto, retirando-a. Ivan Fiódorovitch e Kolgánov foram até o extremo, fazendo estalar os lábios à maneira da gente do povo.

— Devemos apresentar-vos todas as nossas desculpas, meu reverendo padre — começou Piotr Alieksándrovitch, com um gracioso sorriso, mas num tom grave e respeitoso —, porque chegamos sozinhos, sem nosso companheiro Fiódor Pávlovitch, que convidastes; teve de renunciar a acompanhar-nos e não sem motivo. Na cela do reverendo padre Zósima, arrebatado por sua infeliz querela com seu filho, pronunciou algumas palavras bastante fora de propósito... em suma, bastante inconvenientes...

do que Vossa Reverendíssima deve ter tido já conhecimento (olhou para os religiosos). Assim, cômico de sua falta e deplorando-a sinceramente, experimentou ele uma vergonha invencível e nos rogou, ao filho Ivan e a mim, que vos exprimíssemos seu sincero pesar, sua contrição e seu arrependimento... Em suma, espera e quer tudo reparar mais tarde, e agora, pedindo vossa bênção, roga-vos que esqueçais o que se passou...

Miúsov calou-se. Tendo chegado ao fim de sua tirada, ficou perfeitamente satisfeito consigo mesmo, a ponto de esquecer completamente sua recente irritação. Experimentava de novo sincero e vivo amor pela humanidade. O padre abade, que o tinha escutado gravemente, inclinou a cabeça e respondeu:

— Lamento vivamente sua ausência. Participando dessa refeição, talvez tivesse tomado afeição por nós, o mesmo acontecendo de nossa parte. Senhores, queiram tomar seus lugares.

Colocou-se diante da imagem e começou uma oração. Todos inclinaram-se respeitosamente, e o proprietário Maksímov colocou-se mesmo na frente de mãos juntas, em sinal de particular veneração.

E foi então que Fiódor Pávlovitch fez mais uma das suas. Deve-se notar que tivera ele verdadeiramente a intenção de partir e compreendera a impossibilidade, depois de seu vergonhoso procedimento em casa do *stáriets*, de ir jantar em casa do padre abade, como se nada tivesse acontecido. Não que se sentisse tão envergonhado assim e fizesse censuras a si mesmo; talvez mesmo muito pelo contrário; no entanto, sentia a inconveniência de ir jantar. Mas assim que a caleça de molas gementes chegou ao patamar da hospedaria, parou ele antes de nela subir. Lembrou-se das próprias palavras em casa do *stáriets*. “Parece-me sempre, ao entrar em alguma parte, que sou mais vil que todos e que todos me tomam por um palhaço. Então digo a mim mesmo: sejamos verdadeiramente o palhaço, porque todos, até o derradeiro de vós, sois mais estúpidos e mais vis do que eu.” Queria vingar-se em todo mundo das próprias vilanias. Lembrou-se, de repente, a esse propósito, de como outrora lhe haviam perguntado uma vez: “Por que detesta tanto tal pessoa?” E respondera então, num acesso de bufonesco descaramento: “Ela não me fez nada, é verdade, mas eu lhe preguei uma má peça e logo depois comecei a detestá-la.” A essa lembrança, sorriu maldosa e silenciosamente numa hesitação de um minuto. Seus olhos cintilaram e seus lábios tremeram. “Já que comecei, é preciso ir até o fim”, decidiu ele, bruscamente. Naquele

instante, ter-se-ia podido exprimir assim seu sentimento mais íntimo: “É agora impossível reabilitar-me, então zombemos deles até a impudência: não tenho vergonha diante de vós, e eis tudo!” Ordenou ao cocheiro que esperasse e voltou a grandes passadas para o mosteiro, diretamente para a casa do padre abade. Não sabia ainda o que faria, mas sabia que não mais se dominava, que o menor impulso o impeliria aos derradeiros limites de alguma indignidade, mas somente uma indignidade, e não algum delito ou algum ataque tal que o levasse perante a justiça. Nesse último caso, sabia sempre conter-se e se admirava mesmo disso por vezes. Apareceu na sala de jantar do abade, quando todos iam sentar-se à mesa depois da oração. Parou na soleira, examinou as pessoas presentes, fitando-as diretamente no rosto, e explodiu numa risada prolongada e impudente.

— Pensavam que eu tinha partido e eis-me aqui! — gritou ele com voz retumbante.

Os presentes olharam-no um instante em silêncio e de súbito todos sentiram que iria passar-se uma cena repugnante e que um escândalo era inevitável. Piotr Alieksándrovitch passou bruscamente da quietude ao pior mau humor. Sua cólera extinta reacendeu-se, sua indignação acalmada trovejou de repente.

— Não! Não posso suportar isso! — berrou. — Não sou capaz, não sou absolutamente capaz!

O sangue subia-lhe à cabeça. Atrapalhava-se, mas não se tratava de fazer estilo e pegou seu chapéu.

— De que não é ele capaz!? — exclamou Fiódor Pávlovitch. — Devo entrar ou não, pergunto a Vossa Reverendíssima? Aceita-me como convidado?

— Rogamos-lhe de todo o coração — respondeu o padre abade. — Senhores! Permito-me — acrescentou ele — rogar-vos instantemente que deixeis em repouso vossas querelas fortuitas, que vos reunais no amor e na união fraternal, implorando ao Senhor, no nosso pacífico jantar...

— Não, não, é impossível — gritou Piotr Alieksándrovitch, fora de si.

— Ora, se é impossível a Piotr Alieksándrovitch, também o é a mim, e não ficarei. Por isso é que vim. Estarei agora em toda parte com o senhor, Piotr Alieksándrovitch: o senhor ir-se-á embora e eu também; o senhor ficará e eu também ficarei. O senhor feriu-o acima de tudo ao falar em

união fraternal, padre abade; ele não quer confessar-se meu parente. Não é, von Sohn? Ei-lo aqui, von Sohn. Bom dia, von Sohn.

— É a mim que...? — murmurou estupefato o proprietário Maksímov.

— Naturalmente, a ti. Sabe Vossa Reverendíssima quem é von Sohn? Foi caso num processo criminal: mataram-no num lupanar — é assim que chamaís, creio, esses lugares —, mataram-no e despojaram-no e, malgrado sua idade respeitável, meteram-no num caixote e expediram-no de Petersburgo para Moscou, no furgão das bagagens, com uma etiqueta. E durante a operação, as mulheres do bordel cantavam canções e tocavam harpa, isto é, piano. Pois aí têm os senhores, esse personagem é von Sohn. Ressuscitou dentre os mortos, não é, von Sohn?

— Que é isso? Como? — ressoaram vozes no grupo dos religiosos.

— Partamos! — gritou Piotr Alieksándrovitch, dirigindo-se a Kolgánov.

— Não, com licença! — atalhou Fiódor Pávlovitch, dando mais um passo para dentro da sala. — Deixem-me acabar. Lá, na cela do *stáriets*, os senhores me censuraram por haver supostamente faltado ao respeito falando dos cadozes. Piotr Alieksándrovitch Miúsov, meu parente, gosta de que haja no discurso *plus de noblesse que de sincérité*,²¹ eu, pelo contrário, gosto de que meu discurso tenha *plus de sincérité que de noblesse* e tanto pior para a *noblesse*. Não é, von Sohn? Permita-me, padre abade, se bem que seja eu um palhaço e mantenha esse papel, sou um cavalheiro de honra e quero demonstrá-lo. Sim, sou um cavalheiro de honra, ao passo que Piotr Alieksándrovitch só tem... um arraigado amor-próprio e nada mais. Vim aqui talvez, ainda há pouco, para ver e explicar-me. Meu filho Alieksiêi procura aqui sua salvação; sou pai, preocupo-me com sua sorte e é isso o meu dever. Enquanto me oferecia em espetáculo, escutava tudo, olhava tudo sem ter ar de o fazer, e agora quero oferecer-lhes o derradeiro ato da representação. Que se passa entre nós? Entre nós, o que cai fica estendido. Uma vez caído, caído fica por todos os séculos. É verdade! Mas não, eu quero reerguer-me. Santos padres, estou indignado por vossa maneira de agir. A Confissão é um grande sacramento que eu venero e diante do qual estou pronto e prosternar-me: ora, lá, na cela, todos se ajoelham e se confessam em voz alta. É permitido confessar-se em voz alta? Os santos padres instituíram a Confissão auricular; nesse caso, somente, é a Confissão um sacramento e isso desde toda a Antiguidade. Ora, como explicaria eu, diante de toda gente, que eu, por exemplo, eu... isso e

aquilo, enfim, os senhores compreendem, não é? Por vezes é indecente falar. Não é um escândalo? Não, meus padres, convosco pode-se ser arrastado para a seita dos *khlisti*...²² Na primeira ocasião, escreverei ao sínodo e retirarei meu filho de vossa casa.

Uma explicação se faz necessária. Fiódor Pávlovitch ouvira cantar o galo, mas não sabia onde. Havia corrido outrora boatos malévolos que chegaram aos ouvidos do bispo (não somente a propósito de nosso mosteiro, mas de outros), segundo os quais prestava-se aos *stártsi* um respeito exagerado, em prejuízo da dignidade do abade, abusando-se, entre outras coisas, do sacramento da Confissão, etc. Acusações ineptas, que caíram por si mesmas, a seu tempo, entre nós e por toda parte. Mas o demônio, que se havia apoderado de Fiódor Pávlovitch e o arrebatava mais longe a um abismo de vergonha soprara-lhe essa acusação, da qual ele próprio não compreendia a primeira palavra. Aliás, não soubera formulá-la convenientemente, tanto mais que dessa vez, na cela do *stáriets*, ninguém se havia ajoelhado nem se confessado em voz alta. Fiódor Pávlovitch não pudera, pois, ver nada de semelhante e baseava-se unicamente nos antigos boatos e comadrices de que se lembrava mais ou menos. Mas, tendo lançado essa tolice, sentiu-lhe o absurdo e quis logo provar a seus auditores, e sobretudo a si mesmo, que nada havia dito de absurdo. E, muito embora soubesse perfeitamente que tudo quanto diria não faria senão agravar aquele absurdo, não pôde conter-se e escorregou como em uma ladeira.

— Que baixeza! — gritou Piotr Alieksándrovitch.

— Desculpe — disse de repente o padre abade. — Foi dito outrora: “Começaram a falar muito de mim e mesmo a falar mal. Depois de ter escutado tudo, digo a mim mesmo: é um remédio enviado por Jesus para curar minha alma vaidosa.” Desse modo nós lhe agradecemos humildemente, caríssimo hóspede.

E fez uma profunda saudação a Fiódor Pávlovitch.

— Ora, ora, ora. Beatice tudo isso. Velhas frases e velhos gestos. Velhas mentiras e formalismo das saudações até o chão! Nós conhecemos essas saudações! “Um beijo nos lábios e um punhal no coração”, como em *Os bandidos*, de Schiller. Não gosto da falsidade, meus padres, quero a verdade. Mas a verdade não está nos cadozes e eu a proclamei! Monges, por que jejuais? Porque esperais uma recompensa nos céus! Então, para tal recompensa, também eu irei jejuar! Não, santo monge, sê virtuoso na vida,

serve a sociedade sem encerrar-te num mosteiro, onde és custeado de tudo e sem esperar recompensa lá em cima. Eis o que será mais difícil. Sei também fazer frases, padre abade. Que prepararam eles? — continuou ele aproximando-se da mesa. — Vinho velho do Porto, Médoc,²³ da casa dos irmãos Elissiéievi,²⁴ Ah! Meus padres, isso já não se parece com os cadozes. Vejam-se essas garrafas, ahA ah! Mas quem vos arranjou tudo isso? E o mujique russo, o trabalhador que vos traz sua oferta ganha com suas mãos calosas, arrebatada à sua família e às necessidades do Estado! Reverendos padres, vós explorais o povo!

— É na verdade indigno de sua parte — proferiu o padre Ióssif.

O padre Paísi mantinha um silêncio obstinado. Miúsov saiu da sala acompanhado por Kolgánov.

— Pois bem, meus padres, eu sigo Piotr Alieksándrovitch! Não voltarei mais, ainda que me pedísseis de joelhos, nunca mais. Enviei-vos mil rublos, e vós arregalastes os olhos, ah! Ah! Mas não acrescentarei nada. Vingo minha juventude passada e as humilhações sofridas. — Deu um murro sobre a mesa, num acesso de indignação fingida. — Este mosteiro desempenhou um grande papel em minha vida! Quantas lágrimas amargas verti por causa dele! Vós virastes contra mim minha mulher, a endemoniada. Cumulastes-me de maldições, desacreditastes-me na vizinhança! E ademais, meus padres, nós vivemos numa época liberal, no século dos barcos a vapor e dos caminhos de ferro. Vós não tereis nada de mim, nem mil rublos, nem cem, nem um.

Explico de novo. Jamais nosso mosteiro tivera tal lugar na vida dele e não o fizera verter lágrimas amargas, mas ele havia de tal modo se deixado levar por essas lágrimas imaginárias que esteve um momento quase a ponto de acreditar nelas; teria chorado de enternecimento, mas sentiu logo que era tempo de dar marcha à ré. Diante de sua odiosa mentira, o padre abade inclinou a cabeça e declarou de novo num tom grave:

— Está de novo escrito: “Suporta pacientemente a calúnia de que és vítima e não te perturbes, nem aborreças aquele que é o autor dela.” Agiremos de conformidade com isso.

— Ora, ora, ora, o belo palavreado! Continuai, meus padres, vou-me embora. Retomarei definitivamente meu filho Alieksiêi, em virtude de minha autoridade paterna, Ivan Fiódorovitch, meu respeitossíssimo filho, permita-me que lhe ordene que me siga! Von Sohn, de que serve ficar

aqui! Vem à minha casa, na cidade. Ninguém se aborrece em minha casa. Fica a uma versta daqui, quando muito; em lugar de óleo de linhaça, darei um leitão recheado de trigo mourisco; jantaremos, oferecerei conhaque, depois licores, há uma bonita mulher... Ah! Von Sohn, não deixes passar tua felicidade!

Saiu gritando e gesticulando. Foi nesse momento que Rakítin o avistou e apontou-o a Aliócha.

— Alieksiêi — gritou-lhe seu pai, de longe —, vem hoje instalar-te em minha casa definitivamente, pega teu travesseiro, teu colchão e que nada teu fique aqui.

Aliócha parou como se petrificado, observando atentamente aquela cena, sem dizer uma palavra. Fiódor Pávlovitch subiu para a caleça, seguido de Ivan Fiódorovitch, silencioso e sombrio, que nem mesmo se voltou para cumprimentar Aliócha. Mas passou-se então uma cena de saltimbanco, quase inverossímil, para coroamento de tudo. De repente, apareceu perto do estribo o proprietário rural Maksímov. Corria sem fôlego, para chegar a tempo. Tal era sua pressa que, em sua impaciência, colocou uma perna no estribo onde se encontrava ainda a de Ivan Fiódorovitch e, agarrando-se ao assento, tentou subir.

— Eu também o sigo! — gritou ele, saltitando, com um riso alegre, um ar de beatitude e pronto a tudo. — Leve-me com o senhor!

— Pois é, não dizia eu que era von Sohn!? — exclamou Fiódor Pávlovitch, encantado. — O verdadeiro von Sohn ressuscitado dentre os mortos! Como saíste de lá? Que é que fabricavas lá e como pudeste renunciar ao jantar? Porque é preciso ter testa de bronze! Eu tenho uma testa assim, mas a tua me causa admiração, camarada. Salta, salta mais depressa. Deixa-o subir, Vânia, a gente se divertirá. Que se estenda aí, a nossos pés, ouviu, von Sohn? Ou então vamos instalá-lo na boleia com o cocheiro! Salta para a boleia, von Sohn.

Mas Ivan Fiódorovitch, que já tomara lugar, sem dizer palavra, repeliu, com um forte empurrão no peito, Maksímov, que recuou uns dois metros. Se não caiu, foi mero acaso.

— A caminho! — gritou, com raiva, ao cocheiro, Ivan Fiódorovitch.

— Como! Que fazes, que fazes? Por que tratá-lo assim? — objetou Fiódor Pávlovitch, mas a caleça já havia partido. Ivan Fiódorovitch não respondeu nada.

— Só se vendo como és! — continuou Fiódor Pávlovitch, após um silêncio de dois minutos, olhando seu filho de través. — Porque foste tu que imaginaste essa visita ao mosteiro, que a provocaste e aprovaste. Por que te zangas agora?

— Basta de dizer estupidezas! Repouse um pouco pelo menos, agora — replicou num tom rude Ivan Fiódorovitch. Fiódor Pávlovitch calou-se ainda por dois minutos.

— Seria bom agora beber conhaque — observou ele, sentenciosamente. Mas Ivan Fiódorovitch nada respondeu.

— Quando chegarmos, beberás também?

Ivan Fiódorovitch não pronunciava uma palavra sequer.

Fiódor Pávlovitch esperou ainda dois minutos.

— No entanto, retirarei Aliócha do mosteiro, se bem que isso lhe seja bastante desagradável, respeitoso “Karl von Moor”.

Ivan Fiódorovitch ergueu desdenhosamente os ombros, voltou-se e pôs-se a olhar a estrada. Não trocaram mais uma palavra até a casa.

LIVRO III

OS SENSUAIS

I

NA ANTECÂMARA

A casa de Fiódor Pávlovitch Karamázov estava situada bastante longe do centro da cidade, mas não totalmente na periferia. Achava-se bastante deteriorada, mas tinha um exterior agradável; de um só andar, com um sótão, pintada de cinzento e de telhado vermelho de ferro. Aliás, podia durar ainda muito tempo; era espaçosa e confortável. Havia nela muitos corredores, recantos e escadas ocultas. Os ratos pululavam, mas Fiódor Pávlovitch não se inquietava muito com isso: “com eles as noites não são tão enfadonhas, quando se fica só!” Tinha, com efeito, o hábito de mandar os criados passarem a noite no pavilhão e fechava-se ele mesmo na casa. Esse pavilhão, situado no pátio, era vasto e sólido. Fiódor Pávlovitch instalara ali a cozinha, embora houvesse uma na casa; não gostava dos odores de cozinha e traziam os pratos através do pátio, tanto no inverno quanto no verão. Essa casa fora construída para uma grande família e ter-se-ia podido nela alojar cinco vezes mais senhores e criados. Mas, por ocasião de nossa narrativa, o corpo principal só era habitado por Fiódor Pávlovitch e o filho Ivan, e o pavilhão da criada, somente por três criados: o velho Grigóri, a mulher, Marfa, e o jovem criado Smierdiákov.²⁵ Teremos de falar mais detalhadamente desses três personagens. Já se tratou do velho Grigóri Vassílievitch Kutúzov. Era um homem firme e inflexível, indo a seu alvo com uma retitude obstinada, contanto que esse alvo se lhe oferecesse, em virtude de quaisquer razões (muitas vezes espantosamente ilógicas), como uma verdade infalível. Numa palavra, era honesto e incorruptível. A mulher, Marfa Ignátievna, se bem que cegamente submetida toda a sua vida à vontade do marido, havia-o atormentado, logo depois da libertação dos servos, para deixar Fiódor Pávlovitch e ir estabelecer uma casinha de comércio em Moscou (tinham economias); mas então Grigóri decidiu, duma vez por todas, que a mulher não tinha razão; todas as mulheres são sempre desleais. Não deviam deixar seu antigo senhor, quem quer que ele fosse, “porque era o dever deles agora”.

— Compreendes tu o que é o dever? — perguntou a Marfa Ignátievna.

— Compreendo-o, Grigóri Vassílievitch, mas em que é dever nosso ficar aqui? Eis o que não compreendo absolutamente — respondeu com firmeza Marfa Ignátievna.

— Que o compreendas ou não, será assim! Doravante, cala-te.

Foi o que aconteceu; ficaram, e Fiódor Pávlovitch lhes marcou modestos ordenados pagos regularmente. Mais ainda, sabia Grigóri que exercia sobre o patrão uma influência incontestável. Ele o sentia e era justo; palhaço astucioso e obstinado, Fiódor Pávlovitch, de caráter muito firme “em certas coisas da vida”, segundo sua expressão, era, para o próprio espanto, pusilânime em algumas outras “coisas da vida”. Ele próprio sabia quais e experimentava bastantes temores. Em certos casos, era preciso manter-se de sobreaviso, não se podia passar sem um homem seguro; ora, Grigóri era de uma fidelidade a toda prova. Por várias vezes, no curso de sua carreira, Fiódor Pávlovitch correu o risco de ser agredido, e até mesmo cruelmente, mas foi sempre Grigóri que o tirou de apuros, sem deixar de repreendê-lo todas as vezes. Mas os golpes somente não teriam amedrontado Fiódor Pávlovitch; havia casos mais relevantes, por vezes mesmo bastante delicados e complicados, em que ele próprio teria sido incapaz de definir a necessidade extraordinária de alguém seguro e íntimo, que se apoderava bruscamente dele, sem que soubesse por quê. Eram quase casos patológicos: visceralmente corrompido e muitas vezes luxurioso até a crueldade, tal como um inseto malfazejo, Fiódor Pávlovitch, em minutos de embriaguez, sentia de súbito uma apreensão, uma comoção moral, que tinha um contragolpe quase físico sobre sua alma. “Parece então que minha alma palpita em minha garganta”, dizia ele por vezes. Era naqueles momentos que gostava de ter a seu lado, em seu círculo imediato, um homem devotado, firme, não corrompido como ele e que, muito embora testemunha de seu mau procedimento e, ao corrente de seus segredos, tolerasse tudo isso por devotamento, não se lhe opusesse e, sobretudo, não lhe fizesse censuras, não o ameaçasse com nenhum castigo, quer neste mundo, quer no outro, mas que o defendesse em caso de necessidade — contra quem? Contra algo desconhecido, mas temível e perigoso. Tratava-se de ter perto de si um outro homem, devotado de longa data, para chamá-lo, num minuto de angústia, somente a fim de contemplar seu rosto, trocar talvez algumas palavras, mesmo completamente estranhas: se o via de bom humor, sentia-se aliviado, ao

passo que a tristeza aumentava, se estava ele irritado. Acontecia (bastante raramente, aliás) a Fiódor Pávlovitch ir de noite ao pavilhão acordar Grigóri, para que ele fosse ficar um momento junto dele. Grigóri chegava, seu patrão falava a respeito de insignificantes bagatelas e o despedia em breve, por vezes mesmo com pilhérias e brincadeiras, depois metia-se na cama e dormia então o sono de um justo. Algo de análogo se passara por ocasião da chegada de Aliócha. Aliócha “transpassava o coração” de Fiódor Pávlovitch, porque “ouvia, via tudo e não censurava nada”. Mais ainda, trazia consigo algo de inaudito: a ausência completa de desprezo para com ele, velho; pelo contrário, uma afabilidade constante e um apego totalmente natural e sincero, quando ele o merecia tão pouco. Tudo isso tinha sido, para o velho debochado sem família, uma surpresa completa, totalmente inesperada para ele que, até então, não havia amado senão a “sujeira”. Com a partida de Aliócha, teve de confessar a si mesmo que compreenderia alguma coisa que não quisera compreender até então.

Já mencionei, no começo de minha narrativa, que Grigóri detestava Adelaída Ivánovna, a primeira mulher de Fiódor Pávlovitch e a mãe de seu primeiro filho, Dimítri, e que, ao contrário, defendera a segunda esposa dele, a possessa Sófia Ivánovna, contra o próprio patrão e contra aqueles que tivessem tido a ideia de pronunciar a seu respeito uma palavra malévola ou sem consideração. Sua simpatia por aquela infeliz tornara-se alguma coisa de sagrado, a ponto de, vinte anos depois, não suportar que ninguém fizesse uma alusão malévola a seu respeito sem imediatamente replicar ao ofensor. No seu aspecto exterior, era Grigóri um homem frio e grave, pouco falador, proferindo palavras ponderadas, isentas de frivolidades. À primeira vista, não se podia adivinhar se amava ou não a mulher, doce e submissa, não obstante a amasse verdadeiramente e ela o compreendesse sem dúvida! Essa Marta Ignátievna, longe de ser estúpida, era talvez mais inteligente que o marido, em todo caso mais judiciosa nos negócios da vida; entretanto era-lhe cegamente submissa, desde o começo de seu casamento, e respeitava-o sem contradição por sua altitude moral. É preciso notar que trocavam muito poucas palavras, somente a propósito das coisas indispensáveis da vida corrente. O grave e majestoso Grigóri meditava sempre sozinho sobre seus negócios e suas preocupações, de sorte que Marfa Ignátievna compreendera, desde muito tempo, que não tinha ele de modo algum necessidade de seus conselhos. Sentia que o marido apreciava seu silêncio e via nisso uma prova de espírito. Ele nunca

lhe batera, salvo uma vez, e não seriamente. No primeiro ano do casamento de Adelaída Ivánovna e de Fiódor Pávlovitch, no campo, as moças e as mulheres da aldeia, então ainda servas, tinham-se reunido no pátio dos patrões para dançar e cantar. Entoou-se a canção “Sobre o prado, sobre o prado”, e de súbito Marfa Ignátievna, que, então, era jovem, veio colocar-se diante do coro e executou a dança russa, não como as outras, à moda rústica, mas como a executava, quando era arrumadeira em casa dos ricos Miúsovi, no teatro da propriedade deles, onde um mestre de dança vindo de Moscou ensinava sua arte aos atores. Grigóri vira os passos de sua mulher e, uma hora depois, de volta à isbá, deu-lhe uma lição, puxando-lhe um pouco os cabelos. Mas os golpes se limitaram a isso e não se renovaram uma vez sequer em toda a vida deles; de resto, Marfa Ignátievna prometeu a si mesma não mais dançar dali por diante.

Deus não lhes havia concedido filhos, exceto um que morreu. Via-se que Grigóri gostava de crianças, não o ocultava, aliás, isto é, não se envergonhava de mostrá-lo. Quando Adelaída Ivánovna fugiu, recolheu Dimítiri Fiódorovitch, de três anos de idade, e cuidou dele quase um ano inteiro, penteando-o e dando-lhe banho na gamela. Mais tarde, ocupou-se também com Ivan Fiódorovitch e Alieksiêi, o que lhe valeu uma bofetada, mas já narrei tudo isso, o próprio filho só o alegrou pela esperança da expectativa, quando Marfa Ignátievna estava grávida. Quando ele nasceu, foi tomado de pesar e de horror, porque aquele menino tinha seis dedos, vendo o quê, ficou Grigóri tão acabrunhado que não somente guardou silêncio até o dia do batizado, mas foi expressamente calar-se no jardim. Estava-se na primavera; durante três dias, ficou cavando na horta. Tendo chegado a hora do batizado, já havia Grigóri imaginado alguma coisa. Entrando na isbá, onde se haviam reunido o clero, os convidados e por fim Fiódor Pávlovitch, vindo na qualidade de padrinho, anunciou que “não se deveria de modo algum batizar o menino”, isso em voz baixa, laconicamente, mal articulando uma palavra após a outra, fixando o padre com um ar idiota.

— Por que isso? — informou-se o padre com uma surpresa divertida.

— Porque é... um dragão... — murmurou Grigóri.

— Como um dragão, que dragão?

Grigóri calou-se algum tempo.

— Produziu-se uma confusão da natureza... — murmurou ele duma maneira bastante confusa, mas muito firme, e via-se que não desejava

estender-se em palavras.

Houve risos e, bem entendido, o pobre menino foi batizado. Grigóri rezou com fervor perto das fontes batismais, mas persistiu em sua opinião a respeito do recém-nascido. De resto, não se opôs a nada; somente, durante as duas semanas que viveu esse menino doentio, quase não olhou para ele; não queria mesmo vê-lo e ausentava-se frequentemente da isbá. Mas, quando o bebê morreu de aftas ao fim de duas semanas, ele mesmo o pôs no caixão, contemplou-o com profunda angústia, e, uma vez enchida de terra a pequena cova, pôs-se de joelhos e prosternou-se até o chão. Posteriormente, durante muitos anos, não falou jamais do filho; por seu lado, Marfa Ignátievna jamais fazia alusão a ele em sua presença e, se lhe acontecia conversar com alguém a respeito de seu “filhinho”, falava em voz baixa, muito embora Grigóri Vassílievitch não estivesse presente. De acordo com a observação de Marta Ignátievna, depois daquela morte, interessou-se ele de preferência pelo “divino”, leu as *Vidas dos santos*, a maior parte das vezes sozinho e em silêncio, pondo seus grandes óculos redondos de prata. Lia raramente em voz alta, quando muito durante a Quaresma. Gostava extremamente do *Livro de Jó*, arranjara uma coletânea das palavras e dos sermões de “nosso santo padre Isaak, o Sírio”,²⁶ que se obstinou em ler durante anos, quase sem nada compreender daquilo, mas, por essa razão, talvez apreciasse e amasse aquele livro acima de tudo. Nos últimos tempos, prestou ouvidos à doutrina dos *khlisti*, tendo tido a ocasião de aprofundá-la na vizinhança; ficou visivelmente abalado, mas não se decidiu a adotar a fé nova. Essas piedosas leituras tornavam naturalmente sua fisionomia ainda mais grave.

Talvez fosse ele inclinado ao misticismo. Ora, como fato expresso, a vinda ao mundo e a morte do filho de seis dedos coincidiram com outro caso bastante estranho, inesperado e original, que deixou em sua alma, como o disse ele, uma vez mais tarde, “uma marca”. Na noite que se seguiu ao enterro do bebê, tendo Marfa Ignátievna despertado, creu ouvir o choro de um recém-nascido. Ficou amedrontada e acordou o marido. Este, prestando ouvido, notou que eram antes gemidos, “dir-se-iam de uma mulher”. Levantou-se, vestiu-se; era uma noite de maio bastante quente. Saiu para o patamar e verificou que os gemidos vinham do jardim. Mas, de noite, o jardim era fechado a chave do lado do pátio, e não se podia nele entrar senão por ali, dando-lhe volta uma alta e sólida paliçada. Voltando para casa, Grigóri acendeu a lanterna, pegou a chave e, sem prestar

atenção ao pavor histérico da mulher, persuadida de que era o choro do filho que a chamava, entrou em silêncio no jardim; ali, deu-se conta de que os gemidos partiam da sala de banhos, situada não longe da entrada, e que era, com efeito, uma mulher que gemia. Tendo aberto a porta do banheiro, viu um espetáculo diante do qual permaneceu estupefato; uma idiota da cidade, que vagava pelas ruas e era conhecida de toda a gente pelo nome de Lisavieta Smierdiáchtchaia, tendo penetrado no banheiro deles, acabava de ali dar à luz. O menino jazia ao lado dela, que estava moribunda. Não dizia nada, pela simples razão de que não sabia falar. Mas tudo isso exige explicações.

II

LISAVIETA SMIERDIÁCHTCHIAIA²⁷

Havia ali uma circunstância particular que impressionou profundamente Grigóri e acabou de fortificar nele uma suspeita desagradável e repugnante. Aquela Lisavieta Smierdiáchtchaia era uma moça de estatura muito baixa, “um pouco mais de dois *archini*”; assim se lembravam dela com enternecimento, após sua morte, bondosas velhas de nossa cidade. Seu rosto de vinte anos, sadio, largo, vermelho, era completamente idiota, o olhar fixo e desagradável, se bem que plácido. Tanto no inverno quanto no verão andava sempre de pés descalços, vestida apenas com uma camisa de cânhamo. Seus cabelos quase negros, extraordinariamente espessos, frisados como uma lã, amontoavam-se em sua cabeça à maneira de um enorme boné. Além disso estavam muitas vezes sujos de terra, de lama, entremeados de folhas, de raminhos, de cavacos, porque ela dormia sempre no chão e na lama. Seu pai, Iliá, pequeno-burguês sem domicílio, arruinado e valetudinário, fortemente dado à bebida, permanecia desde muitos anos, na qualidade de operário, em casa dos mesmos senhores opulentos, igualmente burgueses de nossa cidade. A mãe de Lisavieta morrera há muito tempo. Sempre doentio e mal-humorado, Iliá batia sem piedade na filha quando chegava ela em casa. Mas ali ia raramente, sendo acolhida por toda parte na cidade como uma débil mental sob a proteção de Deus. Os patrões de Iliá, o próprio Iliá e muitas pessoas caridosas,

sobretudo entre os negociantes e as negociantes, tinham tentado por várias vezes vestir Lisavieta de uma maneira mais decente, fazendo-a usar no inverno uma peliça de carneiro e calçar botas; habitualmente, sujeitava-se ela docilmente a isso; depois, ia-se embora e, em alguma parte, de preferência sob o pórtico da igreja, despojava-se de tudo quanto lhe haviam dado — quer fosse um lenço, uma saia, uma peliça, botas —, abandonava tudo no lugar e lá se ia de pés descalços, vestida com sua camisa como antes. Aconteceu que um novo governador, inspecionando nossa cidade, sentiu-se ferido em seus melhores sentimentos à vista de Lisavieta e, muito embora tivesse percebido que se tratava de uma inocente, como aliás o informaram, fez no entanto observar “que uma: moça vagando em camisa infringia a decência e que aquilo devia cessar no futuro”. Mas, depois que o governador partiu, deixaram Lisavieta como era. Por fim, seu pai morreu, tornando-se ela mais querida a todas as pessoas piedosas da cidade como órfã. Com efeito, todos pareciam amá-la; os garotos não mexiam com ela nem a maltratavam; ora, entre nós, os garotos, sobretudo os colegiais, são uma raça agressiva. Entrava ela em casas desconhecidas e ninguém a expulsava; pelo contrário, todos a tratavam bem e lhe davam meio copeque. As moedinhas que lhe davam, levava-as ela logo para metê-las em um tronco qualquer, na Igreja ou na prisão. Se recebia, no mercado, um sequilho ou um pãozinho, não deixava de fazer presente dele ao primeiro menino que encontrasse, ou então detinha uma de nossas damas mais ricas para lhe oferecer; e esta o aceitava até mesmo com alegria. Ela própria não se nutria senão de pão preto e água. Entrava por vezes numa rica loja, sentava-se, tendo junto de si mercadorias de valor, dinheiro; jamais os proprietários desconfiavam dela, sabendo que não tomaria um copeque, mesmo se pusessem milhares de rublos a seu alcance e fossem esquecidos. Ia raramente à igreja, dormia sob os pórticos, ou num pomar qualquer, depois de ter pulado a cerca (ainda agora há entre nós muitas cercas em lugar de paliçadas). Ia geralmente uma vez por semana à casa dos patrões de seu defunto pai, no inverno todos os dias, mas somente à noite, que ela passava no vestíbulo ou no estábulo. Causava espanto que pudesse ela suportar tal existência, mas estava a ela acostumada; se bem que de pequena estatura, tinha uma constituição excepcionalmente robusta. Certas pessoas da sociedade achavam que ela fazia tudo isso unicamente por orgulho, mas não havia motivo para tal; não sabia ela dizer uma palavra, por vezes somente mexia

a língua e resmungava; que tinha que ver com isso o orgulho? Ora, numa noite de setembro, clara e quente, em que a lua era cheia, a uma hora já bastante tardia para nossos hábitos, um bando de cinco ou seis farristas, embriagados, voltava do clube para suas casas pelo caminho mais curto. Dos dois lados, a ruela que eles seguiam era bordada por uma cerca por trás da qual se estendiam os pomares das casas ribeirinhas; terminava num passadiço lançado sobre o longo pântano infecto que se batiza por vezes entre nós com o nome de rio. Perto da cerca, entre as urtigas e as barbanas, nosso grupo percebeu Lisavieta adormecida. Aqueles cavalheiros embriagados pararam perto dela, explodiram em risadas e puseram-se a pilheriar da maneira mais cínica. Um filho de família imaginou de repente uma questão totalmente excêntrica, a respeito de um assunto impossível. “Pode-se, disse ele, não importa quem, aceitar um tal monstro como uma mulher, etc.” Todos decidiram, com nobre aversão, que não se podia. Mas Fiódor Pávlovitch, que fazia parte do bando, adiantou-se logo, declarou que se podia perfeitamente aceitá-la como mulher e que havia mesmo ali alguma coisa de picante em seu gênero, etc. Naquela época, comprazia-se ele com afetação no seu papel de palhaço, gostava de dar-se em espetáculo e divertir os ricos, como um verdadeiro farsante, malgrado a igualdade aparente. Com um crepe no chapéu, porque acabava de saber da morte de sua primeira mulher, levava então uma vida tão crapulosa que alguns, mesmo libertinos endurecidos, se sentiam constrangidos à sua vista. Aquela opinião paradoxal de Fiódor Pávlovitch provocou a hilaridade do bando; um deles começou mesmo a provocá-lo, os outros mostraram ainda mais aversão, mas sempre com uma viva alegria; por fim todos seguiram o caminho. Posteriormente, jurou ele que se afastara com os outros; talvez dissesse a verdade, ninguém nunca soube de nada ao certo. Mas cinco ou seis meses mais tarde, a gravidez de Lisavieta excitava a indignação de toda a cidade, e procurou-se descobrir quem pudera ultrajar a pobre criatura. Um boato terrível circulou em breve, acusando Fiódor Pávlovitch. Onde vinha ele? Do bando farrista não restava então na cidade senão um homem de idade madura, respeitável conselheiro de Estado, pai de filhas adultas, o qual nada teria contado, mesmo se se tivesse passado qualquer coisa; os outros tinham-se dispersado. Mas o boato persistente continuava a apontar Fiódor Pávlovitch. Ele não se deu por achado e desdenhou responder a lojistas e pequenos-burgueses. Era orgulhoso então e não dirigia a palavra senão à sua sociedade de

funcionários e nobres, a quem tanto divertia. Foi então que Grigóri tomou energicamente o partido de seu amo; não somente defendeu-o contra qualquer insinuação, como também discutiu bastante calorosamente a esse respeito e conseguiu mudar a opinião de muitos. “A culpa é dela mesma, daquela criatura”, afirmava ele, e seu sedutor não era outro senão “Karp, o Parafuso” (assim se chamava um detento bastante perigoso, que se havia evadido da prisão da capital e se ocultara em nossa cidade). Essa conjectura pareceu plausível; foi lembrado que Karp vagueara por aquelas mesmas noites de outono e saqueara três pessoas. Mas essa aventura e esses rumores, longe de desviar as simpatias pela pobre idiota, valeram-lhe um redobramento de solicitude. Uma viúva bastante rica, a negociante Kondrátievna, decidiu recolhê-la em sua casa, no fim de abril, para que ela ali desse à luz. Vigiam-na severamente. Apesar de tudo, uma noite, no dia mesmo do parto, Lisavieta fugiu da casa de sua protetora e foi cair no jardim de Fiódor Pávlovitch. Como pudera ela, em seu estado, transpor uma paliçada tão alta? Isso permaneceu um enigma. Uns asseguravam que a haviam carregado, outros viam naquilo uma intervenção sobrenatural. Tudo leva a crer que aquilo se realizou de uma maneira engenhosa, mas natural, e que Lisavieta, habituada a penetrar através das sebes nos pomares, para neles passar a noite, trepou, apesar de seu estado, sobre a paliçada de Fiódor Pávlovitch, donde saltou, ferindo-se no jardim. Grigóri correu a buscar sua mulher para os primeiros cuidados: ele mesmo foi à procura de uma velha parteira que morava bem perto. Salvou-se o menino, mas Lisavieta morreu ao romper do dia. Grigóri pegou o recém-nascido, levou-o para o pavilhão e depositou-o sobre os joelhos de sua mulher: “Eis um filho de Deus, um órfão de que seremos os pais. É o pequeno morto que no-lo envia. Nasceu de um filho de Satanás e duma justa. Cria-o e não chores mais doravante.” Foi assim que Marfa Ignátievna criou o menino. Foi batizado com o nome de Páviel, ao qual toda a gente ajuntou, e eles também, Fiódorovitch como nome patronímico. Fiódor Pávlovitch não fez objeção e achou mesmo a coisa divertida, negando porém energicamente aquela paternidade. Aprovaram-no por ter recolhido o órfão. Mais tarde, deu-lhe como nome de família Smierdiákov, de acordo com o sobrenome da mãe dele, Smierdiáchtchaia. Servia ele a Fiódor Pávlovitch como segundo criado e vivia, no começo de nossa narrativa, no pavilhão, ao lado do velho Grigóri e da velha Marfa. Tinha o emprego de cozinheiro. Seria preciso consagrar-lhe um capítulo especial, mas tenho escrúpulo de reter

por tanto tempo a atenção do leitor para simples criados e continuo esperando que se tratará muito naturalmente de Smierdiákov no curso da narrativa.

III

CONFISSÃO DE UM CORAÇÃO ARDENTE, EM VERSOS

Ouvindo a ordem que lhe gritava seu pai, da caleça, ao partir do mosteiro, ficou Aliócha algum tempo imóvel e bastante perplexo. Mas, dominando sua perturbação, dirigiu-se logo à cozinha do padre abade, para procurar saber o que havia feito Fiódor Pávlovitch. Depois pôs-se a caminho, esperando resolver, enquanto andava, um problema que o atormentava. Digamo-lo imediatamente: os gritos de seu pai e a ordem de mudar-se, com travesseiros e colchão, não lhe inspiravam nenhum temor. Compreendia perfeitamente que aquela ordem, gritada entre gestos, fora dada “por pura excitação”, por assim dizer, e até mesmo para a plateia, à maneira daquele pequeno-burguês que recentemente em sua cidade, tendo festejado demasiado seu aniversário e furioso porque não lhe davam mais vodca, pôs-se, diante de seus convidados, a quebrar a própria louça, a rasgar as roupas e as de sua mulher, a partir os móveis e as vidraças, tudo isso por pura exibição. No dia seguinte, naturalmente, o burguês desembriagado lamentava as xícaras e os pires quebrados. Aliócha sabia que o velho o deixaria seguramente voltar ao mosteiro no dia seguinte, talvez naquele mesmo dia. E mais, estava persuadido de que seu pai não quereria jamais ofendê-lo, e que jamais ninguém no mundo, não somente não o quereria, mas não o poderia. Era para ele um axioma, admitido de uma vez por todas, e a esse respeito caminhava tranquilo, sem a menor excitação.

Mas naquele momento, outro temor o agitava, duma espécie bem diversa, e tanto mais penoso quanto ele mesmo não o teria podido definir, o temor de uma mulher, daquela Katierina Ivânovna, que insistia tanto, em sua carta entregue de manhã pela senhora Khokhlakova, para que fosse vê-la. Esse pedido e a necessidade de a ele obedecer causavam-lhe uma impressão dolorosa, que, durante toda a tarde, não fez senão agravar-se,

malgrado as cenas e as aventuras que se haviam desenrolado no mosteiro etc. Seu temor não provinha de ignorar o que ela lhe diria e o que ele responderia. Não era tampouco a mulher que ele temia nela; decerto, conhecia pouco as mulheres, mas não tinha, no entanto, vivido senão com elas, desde a tenra infância até a chegada ao mosteiro. Temia aquela mulher, precisamente Katierina Ivânovna, e isso desde o primeiro encontro. Ora, ele a havia encontrado duas ou três vezes no máximo, e trocado por acaso algumas palavras com ela. Lembrava-se dela como de uma bela moça, altiva e imperiosa. Não era sua beleza que o atormentava, mas algo de diferente, e sua impotência em explicar o medo que ela lhe inspirava aumentava esse medo. O fim que a jovem tinha em vista era dos mais nobres, ele o sabia: esforçava-se por salvar Dimítri, culpado para com ela, e só agia por generosidade. Pois bem, malgrado sua admiração por esses nobres sentimentos, percorria-lhe o corpo um arrepio, à medida que se aproximava da casa dela.

Deu-se conta de que não encontraria em sua companhia Ivan, seu íntimo, retido então certamente por seu pai. Quanto a Dimítri, não podia tampouco estar em casa de Katierina Ivânovna, pressentindo ele a razão disso. A conversa entre ambos ocorreria, pois, a sós, mas antes desejava Aliócha ver Dimítri e, sem mostrar-lhe a carta, trocar com ele algumas palavras. Ora, Dimítri morava longe e não estaria sem dúvida em sua casa naquele momento. Tendo parado um minuto, decidiu-se por fim. Depois de um sinal da cruz apressado, sorriu misteriosamente e dirigiu-se, resolutamente, para a terrível pessoa.

Conhecia-lhe a casa. Mas, se tivesse de passar pela rua Grande, depois atravessando a praça, etc., seria bastante distante. Sem ser grande, nossa cidade é muito dispersa e as distâncias, consideráveis. Além do mais, seu pai o esperava: lembrava-se talvez da ordem que lhe dera e era capaz de fazer das suas. Era preciso, pois, apressar-se para chegar a tempo. Em virtude dessas considerações, resolveu Aliócha abreviar o caminho tomando por atalhos; conhecia todos aqueles becos como seu bolso. Por atalhos significava quase com caminhos traçados costear tapumes desertos, transpor por vezes cercas particulares, atravessar pátios onde, aliás, todos o conheciam e o cumprimentavam. Podia assim alcançar a rua Grande em duas vezes menos tempo. Em certo lugar, teve de passar bem perto da casa paterna, precisamente ao lado do jardim contíguo ao deles, que dependia de uma casinha de quatro janelas arruinada e inclinada para

o lado. A proprietária dessa casinha era, como Aliócha o sabia, uma pequena-burguesa da cidade, velha inválida, que vivia com a filha, antiga arrumadeira na capital, recentemente ainda a serviço em casa de generais, tendo voltado para casa, havia um ano, por causa da doença da mãe e exibindo-se com vestidos elegantes. Essas duas mulheres tinham no entanto caído em profunda miséria e iam mesmo todos os dias, como vizinhas, procurar pão e sopa na cozinha de Fiódor Pávlovitch. Marfa Ignátievna fazia-lhes boa acolhida. Mas a filha, embora indo procurar sopa, não vendera nenhum de seus vestidos: um deles tinha mesmo uma cauda bastante comprida. Aliócha soubera desse detalhe, completamente por acaso, da boca de seu amigo Rakítin, ao qual nada escapava do que se passava na cidadezinha: é certo, porém, que o esquecera logo. Ao chegar diante do jardim da vizinha, lembrou-se daquela cauda, ergueu rapidamente a cabeça curvada, pensativa, e... teve de súbito o encontro mais inesperado.

Por trás da cerca, de pé sobre um montículo e visível até o peito, seu irmão Dimíttri fazia-lhe sinais, chamava-o com grandes gestos, evitando não somente gritar, mas até mesmo dizer uma palavra, com medo de ser ouvido. Aliócha correu para a cerca.

— Por felicidade levantaste os olhos, senão teria sido obrigado a gritar — cochichou jovialmente Dimíttri Fiódorovitch. — Salta-me esta cerca, depressa! Como chega a propósito! Pensava em ti...

Aliócha não estava menos contente, embaraçado apenas por ter de pular a cerca. Mas Mítia, com mão de atleta, ergueu-o pelo cotovelo e ajudou-o a saltar, o que ele fez, de batina arrepanhada, com a agilidade de um garoto.

— E agora, em frente, marcha! — murmurou Mítia, num transporte de alegria.

— Mas para onde? — perguntou do mesmo modo Aliócha, olhando por todos os lados e vendo-se num jardim deserto, onde não havia ninguém senão eles. O jardim era pequeno, mas a casa encontrava-se a cinquenta passos pelo menos. — Não há ninguém aqui. Por que falamos em voz baixa?

— Por quê? Que o diabo me carregue! — exclamou de súbito Dimíttri Fiódorovitch a plena voz. — Que adianta falar em voz baixa? Vês tu mesmo como se pode ser absurdo. Estou aqui para espionar um segredo. As explicações virão depois, mas, sob a impressão do mistério, pus-me a

falar misteriosamente, a cochichar como um tolo, sem razão. Vamos! Vem e cala-te. Mas quero beijar-te.

Glória ao Eterno sobre a terra.

Glória ao Eterno em mim...

Eis o que eu repetia ainda há pouco, sentado no jardim, naquele lugar...

O jardim de cerca de uma *diesiatina* estava todo cercado de árvores ao longo de seu recinto: pereiras, bordos, tílias, bétulas. O centro formava uma espécie de pequeno prado onde se recolhia feno, no verão. A proprietária alugava aquele jardim desde a primavera por alguns rublos. Havia pés de framboesa, groselhas de várias espécies, igualmente perto das cercas; a horta, cultivada desde pouco tempo, achava-se perto da casa. Dimíttri conduziu seu irmão para o canto mais afastado do jardim. Ali, entre as tílias muito próximas e velhas moitas de groselheiras e de sabugueiros, de bolas-de-neve e de lilases, avistavam-se as ruínas de um antigo pavilhão verde, enegrecido e empenado, de paredes com claraboia, mas ainda coberto e onde a gente podia abrigar-se da chuva. Segundo a tradição, fora esse pavilhão construído, havia cinquenta anos, por um antigo proprietário, Alieksandr Kárlovitch von Schmidt, tenente-coronel reformado. Tudo caía em poeira, o soalho estava podre, as tábuas balançavam, a madeira tresandava umidade. Havia uma mesa de madeira pintada de verde, enterrada no chão, cercada de bancos que ainda podiam servir. Aliócha notara o entusiasmo do irmão; ao entrar no pavilhão, viu sobre a mesa uma garrafa de conhaque pela metade e um copinho.

— É conhaque! — disse Mítia, com uma explosão de riso. — Vais pensar: “Ele continua bebendo.” Não te fies nas aparências.

Na gente mentirosa e vã, não creias,

Às tuas suspeitas renuncia... ²⁸

— Eu não me embriago, “beberico”, como diz aquele porco do Rakítin, teu amigo, e o dirá ainda, mesmo quando tornar-se conselheiro de Estado. Senta-te, Aliócha: gostaria de apertar-te em meus braços, de esmagar-te,

porque, no mundo inteiro, crê-me, na verdade, na ver-da-de, não amo senão a ti!

Pronunciou as derradeiras palavras numa espécie de frenesi.

— A ti e também a uma debochada pela qual me embeicei, para desgraça minha. Mas embeicar-se não é amar. A gente pode embeicar-se e odiar. Lembra-te disso. Até aqui, falo alegremente. Senta-te à mesa, perto de mim, para que te veja. Tu me escutarás em silêncio e direi tudo, porque o momento de falar chegou. Mas fica sabendo, refleti, é preciso falar verdadeiramente baixo porque aqui... há talvez orelhas às escutas. Saberás tudo, disse: a continuação virá. Por que tinha eu tamanha vontade de verte, desde cinco dias que aqui estou e ainda há pouco? É que tu me és necessário... é que a ti somente direi tudo... é que amanhã uma vida acaba e outra começa para mim. Já experimentaste alguma vez em sonho a sensação de rolar num precipício? Pois bem, agora caio realmente. Oh! Não tenho medo e tu também não tens. Isto é, sim, tenho medo, mas é um medo suave, ou antes, embriaguez... E, depois, para o diabo! Que importa! Espírito forte, espírito fraco, espírito de mulher, que importa? Louvemos a natureza! Vê que belo sol, que céu puro, por toda parte folhagens verdes; é na verdade ainda o verão. Estamos às quatro horas da tarde, está tudo calmo!... Aonde ias?

— Ia à casa de meu pai e queria ver, de passagem, Katierina.

— À casa dela e à casa de papai? Que coincidência! Pois, por que te chamei, por que te desejava do fundo do coração, com todas as fibras de meu ser? Precisamente para mandar-te à casa de papai, depois à casa dela, a fim de acabar isso de uma vez com um e com outra. Enviar um anjo! Teria podido enviar não importa quem, mas era-me preciso um anjo. E eis que ias tu mesmo para lá!

— Deveras? Querias mandar-me lá? — perguntou Aliócha, com uma expressão dolorosa.

— Espera, tu o sabias. Vejo que compreendeste tudo; mas cala-te. Não me lamentes, não chores!

Dimítri levantou-se, com ar meditativo:

— Foi ela quem te chamou; deve ter-te escrito, senão não irias...

— Aqui está seu bilhete... — Aliócha tirou-o do bolso. Mítia leu-o rapidamente.

— E tomavas o caminho mais curto! Ó deuses! Agradeço-vos o tê-lo dirigido para este lado e trazido para mim tal como o peixinho de ouro que foi cair nas mãos do velho pescador, segundo o conto.²⁹ Escuta, Aliócha, escuta, meu irmão. Agora, resolvi dizer tudo. É preciso que me expanda, afinal! Depois de ter-me confessado a um anjo do céu, vou confessar-me a um anjo da terra. Porque és um anjo. Tu me escutarás e me perdoarás... Tenho necessidade de ser absolvido por um ser mais nobre do que eu. Escuta, pois. Suponhamos que duas criaturas se libertem das servidões terrestres e planem numa região superior, uma delas, pelo menos. Que esta, antes de voar ou desaparecer, se aproxima da outra e lhe diga: “Faze por mim isto ou aquilo”, coisas que jamais se costumam exigir, que só se pedem no leito de morte. Será que o que fica se recusará, se é um amigo, um irmão?

— Eu o farei, mas dize-me de que se trata, e dize-me quanto antes — falou Aliócha.

— Depressa... Hum! Não te apresses, Aliócha. Apressando-te, atormentas-te. É inútil apressar-se agora. O mundo entra agora numa era nova. Que pena, Aliócha, que nunca te entusiasmes. Mas que digo eu? Sou eu que careço de entusiasmo! Que digo eu, tolo que sou?

Homem, sê nobre!

De quem é este verso?

Aliócha resolveu esperar. Compreendera que toda a sua atividade, com efeito, estava talvez concentrada agora naquele lugar. Mítia ficou um momento pensativo, de cotovelos sobre a mesa, a fronte na mão. Ambos mantinham-se calados.

— Aliócha, somente tu me escutarás sem rir. Gostaria de começar... minha confissão... por um hino à alegria, como Schiller, *An die Freude!*. Mas não sei alemão, sei somente que é *An die Freude*. Não vás imaginar que tagarelo sob o domínio da embriaguez. Para embriagar-me são necessárias duas garrafas de conhaque.

*Como Sileno vermelho
No seu asno vacilante.*

Ora, não bebi um quarto de garrafa e não sou Sileno. Não Sileno, mas Hércules, porque tomei uma resolução heroica. Perdoa-me essa aproximação de mau gosto, terás bem mais outras coisas a perdoar-me hoje. Não te inquietes, não invento, falo seriamente e vou direto ao fato. Não serei duro ao disparo como um judeu. Espera, como é que é mesmo?

Ergueu a cabeça, refletiu, depois começou a recitar com entusiasmo:

*Nu, tímido, selvagem, se ocultava
O troglodita nas cavernas;
O nômade nos campos pervagava*

*A devastá-los sem cessar;
O caçador com sua lança e flechas,
Terrível, as florestas percorria;
Desgraça para os náufragos lançados
Pelas ondas naquela praia inóspita.*

*Das alturas do Olimpo, Ceres³⁰
Desce, à procura de Prosérpina,
Ao seu amor arrebatada;
A seus olhos o mundo é todo horror.
Nenhum asilo, nem mesmo oferendas
À deusa são apresentadas.
Aqui não se conhece culto aos deuses,
Nem templos há para adorá-los.*

*Os frutos do pomar, as uvas doces
Não alegam nenhum festim;
Só os restos das vítimas fumegam
Sobre as aras ensanguentadas.
E em vão de Ceres vaga o triste olhar;
Por toda parte avista o homem
Numa profunda humilhação.*

Soluços escaparam-se do peito de Mítia; agarrou Aliócha pela mão.

— Amigo, amigo, sim, na humilhação, na humilhação ainda agora! O homem sofre na terra males sem conta. Não penses que seja eu apenas um boneco vestido de oficial, bom para beber e para fazer farras. A humilhação, que é a partilha do homem, eis, irmão, quase o único objeto de meu pensamento. Deus me guarde de mentir e de gabar-me. Penso nesse homem humilhado, porque sou ele eu mesmo.

*Para que possa sair da abjeção
O homem, por força de sua alma,
Deve aliança eterna concluir
Com sua velha mãe, a Terra.*

Somente, porém, como concluir essa aliança eterna? Não fecundo a terra, abrindo-lhe o seio; far-me-ei mujique ou pastor? Ando sem saber para onde vou, para a luz radiosa ou para a vergonha infecta. Está nisso a desgraça, porque tudo é enigma neste mundo. Quando me achava mergulhado na mais abjeta degradação (era todo o tempo), sempre reli esses versos a respeito de Ceres e da miséria do homem. Corrigiram-me? Não! Porque sou um Karamázov! Porque, quando rolo no abismo, é diretamente, de cabeça à frente; agrada-me mesmo cair assim, vejo beleza nessa queda. E do seio da vergonha entoo um hino. Sou maldito, vil e degradado, mas beijo a fímbria da veste em que se envolve o meu Deus; sou a estrada diabólica, mas sou, no entanto, Teu filho, Senhor, e Te amo, sinto a alegria sem a qual o mundo não poderia subsistir.

*A alegria eterna anima
Toda a alma da criação,
Transmite a chama da vida
Na força oculta dos germes;
Foi quem fez surgir a relva,
Transformou o caos em sóis,
Espalhados nos espaços
Longe da vista dos homens.
Tudo quanto na boa natureza
Respira, dela extrai sua alegria,
Arrasta atrás de si seres e povos;*

*Foi ela quem nos deu
Amigos na desgraça,
Dos cachos d'uva o suco,
Das Graças a grinalda,
Ao inseto, a luxúria...*

*E o Anjo, para levar-nos
À presença de Deus.*

Mas basta de versos. Deixa-me chorar. Que seja um absurdo de que o mundo inteiro zombe, exceto tu. Eis teus olhos brilhando. Basta de versos. Quero agora falar-te dos “insetos”, daqueles a quem Deus gratificou com a luxúria. Eu mesmo sou um deles e isso se aplica a mim. Nós, Karamázov, somos todos assim; esse inseto vive em ti, que és um anjo, e aí suscita tempestades. Porque a sensualidade é uma tempestade e até mesmo algo mais. A beleza é uma coisa terrível e espantosa. Terrível, porque indefinível, e não se pode defini-la porque Deus só criou enigmas. Os extremos se tocam, as contradições vivem juntas. Sou pouco instruído, irmão, mas tenho pensado muito nessas coisas. Quantos mistérios acabrunham o homem! Penetra-os e volta intacto. Assim a beleza. Não posso tolerar que um homem de grande coração e de alta inteligência comece pelo ideal da Madona e venha a acabar no de Sodoma. Mas o mais horrível é, trazendo no seu coração o ideal de Sodoma, não repudiar o da Madona, arder por ele como nos seus jovens dias de inocência. Não, o espírito humano é demasiado vasto, gostaria de restringi-lo. O diabo é quem sabe de tudo. O coração acha beleza até na vergonha, no ideal de Sodoma, que é o da imensa maioria. Conheces esse mistério? É o duelo do diabo e de Deus, sendo o coração humano o campo de batalha. Ora, fala-se daquilo que faz a gente sofrer. Vamos, pois, ao fato.

IV

CONFISSÃO DE UM CORAÇÃO ARDENTE. — ANEDOTAS

— Entregara-me à devassidão. Meu pai dizia ainda há pouco que gastei milhares de rublos para seduzir donzelas. Imaginação de porco! É uma mentira, porque minhas conquistas não me custavam nada, a bem dizer. Para mim o dinheiro não passa do acessório, a encenação. Hoje, sou o amante de uma dama, amanhã de uma mulher das ruas. Divirto as duas, prodigalizando dinheiro aos punhados, com música e ciganos. Se for possível, dou dinheiro a elas, porque de qualquer forma o dinheiro não lhes desagrada; elas nos agradecem. Amaram-me senhoritas, não todas, mas as houve e muitas. Gostava dos becos, das vielas sombrias e desertas, teatro de aventuras, de surpresas, por vezes de pérolas na lama. Expresso-me, alegoricamente, irmão, esses becos só existiam figuradamente. Se fosses semelhante a mim, compreenderias. Gostava da devassidão por sua abjeção mesma. Gostava da crueldade; não sou um percevejo, um inseto malfazejo? Um Karamázov, está tudo dito! Uma vez, houve um grande piquenique, para onde fomos em sete troicas, no inverno, num tempo sombrio; no trenó cobri de beijos minha vizinha, filha de um funcionário, sem fortuna, encantadora e tímida; no escuro, permitiu-me ela carícias demasiado livres. A pobrezinha imaginava que, no dia seguinte, iria eu pedi-la em casamento (porque era eu apreciado como possível noivo); mas fiquei cinco meses sem dizer-lhe uma palavra. Muitas vezes, quando se dançava, via-a seguir-me com o olhar num canto do salão, com os olhos a arderem duma terna indignação. Esse jogo só fazia deleitar minha sensualidade perversa. Cinco meses depois, casou-se ela com um funcionário e partiu... furiosa e talvez amando-me ainda. Vivem felizes, agora. Nota que ninguém sabe de nada, sua reputação está intacta; malgrado meus vis instintos e meu amor à baixeza, não sou desonesto. Tu coras. Teus olhos cintilam. Estás farto dessa lama. No entanto, não passam de grinaldas à Paulo de Kock.³¹ Tenho, irmão, um álbum inteiro de recordações. Que Deus as guarde a essas queridas criaturas. No momento de romper, evitava as querelas. Jamais vendi nem comprometi nenhuma. Mas isto basta. Crês que te chamei somente por causa dessas sujeiras? Não, foi a fim de contar-te algo de mais curioso; mas não fiques surpreendido pelo fato de não ter eu vergonha diante de ti, sinto-me mesmo à vontade.

— Fazes alusão ao meu rubor — observou, de súbito, Aliócha. — Não são tuas palavras, nem mesmo tuas ações que me fazem corar. Coro porque sou igual a ti.

— Tu? Estás indo um pouco longe.

— Não, não exagero — declarou Aliócha, com calor. (Via-se que estava presa dessa ideia fazia muito tempo.) — A escada do vício é a mesma para todos. Acho-me no primeiro degrau; estás mais alto, no 13º, admitamos. Acho que é absolutamente a mesma coisa: uma vez posto o pé no primeiro degrau, é preciso galgar todos.

— O melhor, então, é não começar?

— Evidentemente, se é possível.

— Pois bem, és capaz?

— Creio que não.

— Cala-te, Aliócha, cala-te, meu querido, tenho vontade de beijar-te a mão cheio de enternecimento. Ah! Essa marota da Grúchenhka conhece os homens; dizia-me, uma vez, que um dia ou outro te devoraria. Está bem, calo-me! Mas deixemos esse terreno emporcalhado pelas moscas para chegar à minha tragédia, emporcalhada, também ela, pelas moscas, isto é, por todas as espécies de baixezas possíveis. Se bem que o velho tenha mentido a respeito de minhas pretensas seduções, isso aconteceu-me; no entanto, uma vez somente; e ainda assim não chegou a executar-se. Ele, que me censurava coisas imaginárias, nada sabe disso; não o contei a ninguém, és o primeiro a quem falo, exceto Ivan, bem entendido. Ele sabe de tudo desde muito tempo. Mas Ivan é mudo como um túmulo.

— Como um túmulo?

— Sim.

Aliócha redobrou de atenção.

— Embora alferes num batalhão de linha, era objeto de certa vigilância, a modo dum deportado. Mas acolhiam-me bastante bem na cidadezinha. Prodigalizava dinheiro, acreditavam-me rico e eu acreditava que o era. Devia agradar também por outras razões. Embora abanando a cabeça por causa de minhas estroinices, tinham afeição por mim. Meu tenente-coronel, um velho, antipatizou comigo de repente. Pôs-se a amofinar-me, mas eu tinha costas largas; toda a cidade ficou a meu lado, não podia ele fazer grande coisa. A culpa era minha; por tola altivez, não lhe prestava eu as homenagens a que tinha ele direito. Aquele velho teimoso, bom homem no íntimo e muito hospitaleiro, fora casado duas vezes. Era viúvo. Sua primeira mulher, de baixa condição, deixara-lhe uma filha tão simples quanto ela mesma. Tinha a moça então 24 anos e vivia

com o pai e a tia materna. Longe de ter a ingenuidade silenciosa da tia, a isso juntava muita vivacidade. Jamais encontrei caráter feminino mais encantador. Chamava-se Agáfia, imagina, Agáfia Ivânovna. Bastante bonita, ao gosto russo, grande, de boas carnes, de belos olhos, mas de expressão um pouco vulgar. Ficara solteira, malgrado dois pedidos de casamento, e conservava sua jovialidade. Travei amizade com ela, tudo muito direito, com muita honestidade. Porque travei mais de uma amizade feminina, perfeitamente pura. Falava com ela em termos bastante livres, e ela só fazia rir. Muitas mulheres gostam dessa liberdade de expressão, nota-o bem; além do mais, era muito divertido com uma moça igual a ela. Um traço ainda: não se podia qualificá-la de senhorita. A tia e ela viviam em casa do pai, numa espécie de rebaixamento voluntário, sem se igualarem ao resto da sociedade. Estimavam-na, apreciavam seus talentos de costureira, porque não cobrava ela nada, trabalhando por gentileza para as amigas, sem todavia recusar o dinheiro, quando lhe era oferecido. Quanto ao coronel, era um dos homens notáveis do lugar. Vivia à larga. Toda a cidade era recebida em sua casa; ceava-se, dançava-se. Por ocasião de minha entrada para o batalhão, só se falava, na cidade, da próxima chegada da segunda filha do coronel. Famosa por sua beleza, acabava de sair de um internato aristocrático da capital. É Katierina Ivânovna, a filha da segunda mulher do coronel. Esta última era nobre, de grande casa, mas não trouxera dote algum ao marido; sei-o de boa fonte. Era de boa família, com algumas esperanças, mas nada de efetivo. No entanto a jovem chegou para uma temporada, e a cidadezinha ficou como que galvanizada; nossas damas mais distintas, duas Excelências, uma coronela, e todas as outras, em seguimento, disputavam-na; festejavam-na, era a rainha dos bailes, dos piqueniques; organizaram-se quadros vivos em benefício de não sei quais professoras. Quanto a mim, calo-me, farreio; imaginei então uma pilhéria à minha moda, que deu que falar à cidade inteira. Uma noite, em casa do comandante da bateria, Katierina Ivânovna lançou-me um olhar de alto a baixo; não me aproximei dela, desdenhando travarmos conhecimento. Abordei-a algum tempo depois, igualmente num sarau. Falei-lhe. Olhou-me apenas, com os lábios desdenhosos. “Espera um pouco, pensei, vingarme-ei!” Era eu então um sujeito verdadeiramente estourado na maior parte dos casos e sentia isso. Sentia sobretudo que Kátienhka, longe de ser uma pensionista ingênua, tinha caráter, altivez e verdadeira virtude, sobretudo muita inteligência e instrução, o que me faltava totalmente. Pensas que eu

queria pedir-lhe a mão? Absolutamente. Queria somente me vingar de sua indiferença a meu respeito. Foi então uma farra de arrebentar. Por fim, o tenente-coronel infligiu-me três dias de detenção. Naquela ocasião, nosso pai enviou-me seis mil rublos em troca de uma renúncia formal a todos os meus direitos e pretensões à fortuna de minha mãe. Nada entendia disso então; até minha chegada aqui, irmão, até estes últimos dias e talvez mesmo agora, nada compreendi dessas disputas de dinheiro entre mim e meu pai. Mas, para o diabo tudo isso, tornaremos a falar. Já de posse desses seis mil rublos, a carta de um amigo me fez ciente de uma coisa bastante interessante, a saber, que estavam descontentes com nosso tenente-coronel, suspeito de malversações, e que seus inimigos lhe preparavam uma surpresa. Com efeito, o chefe da divisão apareceu para dirigir-me vigorosa reprimenda. Pouco depois, foi obrigado a demitir-se. Não te contarei todos os detalhes desse negócio; tinha ele, com efeito, inimigos; ocorreu na cidade brusco resfriamento de relações com ele e toda a sua família; todo mundo os abandonava. Foi então que pus em prática minha primeira treta: encontro Agáfia Ivânovna, de quem me mantinha sempre amigo, e digo-lhe: “Faltam 4.500 rublos no caixa de seu pai...” “Como? Quando o general veio, recentemente, a soma estava completa...” “Estava então, mas não mais agora.” Ela ficou apavorada. “Não me apavore, rogo-lhe, donde soube isso?” “Tranquelize-se — digo-lhe —, não falarei a ninguém, sabe você que a esse respeito sou um tûmulo. Queria somente dizer-lhe isto, de qualquer modo: quando reclamarem de seu pai esses 4.500 rublos que lhe faltam, em vez de passar em julgamento na sua idade e ser degradado, mande-me sua irmã secretamente; acabo de receber dinheiro, remeter-lhe-ei a soma e ninguém ficará sabendo de nada.” “Ah, que patife é você! — disse ela. — Que canalha! Como ousa?” Ela foi-se embora, sufocada de indignação, e gritei-lhe às costas que o segredo seria inviolavelmente guardado. Aquelas duas mulheres, Agáfia e a tia, eram verdadeiros anjos; adoravam a altiva Kátia, serviam-na humildemente. Agáfia deu parte de nossa conversa à irmã, como vim a saber mais tarde. Era justamente o que me era preciso.

“Entrementes, chega novo major para tomar o comando do batalhão. O velho coronel cai doente; fica no quarto dois dias inteiros e não presta suas contas. O doutor Krávtchenko assegura que a doença não é simulada. Mas eis o que eu sabia com certeza, e desde muito tempo: após cada revisão de seus chefes, o coronel fazia desaparecer certa soma por algum tempo; isso

remontava a quatro anos. Emprestava-a a um homem de toda a confiança, um negociante, viúvo barbudo, de óculos de ouro. Trífonov. Este ia à feira, servia-se do dinheiro para seus negócios e restituía-o logo ao coronel, com um presente e uma boa comissão. Mas dessa vez, Trífonov, de volta da feira, nada entregara (soube-o, por acaso, de seu filho, um fedelho, garoto pervertido dos que mais o sejam). O coronel acorreu: Jamais recebi nada do senhor, respondeu o velhaco. O infeliz não põe mais o pé fora de casa, com a cabeça enrolada num penso, as três mulheres aplicando-lhe gelo sobre o crânio. Chega um ordenança com a ordem de entrega do caixa imediatamente, dentro de duas horas. Ele assinou, vi mais tarde sua assinatura no registro, levantou-se, dizendo que ia vestir o uniforme, e passou para o quarto de dormir. Ali pegou seu fuzil de caça, carregou-o com bala, descalçou o pé direito, apoiou a arma contra o peito, tateando com o pé para premir o gatilho. Mas Agáfia, que não esquecera minhas palavras, suspeitava de alguma coisa; tendo-se aproximado furtivamente, vigiava-o. Precipitou-se, cercou-o com os braços pelas costas; o tiro partiu para o ar, sem ferir ninguém. Os outros acorreram, arrancaram-lhe a arma, segurando-o pelas mãos... Encontrava-me então em casa, ao crepúsculo, a ponto de sair, vestido, penteado, o lenço perfumado; pegara meu casquete; de repente, a porta se abre e vejo entrar Katierina Ivânovna.

“Há coisas estranhas: ninguém a notara na rua quando vinha ela para minha casa, nem visto, nem conhecido. Eu morava em casa de duas mulheres de funcionários, pessoas idosas; faziam elas o serviço, para tudo me escutavam com deferência e guardavam por ordem minha segredo absoluto. Compreendi no mesmo instante do que se tratava. Ela entrou, de olhar fito em mim; seus olhos sombrios exprimiam a decisão, a audácia mesmo, mas o jeito de seus lábios revelava a perplexidade.

“— Minha irmã me disse que o senhor daria 4.500 rublos, se eu viesse buscá-los... em pessoa. Eis-me aqui... dê-me o dinheiro!... — Sufocava, tomada de terror; sua voz extinguiu-se, seus lábios tremiam... Aliócha, tu me escutas ou dormes?”

— Mítia, sei que me dirás toda a verdade — replicou Aliócha, comovido.

— Podes contar com isso, não me pouparei. Meu primeiro pensamento foi o de um Karamázov. Um dia, irmão, fui picado por uma centopeia e tive de ficar 15 dias de cama, com febre; pois bem, senti então no coração a picada da centopeia, um animal venenoso, bem sabes. Eu a examinava de

alto a baixo. Viste-a? É uma beleza. Mas era bela então por sua nobreza moral, por sua grandeza de alma e por seu devotamento filial, a meu lado, vil e repugnante personagem. Era, no entanto, de mim que “toda” ela dependia, corpo e alma, como que prisioneira. Confessá-lo-ei: aquele pensamento, o pensamento da centopeia, dominou-me o coração com tal intensidade que acreditei morrer de angústia. Parecia que nenhuma luta era possível: conduzir-me baixamente, como uma tarântula venenosa, sem sombra de compaixão... Isso atravessou-me mesmo o espírito. No dia seguinte, bem entendido, iria eu pedir-lhe a mão, para terminar tudo da maneira mais nobre, e ninguém teria sabido nada do caso. Porque, se tenho instintos baixos, sou contudo leal. E, de súbito, ouço que me murmuram ao ouvido: “Amanhã, quando fores oferecer-lhe tua mão, ela não se mostrará e mandará expulsar-te pelo cocheiro. Podes difamar-me pela cidade, dirá ela, não tenho medo de ti!” Olhei para a jovem, a fim de ver se aquela voz não mentia. A expressão de seu rosto não deixava nenhuma dúvida, pôr-me-iam pela porta afora. A cólera dominou-me, tive vontade de pregar-lhe a peça mais vil, uma sujeira de bodegueiro: olhá-la ironicamente e, enquanto ela se conservasse diante de mim, consterná-la, tomando a inflexão de que só são capazes os bodegueiros:

“— Quatro mil e quinhentos rublos! Mas eu estava brincando! A senhorita contou muito facilmente com isso! Duzentos rublos, com prazer e de boa vontade; mas quatro mil é dinheiro isso; não se pode dá-lo assim levianamente. A senhorita incomodou-se por coisa alguma.

“Vês tu, teria eu tudo perdido, ela teria fugido, mas aquela vingança infernal teria compensado o resto. Eu lhe teria pregado essa peça, pronto a lamentá-la em seguida a vida inteira! Acreditarás que, em semelhantes minutos, jamais olhei uma mulher, quem quer que ela fosse, com um ar de ódio — mas, juro-o sobre a cruz, durante alguns segundos contemplei-a com um ódio intenso —, o ódio que só está separado do amor mais ardente por um cabelo. Aproximei-me da janela, apoiei a fronte na vidraça gelada, lembro-me de que o frio fazia-lhe o efeito de uma queimadura. Não a retive muito tempo, fica tranquilo; fui à minha mesa, abri uma gaveta, dela retirei um cheque de cinco mil rublos ao portador, que se encontrava no dicionário de francês. Sem dizer uma palavra, mostrei-lhe o cheque, dobrei-o, entreguei-o a ela, depois eu mesmo abri a porta da antecâmara e fiz uma profunda saudação. Ela estremeceu toda, olhou fixamente um segundo, ficou branca como um linho e, sem proferir uma palavra, sem

brusquidão, mas ternamente, docemente, prosternou-se a meus pés, com a fronte no chão, não como uma pensionista, mas à russa! Levantou-se e fugiu. Após sua partida, tirei minha espada e quis matar-me; por quê, não sei dizê-lo; teria sido absurdo, evidentemente; sem dúvida, por entusiasmo. Compreendes que possa a gente matar-se de alegria? Mas limitei-me a beijar a lâmina e repu-la na bainha... Poderia muito bem não ter-te falado disso. Parece-me, aliás, que floreiei um tanto, para me gabar, contando-te as lutas de minha consciência. Mas que importa! Ao diabo todos os espiões do coração humano! Eis toda a minha aventura com Katierina Ivânovna. És o único, com Ivan, a conhecê-la.

Dimíttri Fiódorovitch levantou-se, dando alguns passos com hesitação, tirou seu lenço, enxugou a testa, depois tornou a sentar-se, mas num outro lugar, no banco em frente, contra a outra parede, de modo que Aliócha teve de voltar-se totalmente para seu lado.

V

CONFISSÃO DE UM CORAÇÃO ARDENTE E DESBOCADO

— Pois bem! — disse Aliócha. — Conheço agora a primeira parte do caso.

— Isto é, um drama, que se passou lá. A segunda parte será uma tragédia e se desenrolará aqui.

— Não compreendo nada dessa segunda parte.

— E eu, será que eu compreendo alguma coisa?

— Escuta, Dimíttri, há um ponto importante. Dize-me, ainda és noivo?

— Não fiquei noivo imediatamente, mas só três meses depois daquele acontecimento. No dia seguinte, disse a mim mesmo que estava tudo liquidado, terminado, que não haveria consequências. Ir pedi-la em casamento pareceu-me uma baixeza. De seu lado, não me deu ela sinal de vida durante as seis semanas que passou ainda na cidade. De parte uma exceção, entretanto: no dia seguinte à sua visita, a arrumadeira delas introduziu-se em minha casa e, sem dizer uma palavra, entregou-me um envelope a mim endereçado. Abro-o: continha o restante dos cinco mil rublos. Fora preciso restituir 4.500, a perda de venda da obrigação ultrapassava duzentos rublos. Ela me restituía 260, creio — não me

lembro exatamente —, e sem uma palavra de explicação. Procurei no pacote um sinal qualquer a lápis, nada! Fiz farra com o que me restava de meu dinheiro, a tal ponto que o novo major se viu forçado a fazer-me censuras. O tenente-coronel entregara seu caixa intacto, para espanto geral, porque acreditava-se a coisa impossível. Depois do quê, caiu doente, ficou três semanas de cama e sucumbiu em cinco dias a um amolecimento cerebral. Enterraram-no com honras militares, porque não tivera ele tempo de ser reformado. Katierina Ivânovna, sua irmã e sua tia, dez dias após o enterro, partiram para Moscou. No dia da partida somente (não as havia revisto), recebi um bilhete azul, com esta única linha escrita a lápis: “Escrever-lhe-ei. Espere. K.”

“Em Moscou, os negócios delas arranjaram-se duma maneira tão rápida quão extraordinária, tal como um conto d’*As mil e uma noites*. A principal parenta de Katierina Ivânovna, uma generala, perdeu bruscamente as duas sobrinhas, suas herdeiras mais próximas, mortas, na mesma semana, de varíola. Transtornada, ligou-se a Kátia como à própria filha, vendo nela sua derradeira esperança, refez seu testamento em seu favor e deu-lhe — de mão para mão — oitenta mil rublos de dote, para dispor deles à vontade. É histérica; tive ocasião de observá-la mais tarde em Moscou. Uma bela manhã, recebo pelo correio 4.500 rublos, com extrema surpresa minha, bem entendido. Três dias depois, chega a carta prometida. Tenho-a ainda, conservá-la-ei até minha morte; queres que a mostre? Não deixes de lê-la: oferece-se ela mesma a partilhar minha vida. ‘Amo-o loucamente; que não me ame, não me importa, contente-se em ser meu marido. Não se espante, não o incomodarei em nada; serei um de seus móveis, o tapete sobre o qual você anda... Quero amá-lo eternamente, salvá-lo-ei de você mesmo...’ Aliócha, sou mesmo indigno de repetir estas linhas em minha vil linguagem, com o tom de que jamais pude corrigir-me! Até agora, essa carta transpassou-me o coração, e acredito que me sinto à vontade hoje? Respondi-lhe imediatamente (era-me impossível ir a Moscou). Escrevi com minhas lágrimas. Envergonhar-me-ei eternamente de ter-lhe lembrado que era ela agora rica e dotada — e eu sem recursos. Falei de dinheiro. Deveria ter-me contido, mas minha pena traiu-me. Escrevi também a Ivan, então em Moscou, e expliquei-lhe tudo quanto era possível: uma carta de seis páginas; mandei Ivan à casa dela. Que tens que te faz olhar-me? Sim, Ivan apaixonou-se por ela; ainda o está agora, sei disso. Cometi uma tolice, do ponto de vista mundano, mas

talvez seja essa tolice que nos salvará a todos. Não vês que ela o honra, que o estima? Pode ela, depois, deter-nos comparando um com o outro, amar um homem tal como eu, sobretudo depois do que se passou aqui?”

— Estou persuadido de que é um homem como tu que ela deve amar, e não um homem como ele.

— É a própria virtude que ela ama e não a mim — deixou Dimítri escapar, malgrado seu, com irritação. Pôs-se a rir, mas de súbito seus olhos cintilaram; tornou-se totalmente vermelho e deu um violento murro na mesa.

— Juro-o, Aliócha — exclamou ele, num acesso de furor, não fingido contra si mesmo —, podes crê-lo ou não, tão verdade como Deus é santo e que o Cristo é Deus, e, se bem que haja eu zombado de seus nobres sentimentos, não duvido da angélica sinceridade deles; sei que minha alma é um milhão de vezes mais vil que a ideia. É nessa certeza que consiste a tragédia. A bela desgraça! Declame-se um pouco! Eu também declamo e, no entanto, sou perfeitamente sincero. Quanto a Ivan, imagino que deve ela maldizer a natureza, ele que é tão inteligente! Quem teve a preferência? Um monstro tal como eu, que não pude arrancar-me da devassidão, quando todos me observavam e isso sob os olhos de minha noiva! E sou eu o preferido? Mas por quê? Porque aquela moça quer, como prova de reconhecimento, constranger-se a uma existência desgraçada! É absurdo! Jamais falei a Ivan nesse sentido, e ele, bem entendido, jamais fez a menor alusão a isso; mas o destino se cumprirá, cada qual segundo seus méritos; o réprobo afundar-se-á definitivamente no lamaçal de que gosta. Estou dizendo incoerências, as palavras não exprimem meu pensamento, como se as empregasse ao acaso, mas o que fixei realizar-se-á. Afogar-me-ei na lama, e ela casará com Ivan.

— Irmão, espera — interrompeu Aliócha, numa agitação extraordinária. — Há um ponto que ainda não me explicaste: continuas seu noivo. Como queres romper, se ela a isso se opõe?

— Sou noivo, recebemos a bênção oficial. Ocorreu em Moscou, quando cheguei em grande cerimônia, com os ícones. A generala nos abençoou; imagina que chegou mesmo a felicitar Kátia: “Escolheste bem — disse ela. — Leio em seu coração.” Quanto a Ivan, não lhe agradou; ela não lhe dirigiu nenhum cumprimento. Em Moscou tive longas conversas com Kátia; pintei-me nobremente, tal como era, com toda a sinceridade. Ela tudo escutou:

*Houve um enleio encantador
E ternas palavras ouviram-se...*

Houve também palavras altivas. Arrancou-me a promessa de corrigir-me. Prometi. E eis em que ponto estou.

— E então, o quê?

— Chamei-te, trouxe-te aqui hoje, lembra-te, para enviar-te hoje mesmo à casa de Katierina Ivânovna, e...

— Que mais?

— Dize-lhe que não irei mais à casa dela, cumprimentando-a de minha parte.

— Será possível?

— Não, é impossível; assim, peço-te que vás lá em meu lugar, não poderia dizer-lhe isso eu mesmo.

— E tu, aonde irás?

— Voltarei ao meu lodaçal.

— Isto é, à casa de Gruchka! — exclamou tristemente Aliócha, juntando as mãos. — Rakítin tinha, pois, razão. E eu que acreditava que era apenas uma ligação passageira!

— Um noivo com uma amante! Seria possível, com tal noiva e aos olhos de todos? Não perdi de todo a honra. Desde o momento em que passei a frequentar Grúchenhka, deixei de ser noivo e homem honesto, dou-me conta disso. Que tens para me olhar assim? Fui à casa dela a primeira vez na intenção de bater-lhe. Soubera, e sei agora de fonte limpa, que aquele capitão, delegado por meu pai, entregara a Grúchenhka uma ordem de pagamento assinada por mim; tratavase de processar-me na justiça, na esperança de abater-me e de obter minha desistência. Queriam amedrontar-me. Ia eu pois surrá-la. Já tivera ocasião de vê-la ligeiramente. Uma mulher muito ordinária. Sabia da história daquele velho comerciante seu amante, que não durará muito mais tempo, mas lhe deixará uma bela soma. Sabia que ela era também gananciosa, emprestando com usura, velhaca e debochada, sem compaixão! Fui para dar-lhe uma correção e fiquei em casa dela. Aquela mulher é a peste. Contaminei-me, tenho-a na pele. Tudo está acabado doravante, não há mais outra perspectiva. O ciclo dos tempos passou. Eis onde me encontro. Como que de propósito tinha eu então três mil rublos no bolso. Fomos a Móкроie, a 25 verstas daqui,

mandei buscar ciganos, ofereci champanha a todos os mujiques, às mulheres e às moças do local. Três dias depois, estava sem nada. E pensas que obtive o mínimo favor? Ela nada me mostrou. Asseguro-te, é toda sinuosa. A intrujona, seu corpo lembra uma cobra, vê-se isso em suas pernas, até o dedo mindinho de seu pé esquerdo tem essa sinuosidade. Vi-o e beijei-o, mas foi tudo, juro-te. Ela me disse: “Queres, casarei contigo, embora pobre. Se me prometes não me bater e deixar-me fazer tudo quanto quiser, talvez me case”, e riu, e ri também agora!

Dimíttri Fiódorovitch ergueu-se presa duma espécie de furor. Tinha ar de ébrio. Seus olhos estavam injetados de sangue.

— Pretendes seriamente casar com ela?

— Se ela consentir, será imediatamente; se recusar, ficarei ainda assim com ela, serei seu criado. Tu, tu... Aliócha... — Parou diante dele e se pôs a sacudi-lo violentamente pelos ombros. — Sabes tu, inocente, que tudo isso é delírio, um delírio inconcebível, porque há nisso uma tragédia? Fica sabendo, Aliócha, que posso ser um homem perdido, de paixões vis, mas que Dimíttri Karamázov jamais será um ladrão, um vulgar ratoneiro. Pois bem, fica sabendo agora que sou esse ladrão, esse ratoneiro! Quando ia eu à casa de Grúchenhka para castigá-la, naquela manhã mesma Katierina Ivânovna mandou-me chamar e pediu-me com grande segredo (ignoro por qual motivo) que eu fosse à sede da província enviar três mil rublos a Agáfia Ivânovna, em Moscou. Ninguém devia saber disso na cidade. Fui à casa de Grúchenhka com aqueles três mil rublos no bolso, e eles serviram para pagar nossa excursão a Mókroie. Em seguida, fiz que ia à sede da província, que tinha enviado o dinheiro; quanto ao recibo, “esqueci-me” de levá-lo, malgrado minha promessa. Agora, que pensas? Irás dizer-lhe: “Ele manda cumprimentá-la.” Ela te perguntará: “E o dinheiro?” E tu lhe responderás: “Ele é uma criatura de uma sensualidade animal, uma criatura vil, incapaz de conter-se. Em lugar de enviar seu dinheiro, gastou-o, não podendo resistir à tentação.” Mas podes também acrescentar: “Dimíttri Fiódorovitch não é um ladrão; aqui estão seus três mil rublos que ele restitui, envie-os a senhorita mesma a Agáfia Ivânovna e receba as homenagens dele.” Seria apenas meio mal, não, porém, se ela te perguntar: “Onde está o dinheiro?”

— Mítia, és desgraçado, mas não tanto quanto pensas. Não te mates de desespero!

— Pensas que vou estourar os miolos, se não conseguir reembolsar esses três mil rublos? Absolutamente. Não tenho a mínima coragem agora; mais tarde, talvez... agora vou à casa de Grúchenhka... Lá deixarei a pele.

— E então?

— Casarei com ela, se ela me quiser; quando seus amantes chegarem, passarei para o quarto vizinho. Estarei lá para engraxar os sapatos deles, aquecer o samovar, levar recados...

— Katierina Ivânovna compreenderá tudo — declarou solenemente Aliócha. — Compreenderá teu profundo pesar e te perdoará. Tem espírito elevado, verá que não se pode ser mais desgraçado do que tu.

— Ela não perdoará tudo — sorriu Mítia. — Há nisso uma coisa imperdoável aos olhos de toda mulher. Sabes o que vale mais a pena fazer?

— Que é?

— Entregar-lhe os três mil rublos.

— Onde arranjá-los? Escuta, tenho dois mil, Ivan dar-te-á mil, e estará completa a conta.

— Quando receberei os teus três mil rublos? És ainda menor, quanto ao mais é preciso absolutamente que rompas com ela por mim, hoje mesmo, entregando o dinheiro ou não, porque não posso demorar mais tempo, no ponto em que estão as coisas. Amanhã, já seria demasiado tarde. — Vai à casa de papai.

— À casa de nosso pai?

— Sim, primeiro à casa dele. Pede-lhe o dinheiro.

— Mítia, ele jamais o dará.

— Ora essa, sei bem disso! Alieksiêi, sabes o que seja o desespero?

— Sim.

— Escuta, juridicamente, ele não me deve nada. Recebi minha parte, sei disso. Mas moralmente, deve-me ele alguma coisa, sim ou não? Foi com os 28 mil rublos de minha mãe que ele ganhou cem mil. Que me dê apenas três mil rublos, não mais, e terá salvo minha alma do inferno e muitos pecados lhe serão perdoados. Contentar-me-ei com essa soma, juro-te, ele não ouvirá mais falar de mim. Forneço-lhe uma derradeira ocasião de ser um pai. Dize-lhe que é Deus que a oferece.

— Mítia, ele não os dará a preço algum.

— Sei bem disso, tenho certeza. Agora sobretudo! Mas há melhor. Nos últimos dias, soube ele pela primeira vez seriamente (note esse advérbio)

que Grúchenhka não estava brincando e se decidiria talvez a dar o salto, a casar-se comigo. Conhece o caráter daquela gata. Pois bem, dar-me-ia ele dinheiro ainda por cima, para favorecer a coisa, quando está louco por ela? Não é tudo, escuta isto. Há já cinco dias, pôs ele de parte três mil rublos em notas de cem, num grande envelope com cinco sinetes, amarrado por uma fita cor-de-rosa. Vês como estou a par? O envelope traz escrito: “Para meu anjo, Grúchenhka, se consentir em vir à minha casa.” Ele mesmo rabiscou isso, às ocultas, e todo mundo ignora que tem ele esse dinheiro, exceto o criado Smierdiákov, em quem confia ele tanto quanto em si mesmo. Há três ou quatro dias que aguarda Grúchenhka, na esperança de que ela irá buscar o envelope; ela fê-lo saber “que talvez fosse”. Se ela for à casa do velho, poderei eu esposá-la? Compreendes tu agora por que me escondo aqui e tocaio?

— Ela?

— Sim. As proprietárias cederam um quartinho a Fomá, antigo soldado de nossa guarnição. Está a serviço delas, monta guarda de noite e caça tetrazes durante o dia. Instalei-me em casa dele; essas mulheres e ele ignoram meu segredo, isto é, que estou aqui de tocaia.

— Somente Smierdiákov o sabe?

— Sim. Será ele quem me advertirá, se Grúchenhka for à casa do velho.

— Foi ele quem te falou do pacote?

— Com efeito. É um grande segredo. O próprio Ivan ignora. O velho mandou-o dar um passeio a Tchermachniá por dois ou três dias; apareceu um comprador para a madeira, oferecendo oito mil rublos; o velho pediu a Ivan que o ajudasse, que fosse em lugar dele. Quer afastá-lo para receber Grúchenhka.

— Ele a espera, por conseguinte, hoje?

— Não, ela não irá hoje, de acordo com certos indícios. Decerto que não! — exclamou Mítia. — É também a opinião de Smierdiákov. Papai está agora à mesa com Ivan, a beber. Vá, pois, Alieksiêi, e pede-lhe esses três mil rublos.

— Mítia, meu caro, que tens!? — exclamou Aliócha, saltando de seu lugar para examinar o rosto desvairado de Dimítri. Acreditou por um instante que ele estivesse louco.

— Pois bem! O quê? Não perdi a razão — declarou ele, de olhar fixo e quase solene. — Não temas. Sei o que digo, creio nos milagres.

— Nos milagres?

— Nos milagres da Providência. Deus conhece meu coração. Vê meu desespero. Permitiria ele que se realizasse tal horror? Aliócha, creio nos milagres, vá!

— Irei. Dize-me, esperar-me-ás aqui?

— Decerto. Compreendo que será demorado, não se pode abordá-lo diretamente. Está bêbedo agora. Esperarei aqui, três, quatro, cinco horas, mas fica sabendo que hoje, até mesmo à meia-noite, deves ir à casa de Katierina, com ou sem dinheiro. Dirás: “Dimítri Fiódorovitch pediu-me que lhe apresentasse seus cumprimentos.” Quero que lhe repitas essa frase exatamente.

— Mítia! E se Grúchenka for hoje... ou amanhã, ou depois de amanhã?

— Grúchenka? Vigiarei, forçarei a porta, impedirei.

— Mas se...

— Então, matarei. Não suportarei isso.

— A quem matarás?

— O velho. Nela não tocarei.

— Irmão, que dizes?

— Não sei, não sei... Talvez mate, talvez não mate. Receio que sua cara se me torne odiosa no momento. Odeio sua papada, seu nariz, seus olhos, seu sorriso impudente. Dão-me náuseas. Esse ódio é que me causa medo. Não poderia resistir a ele.

— Irei, Mítia. Creio que Deus arranjará tudo da melhor forma possível e nos poupará essas coisas horríveis.

— E eu aguardarei o milagre. Mas se ele não se realizar, então...

Aliócha, pensativo, dirigiu-se à casa de seu pai.

VI

SMIERDIÁKOV

Encontrou Fiódor Pávlovitch ainda à mesa. Como de hábito, a mesa fora posta no salão e não na sala de jantar. Era a peça maior da casa, mobiliada com certa pretensão antiquada. Os móveis, bastante antigos, eram brancos, cobertos por um estofa vermelho, meio seda, meio algodão. Havia tremós de molduras pretensiosas, esculpidas à velha moda, igualmente brancas e douradas. Nas paredes, cuja tapeçaria branca estava rasgada em muitos lugares, figuravam dois grandes retratos: o de um antigo governador-geral da província e o de um prelado, também morto há muito tempo. No ângulo que fazia face à porta de entrada encontravam-se vários ícones, diante dos quais ardia uma lâmpada durante a noite, menos por devoção do que para iluminar a sala. Fiódor Pávlovitch deitava-se muito tarde, às três ou quatro horas da madrugada e até então passeava de lá para cá ou meditava em sua poltrona. Tornara-se isso um hábito. Passava muitas vezes a noite sozinho, depois de ter despedido os criados, mas a maior parte do tempo o criado Smierdiákov dormia na antecâmara, deitado em cima de uma comprida arca. À chegada de Aliócha, o jantar estava no fim, haviam-se servido a sobremesa e o café. Fiódor Pávlovitch gostava de doces com conhaque após o jantar. Ivan estava tomando café com o pai. Os criados, Grigóri e Smierdiákov, conservavam-se perto da mesa. Amos e servidores achavam-se visivelmente de bom humor. Fiódor Pávlovitch ria às gargalhadas; desde o vestíbulo, reconheceu Aliócha sua risada semelhante a latidos que lhe era tão familiar. Concluiu dali que seu pai, ainda longe da embriaguez, encontrava-se em felizes disposições.

— Ei-lo, afinal! — exclamou Fiódor Pávlovitch, encantado com a chegada de Aliócha. — Vem sentar-te conosco. Queres café forte? É famoso e está fervendo. Não te ofereço conhaque porque estás jejuando. Mas se quiseses... Não, dar-te-ei antes licores de boa qualidade. Smierdiákov, abre o armário, eles se acham na segunda prateleira, à direita, aqui estão as chaves. Ufa!

Aliócha fez gesto de que recusava os licores.

— Servi-los-ão mesmo assim para nós, já que não queres. Dize-me, já jantaste?

Aliócha respondeu que sim; na realidade, comera um pedaço de pão e bebera um copo de *kvas* na cozinha do padre abade.

— Tomarei de bom grado uma xícara de café quente.

— Ah! O espertalhão! Não recusa o café! Será preciso esquentá-lo? Mas não, está ainda fervendo. É café famoso, preparado por Smierdiákov.

É mestre em fazer café, tortas e sopas de peixe. Virás um dia tomar a sopa de peixe aqui. Avisa-me com antecedência. A propósito, não te disse que transportasses teu colchão e teus travesseiros hoje mesmo? Já o fizeste? Ah! Ah! Ah!

— Não, não os trouxe — respondeu Aliócha, também rindo.

— Ah, tiveste medo, no entanto, tiveste medo! Serei capaz de fazer-te sofrer, meu querido? Escuta, Ivan, não posso resistir, quando ele me fita nos olhos, rindo. A alegria dilata-me as entranhas, somente ao vê-lo. Gosto dele! Aliócha, vem receber minha bênção.

Aliócha levantou-se, mas Fiódor Pávlovitch reconsiderara.

— Não, farei somente um sinal da cruz, assim, vá te sentar. Pois bem, ficarás contente, a propósito de teu assunto favorito, vais rir. A burra de Balaão³² falou, e que linguagem a dela!

A burra de Balaão não era outro senão o criado Smierdiákov, rapaz de 24 anos, insociável e taciturno, embora não fosse selvagem ou acanhado; pelo contrário, era arrogante e parecia desprezar todo mundo. Chegou o momento de falar a seu respeito, ainda que pouco. Educado por Marfa Ignátievna e Grigóri Vassílievitch, o garoto, “natureza ingrata”, segundo a expressão de Grigóri, crescera selvagem em seu canto. Na sua infância, tinha prazer em enforcar os gatos, enterrando-os depois com grande cerimonial. Para fazer isso, cobria-se com uma colcha de cama, à guisa de casula, e cantava, agitando um simulacro de turíbulo por cima do cadáver. Tudo isso no maior mistério. Grigóri surpreendeu-o um dia e chicoteou-o rudemente. Durante uma semana, o garoto enfurnou-se num canto, olhando de través. “Ele não gosta de nós, o monstro”, dizia Grigóri a Marfa. “Aliás, não gosta de ninguém. — És verdadeiramente um ser humano? — perguntou ele uma vez a Smierdiákov. — Mas não, nasceste da umidade do banheiro...” Smierdiákov, como se viu posteriormente, jamais lhe perdoara essas palavras. Grigóri ensinou-o a ler a história sagrada desde que completou 12 anos. Mas essa tentativa foi infeliz. Um dia, numa das primeiras lições, o menino pôs-se a rir.

— Que tens? — perguntou Grigóri, olhando-o severamente por cima de seus óculos.

— Nada. Deus criou o mundo no primeiro dia; o Sol, a Lua e as estrelas no quarto dia. Onde vinha, pois, a luz do primeiro dia?

Grigóri ficou estupefato. O menino olhava seu amo com ar irônico, seu olhar parecia mesmo provocá-lo. Grigóri não pôde conter-se: “Eis donde ela veio!”, exclamou, esbofeteando-o violentamente. O menino não se moveu, mas meteu-se de novo no canto por vários dias. Uma semana depois, teve ele uma primeira crise de epilepsia, doença que não o deixou mais dali por diante. Tendo conhecimento disso, Fiódor Pávlovitch mudou logo sua maneira de tratar o garoto. Até então olhava-o com indiferença, se bem que não o repreendesse nunca e lhe desse um copeque todas as vezes que o encontrava. Quando estava de bom humor, mandava-lhe sobremesa de sua mesa. A doença do menino provocou sua solicitude; mandou buscar um médico; ensaiou-se um tratamento, mas Smierdiákov era incurável. Em média, tinha uma crise uma vez por mês, a intervalos irregulares. Os ataques variavam de intensidade, ora fracos, ora violentos. Fiódor Pávlovitch proibiu terminantemente que Grigóri batesse no menino e deu-lhe acesso à sua casa. Proibiu igualmente qualquer estudo até nova ordem. Um dia — tinha Smierdiákov então 15 anos — Fiódor Pávlovitch viu-o lendo os títulos das obras através dos vidros da biblioteca. Fiódor Pávlovitch possuía uma centena de volumes, mas nunca fora visto a folheá-los. Deu logo as chaves a Smierdiákov. “Toma, serás meu bibliotecário; senta-te e lê, será melhor do que andares à toa pelo pátio. Toma isto — e Fiódor Pávlovitch deu-lhe *Serões na quinta de Dikanhka*.³³

Esse livro não agradou ao rapaz, que o acabou de ler com ar sombrio, sem ter rido uma vez sequer.

— Pois bem! Não é divertido? — perguntou Fiódor Pávlovitch.

Smierdiákov permaneceu calado.

— Responde, pois, imbecil.

— Só há mentiras aqui dentro — resmungou Smierdiákov, sorrindo.

— Vá para o diabo, alma de lacaio! Espera, eis aqui a *História universal*, de Smarágdov. Aqui tudo é verdadeiro. Lê.

Mas Smierdiákov não chegou a ler dez páginas. Achava aquilo enfadonho. Não se falou mais em biblioteca. Em breve, Marfa e Grigóri levaram ao conhecimento de Fiódor Pávlovitch que Smierdiákov, pouco a pouco, se tornara de trato muito difícil, fazendo-se requintado; contemplando seu prato de sopa, examinava-o, curvado, enchia um colher, que olhava à luz.

— Uma barata, talvez? — perguntava por vezes Grigóri.

— Ou então uma mosca? — insinuava Marfa.

O meticoloso rapaz não respondia nunca, mas procedia da mesma maneira com o pão, a carne, todas as comidas; pegando um pedaço com o garfo, estudava-o à luz, como num microscópio, e, após reflexão, decidia-se a levá-lo à boca. “Dir-se-ia que é o filho de um senhor”, murmurava Grigóri, olhando-o. Posto ao corrente dessa mania de Smierdiákov, Fiódor Pávlovitch logo decretou que tinha ele vocação para cozinheiro e mandou-o a aprender sua arte em Moscou. Passou ali vários anos e voltou bastante mudado de aspecto; envelhecido demasiadamente para a idade, enrugado, amarelecido, assemelhava-se a um *skópiets*. Moralmente, era quase o mesmo de antes da partida; sempre um verdadeiro selvagem que não procurava absolutamente a sociedade. Não dizia palavra em Moscou, como se soube mais tarde. A própria cidade muito pouco o interessara. Tendo ido uma vez ao teatro, voltou descontente. Usava roupas de linho convenientes, escovava cuidadosamente os ternos duas vezes por dia; gostava muito de engraxar as botas elegantes, de bezerra, com uma graxa inglesa especial, que as fazia reluzir como um espelho. Revelou-se excelente cozinheiro. Fiódor Pávlovitch decidiu pagar-lhe ordenado que era quase todo gasto em roupas, pomadas, perfumes, etc. Parecia fazer tão pouco caso das mulheres quanto dos homens, mostrando-se para com elas empertigado e quase inabordável. Fiódor Pávlovitch pôs-se a considerá-lo de um ponto de vista um pouco diferente. Suas crises tornavam-se mais frequentes. Marfa substituí-a naqueles dias na cozinha, o que não convinha absolutamente a seu amo.

— Por que tens crises mais frequentemente? — E olhava carrancudo para o novo cozinheiro. — Deverias arranjar mulher, queres que te case?

Mas Smierdiákov não respondia nada àquelas palavras que o tornavam lívido de despeito. Fiódor Pávlovitch ia-se embora, dando de ombros. Sabia-o visceralmente honesto, incapaz de tomar ou roubar o que quer que fosse, e era o essencial. Estando bêbedo, perdeu Fiódor Pávlovitch em seu pátio três cédulas de cem rublos que acabava de receber e só se deu conta disso no dia seguinte. Ao cascavilhar nos bolsos, viu-os em cima da mesa. Smierdiákov tinha-os achado e trazido na véspera. “Nunca encontrei outro igual a ti, meu bravo”, disse laconicamente Fiódor Pávlovitch e presenteou-o com dez rublos. É preciso acrescentar que não somente estava certo de sua honestidade, mas tinha afeição por ele, muito embora o rapaz lhe fizesse má cara, como aos outros. Se alguém que o visse

perguntasse: por que se interessa esse rapaz, que é que o preocupa sobretudo? — não se teria podido responder, olhando-o. Entretanto, em casa, no pátio ou na rua, parava por vezes, pensativo, e ficava assim uma dezena de minutos. O rosto de Smierdiákov nada teria revelado a um fisionomista; nenhum pensamento, pelo menos, mas somente uma espécie de contemplação. Há um notável quadro do pintor Kramskói, intitulado “O contemplativo”. Uma floresta no inverno; na estrada vê-se um mujique, vestido com um cafetã rasgado e com sapatos de tília. Ali está numa solidão profunda e parece refletir, mas não pensa, contempla alguma coisa. Se se desse nele um encontrão, estremeceria e olharia como quem desperta, mas sem compreender. Na verdade, voltaria logo a si, mas, se lhe perguntassem em que pensava, certamente não se lembraria de nada, mas em compensação, decerto guardaria para si a impressão sob cujo império se achava durante sua contemplação. Essas impressões são-lhe caras e se acumulam nele, imperceptivelmente, sem que o perceba; com qual fim, ele o ignora. Um dia, talvez, depois de havê-las armazenado durante anos, deixará tudo e partirá para Jerusalém, a fim de tratar de sua salvação. Ou então deitará fogo à aldeia natal, talvez faça mesmo as duas coisas sucessivamente. Há muitos contemplativos em nosso povo. Smierdiákov era certamente um tipo desse gênero e armazenava avidamente suas impressões, quase sem conhecer a razão disso.

VII

UMA CONTROVÉRSIA

Ora, a burra de Balaão pôs-se a falar de repente e a respeito de um tema estranho. De manhã, achando-se Grigóri na venda do comerciante Lukiánov, ouviu-o contar o seguinte. Um soldado russo foi feito prisioneiro numa região afastada por asiáticos que o intimaram, sob ameaça de tortura e morte, a abjurar o cristianismo e a converter-se ao islã. Tendo recusado trair sua fé, sofreu o martírio, deixou-se esfolar, morreu glorificando o Cristo. Esse fim heroico era relatado no jornal recebido naquela mesma manhã. Grigóri falou disso à mesa. Fiódor Pávlovitch sempre gostara, à sobremesa, de brincar e tagarelar, mesmo

com Grigóri. Estava dessa vez de humor jovial, sentindo um relaxamento agradável. Depois de ter escutado a notícia, bebericando seu conhaque, insinuou que deveriam ter canonizado aquele soldado e transferido sua pele para um mosteiro. “O povo cobri-la-ia de dinheiro.” Grigóri fechou a cara, vendo que Fiódor Pávlovitch, longe de se emendar, continuava a zombar das coisas santas. Naquele momento, Smierdiákov, que se mantinha perto da porta, sorriu. Já antes era muitas vezes admitido na sala de jantar, ao fim da refeição. Desde a chegada de Ivan Fiódorovitch, ali comparecia quase diariamente.

— Pois bem? O quê? — perguntou Fiódor Pávlovitch, compreendendo que aquele sorriso visava a Grigóri.

— Penso naquele bravo soldado — disse, de repente, Smierdiákov, em voz alta. — Seu heroísmo é sublime, mas na minha opinião não teria havido, em semelhante caso, nenhum pecado em renegar o nome do Cristo e o Batismo, para assim salvar sua vida e consagrá-la às boas obras, que resgatariam um momento de fraqueza.

— Como, nenhum pecado? Mentis; isso te valerá ir para o inferno, onde te assarão como a um carneiro — replicou Fiódor Pávlovitch.

Foi então que chegou Aliócha, para grande satisfação de Fiódor Pávlovitch, como se viu.

— Trata-se de teu tema favorito — continuou ele, com um riso de escárnio, fazendo Aliócha sentar-se.

— Tolices tudo isso, não haverá nenhuma punição, não deve haver, em toda justiça — afirmou Smierdiákov.

— Como em toda justiça!? — exclamou Fiódor Pávlovitch, redobrando de alegria e empurrando Aliócha com os joelhos.

— Um desavergonhado, eis o que ele é! — deixou escapar Grigóri, fitando Smierdiákov com cólera.

— Quanto a isso de desavergonhado, refreie-se, Grigóri Vassílievitch! — replicou Smierdiákov, conservando o sangue-frio. — Pense antes que, caído em poder dos que torturam os cristãos, e intimado por eles a maldizer o nome de Deus e renegar meu Batismo, minha própria razão me autoriza a isso plenamente, porque não pode haver aí nenhum pecado.

— Já o disseste, não divagues, mas prova-o! — gritou Fiódor Pávlovitch.

— Queima-panelas! — murmurou Grigóri com desprezo.

— Queima-panelas, espere um pouco, e sem palavrões, julgue você mesmo, Grigóri Vassílievitch. Porque, logo que dissesse a meus carrascos: “Não, não sou cristão e maldigo o verdadeiro Deus”, tornar-me-ia anátema aos olhos da justiça divina, seria separado da Santa Igreja, como um pagão, de sorte que, no instante mesmo, não de proferir essas palavras, mas de pensar em proferi-las, estou excomungado, não é verdade, sim ou não, Grigóri Vassílievitch? — Smierdiákov dirigia-se com satisfação visível a Grigóri, embora respondendo somente às perguntas de Fiódor Pávlovitch; dava-se perfeitamente conta disso, mas fingia crer que era Grigóri quem lhe fazia tais perguntas.

— Ivan! — exclamou Fiódor Pávlovitch. — Chega perto de meu ouvido. Toda essa peroração dele é para ti, quer receber teus elogios. Dá-lhe esse prazer.

Ivan ouviu com grande seriedade a observação do pai.

— Espera um minuto, Smierdiákov — continuou Fiódor Pávlovitch. — Ivan, aproxima-te de novo.

Ivan inclinou-se, sempre com o mesmo ar sério.

— Amo-te tanto quanto a Aliócha. Não vás crer que não te amo. Um pouco de conhaque?

— De boa vontade. “Tu pareces já ter passado da conta”, disse Ivan a si mesmo, fitando o pai. Observava Smierdiákov com extrema curiosidade.

— Já és agora maldito e anátema — explodiu Grigóri —, e como ousas, depois disso, desavergonhado, discutir se...

— Nada de injúrias, Grigóri, acalma-te! — interrompeu-o Fiódor Pávlovitch.

— Tenha paciência, Grigóri Vassílievitch, ainda que seja um momentinho, e continue a escutar, porque ainda não acabei. No momento em que renego a Deus, nesse instante mesmo, tornei-me uma espécie de pagão, meu Batismo apagou-se e não conta para nada, não é bem isso?

— Apressa-te em concluir, meu caro — estimulou-o Fiódor Pávlovitch, bebericando, deleitado.

— Ora, se não sou mais cristão, não menti então aos meus carrascos, quando perguntaram: “És cristão ou não?”, porque já estava “descristianizado” pelo próprio Deus, em consequência apenas de minha intenção e antes de ter aberto a boca. Ora, se estou decaído, como e com

que direito me pedirão contas no outro mundo, na qualidade de cristão, por ter abjurado o Cristo, quando, pela simples premeditação, já teria sido desbatizado? Se não sou mais cristão, não posso mais abjurar o Cristo, porque isso já estaria feito. Quem pois, mesmo no céu, pedirá contas a um tártaro pagão por não ter nascido cristão e quem quererá puni-lo? Não diz o provérbio que não se deverá esfolar duas vezes o mesmo touro? Se o Todo-Poderoso exige contas a um tártaro, por ocasião de sua morte, supondo que o punirá levemente (não podendo absolvê-lo totalmente), estimando não ser culpa dele o ter nascido pagão, de pais que o eram. Será que o Senhor pode pegar à força um tártaro e dizer dele que era cristão? Seria o mesmo que dizer então que o Todo-Poderoso profere uma verdadeira mentira. Ora, pode ele mentir, ele que reina sobre a terra e nos céus, ainda mesmo por uma só de suas palavras?

Grigóri ficou estupefato e examinou o orador, de olhos escancarados. Embora não compreendendo bem do que se tratava, apanhara uma parte daquele galimatias e assemelhava-se a um homem que dera com a cabeça de encontro a um muro. Fiódor Pávlovitch acabou de beber seu copinho e explodiu numa risada aguda.

— Aliócha, Aliócha, que homem! Ah, o casuísta! Deve ter frequentado os jesuítas, em algum lugar, Ivan. Tresandas a jesuíta, quem pois te instruiu? Mas tu mentes desavergonhadamente, casuísta, tu divagas. Não te desoles, Grigóri, vamos reduzi-lo a pó. Responde a isso, burra: tens razão perante teus carrascos, seja, mas abjuraste a fé em teu coração e dizes tu mesmo que foste logo atingido de anátema. Ora, como tal, não te passarão a mão pelos cabelos no inferno. Que pensas disso, meu bom padre jesuíta?

— É fora de dúvida que abjurei em meu coração, no entanto não há nisso nenhum pecado especialmente, quando muito um pecado dos mais veniais.

— Como? Dos mais veniais?

— Mentas, maldito! — murmurou Grigóri.

— Julgue você mesmo, Grigóri Vassílievitch — continuou comedidamente Smierdiákov, consciente de sua vitória, mas fazendo-se de generoso para com um adversário abatido —, julgue você mesmo; está dito na Escritura que, se tiverdes fé, ainda que seja do tamanho de um grão de mostarda, e disserdes a uma montanha que se precipite no mar, ela irá, sem nenhuma demora, assim que derdes a primeira ordem. Pois bem,

Grigóri Vassílievitch, se não sou crente e se você o é, a ponto de me invectivar sem cessar, tente você mesmo dizer a essa montanha que vá, não para o mar (porque está ele muito longe daqui), mas mesmo para aquele riacho infecto que corre por trás de nosso jardim, e verá logo que ela não se moverá e que não haverá mudança alguma, por mais que você grite. Ora, isso significa que você não crê da maneira que convém, Grigóri Vassílievitch, e que, em compensação, você invectiva os outros. Suponhamos ainda que ninguém, em nossa época, não somente você, mas ninguém decididamente, desde as pessoas mais altamente colocadas até o derradeiro mujique, possa empurrar as montanhas para o mar, a não ser um homem no mundo inteiro, dois quando muito, ainda assim talvez aqueles que tratam de sua salvação, ocultamente, no deserto do Egito e que não podem ser encontrados. Se assim é, se todos os outros são incrédulos, será possível que estes, isto é, a população do mundo inteiro, com exceção dos dois anacoretas, sejam amaldiçoados pelo Senhor, e que não perdoe Ele a nenhum, dada a Sua misericórdia bem conhecida? De modo que espero que minhas dúvidas me serão perdoadas, quando derramar lágrimas de arrependimento.

— Espera! — guinchou Fiódor Pávlovitch, no cúmulo do entusiasmo.

— De modo que supões que há dois homens capazes de mover montanhas? Ivan, nota esse detalhe, nota bem. O homem russo inteiro está aí!

— O senhor notou com bastante justeza que é esse um sinal da fé popular — disse Ivan Fiódorovitch, com um sorriso de aprovação.

— Estás de acordo? É então verdade, já que estás de acordo. É exato, Aliócha? Assemelha-se isso perfeitamente à fé russa?

— Não, Smierdiákov não tem de todo a fé russa — declarou Aliócha, num tom sério e firme.

— Não falo de sua fé, mas desse detalhe, desses dois anacoretas, nada mais do que esse detalhe: não é bem russo?

— Sim, esse detalhe é perfeitamente russo — aprovou Aliócha, sorrindo.

— Essa frase merece um ducado, burra, e eu a enviarei hoje mesmo, mas, quanto ao resto, tu mentes, tu divagas; fica sabendo, imbecil, que neste mundo todos nós não cremos somente por frivolidade, porque falta tempo; os negócios nos absorvem, os dias só têm 24 horas, não temos

tempo não só de nos arrependermos, mas de dormir à vontade. Mas tu, tu abjuraste diante dos carrascos, quando não tinhas de pensar senão em tua fé e que era preciso justamente testemunhá-la! Isso constitui um pecado, meu caro, penso eu!

— Decerto, constitui um, mas um pecado venial, julgue você mesmo, Grigóri Vassílievitch. Porque, se tivesse eu então crido na verdade, como importa crer nela, teria sido verdadeiramente um pecado não sofrer o martírio e converter-me à maldita religião de Maomé. Mas não teria sofrido o martírio, porque me bastaria dizer àquela montanha: marcha e esmaga o carrasco, para que ela se pusesse logo em movimento e o esmagasse como a uma barata, e ter-me-ia retirado como se de nada se tratasse, glorificando e louvando a Deus. Mas, se naquele momento, já o tivesse tentado e gritado à montanha: esmaga os carrascos, sem que ela me obedecesse, como então, digam-me, não teria eu duvidado naquela hora terrível de pavor mortal? Fora isso, já sei que não obterei inteiramente o reino dos céus (porque, se a montanha não se moveu à minha voz, é que minha fé não goza de muito crédito lá em cima e que a recompensa que me espera no outro mundo não é bastante elevada), por que, pois, ainda por cima, deixar-me-ia esfolar sem nenhum proveito? Porque, mesmo esfolado até a metade das costas, minhas palavras ou meus gritos não deslocariam aquela montanha. Num tal minuto, não somente a dúvida pode invadir-nos, mas o medo pode tirar-nos a razão e impedir-nos de decidir. Por consequência, sou tão culpado assim, se salvo pelo menos a pele, não vendo em parte alguma um proveito ou uma recompensa? Assim, confiante na misericórdia divina, espero ser inteiramente perdoado...

VIII

SABOREANDO O CONHAQUE

A discussão chegara ao fim, mas, coisa estranha, Fiódor Pávlovitch, tão alegre até então, ensombreceu-se. Serviu-se de mais um copo de conhaque, o que já era demais.

— Vão-se embora, jesuítas, fora daqui! — gritou ele para os criados.
— Vá, Smierdiákov, receberás hoje o ducado prometido. Não te desoles,

Grigóri, vá procurar Marfa, ela te consolará, cuidará de ti. Esses canalhas não nos deixam descansar — disse ele, de mau humor, quando os criados saíram obedecendo-lhe às ordens. — Smierdiákov vem agora aqui todos os dias depois do jantar. És tu que o atraís, que o tratas com mimos? — perguntou ele a Ivan Fiódorovitch.

— Absolutamente — respondeu ele. — Deu-lhe na veneta mostrar respeito por mim, é um lacaio, um pulha. Fará parte da vanguarda, quando o momento chegar.

— Da vanguarda?

— Haverá outros e melhores, mas haverá muitos como ele.

— E quando chegará o momento?

— O foguete arderá, mas talvez não até o fim. No momento, não gosta o povo de ouvir esses queima-panelas.

— Com efeito, aquela burra de Balaão pensa que não acaba mais e Deus sabe até onde isso pode ir.

— Ele armazena ideias — observou Ivan, sorrindo.

— Vês tu? Sei que ele não me pode tolerar, nem a mim nem aos outros, e a ti em primeiro lugar, se bem que creias que “lhe deu na veneta mostrar respeito por ti”. E, quanto a Aliócha, ele despreza Aliócha. Mas não é ladrão, nem falador; não sai espalhando coisas; faz excelentes pastéis de peixe... Ah, afinal que o diabo o leve! Vale a pena falar dele?

— Decerto que não.

— E, quanto ao que ele pensa lá consigo, é preciso em geral chicotear o mujique russo. Sempre foi minha opinião. Nosso mujique é um velhaco, indigno de compaixão, e fazem bem em bater-lhe por vezes ainda agora. É a bétula que faz a força da terra russa, e ela perecerá com as florestas. Sou a favor das pessoas de espírito. Deixamos de bater nos mujiques, por liberalismo, mas eles continuam a chicotear a si mesmos. E fazem bem, “Com a medida com que medirdes, vos medirão a vós”.³⁴ É bem isto, não é?... Meu caro, se soubesses como odeio a Rússia... isto é, não a Rússia, mas, todos os seus vícios... e talvez a Rússia. *Tout cela, c'est de la cochonnerie*.³⁵ Sabes o que amo? Amo o espírito.

— O senhor serviu-se de outro copo. Já bebeu bastante.

— Espera, tomarei ainda dois e acabou-se. Mas me interrompeste. De passagem por Mókroie, conversei um dia com um velho, que me disse: “Gostamos, mais do que tudo, de condenar as moças a açoites, e

encarregamos os rapazes de executar a sentença. Em seguida, o rapaz toma como noiva aquela a quem chicoteou, de modo que se tornou isso um costume entre nós para as moças.” Que sadistas, hem? Digam o que disserem, é engraçado. Se fôssemos ver isso, hem? Aliócha, ficas corado? Não te envergonhes, meu filho. É pena que não tenhas ficado hoje para jantar com o padre abade. Teria falado aos monges a respeito das moças de Mókroie. Aliócha, não me queiras mal por ter ofendido o padre abade. A cólera arrebatou-me. Porque, se há um Deus, se Ele existe, evidentemente sou culpado então, e responderei por isso; mas se Ele não existe, há necessidade ainda desses teus padres? Não seria demais se lhes cortassem a cabeça, porque eles impedem o progresso. Crês tu, Ivan, que isso me atormenta? Não, tu não o crês, vejo-o em teus olhos. Crês que não sou senão um palhaço, como se pretende. Aliócha, crês tu nisso, crês tu?

— Não, não o creio.

— E eu estou persuadido de que falas sinceramente e que vês com justeza. Não é como Ivan. Ivan é presunçoso... No entanto, gostaria de acabar com teu mosteiro. Seria preciso suprimir duma vez essa engenhoca mística em toda a terra russa, para converter todos os imbecis à razão. Quanto dinheiro e quanto ouro afluíam para o Tesouro!

— Mas por que suprimir os mosteiros? — perguntou Ivan.

— A fim de que a verdade resplandeça mais depressa.

— Quando essa verdade resplandecer, primeiramente despojá-lo-ão, depois... suprimi-lo-ão.

— Ora? Mas talvez tenhas razão. Que asno sou! — exclamou Fiódor Pávlovitch, coçando a testa. — Paz a teu mosteiro, Aliócha, se é assim. Nós, pessoas de espírito, ficamos no quente e bebemos conhaque. É sem dúvida a vontade expressa de Deus. Ivan, diz-me, há um Deus, sim ou não? Espera, responde-me seriamente! Por que ris ainda?

— Rio de sua observação espirituosa a respeito da fé que revelou Smierdiákov a respeito dos dois eremitas capazes de mover montanhas.

— É a mesma coisa?

— Totalmente.

— Pois bem, por consequência, sou também um homem russo, com a mesma característica russa, e tu, filósofo, podes ser apanhado com uma característica do mesmo gênero. Queres que te apanhe? Apostemos que

será amanhã. Mas diga-me, no entanto, há um Deus ou não? Somente é preciso que me fale seriamente.

— Não, não há Deus.

— Aliócha, Deus existe?

— Sim, existe.

— Ivan, há imortalidade? Por pequena que seja, por mais modesta?

— Não, não há.

— Nenhuma?

— Nenhuma.

— Quer dizer, um zero absoluto, ou uma parcela? Não haveria uma parcela?

— Um zero absoluto.

— Aliócha, há imortalidade?

— Sim.

— Deus e a imortalidade juntos?

— Sim. É em Deus que repousa a imortalidade.

— Hum! Deve ser Ivan quem tem razão. Senhor, quando se pensa quanto de fé e de energia essa quimera tem custado ao homem, em pura perda, desde milhares de anos! Quem, pois, zomba assim da humanidade? Ivan, pela derradeira vez e categoricamente: há um Deus, sim ou não?

— Não, pela derradeira vez.

— Quem, pois, zomba do mundo, Ivan?

— O diabo provavelmente — escarneceu Ivan.

— O diabo existe?

— Não, não existe.

— Tanto pior. Não sei o que teria eu feito ao primeiro fanático que inventou Deus. Enforcá-lo seria insuficiente!

— Sem essa invenção, não haveria civilização.

— Deveras? Sem Deus?

— Sim. E não haveria conhaque tampouco. Vai ser preciso retirá-lo.

— Espera, espera! Mais um copinho! Ofendi Aliócha. Não me queres mal, não é, meu queridinho Alieksiêitchik?³⁶

— Não, não lhe quero mal. Conheço seus pensamentos. Seu coração vale mais que sua cabeça.

— Meu coração vale mais que minha cabeça? De quem são essas palavras? Ivan, gostas de Aliócha?

— Sim, amo-o.

— Ama-o (Fiódor Pávlovitch estava meio embriagado). Escuta, Aliócha, fui grosseiro há pouco com teu *stáriets*, mas estava superexcitado. É um homem inteligente, que achas, Ivan?

— Poderia ser.

— Decerto, *il y a du Piron là-dedans*.³⁷ É um jesuíta russo. A necessidade de representar a comédia, de usar uma máscara de santidade, indigna-o interiormente, porque é um caráter nobre.

— Mas ele crê em Deus.

— Nem um copeque. Não o sabias? Ele mesmo fala disso a todo mundo, ou antes, a todas as pessoas inteligentes que vão vê-lo. Declarou sem reboços ao governador Schultz: “Creio, mas ignoro em quê.”

— Deveras?

— É textual. Mas estimo-o. Há nele alguma coisa de Mefistófeles, ou melhor, do *Um herói de nosso tempo*...³⁸ Arbiénin, é esse mesmo seu nome?... Vês tu? É um sensual, e a tal ponto que não estaria tranquilo, mesmo agora, se minha mulher ou minha filha fossem confessar-se com ele. Quando começa ele a contar, se tu soubesses... Há três anos, convidou-nos a tomar chá, com licores (porque as damas enviam-lhe licores); pôs-se a descrever sua vida de outrora, de modo que a gente só faltava morrer de rir... e como teve de avir-se para curar uma senhora... “Se não tivesse dor nas pernas, disse ele, dançaria para vocês certa dança.” Hem? Que sujeito! “Eu também levei vida alegre”, acrescentou ele. Extorquiou sessenta mil rublos ao negociante Diemíдов.

— Como? Roubando-o?

— O outro havia-os confiado a ele, acreditando-o um homem de honra. “Guarde-os para mim, amanhã vão passar minha casa em revista.” O santo homem guardou tudo. “Tu os deste para a Igreja”, disse ele. Disse-lhe que era ele um tratante. “Não, replicou ele, mas tenho ideias largas...” De resto, é de um outro que se trata. Confundi... sem dar por isso. Mais um copinho e pronto. Leva a garrafa, Ivan. Por que não me detiveste em minhas mentiras?

— Sabia que o senhor mesmo se deteria.

— É falso, somente por maldade não disseste nada. No fundo, tu me desprezas. Vieste à minha casa para mostrar teu desprezo.

— Vou-me embora; o conhaque começa a subir-lhe à cabeça.

— Pedi-te insistentemente que fosses passar um ou dois dias em Tchernachniá, mas não fizeste caso.

— Partirei amanhã, já que faz tanta questão.

— Não há perigo. Queres espionar-me; tal é teu fito, maldito, e o que te retém aqui.

O velho não se acalmava. Estava naquele ponto em que certos bêbedos, até então pacíficos, fazem de repente questão de se mostrarem malvados.

— Que tens para me olhares assim? Teus olhos me dizem: “Vil beberrão.” Revelam desconfiança e desprezo. És um velhaco astuto. O olhar de Aliócha resplandece. Ele não me despreza. Alieksiêi, cuida de não amar Ivan.

— Não se zangue contra meu irmão! Basta de ofendê-lo — proferiu Aliócha, num tom firme.

— Pois bem, seja! Ah, que dor de cabeça! Ivan, leva o conhaque, pela terceira vez te digo. — Pôs-se a pensar e mostrou de súbito um sorriso astuto. — Não te zangues, Ivan, contra um pobre velho. Não gostas de mim, eu o sei, mas não te zangues. Não há razão para amar-me. Partirás para Tchernachniá, irei encontrar-te lá e te levarei um presente. Mostrar-te-ei lá uma mocinha, atrás de quem ando há muito tempo. Anda ainda descalça, mas não tenhas medo das moças descalças, não se deve desprezá-las, elas são umas pérolas!...

E estalou um beijo na mão.

— Para mim — animou-se subitamente, como que desembriagado por um instante, abordando seu tema favorito —, para mim... Ah! Meus filhos, meus leitõezinhos... para mim... jamais encontrei uma mulher feia, eis minha máxima! Compreendem? Não, não podem. Não é sangue, é leite que corre nas veias de vocês, ainda não quebraram a casca completamente! Na minha opinião, pode-se encontrar em toda mulher algo de muito interessante, que lhe é particular, somente é preciso saber descobri-lo, eis o *quid*! É um talento! Para mim nunca houve feionas. Basta o sexo e é já muito... Mas isso está fora do alcance de vocês! Até mesmo entre as solteironas velhas, encontram-se por vezes encantos tais, que a gente pergunta a si mesmo como é que imbecis puderam deixá-las

envelhecer sem as notar! É preciso, em primeiro lugar, surpreender uma dessas que andam descalças, é assim que se deve fazer. Não o sabias? É preciso que ela fique maravilhada e confusa por ver um *bárin*³⁹ amoroso do focinhozinho dela. Por sorte, há e sempre haverá senhores para tudo ousar e criadas para obedecer-lhes. Basta isso para felicidade da existência! A propósito, Aliócha, sempre causei espanto à tua defunta mãe, mas duma outra maneira. Por vezes, depois de havê-la privado de carícias, expandia-me diante dela num momento dado, caía a seus joelhos, beijando-lhe os pés, e sempre lhe provocava uma risadinha convulsiva, aguda mas sem estrépito. Ela não ria de outra forma. Sabia que sua crise começava sempre assim, que, no dia seguinte, ela gritaria como uma possessa, e que aquela risadinha só exprimia a aparência de um entusiasmo; mas era sempre isso! A gente sempre encontra, quando sabe procurar. Um dia, um tal Bieliávski, um rico bonitão, que lhe fazia a corte e frequentava nossa casa, esbofeteou-me na presença dela. Mansa como um carneiro, pensei que ela ia bater-me: “Tu foste agredido, ele te esbofeteou! — dizia ela. — Tu me vendias a ele... Como ousou ele, em minha presença? Trata de não me aparecer, corre a desafiá-lo a um duelo!...” Conduzi-a então ao mosteiro, onde rezaram sobre ela para acalmá-la, mas, juro-te perante Deus, Aliócha, jamais ofendi minha pequena endemoniada. Uma vez somente, foi no primeiro ano de nosso casamento, rezava ela demais, observava estritamente as festas da Virgem, e recusava-me a entrada em seu quarto. Vou curá-la de seu misticismo! — pensava eu. “Vês — disse — este ícone que tens como milagroso? Tiro-o, vou cuspir em cima dele em tua presença e nenhum castigo sofrerei!” Meu Deus, ela vai matar-me — digo a mim mesmo. Ela, porém, teve apenas um sobressalto, juntou as mãos, ocultou o rosto, foi tomada dum tremor e caiu sobre o soalho... Aliócha! Aliócha! Que tens? Que tens?

O velho levantou-se, aterrorizado. Desde que se começou a falar de sua mãe, o rosto de Aliócha alterava-se pouco a pouco; corou, seus olhos cintilaram, seus lábios tremeram... O velho bêbedo nada notara, até o momento em que Aliócha teve uma crise estranha, reproduzindo, traço por traço, o que acabava ele de contar a respeito da “endemoniada”. De súbito, levantou-se da cadeira, exatamente como a mãe; de acordo com a narrativa, juntou as mãos, ocultou o rosto, deixou-se cair sobre a cadeira, sacudido por uma crise de histeria, acompanhada de lágrimas silenciosas.

— Ivan! Ivan! Água, depressa! Completamente como a mãe dele. Tira água com a colher grande e asperge-o, como eu fazia com ela. É por causa de sua mãe, por causa de sua mãe... — murmurou ele a Ivan.

— Sua mãe era também a minha, suponho, que pensa o senhor? — não pôde Ivan impedir-se de dizer, com um desprezo cheio de cólera. Seu olhar faiscante fez o velho estremecer. Coisa estranha, por um instante, o velho pareceu perder de vista que a mãe de Aliócha era também a de Ivan...

— Como, tua mãe? — murmurou, sem compreender. — Por que dizes isso? A propósito de que mãe? Será que ela... Ah, diabo! É também a tua! Pois bem, onde tinha eu a cabeça? Desculpa-me, mas eu, acreditava, Ivan... Eh! Eh! Eh! — Parou, com um sorriso idiota de bêbedo. No mesmo instante, um barulho reboou no vestíbulo, gritos furiosos se elevaram, a porta abriu-se e Dimítri Fiódorovitch irrompeu na sala. O velho apavorado precipitou-se para Ivan:

— Ele vem matar-me! Não me entregues! — exclamou ele, agarrado às abas do paletó de Ivan.

IX

OS SENSUAIS

Grigóri e Smierdiákov corriam atrás de Dimítri. No vestíbulo, tinham lutado com ele, para impedi-lo de entrar (de conformidade com as instruções dadas por Fiódor Pávlovitch alguns dias antes). Aproveitando-se do fato de ter Dimítri Fiódorovitch, ao penetrar na sala, parado um minuto para orientar-se, deu Grigóri volta à mesa, fechou os dois batentes da porta do fundo, que dava para os aposentos interiores, e conservou-se diante dessa porta, de braços estendidos em cruz, pronto a defender-lhe a entrada até o derradeiro suspiro. Vendo isso, Dimítri rugiu mais do que gritou e precipitou-se contra Grigóri.

— Então ela está aí! Foi lá que a esconderam! Para trás, patife!

Quis afastar Grigóri, mas ele o repeliu. Louco de raiva, Dimítri ergueu a mão e golpeou Grigóri com toda a força. O velho caiu como que ceifado e Dimítri, pulando por cima de seu corpo, forçou a porta. Smierdiákov,

pálido e tremendo, ficara na outra extremidade da mesa, apertado contra Fiódor Pávlovitch.

— Ela está aqui — gritou Dimíttri Fiódorovitch. — Acabo de vê-la dirigir-se a esta casa, mas não pude alcançá-la. Onde está ela? Onde está ela?

Aquele grito de “ela está aqui” causou uma impressão inexplicável em Fiódor Pávlovitch; todo o seu pavor desapareceu.

— Detenham-no, detenham-no! — guinchou ele, precipitando-se no encalço de Dimíttri. Enquanto isso, Grigóri havia-se levantado, mas ainda estava zozinho. Ivan Fiódorovitch e Aliócha correram para deter o pai. No quarto vizinho, ouviu-se o barulho de um objeto que caía e se quebrava. Era um grande vaso de vidro (de pouco valor), sobre um pedestal de mármore em que Dimíttri tropeçara ao passar.

— Socorro! — urrou o velho.

Ivan e Aliócha alcançaram-no e arrastaram-no à força para a sala de jantar.

— Por que o persegue? Ele seria capaz de matá-lo! — exclamou com cólera Ivan Fiódorovitch.

— Vânia, Aliócha! Ela está aqui, Grúchenhka; ele mesmo disse que a viu entrar.

Fiódor Pávlovitch perdia o fôlego. Não esperava Grúchenhka naquela ocasião, e a notícia imprevista de sua presença perturbava a razão. Estava todo tremendo, como que perdera o espírito.

— O senhor mesmo viu que ela não veio — gritou Ivan.

— Mas talvez por outra entrada?

— Está fechada essa entrada, e o senhor tem a chave...

Dimíttri tornou a aparecer na sala de jantar. Naturalmente, havia encontrado aquela entrada fechada e era mesmo Fiódor Pávlovitch que tinha a chave dela no bolso. Todas as janelas estavam igualmente fechadas; Grúchenhka não pudera, pois, entrar nem sair por nenhuma via de acesso.

— Detenham-no! — vociferou Fiódor Pávlovitch, assim que avistou Dimíttri. — Roubou dinheiro em meu quarto de dormir! — Arrancando-se dos braços de Ivan, lançou-se de novo contra Dimíttri. Este ergueu as mãos e, agarrando o velho pelos dois únicos tufo de cabelo que lhe restavam nas têmporas, fê-lo dar uma pirueta e atirou-o violentamente no soalho.

Deu-lhe ainda dois ou três golpes com o tacão no rosto, quando ele estava caído. O velho lançou um gemido agudo. Ivan, embora mais fraco que Dimíttri, agarrou-o pelo braço e afastou-o do velho. Aliócha, ajudando-o com todas as forças, agarrara seu irmão pela frente.

— Louco, tu o mataste! — gritou Ivan.

— Tem o que merece! — exclamou Dimíttri, ofegante. — Se não o matei, voltarei. Vocês não o resguardarão.

— Dimíttri, fora daqui agora mesmo! — gritou imperiosamente Aliócha.

— Alieksiêi! Só tenho confiança em ti; dize-me se Grúchenhka estava aqui há pouco ou não. Eu mesmo a vi costear a sebe e desaparecer nesta direção. Chamei-a, ela fugiu...

— Juro-te que ela não está aqui e que ninguém a espera!

— Mas eu a vi... portanto ela... Saberei agora mesmo onde ela está... Adeus, Alieksiêi! Nem uma palavra a Esopo a respeito do dinheiro, mas vai imediatamente à casa de Katierina Ivânovna e dize-lhe: “Ele me ordenou que a saudasse, precisamente que a saudasse e tornasse a saudar!” Descreve-lhe a cena.

Enquanto isso, Ivan e Grigóri tinham levantado e instalado o velho numa poltrona. Seu rosto estava ensanguentado, mas não perdera os sentidos. Parecia-lhe sempre que Grúchenhka se encontrava em alguma parte da casa. Dimíttri lançou-lhe um olhar de ódio ao retirar-se.

— Não me arrependo de ter derramado teu sangue! — exclamou ele. — Toma cuidado, velho, vigia teu sonho, porque eu também tenho um. Eu mesmo te maldigo e te renego para sempre...

Lançou-se para fora da sala.

— Ela está aqui, ela está certamente aqui — estertorou o velho com uma voz mal perceptível, fazendo sinal a Smierdiákov.

— Não, ela não está aqui, velho insensato — gritou com raiva Ivan. — Bem, ei-lo que desmaia! Água, um guardanapo! Apressa-te, Smierdiákov!

Smierdiákov correu a buscar água. Depois que lhe tiraram a roupa, levaram o velho para o quarto de dormir e deitaram-no na cama. Cercaram-lhe a cabeça com um guardanapo molhado. Enfraquecido pelo conhaque, pelas emoções violentas e pelos golpes, fechou ele os olhos e adormeceu assim que pousou a cabeça no travesseiro. Ivan Fiódorovitch e

Aliócha voltaram ao salão. Smierdiákov retirou os cacos do vaso partido. Grigóri mantinha-se perto da mesa, sombrio, de cabeça baixa.

— Devias também molhar tua cabeça e deitar-te — disse-lhe Aliócha. — Nós cuidaremos dele; meu irmão golpeou-te violentamente a cabeça.

— Ele o ousou! — proferiu Grigóri, com ar sombrio.

— Ousou também contra o próprio pai, não somente contra ti! — observou Ivan, com os lábios contraídos.

— Lavei-o pequenino na tina e ele ousou! — repetiu Grigóri.

— Com os diabos! Se eu não o tivesse retido, tê-lo-ia matado. Pouco faltou a Esopo para morrer — murmurou Ivan a Aliócha.

— Que Deus o preserve! — exclamou Aliócha.

— Por quê? — continuou Ivan, no mesmo tom, com o rosto numa contração de ódio. — Que os reptis se devorem, tal é seu destino!

Aliócha estremeceu.

— Bem entendido, não deixarei que se dê um assassinato, como fiz agora. Fica aqui, Aliócha, vou andar no pátio, começo a ter dor de cabeça.

Aliócha foi para o quarto de dormir e ficou uma hora à cabeceira do pai, por trás do biombo. De súbito, o velho abriu os olhos e olhou-o muito tempo em silêncio, esforçando-se visivelmente por coordenar suas lembranças. Uma agitação extraordinária pintou-se em seu rosto.

— Aliócha — cochichou ele, apreensivo —, onde está Ivan?

— No pátio; está com dor de cabeça. Está de guarda a nós.

— Dá-me o espelhinho que está ali.

Aliócha entregou-lhe um espelhinho oval, que se achava sobre a cômoda. O velho mirou-se nele. O nariz estava bastante inchado e, na testa, acima da sobrancelha esquerda, via-se uma equimose roxa.

— Que diz Ivan? Aliócha, meu querido, meu único filho, tenho medo de Ivan; tenho mais medo dele do que do outro. Só de ti é que não tenho medo.

— Não tenha medo tampouco de Ivan; ele se zanga, mas o defenderá.

— Aliócha, e o outro? Correu para a casa de Grúchenhka? Meu anjo, dize-me a verdade: estava Grúchenhka ainda há pouco aqui ou não?

— Ninguém a viu! É uma ilusão, ela não estava aqui!

— Mítia quer casar com ela, sabes?

— Ela não quererá.

— Ela não quererá, ela não quererá a preço nenhum! — exclamou o velho, fremente de alegria, como se nada lhe pudessem dizer de mais agradável no momento. Em seu entusiasmo, agarrou a mão de Aliócha e a apertou contra o coração. Lágrimas mesmo brilharam em seus olhos. — Toma essa imagem da Virgem de que falei ainda há pouco, leva-a contigo. E permito que voltes ao mosteiro... Estava brincando, não te zangues. A cabeça me dói, Aliócha... tranquiliza-me, sê meu bom anjo, dize a verdade!

— Sempre a mesma ideia, se ela veio ou não — disse tristemente Aliócha.

— Não, não, acredito em ti. Mas vá à casa de Grúchenhka, ou procura vê-la; pergunta-lhe o mais breve possível — penetra seu segredo — quem ela prefere, ele ou eu? Podes ou não?

— Se a encontrar, perguntar-lhe-ei — murmurou Aliócha, confuso.

— Não, ela não te dirá — interrompeu o velho —, é uma criança terrível. Começará por beijar-te, dizendo que é a ti que ela quer. É astuta e descarada, não, não podes ir à casa dela.

— Com efeito, meu pai, não estaria absolutamente bem.

— Aonde te enviava ele, ainda há pouco, quando gritou: “Vá”, ao retirar-se?

— À casa de Katierina Ivânovna.

— Para lhe pedir dinheiro?

— Não, para isso, não.

— Ele não tem dinheiro, nem um copeque. Escuta, Aliócha, refletirei durante a noite. Vá... talvez a encontres. Vem ver-me amanhã de manhã sem falta. Tenho alguma coisa para dizer-te. Virás?

— Virei.

— Terás o ar de vir saber notícias de mim. Não digas a ninguém que te chamei. Nem uma palavra a Ivan.

— Está entendido.

— Adeus, meu anjo. Tomaste minha defesa, ainda há pouco, não o esquecerei nunca. Dir-te-ei uma palavra amanhã... mas isso exige reflexão.

— Como se sente agora?

— Amanhã estarei de pé, completamente restabelecido, com a saúde perfeita!...

No pátio, Aliócha encontrou Ivan sentado em um banco, perto do portão; anotava qualquer coisa a lápis em seu caderno. Aliócha informou-o de que o velho recuperara os sentidos e deixava que ele passasse a noite no mosteiro.

— Aliócha, sentiria grande prazer em ver-te amanhã de manhã — disse Ivan, num tom amável, de todo inesperado para Aliócha.

— Estarei amanhã em casa das senhoras Khokhlakovi, talvez também em casa de Katierina Ivânovna, se não a encontrar em casa agora.

— Vais lá mesmo? É para “saudá-la, saudá-la” — pilheriou Ivan.

Aliócha perturbou-se.

— Penso ter compreendido as exclamações de Dimítri e um pouco o que se passou. Ele pediu que fosse vê-la para dizer-lhe que ele... pois bem... numa palavra, para despedir-se.

— Meu irmão, como terminará esse pesadelo para Dimítri e para nosso pai!? — exclamou Aliócha.

— É difícil adivinhá-lo. Talvez dê tudo em nada. Aquela mulher é um monstro. Em todo caso, é preciso que o velho fique em casa e que Dimítri aqui não entre.

— Meu irmão, permita-me ainda uma pergunta. Pode dar-se que cada qual tenha o direito de julgar seus semelhantes e de decidir quem é digno de viver e quem não o é?

— Quem vem fazer aqui a apreciação dos méritos? O coração humano não se baseia nos méritos para resolver essa questão, mas em outros motivos bem mais naturais. Quanto ao direito, quem, pois, não tem o direito de desejar?

— Não a morte de outrem.

— E por que não a morte? De que serve mentir para si mesmo, quando todos vivem assim e sem dúvida não podem viver de outro modo? Pensas no que disse ainda há pouco, que “os dois reptis se devoram um ao outro”? Crês-me capaz, como Dimítri, de derramar o sangue de Esopo, de matá-lo, enfim?

— Que dizes, Ivan? Jamais me veio tal ideia! E não creio que Dimítri...

— Obrigado — disse Ivan, sorrindo. — Fica sabendo que o defenderei sempre. Mas, no caso particular, deixo o campo livre para meus desejos.

Até amanhã. Não me julgues, não me olhes como a um celerado — acrescentou.

Apertaram-se as mãos mais cordialmente do que jamais o fizeram. Aliócha compreendeu que seu irmão se aproximava dele com um certo fim, intencionalmente.

X

OS DOIS JUNTOS

Aliócha saiu da casa do pai mais abatido e mais acabrunhado do que à chegada. Suas ideias eram fragmentárias, confusas; ele próprio se dava conta de que temia reuni-las, tirar uma conclusão geral das contradições dolorosas de que se compusera aquele dia. Experimentava um sentimento vizinho do desespero, o que jamais lhe acontecera. Uma questão dominava as outras, fatal e insolúvel: que aconteceria a seu pai e Dimítri em presença daquela mulher terrível? Vira-os engalfinhados. O único verdadeiramente infeliz era seu irmão Dimítri; a fatalidade o tocaiava. Outros encontravam-se misturados a tudo isso e talvez mais do que parecia antes a Aliócha. Era enigmático. Ivan dera os primeiros passos para ele, esperados desde muito tempo, e agora sentia ele certa apreensão. Outra coisa estranha: enquanto que antes ia à casa de Katierina Ivânovna numa extraordinária perturbação, nenhuma sentia agora; apressava-se mesmo, como se esperasse dela uma indicação. No entanto, o recado era ainda penoso de dar: a questão dos três mil rublos estava liquidada e Dimítri, sentindo-se definitivamente desonrado, cairia cada vez mais baixo. Além disso, devia Aliócha narrar a Katierina Ivânovna a cena que acabava de desenrolar-se em casa de seu pai.

Eram sete horas e a noite estava a cair, quando Aliócha chegou à casa de Katierina Ivânovna, que morava num prédio vasto e confortável da rua Grande. Sabia que ela vivia com duas tias. Uma, a tia de sua irmã Agáfia Ivânovna, era aquela pessoa silenciosa que tomara conta dele depois que saíra do internato. A outra era uma senhora de Moscou, bastante digna, mas sem fortuna. Sabia-se que as duas senhoras se submetiam em tudo a Katierina Ivânovna e só permaneciam em sua companhia para manter o

decoro. Katierina Ivânovna só dependia de sua benfeitora, a generala, cuja saúde a retinha em Moscou e a quem estava ela obrigada a dar, duas vezes por semana, notícias suas pormenorizadas.

Quando Aliócha, no vestibulo, fez-se anunciar pela arrumadeira que lhe abrira a porta, sabia-se já, no salão, de sua chegada, evidentemente (talvez o tivessem visto pela janela); o fato é que ele ouviu rumor, passos precipitados ressoaram com um fru-fru de vestidos, duas ou três mulheres teriam saído correndo. Aliócha achou estranho que sua chegada produzisse tal agitação. Fizeram-no entrar logo no salão, uma grande peça mobiliada com elegância, que nada tinha de provinciana. Muitos canapés, divãs, poltronas, mesas de centro; quadros nas paredes, vasos e lâmpadas, um ramalhete de flores, havendo mesmo um aquário, perto da janela. O crepúsculo ensombrecia a sala. Aliócha avistou em cima dum canapé uma mantilha de seda abandonada, e sobre a mesa, em frente, duas xícaras onde restava chocolate, biscoitos, uma taça de cristal com passas de uvas, outra com bombons. Vendo aquela refeição, adivinhou Aliócha que havia convidados e franziu o cenho. Mas logo o reposteiro se ergueu e Katierina Ivânovna entrou a passos rápidos, estendendo-lhe as duas mãos com alegre sorriso. Ao mesmo tempo, uma criada trouxe e colocou em cima da mesa duas velas acesas.

— Louvado seja Deus, ei-lo afinal! Rezei a Deus o dia inteiro para que você viesse! Sente-se.

A beleza de Katierina Ivânovna já havia impressionado Aliócha três semanas antes, quando Dimítri o levara à casa dela para apresentá-lo, porque ela desejava muito conhecê-lo. Não haviam conversado por ocasião daquele encontro. Pensando que Aliócha estava muito acanhado, Katierina Ivânovna quis pô-lo à vontade e conversou todo o tempo com Dimítri. Aliócha mantivera-se em silêncio, mas observara muitas coisas. Impressionaram-no o porte nobre, a desenvoltura altiva, a segurança da orgulhosa moça. Seus grandes olhos negros e brilhantes pareceram-lhe em perfeita harmonia com a palidez mate de seu rosto oval. Mas seus olhos, seus lábios encantadores, por mais capazes que fossem de excitar o amor de seu irmão, não poderiam talvez retê-lo por muito tempo. Foi quase franco com Dimítri, quando este, após a visita, insistiu, rogando-lhe que não ocultasse a impressão que lhe causara sua noiva.

— Serás feliz com ela, mas talvez não uma felicidade calma.

— Meu irmão, mulheres como essa permanecem iguais a si mesmas, não se resignam diante do destino. De modo que, pensas que não a amarei sempre?

— Não, tu a amarás sempre, é possível, mas não serás talvez sempre feliz com ela...

Aliócha exprimira sua opinião corando, aborrecido por ter, para ceder aos rogos de seu irmão, formulado ideias tão “tolas”, porque sua opinião lhe parecera a ele próprio bastante tola, logo que fora emitida. Tivera vergonha de haver-se exprimido tão categoricamente a respeito de uma mulher. Sua surpresa foi tanto maior sentindo, ao primeiro olhar lançado agora sobre Katierina Ivânovna, que se tinha talvez enganado então em seu julgamento. Dessa vez, o rosto da moça irradiava uma bondade ingênua e uma sinceridade ardente. Da “altivez e do orgulho” de então, que haviam impressionado tanto Aliócha, não restava senão uma nobre energia, uma confiança serena e forte em si mesma. Ao primeiro olhar, às primeiras palavras, compreendeu Aliócha que o trágico de sua situação a respeito do homem a quem ela tanto amava não lhe escapava e que, talvez, já soubesse de tudo. E no entanto, malgrado isso, seu rosto radiante exprimia a fé no futuro. Aliócha sentiu-se culpado perante ela, vencido e cativo ao mesmo tempo. Além disso, observou, às suas primeiras palavras, que se encontrava ela numa violenta agitação, talvez insólita nela, e que confinava mesmo com a exaltação.

— Eu o esperava, porque é só de você, agora, que posso saber toda a verdade.

— Vim... — gaguejou Aliócha — eu... ele me enviou.

— Ah! Ele o enviou? Está bem. Pressentia isso. Agora, sei tudo, tudo — disse Katierina Ivânovna, com os olhos cintilantes. — Espere, Alieksiêi Fiódorovitch, vou dizer-lhe por que desejava tanto vê-lo. Sei muito mais do que você mesmo; não são notícias que reclamo de você. Quero saber de sua derradeira impressão sobre Dimítri, quero que você me conte o mais francamente, o mais grosseiramente que puder (oh, não se acanhe!) o que pensa dele agora e de sua situação depois da conversa de vocês, hoje. Valerá isso talvez melhor que uma explicação entre nós dois, uma vez que ele não quer vir ver-me. Compreendeu o que espero de você? Agora, por qual motivo o enviou? Fale francamente, não mastigue as palavras...

— Encarregou-me de... saudá-la, de dizer-lhe que não viria mais e de saudá-la...

— Saudar? Disse assim, foi assim que se exprimiu?

— Sim.

— Talvez se haja enganado, por acaso, e não empregou a palavra devida.

— Não, insistiu precisamente para que eu lhe repetisse essa palavra “saudar”. Recomendou-me três vezes.

O sangue subiu ao rosto de Katierina Ivânovna.

— Ajude-me, Alieksiêi Fiódorovitch, tenho agora necessidade de você. Eis o que penso, diga-me se tenho ou não razão: se ele o tivesse encarregado de saudar-me, ligeiramente, sem insistir na transmissão da palavra, sem sublinhá-la, tudo estaria acabado. Mas se apoiou particularmente nesse termo, se lhe ordenou expressamente que me transmitisse essa “saudação”, é que estava superexcitado, fora de si talvez. A decisão que tomou terá espantado a ele próprio! Não me deixou com segurança, precipitou-se ladeira abaixo. O sublinhamento dessa palavra tem o sentido de uma bravata...

— É isso, é isso — afirmou Aliócha. — Tenho a mesma impressão.

— Nesse caso, nem tudo está perdido! Ele apenas está ele desesperado, posso ainda salvá-lo. Ele não lhe falou de dinheiro, de três mil rublos?

— Não somente me falou deles, mas é talvez isso que mais o acabrunha. Disse que nada mais lhe importa agora, agora que perdeu a honra — respondeu Aliócha que se sentia renascer para a esperança e entrevia a possibilidade de salvar seu irmão. — Mas sabe... de que dinheiro se trata? — acrescentou ele e de repente calou-se.

— Desde muito tempo que o sei e com certeza. Telegrafei para Moscou, onde nada tinham recebido. Ele não remeteu o dinheiro, mas eu me calei. Soube na última semana como estava ele necessitado... Só tenho um fito em tudo isso: é que ele saiba a quem se dirigir e onde encontrar a amizade mais fiel. Mas não quer ele crer que seu mais fiel amigo sou eu; só considera a mulher, em mim. Atormentei-me a semana inteira: como fazer para que ele não core diante de mim por ter gasto esses três mil rublos? Que se envergonhe ele diante de todos e se envergonhe de si mesmo, mas não diante de mim! Como ignora até agora tudo quanto posso suportar por ele? Como pode ele me desconhecer, depois de tudo que se passou? Quero salvá-lo para sempre. Que deixe de ver em mim sua noiva!

E teme por sua honra para comigo? Mas não receia abrir-se a você, Alieksiêi Fiódorovitch. Por que não mereci ainda sua confiança?

Pronunciou essas derradeiras palavras com os olhos cheios de lágrimas.

— Devo relatar-lhe — disse Aliócha, com voz trêmula — a cena que acaba de ter com o próprio pai. — E contou tudo: como Dimítiri o havia mandado pedir dinheiro, depois irrompera na casa, batera em Fiódor Pávlovitch e, na ocasião, recomendara com insistência a Aliócha que viesse “saudá-la”. — Ele foi à casa daquela mulher... — acrescentou Aliócha, em voz baixa.

— Pensa que não suportarei sua ligação com aquela mulher? Ele também o pensa, mas não casará com ela. — Soltou uma risadinha nervosa. — Será que um Karamázov pode queimar-se com um ardor eterno? É um entusiasmo passageiro, não é amor. Ele não casará com ela, porque ela não o quererá — disse, com o mesmo riso estranho.

— Ele se casará talvez com ela — disse tristemente Aliócha, de olhos baixos.

— Ele não se casará com ela, afirmo-lhe! Aquela moça é um anjo! Sabia-o!? Sabia-o!? — exclamou Katierina Ivânovna, com um calor extraordinário. — É a mais fantástica das criaturas. É sedutora, decerto, mas tem um caráter nobre e bom. Por que me olha desse jeito, Alieksiêi Fiódorovitch? Talvez minhas palavras lhe causem espanto, talvez não me acredite. Agrafiena Alieksândrovna, meu anjo — exclamou ela, de súbito, com os olhos voltados para a peça vizinha —, venha cá, este gentil rapaz está ao corrente de todos os nossos negócios, apareça, pois!

— Só esperava seu chamado — disse uma voz doce e até mesmo melíflua.

O reposteiro ergueu-se e... Grúchenhka em pessoa, risonha, alegre, caminhou para a mesa. Aliócha sentiu uma comoção. Os olhos fixos nela, não podia desviá-los de seu rosto. Ei-la, aquela mulher temível, “aquele monstro”, como a chamara seu irmão Ivan meia hora antes. No entanto, tinha ele diante de si a criatura mais vulgar, mais simples à primeira vista, uma mulher encantadora e boa, bonita, decerto, mas parecendo-se com todas as mulheres bonitas “comuns”. Na verdade, era até mesmo bela, bastante bela, uma beleza russa, a que suscita tantas paixões. De estatura bastante elevada, sem igualar, no entanto, a de Katierina Ivânovna (que era

muito alta), forte, com movimentos mansos e silenciosos, como que enlanguescidos numa doçura de acordo com sua voz. Adiantou-se, não como Katierina Ivânovna, mas com um passo firme e seguro, embora silencioso. Não fazia quase ruído ao andar. Deixou-se cair numa poltrona, com um rumor leve de seu elegante vestido de seda preta, cobriu friorentamente com um xale de lã seu pescoço branco como neve e seus largos ombros. Tinha 22 anos e seu rosto indicava essa idade. Sua pele era muito branca, com um matiz de reflexos rosa pálido, o oval do rosto um tanto largo, o maxilar inferior um pouco saliente. O lábio superior era delgado, o inferior, que avançava, duas vezes mais forte e túmido. Uma magnífica cabeleira castanha muito abundante, supercílios escuros, admiráveis olhos dum cinzento-azulado de longos cílios: o mais indiferente, o mais distraído dos homens, perdido na multidão, passeando, não teria deixado de parar diante daquele rosto e de recordá-lo por muito tempo. O que mais impressionava Aliócha era sua expressão infantil e ingênua. Tinha ela olhar e alegria de criança, aproximara-se da mesa verdadeiramente alvoroçada, como se esperasse alguma coisa, curiosa e impaciente. Seu olhar alegrava a alma, sentia-o Aliócha. Havia ainda nela algo de que não teria ele podido ou sabido dar conta, mas que sentia talvez inconscientemente, aquela languidez de movimentos, aquela ligeireza felina de seu corpo, no entanto, vigoroso e gordo. Seu xale desenhava espáduas cheias, um firme busto de mulher jovem. Aquele corpo prometia talvez as formas da Vênus de Milo, mas já em proporções um tanto exageradas, adivinhava-se. Conhecedores da beleza russa, ao examinar Grúchenhka, teriam predito com certeza que, ao aproximar-se dos trinta anos, aquela beleza tão fresca ainda perderia a harmonia, alterar-se-ia, o rosto se empastaria; rugas se formariam rapidamente na testa e em redor dos olhos; a tez murcharia, avermelhar-se-ia talvez; numa palavra, era a beleza do diabo, beleza efêmera, tão frequente na mulher russa. Aliócha, bem entendido, não pensava nisso, mas, embora sob o encanto, perguntava a si mesmo com mal-estar e como a contragosto: por que arrasta ela assim as palavras e não pode falar naturalmente? Grúchenhka achava decerto bonito aquele rotacismo e aquelas entonações cantantes. Não era senão um sabido mau gosto, índice de uma educação inferior, duma falsa noção das conveniências. No entanto, aquela fala afetada parecia a Aliócha quase incompatível com aquela expressão ingênua e radiosa, aquele brilho dos olhos ridentes duma alegria de bebê. Katierina Ivânovna fizera-a sentar-se

em frente de Aliócha e beijara várias vezes com entusiasmo seus lábios sorridentes. Parecia apaixonada por ela.

— Vemo-nos pela primeira vez, Alieksiêi Fiódorovitch — disse ela, encantada. — Queria conhecê-la, vê-la, ir à casa dela; ela mesma, porém, veio a meu primeiro chamado. Estava certa de que arranjariamos tudo! Meu coração pressentia-o... Tinham-me rogado que desistisse desse passo, mas previa-lhe o resultado e não me enganei. Grúchenhka explicou-me todas as suas intenções; veio como um anjo bom trazer-me a paz e a alegria...

— Você não me desdenhou, cara senhorita — disse Grúchenhka, com voz arrastada e seu doce sorriso.

— Evite dizer-me tais palavras, encantadora mágica! Desdenhá-la? Vou beijar mais uma vez seu lindo lábio. Tem o ar de estar intumescido, pois vou torná-lo mais intumescido ainda... Veja como ri, Alieksiêi Fiódorovitch, é uma alegria para o coração olhar esse anjo...

Aliócha corava e estremecia ligeiramente.

— Você está-me mimando, cara senhorita, mas não mereço talvez suas carícias.

— Não as merece! — exclamou com o mesmo calor Katierina Ivânovna. — Saiba, Alieksiêi Fiódorovitch, que temos aí uma cabeça fantasista, independente, mas um coração altivo, oh, muito altivo! É nobre e generosa, Alieksiêi Fiódorovitch, sabia-o? Era apenas infeliz, pronta inteiramente a sacrificar-se a um homem talvez indigno ou leviano. Havia um oficial a quem amava, deu-lhe tudo, há muito tempo isso, cinco anos, e ele a esqueceu, casou-se. Tendo ficado viúvo, escreveu, está a caminho, é a ele somente, fique sabendo, que ama e sempre amou! Ele chega, e Grúchenhka será de novo feliz, depois de ter sofrido durante cinco anos. Que se lhe pode censurar? Quem pode gabar-se de ter-lhe conquistado as belas graças? Aquele velho negociante impotente, mas era antes um pai, um amigo, um protetor; encontrou-a desesperada, atormentada, abandonada... Porque queria ela afogar-se, aquele velho a salvou, salvou-a!

— Você me defende demais, cara senhorita, vai um pouco longe demais — disse de novo, arrastadamente, Grúchenhka.

— Eu a defendo? Cabe a mim defendê-la, ousaríamos nós defendê-la? Grúchenhka, meu anjo, dê-me sua mão. Olhe essa mãozinha rechonchuda,

essa deliciosa mãozinha, Alieksiêi Fiódorovitch; está vendo-a? Foi ela que me trouxe a felicidade, que me ressuscitou, vou beijá-la dos dois lados... assim, assim!

Beijou três vezes, como que arrebatada, a mão verdadeiramente encantadora, talvez demasiado rechonchuda, de Grúchenhka. Ela, com um riso nervoso e sonoro, consentia na carícia; mirava a “cara senhorita” e tinha prazer com aquilo... “Ela talvez se exalte demasiado”, pensou Aliócha. Corou, seu coração não estava tranquilo.

— Quer fazer-me corar, cara senhorita, beijando assim minha mão diante de Alieksiêi Fiódorovitch.

— Mas foi minha intenção fazê-la corar? — proferiu Katierina Ivânovna um pouco admirada. — Ah, minha cara, como me compreende mal!

— Mas talvez não me compreenda tampouco, cara senhorita. Sou talvez pior do que pareço. Tenho coração mau, sou caprichosa. Foi somente para zombar do pobre Dimítiri Fiódorovitch que o conquistei.

— Mas agora você o salvará, prometeu-o. Far-lhe-á compreender, revelar-lhe-á que desde muito tempo ama outro pronto a desposá-la...

— Mas não, não lhe prometi nada de semelhante. Foi você quem disse tudo isso e não eu.

— Compreendi-a mal então — declarou Katierina Ivânovna, que baixou a voz e empalideceu ligeiramente. — Você prometeu...

— Ah! Não, angélica senhorita, não lhe prometi nada — interrompeu-a Grúchenhka, com a mesma expressão alegre, tranquila, inocente. — Veja, digna senhorita, como sou má e voluntariosa. O que me agrada, faço-o; ainda há pouco talvez lhe haja feito uma promessa, e agora digo a mim mesma: se Mítia viesse a agradar-me de novo, porque já uma vez me agradou quase uma hora, talvez vá dizer-lhe que fique morando comigo a partir de hoje... Veja como sou inconstante...

— Ainda há pouco falava você de maneira totalmente diversa... — murmurou Katierina Ivânovna.

— Sim, ainda há pouco! Mas tenho o coração terno, sou tola! Basta pensar em tudo quanto ele sofreu por mim; se, de volta a minha casa, tiver piedade dele, que acontecerá?

— Eu não esperava...

— Oh, senhorita, quanto é boa e nobre comparada comigo! E talvez, agora, vai deixar de amar-me vendo meu caráter. Dê-me sua bonita mão, angélica senhorita — pediu ela, tomando com respeito a mão de Katierina Ivânovna. — Vou beijar sua mão, cara senhorita, como fez você à minha. Deu-me três beijos, deveria dar-lhe bem uns trezentos para ficar quite. Assim será, e depois, seja o que Deus quiser: talvez seja sua escrava e haverei de querer comprazê-la em tudo quanto Deus queira, sem convenção alguma nem promessas. Dê-me sua mão, sua linda mão, cara senhorita, bela entre todas!

Levou docemente aquela mão a seus lábios, com o fito estranho de “saldar a conta” dos beijos recebidos. Katierina Ivânovna não retirou a mão. Havia escutado com tímida esperança a derradeira promessa de Grúchenhka, por mais estranhamente expressa que tivesse sido, de “comprazê-la em tudo”; olhava-a com ansiedade bem dentro dos olhos; via ali a mesma expressão ingênua e confiante, a mesma jovialidade serena... “Ela é talvez demasiado ingênua!”, disse a si mesma Katierina Ivânovna, num clarão de esperança. Entretanto Grúchenhka, encantada com aquela “linda mãozinha”, levava-a lentamente aos lábios. Ia quase tocar-lhe, quando a reteve para refletir.

— Sabe, meu anjo — disse ela, arrastadamente, com sua voz mais melíflua —, feitas as contas, não lhe beijarei a mão. — E soltou uma risadinha alegre.

— Como queira... Que tem? — estremeceu Katierina Ivânovna.

— Lembre-se disso: você beijou minha mão, mas eu não beijei a sua.

Um clarão brilhou em seus olhos. Fitava com obstinação Katierina Ivânovna.

— Insolente! — exclamou esta, que começava a compreender. Levantou-se vivamente, tomada de cólera. Sem se apressar, Grúchenhka fez o mesmo.

— Vou contar a Mítia que você beijou minha mão, mas que eu não quis beijar a sua. Isso vai fazê-lo rir.

— Fora daqui, canalha!

— Ah, que vergonha! É indecente de sua parte empregar tais palavras, cara senhorita.

— Fora daqui, fêmea vendida! — vociferou Katierina Ivânovna. Todo o seu rosto convulsionado tremia.

— Vendida, seja. Você mesma, mocinha, saía à noite em busca de dinheiro entre rapazes, traficando seus encantos; sei de tudo.

Katierina Ivânovna lançou um grito, quis atirar-se contra ela, mas Aliócha reteve-a com todas as forças.

— Não se mova, nem uma palavra! Não lhe responda, ela partirá agora mesmo!

As duas parentas de Katierina Ivânovna e a arrumadeira acorreram a seu grito. Precipitaram-se para ela.

— Está bem! Vou-me embora — declarou Grúchenhka, tomando sua mantilha de cima do divã. — Aliócha, meu bem, acompanha-me!

— Vá-se o mais depressa possível — implorou Aliócha, de mãos juntas.

— Aliócha querido, acompanha-me. No caminho, dir-te-ei uma palavra, algo de muito gentil! Foi por ti, Aliócha, que representei essa cena. Vem, meu caro, não o lamentarás ter vindo.

Aliócha voltou-se, torcendo as mãos. Grúchenhka saiu rindo, sonoramente.

Katierina Ivânovna teve um ataque de nervos; soluçava, espasmos sufocavam-na. Todos se mostravam solícitos em torno dela.

— Eu a havia prevenido — disse-lhe a mais velha das tias — e desaconselhado tal passo... você é demasiado viva... pode-se arriscar tal coisa? Você não conhece essas criaturas, e dizem dessa que é a pior de todas... Você só faz o que lhe dá na cabeça!

— É uma tigresa! — vociferou Katierina Ivânovna. — Por que me reteve, Alieksiêi Fiódorovitch? Ter-lhe-ia batido, batido...

Estava incapaz de conter-se diante de Alieksiêi, talvez mesmo não o quisesse.

— Merecia ser chicoteada em público, pela mão do carrasco.

Alieksiêi aproximou-se da porta.

— Oh, meu Deus! — exclamou Katierina Ivânovna, juntando as mãos. — Mas ele! Pôde ser tão desleal, tão inumano?! Porque foi ele que contou àquela criatura o que se passou naquele dia fatal e para sempre maldito! “Você ia traficar seus encantos, cara senhorita!” Ela sabe! Seu irmão é um canalha, Alieksiêi Fiódorovitch!

Aliócha quis dizer alguma coisa, mas não encontrou uma palavra sequer; seu coração cerrava-se a ponto de doer-lhe.

— Vá-se embora, Alieksiêi Fiódorovitch! Tenho vergonha, é horrível! Amanhã... Rogo-lhe de joelhos, venha amanhã. Não me julgue, perdoe-me, não sei de quê sou capaz!

Aliócha saiu cambaleante. Teria querido também chorar; de repente a criada alcançou-o.

— A senhorita esqueceu-se de entregar-lhe esta carta da senhora Khokhlakova; estava com ela desde o jantar.

Aliócha pegou o pequeno envelope cor-de-rosa e meteu-o quase inconscientemente no bolso.

XI

OUTRA REPUTAÇÃO PERDIDA

Da cidade ao mosteiro era apenas uma versta. Aliócha caminhava rapidamente pela estrada, deserta àquela hora. Era quase noite e difícil, a trinta passos, distinguir os objetos. Em meio do caminho, no centro duma encruzilhada, elevava-se um salgueiro isolado, sob o qual percebia-se um vulto. Mal Aliócha chegara àquele local, o vulto destacou-se da árvore e lançou-se a ele, gritando:

— A bolsa ou a vida!

— Como, és tu, Mítia! — exclamou, espantado, Aliócha, bastante comovido.

— Ah! Ah, não esperavas por isto, hem? Perguntava a mim mesmo onde esperar-te. Perto da casa dela? Há três caminhos que partem dali, e eu podia não te encontrar. Tive a ideia afinal de esperar-te aqui, porque devias necessariamente passar por esta estrada, uma vez que não há outra para ir ao mosteiro. Pois bem, dize-me a verdade, esmaga-me como a uma barata... Que tens, então?

— Não é nada, irmão... É o medo. Ah! Dimítri! Ainda há pouco, esse sangue de nosso pai (Aliócha pôs-se a chorar, desde muito tinha vontade disso, parecia-lhe que alguma coisa se dilacerava dentro dele). Tu quase o mataste... tu o amaldiçoaste... e eis que agora... aqui... fazes brincadeira... a bolsa ou a vida!

— Ah! Sim. Pois bem! É indecente? Não convém isso à situação?

— Mas não, dizia isso...

— Espera, olha essa noite; vê como está sombria, aquelas nuvens, esse vento que se levantou. Oculto sob o salgueiro, esperava-te e, de repente, disse a mim mesmo (Deus me seja testemunha!): “Que adianta sofrer ainda, por que esperar? Eis um salgueiro, tenho meu lenço e minha camisa, a corda ficaria trançada em breve, com meus suspensórios ainda por cima... A terra ficaria livre de mim, não mais a desonraria com a minha presença!” E eis que ouço teus passos. Senhor, foi como se um raio descesse sobre mim! “Há pois um homem a quem amo, ei-lo, esse homenzinho, o meu querido irmãozinho, a quem amo mais que tudo no mundo e é o único a quem amo!” Tão vivo era meu afeto naquele minuto que pensei: “Vou atirar-me a seu pescoço!” Mas veio-me uma ideia estúpida: “Para diverti-lo, vou fazer-lhe medo.” E gritei como um imbecil: “A bolsa!” Perdoa minha tolice; é absurdo, mas no fundo da alma... bom... Pois bem! Com o diabo, fala pois, que houve lá? Que foi que ela disse? Esmaga-me, bate-me, não me poupes! Ela está exasperada?

— Não... não é totalmente isso, Mítia. Encontrei as duas.

— Quais duas?

— Grúchenhka em casa de Katierina Ivânovna.

Dimíttri ficou estupefato.

— É impossível! — exclamou. — Deliras! Grúchenhka em casa dela?

Numa narrativa despida de artifício, mas não de clareza, expôs Aliócha o essencial do que se passara, acrescentando-lhe as próprias impressões. Seu irmão escutava-o em silêncio, fixando-o com um ar impassível, mas Aliócha via claramente que ele já havia compreendido tudo, elucidado todo o caso. À medida que a narrativa avançava, seu rosto tornava-se não sombrio, mas ameaçador. Franzia o cenho, de dentes cerrados, o olhar ainda mais fixo, mais terrível em sua obstinação... A mudança súbita que ocorreu em seu rosto encolerizado foi por isso mesmo totalmente inesperada; seus lábios crispados distenderam-se; e Dimíttri Fiódorovitch explodiu na gargalhada mais irresistível e mais franca. Ficou um bom momento sem poder falar, à força de rir.

— De modo que ela não lhe beijou a mão! Fugiu sem beijar-lhe a mão!

— exclamou ele num arrebatamento mórbido, que se teria podido qualificar de impudente, se não fosse tão ingênuo. — E a outra chamou-a

de tigresa? É uma mesmo! Devia subir ao cadafalso! Certamente, estou de acordo; deveriam tê-lo feito há muito. Mas não é tudo, irmão, é preciso em primeiro lugar recuperar a saúde. Ela está toda inteira nesse beijo de mão, aquela rainha da impudência, aquela criatura infernal! É a rainha de todas as fúrias que se possam imaginar! De encher de entusiasmo, de certa maneira! Partiu para sua casa? Agora mesmo... corro até lá. Aliócha, não me acuses, convenho que seria pouco estrangulá-la...

— E Katierina Ivânovna? — perguntou tristemente Aliócha.

— Também a compreendo, como até agora tenho compreendido! É a descoberta das quatro partes do mundo, das cinco, quero dizer! Tal passo que deu! É bem mesma Kátienhka, a pensionista que não receia ir ter com um oficial grosseiro, com o nobre desígnio de salvar seu pai, arriscando-se a ser insultada! Mas essa altivez, essa sede do perigo, esse desafio ao destino, até os derradeiros limites!... Sua tia, dizes, queria impedi-la? É uma mulher despótica, irmã daquela generala de Moscou; fazia muito embaraço, mas seu marido foi acusado de malversações, perdeu tudo, seus bens e o resto, sua orgulhosa esposa teve de baixar o tom. De modo que retinha ela Kátia, mas esta não a escutou. “Posso tudo vencer, tudo me é submetido, enfeitiçarei Grúchenhka, se quiser.” Acreditava bem nisso, decerto, e forçou seu talento. De quem a culpa? Pensas que tenha sido intencionalmente que beijou por primeira a mão de Grúchenhka, por cálculo e por astúcia? Não, deixou-se enfeitiçar nada mais, nada menos por Grúchenhka, isto é, não por ela, mas por seu sonho, por seu desejo, muito simplesmente, porque esse sonho, esse desejo eram os seus! Aliócha, como pudeste escapar a semelhantes mulheres? Fugiste, arrepanhando a batina, hem? Ah! Ah! Ah!

— Irmão, não pensaste, creio, na ofensa que fizeste a Katierina Ivânovna contando a Grúchenhka sua visita à tua casa; Grúchenhka lançou-lhe em rosto que “ela ia furtivamente traficar seus encantos”. Há pior injúria, meu irmão?

A ideia de que seu irmão se rejubilava com a humilhação de Katierina Ivânovna atormentava Aliócha, embora sem razão, evidentemente.

— Ah, sim! — disse Dimítري, franzindo as sobrancelhas e batendo na testa. Somente agora se dava conta, se bem que Aliócha tivesse contado tudo ao mesmo tempo” a injúria e o grito de Katierina Ivânovna: “Seu irmão é um canalha!” — Sim, com efeito, devo ter falado a Grúchenhka daquele “dia fatal”, como diz Kátia. Deveras, contei-lhe, lembro-me! Foi

em Mókroie, enquanto os ciganos cantavam; estava embriagado... Mas então eu soluçava, rezava de joelhos diante da imagem de Kátia. Grúchenka compreendia-o, ela mesma chorava... Ah, diabos! Poderia ser de outro modo agora? Ela chorava então, agora crava um punhal no coração. Eis as mulheres!

Pôs-se a refletir, de cabeça baixa.

— Sim, sou um verdadeiro canalha — proferiu ele, de súbito, com voz sombria. — Que tenha chorado ou não, tanto faz. Conta-lhe que aceito o qualificativo, se isso pode consolá-la. Pois bem! Chega, de que serve tagarelar? Não é divertido. Sigamos cada qual nossa estrada. Não quero mais rever-te antes do derradeiro momento. Adeus, Alieksiêi!

Apertou fortemente a mão de Aliócha e, sem erguer a cabeça, como um evadido, caminhou a grandes passadas para a cidade. Aliócha acompanhou-o com o olhar, não podendo crer que tivesse ele partido de veras.

— Espera, Alieksiêi, ainda uma confissão, para ti somente! (Dimíttri retrocedera.) Olha-me bem no rosto: aqui, vês tu, aqui, uma infâmia execrável se prepara. (Ao dizer isso, Dimíttri batia no peito com um ar estranho, como se a infâmia estivesse depositada em seu peito ou suspensa a seu pescoço.) Já me conheces como um canalha chapado. Mas, fica sabendo, o que quer que eu tenha feito, o que quer que possa fazer no futuro, nada se compara em baixeza com a infâmia que trago em meu peito e que poderia reprimir, mas não o farei, fica sabendo. Prefiro cometê-la. Tudo te contei há pouco, exceto isso, não tinha coragem! Posso ainda deter-me e, dessa maneira, recuperar amanhã a metade de minha honra, mas não renunciarei a isso, cumprirei meu negro desígnio, poderás ser testemunha de que falo disso antecipadamente e cientificamente. Perdição e trevas! Inútil explicar-te, sabê-lo-ás a seu tempo. A lama é uma verdadeira fúria! Adeus. Não rezes por mim, não sou digno e não tenho necessidade de oração nenhuma... Sai de meu caminho!...

Afastou-se, dessa vez definitivamente. Aliócha seguiu para o mosteiro. “Como! Não o verei mais? Que é que ele diz?” Isso pareceu-lhe esquisito. “Amanhã, sem falta, pôr-me-ei à sua procura. Que quis ele dizer?”

Contornou o mosteiro e seguiu diretamente para o eremitério, através do bosque de pinheiros. Abriram-lhe a porta, se bem que não deixassem entrar ninguém àquela hora. Entrou na cela do *stáriets*, com o coração palpitante. “Por que partira ele? Por que o haviam enviado ao mundo?

Aqui, a paz, a santidade; lá, a perturbação, as trevas nas quais a gente se perde...”

Na cela encontravam-se o noviço Porfíri e um religioso, o padre Paísi, que o dia inteiro viera a cada hora saber notícias do padre Zósima. Seu estado piorava, como veio a saber Aliócha, com espanto. A conversa habitual da noite com a comunidade não pudera realizar-se daquela vez. Comumente, à noite, após o ofício, a comunidade, antes de ir repousar, reunia-se na cela do *stáriets*; cada qual lhe confessava bem alto suas faltas do dia, os sonhos culpados, as ideias, as tentações, até as rugas entre monges, se alguma ocorrera. Outros se confessavam, de joelhos. O *stáriets* absolvía, acalmava, ensinava, impunha penitências, abençoava e despedia. Era contra essas “confissões” fraternais que se levantavam os adversários do *stáriets*, dizendo que era aquilo uma profanação da confissão, como sacramento, quase um sacrilégio, se bem que fosse coisa bem diversa. Haviam mesmo feito denúncia à autoridade diocesana de que não somente aquelas confissões não atingiam seu fim, mas eram na realidade uma fonte de pecados e de tentações. A muitos, na comunidade, repugnava ir à casa do *stáriets* e ali apareciam de má vontade, a fim de não passarem por orgulhosos e revoltados de espírito. Contava-se que certos monges, ao ir à confissão da noite, entendiam-se entre si de antemão: “Direi que me zanguei contra ti esta manhã, tu o confirmarás”, isto a fim de ter alguma coisa que dizer e ver-se livre daquilo. Aliócha sabia que as coisas se passavam por vezes assim. Sabia também que alguns se indignavam bastante contra o costume segundo o qual as cartas, mesmo dos pais, recebidas pelos solitários, eram levadas em primeiro lugar ao *stáriets*, para que ele as abrisse e lesse antes de seus destinatários. Supunha-se, bem entendido, que essas práticas deviam realizar-se livre e sinceramente, de todo o coração, com um fim de edificação salutar e de submissão voluntária; de fato, acontecia que, longe de serem sinceras, não eram senão fingidas. Mas os mais idosos e os mais experimentados da comunidade persistiam em sua ideia, estimando que “os que tinham transposto o recinto para cuidar sinceramente de sua salvação encontravam naquela obediência e naquela abdicação de si mesmos um proveito dos mais salutareis; mas que os que murmuravam com repugnância não tinham a vocação e melhor teriam feito se tivessem ficado no mundo. O pecado e a tentação vos tocaiam não somente no mundo, mas no santuário, melhor valia não se prestar a isso”.

— Está enfraquecendo, sonolento — murmurou padre Paísi a Aliócha. — É difícil despertá-lo. E para quê? Acordou por uns cinco minutos e pediu que se transmitisse sua bênção à comunidade, cujas preces solicita. Amanhã de manhã, tem intenção de comungar de novo. Lembrou-se de ti, Aliócha, informou-se de onde estavas, disseram-lhe que havias partido para a cidade. “Minha bênção o acompanhe ali; seu lugar é lá e não aqui.” És o objeto de seu amor e de sua solicitude, compreendes essa honra? Mas por que te marca ele um estágio no mundo? Será que pressente alguma coisa em teu destino? Se voltares ao mundo, é para cumprir uma tarefa imposta por teu *stáriets*, compreende-o, Alieksiêi, e não para te entregares à agitação vã e às obras do século...

O padre Paísi saiu. Alieksiêi não duvidava de que o fim do *stáriets* estivesse próximo, muito embora pudesse viver ainda um dia ou dois. Jurou a si mesmo, malgrado os compromissos tomados para com o pai, as senhoras Khokhlakovi, o irmão, Katierina Ivânovna, não deixar o mosteiro no dia seguinte e ficar junto do *stáriets* até seu derradeiro momento. Seu coração abrasava-se de amor e censurava-se amargamente ter podido esquecer um instante, lá embaixo, aquele que deixara em seu leito de morte e a quem venerava acima de tudo. Passou para o quarto de dormir, ajoelhou-se, prosternou-se diante da cama dele. O *stáriets* repousava tranquilamente, mal se ouvia sua respiração. Seu rosto estava calmo.

Voltando ao quarto vizinho, onde tivera lugar a recepção da manhã, contentou-se Aliócha com tirar suas botas e estendeu-se sobre o estreito e duro divã de couro onde se acostumara a dormir, valendo-se apenas de um travesseiro. Desde muito tempo renunciara ao colchão de que falava seu pai. Só fazia tirar a batina que lhe servia de coberta. Antes de adormecer, ajoelhou-se e pediu a Deus, numa prece fervorosa, que o esclarecesse, ansioso por tornar a encontrar o apaziguamento que experimentava sempre outrora, depois de ter louvado e glorificado a Deus, como o fazia comumente em sua prece da noite. A alegria que o invadia proporcionava-lhe um sono leve e tranquilo. Enquanto rezava, sentiu em seu bolso o envelopezinho cor-de-rosa, entregue pela criada de Katierina Ivânovna, que o alcançara na rua. Ficou perturbado, mas acabou sua prece. Depois abriu o envelope, com alguma hesitação. Continha um bilhete a ele dirigido, assinado por Lisa, a filha da senhora Khokhlakova, que zombara dele pela manhã, na presença do *stáriets*.

Alieksiêi Fiódorovitch:

Escrevo-lhe às ocultas de todos e de minha mãe, e sei que isto não está bem. Mas não posso viver mais tempo sem dizer-lhe o que me nasceu no coração e que ninguém, a não ser nós dois, deve saber até nova ordem. Dizem que o papel não cora, que engano! Asseguro-lhe que estamos agora bem corados um e outro. Querido Aliócha, eu o amo, eu o amo desde minha infância, desde Moscou, quando era você bem diferente do que é agora. Elegi-o em meu coração para me unir a você e acabarmos nossos dias juntos. Bem entendido, com a condição de que deixe você o mosteiro. Quanto à nossa idade, esperaremos tanto quanto a lei o exija. Daqui até lá, estarei restabelecida, andarei, dançarei. Isso não tem dúvida nenhuma.

Vê você que calculei tudo, mas há uma coisa que não posso imaginar: que pensará você de mim lendo estas linhas? Rio, brinco, fi-lo zangar-se há pouco, mas asseguro-lhe que, antes de pegar da pena, rezei diante da imagem da Virgem, quase chorando.

Meu segredo está em suas mãos e, quando você vier, amanhã, não sei como poderei encará-lo. Alieksiêi Fiódorovitch, que acontecerá, se não puder impedir-me de rir ao vê-lo, como esta manhã? Você me tomará por uma zombadora implacável e duvidará de minha carta. Assim, suplico-lhe, meu querido, que não me olhe demasiado o rosto quando vier, porque pode acontecer que rebente a rir à vista de sua batina comprida... Já agora, meu coração fica gelado só de pensar nisso; para começar, lance seus olhares para mamãe ou para a janela...

Eis que lhe escrevi uma carta de amor. Meu Deus, que fiz eu? Aliócha, não me desprezes; se agi mal e o magoo, desculpe-me. Agora, a sorte de minha reputação, talvez perdida, está em suas mãos.

Haverei de chorar hoje por certo. Adeus, até esse encontro terrível...

Lisa.

P.S — *Aliócha, venha sem falta, sem falta.* Lisa.

Aliócha leu duas vezes aquela carta com surpresa, ficou pensativo, depois riu docemente de prazer. Estremeceu, aquele riso lhe parecia culpado. Mas, ao fim de um instante, repetiu o riso feliz. Tornou a pôr a carta no envelope, fez um sinal da cruz e deitou-se. Sua alma havia

reencontrado a calma. “Senhor, perdoa-lhes a todos, protege esses felizes e agitados, guia-os, mantém-nos no bom caminho. Tu que és o Amor, concede a todos a alegria!” E Aliócha adormeceu num sono tranquilo.

SEGUNDA PARTE

LIVRO IV

OS TUMULTOS

I

O PADRE FIERAPONT

Aliócha despertou antes do amanhecer. O *stáriets* já não dormia e se sentia bastante fraco, mas quis levantar-se e sentar-se numa cadeira. Estava em plena consciência. Seu rosto, embora esgotado, refletia uma alegria serena, o olhar alegre, afável, atraía. “Talvez não veja o fim deste dia”, disse ele a Aliócha. Quis logo confessar-se e comungar. Seu diretor habitual era o padre Paísi. Depois administraram-lhe a extrema-unção. Os religiosos reuniram-se; a cela, pouco a pouco, encheu-se; o dia amanhecera; vieram também monges do mosteiro. Depois do ofício, o *stáriets* quis despedir-se de todos e beijou a todos. Tendo em vista a exiguidade da cela, os primeiros chegados cediam lugar aos outros. Aliócha mantinha-se junto do *stáriets*, de novo sentado em sua cadeira. Falava e ensinava de acordo com suas forças; sua voz, embora fraca, era ainda bastante nítida. “Há tantos anos vos instruo pela palavra, que se tornou isso para mim um hábito tal que o silêncio me seria quase mais penoso, caros padres e irmãos, mesmo agora, em meu estado de fraqueza”, disse ele, brincando, olhando com ar enternecido aqueles que se acotovelavam em redor dele. Aliócha lembrou-se depois de algumas de suas palavras. Mas, muito embora sua voz fosse distinta e suficientemente firme, sua fala era bastante desconexa. Falou muito, como se tivesse querido, naquela hora suprema, exprimir tudo quanto não pudera dizer durante sua vida, não com o único fim de instruir, mas para fazer todos partilharem de sua alegria e de seu êxtase, expandir por uma derradeira vez seu coração...

— Amai-vos uns aos outros, meus padres — ensinava o *stáriets* (segundo as recordações de Aliócha). Amai o povo cristão. Não somos mais santos do que os leigos, por ter vindo encerrar-nos nestas paredes; pelo contrário, todos aqueles que estão aqui têm reconhecido, pelo simples fato de sua presença, ser piores do que os leigos e do que todo mundo... E quanto mais o religioso viver em seu retiro, tanto mais deverá ter consciência disso. De outro modo, não valeria a pena vir para cá. Quando compreender que não somente é pior que todos os leigos, mas culpado de

tudo para com todos, de todos os pecados coletivos e individuais, então somente o fim de nossa união será atingido. Porque, sabeis, meus irmãos, que cada um de nós é certamente culpado aqui na Terra de tudo para com todos, não somente pela falta coletiva da humanidade, mas de cada um individualmente, por todos os outros na Terra inteira. A consciência de nossa culpabilidade é o coroamento da carreira religiosa, bem como de cada homem na Terra. Porque os religiosos não são homens à parte, mas somente tais como deveriam ser todas as pessoas neste mundo. Então somente vosso coração será penetrado dum amor infinito, universal, jamais saciado. Então cada um de vós será capaz de ganhar o mundo inteiro pelo amor e de lavar-lhe os pecados com suas lágrimas... Que cada qual entre em si mesmo e se confesse sem cessar. Não temais vosso pecado, mesmo se tiverdes consciência dele, contanto que vos arrependais, mas não imponhais condições a Deus. Eu vo-lo repito, não vos orgulheis, nem diante dos pequenos nem diante dos grandes. Não odieis aqueles que vos repelem, vos desonram, aqueles que vos insultam e vos caluniam. Não odieis os ateus, os professores do mal, os materialistas, mesmo os maus dentre eles, porque muitos são bons, sobretudo em nossa época. Lembrai-vos deles em vossas orações, dizei: “Salvai, Senhor, aqueles por quem ninguém reza, salvai aqueles que não querem rezar para Vós.” E acrescentai: “Não é por orgulho que vos dirijo esta prece, Senhor, porque sou eu mesmo vil entre todos...” Amai o povo cristão, não abandoneis vosso rebanho aos estrangeiros, porque, se adormecerdes na cupidez, virão de todos os países para arrebatá-lo vosso rebanho. Não vos cansais de explicar o Evangelho ao povo... Não vos entregueis à avareza... Não vos ligueis ao ouro e à prata... Tende fé, mantende firme e alto o estandarte...

O *stáriets* exprimia-se, aliás, duma maneira mais desconexa do que foi acima exposta e do que Aliócha a escreveu depois. Por vezes parava completamente, como para reunir forças, ofegava, mas estava como em êxtase. Escutavam-no com enternecimento, muito embora muitos se espantassem com suas palavras e as achassem obscuras... Posteriormente, todos se recordaram delas. Quando Aliócha deixou a cela por um instante, ficou impressionado com a agitação geral e com a expectativa da comunidade que se comprimia na cela e em redor. Aquela expectativa era em alguns quase ansiosa, em outros, solene. Todos aguardavam alguma coisa de grande imediatamente após o desenlace do *stáriets*. Muito embora em certo sentido fosse expectativa quase frívola, os monges mais severos

estão a ela sujeitos. O rosto mais sério era o do padre Paísi. Aliócha só se ausentara porque um monge o chamava de parte de Rakítin, que viera da cidade com uma carta da senhora Khokhlakova para ele. Comunicava curiosa notícia chegada muito a propósito. Na véspera, entre as mulheres do povo, que eram crentes e tinham vindo prestar homenagem ao *stáriets* e receber sua bênção, encontrava-se uma velha da cidade, Prókhorovna, viúva dum suboficial. Perguntara ao *stáriets* se se podia mencionar como defunto, na oração pelos mortos, seu filho Vássienhka, que partira para seu serviço militar em Irkutsk, na Sibéria, do qual estava ela sem notícias havia um ano. Ele o havia severamente proibido disso, tratando tal prática de análoga à feitiçaria. Mas, indulgente para com a ignorância dela, acrescentara uma consolação, “como se visse no livro do futuro” (segundo expressão da senhora Khokhlakova); o filho dela, Vássia, estava certamente vivo, chegaria em breve ou lhe escreveria, tendo ela apenas de ficar esperando em casa. E então, acrescentava a senhora Khokhlakova, entusiasmada, “a profecia cumprira-se ao pé da letra e mesmo além”. Assim que a boa mulher regressara a casa, entregaram-lhe uma carta da Sibéria, que a esperava. Mais ainda, nessa carta escrita de Ekatierinburg, Vássia informava sua mãe de que voltava para a Rússia em companhia dum funcionário, e que, duas ou três semanas após o recebimento daquela carta, esperava beijar sua mãe. A senhora Khokhlakova rogava insistentemente a Aliócha que comunicasse o novo milagre daquela predição ao padre abade e a toda a comunidade. “É importante que todos o saibam!”, exclamava ela ao fim de sua carta, escrita à pressa: a emoção refletia-se nela em cada linha. Mas Aliócha nada tinha de comunicar à comunidade, todos já o sabiam. Ao enviar o monge à sua procura, encarregara o Rakítin, além disso, de informar respeitosamente Sua Reverência, o padre Paísi, que tinha de comunicar-lhe um caso sem demora, visto sua importância, e rogava-lhe humildemente que lhe perdoasse a ousadia. Tendo o monge transmitido em primeiro lugar ao padre Paísi o pedido de Rakítin, não restava a Aliócha, depois de ter lido a carta, senão comunicá-la ao padre, a título de documentário. E eis que aquele homem rude, desconfiado, lendo, de sobancelhas contraídas, a notícia do “milagre”, não foi inteiramente senhor de seu sentimento íntimo. Seus olhos brilharam, mostrou um sorriso grave, penetrante.

— Veremos bem mais outros — deixou ele escapar.

— Veremos bem mais outros! — repetiram os monges; mas o padre Paísi, franzindo de novo as sobrancelhas, rogou a todos que não falassem a ninguém no momento, “até que isso se confirme, porque há muita frivolidade nas notícias do mundo, e aquele caso podia ter ocorrido duma maneira natural”, concluiu ele, prudentemente, como para desengano de consciência, mas quase sem acrescentar fé ele próprio à sua reserva, o que observaram muito bem seus ouvintes. Na mesma hora, naturalmente, o “milagre” era conhecido de todo o mosteiro, e até mesmo de muitos leigos, vindos para assistir à missa. O mais impressionado parecia ser o monge chegado de véspera de São Silvestre, pequeno mosteiro de Obdorsk, no Norte longínquo, o que prestara homenagem ao *stáriets* ao lado da senhora Khokhlakova e lhe perguntara com ar penetrante, designando a filha daquela senhora: “Como ousa fazer tais coisas?”

Estava agora presa de certa perplexidade e não sabia quase mais em quem crer. Na véspera, à noite, fizera visita ao padre Fierapont em sua cela particular, atrás do apiário, e trouxera dessa entrevista uma impressão lúgubre. O padre Fierapont era aquele velho monge, grande jejuador e observador do silêncio, que já citamos como adversário do *stáriets* Zósima e sobretudo do “stárietismo”, que considerava uma novidade nociva e frívola. Era um adversário bastante temível, se bem que, taciturno, não falasse quase com ninguém. Era sobretudo perigoso por causa da sincera simpatia que lhe testemunhava a maioria da comunidade; muitos leigos o veneravam como um grande justo e um asceta, vendo nele ao mesmo tempo um verdadeiro insensato. Mas sua loucura cativava. O padre Fierapont não ia nunca à casa do *stáriets* Zósima. Se bem que viesse ao eremitério, não lhe impunham demasiado a regra, porque tinha ele um proceder de inocente. Tinha 75 anos, senão mais, e morava atrás do apiário, no ângulo de um muro, numa cela de madeira, caindo quase em ruínas, instalada havia bastante tempo, ainda no último século, por outro grande jejuador e taciturno, o padre Iona,⁴⁰ que vivera até os 105 anos e cujas façanhas constituíam ainda o objeto de narrativas bastante curiosas, no mosteiro e nos arredores.

O padre Fierapont obtivera por fim permissão de instalar-se naquela cela isolada, uma simples isbá, mas que se assemelhava bastante a uma capela, porque continha grande quantidade de ícones com lâmpadas a arderem perpetuamente; provinham de donativos, e o padre Fierapont parecia encarregado de guardá-las e acendê-las. Comia, pelo que se

contava (e era verdade), somente duas libras de pão em três dias, não mais; era o guarda do apiário, que morava no local, quem lhas trazia, mas trocava raramente uma palavra com aquele homem. Aquelas quatro libras, com o pão bento do domingo, enviado regularmente ao inocente pelo padre abade, constituíam sua alimentação da semana. Renovava-se cada dia a água de seu jarro. Assistia raramente ao ofício. Seus admiradores encontravam-no, por vezes, dias inteiros em oração, sempre ajoelhado e sem olhar em torno de si. Se entrava em conversa com eles, mostrava-se lacônico, brusco, estranho e quase sempre grosseiro. Havia, no entanto, casos muito raros em que conversava com os visitantes, mas a maior parte das vezes contentava-se com pronunciar uma palavra estranha que intrigava sempre seu interlocutor; em seguida, a despeito de todos os rogos, não dava jamais uma palavra de explicação. Jamais fora ordenado padre. Circulava um boato estranho, na verdade, entre os mais ignorantes, segundo o qual o padre Fierapont estava em relação com os espíritos celestes e se entretinha somente com eles, o que explicava seu silêncio com as pessoas. O monge de Obdorsk, que entrara no apiário depois da indicação do guarda, monge igualmente sombrio e taciturno, dirigiu-se para o ângulo em que se erguia a cela do padre Fierapont. “Talvez queira ele falar-te por tua qualidade de estranho, talvez também nada consigas dele”, prevenira-o o guarda. O monge aproximou-se, como o contou mais tarde, com um grande medo. Já se fazia tarde. O padre Fierapont estava sentado num banquinho, diante de sua cela. Acima de sua cabeça rumorejava levemente um velho olmo gigantesco. Caía o frescor da noite. O monge prosternou-se diante do recluso e pediu-lhe a bênção.

— Queres tu, monge, que também eu me prosterne diante de ti? — proferiu o padre Fierapont. — Levanta-te.

O monge levantou-se.

— Abençoante e abençoado, senta-te ali. Onde vens?

O que impressionou mais o pobre mongezinho foi que o padre Fierapont, a despeito de seus jejuns prolongados e de sua idade avançada, tinha ainda o ar de um ancião vigoroso, de elevada estatura, mantendo-se ereto, o rosto fresco, se bem que magro, mas sadio. Tinha certamente conservado uma força notável e era de constituição atlética. Malgrado a avançada idade, os cabelos, outrora negros e espessos, bem como a barba, não estavam todos grisalhos. Tinha grandes olhos cinzentos, luminosos, mas bastante salientes, o que chamava a atenção. Falava acentuando

fortemente a letra “o”. Seu hábito consistia num longo gabão avermelhado, de pano grosseiro, como para os prisioneiros, com uma corda à guisa de cinturão. O pescoço e o peito estavam nus. Uma camisa de pano muito grosso, quase enegrecida, que ele usava durante meses, aparecia sob o gabão. Dizia-se que carregava consigo correntes de 35 libras. Estava calçado com velhos sapatos quase desfeitos.

— Acabo de chegar do pequeno mosteiro de Obdorsk, de São Silvestre — respondeu humildemente o visitante, observando o asceta com seus olhos vivos e curiosos, mas um pouco inquietos.

— Estive no teu São Silvestre. Vivi ali. Passa ele bem?

O monge perturbou-se.

— Vós sois gente de poucas luzes! Que jejum observais?

— Nossa mesa é regulada segundo o antigo uso monacal. Durante a Quaresma, nas segundas, quartas e sextas, não se servem alimentos. Nas terças e quintas, dá-se à comunidade pão branco, uma tisana com mel, amoras silvestres ou couves salgadas, e farinha de aveia. No sábado, sopa de couve, aletria com ervilhas, trigo-sarraceno com azeite de cânhamo. No domingo, acrescentam-se à sopa peixe seco e trigo-sarraceno. Na Semana Santa, da segunda ao sábado à noite, pão, água e somente legumes não cozidos, em quantidade moderada; ainda assim não se deve comer todos os dias, mas conformar-se com as instruções dadas para a primeira semana da Quaresma. Na Sexta-Feira Santa, jejum completo; no sábado, até as três horas da tarde, quando se pode tomar um pouco de pão e de água, e beber um copo de vinho. Na Quinta-Feira Santa, comemos alimentos cozidos sem manteiga, bebemos vinho e observamos o uso de alimentos secos. Porque já o Concílio de Laodiceia se exprime assim a respeito da Quinta-Feira Santa: “Não convém romper o jejum na quinta-feira da última semana e desonrar, assim, a Quaresma inteira.” Eis o que se passa entre nós. Mas que é isso em comparação convosco, eminente padre — acrescentou o monge que havia retomado coragem —, porque o ano inteiro, mesmo na Páscoa, vós só vos nutris de pão e água? O pão que consumimos em dois basta-vos para a semana inteira. Vossa abstinência é verdadeiramente maravilhosa.

— E os cogumelos? — perguntou de súbito o padre Fierapont.

— Os cogumelos? — repetiu o monge com espanto.

— Justamente. Passo sem o pão deles, não tenho nenhuma necessidade dele, mesmo na floresta; nutro-me de cogumelos ou de bagas, eles não podem passar sem pão, estão pois ligados ao demônio. Agora, pretendem os pagãos que é inútil jejuar tanto. Tal é o raciocínio deles, arrogante e ímpio.

— Ai, sim! — suspirou o monge.

— Viste os diabos em casa deles? — perguntou o padre Fierapont.

— Em casa de quem? — informou-se timidamente o monge.

— No ano passado, fui à casa do padre abade, em Pentecostes. Depois não voltei mais lá. Vi um diabo escondido no peito de um monge, sob a batina, aparecendo somente os chifres; um segundo tinha um no bolso, espiando, de olhos vivos. Eu lhe causava medo; um terceiro dava asilo a um diabinho em suas entranhas impuras, enfim outro carregava um, suspenso a seu pescoço, agarrado, sem o ver.

— Vós... vîeis? — perguntou o monge.

— Digo-te que vejo, vejo através. Ao deixar o padre abade, avistei um diabo que se escondia de mim atrás da porta, era de bela estatura, um *archin* e meio ou mais, a cauda espessa, fulva, comprida; a ponta ficou presa na fenda, não hesitei e fechei violentamente a porta, apertando o rabo dele. O meu diabo pôs-se a gemer e debater-se. Fiz sobre ele três vezes o sinal da cruz. Arrebentou ali mesmo como uma aranha esmagada. Deve ter apodrecido num canto; fede, mas eles não o veem nem o sentem. Há um ano que não vou mais lá. A ti somente, como estranho, revelo isso.

— Vossas palavras são terríveis! Dizei-me, eminente e bem-aventurado padre, é verdade o que relatam de vós nas terras mais longínquas, que estaríeis em relação permanente com o Espírito Santo?

— Ele desce por vezes sobre mim.

— Sob que forma?

— A forma dum pássaro.

— O Espírito Santo sob a forma de uma pomba?

— Isso é o Espírito Santo, sim, mas falo do Santo Espírito, que é diferente. Pode descer sob a forma dum outro pássaro, uma andorinha ou um pintassilgo, por vezes um melharuco.

— Como podeis reconhecê-lo?

— Ele fala.

— Como fala ele, em que língua?

— Na língua humana.

— E que vos diz?

— Hoje, anunciou-me a visita de um imbecil que me faria perguntas ociosas. Monge, és bem curioso.

— Vossas palavras são temíveis, bem-aventurado e venerando padre.

— O monge abanava a cabeça, mas a desconfiança aparecia em seus olhos medrosos.

— Vês aquela árvore? — perguntou, após uma pausa, o padre Fierapont.

— Vejo-a, bem-aventurado padre.

— Para ti, é um olmo; mas para mim, outro quadro.

— Qual? — E o monge esperou ansiosamente.

— Vês aqueles dois ramos? De noite, por vezes, são os braços do Cristo que se estendem para mim e me procuram, vejo-o claramente e estremeço. Oh, é terrível!

— Por que terrível, se é o próprio Cristo?

— Ele me agarrará e me levará.

— Vivo?

— Não sabes então nada da glória de Elias? Ele vos agarra e vos leva.

Depois dessa conversa, o monge de Obdorsk regressou à cela que lhe haviam designado; estava bastante perplexo, mas seu coração o inclinava mais para o padre Fierapont que para o padre Zósima. Nosso monge estimava mais que tudo o jejum e não lhe causava surpresa que um grande jejuador como o padre Fierapont visse maravilhas. Suas palavras tinham ar de absurdas, evidentemente, mas Deus sabia o que elas significavam e muitas vezes os inocentes, por amor do Cristo, falam e agem duma maneira ainda mais estranha. Sentia prazer em crer sinceramente no diabo e em seu rabo preso, não somente no sentido alegórico, mas literal. Além do mais, desde antes de sua chegada ao mosteiro, tivera grande prevenção contra o “starietismo”, que considerava, segundo muitos outros, como uma inovação nociva. Durante o dia passado no mosteiro, pudera notar o murmúrio secreto de certos grupos frívolos, opostos àquela instituição. Além disso, era uma natureza insinuante e sutil, testemunhando por tudo grande curiosidade. Assim, a notícia do novo “milagre” realizado pelo *stáriets* Zósima mergulhou-o numa profunda perplexidade. Mais tarde, Aliócha lembrou-se, entre os religiosos que se comprimiam em torno do

stáriets e de sua cela, da frequente aparição daquele hóspede curioso que se intrometia em toda parte, de ouvidos atentos e interrogando todo mundo. Não lhe deu atenção então... Tinha outra grande coisa na cabeça: o *stáriets*, que voltara a deitar-se, sentindo lassitude, lembrou-se dele ao despertar e reclamou sua presença. Aliócha acorreu. Em redor do moribundo não havia então senão o padre Paísi, o padre Ióssif e o noviço Porfiri. O velho, fixando Aliócha com seus olhos fatigados, perguntou-lhe:

— Será que os teus te esperam, meu filho?

Aliócha ficou embaraçado.

— Não têm eles necessidade de ti? Prometeste a alguém ir vê-lo hoje?

— Prometi a meu pai... a meus irmãos... a outras pessoas também...

— Está vendo? Vi imediatamente e não te aflijas. Fica sabendo, não morrerei sem ter pronunciado diante de ti minhas supremas palavras aqui na Terra. É a ti que as legarei, meu caro filho, porque sei que me amas. E agora vá cumprir tua promessa.

Aliócha submeteu-se logo, se bem que lhe custasse afastar-se. Mas a promessa de ouvir as derradeiras palavras de seu mestre, como um legado pessoal, arrebatava-o de alegria. Apressava-se, a fim de poder voltar mais depressa, depois de ter terminado tudo. Justamente, o padre Paísi lhe dirigiu, antes de sua partida, palavras que o impressionaram profundamente. Foi depois de haverem deixado a cela.

— Lembra-te sempre, rapaz — começou o padre, sem preâmbulos —, de que a ciência do mundo, tendo-se desenvolvido neste século sobretudo, dissecou nossos livros santos e, após uma análise impiedosa, nada deixou subsistir. Mas dissecando as partes, perderam de vista o conjunto, e sua cegueira é de causar espanto. O conjunto se ergue diante dos olhos deles, tão inabalável quanto antes, e o inferno não prevalecerá contra ele. Será que o Evangelho não tem 19 séculos de existência, não vive ainda agora nas almas dos indivíduos e nos movimentos das massas populares? Subsiste mesmo, sempre inabalável, nas almas dos ateus destruidores de toda crença! Porque os que renegaram o cristianismo e se revoltam contra ele, esses mesmos permaneceram no íntimo à imagem do Cristo, porque nem sua sabedoria nem sua paixão puderam criar outro modelo para o homem superior ao indicado outrora pelo Cristo. As tentativas nesse sentido não passaram de monstruosidades. Lembra-te disso sobretudo, rapaz, pois teu *stáriets* moribundo te envia para o mundo. Talvez

lembrando-te desse grande dia, não esqueças minhas palavras, dirigidas para teu bem, porque és jovem, as tentações do mundo são grandes e não tens força para suportá-las. E agora vai, pobre órfão.

Ao terminar, o padre Paísi deu-lhe sua bênção. Refletindo nessas palavras imprevistas, compreendeu Aliócha que encontrara novo amigo e um guia cheio de amor naquele monge até então rigoroso e rude para com ele, como se o *stáriets* Zósima lhe houvesse legado isso ao morrer. “Talvez se hajam entendido entre si”, pensou Aliócha. A dissertação que acabara de ouvir atestava somente o zelo do padre Paísi: apressava-se em armar aquele jovem espírito para a luta contra as tentações e em preservar aquela jovem alma que lhe legavam, elevando em torno dela o baluarte mais sólido que pôde imaginar.

II

ALIÓCHA EM CASA DE SEU PAI

Aliócha começou por ir em primeiro lugar à casa de seu pai. Ao aproximar-se, lembrou-se da recomendação feita na véspera, de entrar sem que Ivan ficasse sabendo. “Por quê? — perguntou a si mesmo. — Se meu pai quer fazer-me uma confidência, é essa uma razão para entrar furtivamente? Queria, sem dúvida, em sua emoção, dizer-me outra coisa ontem e não pôde”, decidiu ele. No entanto, sentiu-se satisfeito ao saber de Marfa Ignátievna, que lhe abriu a porta do jardim (Grigóri estava deitado, doente), que Ivan saíra havia duas horas.

— E meu pai?

— Levantou-se, está tomando o café — respondeu a velha.

Aliócha entrou. O velho, sentado à mesa, de chinelos e com um casaco bastante surrado, examinava contas para se distrair, sem grande interesse de resto. Encontrava-se sozinho na casa, tendo Smierdiákov saído para comprar provisões. Sua atenção estava alhures. Se bem que se tivesse levantado bem cedo e bancado de corajoso, parecia fatigado, fraco. A testa, onde, durante a noite, se haviam formado equimoses, estava enrolada num lenço de seda vermelha. O nariz, muito inchado, dava ao

rosto uma expressão particularmente má, irritada. O velho da va-se conta disso e acolheu Aliócha com um olhar pouco amigável.

— O café está frio — disse ele num tom seco —, não te ofereço. Hoje, meu caro, tenho apenas uma magra sopa de peixe e não convido ninguém. Por que vieste?

— Vim saber notícias suas — declarou Aliócha.

— Sim. Aliás, tinha-te pedido ontem que viesses. Tolices tudo isso. Tu te incomodaste em vão. Sabia bem que haverias de vir...

Suas palavras refletiam o sentimento mais hostil. Entretanto, havia-se levantado e examinava ansiosamente seu nariz no espelho (pela quadragésima vez, talvez, desde a manhã). Arranjou com extremo cuidado seu lenço vermelho na testa.

— O vermelho assenta melhor, o branco lembra imediatamente hospital — observou ele, num tom sentencioso. — Pois bem! Que há de novo? Como vai teu *stáriets*?

— Está muito mal, morrerá talvez hoje — disse Aliócha; mas o pai não lhe prestou atenção.

— Ivan saiu — disse ele, de repente. — Esforça-se por furtar a noiva de Mítia. Por isso é que permanece aqui — acrescentou com raiva, a boca contraída, olhando Aliócha.

— Ele mesmo lhe disse isso?

— Desde muito tempo, há já três semanas. Não foi para assassinar-me às ocultas que ele veio; tem, pois, um fito.

— Como! Por que diz isso? — perguntou Aliócha, com angústia.

— Não pede dinheiro, é verdade, aliás, não terá nada. Eu, meu caríssimo Alieksiêi Fiódorovitch, tenho a intenção de viver o máximo de tempo possível, toma nota disso; assim, tenho necessidade de todo o meu dinheiro, e, quanto mais avançar em idade, mais precisarei — continuou Fiódor Pávlovitch, com as mãos nos bolsos do casaco manchado de corante amarelo. — Agora, aos 55 anos, conservei minha força viril, e conto bem que isso durará ainda vinte anos; ora, envelhecerei, tornar-me-ei repulsivo, as mulheres não virão mais de boa vontade; então, precisarei de dinheiro. Eis por que, agora, amealho o máximo possível, para mim só, meu caro filho Alieksiêi Fiódorovitch, fica sabendo bem, porque quero viver até o fim na libertinagem. É a existência mais agradável; todo mundo deblatera contra ela e todo mundo nela vive, mas às ocultas, e eu,

em pleno dia. É por causa de minha franqueza que todos os canalhas me caíram em cima. Quanto a teu paraíso, Alieksiêi Fiódorovitch, fica sabendo que não o quero, é até mesmo inconveniente para um homem às direitas, se é que existe. A gente dorme para não mais despertar, eis minha ideia. Manda rezar uma missa por mim, se quiseses, senão, que o diabo vos leve! Eis minha filosofia. Ontem, Ivan falou bem a este respeito; no entanto, estávamos bêbedos. É um falador desprovido de erudição... não tem instrução, cala-se e ri da gente em silêncio, eis todo o seu talento.

Aliócha escutava sem dizer palavra.

— Por que não me fala ele? E quando fala, faz-se malicioso; é um miserável o teu Ivan! Casarei imediatamente com Grúchenhka, se quiser. Porque com dinheiro basta querer. Alieksiêi Fiódorovitch, tem-se tudo. É disto que Ivan tem medo; vigia-me para impedir meu casamento e com esse fito impele Mítia a fazer dela sua esposa; dessa maneira, entende preservar-me de Gruchka (na esperança de herdar, se não me casar com ela!); por outra parte, de Mítia se casar com ela, toma-lhe Ivan sua rica noiva, eis seu cálculo! É um miserável o teu Ivan!

— Como está o senhor irascível! É o resultado de ontem; o senhor deveria deitar-se — disse Aliócha.

— Tuas palavras não me irritam — observou o velho —, ao passo que vindas de Ivan me zangariam; somente contigo tenho tido bons momentos, porque sou mau.

— O senhor não é mau, o senhor tem é o espírito corrompido — sorriu Aliócha.

— Pois seja; eu queria mandar prender aquele bandido do Mítia e agora não sei que partido tomar. Sem dúvida, em nosso tempo, passa por preconceito respeitar pai e mãe; entretanto, as leis não permitem ainda arrastar um pai pelos cabelos, bater-lhe no rosto com golpes de botas, na própria casa e ameaçá-lo, diante de testemunhas, de vir liquidá-lo. Se eu quisesse, domá-lo-ia e poderia mandá-lo prender por causa da cena de ontem.

— Então, não quer dar queixa?

— Ivan dissuadiu-me disso. Zombo de Ivan, mas há uma coisa...

Inclinou-se para Aliócha e continuou num tom confidencial:

— Se mandar prender o canalha, ela ficará sabendo e correrá para ele. Mas se souber que ele quase me mata, a mim, débil velho, abandoná-lo-á

talvez e virá ver-me... Tal é seu caráter, só age contraditoriamente. Conheço-o a fundo! Não queres conhaque? Toma café frio, servir-te-ei um quarto de cálice, isso dá bom gosto.

— Não, obrigado. Levarei este pão, se o permitir — disse Aliócha, pegando um pãozinho francês de três copeques, que meteu no bolso da batina. — O senhor não deveria beber mais conhaque — aconselhou, timidamente, lançando uma olhadela furtiva para o velho.

— Tens razão, isso irrita. Mas só um copinho...

Abriu o armário, serviu-se um copinho, tornou a fechar o armário e a pôr a chave no bolso.

— Isto basta, não arrebentarei por causa dum copinho...

— Ei-lo melhor!

— Hum! Gosto de ti, mesmo sem conhaque e sou um canalha para os canalhas! Ivan não parte para Tchermachniá porque tem intenção de espionar-me. Quer saber quanto darei a Grúchenhka, se ela vier. Todos uns miseráveis! Aliás, renego Ivan, não o compreendo. Onde vem ele? Sua alma não é como a nossa. Conta com minha herança. Mas não deixarei testamento, fica sabendo. Quanto a Mítia, eu o esmagarei como a uma barata; faço-as arrebentar à noite sob meu chinelo; teu Mítia arrebentará da mesma maneira. Digo “teu” Mítia porque o amas, mas isso não me dá medo. Se fosse Ivan que o amasse, temeria por mim mesmo. Mas Ivan não ama ninguém, não é dos nossos; as pessoas como ele, meu caro, não são semelhantes a nós, são poeira... Se o vento sopra, essa poeira se levanta... Foi uma fantasia que se apoderou de mim ontem, quando te disse que viesses hoje; queria informar-me por meio de ti a respeito de Mítia; será que, em troca de mil ou dois mil rublos, aquele tratante, aquele bandido, consentiria em ir-se daqui por cinco anos, ou melhor, por 35 anos, e em renunciar a Grúchenhka? Hem?

— Eu... eu lhe perguntarei — murmurou Aliócha. — Por três mil rublos, talvez ele...

— Não, senhor! Não é preciso perguntar nada agora! Mudei de ideia. Foi um capricho que me deu ontem. Não darei nada, nem um níquel, eu mesmo tenho necessidade de meu dinheiro. (O velho teve um gesto expressivo.) De qualquer maneira, esmagá-lo-ei como a uma barata. Não lhe digas nada, senão vai imaginar coisas. Mas tu mesmo nada tens a fazer em minha casa, vá. E sua noiva, Katierina Ivânovna, que sempre ocultou

de mim tão cuidadosamente, casar-se-á com ela ou não? Estavas ontem em casa dela, certo?

— Ela não quer abandoná-lo por preço nenhum.

— Eis os indivíduos a quem essas ternas senhoritas amam: farristas, malandros! Não valem nada essas pálidas criaturas. Que ideia! Pois bem, se tivesse a juventude dele e meu corpo de então (porque aos 28 anos era melhor do que ele), lograria o mesmo êxito. Canalha, sim!... Mas não terá Grúchenhka, não a terá... Eu o esmagarei...

Tornou-se de novo colérico ao proferir as últimas palavras.

— Vá também, nada tens a fazer em minha casa hoje — disse, secamente.

Aliócha aproximou-se dele para despedir-se e beijou-o no ombro.

— Por quê? — espantou-se o velho. — Nós nos tornaremos a ver, ou pensas que é a derradeira vez?

— Absolutamente, foi por acaso...

— Eu também... digo isso por dizer... — declarou o velho, fitando-o. — Escuta, escuta — gritou ele às costas de Aliócha —, volta em breve, haverá uma sopa de peixe famosa, não como hoje. Vem amanhã, ouviste?

Assim que Aliócha saiu, voltou o velho ao armário e tomou meio copo.

— Basta — murmurou ele, resfolegando. Tornou a fechar o armário, repôs a chave no bolso; depois, já sem forças, foi estender-se sobre o leito onde adormeceu imediatamente.

III

O ENCONTRO COM OS COLEGIAIS

“Felizmente meu pai me fez perguntas a respeito de Grúchenhka”, dizia a si mesmo Aliócha, dirigindo-se para a casa da senhora Khokhlakova. “Teria sido preciso contar-lhe o encontro de ontem com ela.” Pensava com pesar que, durante a noite, os adversários haviam retomado forças, que seus corações estavam de novo endurecidos. “Meu pai está irritado e cheio de maldade, continua ancorado em sua ideia. Dimítri também se refirmou e deve ter um plano... É absolutamente preciso que o encontre hoje...”

Mas as reflexões de Aliócha foram interrompidas por um incidente que o impressionou, malgrado a pouca importância. Ao aproximar-se da rua de São Miguel, paralela à rua Grande, da qual só estava separada por um riacho (nossa cidade é cortada por ele), avistou lá embaixo, diante do passadiço, um pequeno grupo de colegiais, meninos de nove a 12 anos no máximo. Voltavam para suas casas após as aulas, carregando as sacolas a tiracolo ou amarradas nas costas por meio de correias; uns tinham apenas uma jaqueta, outros, sobretudos; alguns calçavam botas dessas pregueadas, com as quais gostam de exibir-se os meninos mimados por pais abastados. O grupo discutia com animação, parecia manter conselho. Aliócha interessava-se sempre pelas crianças que encontrava (era o caso em Moscou) e, muito embora preferisse os bebês de três anos, os escolares de dez e de 11 lhe agradavam muito. Assim, malgrado sua preocupação, quis abordá-los, entrar em conversa com eles. Ao aproximar-se, observava-lhe os rostos vermelhos e notou que todos os meninos tinham uma pedra na mão, até mesmo duas. Do outro lado do riacho, a cerca de trinta passos, mantinha-se, encostado a uma paliçada, um escolar, com a sacola sobre o quadril, parecendo ter no máximo uns dez anos, pálido, de ar doentio, com olhos negros que cintilavam. Esquadrinhava com o olhar os seis colegiais, seus camaradas, com os quais parecia estar brigado. Aliócha avançou e, dirigindo-se a um menino de cabelos cacheados, louro, corado, de jaqueta preta, observou, olhando-o:

— Quando eu tinha tua idade, carregava-se a sacola do lado esquerdo, a fim de alcançá-la com a mão direita; mas a tua está do lado direito, não deve ser cômodo.

Sem nenhuma premeditação, começara Aliócha com essa observação prática; um adulto não pode proceder de outra forma, se quer ganhar a confiança de uma criança e sobretudo dum grupo de crianças. Era preciso começar seriamente, praticamente, para ficar em pé de igualdade. Instintivamente, dava-se Aliócha conta disso.

— Ele é canhoto — respondeu logo outro menino de 11 anos, de ar resoluto.

Os cinco outros fitavam Aliócha.

— Ele atira pedras com a mão esquerda — notou um terceiro.

No mesmo instante, foi lançada uma pedra contra o grupo, roçando o canhoto, mas foi perder-se adiante, embora atirada com habilidade e vigor. Fora lançada pelo menino colocado do outro lado do riacho.

— Duro com ele, acerta bem, Smúrov! — gritaram todos. O canhoto não se fez de rogado e retribuiu imediatamente; não teve êxito e sua pedra bateu no chão. O adversário ripostou com um seixo que atingiu Aliócha bastante rudemente no ombro. Via-se a trinta passos que aquele garoto tinha os bolsos do sobretudo cheios de pedras.

— Foi no senhor, no senhor; fez pontaria de propósito no senhor. Porque o senhor é um Karamázov! — exclamaram os meninos, desatando a rir. — Vamos, todos ao mesmo tempo, contra ele, fogo!

Seis pedras voaram juntas. Atingido na cabeça, o garoto caiu, mas para se levantar logo e responder com encarniçamento. Dos dois lados houve um bombardeio ininterrupto; muitos, no grupo, tinham também os bolsos cheios de projetis.

— Mas o que é isso? Não têm vergonha, meus amigos? Seis contra um! Vão matá-lo! — exclamou Aliócha.

Correu para a frente, a fim de se expor aos projetis, protegendo assim o garoto do outro lado do riacho. Três ou quatro pararam por um minuto.

— Foi ele quem começou! — gritou com voz irritada um menino de blusa vermelha; é um bandido; ainda há pouco feriu, na aula, Krasótkin⁴¹ com um canivete, correu sangue, Krasótkin não quis fazer queixa; é preciso dar uma surra nele...

— Mas por quê? Precisam mesmo persegui-lo?

— Ele atirou outra pedra nas costas do senhor. Ele o conhece — gritaram os meninos. — É contra o senhor que está fazendo pontaria agora. Vamos, todos de novo contra ele, não deixe de acertar, Smúrov!... O bombardeio recomeçou, desta vez implacável. O garoto, sozinho, recebeu uma pedrada no peito; lançou um grito, pôs-se a chorar, fugiu pela subida para a rua de São Miguel. No grupo vociferava-se: “Ah! Ele teve medo, fugiu, aquele “esfregão de tília!”

— O senhor ainda não sabe, Karamázov, como ele é ruim; seria pouco matá-lo — repetiu o menino de jaqueta, de olhos ardentes, e que parecia ser o mais velho.

— É um linguarudo? — perguntou Aliócha.

Os meninos trocaram olhares com ar zombeteiro.

— O senhor vai pela rua de São Miguel? — continuou o mesmo. — Então, alcance-o... Veja, parou de novo; espera e olha para o senhor.

— Olha para o senhor, olha para o senhor! — repetiram os meninos.

— Pergunte-lhe então se ele gosta de um esfregão de tília desmanchado. Entendeu? Pergunte assim.

Houve então uma explosão geral de gargalhadas. Aliócha e os meninos cruzavam olhares.

— Não vá lá, ele o ferirá — gritou, solícito, Smúrov.

— Meus amigos, não farei a ele a pergunta a respeito do esfregão de tília, porque é com isso que vocês o maltratam, mas me informarei com ele do motivo pelo qual vocês o odeiam tanto...

— Informe-se, informe-se — gritaram os meninos, rindo-se.

Aliócha transpôs o passadiço e subiu a ladeira ao longo da paliçada, diretamente para o lado de seu agressor.

— Atenção — gritaram-lhe —, ele não tem medo do senhor e vai atingi-lo à traição, como fez com Krasótkin.

O menino esperava-o imóvel. Chegando bem perto, encontrou-se Aliócha diante de um menino de nove anos, fraco, raquítico, de rosto oval, pálido, magro, com grandes olhos escuros que o olhavam cheios de ódio. Vestia um velho sobretudo bastante gasto e muito curto. Seus braços nus saíam das mangas. Havia um grande remendo no joelho direito da calça e, dissimulado com tinta, um buraco no sapato do pé direito, no lugar do dedo grande. Os bolsos do sobretudo estavam cheios de pedras. Aliócha parou a dois passos, olhando-o com ar interrogador. O garoto, adivinhando pelos olhos de Aliócha que não tinha esta intenção de bater-lhe, retomou a coragem e falou em primeiro lugar:

— Eu estava sozinho contra seis... Hei de matá-los todos — disse ele, com olhar faiscante.

— Uma pedrada deve ter-lhe feito bastante mal — observou Aliócha.

— Mas eu acertei bem na cabeça de Smúrov! — replicou ele.

— Disseram-me que você me conhecia e atirou-me pedras de propósito — disse Aliócha.

O menino olhava-o com um olhar sombrio.

— Não o conheço. Você me conhece? — continuou Aliócha.

— Deixe-me em paz! — gritou, de súbito, o menino com voz irritada, mas sem sair de seu lugar, como na expectativa de alguma coisa, o olhar hostil.

— Está bem, vou-me embora — disse Aliócha —, mas não o conheço e não quero importuná-lo. No entanto, seus colegas me disseram como

deveria eu fazer. Adeus.

— Seu fradeco! — gritou o garoto, acompanhando Aliócha com o mesmo olhar cheio de ódio e provocante; pôs-se na defensiva, acreditando que Aliócha iria lançar-se contra ele, mas aquele voltou-se, olhou-o e seguiu seu caminho. Não havia dado três passos quando recebeu nas costas o mais grosso dos seixos que enchiam o bolso do sobretudo.

— Como? Por trás? É então verdade o que eles dizem, que você ataca como traidor?

Aliócha voltou-se; visado no rosto, teve tempo de prevenir-se e novo projétil atingiu-o no cotovelo.

— Não tem vergonha? Que lhe fiz eu!? — exclamou ele.

O garoto esperava, silencioso e agressivo, persuadido de que, daquela vez, Aliócha lhe cairia em cima; vendo que sua vítima não se movia, ficou furioso como uma pequena fera e avançou. Antes que Aliócha tivesse podido fazer um movimento, o diabrete agarrou-lhe a mão esquerda e mordeu-lhe cruelmente um dedo. Aliócha soltou um grito de dor, esforçando-se por livrar-se. O garoto largou-o por fim, recuando para a distância anterior. A mordidela, perto da unha, era profunda; o sangue corria. Aliócha tirou o lenço, enrolando com ele apertadamente a mão ferida. Isso levou cerca de um minuto. Entretanto o menino esperava. Aliócha pousou sobre ele um olhar calmo.

— Está bem — disse ele —, veja como me mordeu profundamente. Isso basta, creio. Agora, diga-me, que lhe fiz eu?

O menino fitou-o, surpreso.

— Não o conheço absolutamente e vejo-o pela primeira vez — prosseguiu Aliócha, com a mesma calma —, mas devo ter-lhe feito alguma coisa, do contrário não me teria você agredido por coisa nenhuma. Vamos, diga-me que lhe fiz eu e que culpa cometi para com você?

Como resposta, o menino pôs-se a soluçar e fugiu. Aliócha seguiu-o lentamente pela rua de São Miguel e avistou-o ainda por muito tempo, correndo e chorando, sem se voltar. Prometeu a si mesmo, desde que tivesse tempo, tornar a encontrá-lo, para esclarecer aquele enigma.

Não demorou a chegar à residência da senhora Khokhlakova, cuja casa de pedra, de um andar, era uma das mais belas de nossa cidade. Se bem que vivesse ela a maior parte do tempo numa propriedade situada em outra província, e em sua casa de Moscou, possuía uma em nossa cidade, que lhe vinha da família. De resto, a maior de suas três propriedades encontrava-se em nosso distrito, mas só raramente havia ela vindo à nossa província. Acorreu ao encontro de Aliócha no vestíbulo.

— Recebeu minha carta a propósito do novo milagre? — perguntou ela, nervosamente.

— Sim, recebia-a.

— Fê-la circular, mostrou-a a todos? Ele restituiu um filho à mãe!

— Morrerá hoje — disse Aliócha.

— Sei. Oh! Como gostaria de falar de tudo isso, com você ou com outro! Não, com você, com você! E dizer que não posso vê-lo! É pena. Toda a cidade está emocionada, todos estão na expectativa. A propósito... sabe que Katierina Ivânovna acha-se neste momento em nossa casa?

— Ah, que feliz encontro! — exclamou Aliócha. — Ontem recomendou-me que viesse vê-la sem falta.

— Sei, sei. Contaram-me, pormenorizadamente, o que se passou ontem... aquela cena horrível com aquela... criatura. *C'est tragique!* No lugar dela, não sei o que teria feito. E seu irmão, Dimítri Fiódorovitch, que homem, meu Deus! Alieksiêi Fiódorovitch, estou-me atrapalhando; imagine que seu irmão está aqui, isto é, não aquele terrível personagem, mas o outro, Ivan Fiódorovitch. Está tendo uma conversa solene com Katierina Ivânovna... Se você soubesse o que se passa entre eles, é terrível, é dilacerante, é um conto inverossímil; atormentam-se com prazer, eles mesmos o sabem e disso extraem um gozo acre. Eu o esperava, tinha sede de você! Sobretudo, não posso suportar isso. Vou contar-lhe tudo, mas há outra coisa, essencial. Ah! Tinha esquecido que era o essencial. Diga-me, por que Lisa está com uma crise nervosa? Ficou assim logo que foi informada de sua chegada.

— Mamãe, é a senhora quem está agora numa crise, e não eu — gorjeou de repente a voz de Lisa, que vinha do quarto vizinho, através da porta entreaberta. A abertura era exígua, e a voz aguda, tal qual como quando se tem uma violenta vontade de rir e se faz esforço para reprimi-la.

Aliócha notara aquela fenda, por onde Lisa devia examiná-lo de sua cadeira, sem que ele pudesse dar-se conta disso.

— Pode bem dar-se, Lisa, que esteja eu com uma crise, diante de teus caprichos, e, no entanto, Alieksiêi Fiódorovitch, esteve ela bastante doente a noite inteira: febre, gemidos! Com que impaciência esperei o raiar do dia e a chegada do doutor Herzenstube! Diz ele que não compreende nada, que é preciso esperar. Quando vem, diz sempre. Assim que o senhor entrou, lançou ela deu um grito e quis ser transportada para seu antigo quarto...

— Mamãe, eu não sabia absolutamente que ele vinha; não foi para evitá-lo que quis passar para meu quarto.

— Não é verdade, Lisa, Iúlia tocaia a chegada de Alieksiêi Fiódorovitch e correu a anunciar-te a chegada dele.

— Querida mamãezinha, não está direito isso, de sua parte; se quer dizer algo de mais espirituoso, diga a nosso caro visitante, Alieksiêi Fiódorovitch, que demonstrou ele sua falta de espírito, somente com decidir vir à nossa casa, depois do dia de ontem, e apesar de toda a gente zombar dele.

— Lisa, vais longe demais, e asseguro-te que recorrerei a medidas rigorosas. Ninguém zomba dele, estou tão contente por ter ele vindo! É-me necessário, indispensável. Oh! Alieksiêi Fiódorovitch, quanto sou infeliz!

— Que tem então a senhora, mamãezinha?

— O que me mata, Lisa, são teus caprichos, tua inconstância, tua doença, essa terrível noite de febre, aquele horrendo, aquele eterno Herzenstube, enfim, tudo, tudo... E depois esse milagre! Oh, como ele me impressionou, me transtornou, querido Alieksiêi Fiódorovitch! E aquela tragédia no salão, que não posso suportar, afirmo-lhe, é impossível. Uma comédia, talvez, e não uma tragédia. Diga-me, o *stáriets* Zósima viverá até amanhã? Oh, meu Deus! Que é que me acontece? Fecho os olhos a cada instante e digo a mim mesma que tudo é absurdo, absurdo.

— Ficar-lhe-ia muito grato — interrompeu-a de repente Aliócha — se me desse um pedacinho de pano para pensar meu dedo: feri-me e está-me doendo muito.

Aliócha descobriu seu dedo mordido, o lenço cheio de sangue. A senhora Khokhlakova lançou um grito, fechou os olhos.

— Meu Deus! Que ferimento, é horrível!

Assim que Lisa viu o dedo de Aliócha através da fenda, escancarou a porta.

— Venha, venha ter comigo — disse ela, com uma voz imperiosa —, agora, chega de tolices! Oh! Deus! Por que ficou tanto tempo sem nada dizer? Teria ele podido perder todo o seu sangue, mamãe! Onde e como lhe aconteceu isso? Antes de tudo água, água! É preciso lavar a ferida, mergulhar o dedo na água fria para fazer cessar a dor e conservá-lo ali muito tempo... Depressa, água, mamãe, numa tigela! Mais depressa, vamos — disse ela, com um movimento nervoso. Estava bastante amedrontada; a ferida de Aliócha consternava-a.

— Não será preciso ir chamar Herzenstube!? — exclamou a mãe.

— Mamãe, a senhora me mata. Seu doutor virá para dizer que não compreende nada! Água, água, mamãe, pelo amor de Deus! Vá a senhora mesma estimular Iúlia que se retardou não sei onde; nunca pode chegar a tempo! Mais depressa, mamãe, ou eu morro... morro...

— Mas é uma coisa de nada! — exclamou Aliócha, espantado com aquele terror.

Iúlia correu com a água. Aliócha mergulhou nela o dedo.

— Mamãe, suplico-lhe, traga um pouco de gaze e daquela água turva para cortes, como é que se chama? Temos dela, temos dela... mamãe, a senhora sabe onde está o frasco, em seu quarto de dormir, no armário à direita; há um grande frasco e esparadrapo.

— Imediatamente, Lisa, mas não grites, não te enerves. Tu vês com que coragem Alieksiêi Fiódorovitch suporta sua dor. Onde se feriu o senhor assim, Alieksiêi Fiódorovitch?

Ela saiu imediatamente. Lisa só esperava por isso.

— Antes de tudo, responda à minha pergunta — disse ela rapidamente. — Onde pôde ferir-se assim? Depois falaremos de outra coisa. Vamos!

Adivinhando que o tempo se tornava precioso, Aliócha fez-lhe uma narrativa exata, se bem que resumida, de seu estranho encontro com os colegas. Depois de havê-lo escutado, Lisa juntou as mãos.

— Como pode você, e ainda mais com esse hábito, andar às voltas com garotos!? — exclamou ela, encolerizada, como se tivesse direitos sobre ele. — Mas, afinal, não passa você mesmo de um garoto, o menor dentre eles. No entanto, não deixe de informar-se a respeito desse diabrete e conte-me tudo; deve haver nisso um segredo. Outra coisa agora. Poderia

você, malgrado sua dor, falar discretamente a respeito de bagatelas, Alieksiêi Fiódorovitch?

— Mas, sim, aliás não me está doendo mais tanto.

— É porque seu dedo está dentro d'água. É preciso mudá-la imediatamente, ela esquentará. Iúlia, vá procurar um pedaço de gelo na adega e nova tigela com água. Já se foi ela, abordo o assunto. Meu querido Alieksiêi Fiódorovitch, queira entregar-me imediatamente minha carta, mamãe pode voltar dum minuto para outro, e eu não quero...

— Não a tenho comigo.

— Não é verdade, tem sim, estava certa de que você me daria essa resposta. Lamentei tanto a noite inteira aquela estúpida pilhéria! Entregue-me minha carta agora mesmo. Entregue-me!

— Deixei-a em casa!

— Você não pode tomar-me por uma meninota; depois da tola pilhéria de minha carta. Peço-lhe perdão! Mas traga-me; se verdadeiramente não está com você, traga-a hoje sem falta.

— Hoje é impossível, porque volto para o mosteiro e não tornarei a vê-la por dois dias, três ou quatro talvez, porque o *stáriets* Zósima...

— Quatro dias, que absurdo! Escute, riu muito de mim?

— Absolutamente.

— Por que então?

— Porque acreditei em você, absolutamente.

— Você me ofende!

— De modo algum. Pensei, imediatamente depois de ter lido, que isso se daria, porque desde que o *stáriets* tiver morrido, terei de deixar o mosteiro. Em seguida, acabarei meus estudos, farei meus exames e depois do prazo legal casar-nos-emos. Amá-la-ei bastante. Embora não tenha tido tempo de pensar nisso, refleti que não encontraria jamais uma mulher melhor que você, e o *stáriets* ordena que eu me case...

— Sou um monstro, fazem-me rodar numa cadeira! — objetou, rindo, Lisa, com as faces incendiadas.

— Eu mesmo a farei rodar, mas estou certo de que até lá estará você restabelecida.

— Mas você está louco! — proferiu Lisa, nervosamente. — Tirar tal conclusão duma simples brincadeira!... Aí vem mamãe, talvez muito a

propósito. Mamãe, como se pode demorar tanto tempo?! E eis Iúlia que traz o gelo.

— Ah! Minha Lisa, não grites, não grites principalmente. Tenho a cabeça arreventada... é culpa minha que hajas posto o esparadrapo noutro lugar?... Procurei, procurei... Suponho que o fizeste de propósito.

— Eu não podia adivinhar que ele chegaria com um dedo mordido, se soubesse tê-lo-ia feito de propósito. Minha querida mamãe, a senhora começa a dizer coisas muito espirituosas.

— Espirituosas? Pois seja. Mas quanta pena do dedo de Alieksiêi Fiódorovitch, Lisa, e de tudo isso! Oh! Meu caro Alieksiêi Fiódorovitch, não são os detalhes que me matam, nem um Herzenstube qualquer, mas tudo junto, tudo reunido, eis o que não posso suportar.

— Basta de tanto Herzenstube, mamãe — continuou Lisa, com um riso jovial —, dê-me mais depressa a gaze e a água. É muito simples, “água branca”, Alieksiêi, o nome me ocorre, um excelente remédio. Mamãe, imagine a senhora que ele brigou com garotos na rua e um deles lhe deu uma dentada; não é ele mesmo um garotinho e poderá ele casar-se, mamãe, depois dessa aventura? Porque, imagine a senhora, ele quer casar-se! Pode imaginá-lo casado? Não é de morrer de rir?

E Lisa ria, aquela sua risadinha nervosa, olhando maliciosamente para Aliócha.

— Mas como haveria ele de casar-se, Lisa, que coisa sem pé nem cabeça! É muito fora de propósito de tua parte... Aquele garoto poderia estar danado!

— Ah, mamãe, há crianças danadas?

— Por que não, Lisa? Nem que estivesse eu dizendo uma bobagem! Aquele garoto foi mordido por um cão danado, ele mesmo ficou danado, passa a morder alguém por sua vez. Como o curou bem ela, Alieksiêi Fiódorovitch! Eu não teria podido fazê-lo assim. Sente dor?

— Muito pouca.

— Não tem medo da água? — perguntou Lisa.

— Basta, Lisa, falei talvez demasiado apressadamente de raiva, a propósito daquele garoto, e tu concluis Deus sabe o quê. Katierina Ivânovna acaba de saber de sua chegada, Alieksiêi Fiódorovitch. Deseja ardentemente vê-lo.

— Ah! Mamãe, vá sozinha; ele não pode ainda, sofre demais.

— Não estou sofrendo absolutamente, posso muito bem ir — protestou Aliócha.

— Como? Vai-se embora? Ah, é assim?

— Pois bem, quando terminar, voltarei e poderemos tagarelar tanto quanto você queira. Tenho pressa de ver Katierina Ivânovna, porque desejo voltar o mais cedo possível para o mosteiro.

— Mamãe, leve-o bem depressa. Alieksiêi Fiódorovitch, não se dê ao trabalho de vir ter amigos depois de ter visto Katierina Ivânovna. Volte direto para seu mosteiro, é sua vocação! Eu estou com vontade de dormir, passei a noite em claro.

— Ah! Lisa, estás brincando, decerto, mas se dormisses deveras?

— Ficarei ainda uns três minutos, até mesmo cinco se você quiser — balbuciou Aliócha.

— Leve-o, pois, depressa, mamãe, é um monstro.

— Lisa, perdeste a cabeça. Vamos, Alieksiêi Fiódorovitch, está ela demasiado caprichosa hoje, tenho medo de enervá-la. Oh, que desgraça uma mulher nervosa, Alieksiêi Fiódorovitch! Mas talvez tenha ela realmente vontade de dormir. Como sua presença a inclinou depressa para o sono! Que coisa boa!

— Mamãe, como fala gentilmente a senhora! Dou-lhe um beijinho por isso.

— Eu também, Lisa. Escute, Alieksiêi Fiódorovitch — cochichou ela com um ar misterioso, importante, afastando-se com o rapaz —, não quero influenciá-lo nem erguer o véu; vá ver você mesmo o que se passa: é terrível. A comédia mais fantástica; ela ama seu irmão, Ivan Fiódorovitch e trata de persuadir-se de que está apaixonada por Dimíttri Fiódorovitch. É horrível! Acompanho-o, e, se quiserem, esperarei.

V

O TUMULTO NO SALÃO

A conversa no salão tinha terminado; Katierina Ivânovna, superexcitada, mostrava, no entanto, um ar resoluto. Quando Aliócha e a senhora

Khokhlakova entraram, Ivan Fiódorovitch levantava-se para partir. Estava um pouco pálido e seu irmão examinou-o com inquietação. Aliócha encontrava agora a solução para uma dúvida, para um enigma que o atormentava havia algum tempo. Por diversas vezes, desde um mês, tinham-lhe sugerido que seu irmão Ivan amava Katierina Ivânovna, e sobretudo que ele estava a “tomá-la” de Mítia. Até então parecera isso monstruoso a Aliócha, inquietando-o fortemente. Amava seus dois irmãos e aterrorizava-se com a rivalidade deles. Entretanto, Dimítri havia-lhe declarado na véspera que se sentia feliz por ter como rival seu irmão, que isso lhe prestava grande serviço. Em quê? Para se casar com Grúchenhka? Mas era essa resolução desesperada. Além disso, crera Aliócha firmemente, até a véspera à noite, no amor apaixonado e obstinado de Katierina Ivânovna por Dimítri, até a véspera à noite somente. Parecia-lhe também que ela não podia amar um homem como Ivan, mas que amava Dimítri tal como ele era, malgrado a estranheza de tal amor. Mas durante a cena com Grúchenhka, suas impressões tinham mudado. A palavra “dilacerante”, empregada havia pouco pela senhora Khokhlakova, perturbava-o, porque, na noite passada, semiacordado ao raiar do dia, pronunciara-a ele duas vezes, provavelmente, sob a impressão de seu sonho, a noite inteira revira aquela cena. Agora, a afirmação categórica da senhora Khokhlakova, de que a moça amava Ivan, que seu amor por Dimítri não passava de um logro, de um amor de empréstimo que ela se infligia por jogo, por “dilaceramento”, sob o império da gratidão, essa afirmação impressionava Aliócha: “Talvez seja verdade!” Mas então qual era a situação de Ivan? Aliócha adivinhava que um caráter como o de Katierina Ivânovna tinha necessidade de dominar; ora, aquele domínio não podia exercer-se senão sobre Dimítri e não sobre Ivan. Porque somente Dimítri (suponhamos que só por pouco tempo) poderia, enfim, submeter-se a ela “para sua felicidade” (isso teria desejado também Aliócha), mas Ivan não o poderia; aliás, essa submissão não o teria tornado feliz. Tal era a ideia que Aliócha fazia involuntariamente de Ivan. Era presa dessas hesitações e dessas reflexões ao entrar no salão. Outra ideia se impôs a ele de repente: “E se ela não amasse nem um nem outro?” Notemos que Aliócha tinha vergonha de tais pensamentos e censurava a si próprio, quando por vezes lhe sobrevinham, no derradeiro mês. “Que entendo eu do amor e das mulheres e como posso tirar tais conclusões?”, dizia a si mesmo, depois de cada conjectura. Entretanto a reflexão se impunha.

Adivinhava que aquela rivalidade era capital no destino de seus dois irmãos. “Os reptis devorar-se-ão um ao outro”, dissera ontem Ivan em sua irritação, a propósito de seu pai e de Dimíttri. Assim, era Dimíttri um reptil aos olhos dele, há muito tempo talvez. Não seria depois que ele próprio viera a conhecer Katierina Ivânovna? Aquelas palavras haviam, sem dúvida, escapado a Ivan involuntariamente, mas eram por isso mesmo mais graves. Naquelas condições que paz, que paz poderia haver? Não eram, pelo contrário, novos motivos de ódio e de inimizade na família deles? Sobretudo, a quem deveria ele, Aliócha, lamentar? E que desejar a cada um deles? Amava-os igualmente, mas que desejar aos dois, entre tão temíveis contradições? Era caso de perder-se naquele labirinto, e o coração de Aliócha não podia suportar a incerteza, porque seu amor tinha sempre um caráter ativo. Incapaz de amar passivamente, sua afeição traduzia-se em uma ajuda. Mas para isso era preciso ter um fito, saber claramente o que convinha a cada um e ajudá-los em consequência. Em lugar desse fito, só havia confusão e embrulhada. Tinha-se falado em “dilaceramento”. Mas que poderia ele compreender, até mesmo desse dilaceramento? Não compreendia a primeira palavra daquele enigma!

Vendo Aliócha, Katierina Ivânovna disse vivamente a Ivan Fiódorovitch, que se levantara para partir:

— Um instante! Quero ter a opinião de seu irmão, em quem tenho plena confiança. Katierina Óssipovna, fique também — continuou ela, dirigindo-se à senhora Khokhlakova. Esta se colocou ao lado de Ivan Fiódorovitch, e Aliócha, em frente, perto da moça.

— Eis, meus amigos, os únicos que tenho no mundo — começou ela com uma voz ardente em que tremiam lágrimas de sincera dor, e Aliócha sentiu-se de novo atraído para ela. — Você, Alieksiêi Fiódorovitch, assistiu ontem àquela cena horrível, viu-me. Ignoro o que pensava de mim, mas sei que, nas mesmas circunstâncias minhas palavras e meus gestos seriam idênticos. Deve lembrar-se de ter-me contido... (Ao dizer isso, corou e seus olhos cintilaram.) Declaro-lhe, Alieksiêi Fiódorovitch, que não sei que partido tomar. Ignoro se o amo agora, a ele. Causa-me compaixão, o que é uma ruim marca de amor. Se o amasse, se continuasse a amá-lo, não seria compaixão, mas ódio o que sentiria eu agora...

Sua voz tremia, lágrimas brilhavam em seus cílios, Aliócha estava comovido; aquela moça era leal, sincera, pensava ele, é... não ama mais Dimíttri.

— É isso! É isso mesmo! — exclamou a senhora Khokhlakova.

— Espere, cara Katierina Óssipovna. Não lhe disse o essencial, a decisão que tomei esta noite. Sinto que minha resolução é talvez terrível, para mim, mas pressinto que não a mudaria por preço nenhum. Meu caro conselheiro, bom e generoso, meu confidente, o único amigo que tenho no mundo, Ivan Fiódorovitch, aprova-me inteiramente e louva minha resolução...

— Sim, aprovo-a — disse Ivan, em voz baixa, mas firme.

Mas desejo que Aliócha — desculpe-me chamá-lo assim —, desejo que Alieksiêi Fiódorovitch me diga agora, diante de meus dois amigos, se tenho razão ou não. Adivinho que você, Aliócha, meu caro irmão (porque o é) — repetia ela com arrebatamento, agarrando-lhe a mão gelada com a sua ardente —, adivinho que sua decisão, sua aprovação me tranquilizarão, malgrado meus sofrimentos, porque após suas palavras acalmar-me-ei e resignar-me-ei, pressinto-o!

— Ignoro o que me vai pedir — disse Aliócha, corando. — Sei somente que a amo e que lhe desejo neste momento mais felicidade que a mim mesmo!... Mas nada entendo de tais negócios... — apressou-se ele em acrescentar sem saber por quê...

— O essencial, em tudo isso, é a honra e o dever, e algo de mais alto, que ultrapassa talvez o próprio dever. Meu coração me dita esse sentimento irresistível e me arrasta. Em suma, minha decisão está tomada. Mesmo se ele desposar aquela... criatura, a quem não poderei jamais perdoar, não o abandonarei, no entanto! Doravante, não o abandonarei jamais! — disse ela, presa de uma exaltação mórbida. — Bem entendido, não tenho a intenção de correr atrás dele, de impor-lhe minha presença, de importuná-lo, oh, não! Irei para outra cidade, não importa onde, mas não deixarei de interessar-me por ele. Quando se sentir infeliz com a outra — e isso não tardará —, que ele venha a mim, encontrará uma amiga, uma irmã... Uma irmã apenas, decerto, e isso para toda a vida, uma irmã amorosa, que lhe terá sacrificado sua existência. Conseguirei, à força de perseverança, fazer-me afinal apreciar por ele, ser sua confidente, sem que ele venha a corar por isso! — exclamou ela, como que enlouquecida. — Serei seu Deus, a quem dirigirá ele suas preces, é o menos que ele me deve por ter-me traído e por tudo quanto suportei ontem por causa dele. E ele verá que permanecerei eternamente fiel à palavra uma vez dada, malgrado suas infidelidades e sua traição. Serei apenas o meio, o instrumento de sua

felicidade, por toda a sua vida, por toda a sua vida! Eis minha decisão. Ivan Fiódorovitch aprova-me inteiramente.

Sufocava. Talvez tivesse querido exprimir seu pensamento com mais dignidade, naturalmente, mas o fez com demasiada precipitação e sem rebuços. Havia em suas palavras muita exuberância juvenil; refletiam elas a irritação da véspera, a necessidade de orgulhar-se; ela mesma dava-se conta disso. De súbito, seu rosto ensombreceu-se, seu olhar tornou-se mau. Aliócha percebeu-o e a compaixão despertou nele. Seu irmão acrescentou algumas palavras.

— É, com efeito, a expressão de meu pensamento. Em qualquer outra, isso teria parecido excessivo e atormentado. Outra não teria tido razão, mas você a tem. Não sei como motivar isso, mas vejo que você é completamente sincera e por isso é que tem razão...

— Mas só por um instante... Ora, que é esse instante? É unicamente o ressentimento de ontem — não pôde impedir-se de dizer com justeza a senhora Khokhlakova, malgrado seu desejo de não intervir.

— Oh, sim! — disse Ivan, com uma espécie de irritação e visivelmente vexado por ter sido interrompido. — É isso; numa outra esse instante não seria senão uma impressão passageira, mas com o caráter de Katierina Ivânovna durará isso toda a sua vida. O que para outras não seria senão uma promessa no ar, será para ela um dever eterno, penoso, sombrio talvez, mas incessante. E ela se repastará com o sentimento desse dever cumprido! Sua existência, Katierina Ivânovna, consumir-se-á agora numa dolorosa contemplação de seus sentimentos heroicos e de seu pesar. Mas com o tempo esse sofrimento se acalmará, viverá você na doce contemplação dum desígnio firme e ativo, realizado duma vez por todas, desesperado na verdade, mas que você logrou vencer. Esse estado de espírito proporcionar-lhe-á, por fim, a satisfação mais completa e reconciliá-la-á com tudo o mais...

Exprimira-se com uma espécie de rancor, visivelmente intencional e sem procurar dissimular sua intenção irônica.

— Oh!, Deus, quanto tudo isso é falso! — exclamou de novo a senhora Khokhlakova.

— Alieksiêi Fiódorovitch, fale! Tarda-me conhecer sua opinião! — disse Katierina Ivânovna, que se pôs a derramar lágrimas. Aliócha levantou-se.

— Não é nada, não é nada! — prosseguiu ela, chorando. — É o nervoso, a insônia, mas com amigos como seu irmão e você, sinto-me fortificada... porque sei que vocês não me abandonarão nunca...

— Infelizmente, deverei talvez partir amanhã para Moscou, deixá-la por muito tempo... Essa viagem é indispensável — declarou Ivan Fiódorovitch.

— Amanhã, para Moscou!? — exclamou Katierina Ivânovna, de rosto crispado. — Meu Deus!, que felicidade! — continuou ela, com uma voz de súbito mudada, contendo suas lágrimas, de que não restou mais nenhum traço. Essa mudança súbita, que impressionou fortemente Aliócha, foi de fato repentina; a infeliz moça, ofendida, chorosa, de coração dilacerado, deu lugar de repente a uma mulher perfeitamente senhora de si mesma e, além do mais, satisfeita como após uma alegria inesperada. — Não é sua partida que me alegra, decerto — retificou ela, com o encantador sorriso de uma dama da sociedade. — Um amigo como você não pode crer nisso; sinto-me, pelo contrário, muito infeliz com sua partida (avançou para Ivan Fiódorovitch e, agarrando-lhe as mãos, apertou-as com calor); mas o que me rejubila é que possa você agora expor em Moscou à minha tia e a Agáfia minha situação em todo o seu horror, francamente com Agáfia, mas poupando minha tia querida, como é você capaz de fazê-lo. Não pode você imaginar quanto me sentia infeliz ontem e esta manhã, perguntando a mim mesma como escrever a elas essa terrível carta... porque não se pode exprimir isso por escrito... Agora, ser-me-á fácil escrever-lhes, porque estará você em pessoa em casa delas para explicar tudo. Oh! Como sou feliz! Mas por isso somente, repito-lhe. Você me é indispensável, certamente... Corro a escrever essa carta — concluiu ela, dando um passo para sair do salão.

— E Aliócha? E a opinião de Alieksiêi Fiódorovitch que você desejava tão vivamente conhecer!? — exclamou a senhora Khokhlakova, com uma entonação sarcástica e irritada.

— Não o esqueci — disse Katierina Ivânovna, parando. — Mas por que se mostra a senhora de tão má vontade para comigo neste momento, Katierina Óssipovna? — proferiu ela, num tom amargo de censura. — Confirmo o que disse. Tenho necessidade de saber sua opinião e, bem mais ainda, sua decisão! Será uma lei para mim, tanta sede tenho de suas palavras, Alieksiêi Fiódorovitch... Mas que tem?

— Jamais pensei, não posso imaginar isso! — disse Aliócha, com ar aflito.

— O quê?

— Ele parte para Moscou, testemunha-lhe a senhorita sua alegria, fê-lo de propósito! Em seguida, explica que não é sua partida que a rejubila, que a lamenta, pelo contrário, que perde... um amigo. Mas aí também representava de propósito... como no teatro, numa comédia!...

— No teatro? Como?... Que diz você!? — exclamou Katierina Ivânovna estupefata; corou, franziu o cenho.

— Por mais que afirme lamentar o amigo que parte, declara-lhe redondamente que sua partida é uma felicidade... — proferiu Aliócha ofegante. Mantinha-se de pé, perto da mesa.

— Que quer dizer? Não compreendo...

— Eu mesmo não sei... É como uma iluminação repentina... Sei que faço mal em dizer isso, mas falarei ainda assim — prosseguiu ele, com uma voz trêmula, entrecortada. — A senhorita talvez nunca tenha amado Dimíttri... Ele tampouco, sem dúvida, a ama absolutamente... desde o começo... estima-a, eis tudo... Na verdade, não sei como tenho a audácia... mas é bem preciso que alguém diga a verdade, pois que ninguém aqui ousa fazê-lo.

— Que verdade? — perguntou Katierina Ivânovna com exaltação.

— Ei-la — balbuciou Aliócha, tomando sua decisão, como se se precipitasse no vácuo. — Mande chamar Dimíttri — eu o encontrarei —, que ele venha aqui pegar sua mão e a de meu irmão Ivan para uni-los. Porque a senhorita faz Ivan sofrer somente porque o ama... e seu amor por Dimíttri é uma dolorosa mentira... da qual procura a senhorita persuadir-se...

Aliócha calou-se bruscamente.

— Você... você é um pobre de espírito — replicou Katierina Ivânovna, pálida, de lábios crispados. Ivan Fiódorovitch levantou-se, de chapéu na mão.

— Tu te enganaste, meu bom Aliócha — disse ele, com uma expressão que seu irmão jamais lhe vira, uma expressão de sinceridade juvenil, de irresistível franqueza. — Katierina Ivânovna jamais amou a mim! Conhecia desde muito tempo meu amor por ela, se bem que nunca lhe houvesse revelado, mas não correspondia a ele. Não fui tampouco seu

amigo, em momento algum; seu orgulho não tinha necessidade de minha amizade. Mantinha-me perto dela para se vingar em mim das ofensas contínuas que lhe infligia Dimítri desde o primeiro encontro deles, porque este ficou em seu coração como uma ofensa. Meu papel consistiu em ouvir falar de seu amor por ele. Parto, afinal, mas fique sabendo, Katierina Ivânovna, que você não ama, na realidade, senão ele. E isso na proporção de suas ofensas. Eis o que a dilacera. Ama-o tal como ele é, com suas faltas para com você. Se ele se emendasse, você o abandonaria logo e deixaria de amá-lo. Mas ele lhe é necessário para você contemplar nele sua fidelidade heroica e censurar-lhe sua traição. Tudo isso por orgulho! Você sente-se humilhada e rebaixada, mas seu orgulho é a causa disso... Sou demasiado jovem, amava-a demais. Sei que não deveria ter-lhe falado assim, que teria sido mais digno de minha parte deixá-la simplesmente; teria sido menos magoante para você. Mas parto para longe e não voltarei mais... É para sempre... Não quero respirar esse ar de exaltação... Aliás, não tenho mais nada a dizer, é tudo... Adeus, Katierina Ivânovna, não fique zangada comigo, porque estou sendo cem vezes mais castigado que você, castigado pelo simples fato de que jamais tornarei a vê-la. Adeus. Não quero pegar sua mão. Você me fez sofrer demasiado conscientemente para que eu possa perdoar nesta hora. Mais tarde, talvez, mas agora não quero sua mão.

*Den Dank, Dame, begehrt'ich nicht...*⁴²

— acrescentou ele com um sorriso constrangido, provando assim que conhecia Schiller, a ponto de sabê-lo de cor, o que Aliócha ter-se-ia recusado a acreditar antes. Saiu sem mesmo cumprimentar a dona da casa. Aliócha juntou as mãos.

— Ivan! — gritou-lhe, transtornado. — Volta, Ivan! Não, agora não voltará ele por coisa alguma do mundo! — exclamou, com um pressentimento amargo. — Mas a culpa é minha, fui eu que comecei! Ivan falou com cólera, injustamente. É preciso que ele volte!... — exclamava Aliócha, como fora de si.

Katierina Ivânovna passou para outra peça.

— Você nada tem a censurar-se, sua conduta é a de um anjo — murmurou para o triste Aliócha a senhora Khokhlakova, entusiasmada. — Farei todo o possível para impedir que Ivan Fiódorovitch parta...

A alegria iluminava seu rosto, para grande mortificação de Aliócha, mas Katierina Ivânovna reapareceu de súbito. Tinha na mão duas cédulas de cem rublos.

— Tenho um grande obséquio a pedir-lhe, Alieksiêi Fiódorovitch — começou ela com uma voz calma e igual, como se nada se tivesse passado. — Há cerca de uma semana, Dimítri Fiódorovitch deixou-se levar a praticar uma ação injusta e escandalosa. Há aqui um cabaré mal-afamado, onde encontrou aquele oficial reformado, aquele capitão que seu pai empregava em certos negócios. Irritado contra aquele capitão por um motivo qualquer, Dimítri Fiódorovitch agarrou-o pela barba e arrastou-o naquela posição humilhante até a rua, onde continuou ele ainda por muito tempo. Dizem que o filho dele, jovem escolar, corria a seu lado, soluçando diante daquele espetáculo, pedia por seu pai e rogava aos passantes que o defendessem; mas todo mundo ria. Desculpe-me, Alieksiêi Fiódorovitch, não posso lembrar-me sem indignação desse ato vergonhoso... de que somente Dimítri Fiódorovitch é capaz, presa da cólera... e de suas paixões! Não posso contá-lo, isso me faz mal... embaraço-me. Tomei informações a respeito daquele infeliz e soube que ele é muito pobre, chama-se Snieguiriov. Tornou-se culpado duma falta em seu serviço, deram-lhe baixa, não posso fornecer detalhes, e agora, com sua desgraçada família, as crianças doentes, a mulher louca, parece, caiu em profunda miséria. Mora na cidade desde muito tempo, era copista em alguma parte, mas neste momento não ganha nada. Lancei os olhos em você... isto é, pensei, ah!, confundo-me, queria pedir-lhe, meu caro Alieksiêi Fiódorovitch, que fosse à casa dele, sob um pretexto qualquer, e, delicadamente, prudentemente, como só você é capaz (Aliócha corou), entregar-lhe este socorro, estes duzentos rublos... Ele os aceitará decerto... isto é, persuada-o a aceitá-los... veja você, não é uma indenização, para evitar que ele apresente queixa (porque queria fazê-lo, ao que parece), mas simplesmente uma marca de simpatia, o desejo de ir em seu auxílio, em meu nome, como noiva de Dimítri Fiódorovitch, e não no dele... Eu mesma teria ido, mas você sair-se-á melhor do que eu. Ele mora na rua do Lago, na casa da senhora Kalmíkova... Pelo amor de Deus, Alieksiêi Fiódorovitch, faça isto agora... estou um pouco fatigada. Adeus...

Desapareceu tão rapidamente por trás da porta que Aliócha não teve tempo de dizer uma palavra. Teria querido pedir perdão, acusar-se, dizer

qualquer coisa afinal, porque seu coração transbordava e não podia ele decidir-se a afastar-se assim. Mas a senhora Khokhlakova pegou-o pelo braço e levou-o. No vestibulo, fê-lo parar como ainda há pouco.

— Ela é orgulhosa, luta consigo mesma, mas é uma natureza boa, encantadora, generosa! — murmurou ela a meia-voz. — Oh, como gosto dela, por momentos, e quanto me sinto de novo contente! Meu caro Alieksiêi Fiódorovitch, sabe que nós todas, suas duas tias, eu e até mesmo Lisa, não temos senão um desejo, desde um mês: suplicamos-lhe que abandone seu favorito Dimítiri Fiódorovitch, que não a ama absolutamente, e case com Ivan, esse excelente rapaz tão instruído e de quem ela é o ídolo. Urdimos uma verdadeira conspiração, e é essa talvez a única razão que me retém ainda aqui.

— Ela, porém, chorou, sente-se de novo ofendida! — exclamou Aliócha.

— Não creia nas lágrimas de uma mulher, Alieksiêi Fiódorovitch! Sou sempre contra as mulheres neste caso e do lado dos homens.

— Mamãe, a senhora o estraga e o perde — repercutiu a voz agudazinha de Lisa, por trás da porta.

— Não, sou eu que sou causa de tudo, sou muito culpado! — repetiu Aliócha, inconsolável, experimentando uma vergonha dolorosa com aquela sua saída, o rosto oculto nas mãos.

— Pelo contrário, você agiu como um anjo, como um anjo, estou pronta a repeti-lo mil vezes.

— Mamãe, em que agiu ele como um anjo? — perguntou de novo Lisa.

— Imaginei, não sei por quê — prosseguiu Aliócha, como se não ouvisse Lisa —, que ela amava Ivan e disse aquela tolice... Que irá acontecer?

— De que se trata? — indagou Lisa. — Mamãe, quer matar-me? Interrogo-a e a senhora não me responde.

Naquele momento, correu a arrumadeira.

— Katierina Ivânovna está passando mal... chora, está com um ataque de nervos.

— Que há? — gritou Lisa, com a voz alarmada — Mamãe, sou eu que vou ter um ataque!

— Lisa, pelo amor de Deus, não grites, tu me matas! Na tua idade não podes saber de tudo como as pessoas grandes; quando eu voltar, contar-te-

ei o que puderes saber. Oh, meu Deus! Corro até lá... um ataque é bom sinal, Alieksiêi Fiódorovitch, é excelente que tenha ela um ataque. Em semelhantes casos, estou sempre contra as mulheres, seus ataques e suas lágrimas. Iúlia, corre a dizer que já vou. Se Ivan Fiódorovitch partiu daquela maneira, a culpa é dela. Mas ele não partirá. Lisa, pelo amor de Deus, não grites. Ah! Não és tu quem grita, sou eu, perdoa tua mãe. Mas estou entusiasmada, arrebatada! Notou, Alieksiêi Fiódorovitch, como seu irmão partiu com um ar viril, ainda há pouco? Disse-lhe o que tinha de dizer-lhe e partiu! Dizia a mim mesma: ele é tão culto, um universitário, e, de repente, tal calor, uma franqueza juvenil, inexperiência, e tudo isso é tão gentil, tão gentil, absolutamente como você... E aquele verso alemão que ele citou, afinal como você, mas vou correndo, Alieksiêi Fiódorovitch, despache-se a cumprir sua missão e volte bem depressa. Lisa, não tens necessidade de nada? Pelo amor de Deus, não retenhas Alieksiêi Fiódorovitch, ele vai voltar para ti.

A senhora Khokhlakova foi-se embora, afinal. Aliócha, antes de sair, quis abrir a porta de Lisa.

— Por coisa alguma do mundo! — exclamou Lisa. — Não quero vê-lo, Alieksiêi Fiódorovitch. Fale-me através da porta. Como foi que virou um anjo? É tudo quanto desejo saber.

— Com minha tremenda estupidez, Lisa, adeus!

— Não parta assim! — exclamou ela.

— Lisa, tenho um pesar muito sério! Volto imediatamente, mas tenho um grande, um enorme pesar.

Saiu correndo.

VI

O TUMULTO NA ISBÁ

Tinha Aliócha na verdade um pesar sério, como raramente experimentara até então. Interviera e cometera uma rata, e num caso de sentimento, ainda por cima! “Mas que é que compreendo disso, que posso eu conhecer dessas coisas? Oh! A vergonha não é nada, a vergonha é um castigo merecido. A desgraça é que serei certamente a causa de novas

calamidades... E dizer que o *stáriets* me enviou para reconciliar e unir! É assim que se une?” Lembrou-se então como tinha “unido as mãos” e a vergonha reapossou-se dele. “Muito embora tenha agido de boa-fé, será preciso ser mais inteligente no futuro”, concluiu ele e nem mesmo sorriu de sua conclusão.

O encargo de Katierina Ivânovna conduzia-o à rua do Lago, e seu irmão morava precisamente daquele lado, numa ruela vizinha. Decidiu Aliócha passar primeiro em casa dele, de qualquer forma, pressentindo que não o encontraria lá. Suspeitava de que Dimítri quisesse talvez esconder-se dele agora, mas era preciso descobri-lo a qualquer preço. O tempo passava; a ideia do *stáriets* moribundo não o deixava um minuto, desde sua partida do mosteiro.

Na narrativa de Katierina Ivânovna figurava uma circunstância que o interessava bastante, igualmente; quando a moça falara do pequeno escolar, filho do capitão, que corria soluçando ao lado do pai, viera subitamente a Aliócha a ideia de que deveria ser ele o mesmo que lhe mordera o dedo, quando lhe perguntou em que o ofendera. Agora estava Aliócha quase certo, sem saber ainda por quê. Essas preocupações secundárias desviaram sua atenção. Resolveu não mais pensar no mal que acabava de fazer, não se atormentar pelo arrependimento, mas agir. Aconteceria lá o que acontecesse. Essa ideia restituiu-lhe toda a coragem. Ao entrar no beco onde morava Dimítri, teve fome e tirou do bolso o pãozinho que pegara em casa do pai. Comeu-o, enquanto caminhava; isso reconfortou-o.

Dimítri não estava em casa. Os donos da casinha — um velho carpinteiro, a mulher e o filho — olharam Aliócha com ar suspeito. “Há três dias que ele não passa a noite aqui, partiu talvez para algum lugar”, respondeu o velho às suas perguntas. Aliócha compreendeu que ele se conformava com instruções recebidas. Quando perguntou se Dimítri não estava em casa de Grúchenka, ou de novo oculto em casa de Fomá (Aliócha falava assim abertamente de propósito), todos o olharam com ar receoso. “Gostam dele, estão de seu lado”, pensou ele. “Está bem.”

Por fim descobriu na rua do Lago a casa da senhora Kalmíkova, em mau estado e arriada, com três janelas para a rua, um pátio sujo, no meio do qual se achava uma vaca. Entrava-se pelo pátio para o vestibulo; à esquerda vivia a velha proprietária com a filha igualmente idosa, sendo surdas as duas, ao que parece. A pergunta várias vezes repetida para saber

onde morava o capitão, uma delas, compreendendo por fim que perguntavam pelos inquilinos, apontou-lhe com o dedo, do outro lado do vestíbulo, a porta que dava para a mais bela peça da isbá. O apartamento do capitão consistia, com efeito, apenas dessa peça. Aliócha pusera a mão na maçaneta para abrir a porta, quando o impressionou o silêncio completo que reinava no interior. Sabia, no entanto, de acordo com a narrativa de Katierina Ivânovna, que o capitão tinha família. “Dormem todos, ou então me ouviram chegar e esperam que eu abra; será melhor bater antes.” Bateu. Ouviu-se uma resposta, mas não imediatamente, talvez ao fim de dez segundos.

— Quem é? — gritou uma voz grossa e irritada.

Aliócha abriu então e transpôs o limiar. Encontrava-se numa sala bastante espaçosa, mas extremamente atravancada de gente e de toda espécie de objetos caseiros. À esquerda, havia uma grande estufa russa. Da estufa à janela da esquerda, uma corda estendida através de todo o quarto suportava diversos trapos. De cada lado se encontrava um leito com cobertas tricotadas. Em um deles, o da esquerda, quatro travesseiros empilhados, uns menores que os outros. Sobre o leito da direita, só se via um, muito pequeno. Mais longe, no ângulo da frente, havia um espaço reservado, separado por uma cortina ou um lençol, fixado a uma corda estendida de través no ângulo. Por trás aparecia um leito improvisado em um banco e uma cadeira colocada junto. Uma simples mesa de mujique, quadrada, de madeira, estava instalada perto da janela do meio. As três janelas, de vidraças cobertas de mofo esverdeado que as empanava, estavam hermeticamente fechadas, de modo que se sufocava na peça semiescura. Em cima da mesa, uma estufa com um resto de ovos num prato, uma fatia de pão já mordida, meio litro de aguardente, quase vazio de seu conteúdo. Perto do leito da esquerda estava sentada, numa cadeira, uma mulher, tendo um ar senhoril, com um vestido de chita da Índia. Demasiado magra e de rosto amarelo, suas faces cavadas atestavam ao primeiro olhar seu estado doentio. Mas o que impressionou sobretudo Aliócha foi o olhar da pobre senhora, olhar ao mesmo tempo interrogador e arrogante. Enquanto Aliócha se explicava com o dono da casa, seus grandes olhos castanhos iam de um para outro, com tanta curiosidade quanto arrogância. Ao lado dela, perto da janela da esquerda, mantinha-se de pé uma moça de rosto pouco simpático, de cabelos ruivos e ralos, vestida pobremente, embora muito limpa. Olhou desdenhosamente para

Aliócha, quando ele entrou. À direita, igualmente perto do leito, estava sentada uma pessoa do sexo feminino, uma pobre criatura ainda jovem, de uns vinte anos, mas corcunda e aleijada, de pés secos, como explicaram depois a Aliócha. Viam-se suas muletas a um canto, entre o leito e a parede. Os magníficos olhos da pobre moça fitavam Aliócha com doçura. Sentada à mesa e acabando a omeleta, via-se um personagem de 45 anos, de pequena estatura, magro, de constituição débil, cuja barba arruivada e rala assemelhava-se bastante a um esfregão de tília desfiado (esta comparação e sobretudo a palavra “esfregão” surgiram ao primeiro lance de vista no espírito de Aliócha, lembrou-se ele mais tarde). Fora ele, evidentemente, quem respondera de dentro, porque não havia outro homem no quarto. Quando Aliócha entrou, levantou-se bruscamente, limpou a boca com um guardanapo esburacado e apressou-se em ir-lhe ao encontro.

— Um monge que pede esmolas para seu mosteiro encontrou a quem se dirigir! — proferiu a moça que se mantinha no ângulo da esquerda. O indivíduo que corraera ao encontro de Aliócha girou nos calcanhares e respondeu-lhe num tom entrecortado.

— Não, Varvara Nikoláievna, não é isso, você não adivinhou! Permita-me que lhe pergunte — disse, voltando-se para Aliócha, — o que o levou a visitar... este antro?

Aliócha observou-o atentamente. Via aquele homem pela primeira vez. Havia nele algo de áspero, de apressado, de irritado. Tinha certamente bebido, mas não estava bêbedo. Seu rosto refletia uma caracterizada impudência e, ao mesmo tempo — coisa estranha —, uma covardia visível. Assemelhava-se a um homem muito tempo submetido e sofredor, mas que de repente sentisse ímpetos de reerguer-se e de manifestar-se. Ou, melhor ainda, um homem que ardia do desejo de bater na gente, mas temendo nossos golpes. Em suas palavras e na entonação de sua voz, bastante penetrante, distinguia-se uma espécie de humor esquisito, ora mau, ora tímido, intermitente e de tom desigual. Falara do antro, como a tremer, com os olhos arregalados e mantendo-se tão perto de Aliócha, que este deu maquinalmente um passo para trás. O personagem trazia um paletó de ganga, escuro, em muito mau estado, remendado, manchado. Suas calças muito claras, como não se usam mais há muito tempo, eram de quadrados dum pano muito ralo, esfiapadas embaixo, e subiam-lhe nas pernas a ponto de dar-lhe o ar dum menino que cresceu demais.

— Eu sou... Alieksiêi Karamázov... — respondeu Aliócha.

— Sei bem — replicou o outro, dando a entender que lhe conhecia a identidade. — E eu sou o capitão Snieguiriov. Mas importa saber o que o traz...

— Vim por vir. De fato, queria dizer-lhe uma palavra, em meu nome... se o permite...

— Neste caso, eis uma cadeira, queira sentar-se. É nas velhas comédias que diziam: “Queira sentar-se...”

Com um gesto rápido, o capitão agarrou uma cadeira livre (uma simples cadeira de mujique, de madeira), que colocou quase no meio do quarto; tomou outra igual para si e sentou-se diante de Aliócha, de novo tão perto que seus joelhos quase se tocavam.

— Nikolai Ilitch Snieguiriov, ex-capitão de infantaria russa, envilecido por seus vícios, mas, apesar de tudo, capitão. Deveria antes dizer: capitão Slovoiérsov e não Snieguiriov, pois, na segunda metade de minha vida, comecei empregar a letra “s”. Esta letra “s” aprende-se na abjeção.⁴³

— É assim mesmo — disse Aliócha, sorrindo. — Somente se aprende sem querer ou de propósito?

— Deus o vê, involuntariamente. Nunca a tinha dito, passei toda a minha vida sem dizê-la e, de repente, comecei a empregar o “s”. Faz-se assim por força maior. Vejo que o senhor se interessa pelos problemas contemporâneos. Mas que pode infundir-lhe tanta curiosidade, pois vivo em um meio impossível para receber-se alguém.

— Vim justamente por causa disso...

— Disso quê? — interrompeu o capitão, impaciente.

— A propósito de seu encontro com meu irmão, Dimítri Fiódorovitch — replicou Aliócha, constrangido.

— Que encontro? Não será o mesmo, isto é, a respeito do “esfregão de tília”?

Avançou de tal maneira desta vez que seus joelhos bateram nos de Aliócha. Seus lábios cerrados formavam uma linha estreita.

— Que “esfregão de tília”? — murmurou Aliócha.

— É para se queixar de mim, papai, que ele veio! — ressoou uma voz por trás da cortina, uma voz já conhecida de Aliócha, a do menino de ainda há pouco. — Eu mordi o dedo dele hoje!

A cortina afastou-se, e Aliócha avistou seu recente inimigo, no canto sob os ícones, sobre um leito formado por um banco e uma cadeira. O menino estava deitado, coberto por seu pequeno sobretudo e por um velho cobertor acolchoado. Era visível que estava doente e com febre, a julgar por seus olhos ardentes. Intrépido, olhava para Aliócha, com ar de dizer: “Aqui em casa, nada me podes fazer.”

— Como? De quem ele mordeu o dedo? — sobressaltou-se o capitão.
— Foi o seu?

— Sim, o meu. Ainda há pouco, batia-se a pedradas na rua com seus camaradas; eram seis contra ele. Aproximei-me, atirou-me ele uma, depois outra à cabeça. Perguntei-lhe o que eu lhe tinha feito. De súbito, avançou e me mordeu cruelmente o dedo. Ignoro-o por quê.

— Vou açoitá-lo! — exclamou o capitão, que saltou da cadeira.

— Mas não me estou queixando, contava somente... Não quero que o açoite! Aliás, creio que está doente...

— E pensava o senhor que eu ia fazer isso? Que eu ia agarrar Iliúchka e açoitá-lo diante do senhor para sua inteira satisfação? Quer isso imediatamente? — proferiu o capitão, voltando-se para Aliócha com um gesto ameaçador, como se quisesse lançar-se sobre ele. — Lamento seu dedo, senhor, mas não quererá que antes de açoitar Iliúchka corte meus quatro dedos diante do senhor, com esta faca, para sua justa satisfação? Penso que quatro dedos lhe bastarão, o senhor não reclamará o quinto, para aplacar sua sede de vingança!... — Parou de súbito, como sufocado. Cada traço de seu rosto se agitava e se contraía, seu olhar era dos mais provocantes. Estava como que enlouquecido.

— Agora, compreendi tudo — disse Aliócha, num tom doce e triste, sem se levantar. — De modo que tem o senhor um bom filho, que ama seu pai e lançou-se sobre mim por ser eu o irmão do ofensor do senhor... Compreendo, agora — repetiu, pensativo. — Mas, meu irmão Dimítri lamenta seu ato, eu o sei, e, se puder vir à sua casa, ou, ainda melhor, encontrá-lo no mesmo lugar, pedir-lhe-á perdão diante de todo mundo... se o senhor o desejar.

— Quer dizer que puxou minha barba e pede desculpas... arranjou assim tudo, deu satisfação, não é?

— Oh! não! Pelo contrário, fará tudo quanto lhe agradar e como lhe agradar!

— Do mesmo modo que eu rogasse a Sua Alteza Sereníssima que se ajoelhasse diante de mim, naquele mesmo cabaré, o botequim A Capital.

— Sim, ele se poria de joelhos.

— O senhor transpassou-me, comoveu-me até as lágrimas. Estou demasiado inclinado a sentir a generosidade de seu irmão. Permita-me que lhe apresente minha família, minhas duas filhas e meu filho, minha ninhada. Se eu morrer, quem os amará? E, enquanto eu viver, quem me amará com todos os meus defeitos, senão eles? O Senhor Deus fez bem as coisas para cada homem de minha espécie, porque mesmo um homem de minha qualidade deve ser amado por um ser qualquer...

— Ah, é perfeitamente verdadeiro! — exclamou Aliócha.

— Basta de palhaçadas! O senhor nos expõe ao ridículo diante do primeiro imbecil que aparece — exclamou de repente a moça que se conservava perto da janela, dirigindo-se ao pai, com a fisionomia cheia de desprezo.

— Espere um pouco, Varvara Nikoláievna, permita-me que continue meu pensamento — gritou-lhe o pai num tom imperioso, enquanto a olhava aprovoradamente. — É esse seu caráter — disse ele, voltando-se para Aliócha.

*E na natureza inteira
Nada queria abençoar.⁴⁴*

O sujeito aqui deveria ser feminino: ela nada queria abençoar. E agora, permita-me que lhe apresente minha esposa, Arina Pietrovna, dama imponente de 43 anos; anda, mas muito pouco. É de baixa condição; Arina Pietrovna, componha seu semblante para que eu lhe apresente Alieksiêi Fiódorovitch Karamázov. Levante-se, Alieksiêi Fiódorovitch — pegou-o pelo braço e, com uma força de que não o teriam julgado capaz, ergueu-o. — Apresentam-no a uma dama, é preciso que se levante. Não foi este Karamázov, *mámienhka*, que... hum!, etc. mas seu irmão, reluzente de virtudes pacíficas. Permita, Arina Pietrovna, permita, *mámienhka*, que lhe beije em primeiro lugar a mão.

Beijou a mão de sua mulher com respeito, com ternura mesmo. A moça, perto da janela, voltava as costas àquela cena com indignação; o

rosto arrogante e interrogativo da mãe exprimiu, de súbito, grande afabilidade.

— Bom dia, sente-se, senhor Tchernomázov⁴⁵ — proferiu ela.

— Karamázov, *mámienhka*, Karamázov (somos de baixa condição) — soprou ele de novo.

— Está bem! Karamázov ou como seja, eu digo sempre Tchernomázov... Sente-se. Por que ele o levantou? Uma dama sem pés, diz ele, tenho pés, sim, mas estão inchados como cântaros, e eu estou ressequida. Outrora, era eu duma grossura... e agora dir-se-ia que engoli uma agulha...

— Somos de baixa condição, de bem baixa — repetiu o capitão.

— *Bátiuchka*, ah!, *bátiuchka* — exclamou de repente a corcunda, que ficara até então silenciosa e cobrira bruscamente os olhos com o lenço.

— Palhaço! — gritou a moça que estava perto da janela.

— Veja o que se passa em nossa casa — e a mãe estendeu os braços, apontando as filhas. — É como se nuvens passassem, passam e nossa música recomeça. Outrora, quando éramos militares, vinham ver-nos muitos visitantes semelhantes. Não faço comparação, meu senhor. É preciso gostar de todos. A mulher do diácono vem por vezes e diz: “Alieksandr Alieksándrovitch é um homem de alma excelente, mas Nastássia Pietrovna, diz ela, é uma endemoniada.” — “Pois bem, respondo-lhe eu, isso depende de quem se ama, ao passo que tu não passas de uma trouxinha, mas fedorenta.” — “Tu, diz-me ela, só mereces que te tratem com rigor.” — “Ah, negra, a quem vens tu dar lições!?” — “Eu, diz ela, deixo entrar o ar puro, e tu, o ar pestilento.” — “Pergunta, respondo-lhe eu, aos senhores oficiais se o ar é pestilento em minha casa.” Assim, isso me aflige tanto que, ainda há pouco, sentada como agora, acreditei ver entrar aquele general que chegou aqui pela Páscoa. “Pois bem, digo-lhe eu, pode, Excelência, uma dama nobre deixar entrar o ar de fora?” — “Sim, responde ele, a senhora deveria abrir a porta ou o postigo, porque o ar não está puro em sua casa.” E todos são iguais! Por que implicam com o ar de minha casa? Os mortos fedem muito mais. Eu não corrompo o ar de sua casa, mandarei fazer sapatos e ir-me-ei embora. Meus filhos, não queiram mal à sua mãe! Nikolai Ilitch, meu *bátiuchka*, será que deixei de agradar-te? Porque só tenho Iliúchka para me querer bem, quando volta da escola.

Ontem, trouxe-me uma maçã. Perdoem sua mãe, meus bons amigos, perdoem uma pobre abandonada! Que têm contra o ar de minha casa?

A pobre demente desatou a soluçar, suas lágrimas corriam. O capitão precipitou-se.

— *Mámienhka*, querida *mámienhka*, basta! Não estás abandonada, todos te amam e te adoram! — Recomeçou a beijar-lhe as mãos e se pôs a acariciar-lhe o rosto; com um guardanapo enxugou-lhe mesmo as lágrimas. Pareceu a Aliócha que havia até lágrimas nos olhos dele. — Pois bem! Viu o senhor, entendeu? — Voltou-se, de súbito, para ele, encolerizado, apontando com o dedo a pobre demente.

— Vejo e entendo — murmurou Aliócha.

— Papai, papai! Como podes falar com ele... deixa-o, papai! — gritou o menino, que se erguera no leito, com o olhar ardente.

— Basta de palhaçadas, de recorrer a suas estúpidas manigâncias que nunca levam a nada! — gritou de seu canto Varvara Nikoláievna, exasperada; bateu mesmo com o pé no chão.

— Você tem totalmente razão, desta vez, de ficar encolerizada, Varvara Nikoláievna, e lhe darei imediatamente satisfação. Cubra-se, Alieksiêi Fiódorovitch, pego meu boné, e vamos. Tenho de falar-lhe seriamente, mas não aqui. Aquela jovem sentada é minha filha, Nina Nikoláievna, esqueci-me de apresentar-lhe, um anjo encarnado... que desceu entre os mortais... se é que o senhor poderia compreender isso...

— Está ele todo agitado, como se tivesse convulsões — continuou Varvara Nikoláievna, indignada.

— Essa que acaba de bater com o pé e de me chamar de palhaço é também um anjo encarnado, deu-me o nome que me convém. Vamos, Alieksiêi Fiódorovitch, é preciso acabar...

E, pegando Aliócha pelo braço, conduziu-o para fora.

VII

E AO AR LIVRE

— O ar é puro, mas em meus aposentos não é verdadeiramente fresco, de modo algum. Caminhemos um pouco, senhor. Gostaria bem que se interessasse por mim.

— Eu mesmo tenho uma importante comunicação a fazer-lhe... — declarou Aliócha. — Somente não sei por onde começar.

— Como não adivinhar que o senhor precisa falar-me? Sem isso, jamais teria tido sua visita. Ou só teria vindo para queixar-se de meu rapaz? Ora, é inverossímil. A propósito de meu filho, não pude contar-lhe tudo lá dentro, mas agora descrever-lhe-ei a cena. Veja o senhor, o “esfregão de tília” estava mais espesso há uma semana — é de minha barba que falo; deram-lhe esse apelido, sobretudo os escolares. — E eis que seu irmão me arrastou pela barba, fez violências por causa de uma bagatela; caí, arrastou-me pela praça, onde no momento os colegiais saíam, e entre eles Iliúchka. Assim que ele me viu naquela posição, correu para mim: “*Bátiuchka*, gritava ele, *bátiuchka*!” Agarra-se a mim, abraça-me, quer libertar-me, grita para meu agressor: “Largue-o, largue-o, é meu pai, perdoe-lhe!” Com seus bracinhos agarrou meu agressor e beijou-lhe a mão, aquela mesma mão... Lembro-me de sua carinha naquele momento, não a esquecerei jamais!...

— Juro-lhe — exclamou Aliócha — que meu irmão lhe exprimirá um arrependimento completo, da maneira mais sincera, até mesmo de joelhos naquela mesma praça... Obrigá-lo-ei a isso, senão deixará de ser meu irmão!

— Ah, ah! Acha-se ainda em estado de projeto! Isso vem não dele, mas da nobreza de seu coração generoso. Deveria o senhor tê-lo dito. Não, nesse caso, permita-me que me refira ao espírito cavalheiresco e à nobreza de seu irmão, como oficial, porque os revelou então. Parou de puxar-me pela barba e largou-me: “És um oficial, disse ele, e eu também; se puderes encontrar para testemunha um homem decente, envia-o amim, que te darei satisfação, se bem que sejas um tratante!” Tais foram suas palavras. Um espírito verdadeiramente cavalheiresco! Afastamo-nos com Iliúchka, e aquela cena de família ficou gravada na memória para sempre. De que nos serve permanecer nobres? Aliás, julgue o senhor mesmo; estava ainda há pouco em meus aposentos e o que viu? Três mulheres, das quais uma aleijada, fraca de espírito; outra, aleijada e corcunda; a terceira, válida, mas demasiado inteligente, é estudante, arde por voltar a Petersburgo, a fim de descobrir às margens do Nievá os direitos da mulher russa. Não

falo de Iliúchka, só tem nove anos, está inteiramente só, porque, se eu morrer, que acontecerá a meu lar, pergunto-lhe eu? Nessas condições, se eu o provocar para um duelo e ele me matar, que acontecerá então? Que se tornarão eles todos? Será ainda pior se ele não me matar, mas me estropiar apenas. Ficarei incapaz de trabalhar, mas será preciso comer. Quem me nutrirá, então, bem como a eles todos? Ou então mandarei Iliúchka todos os dias pedir esmola, em lugar de ir à escola. Eis o que significa para mim uma provocação para um duelo; é um absurdo e nada mais.

— Ele lhe pedirá perdão, lançar-se-á a seus pés bem no meio da praça!
— exclamou de novo Aliócha, de olhar aceso.

— Tinha pensado em citá-lo perante o juiz — continuou o capitão —, mas abra nosso código. Posso esperar receber uma justa satisfação de meu ofensor? E eis que Agrafiëna Aliëksándrovna me manda chamar e me ameaça: “Nem penses nisso! Se o citares, arranjar-me-ei para fazer constar publicamente que ele te bateu por causa de tua maroteira, e então será a ti que processarão.” Ora, só Deus sabe quem é o autor dessa maroteira e sob as ordens de quem eu agi como comparsa. Não foi mesmo de acordo com as instruções dela e de Fiódor Pávlovitch? “Além do mais, acrescentou ela, despedir-te-ei para sempre e não ganharás mais nada a meu serviço. Direi também a meu comerciante (é assim que ela chama seu velho), de modo que ele também te despedirá.” E digo a mim mesmo: “Se esse comerciante me despede também, como poderei ganhar a vida? Porque não me restam senão esses dois, visto como seu pai, Fiódor Pávlovitch, não só retirou de mim sua confiança, por um outro motivo, mas ele próprio, munido de meus recibos, quer processar-me. Por essas razões, mantive-me quieto e o senhor viu o meu antro. E agora, diga-me, Iliúchka feriu-o muito, mordendo-o? Não podia entrar em detalhes na presença dele.

— Sim, bastante mal, ele estava muito irritado. Vingou em mim a ofensa que fizeram ao senhor, pelo fato de ser eu um Karamázov, compreendo-o agora. Mas se o senhor o tivesse visto bater-se a pedradas com os colegas! É muito perigoso, podem matá-lo; os meninos são estúpidos, uma pedra pode facilmente rachar a cabeça.

— Sim, ele recebeu uma, mas não na cabeça, no peito, acima do coração; tem uma equimose, voltou para casa chorando, gemendo e lá está doente.

— E sabe que é ele o primeiro a atacar os outros? Tornou-se mau, por causa do senhor. Seus colegas contam que ele há pouco deu uma

canivetada nas costelas do menino Krasótkin.

— Sei também disso, é perigoso. O pai era funcionário aqui e isso pode atrair complicações...

— Eu aconselharia — continuou Aliócha, com calor — que não o enviasse à escola durante algum tempo, até que ele se acalme... e que sua cólera passe...

— A cólera! — concordou o capitão. — É bem isso. Uma grande cólera numa pequena criatura. O senhor não sabe de tudo. Permita-me que lhe explique com detalhes. Depois do acontecido, os colegiais começaram a infernizá-lo, chamando-o esfregão de tília. Essa idade é impiedosa; tomados separadamente são uns anjos, mas todos juntos são implacáveis, sobretudo na escola. Perseguiam-no e um nobre sentimento despertou-se em Iliúchka. Um menino comum, fraco como ele, ter-se-ia resignado; teria tido vergonha do pai; mas ele se ergueu contra todos, em favor do pai, da verdade e da justiça. Porque o que ele tem sofrido, desde que beijou a mão de seu irmão, gritando-lhe “Perdoe meu papai, perdoe meu papai!”, só Deus e eu sabemos. E assim nossos filhos, não os dos senhores, os nossos, os filhos dos mendigos desprezados, mas nobres, aprendem a conhecer a verdade, desde a idade de nove anos. Como os ricos a aprenderiam? Não penetram jamais nessas profundezas, ao passo que Iliúchka percorreu toda a verdade, naquele minuto na praça, beijando aquela mão. Aquela verdade penetrou nele; e magoou-o para sempre! — proferiu apaixonadamente o capitão, com ar desvairado, batendo sua mão esquerda com o punho direito, como se quisesse mostrar materialmente a contusão feita em Iliúchka pela “verdade”. — Naquele dia teve ele febre, delirou a noite inteira. Durante todo o dia, falou-me pouco, ficou mesmo silencioso; notei que ele me observava de seu canto, fingindo aprender suas lições, mas não eram as lições que o preocupavam. No dia seguinte, embriaguei-me de pesar; a gente é fraca e esqueci muitas coisas. A mamãe também se pôs a chorar — amo-a muito — então, de dor. Embriaguei-me com meus últimos níqueis. Não me despreze, senhor. Na Rússia, os piores ébrios são as pessoas melhores e reciprocamente. Estava deitado e não pensava em Iliúchka; mas, naquele mesmo dia, os garotos divertiam-se à custa dele, desde a manhã: “Psiu, ‘esfregão de tília’! — gritavam-lhe. — Arrastaram teu pai por sua barba em forma de esfregão para fora do cabaré; tu corrias ao lado dele pedindo misericórdia.” Era no dia seguinte; voltou da escola pálido e desfeito. “Que tens?”, perguntei-lhe. Calou-se; era impossível

conversar em casa; sua mãe e suas irmãs ter-se-iam metido imediatamente, as moças tinham ficado cientes do caso desde o primeiro dia. Varvara Nikoláievna já começava a resmungar! “Palhaço, bobo, será possível que nada saiba fazer que seja sensato? — É verdade, digo eu, Varvara Nikoláievna, poderemos fazer algo que seja sensato?” Saí-me assim dessa vez. À noite saí a passear com o petiz. É preciso dizer-lhe que todas as noites, já antes, vínhamos passear por este mesmo caminho, até aquela enorme pedra isolada, lá embaixo perto da sebe, onde começam os pastos comunais: um lugar deserto e encantador. Caminhávamos de mãos dadas, como de costume; uma mãozinha bem pequena, de dedos delgados, gelados, porque ele sofre do peito. “*Pápotchka*, diz ele, *pápotchka*!” — “Que há?” — pergunto-lhe (via seus olhos cintilarem). — “Como te tratou ele, papai!” — “Que fazer, Iliúchka?” — “Não faças as pazes com ele, *pápotchka*, de modo nenhum. Os alunos dizem que ele te deu dez rublos por isso.” — “Não, meu pequeno, por coisa alguma do mundo aceitaria dinheiro dele, agora.” (Ele se pôs a tremer, agarrou minha mão nas suas, beijou-a.) — “*Pápotchka*, provoca-o para um duelo, na escola eles me infernizam dizendo que és um covarde, que não te baterás, mas que aceitarás dele dez rublos.” — “Não posso provocá-lo para um duelo, Iliúchka” — respondo-lhe, e lhe expus brevemente o que acabo de dizer ao senhor a esse respeito. Ele me escutou. — “*Pápotchka* — diz ele, no entanto —, não faças as pazes com aquele homem; quando eu crescer, eu mesmo o provocarei e o matarei!” Seus olhos brilhavam com um clarão intenso. Apesar de tudo, era pai dele e tornava-se necessário dizer-lhe uma palavra de verdade: “É um pecado — expliquei eu — matar seu próximo, mesmo em duelo.” — “*Pápotchka*, eu o derrubarei, quando for grande, farei saltar seu sabre de suas mãos e me lançarei sobre ele, brandindo o meu, e lhe direi: poderia matar-te, mas perdoo-te!” Está vendo, senhor, está vendo que trabalho se operou na cabecinha dele durante esses dois dias? Só fazia pensar na vingança com um sabre e deve ter falado disso em seu delírio. Quando voltou da escola, cruelmente batido, soube de tudo e, o senhor tem razão, não voltará mais lá. Fico sabendo que ele se levanta contra a classe inteira, que provoca a todos; está exasperado, seu coração arde de ódio, e então tenho medo por ele. Voltamos a passear. “*Pápotchka* — pergunta ele —, os ricos são os mais fortes neste mundo?” — “Sim, Iliúchka, não há ninguém mais poderoso que o rico.” — “*Pápotchka* — diz ele —, ficarei rico, serei oficial e baterei todos os inimigos, o czar me

recompensará, voltarei para junto de ti e então ninguém ousará...” Após um silêncio, continuou, com os lábios trêmulos como antes: “*Pápotchka*, que cidade de gente ruim essa nossa!” — “Sim, Iliúchka, é uma cidade de gente ruim.” — “*Pápotchka*, vamos morar em outra, onde não nos conheçam.” — “Gostaria bem, Iliúchka, mudemo-nos; somente é preciso juntar dinheiro.” Rejubilo-me por poder assim distraí-lo de seus sombrios pensamentos; pusemo-nos a fazer projetos sobre a instalação numa outra cidade, a compra de um cavalo e de uma telega. “A mamãe e as manas montariam nela, nós as cobriríamos bem, nós mesmos caminharíamos ao lado, tu montarias de vez em quando, enquanto eu iria a pé, porque é preciso poupar o cavalo, todos não poderão ir ao mesmo tempo, seria assim que viajaríamos.” Ficou encantado, sobretudo por ter um cavalo que o conduziria. Sabe-se que um menino russo não vê nada de mais belo que um cavalo. Nós tagarelamos muito tempo. “Deus seja louvado — pensei eu —, distraí-o e consolei-o.” Foi anteontem, de noite; no dia seguinte, voltou da escola bastante sombrio. À noite, por ocasião do passeio, permaneceu silencioso. O vento sorpou mais forte, o sol desapareceu, sentia-se o outono e já estava escuro; estávamos tristes. “Pois bem, meu rapaz, como vamos fazer nossos preparativos?” Pensava retomar a conversa da véspera. Nem uma palavra. Mas seus dedinhos tremiam na minha mão. Isto vai mal, disse a mim mesmo, há novidade. Chegamos, como agora, até aquela pedra; sentei-me nela, haviam empinado papagaios que estalavam ao vento; havia bem uns trinta. É a estação agora. “Deveríamos nós também, Iliúchka, empinar o papagaio do ano passado. Consertá-lo-ei. Que fizeste dele?” Meu filho cala-se, olha para o lado, desviando a vista. De repente, o vento se põe a assobiar, levantando areia... Lança-se para mim, com ambos os braços enlaça-me o pescoço, abraça-me. Sabe que quando os meninos são taciturnos e altivos retêm muito tempo as lágrimas, mas, quando elas brotam, por motivo dum grande pesar, não correm, mas jorram? Suas lágrimas ardentes inundaram-me o rosto. Ele soluçava, convulsivamente, apertava-me contra ele. “*Pápotchka* — gritou ele —, meu querido *pápotchka*, como ele te humilhou!” Então os soluços dominaram-me e nos abalavam, enlaçados sobre esta pedra. Ninguém nos via então, exceto Deus. Talvez leve isso em conta. Agradeça a seu irmão, Alieksiêi Fiódorovitch. Não, não açoitarei meu filho para causar-lhe satisfação!

Terminou da mesma maneira esquisita e complicada de ainda há pouco. No entanto sentia Aliócha que aquele homem tinha confiança nele e não teria “conversado” assim com outro, nem feito aquela confidência. Isso encorajou Aliócha, que estava comovido até as lágrimas.

— Ah! Como gostaria de fazer as pazes com seu rapaz! — exclamou ele. — Se o senhor se encarregasse disso...

— Decerto — murmurou o capitão.

— Mas agora não é disso que se trata, escute! — prosseguiu Aliócha. — Tenho uma incumbência para o senhor. Meu irmão Dimítri insultou também sua noiva, uma nobre senhorita da qual o senhor já deve ter ouvido falar. Tenho o direito de revelar-lhe esse insulto, devo mesmo fazê-lo, porque, tendo sabido da ofensa que o senhor sofreu e de sua situação infeliz, ela me encarregou há pouco... de entregar-lhe este auxílio de sua parte... mas somente de sua parte, não em nome de Dimítri, que a abandonou, nem de mim, seu irmão, nem de ninguém, mas unicamente da parte dela! Suplica-lhe que aceite seu auxílio... Foram ambos ofendidos pelo mesmo homem... Ela só se lembrou do senhor quando sofreu de parte de Dimítri a mesma injúria que o senhor (igualmente gravíssima). É, pois, uma irmã que vem em auxílio de um irmão... Ela me encarregou precisamente de persuadi-lo a aceitar estes duzentos rublos de sua parte, como de parte de uma irmã, que conhece suas dificuldades. Ninguém ficará sabendo disto, não haverá que temer nenhuma comadrice malévola... Eis os duzentos rublos e, juro-lhe, deve aceitá-los, senão... senão só haveria inimigos no mundo! Mas há também irmãos... O senhor tem alma nobre... Deve compreendê-lo!...

E Aliócha estendeu-lhe duas cédulas de cem rublos novinhas. Ambos encontravam-se então justamente perto da grande pedra, na direção da paliçada; não havia ninguém nos arredores. Parece que as cédulas causaram profunda impressão no capitão; estremeceu, mas foi a princípio unicamente de surpresa; não pensava em nada de semelhante e não esperava absolutamente tal desenlace. Mesmo em sonho, jamais sonhara uma ajuda qualquer, e sobretudo tão importante. Pegou as cédulas e, durante quase um minuto, esteve incapacitado de responder; uma expressão nova apareceu em seu rosto.

— É para mim tanto dinheiro, duzentos rublos? Justo céu! Há quatro anos que não via tanto dinheiro, Senhor Deus! E ela diz que é uma irmã... É verdade, é verdade mesmo?

— Juro-lhe que tudo quanto disse é verdade! — exclamou Aliócha.

O capitão corou.

— Escute, meu caro, escute; se aceitar, não serei um covarde? A seus olhos, Alieksiêi Fiódorovitch, não o serei? Não, Alieksiêi Fiódorovitch, escute, escute — repetia ele a cada instante, tocando em Aliócha —, o senhor me persuade a aceitar sob o pretexto de que é uma “irmã” que o envia; mas o senhor mesmo, no íntimo, não sentirá desprezo por mim, se eu aceitar, hem?

— Não, mil vezes não! Juro-o por minha salvação! E ninguém jamais o saberá, exceto nós: o senhor, eu, ela e ainda uma dama, sua grande amiga...

— Que dama? Escute, Alieksiêi Fiódorovitch, escute, é agora indispensável porque o senhor não pode mesmo compreender o que representam para mim estes duzentos rublos — prosseguiu o infeliz, dominado pouco a pouco por uma exaltação desordenada, selvagem. Estava desorientado, falava com grande pressa, como se receasse que não o deixassem dizer tudo. — Além do fato de provir este dinheiro duma fonte honesta, duma “irmã” tão respeitável, sabe que posso tratar agora da mãe e de Nínotchka, minha filha, minha angélica corcundinha? O doutor Herzenstube foi à minha casa, por bondade de alma; examinou-as uma hora inteira: “Não compreendo nada”, disse ele. No entanto, a água mineral que lhe prescreveu fez-lhe certamente bem, ordenou também que ela banhasse os pés com remédios. A água mineral custa trinta copeques, talvez seja preciso beber umas quarenta garrafas. Peguei a receita e coloquei-a na prateleira, abaixo dos ícones, e lá está. Para Nínotchka, prescreveu banhos quentes numa solução especial, todos os dias, de manhã e de noite; como poderíamos nós seguir semelhante tratamento, alojados como estamos, sem criada, sem ajuda, nem água, nem utensílios? Ora, Nínotchka está entrevada de reumatismo, esqueci-me de dizer-lhe; de noite, todo o lado lhe dói, sofre um martírio, acreditaria o senhor? Aquele anjo se enrijece para não nos inquietar, contém-se para não gemer, a fim de não nos despertar. Comemos o que se apresenta, o que se encontra; ora, ela come o último bocado, bom para atirar ao cão. “Não mereço esse bocado, privo-os dele, sou uma carga para vocês.” Eis o que quer exprimir seu olhar celeste. Nós a servimos e isto lhe pesa. “Não o mereço; sou uma aleijada indigna de cuidados, boa para nada”, como se não os merecesse, quando sua doçura angélica é uma bênção para todos. Sem sua palavra

mansa, a casa seria um inferno. Ela enterneceu a própria Vária. Não condene tampouco Varvara Nikoláievna; é também um anjo, também ela é infeliz. Chegou à nossa casa no verão, com 16 rublos, ganhos em dar lições e destinados a pagar seu regresso a Petersburgo, no mês de setembro, isto é, agora. Ora, nós comemos seu dinheiro e ela não tem mais nenhum com que possa voltar, eis a verdade. Aliás, não poderia partir, porque trabalha para nós como um galé, fizemos dela uma besta de carga, ocupa-se com tudo; é ela quem remenda, lava, varre, deita a mãe; ora, a mãe é caprichosa, chorona, uma louca!... Agora, com estes duzentos rublos, posso alugar uma criada, compreendo o senhor, Alieksiêi Fiódorovitch, para cuidar daquelas queridas criaturas; enviarei a estudante para Petersburgo, comprarei carne, estabelecerei novo regime. Senhor, isso é um sonho!

Aliócha estava encantado por ter trazido tanta felicidade e ver que o pobre-diabo queria mesmo ser feliz.

— Espere, Alieksiêi Fiódorovitch, espere — e o capitão, agarrando-se a um novo sonho que se oferecia, recomeçou a taramelar com a mesma velocidade. — Sabe que com Iliúchka realizaremos, talvez, agora nosso sonho? Compraremos um cavalo e uma carriola, um cavalo preto, ele o pediu expressamente, e partiremos como marcamos anteontem. Conheço um advogado na província de K***, um amigo de infância. Deu-me a saber, por intermédio de um homem de confiança, que, se eu aparecesse lá, dar-me-ia ele, por exemplo, um lugar de secretário em seu escritório; quem sabe? Talvez dê mesmo... Então, a mãe e Nínotchka subiriam na carriola, Iliúchka conduziria, eu iria a pé, toda a família seria transportada... Senhor Deus, se pudesse eu apenas recuperar uma quantia que me devem, aqui, seria o bastante mesmo para essa viagem!

— Seria o bastante, seria o bastante! — exclamou Aliócha. — Katierina Ivânovna lhe mandará mais, tanto quanto o senhor queira, e sabe?, tenho também dinheiro, aceite o que precisar, como de um irmão, como de um amigo, depois o senhor me restituirá... (O senhor ficará rico!) Saiba que não poderia imaginar nunca nada de melhor do que essa mudança! Seria a salvação, sobretudo para seu rapaz; deveria partir mais depressa, antes do inverno, antes dos frios: o senhor nos escreveria de lá, ficaríamos irmãos... Não, não é um sonho!

Aliócha gostaria de abraçá-lo, tão contente estava. Mas, depois de fitá-lo, parou bruscamente: o capitão, de pescoço e lábios tensos, com o rosto

lívido e exaltado, remexia os lábios como se quisesse dizer alguma coisa; nenhum som saía e seus lábios mexiam-se. Era estranho.

— Que tem? — indagou Aliócha, num estremecimento súbito.

— Alieksiêi Fiódorovitch... Eu... lhe... — murmurou o capitão, aos repelões, fixando-o com um ar estranho e selvagem, o ar de um homem que se vai lançar no vácuo, ao mesmo tempo que seus lábios sorriam. — Eu... lhe... Quer que lhe mostre um jogo de mãos? — cochichou ele, de súbito, rapidamente, num tom firme, sem parar.

— Que jogo?

— Um jogo, o senhor vai ver — repetiu o capitão, com a boca crispada; o olho esquerdo piscava, seu olhar não largava Aliócha, como pregado nele.

— Que tem o senhor então? De que jogo fala!? — exclamou Aliócha, bastante espantado.

— Ei-lo! Olhe! — vociferou o capitão.

E, mostrando-lhe as duas cédulas que durante a conversa mantinha entre o polegar e o índice, agarrou-as com raiva e amarrotou-as em seu punho fechado.

— O senhor viu, o senhor viu? — gritou ele, lívido, frenético; ergueu o punho e, com toda a força, atirou as duas células amarrotadas sobre a areia. — Viu? — vociferou de novo, mostrando-as com o dedo. — Pois bem, veja!

Com um encarniçamento selvagem, pôs-se a pisá-las com o calcanhar. Ofegava e lançava exclamações a cada golpe.

— Eis o que faço de seu dinheiro, eis o que faço dele!

De súbito, saltou para trás, ergueu-se diante de Aliócha. Toda a sua pessoa transpirava um orgulho indizível.

— Vá dizer aos que o enviaram que o esfregão de tília não vende sua honra! — exclamou ele, com o braço estendido. Depois girou rapidamente nos calcanhares e se pôs a correr. Mal dera cinco passos, quando se voltou para Aliócha, fazendo-lhe com a mão um gesto de adeus. Ao fim de outros cinco passos, voltou-se de novo; desta vez seu rosto não estava mais crispado pelo riso, mas estremecia todo sacudido pelo pranto. Gaguejou num tom lacrimoso, entrecortado:

— Que teria eu dito a meu rapaz, se tivesse aceitado o preço de nossa vergonha?

Depois disso, retomou sua carreira, desta vez sem se voltar. Aliócha acompanhou-o com os olhos, numa indizível tristeza. Compreendia que, até o derradeiro momento, o desgraçado não sabia que amarrotaria e atiraria fora as cédulas. Não se voltou mais uma vez sequer em sua carreira; Aliócha estava certo disso de antemão. Não quis persegui-lo e chamá-lo, sabia por quê. Quando o capitão se perdeu de vista, Aliócha apanhou as duas cédulas. Estavam muito amarrotadas, enrugadas, afundadas na areia, mas intatas, e estalaram mesmo como novas, quando Aliócha as descobriu e desenrolou. Depois de havê-las dobrado, meteu-as no bolso e foi dar conta a Katierina Ivânovna do resultado de sua missão.

LIVRO V

PRÓ E CONTRA

I

NOIVADO

Foi a senhora Khokhlakova quem recebeu de novo Aliócha, toda azafamada; a crise de Katierina Ivânovna terminara com um desmaio, seguido “dum profundo abatimento. Agora ela delirava, presa da febre. Tinham mandado chamar Herzenstube e as tias. Estas já estavam lá. Esperava ansiosamente, enquanto jazia ela sem sentidos. Ah, se fosse uma febre nervosa”!

Assim dizendo, tinha a boa senhora o ar sério e inquieto. “É sério, desta vez, é sério”, acrescentava ela a cada palavra, como se tudo quanto lhe acontecera até então não contasse. Aliócha escutava-a com pesar. Quis contar-lhe sua aventura; ela, porém, interrompeu-o às primeiras palavras: não tinha tempo, rogou-lhe que fizesse companhia a Lisa, enquanto a esperasse.

— Lisa, meu caro Alieksiêi Fiódorovitch — cochichou-lhe quase ao ouvido —, Lisa espantou-me ainda há pouco, mas também enterneceu-me, por isso meu coração tudo lhe perdoa. Imagine que, logo depois de sua saída, revelou sincero pesar por ter zombado de você ontem e hoje. Mas não eram zombarias, ela brincava simplesmente. Quase chorava, o que me surpreendeu. Jamais antes se arrependia seriamente de suas zombarias a meu respeito, eram meras brincadeiras. Acontece-lhe a cada instante rir de mim. Mas agora, é sério, faz grande caso de sua opinião, Alieksiêi Fiódorovitch; se for possível, poupa-a, não lhe guarde rancor. Eu mesma só faço poupá-la, porque ela é tão inteligente, acredita-o? Dizia ela ainda há pouco que você era seu amigo de infância, “o mais sério”, imagine essa amizade séria; e eu, então? A este respeito tem sentimentos bastante sérios e até mesmo recordações, sobretudo essas frases, essas pequenas palavras, que brotam quando menos se espera. Recentemente, a propósito de um pinheiro, por exemplo. Havia um pinheiro em nosso jardim, quando ela era bem pequena, talvez exista ainda e não tenho razão de falar no passado. Os pinheiros não são como a pessoas, ficam muito tempo sem mudar, Alieksiêi Fiódorovitch. “Mamãe, disse ela, lembro-me daquele pinheiro

como em sonho.”⁴⁶ Deve ter-se exprimido doutra forma; há aqui uma confusão; pinheiro é uma palavra tão boba... Em todo o caso, disse-me a esse respeito algo de original, que não atino repetir. Aliás, esqueci tudo. Pois bem, até logo, estou toda emocionada, é de perder a cabeça. Alieksiêi Fiódorovitch, estive louca duas vezes e curaram-me. Vá ver Lisa. Reconforte-a como você sabe tão bem fazer. Lisa — gritou ela, aproximando-se da porta —, trago-te tua vítima, Alieksiêi Fiódorovitch, que não está absolutamente zangado, asseguro-te; pelo contrário, admire-se de que hajas podido acreditar em tal.

— *Merci, maman.* Entre, Alieksiêi Fiódorovitch.

Aliócha entrou. Lisa olhou-o com um olhar confuso e corou até as orelhas. Parecia envergonhada e, como se faz em semelhantes casos, pôs-se a falar com rapidez a respeito de coisa bem diversa, fingindo interessar-se por isso exclusivamente.

— Mamãe acaba de contar-me, Alieksiêi Fiódorovitch, a história daqueles duzentos rublos e de sua missão... junto àquele pobre oficial... descrevendo-me aquela cena atroz, como o insultaram e sabe, muito embora mamãe conte muito mal... duma maneira desconchavada..., derramei lágrimas ao ouvir aquilo. Pois bem! Entregou-lhe você o tal dinheiro e como aquele desgraçado...

— Justamente não o entreguei a ele. É uma história muito longa — respondeu Aliócha, parecendo, por seu lado, sobretudo, preocupado com aquele caso; no entanto, notava Lisa que também ele desviava a vista e tinha visivelmente o espírito em outra parte. Aliócha sentou-se e começou a narrativa; desde as primeiras palavras, seu constrangimento desapareceu por completo e cativou por sua vez Lisa. Falava sob a influência da emoção e da viva impressão que sentira ainda há pouco, duma maneira interessante e pormenorizada. Já em Moscou, quando Lisa era ainda menina, gostava ele de visitá-la, quer para contar uma aventura recente, uma leitura que o impressionara, quer para lembrar um episódio de sua infância. Por vezes devaneavam juntos e compunham os dois verdadeiras novelas, na maior parte das vezes alegres e cômicas. Agora reviviam essas recordações, velhas, de dois anos. Lisa ficou vivamente emocionada pela narrativa dele. Aliócha pintou-lhe com calor Iliúchka. Depois que descreveu com detalhes a cena em que o infeliz havia pisoteado o dinheiro, Lisa juntou as mãos e não pôde impedir-se de exclamar:

— Então você não lhe deu o dinheiro, deixou-o partir? Deveria ter-lhe corrido atrás, procurando alcançá-lo...

— Não, Lisa, é melhor assim — disse Aliócha, que se levantou e se pôs a andar, com ar preocupado.

— Como melhor, melhor em quê? Agora, eles vão morrer de fome!

— Não morrerão, porque esses duzentos rublos lhes chegarão às mãos. De qualquer maneira, ele amanhã os aceitará. Estou certo disso — declarou Aliócha, andando, perplexo. — Veja você, Lisa — prosseguiu ele, parando bruscamente diante dela —, cometi um erro, mas teve ele um feliz resultado.

— Que erro e por que um feliz resultado?

— Eis por quê. Aquele homem é poltrão e de caráter fraco. Está muito ressentido, mas é um homem bom. Não cesso de perguntar a mim mesmo por que se ofendeu ele subitamente e pisou a pés o dinheiro, porque, asseguro-lhe, até o derradeiro momento não sabia ele que iria pisoteá-lo. E creio que se ofendeu por diversas razões... não podia ser de outro modo em sua situação... Em primeiro lugar, rejubilou-se por demais diante de mim à vista do dinheiro e não soube ocultar isso. Se tivesse mostrado uma alegria moderada e feito cerimônia, como outros em casos semelhantes fazem careta, teria podido resignar-se a aceitar, mas sua alegria foi demasiado sincera e isso lhe causou vexame. Lisa, ele é um homem sincero e bom, eis o pior em tais situações! Falava todo o tempo com uma voz fraca, debilitada, e tão depressa, tão depressa, que se teria dito que ria ou mesmo chorava... chorou mesmo de alegria... falou de suas filhas, do lugar que lhe dariam em outra cidade, e depois de ter-se expandido, teve vergonha de súbito de haver-me mostrado sua alma. Imediatamente detestou-me. É desses pobres envergonhados, extremamente orgulhosos. Ofendeu-se sobretudo por me ter tomado demasiado depressa por seu amigo e cedido tão rapidamente; depois de ter-se lançado contra mim para intimidar-me, abraçou-me e me acariciou à vista das cédulas. Naquela posição deve ter ressentido toda a sua humilhação, e foi então que eu cometi um erro grave. Declarei-lhe que, se não tivesse ele bastante dinheiro para mudar-se para outra cidade, dar-lhe-iam mais, eu mesmo lhe daria com meus próprios recursos. Eis o que o magoou: por que vinha também eu em seu socorro? Sabe você, Lisa, é extremamente penoso para um desgraçado ver que todos se consideram como benfeitores seu... ouvi-o dizer, o *stáriets* me falou disso! Não sei como exprimi-lo, mas tenho-o

notado eu mesmo. E experimento o mesmo sentimento. Mas sobretudo, se bem que ignorasse ele até o derradeiro momento que pisotearia as cédulas, pressentia-o, é fatal. Eis por que experimentava tal alegria... E eis como, por mais desagradável que isso seja, tudo vai muito bem. Sou mesmo de opinião que nada poderia ocorrer de melhor.

— Como é isso possível!? — exclamou Lisa, olhando Aliócha com estupefação.

— Lisa, se, em lugar de pisotear esse dinheiro, tivesse-o ele aceitado, ao chegar em casa, uma hora depois, teria chorado de humilhação, é mais do que certo. No dia seguinte, viria lançar-me o dinheiro à cara, tê-lo-ia pisado, talvez, como ainda há pouco. Agora partiu todo orgulhoso e em triunfo, muito embora saiba que “se perde”. Portanto, nada é mais fácil, agora, do que obrigá-lo a aceitar esses duzentos rublos, não mais tarde do que amanhã, porque mostrou que era honrado, atirou fora e pisou o dinheiro. No entanto, tem necessidade urgente dessa soma. Por mais orgulhoso que ainda esteja neste momento, vai pensar no socorro de que se privou. Pensará nele ainda mais nesta noite, pensará amanhã de manhã talvez, estará pronto a correr à minha casa e desculpar-se. Será então que me apresentarei: “O senhor é orgulhoso, demonstrou-o. Pois bem, aceite agora, perdoe-nos.” Então ele aceitará.

Foi com uma espécie de embriaguez que Aliócha pronunciou estas palavras: “Então ele aceitará!” Lisa bateu palmas.

— Ah, é verdade, compreendi tudo de repente! Aliócha, como sabe você tudo isso? Tão jovem e já conhecedor do coração humano... Não o teria jamais acreditado.,.

— É preciso sobretudo persuadi-lo agora de que se acha em pé de igualdade com todos nós, embora aceite o dinheiro — prosseguiu Aliócha, exaltado —, e não somente de igualdade. mas mesmo de superioridade...

— “Em pé de superioridade!” É encantador, Aliócha, mas fale, fale!

— Quer dizer que não me exprimi como era devido... no caso de pé... mas isso não importa... porque...

— Mas isso não importa, decerto, absolutamente! Perdoe-me, querido Aliócha... Até agora, quase não tinha respeito por você... isto é, tinha, mas decerto num pé de igualdade, doravante será num pé de superioridade... Meu querido, não se zangue se procuro fazer espírito — encareceu com vivo sentimento. — Sou uma pequena zombeteira, mas

você, você!... Diga-me, Alieksiêi Fiódorovitch, não há em toda a nossa discussão... desdém por esse infeliz... pelo fato de dissecarmos sua alma com certa altivez, dando como certo desde agora que aceitará o dinheiro?

— Não, Lisa, não há desdém — respondeu com firmeza Aliócha, como se previsse essa pergunta —, já pensei nisso ao vir para cá. Julgue você mesma: que desdém pode haver, quando somos todos iguais a ele, quando todos o são? Porque não valem mais. Fôssemos nós melhores, seríamos semelhantes no lugar dele. Ignoro o que seja você, Lisa, mas acho que tenho a alma mesquinha para muitas coisas. A alma dele não é mesquinha, mas bastante delicada... Não, Lisa, não há nenhum desdém para com ele! Sabe, Lisa, meu *stáriets* disse uma vez: “É preciso muitas vezes tratar as pessoas como as crianças e algumas como a doentes.

— Caro Alieksiêi Fiódorovitch, quer que tratemos as pessoas como a doentes?

— Decerto, Lisa, estou disposto a isso, mas não completamente, por vezes mostro-me por demais impaciente ou então não reparo em nada. Você, você não é assim.

— Ah, não o creio! Alieksiêi Fiódorovitch, quanto sou feliz!

— Como é bom que você diga isso, Lisa!

— Alieksiêi Fiódorovitch, você é de uma bondade surpreendente, mas por vezes tem o ar pedante... no entanto, vê-se que você não o é. Vá sem fazer rumor abrir a porta e veja se mamãe não nos escuta — cochichou rapidamente Lisa.

Aliócha fez o que ela pedia e declarou que ninguém estava à escuta.

— Venha cá, Alieksiêi Fiódorovitch — prosseguiu Lisa, corando cada vez mais. — Dê-me sua mão; assim. Escute, tenho uma grande confissão a fazer-lhe: escrevi-lhe ontem, não por brincadeira, mas seriamente...

E cobriu os olhos com a mão. Via-se que esta confissão lhe custava muito. De repente, agarrou a mão de Aliócha e beijou-a três vezes, impetuosamente.

— Ah, Lisa, é admirável! — exclamou Aliócha, todo contente. — Eu sabia bem que era sério...

— Vejam só que segurança! — Repeliu-lhe a mão sem contudo a largar, corou, e riu-se, levemente, cheia de felicidade. — Beijo-lhe a mão, e ele acha isso admirável.

Censura injusta, aliás; Aliócha estava também bastante perturbado.

— Gostaria de agradar-lhe sempre, Lisa, mas não sei como fazer — murmurou ele, corando por sua vez.

— Aliócha, meu querido, você é frio e presunçoso. Vejam só isso! Não se dedignou de escolher-me por esposa e ei-lo tranquilo! Estava certo de que lhe tinha escrito seriamente. Mas isso é pura presunção!

— Estava eu errado acreditando estar certo? — E Aliócha pôs-se a rir.

— Pelo contrário, Aliócha, estava muito bem.

Lisa olhou-o ternamente e cheia de felicidade. Aliócha havia mantido a mão dela na sua. De repente, inclinou-se e beijou-a na boca.

— Que é isso? Que tem você!? — exclamou Lisa. Aliócha ficou todo desconcertado.

— Perdoe-me, se fiz mal... Talvez tenha cometido uma tolice... Você me achava frio e então eu a beijei... Mas vejo que foi uma tolice...

Lisa desatou a rir e ocultou o rosto nas mãos.

— E com esse traje! — deixou ela escapar, rindo; mas, de súbito, parou, ficou séria, quase severa. — Não, Aliócha, para mais tarde os beijos, porque nós dois não entendemos disso ainda e é preciso esperar ainda muito tempo — concluiu ela. — Diga-me antes por que escolhe para esposa uma tola e uma doente como eu, você tão inteligente, tão refletido, tão penetrante? Aliócha, sinto-me muito feliz, porque sou indigna de você.

— Mas não, Lisa! Em breve deixarei o mosteiro completamente. Ao voltar para o mundo, terei de casar-me, eu o sei. “Ele” me ordenou. Quem acharia eu melhor que você... e quem haveria de querer-me, senão você? Já refleti nisso. Em primeiro lugar, você me conhece desde a infância; em segundo lugar, tem você muitas qualidades que me faltam totalmente. É mais alegre do que eu; sobretudo, mais ingênua, porque eu já aflorei muitas coisas... Ah, não sabe você que sou um Karamázov? Que importa que você ria e pilherie, e mesmo à minha custa? Fico tão contente com isso... Mas você ri como uma menina e se atormenta com seus pensamentos.

— Como, me atormento? Como isso?

— Sim, Lisa, sua pergunta, ainda há pouco: “não há desdém por esse infeliz, pelo fato de dissecarmos assim sua alma?”, é uma pergunta dolorosa... Vê você? Não sei explicar-me, mas os que fazem tais perguntas são capazes de sofrer. Em sua cadeira, deve você meditar muito...

— Aliócha, dê-me sua mão. Por que a retira? — murmurou Lisa, numa voz enfraquecida pela felicidade. — Escute, como se trajará você, quando sair do mosteiro? Não ria e trate de não se zangar, é muito importante para mim.

— Quanto ao traje, Lisa, ainda não pensei nele, mas escolherei aquele que lhe agradar.

— Gostaria de vê-lo usar um casaco de veludo azul-escuro, um colete de piquê branco e um chapéu de feltro cinzento... Diga-me, acreditou você ainda há pouco que eu não o amava, quando me desdisse de minha carta de ontem?

— Não, não acreditei.

— Oh, o insuportável, incorrigível!

— Vê você? Sabia que você... me amava, mas fingi crer que você não me amava mais, para ser-lhe... agradável...

— É pior ainda! Tanto pior e tanto melhor. Aliócha, eu o adoro. Antes de sua chegada, tinha dito a mim mesma: “Vou pedir-lhe a carta de ontem e, se ele me restitui-la sem dificuldade (como se pode esperar de sua parte), isso significa que ele não me ama absolutamente mais, que não sente nada, que não passa de um garoto tolo e que estou perdida.” Mas você deixou a carta na cela e isso me restituiu coragem; não teria sido pelo fato de pressentir você que eu tornaria a pedir-lhe e a fim de não me restituir? Não é verdade?

— Não é isso de todo, Lisa, porque tenho a carta comigo, como a tinha ainda há pouco; está neste bolso, ei-la.

Aliócha tirou a carta rindo e mostrou-lhe de longe.

— Somente não lhe darei. Contente-se com olhá-la.

— Como, você mentiu? Você, um monge, mentindo?

— É verdade que menti, mas foi para não lhe devolver a carta. É preciosa para mim — acrescentou, com fervor, corando de novo — e não a darei a ninguém.

Lisa examinava-o, encantada.

— Aliócha — cochichou ela —, vá ver se mamãe não nos está escutando.

— Bem, Lisa, olharei, mas não seria melhor não fazê-lo? Por que suspeitar que sua mamãe pratique essa baixeza?

— Como? Que baixeza? Mas vigiar a filha é seu direito, não há baixeza. Esteja certo, Alieksiêi Fiódorovitch, de que, quando eu for mãe e tiver uma filha, igual a mim, vigiá-la-ei da mesma maneira.

— Deveras, Lisa? Mas isso não está bem.

— Meu Deus! Que baixeza há nisso? Se ela escutasse uma conversa mundana, seria vil; mas trata-se da filha a sós com um rapaz... Saiba, Aliócha, que vou vigiá-lo desde que nos casarmos, abrirei todas as suas cartas para lê-las... Já está prevenido...

— Decerto, se faz questão disso... — murmurou Aliócha. — Mas não será louvável...

— Que desdém! Aliócha, meu bem, não brigemos desde o começo. Prefiro falar-lhe francamente: é censurável, decerto, escutar às portas, estou errada e você está certo, mas isso não me impedirá de escutar.

— Pois escute. Você nunca me haverá de apanhar em falta — disse, rindo, Aliócha.

— Outra coisa: obedecer-me-á você em tudo? É preciso decidir isso também desde já.

— De muito boa vontade, Lisa, salvo nas coisas essenciais. Nesses casos, mesmo se você não estiver de acordo comigo, só me submeterei à minha consciência.

— Isso é o que deve ser. Saiba que não somente estou pronta a obedecer-lhe nos casos graves, mas cederei a você em tudo, juro-lhe desde agora, em tudo e por toda a minha vida — gritou Lisa apaixonadamente —, e isso com felicidade, com alegria! Além do mais, juro-lhe jamais escutar às portas e ler suas cartas, porque você tem razão. Por mais forte que seja minha curiosidade, resistirei a isso, pois que você acha isso vil. Você é agora a minha Providência... Diga-me, Alieksiêi Fiódorovitch, por que está você tão triste nos últimos dias? Sei que tem aborrecimentos, pesares, mas noto ainda em você uma tristeza oculta, talvez.

— Sim, Lisa, tenho uma tristeza oculta. Vejo que você me ama, uma vez que adivinhou isso.

— Que tristeza? A propósito de quê? Pode-se saber? — perguntou timidamente Lisa.

— Mais tarde, Lisa, lhe direi... — Aliócha perturbou-se. — Agora você não compreenderia. E eu mesmo não saberia explicar-lhe.

— Sei também que você se atormenta por causa de seus irmãos e de seu pai.

— Sim, de meus irmãos — proferiu Aliócha, pensativo.

— Não gosto de seu irmão Ivan Fiódorovitch, Aliócha.

Essa observação surpreendeu Aliócha, mas não a rebateu.

— Meus irmãos se perdem — prosseguiu ele — e meu pai igualmente. Arrastam outros consigo. É a “força da terra” própria dos Karamázov, segundo a expressão do padre Paísi, uma força violenta e brutal... Ignoro mesmo se o espírito de Deus domina essa força. Sei somente que eu mesmo sou um Karamázov... Sou um monge, um monge... Dizia você ainda há pouco que sou um monge?

— Sim, disse-o.

— Ora, talvez não creia em Deus.

— Não crê? Que está dizendo? — murmurou Lisa, com reserva. Mas Aliócha não respondeu. Havia naquelas palavras bruscas algo de misterioso, de demasiado subjetivo talvez, que ele próprio não explicava a si mesmo e que o atormentava.

— Além do mais, meu amigo se vai; o mais eminente dos homens vai deixar a terra. Se você soubesse, Lisa, os laços morais que me ligam àquele homem! Vou ficar só... Voltarei a vê-la, Lisa... Doravante, estaremos sempre juntos.

— Sim, juntos, juntos! Desde agora e por toda a vida. Beije-me, permito-lhe.

Aliócha beijou-a.

— Agora, vá embora! Que o Cristo esteja com você! (Fez sobre ele o sinal da cruz.) Vá vê-lo enquanto ainda é tempo. Tenho sido cruel, retendo-o. Hoje rezarei por ele e por você. Aliócha, seremos felizes, não é verdade?

— Creio que sim, Lisa.

Aliócha não tinha intenção de procurar a senhora Khokhlakova ao sair do quarto de Lisa, mas encontrou-a na escada. Desde as primeiras palavras adivinhou que ela o esperava.

— É horrível Alieksiêi Fiódorovitch. É uma infantilidade e uma tolice. Espero que você não vá imaginar... Tolices, tolices! — exclamou ela, zangada.

— Mas não lhe diga; isso a agitaria e lhe faria mal.

— Eis a palavra sábia dum jovem prudente. Devo entender que você estava consentindo unicamente por piedade por seu estado doentio, com medo de irritá-la, contradizendo-a?

— Absolutamente; falei-lhe com toda a seriedade — declarou Aliócha com firmeza.

— Deveras? É impossível. Em primeiro lugar, nossa casa ser-lhe-á fechada, em seguida; partirei e levá-la-ei comigo, fique sabendo!

— Mas por quê? — disse Aliócha. — Ainda está longe, 18 meses talvez a esperar.

— É verdade, Alieksiêi Fiódorovitch, e em 18 meses poderão vocês brigar e separar-se. Mas sou tão infeliz! São tolices, de acordo, mas isso me consternou. Sou como Famússov na derradeira cena,⁴⁷ o senhor é Tchátski, ela é Sófia. Corri aqui para encontrá-lo. Na comédia, também as peripécias se passam na escada. Ouvi tudo, mal me podia conter. Eis pois a explicação para essa noite em claro e as recentes crises nervosas! O amor para a filha, morte para a mãe! Agora, um segundo ponto, essencial: que carta é essa que Lisa lhe escreveu? Mostre-me imediatamente!

— Não, para quê? Dê-me notícias de Katierina Ivânovna, isso me interessa bastante.

— Continua a delirar e não recuperou os sentidos; suas tias estão aqui a se lamentar, com seus ares imponentes. Herzenstube veio, ficou de tal modo espantado que eu não sabia o que fazer, queria mesmo mandar chamar outro médico. Levaram-no em meu carro. E, para dar cabo de mim, ei-lo com essa carta! É verdade que 18 meses nos separam de tudo isso. Em nome do que há de mais sagrado, em nome de seu *stáriets* moribundo, mostre-me essa carta, a mim, mãe dela. Segure-a, se quiser, eu a lerei a distância.

— Não, não lhe mostrarei, Katierina Óssipovna, mesmo que ela o permitisse. Voltarei amanhã, conversaremos, se quiser; agora, adeus.

E Aliócha saiu precipitadamente.

II

SMIERDIÁKOV E SEU VIOLÃO

Não tinha, aliás, tempo. Ao despedir-se de Lisa, viera-lhe uma ideia: como fazer para encontrar imediatamente o irmão Dimítri, que parecia evitá-lo? Já eram três horas da tarde: Aliócha experimentava vivo desejo de voltar ao mosteiro, para ir ter com o “ilustre” moribundo; mas a necessidade de ver Dimítri venceu-o; o pressentimento de uma catástrofe iminente crescia em seu espírito. De que natureza era ela, que teria ele querido dizer agora a seu irmão, ele mesmo não tinha ideia nítida. “Que meu benfeitor morra sem mim! Pelo menos, não me censurarei toda a minha vida por não ter salvo alguém, quando talvez podia fazê-lo, ter passado além na pressa de regressar à casa. Aliás, obedeço assim à vontade dele...”

Seu plano consistia em surpreender Dimítri de improviso. Eis como: escalando a cerca, como na véspera, penetraria no jardim e se instalaria no pavilhão. “Se ele não estiver lá, sem nada dizer a Fomá nem às proprietárias, ficarei oculto, a esperar até a noite. Se Dimítri está ainda tocaiando ali a vinda de Grúchenhka, virá provavelmente ao pavilhão...” Aliás, Aliócha não se deteve em detalhes do plano, mas resolveu executá-lo, embora devesse não voltar ao mosteiro naquele dia.

Tudo se passou sem obstáculo; transpôs a cerca quase no mesmo lugar que na véspera e dirigiu-se secretamente para o pavilhão. Não desejava ser notado; a propriedade, bem como Fomá (se estivesse lá) poderiam ficar do lado de seu irmão e conformar-se com suas instruções, portanto não deixar Aliócha entrar no jardim ou advertir Dimítri, a tempo, de sua presença. Sentou-se no mesmo lugar e se pôs à espera; o dia era tão belo como o anterior, mas o pavilhão pareceu-lhe mais arruinado do que na véspera. O pequeno copo de conhaque deixara um círculo sobre a mesa verde. Ideias ociosas vinham-lhe ao espírito, como acontece sempre por ocasião de uma espera aborrecida: por que se sentara ele precisamente no mesmo lugar e não em outro? A tristeza invadia-o, proveniente duma vaga inquietação. Esperava havia um quarto de hora apenas, quando ressoaram perto os acordes de um violão. Provinha das moitas a uns vinte passos, quando muito. Aliócha lembrou-se de ter entrevisto na véspera, perto do tapume, à esquerda, um velho banco rústico e verde, entre os arbustos. Era dali que partiam os sons. Uma voz masculina cantava em falsete, acompanhando-se do violão:

*Uma força pertinaz
À amada preso me traz,*

*Senhor, tende piedade,
Dela e de mim!
Dela e de mim!*

A voz parou: voz de tenorino com floreios de lacaio. Uma voz de mulher, cariciosa e tímida, proferiu, afetadamente:

— Por que se vê você tão raramente, Páviel Fiódorovitch, por que se esquece de nós?

— Nada disso — respondeu a voz de homem, com uma dignidade firme, se bem que cortês. Via-se que era o homem quem dominava, que a mulher o cortejava. “Deve ser Smierdiákov — pensou Aliócha —, a julgar pela voz pelo menos. A mulher é decerto a filha da dona da casa, a que voltou de Moscou e vai de vestido de cauda tomar sopa em casa de Marfa Ignátievna...”

— Adoro os versos, quando são harmoniosos — prosseguiu a voz feminina. — Continue.

A voz voltou a cantar:

*Pouco me importa a coroa,
Se minha amada está boa,
Senhor, tende piedade,
Dela e de mim!
Dela e de mim!*

— Da vez passada foi bem melhor — observou a mulher. — Você cantava, a propósito da coroa: “Se meu benzinho está bem.” Era mais terno.

— Versos são ninharias! — cortou Smierdiákov.

— Oh! Não, adoro os versos.

— Os versos! Não há nada de mais tolo. Julgue você mesma; será que a gente fala rimando? Se falássemos todos rimando, mesmo por ordem das autoridades, seria isso por muito tempo? Os versos não são coisa séria, Maria Kondrátievna.

— Como você é inteligente! Onde aprendeu tudo isso? — continuou a voz, cada vez mais cariciosa.

— Saberla muito mais, se a sorte não me tivesse sido sempre contrária. Teria matado em duelo aquele que me chamasse de vilão, porque não tenho pai e nasci duma fedorenta.⁴⁸ Eis o que me lançaram em rosto, em Moscou, onde souberam disso por Grigóri Vassílievitch. Ele me censura por me revoltar contra meu nascimento: “Tu lhe rompestes as entranhas.” Pois seja, mas teria preferido que me matassem no ventre de minha mãe a ter nascido. Dizia-se no mercado — e sua mãe me contou isso com sua falta de delicadeza — que a cabeça de minha mãe era ninho de galinha e que tinha de altura apenas dois *archini* e pico. Por que dizer “e pico”, quando podiam ter dito, como toda gente costuma dizer, simplesmente: “e um pouco mais”? É essa uma maneira boba de falar, muito própria de gente rústica. Pode o mujique falar direito diante de um homem culto? Por efeito de sua incultura, não possui senso nenhum do bem falar. Eu, desde menino, sempre que ouvia esse “e pico”, tinha vontade de dar cabeçadas na parede. Detesto tudo quanto é russo, Maria Kondrátiévna.

— Se você fosse um cadete ou um jovem hussardo, não falaria assim, mas tiraria seu sabre em defesa da Rússia.

— Não somente não desejaria ser hussardo, Maria Kondrátiévna, mas desejo, pelo contrário, a supressão de todos os soldados.

— E se o inimigo vier, quem nos defenderá?

— De que servirá? Em 1812, viu a Rússia a grande invasão do imperador dos franceses, Napoleão I, pai do atual,⁴⁹ e bom teria sido se os franceses nos tivessem conquistado; uma nação inteligente teria subjugado um povo estúpido, anexando-o. Tudo teria marchado de outra maneira.

— Quer dizer com isso que eles valem mais do que nós? Pois eu não trocaria um de nossos elegantes por três ingleses jovens — declarou com voz terna Maria Kondrátiévna, acompanhando (provavelmente) suas palavras com o olhar mais langoroso.

— Isto depende dos gostos.

— Você parece um estrangeiro entre nós, o mais nobre estrangeiro, digo-o sem nenhuma vergonha.

— Para falar a verdade, no que diz respeito à corrupção, as pessoas de lá e as de cá se assemelham. Todos uns velhacos, com esta diferença: o estrangeiro anda de botas envernizadas, ao passo que nosso tratante nacional vive de cócoras em sua miséria e não se queixa. É preciso

fustigar o povo russo, como o disse ontem com razão Fiódor Pávlovitch, muito embora ele e seus filhos não passem de uns loucos.

— Você respeita muito Ivan Fiódorovitch, você mesmo o disse.

— Mas tratou-me de lacaio fedorento. Toma-me por um revoltado, no que se engana. Se tivesse eu algum dinheiro, desde muito haveria fugido daqui. Dimíttri Fiódorovitch é pior que um lacaio, por sua conduta e por sua inteligência; é um balaio furado, um bom para nada e, no entanto, o respeitam. Eu não passo de um queima-panelas, admitamos; mas, com sorte, poderia abrir um café-restaurante em Moscou, na rua de São Pedro. Porque, com efeito, preparo pratos especiais e nenhum de meus colegas, em Moscou, é capaz disso, exceto os estrangeiros. Dimíttri Fiódorovitch é um vagabundo, mas, se provocar para duelo um filho de conde, não se recusará ele a comparecer ao terreno. Ora, que tem ele mais do que eu? É infinitamente mais estúpido. Quanto dinheiro já não gastou, sem mais nem menos?

— Isso de duelo deve ser coisa muito interessante — insinuou Maria Kondrátiévna.

— Como assim?

— É espantoso, tal bravura, sobretudo quando jovens oficiais trocam balas por causa de uma mulher. Que quadro! Ah! Se as mulheres pudessem assistir a isso... Eu gostaria tanto...

— É bonito quando se presencia; mas, quando o alvo é a garganta da gente, a impressão não é nada agradável. Você sairia a correr, Maria Kondrátiévna.

— E você, fugiria também?

Smierdiákov não se dignou responder. Depois de uma pausa, novo acorde soou, e a voz de falsete entoou a derradeira copla:

*Por mais esforços que façam,
Ninguém aqui me retém,
Vou gozar a minha vida,
Vou viver na capital,
E não hei de lamentar-me,
Não, não me lamentarei...*

Nesse momento, sobreveio um incidente. Aliócha espirrou; o silêncio se fez no banco. Levantou-se e marchou para o lado deles. Era com efeito Smierdiákov, trajado com todo o apuro, empomadado, creio que até mesmo de cabelos frisados e botinas envernizadas. Trazia seu violão a tiracolo. A mulher era Maria Kondrátievna, a filha da proprietária, moça nada feia, mas de rosto demasiado redondo, semeado de sardas; trazia um vestido azul-claro, com uma cauda de dois *archini*.

— Meu irmão Dimíttri tardará a chegar? — perguntou Aliócha, com o tom mais calmo possível.

Smierdiákov levantou-se lentamente; sua companheira imitou-o.

— Como posso eu saber das idas e vindas de Dimíttri Fiódorovitch? Seria diferente se fosse eu seu guardião — respondeu tranquilamente Smierdiákov, com um matiz de desdém.

— Perguntava simplesmente se você sabia.

— Ignoro onde ele se encontra e não quero sabê-lo.

— Meu irmão me disse que você o informava de tudo quanto se passa na casa e lhe havia prometido anunciar-lhe a chegada de Agrafiena Alieksándrovna.

Smierdiákov, impassível, ergueu os olhos para Aliócha.

— Como fez para entrar? Há já uma hora que a porta foi aferrolhada.

— Ora, escalei a cerca. Espero que me desculpe (dirigia-se a Maria Kondrátievna), estava com pressa de ver meu irmão.

— Ah, nada há que desculpar! — murmurou a jovem, lisonjeada. — Dimíttri introduz-se muitas vezes dessa maneira no pavilhão; já está instalado, antes que a gente o tenha visto.

— Estou à sua procura, gostaria muito vê-lo. Não poderia dizer-me onde se encontra ele neste momento? É para um negócio sério que lhe diz respeito.

— Ele não nos diz para onde vai — balbuciou a moça.

— Mesmo aqui, em casa de meus conhecidos, seu irmão me perseguia com perguntas a respeito de meu amo — disse Smierdiákov. — Que se passa em casa dele, quem entra, quem sai, se não tenho nada a comunicar-lhe? Por duas vezes ameaçou matar-me.

— Será possível? — admirou-se Aliócha.

— Pensa que ele se constrangeria, com o caráter que tem? Pode o senhor mesmo julgar por ontem. “Se não conseguir ter com Agrafiena

Alieksándrovna e ela passar a noite em casa do velho, não respondo por sua vida”, disse-me ele. Tenho muito medo, e, se ousasse, deveria denunciá-lo às autoridades. Deus sabe do que é ele capaz.

— Um dia desses, disse-lhe: “Eu te pilaria num pilão” — acrescentou Maria Kondrátiévna.

— Talvez não passe isso de palavras vazias... — observou Aliócha. — Se eu pudesse vê-lo, falar-lhe-ia a esse respeito.

— Eis tudo quanto posso comunicar-lhe — disse Smierdiákov, depois de ter refletido. — Venho frequentemente aqui como vizinho. Por que não? Por outra parte, Ivan Fiódorovitch mandou-me hoje bem cedo à casa de Dimíttri Fiódorovitch, na rua do Lago, para dizer-lhe que fosse sem falta jantar com ele no botequim da praça. Fui lá, mas não o encontrei; já eram oito horas. “Ele veio e depois partiu”, disse-me textualmente o dono da casa. Dir-se-ia que haviam combinado isso. Neste momento, talvez esteja à mesa com Ivan Fiódorovitch, porque este não voltou para jantar; quanto a Fiódor Pávlovitch, há já uma hora que jantou e agora faz a sesta. Mas rogo-lhe instantemente que não revele nada disso, ele seria capaz de matar-me por uma bagatela.

— Meu irmão Ivan marcou encontro com Dimíttri no botequim, hoje? — insistiu Aliócha.

— Sim.

— No botequim A Capital, na praça?

— Precisamente.

— É bem possível! — exclamou Aliócha, agitado. — Agradeço-lhe, Smierdiákov, a notícia é importante, corro lá imediatamente.

— Não me atraíçoe.

— Não, apresentar-me-ei como por acaso, fique tranquilo.

— Aonde vai então? Vou abrir-lhe a porta — gritou Maria Kondrátiévna.

— Não, é mais perto por aqui. Vou transpor a cerca.

Aquela notícia impressionara Aliócha, que correu ao botequim. Não seria conveniente entrar ali com aquele seu traje, mas podia informar-se e chamar seus irmãos à escada. Assim que se aproximou do botequim, uma janela se abriu e Ivan gritou-lhe:

— Aliócha, podes vir ter aqui comigo? Ficar-te-ei infinitamente grato.

— Sim, mas com esta roupa...

— Estou num gabinete reservado, sobe o patamar, vou a teu encontro.

Um instante depois, estava Aliócha sentado ao lado do irmão. Ivan jantava sozinho.

III

OS IRMÃOS TRAVAM AMIZADE

Na verdade, a mesa de Ivan, perto da janela, estava protegida por um simples biombo contra os olhares indiscretos. Encontrava-se ao lado do balcão, na primeira sala, em que os garçons circulavam a todo instante. Somente um velhinho, militar reformado, bebia chá num canto. Em outras salas, ouvia-se o barulho habitual dos botequins: chamados, garrafas que se desarrolhavam, os choques das bolas no bilhar. Um órgão fazia-se ouvir. Aliócha sabia que seu irmão não gostava dos botequins e a eles quase nunca ia. Sua presença só se explicava, pois, pela entrevista marcada com Dimítri.

— Vou mandar pedir para ti uma sopa de peixe ou outra coisa. Não vives de chá somente. — Ivan estava visivelmente encantado com a companhia de Aliócha. Acabara de jantar e tomava chá.

— De acordo, e em seguida chá, estou com fome — disse Aliócha num tom jovial.

— E doce de cerejas? Lembras-te de como gostavas dele, em tua infância, em casa de Políenov?

— Ah! Lembras-te? Quero sim, gosto ainda dele.

Ivan tocou a campainha, ordenou uma sopa de peixe, chá e doces.

— Lembro-me de tudo, Aliócha. Tu tinhas 11 anos e eu 15. A camaradagem entre irmãos não é possível naquela idade, com quatro anos de diferença. Não sei mesmo se gostava de ti. Nos primeiros anos de minha estada em Moscou, nem mesmo pensava em ti. Depois, quando lá apareceste por tua vez, encontramos-nos uma única vez, creio. Há quatro anos que vivo aqui e não temos conversado. Parto amanhã e pensava ainda há pouco nos meios de ver-te para dizer-te adeus. Chegas a propósito.

— Desejavas muito ver-me?

— Muito. Quero que aprendamos a conhecer-nos mutuamente. Em seguida, nos separaremos. Em minha opinião, vale melhor conhecermos antes de separar-nos. Tenho notado como me observavas, durante esses três meses. Lia-se em teus olhos uma expectativa contínua. Não saberia tolerar isso e era o que me mantinha a distância. Afinal, aprendi a estimarte: eis, pensava eu, um homenzinho de caráter firme. Nota que falo seriamente, embora rindo. Porque tu és firme, não és? Gosto de firmeza, por não importa qual motivo e mesmo na tua idade. Enfim, teu olhar ansioso deixou de desagradar-me, tornou-se-me mesmo simpático. Dir-se-ia que tens afeição por mim, Aliócha.

— Decerto, Ivan. Dimítri diz que és um túmulo. Eu digo que és um enigma. Tu o és ainda agora para mim, no entanto começo a compreender-te, desde esta manhã apenas.

— Que queres dizer? — disse Ivan, rindo.

— Não te zangarás, pelo menos? — perguntou Aliócha, rindo também.

— E então?

— Então, descobri que és um rapaz semelhante a todos os outros, aos 23 anos, um rapaz bem viçoso, bem gentilmente ingênuo, um verdadeiro fedelho, em uma palavra. Minhas palavras não te ofendem?

— Pelo contrário, estou admirado duma coincidência! — exclamou Ivan, com ímpeto. — Acreditarias que, desde nossa conversa desta manhã, só penso na ingenuidade de meus 23 anos, e é por isso que comesas, como se o tivesses adivinhado? Sabes o que dizia a mim mesmo ainda há pouco? Se não tivesse mais fé na vida, se duvidasse duma mulher amada, da ordem universal, persuadido ao contrário de que tudo não é senão um caos infernal e maldito e estivesse eu presa dos horrores da desilusão — mesmo então quereria viver ainda assim. Depois de ter bebido na taça encantada, só a deixaria uma vez esgotada. Aliás, perto dos trinta anos, pode ser que sinta saudade dela, mesmo inacabada, e irei... não sei aonde. Mas até os trinta anos, tenho certeza, minha mocidade triunfará de tudo, do desencanto, do desgosto de viver. Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo se haveria no mundo um desespero capaz de vencer em mim esse furioso apetite de viver, inconveniente talvez; e penso que ele não existe, pelo menos antes de trinta anos. Esta sede de viver é chamada de vil por certos moralistas a catarrentos e tuberculosos, sobretudo por poetas. É verdade que é um traço característico dos Karamázov, essa sede de viver a qualquer preço; encontra-se em ti, mas por que haveria de ser vergonhoso?

Há ainda muita força centrípeta em nosso planeta, Aliócha. Quer-se viver, e eu vivo, mesmo a despeito da lógica. Não creio na ordem universal, pois seja; mas amo os brotos tenros na primavera, o céu azul, amo certas pessoas, sem saber por quê. Amo o heroísmo, no qual talvez tenha deixado de crer desde muito tempo, mas que, venero por hábito. Eis que te trazem a sopa de peixe. Bom apetite. É excelente, preparam-na bem aqui. Quero viajar pela Europa, Aliócha. Sei que não encontrarei lá senão um cemitério, mas quão querido! Queridos mortos nele repousam, cada pedra atesta a vida ardente deles, a fé apaixonada em seus ideais, a luta pela verdade e pela ciência. Oh! Cairei de joelhos diante daquelas pedras, beijá-las-ei, derramando lágrimas. Convencido, aliás, intimamente, de que tudo aquilo não é senão um cemitério e nada mais. E não serão lágrimas de desespero, mas de felicidade. Embriago-me com meu enternecimento. Gosto dos brotos tenros da primavera e do céu azul. A inteligência e a lógica não entram nisso absolutamente, é o coração que ama, é o ventre, gosta-se das primeiras forças juvenis... Compreendes tu alguma coisa dessa minha arenga, Aliócha? — E Ivan pôs-se a rir.

— Compreendo por demais, Ivan; desejar-se-ia amar pelo coração e pelo ventre, como bem o disseste. Estou encantado com esse teu ardor de viver. Penso que se deve amar a vida acima de tudo.

— Amar a vida, em vez do sentido da vida?

— Decerto. Amá-la antes de raciocinar, sem lógica, como dizes; então somente compreender-se-á o sentido dela. Eis o que entrevejo há muito tempo. A metade de tua tarefa está realizada e adquirida, Ivan: amas a vida. Ocupa-te com a segunda parte, é a salvação.

— Estás muito apressado em salvar-me, talvez não esteja eu ainda perdido. Em que consiste essa segunda parte?

— Em ressuscitar teus mortos, que estão talvez ainda vivos. Dá-me chá. Estou satisfeito com nossa conversa, Ivan.

— Vejo que estás de veia. Gosto dessas *professions de foi*,⁵⁰ da parte de um noviço. Sim, tens firmeza, Alieksiêi. É verdade que queres deixar o mosteiro?

— Sim, meu *stáriets* me envia para o mundo.

— Então, nós tornaremos a ver-nos antes de meus trinta anos, quando começar a desdenhar a taça. Nosso pai não quer renunciar a ela antes dos setenta anos, ou mesmo dos oitenta. Disse-o muito seriamente, embora

seja um palhaço. Agarra-se à sua sensualidade como a um rochedo... Na verdade, após os trinta anos, não há outro recurso talvez. Mas é vil entregar-se a isso até os setenta. Melhor vale cessar aos trinta. Conserva-se uma aparência de nobreza, ao mesmo tempo que engana a si mesmo. Não viste Dimíttri hoje?

— Não, mas vi Smierdiákov. — E Aliócha fez a seu irmão um relato pormenorizado de seu encontro com Smierdiákov. Ivan escutava-o com ar preocupado e insistiu sobre certos pontos.

— Rogou-me que não repetisse a Dimíttri o que disse dele — acrescentou Aliócha.

Ivan franziu as sobrancelhas e pôs-se a refletir.

— Foi por causa de Smierdiákov que fechaste a cara?

— Sim. Que o diabo o carregue! Queria, com efeito, ver Dimíttri; agora, é inútil... — declarou Ivan a contragosto.

— Partes deveras tão cedo, irmão?

— Sim.

— Como acabará tudo isso, entre Dimíttri e nosso pai? — perguntou Aliócha, com inquietação.

— Voltas sempre a isso! Que posso eu fazer? Serei o guarda de meu irmão Dimíttri? — replicou Ivan, com irritação. De repente teve um sorriso amargo. — É a resposta de Caim a Deus. Pensas nisso neste momento, talvez, hem? Mas que diabo! Não posso, no entanto, ficar aqui para vigiá-los! Meus negócios terminaram, parto. Não vás crer que eu estava com ciúmes de Dimíttri, que procurava tomar-lhe a noiva, durante esses três meses. Oh, não, tinha meus negócios. Acabaram, parto. Viste o que se passou?

— Em casa de Katierina Ivânovna?

— Decerto. Libertei-me dum só golpe. Que me importa Dimíttri? Nada tem ele a ver com o caso. Tinha eu meus negócios próprios com Katierina Ivânovna. Sabes tu mesmo que Dimíttri se portou como se estivesse conivente comigo. Não lhe pedi nada, foi ele mesmo quem a transmitiu a mim solenemente, com sua bênção. É de causar riso. Aliócha, se soubesses como me sinto leve, atualmente! Aqui, jantando, queria pedir champanha para celebrar minha primeira hora de liberdade. Puxa! Seis meses de servidão, quase, e, de repente, eis-me desembaraçado! Ontem ainda, não tinha a menor ideia de que era tão fácil dar tudo por acabado.

— Queres falar de teu amor, Ivan?

— Sim, do amor, se queres. Apaixonei-me por uma colegial e causávamos sofrimento um ao outro. Não pensava senão nela... e de repente tudo se desmorona. Ainda há pouco falava eu com ar inspirado, mas saí rindo às gargalhadas, acreditas nisso? É a pura verdade.

— Falas disso ainda agora com alegria — notou Aliócha, examinando o rosto radiante de seu irmão.

— Mas como podia eu saber que não a amava absolutamente? Era, no entanto, a verdade. Mas quanto ela me agradava, e ainda ontem quando eu discorria! Mesmo agora agrada-me muito, entretanto deixo-a de coração leve. Pensas talvez que banco o fanfarrão.

— Não, talvez não fosse amor.

— Aliócha — disse Ivan, rindo —, não raciocines a respeito do amor, isso não te convém. Como te salientaste ainda há pouco! Esqueci-me de abraçar-te por isso... Quanto ela me atormentava! Era um verdadeiro dilaceramento. Oh, ela sabia que eu a amava! Era a mim que ela amava e não a Dimítri — afirmou alegremente Ivan. — Dimítri só lhe serve para torturar-se. Tudo quanto lhe disse é a verdade pura. Somente, ser-lhe-ão precisos talvez 15 ou vinte anos para dar-se conta de que não ama realmente a Dimítri, mas apenas a mim, a quem ela faz sofrer. Talvez mesmo não o adivinhe nunca, malgrado a lição de hoje. Será melhor assim. Deixei-a para sempre. A propósito, que há com ela? Que se passou depois de minha partida?

Aliócha contou-lhe que Katierina Ivânovna tivera uma crise de nervos e delirava agora sem conhecimento.

— Não estará mentindo aquela Khokhlakova?

— Creio que não.

— É preciso saber notícias dela. Não se morre duma crise de nervos. Aliás, foi bondade de Deus conceder isso às mulheres. Não irei à casa dela. Para quê?

— Tu lhe disseste, no entanto, que ela jamais te amara.

— Foi de propósito, Aliócha. Vou pedir champanha, bebamos à minha liberdade! Se soubesses como estou contente!

— Não, meu irmão, não bebamos, aliás sinto-me triste.

— Sim, és triste, percebi-o há muito tempo.

— Então partes decididamente amanhã de manhã?

— Amanhã, mas não disse de manhã... Aliás, pode ser que sim. Acreditarias que hoje jantei aqui unicamente para evitar o velho, de tal modo me causa ele aversão? Se só houvesse ele, teria partido daqui há muito tempo. Por que te inquietas tanto com minha partida? Temos ainda tempo daqui até lá, toda uma eternidade!

— Como, se partes amanhã?

— Que é que isso pode mesmo fazer? Teremos sempre tempo para tratar do assunto que nos interessa. Por que me olhas com espanto? Responde, por que estamos reunidos aqui? Para falar do amor de Katierina Ivânovna, do velho ou de Dimítri? Do estrangeiro? Da situação fatal da Rússia? Do imperador Napoleão? É para isso?

— Não.

— Portanto, compreendes tu mesmo por quê. Nós outros, fedelhos, temos como tarefa resolver as questões eternas, eis nosso fim. Agora, toda a jovem Rússia só faz dissertar sobre essas questões primordiais, ao passo que os velhos se limitam às questões práticas. Por que me olhaste durante três meses com um ar ansioso, senão para me perguntar: “Tens fé ou não tens?” Eis o que exprimiam os teus olhares, Alieksiêi Fiódorovitch; não é verdade?

— Pode muito bem ser — concedeu Aliócha, sorrindo. — Mas não estás zombando de mim neste momento, meu irmão?

— Zombando de ti? Não haveria de querer causar pesar a meu jovem irmão, que me olhou durante três meses com tanta ansiedade. Aliócha, olha-me de frente: sou um menino igual a ti, com a diferença que és noviço. Como procede a juventude russa, pelo menos uma parte? Vai a um botequim de ar viciado, tal como este, por exemplo, e instala-se num canto. Esses rapazes não se conhecem e ficarão quarenta anos sem tornar a encontrar-se. Que discutem eles naqueles breves minutos? Apenas questões essenciais: se Deus existe, se a alma é imortal. Os que não creem em Deus discorrem sobre o socialismo, a anarquia, sobre a renovação da humanidade; ora, essas questões são as mesmas, mas encaradas sob outra face. E boa parte da juventude russa, a mais original, hipnotiza-se com essas questões. Não é verdade?

— Sim, para os verdadeiros russos, as questões da existência de Deus, da imortalidade da alma, ou, como dizes, as mesmas encaradas sob outra

face, são primordiais, e tanto melhor assim — disse Aliócha, olhando seu irmão, com um sorriso escrutador.

— Aliócha, ser russo não é sempre uma prova de inteligência. Não há nada de mais tolo que as ocupações atuais da juventude russa. No entanto, há um adolescente russo a quem amo bastante.

— Como expuseste bem tudo isso! — disse Aliócha, rindo.

— Pois bem, dize-me por onde começar. Pela existência de Deus?

— Como queiras, podes mesmo começar pela “outra face”. Proclamaste ontem que Deus não existia. — Aliócha olhou o irmão com um olhar penetrante.

— Disse isso ontem em casa do velho, expressamente para irritar-te. Vi teus olhos faiscarem. Mas agora estou disposto a entreter-me seriamente contigo. Desejo entender-me contigo, Aliócha, porque não tenho amigo e quero ter um. Imagina que admito talvez Deus — disse Ivan, rindo. — Não esperavas por isso, hem?

— Sem dúvida, se não brincas neste momento.

— Vamos lá! Foi ontem, em casa do *stáriets*, que se podia achar que eu estava brincando. Sabes, meu caro, que havia um velho pecador no século XVIII que disse: “*Si Dieu n’existait pas, il faudrait l’inventer*”?⁵¹ E, com efeito, foi o homem quem inventou Deus. E o que é espantoso, não é que Deus exista realmente, mas que essa ideia da necessidade de Deus tenha vindo ao espírito de um animal feroz e mau como o homem, tão santa, comovente e sábia é ela, tanta honra faz ao homem. Quanto a mim, renunciei há muito tempo a perguntar a mim mesmo se foi Deus quem criou o homem ou o homem quem criou Deus. Bem entendido, não passarei em revista todos os axiomas que os adolescentes russos deduziram das hipóteses europeias, porque o que, na Europa, é uma hipótese, torna-se logo um axioma para os ditos adolescentes, e não somente para eles, mas para seus professores, que muitas vezes se lhes assemelham. De modo que afasto todas as hipóteses: qual é, com efeito, nosso desígnio? Meu desígnio é explicar-te o mais rapidamente possível a essência de meu ser, minha fé e minhas esperanças. Assim declaro admitir Deus, pura e simplesmente. É preciso notar, no entanto, que, se Deus existe, se criou verdadeiramente a terra, fê-la, como se sabe, segundo a geometria de Euclides,⁵² e não deu ao espírito humano senão a noção das três dimensões do espaço. Entretanto, encontraram-se, encontram-se ainda

geômetras e filósofos, mesmo eminentes, para duvidar de que todo o Universo e até mesmo todos os mundos tenham sido criados somente de acordo com os princípios de Euclides. Ousam mesmo supor que duas paralelas que, de acordo com as leis de Euclides, jamais se poderão encontrar na Terra, possam encontrar-se, em alguma parte, no infinito. Decidi, sendo incapaz de compreender mesmo isso, não procurar compreender Deus. Confesso humildemente minha incapacidade em resolver tais questões; tenho essencialmente o espírito de Euclides: terrestre. De que serve querer resolver o que não é deste mundo? E aconselho-te a jamais quebrar a cabeça a respeito, meu amigo Aliócha, sobretudo a respeito de Deus: existe ele ou não? Essas questões estão fora do alcance dum espírito que só tem a noção das três dimensões. Assim, admito Deus, não só voluntariamente, mas ainda Sua sabedoria, Seu fim que nos escapa; creio na ordem, no sentido da vida, na harmonia eterna, na qual se pretende que nos fundiremos um dia: creio no Verbo para o qual propende o Universo que está em Deus e que é ele próprio Deus, até o infinito. Estou no bom caminho? Imagina que, em definitivo, esse mundo de Deus, eu não o aceito, e embora saiba que ele existe, não o admito. Não é Deus que repilo, nota bem, mas a Criação; eis o que me recuso admitir. Explico-me: estou convencido, como uma criança, de que o sofrimento desaparecerá, que a comédia revoltante das contradições humanas se esvanecerá como uma lamentável miragem, como a manifestação vil da impotência mesquinha, como um átomo do espírito de Euclides; que, no fim do drama, quando aparecer a harmonia eterna, uma revelação se produzirá, preciosa a ponto de enternecer todos os corações, de acalmar todas as indignações, de resgatar todos os crimes e o sangue vertido; de sorte que se poderá não só perdoar, mas justificar tudo quanto se passou sobre a Terra. Que tudo isso se realize, seja, mas não o admito e não quero admiti-lo. Que as paralelas se encontrem sob meus olhos, verei e direi que se encontraram; e, no entanto, não o admitirei. Eis o essencial, Aliócha, eis minha tese. Comecei expressamente nossa conversa duma maneira que não podia ser mais idiota, mas levei-a até minha confissão, porque é o que esperas. Não era a questão de Deus que te interessava, mas a vida espiritual de teu irmão querido. Tenho dito.

Ivan acabou sua longa tirada com uma emoção singular, inesperada.

— Mas por que começaste de “uma maneira que não podia ser mais idiota”? — perguntou Aliócha, olhando com ar pensativo.

— Em primeiro lugar, por cor local: as conversas dos russos sobre esse tema travam-se sempre idiotamente. Em seguida, a idiotice aproxima do fim e da clareza. É concisa e não faz astúcia, o espírito usa de atalhos e escapa-se. O espírito é desleal, mas há honestidade na idiotice. Quanto mais idiotamente confessar o desespero que me acabrunha, tanto melhor valerá isso para mim.

— Explicar-me-ás por que “não admities o mundo”?

— Decerto, não é um segredo e ia fazer isso mesmo. Meu irmãozinho, não tenho a intenção de perverter-te, nem de abalar tua fé. Sou eu antes que quereria curar-me a teu contato — disse Ivan com o sorriso duma criança. Aliócha jamais o vira sorrir assim.

IV

A REVOLTA

— Devo confessar-te uma coisa — começou Ivan. — Jamais pude compreender como se pode amar o próximo. É precisamente, na minha ideia, o próximo que não se pode amar, ou somente a distância. Li, em alguma parte, a propósito de um santo, João, o Misericordioso,⁵³ a quem um passante faminto e transido de frio foi um dia suplicar que o aquecesse; o santo deitou-se com ele, tomou-o nos braços e se pôs a insuflar o hálito na boca purulenta do infeliz, infectada por uma horrível moléstia. Estou persuadido de que fez isso com esforço, mentindo a si mesmo, num sentimento de amor ditado pelo dever e por espírito de penitência. Para que possa amá-lo, é preciso que um homem esteja oculto; desde que ele mostra o rosto, o amor desaparece.

— O *stáriets* Zósima falou por várias vezes disso — observou Aliócha. — Dizia também que, muitas vezes, para almas inexperientes, o rosto de um homem é um obstáculo ao amor. Há, no entanto, muito amor na humanidade, um amor quase igual ao do Cristo, eu mesmo o sei, Ivan...

— Pois bem, eu, eu não o sei ainda e não posso compreendê-lo; muitos estão no mesmo caso. Trata-se de saber se isso provém dos maus pendoros, ou se é inerente à natureza humana. Em minha opinião, o amor do Cristo pelos homens é uma espécie de milagre impossível na Terra. É

verdade que ele era Deus; mas nós não somos deuses. Suponhamos, por exemplo, que eu sofro profundamente, outro não poderá jamais conhecer a que ponto sofro, porque é outro e não eu. Além do mais, é raro que um indivíduo consinta em reconhecer o sofrimento de seu próximo (como se fosse uma dignidade!). Por que isso, que pensas? Talvez porque cheiro mal, tenho o ar estúpido ou terei pisado o pé daquele senhor! Além disso, há diversos sofrimentos: o que humilha, a fome, por exemplo, meu benfeitor quererá bem admiti-lo; mas desde que meu sofrimento se eleva, que se trata de uma ideia, por exemplo, só nela crerá por exceção porque, talvez, examinando-me, verá que não tenho o rosto que sua imaginação empresta a um homem que sofre por uma ideia. Logo cessará seus benefícios e isso sem maldade. Os mendigos, sobretudo aqueles que têm alguma nobreza, não deveriam jamais mostrar-se, mas pedir esmola por intermédio dos jornais. Em teoria, ainda, pode-se amar o próximo, e até mesmo de longe; de perto, é quase impossível. Se, pelo menos, tudo se passasse como no palco, nos balés, em que os pobres em farrapos de seda e com rendas rasgadas mendigam, dançando graciosamente, poder-se-ia ainda admirá-los, não amá-los. Mas basta, a respeito. Queria somente colocar-te em meu ponto de vista. Queria falar dos sofrimentos da humanidade em geral, mas vale mais que me limite aos sofrimento das crianças. Meu argumento ficará reduzido à décima parte, mas é melhor assim. Perco com isso, bem entendido. Em primeiro lugar, pode-se amar as crianças de perto, mesmo sujas, mesmo feias (parece-me, no entanto, que as crianças nunca são feias). Em seguida, se não falo dos adultos, é que não somente são repelentes e indignos de ser amados, mas têm uma compensação: comeram o fruto proibido, discerniram o bem do mal, tornaram-se “semelhantes a deuses”. Continuam a comê-lo. Mas as criancinhas nada comeram e são ainda inocentes. Gostas de crianças, Aliócha? Sei que as amas e compreenderás por que só quero falar delas. Sofrem muito, também elas, sem dúvida; é para expiar a falta dos pais que comeram o fruto; mas é o raciocínio dum outro mundo, incompreensível para o coração humano aqui embaixo. Um inocente não saberia sofrer por outro, sobretudo um pequeno ser! Isso te surpreenderá, Aliócha, mas eu também adoro as crianças. Nota que os homens cruéis, de paixões selvagens, os Karamázov, amam por vezes muito as crianças. Até os sete anos, as crianças diferem enormemente do homem; são como outro ser, com outra natureza. Conheci um bandido num cárcere; durante sua

carreira, quando se introduzia de noite nas casas para roubar, assassinara famílias inteiras, inclusive as crianças. No entanto, na prisão, amava-as estranhamente. Só fazia olhar as que brincavam no pátio da prisão e tornou-se amigo de um menino habituado a brincar sob sua janela... Sabes por que digo isso, Aliócha? Estou com dor de cabeça e sinto-me triste.

— Estás com um ar esquisito, como se não estivesses em teu normal — observou Aliócha, com inquietação.

— A propósito, um búlgaro contava-me outrora em Moscou — continuou Ivan, como se não tivesse ouvido o irmão — as atrocidades dos turcos e dos cherqueses em seu país: temendo um levante geral dos eslavos, incendeiam, estrangulam e violam mulheres e crianças; pregam os prisioneiros nas paliçadas pelas orelhas, abandonam-nos assim até de manhã, depois os enforcam, etc. Compara-se por vezes a crueldade do homem com as dos animais selvagens; é uma injustiça para com estes. As feras não atingem jamais os refinamentos do homem. O tigre dilacera a presa e a devora; não conhece outra coisa. Não lhe viria à ideia pregar as pessoas pelas orelhas, ainda mesmo que o pudesse fazer. São os turcos os que torturam crianças com um prazer sádico, arrancam os bebês do ventre materno, lançam-nos no ar para recebê-los nas pontas das baionetas, sob os olhos das mães cuja presença constitui o principal prazer. Eis outra cena que me impressionou. Pensa nisto: um bebê ainda de peito, nos braços da mãe trêmula, e em torno deles os turcos. Ocorre-lhes uma ideia divertida: acariciando o bebê, conseguem fazê-lo rir; depois um deles aponta-lhe um revólver bem junto ao rosto. A criança ri alegremente e estende as mãozinhas para agarrar o brinquedo; de repente, o artista puxa o gatilho e arrebenta-lhe a cabeça. Os turcos gostam muito, segundo dizem, de coisas doces.

— Meu irmão, a que vem tudo isso?

— Penso que, se o diabo não existe e foi por conseguinte criado pelo homem, este deve tê-lo feito à sua imagem.

— Como Deus, então?

— Sabes muito bem usar as palavras, como diz Polônio no *Hamlet* — continuou Ivan, rindo. — Pegaste nessa frase; pois seja, isso me agrada. Mas é belo o teu Deus, se o homem O fez à sua imagem. Perguntavas ainda há pouco a que vem tudo isso? Vê, sou um diletante, um amador de fatos e anedotas; recolho-os dos jornais, anoto o que me é contado; isso já forma uma bela coleção. Os turcos nela figuram, naturalmente, com outros

estrangeiros, mas tenho também casos nacionais que os ultrapassam. Entre os russos, as varas e o chicote têm sobretudo lugar de honra; não se prega ninguém pelas orelhas, ora essa, somos europeus, mas nossa especialidade é açoitar e não se poderia privar-nos dela. Dir-se-ia que essa prática desapareceu no estrangeiro em consequência do abrandamento dos costumes, ou então porque as leis naturais proíbem que o homem açoite seu semelhante. Em compensação, existe lá como aqui um costume, a tal ponto nacional, que seria quase impossível na Rússia, muito embora se implante também entre nós, sobretudo em virtude do movimento religioso na alta sociedade. Possuo uma interessante brochura traduzida do francês, em que se conta a execução em Genebra, há cinco anos, de um assassino chamado Richard, que se converteu ao cristianismo antes de morrer, na idade de 24 anos. Era filho natural, “dado” por seus pais, quando tinha seis anos, a pastores suíços, que o educaram para fazer dele um trabalhador. Cresceu como um pequeno selvagem, sem nada aprender; aos sete anos, mandaram-no para fazer pastar o rebanho, ao frio e à umidade, malvestido e faminto. Aquela gente não sentia nenhum remorso ao tratá-lo assim; pelo contrário, achava que tinha direito de fazê-lo, porque lhe haviam dado Richard como uma coisa e não julgava mesmo necessário nutri-lo. O próprio Richard conta que então, como o filho pródigo do Evangelho, quis mesmo comer a lavagem destinada aos porcos que eram engordados, mas era privado disso e batiam-lhe quando ele a roubava dos animais; foi assim que passou a infância e a mocidade, até que, tornando-se grande e forte, pôs-se a roubar. Aquele selvagem ganhava a vida em Genebra como jornaleiro, bebia seu salário, vivia como um monstro e acabou por assassinar um velho para roubá-lo. Foi preso, julgado e condenado à morte. Não se é sentimental naquela cidade! Na prisão, é logo cercado pelos pastores, pelos membros de associações religiosas, pelas senhoras patrocinadoras. Aprendeu a ler e a escrever, explicaram-lhe o Evangelho e, à força de doutriná-lo, e de catequizá-lo, acabou por confessar solenemente seu crime. Dirigiu ao tribunal uma carta declarando que era um monstro, mas que o Senhor se havia dignado esclarecê-lo e enviar-lhe Sua graça. Toda Genebra ficou emocionada, a Genebra filantrópica e beata. Tudo quanto havia de nobre e de bem-pensante correu à prisão. Beijam-no, abraçam-no: “Tu és nosso irmão! Foste tocado pela graça!” Richard chora de enternecimento: “Sim, Deus iluminou-me! Em minha infância e em minha mocidade, invejava eu a lavagem dos porcos; agora, a graça

tocou-me, morro no Senhor!” — “Sim, Richard, tu derramaste sangue e deves morrer. Não é culpa tua se ignoravas Deus, quando roubavas a lavagem dos porcos e batiam-te por causa disso (aliás, tinhas bastante culpa porque é proibido roubar), mas derramaste sangue e deves morrer.” Enfim chega o derradeiro dia, Richard, enfraquecido, chora e só faz repetir a cada instante: “Eis o mais belo dia de minha vida, porque vou para Deus!” — “Sim — exclamam pastores, juízes e senhoras patrocinadoras —, é o mais belo dia de tua vida, porque vais para Deus!” O grupo se dirige para o cadafalso, atrás da carreta ignominiosa que leva Richard. Chega-se ao local do suplício. “Morre, irmão — gritam para Richard —, morre no Senhor, Sua graça te acompanhe.” E, coberto de beijos, o irmão Richard sobe ao cadafalso, colocam-no na guilhotina e sua cabeça cai, em nome da graça divina. É característico. A referida brochura foi traduzida para o russo pelos luteranos da alta sociedade e distribuída como suplemento gratuito a diversos jornais e publicações, para instruir o povo. A aventura de Richard é interessante porque nacional. Na Rússia, se bem que seja absurdo decapitar um irmão pela única razão de ter-se tornado dos nossos e tê-lo tocado a graça, temos quase coisa igual. Entre nós, torturar batendo constitui uma tradição histórica, um gozo pronto e imediato. Niekrássov⁵⁴ conta, num de seus poemas, como um mujique bate com o chicote nos olhos de seu cavalo. Quem já não viu isso? É bem russo. O poeta mostra que o cavalicoque que sobrecarregado, atolado com sua carroça, não pode desvencilhar-se. Então o mujique bate-lhe encarniçadamente, bate sem compreender o que faz; os golpes chovem numa espécie de embriaguez. “Não podes puxar, pois puxarás assim mesmo; morre, mas puxa.” A besta sem defesa debate-se desesperadamente, enquanto o dono açoita seus doces olhos, donde rolam lágrimas. Enfim, consegue ele desatolar-se e lá se vai tremendo, sem fôlego, num andar cambaleante, constrangido, vergonhoso. Produziu isso em Niekrássov uma impressão espantosa. Mas também não se trata apenas de um cavalo que Deus criou para ser chicoteado? Foi o que nos explicaram os tártaros, que nos legaram o chicote. No entanto, pode-se também açoitar as pessoas. Um senhor culto e a mulher sentem prazer em açoitar com varas a filhinha de sete anos. E o papai sente-se feliz porque as varas têm espinhos. “Isso causará mais dor assim”, diz ele. Há seres tais que se excitam a cada golpe, até o sadismo, progressivamente. Bate-se na criança um minuto, depois cinco, depois dez, sempre mais fortemente. Ela

grita, afinal, já sem forças, sufoca: “Papai, meu papaizinho, tenha dó!” O caso torna-se escandaloso e recorre-se ao tribunal. Toma-se um advogado. Há muito tempo que o povo russo chama o advogado de “uma consciência que se aluga”. O defensor pleiteia em nome de seu cliente: “O caso é simples; é uma cena de família, como se veem muitas. Um pai açoitou a filha, é uma vergonha processá-lo!” O júri fica convencido, recolhe-se e traz um veredicto negativo. O público exulta por ver absolvido aquele carrasco. Ai! Não assistia eu à audiência. Teria proposto fundar uma bolsa em honra daquele bom pai de família!... Eis um belo quadro! No entanto, tenho ainda melhor, Aliócha, e sempre a propósito de crianças russas. Trata-se de uma menina de sete anos, por quem criaram aversão seu pai e sua mãe, honrados funcionários instruídos e bem-educados. Repito-o, é um pendor especial de muitas pessoas o prazer de torturar as crianças, mas somente as crianças. Para com outros indivíduos, esses carrascos se mostram afáveis e ternos, como europeus instruídos e humanos, mas sentem prazer em fazer as crianças sofrerem, é a maneira de amá-las. A confiança angélica dessas criaturas sem defesa seduz os seres cruéis. Não sabem aonde ir, nem a quem se dirigir, e isso excita os maus instintos. Cada homem oculta em si um demônio: acesso de cólera, sadismo, desencadeamento de paixões ignóbeis, doenças contraídas na devassidão, ou então a gota, a hepatite, isso varia. Portanto, aqueles pais instruídos praticavam muitas sevícias na pobre menininha. Açoitavam-na, espezinhavam-na sem razão, seu corpo vivia coberto de equimoses. Imaginaram por fim um refinamento de crueldade: pelas noites glaciais, no inverno, encerravam a menina na privada, sob pretexto de que ela não pedia a tempo, à noite, para ir ali (como se, naquela idade, uma criança que dorme profundamente pudesse sempre pedir a tempo). Esfregavam-lhe os próprios excrementos na cara, e a mãe, a própria mãe obrigava-a a comê-los! E essa mãe dormia tranquila, insensível aos gritos da pobre criança fechada naquele lugar repugnante! Vês tu daqui aquele pequeno ser, não compreendendo o que lhe acontece, no frio e na escuridão, bater com os pequeninos punhos no peito ofegante e derramar lágrimas inocentes, chamando o “bom Deus” em seu socorro? Compreendes esse absurdo, tem ele um fim, meu amigo e meu irmão, tu, noviço piedoso? Dizem que tudo isso é indispensável para estabelecer a distinção entre o bem e o mal no espírito do homem. Para que pagar tão caro essa distinção diabólica? Toda a ciência do mundo não vale as lágrimas das crianças. Não

falo dos sofrimentos dos adultos. Eles comeram o fruto proibido, que o diabo os leve! Mas as crianças! Faça-te sofrer, Aliócha, tens ar de não estar passando bem. Queres que me detenha?

— Não, também quero sofrer. Continua.

— Ainda um pequeno quadro característico. Acabo de ler nos *Arquivos russos* ou em *A antiguidade russa*, não sei bem. Era na época mais sombria da servidão, no começo do século XIX. Viva o czar libertador! Um antigo general, com importantes relações, rico proprietário rural, vivia numa de suas propriedades da qual dependiam duas mil almas. Era um desses indivíduos (na verdade já pouco numerosos então) que, uma vez retirados do serviço militar, estavam quase convencidos de seu direito de vida e de morte sobre seus servos. Cheio de arrogância, tratava do alto seus modestos vizinhos, como se fossem parasitas e palhaços seus. Tinha ele uma centena de capatazes, todos a cavalo e uniformizados, e várias centenas de galgos. Ora, eis que um dia, um pequeno servo de oito anos, que se divertia atirando pedras, feriu na pata um daqueles cães favoritos. Vendo seu cão coxear, perguntou o general a causa. Explicaram-lhe o caso, designando o culpado. Mandou imediatamente agarrar o menino, a quem arrancaram dos braços da mãe e fizeram passar a noite na prisão. No dia seguinte, logo ao romper da aurora, o general, em uniforme de gala, monta a cavalo para ir à caça, cercado de seus parasitas, de seus monteiros, de seus cães, de seus capatazes. Reúne-se toda a famulagem para dar-se um exemplo, e a mãe do culpado é trazida, bem como o menino. Era uma manhã de outono, brumosa e fria, excelente para a caça. O general manda que se tire toda a roupa do menino, o que foi feito. O menino tremia, louco de medo, não ousando dizer uma palavra. “Façam-no correr”, ordena o general. — “Corre! Corre!”, gritam-lhe os capatazes. O menino põe-se a correr. “Cisca! Cisca!”, berra o general e açula toda a sua matilha. Os cães estraçalharam a criança diante dos olhos da mãe. O general, parece, foi posto sob tutela. Pois bem, que merecia ele? Seria preciso fuzilá-lo? Fala, Aliócha.

— Sim, fuzilá-lo! — proferiu mansamente Aliócha, totalmente pálido, com um sorriso convulso.

— Bravo! — exclamou Ivan, encantado. — Se o dizes, tu, é que... Vejam só, o asceta! Tens, pois, também um diabinho no coração, Aliócha Karamázov?

— Disse uma tolice, mas...

— Sim, mas... Fica sabendo, noviço, que as tolices são necessárias ao mundo; sobre elas é que ele se funda: sem essas tolices, nada se passaria aqui na Terra. Sabemos o que sabemos.

— Que sabes tu?

— Nada compreendo — prosseguiu Ivan, como em sonho —, nada quero compreender agora. Atenho-me aos fatos. Tentando compreender, altero os fatos...

— Por que me atormentas? — disse dolorosamente Aliócha. — Dir-me-ás por fim?

— Decerto. Preparava-me para dizer-te. Gosto de ti e não quero abandonar-te a teu Zósima.

Ivan calou-se um instante e seu rosto entristeceu-se de súbito.

— Escuta, limitei-me às crianças para ser mais claro. Nada disse das lágrimas humanas de que a Terra está saturada, abreviando de propósito meu assunto. Confesso humildemente não compreender a razão desse estado de coisas. Os homens são os únicos culpados: tinham-lhes dado o paraíso, cobiçaram a liberdade e arrebataram o fogo do céu, sabendo que seriam infelizes; não merecem, pois, nenhuma compaixão. Segundo meu pobre espírito terrestre, sei apenas que o sofrimento existe, que não há culpados, que tudo se encadeia, tudo passa e se equilibra. São as patacoadas de Euclides, eu sei, mas não posso consentir em viver baseando-me nisso. Que bem me pode fazer tudo isso? Preciso é de uma compensação, do contrário destruir-me-ia a mim mesmo. E não uma compensação em alguma parte, no infinito, mas aqui embaixo, que eu mesmo a veja. Acreditei, quero ser testemunha, e, se já estou morto, que me ressuscitem; se tudo se passasse sem mim seria bastante aflitivo. Não quero que meu corpo com seus sofrimentos e suas faltas sirva unicamente para arder a serviço de alguma harmonia futura. Quero ver com meus olhos a corça dormir junto do leão, a vítima beijar seu matador. É sobre esse desejo que repousam todas as religiões e eu tenho fé. Quero estar presente quando todos souberem o porquê das coisas. Mas as crianças, que farei delas? Não posso resolver essa questão. Se todos devem sofrer, a fim de concorrer com seu sofrimento para a harmonia eterna, qual o papel das crianças? Não se compreende por que deveriam sofrer, também elas, em nome da harmonia. Por que serviriam de materiais destinados a prepará-la? Compreendo bem a solidariedade do pecado e do castigo, mas não pode ela aplicar-se aos inocentezinhos, e, se na verdade são solidários com

os malfeitos de seus pais, é uma verdade que não é deste mundo e que eu não compreendo. Um galhofeiro malicioso objetará que as crianças crescerão e terão ocasião de pecar, mas aquele menino de oito anos ainda não havia crescido e foi estraçalhado pelos cães. Aliócha, não estou blasfemando. Compreendo como estremecerá o Universo, quando o céu e a terra se unirem no mesmo grito de alegria, quando tudo quanto vive ou viveu proclamar: “Tens razão, Senhor Deus, porque Tuas vias nos são reveladas!”, quando o carrasco, a mãe, o menino se beijarem e declararem com lágrimas: “Tens razão, Senhor Deus!” Sem dúvida então, a luz se fará, e tudo será explicado. Mas eis a dificuldade: não posso admitir tal solução. E tomo minhas providências a tal respeito, enquanto me encontro ainda aqui na terra. Acredita-me, Aliócha, pode ser que eu viva até esse momento ou que ressuscite então, e exclamarei talvez com os outros, vendo a mãe beijar o carrasco do filho: “Tu tens razão, Senhor Deus!”, mas será contra minha vontade. Enquanto ainda é tempo, recuso-me a aceitar essa harmonia superior. Acho que não vale ela uma lágrima de criança, daquela pequenina vítima que batia no peito e rezava ao “bom Deus”, em seu canto infecto; não as vale, porque aquelas lágrimas não foram redimidas. Enquanto assim for, não se poderá falar de harmonia. Ora, não há possibilidade de redimi-las. Os carrascos sofrerão no inferno, dir-me-ás tu. Mas de que serve esse castigo, uma vez que as crianças tiveram também seu inferno? Aliás, que vale essa harmonia que comporta um inferno? Quero o perdão, o beijo universal, a supressão do sofrimento. E, se o sofrimento das crianças serve para perfazer a soma das dores necessárias à aquisição da verdade, afirmo desde agora que essa verdade não vale tal preço. Não quero que a mãe perdoe ao carrasco, não tem esse direito. Que lhe perdoe seu sofrimento de mãe, mas não o que sofreu seu filho estraçalhado pelos cães. Ainda mesmo que seu filho perdoasse, não teria ela o direito. Se o direito de perdoar não existe, que vem a tornar-se a harmonia? Há no mundo um ser que tenha esse direito? Por amor pela humanidade é que não quero essa harmonia. Prefiro conservar meus sofrimentos não redimidos e minha indignação persistente, mesmo se não tivesse razão! Aliás, deram realce excessivo a essa harmonia, a entrada custa demasiado caro para nós. Prefiro entregar meu bilhete de entrada. Como homem de bem, tenho mesmo obrigação de devolvê-lo o mais cedo possível. É o que faço. Não recuso admitir Deus, mas muito respeitosamente devolvo-lhe meu bilhete.

— Mas isso é revolta — disse mansamente Aliócha, de olhos baixos.

— Revolta? Não era meu desejo ver-te empregar essa palavra. Pode-se viver revoltado? Ora, eu quero viver. Responde-me francamente. Imagina que os destinos da humanidade estejam entre tuas mãos e que, para tornar as pessoas definitivamente felizes, proporcionar-lhes afinal a paz e o repouso, seja indispensável torturar um ser apenas, a criança que batia no peito com seu pequeno punho, e basear sobre suas lágrimas a felicidade futura. Consentirias tu, nessas condições, em edificar semelhante felicidade? Responde sem mentir.

— Não, não consentiria.

— Então, podes admitir que os homens consentiriam em aceitar essa felicidade ao preço do sangue dum pequeno mártir?

— Não, não posso admiti-lo, meu irmão — declarou Aliócha, com os olhos cintilantes. — Perguntaste se existe no mundo inteiro um Ser que teria o direito de perdoar. Sim, este Ser existe. Pode tudo perdoar, a todos e por tudo, porque foi Ele quem verteu Seu sangue inocente por todos e por tudo. Tu O esqueceste, é Ele a pedra angular do edifício e é a Ele que se deve gritar: “Tu tens razão, Senhor Deus, porque Tuas vias nos são reveladas.”

— Ah! Sim, “o único impecável” e “Seu sangue”. Não, não O esqueci, admirava-me, pelo contrário, de que não O tivesses ainda mencionado, porque nas discussões os vossos começam habitualmente por colocá-LO à frente. Fica sabendo, mas não rias, que compus um poema, há um ano. Se puderes conceder-me ainda dez minutos, receitá-lo-ei.

— Escreveste um poema?

— Não — disse Ivan, rindo —, porque jamais compus dois versos sequer em minha vida. Mas sonhei esse poema e lembro-me dele. Serás meu primeiro leitor, isto é, meu ouvinte. Por que não aproveitar tua presença? Queres?

— Sou todo ouvidos.

— Meu poema intitula-se “O grande inquisidor”, é absurdo, mas quero que o fiques conhecendo.

O GRANDE INQUISIDOR

— É necessário um preâmbulo do ponto de vista literário. A ação se passa no século XVI. Sabes que, nessa época, era de uso fazer intervirem nos poemas as potências celestiais. Não falo de Dante. Na França, os 180 clérigos julgadores e os monges davam representações em que se punham em cena. Nossa Senhora, os anjos, os santos, o Cristo e Deus Pai. Eram espetáculos ingênuos. Em “Notre-Dame de Paris”, de Vítor Hugo, em honra ao nascimento do Delfim,⁵⁵ no reinado de Luís XI, em Paris, é o povo convidado a uma representação edificante e gratuita, *Le bon jugement de la très sainte et gracieuse Vierge Marie*.⁵⁶ Nesse mistério, aparece a Virgem em pessoa para pronunciar o seu *bon jugement*. Entre nós, em Moscou, antes de Pedro, o Grande, davam-se, de tempos em tempos, representações desse gênero, tiradas sobretudo do Antigo Testamento. Além disso, circulava uma porção de recitativos e de poemas em que figuravam, de acordo com as necessidades, os santos, os anjos, o exército celeste. Em nossos mosteiros, traduziam-se, copiavam-se esses poemas, compunham-se mesmo novos, e isso sob a dominação tártara. Por exemplo, existe um pequeno poema monástico, sem dúvida traduzido do grego: “La vierge chez les damnés”,⁵⁷ com quadros duma audácia dantesca. A Virgem visita o inferno, guiada por são Miguel Arcanjo. Vê os condenados e seus tormentos. Entre outras, há uma categoria de pecadores num lago de fogo. Alguns afundam-se no lago e não aparecem mais; são esses “esquecidos pelo próprio Deus”, expressão duma profundidade e duma energia notáveis. A Virgem, banhada em pranto, cai de joelhos diante do trono de Deus e pede perdão para todos os pecadores que viu no inferno, sem distinção. Seu diálogo com Deus é de um interesse extraordinário. Suplica, insiste, e, quando Deus lhe mostra os pés e as mãos de Seu filho transpassados pelos cravos e lhe pergunta: “Como poderei eu perdoar a seus carrascos?”, ordena Ela a todos os santos, a todos os mártires, a todos os anjos que caíam de joelhos com Ela e implorem perdão para os pecadores, sem distinção. Afinal, obtém a cessação dos tormentos, cada ano, da Sexta-Feira Santa a Pentecostes, e os condenados, do fundo do inferno, agradecem a Deus e exclamam: “Senhor, Tua sentença é justa!” Pois bem! Meu pequeno poema teria sido nesse gosto, se tivesse aparecido naquela época. Deus aparece; não diz nada, só faz passar. Quinze séculos

decorreram, desde que ele prometeu voltar ao Seu reino, depois que Seu profeta escreveu: “Voltarei em breve. Quanto ao dia e à hora, o próprio Filho não os conhece, mas somente meu Pai que está no céu”, segundo as próprias palavras na terra. E a humanidade o espera com a mesma fé de outrora, uma fé mais ardente ainda, porque 15 séculos se passaram desde que o céu deixou de dar testemunhos ao homem.

*Daquilo que o coração diz
O céu não dá testemunho.*

“E só resta a fé no referido coração. É verdade que numerosos milagres se verificavam então; santos realizavam curas maravilhosas. A Rainha dos Céus visitava certos justos, de acordo com a biografia deles. Mas o diabo não dorme; a humanidade começou a duvidar da autenticidade daqueles milagres. Naquele momento, nascia na Alemanha uma terrível heresia que negava os milagres. ‘Uma grande estrela ardente como um facho caiu sobre as fontes das águas, que se tornaram amargas.’⁵⁸ A fé dos fiéis só fez redobrar. As lágrimas da humanidade elevam-se para Ele como outrora, aguardam-nO, amam-nO, espera-se n’Ele como antes... Depois de tantos séculos, a humanidade reza com fervor: ‘Senhor Deus, dignai-vos aparecer-nos’, depois de tantos séculos grita ela para Ele, Ele que quis, na Sua misericórdia infinita, descer entre Seus fiéis. Outrora, já havia visitado justos, mártires, santos anacoretas, como o narram suas biografias. Entre nós, Tiútchev,⁵⁹ que acreditava profundamente na verdade de suas palavras, proclamou que

*Sob o peso da cruz, esmagador,
O Rei dos Céus, de servo disfarçado,
Toda te percorreu, terra natal,
solo teu inteiro abençoando.*

“Mas eis que quis Ele mostrar-se por um instante pelo menos ao povo sofredor e miserável, ao povo que se arrastava no pecado, mas que O ama ingenuamente. A ação se passa na Espanha, em Sevilha, na época mais terrível da Inquisição, quando todos os dias no país ardiam as fogueiras à glória de Deus e

Em esplêndidos autos de fé
Queimavam-se horríveis heréticos.

“Oh! Não foi assim que Ele prometeu voltar no fim dos tempos, em toda a Sua glória celeste, subitamente, ‘como um relâmpago que brilha do Oriente ao Ocidente’. Não, quis visitar Seus filhos, no lugar onde crepitavam precisamente as fogueiras dos heréticos. Em Sua misericórdia infinita, volta ao convívio dos homens sob a forma que tivera durante os três anos de Sua vida pública. Ei-lo que desce para as ruas ardentes da cidade meridional, onde justamente na véspera, na presença do rei, dos cortesãos, dos cavaleiros, dos cardeais e das mais encantadoras damas da corte, o grande inquisidor mandara queimar uma centena de heréticos *ad majorem gloriam Dei*.⁶⁰ Apareceu docemente, sem se fazer notar, e — coisa estranha — todos O reconheciam. Seria uma das mais belas passagens de meu poema, explicar a razão disso. Atraído por uma força irresistível, o povo comprime-se à Sua passagem e segue-Lhe os passos. Silencioso, passa Ele por entre a multidão com um sorriso de compaixão infinita. Seu coração está abrasado de amor, Seus olhos desprendem a Luz, a Ciência, a Força, que irradiam e despertam o amor nos corações. Estende-lhes os braços, abençoa-os, uma virtude salutar emana de Seu contato e até mesmo de Suas vestes. Um velho, cego de infância, exclama em meio à multidão: ‘Senhor, cura-me e eu Te verei!’ Uma casca cai de seus olhos e o cego vê. O povo derrama lágrimas de alegria e beija o chão sobre as marcas de Seus passos. As crianças lançam flores à Sua passagem, canta-se, grita-se: ‘Hosana!’ É Ele, deve ser Ele! — exclama-se. — Só pode ser Ele! Ele para no adro da catedral de Sevilha no momento em que trazem um pequeno ataúde branco no qual repousa uma menina de sete anos, a filha única de uma pessoa notável. A morta está coberta de flores.

“— Ele ressuscitará tua filha — gritam na multidão para a mãe lacrimosa. O padre, que sai para receber o ataúde, olha com ar perplexo e franze o cenho. De súbito, repercute um grito, a mãe se lança a Seus pés — ‘Se és Tu, ressuscita minha filha!’, e estende os braços para Ele. O cortejo para, deposita-se o caixão sobre as lajes. Ele a contempla, cheio de compaixão, e sua boca profere docemente mais uma vez: ‘*Talitha kumi*’,⁶¹ e a menina se levantou. A morta se levanta, senta-se e olha em redor de si, sorridente, com ar admirado. Tem na mão o buquê de rosas brancas que

havam depositado no caixão. No meio da turbamulta há agitação, grita-se, chora-se. Naquele momento passa pela praça o cardeal, grande inquisidor. É um ancião quase nonagenário, de elevada estatura, de rosto dessecado, olhos cavados, mas onde luz ainda uma centelha. Não traz mais a pomposa veste com a qual se pavoneava ontem diante do povo, enquanto eram queimados os inimigos da Igreja romana. Retomara sua velha batina grosseira. Seus sombrios auxiliares e a guarda do Santo Ofício seguem-no a uma distância respeitosa. Detém-se diante da multidão e observa de longe. Viu tudo, o caixão depositado diante d'Ele, a ressurreição da menininha, e seu rosto ensombreceu-se. Franze as espessas sobancelhas e seus olhos brilham com um clarão sinistro. Aponta-O com o dedo e ordena aos guardas que O prendam. Tão grande é o seu poder e o povo está de tal maneira habituado a submeter-se, a obedecer-lhe tremendo, que a multidão se afasta imediatamente diante dos esbirros; em meio a um silêncio de morte, estes O pegam e levam-no. Como um só homem aquele povo se inclina até o chão diante do velho inquisidor, que o abençoa sem dizer palavra e prossegue seu caminho. O Prisioneiro é conduzido ao sombrio e velho edifício do Santo Ofício, onde O encerram numa estreita cela abobadada. O dia chega ao fim, vem a noite, uma noite de Sevilha, quente e sufocante. O ar está embalsamado do perfume de loureiros e limoeiros. Nas trevas, a porta de ferro da masmorra abre-se de repente e o grande inquisidor aparece, com um facho na mão. Está só, a porta torna a fechar-se atrás dele. Para no limiar e observa longamente a Santa Face. Por fim, aproxima-se, pousa o facho sobre a mesa e diz-lhe:

“— És Tu, és Tu? — Não recebendo resposta, acrescenta rapidamente: — Não digas nada, cala-Te. Aliás, que poderias dizer? Sei demais. Não tens o direito de acrescentar uma palavra mais ao que já disseste outrora. Por que vieste estorvar-nos? Porque Tu nos estorvas, bem o sabes. Mas sabes o que acontecerá amanhã? Ignoro quem Tu és e não quero sabê-lo: Tu ou apenas Sua aparência; mas amanhã eu Te condenarei e serás queimado como o pior dos heréticos, e esse mesmo povo que hoje Te beijava os pés precipitar-se-á amanhã, a um sinal meu, para alimentar Tua fogueira. Sabes disso? Talvez — acrescenta o velho, pensativo, com os olhos sempre fixos em seu Prisioneiro.”

— Não compreendo bem o que, quer isso dizer, Ivan — observou Aliócha, que escutara em silêncio. — É uma fantasia, um erro do ancião, um quiproquó estranho?

— Admite esta última suposição — disse Ivan, rindo —, se o realismo moderno te tornou a esse ponto refratário ao sobrenatural. Seja como quiseses. É verdade que meu inquisidor tem noventa anos e sua ideia pode ter-lhe desde muito tempo transtornado o espírito. Afinal, é talvez um simples delírio, o devaneio de um velho antes de seu fim, com a imaginação esquentada pelo recente auto de fé. Mas quiproquó ou fantasia, que nos importa? O que é preciso somente notar é que o inquisidor revela afinal seu pensamento, desvenda o que calou durante toda a sua carreira.

— E o Prisioneiro não diz nada? Contenta-se com olhá-lo?

— Com efeito. Só pode calar-se. O próprio ancião faz-lhe observar que não tem Ele o direito de acrescentar uma palavra às suas antigas palavras. É talvez o traço fundamental do catolicismo romano, em minha humilde opinião: “Tudo foi transmitido por Ti ao papa, tudo depende pois agora do papa, não venha estorvar-nos antes do tempo, pelo menos.” Tal é a doutrina deles, dos jesuítas, em todo o caso. Encontrei-a em seus teólogos. “Tens Tu o direito de nos revelar um só dos segredos do mundo donde vens?”, pergunta o velho, que responde em seu lugar: “Não, não tens o direito, porque essa revelação se juntaria à de outrora, e seria isso retirar aos homens a liberdade que defendias tanto na terra. Todas as Tuas revelações novas feriram a liberdade da fé, porque pareceriam miraculosas; ora, Tu punhas acima de tudo, há 15 séculos, essa liberdade da fé. Não disseste bem muitas vezes: “Quero tornar-vos livres?” Pois bem, viste-os, os homens “livres” — acrescenta o velho, com ar sarcástico. — Sim, isso nos custou caro — prosseguiu ele, olhando-o com severidade —, mas levamos a cabo afinal aquela obra em Teu nome. Foram-nos precisos 15 séculos de rude labor para instaurar a liberdade; mas está feito, e bem-feito. Não o crês? Olhas-me com doçura, sem mesmo fazer-me a honra de Te indignares. Mas fica sabendo que jamais os homens se creram tão livres como agora, e, no entanto, a liberdade deles depositaram-na humildemente a nossos pés. Isto é a nossa obra, para dizer a verdade: “É a liberdade com que sonhavas?”

— Não compreendo de novo — interrompeu Aliócha. — Ironiza ele, zomba?

— Absolutamente! Vangloria-se de ter, ele e os seus, suprimido a liberdade, com o fito de tornar os homens felizes. “Porque é agora, pela primeira vez (fala ele, bem entendido, da Inquisição), que se pode pensar na felicidade dos homens. São naturalmente revoltados; revoltados podem

ser felizes? Tu estavas advertido — diz-lhe ele —, conselhos não Te faltaram, mas não os levaste em conta, rejeitaste o único meio de proporcionar a felicidade aos homens; felizmente, ao partires, Tu nos transmitiste a obra, prometeste, concedeste-nos solenemente o direito de ligar e desligar; decerto, não podes pensar em retirar de nós agora esse direito. Por que então vieste estorvar-nos?”

— Que significa isso: “As advertências e os conselhos não Te faltaram?” — perguntou Aliócha.

— Mas é o ponto capital no discurso do ancião.

“O Espírito terrível e profundo, o Espírito da destruição e do nada — continua ele —, falou-te no deserto e as Escrituras relatam que ele Te ‘tentou’. É verdade? E nada se podia dizer de mais penetrante que o que Te foi dito nas três perguntas ou, para falar com as Escrituras, as ‘Tentações’ que repeliste? Se jamais houve na Terra um milagre autêntico e retumbante, foi o dia daquelas três tentações. O simples fato de terem sido formuladas aquelas três perguntas constitui um milagre. Suponhamos que tenham desaparecido das Escrituras, que seja preciso reconstituí-las, imaginá-las de novo para substituí-las ali, e que se reúnam para esse efeito todos os sábios da Terra, homens de Estado, prelados, sábios, filósofos, poetas, dizendo-lhes: imaginai, redigi três perguntas que não somente correspondam à importância do acontecimento, mas ainda expressem em três frases toda a história da humanidade futura — acreditas que esse areópago da sabedoria humana poderia imaginar nada de tão forte e de tão profundo como as três questões que Te propôs então o poderoso Espírito? Essas três questões provam por si sós que se tem de ver com o Espírito eterno e absoluto e não com um espírito humano transitório. Porque resumem e predizem, ao mesmo tempo, toda a história ulterior da humanidade, são as três formas em que se cristalizam todas as contradições insolúveis da natureza humana. Não se podia, na ocasião, perceber isso, porque o futuro estava velado; mas agora, após 15 séculos decorridos, vemos que tudo fora previsto naquelas três perguntas e realizou-se a ponto de ser impossível acrescentar-lhes ou retirar-lhes uma só palavra.

“Decide, pois, Tu mesmo quem tinha razão: Tu, ou aquele que Te interrogava? Lembra-Te da primeira pergunta, do sentido, senão do teor: queres ir para o mundo de mãos vazias, pregando aos homens uma liberdade que a estupidez e a ignomínia naturais deles os impedem de

compreender, uma liberdade que lhes causa medo, porque não há, e jamais houve, nada de mais intolerável, para o homem e para a sociedade! Vês aquelas pedras naquele deserto árido? Muda-as em pão e atrás de Ti correrá a humanidade, como um rebanho dócil e reconhecido, tremendo, no entanto, no receio de que Tua mão se retire e não tenham eles mais pão.

“Mas, Tu não quiseste privar o homem da liberdade e recusaste, estimando que era ela incompatível com a obediência comprada por meio de pães. Replicaste que o homem não vive somente de pão; mas sabes que, em nome desse pão terrestre, o Espírito da Terra se insurgirá contra Ti, lutará e Te vencerá, que todos o seguirão, gritando: ‘Quem é semelhante a esse animal? Ele nos deu o fogo do céu!’ Séculos passarão, e a humanidade proclamará pela boca de seus sábios e de seus intelectuais que não há crimes e, por conseguinte, não há pecado; só há famintos. “Nutre-os e então exige deles que sejam virtuosos!” Eis o que se inscreverá sobre o estandarte da revolta que abaterá Teu templo. Em seu lugar, elevar-se-á novo edifício, uma segunda torre de Babel, que ficará sem dúvida inacabada, como a primeira, mas Tu terias podido poupar aos homens essa nova tentativa e mil anos de sofrimento. Porque virão eles procurar-nos, depois de ter penado mil anos para construir sua torre! Procurar-nos-ão sob a terra como outrora, nas catacumbas onde estaremos escondidos (perseguir-nos-ão de novo), e clamarão: ‘Dai-nos de comer, porque aqueles que nos tinham prometido o fogo do céu não no-lo deram.’ Então, acabaremos a torre deles, porque para isso basta apenas o alimento, e nós os nutriremos, utilizando-nos falsamente de Teu nome, e os faremos crescer. Sem nós, estarão sempre famintos. Nenhuma ciência lhes dará pão, enquanto permanecerem livres, mas acabarão por depositá-la a nossos pés, essa liberdade, dizendo: ‘Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis.’ Compreenderão, por fim, que a liberdade e o pão da terra à vontade para cada um são inconciliáveis, porque jamais saberão reparti-los entre si! Convencer-se-ão também de sua impotência para ser livres sendo fracos, depravados, nulos e revoltados. Tu lhes prometias o pão do céu; ainda uma vez, é ele comparável ao da terra aos olhos da fraca raça humana, eternamente ingrata e depravada? Milhares e dezenas de milhares de almas seguir-Te-ão por causa desse pão, mas que acontecerá aos milhões e bilhões que não terão a coragem de preferir o pão do céu ao da terra? Será que só preferes os grandes e os fortes, aos quais os outros, a multidão inumerável, que é fraca, mas Te ama, só serviria de matéria

explorável? Eles também nos são queridos, os seres fracos. Embora depravados e revoltados, tornar-se-ão finalmente dóceis. Ficarão espantados e acreditarão que somos deuses por ter consentido, pondo-nos a comandá-los, em assumir a liberdade que os atemorizava e reinar sobre eles, de modo que, ao final, terão medo de ser livres. Mas lhes diremos que somos Teus discípulos e reinamos em Teu nome. Enganá-los-emos de novo, porque então não deixaremos que Te aproximes de nós. E será essa impostura que constituirá nosso sofrimento, porque será preciso que mintamos. Tal é o sentido da primeira pergunta que Te foi feita no deserto, e eis o que rejeitaste em nome da liberdade, que punhas acima de tudo. No entanto, ocultava ela o segredo do mundo. Consentindo no milagre dos pães, terias acalmado a eterna inquietação da humanidade — indivíduos e coletividade —, isto é: ‘Diante de quem se inclinar?’ Porque não há para o homem, que fica livre, preocupação mais constante e mais ardente do que procurar um ser diante do qual se inclinar. Mas só quer ele inclinar-se diante de uma força incontestada, que todos os humanos respeitem por consenso universal. Porque essas pobres criaturas atormentar-se-ão em procurar um culto que reúna não somente alguns fiéis, mas no qual todos juntos comunguem, unidos pela mesma fé. Porque essa necessidade da comunidade na adoção é o principal tormento de cada indivíduo e da humanidade inteira, desde o começo dos séculos. É para realizar esse sonho que se têm os homens exterminado pelo gládio. Os povos forjaram deuses e desconfiaram uns dos outros: ‘Abandonai vossos deuses, adorai os nossos, senão, ai de vós e de vossos deuses!’ E assim será até o fim do mundo, mesmo quando os deuses tiverem desaparecido; prosternar-se-ão diante dos ídolos. Tu não ignoravas, Tu não podias ignorar esse segredo fundamental da natureza humana e, no entanto, repeliste a única bandeira infalível que Te ofereciam e que teria curvado sem contestação todos os homens diante de Ti, a bandeira do pão terrestre; rejeitaste-a em nome do pão do céu e da liberdade! Vê o que fizeste em seguida, sempre em nome da liberdade! Não há, repito-Te, preocupação mais aguda para o homem que encontrar o mais cedo possível um ser a quem delegar esse dom da liberdade que o infeliz traz consigo ao nascer. Mas, para dispor da liberdade dos homens, é preciso dar-lhes a paz da consciência. O pão Te garantia o êxito; o homem se inclina diante de quem lhe dá, porque é uma coisa incontestável; mas, se um outro se torna senhor da consciência humana, largará ali mesmo o Teu pão para seguir aquele que cativa sua

consciência. Nisso Tu tinhas razão, porque o segredo da existência humana consiste não somente em viver, mas ainda em encontrar um motivo de viver. Sem uma ideia nítida da finalidade da existência, prefere o homem a ela renunciar e se destruirá em vez de ficar na Terra, embora cercado de montes de pão. Mas o que aconteceu? Em lugar de Te apoderares da liberdade humana, Tu ainda a estendeste! Esqueceste-Te então de que o homem prefere a paz e até mesmo a morte à liberdade de discernir o bem e o mal? Não há nada de mais sedutor para o homem do que o livre-arbítrio, mas também nada de mais doloroso. E em lugar de princípios sólidos que teriam tranquilizado para sempre a consciência humana, Tu escolheste noções vagas, estranhas, enigmáticas, tudo quanto ultrapassa a força dos homens e, com isso, agiste como se não os amasses, Tu, que vieras dar Tua vida por eles! Aumentaste a liberdade humana em vez de confiscá-la, e assim impuseste para sempre ao ser moral os pavores dessa liberdade. Querias ser livremente amado, voluntariamente seguido pelos homens fascinados. Em lugar da dura lei antiga, o homem devia doravante, com coração livre, discernir o bem e o mal, não tendo para se guiar senão Tua imagem, mas não previas que ele repeliria, afinal, e contestaria mesmo Tua imagem e Tua liberdade, esmagado sob essa carga terrível: a liberdade de escolher? Gritarão, por fim, que a verdade não estava em Ti, de outro modo não os terias deixado numa incerteza tão angustiosa, com tantas preocupações e problemas insolúveis. Preparaste assim a ruína de Teu reino. Não acuses ninguém. Entretanto, era isso que Te propunham? Há três forças, as únicas que possam subjugar para sempre a consciência desses fracos revoltados, a saber: o milagre, o mistério, a autoridade! Tu rejeitaste todas três, dando assim um exemplo. O espírito terrível e profundo havia-Te transportado ao pináculo e havia-Te dito: ‘Queres saber se és o filho de Deus? Lança-te daqui abaixo, porque está escrito que os anjos O sustentarão e O carregarão, e Ele não sofrerá nenhum ferimento. Saberás então se és o Filho de Deus e provará, assim, Tua fé em Teu Pai.’ Mas repeliste essa proposta, não Te precipitaste. Mostraste então uma altivez sublime, divina, mas os homens, raça fraca e revoltada, não são deuses! Sabias que, dando um passo, um gesto para Te precipitares, terias tentado o Senhor e perdido a fé n’Ele, ter-Te-ias rebentado sobre aquela terra que vinhas salvar, para grande alegria do tentador. Mas há muitos como Tu? Podes admitir um instante que os homens teriam a força de suportar semelhante tentação? É próprio da natureza humana repelir o

milagre e, nos momentos graves da vida, diante das questões capitais e dolorosas, agarrar-se à livre decisão do coração? Oh! Tu sabias que Tua firmeza seria relatada nas Escrituras, atravessaria as idades e iria até as regiões mais longínquas e esperavas que, seguindo Teu exemplo, o homem se contentaria com Deus, sem recorrer ao milagre. Mas ignoravas que o homem rejeita Deus ao mesmo tempo que o milagre, porque é sobretudo o milagre que ele procura. E, como não saberia passar sem ele, forja novos, os seus próprios, inclinar-se-á diante dos prodígios de um mágico, dos sortilégios de uma feiticeira, ainda que seja um revoltado, um herege, um ímpio confesso. Tu não desceste da cruz, quando zombavam de Ti e gritavam-Te, por derrição, ‘Desce da cruz e creremos em Ti.’ Não o fizeste, porque de novo não quiseste sujeitar o homem por meio de um milagre. Desejavas uma fé livre e não inspirada pelo maravilhoso. Tinhas necessidade de um livre amor e não dos transportes servis dum escravo aterrorizado. Aí ainda, fazias ideia demasiado alta dos homens, porque são escravos, se bem que tenham sido criados rebeldes. Vê e julga, após 15 séculos decorridos: quem elevaste até a Ti? Juro-o, o homem é mais fraco e mais vil do que o pensavas. Pode ele, pode ele realizar o mesmo que Tu? A grande estima que tinhas por ele fez mal à compaixão. Exigiste demasiado dele. Tu, no entanto, que o amavas mais do que a ti mesmo! Estimando-o menos, ter-lhe-ias imposto um fardo mais leve, mas em relação com Teu amor. Ele é fraco e covarde. Que importa que, no presente, se insurja por toda parte contra nossa autoridade e se mostre orgulhoso de sua revolta? É o orgulho de jovens escolares que se amotinaram em aula e expulsaram seu mestre. Mas a alegria dos garotos terá fim e lhes custará caro. Derrubarão os templos e inundarão a Terra de sangue. Mas perceberão por fim, essas crianças estúpidas, que são apenas fracos revoltosos, incapazes de revoltar-se por muito tempo. Derramarão lágrimas bobas e compreenderão que o Criador, fazendo-os rebeldes, quis zombar deles, certamente. Gritarão contra Ele com desespero e essa blasfêmia torná-los-á ainda mais infelizes, porque a natureza humana não tolera a blasfêmia e acaba sempre por tirar vingança dela. Assim, a inquietação, a perturbação, a desgraça, tal a partilha dos homens, após os sofrimentos que suportaste pela liberdade deles. Teu eminente profeta diz, em sua visão simbólica, que viu todos os participantes da primeira ressurreição e que havia 12 mil para cada tribo. Para serem tão numerosos, deveriam ser mais que homens, quase deuses. Suportaram Tua cruz e a

existência no deserto, nutrindo-se de gafanhotos e de raízes; decerto, podes orgulhar-Te desses filhos da liberdade, do livre amor, de seu sublime sacrifício em Teu nome. Mas lembra-Te, não eram eles senão alguns milhares e quase deuses, e o resto? É falta deles, dos outros, dos fracos humanos, se não puderam suportar o que suportam os fortes? É culpada a alma fraca por não poder conter dons tão terríveis? Vieste na verdade apenas para os eleitos? Então, é um mistério, incompreensível para nós, e teremos o direito de pregá-lo aos homens, de ensinar que não é a livre decisão dos corações nem o amor que importam, mas o mistério, ao qual devem eles submeter-se cegamente, mesmo malgrado sua consciência. E o que temos feito. Corrigimos Tua obra baseando-a no milagre, no mistério, na autoridade. E os homens regozijaram-se por serem de novo levados como um rebanho e libertados daquele dom funesto que lhes causava tais tormentos. Tínhamos razão de agir assim, dize-me? Não era amar a humanidade compreender sua fraqueza, aliviar seu fardo com amor, tolerar mesmo o pecado à sua fraca natureza, contanto que fosse com nossa permissão? Por que então vir entravar nossa obra? Por que guardas Tu o silêncio, fixando-me com Teu olhar penetrante e terno? É preferível que Te zangues, não quero o Teu amor, porque eu mesmo não Te amo. Por que haveria eu de dissimular isso? Sei a quem falo, Tu conheces o que tenho a dizer-Te, vejo-o em Teus olhos. Cabe a mim esconder-Te nosso segredo? Talvez o queiras ouvir de minha boca. Ei-lo: não estamos Contigo, mas com ele, desde muito tempo já. Há justamente oito séculos que recebemos dele esse derradeiro dom que Tu repeliste com indignação, quando ele Te mostrava todos os reinos da Terra; aceitamos Roma e o gládio de César e declaramo-nos os únicos reis da Terra, se bem que até agora não tenhamos tido ainda tempo de completar nossa obra. Mas de quem a culpa? Oh! O negócio está apenas começado, bem longe de ser completado, e a Terra terá de sofrer ainda muito, mas atingiremos nosso fim, seremos césaes e então pensaremos na felicidade universal.

“Entretanto, terias podido então tomar o gládio de César. Por que repeliste esse derradeiro dom? Seguindo esse terceiro conselho do poderoso Espírito, realizavas tudo quanto os homens procuram na Terra: um senhor diante de quem inclinar-se, um guarda de sua consciência e o meio de se unirem finalmente na concórdia em uma comunidade de formigueiro, porque a necessidade da união universal é o terceiro e derradeiro tormento da raça humana. A humanidade teve sempre tendência

no conjunto para organizar-se sobre uma base universal. Houve grandes povos de história gloriosa, mas à medida que se elevaram, sofreram mais, experimentando mais fortemente que os outros a necessidade da união universal. Os grandes conquistadores, os Tamerlão e Gêngis-Khan,⁶² que percorreram a Terra como um furacão, encarnavam, também eles, sem ter disso consciência, essa aspiração dos povos à unidade. Aceitando a púrpura de César, terias fundado o império universal e dado a paz ao mundo. Com efeito, quem está qualificado para dominar os homens senão aqueles que lhes dominam a consciência e dispõem de seu pão? Tomamos o gládio de César e, assim fazendo, nós Te abandonamos para segui-lo. Oh! Decorrerão ainda séculos de licença intelectual, de vã ciência e de antropofagia, porque será nisso que eles acabarão, depois de ter edificado a torre de Babel sem nós. Mas então a besta virá para nós arrastando-se, lambeá nossos pés, regá-los-á com lágrimas de sangue. E nós montaremos nela, ergueremos no ar uma taça em que estará gravada a palavra, 'Mistério'. Então somente a paz e a felicidade reinarão sobre os homens. Tu Te orgulhas de Teus eleitos, mas não passam de um escol, ao passo que nós daremos o repouso a todos. Aliás, entre esses fortes destinados a ser eleitos, quantos se cansaram por fim de esperar-Te, levaram e levarão ainda a outras partes as forças de seu espírito e o ardor do coração, quantos acabarão por insurgir-se contra Ti em nome da liberdade! Mas serás Tu que a terás dado a eles. Nós tornamos todos os homens felizes, e as revoltas e os massacres inseparáveis de Tua liberdade cessarão. Oh! Nós os persuadiremos de que não serão verdadeiramente livres senão abdicando da liberdade em nosso favor. Pois bem, diremos a verdade ou mentiremos? Convencer-se-ão eles próprios de que dizemos a verdade, porque se lembrarão daquela servidão e daquela perturbação em que os mergulhou a Tua liberdade. A independência, o livre-pensamento, a ciência tê-los-ão desviado num tal labirinto, posto em presença de tais prodígios, de tais enigmas, que uns, rebeldes furiosos, destruir-se-ão a si mesmos, e os outros, rebeldes, porém fracos, multidão covarde e miserável, se arrastarão a nossos pés, gritando: 'Sim, tínheis razão, somente vós possuís Seu segredo e nós voltamos a vós; salvai-nos de nós mesmos!' Sem dúvida, recebendo de nós os pães, verão bem que tomamos os deles, ganhos com seu próprio trabalho, para distribuí-los, sem nenhum milagre; verão bem que não mudamos as pedras em pão; mas o que lhes causará mais prazer que o próprio pão será recebê-lo de nossas mãos!

Porque se lembrarão de que outrora o próprio pão, fruto de seu trabalho, mudava-se em pedra em suas mãos, ao passo que, quando voltaram a nós, as pedras tornaram-se pão. Compreenderão o valor da submissão definitiva. E, enquanto os homens não a tiverem compreendido, serão infelizes. Quem mais contribuiu para essa incompreensão, dize-me? Quem dividiu o rebanho e dispersou-o por estradas desconhecidas? Mas o rebanho se recomporá, voltará a obedecer e será isso para todo o sempre. Então, dar-lhe-emos uma felicidade mansa e humilde, uma felicidade adaptada a criaturas fracas como eles. Nós os persuadiremos, por fim, a não se orgulharem, porque foste Tu, elevando-os, quem os ensinou a serem orgulhosos; provar-lhes-emos que são débeis, que são crianças dignas de dó, mas que a felicidade infantil é a mais deleitável. Tornar-se-ão tímidos, não nos perderão de vista e se comprimirão contra nós com medo, como uma tenra ninhada sob a asa materna. Sentirão uma surpresa medrosa e terão orgulho de toda aquela energia e inteligência que nos permitiram domar a multidão inumerável dos rebeldes. Nossa cólera fá-los-á tremerem, a timidez dominá-los-á, seus olhos tornar-se-ão lacrimosos como os das crianças e das mulheres; mas, a um sinal nosso, passarão bem facilmente ao riso e à alegria, à alegria radiosa das crianças. Decerto, sujeitá-los-emos ao trabalho, mas, nas horas de lazer, organizaremos sua vida como um brinquedo de criança, com cantos, coros, danças inocentes. Oh! Permitiremos mesmo que pequem — são fracos —, e nos amarão por causa disso como crianças. Dir-lhes-emos que todo pecado será redimido, se for cometido com nossa permissão; por amor é que lhes permitiremos que pequem e assumiremos o castigo de tais pecados. Amar-nos-ão como a benfeitores que tomam a si a carga de seus pecados perante Deus. Não terão segredo algum para conosco. De acordo com seu grau de obediência, permitir-lhes-emos ou proibir-lhes-emos que vivam com as mulheres e as amantes, que tenham filhos ou não tenham, e eles nos escutarão com alegria. Submeter-nos-ão os segredos mais penosos da consciência, resolveremos todos os casos e eles aceitarão nossa decisão com alegria, porque ela lhes poupará a grave preocupação de resolverem eles mesmos livremente. E todos serão felizes, milhões de criaturas, exceto uns cem mil, seus diretores, exceto nós, os depositários do segredo. Os felizes contar-se-ão por bilhões e haverá cem mil mártires encarregados do conhecimento maldito do bem e do mal. Morrerão tranquilamente, extinguir-se-ão mansamente em Teu nome e, no outro mundo, nada

encontrarão senão a morte. Mas nós guardaremos o segredo; nós os ninaremos, para sua felicidade, com uma recompensa eterna no céu. Porque, se houvesse outra vida, não seria decerto para criaturas como eles. Profetiza-se que voltarás para vencer de novo, cercado de Teus eleitos, poderosos e orgulhosos; diremos que eles só se salvaram a si mesmos, ao passo que nós salvamos o mundo inteiro. Dizem que a fornicadora, montada na besta e tendo nas mãos a taça do mistério, será desonrada, que os fracos se revoltarão de novo, rasgarão sua púrpura e desnudarão seu corpo “impuro”. Eu me levantarei então e Te mostrarei os bilhões de felizes que não conheceram o pecado. E nós, que nos sobrecarregamos com seus pecados, para sua felicidade, nós nos ergueremos diante de Ti, dizendo: ‘Não Te tememos; também eu estive no deserto, vivi de gafanhotos e de raízes; também eu abençoei a liberdade com que gratificaste os homens e me preparava para figurar entre Teus eleitos, os poderosos e os fortes, ardendo por completar-lhes o número. Mas dominei-me e não quis servir uma causa insensata. Voltei a juntar-me àqueles que corrigiram Tua obra. Abandonei os orgulhosos, voltei aos humildes, para fazer a felicidade deles. O que Te digo realizar-se-á e nosso império edificar-se-á. Repito-Te, amanhã, a um sinal meu, verás aquele rebanho dócil trazer carvões acesos para a fogueira a que subirás, por teres vindo estorvar nossa obra. Porque, se alguém mereceu mais que todos a fogueira, foste Tu. Amanhã, queimar-te-ei. *Dixi.*’”⁶³

Ivan parou. Exaltara-se ao discorrer e falava com animação; ao terminar, sorriu.

Aliócha escutara em silêncio, com emoção extrema. Por várias vezes, tinha querido interromper o irmão, mas contivera-se.

— Mas... é absurdo! — exclamou, corando. — Teu poema é um elogio de Jesus e não uma censura... como o querias. Quem acreditará no que dizes da liberdade? É assim que se deve compreendê-la? É essa a concepção da Igreja ortodoxa?... É Roma, e não toda, são os piores elementos do catolicismo, os inquisidores, os jesuítas!... Não existe personagem fantástico como teu inquisidor. Quais são esses pecados dos outros dos quais se assume a carga? Quem são esses detentores do mistério, que se encarregam do anátema pela felicidade dos homens? Quando se viu isso? Conhecemos os jesuítas, fala-se mal deles, mas são semelhantes aos teus? De modo algum!... É simplesmente o exército romano, o instrumento da futura dominação universal, com um imperador,

o pontífice romano, à frente... eis o ideal deles, não há aí mistério nenhum, nem tristeza sublime... A sede de reinar, a vulgar cobiça dos vis bens terrestres... uma espécie de servidão futura em que eles se tornariam proprietários de terras... eis tudo. Talvez mesmo não creiam em Deus. Teu inquisidor não passa de uma ficção...

— Para, para! — disse, rindo, Ivan. — Como te acaloras! Uma ficção, dizes? Pois seja, evidentemente. No entanto, crês verdadeiramente que todo o movimento católico dos derradeiros séculos seja apenas inspirado pela sede do poder, em vista somente dos bens terrestres? Não será o padre Paísi quem te ensina isso?

— Não, não, pelo contrário, o padre Paísi falou uma vez em teu mesmo sentido... mas, decerto, não disse de todo a mesma coisa — emendou Aliócha.

— Eis uma informação preciosa, apesar de teu “não de todo a mesma coisa”. Mas por que os jesuítas e os inquisidores ter-se-iam unido unicamente em vista da felicidade terrestre? Não se pode encontrar entre eles um só mártir, presa dum nobre sofrimento e amando a humanidade? Suponhamos que entre essas criaturas sedentas somente de bens materiais seja encontrada numa só como meu velho inquisidor que viveu de raízes no deserto e encarniçou-se em domar seus sentidos para se tornar livre, para atingir a perfeição; no entanto, sempre amou a humanidade. De repente, vê claro, dá-se conta de que é uma felicidade medíocre atingir a liberdade perfeita, quando milhões de criaturas permanecem para sempre desgraçadas, demasiado fracas para usar da liberdade, de que esses revoltados débeis não poderão jamais terminar a torre, e de que não é para tais gansos que o grande idealista sonhou a harmonia. Depois de ter compreendido tudo isso, meu inquisidor volta atrás e... alia-se às pessoas de espírito. Será, pois, impossível?

— Alia-se a quem, a que pessoas de espírito!? — exclamou Aliócha, quase zangado. — Não têm espírito, não detêm mistérios, nem segredos... O ateísmo, eis o segredo deles. Teu inquisidor não crê em Deus.

— Pois bem, e se assim fosse? Adivinhaste, afinal. É bem isso, eis todo o segredo, mas não é um sofrimento, pelo menos para um homem como ele, que sacrificou a vida a seu ideal no deserto e não cessou de amar a humanidade? No declínio de seus dias, convence-se claramente de que somente os conselhos do grande e terrível Espírito poderiam tornar suportável a existência dos revoltados débeis, “desses seres abortados,

criados por derrisão”. Compreende que é preciso escutar o Espírito profundo, esse Espírito de morte e de ruína, e, para isso fazer, admitir a mentira e a fraude, conduzir cientemente os homens à morte e à ruína, enganando-os durante o caminho todo, a fim de ocultar-lhes para onde os leva, e para que esses lastimáveis cegos tenham a ilusão da felicidade. Nota isto: a fraude em nome d’Aquele no qual o velho acreditou ardentemente durante toda a sua vida! Não é uma desgraça? E se se encontra, seja apenas uma criatura semelhante, à frente desse exército “ávido de poder em vista apenas de bens vis”, não é bastante para suscitar uma tragédia? Bem mais ainda, basta um só chefe semelhante para encarnar a verdadeira ideia diretriz do catolicismo romano, com seus exércitos e seus jesuítas, a ideia superior. Declaro-te que estou persuadido de que esse tipo único jamais faltou entre os que estão à testa do movimento. Quem sabe se não houve talvez alguns entre os pontífices romanos? Quem sabe? Talvez aquele maldito velho, que ama tão obstinadamente a humanidade, à sua maneira, exista ainda agora em vários exemplares, e isso não por efeito do acaso, mas sob a forma de uma aliança, de uma liga secreta, organizada fez muito tempo para manter o mistério, roubá-lo aos desgraçados e aos fracos, para torná-los felizes? Deve certamente ser assim, é fatal. Imagino mesmo que os franco-maçons têm um mistério análogo na base de sua doutrina, e é por isso que os católicos odeiam os franco-maçons; veem neles uma concorrência, a difusão da ideia única, quando deve haver um só rebanho sob um só pastor. Aliás, defendendo meu pensamento, tenho o ar de um autor que não suporta tua crítica. Basta disso.

— Talvez seja tu mesmo um franco-maçom — deixou escapar de súbito Aliócha. — Não crês em Deus — acrescentou com profunda tristeza. Parecera-lhe que seu irmão o olhava com ar zombeteiro. — Como acabou teu poema? — continuou, de olhos baixos. — Ou já se acabou?

— Queria acabá-lo assim: o inquisidor se cala, espera um momento a resposta do Prisioneiro. Seu silêncio lhe pesa. O Cativo escutou-o todo o tempo, fixando-o com Seu olhar penetrante e calmo, visivelmente decidido a não lhe dar resposta. O velho queria que Ele lhe dissesse alguma coisa, ainda que fossem palavras amargas e terríveis. De repente, o Prisioneiro aproxima-se em silêncio do nonagenário e beija-lhe os lábios exangues. É toda a sua resposta. O velho estremece, seus lábios tremem,

vai à porta, abre-a e diz: “Vá e não volte mais... nunca mais!” E deixa que Ele se vá pelas trevas da cidade. O Prisioneiro sai.

— E o velho?

— O beijo queima-lhe o coração, mas ele persiste em sua ideia.

— E tu estás com ele, também tu! — exclamou amargamente Aliócha.

— Que absurdo, Aliócha! É apenas um poema destituído de sentido, a obra dum fedelho estudante que jamais fez versos. Pensas que vou agora meter-me com os jesuítas, juntar-me àqueles que corrigiram Sua obra? Oh, Senhor! Que me importa? Já te disse: assim que atingir os meus trinta anos, quebrarei a taça.

— E os brotos tenros, os túmulos queridos, o céu azul, a mulher amada? Como viverás, qual será teu amor por eles!? — exclamou Aliócha, cheio de dor. — Pode-se viver com tanto inferno no coração e na cabeça? Sim, vais juntar-te a eles... se não, tu te suicidarás, desesperado.

— Há em mim uma força que resiste a tudo! — declarou Ivan, com um frio sorriso.

— Qual?

— A dos Karamázov... a força que eles haurem de sua baixeza.

— Quer dizer mergulhar na corrupção, perverter a alma, não é?

— Poderia ser isso também... Talvez escape a isso até os trinta anos e depois...

— Como poderás escapar a isso? É impossível, com suas ideias.

— Também karamazovianas!

— Quer dizer que “tudo é permitido”, não é?

Ivan franziu o cenho e empalideceu estranhamente.

— Ah! Apanhaste no ar aquela frase de ontem que tanto ofendeu Miúsov... e que Dimítri repetiu tão ingenuamente. Pois seja, “tudo é permitido”, já que se disse isso. Não me retrato. Aliás, Mítia formulou-a bastante bem.

Aliócha examinava-o em silêncio.

— Na véspera de partir, meu irmão, pensava que tinha só a ti no mundo, mas vejo agora que, mesmo em teu coração, não há mais lugar para mim, meu caro eremita. Não renegarei esta fórmula de que “tudo é permitido”, e serás tu então que me renegarás, não é?

Aliócha aproximou-se dele e beijou-lhe suavemente os lábios.

— É um plágio! — exclamou Ivan, de súbito exaltado. — Tiraste isso de meu poema. Agradeço-te, no entanto. É tempo de partir, Aliócha, para ti e para mim.

Saíram. No patamar, pararam.

— Escuta, Aliócha — disse Ivan num tom firme —, se posso ainda amar os brotos primaveris, será graças à tua lembrança. Bastar-me-á saber que estás aqui, em alguma parte, para retomar gosto pela vida. Estás contente? Se quiseses, toma isso como uma declaração de amizade. Agora, sigamos cada qual para seu lado. E chega, entendes-me? Quer dizer que, se não partir amanhã (o que não é provável) e nos encontrarmos de novo, nem uma palavra a respeito dessas questões. Peço-te formalmente. E, quanto a Dimítri, rogo-te também que não me fales mais dele, nunca mais. O assunto está esgotado, não? Em troca, prometo-te, aos trinta anos, quando eu quiser “atirar minha taça”, voltar a conversar ainda contigo, onde quer que te aches, ainda que esteja eu na América. Interessar-me-á muito então ver o que te tornaste. Eis uma promessa solene, com efeito. Nós nos despediremos por dez anos, talvez. Vai ter com teu *Pater seraphicus*, que está morrendo; se morresse em tua ausência, haverias de ficar zangado comigo porque te retive. Adeus; beija-me ainda uma vez, e agora vá...

Ivan afastou-se e seguiu seu caminho sem voltar-se. Fora assim que Dimítri partira na véspera, em condições muitíssimo diversas, é verdade. Essa observação estranha atravessou como uma flecha o espírito entristecido de Aliócha. Ficou alguns instantes a acompanhar seu irmão com o olhar. De repente, percebeu, pela primeira vez, que Ivan gingava ao andar e que tinha, visto de costas, o ombro direito mais baixo que o outro. Mas, de súbito, Aliócha deu meia-volta e dirigiu-se, quase correndo, para o mosteiro. A noite caía; estava inquieto, invadido por um pressentimento indefinível. Como na véspera, o vento elevou-se, e os pinheiros centenários rugitavam lugubrememente, quando entrou no bosque do eremitério. Corria quase. “*Pater seraphicus*, donde tirara ele esse nome? Ivan, pobre Ivan, quando tornarei a ver-te?... Aqui está o eremitério, Senhor! Sim, é ele, o *Pater seraphicus*, que me salvará... dele para sempre!”

Várias vezes, mais tarde, admirou-se de ter podido, após a partida de Ivan, esquecer-se tão totalmente de Dimítri, a quem prometera a si

mesmo, naquela manhã mesma, procurar e descobrir, embora tivesse de passar a noite fora do mosteiro.

VI

ONDE REINA AINDA A OBSCURIDADE

Por seu lado, depois de ter deixado Aliócha, dirigiu-se Ivan Fiódorovitch à casa do pai. Coisa estranha, sentiu de repente uma ansiedade intolerável, que aumentava à medida que se aproximava da casa. Não era a sensação que lhe causava espanto, mas a impossibilidade de defini-la. Conhecia a ansiedade por experiência e não o surpreendia senti-la naquele momento, quando, depois de ter rompido com tudo quanto o retinha naqueles lugares, ia engajar-se numa via nova e desconhecida, sempre também solitária, cheio de esperança sem finalidade, de confiança excessiva na vida, mas incapaz de precisar sua expectativa e suas esperanças. Naquele instante, se bem que apreendesse o desconhecido, não era isso que o atormentava. “Não será a aversão pela casa paterna?”, pensava ele. “Seria na verdade isso, tanto ela me repugna, muito embora lhe transponha os umbrais hoje pela derradeira vez... Mas não, não é isso. Foram talvez as despedidas com Aliócha, depois de nossa conversa. Conservei-me calado por tanto tempo, sem dignar-me falar, e eis que passo a acumular tantos absurdos.” Na realidade, podia ser o despeito da inexperiência e da vaidade juvenis, a despeito de não ter revelado seu pensamento, sobretudo com uma criatura como Aliócha, de quem esperava ele certamente muito em seu foro íntimo. Sem dúvida, esse despeito existia, era fatal, mas havia outra coisa. “Estar ansioso até a náusea e não poder precisar o que quero. Não pensar, talvez...”

Ivan Fiódorovitch tentou “não pensar”, mas nada conseguiu. O que o irritava sobretudo era que aquela ansiedade tinha uma causa fortuita, exterior, sentia-o ele. Um ser ou um objeto obsedava-o vagamente, da mesma maneira que se tem por vezes diante dos olhos, sem que se perceba, durante um trabalho ou uma conversação animada, alguma coisa irritante até o sofrimento, até que nos vem por fim a ideia de afastar aquele objeto incômodo, muitas vezes uma bagatela: uma coisa que não

está no lugar, um lenço caído no chão, um livro fora da estante, etc. De muito mau humor, chegou Ivan à casa paterna; a 15 passos da porta ergueu os olhos e adivinhou de repente o motivo de sua perturbação.

Sentado num banco, perto do portão, o criado Smierdiákov tomava fresco. Ao primeiro olhar, compreendeu Ivan que aquele Smierdiákov o incomodava e que sua alma não podia suportá-lo. Foi como um raio de luz. Ainda há pouco, quando Aliócha contava seu encontro com Smierdiákov, sentira uma sombria repulsa, e, por contragolpe, animosidade. Em seguida, durante a conversa, não pensou mais naquilo, mas, desde que se encontrou só, a sensação esquecida emergiu do inconsciente. “Será possível que esse miserável me inquiete a tal ponto?”, pensava ele, exasperado.

Com efeito, havia pouco, sobretudo nos últimos dias, tomara aversão àquele homem. Ele próprio acabara por notar aquela antipatia crescente. O que a agravava talvez é que, no começo de sua estada entre nós, experimentava Ivan Fiódorovitch por Smierdiákov uma espécie de simpatia. Achava-o a princípio muito original e conversava habitualmente com ele, julgando-o um pouco limitado ou antes inquieto, e sem compreender o que podia mesmo atormentar constantemente aquele contemplador. Entretinham-se também com questões filosóficas, perguntando mesmo por que a luz brilhava no primeiro dia — quando o Sol, a Lua e as estrelas só tinham sido criados no quarto dia — e a maneira de compreender isso. Mas em breve Ivan Fiódorovitch convenceu-se de que Smierdiákov interessava-se mediocrementemente pelos astros e que lhe era preciso outra coisa. Manifestava um amor-próprio excessivo e ofendido. Isso desagradou bastante a Ivan e engendrou sua aversão. Mais tarde, sobrevieram incidentes desagradáveis, o aparecimento de Grúchenka, as brigas de Dimítri com o pai; houve barulhos. Se bem que Smierdiákov sempre falasse com agitação, não se podia nunca saber o que desejava ele para si mesmo. Alguns de seus desejos, quando os formulava involuntariamente, impressionavam por sua incoerência. Eram constantemente perguntas, alusões que ele não explicava, interrompendo-se ou falando de outra coisa no momento mais animado. Mas o que exasperava Ivan e acabara por tornar-lhe Smierdiákov antipático era a familiaridade chocante que este lhe testemunhava cada vez mais. Não que fosse descortês, pelo contrário; mas Smierdiákov chegara a um ponto, Deus sabe por quê, em que se acreditava solidário com Ivan Fiódorovitch; exprimia-se sempre como se existisse entre eles uma aliança secreta

conhecida só dos dois e incompreensível para os que os cercavam. Ivan Fiódorovitch levou muito tempo para compreender a causa de sua repulsa crescente e só muito recentemente dera-se conta disso. Queria passar irritado e desdenhoso, sem nada dizer a Smierdiákov, mas este se levantou e esse gesto revelou a Ivan Fiódorovitch seu desejo de falar-lhe em particular. Olhou-o e parou, e o fato de agir assim, em lugar de passar adiante como era sua intenção, transtornou-o. Olhava com cólera e repulsa aquela figura de eunuco, de cabelos penteados sobre as têmporas, com uma mecha levantada. O olho esquerdo piscava maliciosamente, como para dizer-lhe: “Tu não passarás, vês bem que nós, gente de espírito, temos de conversar.” Ivan Fiódorovitch estremeceu.

“Para trás, miserável! Que há de comum entre nós, imbecil?!”, quis gritar; mas em lugar dessa descompostura, e para grande assombro seu, proferiu coisa bem diversa:

— Meu pai ainda está dormindo? — perguntou, num tom resignado e, sem pensar nisso, sentou-se no banco. Um instante, quase teve medo, lembrou-se depois. Smierdiákov mantinha-se diante dele, com as mãos atrás das costas, e olhava-o com segurança, quase com severidade.

— Repousa ainda — disse, sem se apressar. (Foi ele quem me dirigiu por primeiro a palavra!) — O senhor me causa espanto — acrescentou depois de algum silêncio, os olhos baixos com afetação, brincando com a ponta de sua botina engraxada, com o pé direito para a frente.

— Que é que te causa espanto? — perguntou secamente Ivan Fiódorovitch, esforçando-se por conter-se, mas nauseado por sentir viva curiosidade, que queria satisfazer a qualquer preço.

— Por que não vai a Tchermachniá? — perguntou Smierdiákov, com um sorriso familiar. “Deves compreender meu sorriso, se és um homem de espírito”, parecia dizer seu olho esquerdo.

— Que irei fazer em Tchermachniá? — admirou-se Ivan Fiódorovitch. Houve um silêncio.

— Fiódor Pávlovitch rogou-lhe insistentemente — disse por fim, sem se apressar, como se não ligasse nenhuma importância à resposta dele: “Indico-te um motivo de terceira ordem, unicamente para dizer alguma coisa.”

— Com os diabos! Fala mais claramente. Que queres? — exclamou Ivan Fiódorovitch, com cólera, tornando-se grosseiro.

Smierdiákov puxou o pé direito para junto do esquerdo, endireitou-se, sempre com o mesmo sorriso fleumático.

— Nada de sério... Era só por falar.

Novo silêncio. Ivan Fiódorovitch compreendia que teria devido levantar-se, zangar-se; Smierdiákov mantinha-se diante dele e parecia esperar: “Vejamos, zangar-te-ás ou não?” Tinha pelo menos a impressão disso. Por fim, fez um movimento para levantar-se. Smierdiákov aproveitou a ocasião.

— Terrível situação a minha, Ivan Fiódorovitch, não sei como sair do aperto — disse com voz firme, depois do que suspirou. Ivan tornou a sentar-se.

— Ambos perderam a cabeça, dir-se-iam crianças. Falo de seu pai e de seu irmão Dimítri Fiódorovitch. Daqui a pouco, Fiódor Pávlovitch vai-se levantar e perguntar-me a cada instante: “Por que ela não veio?”, até meia-noite e mesmo depois. Se Agrafiêna Alieksándrovna não vier (creio que não tem ela absolutamente intenção disso), amanhã de manhã virá ele perguntar-me de novo: “Por que ela não veio? Quando virá ela?”, como se fosse culpa minha! Do outro lado, é a mesma estória; ao cair da noite, por vezes antes, chega seu irmão, armado: “Toma cuidado, tratante, queima-panelas, se a deixas passar sem me prevenir, matar-te-ei em primeiro lugar!” De manhã, atormenta-me ele como Fiódor Pávlovitch, tanto que pareço também responsável perante ele pelo fato de não ter vindo sua dama. A cólera deles cresce todos os dias, a ponto de sonhar eu por vezes em suicidar-me, tal é o medo que tenho. Não espero nada de bom.

— Por que te meteste nisso? Por que te tornaste o espião de Dimítri Fiódorovitch?

— Como agir de outro modo? Aliás, não me meti em nada, se quer saber. No começo calava-me, não ousando replicar. Fez ele de mim seu servidor. Depois, são ameaças contínuas: “Eu te matarei, patife, se a deixares entrar.” Estou certo, senhor, de ter amanhã uma longa crise.

— Que crise?

— Mais uma crise longa, muito longa. Durará várias horas, um dia ou dois, talvez. Uma vez, durou três dias, ficando eu sem conhecimento. Caíra do celeiro. Fiódor Pávlovitch mandou chamar Herzenstube, que prescreveu gelo sobre o crânio, depois outro remédio. Estive à morte.

— Mas dizem que é impossível prever as crises de epilepsia. Como podes saber que será amanhã? — perguntou Ivan Fiódorovitch com uma curiosidade a que se misturava cólera.

— É verdade.

— Além do mais, caíras do celeiro daquela vez.

— Poderei cair amanhã, porque subo lá todos os dias. Se não for no celeiro, cairei na adega. Vou lá também todos os dias.

Ivan examinou-o longamente.

— Tu tramas alguma coisa que não compreendo bem — disse ele em voz baixa, mas com ar ameaçador. — Não terás a intenção de simular uma crise por três dias!

— Se eu pudesse simular — não passa de um brinquedo, quando se tem experiência —, teria plenamente o direito de recorrer a esse meio para salvar minha vida, porque, quando estou nesse estado, até mesmo se Agrafiena Alieksándrovna chegasse, seu irmão não poderia exigir contas a um doente. Teria vergonha.

— Com os diabos! — exclamou Ivan Fiódorovitch, com as feições contraídas pela cólera. — Por que tens de temer sempre por tua vida? As ameaças de Dimíttri são falas de um homem furibundo e nada mais. Matará alguém, mas não tu.

— Matar-me-ia como a uma mosca, a mim em primeiro lugar. Receio ainda mais passar por seu cúmplice, se ele atacasse loucamente seu pai.

— Por que te acusariam de cumplicidade?

— Porque lhe revelei um segredo... os sinais.

— Que sinais? Que o diabo te leve! Fala claramente.

— Devo confessar — disse arrastadamente Smierdiákov, com ar doutoral —, temos um segredo, Fiódor Pávlovitch e eu. O senhor sabe sem dúvida que, desde alguns dias, ele se tranca com ferrolho assim que chega a noite. Nesses tempos, o senhor regressa cedo, sobe imediatamente para seus aposentos, ontem mesmo nem chegou a sair, de modo que ignora talvez com que cuidado ele se embarricava. Se Grigóri Vassílievitch chegasse, ele só lhe abriria a porta depois de reconhecer-lhe a voz. Mas Grigóri Vassílievitch não vem, porque sou eu somente que sirvo nos aposentos de seu pai — decidiu ele assim desde aquela intriga com Agrafiena Alieksándrovna; de acordo com suas instruções, passo a noite no pavilhão: até meia-noite devo montar guarda, vigiar o pátio para o caso

de ela vir: desde alguns dias a espera o torna louco. Eis seu raciocínio: “Dizem que ela tem medo dele (de Dimítri Fiódorovitch, entende-se), portanto virá de noite pelo pátio; fica de vigia lá até depois de meia-noite. Assim que ela chegar lá, corre a bater na porta ou na janela no jardim, duas vezes de leve, assim, depois três vezes mais depressa, toc, toc, toc. Então compreenderei que é ela e te abrirei devagarinho a porta.” Deu-me outro sinal para os casos extraordinários, primeiro, dois golpes depressa, toc, toc, depois, após um intervalo, uma vez forte. Compreenderá que há novidade e me abrirá e eu farei meu relatório. Isso no caso em que viesse de parte de Agrafiëna Aliëksándrovna, ou se Dimítri Fiódorovitch chegasse, a fim de assinalar sua aproximação. Ele tem muito medo e, mesmo se estivesse trancado com sua beldade e o outro chegasse, sou obrigado a informá-lo disso imediatamente, dando três pancadas. O primeiro sinal, cinco pancadas, quer pois dizer: “Agrafiëna Aliëksándrovna chegou”; o segundo, três pancadas, significa: “Negócio urgente.” Fez-me ensaiar várias vezes. E como ninguém no mundo conhece esses sinais, exceto ele e eu, abrir-me-á a porta sem hesitar, nem chamar (receia muito fazer barulho). Ora, Dimítri Fiódorovitch está ao corrente desses sinais.

— Por quê? Foste tu que lhos transmitiste? Como ousaste?

— Tinha medo. Podia eu guardar o segredo? Dimítri Fiódorovitch insistia cada dia: “Tu me enganas, tu me ocultas alguma coisa! Quebrarte-ei as pernas!” Falei para provar-lhe minha submissão e persuadi-lo de que não o engano, bem pelo contrário.

— Pois bem, se pensas que ele quer entrar por meio desse sinal, impede-o!

— E, se eu tiver minha crise, como o impedirei, admitindo que o ouse? Ele é tão violento!

— Que o diabo te carregue! Por que estás tão certo de ter uma crise amanhã? Zombas de mim!

— Não mo permitiria; aliás, não é momento para riso. Pressinto que terei uma crise, basta o medo para provocá-la.

— Se estiveres deitado, será Grigóri quem velará. Previne-o, ele o impedirá.

— Não ouse revelar os sinais a Grigóri Vassílievitch, sem a permissão do patrão. Aliás, Grigóri Vassílievitch está doente desde ontem e Marfa

Ignátievna prepara-se para cuidar dele. É bastante curioso: ela conhece e tem de reserva uma infusão fortíssima, feita de certa erva, é um segredo. Três vezes por ano, dá esse remédio a Grigóri Vassílievitch, quando corre o lumbago e ele fica como que paralítico. Ela pega um guardanapo embebido desse licor e esfrega-lhe com ele as costas uma meia hora, até que lhe fique a pele avermelhada e até mesmo inchada. Depois dá-lhe de beber o resto do frasco, recitando uma oração. Ela mesma toma um pouco. Não tendo ambos costume de beber, caem ali mesmo e adormecem num sono profundo que dura muito tempo. Ao despertar, Grigóri Vassílievitch está quase sempre curado, ao passo que a mulher fica com enxaqueca. De sorte que, se amanhã Marfa Ignátievna puser seu projeto em execução, não ouvirão eles Dimíttri Fiódorovitch e o deixarão entrar. Estarão dormindo.

— Que absurdo! Tudo se arranjará como de propósito: tu terás tua crise, os outros estarão adormecidos. É de acreditar-se que tens intenções... — exclamou Ivan Fiódorovitch, franzindo o cenho.

— Como poderia eu arranjar tudo isso e para quê, quando tudo depende unicamente de Dimíttri Fiódorovitch? Se ele quiser agir, agirá, senão não irei procurá-lo para empurrá-lo à casa do pai.

— Mas por que viria ele, e às ocultas ainda por cima, se Agrafiena Alieksándrovna não vem, como tu mesmo dizes? — prosseguiu Ivan Fiódorovitch, pálido de cólera. — Eu também sempre pensei que era uma fantasia do velho, que jamais aquela criatura viria aqui à casa dele. Por que, pois, Dimíttri forçaria a porta? Fala, quero conhecer teu pensamento.

— O senhor mesmo sabe por que ele virá, de que adianta aqui meu pensamento? Virá ele por animosidade ou por desconfiança, se eu estiver doente, por exemplo; terá dúvidas e quererá explorar ele próprio os aposentos, como ontem de noite, ver se ela não teria entrado sem que ele o soubesse. Sabe também que Fiódor Pávlovitch preparou um grande envelope contendo três mil rublos, selado com três sinetes e amarrado por uma fita. Escreveu do próprio punho: “Para meu anjo, Grúchenhka, se ela quiser vir.” Três dias depois, acrescentou: “Para minha franguinha.” Aí tem o senhor o perigo!

— Que absurdo! — exclamou Ivan Fiódorovitch fora de si. — Dimíttri não irá roubar dinheiro e matar o pai ao mesmo tempo. Ontem, teria podido matá-lo como um louco furioso por causa de Grúchenhka, mas não irá roubar.

— Tem ele extrema necessidade de dinheiro, Ivan Fiódorovitch. O senhor nem mesmo pode fazer ideia — explicou Smierdiákov com grande calma e bem nitidamente. — Aliás, acha ele que esses três mil rublos lhe pertencem e declarou-me: “Meu pai me deve justamente três mil rublos.” Além do mais, Ivan Fiódorovitch, considere isto: está ele quase certo de que Agrafiena Alieksándrovna, se o quiser, obrigará Fiódor Pávlovitch a casar-se com ela. Acho que ela não virá, mas talvez queira ela algo mais, queira tornar-se uma dama. Sei que seu amante, o comerciante Samsónov, dizia-lhe francamente que não seria esse um mau negócio e ria. Ela mesma não é tola; não tem razão nenhuma para casar-se com um pobretão como Dimítri Fiódorovitch. Nesse caso, Ivan Fiódorovitch, sabe o senhor muito bem que nem o senhor nem seus irmãos herdarão de seu pai um rublo sequer, porque se Agrafiena Alieksándrovna casar com ele, será para pôr tudo em seu nome e ficar com todos os seus capitais. Se o pai dos senhores morrer agora, receberá cada um quarenta mil rublos, até mesmo Dimítri Fiódorovitch, a quem ele detesta tanto, porque seu testamento ainda não está feito... Dimítri Fiódorovitch está ao corrente de tudo isso...

As feições de Ivan contraíram-se. Corou.

— Por que, pois — interrompeu bruscamente —, me aconselhas a partir para Tchermachniá? Que tencionavas com isso? Após minha partida, acontecerá aqui alguma coisa.

Ofegava.

— Justamente — disse num tom calmo Smierdiákov, fixando Ivan Fiódorovitch.

— Como justamente? — repetiu Ivan Fiódorovitch, procurando conter-se, com o olhar ameaçador.

— Digo isso por compaixão pelo senhor. Em seu lugar, largaria tudo... para me afastar de tal negócio — replicou Smierdiákov, com ar franco. Ambos se calaram.

— Tens cara dum chapado imbecil... e dum perfeito canalha!

Ivan Fiódorovitch levantou-se dum salto. Queria transpor a pequena porta, mas parou e voltou-se para Smierdiákov. Passou-se então algo de estranho: Ivan Fiódorovitch mordeu os lábios, cerrou os punhos e esteve a ponto de lançar-se contra Smierdiákov. Este percebeu isso a tempo, estremeceu e recuou. Mas nada de desagradável aconteceu, e Ivan Fiódorovitch, silencioso e perplexo, dirigiu-se para a porta.

— Parto amanhã para Moscou, se o queres saber, amanhã de manhã, eis tudo! — gritou ele, com raiva, surpreendido ele mesmo por ter podido dizer isso a Smierdiákov.

— Perfeito! — replicou este, como se já o esperasse. — Somente, talvez tenham de telegrafar-lhe para lá, caso aconteça alguma coisa.

Ivan Fiódorovitch voltou-se de novo, mas uma mudança súbita operara-se em Smierdiákov. Toda a sua familiaridade displicente desaparecera; todo o seu rosto exprimia uma atenção e uma expectativa extremas, mas tímidas e servis. “Não acrescentarás nada?”, lia-se em seu olhar fixo sobre Ivan Fiódorovitch.

— E não me chamariam também de Tchernachniá, se acontecesse alguma coisa? — vociferou Ivan Fiódorovitch, elevando a voz sem saber por quê.

— Também o avisarão em Tchernachniá... — murmurou Smierdiákov, em voz baixa, sem cessar de fitar Ivan bem nos olhos.

— Somente Moscou é longe e Tchernachniá é perto; será que lamentas as despesas por ter eu de dar uma grande volta?

— Justamente — murmurou Smierdiákov, com voz mal segura e um sorriso vil, pronto de novo a saltar para trás. Mas, para grande surpresa sua, Ivan Fiódorovitch desatou a rir. Transposta a porta, ria ainda. Quem o tivesse observado naquele instante não teria atribuído aquele riso à jovialidade. Ele próprio não teria podido explicar o que sentia. Andava maquinalmente.

VII

DÁ GOSTO FALAR COM UM HOMEM DE ESPÍRITO

Falava sozinho também. Encontrando Fiódor Pávlovitch no salão, gritou-lhe, gesticulando: “Subo para meu quarto, não irei aos seus aposentos... adeus!”, e passou, evitando olhar o pai. Sem dúvida, sua aversão pelo velho dominou-o naquele momento, mas essa animosidade manifesta com tal sem cerimônia surpreendeu o próprio Fiódor Pávlovitch. Tinha evidentemente algo de urgente a dizer ao filho e viera a seu encontro com

esse fim; diante daquela indelicada acolhida, calou-se e acompanhou-o com um olhar irônico até que ele desapareceu.

— Que tem ele? — perguntou a Smierdiákov, que chegava.

— Está zangado. Quem sabe por quê? — respondeu evasivamente Smierdiákov.

— Ao diabo sua zanga! Apressa-te em trazer-me o samovar e vá. Nada de novo?

Vieram então as perguntas de que Smierdiákov acabava de queixar-se a Ivan Fiódorovitch, referentes à visitante esperada, mas silenciámos a respeito. Meia hora mais tarde, a casa estava fechada, e o velho apaixonado pôs-se a andar para lá e para cá, com o coração palpitante, aguardando o sinal convencionado. Por vezes olhava as janelas sombrias, mas só via a noite.

Já era bastante tarde e Ivan Fiódorovitch não dormia. Meditava e só se deitou às duas horas. Não exporemos o curso de seus pensamentos; não chegou o momento de entrar naquela alma; chegará a vez dela. Seria, aliás, bastante árduo, porque não eram pensamentos, mas antes uma agitação vaga. Ele próprio sentia que perdia a fé. Desejos estranhos o atormentavam; assim, depois da meia-noite, sentiu uma vontade irresistível de descer, de abrir a porta e ir ao pavilhão dar uma surra em Smierdiákov; mas, se lhe tivessem perguntado por quê, não teria podido indicar um só motivo, salvo talvez que aquele laçao se lhe tornara odioso, como o pior ofensor que existisse. Por outra parte, uma timidez inexplicável, humilhante, invadiu-o várias vezes, paralisando suas forças físicas. Sua cabeça girava, doía-lhe. Uma sensação de ódio aguilhoava-o, como se fosse ele vingar-se de alguém. Odiava até mesmo Aliócha, lembrando-se de sua recente conversa, e, por instantes, detestava a si mesmo. Esquecera Katierina Ivânovna e admirou-se mais tarde, lembrando-se de que, na véspera, quando se gabava diante dela de partir para Moscou no dia seguinte, dizia a si mesmo: “É absurdo, não partirás e não romperás tão facilmente, fanfarrão!” Muito tempo depois, lembrou-se Ivan Fiódorovitch com repulsa de que, naquela noite, foi de mansinho, como se temesse ser percebido, abrir a porta, saiu para o patamar e pôs-se a escutar as idas e vindas do pai no andar térreo; escutou por muito tempo, com estranha curiosidade, retendo a respiração e com o coração batendo. Ele próprio ignorava por que agia assim. Toda a vida tratou aquele processo como indigno, considerando-o, no fundo de sua alma, o mais vil

que tinha a censurar-se. Não sentia então nenhum ódio contra Fiódor Pávlovitch, mas somente uma curiosidade intensa; que poderia ele estar fazendo lá embaixo? Via-o olhando as janelas sombrias, parando de repente no meio do quarto para escutar se não batiam. Por duas vezes, saiu Ivan Fiódorovitch para o patamar. Cerca das duas horas, quando tudo ficou calmo, ele próprio se deitou, ávido de sono, porque se sentia extenuado. Na verdade, adormeceu profundamente, sem sonhos, e, quando despertou, já era dia. Ao abrir os olhos, surpreendeu-se ao sentir uma energia extraordinária, levantou-se, vestiu-se a pressa e pôs-se a arrumar a mala. A lavadeira acabava justamente de trazer-lhe a roupa branca, e ele sorriu ao pensar que nada se opunha à sua repentina partida. Era repentina, com efeito. Se bem que Ivan Fiódorovitch tivesse declarado na véspera a Katierina Ivânovna, a Aliócha, a Smierdiákov, que partia no dia seguinte para Moscou, lembrava-se de que, ao meter-se na cama, não pensava em partir, pelo menos, não imaginava que, ao despertar, começaria a arrumar a mala. Por fim, ficou ela pronta, bem como seu saco de viagem; eram já nove horas, quando Marfa Ignátievna veio perguntar-lhe, como de costume: “Toma o chá no quarto ou vai descer?” Desceu quase alegre, muito embora suas palavras e seus gestos traíssem certa agitação. Saudou afavelmente o pai, perguntou mesmo por sua saúde, mas sem esperar sua resposta declarou-lhe que partia dentro de uma hora para Moscou e pediu que preparassem os cavalos. O velho escutou-o sem o menor espanto, descuidou mesmo de mostrar, por convenção, um ar aflito; em compensação, agitou-se, lembrando-se muito a propósito de um negócio importante para ele.

— Ah! Parece incrível! Nada me disseste ontem. Não importa, não é tarde demais. Faze-me um grande prazer, meu caro, passa por Tchemachniá. Basta dobrares à esquerda na estação de Volóvia, uma dúzia de verstas no máximo, e lá estarás.

— Desculpe-me, mas não posso; há oitenta verstas até a estação, o trem de Moscou parte às sete horas da noite, tenho o tempo justo.

— Terás muito tempo, amanhã ou depois de amanhã, mas hoje vai a Tchemachniá. Que te custa tranquilizar teu pai? Se não estivesse ocupado, teria eu mesmo ido lá há muito tempo, porque o negócio é urgente, mas... não posso ausentar-me no momento... Vês? Posso matas, em dois lotes, em Bieguítchev e em Diátchkino, nas charnecas. Os Máslovi, pai e filho, negociantes, só oferecem oito mil rublos pela lenha; no ano passado

apresentou-se um comprador que dava 12 mil, mas não é daqui, nota bem. Porque não há comprador entre os daqui. Os Máslovi, que possuem centenas de milhares de rublos, é que fazem os preços: é preciso aceitar-lhes as condições, ninguém ousa disputar com eles. Ora, o padre Ilinski escreveu-me na quinta-feira passada noticiando-me a chegada de Górstkin, também comerciante, que eu conheço e tem a vantagem de não ser daqui, mas de Pogrébov, não temendo, portanto, os Máslovi. Oferece 11 mil rublos, entendes-me? Ficar lá uma semana no máximo, escreveu-me o padresco. Irás negociar a coisa com ele...

— Escreva então ao padresco, ele se encarregará disso.

— Não saberá fazê-lo, eis a dificuldade. Esse padresco não entende nada disso. Vale seu peso em ouro, eu lhe confiaria vinte mil rublos sem recibo, mas não tem faro, é uma criança. Contudo é um erudito, imagina só! Esse Górstkin tem o ar de um mujique, de blusa azul, mas é um perfeito tratante, eis a desgraça: mente. E por vezes a tal ponto que a gente pergunta por quê. Uma vez, contou que a mulher tinha morrido e ele tornara a casar; era tudo mentira; a mulher continua viva e surra-o regularmente. Trata-se, pois, agora, de saber se ele quer comprar mesmo por 11 mil rublos.

— Mas eu tampouco entendo coisa alguma dessas espécies de negócio.

— Espera, sair-te-ás bem, vou dar-te todos os pormenores a respeito desse Górstkin. Há muito tempo que mantenho relações de negócios com ele. Escuta lá: é preciso olhar para a barba que ele tem, ruiva e maltratada. Quando ela se agita e ele mesmo se zanga enquanto fala, a coisa vai bem, fala ele a verdade e quer ultimar; mas, se acaricia a barba com a mão esquerda, sorrindo, é que quer enrolar-nos, trapaceia. Inútil olhar-lhe os olhos, é água turva; olha a barba. Seu verdadeiro nome não é Górstkin, mas Liagávi,⁶⁴ mas cuida de não chamá-lo Liagávi, pois se ofenderia. Se vês que o negócio se arranja, escreve-me umas linhas. Mantém o preço de 11 mil rublos. Podes baixar uns mil, mas não mais. Pensa pois, oito e 11, faz isso três mil de diferença. É para mim dinheiro achado e tenho extrema precisão dele. Se me anunciares que a coisa é séria, haverei de achar tempo para dar um pulo até lá e ultimar o negócio. Que adianta deslocar-me daqui agora, se o padre estiver enganado? Pois bem, irás ou não?

— Ah! Não tenho tempo, dispense-me.

— Presta esse serviço a teu pai, não me esquecerei disso. Vocês todos não têm coração. Que é para ti um dia ou dois? Aonde vais agora, a

Veneza? Ela não vai desmoronar-se, tua Veneza. Teria bem mandado Aliócha, mas entende ele disso? Ao passo que tu és astuto, vejo-o bem. Não és negociante de madeira, mas tens olho. Trata-se de ver se aquele homem fala seriamente ou não. Repito-o: olha sua barba; se ela mexer-se, é sério.

— Então, manda-me o senhor mesmo a essa maldita Tchermachniá!? — exclamou Ivan com um sorriso mau.

Fiódor Pávlovitch não notou ou não quis notar a maldade e reteve só o sorriso.

— Com que então, vais, não é? Vou dar-te um bilhete.

— Não sei, decidirei isso no caminho.

— Por que no caminho? Decide agora. Fechado o negócio, escreve-me duas linhas, entrega-as ao padre, que fará chegar às minhas mãos teu bilhete. Depois disso, estarás livre e poderás partir para Veneza. O pope te levará de carro à estação de Volóvia.

O velho exultava; escreveu umas linhas, mandou buscar um carro, serviu-se um desjejum, conhaque. A alegria tornava-o habitualmente expansivo, mas desta vez parecia conter-se. Nem uma palavra a respeito de Dimítri Fiódorovitch. De modo algum afetado pela separação, nada achava para dizer. Ivan Fiódorovitch ficou impressionado: “Eu o aborrecia”, pensava. Ao acompanhar o filho, o velho agitou-se como se quisesse beijá-lo. Mas Ivan Fiódorovitch apressou-se em estender-lhe a mão, visivelmente desejoso de evitar o beijo. Ele compreendeu logo e parou.

— Deus te guarde! — repetiu ele do patamar. — Voltarás algum dia, não? Terei sempre prazer em ver-te! Que o Cristo esteja contigo!

Ivan Fiódorovitch subiu no *tarantás*.

— Adeus, Ivan, não me queiras mal! — gritou-lhe uma última vez o pai.

Os criados, Smierdiákov, Marfa, Grigóri, tinham vindo dizer-lhe adeus. Ivan deu a cada um dez rublos. Smierdiákov correu a arranjar o tapete.

— Estás vendo? Vou a Tchermachniá... — deixou de súbito Ivan escapar, como contra sua vontade e com um riso nervoso. Muito tempo depois, lembrou-se disso.

— É então verdade o que se diz: dá gosto falar com um homem de espírito — replicou Smierdiákov, com um olhar penetrante.

O *tarantás* partiu a galope. O viajante estava preocupado, mas olhava avidamente os campos, os outeiros, um bando de gansos selvagens que voavam alto no céu claro. De repente, experimentou uma sensação de bem-estar, tentou conversar com o cocheiro e interessou-se bastante por uma resposta do mujique; mas em breve deu-se conta de que seu espírito estava em outra parte. Calou-se, respirando com delícia o ar puro e fresco. A lembrança de Aliócha e de Katierina Ivânovna atravessou-lhe o espírito; sorriu docemente, soprou seus queridos fantasmas, que desapareceram. “Mais tarde!”, pensou. Chegaram bem depressa à estação de posta; os cavalos foram substituídos para se dirigirem a Volóvia. “Por que dá gosto falar com um homem de espírito, que queria ele dizer com isso?”, perguntou a si mesmo, de súbito. “Por que lhe disse eu que ia a Tchermachniá?”

Chegando à estação de Volóvia, Ivan desceu e foi cercado pelos cocheiros; tratou o preço para Tchermachniá, 12 verstas por uma estrada vicinal. Mandou atrelar, entrou no posto, olhou a encarregada, tornou a sair para o patamar.

— Não vou mais a Tchermachniá. Terei tempo, irmãos, de chegar às sete horas à estação?

— Às suas ordens. É preciso atrelar?

— Agora mesmo. Será que um de vocês não vai amanhã à cidade?

— Mítri irá justamente.

— Poderias tu, Mítri, prestar-me um obséquio? Vá à casa de meu pai, Fiódorovitch Pávlovitch Karamázov e dize-lhe que não fui a Tchermachniá.

— Por que não? Conhecemos Fiódor Pávlovitch há muito tempo.

— Toma, eis aqui uma gorjeta, porque não se pode contar muito com ele... — disse jovialmente Ivan Fiódorovitch.

— É verdade — disse Mítri rindo. — Obrigado, senhor, darei seu recado.

Às sete horas da noite, tomou Ivan o trem para Moscou. “Para trás todo o passado! Está acabado para sempre! Que não ouça mais falar dele! Para um novo mundo, para novas terras, sem olhar para trás!” Mas, de repente, sua alma ensombreceu-se e uma tristeza tal como nunca sentira apertou-lhe o coração. Meditou toda a noite. Somente pela manhã, ao chegar a Moscou, pareceu voltar a si.

— Sou um miserável! — disse.

Fiódor Pávlovitch, após a partida do filho, sentiu-se de coração leve. Durante duas horas, esteve quase feliz, com a ajuda do conhaque, quando sobreveio um incidente desagradável que o consternou; ao dirigir-se à adega, Smierdiákov caiu do primeiro degrau da escada. Marfa Ignátievna, que se achava no pátio, não viu a queda, mas ouviu o grito, o grito esquisito do epiléptico presa numa crise, que ela conhecia bem. Tivera ele, ao descer os degraus, um ataque que o fizera rolar até embaixo inconsciente, ou então foram a queda e o choque que o provocaram? Não se sabia de nada. O certo é que o encontraram no fundo da adega, torcendo-se em horríveis convulsões, os lábios espumantes. A princípio acreditou-se que ele se contundira, fraturara um membro, mas “o Senhor o preservara”, segundo a expressão de Marfa Ignátievna. Estava indene, contudo deu um trabalhão fazê-lo subir. Conseguiu-se com a ajuda dos vizinhos. Fiódor Pávlovitch, que assistia à remoção, também ajudou. Estava transtornado. O doente permanecia inconsciente: a crise, que cessara, recomeçou; concluiu-se disso que as coisas se passariam como no ano anterior, quando caíra ele do celeiro. Tinham-lhe então posto gelo na cabeça. Restava ainda algum na adega, que Marfa utilizou. Ao anoitecer, Fiódor Pávlovitch mandou chamar o doutor Kerzenstube, que chegou sem demora. Depois de ter examinado atentamente o doente (era o médico mais meticoloso da província, um velhinho respeitável), concluiu que era uma crise extraordinária, que podia ocasionar complicações; que, para o momento, não compreendia bem, mas que, no dia seguinte de manhã, se os remédios prescritos não tivessem agido, tentaria outro tratamento. Deitaram o doente no pavilhão, num quartinho contíguo ao de Grigóri. Em seguida, Fiódor Pávlovitch só teve aborrecimentos: a sopa, preparada por Marfa Ignátievna, comparada com a que fazia Smierdiákov, não passava de uma água suja; e a galinha estava tão dura que não havia jeito de trincá-la. Diante das amargas censuras, aliás justificadas, de seu amo, a boa mulher replicou que a galinha era velha e que ela mesma não era cozinheira de profissão. À noitinha, outro aborrecimento. Soube Fiódor Pávlovitch que Grigóri, que estava doente desde a antevéspera, fora para a cama, presa de lumbago. Apressou-se em tomar o chá e trancou-se, extremamente agitado. Era a noite em que esperava, quase com certeza, a visita de Grúchenka; pelo menos Smierdiákov lhe assegurara, naquela manhã mesma, que ela prometera vir. O coração do incorrigível velho

batia violentamente; ia e vinha pelos quartos vazios, prestando ouvidos. Era preciso estar de vigia: talvez Dimítri Fiódorovitch o espionasse nos arredores e, assim que ela batesse na janela (Smierdiákov afirmava que ela conhecia o sinal), seria preciso abrir-lhe imediatamente, não a retendo no vestíbulo, no receio de que ela se amedrontasse e fugisse. Fiódor Pávlovitch estava inquieto, mas nunca esperança mais doce lhe havia embalado o coração: estava quase certo de que dessa vez ela viria.

LIVRO VI

UM MONGE RUSSO

I

O *STÁRIETS* ZÓSIMA E SEUS HÓSPEDES

Quando Aliócha entrou, ansioso, na cela do *stáriets*, sua surpresa foi grande. Em lugar do moribundo, talvez inconsciente, que ele temia ver, encontrou-o sentado numa poltrona, enfraquecido, mas com ar alegre, disposto, cercado de visitantes com os quais se entretinha tranquilamente. Tinha-se levantado um quarto de hora, quando muito, antes da chegada de Aliócha; os visitantes reunidos na cela aguardavam seu despertar, confiantes na firme garantia do padre Paísi de que “o mestre levantar-se-ia certamente para conversar ainda uma vez com aqueles a quem amava, como o prometera pela manhã”. O padre Paísi cria firmemente naquela promessa, como em tudo quanto o monge dizia, a ponto de, se o tivesse visto inconsciente e até mesmo sem respiração, duvidar da própria morte e esperar que ele voltasse a si para cumprir sua palavra. De manhã mesmo, o *stáriets* Zósima dissera-lhe, ao ir repousar: “Não morrerei sem entreter-me ainda uma vez convosco, meus bem-amados, verei vossos queridos rostos, expandir-me-ei pela derradeira vez.” Os que se tinham reunido para aquela última entrevista eram os melhores amigos do *stáriets*, desde muitos anos. Contavam-se quatro: os padres Ióssif, Paísi e Mikhail, este último superior do ascetério, homem de certa idade, bem menos culto que os outros, de condição modesta, mas de espírito firme, ao mesmo tempo sólido e cândido, ar rude, mas de coração terno, se bem que dissimulasse pudicamente essa ternura. O quarto era um velho monge simples, filho de pobres camponeses, o irmão Anfim, muito pouco instruído, taciturno e manso, o mais humilde entre os humildes, parecendo sempre sob a impressão dum grande terror, que o teria dominado. Esse homem timorato era bastante querido pelo *stáriets* Zósima, que teve durante toda a vida muita estima por ele, se bem que só trocassem raríssimas palavras. No entanto, tinham percorrido juntos a santa Rússia durante anos. Remontava isso a quarenta anos, aos começos do apostolado do *stáriets*; pouco depois de sua entrada em um mosteiro pobre e obscuro da província de Kostroma, acompanhou ele o padre Anfim nas suas coletas em favor do dito

mosteiro. Os visitantes mantinham-se no quarto de dormir do *stáriets*, bastante exíguo, como já se disse, de modo que havia apenas lugar para eles quatro, sentados em torno de sua poltrona (ficando de pé o noviço Porfíri). Já estava escuro, o quarto era iluminado por lamparinas e círios acesos diante dos ícones. À vista de Aliócha, que parara, embaraçado, na soleira, o *stáriets* mostrou um sorriso alegre e estendeu-lhe a mão.

— Boa tarde, meu doce amigo, chegaste. Sabia que virias.

Aliócha aproximou-se, inclinou-se até o chão e pôs-se a chorar. Sentia um aperto no coração, a alma fremente, um desejo irreprimível de soluçar.

— Terás tempo de chorar — sorriu o *stáriets*, abençoando-o. — Vês? Converso, tranquilamente sentado, talvez viva ainda vinte anos, como me desejou ontem aquela boa mulher de Vichegórie, com sua filhinha Lisavieta. Senhor, lembra-te delas! (e benzeu-se) Porfíri, levaste seu donativo aonde eu disse?

Referia-se aos sessenta copeques dados com alegria por aquela mulher, para remetê-los “a uma mais pobre do que ela”. Tais donativos são uma penitência que a pessoa se impõe voluntariamente e devem provir do trabalho pessoal do doador. O *stáriets* tinha mandado Porfíri à casa de uma pobre viúva, reduzida à mendicância com seus filhos, após um incêndio. O noviço respondeu imediatamente que fizera o necessário e entregara aquele donativo, de acordo com a ordem recebida, “da parte de uma benfeitora desconhecida”.

— Levanta-te, meu caro — prosseguiu o *stáriets* —, para que eu te veja. Estiveste em casa dos teus e viste teu irmão?

Pareceu estranho a Aliócha que ele o interrogasse expressamente a respeito de um de seus irmãos, mas qual? Era, então, por causa desse irmão, talvez, que o enviara à cidade ontem e hoje.

— Vi um deles — respondeu.

— Quero falar do mais velho, diante do qual me prosternei.

— Vi-o ontem, mas foi-me impossível encontrá-lo hoje — disse Aliócha.

— Apressa-te em encontrá-lo, volta amanhã e deixa tudo o mais. Pode ser que tenhas tempo de evitar uma tremenda desgraça. Ontem, inclinei-me diante do profundo sofrimento futuro dele.

Calou-se, de repente, com ar pensativo. Aquelas palavras eram estranhas. O padre Ióssif, testemunha daquela cena na véspera, trocou um

olhar com o padre Paísi. Aliócha não se conteve mais.

— Meu pai e meu mestre — disse ele, presa de grande agitação —, vossas palavras não são claras. Que sofrimento o espera?

— Não sejas curioso. Ontem, tive uma impressão terrível: pareceu-me ler todo o seu destino. Tinha um olhar... que me fez fremir ao pensar na sorte que aquele homem preparava para si mesmo. Uma vez ou duas em minha vida, vi em alguns tal expressão... parecendo revelar seu destino, e ele se cumpriu, ai! Enviei-te para seu lado, Alieksiêi, com a ideia de que tua presença fraternal o aliviaria. Mas tudo vem do Senhor, e nossos destinos dependem dele. “Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas, se morrer, produz muito fruto.”⁶⁵ Lembra-te disso. Quanto a ti, Alióchka, abençoei-te muitas vezes em pensamento por causa de teu rosto, fica-o sabendo — declarou o *stáriets* com um doce sorriso. — Eis minha ideia a teu respeito: deixarás esses muros, viverás no mundo como um religioso. Terás numerosos adversários, mas teus próprios inimigos te amarão. A vida trar-te-á muitas desgraças, mas encontrarás nisso a felicidade, tu a abençoarás e obrigarás os outros a abençoá-la, o que é o essencial. Meus padres — e mostrou um sorriso amável ao dirigir-se a seus hóspedes —, jamais disse até agora, mesmo a esse rapaz, por que seu rosto me era tão caro à alma. Foi para mim como uma recordação e um presságio. Na aurora da vida, ainda menino, tinha um irmão mais velho que morreu à minha vista, com a idade de 17 anos apenas. Posteriormente, no curso dos anos, convenci-me pouco a pouco de que aquele irmão foi, no meu destino, como que uma indicação, um decreto da Providência, porque sem ele, bem decerto, não me teria feito religioso, nem entrado nessa estrada preciosa. Essa primeira manifestação produziu-se em minha infância, e, ao término de minha carreira, tenho à minha vista como que sua repetição. O milagre, meus padres, é que, sem se parecer muito com ele de rosto, pareceu-me Aliochka de tal modo semelhante a ele espiritualmente que, muitas vezes, o considerei como meu jovem irmão, vindo para encontrar-me no final de minha jornada, como lembrança do passado, tanto que eu mesmo me admirei dessa estranha ilusão. Ouves, Porfíri? — dirigia-se ao noviço ligado a seu serviço. — Vi-te muitas vezes pesaroso porque preferia Aliochka a ti. Ficas conhecendo agora o motivo, mas eu te amo, fica sabendo, e teu pesar muitas vezes me magoou. Quero falar-vos, meus caros hóspedes, de meu jovem irmão, porque nada se passou em minha

vida de mais significativo, nem de mais comovedor. Tenho o coração enternecido e toda a minha existência me aparece nesse instante como se a revivesse...

*

Devo fazer notar que essa derradeira conversa do *stáriets* com seus visitantes no dia de sua morte foi conservada em parte por escrito. Foi Alieksiêi Fiódorovitch Karamázov quem a redigiu de memória algum tempo depois. É uma reprodução integral ou se valeu ele de trechos de outras conversas com seu mestre? Não saberia dizê-lo. Aliás, o discurso do *stáriets* nesse manuscrito é por assim dizer interrompido, como se ele fizesse um relato de sua vida a seus amigos, ao passo que, certamente, segundo o que se contou depois, foi uma conversa geral, na qual os hóspedes tomaram parte, a ela misturando as próprias recordações. Assim, também, não podia esse relato ser ininterrupto, porque o *stáriets* sufocava-se por vezes, perdia a voz, estendia-se no leito para repousar, mantendo-se acordado e os visitantes ficando em seus lugares. Por duas vezes o padre Paísi leu o Evangelho no intervalo. Coisa curiosa, ninguém esperava que ele morresse naquela noite. Com efeito, depois de ter dormido profundamente durante o dia, tinha como que haurido de si mesmo uma força nova, que o sustentou por toda aquela longa conversa com os amigos. Mas aquela animação incrível, devida à emoção, foi breve, porque ele se extinguiu bruscamente... Preferi, sem entrar nos detalhes, limitar-me à narrativa do *stáriets* de acordo com o manuscrito de Alieksiêi Fiódorovitch Karamázov. Será mais curto e menos fatigante, se bem que, repito-o, Aliócha tenha aproveitado muito de conversas anteriores.

II

BIOGRAFIA DO *STÁRIETS* ZÓSIMA, MORTO COM DEUS, REDIGIDA SEGUNDO SUAS PALAVRAS POR ALIEKSIÊI FIÓDOROVITCH KARAMÁZOV

a) *O jovem irmão do stáriets Zósima.*

Meus caros padres, nasci numa província longínqua do Norte, em V***, de um pai nobre, mas de condição modesta. Morreu quando tinha eu dois anos e não me lembro absolutamente dele. Deixou à minha mãe uma isbá, e um capital suficiente para viver com os filhos ao abrigo da necessidade. Éramos dois: meu irmão mais velho Márkel e eu, Zinóvi. Oito anos mais velho do que eu, era arrebatado, irascível, porém bom, sem malícia e estranhamente taciturno, sobretudo em casa, com nossa mãe, os criados e comigo. No ginásio, era um bom aluno, não se juntava com os colegas nem brigava com eles, pelo menos minha mãe o contava. Seis meses antes de seu fim, quando já tinha 17 anos, pôs-se a procurar um deportado, exilado de Moscou em nossa cidade, por causa de suas ideias liberais. Era um sábio e um filósofo conhecido na Universidade. Tomou amizade a Márkel, a quem recebia em casa. Durante todo o inverno, o jovem passou noites inteiras em casa dele, até o momento em que o deportado foi chamado a Petersburgo para ocupar um lugar oficial, que solicitara, pois tinha protetores. Chega a Quaresma e Márkel nega-se a jejuar, invectiva, zomba: “São absurdos, Deus não existe”, o que fazia estremecer nossa mãe, os criados e eu mesmo, porque, embora só tivesse nove anos, ficava cheio de terror ao ouvir tais palavras. Tínhamos quatro criados, todos servos, comprados de um proprietário conhecido nosso. Lembro-me de que minha mãe vendeu por sessenta rublos um dos quatro, a cozinheira Afímia, coxa e idosa, e contratou em seu lugar uma serva de condição livre. Na sexta semana da Quaresma, meu irmão sentiu-se subitamente pior; sempre doente, de constituição débil, predisposto à tuberculose, era de estatura média, magro e fraco, o rosto distinto. Resfriou-se e, em breve, o doutor disse baixinho à minha mãe que era tísica e galopante e que ele não passaria da primavera. Nossa mãe pôs-se a chorar, a rogar a meu irmão, com precaução (a fim de não espantá-lo), que se confessasse e comungasse, porque estava ainda de pé então. A essas palavras, zangou-se, deblaterou contra a Igreja, mas pôs-se, no entanto, a refletir; adivinhou que estava perigosamente doente e que, por essa razão, sua mãe mandava-o comungar enquanto tinha ele força para isso. Aliás, sabia, há muito tempo, que estava condenado; um ano antes, dissera-nos uma vez à mesa: “Não fui feito para viver neste mundo convosco, não durarei talvez um ano.” Foi como uma predição. Três dias se passaram, começou a Semana Santa. Meu irmão foi à igreja desde a terça-feira. “Faço isso pela senhora, mamãe, para lhe ser agradável e tranquilizá-la”, disse-lhe. Nossa mãe

chorou de alegria e de pesar: “Seu fim está então próximo, se se opera nele tal mudança.” Mas, dentro em pouco, acalmou-se, de modo que se confessou e comungou em casa. O tempo tornara-se claro e sereno, o ar embalsamado; a Páscoa caía tarde naquele ano. Tossia ele a noite inteira, lembro-me, dormia mal, de manhã vestia-se, tentava sentar-se numa cadeira. Revejo-o sentado, doce e calmo, sorridente, doente, mas de rosto alegre e jovial. Mudara moralmente por completo. Era surpreendente. A velha criada entrava em seu quarto. “Deixa-me acender a lâmpada diante da imagem, meu bem.” — Outrora, opunha-se a isso, apagava mesmo a lâmpada. — “Acende, minha amiga, era eu um monstro para proibir-te disso antes. O que fazes é uma prece, bem como a alegria que experimento por isso. Portanto, rezamos a um só Deus.” Essas palavras pareceram-nos estranhas, minha mãe foi chorar em seu quarto, voltando depois para junto dele a enxugar os olhos. “Não chores, querida mamãe — dizia ele, por vezes —, viverei ainda muito tempo, divertir-me-ei com a senhora, a vida é tão alegre, tão divertida!” — “Ai, meu querido, onde está a alegria, quando tens febre a noite inteira e tosses como se teu peito fosse arrebentar?” — “Mamãe, não chores, a vida é um paraíso, onde todos estamos, mas não queremos sabê-lo, senão amanhã a Terra inteira tornar-se-ia um paraíso.” Suas palavras surpreendiam todo mundo por sua estranheza e por sua decisão, ficava-se comovido até as lágrimas. Conhecidos vinham à nossa casa: “Caros amigos — dizia ele —, que fiz eu para merecer o vosso amor, porque me amais tal como sou? Outrora ignorava isso e não o apreciava.” Aos criados que entravam, dizia a cada instante: “Meus queridos, por que me servis, serei eu digno de ser servido? Se Deus me concedesse a graça de deixar-me vivo, eu mesmo vos serviria, porque todos devem servir uns aos outros.” Nossa mãe, escutando-o, abanava a cabeça: “Meu querido, é a doença que te faz falar assim.” — “Mãe adorada, deve haver amos e servidores, mas quero servir os meus como eles me servem. Dir-te-ei ainda, mamãe, que cada um de nós é culpado diante de todos por tudo e eu mais do que os outros.” Nossa mãe nesse instante sorria através de suas lágrimas: “Como podes ser mais que todos culpado diante de todos? Há assassinos, bandidos, que pecados cometeste para te acusar mais que todos?” — “Querida mãe, felicidade minha (tinha dessas frases cariciosas, inesperadas), sabes que, na verdade, cada qual é culpado diante de todos por todos e por tudo. Não sei como te explicar isso, mas sinto que é assim e isso me atormenta. Como podíamos

viver, irritar-nos, sem nada saber, então?” Cada dia despertava mais enternecido, mais jovial, fremente de amor. O doutor Eisenschmidt, um velho alemão, visitava-o: “Como é, doutor, viverei ainda mais um dia?”, brincava ele por vezes. — “Viverás mais que um dia, meses e anos!”, replicava o doutor. — “Que são meses e anos!?”, exclamava ele. — “Para contar os dias, basta um dia ao homem para conhecer toda a felicidade. Meus bem-amados, de que serve discutirmos, vangloriar-nos, guardar rancor um contra o outro? Vamos antes passear, recrear-nos no jardim, beijar-nos-emos, abençoaremos a vida.” — “Seu filho não está destinado a viver”, dizia o doutor à nossa mãe, quando esta o acompanhava até o patamar. — “A doença o faz perder a razão.” Seu quarto dava para o jardim, sombreado por velhas árvores, os rebentos haviam brotado, os pássaros primaveris tinham chegado, cantavam sob as janelas, sentia ele prazer em olhá-los, e eis que se pôs a pedir-lhes também perdão: “Pássaros do bom Deus, alegres pássaros, perdoai-me, porque pequei também contra vós.” Nenhum de nós pôde então compreendê-lo, e ele chorava de alegria: “Sim, a glória de Deus me cercava: os pássaros, as árvores, os prados, o céu; só eu vivia na vergonha, desonrando a Criação, cuja beleza e cuja glória não notava.” — “Tu te responsabilizas por muitos pecados”, chorava por vezes nossa mãe. — “Mamãe querida, é de alegria e não de pesar que choro. Tenho vontade de ser culpado diante deles, não posso explicar-te isso, porque não sei como amá-los. Se tenho pecado para com todos, todos me perdoarão, eis o paraíso. Não estou nele agora?” Disse ainda muitas coisas que esqueci. Lembro-me de que um dia entrei sozinho em seu quarto, não havia ninguém a seu lado. Era à noitinha, o sol poente iluminava o quarto com seus raios oblíquos. Fez-me sinal para que me aproximasse, pôs as mãos em meus ombros, fitou-me com ternura durante um minuto, sem dizer uma palavra. “Pois é, vai brincar agora, vive por mim!” Saí e fui brincar. Posteriormente, lembrei-me de muitas dessas palavras, chorando. Disse ainda muitas coisas espantosas, admiráveis, que não podíamos compreender então. Morreu três semanas após a Páscoa, em plena consciência e, se bem que não falasse mais, ficou o mesmo até o fim; a alegria brilhava em seus olhos, procurava-nos com o olhar, sorria para nós, chamava-nos. Mesmo na cidade falou-se muito de sua morte. Era eu bem jovem então, mas tudo isso deixou em meu espírito uma marca inapagável. Mais tarde, devia manifestar-se. Foi o que aconteceu.

b) *A Sagrada Escritura na vida do stáriets Zósima.*

Ficamos sós, minha mãe e eu. Boas amizades aconselharam-na em breve a que — uma vez que possuía meios — faria bem enviando-me a Petersburgo e que mantendo-me a seu lado entravaria talvez minha carreira. Aconselharam-na a pôr-me no Corpo de Cadetes, para entrar em seguida na Guarda Imperial. Minha mãe hesitou muito tempo em separar-se de seu derradeiro filho, mas decidiu-se no entanto, não sem muitas lágrimas, pensando em contribuir para minha felicidade. Conduziu-me a Petersburgo e colocou-me como lhe haviam dito. Jamais tornei a vê-la. Morreu, com efeito, ao fim de três anos, passados na tristeza e na ansiedade por causa de nós dois. Só tenho preciosas recordações do lar paterno, porque são para o homem as mais preciosas de todas, as recordações da primeira infância em casa dos pais; é quase sempre assim, contanto que o amor e a concórdia reinem, ainda que pouco, na família. E pode-se conservar uma recordação comovida da pior família, se se tem uma alma capaz de emoção. Entre essas recordações um lugar pertence à *História sagrada*, que me interessava muito, apesar de minha pouca idade. Tinha eu então um livro com magníficas gravuras intitulado *Cento e quatro histórias santas tiradas do Antigo e do Novo Testamento* onde aprendi a ler. Conservo-o ainda hoje como uma relíquia. Mas antes de saber ler, aos oito anos, experimentava certa impressão das coisas espirituais, lembro-me disso. Minha mãe levou-me à missa na segunda-feira da Semana Santa. Era um dia claro, torno a ver o incenso subindo lentamente para a abóbada; por uma janela estreita da cúpula, os raios de sol desciam até nós, as nuvens de incenso pareciam neles fundir-se. Olhei com enternecimento e, pela primeira vez, minha alma recebeu conscientemente a semente da Palavra Divina. Um adolescente avançou para o meio do templo com um grande livro, tão grande que me parecia que ele o carregava com dificuldade, depositou-o no atril, abriu-o, pôs-se a ler. Compreendi então que liam num templo consagrado a Deus. “Havia no país de Hus um homem justo e piedoso, que possuía grandes riquezas, não só em camelos, como em ovelhas e jumentas; seus filhos viviam em prazeres, ele os amava e rogava a Deus por eles, no receio de que, divertindo-se, pecassem. E eis que o diabo sobe até junto de Deus ao mesmo tempo que os filhos de Deus e diz ao Senhor que percorreu todo o país, abaixo e acima. “Viste meu servo Jó?”, pergunta-lhe Deus. E fez ao

diabo o elogio de Seu nobre servidor. O diabo sorriu àquelas palavras. “Entrega-me e verás que Teu servidor murmurará contra Ti e amaldiçoará Teu nome.” Então Deus entregou ao diabo o justo a quem estimava. O diabo matou-lhe os filhos e os rebanhos, aniquilou suas riquezas com uma rapidez fulminante e Jó rasgou suas vestes, lançou-se de rosto ao chão, exclamou: “Saí nu do ventre de minha mãe, voltarei nu à terra. Deus me havia tudo dado; Deus tudo me retomou. Que Seu nome seja abençoado agora e para sempre!” Meus padres, desculpai minhas lágrimas, porque é toda a minha infância que surge diante de mim, parece-me que tenho oito anos e sinto-me como então admirado, perturbado, arrebatado. Os camelos falavam à minha imaginação, e Satanás, que fala daquela maneira a Deus, e Deus, que entrega Seu servidor à ruína, e este que, exclama: “Que Teu nome seja abençoado, apesar de Teu rigor!” Depois o canto suave e doce no templo. “Que minha prece seja ouvida”, de novo o incenso e a oração de joelhos! Desde então — e aconteceu ontem ainda —, não posso ler aquela tão santa história sem derramar lágrimas. Que grandeza, que mistério inconcebível! Ouvi mais tarde palavras de zombadores e detratores, blasfemadores, palavras soberbas. Como podia o Senhor entregar ao diabo para que com isso se divertisse um santo a quem Ele estimava, arrebatá-lo os filhos, cobri-lo de úlceras a ponto de limpar Ele suas chagas purulentas com um caco de telha, e tudo isso para quê? Para se vangloriar diante de Satanás: “Eis o que pode suportar um santo por amor a Mim!” Mas o que faz a grandeza do drama é o mistério, é que aqui a aparência terrestre e a verdade eterna se confrontaram. A verdade terrestre vê cumprir-se a verdade eterna. Aqui o Criador, aprovando Sua obra, como nos primeiros dias da Criação, contempla Jó e se orgulha de novo de Sua criatura. E Jó, louvando o Senhor, serve não somente a Ele, mas a toda a Criação, de geração em geração, e aos séculos dos séculos, porque estava a isso predestinado. Senhor, que livro e que lições! Que força miraculosa dá ao homem a Escritura Sagrada! É como a representação do mundo, do homem e de seu caráter. Quantos mistérios resolvidos e revelados: Deus reexalta Jó, restitui-lhe sua riqueza, anos decorrem e tem ele outros filhos e os ama. “Como podia ele amar esses novos filhos, depois de ter perdido os primeiros? A recordação deles permite que ele seja perfeitamente feliz, como outrora, por mais queridos que sejam os novos?” Mas decerto; a dor antiga se transforma misteriosamente pouco a pouco numa doce alegria; à impetuosidade juvenil sucede a serenidade da velhice; abençoo cada dia o

nascer do sol, meu coração canta-lhe um hino como outrora, mas prefiro seu poente de raios oblíquos, evocando doces e ternas recordações, queridas imagens da vida, longa vida abençoada e, dominando tudo, a verdade divina que acalma, reconcilia, absolve! Eis-me ao termo de minha existência, eu o sei, e sinto todos os dias minha vida terrestre ligar-se já à vida eterna, desconhecida, mas bem próxima e cujo pressentimento faz vibrar minha alma de entusiasmo, ilumina minha mente, entenece-me o coração... Amigos e mestres, tenho muitas vezes ouvido dizer, e agora mais que nunca, que os padres, sobretudo os do campo, queixam-se da insuficiência do que ganham e de sua mediocridade; afirmam mesmo — vi-o — que já não podem mais explicar a Escritura ao povo, em vista de seus fracos recursos, que se os luteranos chegarem e se puserem esses heréticos a desviar suas ovelhas, tanto pior, porque não ganham eles o bastante. Que Deus lhes assegure o pagamento tão precioso aos olhos deles (porque sua queixa é legítima), mas, na verdade, se alguém é responsável por esse estado de coisas, nós mesmos o somos pela metade! Porque admitamos que o tempo seja escasso, que o padre tenha razão, que seja ele sobrecarregado pelo trabalho e por seu ministério; encontrará ele sempre, nem que seja uma hora, por semana para se lembrar de Deus. Aliás, não está ele ocupado o ano inteiro. Reúna em sua casa uma vez por semana, à noite, as crianças, para começar. Seus pais saberão e virão em seguida. Inútil construir um local para isso; basta recebê-los na isbá; não temais que a sujem, é apenas por uma hora. Abre-se a Bíblia para fazer-se uma leitura, sem palavras sábias, sem soberba ou ostentação, mas com uma doce simplicidade, na alegria de ler para eles, de ser escutado e de ser por eles compreendido, detendo-se por vezes para explicar um termo ignorado pelas pessoas simples; não tenhais receio, eles vos compreenderão, um coração ortodoxo compreende tudo. Lede para eles a história de Abraão e de Sara, de Isaac e de Rebeca, como Jacó foi à casa de Labão e lutou em sonho com o Senhor, dizendo: “Este lugar é terrível”, e impressionareis o espírito piedoso do povo simples. Contai-lhes, sobretudo às crianças, como o jovem José, futuro intérprete de sonhos e grande profeta, foi vendido por seus irmãos, que disseram a seu pai que o filho tinha sido devorado por uma besta feroz, mostrando-lhe suas vestes ensanguentadas. Como, posteriormente, chegaram seus irmãos ao Egito à procura de trigo, e José, alto dignitário, que eles não reconheceram, perseguiu-os, acusou-os de roubo e reteve seu irmão Benjamim, se bem que os amasse. Porque se

lembrava sempre de como seus irmãos o tinham vendido aos comerciantes, à beira de um poço, em alguma parte do deserto ardente, como chorava e como lhes suplicava, de mãos juntas, que não o vendessem como escravo em terra estrangeira; revendo-os após tantos anos, amou-os de novo ardentemente, mas fê-los sofrer e perseguiu-os, embora amando-os. Retira-se afinal, não podendo mais conter-se, lança-se sobre seu leito e desata a chorar; depois enxuga o rosto e volta radiante para declarar-lhes: “Eu sou José, vosso irmão!” E a alegria do velho Jacó, ao saber que seu filho bem-amado estava vivo! Fez a viagem ao Egito, abandonou sua pátria, morreu em terra estrangeira, legando aos séculos dos séculos uma grande palavra, guardada misteriosamente durante toda a sua vida em seu coração tímido, saber que de sua raça, da tribo de Judá, sairia a esperança do mundo, o Reconciliador e o Salvador! Padres e mestres, desculpai-me que eu, um menino, vos explique o que sabeis desde muito tempo e que poderíeis ensinar-me com bem mais arte. É o entusiasmo que me faz falar, perdoai minhas lágrimas, porque esse Livro me é querido; e, se o padre também chora, verá sua emoção partilhada por seus ouvintes. Basta uma minúscula semente; uma vez lançada na alma do povo simples, não perecerá e ali ficará até o fim, entre as trevas e a infecção do pecado, como um ponto luminoso e uma recordação sublime. Nada de longos comentários, de homilias, ele compreenderá tudo simplesmente. Duvidais disso? Lede-lhe a história tocante da bela Ester e da orgulhosa Vasti, ou a maravilhosa narrativa de Jonas no ventre da baleia. Não esqueçais tampouco as parábolas do Senhor, sobretudo no Evangelho segundo são Lucas (como sempre o fiz), em seguida, nos Atos dos Apóstolos, a conversão de Saulo (isto absolutamente!). Por fim, no Martirológio, bastaria a vida de santo Aleixo, homem de Deus, e da mártir sublime entre todas, Maria, a Egípcíaca. Essas narrativas singelas comoverão o coração do povo; e isso apenas uma hora por semana, malgrado vossos fracos recursos. O padre dar-se-á conta de que nosso povo misericordioso, reconhecido, lhe retribuirá seus benefícios ao cêntuplo; lembrando-se do zelo de seu pastor e de suas palavras comovidas, ajudá-lo-á no campo, na casa, testemunhar-lhe-á mais respeito que antes e então seu estipêndio aumentará. É uma coisa tão simples que, por vezes, tememos mesmo em falar dela, porque zombarão da gente, e no entanto, como é certa! Aquele que não crê em Deus, não crê em seu povo. Quem creu no povo de Deus verá Seu santuário mesmo que nele não

tivesse crido até então. Somente o povo e sua força espiritual futura converterão nossos ateus desprendidos da terra natal. E que é a palavra de Cristo sem o exemplo? Sem a palavra de Deus, o povo perecerá, porque sua alma está ávida dessa palavra e de toda ideia nobre. Em minha juventude, vai fazer em breve quarenta anos, percorríamos a Rússia, o padre Anfim e eu, pedindo esmolas para nosso mosteiro; passamos uma vez a noite com pescadores, à margem dum grande rio navegável; um jovem camponês de belo rosto, parecendo ter uns 18 anos, veio sentar-se perto de nós; apressava-se em chegar no dia seguinte a seu posto para sirgar uma barca mercante. Seu olhar era doce e límpido. Fazia uma noite clara, calma e quente, uma noite de julho; uma bruma subia do rio e nos refrescava; de tempos em tempos, um peixe emergia, os pássaros haviam-se calado, tudo respira paz, oração. Éramos os únicos que não dormiam, aquele jovem e eu. Falamos da beleza do mundo e de seu mistério. Cada erva, cada escaravelho, uma formiga, uma abelha dourada, todos conheciam o caminho duma maneira admirável, por instinto, atestam o mistério divino, cumprem-no eles próprios continuamente. Vi que o coração daquele moço se aquecia. Confiou-me que amava a floresta e os pássaros que a habitam; era passarinho, compreendia-lhes os cantos, sabia atrair todos eles. “Para mim, não existe nada de melhor que a vida na floresta — dizia ele —, embora tudo esteja bem.” — “É verdade — respondi-lhe —, tudo é bom e magnífico, porque tudo é verdade. Olha o cavalo, nobre animal, familiar ao homem, ou o boi, que o nutre e trabalha para ele, curvado, pensativo; considera a fisionomia deles: que mansidão, que apego ao dono, que muitas vezes lhes bate sem piedade, que mansidão, que confiança, que beleza! Chega a comover saber que nele não há pecado, porque tudo é perfeito, inocente, exceto o homem, e o Cristo está em primeiro lugar com os animais.” — “Será possível — perguntou o adolescente — que o Cristo esteja também com eles?” — “Como poderia ser de outro modo — repliquei —, pois que o Verbo é destinado a todos? Todas as criaturas, cada folha, aspiram, ao Verbo, cantam a glória de Deus, gemem inconscientemente o Cristo. É esse o mistério de sua existência sem pecado. Lá, na floresta, vaga um urso temível, ameaçador e feroz, sem que nisso haja culpa sua.” E contei-lhe como um grande santo que fazia penitência na floresta, onde tinha sua cela, recebeu um dia a visita de um urso. Apiedou-se do animal, abordou-o sem temor, deu-lhe um pedaço de pão. “Vá — disse-lhe —, que o Cristo esteja contigo!” E a fera retirou-se

docilmente, sem lhe fazer mal. O rapaz ficou comovido ao saber que o eremita ficara indene e que Cristo também estava com o urso. “Que bom! Como todas as obras de Deus são boas e maravilhosas!” E mergulhou num doce devaneio. Vi que ele havia compreendido. Adormeceu a meu lado, com um sono leve, inocente. Que o Senhor abençoe a juventude! Rezei por ele antes de adormecer. Senhor, envia a paz e a luz aos Teus!

c) *Recordações da mocidade do stáriets Zósima ainda no mundo. O duelo.*

Passei quase oito anos em Petersburgo, no Corpo dos Cadetes. Essa educação nova sufocou muitas das impressões de minha infância, mas sem fazer que as esquecesse. Em troca, adquiri uma porção de hábitos e até mesmo de opiniões novas que fizeram de mim um indivíduo quase selvagem, cruel e tolo. Adquiri um verniz de polidez e prática do mundo ao mesmo tempo que do francês, mas todos considerávamos os soldados que nos serviam no Corpo como verdadeiros brutos. Eu talvez mais do que os outros, porque de todos os meus camaradas era o mais impressionável. Tornados oficiais, estávamos prontos a derramar nosso sangue para vingar a honra do regimento; quanto à verdadeira honra, nenhum de nós tinha dela noção dela, e se a tivesse aprendido, teria sido o primeiro a rir dela. A embriaguez, a devassidão, a impudência nos tornavam quase altivos. Não direi que fôssemos pervertidos; todos aqueles rapazes tinham boa natureza, mas portavam-se mal, eu sobretudo. Estava de posse de meu capital, de modo que vivia à minha fantasia, com todo o ardor da juventude, sem peias; navegava com todas as velas desdobradas. Mas eis uma coisa que causava admiração: lia por vezes, e até mesmo com grande prazer; não abri quase nunca a Bíblia naquela época, porém ela não me largava; andava por toda parte comigo, conservava esse livro, sem dar-me conta disso, “cada dia e cada hora, cada mês e cada ano”. Depois de quatro anos de serviço, encontrei-me por fim na cidade de K***, onde nosso regimento tinha guarnição. A sociedade ali era variada, divertida, acolhedora e rica; fui bem recebido em toda parte, sendo como era alegre de natureza; além do mais, passava por ter fortuna, o que não prejudica nunca na sociedade mundana. Sobreveio uma circunstância que foi o ponto de partida de tudo o mais. Liguei-me a uma moça encantadora, inteligente e distinta, de caráter nobre, de família respeitável. Seus pais, ricos e influentes, davam-me boa acolhida. Pareceu-me que aquela moça tinha

inclinação por mim; meu coração inflamou-se com essa ideia. Compreendi mais tarde que, provavelmente, não a amava com tanta paixão, mas que a elevação de seu caráter inspirava-me respeito, o que era inevitável. No entanto, o egoísmo impediu-me então de pedir-lhe a mão; parecia-me demasiado duro renunciar às sedução da devassidão, à minha independência de celibatário jovem e rico. Fiz, no entanto, alusões, mas adiei para mais tarde qualquer passo decisivo. Fui então enviado em comando de serviço para outro distrito; de volta, após dois meses de ausência, soube que a moça se casara com um rico proprietário dos arredores, mais velho do que eu, porém, jovem ainda, com relações na melhor sociedade, coisa de que eu não gozava, homem bastante amável e instruído, quando não era eu nada disso absolutamente. Esse desenlace inesperado consternou-me a ponto de perturbar-me o espírito, tanto mais que, como o soube então, aquele jovem proprietário era noivo dela fazia muito tempo. Havia-o encontrado muitas vezes em casa dela, sem nada notar, cego que estava por minha fatuidade. Era isso, sobretudo, que me vexava: como quase toda gente estava ao corrente, ao passo que eu de nada sabia? E experimentei de súbito um ressentimento intolerável. Rubro de cólera, lembrei-me de quantas vezes lhe havia quase declarado meu amor e, como não me havia ela nem detido, nem prevenido, concluí daí que ela havia zombado de mim. Mais tarde, evidentemente, dei-me conta de meu erro; lembro-me de que ela punha fim, gracejando, a tais conversas e falava de outra coisa, mas, no momento, estava incapaz de raciocinar e ardia por vingar-me. Lembro-me com surpresa de que minha animosidade e minha cólera causavam repugnância a mim mesmo, porque, com meu caráter leviano, era incapaz de permanecer muito tempo zangado com alguém; de modo que me excitava artificialmente até a extravagância. Esperei a ocasião e, numa reunião mundana bastante numerosa, consegui ofender meu “rival”, por um motivo totalmente estranho, zombando de sua opinião a propósito de um acontecimento então importante — estava-se em 1826 — e, escarnecendo dele com espírito, pelo que disseram. Em seguida, provoquei uma explicação de sua parte e mostrei-me tão grosseiro nessa ocasião que ele aceitou a luva, malgrado a enorme diferença que nos separava, porque era eu mais jovem que ele, insignificante e de posição inferior. Mais tarde, soube de fonte certa que aceitara ele minha provocação também por ciúme de mim; já antes se mostrara um pouco ciumento de mim em relação à sua mulher, então sua

noiva; disse a si mesmo que, se ela soubesse agora que eu o insultara, sem que ele me houvesse provocado para um duelo, desprezá-lo-ia involuntariamente e seu amor ficaria abalado. Encontrei logo como testemunha um camarada, tenente de nosso regimento. Se bem que os duelos fossem então rigorosamente reprimidos, eram moda entre os militares, de tal modo se desenvolvem e enraízam preconceitos absurdos. Junho chegava ao fim; nosso encontro estava marcado para o dia seguinte de manhã, às sete horas, fora da cidade, e eis que me aconteceu algo de verdadeiramente fatal. À noite, voltando para casa de muito mau-humor, zangara-me com meu ordenança, Afanássi, e havia-lhe batido violentamente no rosto, a ponto de ensanguentá-lo. Estava havia pouco tempo a meu serviço e eu já lhe havia batido, mas jamais com tal selvageria. Acreditá-lo-íeis, meus queridos, quarenta anos se passaram desde então e lembro-me daquela cena com vergonha e dor. Deitei-me e, quando despertei, ao fim de três horas, era já dia. Levantei-me, não tendo mais vontade de dormir, fui à janela, que dava para um jardim; o sol se levantara, fazia um tempo magnífico, os pássaros gorjeavam. Que será isso?, pensei. Experimento uma espécie de sentimento de infâmia e de baixaza. Não será pelo fato de que vou derramar sangue? Não, pensei, não é isso. Ou porque tenho medo da morte, medo de ser morto? Não, absolutamente, longe disso... E adivinhei, de repente, que eram os golpes dados em Afanássi na noite anterior. Revi a cena, como se ela se repetisse; ele, de pé diante de mim que lhe bato no rosto com toda a força, suas mãos na costura das calças, a cabeça ereta, os olhos escancarados, estremecendo a cada pancada, não ousando mesmo levantar os braços para se resguardar, e ali estava um homem reduzido àquele estado, batido por outro homem! Que crime! Foi como uma agulha que me transpassou a alma. Estava como que fora de mim, e o sol brilhava, as folhas agradavam à vista, os pássaros louvavam a Deus. Cobri o rosto com as mãos, estendi-me no leito e desatei a chorar. Lembrei-me então de meu irmão Márkel e de suas derradeiras palavras aos criados: “Meus bem-amados, por que me servis? Por que me amais, serei digno de ser servido?” “Sim, serei digno?”, perguntei a mim mesmo, de repente. Com efeito, a que título merecia eu ser servido por outro homem, feito como eu à imagem de Deus? Essa questão atravessou-me assim o espírito pela primeira vez. “Mãe querida, na verdade, cada qual é culpado diante de todos e por todos, somente os homens ignoram isso; se o soubessem, seria logo o paraíso!” “Senhor, seria isso verdade —

pensei, orando —, sou talvez o mais culpado de todos e o pior que existe?” E, de súbito, o que eu ia fazer apareceu-me em plena luz, em todo o seu horror: ia matar um homem de bem, nobre, inteligente, sem nenhuma ofensa de sua parte, e tornar assim sua mulher para sempre infeliz, torturá-la, fazê-la morrer. Estava deitado de bruços, com a face contra o travesseiro, tendo perdido a noção do tempo. De repente, entrou meu camarada, o tenente, que vinha procurar-me com pistolas: “Eis o que está bem — disse ele —, já te levantaste, está na hora, vamos.” Minhas ideias desconcertaram-se, perdi a cabeça; contudo saímos para subir ao carro. “Espera-me — disse-lhe —, volto imediatamente, esqueci meu porta-moedas.” Voltei correndo a casa e fui ao quartinho de Afanássi. “Afanássi, ontem bati-te duas vezes no rosto, perdoa-me!” Ele estremeceu como se tivesse medo; vi que não era bastante e prosternei-me a seus pés, pedindo-lhe perdão. Ficou estupidificado. “Vossa nobreza, *bárin*, como... mereço eu?...” Pôs-se a chorar como eu havia pouco, com o rosto oculto nas mãos, e voltou-se para a janela, abalado pelos soluços; corri a juntar-me a meu camarada e partimos: “Viste o vencedor — gritei-lhe —, ei-lo diante de ti!” Estava repleto de alegria, rindo todo o tempo, tagarelava sem cessar, a respeito de não sei mais o quê. O tenente olhava-me: “Pois bem, camarada, és um bravo; vejo que sustentarás a honra do uniforme.” Chegamos ao terreno, onde éramos esperados. Colocaram-nos a 12 passos um do outro, meu adversário devia atirar em primeiro lugar; mantinha-me diante dele, alegremente, sem pestanejar, examinando-o com afeto. Ele atirou, fui somente arranhado na face e na orelha. “Louvado seja Deus! — digo. — O senhor não matou um homem!” Quanto a mim, dei meia-volta e atirei minha arma para o ar, na direção da floresta: “Eis teu lugar!”, exclamei. Depois, encarando meu adversário: “Senhor, perdoe a um estúpido rapaz tê-lo ofendido e obrigado a atirar contra ele. O senhor vale dez vezes mais do que eu, é superior a mim. Transmita minhas palavras à pessoa a quem o senhor respeita mais no mundo.” Apenas acabara de falar, todos três exclamaram: “Permita — disse meu adversário, encolerizado —, se o senhor não queria bater-se, por que nos incomodou?” — “Ainda ontem era eu estúpido. Hoje, tornei-me mais avisado” — respondi-lhe, alegremente. — “Acredito-o a respeito de ontem, mas quanto a hoje, é difícil dar-lhe razão.” — “Bravo! — disse eu, batendo palmas. — Estou de acordo com o senhor a respeito, mereci-o!” — “Senhor, quer ou não quer atirar?” — “Não atirarei, atire mais uma vez se quiser, mas faria melhor

abstendo-se.” As testemunhas gritam, sobretudo a minha: “Pode-se desonrar o regimento pedindo perdão no terreno; se o tivesse pelo menos sabido!” Declarei então a todos, num tom sério: “Senhores, é tão espantoso assim, em nossa época, encontrar um homem que se arrepende de sua tolice e que reconhece publicamente suas faltas?” — “Sim, mas não no terreno” — replica minha testemunha. — “Eis o que é espantoso: teria eu devido pedir desculpas desde nossa chegada aqui, antes que o cavalheiro atirasse, e não induzi-lo em pecado mortal, mas nossos usos são tão absurdos que era quase impossível ter agido assim, porque minhas palavras não têm valor, a seus olhos, senão pronunciadas depois de ter sido alvo de seu tiro a 12 passos; antes, ter-me-ia ele tomado por um covarde, indigno de ser escutado. Senhores — exclamei, com todo o coração —, olhai as obras de Deus: o céu está claro, o ar puro, a erva tenra, os pássaros cantam, a natureza é magnífica e inocente; somente, nós, ímpios e estúpidos, não compreendemos que a vida é um paraíso, porque basta que queiramos compreender isso para vê-la aparecer em toda a sua beleza e então nos abraçaríamos, chorando...” Quis continuar, mas não pude, faltou-me a respiração, senti uma felicidade tal que depois jamais experimentei. “Eis sábias e piedosas palavras — disse meu adversário. — Em todo o caso, o senhor é original.” — “O senhor ri — disse-lhe eu, sorrindo —, porém mais tarde me louvará.” — “Agora também estou pronto a louvá-lo, estendendo-lhe a mão, porque o senhor me parece verdadeiramente sincero.” — “Não, agora não, mais tarde, quando eu me tiver tornado melhor e merecido seu respeito, o senhor a estenderá a mim, fará bem então.” Voltamos para casa; minha testemunha resmungava todo o tempo e eu o beijava. Meus camaradas, postos ao corrente, reuniram-se naquele mesmo dia para julgar-me. “Ele desonrou o uniforme, deve pedir baixa.” Encontrei defensores: “No entanto, recebeu ele um tiro.” — “Sim, mas teve medo dos outros e pediu perdão no terreno.” — “Se tivesse tido medo — replicavam meus defensores —, teria primeiro atirado antes de pedir perdão, ao passo que lançou a pistola ainda carregada na floresta; não, passou-se algo de diferente, de original.” Eu escutava, divertindo-me em observá-los: “Caros amigos e camaradas, não se atormentem por causa de minha baixa. Já está dada. Enviei o pedido essa manhã e, assim que ela for aceita, entrarei para um mosteiro. Eis por que peço baixa.” A essas palavras, todos explodiram em risadas: “Deverias ter começado por advertir-nos. Agora, tudo se explica, não se pode julgar um monge.” Não

paravam de rir, mas sem zombar, com uma doce alegria. Todos gostavam de mim, até mesmo meus mais fogosos acusadores. Em seguida, durante o último mês, até que fosse eu reformado, era como se me carregassem em triunfo: “Ah, o monge!”, diziam. Cada qual tinha por mim uma palavra gentil, puseram-se a dissuadir-me, a lamentar-me mesmo: “Que vais fazer?” — “Não, é um bravo, recebeu um tiro e podia ele próprio atirar, mas tivera um sonho na véspera que o impelia a fazer-se monge, eis a razão.” Foi quase a mesma coisa na sociedade local. Até então, não atraía eu a atenção; recebiam-me cordialmente, e nada mais; agora, cada qual que disputasse conhecer-me e convidar-me para sua casa: riam de mim, ao mesmo tempo que me estimavam. Se bem que se falasse abertamente de nosso duelo, o caso não teve consequências, porque meu adversário era parente próximo de nosso general e, como não houvera efusão de sangue, e eu pedira baixa, a coisa virou brincadeira. Pus-me então a falar bem alto e sem temor, malgrado as zombarias, porque não eram elas propriamente malévolas. Essas conversas realizavam-se sobretudo à noite, em companhia de senhoras; as mulheres gostavam ainda mais de escutar-me e obrigavam os homens a fazer o mesmo. “Como pode dar-se que seja eu culpada por todos?” — e cada qual ria-me na cara. — “Vejamos, posso ser culpada por você, por exemplo?” — “Donde o saberia — respondia-lhes eu —, quando o mundo inteiro está há muito tempo engajado numa outra via, quando tomamos a mentira pela verdade e exigimos de outrem a mesma mentira? Uma vez, em minha vida, resolvi agir sinceramente, e todos vós acreditastes que eu estava louco. Embora, gostando de mim, ríeis de mim. — “Como não gostar de alguém como o senhor?” — disse-me a dona da casa, rindo bem alto. Havia muita gente em casa dela. De repente, vejo levantar-se a jovem que fora causa de meu duelo e a quem quisera fazer minha noiva pouco tempo antes; não havia notado sua chegada. Dirigiu-se para mim e estendeu-me a mão: “Permita-me — disse — que lhe declare que, longe de rir do senhor, agradeço-lhe com emoção e respeito-o por sua maneira de agir.” Seu futuro marido aproximou-se, tornei-me o centro da reunião, quase me beijavam. Sentia-me contente assim; minha atenção foi atraída por um senhor de certa idade, que me tinha igualmente abordado; até então conhecia-o somente de nome, sem ter jamais trocado uma palavra com ele.

d) *O misterioso visitante.*

Era um funcionário que ocupava havia muito tempo um lugar de destaque em nossa cidade. Homem respeitado por todos, rico, reputado por sua beneficência, doara importante soma ao hospício e ao orfanato e praticara muito bem em segredo, sem o revelar, o que só se veio a saber após sua morte. De cerca de cinquenta anos, tinha o ar quase severo, falava pouco; estava casado havia dez anos com uma mulher ainda jovem, de quem tinha três filhos em tenra idade. No dia seguinte à noite, estava eu em casa, quando a porta se abriu e entrou aquele senhor.

É preciso notar que eu não morava mais na mesma casa; assim que dei baixa, instalara-me em casa de uma senhora idosa, viúva dum funcionário, cuja criada me servia, porque, no dia mesmo do meu duelo, mandara embora Afanássi para a companhia militar, corando ao olhá-lo de frente depois do que se passara, de tal modo um leigo não preparado é inclinado a ter vergonha da ação mais justa.

— Há vários dias que o escuto com grande curiosidade — disse-me o visitante, ao entrar. — Desejei por fim conhecê-lo para me entreter com o senhor ainda mais pormenorizadamente. Poderia o senhor prestar-me esse grande serviço?

— De muito boa vontade, e olharei isso com uma honra muito particular — respondi-lhe. Estava quase amedrontado, de tal maneira me impressionara ele desde a primeira vez. Porque, muito embora me escutassem com curiosidade, ninguém me havia ainda abordado com ar tão sério e severo. Além do mais, viera procurar-me em minha casa. Sentou-se.

— Noto no senhor — prosseguiu ele — uma grande força de caráter, porque não temeu servir à verdade num caso em que arriscava, por sua franqueza, atrair para si o desprezo geral.

— Os seus elogios talvez sejam bastante exagerados — disse-lhe eu.

— Absolutamente. Esteja certo de que tal ato é bem mais difícil de praticar do que o senhor pensa. Eis somente o que me impressionou, e por isso vim vê-lo. Se minha curiosidade talvez indiscreta não o chocar, descreva-me suas sensações no momento em que se decidiu a pedir perdão, por ocasião do duelo, admitindo-se que o senhor se lembre delas. Não atribua à frivolidade minha pergunta; pelo contrário, ao fazer-lhe, tenho um fim secreto que lhe explicarei provavelmente mais tarde, se aprouver a Deus que ainda nos encontremos.

Enquanto ele falava, eu o fitava e experimentei de repente por ele uma confiança completa, ao mesmo tempo que viva curiosidade, porque sentia que sua alma guardava um segredo.

— Deseja conhecer minhas sensações no momento em que pedia perdão a meu adversário? — respondi-lhe. — Mas vale mais a pena contar-lhe em primeiro lugar os fatos ainda ignorados dos outros. — E narrei-lhe toda a cena com Afanássi e como me havia prosternado diante dele. — O senhor mesmo pode ver depois disso — concluí eu — que, durante o duelo, já me sentia mais à vontade, porque tinha começado ainda em casa e, uma vez entrado nessa via, continuei não somente sem esforço, mas com alegria.

Ele me escutava com atenção e simpatia.

— Tudo isso é bastante curioso. Voltarei a vê-lo.

A partir de então, visitou-me quase todas as noites. E teríamos ficado grandes amigos, se me tivesse falado de si próprio. Mas quase não falava, limitando-se a interrogar-me a respeito de mim mesmo. No entanto, tomei-lhe amizade e confiava-lhe todos os meus sentimentos, pensando: “Não tenho necessidade de seus segredos para saber que é um justo... Além do mais, um homem tão sério e bem mais idoso que eu que me vem procurar e faz caso dum rapaz.” Soube dele muitas coisas úteis, porque era homem de alta inteligência. “Penso também há muito tempo que a vida é um paraíso”, e acrescentou: “Só penso nisso.” Olhava-me sorrindo. “Estou ainda mais convencido disso que o senhor mesmo, mais tarde saberá por quê.” Eu o escutava, dizendo a mim mesmo: “Tem decerto uma revelação a fazer-me.” “O paraíso — dizia ele — está oculto no íntimo de cada um de nós; nesse momento eu o oculto em mim e, se quiser, realizar-se-á amanhã verdadeiramente para toda a minha vida.” Falava com enternecimento, olhando-me com ar misterioso, como se me interrogasse. “Quanto à culpabilidade de cada um por todos e por tudo, aos seus pecados, suas considerações a esse respeito são perfeitamente justas e é espantoso que tenha podido o senhor abraçar essa ideia com tal amplitude. Quando os homens a compreenderem será certamente para eles o advento do reino dos céus, não em sonho, mas na realidade.” — “Mas quando acontecerá isso!? — exclamei, doloridamente. — Talvez não seja senão um sonho.” — “Como o senhor mesmo não crê no que prega?! Saiba que esse sonho, como diz o senhor, realizar-se-á certamente, mas não agora, porque tudo é regido por leis. É um fenômeno moral, psicológico. Para

renovar o mundo, é preciso que os próprios homens mudem de caminho. Enquanto cada qual não for verdadeiramente o irmão de seu próximo, não haverá fraternidade. Jamais os homens saberão, em nome da ciência ou do interesse, repartir pacificamente entre si a propriedade e os direitos. Ninguém terá bastante, e todos murmurarão, terão inveja uns dos outros, exterminar-se-ão mutuamente. Pergunta o senhor quando isso se realizará? Isso virá, mas somente quando tiver terminado o período de isolamento humano.” — “Que isolamento?” — perguntei. — “Reina ele em toda parte na hora atual, mas não está terminado e seu termo ainda não chegou. Porque, no presente, cada qual aspira a separar sua personalidade dos outros, quer gozar ele próprio a plenitude da vida; entretanto, todos esses esforços, longe de atingir o alvo, só resultam num suicídio total, porque, em lugar de afirmar plenamente sua personalidade, caem numa solidão completa. Com efeito, neste século, todos se fracionaram em unidades, cada qual se isola em seu buraco, separa-se dos outros, oculta-se, ele e seus bens, afasta-se de seus semelhantes e os afasta de si. Amontoa riqueza sozinho, felicita-se por seu poder e por sua opulência; ignora, o insensato, que, quanto mais amontoa, mais se enterra numa impotência fatal. Porque está habituado a só contar consigo mesmo e destacou-se da coletividade, acostumou-se a não crer na entreajuda, no próximo, na humanidade e treme somente à ideia de perder a fortuna e os direitos que ela lhe confere. Por toda parte, em nossos dias, o espírito humano começa ridiculamente a perder de vista que a verdadeira garantia do indivíduo consiste não no esforço pessoal isolado, mas na solidariedade. Mas esse isolamento terrível terá certamente fim e todos compreenderão, ao mesmo tempo, quanto a separação mútua era contrária à natureza. Tal será a tendência da época, e causará espanto o ter-se demorado tanto tempo nas trevas, sem ver a luz. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem... Mas, até então, é preciso guardar o estandarte e — ainda que sozinho a agir — o homem deve mostrar o exemplo e sair do isolamento para se reaproximar dos irmãos, mesmo passando por maluco. Isso a fim de impedir que uma grande ideia pereça.”

Esses temas apaixonantes enchiam nossos serões. Abandonei mesmo a sociedade e minhas visitas tornaram-se mais raras; além disso, comecei a passar de moda. Não digo isso para queixar-me, porque continuavam a estimar-me e fazer-me boa cara, mas é preciso convir que a moda tem grande império no mundo. Acabei ficando entusiasmado por meu

misterioso visitante, porque sua inteligência me arrebatava; além disso, tinha a intuição de que nutria ele um projeto e se preparava para uma ação talvez heroica. Sem dúvida mostrava-se grato pelo fato de não procurar eu conhecer seu segredo e de não fazer-lhe nenhuma alusão. Notei por fim que começava ele a ser atormentado pelo desejo de fazer-me uma confidência. Pelo menos, tornou-se isso evidente ao fim de um mês mais ou menos. “Sabe — perguntou-me uma vez — que se interessam muito por nós na cidade e que minhas frequentes visitas causam espanto? Pois seja, em breve tudo se explicará.” Por vezes era presa, de súbito, de uma agitação extraordinária; quase sempre então se levantava e ia-se embora. Acontecia-lhe fitar-me muito tempo com um olhar penetrante. Pensava eu: “Ele vai falar”, mas parava e discorria a respeito de um assunto vulgar. Começou a queixar-se de dores de cabeça. Um dia em que havia conversado muito tempo e apaixonadamente, vi-o de repente empalidecer, seu rosto contraiu-se, fitava-me com ar esgazeado.

— Que tem — perguntei —, sente-se mal?

— Eu... saiba... eu... cometi um assassinato.

Sorria ao falar, branco como linho. “Por que sorri ele?” Esse pensamento atravessou-me a mente antes que tivesse eu coordenado minhas ideias. Eu empalideci.

— Que está dizendo!? — exclamei.

— Veja — respondeu-me com o mesmo sorriso triste —, a primeira palavra custou-me. Agora que comecei, continuarei.

Não lhe dei crédito imediatamente, mas somente ao fim de três dias, quando me contou todos os detalhes. Eu acreditava que ele estivesse louco, no entanto acabei por convencer-me de que dizia a verdade, para doloroso espanto meu. Assassinara, 14 anos antes, uma jovem senhora rica e encantadora, viúva de um proprietário rural, que possuía em nossa cidade uma casa para suas estadas aqui. Sentiu por ela viva paixão, fez-lhe uma declaração e quis decidi-la a tornar-se sua esposa. Ela, porém, já havia concedido seu coração a outro, oficial distinto, então em campanha, cujo regresso ela aguardava. Recusou-lhe o pedido de casamento e rogou-lhe que cessasse suas visitas. Recusado e conhecendo a disposição da casa, nela se introduziu uma noite pelo jardim e pelo telhado, com uma audácia extraordinária, arriscando-se a ser descoberto. Mas, como acontece frequentemente, os crimes audaciosos são muitas vezes mais bem-sucedidos que os outros. Tendo entrado no celeiro por uma trapeira, desceu

para os quartos por uma pequena escada, sabendo que os criados não fechavam sempre a chave a porta de comunicação. Contava com a negligência deles ainda dessa vez e não se enganava. No escuro, dirigiu-se para o quarto de dormir, onde ardia uma lâmpada de cabeceira. Como de propósito, as duas criadas de quarto tinham saído às ocultas, convidadas a uma cena festiva na vizinhança. Os outros criados dormiam no rés do chão. Vendo-a adormecida, sua paixão despertou, depois um furor vingativo e ciumento apoderou-se dele e, não mais podendo dominar-se, mergulhou-lhe uma faca no coração, sem que ela lançasse um grito. Com uma astúcia infernal tratou de voltar as suspeitas contra os criados; deixou de lado o porta-moedas dela, mas abriu a cômoda com as chaves encontradas debaixo do travesseiro e subtraiu, como um criado ignorante, o dinheiro e as joias de acordo com o tamanho, deixando de lado as mais preciosas, bem como os objetos de valor. Apropriou-se também de algumas lembranças de que voltarei a falar. Realizado o crime, voltou pelo mesmo caminho. Ninguém, nem no dia seguinte, quando foi dado o alarme, nem mais tarde, teve a ideia de suspeitar do verdadeiro culpado. Ignorava-se seu amor pela vítima, porque fora ele sempre taciturno, fechado e não possuía amigos. Passava simplesmente por um conhecido da viúva, a quem não via, aliás, desde duas semanas. Suspeitou-se logo de Piotr, criado-servo da vítima e, imediatamente, todas as circunstâncias contribuíram para confirmar essa suspeita, porque sabia ele que sua senhora estava decidida a fazê-lo arrolar entre os recrutas que devia fornecer, visto como era só e de má conduta. Estando bêbedo, ameaçara-a de morte no botequim. Fugira dois dias antes do assassinato e no dia seguinte encontraram-no totalmente embriagado, caído na estrada, nos arredores da cidade, com uma faca no bolso e a mão direita ensanguentada. Sustentou ele que o sangue era de seu nariz, mas não lhe deram crédito. As criadas confessaram que se haviam ausentado e tinham deixado a porta de entrada aberta até a volta. Houve outros indícios análogos, que provocaram a detenção desse criado inocente. Instauraram o processo, mas, ao fim duma semana, contraiu ele febre maligna e morreu no hospital, inconsciente. O caso foi arquivado, submeteram-se à vontade de Deus e todos, juízes, autoridades, público, ficaram convencidos de que aquele criado era o assassino. Começou então o castigo. Aquele visitante misterioso, que se tornara meu amigo, confiou-me que, a princípio, não tinha sentido nenhum remorso. Lamentava somente ter matado a mulher

amada e, suprimindo-a, suprimira seu amor, quando o fogo da paixão lhe queimava as veias. Mas então quase esquecia o sangue inocente derramado, o assassinato de um ser humano. A ideia de que sua vítima teria podido tornar-se a esposa dum outro parecia-lhe impossível, de modo que ficou muito tempo persuadido de que não podia ter agido de outro modo. A detenção do criado perturbou-o, mas sua doença e morte tranquilizaram-no, porque aquele indivíduo sucumbira certamente — pensava ele — não pelo medo causado por sua detenção, mas pelo resfriamento contraído por ter jazido uma noite inteira sobre a terra úmida. Os objetos e o dinheiro roubados não o inquietavam, porque roubara, não por cupidez, mas para desviar as suspeitas. A soma era insignificante e, em breve, doou-a, aumentando-a consideravelmente, a um hospício que se fundava em nossa cidade. Fê-lo de propósito, para apaziguar sua consciência, e, coisa curiosa, conseguiu isso por um tempo bastante longo, como me contou mais tarde. Redobrou de atividade em seu serviço, fez-se confiar uma missão árdua que lhe tomou dois anos, e esqueceu quase o que se passara, graças à firmeza de seu caráter; quando se lembrava do crime, esforçava-se por não pensar nele. Consagrou-se igualmente à beneficência, ocupou-se com boas obras em nossa cidade, assinalou-se nas capitais, foi eleito, em Petersburgo e Moscou, membro de sociedades filantrópicas. Por fim, foi invadido por um devaneio doloroso que ultrapassava suas forças. Apaixonou-se então por uma moça encantadora, com quem logo se casou, na esperança de que o casamento dissiparia sua angústia solitária e, se cumprisse escrupulosamente seus deveres para com a mulher e os filhos, baniria as recordações de outrora. Mas aconteceu precisamente o contrário do que esperava. Desde o primeiro mês de seu casamento, uma ideia o atormentava sem cessar: “Minha mulher me ama, mas que aconteceria se ela soubesse?” Quando ela ficou grávida de seu primeiro filho e comunicou-lhe, ele perturbou-se: “Dou a vida e eu mesmo a tirei.” Os filhos vieram ao mundo: “Como ousarei amá-los, instruí-los, educá-los, como lhes falarei da virtude? Derramei sangue.” Teve belos filhos, vinha-lhe a vontade de acariciá-los: “Não posso fitar-lhes os rostos inocentes; não sou digno.” Por fim, teve a visão ameaçadora e lúgubre do sangue de sua vítima, que gritava vingança da jovem vida que ele destruíra. Sonhos terríveis surgiram-lhe. Tendo o coração firme, suportou por muito tempo esse suplício: “Expio meu crime sofrendo secretamente.” Mas era uma esperança vã; seu sofrimento só

fazia agravar-se com o tempo. O mundo respeitava-o por sua atividade benéfica, se bem que seu caráter sombrio e severo inspirasse temor; mas, quanto mais crescia esse respeito, mais se lhe tornava intolerável. Confessou-me que pensara suicidar-se. Mas outro sonho pôs-se a persegui-lo, um sonho julgado a princípio impossível e insensato, que acabou, no entanto, por incorporar-se a seu coração a ponto de não poder arrancá-lo dali. Pensava em fazer a confissão pública de seu crime e passou três anos presa dessa obsessão, que se apresentava sob diversas formas. Por fim, creu, de todo o coração, que depois de ter confessado seu crime aliviaria sua consciência e recuperaria o repouso para sempre. Malgrado esta certeza, encheu-se de terror; como fazê-lo, com efeito? Sobreveio então aquele incidente em meu duelo. “Ao vê-lo, tomei minha decisão.”

— Será possível — exclamei juntando as mãos — que um incidente tão insignificante tenha podido engendrar semelhante determinação!?

— Minha determinação estava concebida faz já três anos, aquele incidente serviu-lhe de impulso. Olhando o senhor, fiz censuras a mim mesmo e invejei-o — declarou ele com rudeza.

— Não lhe darão crédito — observei eu — passados 14 anos.

— Tenho provas esmagadoras. Apresentá-las-ei.

Pus-me então a chorar, beijei-o.

— Decida a respeito de um ponto, de um só! — disse-me ele (como se tudo dependesse de mim agora). — Minha mulher, meus filhos! Ela morrerá de pesar, talvez, meus filhos conservarão a posição e a propriedade, mas serão para sempre os filhos de um forçado. E que recordação de mim guardarão eles no coração!

Mantinha-me calado.

— Como separar-me deles, deixá-los para sempre?

Eu estava sentado, murmurando mentalmente uma prece. Levantei-me, por fim, apavorado.

— E então? — e ele me fixava.

— Vá — disse eu —, faça sua confissão. Tudo passa, só a verdade fica. Seus filhos, quando crescerem, compreenderão a grandeza de sua determinação.

Ao deixar-me, sua resolução parecia tomada. Mas veio ver-me durante mais de duas semanas, todas as noites, sempre a se preparar, sem poder

decidir-se. Angustiava-me. Por vezes, chegava resoluto, dizendo com ar enternecido:

— Sei que, desde que tiver confessado, será para mim o paraíso. Durante 14 anos estive no inferno. Quero sofrer. Aceitarei o sofrimento e começarei a viver. Agora, não ousou amar nem meu próximo, nem mesmo meus filhos. Senhor, eles compreenderão talvez o que me custou meu sofrimento e não me censurarão!

— Todos compreenderão seu ato, se não agora, mais tarde, porque o senhor terá servido à verdade superior, que não é deste mundo...

Deixava-me, aparentemente, consolado, e voltava no dia seguinte zangado, pálido, o tom irônico.

— Cada vez que volto, o senhor me examina com curiosidade: “Ainda não confessaste?” Espere, não me despreze demais. Não é tão fácil de fazer como o senhor pensa. Talvez não o faça. O senhor não irá denunciarme, não é?

Por vezes, longe de experimentar uma curiosidade desarrazoada, tinha até medo de fitá-lo. Sofria, estava aflito, tinha a alma cheia de lágrimas. Cheguei a perder o sono.

— Estava com minha mulher há pouco — continuou ele. — Compreende o senhor o que é uma mulher? Ao sair, os meninos gritaram para mim: “Adeus, papai, volte depressa para ler para nós.” Não, o senhor não pode compreender isso. A desgraça alheia não pode ser compreendida.

Tinha os olhos cintilantes, os lábios trêmulos. De súbito, deu um murro na mesa; os objetos que nela estavam tremeram. Um homem tão manso... acontecia-lhe isso pela primeira vez.

— Devo denunciar-me? É preciso fazê-lo? Ninguém foi condenado, ninguém foi para a prisão por minha causa, o criado morreu de doença. Expiei por meus sofrimentos o sangue derramado. Aliás, não me acreditarão, não darão fé às minhas provas. Será preciso confessar? Estou pronto a expiar meu crime até o fim, contanto que ele não reflita sobre minha mulher e meus filhos. É justo perdê-los ao mesmo tempo que me perco? Não será isso um pecado? Onde está a verdade? Saberão essas pessoas reconhecê-la, apreciá-la?

“Senhor — pensava eu —, pensa ele na estima pública em semelhante momento!” Inspirava-me tal piedade que teria partilhado sua sorte, quando

menos para aliviá-lo. Tinha o ar desvairado. Estremeci, não somente porque compreendia, mas sentia o que custa semelhante determinação.

— Decida minha sorte! — exclamou ele.

— Vá denunciar-se — murmurei. A voz me faltava, mas murmurei com tom firme. Peguei em cima da mesa o Evangelho e mostrei-lhe o versículo 24 do capítulo XII de são João: “Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica infecundo; mas, se morrer, produz muito fruto.” Acabara de ler esse versículo antes da chegada dele.

Ele o leu.

— É verdade. — Mas deu um sorriso amargo. — É terrível o que se encontra nesses livros — disse, após uma pausa. — É fácil aplicar o que dizem aos outros. E quem os escreveu? Foram homens?

— Foi o Espírito Santo.

— É fácil para o senhor tagarelar. — Sorriu de novo, mas quase com ódio.

Retomei o livro, abri-o noutro lugar e mostrei-lhe a Epístola aos hebreus, capítulo X, versículo 31. Ele leu: “É coisa horrenda cair nas mãos do Deus vivo.”

Rejeitou o livro, todo trêmulo.

— Eis um versículo terrível. Palavra, o senhor soube escolhê-lo. — Levantou-se. — Pois bem! Adeus, talvez não volte... haveremos de tornar a ver-nos no paraíso. Portanto, há 14 anos que “caí nas mãos do Deus vivo”. Amanhã, rogarei a essas mãos que me soltem...

Quis abraçá-lo, beijá-lo, mas não ousei; causava dó ver seu rosto contraído. Saiu. “Senhor — pensei —, aonde irá ele?” Caí de joelhos diante do ícone e roguei por ele à Santa Mãe de Deus, mediadora e auxiliadora. Meia hora se passou em lágrimas e preces; era já tarde, cerca de meia-noite. De súbito, a porta se abre, era ele de volta. Espantei-me.

— Onde estava o senhor? — perguntei-lhe.

— Creio que esqueci alguma coisa... meu lenço... Está bem, mesmo que não haja esquecido nada, deixe que me sente...

Sentou-se. Fiquei de pé diante dele.

— Sente-se também.

Foi o que fiz. Ficamos assim dois minutos. Ele me fitava; de repente, sorriu, depois abraçou-me, beijou-me...

— Lembra-te de que voltei a procurar-te. Ouves-me? Lembra-te!

Era a primeira vez que me tuteava. Partiu. “Amanhã”, pensei.

Adivinhara certo. Ignorava então, não tendo ido a parte alguma naqueles últimos dias, que seu aniversário caía precisamente no dia seguinte. Naquela ocasião, havia em casa dele uma recepção a que comparecia a cidade em peso. Realizou-se como de costume. Após o banquete, avançou até os convidados, tendo na mão um papel dirigido a seus superiores. Como estivessem eles presentes, leu o que estava escrito para todos os que ali se encontravam: um relato detalhado de seu crime! “Sendo um monstro, separo-me da sociedade. Deus me visitou — concluía ele. — Quero sofrer.” Ao mesmo tempo, depôs sobre a mesa as provas guardadas durante 14 anos: joias da vítima, roubadas para desviar as suspeitas, uma medalha e uma cruz tiradas do pescoço dela, seu caderninho de notas e duas cartas: uma, do noivo informando-a de sua chegada e a que ela começara em resposta para enviar no dia seguinte. Por que ter ficado com essas duas cartas e tê-las conservado durante 14 anos, em lugar de destruí-las como provas? O que aconteceu é que todos foram tomados de surpresa e de terror, mas ninguém quis acreditar nele, se bem que o escutassem com uma curiosidade extraordinária, como se escuta um doente; alguns dias depois, todos concordaram que o infeliz estava louco. Seus superiores e a justiça foram obrigados a dar prosseguimento ao caso, mas, em breve, arquivaram-no; muito embora os objetos apresentados e as cartas dessem o que pensar, achava-se que, mesmo se fossem autênticas aquelas peças, não podiam servir de base a uma acusação formal. A própria defunta poderia ter-lhes confiado. Soube depois que a autenticidade delas fora verificada por numerosos conhecidos e amigos da vítima e que não restava dúvida alguma. Mas, de novo, o caso iria dar em nada. Cinco dias após, soube-se que o infeliz caíra doente e temia-se por sua vida. Não posso explicar a natureza de sua doença, atribuída a perturbações cardíacas; soube-se que a junta médica, a pedido de sua mulher, o examinara também do ponto de vista mental e concluía pela existência da loucura. Não fui testemunha de nada, contudo crivaram-me de perguntas e, quando quis visitá-lo, foi-me isso proibido por muito tempo, principalmente por sua mulher. “Foi o senhor — disse-me ela — quem o transtornou. Ele já era melancólico, mas, no último ano, sua agitação extraordinária e suas esquisitices chamaram a atenção de toda a gente, e o senhor o pôs a perder; foi o senhor quem o doutrinou, ele não o

deixava durante este mês.” Ora, não somente sua mulher, mas todos na cidade caíam-me em cima e acusavam-me: “É culpa sua”, diziam. Calava-me com o coração alegre por aquela manifestação da misericórdia divina para com um homem que se havia condenado a si mesmo. Quanto à sua loucura, não podia acreditar nela. Permitiram, afinal, que o visse. Ele mesmo pedira com insistência minha presença para despedir-se de mim. À primeira vista, verifiquei que seus dias estavam contados. Enfraquecido, a tez amarela, as mãos trêmulas, sufocava, mas havia alegria, emoção em seu olhar.

— Consumou-se! — declarou. — Há muito tempo que desejava ver-te. Por que não vieste?

Dissimulei-lhe que me fora proibido visitá-lo.

— Deus teve piedade de mim e me chama para seu lado. Sei que vou morrer, mas sinto-me calmo e alegre, pela primeira vez desde tantos anos. Depois de minha confissão, minha alma entrou no paraíso. Agora ousou amar meus filhos e beijá-los. Não me acreditam, ninguém acreditou em mim, nem minha mulher, nem meus juízes; meus filhos não acreditarão nunca. Vejo nisso a prova da misericórdia divina para com eles. Herdarão um nome sem mancha. Agora, pressinto Deus, meu coração exulta, como no paraíso... Cumpri meu dever...

Incapaz de falar, ofegava, apertava-me a mão, olhava-me com um ar exaltado. Mas não conversamos muito tempo, sua mulher vigiava-nos furtivamente. Pôde ele, no entanto, murmurar:

— Lembras-te de como voltei à tua casa à meia-noite? Recomendei-te mesmo que te lembrasses. Sabes por que voltava eu? Voltava para matar-te!

Estremeci.

— Depois de haver-te deixado, vaguei pelas trevas, em luta comigo mesmo. De repente, senti por ti um ódio quase intolerável. “Agora — pensei — tem-me ele em suas mãos, é meu juiz, sou forçado a denunciá-lo, porque ele sabe tudo.” Não que eu temesse tua denúncia (não pensava nisso), mas dizia a mim mesmo: “Como ousarei olhá-lo, se não me acusar?” E mesmo que estivesse nos antípodas, a simples ideia de que existias e me julgavas, sabendo de tudo, teria sido insuportável. Detestava-te como responsável por tudo. Voltei à tua casa, lembrando-me de que tinhas um punhal em cima da mesa. Sentei-me e roguei-te que fizesses o

mesmo. Durante um minuto refleti. Matando-te, perdia-me, mesmo sem confessar o outro crime. Mas não pensava nisso, não queria pensar nisso naquele instante. Odiava-te e ardia de desejo de vingar-me de ti. Mas o Senhor venceu o diabo em meu coração. Fica sabendo, pois, que nunca estiveste tão perto da morte.

Morreu ao fim duma semana. Toda a cidade acompanhou-lhe o enterro. O padre pronunciou uma alocução comovida. Deplorou-se a terrível doença que pusera fim a seus dias. Mas toda a gente ergueu-se contra mim por ocasião de seus funerais. Cessaram mesmo de receber-me. No entanto, algumas pessoas, depois um maior número, admiram a verdade de suas alegações, vêm muitas vezes interrogar-me com maligna curiosidade, porque a queda e a desonra do justo causam satisfação. Mas guardei silêncio e logo deixei definitivamente a cidade. Cinco meses depois, o Senhor julgou-me digno de entrar no bom caminho e eu O bendigo por me ter tão visivelmente guiado. Quanto ao infortunado Mikhail, menciono-o todos os dias em minhas orações.

III

EXTRATOS DAS CONVERSÇÕES E DA DOCTRINA DO STÁRIETS ZÓSIMA

e) Do religioso russo e de seu possível papel

Padres e mestres, que é um religioso? Em nossos dias, nos meios esclarecidos, pronuncia-se esse termo com ironia, por vezes mesmo como uma injúria. E isso vai aumentando. É verdade, ai!, que se contam, mesmo entre os monges, muitos mandriões, sensuais, libidinosos e desavergonhados vagabundos. “Não passais de preguiçosos, de membros inúteis da sociedade, vivendo do trabalho alheio, mendigos sem-vergonhas.” Entretanto, quantos monges são humildes e mansos, aspiram à solidão para nela se entregar a fervorosas preces! Não se fala deles, cercam-nos de silêncio e causarei espanto a muita gente dizendo que são eles que salvarão talvez ainda uma vez a terra russa! Porque estão verdadeiramente prontos para “o dia e a hora, o mês e o ano”. Guardam na sua solidão a imagem do Cristo, esplêndida e intacta, na pureza da verdade divina, legada pelos padres da Igreja, pelos apóstolos e pelos mártires, e,

quando a hora chegar, revelá-lo-ão ao mundo abalado. É uma grande ideia. Essa estrela brilhará no Oriente.

Eis o que penso dos religiosos. Enganar-me-ei talvez, será presunção minha? Olhai os leigos e esse mundo que se ergue acima do povo cristão: não alterou ele a imagem de Deus e sua verdade? Têm a ciência, mas somente a ciência sujeita aos sentidos. Quanto ao mundo espiritual, a metade superior do ser humano, rejeitam-no, banem-no alegremente, mesmo com ódio. O mundo proclamou a liberdade, sobretudo nestes derradeiros anos, e que representa ela? Nada mais senão a escravidão e o suicídio! Porque o mundo diz: “Tu tens necessidades, satisfazê-las, porque possuis os mesmos direitos que os grandes e os ricos. Não temas satisfazê-las, aumenta-as mesmo.” Eis o que se ensina atualmente. Tal é a concepção deles de liberdade. E que resulta desse direito de aumentar as necessidades? Entre os ricos, a solidão e o suicídio espiritual; entre os pobres, a inveja e o crime, porque conferiram-se direitos, mas ainda não se indicaram os meios de satisfazer as necessidades. Assegura-se que o mundo, abreviando as distâncias, transmitindo o pensamento pelos ares, unir-se-á sempre cada vez mais, que a fraternidade reinará. Ai! Não acrediteis nessa união dos homens. Concebendo a liberdade como o aumento das necessidades e sua pronta satisfação, alteram-lhes a natureza, porque fazem nascer neles uma multidão de desejos insensatos, de hábitos e imaginações absurdos. Não vivem senão para invejar-se mutuamente, para a sensualidade e a ostentação. Dar jantares, viajar, possuir carruagens, cargos, lacaios, passa tudo como uma necessidade à qual se sacrifica até a vida, a honra e o amor à humanidade; matar-se-ão mesmo, na impossibilidade de satisfazê-la. O mesmo ocorre entre aqueles que são ricos; quanto aos pobres, a insatisfação das necessidades e a inveja são no momento afogadas na embriaguez. Mas, em breve, em lugar de vinho, embriagar-se-ão de sangue, é o fim para que os conduzem. Dizei-me se tal homem é livre. Um “campeão da ideia” contava-me que, estando na prisão, privaram-no de fumo e que essa privação lhe foi tão penosa que quase traiu sua ideia para obtê-lo. Ora, esse indivíduo pretendia lutar pela humanidade. De que pode ser ele capaz? Quando muito dum esforço momentâneo, que não sustentará por muito tempo. Nada de admirar que os homens tenham encontrado sua servitude em lugar da liberdade, e que, em lugar de servir à fraternidade e à união, tenham caído na desunião e na solidão, como me dizia outrora meu visitante misterioso e mestre. De

modo que a ideia do devotamento à humanidade, da fraternidade e da solidariedade desaparece gradualmente do mundo; na realidade, acolhem-na mesmo com derrisão, porque como desfazer-se de seus hábitos, aonde irá aquele prisioneiro das necessidades inumeráveis que ele próprio inventou? Na solidão, preocupa-se muito pouco com a coletividade. Afinal de contas, os bens materiais aumentaram e a alegria diminuiu.

Bem diferente é o caminho do religioso. Zombam da obediência, do jejum, da oração, entretanto é a única via que conduz à verdadeira liberdade; suprimo as necessidades supérfluas, domo e flagelo pela obediência minha vontade egoísta e orgulhosa, chego assim, com a ajuda de Deus, à liberdade do espírito e com ela à alegria espiritual! Qual dentre eles é mais capaz de exaltar uma grande ideia, de pôr-se a seu serviço, o rico isolado ou o religioso liberto da tirania dos hábitos? Censura-se ao religioso o isolamento: “Tu te retiraste para um mosteiro para cuidar de tua salvação, e desertaste a causa fraternal da humanidade.” Mas vejamos quem serve mais à fraternidade. Porque o isolamento está do lado deles e não do nosso, mas eles não o notam. Foi do nosso meio que saíram outrora os homens de ação do povo. Por que não será assim em nossos dias? Esses jejuadores e esses taciturnos mansos e humildes se erguerão para servir a uma nobre causa. É o povo quem salvará a Rússia. O mosteiro russo sempre esteve com o povo. Se o povo é isolado, nós também o somos. Ele partilha nossa fé e um político incrêdo jamais fará nada na Rússia, seja embora sincero e genial. Lembrai-vos disso. O povo derrubará o ateu, e a Rússia será unificada da ortodoxia. Preservai o povo e velai por seu coração. Instruí-o na paz. Eis vossa missão de religiosos, porque esse povo traz Deus em si.

f) *Amos e servos podem tornar-se mutuamente irmãos em espírito?*

É preciso confessar que o povo também está presa do pecado. A corrupção aumenta visivelmente todos os dias. O isolamento invade o povo; os açambarcadores e os sanguessugas aparecem; já o comerciante se mostra mais ávido de honras, aspira a mostrar sua instrução, sem que tenha nenhuma; com esse fito, desdenha os antigos usos, envergonha-se mesmo da fé dos pais. Vai à casa dos príncipes, embora não passe de um mujique depravado. O povo está desmoralizado pela bebedeira e não pode curar-se

dela. Quantas crueldades na família, para com a mulher e mesmo para com os filhos, causadas por ela! Vi nas fábricas crianças de nove anos, débeis, atrofiadas, curvadas e já corruptas. Um local sufocante, o barulho das máquinas, o trabalho incessante, as obscenidades, a aguardente, é isso que convém à alma dum menino? Precisa é de sol, dos jogos de sua idade, de bons exemplos e de um mínimo de simpatia. É preciso que isso cesse, religiosos, meus irmãos, os sofrimentos das crianças devem ter um fim, levantai-vos e pregai. Mas Deus salvará a Rússia, porque, se o povo baixo está pervertido e atola-se no pecado, sabe que Deus tem horror ao pecado e se sente culpado perante Ele. De modo que nosso povo não cessou de crer na verdade, reconhece Deus, derrama lágrimas de enternecimento. Não acontece o mesmo entre os grandes. Adeptos da ciência, querem organizar-se equitativamente pela razão apenas, mas sem o Cristo, como outrora; já proclamaram que não há crime nem pecado. Têm razão de acordo com seu ponto de vista, porque sem Deus, onde está o crime? Na Europa, já o povo se subleva contra os ricos, por toda parte seus chefes o incitam ao assassinato e lhe ensinam que sua cólera é justa. Mas “maldita é sua cólera, porque é cruel”. Quanto à Rússia, o Senhor a salvará como a salvou muitas vezes. É do povo que virá a salvação, de sua fé, de sua humildade. Meus padres, preservai a fé do povo, não estou sonhando: toda a minha vida fui impressionado pela nobre dignidade de nosso grande povo, vi-a, posso atestá-la. Não é servil, após uma escravidão de dois séculos. É livre em seu comportamento e em suas maneiras, mas sem querer ofender ninguém. Não é vingativo, nem invejoso. “Tu és distinto, rico, inteligente, tens talento. Pois seja, que Deus te abençoe. Respeito-te, mas sabe que também eu sou um homem. O fato de respeitar-te sem invejar-te revela-te minha dignidade humana.” Na verdade, se não o dizem (porque não sabem ainda dizê-lo), agem assim, vi-o, experimentei-o eu mesmo e, acreditá-lo-íeis? quanto mais pobre e humilde o homem russo mais se nota nele essa nobre verdade, porque os ricos entre eles, os açambarcadores e os sanguessugas já estão na maior parte pervertidos e nossa negligência, nossa indiferença são muito culpadas por isso. Mas Deus salvará os seus, porque a Rússia é grande por sua humildade. Penso em nosso futuro, parece-me vê-lo aparecer, porque acontecerá que o rico mais depravado acabará por envergonhar-se de sua riqueza diante do pobre, e o pobre, vendo sua humildade, compreenderá e lhe cederá, responderá jovialmente, amigavelmente, à sua nobre confusão. Ficai

certos desse desenlace; tende-se para ele! Só há igualdade na dignidade espiritual, e isso só é compreendido entre nós. Havendo irmãos, a fraternidade reinará, e sem a fraternidade não se partilharão jamais os bens. Guardamos a imagem do Cristo e ela resplandecerá aos olhos do mundo inteiro como um diamante precioso... Assim seja!

Padres e mestres, aconteceu-me uma vez algo de tocante. Por ocasião de minhas peregrinações, encontrei na cidade de K*** meu antigo ordenança Afanássi, oito anos depois de me haver separado dele. Tendo-me visto, por acaso, no mercado, reconheceu-me, ocorreu todo alegre: “*Bátiuchka, bárin*, é mesmo o senhor? Será possível que esteja vendo mesmo o senhor?” Conduziu-me à sua casa. Livre do serviço militar, casara-se, tinha já dois filhos. Ele e a mulher viviam de um pequeno negócio de frutas e hortaliças. Seu quarto era pobre, mas limpo e alegre. Fez-me sentar, preparou o samovar, mandou chamar a mulher, como se fosse uma festa minha visita à sua casa. Apresentou-me os dois filhos: “Abençoe-os, meu padre.” — “Cabe a mim abençoá-los? — respondi. — Não passo de um humilde religioso, mas rogarei a Deus por eles; quanto a ti, Afanássi Pávlovitch, não te esqueço nunca em minhas orações, desde aquele famoso dia, porque és a causa de tudo.” Expliquei-lhe da melhor maneira. Ele me olhava sem poder afazer-se à ideia de que eu, seu antigo amo, um oficial, me encontrasse agora diante dele naquele hábito, e chegou mesmo a chorar. “Por que choras — perguntei-lhe —, tu a quem não posso esquecer? Rejubila-te antes comigo, meu caro, porque meu caminho está iluminado de felicidade.” Ele não falava, mas suspirava e abanava a cabeça com enternecimento. “Que fez de sua fortuna?” — “Dei-a ao mosteiro, vivemos em comunidade.” Depois do chá, despedi-me deles. Deu-me cinquenta copeques, oferta para o mosteiro, e vejo que ele me enfia cinquenta outros na mão apressadamente. “É para o senhor — disse-me —, que viaja. Isso posso servir-lhe, meu padre.” Aceitei sua esmola, saudei-o, a ele e à esposa, e parti alegre, pensando no caminho: “Todos dois, sem dúvida, ele em sua casa e eu que caminho, suspiramos e nos sorrimos alegremente, de coração contente, lembrando-nos de como Deus fez que nos encontrássemos.” Jamais o tornei a ver depois. Eu era seu amo, ele, meu servidor, e agora, beijando-nos com emoção, confundimo-nos numa nobre união. Pensei muito nisso e agora digo a mim mesmo: é inconcebível que essa grande e franca união possa realizar-se

por toda parte à sua hora, entre os russos? Creio que ela se realizará e que a hora está próxima.

A propósito dos servidores, acrescentarei o que segue: em minha juventude, irritava-me frequentemente contra eles: “a cozinheira serviu demasiado quente, o ordenança não escovou minhas roupas”. Mas fui esclarecido pelo pensamento de meu querido irmão, que ouvira em minha infância: “Serei digno de ser servido por outrem? Tenho o direito de explorar sua miséria e sua ignorância?” Admirava-me então de que as ideias mais simples, as mais evidentes nos venham tão tarde ao espírito. Não se pode passar sem servidores neste mundo, mas fizeti de maneira a que o vosso se sinta em vossa casa mais livre moralmente do que se não fosse um servidor. E por que não serei o servidor do meu, e que ele o veja, sem nenhum orgulho de minha parte nem desconfiança da dele? Por que meu servidor não seria como meu parente, que aceitaria, afinal, com alegria em minha família? De agora em diante, é isso realizável e servirá de base à magnífica união do futuro, quando o homem não quererá mais transformar em servidores seus semelhantes, como agora, mas desejará ardentemente, pelo contrário, tornar-se ele próprio o servidor de todos, segundo o Evangelho. Seria um sonho crer que o homem encontrará afinal sua alegria unicamente nas obras de civilização e de caridade, e não, como em nossos dias, nas satisfações brutais, na glotonaria, na fornicação, no orgulho, na presunção, na supremacia invejosa de uns sobre os outros? Estou persuadido de que não é um sonho e que os tempos estão próximos. Riem, perguntam: quando chegarão esses tempos, é provável que cheguem? Penso que realizaremos essa grande obra com o Cristo. Quantas ideias neste mundo, na história da humanidade, eram irrealizáveis dez anos atrás e, no entanto, apareceram de repente, quando foi chegado seu termo misterioso e se espalharam por toda a Terra! O mesmo acontecerá conosco, nosso povo brilhará diante do mundo e todos dirão: “A pedra que os arquitetos tinham rejeitado tornou-se a pedra angular.” Poder-se-ia perguntar aos zombadores: se nós sonhamos, quando erguereis vós o vosso edifício, quando vos organizareis equitativamente de acordo apenas com a vossa razão, sem o Cristo? Se afirmarem tender também para a união, somente os mais ingênuos entre eles poderão acreditar nisso, muito embora possa causar espanto essa ingenuidade. Na realidade, há mais fantasia entre eles que entre nós. Podem organizar-se segundo a justiça, mas, tendo repudiado o Cristo, acabarão por inundar o mundo de sangue,

porque o sangue chama o sangue e o que tirar a espada perecerá pela espada. Sem a promessa do Cristo, exterminar-se-iam até só restarem dois. E no orgulho, não poderiam esses conter-se, o derradeiro suprimiria o penúltimo e a si mesmo em seguida. Eis o que aconteceria sem a promessa do Cristo de deter essa luta por amor dos dois e dos humildes. Depois de meu duelo, estando ainda de uniforme, aconteceu-me falar dos servidores em sociedade e lembro-me de que causei espanto a todo mundo. “Com que então seria preciso instalar o servidor no sofá e oferecer-lhe chá?” Respondi-lhes: “Por que não, ainda que fosse uma vez ou outra?” A gargalhada foi geral. A pergunta deles era frívola e minha resposta não era clara, mas acho que encerrava certa verdade!

g) Da oração, do amor, do contato com outros mundos.

Jovem, não esqueças a oração. Cada uma delas, se sincera, exprime um novo sentimento, fonte duma ideia nova que ignoravas e que te reconfortará, e compreenderás que a prece é uma educação. Lembra-te ainda de repetir cada dia, e todas as vezes que puderes, mentalmente: “Senhor, tem piedade de todos aqueles que comparecem agora diante de Ti.” Porque a cada hora, milhares de seres terminam a existência terrestre e suas almas chegam à presença do Senhor; quantos entre eles deixaram a Terra no isolamento, ignorados de todos, tristes e angustiados por causa da indiferença geral! E talvez, na outra extremidade do mundo, tua prece por ele chegará a Deus, sem que vós vos tivésseis conhecido. A alma, tomada de temor na presença do Senhor, comover-se-á por ter também na Terra alguém que a ama e intercede por ela. E Deus vos olhará a ambos com mais misericórdia, porque se tens tal compaixão daquela alma, Ele terá muito mais, Ele cuja misericórdia e cujo amor são infinitos. E a perdoará por tua causa.

Meus irmãos, não temais o pecado, amais o homem mesmo no pecado, é isso a imagem do amor divino, amor que não há maior na Terra. Amai toda a criação em seu conjunto e em seus elementos, cada folha, cada raio de luz, os animais, as plantas. Amando cada coisa, compreenderéis o mistério divino nas coisas. Tendo-o compreendido uma vez, vós o conhecereis sempre mais, cada dia. E acabareis por amar o mundo inteiro com um amor universal. Amai os animais, porque Deus lhes deu o princípio do pensamento e uma alegria tranquila. Não a perturbeis, não os

atormenteis tirando-lhes essa alegria, não vos oponhais ao plano de Deus. Homem, não te ergas acima dos animais; eles não têm pecado, ao passo que com tua grandeza manchas a Terra com tua aparição, deixando após ti um rasto de podridão — ai, quase todos nós! — Amai particularmente as crianças, porque elas, como os anjos, também não têm pecado; existem para comover-nos os corações, purificá-los, são para nós como uma indicação. Maldito o que ofende um desses pequeninos! Foi o padre Anfim quem me ensinou a amá-los; sem nada dizer, com os copeques que nos davam em nossas peregrinações, comprava por vezes bolinhos e doces para distribuí-los entre eles; não podia passar perto das crianças sem ficar comovido.

Pergunta-se por vezes, sobretudo em presença do pecado: “É preciso recorrer à força ou ao amor humilde?” Não empregueis jamais senão esse amor, podereis assim submeter o mundo inteiro. A humildade cheia de amor é uma força tremenda, sem nenhuma outra igual. Cada dia, a cada instante, vigiai-vos, mantende uma atitude digna. Passastes ao lado duma criança blasfemando, sob o império da cólera, sem notá-la; ela, porém, vos viu e guarda talvez em seu coração inocente vossa imagem envilecedora. Vós não a viste e talvez semeastes em sua alma um mau germe que poderá desenvolver-se e isso porque não vos contivestes diante dessa criança, não cultivastes em vós o amor ativo, refletido. Meus irmãos, o amor é mestre, mas é preciso saber adquirir-lo, porque se adquire dificilmente ao preço dum esforço prolongado; é preciso amar, com efeito, não por um instante, mas até o fim. Qualquer um, até mesmo um celerado, é capaz de um amor fortuito. Meu irmão pedia perdão aos pássaros; isso parece absurdo, mas é justo, porque tudo se assemelha ao oceano, onde tudo se derrama e comunica, toca-se num lugar e repercute em outra extremidade do mundo. Admitamos que seja uma loucura pedir perdão aos pássaros, mas os pássaros, e a criança, e cada animal que vos cerca sentir-se-iam mais à vontade, se vós mesmos, fôsseis mais dignos do que o sois agora, um pouco que seja. Então rezaríeis aos pássaros, possuídos totalmente pelo amor numa espécie de êxtase, vós lhes rogaríeis que vos perdoassem vossos pecados. Estimai esse êxtase, por mais absurdo que pareça aos homens.

Meus amigos, pedi a Deus a alegria. Sede alegres como as crianças, como as aves dos céus. No vosso apostolado não vos deixeis perturbar pelo pecado, não temais que ele macule vossa obra e vos impeça de realizá-la,

não digais: “o pecado, a impiedade, o mau exemplo são poderosos, ao passo que nós somos fracos, isolados; o mal triunfará, sufocará o bem”. Não vos deixeis abater assim, meus filhos! Só há um meio de salvação: toma a teu cargo todos os pecados dos homens. Com efeito, meu amigo, desde que responderes sinceramente por todos e por tudo, verás logo que é verdadeiramente assim, que és culpado por todos e por tudo. Mas, atirando tua preguiça e tua fraqueza sobre os outros, tornar-te-ás finalmente cheio de um orgulho satânico e murmurarás contra Deus. Eis o que penso desse orgulho; é-nos difícil compreendê-lo aqui embaixo, por isso é que se cai tão facilmente no erro, a ele nos abandonamos, imaginando realizar algo de grande, de nobre. Entre os sentimentos e os movimentos mais violentos de nossa natureza, há muitos que não podemos ainda compreender aqui embaixo; não te deixes seduzir, não penses que isso te possa servir, no que quer que seja de justificação, porque o Juiz soberano te pedirá conta do que podias compreender e não do resto; convencer-te-ás disso tu mesmo, porque discernirás tudo exatamente e não farás objeção. Sobre a Terra, vagamos sem rumo, e, se não tivéssemos a preciosa imagem do Cristo para guiar-nos, sucumbiríamos e nos perderíamos totalmente, como o gênero humano antes do dilúvio. Muitas coisas nos estão ocultas neste mundo; em compensação, temos a sensação misteriosa do liame vivo que nos prende ao mundo celeste e superior, as raízes de nossos sentimentos e de nossas ideias não estão aqui, mas em outra parte. Eis por que dizem os filósofos que é impossível sobre a Terra compreender a essência das coisas. Deus tomou de empréstimo aos outros mundos as sementes para semeá-las aqui embaixo e cultivou seu jardim. Tudo quanto podia brotar, brotou, mas as plantas que somos vivem somente pelo sentimento de seu contato com esses mundos misteriosos; quando esse sentimento se enfraquece ou desaparece, o que havia em nós brotado perece. Tornamo-nos indiferentes à vida, sentimos mesmo aversão por ela. É essa pelo menos minha ideia.

h) Pode-se ser o juiz de seus semelhantes? Fé até o fim.

Lembra-te de que não podes ser o juiz de ninguém. Porque, antes de julgar um criminoso, deve o juiz saber que é ele próprio tão criminoso quanto o acusado, e talvez mais que todos culpado do crime dele. Quando tiver compreendido isso, poderá ser juiz. Por mais absurdo que pareça, é

verdade. Porque, se eu mesmo fosse um justo, talvez não houvesse diante de mim um criminoso. Se podes encarregar-te do crime do acusado que julgas em teu coração, fá-lo imediatamente e sofre em seu lugar; quanto a ele, deixa-o ir sem censura. E mesmo se a lei te instituiu juiz dele, tanto quanto é possível, fazê-lo também a justiça naquele espírito, porque, uma vez partido, condenar-se-á ele ainda mais severamente que teu tribunal. Se ele se vai insensível a teu bom tratamento e zombando de ti, não fiques impressionado; é que a hora dele ainda não chegou, mas chegará; e em caso contrário, um outro em lugar dele compreenderá, sofrerá, condenar-se-á, acusar-se-á e a verdade será cumprida. Crê firmemente nisso, é aí que repousam a esperança e a fé dos santos. Não te canses de agir. Se te lembrares à noite, antes de dormir, que não cumpriste o que era preciso, levanta-te logo para cumpri-lo. Se os que te cercam, por malícia ou indiferença, recusam ouvir-te, põe-te de joelhos e pede-lhes perdão, porque, na verdade, é culpa tua se não querem escutar-te. Se não podes falar àqueles que estão envinagrados, serve-os em silêncio e na humildade, sem jamais desesperar. Se todos te abandonam e se te expulsam com violência, ao ficares sozinho, prosterna-te, beija a terra, rega-a com tuas lágrimas, e essas lágrimas darão frutos, ainda mesmo que ninguém te visse, nem te ouvisse em tua solidão. Crê até o fim, mesmo que todos os homens se hajam desviado e tenhas ficado fiel sozinho; leva então tua oferenda e louva Deus, por teres sido o único a manter a fé. E se dois, tais como vós, se reúnem, então eis a plenitude do amor vivo, beijai-vos com efusão e louvai o Senhor, porque Sua verdade cumpriu-se, ainda que apenas em vós dois.

Se tu mesmo pecaste e estejas mortalmente aflito por isso, rejubila-te por outro, por um justo, rejubila-te por ser ele, em compensação, um justo e não ter pecado.

Se estás indignado e aflito por causa da iniquidade dos homens, a ponto de queres vingar-te, teme acima de tudo esse sentimento; impõe-te o mesmo castigo como se fosses tu mesmo culpado do crime deles. Aceita esse castigo e suporta-o, teu coração se acalmará, compreenderás que tu também és culpado, porque terias podido esclarecer os celerados mesmo na qualidade de único justo, e não o fizeste. Esclarecendo-os, ter-lhes-ia mostrado um outro caminho, e o autor do crime não o teria talvez cometido, graças à luz. Se os homens ficarem mesmo insensíveis a essa luz malgrado teus esforços, e negligenciarem a salvação, fica firme e não

duvides do poder da luz celeste; persuade-te de que se não foram eles salvos agora, sê-lo-ão mais tarde. Senão, seus filhos serão salvos em lugar deles, porque tua luz não perecerá, mesmo se estiveres morto. O justo desaparece, mas a luz fica. Após a morte do Salvador é que a gente se salva. O gênero humano repele seus profetas, massacra-os, mas os homens amam seus mártires e veneram aqueles que eles mesmos fizeram perecer. É pela coletividade que trabalhas, pelo futuro que ages. Não procures recompensa jamais, porque tens já uma grande nesta Terra: tua alegria espiritual que somente o justo partilha. Não temas nem os grandes nem os poderosos, mas sê sábio e sempre digno. Segue a medida, conhece os termos, instrui-te a esse respeito. Retirado na solidão, reza. Prostrana-te com amor e beija a terra. Ama incansavelmente, insaciavelmente, todos e tudo, procura esse êxtase e essa exaltação. Rega a terra de lágrimas de alegria, ama essas lágrimas. Não te envergonhes desse êxtase, ama-o, porque é um grande dom de Deus, concedido somente aos eleitos.

i) *Do inferno e do fogo eterno.* Consideração mística.

Meus padres, pergunto a mim mesmo: “Que é o inferno?” Defino-o assim: “O sofrimento por não poder mais amar.” Uma vez, no infinito do espaço e do tempo, um ser espiritual, por sua aparição na Terra, teve a possibilidade de dizer: “Eu sou e eu amo.” Uma vez somente foi-lhe concedido um momento de amor ativo e vivo, para isso foi-lhe dada a vida terrestre, limitada no tempo; ora, esse ser feliz repeliu esse dom inestimável, nem o apreciou nem o amou, considerou-o ironicamente, ficou a ele insensível. Tal ser, tendo deixado a Terra, vê o seio de Abraão, entretém-se com ele como está dito na parábola de Lázaro e do mau rico, contempla o paraíso, pode elevar-se até o Senhor, mas o que o atormenta, precisamente, é que se apresenta sem ter amado, entra em contato com aqueles que amaram e cujo amor desdenhou. Porque tem uma clara noção das coisas e diz a si mesmo: “Agora tenho o conhecimento e, malgrado minha sede de amor, esse será sem valor, não representará nenhum sacrifício, porque a vida terrestre terminou e Abraão não virá aplacar — ainda que com uma só gota de água viva — minha sede ardente de amor espiritual, que agora me abrasa, depois de tê-la desdenhado na Terra. A vida e o tempo passaram agora. Daria com alegria minha vida pelos outros, mas é impossível, porque a vida que se podia sacrificar ao amor já decorreu, um abismo a

separa da existência atual.” Fala-se do fogo do inferno no sentido literal; temo sondar esse mistério, mas penso que se houvesse mesmo verdadeiras chamas, os danados se regozijariam, porque esqueceriam nos tormentos físicos, ainda que por um instante, a mais horrível tortura moral. É impossível libertá-los dela, porque esse tormento está neles e não fora. E, se se pudesse, penso que mais desgraçados seriam ainda. Porque mesmo se os justos do paraíso lhes perdoassem à vista de seus sofrimentos e os chamassem a si no seu amor infinito, não faria senão aumentar-lhes esses sofrimentos, excitando neles essa sede ardente dum amor correspondente, ativo e grato, doravante impossível. Na timidez de meu coração, penso, no entanto, que a consciência dessa impossibilidade acabaria por aliviá-los, porque tendo aceitado o amor dos justos sem poder a ele corresponder, sua humilde submissão criaria uma espécie de imagem e de imitação desse amor ativo e desdenhado por eles na Terra... Lamento, irmãos e amigos, não poder formular claramente isso. Mas infelizes daqueles que destruíram a si mesmos, infelizes dos suicidas! Penso que não pode haver mais infelizes do que eles. É um pecado, dizem-nos, orar a Deus por eles, e a Igreja aparentemente os repudia, mas meu pensamento íntimo é que se poderia rezar por eles também. O amor não haveria de irritar o Cristo. Toda a minha vida tenho rezado em meu coração por esses desafortunados, confesso-vos-lo, meus padres, e ainda agora.

Oh! Há no inferno seres que permanecem soberbos e intratáveis, malgrado seu conhecimento incontestável e a contemplação da verdade inelutável; há-os terríveis, que se tornaram totalmente presa de Satanás e de seu orgulho. São mártires voluntários que não podem satisfazer-se com o inferno. Porque são eles próprios malditos, tendo amaldiçoado Deus e a vida. Nutrem-se de seu orgulho irritado como um sedento no deserto se poria a sugar o próprio sangue. Mas são insaciáveis por todos os séculos dos séculos e repelem o perdão. Amaldiçoam Deus que os chama e quereriam que Deus se aniquilasse, Ele e toda a Sua criação. E arderão eternamente no fogo de sua cólera, terão sede da morte e do nada. Mas a morte fugirá deles...

*

Aqui termina o manuscrito de Alieksiêi Fiódorovitch Karamázov. Repito-o: está incompleto e fragmentário. As informações biográficas, por

exemplo, só abarcam a primeira juventude do *stáriets*. Aproveitaram de seu ensino e de suas opiniões, para resumi-los num todo, coisas ditas evidentemente em várias ocasiões e em várias vezes. As afirmativas do *stáriets* em suas derradeiras horas não são precisas, dá-se somente uma ideia do espírito e do caráter dessa conversação, comparados com extratos de outras lições, no manuscrito de Alieksiêi Fiódorovitch. O fim do *stáriets* sobreveio duma maneira verdadeiramente inesperada, porque, muito embora todos os assistentes daquela derradeira noite se dessem conta de que sua morte se aproximava, não se podia imaginar que ela ocorresse tão subitamente; pelo contrário, como já o observamos, seus amigos, vendo-o tão disposto e loquaz naquela noite, acreditaram numa melhora sensível, ainda que passageira. Cinco minutos antes de sua morte, não se podia ainda nada prever. Sentiu de repente uma dor aguda no peito, empalideceu, apoiou as mãos no coração. Todos se reuniram solícitos em torno dele; sorrindo, malgrado seus sofrimentos, escorregou da cadeira, pôs-se de joelhos, prosternou-se com a face inclinada para o chão, estendeu os braços, depois, como em êxtase, beijando a terra e rezando (ele próprio o havia ensinado), entregou suavemente, alegremente, sua alma a Deus. A notícia de sua morte espalhou-se logo no eremitério e alcançou o mosteiro. Os íntimos do defunto e os designados por sua posição procederam ao amortalhamento, segundo o antigo rito, e a comunidade reuniu-se na igreja. Antes do dia, tornou-se a notícia conhecida na cidade, constituindo-se o assunto de todas as conversas; muitas pessoas dirigiram-se ao mosteiro. Mas falaremos disso no livro seguinte; digamos somente, por antecipação, que, durante aquele dia, ocorreu um acontecimento tão inesperado e, segundo a impressão que produziu entre os monges e na cidade, a tal ponto estranho e desconcertante, que, até agora, após tantos anos, se guardou em nossa cidade a mais viva recordação daquele dia movimentado...

TERCEIRA PARTE

LIVRO VII

ALIÓCHA

I

O ODOR DELETÉRIO

O corpo do padre Zósima foi preparado para a inumação segundo o rito estabelecido. Não se lavam os monges e os ascetas falecidos, o fato é notório. “Quando um monge é chamado ao Senhor (lê-se no Grande ritual), o irmão preposto ao encargo esfrega-lhe o corpo com água morna, traçando previamente, com a esponja, uma cruz sobre a fronte do morto, sobre o peito, mãos, pés e joelhos e nada mais.” Foi o padre Paísi quem levou a cabo essa operação. Em seguida, revestiu o defunto com o hábito monástico e envolveu-o numa capa, fendendo-a um pouco, como está prescrito, para lembrar a forma da cruz. Puseram-lhe na cabeça um capuz terminado por uma cruz de oito braços, ficando o rosto coberto por um véu negro, e, nas mãos, um ícone do Salvador. O cadáver, assim vestido, foi posto pela manhã num ataúde preparado há muito tempo. Decidiu-se deixá-lo por todo aquele dia no quarto grande que servia de salão. Como pertencesse o defunto à categoria de *ieromonakh*, convinha ler em sua intenção não o *Saltério*, mas o Evangelho. Depois do ofício dos mortos, o padre Ióssif começou a leitura; quanto ao padre Paísi, que queria substituí-lo em seguida pelo resto do dia e da noite, estava no momento muito ocupado e inquieto, bem como o superior do eremitério. Verificava-se, com efeito, entre a comunidade e os leigos que acorreram em multidão algo de extraordinário, uma agitação inaudita, inconveniente mesmo, uma expectativa febril. Os dois religiosos faziam tudo quanto estava ao alcance para acalmar os espíritos superexcitados. Quando clareou suficientemente, viram-se chegar fiéis trazendo consigo seus doentes, sobretudo as crianças, como se só estivessem à espera daquele momento, aguardando uma cura imediata, que não podia tardar em operar-se, segundo a crença deles. Foi somente então que se verificou a que ponto todos tinham o hábito de considerar o defunto *stáriets*, ainda quando vivo, um verdadeiro santo. E os recém-chegados estavam longe de pertencer ao baixo povo. Aquela ansiosa expectativa dos crentes, que se manifestava abertamente, com uma impaciência quase imperiosa, parecia escandalosa ao padre Paísi

e ultrapassava suas previsões. Encontrando religiosos bastante emocionados, falou-lhes assim: “Essa expectativa frívola e imediata de grandes coisas não é possível senão entre os leigos e não convém a nós.” Mas não lhe davam ouvidos, e o padre Paísi percebia isso com inquietação, se bem que ele próprio (se não se quer nada ocultar), embora reprovando esperanças demasiado prontas que achava frívolas e vãs, partilhava delas secretamente, no fundo do coração, quase no mesmo grau, do que se dava conta. No entanto, certos encontros lhe desagradavam bastante e excitavam dúvidas nele, por uma espécie de pressentimento. Foi assim que, na multidão que se aglomerava na cela, notou com repugnância (e censurou-se por isso imediatamente) a presença de Rakítin e do religioso de Obdorsk, que se retardava no mosteiro. Todos dois pareceram de súbito suspeitos ao padre Paísi, embora não fossem os únicos a respeito. Em meio à agitação geral, o monge de Obdorsk movimentava-se mais que todos, viam-no por toda parte fazendo perguntas, de ouvido à escuta, cochichando com ar misterioso. Parecia impaciente e como que irritado pelo fato de não se ter ainda produzido o milagre há muito esperado. Quanto a Rakítin, encontrava-se desde bem cedo no eremitério, como se soube mais tarde, seguindo instruções da senhora Khokhlakova. Assim que essa mulher boa, porém desprovida de caráter e que não tinha acesso ao ascetério, soube, ao despertar, da notícia, foi tomada de tal curiosidade que enviou imediatamente Rakítin com a missão de tudo observar e mantê-la ao corrente por escrito, mais ou menos a cada meia hora, de tudo quanto acontecesse. Tinha ela Rakítin na conta de um rapaz duma piedade exemplar, tão insinuante era ele e tanto sabia fazer-se valer aos olhos de todos, contanto que encontrasse nisso o mínimo lucro. Como o dia se anunciasse belo, numerosos fiéis comprimiam-se em torno dos túmulos; a maior parte agrupava-se em torno da igreja, outros disseminavam-se aqui e ali. O padre Paísi, que dava volta pelo ascetério, pensou de repente em Aliócha, a quem não via há muito tempo. Avistou-o no mesmo instante, no canto mais afastado, perto da cerca, sentado na tumba dum religioso, morto havia muitos anos e famoso por seu ascetismo. Estava de costas para o eremitério, de frente para a cerca, e o monumento quase o escondia. Ao aproximar-se, viu o padre Paísi que ele havia ocultado o rosto nas mãos e chorava amargamente, com o corpo sacudido pelos soluços. Observou-o um instante.

— Basta de choro, caro filho, basta, meu amigo — disse ele por fim com simpatia. — Por que chorar? Rejubila-te, pelo contrário. Ignoras, pois, que este dia é um dia sublime para ele? Pensa somente no lugar onde ele se encontra agora, neste minuto!

Aliócha olhou o monge, descobrindo o rosto molhado de lágrimas como o de um menininho, mas voltou-se imediatamente e tornou a cobrir o rosto com as mãos.

— Talvez tenhas razão em chorar — declarou o padre Paísi, com ar pensativo. — Foi o Cristo quem te enviou essas lágrimas. “Tuas lágrimas de enternecimento são apenas um repouso da alma e servirão para distrair-te o coração” — acrescentou ele consigo mesmo, pensando com afeto em Aliócha. Apressou-se em afastar-se, sentindo que também ele iria chorar, se o olhasse. Entretanto o tempo decorria, sucediam-se as cerimônias fúnebres. O padre Paísi substituiu o padre Ióssif junto do ataúde e prosseguiu a leitura do Evangelho. Mas antes das três horas da tarde ocorreu aquilo de que já falei no fim do livro precedente: um acontecimento tão inesperado, tão contrário à esperança geral, que, repito-o, nossa cidade e seus arredores dele se lembram até hoje com um interesse extraordinário. Acrescentarei que me repugna quase falar desse acontecimento escandaloso, no fundo dos mais vulgares e naturais, e tê-lo-ia decerto passado em silêncio, se não tivesse influído de maneira decisiva sobre a alma e o coração do principal, embora futuro, herói de minha narrativa, Aliócha, nele provocando uma espécie de revolução que lhe agitou a razão, mas o fortaleceu definitivamente para um fim determinado.

Quando, ainda antes do amanhecer, o corpo do *stáriets* foi posto no caixão e transportado para o primeiro quarto, alguém perguntou se era preciso abrir as janelas. Mas essa pergunta, feita incidentalmente, ficou sem resposta e quase não foi percebida, exceto por alguns. A ideia de que tal morto pudesse corromper-se e cheirar mal pareceu-lhes absurda e desagradável (se não cômica), por causa do pouco de fé e da frivolidade que revelava, porque se esperava justamente o contrário. Pouco depois do meio-dia, começou uma coisa, a princípio notada em silêncio por aqueles que iam e vinham, cada qual temendo visivelmente dizer aos outros do que pensava; cerca das três horas, foi aquilo verificado com tal evidência que a notícia se espalhou entre todos os visitantes do eremitério, alcançou o mosteiro, onde mergulhou toda a gente em espanto, e, logo depois, atingiu a cidade, agitando crentes e incrêus. Estes se rejubilaram; quanto aos

crentes, houve entre eles quem se rejubilasse ainda mais, porque “a queda do justo e de sua honra causam prazer”, como dizia o defunto numa de suas lições. O fato é que o ataúde pôs-se a exalar um odor deletério, que foi aumentando. Procurar-se-ia em vão, nos anais de nosso mosteiro, um escândalo semelhante àquele que se desenrolou entre os próprios religiosos, logo após a comprovação do fato, e que teria sido impossível em outras circunstâncias. Bem muitos anos depois, alguns dentre eles, lembrando-se dos incidentes daquele dia, perguntavam a si mesmos com horror como pudera o escândalo atingir tais proporções. Porque, já antes, religiosos irreprocháveis, duma santidade reconhecida, *stártsi* piedosos tinham morrido e seus caixões haviam espalhado um odor deletério que se manifestava naturalmente, como no caso de todos os mortos, mas sem causar escândalo, nem mesmo emoção alguma. Sem dúvida, segundo a tradição, os restos de outros religiosos, mortos há muito tempo, tinham escapado à corrupção, coisa de que a comunidade conservava uma recordação comovida e misteriosa, vendo naquilo um fato miraculoso e a promessa duma glória ainda maior provinha de seus túmulos, se tal fosse a vontade divina. Entre eles, guardavam-se sobretudo a memória do *stáriets* Jó, morto cerca de 1810, na idade de 105 anos, famoso asceta, grande jejuador e taciturno, cujo túmulo era mostrado com veneração a todos os fiéis que chegavam pela primeira vez ao mosteiro, com alusões misteriosas às grandes esperanças que ele suscitava. (Era o túmulo onde o padre Paísi encontrara Aliócha pela manhã.) Além desse, citava-se igualmente o padre Varsonófi, o *stáriets* ao qual havia sucedido o padre Zósima, o qual, quando vivo, todos os fiéis que frequentavam o mosteiro tinham por “inocente”. A tradição pretendia que aqueles dois personagens jaziam em seus ataúdes como se estivessem vivos, que os tinham enterrado intactos, que seus rostos mesmos estavam de certa forma luminosos. Outros lembravam com insistência que seus corpos exalavam um odor suave. No entanto, malgrado lembranças tão sugestivas, seria difícil explicar exatamente como uma cena tão absurda e chocante pôde passar-se junto ao caixão do padre Zósima. Quanto a mim, atribuo-a a diferentes causas que agiram todas juntas. Assim, aquele ódio inveterado ao “starietismo”, tido como uma inovação perniciosa, que existia ainda entre numerosos monges. Em seguida, havia sobretudo a inveja que se tinha à santidade do defunto, tão solidamente estabelecida quando era ele vivo que se tornara como que proibido discuti-la. Porque, muito embora o

stáriets conquistasse uma multidão de corações mais pelo amor que pelos milagres e tivesse constituído como que uma falange com aqueles que o amavam, atraíra, no entanto, por isso mesmo, invejosos, depois inimigos encarniçados, declarados e ocultos, não somente no mosteiro, mas também entre os leigos. Se bem que não houvesse causado dano a ninguém, dizia-se: “Por que passa ele por santo a tal ponto?” E somente essa pergunta, à força de repetida, acabara por engendrar um ódio inextinguível. De modo que, penso que muitos, ao saber que ele cheirava mal ao fim de tão pouco tempo — pois ainda não se passara um dia que ele morrera —, ficaram encantados; da mesma maneira, aquele acontecimento foi quase um ultraje e uma ofensa pessoal para alguns dos partidários do *stáriets* que até então o haviam reverenciado. Eis em que ordem se sucederam as coisas.

Desde que se declarou a corrupção, bastava ver o aspecto dos religiosos que entravam na cela, podia-se adivinhar o motivo que os levava. O que entrava, tornava a sair ao fim de um momento para confirmar a notícia à multidão dos outros que o esperavam. Uns abanavam a cabeça com tristeza, outros não dissimulavam a alegria, que explodia em seus olhares maliciosos. E ninguém lhes fazia censuras, ninguém elevava a voz em favor do defunto, o que era mesmo estranho, porque seus partidários formavam a maioria no mosteiro; mas via-se que o Senhor mesmo permitia que a maioria triunfasse provisoriamente. Em breve, apareceram na cela, também como emissários, leigos, na maior parte pessoas instruídas. O baixo povo não entrava, muito embora se comprimissem em multidão às portas do eremitério. É incontestável que a afluência dos leigos aumentou notavelmente, após três horas, em consequência daquela notícia escandalosa. Os que não teriam talvez vindo naquele dia, chegavam agora com um propósito, e entre eles algumas pessoas duma posição notável. Aliás, o decoro não fora ainda abertamente perturbado, e o padre Paísi, com olhar severo, continuava a ler o Evangelho à parte, com firmeza, como se não notasse nada do que se passava, se bem que já tivesse observado algo de insólito. Mas vozes a princípio tímidas, que se firmaram pouco a pouco e tomaram certa audácia, chegaram até seus ouvidos. “De modo que o julgamento de Deus não é dos homens!”, ouviu de repente o padre Paísi. Essa reflexão foi formulada a princípio por um leigo, funcionário da cidade, homem de certa idade, que passava por muito piedoso; não fez, aliás, senão repetir em voz alta o que os religiosos diziam entre si ao ouvido há muito tempo.

O pior é que proferiam essas palavras pessimistas com uma espécie de satisfação que ia aumentando. Em breve, começou o decoro a ser perturbado, dir-se-ia que todos se sentiam autorizados a agir assim. “Como pôde ocorrer isso?”, diziam alguns, a princípio como se lamentando, “ele não era corpulento, só tinha a pele e os ossos, por que haveria de feder?” — “É uma advertência de Deus”, apressavam-se em acrescentar outros, cuja opinião prevalecia, porque indicavam que se o odor tivesse sido natural, como para todo pecador, ter-se-ia manifestado mais tarde, após 24 horas pelo menos, mas “isso adiantou-se à natureza”, portanto deve-se ver nisso o dedo de Deus. Esse raciocínio era irrefutável. O manso padre Ióssif, o bibliotecário, favorito do defunto, pôs-se a objetar contra certos maldizentes que “não era em toda parte assim”, que a incorruptibilidade do corpo dos justos não era um dogma da ortodoxia. mas apenas uma opinião, e que, nas regiões mais ortodoxas, no monte Atos, por exemplo, dá-se menos importância ao odor deletério; não é a incorruptibilidade física que passa lá como o principal sinal da glorificação dos redimidos, mas a cor de seus ossos, depois que seus corpos permaneceram longos anos sob a terra: “Se os ossos se tornarem amarelos como a cera, significa que o Senhor glorificou um justo; mas se ficarem negros, é que o Senhor não o julgou digno. Eis como se procede no monte Atos, santuário onde se conservam em toda a pureza as tradições da ortodoxia”, concluiu o padre Ióssif. Mas as palavras do humilde padre não causaram impressão e provocaram mesmo réplicas irônicas: “Tudo isso é erudição e novidades, não adianta ouvi-lo”, decidiram entre si os religiosos. “Mantemos os antigos usos; seria preciso imitar todas as novidades que apareçam?”, acrescentavam outros. “Temos tantos santos quanto eles. No monte Atos, sob o jugo turco, esqueceram tudo. A ortodoxia alterou-se entre eles faz muito tempo, nem sinos têm”, encareciam os mais irônicos. O padre Ióssif retirou-se cheio de pesar, tanto mais quanto exprimira sua opinião com pouca segurança e sem ajuntar-lhe muita fé. Previa, em sua perturbação, uma cena chocante e um começo de insubordinação. Pouco a pouco, em seguida ao padre Ióssif, todas as vozes prudentes se calaram. Como por uma espécie de acordo, todos aqueles que haviam amado o defunto e aceitado com terna submissão a instituição do “starietismo”, foram de súbito tomados de pavor e limitavam-se a trocar olhares tímidos quando se encontravam. Os inimigos do “starietismo”, a que consideravam novidade, erguiam

altivamente a cabeça: “Não somente o padre Varsonófi não fedia, mas espalhava um odor suave”, recordavam eles com alegria maligna. “Seus méritos e não sua posição lhe tinham valido essa justificação.” Em seguida, a censura e até mesmo as acusações não foram poupadas contra o defunto: “Ensinava erradamente que a vida é uma grande alegria e não uma humilhação dolorosa”, diziam alguns entre os mais obtusos. “Cria segundo a nova moda, não admitia o fogo material no inferno”, acrescentavam outros ainda mais obtusos. “Não jejuava rigorosamente, permitia-se o uso de doces, comia mesmo docinhos de cereja com chá, de que gostava muito e que lhe eram enviados pelas senhoras. Convém a um asceta beber chá?”, diziam outros invejosos. “Pontificava cheio de orgulho — lembravam com encarniçamento os mais malévolos —, acreditando-se um santo, ajoelhavam-se diante dele que aceitava isso como coisa devida.” “Abusava do sacramento da confissão”, cochichavam malignamente os mais fogosos adversários do “starietismo” e, entre eles, religiosos idosos, de uma devoção rigorosa, verdadeiros jejuadores taciturnos, que haviam guardado silêncio durante a vida do defunto, mas abriam agora a boca, coisa deplorável, porque suas palavras influíam fortemente sobre os jovens religiosos, ainda hesitantes. O monge de São Silvestre, vindo de Obdorsk, era todo ouvidos, suspirava profundamente, abanava a cabeça: “O padre Fierapont tinha razão ontem”, pensava ele consigo, e justamente naquele momento apareceu ele, como para redobrar a confusão.

Já dissemos que ele raramente deixava sua cela de madeira no apiário, ficava mesmo muito tempo sem ir à igreja, e que não ligavam a essas fantasias atribuídas à sua maluquice, desobrigando-o do regulamento. Mas, para falar toda a verdade, viam-se seus superiores obrigados a mostrar-se tolerantes para com ele. Porque teriam escrúpulo em impor formalmente a regra comum a tão grande jejuador, e taciturno, que rezava dia e noite, adormecendo mesmo de joelhos. “E mais santo que nós todos e suas austeridades ultrapassam a regra”, teriam dito então os religiosos; “se não vai à igreja, sabe ele mesmo quando é preciso ir, segue sua própria regra”. Era para evitar esses murmúrios prováveis e o escândalo que se deixava em paz o padre Fierapont. Como todos o sabiam, sentia ele verdadeira aversão pelo padre Zósima e, de repente, soube em sua cela que “o julgamento de Deus não era o dos homens e havia-se adiantado à natureza”. Pode-se crer que o monge de Obdorsk, que voltara cheio de medo de sua visita da véspera, tivesse sido um dos primeiros a correr para

dar-lhe a notícia. Mencionei também que o padre Paísi, que lia impassível o Evangelho diante do ataúde, sem ver nem ouvir o que se passava lá fora, havia, no entanto, pressentido o essencial, porque conhecia a fundo o seu meio. Não estava perturbado e, pronto para qualquer eventualidade, observava com um olhar penetrante a agitação cujo resultado já previa. De repente, um rumor insólito e inconveniente no vestibulo, feriu-lhe os ouvidos. A porta escancarou-se, e o padre Fierapont apareceu no limiar.

Da cela, distinguíam-se nitidamente numerosos monges que o tinham acompanhado e se comprimiam no pé do patamar e entre eles leigos. No entanto, não entraram, mas esperaram o que diria e faria o padre Fierapont, porque previam, não sem temor, malgrado sua ousadia, que, por algum motivo comparecera ele ali. Parando no limiar, o padre Fierapont ergueu as mãos, e, por baixo de seu braço direito assomaram os olhos agudos e curiosos do visitante de Obdorsk, incapaz de conter-se, tendo subido sozinho atrás dele por causa de sua extrema curiosidade. Os outros, uma vez que a porta se abriu com estrondo, recuaram, pelo contrário, presas dum medo súbito. De braços erguidos, o padre Fierapont vociferou:

— Eu afugento os demônios! — E pôs-se logo, voltando-se sucessivamente para os quatro cantos da cela, a fazer o sinal da cruz. Os que o acompanhavam compreenderam imediatamente o sentido de seu ato, sabendo que não importa aonde ele fosse, antes de sentar-se e de falar, exorcismava o maligno.

— Fora daqui, Satanás, fora daqui! — repetia ele a cada sinal da cruz. — Afugento os demônios! — vociferou de novo. Sua batina grosseira estava cingida por uma corda, sua camisa de cânhamo deixava ver seu peito cabeludo. Tinha os pés inteiramente nus. Assim que agitou os braços, ouviu-se o tinir das pesadas correntes que trazia sob o hábito. O padre Paísi parou de ler, adiantou-se e ficou diante dele na expectativa.

— Por que vieste, reverendo padre? Por que perturbar a ordem? Por que escandalizar o rebanho humilde? — proferiu ele afinal, olhando-o com severidade.

— Por que vim? Que perguntas tu? Que crês tu? — gritou o padre Fierapont com ar desvairado. — Vim afugentar vossos hóspedes, os demônios impuros. Verei se vós abrigastes muitos na minha ausência. Quero varrê-los daqui.

— Afugentas o maligno e talvez tu mesmo o sirvas — prosseguiu intrepidamente o padre Paísi —, e quem pode dizer de si mesmo: “Sou

santo”? És tu, meu padre?

— Sou manchado e não santo. Não me sento numa cadeira e não quero ser adorado como um ídolo! — trovejou o padre Fierapont. — Agora, os homens arruínam a santa fé. O defunto, vosso santo — e voltou-se para a multidão, apontando com o dedo o caixão —, rejeitava os demônios. Dava uma droga contra eles. E ei-los que pululam em vossa casa, como as aranhas nos cantos. Agora, ele próprio fede. Vemos nisso uma séria advertência do Senhor.

Era uma alusão a um fato real. O maligno aparecera a um dos religiosos, a princípio em sonho, depois em estado de vigília. Apavorado, relatou a coisa ao *stáriets* Zósima, que lhe prescreveu um jejum rigoroso e orações fervorosas. Como nada desse jeito, aconselhou-o a tomar um remédio, sem renunciar às práticas piedosas. Muitos então ficaram chocados e discorriam entre si, abanando a cabeça, sobretudo o padre Fierapont, ao qual certos detratores se tinham apressado em ir contar aquela prescrição “insólita” do *stáriets*.

— Vá embora, padre! — disse imperiosamente o padre Paísi. — Não cabe aos homens julgar, mas a Deus. Talvez vejamos aqui uma “advertência” que ninguém é capaz de compreender, nem tu nem eu. Vá embora, padre, e não escandalizes o rebanho! — repetiu ele num tom firme.

— Não observava ele o jejum prescrito aos professos, eis donde vem essa advertência. Isso é claro, é um pecado dissimulá-lo! — prosseguiu o fanático, deixando-se arrebatado por seu zelo extravagante. — Adorava os bombons que as senhoras lhe traziam nos bolsos; sacrificava seu ventre, enchia-se de doçuras, nutria seu espírito de pensamentos arrogantes... De modo que está sofrendo essa ignomínia...

— Tuas palavras são fúteis, padre. Admiro teu jejum e teu ascetismo, mas tuas palavras são fúteis, tais como as que pronunciaria no mundo um rapazola inconstante e estouvado. Vá, padre, ordeno-te! — concluiu o padre Paísi, com voz trovejante.

— Ir-me-ei! — proferiu o padre Fierapont, como que desconcertado, mas sempre cheio de cólera. — Vós vos orgulhais de vossa ciência diante de minha nulidade. Cheguei aqui pouco instruído, aqui esqueci o que sabia, o Senhor mesmo me preservou, a mim, mesquinho que sou, de vossa grande sabedoria...

Imóvel diante dele, o padre Paísi esperava com firmeza.

O padre Fierapont calou-se alguns instantes e, de súbito, ensombreceu-se, levou a mão direita à face, e pronunciou com voz arrastada, olhando o caixão do *stáriets*:

— Amanhã cantar-se-á para ele: “Ajuda e Protetor”, hino glorioso, e para mim, quando eu arrebentar, apenas: “Que vida bem-aventurada”,⁶⁶ medíocre versículo — disse ele, num tom de pesar. — Vós vos orgulhastes e inchastes, este lugar está deserto! — berrou ele, como um insensato, e, agitando os braços, voltou-se rapidamente e desceu à pressa os degraus do patamar. A multidão que o esperava hesitou; alguns o seguiram imediatamente, outros demoraram, porque a cela continuava aberta e o padre Paísi, que saíra para o patamar, observava, imóvel. Mas o velho fanático não acabara: a vinte passos, voltou-se para o sol poente, ergueu os braços no ar e — como que ceifado — desabou no chão, gritando:

— Meu Senhor venceu! O Cristo venceu o sol poente! — urrava ele como um possesso, os braços estendidos para o sol e caído com o rosto contra o chão; chorava como uma criancinha, sacudido pelos soluços, afastando os braços na terra. Todos então lançaram-se para ele, repercutiram exclamações, soluços... Uma espécie de delírio apoderara-se de todos eles.

— Eis um santo! Eis um justo! — exclamava-se sem temor. — Merece ser *stáriets* — acrescentavam outros com arrebatamento.

— Ele não quererá ser *stáriets*... ele próprio recusará... não servirá a essa novidade maldita... não irá imitar as loucuras deles — continuaram outras vozes.

É difícil imaginar o que teria acontecido, mas justamente naquele momento o sino tocou chamando ao serviço divino. Todos se benzeram. O Padre Fierapont levantou-se e fez o mesmo, depois dirigiu-se para sua cela sem se voltar, pronunciando palavras incoerentes. Pequeno número de pessoas o seguiu, mas a maior parte se dispersou, com pressa de ir à cerimônia. O padre Paísi cedeu o lugar ao padre Ióssif e saiu. Os clamores dos fanáticos não podiam abalá-lo, mas sentiu de súbito uma tristeza e uma angústia singulares invadirem-lhe o coração. Perguntou a si mesmo donde lhe vinha essa tristeza que chegava até o abatimento e compreendeu que provinha, ao que parecia, duma causa insignificante. O fato é que, na multidão que se apertava à entrada da cela, avistara Aliócha entre os agitados e lembrava-se de ter experimentado então uma espécie de

sofrimento. “Esse rapaz manteria agora tal lugar em meu coração?”, perguntou a si mesmo, com surpresa. Naquele instante, passou Aliócha ao lado dele, apressando-se não se sabe para onde, mas não para a igreja. Seus olhares encontraram-se. Aliócha desviou os olhos e baixou-os; somente por seu aspecto adivinhou o padre Paísi a profunda mudança que se operava nele naquele momento.

— Foste também seduzido!? — exclamou o padre Paísi. — Estarias também com as pessoas de pouca fé? — acrescentou, tristemente.

Aliócha parou, olhou-o vagamente, depois de novo desviou os olhos e baixou-os. Mantinha-se de lado, sem encarar seu interlocutor. O padre Paísi observava-o atentamente.

— Aonde vais tão depressa? Tocam para o ofício — disse ele ainda, mas Aliócha não respondeu.

— Deixarias o eremitério sem autorização, sem receber a bênção?

De repente Aliócha sorriu constrangidamente, lançou um olhar dos mais estranhos ao padre Paísi, que o interrogava, aquele padre ao qual o confiara, antes de morrer, seu antigo diretor, o mestre de seu coração e de seu espírito, seu *stáriets* bem-amado; depois, sempre sem responder, agitou a mão como se já nem cuidasse do respeito devido e dirigiu-se a passos rápidos para a saída do eremitério.

— Tu voltarás! — murmurou o padre Paísi, acompanhando-o com os olhos e com dolorosa surpresa.

II

MOMENTO CRÍTICO

O padre Paísi não se enganava ao decidir que seu “caro rapaz” voltaria; talvez mesmo compreendesse, senão totalmente, pelo menos com sagacidade, o verdadeiro estado d’alma de Aliócha. Não obstante, confesso que me seria agora muito difícil definir exatamente aquele momento estranho da vida do jovem e simpático herói de minha narrativa. A pergunta entristecida que o padre Paísi fazia a Aliócha: “Estarias também com as pessoas de pouca fé?”, poderia eu decerto responder com firmeza em lugar dele: “Não, não está com elas.” Mais ainda, era até muito pelo

contrário: sua perturbação provinha precisamente de sua fé ardente. Existia, contudo, essa perturbação, e tão dolorosa que, mesmo muito tempo depois, considerava Aliócha aquele triste dia como um dos mais penosos e dos mais funestos de sua vida. Se se pergunta: “É possível que experimentasse ele tanta angústia e agitação unicamente porque o corpo de seu *stáriets*, em lugar de operar milagres, se havia, pelo contrário, rapidamente decomposto?”, responderei sem reboços: “Sim, é bem isso.” Rogarei todavia ao leitor que não se apresse em rir da simplicidade de meu rapaz. Não somente não tenho a intenção de pedir perdão por ele, ou de desculpar e de justificar sua fé ingênua atribuindo-a à sua juventude, por exemplo, ou aos fracos progressos realizados em seus estudos, etc., mas declaro, pelo contrário, sentir sincero respeito pela natureza de seu coração. Seguramente, outro rapaz, acolhendo com reserva as impressões do coração, morno e não ardente em suas afeições, leal, mas de espírito por demais judicioso para sua idade, tal rapaz, digo eu, teria evitado o que aconteceu ao meu; mas, em certos casos, é mais honroso ceder por inteiro ao impulso, ainda que pouco sensato, provocado por um grande amor, que a ele resistir. Com mais forte razão na juventude, porque um rapaz constantemente judicioso é suspeito e não vale grande coisa, eis minha opinião! “Mas — dirão talvez as pessoas sensatas — todo rapaz não pode crer em tal preconceito e o vosso não é um modelo para os outros.” Ao que responderei: “Sim, meu rapaz acreditava com fervor, totalmente, mas não pedirei perdão para ele.”

Muito embora haja eu declarado mais acima (talvez com demasiada pressa) não querer desculpar nem justificar meu herói, vejo que uma explicação é necessária para a compreensão ulterior da narrativa. Não se tratava aqui de esperar milagres com uma impaciência frívola. E não é para o triunfo de certas convicções que Aliócha tinha então necessidade de milagres, nem pelo que alguma ideia preconcebida sobre alguma outra, de maneira alguma; antes de tudo, no primeiro plano, surgia diante dele uma figura que absorvia tudo, a figura de seu *stáriets* bem-amado, do justo a quem tanto venerava. Era sobre ele, sobre ele só, que se concentrava por vezes, pelo menos em seus mais vivos impulsos, todo o amor que ele trazia em seu jovem coração “por todos e por tudo”, agora e no ano anterior. Na verdade, aquele ser encarnava desde tanto tempo a seus olhos o ideal absoluto, que a ele aspirava com todas as forças de sua juventude, exclusivamente, até a esquecer, por momentos “todos e tudo”. (Lembrou-

se mais tarde de ter completamente esquecido, naquele penoso dia, seu irmão Dimítri, com o qual tanto se preocupava na véspera; esquecera-se também de levar os duzentos rublos ao pai de Iliúcha, como prometera a si mesmo fazê-lo.) Não era de milagres que necessitava, mas somente da justiça suprema, violada a seus olhos, o que o magoava profundamente. Que importava que aquela justiça esperada por Aliócha tomasse pela força das coisas a forma de milagres operados imediatamente pelos despojos de seu antigo diretor a quem adorava? Era o que pensava e esperava todo mundo, no mosteiro, mesmo aqueles diante dos quais ele se inclinava, o padre Paísi, por exemplo; Aliócha, sem se deixar perturbar pela dúvida, pensava da mesma maneira que eles. Um ano inteiro de vida monástica o havia preparado para isso, seu coração estava acostumado àquela expectativa. Mas tinha sede de justiça e não somente de milagres! E aquele que deveria ter sido, segundo sua esperança, elevado acima de todos, achava-se rebaixado e coberto de vergonha! Por que isso? Quem era juiz? Essas questões atormentavam seu coração inocente. Fora ofendido e ficara mesmo irritado por ver o justo entre os justos entregue às zombarias malévolas da multidão frívola, tão inferior a ele. Que nenhum milagre se houvesse realizado, que a expectativa geral tivesse sido iludida, ainda passava! Mas por que aquele opróbrio, aquela decomposição apressada que “se adiantava à natureza”, como diziam os monges malévolos? Por que aquela “advertência” com que triunfavam em companhia do padre Fierapont, por que se criam autorizados a isso? Onde estava, pois, a Providência? Com que fim se havia Ela retirado “no momento decisivo” (pensava Aliócha), parecendo submeter-se às leis cegas e impiedosas da natureza?

De modo que o coração de Aliócha sangrava; como já o dissemos, tratava-se do ser a quem ele mais amava no mundo e que ficara “coberto de ignomínia e de infâmia!”. Queixas fúteis e insensatas, mas, repito-o pela terceira vez (e talvez com frivolidade, concordo): causa-me satisfação não se ter meu rapaz mostrado discreto em semelhante momento, porque a discricão vem sempre a seu tempo, quando não se é tolo; ao passo que se num momento como aquele não tivesse havido amor no coração do rapaz, quando teria havido? É preciso mencionar, no entanto, um fenômeno estranho, mas passageiro, que se manifestou no espírito de Aliócha naquele instante crítico. Era, a intervalos, uma impressão dolorosa resultante da conversa da véspera com seu irmão Ivan, que o obsedava

agora. Não que suas crenças fundamentais estivessem de algum modo abaladas: amava seu Deus e Nele cria firmemente, se bem que houvesse murmurado subitamente contra Ele. No entanto, uma impressão confusa, mas penosa e má, proveniente daquela conversa, surgiu em sua alma, tendendo a impor-se cada vez mais. Ao cair da noite, Rakítin, que atravessava o bosque de pinheiros para ir ao mosteiro, avistou Aliócha, estendido sob uma árvore, o rosto contra a terra, imóvel e parecendo dormir. Aproximou-se e interpelou-o.

— És tu, Alieksiêi? Será possível que tu... — proferiu ele, admirado, mas não terminou. Queria dizer: “Será possível que hajas chegado a esse ponto?” Aliócha não voltou a cabeça, mas, segundo um movimento que ele fez, adivinhou Rakítin que ele o ouvia e compreendia.

— Que tens afinal? — prosseguiu ele, surpreso, mas um sorriso irônico aparecia já em seus lábios. — Escuta, procuro-te há mais de duas horas. Desapareceste de repente. Que fazes, pois, aqui? Olha-me, pelo menos!

Aliócha ergueu a cabeça, sentou-se, encostando-se à árvore. Não chorava, mas seu rosto exprimia o sofrimento. Lia-se a irritação nos olhos. Aliás, não olhava Rakítin, mas para o lado.

— Mas não tens mais o mesmo rosto! Tua famosa doçura desapareceu. Zangaste-te contra alguém? Ofenderam-te?

— Deixa-me! — disse de súbito Aliócha, sem olhá-lo, com um gesto de lassidão.

— Oh! Oh, eis como estamos! Um anjo, gritar como os simples mortais! Ora essa, Aliócha, francamente, tu me surpreendes, a mim que de nada me espanto. Acreditava que fosses um homem instruído.

Aliócha olhou para ele afinal, mas com um ar distraído, como se o compreendesse mal.

— E tudo isso porque o teu velho cheira mal! Acreditavas seriamente que ele ia fazer milagres? — exclamou Rakítin, com sincero espanto.

— Acreditei-o, acredito-o, quero acreditá-lo sempre! Que precisas mais? — perguntou Aliócha, com irritação.

— Nada absolutamente, meu caro. Que diabo, os escolares de 13 anos não creem mais nisso! Então, tu te zangaste, eis-te agora revoltado contra Deus: nada de pagamento, nada de condecoração! Que miséria!

Aliócha olhou-o longamente, com os olhos semicerrados, um clarão passou neles... mas não era de cólera contra Rakítin.

— Não me revolto contra meu Deus, apenas não aceito Seu Universo — disse ele, com um sorriso constrangido.

— Como, não aceitas o Universo? — e Rakítin refletiu um instante. — Que trapalhada é essa?

Aliócha não respondeu.

— Deixemos essas bagatelas; ao fato! Comeste hoje?

— Não me lembro... Creio que sim.

— Deves restaurar-te, tens ar de esgotamento, faz pena ver. Não dormiste esta noite, ao que parece, tiveste uma sessão. Em seguida toda essa barafunda, essas palhaçadas. Com certeza não te empanturraste senão de pão bento. Tenho no bolso um salsichão que trouxe ainda há pouco da cidade, por prevenção, mas não haverias de querer...

— Dá-me.

— Ah! Ah! Então, é a revolta franca, as barricadas! Pois bem, irmão, não percamos tempo. Vem à minha casa... Beberei de boa vontade vodca, estou fatigadíssimo. A vodca, decerto, não te tenta... Gostarias?

— Dá-me vodca também.

— Ah, bravo! É curioso! — exclamou Rakítin, lançando-lhe um olhar estupefato. — Seja como for, vodca ou salsichão não são de desdenhar, vamos!

Aliócha levantou-se sem dizer palavra e seguiu Rakítin.

— Se teu irmão Ivan Fiódorovitch te visse, ele é quem ficaria surpreendido! A propósito, sabes que ele partiu esta manhã para Moscou?

— Sei — disse Aliócha, com indiferença. De repente, a imagem de Dimítri apareceu-lhe, um instante apenas; lembrou-se vagamente de um negócio urgente, de um dever imperioso a cumprir, mas essa recordação não lhe causou nenhuma impressão, não chegou até seu coração, apagou-se logo de sua memória. Mais tarde, lembrou-se disso por muito tempo.

— Teu irmão Vânia chamou-me uma vez de palerma liberal. Tu mesmo me deste um dia a entender que eu era desonesto... Pois seja. Vão ser vistas agora vossas capacidades e vossa honestidade (isso Rakítin cochichou para si mesmo). Escuta — continuou ele em voz alta —, evitemos o mosteiro, a vereda nos leva diretamente à cidade... Hum! Devo passar em casa da Khokhlakova. Escrevi-lhe a respeito dos acontecimentos

e imagina que ela me respondeu por um bilhete a lápis (adora escrever, essa dona) que “não teria jamais esperado semelhante conduta da parte de um *stáriets* tão respeitável como o padre Zósima!”. *Sic*. Ela também zangou-se. Sois todos iguais! Espera!

Parou bruscamente e, com a mão sobre o ombro de Aliócha, reteve-o, dizendo:

— Sabes, Aliócha? — Olhava-o bem dentro dos olhos, sob a impressão de uma ideia súbita que temia visivelmente formular, malgrado seu ar zombeteiro, tanta dificuldade tinha em crer nas novas disposições de Aliócha. — Sabes aonde faríamos bem em ir? — disse, num tom insinuante.

— Aonde queiras... tanto faz.

— Vamos à casa de Grúchenka, hein? Queres? — disse por fim Rakítin, todo tremente de expectativa.

— Vamos — respondeu tranquilamente Aliócha. Rakítin esperava tão pouco esse pronto consentimento que quase deu um salto para trás.

— Até que enfim! — ia ele exclamar, mas agarrou Aliócha pelo braço e arrastou-o rapidamente, temendo vê-lo mudar de opinião. Caminhavam em silêncio. Rakítin tinha medo de falar.

— Como ficará ela contente!... — quis ele dizer, mas calou-se. Não era decerto para fazer prazer a Grúchenka que lhe levava Aliócha; um homem sério como ele só agia por interesse. Tinha um duplo fim: vingar-se em primeiro lugar, contemplar “a ignomínia do justo” e a “queda” provável de Aliócha, “de santo tornado pecador”, do que se rejubilava de antemão; além disso, tinha em vista uma vantagem material de que se tratará mais longe.

“Eis uma ocasião que é preciso agarrar pelos cabelos”, pensava ele com uma alegria maligna.

III

A CEBOLA

Grúchenhka morava no bairro mais animado, perto da praça da igreja, em casa da viúva do comerciante Morózov, onde ocupava no pátio um pequeno pavilhão de madeira. A casa Morózova,⁶⁷ de pedra, de dois andares, era velha e feia. A proprietária, mulher idosa, vivia ali sozinha com duas sobrinhas, solteironas. Não tinha necessidade de alugar seu pavilhão, mas sabia-se que admitira Grúchenhka como locatária (quatro anos antes) unicamente para comprazer seu parente, o comerciante Samsónov, protetor declarado de Grúchenhka. Dizia-se que o velho ciumento, instalando em casa dela sua “favorita”, contava com a vigilância da velha para fiscalizar a conduta de sua locatária. Mas essa vigilância tornou-se em breve inútil, de sorte que a senhora Morózova só via raramente Grúchenhka e cessara de importuná-la espionando-a. Na verdade, quatro anos já haviam decorrido desde que o velho trouxera da sede do distrito aquela jovem de 18 anos, tímida, acanhada, franzina, magra, pensativa e triste, e muita água havia passado sob as pontes. Não se sabia nada de preciso sobre ela em nossa cidade e nada mais se soube depois, mesmo quando muitos começaram a interessar-se pela beleza perfeita que se tornara, em quatro anos, Agrafiëna Aliëksándrovna. Contava-se que, aos 17 anos, fora seduzida por um oficial que logo a abandonara. Partira para casar-se, deixando Grúchenhka na ignomínia e na miséria. Dizia-se, aliás, que, apesar de tudo, provinha Grúchenhka de uma família honrada e dum meio eclesiástico, sendo filha de um diácono em disponibilidade, ou algo parecido. Em quatro anos, a órfã sensível, desgraçada, franzina tornara-se viçosa, rosada, uma beleza russa de caráter enérgico, orgulhosa, impudente, hábil em manejar o dinheiro e em adquirir, avara e avisada, que soubera, honestamente ou não, amontoar certo capital. Uma única coisa não deixava dúvida alguma: é que Grúchenhka era inacessível e, exceto o velho, seu protetor, ninguém, durante quatro anos, pudera vangloriar-se de ter-lhe conquistado os favores. O fato era certo, porque muitos suspirantes se haviam apresentado, sobretudo nos dois últimos anos. Mas todas as tentativas fracassaram e alguns tiveram de bater em retirada, cobertos de ridículo, graças à resistência daquela jovem criatura de caráter enérgico. Sabia-se ainda que ela se ocupava com negócios, sobretudo desde um ano, e manifestava nisso capacidades notáveis, tanto que muitos tinham acabado por chamá-la de judia. Não que emprestasse com usura, mas sabia-se, por exemplo, que, em companhia de Fiódor Pávlovitch Karamázov, resgatara,

durante algum tempo, promissórias a preço vil, pelo décimo do valor, conseguindo recuperar em seguida, em certos casos, a totalidade da dívida. O velho Samsónov, cujos pés inchados não o transportavam mais havia um ano, viúvo que tiranizava os filhos maiores, capitalista duma avareza impiedosa, caíra, no entanto, sob a influência de sua protegida, a quem no começo tratara com mesquinha, a pão e laranja, a “óleo de semente de cânhamo”, como diziam os zombadores. Mas Grúchenhka soubera emancipar-se, ao mesmo tempo que lhe inspirava uma confiança sem limites quanto à sua fidelidade. Aquele velho, grande homem de negócios, tinha também um caráter notável: avaro e duro como pedra, se bem que Grúchenhka o tivesse subjugado a ponto de não poder ele passar sem ela, não chegou a conceder-lhe capitais importantes e, mesmo se ela o houvesse ameaçado de abandoná-lo, teria ficado inflexível. Em compensação, reservou-lhe certa soma, e, quando se soube disso, foi motivo de espanto para todo mundo. “Tu não és tola — disse ele, dando-lhe oito mil rublos —, opera tu mesma, mas fica sabendo que fora de tua pensão anual, como antes, não receberás nada mais até minha morte e que não te deixarei nada em testamento.” Manteve a palavra e seus filhos, que sempre mantivera em sua casa como criados com as mulheres e os filhos, herdaram tudo; Grúchenhka nem mesmo mencionada foi no testamento. Com seus conselhos sobre a maneira de fazer valer seu capital, ajudou-a ele notavelmente e indicou-lhe “negócios”. Quando Fiódor Pávlovitch Karamázov, que entrou em relações com Grúchenhka, a propósito duma operação “fortuita”, acabou ficando apaixonado por ela a ponto de perder a razão. O velho Samsónov, que já estava com um pé na sepultura, divertiu-se muito. É de notar que Grúchenhka foi, durante todo o tempo de suas relações com o velho, plena e até cordialmente sincera para com ele, e isso, ao que parece, não o fora com nenhum outro homem do mundo. Mas, quando Dimítري Fiódorovitch entrou na fila, o velho cessou de rir: “Se for preciso escolher entre os dois — disse-lhe ele, uma vez, seriamente —, escolhe o pai, mas com a condição de que o velho patife case contigo e te consigne antecipadamente certo capital. Não te ligués com o capitão, não tirarás disso nenhum proveito.” Assim falou o velho libertino, pressentindo seu fim próximo: morreu, com efeito, cinco meses depois. Seja dito de passagem, se bem que na cidade a rivalidade absurda e chocante dos Karamázov, pai e filho, fosse conhecida há muito, que as verdadeiras relações de Grúchenhka com cada um deles permaneciam

ignoradas da maior parte. Até mesmo as criadas (após o drama de que falaremos) testemunharam em justiça que Agraſiena Alieksándrovna recebia Dimíttri Fiódorovitch unicamente por temor, porque ameaçara matá-la. Tinha duas criadas, uma cozinheira bastante idosa, há muito tempo a serviço da família, doente e quase surda, e sua neta, esperta, arrumadeira de vinte anos de idade. Grúchenka vivia muito parcamente, num interior dos mais modestos, três peças mobiliadas de acaju pela proprietária, no estilo de 1820. À chegada de Rakítin e Aliócha, era já noite, mas ainda não haviam acendido as luzes. A jovem mulher estava estendida no salão, sobre seu divã de espaldar de acaju, duro e recoberto de couro, já usado e furado, com a cabeça apoiada em dois travesseiros. Repousava de costas, imóvel, com as mãos atrás da cabeça, trajava um vestido de seda preta, com um toucado de renda que lhe assentava admiravelmente; nos ombros, um fichu preso por um broche de ouro maciço. Esperava alguém, inquieta e impaciente, a tez pálida, os lábios e os olhos ardentes, com o pezinho a bater compassadamente no braço do divã. Ao rumor que fizeram os visitantes ao entrar, saltou para o soalho, gritando com voz de terror: “Quem vem lá?” A arrumadeira apressou-se em tranquilizar a ama.

— Não é ele, não tenha medo.

“Que terá ela?”, murmurou Rakítin, levando Aliócha pelo braço para o salão. Grúchenka continuava de pé, ainda mal reposta de seu terror. Uma grossa mecha dos cabelos castanhos, escapada de seu toucado, caía-lhe sobre o ombro esquerdo; ela, porém, não lhe deu atenção e só a arranjou quando reconheceu os visitantes.

— Ah! És tu, Rakitka? Causaste-me medo! Com quem estás? Meu Deus, eis quem me trazes! — exclamou ela, ao perceber Aliócha.

— Manda então acender a luz! — disse Rakítin, com o tom dum familiar que tem direito de mandar na casa.

— Decerto... Fiénia, traze-lhe uma vela... Achaste o momento azado para trazê-lo. — Fez um sinal com a cabeça a Aliócha e arranjou seus cabelos diante do espelho. Parecia descontente.

— Não te agrada isso? — perguntou Rakítin, com súbito ar de enfado.

— Causaste-me medo, Rakitka, eis tudo — e Grúchenka voltou-se sorrindo para Aliócha. — Não tenhas medo de mim, meu caro Aliócha, estou encantada com tua visita inesperada. Pensava que era Mítia que

queria entrar à força. Vês tu? Enganei-o ainda há pouco, jurou-me que acreditava em mim e menti-lhe. Disse-lhe que ia à casa de meu velho Kuzmá Kuzmitch fazer contas a noite toda. Vou lá, com efeito, uma vez por semana. Fechamo-nos a chave: ele cavaca suas contas, e eu escrevo nos livros. Ele só se fia em mim. Como foi que Fiénia deixou que vocês entrassem? Fiénia, corre ao portão, verifica se o capitão não anda rondando por perto! Está talvez escondido e nos espiona, tenho um medo terrível!

— Não há ninguém, Agrafiena Alieksándrovna. Olhei para todos os lados, vou espiar a cada instante pelas frestas, porque eu também tenho medo.

— Os postigos estão fechados, Fiénia, fecha as cortinas, senão ele verá a luz. Temo hoje teu irmão Mítia, Aliócha. — Grúchenhka falava muito alto, com ar inquieto e superexcitado.

— Por que o temes tanto hoje? — perguntou Rakítin. — Comumente, ele não te causa terror. Tu o fazes andar como bem entendes.

— Digo-te que espero uma notícia, de modo que Mítia seria aqui demais agora. Não acreditou que eu ia à casa de Kuzmá Kuzmitch, tenho essa impressão. Agora, deve estar montando guarda no jardim da casa de Fiódor Pávlovitch. Se está emboscado lá, não virá aqui, tanto melhor! Fui deveras à casa do velho e Mítia me acompanhava; fi-lo prometer ir procurar-me à meia-noite. Dez minutos depois, saí e corri até aqui, tremendo de medo de que ele me tornasse a encontrar.

— Por que estás tão bem-vestida? Tens um toucado bastante curioso.

— Tu mesmo é que és bastante curioso, Rakítin! Repito-te que estou esperando uma notícia. Assim que a receber, levantarei voo e vocês não me verão mais. Eis por que me preparei assim.

— E para onde levantarás voo?

— Se te perguntarem, dirás que não sabes de nada.

— Como está ela alegre!... Nunca te vi assim. Está enfeitada como quem vai a um baile! — admirou-se Rakítin, examinando-a.

— Estás ao corrente dos bailes?

— E tu?

— Eu vi um baile. Há três anos, quando Kuzmá Kuzmitch casou seu filho; eu olhava da tribuna. Mas por que conversarei contigo, quando tenho um príncipe como hóspede? Meu caro Aliócha, não quero crer em meus

olhos; como aconteceu que viesses à minha casa? Na verdade, não te esperava, jamais acreditei que pudesses vir. O momento é mal escolhido, no entanto estou bem contente. Senta-te no divã, aqui, meu belo astro! Na verdade, ainda não voltei a mim... Rakitka, se o tivesses trazido ontem ou anteontem!... Pois bem, assim mesmo estou contente. Mais vale talvez agora, em tal minuto, que em outro dia...

Sentou-se vivamente ao lado de Aliócha, examinando-o, extasiada. Estava verdadeiramente contente e não mentia. Seus olhos brilhavam, sorria, mas com bondade. Aliócha não esperava ver nela uma expressão tão benévola... Fizera dela uma ideia aterrorizadora. Seu rompante perverso contra Katierina Ivânovna havia-o transtornado na antevéspera, agora se espantava por vê-la tão mudada. Por mais acabrunhado que se sentisse pelo próprio pesar, examinava-a, malgrado seu, com atenção. Suas maneiras tinham melhorado, as entonações melífluas, a languidez dos movimentos tinham quase desaparecido... agora, simplicidade, gestos prontos, sinceros, mas via-se que estava superexcitada.

— Meu Deus, que coisas estranhas se passam hoje! Por que me sinto tão feliz por ver-te, Aliócha? Ignoro-o.

— É mesmo verdade? — perguntou Rakítin, sorrindo. — Antes, tinhas um fôto ao insistir para que eu o trouxesse aqui.

— Sim, um fôto que não existe mais agora, o momento passou. E agora vou tratar bem vocês. Tornei-me melhor agora, Rakitka. Senta-te também. Mas já o fizeste. Ele não se esquece. Vês tu, Aliócha? Está ressentido porque não o convidei em primeiro lugar para sentar-se. É muito suscetível, esse meu caro amigo. Não te zanges, Rakitka, sinto-me boa nesse momento. Por que estás tão triste, Aliócha? Terias medo de mim? — E Grúchenhka sorriu maliciosamente, olhando-o bem nos olhos.

— Tem um pesar. Uma recusa de posto.

— Que posto?

— O *stáriets* dele cheira mal.

— Como assim? Tagarelas, alguma vilania ainda, sem dúvida. Aliócha, deixa-me sentar-me em teus joelhos, assim. — E logo se instalou sobre os joelhos dele, risonha, tal como uma gata cariciosa, com o braço direito ternamente passado em redor do pescoço dele.

— Saberei bem fazer-te rir, meu gentil devoto! Na verdade, deixa-me sobre teus joelhos, isso não te causa zanga? Basta que o digas e me

levantarei.

Aliócha calava-se. Não ousava mover-se, não respondendo às palavras ouvidas, como que inerte. Mas não experimentava o que podia imaginar Rakítin, por exemplo, que o observava com ar galhofeiro. Seu grande pesar absorvia as sensações possíveis e, se tivesse ele podido analisar-se naquele momento, teria compreendido que estava encouraçado contra as tentações. Não obstante, malgrado a inconsciência de seu estado e a tristeza que o acabrunhava, causava-lhe espanto uma sensação estranha: aquela mulher terrível não lhe inspirava mais aquele terror, inseparável em seu coração da ideia da mulher. Pelo contrário, instalada em seus joelhos e enlaçando-o, despertava nele um sentimento inesperado, uma extraordinária e cândida curiosidade, sem o menor pavor; eis o que o surpreendia a seu malgrado.

— Basta de tanta conversa sem nada dizer! — exclamou Rakítin. — Manda antes servir o champanha. Sabes que prometeste isso.

— É verdade, Aliócha, prometi-lhe antes de tudo champanha, se ele te trouxesse. Fiénia, traze a garrafa que Mítia deixou, despacha-te. Se bem que avarenta, darei uma garrafa, não para ti. Rakítin, não passas de um pobre-diabo, mas para ele. Embora não esteja disposta a isso, quero beber com vocês.

— Qual é afinal essa “notícia”? Pode-se saber, é segredo? — insistiu Rakítin, fingindo não notar o motejo lançado contra ele.

— Um segredo de que estás a par — disse Grúchenhka, com ar preocupado. — O meu oficial vai chegar, Rakítin.

— Ouvi dizer isso; mas está tão perto assim?

— Acha-se ele agora em Mókroie, donde me enviará um portador. Acabo de receber uma carta dele. Aguardo.

— Ora essa! Por que em Mókroie?

— Seria longo demais contá-lo. Chega.

— Mas então, Mítia está sabendo?

— Nem uma palavra. Senão me mataria. Aliás, não tenho mais medo dele agora. Cala-te, Rakitka; não quero ouvir mais falar disso. Causou-me ele muito mal. E não quero mais pensar nisso, prefiro pensar em Aliócha, olhá-lo... Sorri, pois, meu querido, desenruga o rosto, dar-me-ás prazer... Mas ele sorriu! Vê como me olha com olhar acariciante. Sabes, Aliócha, acreditava que me querias mal por causa da cena de ontem, em casa

daquela senhorita. Fui grosseira... “No entanto, apesar de tudo, a coisa foi bem-sucedida. Esteve bem e esteve mal” — disse Grúchenka, pensativamente, com um sorriso mau. — Mítia me contou que ela gritava: “É preciso chicoteá-la!” Ofendi-a gravemente. Atraiu-me à sua casa, querendo subjugar-me, seduzir-me com seu chocolate... Não, o que se passou, correu muito bem. — Sorriu de novo. — Somente, receio que te hajas zangado...

— Na verdade, Aliócha, ela tem medo de ti, de ti, o pintainho — interveio Rakítin, com real surpresa.

— Para ti, Rakítin, é que é ele um pintainho, porque não tens consciência. Eu o amo. Acreditas, Aliócha, amo-te de toda a minha alma.

— Ah, a desavergonhada! Faz-te uma declaração, Aliócha.

— E com isso? Amo-o.

— E o oficial? E a feliz notícia de Mókreie?

— Não é a mesma coisa.

— Eis a lógica das mulheres!

— Não me aborreças, Rakítin. Digo-te que não é a mesma coisa. Amo Aliócha de outra maneira. Na verdade, Aliócha, tive maus desígnios a teu respeito. Sou vil, sou violenta, mas, em certos momentos, olhava-te como minha consciência. Dizia a mim mesma: “Como deve ele desprezar-me agora!” Pensava assim antes de ontem, ao sair da casa daquela senhorita. Há muito tempo me chamaste a atenção, Aliócha; Mítia sabe-o, compreende-me. Acreditarias tu? Sou por vezes tomada de vergonha ao olhar-te. Como vim a pensar em ti e desde quando, ignoro-o.

Fiénia entrou, pousou sobre a mesa uma bandeja com uma garrafa desarrolhada e três copos cheios.

— Eis o champanha! — exclamou Rakítin. — Estás excitada, Agrafiéna Aliéksándrovna. Depois de beberes, por-te-ás a dançar. Que falta de habilidade! — acrescentou ele. — Já está vertida e morna, sem a rolha.

Nem por isso deixou de esvaziar seu copo dum trago e enchê-lo de novo.

— Ocasões como esta são raras — observou, enxugando os lábios. — Vamos, Aliócha, pega teu copo e mostra-te corajoso. Mas, a que beberemos? Toma o teu, Grucha, e bebamos às portas do paraíso.

— Que queres dizer com isso?

Ela pegou um copo. Aliócha bebeu um bom gole do seu e depô-lo sobre a mesa.

— Não, prefiro abster-me — disse ele, com um doce sorriso.

— Ah, tu te gabavas! — gritou Rakítin.

— Eu também, então — disse Grúchenhka — Acaba a garrafa, Rakitka. Se Aliócha beber, beberei.

— Eis que começam as efusões! — zombeteou Rakítin. — E está sentada nos joelhos dele! Ele está pesaroso, convenho, mas tu, que tens tu? Ele está revoltado contra seu Deus, ia comer salsichão!

— Como assim?

— O *stáriets* dele morreu hoje, o velho Zósima, o santo.

— Ah! Morreu? Não sabia de nada. — Benzeu-se. — Meu Deus, e eu que estou sentada nos joelhos dele!

Levantou-se vivamente e sentou-se no divã. Aliócha olhou-a com surpresa e seu rosto iluminou-se.

— Rakítin — proferiu ele, num tom firme —, não me irrites dizendo que me revoltei contra meu Deus. Não tenho animosidade contra ti, sê, pois, melhor, tu também. Sofri uma perda inestimável e não podes julgar-me neste momento. Olha-a, viste sua mansuetude para comigo? Vim aqui para encontrar uma alma perversa, impelido por meus maus sentimentos; encontrei uma verdadeira irmã, uma alma amorosa, um tesouro... Agrafiena Alieksándrovna, é de ti que falo. Regeneraste minha alma.

Opresso, Aliócha calou-se, com os lábios trêmulos.

— Dir-se-ia que ela te salvou! — zombou Rakítin. — Mas sabes que ela queria comer-te?

— Basta, Rakitka! Calem-se ambos: tu, Aliócha, porque tuas palavras me causam vergonha. Acreditas que sou boa, mas sou má. Tu, Rakitka, porque mentes. Tinha-me proposto comer-te, mas é coisa do passado, isso. Que eu não te ouça mais falar assim, Rakitka! — Grúchenhka exprimira-se com viva emoção.

— Estão os dois com o diabo no corpo! — murmurou Rakítin, observando-os com surpresa. — Acreditaria a gente estar numa casa de saúde. Agora mesmo vão chorar, decerto!

— Sim, chorarei, sim, chorarei! — afirmou Grúchenhka. — Ele me chamou sua irmã, não o esquecerei jamais! Por pior que eu seja, Rakitka,

dei, no entanto, uma cebola.

— Que cebola? Com os diabos, estão mesmo malucos, não há que ver!

A exaltação deles espantava Rakítin, que teria devido compreender que tudo concorria para agitá-los duma maneira excepcional. Mas Rakítin, sutil quando se tratava de si mesmo, destrinchava mal os sentimentos e as sensações de seu próximo, tanto por inexperiência juvenil como por egoísmo.

— Vês tu, Aliócha? — e Grúchenhka riu nervosamente. — Gabei-me a Rakítin de ter dado uma cebola. Vou explicar-te a coisa com toda a humildade. É apenas uma lenda. Matriona, a cozinheira, contava-me quando eu era menina: “Havia uma megera que morreu sem deixar atrás de si uma única virtude. Os diabos apoderaram-se dela e lançaram-na no lago de fogo. Seu anjo da guarda quebrava a cabeça para descobrir nela uma virtude e falar a respeito com Deus. Lembrou-se e disse ao Senhor: — ‘Ela arrancou uma cebola na horta para dá-la a um mendigo.’ — Deus respondeu-lhe: — ‘Pega essa cebola, entrega-a àquela mulher lá no lago para que nela se agarre. Se conseguires retirá-la de lá, irá ela para o paraíso; se a cebola se partir, ficará ela onde está.’ — O anjo correu à mulher e estendeu-lhe a cebola. — ‘Toma — disse ele —, segure-a bem.’ — Pôs-se a puxá-la com precaução e ela já estava quase saindo. Os outros pecadores, vendo que a retiravam do lago, agarraram-se a ela, querendo aproveitar a boa fortuna. Mas a mulher, que era muito má, dava-lhes pontapés: ‘É a mim que estão tirando e não a vocês. A cebola é minha e não de vocês.’ A essas palavras, a cebola se partiu. A mulher recaiu no lago onde está-se queimando até agora. O anjo partiu, chorando.” Eis essa lenda, Aliócha. Não acredites que eu seja boa, é bem o contrário. Teus elogios causar-me-iam vergonha. Desejava de tal modo tua vinda, que prometi 25 rublos a Rakítin, se ele te trouxesse. Um instante.

Foi abrir uma gaveta, pegou seu porta-moedas e dele retirou uma cédula de 25 rublos.

— É absurdo! — exclamou Rakítin, embaraçado.

— Toma, Rakitka, estou quite contigo. Não haverás de recusar, tu mesmo pediste. — E atirou-lhe a cédula.

— Como é isso? — replicou ele, visivelmente confuso, mas esforçando-se por ocultá-lo. — Tudo é lucro, os tolos existem no interesse das pessoas de espírito.

— E agora, cala-te, Rakitka. O que vou dizer não se dirige a ti. Tu não gostas de nós.

— E por que haveria eu de gostar de vocês? — disse ele, brutalmente. Contara ser pago sem que o soubesse Aliócha, cuja presença causava-lhe vergonha e irritava-o. Até então, por política, poupava Grúchenhka, malgrado suas palavras picantes, porque ela parecia dominá-lo. Mas a cólera tomava conta dele.

— Gosta-se em troca de alguma coisa. Que fizeram por mim todos dois?

— Ama em troca de nada, como Aliócha.

— Como te ama ele e que provas te deu disso? Por que todo esse alvoroço?

De pé no meio do salão, Grúchenhka falava com valor, com voz exaltada:

— Cala-te, Rakitka, não compreendes nada de nossos sentimentos. E cessa de tutear-me, proíbo-te. Onde te vem essa audácia? Senta-te num canto e nem mais uma palavra! Agora, Aliócha, vou confessar-me a ti somente, para que saibas o que sou. Queria perder-te, estava decidida a isso, a ponto de comprar Rakítin para que ele te trouxesse. E por que isso? Tu de nada sabias, desviavas-te de mim, passavas de olhos baixos. Eu interrogava as pessoas a teu respeito. Teu rosto me perseguia: “Ele me despreza — pensava eu — e nem mesmo quer olhar-me.” Por fim, perguntei a mim mesma com surpresa: “Por que temer esse rapazola? Eu o devorarei. Isso me divertirá.” Estava exasperada. Acredita-me, ninguém aqui ousaria faltar ao respeito a Agrafiena Alieksándrovna; não tenho senão aquele velho ao qual me vendi. Foi Satanás que nos uniu e ninguém mais. Havia, pois, decidido que serias minha presa, era um jogo para mim. Eis a detestável criatura que chamaste de irmã. Agora meu sedutor chegou, espero notícias. Sabes o que era ele para mim? Há cinco anos, quando Kuzmá Kuzmitch me trouxe para aqui, eu me ocultava por vezes para não ser vista, nem ouvida; como uma tola, soluçava, não dormia mais, dizendo a mim mesma: “Onde está ele, o monstro? Deve rir de mim com uma outra. Oh, como me vingarei, se algum dia o encontrar!” Na escuridão, soluçava em meu travesseiro, torturava meu coração de propósito: “Ele me pagará!”, exclamava eu. Ao pensar que era impotente, que ele zombava de mim, havia-me talvez completamente esquecido, deslizava de meu leito para o soalho, inundada de lágrimas, presa de uma crise de nervos. Passara

a odiar todo mundo. Em seguida, formei um capital, endureci o coração, engordei. Pensas que me tornei mais sensata? Absolutamente. Ninguém o imagina, mas, quando chega a noite, acontece-me, como há cinco anos, ranger os dentes e chorar: “Hei de vingar-me! Hei de vingar-me!” Estás-me acompanhando? Então, que pensas disso? Há um mês recebo uma carta anunciando-me sua chegada. Ficou viúvo. Quer ver-me. Fiquei sufocada. Meu Deus, ele vai chegar e chamar-me, arrastar-me-ei para ele como um cão batido, como uma culpada! Não posso crer nisso eu mesma! “Terei ou não a baixeza de correr para ele?” E uma cólera contra mim mesma me dominou, nessas últimas semanas, mais violenta do que há cinco anos. Vês minha exasperação, Aliócha, confessei-me a ti. Mítia não passava de uma diversão. Cala-te, Rakitka, não te cabe julgar-me. Antes da chegada de vocês, eu esperava, pensava em meu futuro, e vocês jamais conhecerão meu estado d’alma. Aliócha, dize àquela senhorita que não me queira mal por causa da cena de anteontem!... Ninguém no mundo pode compreender o que sinto agora... Talvez leve uma faca, ainda não decidi.

Incapaz de conter-se, Grúchenka interrompeu-se, cobriu o rosto com as mãos, deixou-se cair sobre o divã, soluçou como uma criança. Aliócha levantou-se e aproximou-se de Rakítin.

— Micha — disse ele —, ela te ofendeu, mas não te zangues. Ouviste-a? Não se pode exigir demais de uma alma, é preciso ter misericórdia.

Aliócha pronunciou suas palavras num impulso irresistível. Tinha necessidade de expandir-se e tê-las-ia dito mesmo que estivesse só. Mas Rakítin olhou-o ironicamente e Aliócha deteve-se.

— Estás com a cabeça cheia de teu *stáriets* e me bombardeias à sua maneira, Aliócha, homem de Deus — disse ele, com um sorriso odiento.

— Não zombes, Rakítin, não fales do morto, ele era superior a todos na terra — exclamou Aliócha, com lágrimas na voz. — Não é como juiz que te falo, mas como o derradeiro dos acusados. Que sou eu diante dela? Viera aqui para perder-me, por covardia. Ela, porém, após cinco anos de sofrimentos, por causa de uma palavra sincera que ouve, perdoa, esquece tudo, e chora! Seu sedutor voltou, chama-a, ela lhe perdoa e corre alegremente para ele. Porque ela não levará faca, não. Não sou assim, Micha, ignoro se o és. É uma lição para mim... Ela é superior a nós... Tinhas ouvido antes o que ela acaba de contar? Não, sem dúvida, porque terias compreendido tudo há muito tempo... Ela perdoará, também, aquela

que foi ofendida anteontem, quando souber de tudo... Essa alma ainda não se reconciliou, é preciso poupá-la... oculta talvez um tesouro...

Aliócha calou-se, porque lhe faltava a respiração. Malgrado sua irritação, Rakítin olhava-o, espantado. Não esperava semelhante tirada do pacífico Aliócha.

— Aqui temo-lo, um advogado! Estarias apaixonado por ela? Agrafiena Alieksándrovna, viraste a cabeça de nosso asceta! — exclamou ele com uma risada impudente.

Grúchenhka ergueu a cabeça, sorriu docemente para Aliócha, com o rosto ainda cheio das lágrimas que acabava de derramar.

— Deixa-o, Aliócha, meu querubim, vês como ele é. Que adianta falar-lhe? Mikhail Óssipovitch, queria pedir-te perdão, mas agora desisto disso. Aliócha, vem sentar-te aqui (ela pegou-lhe a mão e olhava-o, radiante), dize-me, será que eu o amo, sim ou não, o meu sedutor? Perguntava-o a mim mesma, aqui, no escuro. Esclarece-me, chegou a hora, farei o que disseres. Será preciso perdoar?

— Mas já perdoaste.

— É verdade — disse Grúchenhka, pensativa. — Oh, o coração covarde! Vou beber à minha covardia. — Pegou um copo que esvaziou dum trago, depois atirou-o ao chão. Havia crueldade em seu sorriso.

— Talvez não tenha ainda perdoado — disse ela, com ar ameaçador, de olhos baixos, como que falando a si mesma. — Talvez meu coração pense somente em perdoar. Vês tu, Aliócha? São meus cinco anos de lágrimas o que eu amava, a ofensa que sofri, e não ele.

— Pois bem! Não gostaria de estar em sua pele — disse Rakítin.

— Mas jamais o estarás, Rakitka. Limparás meus sapatos. Será nisto que te empregarei. Uma mulher como eu não foi feita para ti... E talvez também não para ele...

— Então, por que tão bem-vestida?

— Não censures meu traje, Rakitka, não conheces meu coração! Se quiser, agora mesmo mudarei de vestido. Não sabes por que o vesti. Talvez vá dizer-lhe: “Jamais me viste tão bela?” Quando ele me deixou, era eu uma mocinha de 17 anos, magrela e chorona. Eu o acariciarei, excitá-lo-ei: “Vês o que me tornei? Então, meu caro, basta de conversa, isso põe-te água na boca, mas vai beber em outra parte!” Eis, Rakitka, para que servirá talvez este vestido. Estou arrebatada, Aliócha. Posso rasgar este

vestido, desfigurar-me, sair a pedir esmola. Sou capaz de ficar em minha casa agora, de devolver a Kuzmá seu dinheiro, seus presentes e prestar serviço de diarista. Pensas que me faltaria coragem, Rakitka? Basta que me levem aos extremos... Quanto ao outro, eu o enxotarei, zombarei dele...

Proferindo estas derradeiras palavras como numa crise, cobriu o rosto com as mãos, lançou-se sobre as almofadas, soluçando de novo. Rakítin levantou-se.

— Está ficando tarde — disse ele —, não nos deixarão entrar no mosteiro.

Grúchenhka sobressaltou-se.

— Como, Aliócha, queres deixar-me!? — exclamou, com dolorosa surpresa. — Pensas fazê-lo? Transtornaste-me, e agora eis de novo a noite, a solidão!

— Ele não pode, entretanto, passar a noite em tua casa. Mas, se ele quiser, fique. Vou-me embora sozinho! — disse malignamente Rakítin.

— Cala-te, malvado! — gritou Grúchenhka, encolerizada. — Nunca me disseste semelhantes palavras!

— Que palavras?

— Não sei, nada de extraordinário, mas ele revirou-me o coração... O primeiro, o único que teve piedade de mim. Por que não vieste mais cedo, querubim? — E caiu de joelhos diante dele, como em êxtase. — Toda a minha vida, esperei alguém como tu, que me traria o perdão. Acreditei que me amariam por outro motivo que não apenas o de ser uma perdida...

— Que fiz eu por ti? — perguntou Aliócha, com um terno sorriso, inclinado sobre ela e tomando-lhe as mãos. — Dei uma cebola, a menor de todas, eis tudo!...

As lágrimas inundaram-lhe os olhos. Naquele momento, ouviu-se um rumor, alguém entrava no vestíbulo; Grúchenhka levantou-se aterrorizada. Fiénia irrompeu barulhentosamente no quarto.

— Minha senhora, minha boa e querida senhora, o correio chegou! — exclamou ela alegremente, toda ofegante. — O *tarantás* chega de Mókroie, com o postilhão Timofiéi. Vão trocar de cavalos... Uma carta, senhora, eis aqui uma carta!

Brandia a carta, gritando. Grúchenhka apoderou-se dela, aproximou-a da vela. Era um bilhete de algumas linhas que leu num instante.

— Ele me chama! — Estava pálida, o rosto contraído por um sorriso mórbido. — Ele assobia para mim! Arrasta-te, cãozinho! — Mas ficou apenas um momento indecisa; de repente o sangue subiu-lhe ao rosto.

— Parto! Adeus, meus cinco anos! Adeus, Aliócha, a sorte está lançada... Afastem-se todos, vão-se embora, que eu não os veja mais! Grúchenhka voa para uma vida nova... Não me guardes rancor, Rakítka. É talvez para a morte que sigo! Oh, sinto-me como que embriagada!

Precipitou-se para o quarto de dormir.

— Agora não precisa mais de nós — resmungou Rakítin. — Vamos embora. Essa música poderia muito bem recomeçar; estou com os ouvidos mais que cheios...

Aliócha deixou-se levar maquinalmente.

No pátio, viam-se idas e vindas à luz duma lanterna; trocava-se a atrelagem de três cavalos. Mal os dois jovens tinham descido o patamar, abriu-se a janela do quarto de dormir e a voz de Grúchenhka elevou-se, sonora.

— Aliócha, saúda teu irmão Mítia, dize-lhe que não guarde uma má lembrança de mim. Repete-lhe minhas palavras: “Foi a um miserável que Grúchenhka se deu e não a ti, que és nobre!” Acrescenta que Grúchenhka o amou durante uma hora, nada mais que uma hora; que ele se recorde sempre dessa hora, doravante, é Grúchenhka quem lhe ordena... por toda a sua vida...

Acabou com soluços na voz. A janela tornou a fechar-se.

— Hum! — murmurou Rakítin rindo. — Ela estrangula Mítia e quer que ele se lembre disso por toda a vida. Que ferocidade!

Aliócha pareceu não ter ouvido. Caminhava rapidamente ao lado de Rakítin; tinha o ar apalermado. Rakítin teve de súbito a sensação de que lhe metiam um dedo numa chaga viva. Esperava outra coisa ao pôr Aliócha em presença de Grúchenhka e estava decepcionado.

— É o polonês, o tal oficial dela — prosseguiu ele, contendo-se. — Aliás, não é mais oficial agora, esteve servindo na alfândega na Sibéria, na fronteira chinesa. Deve ser um pobre-diabo. Dizem que perdeu o posto. Tendo sabido que Grúchenhka tem dinheiro, voltou; isso explica tudo.

De novo, Aliócha pareceu não ter ouvido. Rakítin não se conteve mais.

— Então, converteste uma pecadora? Puseste uma mulher de má vida no bom caminho? Expulsaste os demônios, hem? Ei-los, os milagres que

esperávamos: realizaram-se!

— Para com isso, Rakítin! — disse Aliócha, de alma dolorida.

— Tu me desprezas agora por causa dos 25 rublos que recebi? Vendi um verdadeiro amigo. Mas tu não és o Cristo e eu não sou Judas.

— Rakítin, asseguro-te que não pensava mais nisso, és tu quem o recordas.

Mas Rakítin estava exasperado.

— Que o diabo leve vocês todos! — vociferou de repente. — Por que, diabo, liguei-me a ti? Doravante, não quero mais saber de ti. Vá sozinho, eis teu caminho.

Dobrou numa outra rua, deixando Aliócha sozinho ali, nas trevas. Aliócha saiu da cidade e voltou ao mosteiro pelos campos.

IV

AS BODAS DE CANÁ

Era já muito tarde para a entrada no mosteiro, quando Aliócha chegou ao eremitério; o irmão porteiro introduziu-o por uma entrada particular. Tinham soado nove horas, a hora do repouso, após um dia tão agitado. Aliócha abriu timidamente a porta e penetrou na cela do *stáriets*, onde se encontrava agora seu ataúde. Não havia ninguém, exceto o padre Paísi, lendo o Evangelho diante do morto e o jovem noviço Porfíri, esgotado pela conversação da derradeira noite e pelas emoções do dia; dormia o profundo sono da mocidade, deitado no chão, na peça vizinha. O padre Paísi, que ouvira Aliócha entrar, nem mesmo voltou a cabeça. Aliócha ajoelhou-se num canto e pôs-se a rezar. Sua alma transbordava, mas suas sensações permaneciam confusas, uma afugentando a outra, numa espécie de movimento giratório uniforme. Coisa estranha, experimentava ele uma sensação de bem-estar e não se admirava disso. Contemplava de novo aquele morto que lhe era tão querido, mas a compaixão lacrimosa e dolorosa da manhã desaparecera. Ao entrar, caíra de joelhos diante do caixão como diante de um santuário e, no entanto, a alegria esplendia em sua alma. Um ar fresco entrava pela janela aberta. “O cheiro deve ter então aumentado, do contrário não se teriam decidido a abrir uma janela”,

pensou Aliócha. Mas não se sentia mais angustiado, nem indignado por causa daquela ideia da corrupção. Pôs-se a rezar mansamente e, em breve, percebeu que o fazia quase maquinalmente. Fragmentos de ideias surgiam, tais como fogos-fátuos; em compensação, reinavam em sua alma uma certeza, um apaziguamento de que tinha consciência. Punha-se a rezar com fervor, cheio de reconhecimento e de amor... Em breve passava para outra coisa, esquecendo a oração e o que a interrompera. Prestou ouvidos à leitura do padre Paísi, mas acabou por dormir, esgotado...

“Três dias depois celebraram-se umas bodas em Caná da Galileia; encontrava-se lá a Mãe de Jesus.”

“E foi também convidado Jesus com seus discípulos para as bodas.”⁶⁸

— As bodas?... — Essa ideia turbilhonava no espírito de Aliócha. — Ela também é feliz... foi a um festim... Não, decerto, não levou faca... Era simplesmente uma palavra desagradável... Deve-se perdoar sempre as palavras desagradáveis. Consolam a alma... Sem elas a dor seria insuportável. Rakítin seguiu pelo beco. Enquanto pensar ele em seus agravos, seguirá sempre por um beco... Mas a estrada, a grande estrada reta, clara, cristalina, com o sol resplandecente, no final... Que é que se lê?

“... E faltando o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: ‘Não têm vinho’”, ouviu Aliócha.

— Ah! Sim, perdi o começo. É pena, gosto dessa passagem: as bodas de Caná, o primeiro milagre... Que belo milagre! Foi consagrado à alegria e não ao luto... “Quem ama os homens, ama também sua alegria.” O defunto repetia isto a cada instante, era uma de suas ideias principais. Não se pode viver sem alegria, disse Mítia... Tudo quanto é verdadeiro e belo respira sempre o perdão, dizia ele também.

“... E Jesus disse-lhe: ‘Mulher, que nos importa a mim e a ti isso? Ainda não chegou a minha hora.’”

“Disse sua mãe aos que serviam: ‘Fazei tudo o que ele vos disser.’”

Fazei... Dai alegria à gente muito pobre... Muito pobres, seguramente, pois que até mesmo em suas bodas o vinho faltou... Os historiadores contam que em torno do lago de Genesaré e na região estava então disseminada a população mais pobre que se possa imaginar... E sua mãe, de grande coração, sabia que ele não viera somente cumprir sua missão sublime, mas que partilhava a alegria ingênua das pessoas simples e

ignorantes que o convidavam cordialmente para suas humildes bodas. “Minha hora ainda não chegou.” Fala com um doce sorriso (deve ter-lhe sorrido ternamente). Na realidade, pode dar-se que tenha baixado à Terra para multiplicar o vinho em bodas de pobres? Mas fez o que ela lhe pedia...

“... Disse-lhes Jesus: ‘Enchei as talhas de água.’ E encheram-nas até em cima.”

“Então disse-lhes Jesus: ‘Tirai agora e levai ao mestre de cerimônias.’ E eles levaram.”

“E o mestre-sala, logo que provou a água convertida em vinho, como não sabia donde lhe viera aquele vinho, ainda que o soubessem os serventes, porque tinham tirado a água, chamou o esposo e disse-lhe:

“— Todo homem põe primeiro o bom vinho e, quando já o têm bebido bem, então apresenta o inferior; tu, ao contrário, tiveste o bom vinho guardado até agora.”

— Mas que acontece? Por que o quarto está oscilando? Ah! Sim... são as bodas, o casamento... decerto. Eis os convidados, os jovens esposos, a multidão alegre e... onde está então o prudente mestre de cerimônias? Que é isso? O quarto oscila de novo... Quem se levanta à grande mesa? Como... ele também está aqui? Mas estava em seu caixão... Levantou-se, viu-me, vem para cá... Meu Deus!...

Com efeito, ele aproximou-se, o velhinho seco, de rosto sulcado de rugas, rindo docemente. O caixão desapareceu, ele está vestido como ontem, em companhia deles, quando seus visitantes se reuniram. Seu rosto está descoberto, seus olhos brilham. Como pode ser isso, também ele no festim, também ele convidado para as bodas de Caná?

— Tu estás também convidado, meu querido, com todas as regras — disse sua voz tranquila. — Por que te escondes aqui, não te veem... Vem para junto de nós.

É sua voz, a voz do *stáriets* Zósima... Como não haveria de ser ele, pois está chamando? O *stáriets* toma a mão de Aliócha, que se levantou.

— Regozijemo-nos — prosseguiu o ancião —, bebamos o vinho novo, o vinho da grande alegria. Vês aqueles convidados? Eis o noivo e a noiva, eis o prudente mestre de cerimônias, prova o vinho novo. Por que estás surpreendido por ver-me? Dei uma cebola e eis-me aqui. Muitos dentre nós não deram senão uma cebola, uma bem pequena cebola... Que são

nossas obras? E tu também, meu terno e manso rapaz, tu também soubeste hoje dar uma cebola a uma faminta. Começa tua obra, meu querido! Estás vendo o nosso Sol, tu O percebes?

— Tenho medo... não ousa olhar... — balbuciou Aliócha.

— Não tenhas medo d'Ele. Sua majestade é terrível. Sua grandeza nos esmaga, mas Sua misericórdia é sem limites; por amor fez-SE semelhante a nós e se rejubila conosco, muda a água em vinho, para não interromper a alegria dos convidados, aguarda outros, chama-os continuamente por todos os séculos dos séculos. E eis que trazem o vinho novo, vê os copos...

Algo ardia no coração de Aliócha, enchia-o até doer-lhe, lágrimas de alegria derramaram-se de sua alma... Estendeu os braços, lançou um grito, despertou...

De novo, o caixão, a janela aberta, e a leitura calma, grave, ritmada do Evangelho. Mas Aliócha não escutava mais. Coisa estranha, adormecera de joelhos e encontrava-se agora de pé. De súbito, como erguido de seu lugar, aproximou-se em três passos do ataúde, bateu mesmo com o ombro no padre Paísi sem dar-se conta disso. O padre ergueu os olhos, mas retomou logo a sua leitura, percebendo que o rapaz não se achava em seu estado normal. Aliócha contemplou um instante o caixão, o morto que estava dentro dele estendido, de rosto coberto, com o ícone no peito, o capuz encimado pela cruz de oito braços. Acabava de ouvir sua voz, ecoava ainda em seus ouvidos. Escutou ainda, esperou... de súbito voltou-se bruscamente e saiu da cela.

Desceu o patamar sem se deter. Sua alma exaltada tinha sede de liberdade, de espaço. Acima de sua cabeça, a abóbada celeste estendia-se até o infinito, as estrelas calmas cintilavam. Do zênite ao horizonte aparecia, indistinta ainda, a Via Láctea. A noite serena envolvia a terra. As torres brancas e as cúpulas douradas destacavam-se sobre o céu de safira. As opulentas flores de outono, em redor da casa, haviam adormecido até a manhã. A calma da terra parecia confundir-se com a dos céus, o mistério terrestre confinava com o das estrelas. Aliócha, imóvel, olhava; de súbito, como que ceifado, prosternou-se.

Ignorava por que estreitava a terra, não compreendia por que teria querido, irresistivelmente, abraçá-la toda inteira, mas abraçava-a chorando, inundando-a: com suas lágrimas, e prometia a si mesmo, com exaltação, amá-la sempre. “Rega a terra com lágrimas e alegria e amas...” Essas palavras repercutiam em sua alma. A respeito de que

choraria? Oh! Em seu êxtase, chorava mesmo a respeito daquelas estrelas que cintilavam no infinito, e não se envergonhava daquela exaltação. Dir-se-ia que os filhos daqueles mundos inumeráveis convergiam em sua alma e que toda ela fremia, em contato com outros mundos. Teria querido perdoar, a todos e por tudo, e pedir perdão, não por ele, mas pelos outros e por tudo, “os outros o pedirão por mim”. Essas palavras também lhe vinham à memória. De mais a mais, sentia claramente e como que tangivelmente algo de firme e de inabalável penetrar em sua alma. Uma ideia apoderava-se de seu espírito, por toda a vida e para sempre. Havia-se prosternado, fraco adolescente e reergueu-se lutador sólido para o resto de seus dias. Teve consciência disso, e sentiu-o naquele momento de sua crise. E nunca mais, dali por diante, pôde Aliócha esquecer aquele instante. “Minha alma foi visitada naquela hora”, dizia ele, mais tarde, crendo firmemente na verdade de suas palavras.

Três dias depois, deixou o mosteiro, de conformidade com a vontade de seu *stáriets*, que lhe havia ordenado que “vivesse no mundo”.

LIVRO VIII

MÍTIA

I

Kuzmá Samsónov Dimítri Fiódorovitch, a quem Grúchenhka, ao voar para uma vida nova, fizera transmitir seu derradeiro adeus, querendo que ele se lembrasse por toda a vida duma hora de amor, estava naquele momento às voltas com as piores dificuldades. Como ele mesmo o disse mais tarde, poderia ter sofrido uma congestão cerebral naqueles dois últimos dias, no estado em que se encontrava. Aliócha não pudera descobri-lo na véspera e não fora ele ao encontro marcado por Ivan no botequim. Seus locadores mantiveram silêncio, de conformidade com suas instruções. Durante aqueles dois dias, esteve literalmente em apertos, “lutando com seu destino para salvar-se”, segundo sua expressão. Ausentou-se mesmo algumas horas da cidade para um negócio urgente, malgrado seu temor de deixar Grúchenhka sem vigilância. O inquérito ulterior precisou o emprego de seu tempo da maneira mais formal; limitar-nos-emos a notar os fatos essenciais nos dois dias que precederam a catástrofe que se abateu sobre ele.

Se bem que Grúchenhka o tivesse amado durante uma hora, ela o atormentava por vezes impiedosamente. A princípio, nada podia ele conhecer de suas intenções; era impossível penetrá-las pela doçura ou pela violência. Ter-se-ia zangado e desviado dele completamente. Tinha ele a intuição de que ela se debatia na incerteza, sem poder decidir-se; de modo que pensava ele, não sem razão, que devia ela por vezes detestá-lo, a ele e à sua paixão. Tal era talvez o caso, mas não podia compreender exatamente o que causava a ansiedade de Grúchenhka. Na verdade, toda a questão que o atormentava se resumia numa alternativa: ele, Mítia, ou Fiódor Pávlovitch. Aqui é preciso notar um fato certo; estava persuadido de que Fiódor Pávlovitch não deixaria de oferecer a Grúchenhka sua mão (se já não o fizera), e não acreditava um instante sequer que o velho libertino esperasse arranjar tudo com três mil rublos. Assim raciocinava Mítia, conhecendo Grúchenhka e seu caráter. Eis por que podia parecer-lhe por vezes que o tormento de Grúchenhka e sua indecisão provinham unicamente do fato de não saber ela qual escolher, ignorando qual dos dois lhe traria mais vantagem. Quanto ao próximo regresso do oficial, do homem que desempenhara um papel fatal em sua vida e cuja chegada

esperava ela com tanta emoção e terror — coisa estranha, não pensava ele nisso absolutamente. É verdade que Grúchenhka mantivera silêncio a respeito naqueles últimos dias. No entanto, sabia ele da carta recebida um mês antes e conhecia mesmo uma parte do conteúdo. Grúchenhka a havia então mostrado num momento de irritação, sem que ele ligasse importância àquilo, o que a surpreendeu. Teria sido difícil explicar por quê; talvez simplesmente porque, acabrunhado por sua funesta rivalidade com o pai, nada pudesse imaginar de mais perigoso naquele momento. Não acreditava num noivo surgido não se sabia donde, após cinco anos de ausência, nem em sua próxima chegada, anunciada aliás em termos vagos. A carta era nebulosa, enfática, sentimental, e Grúchenhka lhe dissimulara as derradeiras linhas, que falavam mais claramente de retorno. Mais ainda, Mítia lembrou-se posteriormente do ar de desdém de Grúchenhka por aquela mensagem vinda da Sibéria. Limitou a isso suas confidências a respeito daquele novo rival, de sorte que pouco a pouco esqueceu ele o oficial. Pensava somente que, em todo caso, um conflito com Fiódor Pávlovitch estava iminente e devia ter seu desenlace em primeiro lugar. Cheio de ansiedade, esperava a cada instante a decisão de Grúchenhka e acreditava que ela viria bruscamente, por inspiração. Se ela fosse dizer-lhe: “Toma-me, sou tua para sempre”, estaria tudo terminado; levá-la-ia consigo para o mais longe possível, senão mesmo para o fim do mundo, para o fim da Rússia; casar-se-iam e instalar-se-iam, incognitamente, ignorados de todos. Então começaria uma vida nova, regenerada, virtuosa, com que sonhava ele apaixonadamente. O lamaçal em que se atolara voluntariamente causava-lhe horror e, como muitos em semelhante caso, contava sobretudo com a mudança de ambiente; escapar àquelas pessoas, às circunstâncias, fugir daquele lugar maldito, seria a renovação completa, a existência transformada. Eis no que acreditava e o que o fazia languescer.

Isso unicamente no caso em que a questão seria resolvida felizmente. Havia bem outra solução, outra saída, terrível, porém. Se, de repente, ela lhe dissesse: “Vá, escolhi Fiódor Pávlovitch, casarei com ele, não tenho necessidade de ti.” Então... Oh! Então... Mítia ignorava, aliás, o que aconteceria então, ignorou-o até o derradeiro momento, deve-se lhe fazer essa justiça. Não tinha intenções determinadas, o crime não foi premeditado. Contentava-se com tocaiar, espionar, atormentava-se, mas não encarava senão um desenlace feliz. Repelia mesmo toda e qualquer

outra ideia. Era aqui que começava novo tormento, que surgia nova circunstância, acessória, mas fatal e insolúvel.

No caso em que ela dissesse: “Sou tua, leva-me”, como a levaria ele? Onde arranjaria o dinheiro? Precisamente então, as rendas que recebia há anos dos pagamentos regulares de Fiódor Pávlovitch estavam esgotadas. Decerto, Grúchenhka tinha dinheiro, mas Mítia se mostrava a esse respeito dum orgulho violento; queria levá-la e começar uma existência nova com recursos pessoais e não os dela. A ideia mesma de poder recorrer à sua bolsa inspirava-lhe profundo desgosto. Não me estenderei a esse respeito, não o analisarei, limitando-me a anotá-lo; tal era seu estado d’alma naquele momento. Podia isso provir inconscientemente dos remorsos secretos que experimentava por haver-se desonestamente apropriado do dinheiro de Katierina Ivânovna: “Sou um miserável aos olhos de uma, sê-lo-ei de novo aos olhos de outra”, dizia a si mesmo então, como ele próprio o confessou posteriormente. “Se Grúchenhka o souber, não quererá semelhante indivíduo. Portanto, onde encontrar fundos, ou arranjar esse fatal dinheiro? Senão tudo fracassará, por falta de recursos. Que vergonha!”

Sabia talvez onde encontrar esse dinheiro. Não direi mais no momento, porque tudo se esclarecerá, mas explicarei sumariamente em que consistia para ele a pior dificuldade: para arranjar aqueles recursos, para ter o direito de tomá-los, seria preciso em primeiro lugar restituir a Katierina Ivânovna seus três mil rublos, senão “sou um larápio, um canalha, e não quero começar assim uma vida nova”, decidiu Mítia, e resolveu tudo subverter se fosse preciso, mas restituir em primeiro lugar e a qualquer preço aquela soma a Katierina Ivânovna. Deteve-se nessa decisão, por assim dizer, nas derradeiras horas de vida, após sua derradeira entrevista com Aliócha na antevéspera, na estrada. Instruído por seu irmão a respeito da maneira pela qual Grúchenhka insultara sua noiva, reconheceu que era um miserável e rogou-lhe que a informasse disso, “se isso pudesse aliviá-la”. Na mesma noite, sentiu em seu delírio que valia mais “matar e roubar alguém, contanto que restituísse o dinheiro de Kátia”. “Serei um assassino e um ladrão para todo mundo, seja; irei de preferência para a Sibéria e deixar Kátia dizer que roubei seu dinheiro para fugir com Grúchenhka e começar uma vida nova! Isto é impossível!” Assim falava Mítia, rilhando os dentes, e havia motivo para que receasse por momentos uma congestão cerebral. Mas continuava a lutar...

Coisa estranha: dir-se-ia que com semelhante resolução não lhe restava em partilha senão o desespero, porque onde arranjar tal soma, sobretudo um pobretão como ele? Entretanto, esperou até o fim arranjar aqueles três mil rublos, contando que lhe caíssem eles nas mãos duma maneira qualquer, ainda mesmo do céu. É o que acontece àqueles que, como Dimítri, só sabem desperdiçar o patrimônio, sem ter nenhuma ideia da maneira pela qual se adquire o dinheiro. Era uma tempestade em seu crânio desde o encontro com Aliócha, estando todas as suas ideias enredadas. Assim começou ele pela tentativa mais estranha, porque pode dar-se o caso de que, em semelhantes transes, as empresas mais extravagantes pareçam as mais realizáveis a semelhantes pessoas. Resolveu ir encontrar o comerciante Samsónov, protetor de Grúchenhka, e submeter-lhe um plano, segundo o qual ele lhe adiantaria logo a soma desejada. Estava seguro de seu plano do ponto de vista comercial, perguntando a si mesmo somente como acolheria Samsónov sua proposta, se quisesse encará-la doutra maneira. Mítia não conhecia aquele comerciante senão de vista e jamais lhe havia falado. Mas, há muito tempo, tinha a convicção de que aquele velho libertino, cuja vida estava por um fio, não se oporia a que Grúchenhka refizesse a sua, casando-se com um homem seguro, até mesmo desejá-lo-ia e facilitaria as coisas, chegada a ocasião. Por ouvir dizer, ou de acordo com certas palavras de Grúchenhka, concluía igualmente que o velho talvez o preferisse a Fiódor Pávlovitch como marido da jovem. Numerosos leitores acharão talvez cínica a expectativa, de parte de Dimítri Fiódorovitch, de semelhante socorro e a intenção de tirar a noiva das mãos de seu protetor. Posso simplesmente fazer notar que o passado de Grúchenhka parecia definitivamente enterrado aos olhos de Mítia. Pensava nele cheio de misericórdia e decidira com todo o ardor de sua paixão que, desde que Grúchenhka lhe tivesse dito que o amava e ia casar-se com ele, estariam ambos logo regenerados, desembaraçados de seus vícios, não tendo senão virtudes; perdoar-se-iam mutuamente faltas e começariam uma nova existência. Quanto a Kuzmá Samsónov, via nele um homem fatal no passado de Grúchenhka, que não o havia, no entanto, jamais amado, um homem agora “passado”, também ele fora de conta. Não poderia fazer sombra a Mítia aquele velho débil cuja ligação tornara-se paternal por assim dizer, e isso há cerca de um ano. Em todo caso, dava Mítia prova duma grande ingenuidade, porque, com todos os vícios, era um homem

bastante ingênuo. Essa ingenuidade persuadia-o de que o velho Kuzmá, a ponto de deixar este mundo, experimentava sincero arrependimento por sua conduta para com Grúchenka, que não tinha protetor e amigo mais devotado do que aquele velho doravante inofensivo.

No dia seguinte à conversação com Aliócha nos campos, Mítia, que quase não havia dormido, apresentou-se, cerca das dez horas da manhã, em casa de Samsónov e fez-se anunciar. A casa era velha, sombria, espaçosa, de um andar, com dependências e um pavilhão. No rés do chão, moravam os dois filhos dele, casados, uma irmã bastante idosa e a filha. Dois caixeiros, um dos quais tinha numerosa família, ocupavam o pavilhão. Todo aquele mundo necessitava de espaço, enquanto o velho vivia sozinho no primeiro andar, não querendo lá nem mesmo a filha, que cuidava dele e devia subir cada vez que tinha ele necessidade dela, malgrado a asma inveterada. O primeiro andar compunha-se de grandes peças aparatosas, mobiliadas no velho estilo comercial, com intermináveis fileiras de poltronas maciças e de cadeiras de acaju ao longo das paredes, lustres de cristal cobertos de capas e tremós. Essas peças estavam vazias e inabitadas, confinando-se o velho em seu quatinho de dormir lá no fundo, onde o serviam uma velha criada de touca e um rapaz que se mantinha em cima de uma arca no vestíbulo. Quase não podendo mais andar, por causa de suas pernas inchadas, só raramente se levantava da poltrona, sustentado pela velha, para dar uma volta pelo quarto. Mesmo com ela, se mostrava severo e pouco comunicativo. Quando o informaram da chegada do “capitão”, recusou recebê-lo. Mítia insistiu e fez-se anunciar de novo. Kuzmá Samsónov informou-se então do ar do visitante, se tinha bebido ou fazia barulho. “Não — respondeu o rapaz —, mas não quer ir-se embora.” A uma nova recusa, Mítia, que previra o caso e tomara suas precauções, escreveu a lápis: “Para um negócio urgente, a respeito de Agrafiena Alieksándrovna”, e enviou o bilhete ao velho. Depois de ter refletido um instante, ordenou ele que conduzissem o visitante à sala e mandou transmitir ao filho mais moço ordem de subir imediatamente. Esse homem de elevada estatura e duma força hercúlea, que se barbeava e se vestia à europeia (o velho Samsónov usava cafetã e barba) chegou logo. Todos tremiam diante do pai. Ele o mandara chamar não por medo do capitão — não era homem medroso —, mas à toa, mais como uma testemunha. Acompanhado do filho, que o segurara por baixo do braço, e pelo rapaz, arrastou-se até a sala. Deve-se crer que experimentava uma curiosidade

bastante viva. A sala em que Mítia estava à espera era imensa e lúgubre, de dois tons, com uma galeria, paredes imitando mármore e três enormes lustres cobertos de capas. Mítia, sentado perto da entrada, esperava impacientemente sua sorte. Quando o velho apareceu na outra extremidade, a dez *sajénhi*, Mítia levantou-se vivamente e marchou a grandes passos a seu encontro. Estava corretamente trajado, com a sobrecasaca abotoada, o chapéu na mão, com luvas pretas, como na antevéspera no mosteiro, em casa do *stáriets*, por ocasião da reunião com Fiódor Pávlovitch e seus irmãos. O velho esperava-o de pé, com um ar grave, e Mítia sentiu que ele o examinava. Seu rosto, bastante inchado naqueles últimos tempos, com o lábio pendente, surpreendeu Mítia. Dirigiu a seu visitante um cumprimento grave e mudo, indicou-lhe um assento e, apoiado no braço do filho, tomou ele próprio lugar, gemendo, no divã em frente de Mítia. Este, testemunha de seus esforços dolorosos, sentiu logo um remorso e acanhamento ao pensar no nada que era diante do importante personagem a quem tirara de seus cômodos.

— Que deseja, senhor? — perguntou o velho, depois que se sentou, num tom frio, embora polido.

Mítia estremeceu, ergueu-se, mas retomou seu lugar. Pôs-se a falar alto, depressa, com exaltação, gesticulando. Sentia-se que aquele homem em apuros procurava uma derradeira saída, pronto a dar tudo por acabado em caso de fracasso. O velho Samsónov deve ter compreendido tudo isso num instante, se bem que o rosto houvesse permanecido impassível.

— O respeitável Kuzmá Kuzmitch ouviu provavelmente falar mais de uma vez de minhas desavenças com meu pai, Fiódor Pávlovitch Karamázov, que me despojou da herança de minha mãe... porque isso é assunto de todas as conversas, metendo-se as pessoas naquilo que não lhes compete... Pôde igualmente ter sido informado por Grúchenhka... perdoe, por Agrafiena Alieksándrovna... pela honradíssima e respeitabilíssima Agripina⁶⁹ Alieksándrovna...

Assim começou Mítia, que se atrapalhou desde as primeiras palavras. Mas não citaremos integralmente suas palavras, limitando-nos a resumilas. O fato é que ele, Mítia, conferenciara, havia três meses, na sede do distrito, com um advogado, “um célebre advogado, Kuzmá Kuzmitch, o senhor Páviel Pávlovitch Kornieplódov, de quem o senhor já deve ter ouvido falar. Grande cabeça, espírito quase de estadista... ele também o conhece... falou do senhor nos melhores termos...”. E Mítia, pela segunda

vez, não soube como continuar. Mas não se detinha por tão pouco, passava adiante, discorria à vontade. Aquele advogado, segundo as explicações de Mítia e o exame dos documentos (Mítia atrapalhou-se e passou rapidamente por cima), foi de opinião, a respeito da aldeia de Tchernachniá, que deveria ter-lhe pertencido por herança materna, que se podia intentar um processo e derrotar assim o velho energúmeno, “porque todas as saídas não estão fechadas e a justiça sabe abrir-se um caminho”. Em suma, podia-se esperar exigir de Fiódor Pávlovitch um suplemento de seis e até mesmo sete mil rublos, porque Tchernachniá vale pelo menos 25 mil, que digo? Vinte e oito mil, “trinta, Kuzmá Kuzmitch, e imagine que aquele carrasco não me pagou nem 17 mil! Abandonei então esse negócio, não entendendo nada da chicana e à minha chegada aqui fui atordado por uma ação de reconvenção (aqui Mítia atrapalhou-se de novo e deu um salto). Pois bem, respeitável Kuzmá Kuzmitch, não quer o senhor que eu lhe ceda todos os meus direitos sobre aquele monstro e isso por três mil rublos somente?... O senhor não arrisca nada, nada absolutamente, juro-o por minha honra; pelo contrário, poderá ganhar seis ou sete mil rublos, em lugar de três... E, sobretudo, queria terminar esse negócio hoje mesmo. Iríamos à casa do tabelião, ou então... Em suma, estou pronto a tudo, dar-lhe-ei todos os documentos que o senhor quiser, assinarei... lavraríamos o ato hoje, esta manhã mesmo, se possível... O senhor me daria esses três mil rublos porque é o senhor o primeiro capitalista daqui... e assim me salvaria permitindo-me praticar um ato sublime... porque nutro os mais nobres sentimentos para com uma pessoa que o senhor bem conhece e a quem cerca de uma solicitude paternal. De outro modo, não teria vindo aqui. Pode-se dizer que três cabeças se entrechocaram, porque o destino é uma coisa terrível, Kuzmá Kuzmitch. Ora, como o senhor não entra mais em conta há muito tempo, restam duas cabeças, segundo minha expressão talvez canhestra, mas não sou literato. Minha cabeça e a daquele monstro. De modo que, escolha: eu ou um monstro! Tudo se acha agora em suas mãos, três destinos e dois dados... Desculpe-me, atrapalhei-me, mas o senhor compreende... vejo por seus olhos que o senhor compreendeu... Senão, só me resta desaparecer, eis tudo!”. Mítia parou de repente sua fala extravagante com aquele “eis tudo” e, levantando-se, esperou uma resposta à sua absurda proposta. Na derradeira frase, sentira de súbito que o negócio estava fracassado e sobretudo que havia proferido uma terrível mixórdia. “É estranho, ao vir

aqui estava seguro de mim mesmo e agora atrapalho tudo!” Enquanto ele falava, o velho permanecia impassível, observando-o com ar glacial. Ao fim de um minuto, Kuzmá Kuzmitch disse por fim num tom categórico e desencorajador:

— Desculpe-me, mas não nos ocupamos com tais negócios.

Mítia sentiu fugirem-lhe as pernas.

— Que irá ser de mim, Kuzmá Kuzmitch? — murmurou ele, com um sorriso pálido. — Estou perdido agora. Que pensa o senhor?

— Desculpe-me...

Mítia, de pé e imóvel, notou uma mudança na fisionomia do velho. Estremeceu.

— Veja, senhor, tais negócios são incômodos. Entrevejo um processo, advogados, o diabo e tudo o mais! Se o senhor quiser, há aqui um homem, dirija-se a ele.

— Meu Deus, quem é?... O senhor me restitui a vida, Kuzmá Kuzmitch — balbuciou Mítia.

— Não está aqui neste momento. É um mujique, comerciante de madeira, apelidado Liagávi. Há um ano vive em conversações com Fiódor Pávlovitch a respeito da floresta da Tchermachniá de vocês. Não estão de acordo quanto ao preço. Talvez já tenha o senhor ouvido falar disso. Encontra-se ele justamente agora lá, hospedado na casa do padre Ilinski, em Ilhínskoie, a 12 verstas da estação de Volóvia. Escreveu-me a respeito desse negócio, pedindo conselho. Fiódor Pávlovitch quer ir em pessoa encontrá-lo. Se o senhor se adiantasse a ele, fazendo a Liagávi a mesma proposta que a mim, talvez ele...

— Eis uma ideia genial! — interrompeu Mítia, entusiasmado. — É justamente o que é preciso para aquele homem. É comprador, pedem-lhe caro, e eis um documento que o torna proprietário, ah! Ah! Ah! — E Mítia explodiu uma risada seca, inesperada, que surpreendeu Samsónov.

— Como agradecer-lhe, Kuzmá Kuzmitch?

— Não há de quê — respondeu Samsónov, inclinando a cabeça.

— Mas o senhor não sabe, o senhor acaba de salvar-me. Oh! Foi um pressentimento que me trouxe à sua casa... Então, vamos ver esse pope!

— É inútil agradecer-me.

— Corro lá. Abusei de sua saúde. Jamais esquecerei, é um russo quem lhe diz isso, Kuzmá Kuzmitch!

Mítia quis agarrar a mão do velho para apertá-la, mas ele tinha um olhar mau. Mítia retirou sua mão, enquanto censurava sua desconfiança. “Deve estar fatigado...”, pensou.

— É por ela, Kuzmá Kuzmitch! O senhor compreende que é por ela! — disse ele com voz ressoante. Inclinou-se, deu meia-volta e apressou-se em direção à saída, com grandes passadas. Palpitava de entusiasmo. “Tudo parecia perdido, mas meu anjo da guarda me salvou”, pensava ele. “E se um homem de negócios como esse velho (que nobre ancião, que porte imponente!) indicou esse caminho... sem dúvida o êxito está garantido. Não há um minuto a perder. Voltarei esta noite, mas terei ganho de causa. Será possível que o velho haja zombado de mim?” Assim monologava Mítia, ao voltar para casa, e não podia imaginar as coisas de outro modo: ou era um conselho prático — vindo dum homem experimentado, que conhecia aquele Liagávi (que nome engraçado!) — ou então o velho zombara dele! Ai! A derradeira hipótese era a única verdadeira. Mais tarde, muito tempo após o drama, o velho Samsónov confessou, rindo, que zombara do capitão. Tinha espírito maligno e irônico, com antipatias mórbidas. Teria sido o ar entusiasta do capitão, a tola convicção daquele “cesto furado” de que ele, Samsónov, podia levar a sério seu plano absurdo, um sentimento de ciúme de Grúchenka, em nome da qual aquele desmiolado lhe pedia dinheiro — ignoro o que inspirou o velho, mas quando Mítia se mantinha diante dele, sentindo as pernas dobrarem-se e exclamou estupidamente que estava perdido —, olhou com maldade e imaginou pregar-lhe uma peça. Após a partida de Mítia, Kuzmá Kuzmitch, pálido de cólera, dirigiu-se ao filho, ordenando-lhe que tomasse as providências para que aquele patife não voltasse a pôr os pés em sua casa, senão...

Não acabou sua ameaça, mas o filho, que o tinha, no entanto, visto muitas vezes encolerizado, tremeu de medo. Uma hora depois, estava ainda o velho agitado pela cólera; ao anoitecer, sentiu-se indisposto e mandou chamar o curandeiro.

II

LIAGÁVI

Por conseguinte, era preciso “galopar” e Mítia não tinha com que pagar a corrida: vinte copeques, eis o que lhe restava de sua antiga prosperidade! Possuía um velho relógio de prata, que havia muito tempo estava parado. Um relojoeiro judeu, instalado numa lojinha, no mercado, deu por ele seis rublos. “Não esperava tanto!”, exclamou Mítia, encantado (o encantamento continuava). Pegou os seis rublos e correu para casa. Ali completou a soma pedindo emprestados três rublos a seus locadores, que lhe deram de bom grado, se bem que fosse o derradeiro dinheiro que tinham, tanto gostavam de Mítia. Em sua exaltação, Mítia revelou-lhes que sua sorte se decidia e explicou — à pressa, bem entendido — quase todo o plano que acabava de expor a Samsónov, a decisão desse último, suas futuras esperanças, etc. Antes já, estavam aquelas pessoas a par de muitos de seus segredos e o olhavam como dos “seus”, um *bárin* nada orgulhoso. Tendo dessa maneira juntado nove rublos, mandou Mítia buscar cavalos de posta para ir até a estação de Volóvia. Mas dessa maneira comprovou-se e foi lembrado que “na véspera de certo acontecimento, não tinha Mítia um copeque, que para arranjar dinheiro vendera um relógio e pedira emprestados três rublos a seus locadores, tudo isso diante de testemunhas”.

Noto o fato, compreender-se-á mais tarde por quê.

Rodando para Volóvia, Mítia, radiante à ideia de desembaraçar por fim e de terminar todos aqueles negócios, estremecia, no entanto, inquieto: que aconteceria a Grúchenhka, durante sua ausência? Decidir-se-ia ela hoje a ir encontrar Fiódor Pávlovitch? Eis por que partira sem preveni-la, recomendando aos locadores que nada dissessem no caso de virem chamá-lo. “Preciso voltar absolutamente esta noite”, repetia ele, sacudido na *tieliaga*, “e trazer esse Liagávi... para lavrar o ato...”. Mas, ai, seus sonhos não estavam destinados a realizar-se de acordo com seu plano.

Em primeiro lugar perdeu tempo tomando para Volóvia o caminho vicinal. O percurso verificou-se ser de 18 e não de 12 verstras. Em seguida não encontrou o padre Ilinski em casa, pois fora à aldeia vizinha. Enquanto Mítia partia à sua procura com os mesmos cavalos, já estafados, a noite estava quase chegada. O *bátiuchka*, homenzinho tímido de ar afável, explicou-lhe logo que o tal Liagávi, que se alojara a princípio em sua casa, estava agora em Sukhói Posiélok, e passaria a noite na isbá do guarda-florestal, porque traficava também lá. A pedidos instantes de Mítia, de conduzi-lo imediatamente à presença de Liagávi e de “assim salvá-lo”, o

padre consentiu, após alguma hesitação, em acompanhá-lo a Sukhói Posiélók, misturando-se nisso certa curiosidade; por desgraça, aconselhou ir-se a pé, porque a distância era de pouco mais de uma versta. Mítia aceitou, bem entendido, e caminhou a grandes passos, de sorte que o pobre *bátiuchka* mal podia segui-lo. Era um homem ainda moço e bastante reservado. Mítia se pôs logo a falar de seus planos, pediu nervosamente conselhos a respeito de Liagávi, conversou durante todo o caminho. O padre escutava-o atentamente, mas não aconselhava nada. Respondia evasivamente às perguntas de Mítia: “Não sei; como haveria de sabê-lo?”, etc., etc. Quando Mítia falou de suas desavenças com o pai a respeito da herança, o padre amedrontou-se, porque dependia ele, a certos respeitos, de Fiódor Pávlovitch. Informou-se, com surpresa, da razão pela qual Mítia chamava de Liagávi o mujique Górstkin e explicou-lhe que, muito embora esse nome de Liagávi fosse o dele, ofendia-se tremendamente com ele e era preciso chamá-lo Górstkin, “senão o senhor nada poderá obter dele que nem mesmo o escutará”, concluiu o padre. Mítia espantou-se um pouco e explicou que o próprio Samsónov o havia chamado assim. A essas palavras, o padre mudou de conversa; deveria ter dado parte de suas suspeitas a Dimítri Fiódorovitch: se Samsónov o havia dirigido àquele mujique pelo nome de Liagávi, não teria sido por derrisão, não haveria naquilo algo de duvidoso? Mas Mítia não tinha tempo de se deter com tais bagatelas. Caminhava sempre e somente ao chegar a Sukhói Posiélók se apercebeu de que haviam feito três verstas e não uma e meia. Dissimulou seu descontentamento. Entraram na isbá da qual o guarda-florestal, que conhecia o padre, ocupava a metade; o forasteiro estava instalado na outra, separada pelo vestibulo. Foi para lá que se dirigiram acendendo uma vela. A isbá estava superaquecida. Sobre uma mesa de pinho, havia um samovar apagado, uma bandeja com xícaras, uma garrafa de rum vazia, um garrafão de aguardente quase vazio e restos de pão de trigo. O forasteiro jazia sobre o banco, com as roupas enroladas sob a cabeça à guisa de travesseiro e roncava ruidosamente. Mítia estava perplexo. “Certamente, é preciso despertá-lo; meu negócio é por demais importante, vim com tanta pressa e tenho também pressa de voltar hoje mesmo”, murmurava, inquieto. Aproximou-se e pôs-se a sacudi-lo, mas o dorminhoco não despertou. “Está bêbedo — concluiu Mítia. — Que fazer, meu Deus, que fazer?” Em sua impaciência, começou a puxá-lo pelas mãos, pelos pés, a levantá-lo, a

sentá-lo no banco, mas só obtive, após longos esforços, surdos resmungos e invectivas enérgicas, embora confusas.

— Seria melhor o senhor esperar — disse por fim o padre —, nada se pode obter agora.

— Bebeu o dia inteiro — observou o guarda.

— Meu Deus! — exclamou Mítia. — Se o senhor soubesse como tenho necessidade dele e em que situação me encontro!

— Será melhor esperar até amanhã de manhã — repetiu o padre.

— Até de manhã? Mas é impossível!

Em seu desespero, ia ainda sacudir o bêbedo, mas parou logo, compreendendo a inutilidade de seus esforços. O padre calava-se, o guarda cheio de sono mostrava-se sombrio.

— Que tragédias se encontram na vida real! — proferiu Mítia, desesperado. O suor escorria-lhe no rosto. O padre aproveitou-se dum minuto de calma para explicar-lhe avisadamente que, mesmo se conseguisse despertar o dorminhoco, não poderia discutir com ele, bêbedo como estava; “uma vez que se trata de um negócio importante, é mais seguro deixá-lo tranquilo até de manhã...” Mítia concordou.

— Ficarei aqui, *bátiuchka*, esperando a ocasião. Assim que ele acordar, começarei... Pagar-te-ei a vela e o pernoite — disse ele ao guarda. — Lembrar-te-ás de Dimítri Karamázov. Mas o senhor, *bátiuchka*, onde vai deitar-se?

— Não se inquiete, volto para casa na jumenta dele — disse, designando o guarda. — Portanto, adeus e boa sorte.

Assim foi feito. O padre cavalgou a jumenta, feliz por ver-se livre, mas vagamente inquieto e perguntando a si mesmo se não faria bem em informar no dia seguinte Fiódor Pávlovitch a respeito daquele curioso negócio, “senão ele se zangará ao sabê-lo e retirará sua proteção a mim”. O guarda, depois de coçar-se, voltou, sem dizer palavra, para seu quarto; Mítia tomou lugar no banco para esperar a ocasião, como dizia. Profunda angústia o dominava, como uma espessa bruma. Procurava, sem consegui-lo, reunir as ideias. A vela ardia, um grilo cantava, sufocava-se no quarto superaquecido. Imaginou de repente o jardim, a entrada: a porta da casa de seu pai abria-se misteriosamente e Grúchenhka acorria. Levantou-se bruscamente.

— Tragédia! — murmurou, rilhando os dentes. Aproximou-se maquinalmente do homem que dormia e pôs-se a examiná-lo. Era um mujique esgalgado, ainda moço, de cabelos cacheados, barbicha ruiva. Trazia uma blusa de chita da Índia e um colete preto, com a cadeia dum relógio de prata no bolsinho. Mítia observava aquela fisionomia com verdadeiro ódio. Os cachos, sobretudo, o exasperavam, não se sabia por quê. O mais humilhante é que ele, Mítia, ficava ali diante daquele homem com seu negócio urgente, ao qual tudo sacrificara, no extremo das forças, e aquele mandrião, “do qual depende agora minha sorte, ronca como se nada houvesse, como se viesse dum outro planeta!”. Mítia, perdendo a cabeça, lançou-se de novo para despertar o mujique embriagado. Pôs naquilo uma espécie de encarniçamento, maltratou-o, chegou a bater-lhe, mas, ao fim de cinco minutos, não obtendo nenhum resultado, tornou a sentar-se, num desespero impotente.

“Tolice, tolice! E... como tudo isso é lamentável.” Começava a sentir dor de cabeça. — “Será preciso abandonar tudo? Voltar?”, pensava ele. — “Não, ficarei até de manhã, decididamente! Por que ter vindo aqui? E não tenho com que voltar. Como fazer? Oh, que absurdo!”

Entretanto sua dor de cabeça aumentava. Ficou imóvel e adormeceu insensivelmente, sentado como estava. Ao fim de duas horas, foi despertado por uma dor intolerável na cabeça, suas têmporas latejavam. Levou muito tempo para voltar a si e dar-se conta do que se passava. Compreendeu por fim que era um começo de asfixia, devida ao carvão e que teria podido morrer. O bêbedo continuava a roncar; a vela consumira-se e estava a ponto de apagar-se. Mítia lançou um grito e precipitou-se cambaleante para a casa do guarda, que logo despertou. Sabendo do que se tratava, foi fazer o necessário, mas acolheu a coisa com uma fleuma surpreendente, o que causou assombro a Mítia.

— Mas ele está morto, está morto, e então... que fazer? — exclamou ele, em sua exaltação.

Abriram-se as portas e a janela, destapou-se a estufa. Mítia trouxe da entrada um balde d’água com a qual molhou a cabeça, depois embebeu d’água um trapo de pano que aplicou sobre a de Liagávi. O guarda continuava a mostrar uma indiferença desdenhosa; depois de ter aberto a janela, disse com ar mal-humorado: “Está tudo bem assim” e voltou a deitar-se, deixando com Mítia uma lanterna acesa. Durante meia hora, cuidou Mítia do bêbedo, renovando a compressa, resolvido a velar a noite

inteira; já sem forças, sentou-se para retomar fôlego, seus olhos fecharam-se logo, estirou-se inconscientemente no banco e adormeceu com um sono de chumbo.

Despertou muito tarde, cerca das nove horas. O sol brilhava nas duas janelas da isbá. O mujique de cabelos cacheados estava instalado diante de um samovar fervente e novo garrafão, mais de cuja metade já havia bebido. Mítia levantou-se sobressaltado e percebeu logo que o maldito mujique estava de novo embriagado, irremediavelmente embriagado. Observou-o um minuto, escancarando os olhos. O mujique olhava-o em silêncio, com um ar astuto e fleumático e até mesmo com arrogância, pelo que creu Mítia. Lançou-se para ele:

— Permita, olhe... eu... o guarda deve ter-lhe dito quem sou: o tenente Dimíttri Karamázov, filho do velho com quem anda o senhor em tratativas para um corte de madeira.

— Mentos! — replicou o mujique, num tom decidido.

— Minto como? Não conhece Fiódor Pávlovitch?

— Não conheço nenhum Fiódor Pávlovitch — declarou o mujique, com a língua pastosa.

— Mas o senhor está negociando a madeira dele: esperte-se, domine-se. Foi o padre Ilinski quem me trouxe aqui... O senhor escreveu a Samsónov e ele me disse que me dirigisse ao senhor... — Mítia ofegava.

— Tu m... entes! — repetiu Liagávi. Mítia sentia-se desfalecer.

— Por favor, não é brincadeira nenhuma. O senhor está embriagado, sem dúvida. Poderia afinal falar, compreender... senão... sou eu que não compreendo nada disso!

— És tintureiro!

— Perdão, sou Karamázov, Dimíttri Karamázov, tenho uma proposta a fazer-lhe... uma proposta muito vantajosa... precisamente a propósito da madeira.

O mujique acariciava a barba com ar importante.

— Não, trabalhaste de empreitada e és um tratante!

— Asseguro-lhe que se engana! — berrou Mítia, torcendo as mãos.

O mujique continuava a acariciar a barba; de súbito piscou o olho com um ar astuto.

— Cita-me uma lei que permita cometer tratantadas, entendes? És um tratante, compreendes?

Mítia recuou com ar sombrio, teve “a sensação duma pancada na testa”, como disse mais tarde. Foi de súbito como um raio de luz, compreendeu tudo. Ficou estupidificado, perguntando a si mesmo como ele, um homem no entanto sensato, pudera tomar a sério tal absurdo, meter-se em semelhante aventura, cuidar solícito daquele Liagávi, molhar-lhe a cabeça... “Ora bem, este sujeito está bêbedo e embebedar-se-á uma semana ainda — que adianta esperar? E se Samsónov zombou de mim? E se ela... Meu Deus, que fiz eu?...”

O mujique olhava-o e ria. Em outras circunstâncias, Mítia, cheio de cólera, teria arremetido contra aquele imbecil, mas agora sentia-se fraco como uma criança. Sem dizer uma palavra, pegou de cima do banco o sobretudo, vestiu-o, passou para outra peça. Não encontrou ninguém lá e deixou em cima da mesa cinquenta copeques pelo pernoite, pela vela e pelo incômodo. Ao sair da isbá, encontrou-se em plena floresta. Partiu ao acaso, não se lembrando mesmo qual a direção a tomar, se à direita ou à esquerda da isbá. Na véspera, em sua precipitação, não reparara no caminho. Não experimentava nenhum sentimento de vingança, nem mesmo para com Samsónov, e seguia maquinalmente o estreito caminho, a cabeça perdida e sem se inquietar a respeito da direção que tomava. A primeira criança que aparecesse tê-lo-ia derrubado, tão esgotado estava ele. Conseguiu, contudo, sair da floresta: os campos ceifados e desnudos estendiam-se a perder de vista. “Por toda parte o desespero, a morte!”, repetia, enquanto andava.

Por felicidade, encontrou um velho comerciante que um carroceiro conduzia à estação de Volóvia. Levaram consigo Mítia, que lhes perguntara qual o caminho. Chegaram três horas depois. Em Volóvia, alugou cavalos, a fim de seguir para a cidade, e sentiu então que estava morto de fome. Enquanto atrelavam, prepararam-lhe uma omeleta. Devorou-a, bem como um grande naco de pão, salsichão e bebeu três copinhos de vodca. Uma vez restaurado, retomou coragem e recuperou a lucidez. Movimentava-se, apressava o carroceiro, ruminava novo plano “infalível” para arranjar naquele mesmo dia aquele maldito dinheiro. “E dizer-se que o destino pode depender de três mil desgraçados rublos!”, exclamava, desdenhosamente. “Decidir-me-ei hoje!” E, não fosse o pensamento contínuo em Grúchenhka e a inquietação que experimentava por causa dela, poderia ter estado talvez completamente contente. Mas

aquele pensamento transpassava-o a cada instante como um punhal. Por fim chegaram, e Mítia correu à casa dela.

III

AS MINAS DE OURO

Era precisamente a visita de que Grúchenhka havia falado a Rakítin com tanto terror. Esperava então um correio e regozijava-se com a ausência de Mítia, ontem e hoje, esperando que ele não viesse talvez antes de sua partida, quando de súbito ele aparecera. Sabe-se o resto; para despistá-lo, fizera-se ela acompanhar por ele à casa de Kuzmá Samsónov, onde, dizia, tinha de ir fazer contas; despedindo-se de Mítia fizera-o prometer ir buscá-la à meia-noite. Ficara ele satisfeito com esse arranjo: “Ela fica em casa de Kuzmá, portanto não irá à casa de Fiódor Pávlovitch... contanto que não esteja ela mentindo”, acrescentou logo. Acreditava-a sincera. Seu ciúme consistia, longe da mulher amada, em imaginar toda espécie de traições, mas, de volta para seu lado, transtornado, persuadido de sua desgraça, ao primeiro olhar lançado àquele doce rosto, uma revolução operava-se nele, esquecia suas suspeitas e tinha vergonha de seus ciúmes. Apressou-se em voltar para casa, tinha ainda tanto que fazer! Pelo menos estava com o coração mais leve. “É preciso agora informar-me com Smierdiákov, se nada aconteceu ontem à noite, se ela não foi à casa de Fiódor Pávlovitch. Ah!...” De sorte que, mesmo antes de estar em casa, o ciúme se insinuava de novo em seu coração inquieto.

O ciúme! “Otelo não é ciumento, é confiante”, disse Púchkin. Essa observação atesta a profundidade de nosso grande poeta. Otelo sente-se transtornado porque perdeu seu ideal. Mas não irá ocultar-se, espionar, escutar às portas: é confiante. Pelo contrário, foi preciso pô-lo no caminho, excitá-lo com grande esforço, para que ele duvidasse da traição. Tal não é o verdadeiro ciumento. Não se pode imaginar a infâmia e a degradação a que um ciumento é capaz de acomodar-se sem nenhum remorso. E não são sempre almas vis que assim agem. Pelo contrário, embora tendo sentimentos elevados, um amor puro e devotado, pode uma pessoa esconder-se debaixo de mesas, comprar tratantes, prestar-se à mais

ignóbil espionagem. Otelo jamais teria podido resignar-se a uma traição — não perdoá-la, mas a ela resignar-se —, se bem que tenha a doçura e a inocência duma criança. Bem diferente é o verdadeiro ciumento. Tem-se dificuldade em imaginar os compromissos e a indulgência de que alguns são capazes. Os ciumentos são os primeiros a perdoar, todas as mulheres sabem disso. Perdoariam (após uma cena terrível, bem entendido) uma traição quase flagrante, abraços e beijos de que foram testemunhas, se fosse a derradeira vez, se seu rival desaparecesse, partisse para o fim do mundo e eles mesmos partissem com a bem-amada para um lugar onde ela não tornaria a encontrar mais o outro. A reconciliação, naturalmente, não é senão de curta duração, porque, na ausência de um rival, o ciumento inventaria um segundo. Ora, que vale tal amor, objeto de uma vigilância incessante? Mas um verdadeiro ciumento não o empreenderá nunca. Há, no entanto, entre eles, pessoas de sentimentos elevados e, coisa de espantar, quando se acham eles à escuta num esconderijo, ao mesmo tempo que compreendem a vergonha de sua conduta, não experimentam no momento nenhum remorso. À vista de Grúchenhka, o ciúme de Mítia desaparecia, tornava-se confiante e nobre, desprezava-se mesmo por seus maus sentimentos. Isso significava somente que aquela mulher lhe inspirava um amor mais elevado do que ele o cria, um amor em que havia outra coisa além da sensualidade, da atração carnal de que falava ele a Aliócha. Mas, assim que Grúchenhka partia, recomeçava Mítia a suspeitar nela todas as baixeiras e perfídias da traição, sem experimentar nenhum remorso.

Assim, pois, o ciúme atormentava-o mais uma vez. Em todo caso, o tempo urgia. Era preciso, em primeiro lugar, arranjar uma pequena soma, os nove rublos de ontem tinham-se ido quase todos na viagem, e todos sabem que sem dinheiro não se vai longe. Pensara nisso, na *tieliaga* que o trazia, ao mesmo tempo que no novo plano. Possuía duas excelentes pistolas que ainda não empenhara, porque eram de estimação. No botequim A Capital, travara conhecimento com um jovem funcionário e soubera que, celibatário e em muito boas condições financeiras, tinha ele paixão por armas. Comprava pistolas, revólveres, punhais, com os quais formava panóplias que exibia com vaidade, hábil no explicar o sistema dum revólver, como carregá-lo, atirar, etc. Sem hesitar, Mítia foi oferecer-lhe suas pistolas em penhor por dez rublos. Encantado, o funcionário queria absolutamente comprá-las, mas Mítia não consentiu nisso; o outro

deu-lhe dez rublos, declarando que não cobraria juros. Despediram-se como bons amigos. Mítia apressava-se, dirigiu-se a seu pavilhão, por trás da casa de Fiódor Pávlovitch, para chamar Smierdiákov. Mas dessa maneira constatou-se de novo que, três ou quatro horas antes de um certo acontecimento de que se tratará depois, Mítia estava sem dinheiro e empenhara um objeto de estimação, ao passo que três horas mais tarde se achava de posse de milhares de rublos... Mas não antecipemos. Em casa de Maria Kondrátiévna, a vizinha de Fiódor Pávlovitch, soube ele, consternado, da doença de Smierdiákov. Ouviu o relato da queda na adega, da crise que se seguiu, da chegada do doutor, da solicitude de Fiódor Pávlovitch; informaram-no também da partida de seu irmão Ivan para Moscou naquela manhã mesma. “Deve ter passado antes de mim por Volóvia”, pensou, mas Smierdiákov preocupava-o intensamente. “Que fazer agora, quem velará para me informar?” Interrogou avidamente aquelas mulheres, para saber se elas nada tinham notado na véspera. Compreenderam elas muito bem o que queria ele saber e tranquilizaram-no: “Tudo se passara normalmente.” Mítia refletiu: “Decerto era preciso vigiar também hoje, mas onde: aqui ou à porta de Samsónov?” Decidiu que seria nos dois lugares, à sua vontade, e, enquanto esperava... havia aquele novo plano seguro, concebido na estrada e cuja execução não era possível diferir. Mítia resolveu consagrar uma hora a isso. “Dentro de uma hora saberei tudo, e então, em primeiro lugar, em casa de Samsónov informar-me se Grúchenhka está lá, depois de novo aqui até as 11 horas, e voltarei lá para reconduzi-la de volta.”

Correu à sua casa depois de ter-se aseado, dirigiu-se à casa da senhora Khokhlakova. Ai! Tal era seu famoso “plano”. Resolvera pedir emprestados três mil rublos àquela senhora, persuadido de que ela não lhos recusaria. Não será caso de admiração talvez que, nesse caso, não haja ele ido em primeiro lugar à casa de alguém de seu mundo, em lugar de Samsónov, cuja mentalidade lhe era estranha, e com o qual não sabia exprimir-se? Mas é que, desde um mês, quase rompera com ela, conhecia-a pouco, aliás, e sabia que ela não podia tolerá-lo, porque era ele o noivo de Katierina Ivânovna. Teria ela querido que a moça o deixasse para casar-se com “o querido Ivan Fiódorovitch, tão instruído e que possuía tão belas maneiras”. As de Mítia desagradavam-lhe fortemente. Zombava dela e dissera uma vez que “aquela senhora era tão viva e desenvolta quanto pouco instruída”. E, pela manhã, na *tieliéga*, fora aquilo como um raio de

luz: “Se ela se opõe ao meu casamento com Katierina Ivânovna (e sabia-a irreconciliável), por que me recusaria agora esses três mil rublos que me permitiriam abandonar Kátia e partir definitivamente? Quando essas grandes damas muito cheias de si têm um capricho na cabeça, nada se poupam para atingir seus fins. Ela é, aliás, tão rica...”, dizia a si mesmo Mítia. Quanto ao plano, era igual ao precedente, isto é, o abandono de seus direitos sobre Tchermachniá, não com um fim comercial, como no caso de Samsónov, e sem tentar aquela senhora como o comerciante, com a possibilidade dum bom negócio, dum ganho de alguns milhares de rublos, mas simplesmente em garantia de sua dívida. Desenvolvendo essa ideia nova, Mítia entusiasmava-se, como acontecia sempre por ocasião de seus empreendimentos e de suas novas decisões. Todo projeto novo apaixonava-o. Não obstante, ao chegar ao patamar, sentiu um arrepio repentino; naquele instante compreendeu, com uma precisão matemática, que estava ali sua derradeira esperança, que, em caso de malogro, não teria outro recurso senão estrangular alguém para roubá-lo... Eram sete horas e meia, quando tocou a campainha.

A princípio, tudo marchou a contento, foi recebido imediatamente. “Dir-se-ia que ela me espera”, pensou Mítia. Assim que foi introduzido no salão, a dona da casa apareceu e declarou-lhe que o esperava.

— Não podia supor que o senhor viria, há de convir; no entanto, esperava-o. Admire meu instinto, Dimíttri Fiódorovitch, contava com sua visita hoje.

— É verdadeiramente de admirar, minha senhora — disse Mítia, sentando-se canhestramente —, mas vim por causa dum negócio da mais alta importância, no que a mim se refere, e apresso-me...

— Eu sei, Dimíttri Fiódorovitch, não se trata mais de pressentimento, de inclinação retrógrada pelos milagres (ouviu falar do *stáriets* Zósima?), era fatal, o senhor deveria vir depois de tudo o que se passou com Katierina Ivânovna.

— A realidade da vida, minha senhora, é isso. Mas permita-me que lhe explique...

— Precisamente, a realidade da vida, Dimíttri Fiódorovitch. Não há senão isso que valha a meus olhos, estou curada dos milagres. O senhor soube da morte do *stáriets* Zósima?

— Não, senhora, não sabia de nada — respondeu Mítia, um tanto surpreso. Voltou-lhe a lembrança de Aliócha.

— Esta noite mesmo, e imagine o senhor...

— Minha senhora — interrompeu Mítia —, imagino somente que me encontro numa situação desesperada, e que, se a senhora não vier em meu auxílio, tudo se desmoronará, eu em primeiro lugar. Perdoe-me a vulgaridade da expressão, a febre queima-me.

— Sim, sei que o senhor tem febre, não pode ser de outra forma; diga o que disser, sei-o de antemão. Há muito tempo que me ocupo com seu destino, Dimítiri Fiódorovitch, acompanho-o, estudo-o. Sou um médico experimentado, creia-o.

— Não o duvido, minha senhora. Em compensação, sou eu um doente experimentado — replicou Mítia, esforçando-se por ser amável — e tenho o pressentimento de que, se a senhora segue com tal interesse meu destino, não me deixará sucumbir. Mas permita-me afinal que lhe exponha o plano que me traz... e o que espero da senhora... Vem cá, minha senhora...

— De que servem essas explicações? Isso não tem importância. Não é o senhor o primeiro a quem eu iria em socorro, Dimítiri Fiódorovitch. Deve ter ouvido falar de minha sobrinha Bielhmíésova. Seu marido estava perdido, afundava-se. Pois bem, aconselhei-o a criar cavalos e agora ele está próspero. O senhor entende de criação de cavalos, Dimítiri Fiódorovitch?

— Absolutamente, minha senhora, absolutamente! — exclamou Mítia, que se levantou em sua impaciência. — Suplico-lhe, senhora, que me ouça, deixe-me falar dois minutos somente, para explicar-lhe meu projeto. Além do mais, tenho muita pressa!... — gritou Mítia, exaltado, compreendendo que ela ia falar mais ainda e na esperança de gritar mais forte do que ela. — Vim desesperado pedir-lhe emprestados três mil rublos contra um penhor seguro, que oferece plena garantia! Deixe-me somente dizer-lhe...

— Depois, depois! — exclamou a senhora Khokhlakova, agitando a mão. Sei já tudo quanto o senhor me quer dizer. Pede-me três mil rublos, dar-lhe-ei bem mais, salvá-lo-ei, Dimítiri Fiódorovitch, mas é preciso obedecer-me.

Mítia sobressaltou-se.

— Senhora, teria tamanha bondade!? — exclamou ele num tom emocionado. — Meu Deus! A senhora salva um homem da morte, do suicídio... Minha eterna gratidão...

— Dar-lhe-ei infinitamente, infinitamente mais de três mil rublos — repetiu a senhora Khokhlakova, que olhava, sorridente, o entusiasmo de Mítia.

— Mas não preciso de tanto! Tenho necessidade somente dessa fatal soma, três mil rublos. Ofereço-lhe uma garantia e lhe agradeço. Meu plano...

— Basta, Dimítiri Fiódorovitch, está dito, está feito — interrompeu-o a senhora Khokhlakova, com a modéstia triunfante de uma benfeitora. — Prometi salvá-lo e salvá-lo-ei, como a Bielhmiésov. Que pensa o senhor das minas de ouro?

— As minas de ouro, senhora? Jamais pensei nisso!

— Mas eu penso, pelo senhor. Há um mês que o observo com esse objetivo. Olhei-o muitas vezes, quando o senhor passava, pensando: eis um homem enérgico, cujo lugar é nas minas. Eu mesma estudei seu andar e persuadi-me de que o senhor descobriria filões.

— Por meu modo de andar, senhora?

— Por que não? Como, nega que se possa conhecer o caráter pelo modo de andar, Dimítiri Fiódorovitch? As ciências naturais confirmam o fato. Oh! Sou realista. Desde hoje, após essa história no mosteiro que tanto me afetou, tornei-me totalmente realista e quero entregar-me a uma atividade prática. Estou curada do misticismo. “Basta!”, como diz Turguéniev.

— Mas senhora, esses três mil rublos que me prometeu tão generosamente...

— Eles não lhe escaparão, é como se os tivesse em seu bolso. E não três mil, mas três milhões, em breve prazo. Eis minha ideia: o senhor descobrirá minas, ganhará milhões; quando voltar, ter-se-á tornado um homem de ação capaz de nos guiar para o bem. Será preciso, pois, abandonar tudo aos judeus? O senhor construirá edifícios, fundará diversas empresas. Socorrerá os pobres, e eles o abençoarão. Estamos no século das estradas de ferro. O senhor será conhecido e notado no Ministério das Finanças, que se encontra em extrema penúria. A queda de nossa moeda

fiduciária impede-me de dormir, Dimíttri Fiódorovitch, conhecem-me mal a esse respeito.

— Minha senhora, minha senhora — interrompeu, de novo, Dimíttri, inquieto —, seguirei muito provavelmente seu sábio conselho... irei talvez lá... às minas a que se refere... voltarei para conversar com a senhora... mas, agora, esses três mil rublos que a senhora tão generosamente... eles me libertariam, e, se possível, hoje... Não tenho uma hora a perder...

— Escute, Dimíttri Fiódorovitch, chega! Uma pergunta: parte ou não para as minas de ouro? Responda-me categoricamente.

— Irei, minha senhora, depois... Irei aonde a senhora quiser... mas agora...

— Espere então! — Dirigiu-se vivamente para uma magnífica escrivaninha e remexeu as gavetas com precipitação.

“Os três mil!”, pensou Mítia, crispado pela expectativa — “e isso imediatamente, sem papel, sem formalidades. Que grandeza d’alma! Que excelente mulher! Se somente falasse menos”.

— Aqui está — exclamou ela, radiante, voltando para Mítia —, eis o que eu procurava!

Era um pequeno ícone de prata, com uma corrente, como os que se usam por vezes sob a roupa.

— Vem de Kiev, Dimíttri Fiódorovitch — disse a senhora Khokhlakova, com respeito —, relíquias de santa Bárbara, a grande mártir. Permita-me que eu mesma ponha este pequeno ícone em seu pescoço e o abençoe em véspera de uma vida nova.

E tendo-lhe passado a corrente no pescoço, tratou de ajustá-la. Mítia, muito constrangido, inclinou-se e procurou ajudá-la. Por fim, o ícone ficou colocado como era preciso.

— Agora, pode partir — disse ela, tornando a sentar-se, triunfante.

— Minha senhora, estou tão comovido... e não sei como agradecer-lhe... a sua solicitude, mas... se soubesse a senhora como tenho pressa! Essa soma que espero de sua generosidade... Oh! Minha senhora, já que é tão boa, tão generosa — e Mítia teve uma inspiração —, permita-me que lhe revele... o que, aliás, a senhora já sabe... amo uma pessoa. Traí Kátia, Katierina Ivânovna, quero dizer... Oh! Tenho sido inumano, desonesto, mas amava outra... uma mulher a quem a senhora talvez despreze, porque

está a par de tudo, mas que eu não posso abandonar, de modo que esses três mil...

— Abandone tudo, Dimítri Fiódorovitch — interrompeu, em tom cortante, a senhora Khokhlakova. — Sobretudo as mulheres. Seu objetivo são as minas. Inútil levar mulheres para lá. Mais tarde, quando o senhor voltar rico e célebre, encontrará uma amiga de coração na mais alta sociedade. Será uma moça moderna, prudente e sem preconceitos. Nessa época, justamente, o feminismo ter-se-á desenvolvido, e a nova mulher aparecerá...

— Minha senhora, não é isso, não é isso... — disse Dimítri Fiódorovitch, juntando as mãos, com ar suplicante.

— Mas sim, Dimítri Fiódorovitch, é precisamente disso que o senhor necessita, é disso que está o senhor sedento sem o saber. Interesse-me bastante pelo feminismo. O desenvolvimento da mulher e até mesmo seu papel político no futuro mais próximo, eis meu ideal. Tenho uma filha, Dimítri Fiódorovitch, esquecem-se disso muitas vezes. Escrevi a respeito a Chtchédrin.⁷⁰ Esse escritor abriu-me tais horizontes sobre a missão da mulher que lhe dirigi, o ano passado, estas duas linhas: “Aperto-o contra o meu coração e beijo-o em nome da mulher moderna, continue.” E assinei: “Uma mãe.” Teria querido assinar: “Uma mãe contemporânea”, mas hesitei. Afinal de contas, limitei-me a “uma mãe”, é mais belo moralmente, Dimítri Fiódorovitch, e a palavra “contemporânea” poderia ter lembrado *O contemporâneo*, lembrança amarga para ele, em vista da censura atual. Meu Deus, que tem o senhor?

— Minha senhora — disse Mítia, de pé, com as mãos juntas como um suplicante —, a senhora vai fazer-me chorar, se demora ainda o que tão generosamente...

— Chore, Dimítri Fiódorovitch, chore! É um belo sentimento... no caminho que o espera. As lágrimas aliviam. Mais tarde, uma vez de volta da Sibéria, o senhor se rejubilará comigo...

— Mas permita — vociferou de súbito Mítia —, suplico-lhe pela derradeira vez, diga-me se posso receber da senhora hoje a soma prometida. Senão, quando será preciso vir buscá-la?

— Que soma, Dimítri Fiódorovitch?

— Mas os três mil rublos que a senhora me prometeu... que tão generosamente...

— Três mil o quê... três mil rublos? Mas não os tenho — disse ela, com alguma surpresa.

— Como?... ainda há pouco... a senhora disse que era como se eu os tivesse em meu bolso...

— Oh! não, o senhor compreendeu-me mal, Dimítri Fiódorovitch. Falava das minas. Prometi-lhe bem mais de três mil rublos, lembro-me agora, mas tinha em vista unicamente as minas.

— Mas o dinheiro? Os três mil rublos?

— Oh! se o senhor contava com dinheiro, não o tenho no momento absolutamente, Dimítri Fiódorovitch. Estou mesmo em dificuldades com meu administrador e acabo de pedir emprestados a Miúsov quinhentos rublos. Se os tivesse, aliás, não lho daria. Em primeiro lugar, não empresto dinheiro a ninguém. Quem devedor tem, guerra lhe vem. Mas ao senhor, particularmente, teria recusado, mesmo gostando do senhor, mesmo para salvá-lo. Porque o senhor só precisa de uma coisa: das minas e das minas!

— Oh! Que o diabo... — berrou Mítia, dando um violento murro na mesa.

— Ai! Ai! — exclamou a senhora Khokhlakova, aterrorizada, refugiando-se na outra extremidade do salão. Mítia cuspiu com desprezo e saiu rapidamente. Ia como um doido nas trevas, batendo no peito no mesmo lugar em que dois dias antes diante de Aliócha, por ocasião do derradeiro encontro deles na estrada. Por que batia ele justamente no mesmo lugar; que significava esse gesto? Não tinha revelado ainda a ninguém aquele segredo, nem mesmo a Aliócha, um segredo que ocultava a desonra, e mesmo sua perda e o suicídio, porque tal era sua resolução no caso em que não arranjasse os três mil rublos para restituir a Katierina Ivânovna e tirar de seu peito, daquele lugar, a desonra que carregava e que torturava sua consciência. Tudo isso será esclarecido mais adiante. Após a ruína de sua derradeira esperança, aquele homem tão robusto desmanchou-se de súbito em lágrimas, como uma criança. Caminhava estupidificado, enxugando as lágrimas com o punho, quando deu um encontrão em alguém. Uma mulher, que ele quase derrubara, lançou um grito agudo.

— Meu Deus, quase me matou! Preste atenção, vagabundo!

— Ah, é você? — gritou Mítia, examinando a velha no escuro. Era a criada de Kuzmá Samsónov que ele vira na véspera.

— E o senhor quem é, *bátiuchka*? — proferiu a velha em outro tom. — Não o estou reconhecendo.

— Não serve em casa de Kuzmá Samsónov?

— Perfeitamente... Mas não consigo reconhecê-lo.

— Diga-me, minha boa mulher, estará Agraïena Alieksándrovna em casa dele neste momento? Eu mesmo a levei para lá.

— Sim, *bátiuchka*, ela ficou um instante e partiu.

— Como, partiu? Quando?

— Não ficou muito tempo. Divertiu Kuzmá Kuzmitch, contando-lhe uma história, depois saiu.

— Mentos, maldita! — gritou Mítia.

— Ai! Ai! — exclamou a velha. Mas Mítia havia desaparecido, corria a bom correr para a casa onde morava Grúchenhka. Havia ela partido, um quarto de hora antes, para Mókroie. Fiénia estava na cozinha com sua avó, a cozinheira Matriona, quando o “capitão” chegou. Ao vê-lo, Fiénia gritou com todas as forças.

— Estás gritando? — perguntou Mítia. — Onde está ela? — E, sem esperar a resposta de Fiénia, paralisada de medo, caiu a seus pés.

— Fiénia, em nome de Cristo, nosso Salvador, dize-me onde ela está!

— Não sei de nada, caro Dimítiri Fiódorovitch, de nada absolutamente. Ainda que o senhor me matasse agora mesmo, nada posso dizer. Mas o senhor a acompanhou...

— Ela voltou...

— Não, ela não voltou, juro-o por Deus.

— Mentos! — urrou Mítia. — Basta teu terror para eu adivinhar onde ela está...

Saiu correndo. Apavorada, Fiénia felicitava a si mesmo por se ter livrado tão facilmente, compreendendo que aquilo poderia ter dado em complicação, se houvesse demorado mais. Ao sair, teve ele um gesto que causou espanto às duas mulheres. Sobre a mesa, havia um almofariz com um pilão de cobre; Mítia, que já havia aberto a porta, agarrou de passagem aquele pilão e meteu-o no bolso.

— Meu Deus, ele quer matar alguém! — gemeu Fiénia.

Para onde corria ele? Pode-se imaginar: “Onde poderá ela estar, senão em casa de Fiódor Pávlovitch? Foi diretamente da casa de Samsónov para lá, está claro. Toda essa intriga salta aos olhos...” As ideias se entrecrocavam na cabeça. Não entrou no pátio de Maria Kondrátiévna: “É inútil dar alarma, deve ela participar da conjura, bem como Smierdiákov; estão todos comprados!” Sua resolução estava tomada; deu uma grande volta, transpôs o passadiço, foi sair em um beco atrás, deserto e desabitado, limitado de um lado pela sebe da horta vizinha, do outro, pela alta paliçada que cercava o jardim de Fiódor Pávlovitch. Escolheu para escalá-la precisamente o lugar por onde trepara, segundo a tradição, Lisavieta Smierdiachtchaia. “Se ela pôde passar por ali — pensou ele —, por que não faria eu outro tanto?” De um salto suspendeu-se à paliçada, içou-se e encontrou-se escarranchado no alto. Bem perto erguia-se o banheiro, mas via de seu lugar as janelas iluminadas da casa. “É isso, há luz no quarto de dormir do velho, ela está lá!” E saltou para o jardim. Muito embora soubesse que Grigóri e talvez Smierdiákov estivessem doentes, que ninguém podia ouvi-lo, ficou imóvel instintivamente e prestou ouvidos. Por toda parte um silêncio de morte, uma calma absoluta, nem o menor sopro. “Só se ouve o silêncio...”, voltou-lhe esse verso à memória, “contento que não me hajam ouvido! Acho que não.” Então pôs-se a caminhar pela relva a passos de lobo, de ouvido atento, evitando as árvores e as moitas. Lembrava-se de que havia sob as janelas espessos maciços de sabugueiro e de briônia. A porta que dava acesso ao jardim, do lado esquerdo da fachada, estava fechada, verificou-o ao passar. Por fim, atingiu os maciços e ali se ocultou. Retinha a respiração. “É preciso esperar. Se me ouvirem, devem estar agora à escuta... Contanto que não vá tossir ou espirrar!...”

Esperou dois minutos. Seu coração batia; por momentos, quase sufocava. “Essas palpitações não cessarão, não posso mais esperar.” Mantinha-se na sombra, por trás duma moita meio iluminada. “Uma briônia, como suas bagas estão vermelhas!”, murmurou ele, maquinalmente. A passos de lobo, aproximou-se da janela e ergueu-se nas pontas dos pés. O quarto de dormir de Fiódor Pávlovitch aparecia-lhe totalmente, pequena peça separada em duas por biombos vermelhos,

“chineses”, como os chamava seu proprietário. “Grúchenhka está ali atrás”, pensou Mítia. Pôs-se a examinar Fiódor Pávlovitch, vestido com um roupão de seda raiada — que Mítia nunca vira usado por ele — com um cordão que terminava em borlas. A gola dobrada deixava ver uma camisa elegante de fino pano de Holanda, ornada de botões de ouro. Sua cabeça estava enrolada com o mesmo lenço vermelho com que o vira Aliócha. “Faz-se bonito.”

Fiódor Pávlovitch conservava-se perto da janela, com ar pensativo. De súbito, voltou a cabeça, escutou e, não ouvindo nada, aproximou-se da mesa, serviu-se de meio copo de conhaque. Depois suspirou profundamente, fez uma pausa. Após isso, dirigiu-se com ar distraído para o espelho, ergueu um pouco o lenço para examinar as equimoses e escaras. “Está só muito provavelmente.” O velho afastou-se do espelho e pôs-se diante da janela. Mítia recuou vivamente para a sombra.

“Ela está talvez por trás dos biombos, já dormindo.” Fiódor Pávlovitch retirou-se da janela. “É ela que ele espera, não está, pois, aqui; senão, por que olharia ele para a escuridão? É a impaciência que o devora.” Mítia voltou a observar. O velho estava sentado diante da mesa, visivelmente triste. Por fim, apoiou o cotovelo na mesa, com a face encostada à mão direita. Mítia olhava avidamente. “Sozinho, sozinho! Se ela estivesse aqui, estaria ele com outro ar.” Coisa estranha; experimentou de repente um despeito estranho pelo fato de não se encontrar ela ali. “O que me aborrece não é sua ausência, mas não saber a que me ater”, explicava a si mesmo. Mais tarde, lembrou-se Mítia de que seu espírito estava então extraordinariamente lúcido e que se dava ele conta dos mínimos detalhes. Mas a angústia provinda da incerteza crescia em seu coração. “Está ela aqui, sim ou não?” De súbito decidiu-se, estendeu o braço, bateu na janela. Duas pancadas levemente, depois três outras mais depressa: toc, toc, toc, sinal convencionado entre o velho e Smierdiákov, para anunciar que Grúchenhka tinha chegado. O velho estremeceu, ergueu a cabeça e correu para a janela. Mítia voltou para a sombra. Fiódor Pávlovitch abriu, inclinou-se.

— Grúchenhka, és tu? — perguntou ele, com voz trêmula. — Onde estás, minha querida, meu anjo, onde estás? — Bastante emocionado, ofegava.

“Sozinho.”

— Onde estás então? — repetiu o velho, com o busto debruçado para fora, a fim de olhar para todos os lados. — Vem cá, preparei um presente para ti, vem vê-lo!

“O envelope com os três mil rublos.”

— Mas onde estás, então? Estás à porta? Vou abrir...

E Fiódor Pávlovitch arriscava-se a cair, olhando para a porta que dava para o jardim e scrutando as trevas. Ia certamente apressar-se em abrir a porta, sem esperar a resposta de Grúchenka. Mítia não se moveu. A luz iluminava nitidamente o perfil detestado do velho, com seu pomo de adão, seu nariz recurvado, seus lábios sorrindo em voluptuosa expectativa. Uma cólera furiosa ferveu de súbito no coração de Mítia: “Eis meu rival, o carrasco de minha vida!” Era um acesso irresistível, o arrebatamento de que falara a Aliócha, por ocasião de sua conversa no pavilhão, em resposta à sua pergunta: “Como podes dizer que matarás teu pai?”

“Não sei — dissera Mítia —, talvez mate, talvez não. Temo não poder suportar seu rosto naquele momento. Odeio seu pomo de adão, seu nariz, seus olhos, seu sorriso impudente. Causa-me asco. Eis o que temo, não poderei conter-me...”

A aversão tornava-se intolerável. Mítia, fora de si, tirou do bolso o pilão de cobre.

“Deus me preservou naquele momento”, dizia mais tarde Mítia; naquele momento, com efeito, Grigóri, sofrendo, despertou. Antes de deitar-se, tinha tomado o remédio de que Smierdiákov falara a Ivan Fiódorovitch. Depois de haver-se esfregado, ajudado pela mulher, com vodca misturada a uma infusão secreta muito forte, bebeu o resto da droga, enquanto Maria Ignátievna recitava uma prece. Ela também bebeu e, não tendo o hábito, adormeceu com um sono de chumbo, ao lado do marido. De repente, ele despertou, refletiu um instante e, muito embora sentisse uma dor aguda nos rins, levantou-se e vestiu-se à pressa. Talvez se censurasse o dormir, estando a casa sem guarda num tempo tão perigoso. Smierdiákov, esgotado pela crise, jazia imóvel no quarto vizinho. Marfa Ignátievna não se movera; “está fatigada”, pensou Grigóri, depois de havê-la olhado e saiu gemendo para o patamar. Quis somente lançar uma olhadela, não tendo forças para ir mais longe, tanto lhe doíam os rins e a perna direita. De súbito lembrou-se de que não havia fechado com chave a portinha do jardim. Era um homem meticoloso, escravo da ordem estabelecida e dos

hábitos inveterados. Coxeando e com contorções de dor, desceu o patamar e dirigiu-se ao jardim. Com efeito, a porta estava escancarada. Entrou maquinalmente; acreditara avistar ou ouvir alguma coisa, mas, olhando para a esquerda, notou a janela aberta onde ninguém se via. “Por que está aberta? Não se está mais no verão”, pensou Grigóri. No mesmo instante, bem à frente, a quarenta passos, uma sombra se deslocava rapidamente, alguém corria no escuro. “Meu Deus!”, murmurou ele, e, esquecendo seu lumbago, pôs-se em perseguição ao fugitivo. Tomou pelo caminho mais curto, conhecendo melhor o jardim que o outro. Este se dirigiu para o banheiro, contornou-o, lançou-se para o muro. Grigóri não o perdia de vista enquanto corria e atingiu a paliçada no momento em que Dimítri a escalava. Fora de si, Grigóri lançou um grito, avançou e agarrou-o por uma perna. Seu pressentimento não o enganara, reconheceu-o, era mesmo ele, “o execrável parricida”.

— Parricida! — vociferou o velho, mas não disse mais nada e caiu como fulminado. Mítia saltou de novo para dentro do jardim e curvou-se sobre Grigóri. Maquinalmente, desembaraçou-se do pilão que caiu a dois passos no caminho, bem em evidência. Grigóri tinha a testa a sangrar, Mítia tateou-a ansioso por saber se arrebentara o crânio do velho ou se o havia apenas entontecido com o pilão. O sangue morno jorrava, inundando seus dedos trêmulos. Tirou do bolso o lenço imaculado que pegara para ir à casa da senhora Khokhlakova e aplicou-lhe na cabeça, esforçando-se estupidamente por estancar-lhe o sangue. O lenço ficou logo embebido. “Meu Deus, para que fiz isso? Como saber o que há... que importa agora? O velho está liquidado; se o matei, tanto pior para ele!”, proferiu em voz alta. Então escalou a paliçada, saltou para o beco e se pôs a correr, metendo no bolso da sobrecasaca o lenço ensanguentado que apertava na mão direita. Alguns passantes lembraram-se mais tarde de ter encontrado naquela noite um homem que corria a bom correr. Dirigiu-se de novo para a casa Morózova. Após a partida dele, Fiénia precipitara-se para a casa do porteiro, Nazar Ivânovitch, suplicando-lhe que “não mais deixasse o capitão entrar, nem hoje, nem amanhã”. Posto ao corrente do que havia, o porteiro concordou, mas teve de subir à casa da proprietária que o mandara chamar. Encarregou de substituí-lo seu sobrinho, um rapaz de vinte anos, recentemente chegado do campo, mas esqueceu-se de mencionar o capitão. O rapaz, que se lembrava das gorjetas dele, reconheceu-o e abriu-lhe a

porta logo. Sorrindo, apressou-se em informá-lo, sollicitamente, de que “Agrafiena Alieksándrovna não estava em casa”.

— Onde está ela então, Prókhor? — E Mítia parou.

— Há duas horas que ela partiu para Mókroie com Timofiéi.

— Por quê?

— Não sei, para ir ter com um oficial que mandou um carro buscá-la.

Mítia precipitou-se como um louco para dentro da casa.

V

UMA DECISÃO SÚBITA

Fiénia achava-se na cozinha com a avó, preparando-se para deitar-se. Fiando-se no porteiro, não tinham fechado a porta. Assim que entrou, Mítia agarrou Fiénia pela garganta.

— Imediatamente... diga-me com quem está ela em Mókroie — vociferou ele.

As duas mulheres lançaram um grito.

— Ai! Vou dizer-lhe, ai, caro Dimíttri Fiódorovitch, dir-lhe-ei tudo, não ocultarei nada! — gaguejou Fiénia, apavorada. — Ela foi ver um oficial.

— Que oficial?

— O mesmo que a abandonou há cinco anos.

Dimíttri largou Fiénia. Estava mortalmente pálido e sem voz, mas via-se por seu olhar que compreendera tudo a meias palavras, adivinhara até o mínimo detalhe. A pobre Fiénia, evidentemente, não podia dar-se conta disso. Permanecia assentada na arca, toda trêmula, com os braços estendidos como para defender-se, sem um movimento. As pupilas dilatadas pelo pavor, fixava Mítia que estava com as mãos ensanguentadas. No caminho, devia tê-las levado ao rosto para enxugar o suor, porque a testa estava manchada, bem como a face direita. Fiénia estava a ponto de ter uma crise de nervos; a velha cozinheira olhava como uma louca, prestes a desmaiar. Dimíttri sentou-se maquinalmente junto de Fiénia.

Seu pensamento vagava numa espécie de estupor. Mas tudo se explicava; estava ele ao corrente, a própria Grúchenka lhe falara daquele oficial; bem como da carta recebida um mês antes. De modo que, há um mês, aquela intriga se desenrolava sem que o soubesse, até a chegada desse novo pretendente, e não pensara nele. Como podia ser isso? Esta pergunta erguia-se diante dele como um monstro e gelava-o de pavor.

De súbito falou docemente a Fiénia, num tom caricioso, esquecendo-se de que acabava de aterrorizá-la e tratá-la mal. Pôs-se a interrogá-la, com uma precisão surpreendente no estado em que se encontrava. Se bem que Fiénia olhasse com estupor suas mãos ensanguentadas, respondeu com solicitude a cada uma de suas perguntas. Pouco a pouco, passou mesmo ela a sentir prazer em expor-lhe todos os detalhes, não para entristecê-lo, mas como se quisesse de todo o coração prestar-lhe serviço. Contou-lhe a visita de Rakítin e Aliócha, enquanto ela estava de vigia, as palavras de despedida que sua patroa lhe mandara por Aliócha, a ele, Mítia, que devia “lembrar-se sempre de que ela o amara por uma pequena hora”. Mítia sorriu e suas faces enrubesceram-se. Fiénia, em quem o medo dera lugar à curiosidade, arriscou-se a dizer-lhe:

— O senhor tem sangue nas mãos, Dimítri Fiódorovitch.

— Sim — disse ele, olhando-as distraidamente. Reinou prolongado silêncio. Seu terror de ainda há pouco passara, uma resolução inflexível possuía-o. Levantou-se com um ar pensativo.

— *Bárin*, que lhe aconteceu? — perguntou Fiénia, apontando-lhe para as mãos. Falava com comiseração, como a pessoa mais próxima dele em seu pesar.

— É sangue, Fiénia, sangue humano. Meu Deus, por que tê-lo derramado?... Há uma barreira (olhava a moça como se lhe propusesse um enigma), uma barreira alta e de aspecto formidável, mas amanhã, ao nascer do sol, Mítia a transporá... Tu não compreendes, Fiénia, de que barreira se trata, não importa... amanhã saberás tudo... agora, adeus! Não serei um obstáculo, saberei retirar-me. Vê, minha adorada... tu me amaste uma hora, lembra-te sempre de Mítia Karamázov...

Saiu bruscamente, deixando Fiénia quase mais aterrorizada que havia pouco, quando se lançara ele contra ela.

Dez minutos depois, apresentou-se em casa de Piotr Ilitch Pierkhótin, o jovem funcionário a quem empenhara suas pistolas por dez rublos. Eram

já oito e meia da noite e Piotr Ilitch, depois de ter tomado chá, acabava de vestir a sobrecasaca para ir jogar bilhar. Vendo Mítia e seu rosto manchado de sangue, exclamou:

— Meu Deus! Que tem o senhor?

— Nada — disse vivamente Mítia. — Vim desempenhar minhas pistolas. Obrigado. Estou com pressa, Piotr Ilitch, por favor, despacha-me logo.

Piotr Ilitch mostrava-se cada vez mais espantado. Mítia tinha entrado, com um maço de notas de banco na mão, segurando-as de maneira insólita, com o braço estendido, como para mostrá-las a todo mundo. Devia tê-las trazido assim pela rua, segundo o que contou depois o jovem criado que lhe abriu a porta. Eram cédulas de cem rublos que ele segurava com os dedos ensanguentados. Piotr Ilitch explicou mais tarde aos curiosos que era difícil avaliar a soma à primeira vista, podendo haver de dois a três mil rublos. Quanto a Dimítri “sem ter bebido, nem por isso se achava em seu estado normal, parecendo exaltado, bastante distraído e, ao mesmo tempo, absorto, como se meditasse, sem conseguir chegar a uma solução. Apressava-se, respondia com brusquidão, duma maneira estranha, tendo por momentos o ar alegre e de modo algum aflito”.

— Mas que tem o senhor, afinal? — gritou de novo, examinando-o com estupor, Piotr Ilitch. — Como pôde sujar-se dessa forma? Caiu? Olhe!

Levou-o para diante do espelho. À vista de seu rosto manchado, Mítia estremeceu, franziu as sobrancelhas.

— Diabos! Só faltava isso!

Passou as cédulas da mão direita para a esquerda e tirou vivamente o lenço. Cheio de sangue coagulado, formava ele uma bola toda colada. Mítia atirou-o ao chão.

— Com a breca! Não teria o senhor um pedaço de pano... para me limpar?

— Então não está ferido? Faria melhor lavando-se. Vou dar-lhe água.

— Perfeito... mas onde meterei isto? — e designava com embaraço o maço de cédulas, como se coubesse a Piotr Ilitch dizer-lhe onde pôr seu dinheiro.

— No bolso, ou então coloque em cima da mesa. Ninguém tocará nele.

— Em meu bolso? Ah! Sim, está bem... Não, veja o senhor, tudo isso são besteiras! Em primeiro lugar, concluamos o caso das pistolas. Entregame. Eis aqui o dinheiro... tenho extrema necessidade delas... e nem um minuto a perder.

E destacando do maço a primeira cédula, estendeu-a ao funcionário.

— Não tenho troco. Não tem o senhor moeda?

— Não. (Como tomado duma dúvida, Mítia verificou algumas das cédulas.) São todas iguais... — E olhou de novo para Piotr Ilitch com olhar interrogador.

— Onde fez fortuna? — perguntou Piotr Ilitch. — Um instante, vou mandar meu criado à casa dos Plótnikovi. Fecham tarde, dar-nos-ão moedas. Ei! Micha! — gritou ele, no vestíbulo.

— Em casa dos Plótnikovi? Eis uma excelente ideia! — disse Mítia.

— Micha — continuou ele, dirigindo-se ao criado que acabava de entrar —, corre à casa dos Plótnikovi e dize-lhes que Dimítri Fiódorovitch os saúda e vai para lá agora mesmo. Escuta ainda: que eles me preparem champanha, três dúzias de garrafas, embaladas como quando fui a Mókroie... Comprei então quatro dúzias (dirigia-se a Piotr Ilitch), eles estão ao corrente, não te atormentes, Micha. E depois acrescentem queijo, pastéis de Estrasburgo, salmões defumados, presunto, caviar, enfim, tudo quanto tenham lá, por cerca de cem ou 120 rublos. Que não se esqueçam de pôr bombons, peras, duas ou três melancias, ou quatro, não, uma bastará; chocolate, doce de cevada, caramelos, enfim, como da outra vez. Com o champanha deve orçar pelos trezentos rublos. Não te esqueças de nada, Micha... é mesmo Micha que ele se chama? — perguntou a Piotr Ilitch.

— Espere — disse este, que o observava com inquietação. — Será melhor que o senhor mesmo vá lá, Micha se atrapalharia.

— Receio mesmo! Ora, Micha, e eu que queria dar-te um beijo pelo trabalho... se não te atrapalhares, haverá dez rublos para ti, vá depressa... Que não se esqueçam do champanha, depois conhaque, vinho tinto e vinho branco e tudo como antes... Sabem o que havia.

— Escute, pois! — interrompeu Piotr Ilitch, impaciente desta vez. — Que o rapaz vá somente obter o troco e dizer que não fechem. O senhor mesmo irá fazer a encomenda. Dê sua cédula. Despacha-te, Micha!

Piotr Ilitch tinha pressa em despachar Micha, porque o rapaz estava de boca aberta diante do visitante, com os olhos esbugalhados, à vista do sangue e do maço de cédulas que tremia entre os dedos de Mítia, cujas instruções parecia não ter compreendido lá muito.

— E agora, vá lavar-se — disse bruscamente Piotr Ilitch. — Ponha o dinheiro em cima da mesa ou em seu bolso... Isso. Tire a sobrecasaca.

Ajudando-o a tirar a sobrecasaca, exclamou de novo:

— Olhe, há sangue em sua sobrecasaca!

— Mas não. Somente um pouco na manga e depois aqui, no lugar do lenço... deve ter escorrido através do bolso, quando me sentei em cima de meu lenço, em casa de Fiénia — explicou Mítia com ar confiante. Piotr Ilitch escutava-o com as sobrancelhas contraídas.

— Bem-arranjado está o senhor, deve ter-se batido — murmurou ele.

Segurava o jarro e ia derramando a água aos poucos. Na precipitação, Mítia lavava-se mal, as mãos tremiam. Piotr Ilitch ordenou-lhe que se ensaboasse e esfregasse mais. Tomara sobre Mítia uma espécie de ascendência que se afirmava cada vez mais. É de notar que esse rapaz não era nada medroso.

— Não limpou as unhas; agora lave o rosto, aqui, perto da têmpora, na orelha... É com essa camisa que vai partir? Aonde vai? Toda a manga direita está manchada.

— Sim, manchada — disse Mítia, examinando-a.

— Vista outra.

— Não tenho tempo. Mas olhe... — continuou Mítia sempre confiante, enxugando-se e tornando a vestir a sobrecasaca. — Vou enrolar a manga da camisa; assim, não a verão.

— Diga-me agora o que se passou. Bateu-se de novo no botequim, como da outra vez? Surrou de novo o capitão? — Piotr Ilitch evocava a cena num tom de censura. — Em quem bateu de novo... ou matou, talvez?

— Tolices!

— Como, tolices?

— Deixe isso — disse Mítia, que se pôs a rir. — Na praça, ainda há pouco, esmaguei uma velha.

— Esmagou? Uma velha?

— Um velho! — corrigiu Mítia, que fitou Piotr Ilitch rindo e gritando como se o outro fosse surdo.

— Que diabo! Um velho, uma velha... Matou alguém?

— Reconciliamo-nos, depois de havermos brigado. Deixamo-nos como bons amigos. Um imbecil... perdoou-me certamente, agora... Se se tivesse levantado, não me teria perdoado — e Mítia piscou o olho. — Mas que vá ele para o diabo! Entendeu, Piotr Ilitch? Deixemos isso! Não quero falar disso neste momento! — declarou redondamente Mítia.

— Falo isso porque o senhor gosta de brigar com não importa quem... como naquela ocasião, por bagatelas, com aquele capitão. O senhor acaba de bater-se e vai agora cair na orgia! Eis seu caráter completo. Três dúzias de garrafas de champanha! Para que tamanha quantidade?

— Bravo! Dá-me agora as pistolas. O tempo urge. Gostaria bem de conversar contigo, meu caro, mas não tenho tempo. Aliás, é inútil, é tarde demais. Ah! Onde está o dinheiro, que fiz dele? — Pôs-se a procurar nos bolsos.

— O senhor mesmo o colocou em cima da mesa... ei-lo. Tinha-se esquecido? O senhor parece não prestar atenção ao dinheiro. Eis suas pistolas. É estranho, às cinco horas o senhor as empenha por dez rublos e agora tem o senhor quantos, dois, três mil rublos, talvez?

— Três, talvez — e Mítia riu, metendo as cédulas nos bolsos.

— O senhor vai perdê-las desse jeito. Será dono de minas de ouro?

— De minas? De minas de ouro! — exclamou Mítia com todas as forças, desatando a rir. — Quer ir às minas, Pierkhótin? Há aqui uma senhora que lhe dará mil rublos somente para que o senhor vá para lá. Deu-mos, a mim, tanta questão faz das minas! Conhece a senhora Khokhlakova?

— De vista somente, mas já ouvi falar dela. Na verdade, foi ela quem o presenteou com esses três mil rublos? Assim, sem mais nem menos? — indagou Piotr Ilitch, olhando-o com desconfiança.

— Amanhã, quando o sol se levantar, quando Febo resplandecer eternamente jovem, vá à casa dela glorificando o Senhor e pergunte-lhe se ela mos deu ou não. Informe-se.

— Ignoro as relações entre os dois... já que o senhor se mostra tão afirmativo, devo necessariamente acreditar... Agora que o senhor está com o dinheiro, não é a Sibéria que o tenta... Seriamente, aonde vai o senhor?

— A Mókroie.

— A Mó Kroie? Mas já é noite.

— Tinha tudo, não tenho mais nada... — disse de repente Mítia.

— Como, mais nada? Tem milhares de rublos e não é mais nada?

— Não falo de dinheiro. Que o diabo o carregue! Falo do caráter das mulheres. “As mulheres têm o caráter crédulo, versátil, depravado.” Foi Ulisses quem o disse e com bastante razão.

— Não o compreendo.

— Estou então bêbedo?

— Pior que isso.

— Moralmente bêbedo, Piotr Ilitch, moralmente... E basta!

— Como? Carrega sua pistola?

— Carrego minha pistola.

Com efeito, tendo Mítia aberto a caixa, pegou pólvora que derramou num cartucho. Antes de pôr a bala no cano, examinou-a à luz de vela.

— Por que examina essa bala? — perguntou Piotr Ilitch, intrigado.

— À toa. Uma ideia que me veio. Tu, se pensasses em meter uma bala no crânio, olhá-la-ias antes de pô-la na pistola?

— Por que olhá-la?

— Ela me atravessará o crânio, então isso me interessa: ver como é ela feita... Aliás, tolices, tudo isso. Está pronto — acrescentou ele, uma vez introduzida a bala e socada com estopa. — Meu caro Piotr Ilitch, se soubesses como tudo isso é absurdo! Dá-me um pedaço de papel.

— Aqui está.

— Não, papel para escrever. Isso. — E Mítia, pegando uma pena, escreveu vivamente duas linhas, depois dobrou o papel em quatro e meteu-o no bolso do colete. Arrumou as pistolas na caixa que fechou a chave e conservou na mão. Depois olhou Piotr Ilitch, sorrindo, com ar pensativo.

— Vamos, agora! — disse ele.

— Ir aonde? Não, espere... Então quer o senhor meter uma bala no crânio... — proferiu Piotr Ilitch, inquieto.

— Aquela bala? Tolices! Quero viver, amo a vida. Saiba-o. Amo o louro Febo e sua quente luz... Meu caro Piotr Ilitch, saberias afastar-te?

— Como assim?

— Deixar o caminho livre ao ser querido e àquele a quem odeias... querer bem mesmo àquele a quem odiasses... e dizer-lhes: Deus vos

garde! Ide, passai, e eu...

— E o senhor?

— Basta isso, vamos.

— Por Deus, vou contar tudo a alguém, para que o impeçam de partir — declarou Piotr Ilitch, fixando-o. — Que vai o senhor fazer em Mókroie?

— Há lá uma mulher, uma mulher, basta para ti, Piotr Ilitch, de explicações!

— Escute, se bem que seja o senhor violento, sempre me agradou... e estou inquieto.

— Obrigado, irmão. Sou violento, dizes. É verdade. Não faço senão repetir a mim mesmo: violento! Ah! Eis Micha, tinha-me esquecido dele.

Micha vinha chegando com um maço de dinheiro miúdo; anunciou que tudo ia bem em casa dos Plótnikovi: embalavam as garrafas, o peixe, o chá, tudo estaria pronto. Mítia pegou uma cédula de dez rublos e entregou-a a Piotr Ilitch, atirando outra para Micha.

— Proíbo-lhe! Não quero isso em minha casa, estraga os criados. Poupe seu dinheiro, por que gastá-lo? Amanhã virá o senhor pedir-me dez rublos. Por que põe sempre o dinheiro nesse bolso? Vai perdê-lo.

— Escuta, meu caro, vá a Mókroie comigo.

— Que irei fazer lá?

— Queres, vamos esvaziar uma garrafa, bebamos à vida! Tenho sede, quero beber contigo. Nunca bebemos juntos, não é mesmo?

— Pois bem, vamos ao botequim.

— Não tenho tempo para isso, mas vamos à casa dos Plótnikovi, num reservado de trás. Queres que te proponha um enigma?

— Faça-o.

Mítia tirou do colete o papelzinho e mostrou-o a Piotr Ilitch. Havia nele escrito visivelmente: “Castigo-me como expiação de minha vida inteira.”

— Na verdade, vou contar tudo a alguém — disse Piotr Ilitch.

— Não terás tempo, meu caro, vamos beber.

A venda dos Plótnikovi — ricos comerciantes —, situada bem perto da casa de Piotr Ilitch (na esquina da rua), era a principal mercearia da cidade. Encontrava-se lá de tudo, como não importa qual armazém da capital: vinho da adega dos Eliessiéievi, frutas, charutos, chá, café, etc. Havia sempre três caixeiros e dois rapazinhos para recados. Nossa

região empobreceu-se, os proprietários dispersaram-se, o comércio foi-se estacando, mas a mercearia prosperava cada vez mais, compradores não faltavam para mercadorias. Mítia estava sendo esperado com impaciência, pois era lembrado que, três ou quatro semanas antes, fizera ele encomendas para várias centenas de rublos pagos à vista (não lhas teriam entregue a crédito). Então, como hoje, tinha ele na mão um maço de dinheiro grosso que prodigalizava a torto e a direito, sem mercadejar, nem se inquietar com a quantidade das compras. Dizia-se na cidade que em sua excursão a Mókroie com Grúchenhka “dissipara em um dia e uma noite três mil rublos e que voltara da festa sem vintém, tal como a mãe o pusera no mundo”. Contralara um grupo de ciganos que acampavam então em nossas paragens e aproveitaram de sua embriaguez para lhe subtrair dinheiro e beber sem controle vinhos caros. Contava-se, rindo, que em Mókroie, oferecera ele champanha aos rústicos, dera bombons e pastéis de Estrasburgo de presente a moças e mulheres do campo. Riam também entre nós, sobretudo no botequim (mas por prudência, na ausência do interessado), da confissão pública de Mítia, de que o único favor que lhe valera aquela “escapada” com Grúchenhka fora “a permissão de beijar-lhe o pé, e nada mais”.

Quando Mítia e Piotr Ilitch chegaram à venda, uma *tieliaga* atrelada a três cavalos, com um tapete e guizos, esperava ali já, com o cocheiro Andriéi. Estava acabando de arranjar uma caixa de mercadorias e só se esperava a chegada de Mítia para fechá-la e pô-la no lugar. Piotr Ilitch ficou admirado.

— Onde vem essa *tieliaga*? — perguntou ele.

— Indo à tua casa, encontrei Andriéi e ordenei-lhe que viesse diretamente para aqui. Não há tempo a perder! Na derradeira vez, viajei com Timofiéi, mas hoje seguiu ele na frente com uma mágica. Andriéi, estaremos muito atrasados?

— Eles nos precederão de uma hora, quando muito — apressou-se em responder Andriéi, um cocheiro na força da idade, ruivo e seco. — Sei como vai Timofiéi, sua corrida não pode comparar-se com a nossa, Dimítri Fiódorovitch. Não terão uma hora de avanço!

— Cinquenta rublos de gorjeta, se não passarmos de uma hora de atraso.

— Respondo por isso, Dimítri Fiódorovitch.

Todo agitado, Mítia dava ordens de uma maneira estranha, sem seguimento. Piotr Ilitch achou oportuno intervir.

— Por quatrocentos rublos, exatamente como da outra vez — ordenava Mítia. — Quatro dúzias de garrafas de champanha, nem uma a menos.

— Por que tal quantidade, para quê? Pare! — vociferou Piotr Ilitch.

— Que contém essa caixa? Haverá aí coisas no valor de quatrocentos rublos?

Os caixeiros, que se afanavam com entonações melífluas, explicaram-lhe imediatamente que não havia naquela primeira caixa senão meia dúzia de garrafas de champanha e “tudo quanto era preciso para começar”, frios, bombons, etc. As principais “mercadorias” seriam expedidas à parte, como da outra vez, numa *tieliaga* especial, puxada também por três cavalos, que chegaria “uma hora, quando muito, depois de Dimítri Fiódorovitch”.

— Não mais de uma hora, e ponham o máximo possível de bombons e caramelos; as moças de lá gostam disso — insistiu Mítia.

— Caramelos? Pois seja. Mas, por que quatro dúzias de garrafas? Uma só basta — disse Piotr Ilitch, quase com cólera. Pôs-se a mercadejar, a exigir uma fatura e não conseguia acalmar-se. Só salvou, porém, uma centena de rublos. Ficou-se de acordo que as mercadorias entregues só montariam a trezentos rublos.

— Que o diabo os carregue! — exclamou ele, como que reconsiderando. — Que tenho eu com isso? Joga o dinheiro fora, se nada te custou!

— Vem cá, homem econômico, adianta-te, não te zangues! — E Mítia arrastou-o para o reservado do fundo da venda. — Vão servir-nos bebida. Piotr Ilitch, vem comigo, porque gosto dos rapazes gentis como tu.

Mítia sentou-se diante de uma mesinha coberta por uma toalha suja. Piotr Ilitch tomou lugar em frente a ele e trouxeram-lhes champanha. Perguntaram se os cavalheiros não queriam ostras, “as primeiras ostras recebidas bem recentemente”.

— Ao diabo as ostras! Não gosto de ostras e, aliás, nada quero comer — respondeu grosseiramente Piotr Ilitch.

— Não há tempo para ostras — observou Mítia. — Aliás, estou sem apetite. Sabes, meu amigo, que jamais gostei da desordem?

— Mas quem gosta, afinal? Misericórdia! Três dúzias de garrafas de champanha para os mujiques. É de causar indignação a qualquer um.

— Não é disso que quero falar, mas da ordem superior. Não existe em mim essa ordem... De resto, tudo está acabado, inútil afligir-se. É demasiado tarde. Toda a minha vida foi desordenada. É tempo de ordená-la. Faço trocadilhos, hem?

— Deliras, isso sim.

— “Glória ao Altíssimo na Terra,/ Glória ao Altíssimo em mim!”

Esses versos escaparam-se um dia de minha alma, não são versos, são lágrimas... Eu mesmo os compus... Mas não quando arrastei o capitão pela barba.

— Por que falas do capitão?

— Por que falo? Tolice! Tudo acaba, tudo chega ao mesmo total.

— Tuas pistolas me perseguem.

— Tolices ainda! Bebe e deixa lá teus devaneios. Amo a vida, amei-a demais, até enjoar. Basta agora. Bebamos à vida, meu caro. Por que estou contente comigo mesmo? Sou vil, minha baixeza me atormenta, mas estou contente comigo mesmo. Abençoo a Criação, estou pronto a abençoar Deus e Suas obras, mas... é preciso destruir um inseto maligno, para impedi-lo de estragar a vida dos outros... Bebamos à vida, irmão! Que há de mais precioso? Bebamos também a uma bela rainha!

— Pois seja! Bebamos à vida e à tua rainha!

Esvaziaram um copo. Mítia, malgrado sua exaltação, estava triste. Parecia presa duma pesada preocupação.

— Micha... é Micha? Ei! Meu caro, vem cá, bebe este copo em honra de Febo dos cabelos de ouro que se levantará amanhã...

— Por que oferecer-lhe bebida!? — exclamou Piotr Ilitch, irritado.

— Mas deixa, eu o quero.

— Ora!

Micha bebeu, cumprimentou e saiu.

— Ele se recordará mais tempo de mim. Uma mulher, amo uma mulher! Que é a mulher? A rainha da Terra! Estou triste, Piotr Ilitch. Lembras-te de Hamlet: “Sinto-me triste, bem triste, Horácio... Ai, pobre Yorick!” Sou eu, talvez, Yorick. Justamente, sou agora Yorick e depois um crânio.

Piotr Ilitch escutava-o em silêncio; Mítia calou-se igualmente.

— Que cão é esse aí? — perguntou, com ar distraído ao caixeiro, ao notar, num canto, um lindo fraldiqueiro de olhos negros.

— É o fraldiqueiro de Varvara Alieksiêievna, nossa patroa — respondeu o caixeiro. — Ela esqueceu-o aqui, é preciso levá-lo à casa dela.

— Vi um semelhante... no regimento... — disse Mítia, com ar pensativo —, mas tinha uma pata traseira quebrada... Piotr Ilitch, queria perguntar-te: nunca roubaste?

— Por que essa pergunta?

— À toa... estás vendo? O bem alheio, o que se tira do bolso... Não falo do Tesouro público, todo mundo o pilha, e tu também, decerto.

— Vá para o diabo!

— Nunca roubaste do bolso o porta-moedas de alguém?

— Roubei uma vez vinte copeques de minha mãe, quando tinha nove anos. Peguei-os de cima da mesa e escondi-os em minha mão.

— E depois?

— Levei uma surra de chicote, naturalmente. Mas tu, roubaste?

— Sim — confessou Mítia, piscando o olho com ar malicioso.

— E que foi?

— Vinte copeques de minha mãe. Tinha nove anos. Restituí-lhos ao fim de três dias. — E levantou-se.

— Dimítiri Fiódorovitch, é preciso apressar-se — gritou Andriéi à porta da venda.

— Está tudo pronto? Partamos! Ainda uma palavra e... a Andriéi um copo de vodca, depois conhaque, imediatamente! Esta caixa (com as pistolas) debaixo do assento. Adeus, Piotr Ilitch, não guardes má lembrança de mim.

— Mas voltas amanhã?

— Absolutamente.

— O senhor quer pagar? — interveio o caixeiro.

— Pagar? Mas decerto!

Tirou de novo do bolso um maço de notas, atirou três sobre o balcão e saiu. Todos o acompanharam cumprimentando-o e desejando-lhe boa viagem. Andriéi, enrouquecido por causa do conhaque que acabava de tomar, montou no assento. Mas, no momento em que Mítia se instalava, Fiênia ergueu-se diante dele. Acorria resfolegante, juntou as mãos e lançou-se a seus pés:

— *Bátiuchka*, Dimíttri Fiódorovitch, não ponha a perder minha ama! E eu que tudo lhe contei!... Não lhe faça mal, a ele, é seu primeiro amor. Voltou da Sibéria para casar-se com Agrafiena Alieksándrovna... Não destrua uma vida!

— Ah!, ah!, ah! Eis o que é a coisa! — murmurou Piotr Ilitch. — Vai haver banzé lá! Agora compreendo tudo. Dimíttri Fiódorovitch, dá-me imediatamente tuas pistolas, se queres ser um homem, entendes?

— Minhas pistolas? Espera, meu caro, lança-las-ei num charco, na estrada. Fiénia, levanta-te, não fiques a meus pés. Doravante Mítia, esse tolo, não porá mais ninguém a perder. Escuta, Fiénia — gritou ele, uma vez sentado —, eu te ofendi ainda há pouco, perdoa-me... Se recusares, tanto pior, nada para mim tem importância agora! A caminho, Andriéi, e depressa!

Andriéi fez seu chicote estalar, a sineta tilintou.

— Até a vista, Piotr Ilitch! Para ti, minha derradeira lágrima!

“Ele não está embriagado, e, no entanto, quantas pataratas ele solta!”, pensou Piotr Ilitch. Tinha intenção de ficar para fiscalizar a expedição do resto das provisões, suspeitando de que iriam enganar Mítia, mas, de súbito, zangado consigo mesmo, cuspiu e foi jogar bilhar.

— É um imbecil, mas um bom rapaz — dizia a si mesmo, a caminho. — Ouvi falar desse “antigo” oficial de Grúchenhka. Se ele chegou... Ah, aquelas pistolas! Mas que diabo? Serei mentor dele? À vontade! Aliás, não acontecerá nada, cão que ladra não morde. Uma vez embriagado, bater-se-ão, depois reconciliar-se-ão. São homens de ação. Que é isso de: “eu me afasto, eu me castigo”; não haverá nada! Estando bêbedo, no botequim, falou vinte vezes nesse estilo. Agora, está “bêbedo moralmente”. Serei seu mentor? Sem dúvida alguma deve ter-se batido, todo o rosto está ensanguentado. Com quem? Informar-me-ei no botequim. E seu lenço cheio de sangue... Ora essa, ficou em minha casa, no chão... ora bolas!

Chegou ao botequim de muito mau humor e começou logo uma partida, o que teve por efeito desanuviá-lo. Jogou outra e contou que Dimíttri Karamázov estava de novo com dinheiro, aí uns três mil rublos, que ele próprio vira. Partira de novo para Mókroie para farrear com Grúchenhka. Seus ouvintes escutaram-no com curiosidade e ar sério. Deixou-se mesmo de jogar.

— Três mil rublos? Onde os teria arranjado?

Fizeram-lhe perguntas. A notícia de que aquele dinheiro provinha da senhora Khokhlakova foi acolhida com ceticismo.

— Não teria ele roubado o velho?

— Três mil rublos! É duvidoso.

— Gabou-se em voz alta de que mataria o pai, todos aqui o ouviram. Falava justamente de três mil rublos...

Piotr escutava e tornou-se de súbito lacônico em suas respostas. Não disse uma palavra a respeito do sangue que havia no rosto e nas mãos de Mítia, coisa a respeito da qual, ao chegar ali, tinha intenção de falar. Começou-se a terceira partida, e pouco a pouco a conversação desviou-se de Mítia. Quando ela terminou, Piotr Ilitch não teve mais vontade de jogar, pousou o taco e partiu, sem cear, como havia projetado. Na praça, parou perplexo, pensando em ir diretamente à casa de Fiódor Pávlovitch para se informar se havia acontecido alguma coisa. “Por uma bagatela irei despertar a casa e fazer escândalo. Que diabo, serei mentor dele?”

Já voltava para casa em muito má disposição de ânimo, quando, de repente, se lembrou de Fiénia: “Diabos! Deveria tê-la interrogado ainda há pouco — pensou ele, cheio de despeito —, saberia tudo.” Sentiu bruscamente uma impaciência e um desejo tão vivos de lhe falar e de informar-se que, no meio do caminho, desviou-se para a casa da senhora Morózova, onde morava Grúchenhka. Chegando ao portão, bateu, e a pancada que ressoou na noite desembriagou-o, ao mesmo tempo que o irritava. Ninguém respondeu, todo mundo dormia na casa. “Vou fazer escândalo!”, pensou com mal-estar; mas longe de ir-se embora, bateu com mais força. O barulho ressoou por toda a rua. “Não poderão deixar de abrir-me!”, dizia a si mesmo, exasperado contra si, enquanto redobrava os golpes.

VI

SOU EU QUEM CHEGA

E Dimítri Fiódorovitch voava para Mókroie. A distância era de vinte verstas aproximadamente; porém os cavalos galopavam de maneira a transpô-la em uma hora e um quarto. A rapidez da corrida refrescou Mítia.

O ar estava vivo; o céu, estrelado. Era a mesma noite, talvez a mesma hora, em que Aliócha, caído em terra, “jurava com arrebatamento amá-lo sempre”. A alma de Mítia sentia-se perturbada e, malgrado sua ansiedade, não tinha pensamento naquele instante senão para seu ídolo, que queria rever pela derradeira vez. Nem um minuto seu coração hesitou. Crer-se-á dificilmente que esse ciumento não sentisse ciúme algum daquele personagem novo, daquele rival que surgia bruscamente. O mesmo não se daria para com não importa qual outro, no sangue do qual talvez mergulhasse as mãos, mas contra o primeiro amante dela não sentia ele no momento nem ódio ciumento nem mesmo animosidade; é verdade que ainda não o havia visto. “E o direito incontestável deles, é seu primeiro amor que ela não esqueceu após cinco anos; ela não amou senão ele, pois, durante todo o tempo. Por que me vim meter eu de través? Que venho fazer aqui? Afasta-te, Mítia, deixa a estrada livre! Aliás, tudo está acabado agora, mesmo sem esse oficial...”

Eis em que termos teria ele podido exprimir suas sensações, se tivesse podido raciocinar. Mas era incapaz. Sua resolução nascera espontaneamente, fora concebida, adotada com todas as consequências às primeiras palavras de Fiénia. No entanto, sentia uma perturbação dolorosa: a resolução não lhe dera calma. Demasiadas recordações o atormentavam. Por momentos, isso lhe parecia estranho; ele mesmo escrevera sua sentença: “Castigo-me e expio.” O papel estava no bolso; a pistola, carregada; decidira acabar amanhã aos primeiros raios de “Febo dos cabelos de ouro”. Entretanto não podia romper com o passado que o acabrunhava, sentia-o dolorosamente, e essa ideia desesperava-o. Teve um momento vontade de mandar Andriéi parar, de descer da *tieliaga*, de pegar sua pistola e de acabar de uma vez, sem esperar o dia. Mas foi apenas um relâmpago. Os cavalos “devoravam o espaço”, e à medida que se aproximava do objetivo, somente a ideia dela o possuía cada vez mais e bania de seu coração os pensamentos fúnebres. Desejava tanto vê-la, fosse apenas de passagem e de longe! “Verei como está ela agora com ele, seu primeiro amor; nada mais quero.” Jamais sentira tanto amor por aquela mulher fatal, um sentimento tão novo e nunca experimentado, que ia até a imploração, até o desaparecimento dela! “E eu desaparecerei!”, proferiu ele de súbito, numa espécie de êxtase.

Havia quase uma hora que rodavam. Mítia mantinha-se calado e Andriéi, mujique falador, no entanto, não dissera uma palavra, como se

temesse falar, limitando-se a estimular sua atrelagem baia, magra, mas fogosa. De súbito, Mítia exclamou com viva inquietação:

— Andriéi, e se estiverem dormindo!?

Até então não pensara nisso.

— Pode muito bem acontecer, Dimítri Fiódorovitch.

Mítia franziu o cenho. Acorria ele com tais sentimentos... e dormiam... ela também, talvez com ele... A cólera ferveu no coração.

— Chicoteia, Andriéi, vivamente!

— Talvez não estejam ainda deitados — sugeriu Andriéi, após um silêncio. — Ainda há pouco Timofiéi dizia que havia numerosa companhia.

— Na posta?

— Não, na hospedaria, em casa dos Plastunovi.

— Sei. Como é isso? Uma numerosa companhia? Quem são?

Essa notícia inesperada inquietava bastante Mítia.

— Segundo Timofiéi, são todos homens: dois da cidade, ignoro quais, depois dois forasteiros, parece, e talvez mais algum outro. Parece que estão jogando baralho.

— Baralho?

— Então talvez não durmam ainda. Devem ser 11 horas, quando muito.

— Chicoteia, Andriéi, chicoteia — repetiu nervosamente Mítia.

— Tenho uma coisa a perguntar-lhe — continuou Andriéi ao fim dum momento —, mas receio zangá-lo, *bárin*.

— Que queres?

— Ainda há pouco, Fiedóssia Márkovna suplicou-lhe de joelhos que não fizesse mal à patroa e a outro... então, como o estou levando para lá... Perdoe-me, senhor, digo isso em consciência, mas talvez seja uma tolice.

Mítia segurou-o bruscamente pelos ombros. — És cocheiro, não?

— Sim.

— Então sabes que é preciso deixar o caminho livre. Julgas, por acaso, que um cocheiro não deve dar lugar a ninguém, esmagar os outros para passar? Não, cocheiro, não é preciso esmagar as pessoas, não é preciso estragar a vida alheia; se o fizeste, se destruístes a vida de alguém, castiga-te, desaparece!

Mítia falava no cúmulo da exaltação. Malgrado o espanto, Andriéi prosseguiu a conversa.

— É verdade, Dimíttri Fiódorovitch, o senhor tem razão, não é preciso atormentar ninguém, nem nenhum animal, porque são criaturas de Deus, como o cavalo, por exemplo. Há cocheiros que martirizam o animal sem razão, nada os detém, correm infernalmente desabalados para...

— O inferno? — interrompeu Mítia com uma brusca explosão de riso. — Andriéi, alma simplória — e agarrou-o de novo pelos ombros —, diz-me: Dimíttri Fiódorovitch Karamázov irá para o inferno, na tua opinião?

— Não sei, isso depende do Senhor... Veja: quando o Filho de Deus morreu na cruz, foi direto para o inferno e livrou todos os danados. E o inferno gemeu ao pensar que não chegariam mais pecadores. E o Senhor disse então ao inferno: “Não gemas, inferno, hospedarás grandes senhores, intendentess, juizes, ricos, e estarás de novo cheio como sempre estiveste, até que eu volte.” Tais foram Suas palavras...

— Eis uma bela lenda popular! Chicoteia o cavalo da esquerda, Andriéi.

— Eis, senhor, aqueles a quem está destinado o inferno; quanto ao senhor, nós o vemos como uma criança... E, se bem que seja violento, o Salvador perdoá-lo-á por causa de sua simplicidade.

— E tu, Andriéi, me perdoas?

— Mas que hei de perdoar-lhe? O senhor não me fez nada.

— Não, por todos; tu só, pelos outros, agora, na estrada, perdoas-me? Fala, alma simples!

— Oh, senhor! Dá medo conduzi-lo, sua conversa é estranha...

Mas Mítia não ouviu. Rezava com exaltação.

— Senhor, recebe-me, em minha iniquidade, mas não me julgues. Deixa-me entrar sem julgamento, porque eu mesmo me condenei, não me julgues, porque eu Te amo, meu Deus! Sou vil, mas amo-Te: no inferno mesmo, se para lá me enviases, proclamarei meu amor por toda a eternidade. Mas deixa-me acabar de amar... aqui embaixo... ainda cinco horas, até o nascer de Teu sol... Porque eu amo a rainha de minha alma, não posso impedir-me de amá-la. Tu me vês todo inteiro. Caírei de joelhos diante dela... “Tu tens razão — dir-lhe-ei — em prosseguir teu caminho... Adeus, esquece tua vítima, não tenhas nenhuma inquietação!”

— Móкроie! — gritou Andriéi, mostrando a aldeia com seu chicote. Através da escuridão lívida aparecia a massa negra das construções que se estendiam por uma distância considerável. A aldeia de Móкроie contava duas mil almas, mas, àquela hora, todas dormiam, somente raras luzes furavam a escuridão.

— Depressa, Andriéi, depressa, estou chegando! — exclamou Mítia, como em delírio.

— Não estão dormindo! — disse de novo Andriéi, apontando para a hospedaria dos Plastunovi, situada à entrada e cujas seis janelas para a rua estavam iluminadas.

— Não dormem! Faze barulho, Andriéi, vá a galope, faze tilintar os guizos. Que toda a gente saiba quem chega! Sou eu em pessoa! — exclamou Mítia, cada vez mais excitado.

Andriéi pôs os cavalos em galope e chegou barulhentemente ao pé do patamar, onde parou a atrelagem estafada. Mítia saltou em terra. Justamente naquele momento o dono da hospedaria, que ia deitar-se, teve a curiosidade de olhar quem chegava com tanto estardalhaço.

— És tu, Trifon Borísovitch?

O dono debruçou-se, olhou, desceu vivamente, obsequioso e encantado.

— *Bátiuchka*, Dimítri Fiódorovitch, o senhor aqui, de novo?

Esse Trifon Borísovitch era um latagão baixo e gordo, robusto, de rosto um pouco balofo, ar severo e implacável, sobretudo com os mujiques de Móкроie, mas sabendo tomar rapidamente a expressão mais obsequiosa, quando farejava uma pechincha. Usava a camisa russa, de gola dobrada; tinha recursos, mas só sonhava em elevar-se. Mantinha a metade dos mujiques em suas garras; todos ali pelos arredores lhe deviam. Alugava terras dos proprietários rurais, ele mesmo as comprava e mandava lavrá-las pelos mujiques em pagamento de suas dívidas, das quais jamais conseguiam eles libertar-se. Era viúvo e tinha quatro filhos; uma, já viúva, vivia em casa do pai com os dois filhos de pequena idade e trabalhava para ele como criada. A segunda estava casada com um funcionário cuja fotografia, minúscula, de uniforme e com dragonas, se via entre outras, na hospedaria. As duas mais moças, por ocasião da festa comunal ou para fazer visitas, punham vestidos azul-celeste ou verde, na moda, com uma cauda de um *archin*, mas, no dia seguinte, já de pé desde o nascer do dia,

como de costume, varriam os quartos, carregavam água, limpavam o lixo deixado pelos viajantes. Apesar de já ter feito um apreciável pé de meia, Trifon Borísovitch gostava bem de espoliar os farristas. Lembrava-se de que, um mês antes, o rega-bofe de Dimítiri Fiódorovitch com Grúchenka lhe proporcionara, em um dia, mais de duzentos rublos, se não trezentos, e acolhia-o agora com alegre solicitude, farejando nova pechincha, somente pelo jeito com que Mítia chegara ao patamar.

— *Bátiuchka*, Dimítiri Fiódorovitch, temos-lhe de novo por aqui?

— Um instante, Trifon Borísovitch! Em primeiro lugar, onde está ela?

— Agrafiena Alieksándrovna? — adivinhou logo o hospedeiro, lançando-lhe um olhar penetrante. — Está aqui...

— Com quem? Com quem?

— Viajantes... Um funcionário, que deve ser polonês, segundo sua maneira de falar. Foi ele que a mandou buscar; o outro, seu camarada ou seu companheiro de viagem, quem sabe? Estão à paisana...

— Bem, estão farreando? São ricos?

— Qual farra! Não grande coisa, Dimítiri Fiódorovitch.

— Não grande coisa? E os outros?

— Dois senhores da cidade que pararam de volta de Tchermachniá. O mais moço é um parente do senhor Miúsov, esqueci seu nome... O senhor deve conhecer o outro, o proprietário rural Maksímov, que foi em peregrinação ao mosteiro dos senhores.

— Ninguém mais?

— Ninguém mais.

— Basta, Trifon Borísovitch. Dize-me agora, que está ela fazendo?

— Acaba de chegar, está com eles.

— Está alegre? Ri?

— Não, não muito... Parece mesmo aborrecer-se. Passava a mão nos cabelos do mais jovem.

— O polonês, o oficial?

— Mas não é jovem nem oficial. Não nos dele, nos cabelos do sobrinho de Miúsov... esqueci seu nome.

— Kolgánov?

— Justamente, Kolgánov.

— Está bem, verei. Estão jogando baralho?

— Jogaram, depois tomaram chá. O funcionário pediu licores.

— Basta, Trifon Borísovitch, basta, meu caro, decidirei eu mesmo. Há ciganos?

— Não se ouve mais falar em ciganos, Dimíttri Fiódorovitch, as autoridades expulsaram-nos. Mas há judeus que tocam cítara e violino. Mesmo a esta hora pode-se mandá-los buscar.

— É preciso mandá-los buscar, absolutamente. E as moças, pode-se acordá-las, Mária sobretudo, Stiepanida, Arina. Duzentos rublos para o coro!

— Mas por esta soma farei acordar a vila inteira, se bem que durmam agora. Aliás, vale a pena tratar dessa forma os mujiques e as moças? Gastar o dinheiro com tais brutos! Sabe lá o nosso mujique apreciar esses charutos que tu lhes dás. Fede, o patife. Quanto às moças, todas têm piolhos. Prefiro mandar, gratuitamente, que minhas filhas, que acabam de deitar-se, se levantem. Acordá-las-ei a pontapés e cantarão para ti. E dizer-se que o senhor ofereceu champanha aos mujiques!

Trifon Borísovitch não tinha razão de queixar-se de Mítia. Da vez passada, surripiara-lhe meia dúzia de garrafas de champanha e guardara uma cédula de cem rublos apanhada debaixo da mesa.

— Trifon Borísovitch, gastei aqui mais de mil rublos, lembras-te?

— Decerto, como esquecê-lo. O senhor deixou bem uns três mil rublos em nossa casa.

— Pois bem! Chego com outro tanto, desta vez, olha.

E pôs sob o nariz do hospedeiro seu maço de notas de banco.

— Escuta e presta bem atenção. Em uma hora chegarão vinho, provisões, bombons; será preciso levar tudo isso lá para cima. Da mesma forma, a caixa que está no carro; abram-na imediatamente e sirvam o champanha... Sobretudo, que haja moças e Mária, sobretudo.

Tirou de sob o assento a caixa das pistolas.

— Eis teu pagamento, Andriéi! Quinze rublos pela corrida e cinquenta para beber... por teu devotamento. Lembra-te do *bárin* Karamázov!

— Tenho medo, *bárin*... — E Andriéi hesitou. — Cinco rublos de gorjeta bastam, não aceitarei mais. Trifon Borísovitch será testemunha. Perdoe-me minhas tolas palavras...

— De que tens medo? — Mítia olhou-o de alto a baixo. — Vá para o diabo, então! — gritou ele, atirando-lhe cinco rublos. — Agora, Trifon

Borísovitch, conduze-me de mansinho até onde possa ver sem ser visto. Onde estão eles, no quarto azul?

Trifon Borísovitch olhou Mítia, apreensivo, mas tratou de obedecer-lhe docilmente; levou-o ao vestíbulo, entrou em uma sala contígua àquela em que se encontravam as pessoas referidas e dela retirou a vela. Depois introduziu Mítia ali e colocou-o num canto donde podia observar à vontade o grupo que não o via. Mas Mítia não pôde olhar por muito tempo; avistou Grúchenhka, seu coração pôs-se a bater, sua vista perturbou-o. Estava ela numa poltrona, perto da mesa. Ao lado dela, no divã, o jovem e belo Kolgánov; segurava a mão dele e ria, enquanto, sem olhá-la, falava ele com ar zangado a Maksímov, sentado em frente da jovem mulher. No divã, ele; numa cadeira, ao lado, outro desconhecido. O que se refestelava no divã fumava cachimbo; era um homem corpulento, de rosto largo, de baixa estatura, ar carrancudo. Seu companheiro pareceu a Mítia de estatura bastante elevada; mas não pôde ver mais, faltava-lhe o fôlego. Não ficou nem um minuto, depositou o estojo sobre a cômoda e, com o coração desfalecente, entrou no quarto azul.

— Ai! — gemeu com terror Grúchenhka, que foi a primeira a avistá-lo.

VII

PRIMEIRO E INDISCUTÍVEL

Mítia aproximou-se a grandes passos da mesa.

— Senhores — começou ele em voz alta, mas gaguejando a cada palavra —, eu... não é nada, não tenham medo! Não é nada — disse ele, voltando-se para Grúchenhka, que, inclinada para o lado de Kolgánov, se agarrava a seu braço —, eu... também viajo. Ir-me-ei de manhã. Senhores, será permitido a um viajante... ficar convosco neste quarto, até de manhã somente?

Estas últimas palavras dirigiam-se ao personagem obeso sentado no divã. Ele retirou gravemente seu cachimbo dos lábios e disse num tom severo:

— *Pánie*,⁷¹ estamos aqui na intimidade. Há outros quartos.

— É o senhor, Dimítri Fiódorovitch? Que faz por aqui? — exclamou Kolgánov. — Tome lugar, seja bem-vindo!

— Boa noite, caro amigo... e incomparável! Sempre o estimei... — replicou Mítia com alegre solicitude, estendendo-lhe a mão por cima da mesa.

— Ai, como o senhor aperta! Partiu-me os dedos — disse Kolgánov, rindo.

— Ele aperta sempre assim, é sua maneira — observou alegremente Grúchenhka, com um sorriso tímido. Compreendera pelo ar de Mítia que ele não faria barulho e observava-o com uma curiosidade misturada de inquietude. Alguma coisa nele feria-lhe a atenção; aliás, ela não esperava tal atitude da parte dele.

— Boa noite — disse num tom melífluo o proprietário rural Maksímov.

Mítia voltou-se para ele.

— Boa noite, ei-lo também aqui, isso me causa prazer. Senhores, senhores, eu... (Dirigiu-se de novo ao *pan* do cachimbo, tomando-o como o principal personagem.) Quis passar minhas derradeiras horas neste quarto... onde adorei minha rainha!... Perdoe-me, *pánie*! Acorri e prestei juramento... Oh, não tenhais medo, é minha derradeira noite! Bebamos amigavelmente, *pánie*! Vão servir-nos vinho... Trouxe isto. (Tirou do bolso seu maço de cédulas.) Quero música, barulho, como da outra vez... Mas o verme inútil que se arrasta pelo chão vai desaparecer! Relembra-me-ei de um dia de alegria em minha derradeira noite.

Sufocava; teria querido dizer muitas coisas, mas não proferia senão estranhas exclamações. O *pan* impassível olhava vez a vez Mítia, seu maço de notas e Grúchenhka; parecia perplexo.

— Se minha rainha consentir... — começou ele.

— Senta-te, Mítia — interrompeu Grúchenhka. — Que é que contas? Não me faças sentir medo, rogo-te. Tu o prometes? Então tua presença me causa prazer...

— Eu, fazê-lo sentir medo!? — exclamou Mítia, levantando os braços. — Oh, passai, passai! Não sou nenhum obstáculo!... — De súbito, sem que ninguém o esperasse, deixou-se cair sobre uma cadeira e desfez-se em lágrimas, com a cabeça voltada para a parede e agarrando-se ao espaldar.

— Ora essa, mas que tens? — disse Grúchenhka, num tom de censura. — Ia visitar-me dessa forma, não compreendia eu nenhuma de suas palavras. Certa vez, pôs-se a chorar, agora isso recomeça. Que vergonha! Por que choras? Se houvesse pelo menos motivo para isso! — acrescentou ela, com ar enigmático, apoiando as derradeiras palavras.

— Eu... eu não choro... Vamos, boa noite! — Voltou-se e pôs-se a rir, mas não como de costume, e sim com um riso nervoso que o abalava.

— A coisa continua... Fica, pois, mais alegre! Estou muito contente por teres vindo, Mítia, estás ouvindo? Muito contente. Quero que ele fique conosco — disse ela, imperiosamente, dirigindo-se ao que se encontrava no divã. — Quero-o, e, se ele se retirar, também ir-me-ei embora! — acrescentou, com os olhos cintilantes.

— Os desejos de minha rainha são ordens! — declarou o *pan*, beijando a mão de Grúchenhka. — Rogo ao *pan* que se junte a nós! — disse ele, gentilmente, a Mítia. Ele levantou-se, na intenção de proferir nova tirada, mas faltou-lhe a palavra e disse somente:

— Bebamos, *pánie*!

Todos puseram-se a rir.

— Meu Deus, pensava que ele ia fazer novo discurso — disse Grúchenhka. — Estás ouvindo, Mítia? Fica tranquilo. Fizeste bem em trazer champanha, bebê-lo-ei, não posso suportar licores. Mas foi ainda melhor teres vindo tu mesmo; o aborrecimento aqui é enorme... Vieste farrear? Esconde teu dinheiro no bolso! Onde encontraste tudo isso?

As cédulas que Mítia mantinha amarfanhadas na mão atraíam a atenção, sobretudo a do polonês. Mítia meteu-as rapidamente no bolso e corou. Nesse momento, trouxe o hospedeiro, numa bandeja, uma garrafa desarrolhada e copos. Mítia agarrou a garrafa, mas estava tão confuso que não soube o que fazer. Foi Kolgánov quem encheu os copos em lugar dele.

— Outra garrafa! — gritou Mítia para o hospedeiro e, esquecendo-se de bater os copos com o *pan* que havia tão solenemente convidado a beber, esvaziou seu copo sem esperar. Sua fisionomia mudou logo. Em lugar da expressão solene e trágica que tinha ao entrar, tornou-se ela infantil. Pareceu humilhar-se e rebaixar-se. Olhava todo mundo com uma alegria tímida, com pequenos risos nervosos e o ar reconhecido dum cãozinho em falta, mas que reentra em graça. Parecia ter esquecido tudo e ria todo o tempo, olhando Grúchenhka, de quem se aproximara. Depois examinou

também os dois poloneses. O do divã surpreendeu-o por seu ar digno, seu tom e sobretudo seu cachimbo. “Pois bem, então? Fuma cachimbo, perfeitamente”, pensou Mítia. O rosto um tanto enrugado do *pan* quase quadragenário, seu nariz minúsculo enquadrado por bigodes encerrados que lhe davam um ar impertinente, pareceram perfeitamente naturais a Mítia. Até mesmo sua malfeita peruca, confeccionada na Sibéria e que lhe cobria estupidamente as têmporas, não lhe causou espanto: “Deve convir-lhe”, disse a si mesmo. O outro *pan*, mais jovem, sentado perto da parede, olhava os presentes com ar provocante, escutava a conversa num silêncio desdenhoso; só surpreendeu Mítia por sua estatura bastante elevada, contrastando com a do *pan* sentado no divã. Pensou também que aquele gigante deveria ser o amigo e o acólito do *pan* do cachimbo, como que seu guarda-costas, e que o pequeno comandava sem dúvida o grande. Mas tudo isso parecia natural e indiscutível a Mítia. O cãozinho não tinha mais nem sombra de ciúme. Não havia ainda nada compreendido do tom enigmático de Grúchenhka, compreendia somente que ela se mostrava graciosa para com ele e lhe havia “perdoado”. Via-a beber, pasmando-se de prazer. Contudo, o silêncio geral chamou-lhe a atenção e se pôs a examinar todos os presentes com ar interrogador: “Que fazemos? Por que não começais nada, senhores?”, parecia dizer seu olhar.

— Eis um que sabe dizer piadas, todos nós rimos — disse Kolgánov apontando para Maksímov, como se tivesse adivinhado o pensamento de Mítia.

Mítia observou-os uns após outros.

— Piadas? — e arrebentou em seu riso breve e seco. — Ah!, ah!, ah!

— Sim. Imagine que acha ele que todos os nossos cavaleiros se casaram, em 1820, com polonesas; é absurdo, não é?

— Polonesas? — replicou Mítia, encantado.

Kolgánov compreendia bastante bem as relações de Mítia com Grúchenhka, adivinhava as do *pan*, mas isso não lhe interessava, somente Maksímov o preocupava. Foi por acaso que viera com ele parar naquela hospedaria onde travara conhecimento com os poloneses. Fora uma vez à casa de Grúchenhka, a quem não agradara. Agora, mostrara-se ela carinhosa para com ele, antes da chegada de Mítia, mas permanecia ele insensível. Com vinte anos, elegantemente trajado, tinha Kolgánov um rosto gentil, com belos cabelos louros, encantadores olhos azuis de expressão pensativa e, por vezes, superior à sua idade, se bem que tivesse

por momentos modos infantis, o que de modo algum o constrangia. Em geral, era bastante original e até mesmo caprichoso, mas sempre meigo. Por vezes, tomava seu rosto uma expressão concentrada; olhava para a gente e nos escutava, parecendo ao mesmo tempo absorvido num sonho interior. Ora mostrava-se mole e indolente, ora agitava-se pela causa mais fútil.

— Imagine que há quatro dias que o arrasto atrás de mim — prosseguiu Kolgánov, pesando um pouco as palavras, mas sem nenhuma faduidade. — Foi depois que seu irmão Ivan o repeliu do carro, o senhor deve lembrar-se. Interessei-me então por ele e levei-o ao campo, mas ele vive a dizer piadas, tanto que faz até vergonha. Levo-o de volta...

— O cavalheiro não viu as senhoras polonesas e diz coisas que não aconteceram — observou o *pan* do cachimbo.

— Mas fui casado com uma polonesa — replicou Maksímov, rindo.

— Sim, mas serviu na cavalaria? Era dela que o senhor falava. É cavalariano? — interveio Kolgánov.

— Ah, sim, é ele cavalariano? Ah! Ah! — gritou Mítia, que era todo ouvidos e fixava cada interlocutor como se esperasse Deus sabe o quê.

— Não, vê o senhor? — Maksímov voltou-se para ele. — Quero falar daquelas *pánienki*... assim que uma delas dança uma mazurca com um ulano nosso, salta-lhe sobre os joelhos como uma gata branca... sob os olhos e com o consentimento do papai e da mamãe... No dia seguinte, o ulano vai pedi-la em casamento... e pronto... ih!, ih!, ih!

— O *pan* é um canalha — resmungou o *pan* de elevada estatura, cruzando as pernas. Mítia não notou senão sua enorme bota engraxada de sola espessa e suja. Aliás, os dois poloneses estavam bastante maltrajados.

— Ora, já vem o nome de canalha! Por que injuriar? — disse Grúchenhka, irritada.

— *Páni* Agripina, o *pan* conheceu na Polônia moças de classe baixa e não moças nobres.

— Podes afirmá-lo! — disse desdenhosamente o *pan* de pernas compridas.

— Não faltava mais que isso! Deixem-no falar! Por que impedir que as pessoas falem? É divertido — replicou Grúchenhka.

— Não impeço ninguém, *páni* — observou o *pan* de peruca com um olhar expressivo; depois disso pôs-se de novo a fumar.

— Não, não, o *pan* disse a verdade. — Kolgánov esquentou-se de novo, como se se tratasse dum negócio importante. — Maksímov não foi à Polônia. Como pode, pois falar dela? Casou-se o senhor na Polônia?

— Não, foi na província de Smolensk. Minha futura fora a princípio levada lá por um ulano, escoltada por sua mãe, por uma tia e por uma parenta com um filho grande, poloneses puro-sangue... e ele cedeu-me. Era um tenente, um rapaz bastante gentil. Queria a princípio casar com ela, mas desistiu, porque ela era coxa...

— Então o senhor casou-se com uma coxa? — exclamou Kolgánov.

— Sim. Ambos me dissimularam a coisa. Eu acreditava que ela saltitava... mas que era de alegria...

— A alegria de casar com o senhor? — gritou Kolgánov, com voz sonora.

— Perfeitamente. Mas era por um motivo completamente diferente. Uma vez casados, na mesma noite do casamento, ela me confessou tudo e pediu perdão. Saltando uma poça, quando menina, quebrou uma perna, ih!, ih!, ih!.

Kolgánov soltou uma risada infantil e deixou-se cair no divã. Grúchenka também ria. Mítia achava-se no cúmulo da felicidade.

— Sabe de uma coisa? Ele está dizendo a verdade agora, não mente mais — disse Kolgánov a Mítia. — Foi casado duas vezes, é de sua primeira mulher que fala; a segunda fugiu de casa e vive ainda, sabia-o?

— Deveras? — disse Mítia, voltando-se para Maksímov com um ar muito espantado.

— Sim, tive essa contrariedade, ela fugiu com um *muksiê*. Havia previamente feito transferir minhas propriedades para ele. “És um homem instruído — dizia-me ela —, sempre acharás o que comer.” Depois largou-me. Respeitável eclesiástico dizia-me um dia a esse respeito: “Se tua primeira mulher era coxa, a segunda tinha pé muito ligeiro.” Ih!, ih!, ih!

— Escutem aqui — disse vivamente Kolgánov —, se ele mente, e isso acontece-lhe por vezes, é unicamente para causar prazer; não há baixezas nisso, não é mesmo? Gosto dele por vezes. É vil, mas franco. Que pensam disso? Qualquer outro se envilece por interesse, mas ele, é o seu natural. Imaginem, por exemplo, que ele pretende que Gógol o pôs em cena em *Almas mortas*. Devem lembrar-se de que se vê no livro o proprietário rural Maksímov chicoteado por Nózdríov, que é processado “por ofensa pessoal

ao proprietário Maksímov, com chicote, achando-se em estado de embriaguez”. Pretende tratar-se dele próprio e que foi chicoteado. Será possível? Tchitchikov⁷² viajava cerca de 1830, quando muito, de modo que as datas não combinam. Não pôde ter ele sido chicoteado então.

A excitação de Kolgánov, difícil de explicar, nem por isso deixava de ser sincera. Mítia tomava seu partido.

— Afinal de contas, fizeram bem se o chicotearam! — disse ele, rindo.

— Não é que me chicotearam propriamente, mas algo parecido — interveio Maksímov.

— Como assim? Foste ou não chicoteado?

— Que horas são, *pánie*? — perguntou com ar de aborrecimento o *pan* do cachimbo ao *pan* das pernas compridas. Este ergueu os ombros; nenhum deles tinha relógio.

— Deixem então que os outros falem! Se os senhores se aborrecem, não é razão para impor silêncio a todo mundo — disse Grúchenhka, com ar agressivo. Mítia começava a compreender. O *pan* respondeu dessa vez com visível irritação:

— *Páni*, não me oponho, não disse nada.

— Está bem, continua — gritou ela a Maksímov. — Por que se calam todos?

— Mas não há nada a contar, são tolices — continuou Maksímov com satisfação e com gestos um tanto afetados. — Em Gógol, tudo isso é alegórico, porque seus nomes são todos simbólicos: Nózdríov não era Nózdríov, mas Nósov; quanto a Kuvchíníkov, este já nem tinha semelhança alguma, porque se chamava Chkvórníev. Fenardi chamava-se mesmo assim, somente não era um italiano, mas um russo, Pietrov; a senhorita Fenardi era bonita em sua roupa de banho, com sua saia curta de lantejoulas, e desfilou bem, mas não quatro horas, apenas quatro minutos... e encontrou toda a gente.

— Mas por que te chicotearam? — berrou Kolgánov.

— Por causa de Piron.

— Que Piron? — perguntou Mítia.

— Ora, o célebre escritor francês, Piron. Tínhamos bebido, em numerosa companhia, num botequim, naquela mesma feira. Tinham-me convidado e me pus a citar epigramas: “És tu, Boileau? Que roupa engraçada tens!” Boileau responde que vai ao baile de máscaras, isto é, ao

banho, ih!, ih!, ih!. E eles tomaram isso como se fosse para si próprios. Tratei logo de citar outro epigrama, mordaz e bem conhecido das pessoas instruídas:

*És Safo, sou Faón, concordo,
Mas para meu grande pesar.
Do mar não sabes o caminho.*

“Sentiram-se ainda mais ofendidos e puseram-se a dizer-me desaforos; por desgraça, pensando arranjar as coisas, contei-lhes como Piron, que não foi recebido na Academia, mandou gravar em seu túmulo este epitáfio para se vingar:

*Aqui jaz Piron, sem valia,
Nem mesmo foi da Academia.*

“Então agarraram-me e chicotearam-me.”

— Mas por quê? Por quê?

— Por causa de meus conhecimentos. Há muitos motivos pelos quais se pode açoitar um homem — concluiu sentenciosamente Maksímov.

— Basta, é idiota, estou mais que farta. E pensei que seria engraçado! — interrompeu Grúchenhka. Mítia apressou-se em deixar de rir. O *pan* de pernas compridas levantou-se e se pôs a andar dum lado para outro, com o ar arrogante de um homem que se aborrece numa companhia que não é a sua.

— Como ele anda! — disse Grúchenhka, com ar de desprezo. Mítia inquietou-se; além do mais tinha notado que o *pan* do cachimbo olhava-o com irritação.

— *Pánie* — exclamou ele —, bebamos! — Convidou também o outro que passeava e encheu três copos com champanha.

— À Polônia, *pánowie!* Bebo à vossa Polônia!

— Com muito gosto, *pánie*, bebamos — disse o *pan* de cachimbo com ar importante, mas afável.

— E o outro *pan* também. Como se chama ele?... Tome um copo, ilustríssimo.

— *Pan* Vrubliévski⁷³ — disse o outro.

Pan Vrubliévski aproximou-se da mesa, bamboaleando-se.

— À Polônia, *pánowie*, viva! — gritou Mítia, erguendo seu copo.

Entrechocaram os copos. Mítia encheu de novo os três copos.

— Agora, à Rússia, *pánowie*, e sejamos irmãos.

— Serve-nos também — disse Grúchenhka. — Quero brindar à Rússia.

— Eu também — disse Kolgánov.

— E então, então — apoiou Maksímov —, beberei à velha vovozinha.

— Todos, todos! — gritou Mítia. — Patrão, uma garrafa!

Trouxeram as três garrafas que restavam.

— À Rússia, viva!

Todos beberam, exceto os *pánowie*. Grúchenhka esvaziou seu copo dum gole.

— E então, *pánowie*, é assim que sois?

Pan Vrubliévski pegou seu copo, ergueu-o e disse com voz aguda:

— À Rússia, em seus limites de 1772!⁷⁴

— Muito bem! — aprovou o outro *pan*. Ambos esvaziaram seus copos.

— Sois uns imbecis, *pánowie*! — disse bruscamente Mítia.

— *Pánie*! — exclamaram os dois poloneses, eretos como galos. *Pan* Vrubliévski, sobretudo, estava indignado.

— Não posso amar meu país? — gritou.

— Silêncio! Nada de brigas! — gritou imperiosamente Grúchenhka, batendo com o pé. Tinha o rosto vermelho, os olhos cintilantes. O efeito do vinho fazia-se sentir. Mítia ficou com medo.

— *Pánowie*, perdoem. É culpa minha. *Pan* Vrubliévski, não o farei mais!...

— Mas cala-te afinal, senta-te, imbecil! — apostrofou-o Grúchenhka.

Todos se sentaram e ficaram calados.

— Senhores, sou a causa de tudo! — continuou Mítia, que nada compreendera do repente de Grúchenhka. — Pois bem! Que vamos fazer... para divertir-nos?

— Com efeito, a gente se aborrece aqui — disse, displicentemente, Kolgánov.

— Se jogássemos baralho, como ainda há pouco... ih!, ih!, ih!

— Baralho? Boa ideia! — aprovou Mítia. — Se os *pánowie* consentirem.

— *Pozno, pánie* — respondeu de mau humor o *pan* do cachimbo.

— É verdade — apoiou *pan* Vrubliévski.

— *Pozno?* Que quer dizer *pozno*? — perguntou Grúchenhka.

— Quer dizer que já é tarde, *páni* — explicou o *pan* do divã.

— Para ele sempre é tarde. Sempre acha tudo impossível — quase gritou, zangada, Grúchenhka. — Que tristes convivas? Destilam aborrecimento e querem impô-lo aos outros. Antes de tua chegada, Mítia, estavam todos calados, fazendo-se de orgulhosos.

— Minha deusa — replicou o *pan* do cachimbo —, dizes a verdade. É tua frieza que me torna triste. Estou pronto, *pánie* — disse, voltando-se para Mítia.

— Começa, *pánie* — disse Mítia, destacando de seu maço duas cédulas de cem rublos que colocou em cima da mesa. — Quero fazer-te ganhar muito dinheiro. Pega as cartas e mantém a banca!

— O baralho deve ser o do patrão — disse gravemente o *pan* baixinho.

— Será o melhor — aprovou *pan* Vrubliévski.

— O baralho do patrão, pois seja! Está muito bem, *pánowie!* Cartas!

O hospedeiro trouxe um baralho lacrado e anunciou a Mítia que as moças reuniam-se, que os judeus chegariam em breve, mas que a *tielięga* das provisões ainda não chegara. Mítia correu logo ao quarto vizinho para dar ordens. Havia somente três moças, e Mária não estava lá ainda. Não sabia bem o que fazer e ordenou apenas que fossem distribuídos às moças guloseimas e bombons da caixa. — E vodca para Andriéi — acrescentou. — Eu o ofendi.

Foi então que Maksímov, que o havia seguido, tocou-lhe o ombro, cochichando:

— Dê-me cinco rublos. Gostaria de jogar também, ih!, ih!, ih!.

— Perfeitamente. Aqui estão dez. Se perderes, torna a procurar-me...

— Muito bem — murmurou Maksímov, que tornou a entrar na sala. Mítia voltou pouco depois e pediu desculpas por ter-se feito esperar. Os *pánowie* já haviam tomado lugar e deslacrado o baralho, com ar muito mais amável e quase gentil. O *pan* do divã, que estava fumando outra cachimbada, preparava-se para baralhar as cartas. Seu rosto tinha algo de solene.

— A seus lugares, *pánowie!* — exclamou *pan* Vrubliévski.

— Não quero mais jogar — observou Kolgánov. — Já perdi cinquenta rublos ainda há pouco.

— O *pan* foi infeliz, mas a sorte pode mudar — insinuou o *pan* do cachimbo.

— Quanto possui a banca? — perguntou Mítia.

— Talvez cem rublos, *pánie*, talvez duzentos. Tanto quanto queiras apostar.

— Um milhão! — disse Mítia, rindo.

— O capitão talvez tenha ouvido falar de *pan* Podvisótski.

— Que Podvisótski?

— Em Varsóvia, a banca aguenta todas as apostas. Chega Podvisótski, vê milhares de moedas de ouro, joga contra a banca. O banqueiro diz: “*Pánie* Podvisótski, jogas com ouro ou sob palavra?” — “Sob palavra, *pánie*” — diz Podvisótski. — “Tanto melhor.” O banqueiro corta, e Podvisótski junta as moedas de ouro. — “Espera, *pánie*” — diz o banqueiro. Abre uma gaveta e dá-lhe um milhão: “Toma, eis tua conta!” A banca era de um milhão. — “Ignorava-o” — disse Podvisótski. — “*Pan* Podvisótski — disse o banqueiro —, ambos jogamos sob palavra.” Podvisótski pegou o milhão.

— Não é verdade — disse Kolgánov.

— *Pan* Kolgánov, entre pessoas decentes não se fala assim.

— É assim que um jogador polonês dará um milhão! — exclamou Mítia, mas logo se conteve. — Perdão, *pánie*, não tenho razão de novo. Certamente dará ele um milhão sob palavra de honra, a honra polonesa. Eis dez rublos no valete.

— E eu um rublo na dama de copas, na bonitinha *pánienka* — declarou Maksímov, e, como para dissimulá-lo aos olhares, aproximou-se da mesa e fez por baixo um sinal da cruz. Mítia ganhou, o rublo também.

— Dobro! — gritou Mítia.

— E eu, ainda um rublinho, um simples rublinho — murmurou beatificamente Maksímov, encantado por haver ganho.

— Perdido! — gritou Mítia. — Dobro!

— Perdeu de novo.

— Pare — disse, de súbito, Kolgánov.

Mítia dobrava sempre sua parada, mas perdia a cada jogada. E os “rublinhos” ganhavam sempre.

— Perdeste duzentos rublos, *pánie*. Será que apostas ainda? — perguntou o *pan* do cachimbo.

— Como, já duzentos? Pois seja, ainda duzentos! — E Mítia ia colocar as notas sobre a dama, quando Kolgánov cobriu-a com a mão.

— Basta! — gritou ele, com sua voz sonora.

— Que tem o senhor? — perguntou Mítia.

— Basta, não quero! O senhor não jogará mais.

— Por quê?

— Porque não. Pare, vá-se embora! Não o deixarei jogar mais. Mítia olhava-o com espanto.

— Deixa, Mítia, ele talvez tenha razão; já perdeste muito — proferiu Grúchenhka, num tom singular. Os dois *pánowie* levantaram-se, com ar muito ofendido.

— Está brincando, *pánie*? — perguntou o mais baixo, fixando severamente Kolgánov.

— Como ousa o senhor? — disse arrebatadamente, por sua vez, Vrubliévski.

— Nada de gritos, nada de gritos! Ah, os galos da índia! — exclamou Grúchenhka.

Mítia olhava a uns e a outros sucessivamente; algo o impressionou no rosto de Grúchenhka, ao mesmo tempo que uma ideia nova e estranha lhe vinha ao espírito.

— *Páni* Agripina! — começou o *pan* baixinho, rubro de cólera. De repente, Mítia aproximou-se dele e bateu em seu ombro.

— Excelência, duas palavras.

— Que deseja, *pánie*?

— Vamos ao quarto vizinho. Dir-te-ei duas palavras que irão agradar-te.

O *pan* baixinho admirou-se e olhou Mítia, apreensivo; mas consentiu imediatamente, com a condição de que o *pan* Vrubliévski o acompanharia.

— É teu guarda-costas? Pois seja, que venha ele também, sua presença é, aliás, necessária... Vamos, *pánowie*!...

— Aonde vão? — perguntou Grúchenhka, inquieta.

— Voltaremos agora mesmo — respondeu Mítia. Seu rosto exprimia a resolução e a coragem, tinha um ar bem diferente daquele de uma hora

antes, à sua chegada. Conduziu os *pánowie* não à peça à direita, onde se reunia o coro, mas a um quarto de dormir, repleto de malas, de arcas, com dois grandes leitos e uma montanha de travesseiros. A um canto, uma vela ardia numa mesinha. O *pan* e Mítia instalaram-se, frente a frente, e *pan* Vrubliévski ao lado dele, com as mãos atrás das costas. Os poloneses tinham ar severo, mas intrigado.

— Em que posso servi-lo, senhor? — murmurou o mais baixo.

— Serei breve, *pánie*. Aqui tenho dinheiro — e exibiu seu maço de cédulas. — Se queres três mil rublos, toma-os e vá embora.

O *pan* olhava-o atentamente.

— Três mil, *pánie*? — Trocou um olhar com Vrubliévski.

— Três mil, *pánowie*, três mil! Escuta, vejo que és um homem ajuizado. Toma três mil rublos e vá para o diabo com Vrubliévski, ouviste? Mas imediatamente, agora mesmo e para sempre! Sairás por esta porta. Levarei teu sobretudo ou tua peliça. Atrelarão para ti uma troica, e boa noite, hem?

Mítia esperava a resposta com segurança. O rosto do *pan* tomou uma expressão das mais decididas.

— E os rublos?

— Aqui estão, *pánie*: quinhentos rublos como sinal, imediatamente, e dois mil e quinhentos amanhã na cidade. Juro por minha honra que os terás, ainda que fosse preciso arrancá-los de debaixo da terra!

Os poloneses trocaram novo olhar. O rosto do mais baixo tornou-se hostil.

— Setecentos, setecentos imediatamente! — acrescentou Mítia, sentindo que a coisa ia atrapalhar-se. — Pois bem, *pánie*, não me acreditas? Não posso dar-te os três mil rublos duma vez. Voltarias amanhã para junto dela. Aliás, não os tenho comigo, estão na cidade — balbuciou Mítia, perdendo coragem a cada palavra. — Palavra de honra, num esconderijo...

Vivo sentimento de amor-próprio brilhou no rosto do *pan* baixinho.

— É tudo quanto queres? — perguntou, ironicamente. — Fora! Que vergonha! — E cuspiu. *Pan* Vrubliévski imitou-o.

— Tu cospes, *pánie* — disse Mítia, desolado por causa de seu fracasso —, porque pensas tirar vantagem de Grúchenka. Sois, todos dois, uns idiotas!

— Isso me ofende profundamente! — disse o *pan* baixinho, vermelho como uma lagosta, e, no cúmulo da indignação, saiu do quarto com Vrubliévski que se bamboleava. Mítia seguiu-os, todo confuso. Temia Grúchenhka, pressentindo que o *pan* iria queixar-se. Foi o que aconteceu. Com um ar teatral, plantou-se diante de Grúchenhka e repetiu:

— *Páni* Agripina, fui profundamente ofendido!

Mas Grúchenhka, como que queimada ao vivo, perdeu a paciência e gritou, vermelha de cólera:

— Fala russo, nem uma palavra de polonês! Falavas russo outrora. Tê-las esquecido em cinco anos?

— *Páni* Agripina...

— Chamo-me Agrafiena, sou Grúchenhka! Fala russo, se queres que te escute!

O *pan*, sufocado, gaguejou com ênfase, estropiando as palavras:

— *Páni* Agrafiena, vim para esquecer o passado e tudo perdoar até este dia...

— Perdoar como? Foi para perdoar que vieste? — interrompeu Grúchenhka, que se levantou.

— Isso mesmo, *páni*, porque tenho coração generoso. Mas tive grande surpresa vendo teus amantes. *Pan* Mítia ofereceu-me três mil rublos para que eu me vá embora. Cuspi-lhe na cara.

— Como? Ele te oferecia dinheiro por mim? É verdade, Mítia? Ousaste-o? Estou, pois, à venda?

— *Pánie, pánie* — disse Mítia —, ela é pura e jamais fui seu amante! Mentiste...

— Como ousas defender-me diante dele? Não foi por virtude que me conservei pura, nem por temor de Kuzmá, era para ter o direito de tratar de miserável esse homem. Recusou ele deveras teu dinheiro?

— Pelo contrário, aceitava-o; somente queria os três mil rublos imediatamente, e eu só lhe dava setecentos rublos de entrada.

— Está claro; soube que tenho dinheiro, eis por que quer casar comigo.

— *Páni* Agripina, sou um cavalheiro... sou... um *szlachcie*⁷⁵ polonês e não um *laidak*.⁷⁶ Vim para casar contigo, mas não encontro mais a mesma *páni*, a de hoje é uma *uparti*⁷⁷ e desavergonhada.

— Volta para donde vens! Vou mandar pôr-te para fora daqui! Tola que fui por atormentar-me durante cinco anos! Mas não era por causa dele que

me atormentava, era meu rancor que eu acariciava. Aliás, meu amante não era isso. Parece mais o pai dele! Onde encomendaste uma peruca? O outro ria, cantava, era um falcão, mas tu não passas de uma galinha molhada! E eu que passei cinco anos em lágrimas, ó tola criatura!

Recaiu na poltrona e ocultou o rosto nas mãos. Naquele momento, no quarto vizinho, o coro das moças, afinal reunido, entoou uma ousada canção dançável.

— Isso é uma Sodoma! — gritou *pan* Vrubliévski. — Patrão, ponha para fora essas desavergonhadas!

O hospedeiro, que esperava fazia muito tempo na porta, adivinhando pelos gritos que estavam a brigar, entrou sem demora.

— Que berros são esses? — apostrofou ele Vrubliévski.

— O animal!

— Animal? Com que cartas estavas jogando ainda há pouco? Dei-te um baralho novinho. Que fizeste dele? Empregaste cartas falsas! Isso podia levar-te à Sibéria, sabes tu? Porque equivale a passar moeda falsa... — Indo ao divã, pôs a mão entre o espaldar e uma almofada, retirando dali o baralho lacrado.

— Ei-lo, meu baralho, intato — elevou-o no ar e mostrou-o aos assistentes. — Vi-o operar e substituir suas cartas pelas minhas. És um velhaco e não um *pan*. — E eu vi outro *pan* trapacear duas vezes! — disse Kolgánov.

— Ah, que vergonha, que vergonha! — Grúchenhka juntou as mãos, corando. — Meu Deus, que homem ele se tornou!

— Bem o imaginava! — disse Mítia.

Então, *pan* Vrubliévski, confuso e exasperado, gritou para Grúchenhka, ameaçando-a com o punho:

— Rameira!

Mítia já se havia lançado sobre ele; agarrou-o, ergueu-o e carregou-o num abrir e fechar de olhos até o quarto onde tinham estado antes.

— Larguei-o no soalho! — anunciou, ao voltar, resfolegante. — Debate-se o canalha, mas não voltará!... — Fechou um dos batentes da porta e, mantendo outro aberto, gritou para o *pan* baixinho:

— Excelência, não gostaria de fazer-lhe companhia? Rogo-lhe...

— Mítri Fiódorovitch — disse Trifon Borísovitch —, retoma deles teu dinheiro então! É como se eles te houvessem roubado.

— Faço-lhes presente de meus cinquenta rublos — disse Kolgánov.

— E eu dos meus duzentos. Que isso lhes sirva de consolação!

— Bravo, Mítia! Que grande coração! — gritou Grúchenhka num tom em que vibrava viva irritação.

O *pan* baixinho, rubro de cólera, mas que nada perdera de sua dignidade, dirigiu-se para a porta; de repente parou e disse a Grúchenhka:

— *Páni*, se queres seguir-me, vem, se não, adeus!

Gravemente, sufocado de indignação e de amor-próprio ferido, saiu. Sua vaidade era extrema; mesmo depois do que se passara, esperava ainda que a *páni* o seguisse. Mítia fechou a porta.

— Fecha-os — disse Kolgánov. Mas a fechadura rangeu do lado deles. Tinham-se fechado eles próprios.

— Bravo! — gritou Grúchenhka, com raiva implacável. — Assim é que deve ser!

VIII

DELÍRIO

Começou então quase uma orgia, uma festa de arromba. Grúchenhka foi a primeira a pedir bebida:

— Quero embriagar-me como da outra vez, lembra-te, Mítia, quando nos conhecemos!

Mítia delirava quase, pressentia “sua felicidade”. Aliás, Grúchenhka afastava-o de seu lado a cada instante:

— Vai divertir-te, dize-lhes que dancem e se divirtam como da outra vez!

Estava superexcitada. O coro se reunia no quarto vizinho. O em que se achavam era exíguo, separado em duas partes por uma cortina de chita da Índia, por trás um imenso leito com um edredom e uma montanha de travesseiros. Todos os quartos de aparato daquela casa possuíam um leito. Grúchenhka instalou-se à porta; era dali que olhava o coro e as danças, por ocasião do primeiro festim deles. As mesmas moças encontravam-se ali, os judeus com seus violinos e suas cítaras tinham chegado, bem como a

famosa *tieliéga* com as provisões. Mítia movimentava-se no meio de toda aquela gente. Homens e mulheres acorriam, despertados e farejando um rega-bofe enorme, como um mês antes. Mítia cumprimentava e beijava os conhecidos, servindo de beber a quem chegava. Somente as moças apreciavam o champanha, os mujiques preferiam o rum e o conhaque, sobretudo o ponche. Mítia ordenou que preparassem chocolate para as moças e conservassem ferventes à noite inteira três samovares para oferecer chá e ponche a quantos os quisessem. Em suma, uma pândega extravagante começou. Mítia sentia-se ali em seu elemento e animava-se à medida que a desordem aumentava. Se um mujique lhe tivesse então pedido dinheiro, teria tirado seu maço de notas e distribuído à direita e à esquerda sem contar. Eis sem dúvida por que, a fim de preservar Mítia, o dono da casa, Trifon Borísovitch, que renunciava a deitar-se naquela noite, quase não o deixava. Não bebia (um copo de ponche ao todo), velando, cuidadosamente, à sua maneira, pelos interesses de Mítia. Quando se tornava preciso, detinha-o, afetuosa e servilmente, e pregava-lhe um sermão, impedindo-o de distribuir como “da outra vez” aos mujiques “charutos, vinho do Reno” e, Deus nos guarde, dinheiro. Indignava-se ao ver as moças comerem bombons e beberem licores.

— Estão cheias de piolhos, Mítri Fiódorovitch; meter-lhes-ia de bom grado o pé em certo lugar, e isso seria mesmo fazer-lhe honra.

Mítia lembrou-se de Andriéi e mandou levar-lhe ponche: “Ofendi-o ainda há pouco”, repetia com voz enternecida. Kolgánov recusou a princípio beber e o coro lhe desagradou muito, mas, depois de ter absorvido dois copos de champanha, tornou-se bastante alegre e achou tudo perfeito: os cantos e a música. Maksímov, satisfeito e meio bêbedo, não o deixava. Grúchenhka, a quem o vinho subia à cabeça, apontava Kolgánov a Mítia: “Que rapaz gentil!” E Mítia corria a beijar os dois. Pressentia muitas coisas; ela não lhe dissera nada ainda de semelhante e retardava o momento; por vezes somente, lançava-lhe um olhar cheio de ardor. De repente, pegou-lhe na mão e fê-lo sentar-se ao lado dela.

— Que chegada a tua ainda há pouco! Tive tanto medo! Querias ceder-me a ele, não é? É verdade?

— Não queria perturbar a tua felicidade.

Ela, porém, não o escutava.

— Está bem, vai, diverte-te, não chores, eu te chamarei de novo.

Deixou-o, voltou a escutar as canções, a olhar as danças, enquanto o acompanhava com o olhar; ao fim de um quarto de hora, tornou a chamá-lo.

— Fica aqui, conta-me, como soubeste de minha partida, quem foi o primeiro a informar-te?

Mítia começou seu relato desordenadamente, duma maneira incoerente, por vezes franzia as sobrancelhas e parava.

— Que tens? — perguntava-lhe ela.

— Nada. Deixei lá embaixo um doente. Para que ele fique curado, para saber que ficará curado, daria dez anos de minha vida!

— Deixa-o tranquilo, esse teu doente. Então querias matar-te amanhã, bobinho, por quê? Gosto dos desmiolados como tu — murmurou ela, com a voz um tanto pastosa. — Então estás disposto a tudo por minha causa, não é? E querias deveras matar-te amanhã? Espera, dir-te-ei talvez uma palavrinha... não hoje, amanhã. Quererias hoje? Não, não quero... Vá divertir-te.

Uma vez, no entanto, ela o chamou com ar preocupado.

— Por que estás triste? Porque estás triste, vejo-o — acrescentou ela, com os olhos fitos nos dele. — Por mais que beijes os mujiques e te movimentes, bem o percebo. Uma vez que estou alegre, fica alegre também... Amo alguém aqui... Adivinha quem? Olha, ele adormeceu, o coitado, está bêbedo.

Falava de Kolgánov, que estava embriagado, com efeito, e dormitava no divã. Mas, à parte a embriaguez, sentia ele tristeza ou, como dizia, “tédio”. As canções das moças, que se tornavam por demais lascivas e licenciosas, à medida que bebiam, tinham acabado por aborrecê-lo. O mesmo com as danças: duas moças, disfarçadas de urso, eram “exibidas” por Stiepanida, uma mocetona armada dum cacete. “Entusiasmo, Mária — gritava —, se não, toma cuidado!” Finalmente, os ursos rolaram no soalho duma maneira indecente, com explosões de gargalhadas dum público grosseiro.

— Que se divirtam, que se divirtam! — disse sentenciosamente Grúchenka, num ar extasiado. — É o dia deles. Por que não haveriam de divertir-se?

Kolgánov olhava com ar de desgosto:

— Como são baixos esses costumes populares! — observou, afastando-se. Ficou sobretudo chocado por uma canção “nova”, com um estribilho alegre, em que um *bárin* em viagem interrogava as moças:

O bárin às moças perguntou:

Gostam de mim, gostam de mim, meninas?

Mas estas acham que não podem amá-lo:

*O bárin me surraria
E eu dele não gostaria.*

Depois foi a vez de um cigano, que não é mais feliz:

*O cigano há de roubar
E eu lágrimas derramar.*

Outros personagens desfilam, fazendo a mesma pergunta, até um soldado, repellido com desprezo:

*O soldado levará
Seu saco e eu atrás...*

Seguia-se um verso dos mais cínicos, cantado abertamente e que fazia furor entre os ouvintes. Acabava-se pelo comerciante:

*O mercador às moças perguntou:
Gostam de mim, gostam de mim, meninas?*

Dele, elas gostam muito, porque

*O mercador será rico
E eu, dono de tudo, fico.*

Kolgánov zangou-se:

— Só falta nessa canção um ferroviário ou um judeu para fazer perguntas às moças. Garanto que ganhariam de todos.

Quase ofendido, declarou que se entediava, sentou-se no divã e adormeceu. Seu rosto gentil, um pouco empalidecido, repousava na almofada.

— Olha como ele é belo — disse Grúchenhka a Mítia. — Passei-lhe a mão pelos cabelos, dir-se-ia linho...

E, inclinando-se sobre ele, beijou-lhe com ternura a testa. Kolgánov abriu logo os olhos, olhou-a, ergueu-se, perguntou com ar preocupado:

— Onde está Maksímov?

— Eis o que lhe faz falta! — Grúchenhka pôs-se a rir. — Fica comigo um minuto. Mítia, vá procurar o Maksímov dele.

Maksímov não largava as moças, exceto para ir beber licores. Já bebera duas xícaras de chocolate. Estava com o nariz escarlate, os olhos úmidos e ternos. Aproximou-se e declarou que ia dançar *A tamanqueira*.

— Na minha infância ensinaram-me essas danças mundanas...

— Vá com ele, Mítia, eu o verei dançar daqui.

— Eu também vou olhar — exclamou Kolgánov, declinando ingenuamente do convite de Grúchenhka para ficar com ela. E todos foram ver. Maksímov dançou, com efeito, mas não obteve êxito, salvo da parte de Mítia. Sua dança consistia em saltitar com contorções, com as solas do sapato no ar; a cada salto, Maksímov batia com a mão na sola. Isso desagradou a Kolgánov, mas Mítia beijou o dançarino.

— Obrigado, deves estar fatigado. Queres bombons, hem? Um charuto, talvez?

— Um cigarro.

— Queres beber?

— Tomei licores... Não tem bombons de chocolate?

— Há uma porção em cima da mesa, escolhe, meu anjo!

— Não, prefiro os de baunilha... para os velhos... ih!, ih!, ih!

— Não, irmão, não há desses.

— Escute! — disse o velho, inclinando-se para o ouvido de Mítia. — Aquela moça ali, a Mária, ih!, ih!, ih!. Gostaria bem de conhecê-la, graças à sua bondade...

— Vejam só isso! Estás brincando, camarada.

— Não faço mal a ninguém — murmurou humildemente Maksímov.

— Bem, bem. Aqui, camarada, a gente tem de contentar-se com cantar e dançar, ainda que, afinal... Espera... Regala-te, bebe, diverte-te. Tens necessidade de dinheiro?

— Depois, talvez — sorriu Maksímov.

— Bem, bem.

Mítia tinha a cabeça em fogo. Saiu para o alpendre que cercava uma parte do prédio. O ar fresco lhe fez bem. Só na escuridão, segurou a cabeça com as duas mãos. Suas ideias esparsas agruparam-se de súbito e tudo se aclarou a uma luz terrível... “Se tenho de matar-me, é agora ou nunca”, pensou ele. “Pegar uma pistola e acabar neste canto escuro!” Cerca de um minuto ficou indeciso. Ao vir a Mókroie, tinha na consciência a vergonha, o roubo cometido e o sangue derramado... Mas sentia-se mais à vontade. Tudo estava acabado. Grúchenhka, cedida a outro, não existia mais para ele. Sua decisão fora fácil de tomar, parecia pelo menos inevitável e necessária, pois por que haveria de viver doravante? Mas a situação não era mais a mesma. Aquele fantasma terrível, aquele homem fatal, o amante de outrora, desaparecera sem deixar traços. A aparição temível tornava-se um boneco ridículo que se trancava a chave. Grúchenhka tem vergonha e adivinha em seus olhos quem é que ela ama. Bastaria agora viver, e é impossível, oh, maldição! “Meu Deus, ressuscita aquele que jaz perto da paliçada! Afasta de mim esse cálice amargo! Porque Tu praticaste milagres para pecadores como eu! E se o velho vive ainda? Oh! Então, lavarei a vergonha que pesa sobre mim, restituirei o dinheiro roubado, arrancá-lo-ei de sob a terra... A infâmia só terá deixado traços em meu coração para sempre. Mas não, são sonhos impossíveis! Oh, maldição!”

Um raio de esperança aparecia-lhe, no entanto, nas trevas. Correu para o quarto, para ela, para sua rainha por toda a eternidade. “Uma hora, um minuto de seu amor não valem o resto da vida, ainda mesmo nas torturas da vergonha? Vê-la, a sós, ouvi-la, não pensar em nada, esquecer tudo, pelo menos nesta noite por uma hora, um instante!” Ao tornar a entrar, encontrou o hospedeiro Trifon Borísovitch, que lhe pareceu sombrio e preocupado.

— Então, Borísitch, estavas à minha procura?

— Não — o hospedeiro pareceu constrangido —, por que haveria de procurá-lo? Onde estava o senhor?

— Por que estás tão carrancudo? Estarias zangado? Espera, vais poder deitar-te... Que horas são?

— Já deve passar de três horas.

— Vamos acabar, vamos acabar.

— Mas não adianta nada. Enquanto o senhor quiser...

— Que há? — pensou Mítia, correndo para a sala de dança.

Grúchenhka não estava mais ali. No quarto azul, Kolgánov dormitava sobre o divã. Mítia olhou por trás das cortinas. Sentada sobre uma mala, com a cabeça inclinada sobre o leito, ela chorava copiosamente, esforçando-se por abafar os soluços. Fez sinal a Mítia para se aproximar e tomou-lhe a mão.

— Mítia, Mítia, eu o amava! Não cessei de amá-lo durante cinco anos. Era a ele que eu amava ou a meu rancor? Era a ele, oh! era a ele! Menti, dizendo o contrário!... Mítia, tinha eu 17 anos então, era ele tão terno, tão alegre, cantava-me canções... ou então assim me parecia a mim, menina tola. Agora, meu Deus, não é mais absolutamente o mesmo. Seu rosto mudou, não o reconhecia. Ao vir aqui, pensava todo o tempo: “Como irei abordá-lo, que lhe direi, que olhares trocaremos?...” Minha alma desfalecia... e foi como se recebesse um balde d’água suja. Dir-se-ia um professor sisudo. Cheguei a ficar boba. Pensei a princípio que a presença de seu comprido camarada o constrangia. Pensei ao olhá-los: por que não acho nada para dizer-lhe? Sabes, foi a mulher dele que o estragou, a tal pela qual me abandonou... Ela o metamorfoseou, Mítia, que vergonha! Oh, que vergonha sinto, Mítia, vergonha por toda a minha vida! Malditos sejam esses cinco anos!

Desfez-se de novo em lágrimas, sem largar a mão de Mítia.

— Mítia, meu querido, não te vás, quero dizer-te uma coisa — murmurou ela, erguendo a cabeça. — Escuta, dize-me a quem amo. Amo alguém aqui, quem é? — Um sorriso brilhou em seu rosto cheio de lágrimas. — À entrada dele, meu coração desfaleceu: “Tola, eis aquele a quem amas”, disse meu coração. Tu apareceste e tudo se iluminou. De quem tem ele medo? — pensei. Porque tu tinhas medo, não podias falar. Não é deles que ele tem medo, disse a mim mesma. Haverá homem que lhe cause medo? Eu só é que causo, eu só. Porque Fiénia te contou, bobinho, o que gritei a Aliócha pela janela: amei Mítia durante uma hora e

parto para amar... outro. Mítia, como pude pensar que amaria outro depois de ti? Perdoas-me, Mítia? Amas-me? Amas-me tu?

Levantou-se, pôs as mãos nos ombros dele. Mudo de felicidade, contempla-lhe ele os olhos, o sorriso; de repente, apertou-a em seus braços.

— Tu me perdoas o ter-te feito sofrer? Era por maldade que eu vos torturava a todos. Foi por maldade que enlouqueci o velho... Lembras-te do copo que partiste em minha casa? Lembrei-me disso e fiz o mesmo hoje bebendo a “meu coração vil”. Mítia, por que não me beijas? Depois de um beijo tu me olhas, tu me escutas... Para que escutar-me? Beija-me com mais força, assim. Não se deve amar pela metade! Serei agora tua escrava, tua escrava por toda a vida! É doce ser escrava! Beija-me! Faze-me sofrer, faz de mim o que quiseses... Oh! É preciso fazer-me sofrer... Para, espera, depois, não quero assim... — E ela o repeliu, de repente. — Vá, Mítia, vou beber, quero embriagar-me, dançarei bêbeda, quero-o, quero-o.

Libertou-se dele e saiu. Mítia seguiu-a, cambaleando. “Aconteça o que acontecer, não importa, daria o mundo inteiro por este instante”, pensava ele. Grúchenka bebeu dum trago um copo de champanha que a aturdiu. Sentou-se numa cadeira, sorrindo de felicidade. Suas faces coloriram-se, sua vista turvou-se, seu olhar apaixonado fascinava. O próprio Kolgánov ficou encantado e aproximou-se dela.

— Sentiste quando te beijei ainda há pouco, enquanto dormias? — murmurou ela. — Estou bêbeda agora, e tu? Por que não bebes, Mítia? Eu bebi...

— Já estou embriagado... de ti e quero ficar bêbedo de vinho. — Bebeu ainda um copo e — isso pareceu-lhe estranho — esse derradeiro copo embriagou-o de repente, a ele que suportara a bebida até então. A partir daquele momento, tudo girou em torno dele, como no delírio. Andava, ria, falava a todo mundo, não se conhecia mais. Só um sentimento ardente se manifestava nele por momentos “como brasa na alma”, lembrou-se ele mais tarde. Aproximava-se dela, contemplava-a, escutava-a... Ela se tornou bastante loquaz, chamando todos, atraindo alguma moça do coro, que mandava embora depois de tê-la beijado, ou por vezes com um sinal da cruz. Estava a ponto de chorar. O “velhinho”, como chamava a Maksímov, divertia-a bastante. A cada instante, vinha ele beijar-lhe a mão

e acabou por dançar de novo, acompanhando-se de uma velha canção de estribilho arrebatante:

*O porco, gru, gru, gru,
A bezerra, mé, mé, mé,
O pato, coen, coen,
O ganso, quá, quá, quá,
No quarto a franga corria,
Cá, cá, cá, cantando ia.*

— Dá-lhe alguma coisa, Mítia, ele é pobre. Ah, os pobres, os ofendidos!... Sabes tu, Mítia, quero entrar para um convento. É sério, irei algum dia. Lembrar-me-ei toda a vida do que me disse Aliócha hoje. Dancemos agora. Amanhã, no convento; hoje, no baile. Quero fazer loucuras, boa gente, Deus o perdoará. Se eu fosse Deus, perdoaria todo mundo: “Meus caros pecadores, perdoo todos.” Irei implorar meu perdão: “Perdoai uma tola, boa gente.” Sou uma besta feroz, eis o que sou. Mas quero rezar. Dei uma pequena cebola. Uma miserável como eu quer rezar! Mítia, não os impeça de dançar. Todo mundo é bom, sabes? Todo mundo. A vida é bela. Por mau que se seja, é bom viver... Somos bons e maus ao mesmo tempo... Dizei-me, rogo-vos, por que sou tão boa? Porque sou muito boa...

Assim divagava Grúchenhka à medida que a embriaguez a dominava. Declarou que queria dançar, levantou-se, cambaleando.

— Mítia, não me dês mais vinho, mesmo se eu pedir. O vinho perturba-me e tudo gira, até mesmo a estufa. Mas quero dançar. Vão ver como danço bem...

Era uma intenção decidida; exibiu um lenço de batista que pegou por uma ponta para agitá-lo ao dançar. Mítia apressou-se, as moças se calaram, prontas a entoar, ao primeiro sinal, a toada da dança russa. Ao saber que Grúchenhka queria dançar, Maksímov lançou um grito de alegria, saltitou diante dela, cantando:

*Pernas finas, ancas torneadas,
Cauda em forma de trombeta.*

Ela, porém, o afastou com uma rabanada do lenço.

— Psiu! Que todos venham olhar-me. Mítia, chama também os que estão fechados... Por que fechá-los? Dize-lhes que vou dançar, que eles venham ver-me...

Mítia bateu vigorosamente na porta dos poloneses.

— Ei! Vocês aí... Povichóvski! Saiam! Ela vai dançar e chama-os.

— *Laidak!* — resmungou um dos poloneses.

— E tu és mais que um *laidak*, és um canalha!

— Por que não para o senhor de mexer com a Polônia? — observou gravemente Kolgánov, igualmente bêbedo.

— É bom, meu rapaz! Mas o que eu disse dirige-se a ele e não à Polônia. O miserável não a representa. Cala-te, meu bonitote, come bombons.

— Que criaturas! Por que não querem eles fazer as pazes? — murmurou Grúchenhka, que avançou para dançar. O coro repercutiu. Ela entreabriu os lábios, agitou o lenço e, depois de ter balançado, parou no meio da sala.

— Não tenho forças... — murmurou ela, com voz extinta. — Desculpem-me, não posso... perdão.

Saudou o coro, fez reverências à direita e à esquerda.

— Ela bebeu, a bonita senhora — disseram vozes.

— A madama tomou um pileque — explicou, com uma risadinha, Maksímov às moças.

— Mítia, leva-me... toma-me...

Mítia ergueu-a em seus braços e foi depositar seu precioso fardo no leito. “Agora, vou-me embora”, pensou Kolgánov, e, deixando a sala, fechou atrás de si a porta do quarto azul. Mas nem por isso deixou a festa de continuar cada vez mais barulhenta. Grúchenhka estava deitada, Mítia colou seus lábios aos dela.

— Deixa-me — implorou ela —, não me toques antes que eu seja tua... Disse que seria tua... poupa-me... Perto dele, é impossível, causa-me horror isso.

— Obedeço! Nem mesmo em pensamento... Respeito-te! Sim, é repugnante aqui. — Sem afrouxar o braço, ajoelhou-se junto do leito.

— Muito embora sejas violento, sei que és nobre... É preciso que seja honestamente doravante... Sejamos honestos e bons, não nos

assemelhemos aos animais... Leva-me para bem longe, entendes?... Não quero aqui, mas longe, longe...

— Sim, sim. — Mítia apertou-a. — Levar-te-ei, partiremos... Oh! Daria toda a minha vida por um ano contigo, só para nada saber desse sangue.

— Que sangue?

— Nada — e Mítia rangeu os dentes. — Grucha, queres que seja honestamente, mas sou um ladrão. Roubei Katka. Oh, vergonha! Oh, vergonha!

— Katka? Aquela senhorita? Não, nada lhe tomaste. Reembolsa-a, toma meu dinheiro... Por que gritas? Tudo quanto me pertence é teu. De que serve o dinheiro? Nós o gastamos sem poder impedir-nos disso. Iremos de preferência cavar a terra. É preciso trabalhar, entendes? Aliócha ordenou-o. Não serei tua amante, mas tua mulher, tua escrava, trabalharei para ti. Iremos cumprimentar a senhorita, pedir-lhe perdão, e partiremos. Se ela recusar, tanto pior. Entrega-lhe seu dinheiro e ama-me. Esquece-a. Se a amas ainda, a estrangulo... Furar-lhe-ei os olhos com uma agulha...

— É a ti que amo, a ti somente. Amar-te-ei na Sibéria.

— Por que na Sibéria? Pois seja, na Sibéria, se quiseses. Que me importa?... Trabalharemos... há neve... Gosto de viajar sobre a neve... e o tilintar da sineta... Estás ouvindo? Uma sineta tilinta... Onde é? Viajantes que passam... parou.

Fechou os olhos e pareceu adormecer. Uma sineta, com efeito, havia tilintado ao longe. Mítia reclinou a cabeça sobre o peito de Grúchenhka. Não reparava que a campainha tinha cessado de tilintar e que às canções e ao tumulto havia sucedido na casa um silêncio de morte. Grúchenhka abriu os olhos.

— Que há? Dormi? Ah! Sim, a sineta... Sonhei que viajava sobre a neve... a sineta tilintava e adormeci. Íamos os dois juntos, longe, longe. Beijava-te, apertava-me contra ti, tinha frio e a neve cintilava... Não sabes, como ela cintila ao clarão da lua? Cria-me noutro lugar que não na terra... Desperto, meu bem-amado, junto de ti. Que bom!

— Perto de ti — murmurou Mítia, cobrindo de beijos o peito e as mãos de sua amada. De repente, pareceu-lhe que ela olhava diretamente à frente, por cima de sua cabeça, com um olhar estranhamente fixo. A surpresa, quase o terror, pintou-se em seu rosto.

— Mítia, quem é esse que nos está olhando? — cochichou ela. Mítia voltou-se e viu alguém que havia afastado as cortinas e os examinava. Levantou-se e avançou vivamente para o indiscreto.

— Venha cá, peço-lhe — disse uma voz decidida.

Mítia saiu de trás das cortinas e parou. O quarto estava cheio de novos personagens. Mítia sentiu um arrepio na espinha, estremeceu. Reconhecera todos imediatamente. Aquele velho de elevada estatura, de sobretudo, com uma insígnia no casquete do uniforme, é o *isprávník* Mikhail Makáritch. Aquele janota tuberculoso, de botas irreprocháveis, é o suplente. Tem um cronômetro de quatrocentos rublos, ele o mostrou. Aquele rapaz de óculos, baixinho... Mítia esqueceu seu nome, mas conhece-o, viu-o: é o juiz de instrução, que acaba de sair da Escola de Direito. Este aqui é o *stanovói*, Mavríki Mavríkitch, um de seus conhecidos. E aqueles, com suas placas de metal, que fazem? E depois dois mujiques... Ao fundo, perto da porta, Kolgánov e Trifon Borísovitch...

— Senhores... Que há, senhores? — proferiu a princípio Mítia, que, de repente, prosseguiu com voz forte:

— Com-pre-endo!

O rapaz de óculos aproximou-se dele e disse com ar importante, mas com um pouco de pressa:

— Temos de dizer-lhe... numa palavra, peço-lhe que venha aqui, perto do divã... É necessário que tenhamos uma explicação.

— O velho! — exclamou Mítia, exaltado. — O velho ensanguentado!... Compreendo!

E deixou-se cair numa cadeira.

— Compreendes? Compreendeste? Parricida, monstro, o sangue de teu velho pai grita contra ti! — berrou de repente o velho *isprávník*, aproximando-se de Mítia. Estava fora de si, vermelho, trêmulo de cólera.

— Mas é impossível, Mikhail Makáritch! — exclamou o rapaz baixinho. — Não é assim, não é assim!... Não teria jamais esperado semelhante coisa do senhor!...

— Mas está delirando, senhores, delirando! — continuou o *isprávník*. — Olhem-no: à noite, bêbedo em companhia de uma mulher perdida, manchado do sangue do pai... Está delirando!...

— Rogo-lhe instantemente, meu caro Mikhail Makáritch, que modere seus sentimentos — gaguejou o suplente —, senão serei obrigado a

tomar...

O pequeno juiz de instrução interrompeu-o e proferiu com voz firme e grave:

— Senhor tenente reformado Karamázov, devo declarar-lhe que o senhor é acusado de ter matado seu pai, Fiódor Pávlovitch, assassinado esta noite.

Acrescentou alguma coisa, o suplente igualmente, mas Mítia escutava sem compreender. Olhava-os a todos com um olhar estupidificado.

LIVRO IX

O PROCESSO PREPARATÓRIO

I

INICIA SUA CARREIRA O FUNCIONÁRIO PIERKHÓTIN

Piotr Ilitch Pierkhótin, que deixamos batendo com todas as forças no portão da casa Morózova, acabou naturalmente fazendo que lhe abrissem. Ouvindo tamanho barulho, Fiénia, ainda mal reposta do terror, quase teve uma crise de nervos: imaginou que era Dimítri Fiódorovitch que voltava (se bem que tivesse assistido à sua partida), porque só ele podia bater tão insolentemente. Correu para o porteiro, que despertara com o barulho, e suplicou-lhe que não abrisse. Mas ele, tendo ficado sabendo o nome do visitante e seu desejo de ver Fiedóssia Márkovna para tratar de um negócio importante, decidiu deixá-lo entrar. Piotr Ilitch pôs-se a interrogar a moça e descobriu logo o fato mais importante: ao lançar-se à procura de Grúchenka, Dimítri Fiódorovitch levava um pilão e voltara de mãos vazias, mas ensanguentadas. “O sangue pingava!”, exclamou Fiénia, imaginando em sua perturbação aquela horrenda circunstância. Piotr Ilitch vira aquelas mãos e ajudara a lavá-las; não se tratava de saber se tinham secado rapidamente, mas se Dimítri Fiódorovitch tinha ido verdadeiramente à casa do pai com o pilão, e donde se podia concluir isso. Piotr Ilitch insistiu nesse ponto e, muito embora nada haja em suma sabido de certo, ficou quase convencido de que Dimítri Fiódorovitch só pudera ter ido à casa de seu pai e que, por consequência, deveria ter-se passado lá alguma coisa. “Quando ele voltou — acrescentou Fiénia — e, quando lhe confessei tudo, perguntei-lhe: Dimítri Fiódorovitch, por que tem o senhor as mãos ensanguentadas? Respondeu-me que era sangue humano e que acabara de matar alguém. Assim confessou, arrependendo-se, depois saiu correndo como um louco. Pus-me a pensar: onde bem pode ir agora? Irá a Mókroie matar minha patroa. Corri então à casa dele para suplicar-lhe que a poupasse. Ao passar diante da venda dos Plastunovi, vi-o que ia partir, mas de mãos limpas.” (Fiénia notara esse detalhe.) A avó confirmou o relato da neta. Piotr Ilitch deixou a casa ainda mais perturbado do que quando nela entrara.

Parecia que o mais simples seria agora ir à casa de Fiódor Pávlovitch informar-se se nada acontecera; em caso afirmativo, e uma vez ciente, iria à casa do *isprávník*. Piotr Ilitch estava bem decidido a isso. Mas a noite estava escura, o portão maciço, conhecia muito pouco Fiódor Pávlovitch; se, à força de bater, lhe abrissem e nada se tivesse passado, no dia seguinte o malicioso Fiódor Pávlovitch iria contar na cidade, como uma anedota, que, à meia-noite, o funcionário Pierkhótin, a quem não conhecia, forcara sua porta para saber se ele, Fiódor, não tinha sido assassinado. Seria um escândalo! Ora, Piotr Ilitch temia o escândalo mais que qualquer coisa. No entanto, o sentimento que o impelia era tão poderoso que depois de ter batido o pé com cólera e haver invectivado a si mesmo, lançou-se noutra direção, para a casa da senhora Khokhlakova. Se ela respondesse negativamente à pergunta, a respeito dos três mil rublos dados àquela hora a Dimítiri Fiódorovitch, iria procurar o *isprávník*, sem passar em casa de Fiódor Pávlovitch; senão, deixaria tudo para o dia seguinte e voltaria para casa. Compreende-se bem que a decisão do jovem de se apresentar às 11 horas da noite em casa de conhecida senhora da sociedade, obrigá-la a levantar-se talvez para fazer-lhe uma pergunta singular, arriscava a provocar um escândalo bem maior que ir pedir informação em casa de Fiódor Pávlovitch. Mas tal é muitas vezes a sorte, sobretudo em semelhantes casos, das decisões das pessoas mais fleumáticas. Piotr Ilitch não estava de todo fleumático naquele momento! Lembrou-se toda a vida de como a inquietação insopitável que se apoderara dele degenerou em suplício e arrastou-o contra a vontade. Bem entendido, injuriou-se durante todo o caminho por causa daquele tolo passo que dava, mas “irei até o fim!”, repetia pela décima vez, rangendo os dentes, e manteve a palavra.

Soavam 11 horas, quando chegou à casa da senhora Khokhlakova. Penetrou com bastante facilidade no pátio, mas o porteiro não pôde dizer-lhe com certeza se a senhora já estava deitada, como era costume seu àquela hora. “Faça-se anunciar e verá bem se o recebem ou não.” Piotr Ilitch subiu, mas as dificuldades começaram. O laçaio não queria anunciá-lo; acabou por chamar a arrumadeira. Num tom polido, mas firme, Piotr Ilitch rogou-lhe que dissesse à ama que o funcionário Pierkhótin desejava falar-lhe a respeito dum assunto importante, sem o que não se teria permitido incomodá-la; “anuncie-me nesses termos”, insistiu ele. Esperou no vestíbulo. A senhora Khokhlakova já se achava no seu quarto de dormir. A visita de Mítia perturbara-a; pressentia para a noite uma dor de cabeça

certa em semelhante caso. Ficou surpresa, mas recusou com irritação receber o jovem funcionário, se bem que a visita de um desconhecido, a semelhante hora, superexcitasse sua curiosidade feminina. Mas Piotr Ilitch teimou dessa vez como um mulo; vendo-se repellido, insistiu imperiosamente e fez dizer nos mesmos termos “que se tratava dum assunto muito importante e que a senhora lamentaria talvez depois não o ter recebido”. A criada de quarto olhou-o com espanto e voltou para levar o recado. A senhora Khokhlakova ficou estupefata, refletiu, perguntou que aspecto tinha o visitante e soube que estava bem trajado, era jovem e bastante polido. Notemos, de passagem, que Piotr Ilitch era belo rapaz e sabia disso. A senhora Khokhlakova decidiu aparecer. Estava em roupão de quarto e de chinelas e lançou um xale preto nos ombros. O funcionário foi convidado a entrar no salão. A dona da casa apareceu, com ar interrogador, e, sem mandar o visitante sentar-se, convidou-o a explicar-se.

— Permito-me incomodá-la, minha senhora, a respeito de nosso conhecido comum, Dimítri Fiódorovitch Karamázov — começou Pierkhótin; mal, porém, havia pronunciado esse nome, viva irritação pintou-se no rosto da interlocutora. Abafou ela um grito e interrompeu-o com cólera:

— Será que haverão de atormentar-me ainda por muito tempo com tão horrível personagem? Como ousou o senhor incomodar uma dama a quem não conhece, a semelhante hora... para lhe falar de um indivíduo que, aqui mesmo, há três horas, veio assassinar-me, bateu com o pé e saiu duma maneira escandalosa? Saiba, senhor, que darei queixa contra o senhor; queira retirar-se imediatamente... Sou mãe, vou... eu...

— Então queria ele matá-la também?

— Será que ele já matou alguém? — perguntou impetuosamente a senhora Khokhlakova.

— Queira conceder-me um minuto de atenção, minha senhora, e lhe explicarei tudo — respondeu com firmeza Pierkhótin. — Hoje, às cinco horas da tarde, o senhor Karamázov me pediu emprestados dez rublos, na qualidade de amigo, e sei positivamente que ele estava sem dinheiro; às nove horas, foi à minha casa tendo na mão um maço de cédulas de cem rublos, cerca de dois ou três mil rublos. As mãos e o rosto ensanguentados, tinha o ar de um louco. À minha pergunta, donde provinha tanto dinheiro, respondeu textualmente que o recebera da senhora e que a senhora lhe

adiantava uma soma de três mil rublos para que ele partisse em busca de minas de ouro...

O rosto da senhora Khokhlakova exprimiu uma emoção súbita.

— Meu Deus! Foi o velho pai que ele matou! — exclamou ela, juntando as mãos. — Não lhe dei o dinheiro, absolutamente! Oh! Corra, corra!... Não diga mais nada! Salve o velho, corra à casa do pai dele!

— Permita, minha senhora; com que então não lhe deu o dinheiro? Está bem certa de não lhe ter dado nenhuma soma?

— Nenhuma, nenhuma. Recusei, porque não sabia ele apreciar. Partiu furioso, batendo os pés. Lançou-se contra mim, recuei... Imagine — porque nada quero ocultar-lhe — que cuspiu em cima de mim! Mas por que ficar de pé? Sente-se... Desculpe-me, eu... Ou antes, corra a salvar aquele desgraçado velho de uma morte horrível!

— Mas se já o matou?

— Com efeito, meu Deus! Que vamos fazer agora? Que pensa o senhor que é preciso fazer?

Entretanto fizera Piotr Ilitch sentar-se e tomara lugar em frente a ele. Ele expôs-lhe brevemente os fatos de que fora testemunha, contou sua recente visita à casa de Fiénia e falou do pilão. Todos esses detalhes transtornaram a dama, que lançou um grito e pôs a mão diante dos olhos.

— Imagine o senhor que pressenti tudo isso! É um dom que tenho, todos os meus pressentimentos se realizam. Quantas vezes tenho olhado para aquele terrível homem pensando: acabará matando-me. E eis que aconteceu... Ou antes, se não me matou agora como ao pai, foi graças a Deus que me protegeu; além do mais, teve vergonha, porque eu lhe havia amarrado ao pescoço, aqui mesmo, uma pequena imagem, proveniente das relíquias de santa Bárbara, mártir... Estive bem perto da morte naquele minuto. Tinha-me aproximado completamente dele que me estendia o pescoço! Sabe o senhor, Piotr Ilitch (o senhor disse, creio, que é esse seu nome), não creio nos milagres, mas aquela imagem, aquele milagre evidente em meu favor, isso me impressiona e recomeço a crer em não importa o quê. Ouviu falar do *stáriets* Zósima?... Aliás, não sei o que digo... Imagine que ele cuspiu em mim com aquela imagem no pescoço... Cuspiu somente, sem matar-me, e... e eis para o que ele correu! Que vamos fazer agora? Que pensa o senhor?

Piotr Ilitch levantou-se e declarou que ia à casa do *isprávník* contar tudo, e ele agiria como lhe conviesse.

— Ah! É um homem excelente, conheço Mikhail Makárovitch. Vá ter com ele sem falta. Como o senhor é engenhoso, Piotr Ilitch! Em seu lugar, jamais teria pensado nisso!

— Tanto mais que me acho eu mesmo em bons termos com o *isprávník* — observou Piotr Ilitch, visivelmente desejoso de escapar àquela dama expansiva que não o deixava despedir-se.

— Sabe duma coisa? Venha contar-me o que tiver visto e sabido... as verificações... o que se fará dele... Diga-me, a pena de morte não existe entre nós? Venha sem falta, mesmo às três horas da manhã, até mesmo às quatro... Mande acordar-me, sacudir-me, se não me levantar... Aliás, não dormirei, sem dúvida. E se eu o acompanhasse?

— N...ão, mas se certificar por escrito, para o que der e vier, que não deu o dinheiro a Dimítri Fiódorovitch, isso poderia servir... na ocasião...

— Decerto! — aprovou a senhora Khokhlakova, lançando-se para a escrivaninha. — Sabe? Estou impressionada e confusa com sua engenhosidade, sua perícia nessas questões... Serve aqui? Isso me causa grande prazer...

Enquanto falava, tinha, à pressa, traçado as seguintes poucas linhas, em letras graúdas:

Jamais emprestei três mil rublos ao desditoso Dimítri Fiódorovitch Karamázov, nem hoje nem antes! Juro-o pelo que há de mais sagrado.

Khokhlakova.

— Pronto, aqui está! — disse ela, voltando-se para Piotr Ilitch. — Vá, salve sua alma. É um grande feito que o senhor pratica.

Fez sobre ele três vezes o sinal da cruz e reconduziu-o até o vestibulo.

— Quanto lhe sou grata! O senhor não pode imaginar como lhe sou grata por ter vindo em primeiro lugar procurar-me. Como é possível que não nos tenhamos jamais encontrado? Terei muito prazer em recebê-lo doravante. Causa-me prazer saber que o senhor serve aqui... e com tal exatidão, tanta engenhosidade... Mas devem apreciá-lo, compreendê-lo, enfim, e tudo quanto eu puder fazer pelo senhor, esteja certo... Oh, gosto

da mocidade, sou doida por ela! As pessoas jovens são a esperança de nossa infeliz Rússia de hoje... Vá, vá!

Mas Piotr Ilitch já se havia escapulado, senão não o teria ela deixado partir tão depressa. Aliás, a senhora Khokhlakova causara nele uma impressão bastante agradável, que amenizava mesmo sua apreensão de estar metido num negócio tão escabroso. Sabe-se que os gostos variam muito. “E ela não é lá tão idosa”, pensava ele com satisfação, “pelo contrário, tê-la-ia tomado pela sua filha”.

Quanto à senhora Khokhlakova, estava simplesmente encantada. “Uma tal habilidade, uma tal precisão em um homem tão jovem, com suas maneiras e seu exterior... Pretende-se que os jovens de hoje não prestam para nada, eis um exemplo, etc.” Tanto que ela se esqueceu até “daquele horrendo acontecimento”; uma vez deitada, somente, é que se lembrou de “quão perto da morte estivera” e murmurou: “Ah! É horrível, horrível!” Mas adormeceu logo num sono profundo. Não me teria, aliás, estendido sobre detalhes tão insignificantes, se esse encontro singular do jovem funcionário com uma viúva ainda bem conservada não tivesse influído, posteriormente, em toda a carreira daquele rapaz metódico. Recordar-se disso mesmo com espanto em nossa cidade, e diremos talvez uma palavra a respeito, ao terminar a longa história dos irmãos Karamázov.

II

O ALARME

Nosso *isprávník* Mikhail Makárovitch, tenente-coronel reformado, que se tornara conselheiro da corte, era um honrado homem. Estabelecido em nossa cidade havia três anos apenas, conseguira atrair-se à simpatia geral porque “sabia reunir a sociedade”. Havia sempre gente em casa dele, fosse apenas uma ou duas pessoas para jantar. Não teria podido viver sem isso. Os pretextos mais variados motivavam os convites. A comida não era fina, mas abundante, os pastéis de peixe excelentes, a quantidade dos vinhos compensava-lhes a mediocridade. Na primeira sala, encontrava-se um bilhar, com cavalos de corrida ingleses enquadrados em molduras negras nas paredes, o que constitui, como se sabe, o ornamento necessário de todo

bilhar em casa dum celibatário. Todas as noites jogava-se baralho. Mas, muitas vezes, a melhor sociedade de nossa cidade reunia-se para dançar, as mães com as filhas. Mikhail Makárovitch, embora viúvo, vivia em família, com a filha viúva e as duas netas. Elas, que tinham terminado os estudos, eram bastante gentis e alegres e, se bem que sem dote, atraíam para a casa do avô a juventude mundana. Em negócios, Mikhail Makárovitch era bastante limitado, mas exercia as funções tão bem quanto muitos outros. Para falar a verdade, era um homem pouco instruído e até mesmo descuidado na maneira de compreender as atribuições. Tinha vistas curtas a respeito de certas reformas do presente reinado, não por incapacidade, mas por indolência, não achando tempo para estudá-las. “Tenho mais alma de militar que de civil”, dizia, falando de si mesmo. Não tinha ainda uma ideia nítida das bases da reforma do camponês, que aprendia a conhecer pouco a pouco, pela prática e malgrado seu; no entanto, era ele proprietário rural. Piotr Ilitch estava certo de encontrar, naquela noite, visitas em casa de Mikhail Makárovitch. Achavam-se em casa dele, jogando baralho, o procurador e o jovem médico do *ziémstvo*, Varvínski, recentemente chegado de Moscou, onde obtivera o lugar de um dos primeiros alunos da Escola de Medicina. O procurador — isto é, o suplente, mas todos o chamavam assim — Ipolit Kirílovitch era um homem especial, ainda jovem, com 35 anos, mas predisposto à tuberculose, casado com uma mulher obesa e estéril, cheio de amor-próprio, irascível, tendo ao mesmo tempo sólidas qualidades. Por desgraça, tinha uma ideia exagerada de seus méritos, o que o fazia parecer constantemente inquieto. Tinha mesmo pendores artísticos, certa penetração psicológica aplicada aos criminosos e ao crime. Nesse sentido, considerava-se lesado e vítima de preterições, tendo sempre estado persuadido de que não o apreciavam segundo seu valor nas altas esferas e que tinha inimigos. Nas horas de desencorajamento, ameaçava mesmo tornar-se advogado criminalista. O caso Karamázov galvanizou-o inteiramente: “Um caso que podia apaixonar a Rússia!” Mas estou antecipando.

Na sala contígua achava-se, com as senhoritas, o jovem juiz de instrução Nikolai Parfiénovitch Nieliúdob, chegado, havia dois meses, de Petersburgo. Causou espanto mais tarde que esses personagens se tivessem reunido como que de propósito na noite do “crime”, na casa do Poder Executivo. Entretanto, não havia nada naquilo que não fosse bastante

natural: a mulher de Ipolit Kirílovitch estava com dor de dentes desde a véspera, e era-lhe preciso subtrair-se de suas queixas; o médico só podia passar o serão jogando baralho. Quanto a Nikolai Parfiénovitch Nieliúdv, projetara fazer uma visita naquela noite a Mikhail Makárovitch, como que por acaso, a fim de surpreender a filha mais velha, Olga Mikháilovna, que fazia anos; conhecia seu segredo, porque, segundo ele, queria ela dissimulá-lo para não convidar a dançar. Isso se prestava a alusões zombeteiras à idade dela, que temia revelar; amanhã falaria ele a todo mundo, etc. Aquele gentil rapaz era, a esse respeito, um grande descarado, assim o tinham denominado nossas damas, e ele não se queixava disso. Pertencente à melhor sociedade, de família distinta, bem-educado, era aquele gozador inofensivo e sempre correto. De baixa estatura e compleição delicada, trazia sempre nos dedos delgados alguns grossos anéis. No exercício de seu cargo, tornava-se muito grave, tendo uma alta ideia de seu papel e de suas obrigações. Sabia sobretudo confundir, por ocasião dos interrogatórios, os assassinos e outros malfeitores da ralé, e suscitava neles certo espanto, senão respeito por sua pessoa.

Ao chegar em casa do *isprávník*, ficou Piotr Ilitch estupefato por ver que todos estavam informados. Com efeito, tinham cessado de jogar e discutiam a notícia; Nikolai Parfiénovitch tinha mesmo um ar belicoso. Piotr Ilitch soube com estupor que o velho Fiódor Pávlovitch fora efetivamente assassinado naquela noite, em casa, assassinado e roubado. Acabava-se de sabê-lo da maneira seguinte:

Marfa Ignátievna, a mulher de Grigóri, malgrado o sono profundo em que estava mergulhada, despertou de repente, sem dúvida aos gritos de Smierdiákov, que jazia no quartinho vizinho. Jamais pudera habituar-se àqueles gritos do epiléptico, precursores da crise e que a apavoravam. Ainda semiadormecida, levantou-se e entrou no quarto de Smierdiákov. No escuro, ouvia-se o doente estertorar, debater-se. Tomada de medo, chamou o marido, mas refletiu que, ao levantar-se, não o vira a seu lado na cama. Voltou a tatear o leito: estava vazio. Correu para o patamar e chamou-o timidamente. Como resposta, ouviu, no silêncio noturno, gemidos distantes. Prestou atenção: os gemidos repetiram-se; partiam mesmo do jardim. “Meu Deus, parecem os gemidos de Lisavieta Smierdiáchtchaia!” Desceu e percebeu que a portinha do jardim estava aberta: “Deve estar lá, o coitado!” Aproximou-se e ouviu Grigóri chamá-la distintamente —

“Marfa! Marfa!” — com uma voz fraca e dolorida. “Meu Deus, preservai-nos!”, murmurou Marta que se lançou na direção de Grigóri.

Encontrou-o a vinte passos da paliçada, onde ele caíra. Tendo voltado a si, tivera de arrastar-se muito tempo, perdendo várias vezes os sentidos. Notou ela logo que ele estava todo ensanguentado e pôs-se a gritar. Grigóri murmurava fracamente palavras entrecortadas: “Matou... matou o pai... Por que gritas, idiota?... Corre, chama...” Marfa Ignátievna não se acalmava; de repente, vendo a janela do patrão aberta e iluminada, correu para lá e pôs-se a chamar Fiódor Pávlovitch. Mas tendo olhado para dentro do quarto, um horrível espetáculo se ofereceu: jazia ele de costas, inerte. O roupão claro e a camisa branca estavam inundados de sangue. A vela, que ficara em cima da mesa, iluminava vivamente o rosto do morto. Aterrorizada, Marfa Ignátievna saiu correndo do jardim, abriu o portão e precipitou-se em casa de Mária Kondrátievna. As duas vizinhas, a mãe e a filha, dormiam; as pancadas redobradas batidas nos postigos despertaram-nas. Com palavras incoerentes, Marfa Ignátievna contou-lhes o ocorrido e chamou-as em socorro. Como que de propósito, dormia em casa delas naquela noite o vagabundo Fomá. Fizeram-no levantar-se imediatamente e todos acorreram ao local do crime. No caminho, Mária Kondrátievna lembrou-se de ter ouvido, cerca das nove horas, um grito agudo. Era precisamente o: “Parricida!”, de Grigóri, quando havia agarrado pela perna Dimítri Fiódorovitch, que já subira na paliçada. Chegadas junto de Grigóri, as duas mulheres, com a ajuda de Fomá, transportaram-no para o pavilhão. À luz, verificou-se que Smierdiákov continuava presa de sua crise, os olhos revirados, a espuma nos lábios. Lavaram a cabeça do ferido com água e vinagre, o que o reanimou completamente. Sua primeira pergunta foi saber se Fiódor Pávlovitch ainda estava vivo. As duas mulheres e Fomá voltaram ao jardim e viram que não somente a janela, mas também a porta da casa, estava escancarada, quando havia uma semana que o *bárin* se fechava a duas voltas de chave todas as noites e nem mesmo a Grigóri permitia que batesse sob qualquer pretexto. Não ousaram entrar com medo de atraírem complicações. Por ordem de Grigóri, Mária Kondrátievna correu à casa do *isprávník* a dar o alarme. Precedeu de cinco minutos Piotr Ilitch, de sorte que ele chegou como testemunha ocular, confirmando por sua narrativa as suspeitas contra o presumido autor do crime (o que havia ele recusado crer até então, no fundo de seu coração).

Resolveu-se agir energicamente. As autoridades judiciárias dirigiram-se aos locais e procederam a uma investigação. O médico do *ziémstvo*, um novato, ofereceu-se a acompanhá-las. Resumo os fatos: Fiódor Pávlovitch tinha a cabeça partida, mas com que arma? Provavelmente a mesma que servira em seguida para golpear Grigóri. Este, depois de ter recebido os primeiros cuidados, fez, malgrado sua fraqueza, um relato bastante lógico do que lhe acontecera. Procurando-se com uma lanterna perto da paliçada, encontrou-se numa aleia, bem à vista, o pilão de cobre. Não havia desordem alguma no quarto de Fiódor Pávlovitch, exceto ter-se encontrado, por trás do biombo, perto do leito, um envelope de grande formato, em papel forte, com os dizeres: “Três mil rublos para meu anjo, Grúchenka, se ela quiser vir.” Mais abaixo, Fiódor Pávlovitch acrescentara: “e para minha franguinha”. O envelope, que trazia três grandes sinetes em cera vermelha, estava rasgado e vazio. Encontrou-se no chão a fita cor-de-rosa que o amarrava. No depoimento de Piotr Ilitch, uma coisa atraiu a atenção dos magistrados: a suposição de que Dimítri Fiódorovitch se suicidaria na manhã seguinte, segundo suas palavras, a pistola carregada, o bilhete que escrevera, etc. Como Piotr Ilitch, incrédulo, o ameaçasse duma denúncia para impedi-lo disso, replicara Mítia, sorrindo: “Não terás tempo.” Era preciso, pois, apressarem-se a ir a Mókroie para apanhar o criminoso antes que pusesse ele fim a seus dias. “Está claro, está claro”, repetia o procurador superexcitado, “semelhantes cabeças loucas agem sempre assim: fazem a farra antes de morrer”. O relato das compras de Dimítri acalorou-o ainda mais. “Lembrem-se, senhores, de que o assassino do comerciante Olsúfiev, que se apoderou de 1.500 rublos, teve, como primeiro cuidado, mandar frisar os cabelos, depois ir à casa das mulheres, sem se dar ao trabalho de ocultar o dinheiro.” Mas o inquérito e as formalidades exigiam tempo, assim despachou-se para Mókroie o *stanovói* Mavríki Mavríkitch Chmiertsov, que viera à cidade receber seus vencimentos. Recebeu como instruções vigiar discretamente o “criminoso” até a chegada das autoridades competentes, formar uma escolta, etc. Guardando o incógnito, pôs somente ao corrente de uma parte do caso Trifon Borísovitch, seu velho conhecido. Foi então que Mítia encontrara no alpendre o hospedeiro que o procurava e notara uma mudança na expressão e no tom de Trifon Borísovitch. Mítia e seus companheiros ignoravam, pois, a vigilância de que eram objeto; quanto ao estojo das pistolas, o hospedeiro havia-o desde

muito posto em lugar seguro. Às cinco horas somente, quase ao romper do dia, chegaram as autoridades, em dois carros. O médico ficara em casa de Fiódor Pávlovitch, para fazer a autópsia e sobretudo porque o estado de Smierdiákov o interessava bastante. “Crises de epilepsia tão violentas e tão prolongadas, durante dois dias, são bastante raras e pertencem à ciência”, declarou a seus companheiros por ocasião da partida deles, e eles o felicitaram, rindo, por aquele achado. Afirmara mesmo que Smierdiákov não viveria até o amanhecer.

Depois dessa digressão um tanto longa, mas necessária, retomamos nossa narrativa onde a deixamos.

III

PURGATÓRIOS DE UMA ALMA: PRIMEIRO PURGATÓRIO

Mítia fitava os presentes com um ar estupidificado, sem compreender o que se dizia. De repente, levantou-se, estendeu as mãos no ar e exclamou:

— Não sou culpado! Não derramei o sangue de meu pai... Queria matá-lo, mas sou inocente. Não fui eu!

Apenas acabava ele de falar surgiu Grúchenhka detrás das cortinas e caiu aos pés do *isprávník*.

— Sou eu, maldita, que sou a culpada — gritou ela, chorando, de mãos estendidas. — Foi por minha causa que ele matou. Aquele pobre velho, que não mais existe, eu o torturei. Sou eu a principal culpada.

— Sim, és tu, criminosa! És uma desavergonhada, uma mulher depravada — vociferou o *isprávník*, ameaçando-a com o punho. Fizeram-no calar-se imediatamente, o procurador chegou mesmo a agarrá-lo.

— Isso é desordem, Mikhail Makárovitch! O senhor perturba o inquérito... estraga o caso...

Estava quase sufocado.

— É preciso tomar providências... é preciso tomar providências — gritava de seu lado Nikolai Parfiénovitch —, não se pode tolerar isso.

— Julguem-nos juntos! — continuava Grúchenhka sempre de joelhos —, executem-nos juntos, estou pronta a morrer com ele.

— Grucha, minha vida, meu sangue, meu tesouro sagrado! — disse Mítia, ajoelhando-se ao lado dela e abraçando-a. — Não acreditem nela, está inocente, completamente inocente!

Separaram-nos à força, levaram para fora a jovem mulher. Ele desfaleceu e só voltou a si depois, sentado à mesa e cercado das pessoas com placas de metal. Em frente, no divã, achava-se Nikolai Parfiénovitch, o juiz de instrução, que o exortava, da maneira mais cortês, a beber um pouco d'água: “Isso o refrescará, o acalmará, não tenha medo, não se inquiete.” Mítia interessava-se bastante pelos grossos anéis dele, um com uma ametista, outro com uma pedra amarelo-clara, dum brilho magnífico. Por muito tempo depois, lembrava-se ele com espanto de que aqueles anéis o fascinavam durante as penosas horas do interrogatório e de que não podia destacar deles os olhos. À esquerda de Mítia achava-se o procurador; à direita, um jovem de jaquetão de caça bastante usado, diante de um tinteiro e papel. Era o secretário do juiz de instrução. Na outra extremidade do quarto, perto da janela, mantinham-se o *isprávník* e Kolgánov.

— Beba água — repetia docemente, pela décima vez, o juiz de instrução.

— Já bebi, senhores, já bebi... Pois bem! Esmagai-me, condenai-me, decidi minha sorte! — exclamou Mítia, fixando-o.

— Com que então afirma o senhor estar inocente da morte de seu pai, Fiódor Pávlovitch?

— Inocente! Derramei o sangue do outro velho, mas não o de meu pai. E o deploro! Matei... mas é duro ver-se acusado dum crime horrível que não se cometeu. É uma acusação terrível, senhores, um verdadeiro golpe de porrete! Mas quem então matou meu pai? Quem podia matá-lo, senão eu? É prodigioso, é um absurdo impossível!...

— Vou dizer-lhe... — começou o juiz, mas o procurador (chamaremos assim o suplente), depois de ter trocado uma olhadela com ele, disse a Mítia:

— O senhor se atormenta inutilmente a respeito do velho criado Grigóri Vassíliev. Saiba que está vivo. Recuperou os sentidos e, malgrado o golpe terrível que o senhor lhe assistou, de acordo com os depoimentos de ambos, escapará com certeza. Tal é pelo menos a opinião do médico.

— Vivo!? Está vivo!? — exclamou Mítia, de mãos juntas, o rosto radiante. — Meu Deus, rendo-Te graças por esse milagre insigne que concedes ao pecador, ao celerado que sou, à sua prece!... Porque rezei a noite inteira!... — E benzeu-se três vezes.

— Esse mesmo Grigóri prestou a respeito do senhor um depoimento de tal gravidade que... — prosseguiu o procurador, mas Mítia levantou-se bruscamente.

— Um instante, senhores, por favor, nada mais que um instante. Vou ter com ela...

— Com licença! É impossível agora! — exclamou Nikolai Parfiénovitch, que também se levantou. Os policiais seguraram Mítia, que tornou a sentar-se, aliás de bom grado.

— É pena. Queria somente anunciar-lhe que esse sangue que me angustiou a noite inteira está lavado e não sou um assassino! Senhores, é minha noiva! — disse ele, respeitosamente, olhando para todos os circunstantes. — Oh! Agradeço-vos! Vós me restituístes a vida... Aquele velho carregou-me nos braços, era ele quem me lavava numa tina, quando tinha eu três anos de idade, quando estava abandonado por todos. Serviu-me de pai!...

— Com que então, o senhor... — prosseguiu o juiz.

— Com licença, senhores, ainda um instante — interrompeu Mítia, pondo os cotovelos na mesa, com o rosto oculto nas mãos — deixai-me concentrar-me, deixai-me respirar. Tudo isso me transtorna, não se bate em um homem como em um tambor, senhores.

— O senhor deveria beber um pouco d'água...

Mítia descobriu o rosto e sorriu. Tinha o olhar vivo e parecia transformado. Suas maneiras também tinham mudado, sentia-se de novo igual àquelas pessoas, seus antigos conhecidos, como se se tivessem encontrado na véspera numa reunião social, antes do acontecimento. Notemos que Mítia havia a princípio sido recebido cordialmente em casa do *isprávník*, mas que, posteriormente, no derradeiro mês sobretudo, quase cessara de frequentar-lhe a casa. O *isprávník*, quando se encontrava na rua, por exemplo, fechava a cara e só o cumprimentava por polidez, o que não escapava a Mítia. Conhecia ainda menos o procurador, mas visitava, sem bem saber por quê, sua mulher, senhora nervosa e caprichosa; ela o recebia

sempre graciosamente e testemunhava interesse por ele. Quanto ao juiz, conversara duas vezes com ele, a propósito de mulheres.

— O senhor, Nikolai Parfiénovitch, é um juiz de instrução bastante hábil, pelo que vejo — disse alegremente Mítia. — Vou ajudá-lo, aliás. Oh! Senhores, ressuscitei... não se formalizem com minha franqueza, tanto mais que estou um pouco bêbedo, confesso-o. Parece-me ter tido a honra... a honra e o prazer de tê-lo encontrado, Nikolai Parfiénovitch, em casa de meu parente Miúsov... Senhores, não pretendo igualdade, compreendo minha situação perante os senhores. Pesa sobre mim... se Grigóri me acusa, pesa sobre mim, bem decerto, uma acusação terrível. Compreendo-o muito bem. Mas, de fato, senhores, estou pronto, e em breve poderemos tudo terminar. Se estou seguro de minha inocência, não demorará muito, não é mesmo?

Mítia falava depressa, expansivamente, como se tomasse seus auditores por seus melhores amigos.

— De modo que, anotamos, enquanto esperamos, que o senhor nega formalmente a acusação feita contra o senhor — disse num tom grave Nikolai Parfiénovitch, e ditou a meia-voz ao escrivão o necessário.

— Anotar? Quer anotar isso? Pois seja, consinto, dou meu pleno consentimento, senhores... somente, vejam... Espere, escreva isto: é culpado de violências, de ter assestado golpes terríveis em um pobre velho. E, ademais, em meu foro íntimo, no fundo do coração, sinto-me culpado, mas isso não é preciso escrever, é minha vida privada, senhores, isso não lhes diz respeito, são segredos do coração... Quanto ao assassinato de meu velho pai, sou inocente! É uma ideia monstruosa!... Provar-lhes-ei, ficarão os senhores convencidos imediatamente. Rirão mesmo de suas suspeitas!...

— Acalme-se, Dimítri Fiódorovitch — disse o juiz. — Antes de prosseguir o interrogatório, quereria, se o senhor consentir em responder, que me confirmasse um fato: o senhor não gostava do defunto, parece, tinha constantes brigas com ele... Aqui, pelo menos, há um quarto de hora, declarou ter tido a intenção de matá-lo: “Não o matei, disse o senhor, mas quis matá-lo!”

— Disse isso? Oh, bem possível! Sim, várias vezes, quis matá-lo... desgraçadamente!

— O senhor o queria. Consente em explicar-nos os motivos desse ódio contra seu pai?

— Que adianta explicar, senhores? — disse Mítia, com ar sombrio, erguendo os ombros. — Não ocultava meus sentimentos, toda a cidade os conhece. Não há muito tempo, manifestei-os no mosteiro, na cela do *stáriets* Zósima... Na noite do mesmo dia, bati em meu pai e quase o matei, jurando diante de testemunhas que voltaria para matá-lo. Oh! As testemunhas não faltam, gritei isso durante um mês... O fato é patente, mas os sentimentos são outro negócio. Vejam, senhores, acho que não têm o direito de interrogar-me a respeito. Malgrado a autoridade de que estão revestidos, é um negócio íntimo, que só a mim interessa... mas uma vez que não ocultei meus sentimentos antes... falei deles a todo mundo no botequim, então... então não farei disso um mistério agora. Vejam os senhores, compreendo que há contra mim acusações esmagadoras: disse a todos que o mataria, e eis que o matam; não serei eu o culpado, em semelhante caso? Ah!, ah!, ah! Eu os desculpo, senhores, eu os desculpo absolutamente. Eu mesmo estou estupefato. Quem é, pois, o assassino, nesse caso, senão eu? Não é verdade? Se não sou eu, quem é então? Senhores, quero saber, exijo que me digam onde foi ele morto, como, com que arma.

Olhou longamente o juiz e o procurador.

— Nós o encontramos caído no soalho, em seu gabinete, com a cabeça arreventada — disse o procurador.

— É terrível, senhores!

Mítia estremeceu, apoiou os cotovelos na mesa, ocultou o rosto com a mão direita.

— Continuemos — disse Nikolai Parfiénovitch. — Então, que motivos inspiraram seu ódio? O senhor, creio, declarou publicamente que ele provinha do ciúme?

— Oh! Sim, o ciúme, e outra coisa mais.

— Questões de dinheiro?

— Oh! Sim, o dinheiro desempenhava nisso também um papel.

— Tratava-se, creio, de três mil rublos que o senhor não havia recebido de sua herança?

— Como, três mil? Mais, mais de seis mil, mais de dez mil, talvez. Disse-o a todo mundo, gritei-o por toda parte! Mas estava decidido, para

pôr termo a tudo, a transigir em três mil rublos. Precisava deles a qualquer preço... de sorte que aquele pacote oculto debaixo de uma almofada e destinado a Grúchenhka, considerava-o eu propriedade minha que me tinha sido roubada, sim, senhores, como me pertencendo.

O procurador trocou uma olhadela significativa com o juiz.

— Voltaremos a isso — disse logo o juiz. — No momento, permitam-nos consignar esse ponto: que o senhor considerava o dinheiro encerrado naquele envelope propriedade sua.

— Escrevam, senhores. Compreendo que é uma nova acusação contra mim, mas isso não me causa medo, acuso-me a mim mesmo. Estão ouvindo? A mim mesmo. Vejam, senhores, creio que os senhores se enganam totalmente a meu respeito — acrescentou, com tristeza. — O homem que lhes fala é leal; cometeu muitas baixezas, mas sempre permaneceu nobre no íntimo de si mesmo... Em uma palavra, não sei exprimir-me... Essa sede de nobreza sempre me atormentou, como a um mártir; eu a buscava com a lanterna de Diógenes, e, no entanto, só pratiquei vilanias, como nós todos, senhores... isto é, como somente eu, engano-me, eu só é que sou assim!... Senhores, tenho dor de cabeça. Fiquem sabendo que tudo nele me desgostava: seu exterior, não sei que de desonesto, de gabolice e desprezo por tudo quanto é sagrado, palhaçada e irrelição. Mas agora que ele está morto, penso diferentemente.

— Como assim, diferentemente?

— Não diferentemente, mas lamento tê-lo detestado tanto.

— Sente remorsos?

— Não, remorsos não, não anotem isso. Eu mesmo, senhores, não brilho nem pela bondade, nem pela beleza; de modo que não tinha o direito de achá-lo repugnante. Podem anotar isso.

Tendo assim falado, Mítia pareceu bastante triste. Tornava-se cada vez mais sombrio à medida que respondia às perguntas do juiz. Foi nesse momento que se desenrolou uma cena inesperada. Se bem que tivessem afastado Grúchenhka, encontrava-se ela num quarto próximo daquele onde se realizava o interrogatório, em companhia de Maksímov, abatido e aterrorizado, que se ligava a ela como a uma âncora de salvação. Um mujique com placa de metal guardava a porta. Grúchenhka chorava; de repente, incapaz de resistir a seu pesar, depois de ter gritado: “Desgraça, desgraça!”, correu para fora do quarto para o seu bem-amado, tão

bruscamente que ninguém teve tempo de detê-la. Mítia, que a havia ouvido, estremeceu, precipitou-se a seu encontro. Mas impediram de novo que se juntassem. Agarraram-no pelos braços; ele se debateu encarniçadamente, sendo precisos três ou quatro homens para contê-lo. Apoderaram-se também de Grúchenhka, e ele a viu a estender-lhe os braços, enquanto a levavam. Passada a cena, reencontrou-se ele no mesmo lugar, à mesa, diante do juiz.

— Por que fazê-la sofrer!? — exclamou ele. — Ela é inocente!...

O procurador e o juiz esforçaram-se por acalmá-lo. Dez minutos decorreram assim.

Mikhail Makárovitch, que havia saído, tornou a entrar e disse todo comovido:

— Ela está lá embaixo. Permitem, meus senhores, que eu diga uma palavra a esse infeliz? Na presença dos senhores, bem entendido.

— Pois não, Mikhail Makárovitch, não vemos inconvenientes nisso — disse o juiz.

— Dimíttri Fiódorovitch, escuta, meu pobre amigo — seu rosto exprimia uma compaixão quase paternal —, Agraíena Alieksándrovna encontra-se lá embaixo, com as filhas do hospedeiro, o velho Maksímov não a deixa. Tranquilei-a, fiz-lhe compreender que tu devias justificarte, que não se devia perturbar-te, senão agravarias as acusações contra ti, compreendes? Em suma, ela compreendeu; é inteligente e boa, queria beijar-me as mãos, pedindo graças para ti. Foi ela quem me enviou para tranquilizar-te. Preciso dizer-lhe que estás tranquilo a teu respeito. Acalma-te, pois. Sou culpado diante dela, é uma alma cristã, senhores, uma alma terna e inocente. Posso dizer-lhe, Dimíttri Fiódorovitch, que estarás calmo?

O bom homem estava comovido pela dor de Grúchenhka, tinha mesmo lágrimas nos olhos. Mítia adiantou-se para ele.

— Perdão, senhores, com licença, peço-lhes. O senhor é um anjo, Mikhail Makárovitch, obrigado por ela. Ficarei calmo, ficarei alegre, diga-lhe isso em sua bondade; vou mesmo pôr-me a rir, sabendo que o senhor vela por ela. Acabarei em breve isso, assim que ficar livre correrei para ela. Que ela tenha paciência! Senhores, vou abrir-lhes meu coração, vamos terminar tudo isso alegremente, acabaremos rindo juntos, não é? Senhores, aquela mulher é a rainha de minha alma! Oh! Deixem-me dizer-lhes...

Vejo que são corações nobres. Ela aclara e enobrece minha vida. Oh, se os senhores soubessem! Ouviram seus gritos: “Irei contigo à morte!” Que lhe dei eu, eu que nada tenho? Por que tal amor? Sou eu digno, eu, vil criatura, de ser amado a ponto de seguir-me ela à prisão? Ainda há pouco, arrastava-se aos pés dos senhores por minha causa, ela tão altiva e inocente! Como não adorá-la, não correr para ela? Senhores, perdoem-me! Agora, eis-me consolado!

Caiu sobre uma cadeira e, cobrindo o rosto com as mãos, pôs-se a soluçar. Mas eram lágrimas de alegria. O velho *isprávník* parecia encantado, os juízes igualmente; sentiam que o interrogatório entrava numa fase nova. Quando o *isprávník* saiu, Mítia tornou-se alegre.

— Pois bem, senhores, agora estou a seu dispor. E... não fossem todos esses detalhes e já nos teríamos entendido. Senhores, a seu dispor, mas é preciso que uma confiança mútua reine entre nós, senão não acabaremos nunca. É pelos senhores que falo. Ao fato, senhores, ao fato! Sobretudo não cascavilhem minha alma, não a torturem com bagatelas, mantenham-se no essencial e lhes darei satisfação. Ao diabo os detalhes!

Assim falou Mítia. O interrogatório recomeçou.

IV

SEGUNDO PURGATÓRIO

— O senhor não poderia acreditar quanto sua boa vontade nos reconforta, Dimíttri Fiódorovitch — disse Nikolai Parfiénovitch. Seus olhos, de um cinzento-claro e salientes, brilhavam de satisfação. — O senhor falou com razão dessa confiança mútua, indispensável nos negócios de uma tal importância, se o acusado deseja verdadeiramente, espera e pode justificar-se. De nosso lado, faremos tudo quanto de nós depender. O senhor já pôde ver como conduzimos este caso... Está de acordo, Ipolit Kirílovitch?

— Decerto — aprovou o procurador, todavia um pouco secamente em comparação com o outro.

Notemos uma vez por todas que Nikolai Parfiénovitch, desde seu recente ingresso nas funções, testemunhava profundo respeito pelo

procurador, pelo qual sentia simpatia. Era quase o único a acreditar absolutamente no notável talento psicológico e oratório de Ipolit Kirílovitch, vítima de injustiças, no que acreditava piamente. Já ouvira falar dele em Petersburgo. Em compensação, o jovem Nikolai Parfiénovitch era o único homem no mundo de quem o nosso mal-aventurado procurador gostava sinceramente. No caminho, tinham podido combinar-se a respeito do caso que se anunciava, e agora o espírito agudo de Nikolai Parfiénovitch captava no ar e interpretava cada sinal, cada jogo fisionômico de seu colega.

— Senhores, deixem-me contar-lhes as coisas sem me interromperem a propósito de bagatelas. Não será longo — continuou Mítia.

— Muito bem, mas antes de ouvi-lo, permita-nos que constatemos este pequeno fato muito curioso para nós. O senhor pediu emprestados dez rublos ontem à tardinha, às cinco horas, deixando suas pistolas como penhor a seu amigo Piotr Ilitch Pierkhótin.

— Sim, senhores, empenhei-as por dez rublos, quando voltei de viagem. E com isso?

— O senhor voltava de viagem? Tinha deixado a cidade?

— Fora a quarenta verstras da cidade, senhores. Não sabiam disso?

O procurador e o juiz trocaram um olhar.

— O senhor faria bem começando sua narrativa pela descrição metódica de seu dia desde a manhã. Queira dizer-nos, por exemplo, por que se ausentou, o momento de sua partida e de seu regresso...

— Deviam ter-me pedido imediatamente — disse Mítia rindo. — Se quiserem, remontarei a anteontem, então compreenderão o sentido de meus passos. Há dois dias, fui, logo de manhã, à casa do comerciante Samsónov para lhe pedir emprestados três mil rublos com seguras garantias. Precisava dessa soma de repente e o mais depressa possível.

— Com licença — interrompeu num tom polido o procurador —, por que tinha o senhor necessidade de repente de tal soma, precisamente três mil rublos?

— Ah, senhores, quantos detalhes! Como, quando, por quê, por qual razão tal soma e não outra? Palavrório, tudo isso. Desse jeito, nem três volumes seriam suficientes, precisaria ainda um epílogo!

Mítia falava com a bonomia familiar de um homem desejoso de dizer toda a verdade e animado das melhores intenções.

— Senhores — prosseguiu ele —, queiram desculpar minha brusquidão, estejam certos de meus sentimentos respeitosos a seu respeito. Não estou mais embriagado. Compreendo a diferença que nos separa: sou aos olhos dos senhores um criminoso que devem vigiar; não me passarão a mão pelos cabelos por causa de Grigóri, não se pode arrebentar impunemente a cabeça de um velho. Isso me valerá seis meses ou um ano de prisão, mas sem privar-me de meus direitos civis, não é, senhor procurador? Compreendo tudo isso... Mas confessem que os senhores desconcertariam o próprio Deus com perguntas assim: Aonde foste, como e quando? Por quê? Eu me atrapalharia dessa forma, os senhores anotariam imediatamente, e que resultaria disso? Nada! Afinal, se comecei a mentir, irei até o fim, e os senhores me perdoarão, dadas a instrução e a nobreza de seus sentimentos. Para terminar, peço-lhes que renunciem a esses processos oficiais que consistem em fazer perguntas insignificantes: Como te levantaste? Que comeste? Onde cuspieste? E, estando adormecida a atenção do réu, perturbá-lo, perguntando-lhe: A quem mataste? A quem roubaste? Ah!, ah! Eis o processo clássico dos senhores, eis em que se funda toda a sua astúcia! Empreguem esse artil com os mujiques, mas não comigo, que compreendo as coisas e já servi! Ah!, ah!, ah! Não se zanguem senhores, perdoem meu atrevimento. — Olhava-os com estranha bonomia. — Pode-se ter mais indulgência por Mítia Karamázov do que por um homem de espírito, ah!, ah!, ah!.

O juiz ria. O procurador permanecia grave, não desfitava os olhos de Mítia, observava atentamente os menores gestos e movimentos de sua fisionomia.

— Contudo — disse Nikolai Parfiénovitch, continuando a rir —, nós não o confundimos a princípio com questões tais como: “Como se levantou esta manhã? Que comeu?”. Fomos mesmo demasiado depressa ao alvo.

— Compreendo, aprecio a bondade dos senhores. Estamos todos três de boa-fé, deve reinar entre nós a confiança recíproca de pessoas do mundo ligadas pela nobreza e pela honra. Em todo caso, deixem-me olhá-los como meus melhores amigos nessas penosas circunstâncias! Isso não os ofende, não é, senhores?

— Pelo contrário, o senhor diz muito bem, Dimítri Fiódorovitch — aprovou o juiz.

— E os detalhes, senhores, todo esse processo chicanista, deixemo-los de lado! — exclamou Mítia muito exaltado. — Com eles não chegaremos a nenhum resultado.

— O senhor tem toda a razão — interveio o procurador —, mas mantenho minha pergunta. — É-nos indispensável saber por que tinha o senhor necessidade desses três mil rublos.

— Para uma coisa ou outra... que importa? Para pagar uma dívida.

— A quem?

— Isso recuso absolutamente dizer, senhores! Não é por temor ou timidez, pois se trata duma bagatela, mas por princípio. Isso diz respeito à minha vida privada e não permito que nela se toque. Sua pergunta nada tem a ver com o caso, portanto diz respeito à minha vida privada. Queria pagar uma dívida de honra, mas não direi a quem.

— Permita-nos anotar isso — disse o procurador.

— Peço-lhe. Escreva que recuso dizê-lo, achando que não seria honroso fazê-lo. Vê-se bem que não lhes falta tempo para escrever!

— Permita-me, senhor, preveni-lo, lembrar-lhe ainda, se o ignora — disse num tom severo o procurador —, que o senhor tem o direito absoluto de não responder às nossas perguntas, e que, por outro lado, não temos absolutamente o direito de exigir respostas que o senhor julgue que não deve dar. Mas devemos chamar sua atenção para o prejuízo que causa a si mesmo recusando falar. Agora, queira continuar.

— Senhores, não me estou zangando... eu... — gaguejou Mítia um pouco confuso diante daquela observação — ... saibam que aquele Samsónov a cuja casa fui...

Bem entendido, não reproduziremos sua narrativa dos fatos que o leitor já conhece. Em sua impaciência, queria o narrador contar tudo detalhadamente e, ao mesmo tempo, com rapidez. Mas tinha-se de tomar por escrito suas declarações à medida que eram feitas, donde a necessidade de fazê-lo por vezes parar. Dimítri Fiódorovitch a isso se resignava, de má vontade; exclamava por vezes: “Senhores, é de exasperar o próprio Deus!”, ou “Senhores, sabem que me irritam sem motivo?”, mas, apesar dessas exclamações, continuava expansivo. Foi assim que contou como Samsónov o mistificara (dava-se perfeitamente conta disso agora). A venda do relógio por seis rublos, a fim de arranjar o dinheiro da viagem, interessou bastante os magistrados, que ainda ignoravam isso; com

extrema indignação de Mítia, julgou-se necessário consignar com detalhes esse fato, que estabelecia de novo que, na véspera, também estava ele quase sem dinheiro algum. Pouco a pouco, Mítia tornava-se sombrio. Em seguida, depois de ter descrito sua visita a Liagávi, a noite passada na isbá e o começo de asfixia, abordou seu regresso à cidade e se pôs por si mesmo a descrever suas torturas de ciúme por causa de Grúchenhka. Escutavam-no em silêncio e com atenção, anotando-se sobretudo o fato de que, desde muito tempo, tinha ele um posto de observação no jardim de Mária Kondrátiévna, para o caso de Grúchenhka ir à casa de Fiódor Pávlovitch, e que Smierdiákov lhe transmitia informações; isso foi mencionado bem devidamente. Falou longamente de seu ciúme, malgrado a vergonha em exhibir seus sentimentos mais íntimos, por assim dizer, à desonra pública, mas dominava-a a fim de ser verídico. A severidade impassível dos olhares fixos nele, durante seu relato, acabou por perturbá-lo bastante fortemente: “Esse rapazola, Nikolai Parfiénovitch, com quem tagarelava eu a respeito de mulheres, há alguns dias, e esse procurador doentio não merecem que lhes conte isso”, pensava ele tristemente. “Que vergonha!” “Suporta, resigna-te, cala-te”, concluía, enquanto se fortalecia para continuar. Chegado ao ponto da visita à casa da senhora Khokhlakova, voltou a ficar alegre e quis mesmo contar a seu respeito uma anedota recente, fora de propósito; mas o juiz interrompeu-o e convidou-o a passar ao essencial. Em seguida, tendo descrito seu desespero e falado do momento em que, ao sair da casa daquela senhora, tinha mesmo pensado em estrangular alguém para arranjar os três mil rublos, fizeram-no parar para que fosse isso consignado. Por fim, contou como soubera da mentira de Grúchenhka, que logo partira da casa de Samsónov, quando devia, afirmava ela, ficar em casa do velho até a meia-noite. “Se não matei então aquela Fiénia, senhores, foi unicamente porque me faltava tempo”, deixou ele escapar. Isso também ficou consignado. Mítia esperou com ar sombrio e ia explicar como entrara no jardim do pai, quando o juiz o interrompeu e, abrindo um grande guardanapo que se achava junto dele, em cima do divã, dali tirou um pilão de cobre.

— Conhece este objeto?

— Ah! Sim. Como não? Deixe-me vê-lo... Ao diabo, é inútil!

— O senhor esqueceu-se de falar dele.

— Que diabo! Pensam que haveria de ocultar isso? Tinha-me esquecido, eis tudo.

— Quer contar-nos como arranhou esta arma?

— De boa vontade, senhores.

E Mítia contou como pegara o pilão e saíra.

— Mas qual era sua intenção apoderando-se deste objeto?

— Que intenção? Nenhuma. Peguei-o e saí correndo.

— Por que então, se não tinha intenção?

A irritação apoderava-se de Mítia. Fixava o rapazola com um sorriso mau, lamentava a franqueza que estava tendo com tal gente, a propósito de seu ciúme.

— Que me importa o pilão?

— No entanto...

— Pois bem, era contra os cachorros. Estava escuro... prevenia-me.

— Antes, quando o senhor saía à noite, levava também uma arma, uma vez que receava tanto a escuridão?

— Com a breca! É impossível conversar com os senhores! — exclamou Mítia exasperado, e, dirigindo-se, rubro de cólera, ao escrivão:

— Escreva imediatamente... agora mesmo: “Pegou ele o pilão para ir matar seu pai... Fiódor Pávlovitch... para lhe arrebentar a cabeça!” Estão contentes, senhores? — perguntou ele, num tom provocativo.

— Não podemos levar em conta tal depoimento, inspirado pela cólera. Nossas perguntas lhe parecem fúteis e irritam-no, quando na verdade são muito importantes — disse secamente o procurador.

— Por favor, senhores! Peguei o pilão... Por que se pega alguma coisa em semelhante caso? Ignoro-o. Peguei-o e saí correndo. Eis tudo. É vergonhoso, senhores, mas deixemos isso, senão juro-lhes que não direi mais uma palavra.

Pôs os cotovelos na mesa, com a cabeça na mão. Estava sentado de lado, em relação a eles, e olhava a parede, esforçando-se por dominar um mau sentimento. Tinha, com efeito, grande vontade de levantar-se, de declarar que não diria mais uma palavra, ainda que tivessem de levá-lo a suplício.

— Vejam, senhores, ao ouvi-los, parece-me ter um sonho como por vezes me acontece... sonho muitas vezes que alguém me persegue, alguém de quem tenho muito medo, e me procura, nas trevas. Oculto-me vergonhosamente atrás de uma porta, atrás de um armário. O desconhecido sabe, perfeitamente, onde me encontro, mas finge ignorá-lo, a fim de

atormentar por mais tempo, de brincar com meu terror... É o que os senhores estão fazendo agora! É a mesma coisa!

— O senhor tem tais sonhos? — perguntou o procurador.

— Sim, tenho tais sonhos... Não vão anotar?

— Não, mas o senhor tem sonhos estranhos.

— Agora, não é mais um sonho! É a realidade, senhores, o realismo da vida! Sou o lobo, os senhores são os caçadores!

— Sua comparação é injusta... — disse mansamente Nikolai Parfiénovitch.

— Absolutamente, senhores! — disse Mítia com irritação, se bem que aliviado pela brusca explosão de cólera. — Os senhores podem recusar-se a crer num criminoso ou num acusado que torturam com suas perguntas, mas não num homem animado de nobres sentimentos (digo-o ousadamente). Os senhores não têm o direito. Mas

*Silêncio, meu coração,
Suporta, resigna-te, cala-te!*

— Devo continuar? — perguntou ele, áspero.

— Como não? Peço-lhe — disse Nikolai Parfiénovitch.

V

TERCEIRO PURGATÓRIO

Embora falando com brusquidão, Mítia pareceu ainda mais desejoso de não omitir nenhum detalhe. Contou como escalara a paliçada, caminhara até a janela e tudo quanto se passara então com ele. Com precisão e clareza, expôs os sentimentos que o agitavam, quando ardia por saber se Grúchenka estava ou não na casa. Coisa estranha, o procurador e o juiz escutavam com extrema reserva, de ar rebarbativo, não fazendo senão raras perguntas. Mítia nada podia presumir da expressão de seus rostos. “Estão irritados e ofendidos — pensou —, tanto pior!” Quando contou que havia feito a seu pai o sinal, anunciando a chegada de Grúchenka, os

magistrados não prestaram nenhuma atenção à palavra “sinal”, como se não compreendessem o alcance na circunstância. Mítia notou esse detalhe. Chegado ao momento em que, à vista de seu pai debruçado para fora da janela, fremira de ódio e tirara o pilão do bolso, parou de súbito, como de propósito. Olhava a parede e sentia os olhares dos juízes fixos nele.

— Pois bem! — disse Nikolai Parfiénovitch. — O senhor agarrou a arma e... que se passou em seguida?

— Em seguida? Matei... descarreguei em meu pai um golpe de pilão que lhe fendeu o crânio... Segundo os senhores, foi assim, não é mesmo?

Seus olhos cintilavam. Sua cólera acalmada reacendia-se em toda a violência.

— Segundo nós, mas segundo o senhor?

Mítia baixou os olhos, fez uma pausa.

— No que me diz respeito, senhores, no que me diz respeito, eis o que se passou — recomeçou ele, mansamente: — Teria sido minha mãe que implorava a Deus por mim, um espírito celeste que me beijou a fronte naquele momento? Não sei, mas o diabo foi vencido. Afastei-me da janela e corri para a paliçada. Meu pai, que me avistou então, ficou com medo, deu um grito e recuou vivamente, lembro-me bastante bem... Eu já havia trepado na paliçada, quando Grigóri me agarrou...

Mítia ergueu enfim os olhos para os ouvintes que o olhavam com ar impassível. Um frêmito de indignação percorreu-o.

— Senhores, zombam de mim!

— Onde concluiu isso? — perguntou Nikolai Parfiénovitch.

— Os senhores não acreditam numa palavra do que digo! Compreendo muito bem que cheguei ao ponto capital; o velho jaz agora, com a cabeça fendida, e eu, depois de ter tragicamente descrito minha vontade de matá-lo, com o pilão já na mão, fujo da janela... Tema de poema a ser posto em versos! Pode-se acreditar sob palavra em tal pândego? Os senhores são uns farsantes!

Voltou-se bruscamente na cadeira, que estalou.

— Não notou o senhor — disse o procurador, parecendo ignorar a agitação de Mítia —, quando deixou a janela, se a porta que dá acesso ao jardim, em outro extremo da fachada, estava aberta?

— Não, não estava aberta.

— Tem certeza?

— Estava, pelo contrário, fechada. Quem teria podido abri-la? Ah! A porta? Esperem! — pareceu reconsiderar e estremeceu: — Os senhores encontraram-na aberta?

— Sim.

— Mas quem pôde abri-la, senão os senhores?

— A porta estava aberta, o assassino de seu pai seguiu esse caminho para entrar e para sair — disse o procurador, escandindo as palavras. — É bastante claro para nós. O assassinato foi cometido evidentemente no quarto, e não através da janela. Isso resulta do exame dos locais e da posição do corpo. Não há nenhuma dúvida a este respeito.

Mítia estava confuso.

— Mas é impossível, senhores! — exclamou ele, totalmente transtornado. — Eu... eu não entrei... Afirmo-lhes que a porta ficou fechada durante todo o tempo em que eu estive no jardim e quando fugi... Conservava-me sob a janela e só vi meu pai do exterior... Lembro-me até do derradeiro minuto. Mesmo se não me lembrasse, estou certo disso, porque os sinais só eram conhecidos de mim, de Smierdiákov e do defunto, e sem sinais ele não teria aberto a ninguém no mundo!

— Que sinais? — perguntou com ardente curiosidade o procurador, cuja reserva desapareceu logo. Interrogava com uma espécie de hesitação, pressentindo um fato importante, e receava que Mítia se recusasse a explicá-lo.

— Ah! O senhor não sabia? — disse Mítia, piscando o olho, com um sorriso irônico. — E se eu recusasse responder? Quem os informaria? O defunto, eu e Smierdiákov éramos os únicos a conhecer o segredo; Deus também o sabe, mas ele não o dirá aos senhores. Ora, o fato é curioso e sobre ele pode-se construir à vontade. Ah! Ah! Consolem-se, senhores, eu lhes revelarei o segredo, seus temores são vãos. Os senhores não sabem com quem têm de avir-se! O acusado depõe contra si mesmo, sim, porque sou um cavalheiro de honra, mas os senhores, não!

O procurador engolia essas pílulas em sua impaciência de conhecer o fato novo. Mítia explicou pormenorizadamente os sinais imaginados por Fiódor Pávlovitch para Smierdiákov, o sentido de cada pancada na janela: reproduziu-os mesmo em cima da mesa. Tendo-lhe Nikolai Parfiénovitch perguntado se ele havia feito então ao velho o sinal convencionado para a chegada de Grúchenka, Mítia respondeu afirmativamente.

— Agora, construam sobre isso uma hipótese! — cortou ele, voltando-se com desdém.

— De modo que seu defunto pai, o senhor e o criado Smierdiákov eram os únicos a conhecer esses sinais? — insistiu o juiz.

— Sim, o criado Smierdiákov e, depois, Deus. Notem isso. Devem os senhores mesmo recorrer a Deus.

Consignou-se, bem entendido, mas, naquele momento, disse o procurador, como se lhe tivesse sobrevindo uma ideia:

— Nesse caso, e já que o senhor afirma sua inocência, não teria sido Smierdiákov que fez seu pai abrir a porta, dando o sinal, e em seguida... o assassinou?

Mítia lançou-lhe um olhar carregado de ironia e de ódio, fixou-o tanto tempo que o procurador bateu as pálpebras.

— Os senhores queriam ainda pegar a raposa, beliscaram-lhe a cauda, ah, ah, ah, pensavam que eu ia agarrar-me ao que os senhores insinuam e exclamar a plenos pulmões: “Ah! Sim, foi Smierdiákov, eis o assassino!” Confessem que pensaram isso, confessem, e então continuarei.

O procurador não confessou nada. Esperou em silêncio.

— Os senhores enganaram-se. Não acusarei Smierdiákov — declarou Mítia.

— E o senhor nem mesmo suspeita dele?

— Será que os senhores suspeitam?

— Nós também suspeitamos dele.

Mítia baixou os olhos.

— Basta de brincadeiras, escutem: desde o começo, quase no momento em que saí detrás daquela cortina, essa ideia já me viera: “Foi Smierdiákov!” Sentado a essa mesa, quando gritava a minha inocência, o pensamento de Smierdiákov me perseguia. Agora, por fim, pensei nele, mas por espaço de um segundo, e logo disse a mim mesmo: “Não, não foi Smierdiákov!” Esse crime não é obra dele, senhores!

— Não suspeita então de alguma outra pessoa? — perguntou com precaução Nikolai Parfiénovitch.

— Não sei quem, Deus ou Satã, mas não Smierdiákov! — disse resolutamente Mítia.

— Mas por que afirma o senhor com tal insistência que não foi ele?

— Por convicção. Porque Smierdiákov é uma natureza vil e covarde, ou antes, o composto de todas as covardias caminhando em cima de dois pés. Nasceu de uma galinha. Quando falava comigo, tremia de medo, pensando que eu ia matá-lo, quando nem mesmo levantava a mão. Lançava-se a meus pés chorando, beijava minhas botas suplicando-me que não lhe causasse medo. Entendem? Que não lhe causasse medo. E eu mesmo dei-lhe presentes. É uma galinha epiléptica, um espírito fraco; um menino de oito anos surrá-lo-ia. Não, não foi Smierdiákov. Não gosta de dinheiro, recusava meus presentes... Aliás, por que teria ele matado o velho? É talvez seu filho natural, sabem disso?

— Conhecemos essa lenda. Mas o senhor também é filho de Fiódor Pávlovitch e, no entanto, andou dizendo a todo mundo que queria matá-lo.

— Mais outra pedra em meu jardim! É abominável. Mas eu não tenho medo. Os senhores deviam ter vergonha de dizer-me isso na cara! Porque fui eu que lhes falei. Não somente quis matá-lo, mas podia tê-lo feito, eu mesmo me acusei de ter estado a ponto de matá-lo. Mas meu anjo da guarda salvou-me do crime, eis o que os senhores não podem compreender... É ignóbil da parte dos senhores, ignóbil! Porque eu não matei, não matei! Entende, procurador? Não matei!

Sufocava. Durante o interrogatório jamais estivera em semelhante agitação.

— E que lhes disse Smierdiákov? — concluiu após uma pausa. — Posso sabê-lo?

— O senhor pode interrogar-nos sobre tudo quanto diga respeito aos fatos — respondeu friamente o procurador —, e repito-lhe que concordamos em responder às suas perguntas. Encontramos o criado Smierdiákov em seu leito, inconsciente, presa de violenta crise de epilepsia, a décima talvez desde a véspera. O médico que nos acompanhava declarou, depois de ter examinado o doente, que não passaria ele talvez da noite.

— Então, foi o diabo quem matou meu pai! — deixou Mítia escapar, como se sua derradeira dúvida desaparecesse.

— Voltaremos a esse ponto — concluiu Nikolai Parfiénovitch. — Queira continuar seu depoimento.

Mítia pediu para repousar, o que lhe foi concedido com cortesia. Em seguida, retomou seu relato, mas com esforço visível. Estava fatigado,

indisposto, abalado moralmente. Além do mais, o procurador, como de propósito, irritava-o a cada instante, detendo-se em minúcias. Mítia acabava de descrever como, cavalgando a paliçada, assestara um golpe de pilão na cabeça de Grigóri, que se agarrara à sua perna esquerda, depois saltara para junto do ferido, quando o procurador lhe pediu que explicasse com mais detalhes como se mantinha ele sobre a paliçada. Mítia admirou-se.

— Ora! Estava sentado assim, a cavalo, com uma perna de cada lado...

— E o pilão?

— Tinha-o na mão.

— Não estava em seu bolso? Lembra-se desse detalhe? O senhor deve ter golpeado do alto.

— É provável. Por que essa observação?

— Queria o senhor colocar-se em sua cadeira como estava então na paliçada, para nos mostrar perfeitamente como e de que lado o senhor golpeou?

— Será que não está zombando de mim? — perguntou Mítia, olhando de alto a baixo o procurador; mas este não fez nenhum movimento. Mítia pôs-se a cavalo na cadeira e levantou o braço:

— Eis como golpeei! Como matei! Estão satisfeitos?

— Agradeço-lhe. Não quererá explicar-nos agora por que de novo saltou para o jardim e com que fim?

— Com os diabos! Para ver o ferido... Não sei por quê!

— Na perturbação em que se encontrava e no momento em que fugia?

— Sim, numa perturbação daquela e no momento de fugir.

— Queria ir-lhe em socorro?

— Como? Sim, talvez, em socorro, não me lembro.

— Não se dava conta o senhor de seus atos?

— Oh, dava-me bem conta deles. Lembro-me dos menores detalhes. Saltei para ver e enxuguei-lhe o sangue com meu lenço.

— Vimos seu lenço. Esperava fazer o ferido voltar à vida?

— Não sei... Queria simplesmente certificar-me de que vivia ainda.

— Ah! Queria certificar-se? E então?

— Não sou médico, não posso julgar isso. Fugi pensando tê-lo matado.

— Muito bem, agradeço-lhe. É tudo quanto precisava saber. Queira continuar.

Ai! Mítia não teve a ideia de contar — e no entanto se lembrava — que saltara por compaixão e pronunciara palavras de piedade diante de sua vítima: “O velho está liquidado; tanto pior, que aí fique!” O procurador concluiu que o acusado saltara em tal momento e em tal perturbação somente para verificar com certeza se a única testemunha de seu crime vivia ainda. Quais deviam ser então a energia, a resolução, o sangue-frio daquele homem, etc., etc. O procurador estava satisfeito: “Exasperei esse homem irritável com minúcias e ele se traiu.”

Mítia prosseguiu penosamente. Dessa vez foi Nikolai Parfiénovitch que o interrompeu:

— Como pôde o senhor ir à casa da criada Fiedóssia Márkovna com as mãos e o rosto ensanguentados?

— Mas eu não sabia disso.

— É verossímil, isso acontece — disse o procurador, trocando uma olhadela com Nikolai Parfiénovitch.

— O senhor tem razão, procurador — aprovou Mítia. Em seguida, contou sua decisão de se afastar, de deixar o caminho livre aos amantes.

Mas não pôde resolver-se, como ainda há pouco, a exhibir seus sentimentos, a falar da rainha de seu coração. Isso causava-lhe repugnância diante daquelas criaturas frias. De modo que, às perguntas reiteradas, respondeu laconicamente.

— Pois bem! Tinha resolvido matar-me. Para que viver? O antigo amante de Grúchenka, seu sedutor, vinha, após cinco anos, reparar sua falta, desposando-a. Compreendi que tudo estava acabado para mim... Atrás de mim a vergonha, e depois aquele sangue, o sangue de Grigóri. Por que viver? Fui desempenhar as minhas pistolas, a fim de alojar-me uma bala na cabeça, ao amanhecer...

— E, essa noite, uma festa de arromba.

— Isso mesmo. Que diabo, senhores, acabemos o mais depressa. Estava decidido a matar-me, lá, no fim da aldeia, às cinco horas da manhã. Tenho mesmo no bolso um bilhete escrito em casa de Pierkhótin, quando carregava minha pistola. Ei-lo, leiam-no. Não é para os senhores que conto! — acrescentou desdenhoso. Lançou sobre a mesa o bilhete que os juízes leram com curiosidade, e, como de justiça, juntaram ao processo.

— E o senhor não pensou em lavar as mãos, mesmo antes de ir à casa do senhor Pierkhótin? Não temia então as suspeitas?

— Que suspeitas? Que suspeitem de mim ou não, pouco me importa. Ter-me-ia suicidado às cinco horas, antes que tivessem tempo de agir. Sem a morte de meu pai, os senhores de nada saberiam e não teriam vindo aqui. Oh! É a obra do diabo, foi ele quem matou meu pai, quem tão prontamente informou os senhores. Como puderam chegar tão depressa? É fantástico!

— O senhor Pierkhótin nos informou que, ao entrar em casa dele, tinha o senhor em suas mãos... em suas mãos ensanguentadas... grossa soma... um maço de cédulas de cem rublos. Seu jovem criado também o viu.

— É verdade, senhores, lembro-me.

— Uma pequena pergunta — disse, com grande mansidão, Nikolai Parfiénovitch. — Poderia o senhor indicar-nos onde arranjou tanto dinheiro, quando está demonstrado que o senhor não teve tempo de ir à sua casa?

O procurador franziu o cenho a essa pergunta assim feita diretamente, mas não interrompeu Nikolai Parfiénovitch.

— Não, não voltei à minha casa — disse Mítia tranquilamente, mas de olhos baixos.

— Permita-me nesse caso que repita minha pergunta — insinuou o juiz. — Onde encontrou de repente semelhante soma, quando, segundo suas confissões, às cinco horas, do mesmo dia...

— Tinha necessidade de dez rublos, empenhei minhas pistolas em casa de Pierkhótin, depois fui à casa da senhora Khokhlakova para lhe pedir emprestados três mil rublos que ela não me deu, etc. Ah! sim, senhores, estava sem recursos e, de repente, eis-me com milhares! Sabem de uma coisa? Os senhores têm medo, todos dois agora: que acontecerá se ele não nos indica a procedência desse dinheiro? Pois bem, não lhes direi, senhores, adivinharam certo, não o saberão — disse Mítia martelando a derradeira frase.

— Compreenda, senhor Karamázov, que é essencial para nós sabê-lo — disse mansamente Nikolai Parfiénovitch.

— Compreendo-o, mas não o direi.

O procurador, por sua vez, lembrou que o acusado podia não responder às perguntas, se o julgasse preferível, mas que, em vista do prejuízo que

causava a si próprio com o silêncio, em vista sobretudo da importância das perguntas...

— E assim por diante, senhores, e assim por diante! Estou farto, já ouvi essa ladainha. Compreendo a gravidade do caso: é esse o ponto capital, contudo não falarei.

— Que é que temos com isso? É ao senhor mesmo que prejudica — observou nervosamente Nikolai Parfiénovitch.

— Basta de brincadeiras, senhores. Pressenti, desde o começo, que haveríamos de contender sobre esse ponto. Mas, então, quando comecei a depor, tudo estava para mim confuso e flutuante, tive mesmo a simplicidade de propor-lhes uma confiança mútua. Agora vejo que essa confiança era impossível, uma vez que devíamos chegar a essa barreira maldita e nela estamos. Aliás, não lhes censuro nada, compreendo bem que os senhores não poderiam acreditar em mim sob palavra.

Mítia calou-se, com ar sombrio.

— Não poderia o senhor, sem renunciar à sua resolução de calar o essencial, informar-nos a respeito de um ponto: quais são os motivos bastante poderosos que o obrigam ao silêncio num momento tão crítico?

Mítia sorriu tristemente.

— Sou melhor do que os senhores pensam. Dir-lhes-ei esses motivos, se bem que não mereçam isso. Calo-me porque há para mim nisso uma questão de vergonha. A resposta à pergunta sobre a proveniência do dinheiro implica uma vergonha pior do que se tivesse eu assassinado meu pai para roubá-lo. Eis por que me calo. Então, senhores querem consignar isso?

— Sim, vamos consigná-lo — gaguejou Nikolai Parfiénovitch.

— Não deveriam mencionar o que se refere à “vergonha”. Se lhes falei assim, quando podia calar-me, foi unicamente por complacência. Pois bem, escrevam, escrevam o que quiserem — concluiu com ar de desgosto —, não os temo e... mantenho meu orgulho perante os senhores.

— Não nos explicará de que natureza é essa vergonha? — perguntou timidamente Nikolai Parfiénovitch.

O procurador franziu o cenho.

— Bem, bem, *c'est fini*, não insistam. Não adianta envilecer-me. Já me envileci ao contato com os senhores. Não merecem que eu fale, nem os senhores, nem ninguém. Basta, senhores, calo-me.

Era categórico. Nikolai Parfiénovitch não insistiu mais; compreendeu, porém, pelos olhares de Ipolit Kirílovitch que este não desesperava ainda.

— Não pode dizer, pelo menos, a soma que tinha ao chegar à casa do senhor Pierkhótin?

— Não, não posso.

— O senhor falou ao senhor Pierkhótin de três mil rublos supostamente emprestados pela senhora Khokhlakova.

— É possível. Mas chega, senhores, não direi qual a soma.

— Então, queira dizer-nos como veio o senhor a Mókroie e tudo quanto aqui fez.

— Oh! Basta que interroguem as pessoas que estão aqui. Aliás, vou contar-lhes.

Não reproduziremos seu relato, feito rapidamente e com sequidão. Passou em silêncio a sua embriaguez amorosa, explicando como desistira de suicidar-se, “em resultado de fatos novos”. Narrava sem dar os motivos, sem entrar nos detalhes. Os magistrados fizeram-lhe, aliás, poucas perguntas; aquilo só lhes interessava mediocrementemente.

— Voltaremos a isso por ocasião dos depoimentos das testemunhas, que se realizarão, bem entendido, em sua presença — declarou Nikolai Parfiénovitch, terminando o interrogatório. — Por hora, queira depositar na mesa tudo quanto tiver em seu poder, sobretudo seu dinheiro.

— O dinheiro, senhores? Às suas ordens, compreendo que é necessário. Admiro-me de não terem os senhores pensado nisso mais cedo. Ei-lo, meu dinheiro, contem, tomem-no, está tudo aí, creio. — Esvaziou os bolsos, inclusive o dinheiro miúdo, tirou duas moedas de dez copeques do bolso do colete. Fizeram a conta: havia 836 rublos e quarenta copeques.

— É tudo? — perguntou o juiz.

— Tudo.

— De acordo com seu depoimento, o senhor gastou trezentos rublos na casa dos Plótnikovi; deu dez rublos a Pierkhótin, vinte ao cocheiro. Perdeu duzentos no jogo, em seguida...

Nikolai Parfiénovitch refez a conta, ajudado por Mítia. Até os copeques foram incluídos.

— Com esses oitocentos, deveria o senhor ter, por consequência, cerca de 1.500 rublos.

— Isso mesmo.

— Todo mundo afirma que o senhor tinha muito mais.

— Pois que afirmem.

— O senhor também, aliás.

— Eu também.

— Verificaremos tudo isso pelos depoimentos de outras testemunhas. Não se inquiete a respeito de seu dinheiro. Será depositado em lugar seguro e posto à sua disposição... ao terminar o processo... se ficar demonstrado que tem direito a ele. Agora...

Nikolai Parfiénovitch levantou-se e declarou a Mítia que tinha ele o encargo e o dever de examinar-lhe minuciosamente as roupas e tudo o mais.

— Pois seja, senhores, revirarei os bolsos, se quiserem.

E fez menção de fazê-lo.

— É preciso mesmo que tire suas roupas.

— Como? Tirar as roupas? Que diabo! Não me poderia o senhor revistar como estou?

— Impossível, Dimítri Fiódorovitch, é preciso que tire as roupas.

— Como quiser — consentiu Mítia com ar sombrio. — Somente não aqui, peço-lhe; por trás da cortina. Quem procederá à revista?

— Decerto, por trás da cortina — aprovou com um sinal de cabeça Nikolai Parfiénovitch, cuja carinha expressava gravidade.

VI

O PROCURADOR CONFUNDE MÍTIA

Passou-se então uma cena pela qual Mítia não esperava. Não teria jamais suposto, dez minutos antes, que ousassem tratá-lo daquela maneira, a ele, Mítia Karamázov. Sobretudo, sentia-se humilhado, exposto à arrogância e ao desdém. Não lhe importava retirar a sobrecasaca, mas pediram-lhe que se desvestisse completamente. Ou antes, ordenaram-lhe, dera-se bem conta disso. Submeteu-se sem murmurar, por altivez desdenhosa. Além dos juízes, alguns mujiques acompanharam-no para trás da cortina, “sem dúvida para prestar mão forte”, pensou Mítia, “talvez mesmo com algum

outro fim”. “Será preciso tirar também minha camisa?”, perguntou ele bruscamente; mas Nikolai Parfiénovitch não lhe respondeu: ele e o procurador estavam absorvidos pelo exame da sobrecasaca, das calças, do colete e do casquete, que pareciam interessá-los bastante. “Que semcerimônia! Nem mesmo observam a polidez necessária.”

— Pergunto-lhes pela segunda vez se devo tirar minha camisa, sim ou não? — disse Mítia, com irritação.

— Não se inquiete, nós o preveniremos — respondeu Nikolai Parfiénovitch, num tom que pareceu autoritário a Mítia.

O procurador e o juiz entretinham-se a meia-voz. A sobrecasaca trazia, sobretudo na aba esquerda, enormes manchas de sangue coagulado, bem como as calças. Além do mais, Nikolai Parfiénovitch tateou, em presença das testemunhas instrumentais, gola, punhos, costuras, procurando ver se não havia dinheiro escondido. Deu-se a entender a Mítia que ele era bem capaz de ter costurado dinheiro nas roupas. “Tratam-me como ladrão e não como oficial”, resmungou ele consigo. Trocavam impressões em sua presença com uma franqueza singular. E deu-se que o escrivão, que se encontrava também atrás da cortina e se atarefava na busca, chamou a atenção de Nikolai Parfiénovitch para o casquete, que igualmente foi revistado: “Lembrem-se do amanuense Grudienko; foi no verão receber os vencimentos para todos da secretaria e pretendeu nos enganar, ao voltar, alegando ter perdido o dinheiro quando se encontrava embriagado; onde o encontraram? Na bainha do casquete, onde as notas de cem rublos estavam enroladas e cosidas.” O juiz e o procurador lembravam-se perfeitamente desse fato, de modo que puseram de lado o casquete de Mítia para ser submetido, bem como as roupas, a um exame minucioso.

— Com licença — exclamou de súbito Nikolai Parfiénovitch, percebendo o punho da manga direita da camisa de Mítia, arregaçado e manchado de sangue —, com licença! É sangue?

— Sangue.

— Que sangue? E por que sua manga está arregaçada?

Mítia explicou que se manchara de sangue, quando se ocupara com Grigóri e havia arregaçado a manga em casa de Pierkhótin, ao lavar as mãos.

— Será preciso também tirar a camisa. É muito importante para as peças de convicção.

Mítia corou e zangou-se.

— Então, vou ficar completamente nu?

— Não se inquiete, arranaremos isso. Faça o favor de tirar também as meias.

— Não será brincadeira? Tudo isso é verdadeiramente indispensável?

— Não estamos brincando — replicou severamente Nikolai Parfiénovitch.

— Está bem, se é preciso... eu... — murmurou Mítia que, sentando-se no leito, se pôs a tirar suas meias. Estava muito constrangido e, coisa estranha, sentia-se como culpado, assim nu, diante daquelas pessoas vestidas, achando quase que tinham elas agora o direito de desprezá-lo, como inferior. “A nudez em si nada tem de chocante, a vergonha nasce do contraste”, pensou ele. “Dir-se-ia um sonho, tenho por vezes experimentado tais sensações em sonho.” Era-lhe penoso tirar as meias, bastante sujas, bem como a roupa de baixo, e agora todo mundo o vira. Seus pés sobretudo lhe desagradavam, sempre achara disformes os dedos grandes dos pés, particularmente o do pé direito, chato, com a unha recurvada, e todos o viam. O sentimento de vergonha tornou-o mais grosseiro. Tirou a camisa com raiva.

— Não querem procurar em mais alguma parte, se não tiverem vergonha?

— Não, para o momento é inútil.

— Então, devo ficar assim nu?

— Sim, é necessário... Queira sentar-se, enquanto espera. Pode enrolar-se num cobertor do leito, e eu... ocupar-me-ei com isso.

Tendo sido mostradas as roupas às testemunhas instrumentais e redigido o auto de exame, o juiz e o procurador saíram, levando as roupas. Mítia ficou em companhia dos mujiques que não desfitavam dele os olhos. Sentia frio e enrolou-se no cobertor, demasiado curto para cobrir seus pés nus. Nikolai Parfiénovitch fez-se esperar muito tempo. “Toma-me por um rapazola”, murmurou Mítia, rangendo os dentes. “Esse palerma desse procurador saiu também, por desprezo talvez, repugnava-lhe ver-me nu.” Mítia imaginava que lhe restituiriam as roupas após o exame. Qual não foi sua indignação, quando Nikolai Parfiénovitch reapareceu com outra roupa, que um mujique trazia atrás dele.

— Aqui estão roupas — disse ele num tom desprendido, visivelmente satisfeito com seu achado. — Foi o senhor Kolgánov que lhas emprestou, bem como uma camisa limpa. Por felicidade, tinha-as ele na mala. O senhor pode ficar com suas meias.

— Não quero roupas dos outros! — exclamou Mítia exasperado. — Entreguem as minhas!

— Impossível.

— Deem-me as minhas! Que Kolgánov e suas roupas vão para o inferno!

Tiveram dificuldade em convencê-lo. Mas, afinal, de qualquer forma, explicaram-lhe que suas roupas, sujas de sangue, deviam “figurar entre as peças de convicção. Não temos mesmo direito de deixá-las com o senhor... diante do aspecto que o caso pode tomar”. Mítia acabou por compreendê-lo, calou-se, vestiu-se à pressa. Fez somente notar que o casaco que lhe emprestavam era mais rico que o seu e que não queria se aproveitar disso. Além do mais, ridiculamente estreito. — Devo estar vestido como um palhaço... para diverti-los?

Fizeram-lhe observar que exagerava, que somente as calças eram um pouco compridas. Mas a sobrecasaca apertava-lhe os ombros.

— Diabos! É difícil de abotoar — resmungou de novo Mítia. — Façam o favor de dizer ao senhor Kolgánov que não fui eu quem pedi essa roupa e que me disfarçaram de palhaço.

— Ele o compreende muito bem e lamenta... isto é, não sua roupa, mas esse incidente... — resmoneou Nikolai Parfiénovitch.

— Pouco me importa que ele o lamente! Está bem! Para onde ir agora? Preciso ficar aqui?

Pediram-lhe que passasse para o outro lado. Mítia saiu, com ar sombrio, esforçando-se por não olhar para ninguém. Naquele traje estranho, sentia-se humilhado, até mesmo aos olhos dos mujiques e de Trifon Borísovitch, cuja cara apareceu à porta: “Vem ver-me nestes trajes”, pensou Mítia. Tornou a sentar-se no mesmo lugar, como sob a impressão de um pesadelo. Parecia-lhe não se achar no estado normal.

— Agora, vão mandar-me açoitar? Só lhes falta isso! — disse ele, dirigindo-se ao procurador. Evitava voltar-se para Nikolai Parfiénovitch, como desdenhando dirigir-lhe a palavra. “Examinou demasiado

minuciosamente minhas meias, revirou-as mesmo, o monstro, para que todo mundo veja como estão elas sujas!”

— É preciso agora ouvir as testemunhas — proferiu Nikolai, como em resposta à pergunta de Mítia.

— Sim — disse o procurador com ar absorto.

— Dimíttri Fiódorovitch, fizemos o possível a seu favor — prosseguiu o juiz —, mas como o senhor se recusou categoricamente a nos explicar a proveniência da soma encontrada em seu poder, somos agora...

— De que é esse seu anel? — interrompeu Mítia, como que saindo de um devaneio e designando um dos anéis que ornavam a mão de Nikolai Parfiénovitch.

— Meu anel?

— Sim, esse aí... no dedo grande, cuja pedra é veiada — insistiu Mítia, como uma criança teimosa.

— É um topázio enfumado — disse Nikolai Parfiénovitch, sorrindo. — Quer examiná-lo? Tirá-lo-ei...

— Não, não, não o tire! — exclamou raivosamente Mítia, reconsiderando e furioso contra si mesmo. — Não o tire, é inútil... Ao diabo... Os senhores me envileceram! Acreditam que eu o dissimularia, se tivesse matado meu pai, que eu recorreria à astúcia e à mentira? Não, não está isso no caráter de Dimíttri Fiódorovitch, ele não o suportaria, e, se eu fosse culpado, juro-lhes que não teria esperado a chegada dos senhores e o nascer do sol, como tinha a princípio intenção; ter-me-ia suicidado antes da aurora! Sinto-o bem agora. Em vinte anos, teria aprendido menos do que durante esta noite maldita!... E estaria deste jeito sentado ao lado dos senhores, falaria desta maneira, com os mesmos gestos, os mesmos olhares, se fosse realmente um parricida, quando o assassinio accidental de Grigóri me atormentou a noite inteira?... Não por temor, não pelo simples medo do castigo. Oh, vergonha! E querem que a farsantes como os senhores, que nada veem e em nada creem, cegos como toupeiras, revele eu nova baixeza, nova vergonha, ainda que fosse para me desculpar? Prefiro ir para o presídio! Aquele que abriu a porta para entrar em casa de meu pai é o assassino e o ladrão. Quem é? Perco-me em conjecturas, mas não foi Dimíttri Karamázov, fiquem sabendo, eis tudo quanto posso dizer-lhes. Basta, não insistam... Mandem-me para a prisão ou para o cadafalso, mas não me atormentem mais... Calo-me. Chamem suas testemunhas!

O procurador, que havia observado Mítia, enquanto ele proferia seu monólogo, disse-lhe, de repente, no tom mais calmo e como se se tratasse de coisas perfeitamente naturais.

— A propósito dessa porta aberta de que o senhor acaba de falar, recebemos um depoimento muito importante do velho Grigóri Vassílievitch. Afirma positivamente que, quando se decidiu, ao ouvir barulho, entrar no jardim pela portinha que ficara aberta, notou à esquerda a porta da casa escancarada, bem como a janela, ao passo que o senhor garante que a dita porta ficou fechada todo o tempo em que o senhor esteve no jardim. Naquele momento, não o havia ele ainda visto no escuro quando o senhor fugia, de acordo com seu relato, da janela onde estivera a ver seu pai. Não lhe oculto que Vassíliev conclui formalmente e declara que o senhor deve ter escapado por aquela porta, se bem que não o haja visto sair por ela. Avistou-o a certa distância, no jardim, quando o senhor corria do lado da paliçada...

Mítia levantara-se.

— É uma mentira impudente. Não pode ter visto a porta aberta, porque ela estava fechada... Ele mente.

— Creio-me obrigado a repetir-lhe que seu depoimento é categórico e que persiste nele. Interrogamo-lo várias vezes.

— Fui eu precisamente quem o interrogou — confirmou Nikolai Parfiénovitch.

— É falso, é falso! É uma calúnia ou a alucinação dum louco. Muito simplesmente ter-lhe-á parecido ver isso no delírio causado por seu ferimento.

— Mas havia ele notado a porta aberta antes de ter sido ferido, quando acabava de entrar no jardim.

— Não é verdade, não pode ser! Ele me calunia por maldade... não pode ter visto... Não passei por aquela porta — disse Mítia, ofegante.

O procurador voltou-se para Nikolai Parfiénovitch e disse-lhe:

— Mostre então.

— Conhece este objeto? — E o juiz pousou na mesa um grande envelope que trazia ainda três sinetes. Estava vazio e rasgado dum lado. Mítia escancarou os olhos.

— É... é o envelope de meu pai — murmurou ele —, o que encerrava os três mil... se o subscrito corresponde... Com licença: “À minha

franguinha”, é isto, “três mil”, estão vendo, três mil?

— Estamos vendo, decerto, mas não encontramos o dinheiro. O envelope estava no chão, perto do leito, por trás do biombo.

Mítia ficou alguns segundos como que aturdido.

— Senhores, foi Smierdiákov! — exclamou ele, de súbito, com todas as forças. — Foi ele quem o matou, foi ele quem o roubou! Só ele sabia onde o velho escondia este envelope... Foi ele, sem dúvida alguma!

— Mas o senhor também sabia que este envelope estava escondido debaixo do travesseiro.

— Nunca! Vejo-o agora pela primeira vez, ouvira apenas falar dele por Smierdiákov... Somente ele conhecia o esconderijo do velho. Eu o ignorava...

— No entanto, o senhor ainda há pouco afirmou, depondo, que o envelope se encontrava sob o travesseiro de defunto. Sob o travesseiro, portanto o senhor sabia onde ele estava.

— Nós consignamos isso! — confirmou Nikolai Parfiénovitch.

— É um absurdo! Ignorava-o totalmente. Aliás, talvez não fosse sob o travesseiro... Disse isso sem refletir... Que diz Smierdiákov? Interrogaram-no a respeito? Que diz ele? Isso é o principal... Eu lhes menti de propósito, por caçoada... Disse, sem pensar, que era sob o travesseiro, e agora os senhores... Bem sabemos, senhores, que a gente deixa escapar inexatidões. Mas somente Smierdiákov o sabia e ninguém mais!... Não me revelou o esconderijo! Mas foi ele, incontestavelmente, foi ele o assassino, agora está para mim claro como o dia — clamou Mítia, com uma exaltação crescente. — Apressem-se em detê-lo... Matou enquanto eu fugia e Grigóri jazia sem sentidos, é evidente... Fez o sinal e meu pai abriu-lhe a porta... Porque somente ele conhecia os sinais, e sem sinal meu pai não teria aberto...

— O senhor se esquece de novo — observou o procurador com a mesma calma e o ar já triunfante — que não havia necessidade de fazer o sinal, se a porta já estava aberta, quando o senhor se encontrava ainda no jardim...

— A porta, a porta — murmurou Mítia, fixando o procurador. Deixou-se cair de novo na cadeira. Houve um silêncio...

— Sim, a porta... É um fantasma! Deus está contra mim! — exclamou ele, com os olhos alucinados.

— Veja — disse gravemente o procurador —, julgue o senhor mesmo, Dimíttri Fiódorovitch. Dum lado, esse depoimento esmagador para o senhor, a porta aberta por onde o senhor saiu. Do outro, seu silêncio incompreensível, obstinado, relativamente à proveniência de seu dinheiro, quando três horas antes o senhor empenhara suas pistolas por dez rublos. Nessas condições, julgue o senhor mesmo em qual convicção devemos deter-nos. Não diga que somos zombadores frios e cínicos, incapazes de compreender os nobres ímpetos de sua alma... Ponha-se em nosso lugar...

Mítia experimentava uma emoção indescritível. Empalideceu.

— Está bem — exclamou, de repente —, vou revelar-lhes meu segredo, dizer-lhes onde arranjei o dinheiro... Revelarei minha ignomínia, para não acusar em seguida nem aos senhores nem a mim!

— E acredite, Dimíttri Fiódorovitch — disse com alegre solicitude Nikolai Parfiénovitch —, que uma confissão sincera e completa de sua parte, neste instante, pode melhorar muito sua situação ulterior, e até mesmo...

Mas o procurador tocou-lhe levemente com o pé por baixo da mesa e ele parou. Aliás, Mítia não o escutava.

VII

O GRANDE SEGredo DE MÍTIA. ZOMBAM DELE

— Senhores — começou ele, emocionado —, esse dinheiro... quero contar tudo... esse dinheiro era meu.

Os rostos do procurador e do juiz alongaram-se, não esperavam por isso.

— Como, seu? — disse Nikolai Parfiénovitch. — Pois se ainda cinco horas atrás, segundo sua confissão...

— Ao diabo essas cinco horas atrás e minha confissão! Não se trata mais disso! Esse dinheiro era meu, isto é... eu o tinha roubado... não meu, mas roubado para mim. Havia 1.500 rublos que andavam sempre comigo...

— Mas onde o senhor os arranjou?

— No meu peito, senhores... encontravam-se aqui, costurados num pano, pendurados em meu pescoço. Há muito tempo, faz um mês, trazia-os como testemunho de minha infâmia!

— Mas a quem pertencia esse dinheiro de que o senhor... o senhor se apropriou?

— O senhor quer dizer: “roubou”, não é mesmo? Fale, pois, francamente. Sim, acho que é como se o tivesse roubado, ou, se quiser, dele me “apropriei”. Ontem, à noite, roubei-o definitivamente.

— Ontem à noite? Mas o senhor acaba de dizer que há já um mês que... que o senhor o arranhou.

— Sim, mas não foi de meu pai que o roubei, tranquilize-se, foi dela. Deixe que eu conte, sem me interromper. É penoso. Veja o senhor, há um mês, Katierina Ivânovna Vierkhóvtseva,⁷⁸ minha ex-noiva, me chamou... O senhor a conhece?

— Como não?

— Sei que o senhor a conhece. Uma alma nobre entre todas, mas odeia-me há muito tempo e com razão.

— Katierina Ivânovna? — perguntou o juiz com admiração.

O procurador também estava bastante surpreso.

— Oh, não pronunciem seu nome em vão! Sou um miserável pelo fato de pô-la nisso. Sim, vi que ela me odiava havia muito tempo... desde o primeiro dia, quando veio à minha casa. Mas basta, os senhores não são dignos de sabê-lo, é inútil... Direi somente que há um mês ela me entregou três mil rublos para enviá-los à irmã e a uma outra parenta, em Moscou (como se não pudesse fazê-lo ela mesma!). E eu... estava precisamente na hora fatal de minha vida em que... Em suma, acabava de apaixonar-me por outra, por ela, por Grúchenka, aqui presente. Trouxe-a aqui, a Mókroie e gastei em dois dias a metade desse maldito dinheiro, guardando o resto. Pois bem, são esses 1.500 rublos que eu carregava sobre meu peito como um amuleto. Ontem, abri o pacote e comecei a gastar a soma. Os oitocentos rublos que restam estão nas mãos dos senhores.

— Com licença, o senhor gastou aqui, há três meses, três mil rublos e não 1.500, todo mundo sabe.

— Quem sabe? Quem contou meu dinheiro?

— Mas o senhor mesmo disse que havia gasto justamente três mil rublos.

— É verdade, disse-o a qualquer um, repetiram-no, toda a cidade acreditou. No entanto, só gastei 1.500 rublos e costurei a outra metade num amuleto. Eis donde provém o dinheiro de ontem...

— Isso é prodigioso! — murmurou Nikolai Parfiénovitch.

— Não falou disso, antes, a alguém... quero dizer, desses 1.500 rublos postos à parte? — perguntou o procurador.

— Não, a ninguém.

— É estranho. Na verdade, a ninguém no mundo?

— A ninguém no mundo.

— Por que esse silêncio? Que é que o obrigava a fazer disso um mistério? Muito embora esse segredo lhe pareça tão vergonhoso, essa apropriação, aliás temporária, de três mil rublos, não é relativamente, na minha opinião, senão um pecadilho, sendo dado, além disso, o caráter do senhor. Admitamos que seja uma ação das mais repreensíveis, concordo, mas não vergonhosa... Aliás, muitas pessoas tinham adivinhado a proveniência desses três mil rublos, sem que o senhor o confessasse, eu mesmo ouvi falar, Mikhail Makárovitch igualmente... Numa palavra: é o segredo de Polichinelo. Além do mais, há indícios, salvo erro, de que o senhor confiara a alguém que esse dinheiro vinha da senhorita Vierkhóvtseva. De modo que, por que cercar de tal mistério o fato de ter guardado uma parte da soma, ligando a isso uma espécie de horror?... É difícil acreditar que lhe custe tanto confessar esse segredo... o senhor acaba de exclamar, com efeito: antes a prisão!

O procurador calou-se. Acalorara-se e não ocultava seu aborrecimento, sem mesmo procurar “castigar seu estilo”.

— Não eram os 1.500 rublos que constituíam a vergonha, mas o fato de ter dividido a soma — disse com altivez Mítia.

— Mas, enfim — disse o procurador com irritação —, que há de vergonhoso no fato de haver o senhor dividido esses três mil rublos adquiridos desonestamente? O que importa é a apropriação dessa soma e não o uso que o senhor fez dela. A propósito, por que operou essa divisão? Com que fim? Poderia explicar-nos?

— Oh, senhores, é o fim que faz tudo! Pratiquei essa divisão por baixeza, isto é, por cálculo, porque aqui o cálculo é uma baixeza... E essa

baixeza durou um mês inteiro!

— É incompreensível.

— O senhor me causa espanto. Aliás, vou ser preciso: é talvez, com efeito, incompreensível. Acompanhem-me bem: aproprio-me de três mil rublos confiados à minha honra, faço farra com eles, gasto a soma inteira; pela manhã vou à casa dela dizer-lhe: “Perdão, Kátia, gastei os teus três mil rublos.” Fica bem isso? Não, é desonesto e covarde, é ação monstruosa, dum homem incapaz de dominar-se, não é? Mas não é um roubo, convenham, não é um roubo direto. Gastei o dinheiro, não o roubei. Eis um caso ainda mais favorável; acompanhem-me, porque arrisco-me a atrapalhar-me, gira-me a cabeça. Gasto 1.500 rublos apenas dos três mil. No dia seguinte, vou à casa dela levar-lhe o resto: “Kátia, sou um miserável, toma estes 1.500 rublos, porque gastei os outros, estes serão também gastos, preserva-me da tentação.” Que sou eu em semelhante caso? Tudo quanto os senhores quiserem, um monstro, um celerado, mas não um ladrão confesso, porque um ladrão não teria decerto levado a soma, ter-se-ia apropriado dela. Ela assim vê que, uma vez que restitui a metade do dinheiro, trabalharei se preciso toda a vida para devolver o resto, mas haverei de procurá-lo. Dessa forma, sou desonesto, mas não um ladrão.

— Admitamos que haja um matiz — o procurador sorriu friamente —, no entanto é estranho que veja o senhor nisso uma diferença fatal.

— Sim, vejo nisso uma diferença fatal. Cada qual pode ser desonesto, creio mesmo que cada qual o é, mas para roubar é preciso um franco canalha. E depois perco-me nessas sutilezas... Em todo caso, o roubo é o cúmulo da desonestidade. Pensem: há um mês que guardo esse dinheiro, amanhã posso decidir devolvê-lo e cesso de ser desonesto. Mas não posso decidir-me a isso, muito embora exorte-me cada dia a tomar uma decisão. E há um mês que isto dura! Está bem, segundo a opinião dos senhores?

— Admito que não esteja bem, não o contesto... Mas deixemos de discutir a respeito dessas diferenças sutis, chegue ao fato, peço-lhe. O senhor não nos explicou ainda os motivos que o incitaram a dividir assim, no começo, esses três mil rublos. Com que fim escondeu a metade, que uso contava fazer dela? Insisto nisso, Dimítri Fiódorovitch.

— Ah, sim! — exclamou Mítia, batendo na testa. — Perdão por conservá-lo em suspenso em lugar de explicar-lhe o principal. O senhor teria logo compreendido, porque é o fito de minha ação que a torna

ignóbil. Veja, o defunto não cessava de obsedar Agrafiena Alieksándrovna; eu sentia ciúme, acreditava que ela hesitava entre ele e mim. Pensava todos os dias: e se ela fosse decidir-se, se ela me dissesse de repente: “É a ti que amo, leva-me para o fim do mundo.” Ora, possuía eu ao todo vinte copeques; como levá-la? Que fazer então? Estava perdido. Porque eu não a conhecia ainda, acreditava que ela precisava do dinheiro, que não me perdoaria minha pobreza. Então conto a metade da soma, de sangue-frio coso-a num trapo, de propósito deliberado, e vou para a pândega com o resto. É ignóbil! Compreendeu agora?

Os juízes puseram-se a rir.

— Em minha opinião, deu o senhor prova de sabedoria e de moralidade moderando-se, não gastando tudo — disse Nikolai Parfiénovitch. — Que há de grave nisso?

— Há que eu roubei! Causa-me espanto que o senhor não compreenda. Desde que carregue esses 1.500 rublos sobre meu peito, dizia a mim mesmo cada dia: “És um ladrão, és um ladrão!” Esse sentimento inspirou minhas violências durante este mês, eis por que surrei o capitão no botequim e bati em meu pai. Nem mesmo ousei revelar esse segredo a meu irmão Aliócha, tão celerado e gatuno me sentia! E, no entanto, pensava: “Dimítri Fiódorovitch, talvez não sejas ainda um ladrão... Poderias amanhã ir entregar esses 1.500 rublos a Kátia.” E foi ontem à noite somente que me decidi a rasgar meu amuleto, foi naquele momento que me tornei um ladrão incontestável. Por quê? Porque com meu amuleto destruí ao mesmo tempo meu sonho de ir dizer a Kátia: “Sou desonesto, mas não ladrão.” Compreende agora?

— E por que foi justamente ontem à noite que o senhor tomou essa decisão? — interrompeu Nikolai Parfiénovitch.

— Que pergunta ridícula! Porque me havia condenado à morte às cinco horas da manhã, aqui, ao romper da aurora: “Não importa — pensava eu — morrer honesto ou desonesto!” Mas aconteceu que não era a mesma coisa. Acreditarão os senhores? O que me torturava, sobretudo, nessa noite, não era o assassinato de Grigóri, nem o temor da Sibéria, e isso no momento em que meu amor triunfava, em que o céu se abria de novo diante de mim! Sem dúvida, isto me atormentava, mas menos do que a consciência de ter tirado de meu peito aquele maldito dinheiro para gastá-lo, e ter-me tornado assim um ladrão incontestável! Senhores, repito-lhes, aprendi muito durante esta noite! Aprendi que não somente é impossível

viver sentindo-se desonesto, mas também morrer com tal sentimento... É preciso ser honesto para enfrentar a morte!...

Mítia estava lívido.

— Começo a compreendê-lo, Dimíttri Fiódorovitch — disse o procurador com simpatia —, mas, como quiser, tudo isso vem dos nervos... o senhor tem os nervos doentes. Por que, por exemplo, para pôr fim a seus sofrimentos, não foi devolver esses 1.500 rublos à pessoa que lhós havia confiado e dar uma explicação a ela? Em seguida, dada sua terrível situação então, por que não ter tentado uma combinação que parece bastante natural? Depois de ter confessado nobremente suas faltas, o senhor ter-lhe-ia pedido a soma de que necessitava; tendo em vista a generosidade dessa pessoa e o embaraço em que o senhor se encontrava, ela não lhe teria decerto recusado, sobretudo propondo-lhe as garantias oferecidas ao comerciante Samsónov e à senhora Khokhlakova. Não considera o senhor essa garantia como válida ainda agora?

Mítia corou.

— Acreditar-me-ia o senhor vil a esse ponto? É impossível que o senhor fale seriamente — disse ele com indignação.

— Mas estou falando seriamente... Por que duvida? — admirou-se por sua vez o procurador.

— Mas seria ignóbil. Senhores, fiquem sabendo que me estão atormentando! Pois seja, dir-lhes-ei tudo, confessarei meu pensamento infernal, e os senhores verão, para suas vergonhas, até onde os sentimentos humanos podem descer. Saibam que, também eu, encarei essa combinação de que o senhor fala, procurador. Sim, senhores, estava quase resolvido a ir à casa de Kátia, tão desonesto eu era! Mas anunciar-lhe minha traição e, para as despesas que ela acarreta, pedir-lhe dinheiro, a ela, Kátia (pedir, entendem os senhores?) e fugir logo com sua rival, com aquela que a odeia e a ofendeu, vejamos, procurador, o senhor está louco!

— Não estou louco, mas não pensei no princípio nesse ciúme de mulher... se existia, como o senhor o afirma... sim, pode bem haver aí algo desse gênero — aquiesceu o procurador, sorrindo.

— Mas isso teria sido uma baixeza sem nome — berrou Mítia, batendo com o punho na mesa —, algo de infecto! Ela me teria dado aquele dinheiro por vingança, por desprezo, porque tem ela também uma alma infernal e de grandes cóleras. Eu teria aceitado o dinheiro, por certo, tê-lo-

ia aceitado, e então toda a minha vida... Oh, Deus! Perdoem-me, senhores, o gritar tão forte. Não há muito tempo pensava eu ainda nessa combinação, outra noite, quando estava cuidando de Liagávi, e, durante todo o dia de ontem, lembro-me até daquele acontecimento.

— Até qual acontecimento? — perguntou Nikolai Parfiénovitch, mas Mítia não ouviu.

— Fiz-lhes uma terrível confissão. Saibam apreciar isso, senhores, compreendam-lhe todo o valor. Mas, se são capazes disso, é que me desprezam e morrerei de vergonha por haver-me confessado a gente como os senhores! Oh, matar-me-ei! E já vejo, vejo que não acreditam! Como? Querem consignar isso? — exclamou ele, com terror.

— Mas sim — replicou Nikolai Parfiénovitch, espantado —, nós notamos que até a última hora pensava o senhor em ir à casa da senhorita Vierkhóvtseva para lhe pedir aquela soma... Asseguro-lhe que essa declaração é muito importante para nós, Dimítri Fiódorovitch... sobretudo para o senhor.

— Vejamos, senhores, tenham pelo menos o pudor de não mandar consignar isso! Pus minha alma a nu diante dos senhores, e os senhores se aproveitam para nela cascavilhar!... Oh, meu Deus!

Cobriu o rosto com as mãos.

— Não se inquiete tanto, Dimítri Fiódorovitch — concluiu o procurador —, far-lhe-ão leitura de tudo quanto está escrito, modificando-se o texto lá onde o senhor não estiver de acordo. Agora, pergunto-lhe pela terceira vez, é bem verdade que ninguém, nem uma alma, ouviu falar desse dinheiro costurado no amuleto?

— Ninguém, ninguém, já o disse, o senhor então não compreendeu. Deixe-me em paz.

— Pois seja, esse ponto terá de ser esclarecido; enquanto se espera, reflita: temos talvez uma dezena de testemunhas que afirmam que o senhor mesmo sempre falou duma despesa de três mil rublos e não de 1.500. E agora, à sua chegada aqui, o senhor declarou a muitos que trazia ainda três mil rublos...

— Os senhores têm entre as mãos centenas de testemunhos análogos, um milhar de pessoas ouviu isso!

— Pois bem, como vê o senhor, todos são unânimes. A palavra “todos” significa pois alguma coisa.

— Isso não significa nada absolutamente. Menti e todos mentiram como eu.

— Por que mentiu?

— O diabo sabe por quê. Por gabolice, talvez... a gloriola de ter gasto tal soma... talvez para esquecer o dinheiro que eu havia escondido... sim, justamente, eis por que... diabos... quantas vezes já me fizeram essa pergunta? Menti, eis tudo, e não quis desdizer-me. Por que se mente, às vezes?

— É bem difícil de explicar, Dimíttri Fiódorovitch — disse gravemente o procurador. — Mas diga-nos: esse amuleto, como o senhor chama, era grande?

— Não.

— De que tamanho, por exemplo?

— Do tamanho de uma nota de cem rublos dobrada em duas.

— Faria melhor mostrando-nos os pedaços; deve tê-los certamente com o senhor.

— Que tolice! Não sei onde eles estão.

— Com licença: onde e quando o retirou do pescoço? O senhor não voltou para casa, segundo sua declaração.

— Foi ao ir à casa de Pierkhótin, depois de ter deixado Fiénia. Rasguei-o para tirar o dinheiro.

— No escuro?

— Para que uma vela? O pano foi depressa rasgado.

— Sem tesouras, na rua?

— Na praça, creio.

— Que fez dele?

— Atirei-o lá.

— Onde?

— Em alguma parte, na praça, o diabo sabe onde. Que é que interessa isso aos senhores?

— É muito importante, Dimíttri Fiódorovitch; há nisso uma peça de convicção em seu favor, não o compreende? Quem o ajudou a costurá-lo, há um mês?

— Ninguém. Eu mesmo o costurei.

— Sabe coser?

— Um soldado deve saber coser; aliás, não há necessidade de ser hábil para isso.

— E onde arranjou o pano, isto é, esse trapo?

— Os senhores querem rir.

— Absolutamente. Não estamos com vontade de rir, Dimítri Fiódorovitch.

— Não me lembro onde.

— Como pode ter-se esquecido?

— Palavra, não me lembro, rasguei talvez um pedaço de roupa branca.

— É muito importante: poder-se-ia encontrar, amanhã, em sua casa, a peça, a camisa, talvez, de que o senhor arrancou um pedaço. De que era esse trapo: de algodão ou de linho?

— O diabo o sabe. Esperem... Parece-me que não rasguei nada. Era, creio, de algodão. Costurei da touca de minha locadora.

— Da touca de sua locadora?

— Sim, tirei-a dela.

— Como tirou-a?

— Estão vendo? Lembro-me, com efeito, de ter subtraído uma touca para aproveitar o pano em trapos, talvez como espanador de penas. Tirei-a furtivamente, porque era um trapo sem valor e me servi para costurar dentro dele aqueles 1.500 rublos... Creio bem que foi isso, um velho pedaço de tecido de algodão, mil vezes lavado.

— E está certo disso?

— Não sei. Parece-me. Aliás, pouco me importa.

— Nesse caso, sua locadora poderia ter verificado o desaparecimento desse objeto.

— Não, não o notou. Um velho trapo, digo-lhes eu, um trapo que não valia um copeque.

— E a agulha, a linha, onde as arranjou?

— Paro, chega! — cortou bruscamente Mítia, zangado.

— É estranho que o senhor não se lembre onde atirou aquele... amuleto, na praça.

— Mandem varrer a praça amanhã, talvez o encontrem. Basta, senhores, basta! — proferiu Mítia num tom de acabrunhamento. — Vejo-o bem, não acreditam os senhores em uma palavra do que lhes digo! É culpa

minha e não dos senhores. Não deveria ter-me deixado levar a isso. Porque degradei-me revelando meu segredo! Isso lhes parece engraçado, vejo-o por seus olhos! Foi o senhor que me atraiu a este ponto, procurador! Triunfe agora!... Malditos sejam, carrascos!

Curvou a cabeça, cobriu o rosto com as mãos. O procurador e o juiz calavam-se. Ao fim dum minuto, Mítia levantou a cabeça e fitou-os inconscientemente. Sua fisionomia exprimia o desespero no último grau, tinha o ar desvairado. Entretanto era preciso acabar, proceder ao interrogatório das testemunhas. Eram oito horas da manhã, tinham apagado as velas fazia tempo. Mikhail Makárovitch e Kolgánov, que andavam de um lado para outro durante o interrogatório, ambos tinham agora saído. O procurador e o juiz pareciam fatigados. Fazia mau tempo, o céu estava nublado, a chuva caía torrencialmente. Mítia olhava vagamente através das vidraças.

— Posso olhar pela janela? — perguntou ele a Nikolai Parfiénovitch.

— À vontade — respondeu ele.

Mítia levantou-se e aproximou-se da janela. A chuva fustigava as pequenas vidraças esverdeadas. Via-se a estrada enlameada e, mais longe, as filas de isbás, sombrias e pobres, que a chuva tornava mais miseráveis ainda. Mítia se lembrou de “Febo dos cabelos de ouro” e de sua intenção de matar-se “logo a seus primeiros raios”. Semelhante manhã teria convindo ainda melhor. Sorriu amargamente e voltou-se para seus “carrascos”.

— Senhores, vejo que estou perdido. Ela, porém? Digam-me, suplico-lhes, deve ela sofrer a mesma sorte? Está inocente, perdera a cabeça, ontem, para gritar que “era culpada de tudo”. Está completamente inocente! Após esta noite de angústia, não me podem dizer os senhores o que farão com ela?

— Tranquelize-se a esse respeito, Dimíttri Fiódorovitch —, apressou-se em responder o procurador —, não temos no momento nenhum motivo para inquietar a pessoa pela qual se interessa. Espero que o mesmo aconteça ulteriormente. Pelo contrário, faremos tudo quanto estiver a nosso alcance em seu favor.

— Senhores, agradeço-lhes, sabia que os senhores são justos e honestos, apesar de tudo. Tiram-me um peso da alma... Que querem fazer agora? Estou pronto.

— É preciso proceder imediatamente ao interrogatório das testemunhas, o que deve realizar-se em sua presença, de modo que...

— Se tomássemos chá? — interrompeu Nikolai Parfiénovitch. — Creio que bem o merecemos.

Decidiu-se tomar uma xícara de chá e prosseguir-se o inquérito sem parar, esperando-se, para uma refeição mais substanciosa, uma hora mais favorável. Mítia, que a princípio recusara a xícara que lhe oferecia Nikolai Parfiénovitch, tomou-o em seguida ele próprio e bebeu com avidez. Parecia extenuado. Com sua constituição robusta, parecia, que mal poderia causar-lhe uma noite de farra, mesmo acompanhada das mais fortes sensações? Mal se mantinha, porém, na cadeira e, por vezes, cria os objetos girarem em torno de si. “Mais um pouco e vou delirar”, pensava.

VIII

DEPOIMENTOS DAS TESTEMUNHAS. O NENÉM

Começou o interrogatório das testemunhas. Mas não prosseguiremos nosso relato de uma maneira tão detalhada como até agora, deixando de lado a maneira pela qual Nikolai Parfiénovitch lembrava a cada testemunha que devia depor de acordo com a verdade e a consciência, e repetir mais tarde o depoimento sob juramento, etc. Notaremos somente que o ponto essencial, aos olhos do juiz, era a questão de saber se Dimítri Fiódorovitch tinha gasto três mil rublos ou 1.500 por ocasião de sua primeira estada em Mókroie, um mês antes, bem como na véspera. Ai! Todas as testemunhas, sem exceção, foram desfavoráveis a Mítia, algumas contavam fatos novos, quase esmagadores, que infirmavam as declarações dele. O primeiro interrogado foi Trifon Borísovitch. Apresentou-se sem o menor temor, pelo contrário, cheio de indignação contra o acusado, o que lhe conferiu grande ar de veracidade e de dignidade. Falou pouco, com reserva, esperando as perguntas, às quais respondia com firmeza, refletindo. Declarou, sem reboços, que, um mês antes, o acusado deveria ter gasto pelo menos três mil rublos, que os mujiques testemunhariam isso, tinham ouvido o próprio Mítri Fiódorovitch dizê-lo.

— Quanto dinheiro atirou ele aos ciganos! Só com eles, creio que deve ter gasto mais de mil rublos.

— Não cheguei talvez a dar-lhes nem quinhentos — observou Mítia. — Somente não o contei então, estava bêbedo. É pena.

Mítia escutava com ar sombrio, parecia triste e fatigado e parecia dizer. “Ora! Contem o que quiserem, agora para mim dá no mesmo.”

— Os ciganos custaram-lhe mais de mil rublos, Mítiri Fiódorovitch. O senhor atirava-lhes o dinheiro sem contar, e eles o apanhavam. É uma corja de gatunos, roubam os cavalos, foram expulsos daqui, senão teriam talvez declarado a quanto montou o ganho deles. Eu mesmo vi então a soma nas mãos do senhor — o senhor não me deu a contar, é verdade —, mas assim à vista, lembro-me, havia bem mais de 1.500 rublos... Nós também sabemos o que seja o dinheiro...

Quanto à soma do dia anterior, Dimítiri Fiódorovitch lhe havia declarado, desde sua chegada, que trazia três mil rublos.

— Vejamos, Trifon Borísovitch, declarei eu que trazia três mil rublos?

— Mas sim, Mítiri Fiódorovitch. Disse-o em presença de Andriéi. Ele ainda está aqui, chamem-no. E na sala, quando o senhor servia o coro, exclamou mesmo que deixava aqui sua sexta nota de mil rublos, contando com a outra vez, bem entendido. Stiepan e Siemion ouviram isso, Piotr Fomitch Kolgánov mantinha-se então ao lado do senhor, talvez também ele se lembre...

A declaração relativa ao sexto milhar de rublos impressionou os juízes e lhes agradou pela clareza: três mil então, três mil agora, completavam bem os seis mil.

Foram interrogados os mujiques Stiepan e Siemion, o cocheiro Andriéi, que confirmaram o depoimento de Trifon Borísovitch. Além disso, consignou-se a conversa que Andriéi tivera no caminho com Mítia, perguntando se iria para o céu ou para o inferno e se lhe perdoariam no outro mundo. O “psicólogo” Ipolit Kirílovitch, que escutara, sorrindo, recomendou que se acrescentasse essa declaração aos autos.

Quando chegou sua vez, Kolgánov apresentou-se a contragosto, com ar sombrio, caprichoso, e conversou com o procurador e Nikolai Parfiénovitch, como se os visse pela primeira vez, quando os conhecia há muito tempo. Começou por dizer que “não sabia de nada e de nada queria saber”. Mas ouvira Mítia falar da sexta nota de mil e confessou que se

encontrava então ao lado dele. Ignorava a soma que Mítia podia ter e afirmou que os poloneses tinham trapaceado no jogo de baralho. Após perguntas reiteradas, explicou que, expulsos os poloneses, Mítia voltara às boas graças junto a Agrafiena Alieksándrovna e que ela declarara amá-lo. A respeito dela exprimiu-se com delicadeza, como se pertencesse ela à melhor sociedade, e não se permitiu, nem uma só vez, chamá-la Grúchenhka. Malgrado a repugnância visível do rapaz em depor, Ipolit Kirílovitch reteve-o muito tempo e somente por ele soube do que constituía, por assim dizer, o “romance” de Mítia naquela noite. Nem uma vez Mítia interrompeu Kolgánov, que se retirou sem esconder sua indignação.

Passaram aos poloneses. Tinham-se deitado em seu quartinho, mas não haviam pregado olho a noite toda; à chegada das autoridades, vestiram-se rapidamente, compreendendo que iriam chamá-los. Apresentaram-se com dignidade, mas não sem apreensão. O *pan* baixinho, mais importante, era funcionário aposentado, de 12ª classe, servira como veterinário na Sibéria e se chamava Mussialóvitch. *Pan* Vrubliévski era dentista. Às perguntas de Nikolai Parfiénovitch, responderam a princípio dirigindo-se a Mikhail Makárovitch, que se conservava de lado; tomavam-no como o personagem mais importante e chamavam-no, a cada frase, *pan polkhóunik*.⁷⁹ Conseguiram fazer que eles compreendessem o erro, aliás falavam corretamente o russo, salvo a pronúncia de certas palavras. Ao falar de suas relações com Grúchenhka, *pan* Mussialóvitch pôs nisso um ardor e uma altivez que exasperaram Mítia; exclamou que não permitia que um “tratante” se exprimisse assim em sua presença. *Pan* Mussialóvitch rebateu o termo e rogou que o mencionássemos nos autos. Mítia fervia de cólera.

— Sim, um tratante! Façam constar, isso não me impedirá de repetir que ele é um tratante.

Nikolai Parfiénovitch deu prova de muito tato por ocasião desse desagradável incidente; depois de uma severa repreensão a Mítia, renunciou a inquirir a respeito do lado romanesco do caso e passou ao fundo. Os juízes interessaram-se bastante pelo depoimento dos poloneses, segundo o qual Mítia oferecera três mil rublos a *pan* Mussialóvitch para renunciar a Grúchenhka; setecentos de sinal e o resto “amanhã de manhã na cidade”. Afirmava sob palavra de honra não ter consigo, em Mókroie, a soma completa. Mítia declarou a princípio que não prometera fazer o

pagamento no dia seguinte na cidade, mas *pan* Vrubliévski confirmou o depoimento, e Mítia, depois de pensar, conveio que poderia ter falado assim em sua exaltação. O procurador fez grande caso desse depoimento; tornava-se claro para a acusação que uma parte dos três mil rublos caídos nas mãos de Mítia tinha podido ficar escondida na cidade, talvez mesmo em Mókroie. Assim se explicava uma circunstância embaraçosa para a acusação, o fato de terem sido encontrados apenas oitocentos rublos com Mítia; era, até então, a única que falava em seu favor, por mais insignificante que fosse. Agora, aquele único testemunho vinha abaixo. À pergunta do procurador sobre onde teria ele arranjado os 2.300 rublos prometidos ao *pan* para o dia seguinte, quando ele próprio afirmava não ter em seu poder senão 1.500, havendo dado sua palavra de honra, respondeu Mítia que tinha a intenção de propor ao *pan*, em lugar de dinheiro, a transferência por ato em cartório de seus direitos sobre a propriedade de Tchermachniá, já oferecidos a Samsónov e à senhora Khokhlakova. O procurador sorriu da “ingenuidade do subterfúgio”.

— E o senhor pensava que ele teria consentido em aceitar esses “direitos”, em lugar de 2.300 rublos em dinheiro?

— Decerto, porque isso lhe iria dar não dois mil, mas quatro e até mesmo seis mil rublos. Teria mobilizado seus advogados judeus e poloneses, que haveriam de trazer o velho num cortado.

Naturalmente, o depoimento de *pan* Mussialóvitch foi transcrito *in extenso* nos autos, depois do quê ele e seu companheiro puderam retirar-se. O fato de haverem trapaceado no jogo foi silenciado; Nikolai Parfiénovitch era-lhes grato e não queria inquietá-los por bagatelas, tanto mais quando se tratava de uma querela entre jogadores embriagados e nada mais. Aliás, escândalo não faltara naquela noite... Os duzentos rublos ficaram, assim, no bolso dos poloneses.

Chamaram em seguida o velho Maksímov. Entrou timidamente, a passos miúdos, o ar triste e a roupa em desordem. Refugiara-se todo o tempo junto a Grúchenhka, sentado ao lado dela em silêncio, “pronto a choramingar, enxugando os olhos com seu lenço de quadrados”, como contou mais tarde Mikhail Makárovitch. Tanto que era ela quem o acalmava e consolava. De lágrimas nos olhos, o velho pediu desculpas por ter pedido emprestados dez rublos a Dimítiri Fiódorovitch, visto sua pobreza, e declarou-se pronto a restituí-los... Tendo-lhe Nikolai Parfiénovitch perguntado quanto ele pensava que Dimítiri Fiódorovitch

tinha em dinheiro, visto que podia observá-lo de perto ao pedir-lhe emprestado, respondeu Maksímov categoricamente: vinte mil rublos.

— O senhor já viu antes alguma vez vinte mil rublos? — perguntou Nikolai Parfiénovitch, sorrindo.

— Como não? Decerto. Não vinte mil, mas sete mil, quando minha esposa hipotecou minha propriedade. Para falar a verdade, ela só mos mostrou de longe e aquilo formava uma maçaroca bem grossa de notas de cem rublos. Dimíttri Fiódorovitch também estava com notas de cem rublos...

Não o retiveram muito tempo. Por fim chegou a vez de Grúchenhka. Os juízes temiam a impressão que sua chegada poderia produzir em Dimíttri Fiódorovitch, e Nikolai Parfiénovitch dirigiu-lhe mesmo algumas palavras de exortação, às quais Mítia respondeu com um aceno de cabeça, indicando assim que não haveria desordem. Foi Mikhail Makárovitch quem trouxe Grúchenhka. Ela entrou, o rosto rígido e sombrio, o ar quase calmo, e tomou lugar em frente de Nikolai Parfiénovitch. Estava muito pálida e enrolava-se friorentamente no belo xale negro. Sentia, com efeito, o arrepio da febre, começo da longa doença que contraiu naquela noite. Seu ar rígido, seu olhar franco e sério, a calma de suas maneiras produziram a impressão mais favorável. Nikolai Parfiénovitch ficou mesmo seduzido; contou mais tarde que somente então compreendera quanto era encantadora aquela mulher; antes via nela “uma cortesã de subprefeitura”. “Tem as maneiras da melhor sociedade”, deixou ele escapar uma vez com entusiasmo num círculo de senhoras. Ouviram-no com indignação e logo o trataram de “descarado”, o que o encantou. Ao entrar, lançou Grúchenhka a Mítia um olhar furtivo; ele, por sua vez, a examinou com inquietação, mas seu ar tranquilizou-o. Após as perguntas habituais, Nikolai Parfiénovitch, com alguma hesitação, mas com o ar mais polido, perguntou-lhe “quais eram suas relações com o tenente reformado Dimíttri Fiódorovitch Karamázov”?

— Era um conhecido e como tal o recebi em minha casa no último mês.

Em resposta a outras perguntas, declarou francamente que não amava Mítia então, se bem que ele lhe agradasse “por momentos”; seduzira-o por maldade bem como ao velho; o ciúme que Mítia sentia de Fiódor Pávlovitch e de todos divertia-a. Jamais pensara em ir à casa de Fiódor Pávlovitch, de quem ela zombava. “Durante todo este mês, não me

interessava por eles; esperava outro, que tinha culpa para comigo... Somente acho que não precisam os senhores de interrogar-me a esse respeito e não tenho obrigação de responder-lhes. Trata-se de minha vida privada.”

Nikolai Parfiénovitch deixou imediatamente de lado os pontos “romanescos” e abordou a questão capital dos três mil rublos. Grúchenhka respondeu que fora mesmo a soma gasta em Mókreie um mês antes, segundo as palavras de Dimítri, porque ela mesma não havia contado as cédulas.

— Disse-lhe ele isso em particular ou diante de terceiros, ou então só o soube a senhora por intermédio de outras pessoas? — perguntou logo o procurador.

Grúchenhka respondeu afirmativamente a essas três perguntas.

— Ouviu-o a senhora dizê-lo em particular uma ou várias vezes?

Respondeu que várias vezes.

Ipolit Kirílovitch ficou bastante satisfeito com esse depoimento. Ficou depois estabelecido que Grúchenhka sabia que o dinheiro provinha de Katierina Ivánovna.

— Não ouviu a senhora dizer que Dimítri Fiódorovitch gastara então menos de três mil rublos e guardara para si a metade?

— Não, nunca.

Pelo contrário, havia um mês Mítia lhe declarara por várias vezes estar sem dinheiro. “Esperava sempre recebê-lo de seu pai”, concluiu Grúchenhka.

— Não disse ele, diante da senhora... incidentemente ou num momento de irritação — perguntou de repente Nikolai Parfiénovitch —, que tinha intenção de tentar contra a vida do pai?

— Sim, ouvi-o dizer — respondeu Grúchenhka.

— Uma vez ou várias?

— Várias vezes, sempre em acessos de cólera.

— E a senhora acreditava que ele poria esse projeto em execução?

— Não, nunca! — respondeu ela com firmeza. — Contava com a nobreza de seus sentimentos.

— Senhores, um instante — exclamou Mítia —, permitam-me que diga, na presença dos senhores, uma palavra apenas a Agrafiena Alieksándrovna!

— Pode falar — consentiu Nikolai Parfiénovitch.

— Agrafiena Alieksándrovna — disse Mítia, levantando-se —, juro-o perante Deus: sou inocente da morte de meu pai!

Mítia tornou a sentar-se, Grúchenka levantou-se, benzeu-se piedosamente diante do ícone.

— Deus seja louvado! — disse ela com efusão e acrescentou, dirigindo-se a Nikolai Parfiénovitch: — Acredite no que ele disse! Eu o conheço, é capaz de dizer não sei o quê por brincadeira ou por teimosia, mas nunca fala contra sua consciência. Diz a verdade completa — esteja certo!

— Obrigado, Agrafiena Alieksándrovna, reconfortaste minha alma — disse Mítia, com voz trêmula.

A respeito do dinheiro do dia anterior, declarou ela não conhecer a soma, mas ter ouvido Dimíttri repetir frequentemente que levava três mil rublos. Quanto à sua proveniência, dissera somente a ela que os “roubara” de Katierina Ivânovna, ao que respondeu ela que não era um roubo e que era preciso restituir o dinheiro logo no dia seguinte. Insistindo o procurador em saber o que entendia Dimíttri por dinheiro roubado, o do dia anterior ou o de havia um mês, declarou Grúchenka que ele falara do dinheiro de então e ela assim o compreendia.

Terminado o interrogatório, disse Nikolai Parfiénovitch, com solicitude, a Grúchenka que estava ela livre de voltar para a cidade e que, se pudesse ele ser-lhe útil em alguma coisa, arranjando-lhe por exemplo cavalos ou fazendo-a acompanhar, faria...

— Obrigada — disse Grúchenka, cumprimentando-o. — Partirei com aquele velho, o proprietário rural. Mas, se o senhor o permitir, esperarei aqui sua decisão a respeito de Dimíttri Fiódorovitch.

Saiu. Mítia estava calmo e tinha o ar reconfortado, mas por um instante somente. Uma estranha lassitude invadia-o cada vez mais. Seus olhos se fechavam contra sua vontade. O interrogatório das testemunhas estava afinal acabado. Procedeu-se à redação definitiva do processo verbal. Mítia levantou-se e foi estender-se a um canto, sobre uma grande mala coberta por um tapete. Adormeceu logo. Teve um sonho estranho, sem relação com as circunstâncias. Viajava pela estepe, numa região por onde passara outrora, estando de serviço. Um mujique o conduz em uma *tieliéga* através da planície enlameada. Faz frio, são os primeiros dias de

novembro, a neve cai em grossos flocos que se derretem imediatamente. O mujique chicoteia vigorosamente seus cavalos, tem uma comprida barba ruiva, é um homem duns cinquenta anos, vestido com um ordinário cafetã cinzento. Aproximam-se de uma aldeia da qual se avistam as isbás negras, muito negras, a metade incendiada, erguendo-se ainda apenas traves carbonizadas. Na estrada, à entrada da aldeia, uma multidão de mulheres alinha-se, todas magras e descarnadas, o rosto crestado. Ali está uma, à beira da estrada, ossuda, alta, parecendo ter uns quarenta anos, mas talvez não tendo senão vinte, o rosto longo e desfeito; tem nos braços uma criancinha que chora, seus seios devem estar esgotados, parecem ressequidos, e a criança chora, chora sem parar, estende os bracinhos nus, os pequenos punhos roxos de frio.

— Por que choram eles? — pergunta Mítia, passando a galope.

— É o neném — responde o cocheiro —, é o neném quem chora.

E Mítia fica impressionado por ter ele dito à sua maneira, como os mujiques, o “neném” e não o bebê. Isso lhe agrada, isso lhe parece mais compassivo.

— Mas por que chora ele? — obstina-se em perguntar Mítia. — Por que seus bracinhos estão nus? Por que não lhos cobrem?

— O neném está transido de frio, suas roupas estão geladas, de modo que não o aquecem.

— Como assim? — insiste Mítia, estupidificado.

— É que eles são pobres, suas isbás foram queimadas, não têm pão.

— Não, não — prosseguiu Mítia, que parecia continuar a não compreender —, diga-me por que aquelas desgraçadas se conservam aqui, por que tanta miséria, aquele pobre neném, por que a estepe é nua, por que aquelas pessoas não se beijam cantando canções alegres, por que são tão negras, por que não dão de comer ao neném?

Sente bem que suas perguntas são absurdas, mas não pode impedir-se de fazê-las e tem razão; sente também que o invade um enternecimento, que vai chorar, gostaria de consolar o neném e a mãe de seio estorricados, de secar as lágrimas de todo mundo, e isso tudo imediatamente, sem levar nada em conta, com todo o ardor de um Karamázov.

— Estou contigo, não te deixarei mais — diga-lhe ternamente Grúchenka.

Seu coração se abrasa e vibra a uma luz longínqua, quer viver, seguir o caminho que leva àquela luz nova, àquela luz que o chama.

— Que é!? Onde estou!? — exclama ele, abrindo os olhos. Ergue-se sobre a mala como quem desperta de um desmaio, com um sorriso radiante. Diante dele se encontra Nikolai Parfiénovitch, que o convida a ouvir o processo verbal e a assiná-lo.

Mítia deu-se conta de que dormira uma hora ou mais, mas não escutava o juiz. Estava estupefato por ter encontrado sob a cabeça uma almofada que lá não estava quando se estirou esgotado sobre a mala.

— Quem pôs aqui esta almofada!? Quem teve tanta bondade!? — exclamou ele, com exaltação, com uma voz emocionada, como se se tratasse dum benefício inestimável. O corajoso coração que tivera essa atenção permaneceu desconhecido, mas Mítia estava comovido até as lágrimas. Aproximou-se da mesa e declarou que assinaria tudo quanto quisessem.

— Tive um belo sonho, senhores — disse ele com uma voz estranha e o rosto como que iluminado de alegria.

IX

LEVAM MÍTIA PRESO

Uma vez assinado o processo verbal, dirigiu-se Nikolai Parfiénovitch solenemente ao acusado e leu para ele um “auto de processo e de prisão”, segundo cujos termos ele, juiz de instrução... tendo interrogado o detido... (seguiram-se os termos de acusação), atendendo a que ele, embora declarando-se inocente dos crimes que lhe eram imputados, nada produzira para justificar-se, a que entretanto as testemunhas... e as circunstâncias... o inculpavam inteiramente, tendo em vista os artigos... do Código Penal, ordenava, a fim de impedir que o supracitado se subtraia ao inquérito e julgamento, que fosse encarcerado e se desse cópia do presente ao procurador, etc. Em suma, declarou-se a Mítia que se achava ele doravante detido, que iam levá-lo à cidade e encerrá-lo numa residência muito pouco agradável. Mítia ergueu os ombros.

— Está bem, senhores, não lhes quero mal, estou pronto... compreendo que não lhes resta outra coisa a fazer.

Nikolai Parfiénovitch explicou-lhe que ele ia ser levado por Mavríki Mavríkitch, ali presente.

— Esperem — interrompeu Mítia, e, sob um impulso irresistível, dirigiu-se a todos os presentes: — Senhores, somos todos cruéis, todos monstros, é por nossa causa que choram as mães e as criancinhas, mas, entre todos, eu o proclamo, sou eu o pior! Cada dia, batendo no peito, jurava emendar-me, e cada dia cometia as mesmas vilanias. Compreendo agora que em criaturas como eu é preciso um golpe do destino e seu laço, uma força exterior que as dome. Jamais teria eu mesmo podido erguer-me! Mas o raio descarregou-se. Aceito as torturas da acusação, da ignomínia pública. Quero sofrer e redimir-me pelo sofrimento! Talvez o consiga, não é, senhores? Escutem, no entanto, pela derradeira vez: não derramei o sangue de meu pai! Aceito o castigo, não por tê-lo matado, mas por ter querido matá-lo, e talvez mesmo o tivesse feito! Estou resolvido não obstante a lutar contra os senhores, declaro-lhes. Lutarei até o fim e, em seguida, que Deus decida! Adeus, senhores, perdoem-me meus rompantes durante o interrogatório, estava então ainda desvairado... Em um instante serei um preso e, pela derradeira vez, Dimítri Karamázov, como um homem livre ainda, estende-lhes a mão. Apresentando-lhes minhas despedidas, é ao mundo que as apresento!...

Sua voz tremia, estendeu com efeito a mão, mas Nikolai Parfiénovitch, que era quem se achava mais perto dele, ocultou a sua com um gesto convulsivo. Mítia percebeu-o e estremeceu. Deixou seu braço recair.

— O inquérito ainda não está terminado — disse o juiz um pouco confuso —, vai prosseguir na cidade, e, de minha parte, desejo que o senhor... consiga... justificar-se... Pessoalmente, Dimítri Fiódorovitch, sempre o considere mais infeliz que culpado... Todos aqui, se ousar fazer-me intérprete deles, estamos dispostos a ver no senhor um jovem, no íntimo nobre, mas, ai!, arrebatado por suas paixões duma maneira excessiva...

Foram essas derradeiras palavras pronunciadas pelo juizinho com grande dignidade. Pareceu de repente a Mítia que aquele rapazola ia pegá-lo pelo braço, levá-lo para um canto e continuar sua recente conversa a respeito das “garotas”. Mas quem sabe as ideias intempestivas que ocorrem por vezes mesmo a um criminoso a quem levam ao suplício?

— Os senhores são bons, humanos. Poderei tornar a vê-la para dizer-lhe um último adeus?

— Sem dúvida, mas... em nossa presença...

— De acordo.

Trouxeram Grúchenhka, mas o adeus foi lacônico e decepcionou Nikolai Parfiénovitch. Grúchenhka fez uma profunda saudação a Mítia.

— Já te disse que sou tua, que te pertenço para sempre, seguir-te-ei por toda parte aonde te enviarem. Adeus, tu que te perdeste sem seres culpado.

Seus lábios tremiam, ela chorava.

— Perdoa-me, Grucha, o amar-te, o ter causado também tua perda por meu amor.

Mítia queria falar ainda, mas deteve-se e partiu. Foi logo cercado por pessoas que não o perdiam de vista. Duas *tieliegui* esperavam ao pé do patamar, onde chegara ele na véspera com muito barulho na troica de Andriéi. Mavríki Mavríkitch, baixo e robusto, o rosto enrugado, estava irritado por causa de alguma desordem inesperada e gritava. Num tom cortante, convidou Mítia a subir na *tieliega*. “Outrora, quando eu lhe pagava de beber no botequim, o personagem tinha outra cara”, pensou Mítia. Trifon Borísovitch desceu o patamar. Perto do portão, comprimiam-se mujiques, mulheres, cocheiros, todos mirando Mítia.

— Adeus, boa gente! — gritou-lhes Mítia já na *tieliega*.

— Adeus! — disseram duas ou três vozes.

— Adeus. Trifon Borísovitch!

Mas Trifon Borísovitch nem mesmo se voltou, estando sem dúvida bastante preocupado. Gritava também e agitava-se. Tudo não estava em regra na segunda *tieliega* em que devia subir a escolta. O mujique designado para conduzi-la, enquanto vestia seu cafetã, sustentava energicamente que não era ele quem devia ir, mas Akim. Mas Akim não estava ali; corria-se à sua procura; o mujique insistia, suplicava que se esperasse.

— É uma trama descarada que temos aqui, Mavríki Mavríkitch! — exclamou Trifon Borísovitch. — Há três dias, Akim te deu 25 copeques, tu os bebeste e agora gritas. Espanto-me somente da bondade do senhor para com esses sujeitos.

— Que necessidade temos duma segunda troica? — interveio Mítia. — Viajemos com uma só, Mavríki Mavríkitch, não me revoltarei nem fugirei.

Por que queres uma escolta?

— Aprenda a falar comigo, senhor, se não o sabe ainda. Trate de não me tratar por tu e guarde seus conselhos para outra ocasião... — replicou impertinentemente Mavríki Mavríkitch, como que feliz por extravasar seu mau humor.

Mítia calou-se, corando. Um instante depois, sentiu vivamente o frio. A chuva cessara, mas o céu estava coberto de nuvens, um vento áspero soprava no rosto. Tenho arrepios, pensou Mítia, enrodilhando-se. Por fim, Mavríki Mavríkitch subiu por sua vez e sentou-se pesadamente, bem à vontade, empurrando Mítia para um lado, sem parecer prestar-lhe atenção. Na verdade, estava mal-humorado e bastante descontente com a missão que lhe haviam confiado.

— Adeus, Trifon Borísovitch! — gritou de novo Mítia, sentindo que, desta vez, não era de bom coração, mas de cólera, malgrado seu, que gritava. Trifon Borísovitch, com ar arrogante, as mãos atrás das costas, fixou Mítia com um olhar severo e não lhe respondeu.

— Adeus, Dimítri Fiódorovitch, adeus! — repercutiu de súbito a voz de Kolgánov. Correndo para a *tieliega*, estendeu a mão a Mítia. Estava sem casquete. Mítia teve ainda tempo de apertar-lhe.

— Adeus, meu bravo amigo, não esquecerei sua generosidade! — disse ele com ardor. Mas a *tieliega* pôs-se em movimento, suas mãos desenlaçaram-se, os guizos retiniram, levavam Mítia.

Kolgánov correu para o vestíbulo, sentou-se num canto, curvou a cabeça, ocultou o rosto nas mãos e chorou por muito tempo; chorava como um menino. Estava quase convencido da culpabilidade de Mítia. “Que podem as pessoas valer depois disso?”, murmurava ele, num total desamparo. Não queria mesmo mais viver naquele instante. “Será que isso vale a pena!?”, exclamava o rapaz em seu pesar.

QUARTA PARTE

LIVRO X

MORTE DE ILIÚCHA

I

KÓLIA KRASÓTKIN

Primeiros dias de novembro. Onze graus de frio e regelo. Durante a noite, caiu um pouco de neve seca, que o vento áspero e picante levanta e varre através das ruas sombrias de nossa cidadezinha, sobretudo na praça do mercado. Está escura a manhã, mas a neve cessou. Não longe da praça, perto da loja dos Plótnikov, encontra-se a casinha, muito limpinha no exterior e no interior, da senhora Krasótkina, viúva de um funcionário. Completar-se-ão em breve 14 anos da morte do secretário de governo Krasótkin, mas sua viúva, ainda graciosa e com pouco mais de trinta anos, vive de suas rendas em sua casinha. Doce e alegre, leva existência modesta e digna. Tendo ficado viúva aos 18 anos, com um filho que acabava de nascer, consagrou-se inteiramente à educação de Kólia. Amava-o cegamente, mas o menino lhe causou certamente mais pesares que alegrias, no temor perpétuo de vê-lo adoecer, resfriar-se, vadiar, ferir-se ao brincar, etc. Quando Kólia entrou para o colégio, a mãe pôs-se a estudar todas as matérias, a fim de ajudá-lo a fazer os exercícios, travou conhecimento com os professores e suas esposas, adulou mesmo os camaradas do filho, para evitar que zombassem dele ou que lhe batessem. Chegou a ponto de começarem os colegas a zombar verdadeiramente de Kólia, a importunar “o queridinho da mamãe”. Mas o menino soube fazer-se respeitar. Era ousado, e logo passaram a achá-lo na classe “rudemente forte”, e, além disso, esperto, de caráter teimoso, espírito audacioso e empreendedor. Era um bom aluno, corria mesmo o rumor de que, em Matemática e História Universal, passava a perna no professor Dardaniélov.⁸⁰ Mas Kólia, embora afetando certo ar de superioridade, era bom camarada e nada orgulhoso. Aceitava como devido o respeito dos colegas e mostrava uma atitude amigável. Conhecia sobretudo a medida, sabia reter-se a tempo devido e para com os professores não ultrapassava jamais o derradeiro limite além do qual a vivacidade não pode ser tolerada, tornando-se desordem e insubordinação. No entanto estava sempre pronto à travessura, quando se ensejava ocasião, como o derradeiro

dos garotos, ou antes a bancar de malicioso, a chamar a atenção. Cheio de amor-próprio, soubera ganhar ascendência sobre a mãe, que sofria desde muito tempo seu despotismo. Somente era-lhe insuportável a ideia de que o filho a amava pouco. Kólia parecia-lhe sempre insensível a seu respeito e acontecia que, numa crise de lágrimas, ela o censurava por sua frieza. O rapazinho não gostava disso e, quanto mais efusões exigiam dele, mais a elas se furtava. Mas era contra a sua vontade; provinha isto de seu caráter e não de sua vontade. Sua mãe se enganava; ele a amava, somente, não gostava das “ternuras de novilha”, como dizia em sua linguagem de escolar. Seu pai deixara uma biblioteca, e Kólia, que gostava de ler, ficava por vezes horas mergulhado nos livros, em lugar de ir brincar, para grande espanto da mãe. Leu assim coisas acima de sua idade. Nos últimos tempos, suas travessuras — sem ser perversas — espantavam a mãe por causa de sua extravagância. Durante as férias, em julho, a mãe e o filho iam passar uma semana em casa de uma parenta, cujo marido era empregado ferroviário na estação mais próxima de nossa cidade. (Fora lá, a setenta verstas, que Ivan Fiódorovitch tomara o trem para Moscou, um mês antes.) Kólia começou por examinar minuciosamente o caminho de ferro e seu funcionamento, compreendendo que poderia deslumbrar os colegas com seus novos conhecimentos. Ao mesmo tempo, ligou-se a seis ou sete garotos da vizinhança, de 11 a 15 anos de idade, entre os quais dois provinham de nossa cidade. Faziam travessuras em comum e, em breve, o alegre bando teve a ideia de fazer uma aposta verdadeiramente estúpida, cuja parada era de dois rublos. Kólia, um dos mais jovens e portanto um pouco desdenhado pelos mais velhos, levado pelo amor-próprio ou pela temeridade, propôs ficar deitado entre os trilhos, sem mexer-se, enquanto o trem das 11 horas da noite passaria sobre ele a todo vapor. Na verdade, um exame prévio permitiria verificar que a coisa era factível, que a pessoa podia, realmente, achatar-se entre os trilhos sem ser mesmo roçada pelo trem. Mas que minuto penoso teria de passar! Kólia jurou por toda parte que o faria. Começaram por zombar dele, trataram-no de fanfarrão, o que o excitou ainda mais. Também aqueles rapazes de 15 anos mostravam-se por demais arrogantes, tendo mesmo recusado a princípio levar em consideração aquele fedelho, tratando-o como camarada. Ofensa intolerável. Numa noite sem lua, decidiram ir a uma versta da estação, onde o trem já passaria rapidamente. Na hora marcada, Kólia deitou-se entre os trilhos. Os cinco outros apostadores, de coração a desfalecer, em

breve tomados de pavor e de remorso, aguardavam nas moitas embaixo do talude. Dentro em pouco, ouviu-se o barulho do trem em movimento. Duas lanternas vermelhas brilharam nas trevas, o monstro aproximava-se estrondosamente. “Foge! Foge!”, gritaram, apavorados. Era demasiado tarde, o trem passou e desapareceu. Precipitaram-se para Kólia, que jazia inerte, puseram-se a sacudi-lo e erguê-lo. De repente, ele se levantou e declarou que fingira um desmaio para causar-lhes medo. Na realidade, tinha desmaiado mesmo, como ele próprio, espontaneamente, o confessou muito tempo depois à mãe.

Dessa maneira, seu renome de “estabanado” ficou definitivamente estabelecido. Voltou para casa branco como linho. No dia seguinte, teve uma febre nervosa, mas mostrou-se muito alegre e contente. O acontecimento foi divulgado em nossa cidade e chegou ao conhecimento das autoridades escolares. A mamãe de Kólia suplicou-lhes que perdoassem a, seu filho, e por fim um professor estimado e influente, Dardaniélov, falou em seu favor e obteve ganho de causa. O caso não teve consequências. Esse Dardaniélov, solteiro e ainda moço, estava fazia muito tempo apaixonado pela senhora Krasótkina; um ano antes, com o coração cheio de apreensão, arriscara-se a pedir-lhe a mão; ela o recusara, considerando que o casar-se de novo seria uma traição a seu filho. No entanto, Dardaniélov, de acordo com certos indícios, teria tido o direito de pensar que não era fundamentalmente antipático àquela viúva encantadora, mas casta e delicada em excesso. A louca travessura de Kólia deve ter rompido o gelo, e, após a intervenção de Dardaniélov, deu-se a entender a ele que podia ter esperança, aliás longínqua, mas ele próprio era um fenômeno de pureza e de delicadeza e aquilo lhe bastava à sua felicidade no momento. Gostava do menino, mas teria achado humilhante procurar adulá-lo; na classe, mostrava-se severo para com ele, exigente. O próprio Kólia mantinha-o à distância, preparava muito bem seus exercícios, ocupava o segundo lugar, e toda a classe estava persuadida de que, em História Universal, ele “passava a perna” no próprio Dardaniélov em pessoa. Com efeito, Kólia perguntou-lhe uma vez quem havia fundado Troia. Ao que respondeu o mestre, por meio de considerações a respeito dos povos e de suas migrações, da noite dos tempos, da fábula, mas não pôde responder à pergunta precisa sobre a fundação de Troia, achando-a mesmo ociosa. Os alunos ficaram convencidos de que Dardaniélov de nada sabia. Kólia informara-se a respeito em Smaragdov, que figurava entre os

livros de seu pai. Finalmente, todos se interessaram pela fundação de Troia, mas Krasótkin guardou segredo e seu prestígio permaneceu intacto.

Após o incidente da estrada de ferro, ocorreu uma mudança na atitude de Kólia para com a mãe. Quando Anna Fiódorovna soube da proeza do filho, quase enlouqueceu. Teve violentas crises de nervos durante vários dias, a ponto de Kólia, seriamente aterrorizado, dar-lhe sua palavra de honra de jamais recomeçar semelhantes travessuras. Jurou-o de joelhos diante do ícone e pela memória do pai, como o exigia a senhora Krasótkina; a emoção dessa cena fez chorar o “intrépido” Kólia como uma criança de seis anos: a mãe e o filho passaram o dia a lançar-se nos braços um do outro, derramando lágrimas. No dia seguinte, Kólia despertou de novo “insensível”, mas tornou-se mais silencioso, modesto, pensativo. Seis semanas depois, reincidia, e seu nome chegou até o juiz de paz, mas dessa vez, tratava-se de uma travessura bem diferente, ridícula mesmo e estúpida, cometida por outros e na qual não estava implicado. Tornaremos a falar dela. Sua mãe continuou a tremer e a atormentar-se, e a esperança de Dardaniélov crescia na medida dos alarmes dela. É preciso notar que Kólia compreendia e adivinhava a esse respeito Dardaniélov, e, bem entendido, desprezava-o profundamente por causa de seus “sentimentos”; antes tivera mesmo a indelicadeza de exprimir seu desprezo diante da mãe, fazendo alusões vagas às intenções de Dardaniélov. Mas, após o incidente da estrada de ferro, mudou também de conduta a esse respeito; não se permitiu mais nenhuma alusão e falou com mais respeito de Dardaniélov diante de sua mãe, o que a sensível Anna Fiódorovna compreendeu imediatamente com uma gratidão infinita; em compensação, à menor palavra referente a Dardaniélov proferida em presença de Kólia, fosse mesmo um estranho, tornava-se ela vermelha como uma cereja. Naqueles momentos, Kólia olhava pela janela com ar carrancudo ou examinava o estado de seus sapatos, ou ainda chamava raivosamente Carrilhão, um cachorro de longos pelos, muito grande e feio, que havia recolhido um mês antes e guardava em segredo, sem mostrá-lo a seus camaradas. Tratava-o com rigor, ensinava-lhe diversas habilidades, tanto que o pobre animal ganhava, quando ele partia para o colégio e latia alegremente quando ele voltava, saltava como um louco, andava sobre duas patas, fazia-se de morto, etc.; em suma, mostrava todas as habilidades que lhe haviam sido ensinadas, isso não porque lhe ordenavam, mas no ardor de seu entusiasmo e de sua dedicação.

A propósito: esqueci-me de dizer que Kólia Krasótkin era o menino a quem Iliúcha, já conhecido do leitor, filho do capitão reformado Snieguirov, ferira com o canivete, ao defender seu pai, a quem os colegas ridicularizavam, chamando-o de “esfregão de tília”.

II

GENTE MIÚDA

Portanto, naquela manhã glacial e brumosa de novembro, o jovem Kólia Krasótkin permanecia em casa. Era domingo, e não havia aula. Mas acabavam de soar 11 horas, era-lhe absolutamente preciso sair “para um negócio muito importante”, contudo ficava sozinho para guardar a casa, porque os adultos haviam saído em consequência de uma circunstância extraordinária. A viúva Krasótkina alugava um apartamento de duas peças, o único da casa, à mulher dum médico, que tinha dois filhos pequenos. Era da mesma idade de Anna Fiódorovna e sua grande amiga; quanto ao doutor, que partira para Oremburgo, depois para Tachkent, não dava notícias de si havia seis meses, de sorte que a abandonada teria passado o tempo a chorar sem a amizade da senhora Krasótkina, que amenizava seu pesar. Para cúmulo de infortúnio, Katierina, a única criada da mulher do doutor, declarara bruscamente à patroa, durante a noite, que se preparava para dar à luz de manhã. Era quase miraculoso que ninguém tivesse notado a coisa até então. A mulher do doutor, estupefata, decidiu, enquanto era ainda tempo, transportar Katierina para a casa de uma parteira que aceitava pensionistas. Como estimava muito a criada, pôs logo seu projeto em execução e ficou mesmo ao lado dela. Em seguida, pela manhã, foi preciso recorrer ao concurso e ajuda da senhora Krasótkina, que podia naquela ocasião tomar providências e exercer certa proteção. De modo que as duas senhoras estavam ausentes, a criada da senhora Krasótkina, Agáfia, saíra para o mercado e Kólia achava-se provisoriamente como guarda dos fedelhos, o menino e a menina da mulher do doutor, que haviam ficado sozinhos. A guarda da casa não causava medo em Kólia, sobretudo com Carrilhão; ele recebera ordem de deitar-se debaixo de um banco, no vestíbulo, sem se mexer, e, cada vez que seu dono passava,

erguia ele a cabeça, batia no soalho com a cauda com um ar suplicante, mas, ai!, nenhum chamado se ouvia. Kólia olhava com severidade o infeliz cão d'água, que recaía na imobilidade completa. Mas a única preocupação de Kólia eram os fedelhos. Ao passo que a aventura de Katierina lhe inspirava profundo desprezo, gostava muito dos pequenos e trouxera já para eles um livro infantil. Nástia, a mais velha, de oito anos, sabia ler, e o mais moço, Kóstia, de sete anos, gostava de escutá-la. Bem entendido, Krasótkin teria podido interessá-los brincando com eles de soldado ou de esconder, por toda a casa. Não desdenhava fazê-lo quando preciso, tanto que se espalhou na classe o boato de que Krasótkin brincava de troica em sua casa com os pequenos locatários, fazendo papel do cavalo de sota, galopando, de cabeça baixa. Krasótkin repelia altivamente essa acusação, fazendo notar que, com camaradas de sua idade, teria sido vergonhoso, com efeito, “em nossa época”, brincar de cavalo, mas que assim o fazia para os fedelhos, porque gostava deles e ninguém tinha o direito de pedir-lhe conta de seus sentimentos. Em compensação, os dois fedelhos o adoravam. Mas dessa vez não se tratava de brinquedos; tinha de ocupar-se de um assunto de muita importância e parecendo mesmo quase misterioso. Entretanto, o tempo passava e Agáfia, a quem os meninos teriam podido ser confiados, não se dignava voltar do mercado. Já por várias vezes atravessara ele o vestíbulo, abrira a porta da locatária, observara com solicitude os fedelhos lendo, por injunção sua; cada vez que se mostrava, os meninos sorriam-lhe largamente, esperando vê-lo entrar e fazer alguma coisa engraçada. Mas Kólia estava preocupado e não entrava. Por fim, soaram as 11 horas e decidiu ele firmemente que, se em dez minutos a “maldita” Agáfia não estivesse de volta, sairia sem esperá-la, depois de, é claro, ter feito os fedelhos prometerem não ter medo durante sua ausência, nem fazer bobagens, nem chorar. Com essas disposições, vestiu o pequeno sobretudo algodoado, lançou a sacola ao ombro e, malgrado os rogos reiterados de sua mãe, de nunca sair “com semelhante frio”, sem calçar galochas, contentou-se em lançar-lhes um olhar desdenhoso ao passar pelo vestíbulo. Vendo-o vestido para sair, Carrilhão bateu no soalho com a cauda, agitando-se, e ia mesmo soltar um gemido lamentoso, mas Kólia julgou tal ardor contrário à disciplina, manteve o cão d'água ainda um minuto debaixo do banco e só assobiou para ele ao abrir a porta do vestíbulo. O animal lançou-se como um louco e se pôs a saltar de alegria. Kólia ia ver o que estavam fazendo os fedelhos. Tinham acabado de ler e

discutiam com animação, como lhes acontecia frequentemente; Nástia, na qualidade de mais velha, levava sempre a melhor, e, se Kóstia não se punha de seu lado, apelava ela quase sempre para Kólia Krasótkin, cuja sentença era definitiva para as duas partes. Desta vez, a discussão dos fedelhos tinha algum interesse para Kólia, que ficou na soleira a escutar, vendo o que, as crianças redobram de ardor em sua controvérsia.

— Nunca, nunca acreditarei — sustentava Nástia — que as parteiras encontrem os bebês nos pés de couve. Agora é inverno, não há couves, e a parteira não pode trazer uma filhinha para Katierina.

— O quê! — murmurou Kólia.

— Ou então elas as trazem de alguma parte, mas somente para aquelas que se casam.

Kóstia fixava a irmã, escutava gravemente, refletia.

— Nástia, como és tola! — disse ele por fim, num tom calmo. Como pode Katierina ter um filho, já que ela não é casada?

Nástia irritou-se.

— Tu não compreendes nada, talvez tivesse ela um marido, mas está na prisão.

— Será que ela tem de verdade um marido na prisão? — perguntou o otimista Kóstia.

— Ou então — continuou impetuosamente Nástia, abandonando a primeira hipótese — pode acontecer também que ela não tenha marido; tens razão; mas quer se casar e pôs-se a pensar como fazer, pensou e tornou a pensar, tanto que acabou por ter não um marido, mas um bebê.

— Está bem! É possível — aquiesceu Kóstia, subjugado —, mas não o disseste antes. Como podia eu saber?

— Muito bem, meninada! — exclamou Kólia, avançando. — Vocês são uma gente perigosa, pelo que vejo!

— Carrilhão está com você? — perguntou, sorrindo, Kóstia, que se pôs a estalar os dedos, chamando o cachorro.

— Meninada, estou atrapalhado — começou solenemente Kólia. — Vocês devem ajudar-me. Agáfia deve ter quebrado a perna, já que não volta; é seguro e certo. Tenho de sair. Vocês me deixarão ir?

Os meninos olharam-se receosos, seus rostos sorridentes exprimiram inquietação. Não compreendiam bem o que queriam deles.

— Não farão bobagens em minha ausência? Não subirão no armário com risco de quebrar uma perna? Não chorarão de medo, quando ficarem sozinhos?

A angústia apareceu nos rostinhos.

— Em compensação, poderia eu mostrar-lhes alguma coisa: um canhãozinho de cobre que se carrega com pólvora verdadeira.

Os rostinhos iluminaram-se.

— Mostre o canhão — disse Kóstia, radiante.

Krasótkin tirou de sua sacola um canhãozinho de bronze, que pousou em cima da mesa.

— Olhe, tem rodas — disse, fazendo o brinquedo rodar. — Pode-se carregá-lo com chumbinho e atirar.

— E ele mata?

— Mata todo mundo, basta apontá-lo — e Krasótkin explicou onde era preciso colocar a pólvora, o chumbo, indicou uma pequena abertura que representava o ouvido, explicou que o canhão recuava. As crianças escutavam com ardente curiosidade. O recuo sobretudo feria-lhes a imaginação.

— E você tem pólvora? — informou-se Nástia.

— Tenho, sim.

— Mostre também a pólvora — disse ela com um sorriso implorativo.

Krasótkin tirou de sua sacola um frasquinho, onde havia de fato um pouco de pólvora verdadeira e alguns grãos de chumbo enrolados em papel. Abriu mesmo o frasco, derramou um pouco de pólvora na mão.

— Aqui está. Somente tomem cuidado com o fogo, senão ela explodirá e nós todos morreremos — disse ele, para impressioná-las.

As crianças examinavam a pólvora com um temor respeitoso que aumentava o prazer. Os grãos de chumbo, sobretudo, agradavam a Kóstia.

— O chumbo não queima? — perguntou ele.

— Não.

— Dê-me um pouco de chumbo — disse, num tom suplicante.

— Aqui está um pouco, tome, somente não o mostre à sua mãe antes de minha chegada. Ela iria pensar que é pólvora, morreria de medo ou surraria vocês.

— Mamãe nunca surra a gente — observou Nástia.

— Sei disso, disse-o somente por causa da beleza do estilo. E vocês, nunca enganem sua mamãe, só dessa vez, até que eu volte. Portanto, meninada, posso ir ou não? Não chorarão de medo em minha ausência?

— Nós cho-re-mos — disse lentamente Kóstia, preparando-se já para fazê-lo.

— Nós choraremos, decerto — apoiou Nástia, receosa.

— Oh! Meninos, que idade perigosa é a de vocês! Não há nada a fazer. Será preciso ficar com vocês não sei quanto tempo. E o tempo é precioso.

— Mande Carrilhão fingir de morto — pediu Kóstia.

— Não há outro recurso senão valer-me de Carrilhão. Aqui, Carrilhão! — E Kólia ordenou ao cão de pelos compridos, dum cinzento violáceo, do tamanho de um mastim comum, cego do olho direito e com a orelha esquerda cortada. Bancava o elegante, caminhava sobre as patas traseiras, deitava-se de costas com as patas no ar e ficava inerte, como morto. Durante esse último exercício, a porta abriu-se e a gorda criada, Agáfia, uma mulher de quarenta anos, com marcas de varíola, apareceu na soleira, com a rede de provisões na mão, e pôs-se a olhar. Kólia, por mais apressado que estivesse, não interrompeu a representação e, quando por fim assobiou para Carrilhão, o animal pôs-se a saltitar na alegria do dever cumprido.

— Isso é que é um cachorro! — disse Agáfia, com admiração.

— E por que demoraste tanto tempo, sexo feminino? — perguntou severamente Krasótkin.

— Sexo feminino! Ora, que fedelho!

— Fedelho?

— Sim, fedelho. Que é que tens com isso? Se estou atrasada, é que foi preciso — resmungou Agáfia, começando a remexer em redor da estufa, num tom nada irritado e como que alegre por poder discutir com aquele jovem senhor tão jovial.

— Escuta, velha frívola, podes jurar-me por tudo quanto há de mais sagrado neste mundo que tomarás conta dessas crianças na minha ausência? Vou sair.

— E por que jurar? — disse Agáfia, rindo. — Tomarei conta deles, sim.

— Não, é preciso que jures por tua salvação eterna. Senão não me vou.

— À tua vontade. Que me importa isso? Está gelando. Fica em casa.

— Meninos, essa mulher ficará com vocês até minha volta ou à da mamãe de vocês, que já deveria estar de volta. Além disso, ela dará o almoço de vocês. Não é, Agáfia?

— Pode ser, sim.

— Adeus, meninos, vou-me de coração tranquilo. Quanto a ti, vovó — disse ele, gravemente, a meia-voz, ao passar diante de Agáfia —, espero que não lhes contes bobagens a respeito de Katierina. Poupa a inocência deles. Aqui, Carrilhão.

— Que Deus te perdoe! — disse Agáfia, irritada. — Como é engraçado! Mereceria uma surra, por falar assim.

III

O COLEGIAL

Mas Kólia não ouviu. Afinal, estava livre. Ao transpor o portão, ergueu os ombros e, depois de ter dito: “Que frio!”, dirigiu-se para a praça do mercado. No caminho, parou diante de uma casa, tirou um apito do bolso, apitou com todas as suas forças, como dando um sinal convencionado. Ao fim dum minuto, viu-se sair um menino de 11 anos, de tez vermelha, vestido igualmente com um sobretudo quente e até mesmo elegante. Era o jovem Smúrov, aluno da classe preparatória (ao passo que Kólia Krasótkin se achava duas classes acima), filho de um funcionário em boa situação. Seus pais proibiam-no de andar com Krasótkin, por causa de sua reputação de travesso, de modo que Smúrov acabava de ausentar-se furtivamente. Esse Smúrov, se o leitor está lembrado, fazia parte do grupo que atirara pedras em Iliúcha, dois meses antes, e foi ele quem falou de Iliúcha a Aliócha Karamázov.

— Há uma hora que o espero, Krasótkin — proferiu Smúrov, com ar decidido.

Os rapazes marcharam para a praça.

— Estou atrasado — replicou Krasótkin. — Culpa das circunstâncias. Não te surrarão por vires comigo?

— Que ideia! Será que me surram? Carrilhão está com você?

— Claro.

— Vai levá-lo lá?

— Levo, sim.

— Ah! Se fosse Besouro!

— É impossível. Besouro não existe mais. Desapareceu não se sabe onde.

— Não se poderia então dar um jeito? — Smúrov parou de repente. — Iliúcha disse que Besouro também tinha pelos compridos, cinzentos, cor de fumaça, como Carrilhão. Não se poderia dizer que este é Besouro? Talvez ele acreditasse.

— Colegial, evita a mentira, em primeiro lugar; e em segundo lugar, ainda que seja com bom fim. Espero, principalmente, que não tenhas falado de minha vinda.

— Deus me livre. Compreendo. Mas não o consolarão com Carrilhão — suspirou Smúrov. — Sabes? O pai dele, o capitão, “esfregão de tília”, disse-nos que lhe levariam hoje um cãozinho, um mastim verdadeiro, de focinho preto; pensa consolar assim Iliúcha, mas é pouco provável.

— Como vai ele, Iliúcha?

— Mal, mal! Creio que ele está tísico. Tem pleno conhecimento, mas sua respiração é bem má. Um dia desses, pediu que o levassem a passear um pouco. Calçaram-lhe os sapatos. Mas ele caiu ao fim de alguns passos. “Ah, papai, bem que te disse que estes sapatos não prestam. Antes mesmo tinha dificuldade em andar com eles.” Pensava que caía por causa dos sapatos e era simplesmente de fraqueza. Não dura uma semana. Herzenstube visita-o. Têm de novo muito dinheiro.

— Canalhas!

— Canalhas, quem?

— Os doutores e toda essa ralé médica, em geral e em particular. Renego a medicina. Não serve para nada. Aliás, estudarei tudo isso. Dize-me, vocês todos lá ficaram muito sentimentais. A classe inteira vai lá incorporada, digo a verdade?

— Toda não, mas uma dezena dos nossos vai lá todos os dias. Não é nada.

— O que me surpreende em tudo isso é o papel de Alieksiêi Karamázov; vão julgar amanhã ou depois seu irmão por um crime como aquele e acha ele tempo de fazer sentimentalismo com colegiais!

— Mas não há no caso nenhum sentimentalismo. Tu mesmo vais agora lá reconciliar-te com Iliúcha.

— Reconciliar-me? Expressão engraçada! Aliás, não permito que ninguém analise meus atos.

— Como Iliúcha ficará contente ao ver-te! Não duvida de que vais. Por que, por que recusaste por tanto tempo ir vê-lo!? — exclamou de repente Smúrov, com ardor.

— Meu caro, o problema é meu e não teu. Vou lá por minha vontade, porque quero ir, ao passo que foi Alieksiêi Karamázov quem levou vocês todos lá; há pois uma diferença. E que sabes tu? Talvez não vá eu lá absolutamente para reconciliar-me. Estúpida expressão.

— Karamázov não tem nada a ver com isso. Os colegas adquiriram simplesmente o hábito de ir lá, é bem certo que no começo com Karamázov. Primeiro um, depois outro. Mas nada se passou de estúpido. O pai ficou encantado ao ver-nos. Sabes? Perderá a razão, se Iliúcha morrer. Vê que seu filho está perdido. Causa-lhe tanto prazer o nos termos reconciliado com Iliúcha... Iliúcha pediu informações a teu respeito, mas sem nada acrescentar. Seu pai ficará louco ou se enforcará. Já antes tinha jeito de maluco. Sabes? É um homem honesto, vítima dum erro. A culpa é daquele parricida que lhe bateu então.

— No entanto, Karamázov é um enigma para mim. Teria podido travar conhecimento com ele, há muito tempo, mas, em certos casos, gosto de mostrar-me orgulhoso. Além do mais, já formei sobre ele uma opinião que será preciso verificar, esclarecer.

Kólia calou-se gravemente, bem como Smúrov. Bem entendido, Smúrov respeitava Kólia Krasótkin e nem mesmo pensava em se comparar com ele. Agora estava muito intrigado, porque Kólia explicara que vinha “por si mesmo”; devia haver aí um mistério nessa decisão súbita de ir hoje à casa de Iliúcha. Seguiam pela praça do mercado, atravancada de carroças e de aves domésticas. Sob os alpendres das vendas, mulheres do povo vendiam sequilhos, linhas, etc. Em nossa cidade, esses ajuntamentos do domingo são chamados ingenuamente de feiras e há muitos deles durante o ano. Carrilhão corria com o humor mais alegre, afastava-se constantemente à direita ou à esquerda para farejar alguma coisa. Quanto a seus irmãos de espécie encontrados no caminho, farejava-os de boa vontade, segundo as regras em uso entre a gente canina.

— Gosto de observar a realidade, Smúrov — disse de súbito Kólia. — Notaste como os cães se farejam, quando se encontram? É, entre eles, uma lei geral da natureza.

— Sim, uma lei ridícula.

— Não é ridícula, não tens razão. Na natureza, nada há de ridículo, apesar do que dela pense o homem com seus preconceitos. Se os cães pudessem raciocinar e criticar, encontrariam certamente outro tanto de ridículo, se não mais, nas relações sociais das pessoas, seus donos, se não mais, repito-o, porque estou persuadido de que há bem mais tolices entre nós. É a ideia de Rakítin, uma ideia notável. Sou socialista, Smúrov.

— Que é um socialista? — perguntou Smúrov.

— É quando todos são iguais, têm uma opinião comum, não há casamentos, sendo a religião e as leis como convém a cada um. És ainda demasiado jovem para compreender essas questões. Está frio, não é mesmo?

— Sim, 12 graus. Meu pai olhou o termômetro ainda há pouco.

— Notaste, Smúrov, que, no meio do inverno, com 15 ou mesmo 18 graus, o frio parece menos vivo que agora, no começo, quando gela de repente a 12 graus e há ainda pouca neve? Isso significa que as pessoas não estão ainda acostumadas a ele. Entre elas, tudo é hábito, em tudo, mesmo em política e nos negócios do Estado. Como é engraçado aquele mujique!

Kólia mostrou um mujique, de alta estatura, metido num *tulup*, com ar bonacheirão, que, ao lado de sua carroça, se aquecia batendo as mãos uma contra a outra com as luvas. Sua barba estava coberta de geada.

— A barba do mujique está congelada! — disse Kólia em voz alta e com um ar implicante, passando ao lado dele.

— Há bem outras congeladas — replicou sentenciosamente o mujique.

— Não mexas com ele — observou Smúrov.

— Não tem importância, ele não se zangará, é um homem bom. Adeus, Matviéi.

— Adeus.

— Chamas-te Matviéi?

— Matviéi. Não o sabias?

— Não; disse-o por acaso.

— Ora vejam só! És talvez um colegial?

— Com efeito.

— Surram-te?

— Decerto.

— Com força?

— Acontece.

— A vida não é alegre — suspirou o mujique de todo o coração.

— Adeus, Matviéi.

— Adeus. És um garoto delicado.

Os rapazes continuaram seu caminho.

— É um bom mujique — disse Kólia a Smúrov. — Gosto de falar com gente do povo e sinto-me sempre contente em fazer-lhe justiça.

— Por que o fizeste crer que nos surravam? — perguntou Smúrov.

— Para causar-lhe prazer.

— Como assim?

— Sabes duma coisa, Smúrov? Não gosto que insistam, se não se compreende desde a primeira palavra. É por vezes difícil explicar. Na ideia do mujique, surra-se o colegial e deve-se fazê-lo; que é um colegial a quem não se surra? E se lhe digo que não, isso lhe causará pesar. Aliás, tu não compreendes isso. É preciso saber falar ao povo.

— Somente, nada de zombarias, rogo-te. Para que não haja outra complicação como aquela do pato.

— Tens medo?

— Evita bem isso, Kólia; deveras, tenho medo. Meu pai ficaria furioso. Proibiram-me expressamente de andar contigo.

— Não tenhas medo, dessa vez não acontecerá nada. Bom dia, Natacha — gritou ele para uma vendedora.

— Natacha coisa nenhuma! Chamo-me Mária — gritou-lhe a vendedora, uma mulher ainda jovem.

— Está bem, Mária, adeus.

— Ah, engraçadinho, não mais alto que uma bota, que intrometimento é esse?

— Não tenho tempo, conversaremos no domingo próximo — disse Kólia gesticulando, como se fosse ela que o importunasse, em vez do contrário.

— E que é que haveremos de conversar no domingo? Foste tu que mexeste comigo e não eu que mexi contigo, insolente! Mereces umas chicotadas. Bem te conhecemos, boa bisca!

Risadas espocaram entre as vendedoras vizinhas de Mária, quando, de repente, surgiu duma arcada um indivíduo excitado, com ar de caixeiro de venda, aliás estranho à nossa cidade, de cafetã de longas abas, trazendo um casquete de pala, ainda jovem, de cabelos castanhos cacheados, o rosto pálido e bexigoso. Parecia agitado sem saber por quê, e se pôs logo a ameaçar Kólia com o punho.

— Eu te conheço — vociferou ele —, eu te conheço!

Kólia encarou-o. Não se lembrava de haver brigado com aquele homem, aliás, tivera por demasiadas vezes altercações na rua para lembrar-se de todas.

— Tu me conheces? — perguntou, ironicamente.

— Conheço-te! Conheço-te — repisou o indivíduo.

— Tens muita sorte. Mas estou com pressa, adeus.

— Por que te mostras insolente? Recomeças? Eu te conheço!

— Se me mostro insolente, meu amigo, não tens nada com isso! — proferiu Kólia, parando, com os olhos sempre fixos nele.

— Como assim?

— Assim mesmo.

— Quem é então que tem? Quem é?

— Agora, camarada, o negócio é com Trifon Nikítitch e não contigo.

— Que Trifon Nikítitch? — E o rapaz, sempre acalorado, fixou Kólia com ar estúpido. Kólia olhou-o de alto a baixo, seriamente.

— Foste à Igreja da Ascensão? — perguntou, num tom imperioso.

— Que igreja? Por quê? Não, não fui lá — respondeu o rapaz desconcertado.

— Conheces Sabaniéiev? — perguntou Kólia, no mesmo tom.

— Que Sabaniéiev? Não, não o conheço.

— Então, vá para o diabo — cortou Kólia, que, dobrando à direita, afastou-se a passos rápidos, como que desdenhando falar a um simplório que nem mesmo conhecia Sabaniéiev.

— Espera, ei! Que Sabaniéiev? — reconsiderou o rapaz, de novo agitado. — De quem fala ele? — perguntou às vendedoras, olhando-as

com ar aparvalhado.

As boas mulheres puseram-se a rir.

— Não é bobo aquele garoto — disse uma delas.

— De que Sabaniéiev falava ele? — teimava em repetir o rapaz, gesticulando.

— Deve ser o Sabaniéiev que trabalha em casa dos Kuzmítchev, eis de quem se trata — conjecturou uma das mulheres.

O rapaz examinou-a com espanto.

— Kuzmítchev? — repetiu outra. — Então não é Trifon. Aquele se chama Kuzmá e não Trifon. Ora, o garoto chamou-o de Trifon Nikítitch, logo não é ele.

— Estás vendo, não é nem Trifon nem Sabaniéiev, é Tchitchov, interveio uma terceira vendedora, que havia ouvido com seriedade. Alieksiêi Ivânovitch Tchitchov.

— É mesmo Tchitchov, com efeito — confirmou uma quarta.

Todo confuso, o rapaz olhava ora uma ora outra.

— Mas por que me perguntou ele isso, por que, boa gente!? — exclamou ele, quase desesperado. — “Conheces Sabaniéiev?” Quem diabo haverá de ser esse Sabaniéiev?

— Tens a cabeça dura, estão-te dizendo que não é Sabaniéiev, mas Tchitchov, Alieksiêi Ivânovitch, compreendes? — disse gravemente uma vendedora.

— Que Tchitchov? Di-lo, já que o sabes.

— Um grandalhão, de cabelos compridos. Era visto no mercado, no verão.

— Que queres que eu faça com o teu Tchitchov, hem, alma de Deus?

— E eu é que hei de saber?

— Quem sabe lá o que queres? — insistiu outra. — Tu mesmo deves saber, já que berras! Porque era a ti que falavam e não a nós, pateta! Não o conheces deveras?

— A quem?

— Tchitchov.

— Que o diabo carregue o teu Tchitchov e a ti com ele! Vou dar-lhe uma surra, palavra! Ele zombou de mim!

— Vais surrar Tchitchov? Ou será bem o contrário? Não passas dum imbecil.

— Tchitchov não, Tchitchov não, mulher dos diabos! É o garoto que surrarei. Tragam-no, tragam-no! Ele zombou de mim!

As mulheres desataram a rir. Kólia já estava longe e caminhava com ar vencedor; Smúrov, a seu lado, voltava-se por vezes para o grupo que gritava. Ele também se divertia muito, ao mesmo tempo que receava ter se misturado a uma história com Kólia.

— De qual Sabaniéiev lhe falavas tu? — perguntou ele a Kólia, duvidando da resposta.

— Sei lá! Agora, vão-se descompor até de noite. Gosto de mistificar os imbecis em todas as classes sociais. Olha aquele mujique. Ali está outro simplório. Nota isto; dizem: “Não há pior tolo que um tolo francês”, mas uma fisionomia russa trai-se da mesma maneira. Não está escrito na testa dele que é um imbecil, aquele mujique?

— Deixa-o em paz, Kólia, sigamos nosso caminho.

— Nunca, já comecei, agora. Ei, bom dia, mujique!

Um robusto mujique, que caminhava devagar, sem dúvida meio tocado, de rosto redondo e ingênuo, a barba grisalhante, ergueu a cabeça e olhou o rapazola.

— Ora bem! Bom dia, se não estás brincando — respondeu ele, sem se apressar.

— E se eu estiver brincando? — disse Kólia, rindo.

— Então brinca, se quiseres, Deus te perdoe. Pode-se sempre brincar, não tem importância.

— Perdão, amigo, estava brincando.

— Pois bem, que Deus te perdoe!

— E tu, me perdoas?

— De todo o coração. Segue teu caminho.

— Tens ar de um mujique inteligente.

— Mais inteligente do que você — respondeu ele com a mesma seriedade.

— Duvido — disse Kólia, um tanto desconcertado.

— Digo a verdade.

— Afinal, pode bem dar-se isso.

— Sei o que digo.

— Adeus, mujique.

— Adeus.

— Há mujiques de diferentes espécies — observou Kólia, depois de uma pausa. — Poderia eu saber que iria dar com um sujeito inteligente?

Souu meio-dia no relógio da igreja. Os rapazes apressaram o passo e não falaram quase mais durante o trajeto, ainda bastante longo, até a casa do capitão Snieguiriov. A vinte passos da casa, Kólia parou, disse a Smúrov que fosse na frente e chamasse Karamázov.

— É preciso tomar informações previamente — disse-lhe.

— De que serve fazê-lo vir? — objetou Smúrov. — Vai duma vez, ficarão encantados ao ver-te. Por que quer conhecê-lo na rua, com um frio desses?

— Sei por que o faço vir aqui no frio — replicou despoticamente Kólia (o que gostava ele muito de fazer com aqueles “pequenos”), e Smúrov correu a executar suas ordens.

IV

BESOURO

Kólia, com ar importante, encostou-se à barreira, aguardando a chegada de Aliócha. Há muito tempo queria vê-lo. Tinha ouvido falar muito a seu respeito de parte de seus camaradas, mas, até o presente, testemunhava uma indiferença desdenhosa e criticava mesmo Aliócha, de acordo com o que lhe relatavam a seu respeito. Em seu foro íntimo desejava muito conhecê-lo; havia, em tudo quanto se contava de Aliócha, algo de simpático que atraía. De modo que o momento era grave; tratava-se de manter sua dignidade, de mostrar sua independência: “Senão ele me tomará por um garoto como outros. Que são para ele? Perguntar-lhe-ei, quando nos tivermos conhecido. É pena que seja eu de baixa estatura. Tuzinkov é mais moço do que eu e é uma meia cabeça mais alto. Não sou bonito, sei que meu rosto é feio, mas inteligente. Não é preciso tampouco que me expanda muito, lançando-me imediatamente em seus braços. Acreditaria ele... Ufa! Que vergonha, se acreditasse...”

Assim se agitava Kólia, que se esforçava por assumir um ar de despreendimento. Sobretudo a baixa estatura o atormentava mais ainda que a feiura. Em casa, desde o ano passado, anotara seu tamanho a lápis na parede e, de dois em dois meses, de coração a bater, media-se para ver se crescera. Ai! Crescia muito lentamente, o que lhe provocava por vezes desespero. Quanto ao rosto, não era absolutamente feio, mas, pelo contrário, bastante gentil, pálido, com sardas. Os olhos cinzentos e vivos olhavam ousadamente e brilhavam muitas vezes de emoção. Tinha as maçãs do rosto um pouco largas, lábios pequenos e mais para delgados, porém muito vermelhos; o nariz nitidamente arrebitado: “Completamente chato, completamente chato!”, murmurava, olhando-se no espelho Kólia, que se retirava sempre com indignação. “E o rosto não deve ser inteligente”, imaginava por vezes, duvidando mesmo disso. Aliás, não é preciso crer que a preocupação com o rosto e a estatura o absorvesse por completo. Pelo contrário, por mais vexatórias que fossem as estadas diante do espelho, esquecia-as em breve e por muito tempo, “consagrando-se inteiramente às ideias e à vida real”, como ele próprio definia sua atividade.

Aliócha apareceu dentro em pouco e avançou rapidamente ao encontro de Kólia; ainda a distância, notou que ele mostrava um ar radioso. “Estará realmente tão contente assim por ver-me?”, pensava Kólia com satisfação. Notemos, de passagem, que Aliócha mudara muito, desde que o deixamos; abandonara a batina e trazia agora uma sobrecasaca de bom corte, um chapéu de feltro cinzento, os cabelos curtos. Ganhara com a mudança. Parecia um belo rapaz. Seu rosto gentil irradiava sempre a alegria, mas uma alegria doce e tranquila. Kólia ficou surpreso por vê-lo sem sobretudo; saíra decerto à pressa. Estendeu a mão a Kólia.

— Ei-lo afinal, nós o esperávamos com impaciência.

— Minha demora tinha causas que o senhor saberá. Em todo caso, tenho prazer em conhecê-lo. Esperava essa ocasião, pois me falaram muito do senhor — murmurou Kólia, constrangido.

— De qualquer maneira ter-nos-íamos conhecido. Também eu ouvi falar muito a seu respeito, mas chega aqui demasiado tarde.

— Diga-me, como vão as coisas aqui?

— Iliúcha vai muito mal, morrerá certamente.

— Será possível? Convenha que a medicina é uma coisa infame, Karamázov — disse Kólia com ardor.

— Iliúcha lembrou-se de você muitas vezes, no delírio. Vê-se que ele gostava muito de você antes... até aquele incidente... com o canivete. Há outra causa... Esse cachorro lhe pertence?

— Sim, é Carrilhão.

— Não é Besouro? — Aliócha fitou tristemente os olhos de Kólia. — O outro desapareceu de verdade?

— Sei que todos estão querendo ver Besouro, contaram-me tudo — replicou Kólia, com um sorriso enigmático. — Escute, Karamázov, vou dizer-lhe tudo, foi aliás para explicar-lhe a situação que mandei chamá-lo antes de entrar — começou ele com animação. — Na primavera, Iliúcha entrou para a classe preparatória. Sabe-se o que são os alunos dessa classe: uns fedelhos, uma criançada. Puseram-se logo a implicar com ele. Estou duas classes adiante e, bem entendido, observo de longe. Vejo um rapazinho raquítico, que não se submete, bate-se mesmo contra eles; é orgulhoso, seus olhos brilham. Gosto de tais caracteres. Os outros redobram. O pior é que tinha ele então uma roupa ordinária, umas calças que subiam nas pernas, sapatos furados. Razão demais para humilhá-lo. Isso me desagradou, tomei logo a defesa dele e dei-lhes uma lição, porque bato neles e eles me adoram, sabe disso, Karamázov? — disse Kólia, com um orgulho expansivo. — Em geral, gosto dos meninos. Tenho agora, em casa, dois garotinhos a meu cargo, foram eles que me retiveram hoje. De modo que cessaram de bater em Iliúcha e tomei-o sob minha proteção. É um menino altivo, asseguro-lhe, mas acabou por me ser servilmente devotado, executou minhas menores ordens, obedeceu-me como a Deus, esforçando-se por imitar-me. Nos recreios, vinha procurar-me e íamos juntos, nos domingos também. No ginásio, zombam ao ver um grande ligar-se assim com um pequeno, mas é um preconceito. Tal é minha fantasia, e basta, não é? Instruo-o, desenvolvo-o, por que não posso desenvolvê-lo, diga, se me apraz? Porque o senhor Karamázov, se se ligou a todos esses meninos é sem dúvida porque quer influir sobre a jovem geração, desenvolvê-la, tornar-se útil, não é assim? E, confesso-o, essa feição de seu caráter, que conhecia por ouvir dizer, interessou-me ainda mais. Aliás, de fato, noto que se desenvolve naquele menino não sei que sensibilidade, sentimentalidade; ora, saiba que, desde minha infância, sou inimigo decidido das ternuras de novilha. Além do mais, ele se contradiz;

ativo e servilmente devotado — servilmente devotado e, de repente, seus olhos cintilam, não quer ficar de acordo comigo, discute, zanga-se. Expunha eu, por vezes, certas ideias; não que ele se opusesse a essas ideias, mas via que ele se revoltava contra mim pessoalmente, porque respondia eu a suas ternuras com frieza. A fim de educá-lo, mostrava-me tanto mais frio quanto se tornava ele mais terno; fazia-o de propósito, tal era minha convicção. Propunha-me formar seu caráter, nivelá-lo, fazer dele um homem... afinal, o senhor me entende decerto. De repente, vejo-o vários dias seguidos perturbado, aflito, não por causa de ternuras, mas por alguma outra coisa, mais forte, superior. “Que tragédia será essa?”, pensava eu. Apertando-o com perguntas, soube da coisa: travara ele conhecimento com o laçao do falecido pai do senhor (quando ainda vivo), Smierdiákov; ele ensinou-lhe uma brincadeira estúpida, isto é, cruel e covarde: pegar miolo de pão, nele enfiar um alfinete e atirá-lo a um mastim, um desses cães esfomeados que engolem dum trago, depois ficar vendo o que resultaria disso. Prepararam, pois, uma bolinha e atiraram-na a esse Besouro de pelos compridos de que se trata agora, um cão que ninguém alimentava e que ladrava ao vento o dia inteiro. (Gosta desse estúpido ladrido, Karamázov? Eu não posso suportá-lo.) O animal atirou-se à bolinha, engoliu-a, gemeu, depois pôs-se a girar e a correr, uivando, e desapareceu, como me contou Iliúcha. Confessava-o, chorando, agarrando-me, sacudido pelos soluços: “O cão corria e gemia”, era só o que repetia. Aquela cena havia-o abalado. Tinha remorsos. Levei a coisa a sério. Queria sobretudo ensiná-lo a viver, de acordo com sua conduta anterior, de modo que me utilizei de astúcia, confesso-o, e fingi uma indignação que não sentia talvez absolutamente. “Cometeste uma ação vil — disse-lhe —, és um miserável; não divulgarei a coisa, está entendido, mas, no momento, rompo minhas relações contigo. Vou refletir e far-te-ei saber por Smúrov (acompanhou-me hoje e é-me devotado) minha decisão definitiva.” Ele ficou consternado. Senti que havia ido um pouco longe, mas que fazer? Era minha ideia então. No dia seguinte, mandei dizer-lhe por Smúrov que não lhe falaria mais, é a expressão em uso, quando dois camaradas rompem as relações. Minha intenção secreta era tratá-lo com rigor alguns dias, depois, à vista de seu arrependimento, estender-lhe a mão. Estava firmemente decidido a isso. Mas, acredita-o?, depois de ter ouvido Smúrov, eis que seus olhos faíscam e ele exclama: “Dize a Krasótkin de minha parte que agora vou atirar a todos os cachorros bolinhas com

alfinetes, a todos, a todos!” “Ah! — pensei —, ele está ficando voluntarioso, é preciso corrigi-lo”, e me pus a testemunhar por ele perfeito desprezo, a desviar-me ou a sorrir ironicamente a cada encontro. E eis que sobreveio aquele incidente com o pai dele, o senhor se lembra?, o “esfregão de tília”. Compreende o senhor que assim estava ele pronto a exasperar-se. Vendo que eu o abandonava, os meninos puseram-se a mexer com ele cada vez mais: “Esfregão de tília, esfregão de tília!” Foi então que começaram entre eles batalhas que eu lamento enormemente, porque creio que uma vez foi ele brutalmente surrado. Aconteceu-lhe atirar-se contra os outros ao sair da aula, mantinha-me eu a dez passos e observava-o. Não me lembro de ter rido então; pelo contrário, causava-me ele grande compaixão e estava eu a ponto de lançar-me em seu socorro. Deu ele com meu olhar, ignoro o que imaginou, mas agarrou um canivete, atirou-se sobre mim e fíncou-me na coxa direita. Não fiz um movimento, sou corajoso quando preciso. Karamázov, limitei-me a fitá-lo com desprezo, como para dizer-lhe: “Não queres recomeçar, como lembrança de nossa amizade? Estou à tua disposição.” Mas não me golpeou de novo, não pôde fazê-lo, ficou com medo, atirou fora o canivete, fugiu chorando. Bem entendido, não o denunciei, ordenei a todos que se calassem, a fim de que a coisa não chegasse aos ouvidos dos professores; só falei com minha mãe depois que a ferida cicatrizou, um simples arranhão. Soube depois que, no mesmo dia, batera-se ele a pedradas e mordera o dedo do senhor. Compreende em que estado se encontrava ele? Quando caiu doente, cometi a falta de não ir perdoá-lo, isto é, de me reconciliar com ele. Lamento-o agora. Mas foi então que me veio uma ideia. Aí está toda a história... somente, creio que errei...

— Ah! Que pena — disse Aliócha, comovido — que não tenha eu conhecido as relações anteriores de você com Iliúcha; há muito tempo que teria ido rogar-lhe que me acompanhasse à casa dele. Sabe que em seu delírio febril fala de você? Ignorava quanto você lhe era querido! Será possível que você não tenha tentado reencontrar esse Besouro? O pai dela e seus camaradas procuraram-no por toda a cidade. Saiba que, doente e a chorar, repetiu três vezes diante de mim: “Foi porque matei Besouro que estou doente, papai. Foi Deus quem me puniu!” Não se pode tirar-lhe essa ideia da cabeça. E, se você tivesse trazido agora Besouro e provasse que ele está vivo, creio que a alegria o haveria de ressuscitar. Contamos todos com você.

— Diga-me, por que esperavam que fosse eu que deveria procurar Besouro? — perguntou Kólia com viva curiosidade. — Por que contavam comigo e não com outrem?

— Correu o boato de que você o procurava e o levaria. Smúrov falou a respeito. Esforçamo-nos todos em fazer crer a Iliúcha que Besouro está vivo, que o viram. Os meninos levaram-lhe um lebracho. Olhou-o com um fraco sorriso e pediu que lhe restituíssem a liberdade. Foi o que fizemos. Seu pai acaba de voltar com um molosso bem novinho. Pensava consolá-lo assim, mas creio que foi pior...

— Diga-me ainda, Karamázov, que espécie de homem é o pai dele? Conheço-o, mas que pensa dele o senhor: é um palhaço, um farsante?

— Oh, não! Há pessoas de alma sensível, mas que vivem como que esmagadas. Sua palhaçada é uma espécie de ironia malévola para com aqueles a quem não ousam a dizer a verdade na cara, em consequência da humilhação e da timidez que sentem há muito tempo. Creia, Krasótkin, que semelhante palhaçada é por vezes das mais trágicas. Agora, Iliúcha é tudo para ele, e se morrer o pai perderá a razão ou se matará. Estou quase certo disso, quando o olho!

— Compreendo-o, Karamázov, vejo que o senhor conhece o homem.

— Vendo-o com um cão, pensei que fosse Besouro.

— Espere, Karamázov, talvez tornemos a encontrar Besouro, mas este aqui é Carrilhão. Vou deixá-lo entrar e talvez cause mais prazer a Iliúcha que o molosso novinho. Espere, Karamázov, o senhor vai saber duma coisa. Ah, meu Deus, em que pensava eu!? — exclamou de repente Kólia. — O senhor está sem sobretudo num frio desses, e eu a retê-lo! Veja como sou egoísta! Somos todos egoístas, Karamázov!

— Não se inquiete, faz frio, mas não sou friorento. Vamos, pois. A propósito, qual é seu nome? Sei somente que se chama Kólia.

— Nikolai, Nikolai Ivânovitch Krasótkin, ou, como se diz administrativamente, Krasótkin filho. — Kólia sorriu, mas acrescentou:

— Naturalmente, detesto meu nome de Nikolai.

— Por quê?

— É tão vulgar.

— Tem 13 anos? — perguntou Aliócha.

— Catorze dentro de 15 dias. Devo confessar-lhe uma fraqueza, Karamázov, como entrada em matéria, para que o senhor veja de relance

toda a minha natureza. Detesto que me perguntem a idade... enfim... caluniam-me dizendo que estive brincando de bandido com os alunos da preparatória, na semana passada. É verdade que brinquei, mas pretender que brinquei para me divertir eu mesmo, para meu próprio prazer, é uma verdadeira calúnia. Tenho razões para crer que o senhor está informado disso; ora, não brinquei por mim, mas por causa dos garotos. Porque nada sabiam imaginar sem mim. E, entre nós, contam-se sempre bobagens. É a cidade dos mexericos, posso afirmar-lhe.

— E ainda mesmo que tivesse você brincado por prazer próprio, que teria isso demais?

— Ah! Para me divertir... Mas o senhor brincaria de cavalinho?

— Você deve dizer a si mesmo isto — disse, sorrindo, Aliócha. — Os adultos, por exemplo, vão ao teatro, onde representam também as aventuras de diversos heróis, por vezes também cenas de banditismo e de guerra; ora, não é isso a mesma coisa, no seu gênero, bem entendido? E quando os jovens brincam de guerra, durante o recreio, ou de bandido, é também a arte nascente, uma necessidade artística que se desenvolve nas almas jovens, e, por vezes, esses brinquedos são mais perfeitos que as representações teatrais; a única diferença é que se vai ao teatro ver os atores, ao passo que a mocidade desempenha ela própria o papel de atores. Mas é tudo natural.

— Acredita-o? Está certo disso? — perguntou Kólia, fixando-o. — O senhor exprimiu uma ideia bastante curiosa; vou meditá-la, uma vez de volta para casa. Sabia bem que se pode aprender alguma coisa com o senhor. Vim instruir-me em sua companhia, Karamázov — disse Kólia, expansivamente.

— E eu na sua.

Aliócha sorriu, apertou-lhe a mão. Kólia estava encantado com Aliócha. O que o impressionava era encontrar-se num pé de igualdade perfeita com ele, que lhe falava como a um adulto.

— Vim mostrar-lhe um número, Karamázov, uma representação teatral também — disse ele com um riso nervoso. — Foi por isso que vim.

— Então, primeiro à esquerda, à casa do proprietário. Seus camaradas deixaram lá seus sobretudos, porque no quarto está-se muito apertado e faz calor.

— Oh! Não ficarei muito tempo, conservarei meu sobretudo. Carrilhão me esperará no vestíbulo. “Aqui, Carrilhão, deita-te e morre!” Está vendo! Ele está morto. Entrarei primeiro para ver o que se está passando, depois, quando chegar o momento, assobiarei para ele: “Aqui, Carrilhão!” O senhor vê-lo-á precipitar-se. Somente é preciso que Smúrov não se esqueça de abrir a porta nesse momento. Darei minhas instruções e o senhor verá um número...

V

À CABECEIRA DE ILIÚCHA

No quarto ocupado pela família do capitão reformado Snieguiriov, que já conhecemos, estava-se apertado e abafava-se, em vista do número de visitantes. Se bem que os meninos que ali se encontravam estivessem prontos, como Smúrov, a negar que Aliócha os tivesse reconciliado com Iliúcha e levado à casa dele, era assim mesmo. Toda a sua habilidade consistira em levá-los um após outro, sem ternuras de novilha e como que por acaso. Isso levara grande alívio aos sofrimentos de Iliúcha. A amizade quase terna e o interesse que lhe testemunhavam seus antigos inimigos muito o comoveram. Só faltava Krasótkin, e sua ausência era de todas a mais penosa. Nas tristes recordações de Iliúcha, o episódio mais amargo fora o incidente com Krasótkin, seu único amigo e seu defensor, contra o qual se lançara naquela ocasião com um canivete. Era o que pensava o jovem Smúrov, rapaz inteligente (que fora o primeiro a reconciliar-se com Iliúcha). Mas Krasótkin, sondado vagamente por Smúrov a respeito da visita de Aliócha para um negócio, cortara rente, mandando responder a Karamázov que sabia o que tinha de fazer, que não pedia conselho a ninguém e que se fosse visitar o doente seria ideia sua, tendo já um plano. Isso se passara duas semanas antes daquele domingo. Eis por que Aliócha não fora ele próprio a seu encontro, como era intenção sua. Aliás, enquanto esperava, mandara Smúrov duas vezes à casa de Krasótkin. Mas, de cada vez, ele recusara secamente, mandando dizer a Aliócha que, se ele fosse procurá-lo, ele próprio não iria jamais à casa de Iliúcha, e rogava que o deixasse em paz. Até o derradeiro dia, o próprio Smúrov ignorava que

Kólia tivesse decidido ir à casa de Iliúcha, e, na véspera à noite, somente, ao despedir-se dele, Kólia lhe dissera bruscamente que o esperasse em casa no dia seguinte de manhã, porque o acompanharia à casa dos Snieguiriovi, mas que evitasse falar a quem quer que fosse dessa visita, porque queria chegar de surpresa. Smúrov obedeceu. Gabava-se de que Krasótkin levaria Besouro desaparecido, de acordo com certas expressões feitas por ele incidentemente de que “eram todos uns asnos pelo fato de não poderem encontrar aquele cachorro, se ainda estivesse vivo”. Quando Smúrov lhe dera parte timidamente de suas conjeturas a respeito do cachorro, Krasótkin ficara rubro de raiva: “Serei bastante estúpido para procurar cachorros forasteiros pela cidade, quando tenho Carrilhão? Pode-se esperar que tal animal tenha ficado vivo depois de ter engolido um alfinete? São ternuras de novilha, eis tudo!”

Entretanto, Iliúcha, fazia duas semanas, quase não deixara seu pequeno leito, a um canto, perto das santas imagens. Não ia mais à escola desde o dia em que mordera o dedo de Aliócha. Sua doença datava de então; portanto, durante ainda um mês, pôde ele por vezes levantar-se, para andar pelo quarto e pelo vestibulo. Por fim, suas forças abandonaram-no completamente e não podia mover-se sem a ajuda do pai. Este temia por Iliúcha, deixou mesmo de beber; o temor de perder o filho tornava-o quase louco e, muitas vezes, sobretudo depois de tê-lo sustentado através do quarto e tornado a deitar, fugia para o vestibulo. Ali, num canto escuro, com a testa contra a parede, abafava convulsivamente os soluços, para que o doentinho não os ouvisse. De volta ao quarto, punha-se comumente a divertir e consolar o querido filho, contava-lhe histórias, anedotas cômicas, ou imitava pessoas engraçadas que tinha encontrado, imitava mesmo os gritos dos animais. Mas as caretas e as palhaçadas do pai desagradavam bastante a Iliúcha. Muito embora se esforçasse por dissimular seu mal-estar, sentia, de coração cerrado, que o pai era humilhado em público e a lembrança do “esfregão de tília” e daquele horrível dia perseguia-o sem cessar. A irmã doente de Iliúcha, a doce Nínotchka, não gostava tampouco das caretas do pai (Varvara Nikolaievna partira fazia tempo para fazer cursos em Petersburgo); em compensação, a mamãe, fraca de espírito, divertia-se bastante, ria de todo o coração, quando seu esposo representava alguma coisa ou fazia gestos cômicos. Era sua única consolação, pois no resto do tempo queixava-se, chorando, de que todos a esqueciam, de que não a tratavam com atenção, etc. Mas, nos

derradeiros dias, também ela pareceu mudar. Olhava muitas vezes Iliúcha em seu canto e punha-se a pensar. Tornou-se mais silenciosa, acalmou-se, chorava por vezes, mas mansamente, para que não a ouvissem. O capitão notava aquela mudança com dolorosa perplexidade. As visitas dos meninos desagradavam-lhe a princípio, só faziam irritá-la, mas, pouco a pouco, os gritos alegres dos garotos e as histórias que contavam divertiram-na também e acabaram por agradar-lhe a ponto de ficar terrivelmente aborrecida quando não estavam eles presentes. Batia palmas, ria, vendo-os brincar, chamava alguns dentre eles para beijá-los. Gostava particularmente do jovem Smúrov. Quanto ao capitão, as visitas dos meninos que vinham distrair Iliúcha enchiam-no de alegria e mesmo de esperança de que o pequeno cessaria agora de atormentar-se, restabelecer-se-ia talvez mais depressa. Malgrado sua inquietude, ficou persuadido até os derradeiros dias de que o filho ia recuperar a saúde. Acolhia os jovens visitantes com respeito, pondo-se a serviço deles, pronto a carregá-los às costas, e começou mesmo a fazê-lo, mas essas brincadeiras desagradaram a Iliúcha e foram abandonadas. Comprava para ele gulodices, bolinhos, nozes, oferecia-lhes chá com torradas. É preciso notar que não lhe faltava dinheiro. Aceitara os duzentos rublos de Katierina Ivânovna, exatamente como Aliócha o previra. Em seguida, a moça, informada mais exatamente da situação deles e da doença de Iliúcha, fora visitá-los, travara conhecimento com toda a família e encontrara mesmo a pobre demente. Desde então sua generosidade não se retardara, e o capitão, tremendo à ideia de perder o filho, esquecera a antiga altivez e recebia humildemente a caridade. Durante todo esse tempo, o doutor Herzenstube, mandado por Katierina Ivânovna, visitara regularmente o doente de dois em dois dias, mas isso não servia de grande coisa, muito embora o enchesse de remédios. Naquele mesmo domingo, esperava o capitão novo médico chegado de Moscou, onde passava por ser uma celebridade. Katierina Ivânovna mandara chamá-lo, com grandes despesas, com um fim do qual se tratará mais tarde, e, na mesma ocasião, pediu-lhe para que visitasse Iliúcha, do que fora prevenido o capitão. Não imaginava ele absolutamente que Kólia Krasótkin iria chegar, se bem que desejasse há muito tempo a visita desse rapaz, a respeito do qual Iliúcha tanto se atormentava. Quando ele entrou, todos se aglomeravam em torno do leito do doente e examinavam um molosso pequenino, nascido na véspera, que o capitão encomendara havia uma semana para distrair e consolar Iliúcha, sempre

pesaroso com o desaparecimento de Besouro, que devia ter morrido. Iliúcha sabia, havia três dias, que lhe fariam presente dum cãozinho, um verdadeiro molosso (o que era bastante importante) e, embora por delicadeza se mostrasse encantado, seu pai e seus camaradas viam bem: aquele novo cão só fazia despertar em seu coração as lembranças do desgraçado Besouro, que ele fizera sofrer. O animalzinho mexia-se ao lado dele; com um fraco sorriso, acariciava-o com sua mão diáfana; via-se que o cão lhe agradava, mas... não era Besouro! Se tivesse os dois juntos, nada teria faltado a sua felicidade!

— Krasótkin! — gritou um dos meninos, que fora o primeiro a ver Kólia entrar. Houve certa emoção, os meninos se afastaram dos dois lados do leito, descobrindo assim Iliúcha. O capitão precipitou-se ao encontro de Kólia.

— Seja bem-vindo, caro visitante! Iliúcha, o senhor Krasótkin veio ver-te...

Tendo-lhe estendido a mão, Krasótkin mostrou logo sua boa educação. Voltou-se, primeiro, para a esposa do capitão, sentada na poltrona (estava ela justamente bastante descontente e resmungava porque os meninos lhe ocultavam o leito de Iliúcha e impediam-na de olhar o cão), e fez-lhe uma reverência cortês, depois, dirigindo-se a Nínotchka, cumprimentou-a da mesma maneira. Essa conduta impressionou favoravelmente a doente.

— Reconhece-se logo um jovem bem-educado — disse ela, abrindo os braços. — Não é como aqueles ali; entram um por cima do outro.

— Como assim, mamãe, um por cima do outro? Que quer a senhora dizer? — balbuciou o capitão um tanto inquieto.

— Entram assim mesmo. No vestíbulo, um monta a cavalo nos ombros do outro e assim se apresentam em casa de uma família decente. Com que é que isso se parece?

— Mas quem então, mamãe, quem entrou assim?

— Ali está um que carregava o outro e ainda aqueles dois ali...

Mas Kólia já estava à cabeceira de Iliúcha. O doente empalidecera. Ergueu-se, encarando fixamente Kólia. Ele, que havia dois meses não via o amiguinho, parou consternado; não esperava encontrar um rosto tão amarelo e emagrecido, olhos ardentes de febre e como que desmesuradamente aumentados, mãos tão descarnadas. Com dolorosa

surpresa, via que Iliúcha respirava penosa e precipitadamente, os lábios ressequidos. Aproximou-se, estendeu-lhe a mão e disse, embaraçado:

— Como é, meu velho... como vai isso?

Mas sua voz estrangulou-se, seu rosto contraiu-se, teve um ligeiro tremor perto dos lábios, Iliúcha sorria-lhe tristemente, ainda incapaz de pronunciar uma palavra. Kólia passou-lhe de repente a mão pelos cabelos.

— Não vai mal! — respondeu ele, maquinalmente. Calaram-se um instante.

— Então, tens um novo cão? — perguntou Kólia, num tom indiferente.

— Si...im — disse Iliúcha, que ofegava.

— Ele tem o focinho preto, vai ser mau — disse Kólia, num tom grave, como se não houvesse nada de mais importante. Sobretudo esforçava-se por dominar a emoção, para não chorar como um petiz, mas não o conseguia. — Quando ele crescer, será preciso pô-lo na corrente, tenho certeza.

— Ficaré enorme! — exclamou um dos meninos.

— É coisa sabida, um molosso é enorme, do tamanho dum bezerro.

— Do tamanho dum bezerro, dum verdadeiro bezerro — interveio o capitão. — Procurei de propósito um assim, o mais feroz, seus pais também são enormes e ferozes... Sente-se, no leito de Iliúcha, ou então em cima do banco. Seja bem-vindo, caro visitante, esperado há tanto tempo. Veio com Alieksiêi Fiódorovitch?

Krasótkin sentou-se no leito, aos pés de Iliúcha. Tinha talvez preparado no caminho uma forma de puxar assunto, mas agora perdia o fio do mesmo.

— Não... Estou com Carrilhão... Tenho um cão assim, agora, Carrilhão. Está esperando lá embaixo... eu assobio e ele vem correndo. Tenho também um cão. — Voltou-se para Iliúcha. — Lembras-te, meu velho, de Besouro? — perguntou à queima-roupa.

O rostinho de Iliúcha contraiu-se. Olhou Kólia cheio de dor. Aliócha, que se conservava perto da porta, franziu o cenho, fez sinal às ocultas a Kólia para não falar de Besouro, mas Kólia não o notou ou não quis notá-lo.

— Onde está então... Besouro? — perguntou Iliúcha com uma voz partida.

— Ah, irmão, teu Besouro desapareceu!

Iliúcha calou-se, mas olhou de novo Kólia fixamente. Aliócha, que havia encontrado o olhar de Kólia, fez-lhe novo sinal, mas de novo desviou ele a vista, fingindo não ter compreendido.

— Fugiu sem deixar rasto. Podia-se esperar isso mesmo, depois daquela bolinha — disse o impiedoso Kólia, que, entretanto, parecia ele próprio ofegante. — Em troca, tenho Carrilhão... Trouxe-o para ti...

— É inútil! — exclamou Iliúcha.

— Não, não, pelo contrário, é preciso que o vejas... Isso te distrairá. Trouxe-o de propósito... um animal de pelos compridos, como o outro... A senhora permite que chame meu cachorro? — perguntou ele à senhora Snieguirova, com uma agitação incompreensível.

— Não é preciso, não é preciso! — gritou Iliúcha, com uma voz dilacerante. A censura brilhava em seus olhos.

— O senhor deveria ter... — o capitão levantou-se precipitadamente de cima da arca onde estava sentado, perto da parede. — O senhor deveria ter... esperado...

Mas Kólia, inflexível, gritou para Smúrov: “Smúrov, abre a porta!” Assim que ela foi aberta, lançou ele um assobio. Carrilhão precipitou-se para dentro do quarto.

— Salta, Carrilhão, banca o elegante, banca o elegante! — vociferou Kólia. — O cão, erguendo-se nas patas traseiras, manteve-se diante do leito de Iliúcha. Algo de inesperado se passou. Iliúcha estremeceu, inclinou-se com esforço para Carrilhão e examinou-o, desfalecendo.

— É... Besouro! — exclamou ele, com uma voz partida pelo sofrimento e pela felicidade.

— Quem pensavas que era? — gritou com todas as forças Krasótkin, radiante. Passou os braços em redor do cão e levantou-o.

— Olha, meu velho, vê, um olho cego, a orelha esquerda cortada, os próprios sinais que me tinhas indicado. Procurei-o de acordo com eles. Não demorou muito. Não pertencia, com efeito, a ninguém! A ninguém! Refugiara-se em casa dos Fiedótovi, no quintal, mas não lhe davam comida, é um cão vadio, que fugiu duma aldeia... Vês, meu velho, não deve ter engolido a tua bolinha! Senão estaria morto, decerto! Portanto, pôde cuspi-la de novo, uma vez que está vivo. Tu não o havias notado. No entanto, picou a língua, por isso gemia. Corria gemendo, acreditaste que

ele havia engolido a bolinha. Deve ter-lhe doído muito, porque os cães têm a pele bastante sensível na boca... bem mais sensível que o homem!

Kólia falava muito alto, com ar acalorado e radiante. Iliúcha nada podia dizer. Olhava para Kólia com seus grandes olhos escancarados e tornara-se branco como linho. Se Kólia, que de nada desconfiava, tivesse sabido o mal que podia causar ao doentinho uma tal surpresa, jamais se teria decidido a preparar tal golpe teatral. Mas, no quarto, era talvez Aliócha o único a compreender. Quanto ao capitão, dir-se-ia um menino.

— Besouro! Então é Besouro? — gritava ele cheio de felicidade. — Iliúcha, é Besouro, o teu Besouro! Mamãe, é Besouro! — Chorava quase.

— E eu que não adivinhei! — disse tristemente Smúrov. — Bem dizia que Krasótkin encontraria Besouro. Manteve sua palavra.

— Manteve a palavra! — disse uma voz alegre.

— Bravo, Krasótkin! — disse um terceiro.

— Bravo, Krasótkin! — exclamaram todos os meninos que se puseram a aplaudir.

— Esperem, esperem! — Krasótkin esforçava-se por dominar o tumulto. — Vou contar-lhes como foi. Procurei-o e levei-o para casa e mantive-o oculto a todos os olhares até o derradeiro dia. Somente Smúrov o soube, há duas semanas, mas assegurei-lhe que era Carrilhão, e ele não desconfiou de nada. No intervalo, treinei Besouro. Vocês vão ver as habilidades que ele sabe! Treinei-o, meu velho, para trazer-te já treinado. Não têm aí um pedaço de cozido? Ele fará um número de matar de rir. Têm mesmo?

O capitão correu à casa dos proprietários, onde se preparava a refeição da família. Kólia, para não perder um tempo precioso, gritou logo a Carrilhão: “Faze-te de morto!” Carrilhão pôs-se a girar, deitou-se de costas, imobilizou-se, com as quatro patas no ar. Os rapazes riam, Iliúcha olhava com o mesmo sorriso doloroso, mas a mais contente era a “mamãe”. Desatou a rir à vista do cão e se pôs a estalar os dedos, chamando:

— Carrilhão! Carrilhão!

— Por coisa alguma do mundo ele se levantará — disse Kólia, com ar triunfante e com justo orgulho —, ainda mesmo que todos o chamassem, mas à minha voz por-se-á de pé. Aqui, Carrilhão!

O cão se levantou, pôs-se a saltitar com latidos de alegria. O capitão chegou com um pedaço de cozido.

— Não está quente? — informou-se logo Kólia, com ar entendido. — Não, está bem, porque os cães não gostam das coisas quentes. Olhem todos, Iliúcha, olha então, meu velho, em que pensas? Trouxe-o para ele, e ele não olha!

A nova habilidade consistia em pôr um belo pedaço de carne sobre o focinho estendido do cão imóvel. O infeliz animal devia mantê-lo tanto tempo quanto aprouvesse ao dono, fosse mesmo uma meia hora. A prova de Carrilhão só durou um curto minuto.

— Engole! — gritou Kólia. E, num piscar de olhos, o pedaço passou do focinho de Carrilhão para a goela. O público, é claro, exprimiu viva admiração.

— Será possível que tenha você tardado tanto, unicamente para amestrar o cachorro!? — exclamou Aliócha, num tom involuntário de censura.

— Isso mesmo! — exclamou Kólia, com ingenuidade. — Queria mostrá-lo em todo o seu brilho.

— Carrilhão! Carrilhão! — E Iliúcha estalou os dedos magros, para atrair o cão.

— Para que isso? Manda-o logo subir à tua cama. Aqui, Carrilhão!

Kólia bateu sobre a cama e Carrilhão atirou-se como uma flecha para Iliúcha, que lhe pegou a cabeça com as duas mãos, em troca do que Carrilhão lambeu-lhe logo a face. Iliúcha estreitou-o contra si, estendeu-se no leito e ocultou o rosto no pelo espesso do animal.

— Meu Deus, meu Deus! — exclamou o capitão. Kólia sentou-se de novo no leito de Iliúcha.

— Iliúcha, posso mostrar-te ainda uma outra coisa. Trouxe-te um canhãozinho. Lembras-te? Falei-te então e tu disseste: “Ah! como gostaria de vê-lo!” Pois bem, trouxe-o.

E Kólia tirou à pressa de sua sacola o canhãozinho de bronze. Apressava-se porque se sentia ele próprio muito feliz. Em outra ocasião, teria esperado que o efeito produzido por Carrilhão tivesse passado, mas agora apressava-se, desprezando qualquer comedimento: “Você já está feliz, pois bem, tome mais felicidade!” Ele próprio estava encantado.

— Há muito tempo que eu namorava isso em casa do funcionário Morózov, para ti, meu velho, para ti. Ele não se servia disso, vinha-lhe do irmão. Troquei-o por um livro da biblioteca de papai: *O parente de Maomé* ou *A tolice salutar*. É uma obra libertina de cem anos atrás, quando não existia ainda censura em Moscou. Morózov é amante dessas coisas. Chegou mesmo a agradecer-me... — Kólia segurava o canhão, de modo que todos pudessem vê-lo e admirá-lo. Iliúcha soergueu-se e, continuando a apertar Carrilhão com a mão direita, contemplava deliciado o brinquedo. O efeito atingiu o cúmulo, quando Kólia declarou que tinha também pólvora e que se podia atirar, “se isso todavia não incomodar as senhoras!”. Mamãe pediu para ver o brinquedo de mais perto, o que foi logo feito. O canhãozinho de bronze, munido de rodas, agradou-lhe de tal modo que ela se pôs a fazê-lo rodar sobre os joelhos. Ao lhe pedirem permissão para atirar, consentiu imediatamente, sem compreender, aliás, do que se tratava. Kólia mostrou a pólvora e o chumbo. O capitão, na qualidade de antigo militar, preparou a carga, derramou um pouco de pólvora, rogando que se reservasse o chumbo para outra vez. Puseram o canhão no soalho, com a boca voltada para um espaço livre, introduziram-se no ouvido alguns grãos de pólvora e acenderam-na com um fósforo. O tiro partiu muito bem. A mamãe estremeceu, mas se pôs logo a rir. Os meninos olhavam, num silêncio solene, o capitão sobretudo exultava, contemplando Iliúcha. Kólia pegou o canhão e fez dele presente imediatamente a Iliúcha, com a pólvora e o chumbo.

— É para ti, para ti! Preparei-o faz tempo — repetiu ele, no cúmulo da felicidade.

— Ah! Dê-me, dê o canhãozinho antes a mim — pediu de repente a mamãe, como uma criança. Estava com ar inquieto, recebendo uma recusa. Kólia ficou perturbado. O capitão agitou-se.

— *Mátuchka, mátuchka!*... o canhão é teu, mas Iliúcha guardá-lo-á porque foi dado a ele; é a mesma coisa. Iliúcha deixará sempre que brinques com ele, será dos dois...

— Não, não quero que ele seja de nós dois, mas só meu e não de Iliúcha — continuou a mamãe, prestes a chorar.

— Mamãe, tome-o, ei-lo aqui, tome-o! — gritou Iliúcha. — Krasótkin, posso dá-lo à mamãe? — Voltou-se com ar suplicante para Krasótkin, como se temesse ofendê-lo, dando seu presente a outrem.

— Mas decerto! — consentiu logo Krasótkin, que tomou o canhão das mãos de Iliúcha e entregou-o ele próprio à mamãe, inclinando-se com uma reverência cortês. Ela chorou de enternecimento.

— Esse querido Iliúcha! Gosta bem de sua mamãe! — exclamou ela, comovida e se pôs de novo a fazer o canhão rodar sobre os joelhos.

— *Mámienhka*, vou beijar-te a mão — disse seu marido, passando logo das palavras aos atos.

— O jovem mais gentil é esse bom rapaz — disse a dama, reconhecida, designando Krasótkin.

— Quanto à pólvora, Iliúcha, trar-te-ei tanta quanta queiras. Nós mesmos a fabricamos agora. Boróvikov aprendeu a composição: 24 partes de salitre, dez de enxofre, seis de carvão de bétula; pila-se tudo junto, junta-se água para fazer uma pasta, coa-se através duma pele de asno e obtém-se pólvora.

— Smúrov já me falou da pólvora de vocês, mas papai diz que não é a verdadeira pólvora — observou Iliúcha.

— Como não a verdadeira? — Kólia corou. — Ela incendeia. Aliás, não sei...

— Não é nada — disse o capitão contrafeito. — Disse mesmo que a pólvora verdadeira tem outra composição, mas pode-se também fabricá-la dessa forma.

— O senhor sabe melhor do que eu. Pusemos fogo à nossa pólvora num pote de pomada, de pedra. Queimou bem, só ficou um pouco de fuligem. E era apenas a pasta, ao passo que se é coada através de uma pele... Aliás, o senhor conhece isso melhor do que eu... O pai de Búlkin deu-lhe uma surra por causa de nossa pólvora, sabes disso? — perguntou Kólia a Iliúcha.

— Ouvi dizê-lo — respondeu Iliúcha. Não se cansava de escutar Kólia.

— Tínhamos preparado uma garrafa de pólvora. Ele a guardava debaixo da cama. Seu pai viu-a. Ela pode explodir, disse ele, e deu-lhe ali mesmo uma surra. Queria queixar-se de mim no ginásio. Agora, proibição de andarem comigo foi feita a ele, a Smúrov, a todos. Minha reputação está feita: dizem que sou maluco. — Kólia mostrou um sorriso de desprezo. — Começou isso desde o caso da estrada de ferro.

— Sua proeza chegou a nosso conhecimento! — exclamou o capitão. — Será verdade que o senhor não sentiu medo nenhum, quando o trem lhe

passava por cima? Era aterrorizador?

O capitão esforçava-se por lisonjear Kólia.

— Não, particularmente! — disse ele, num tom displicente. — Foi sobretudo aquele pato que forjou minha reputação — e voltou-se de novo para Iliúcha. Mas se bem que afetasse, ao falar, um jeito desprendido, não estava senhor de si e não acertava o tom.

— Ah, também ouvi falar do pato! — disse Iliúcha, rindo. — Contaram-me, mas não compreendi. É mesmo verdade que compareceste ao tribunal?

— Uma travessura, uma bagatela, da qual fizeram uma montanha, como é de costume entre nós — começou Kólia, com desenvoltura. — Caminhava eu pela praça, quando trouxeram patos para ali. Parei para olhá-los. Um tal Vichniakov, que é agora moço de recados na casa dos Plótnikovi, olha para mim e diz: “Por que olhas tanto para os patos?” Examino-o: o rosto redondo e estúpido, uns vinte anos; eu, fiquem sabendo, nunca desdenho o povo. Gosto de frequentá-lo. Ficamos para trás em relação ao povo — é um axioma. O senhor ri, creio, Karamázov?

— Não, Deus me livre, sou todo ouvidos — respondeu Aliócha, com ar mais ingênuo.

O desconfiado Kólia retomou logo coragem.

— Minha teoria, Karamázov, é clara e simples: creio no povo e sinto-me sempre feliz em fazer-lhe justiça, mas sem mimá-lo, é *sine qua*... Mas falava de um pato... Respondo àquele bobo: — “É que estava perguntando a mim mesmo em que pensa o pato.” Ele me fita, com um ar totalmente estúpido: — “Em que pensa ele?” — “Estás vendo aquela *tieliaga* carregada de aveia? A aveia escapa-se do saco, e o pato estende o pescoço até debaixo da roda para bicá-la, estás vendo?” — “Estou vendo, sim.” — “Pois bem, digo eu, se se fizer avançar um pouquinho aquela *tieliaga*, a roda cortará o pescoço do pato, sim ou não?” — “Decerto que cortará”, e ele abre-se num largo sorriso. — “Pois bem, meu rapaz, digo eu, vamos a isso.” — “Vamos a isso”, repete ele. Logo foi feito; colocou-se junto da brida disfarçadamente e eu ao lado para dirigir o pato. O mujique naquele momento olhava para outro lado, conversando com alguém e não tive de intervir; o próprio pato estendeu o pescoço para bicar, por baixo da *tieliaga*, no caminho da roda. Fiz sinal ao rapaz, ele puxou a brida e, zás!, lá se foi o pescoço do pato! Por desgraça, os mujiques nos viram naquele

momento e berraram: — “Tu fizeste de propósito!” — “Não foi, não!” — “Foi, sim!”, e gritaram: — “Ao juiz de paz!”, e levaram-me também: — “Tu também estavas lá. Estavas combinado com ele, todo o mercado te conhece!” Com efeito, sou conhecido de todo o mercado, acrescentou Kólia com orgulho. — Fomos todos à casa do juiz de paz, não tendo sido esquecido o pato. E eis o meu rapaz, apavorado, que se põe a chorar, chorava como uma mulher. O condutor gritava: — “Dessa maneira, pode-se matar quantos patos se quiser!” As testemunhas seguiam, naturalmente. O juiz de paz logo sentenciou: um rublo de indenização ao cocheiro, mas podia ficar com o pato. Não deveria permitir-se fazer semelhantes brincadeiras no futuro. O rapaz não cessava de gemer: — “Não fui eu, foi ele que me ensinou!” Respondi com grande sangue-frio que não lhe ensinara, mas somente exprimira a ideia principal, não se tratava senão de um projeto. O juiz Niefiedov sorriu, mas arrependeu-se logo de haver sorrido: “Vou enviar uma comunicação a seu diretor”, disse-me ele, “para que doravante não amadureça você mais tais projetos, em lugar de estudar e de aprender suas lições.” Não fez nada disso, mas o caso espalhou-se e chegou, com efeito, às orelhas da diretoria: sabe-se como são elas compridas! O professor Kolbásnikov ficou mais que qualquer outro exaltado, mas Dardaniélov tomou de novo minha defesa. E Kolbásnikov está agora zangado com nós todos, como um burro velho. Ouviste dizer, Iliúcha, que ele se casou, recebendo mil rublos de dote dos Mikháilovi? A noiva é um verdadeiro espantalho. Os alunos da terceira classe logo compuseram um epigrama. É engraçado, vou trazê-lo para ti depois. Nada tenho a dizer de Dardaniélov: é um homem de sólidos conhecimentos. Respeito as pessoas como ele e não é porque ele me defendeu...

— No entanto, tu lhe passaste a perna a respeito da fundação de Troia! — observou Smúrov, todo orgulhoso de Krasótkin. A história do pato agradara-lhe bastante.

— Mas deu-se mesmo isso? — interveio servilmente o capitão. — Trata-se da fundação de Troia? — Ouvimos falar disso. Iliúcha tinha-me contado...

— Ele sabe tudo, papai, é o mais instruído de nós todos! — disse Iliúcha. — Finge que não, mas é o primeiro em todas as matérias...

Iliúcha contemplava Kólia com uma felicidade infinita.

— É uma bagatela, considero eu mesmo essa questão como fútil — replicou Kólia com um orgulho modesto. Conseguira desinibir-se, se bem

que estivesse um tanto perturbado; sentia que havia contado a história do pato com demasiado ardor, ao passo que Aliócha calara-se durante todo o relato e ficara sério; seu amor-próprio inquieto perguntava a si mesmo, pouco a pouco: “Será que se cala porque me despreza, crendo que procuro seus elogios? Se ele se permite acreditar isto, eu...” — Essa questão é para mim das mais fúteis — cortou ele, orgulhosamente.

— Eu sei quem fundou Troia — disse de repente um menino que não havia dito grande coisa até então, de ar tímido e silencioso, rosto delicado, de 11 anos, chamado Kartachov. Mantinha-se perto da porta. Kólia olhou-o com surpresa. Com efeito, a fundação de Troia tornara-se em todas as classes um segredo que só se podia desvendar lendo Smarágdov, e somente Kólia o possuía. Um dia, o jovem Kartachov aproveitou dum momento de distração de Kólia e abriu furtivamente um volume de Smarágdov, que se encontrava entre os livros dele e deu diretamente na passagem em que se tratava dos fundadores de Troia. Havia já muito tempo que isso se dera, mas acanhava-se ele de revelar publicamente que também conhecia o segredo, temendo ser perturbado por outra pergunta de Kólia. Agora, não pudera impedir-se de falar, como o desejava desde muito tempo.

— Pois bem, quem foi? — E Kólia voltou-se arrogantemente para o lado dele, vendo por seu ar que Kartachov sabia-o deveras e estava pronto para todas as consequências. Sentiu um frio.

— Troia foi fundada por Teucro, Dárdano, Ilo e Trós — recitou o menino, corando como uma peônia, a ponto de causar dó ver. Seus colegas fixaram-no por um minuto, depois seus olhares voltaram-se para Kólia. Ele continuava a mirar de alto a baixo o audacioso, com um sangue-frio desdenhoso.

— Pois bem! Como se arranjam eles? — dignou-se por fim proferir. — E que significa em geral fundar uma cidade ou um Estado? Será que eles foram colocar os tijolos, hem?

Riram. O temerário de rosado tornou-se purpúreo. Calou-se, prestes a chorar. Kólia manteve-o assim um minuto.

— Para interpretar acontecimentos históricos, tais como a fundação duma nacionalidade, é preciso, em primeiro lugar, compreender o que isso significa — disse num tom doutoral. — Aliás, não atribuo importância a todos esses contos de comadres; em geral, não tenho grande apreço pela história universal — acrescentou, displicentemente.

— Pela história universal? — perguntou o capitão, assustado.

— Sim. É o estudo das tolices da humanidade e nada mais. Só gosto das matemáticas e das ciências naturais — disse Kólia, num tom pretensioso, olhando a furtivamente para Aliócha; só receava a opinião dele. Mas Aliócha permanecia grave e silencioso. Se tivesse falado então, as coisas ficariam como estavam; mas calava-se e seu silêncio podia ser desdenhoso, o que irritou completamente Kólia.

— Outra vez, vêm-nos com as línguas clássicas. Loucura e nada mais... O senhor parece não concordar comigo, Karamázov?

— Não — disse Aliócha, retendo um sorriso.

— As línguas clássicas, se quer minha opinião, são uma medida policial, eis sua única razão de ser — e pouco a pouco Kólia recomeçou a ofegar. — Instituíram-nas porque são enfadonhas e embrutecem. Como fazer para agravar o aborrecimento e a tolice que reinavam? Imaginou-se o estudo das línguas clássicas. Eis minha opinião e espero jamais mudá-la. — Corou... ligeiramente.

— É verdade — aprovou em tom convencido Smúrov, que escutara com atenção.

— Ele é o primeiro em latim — notou um dos meninos.

— Sim, papai, ele fala assim, mas é o primeiro da classe em latim — confirmou Iliúcha.

— Pois bem! E o que tem isso? — Kólia achou necessário defender-se, se bem que o elogio lhe fosse bastante agradável. — Aborreço-me com o latim porque é preciso, porque prometi à mamãe acabar meus estudos e, em minha opinião, quando se empreende uma coisa, deve-se fazê-la como é preciso, mas em meu foro íntimo desprezo profundamente o classicismo e toda essa baixeza... Não está de acordo, Karamázov?

— Por que uma baixeza? — sorriu de novo Aliócha.

— Com licença, todos os clássicos foram traduzidos, portanto não é para estudá-los que se tem necessidade do latim, mas unicamente por medidas policiais e a fim de embotar as faculdades. Não será isso uma baixeza?

— Mas quem lhe ensinou tudo isso!? — exclamou Aliócha, afinal surpreso.

— Em primeiro lugar, eu mesmo posso compreendê-lo, sem que me ensinem; em seguida, saiba que o que acabo de explicar-lhe, a respeito das

traduções clássicas, o próprio professor Kolbásnikov disse-o em presença de toda a terceira classe.

— Eis o doutor! — disse Nínotchka, que se havia mantido calada todo o tempo.

Com efeito, diante do portão parara um carro, pertencente à senhora Khokhlakova. O capitão, que esperara o médico a manhã inteira, precipitou-se a seu encontro. A mamãe preparou-se, tomando um ar digno. Aliócha aproximou-se do leito, arranjou o travesseiro do doentinho. De sua cadeira, Nínotchka o observava com inquietação. Os meninos despediram-se rapidamente, alguns prometendo voltar à tardinha. Kólia chamou Carrilhão, que saltou para baixo do leito.

— Eu fico, eu fico! — disse ele precipitadamente a Aliócha. — Esperarei no vestíbulo e voltarei com Carrilhão, assim que o doutor se retirar.

Mas o médico já vinha entrando, um personagem importante, de peliça, com grandes suíças e queixo rapado. Transposta a soleira, parou de repente, como que desconcertado. Acreditava ter-se enganado: — Onde estou?, murmurou, sem tirar a peliça e conservando boné de pele. Toda aquela gente, a pobreza do quarto, a roupa branca pendurada numa corda perturbavam-no. O capitão inclinou-se profundamente.

— É mesmo aqui — murmurou, obsequioso —, é a mim que o senhor procura...

— Snie-gui-riov? — pronunciou gravemente o doutor. — O senhor Snieguiriov é o senhor?

— Sou eu!

— Ah!

O doutor lançou novo olhar de asco pelo quarto e tirou sua peliça. Uma condecoração importante brilhava em seu peito. O capitão tomou conta da peliça, o doutor retirou seu gorro.

— Onde está o paciente? — perguntou ele num tom imperioso.

VI

DESENVOLVIMENTO PRECOCE

— Que pensa que dirá o doutor? — disse rapidamente Kólia. — Que fisionomia repelente, não é? Não posso tolerar a medicina!

— Aliócha morrerá. Creio que é infalível — respondeu Aliócha, muito triste.

— Os médicos são charlatães! Sinto-me contente por tê-lo conhecido, Karamázov. Há muito tempo que tinha vontade de conhecê-lo. Somente é pena que nos encontremos em tão tristes circunstâncias...

Kólia teria bem querido dizer algo de mais caloroso, de mais expansivo, mas sentia-se constrangido. Aliócha notou isso, sorriu, estendeu-lhe a mão.

— Aprendi, há muito tempo, a respeitar no senhor uma criatura rara — murmurou de novo Kólia, atrapalhando-se. — Disseram-me que o senhor era místico, que viveu num mosteiro... Mas isso não me deteve. O contato da realidade curá-lo-á... É o que acontece às naturezas como a sua.

— Quem chama você místico? De que me curarei? — perguntou Aliócha, um tanto surpreso.

— Ora essa! Deus e o resto.

— Como, será que você não acredita em Deus?

— Pelo contrário, nada tenho contra Deus. Decerto, Deus não é senão uma hipótese... mas... reconheço que Ele é necessário à ordem... à ordem do mundo, e assim por diante... e, se Ele não existisse, seria preciso inventá-Lo — acrescentou Kólia, ficando corado. Imaginou de súbito que Aliócha pensasse que ele queria exhibir seu saber e portar-se como adulto. “Ora, não quero absolutamente exhibir meu saber diante dele”, pensou Kólia com indignação. E ficou de repente muito contrariado.

— Confesso que todas essas discussões me repugnam — interrompeu-se. — Pode-se amar a humanidade sem crer em Deus, que pensa o senhor? Voltaire não acreditava em Deus, mas amava a humanidade. (“Ainda, ainda!” — pensou ele consigo.)

— Voltaire acreditava em Deus, mas fracamente, parece, e amava a humanidade da mesma maneira — respondeu Aliócha, num tom bem natural, como se conversasse com alguém da mesma idade ou mais velho do que ele. Kólia ficou impressionado com essa falta de segurança de Aliócha em sua opinião sobre Voltaire e com o fato de parecer deixar que ele, um rapazinho, resolvesse a questão.

— Será que você leu Voltaire? — concluiu Aliócha.

— Não, precisamente... Aliás, li *Candide* numa tradução russa... uma velha tradução, malfeita, ridícula... (“Ainda, ainda!”)

— E compreendeu?

— Oh, sim, tudo... isto é... por que pensa o senhor que não compreendi? É certo que tem umas passagens salgadas... Sou capaz, certamente, de compreender que é um romance filosófico e escrito para demonstrar uma ideia... — Kólia, decididamente, se atrapalhava. — Sou socialista, Karamázov, socialista incorrigível — declarou ele, de súbito, inconsideradamente.

— Socialista? — Aliócha pôs-se a rir. — Mas quando teve tempo? Não tem senão 13 anos, creio?

Kólia sentiu vexame.

— Em primeiro lugar, não tenho 13 anos, mas 14 dentro de 15 dias — disse ele, impetuosamente. — Em seguida, não compreendo absolutamente o que tem de ver aqui a minha idade. Trata-se de minhas convicções e não de minha idade, não é verdade?

— Quando for mais idoso, verá que influência tem a idade sobre as ideias. Pareceu-me também que isso não partia de você — respondeu Aliócha, sem se comover; mas Kólia, nervoso, interrompeu-o.

— Com licença, o senhor quer a obediência e o misticismo. Convenha que o cristianismo, por exemplo, só serviu aos ricos e aos grandes para manter a classe inferior na escravidão, não é verdade?

— Ah! Sei onde você leu isso. Trataram de doutriná-lo! — exclamou Aliócha.

— Permita, por que teria eu lido necessariamente isso? E ninguém me doutrinou. Posso eu mesmo... E, se o senhor quer, não sou contra Cristo. Era uma personalidade completamente humana, e, se tivesse vivido em nossa época, ter-se-ia juntado aos revolucionários, talvez tivesse desempenhado um papel de destaque... É mesmo fora de dúvida.

— Mas onde pescou você tudo isso? Com que imbecil andou às voltas!? — exclamou Aliócha.

— Não se pode dissimular a verdade. Tenho muitas vezes ocasião de conversar com o senhor Rakítin, mas... pretende-se que o velho Bielínski⁸¹ também disse isso.

— Bielínski? Não me lembro. Não o escreveu em parte alguma.

— Se não escreveu, disse-o, assegura-se. Ouvi alguém dizer... aliás, diabos...

— Você leu Bielínski?

— Veja o senhor... não... não o li, na verdade, mas... li o trecho a respeito de Tatiana, porque não parte ela com Oniéguin.⁸²

— Por que não parte ela com Oniéguin? Será que você... compreende já isso?

— Com licença, creio que o senhor me toma pelo jovem Smúrov! — Kólia sorriu, irritado. — Aliás, não vá crer que sou um grande revolucionário. Estou muitas vezes em desacordo com o senhor Rakítin. Não sou partidário da emancipação das mulheres. Reconheço que a mulher é uma criatura inferior e deve obedecer. *Les femmes tricotent*, disse Napoleão — Kólia sorriu —, e, pelo menos nisso, estou de pleno acordo com a opinião desse falso grande homem. Acho igualmente que é uma covardia expatriar-se para a América, pior que isso, uma tolice. Por que ir para a América, quando se pode trabalhar entre nós para o bem da humanidade? Sobretudo agora, há todo um campo de atividade fecunda. Foi o que respondi.

— Como, respondeu? A quem? Será que já lhe propuseram ir para a América?

— Impeliram-me a isso, confesso-o, mas recusei. Isso, bem entendido, aqui entre nós, Karamázov, nem uma palavra a ninguém, entendeu? Só ao senhor é que conto. Não tenho vontade nenhuma de cair entre as patas da Terceira Seção e aprender lições na ponte das Correntes.⁸³

Perto da ponte das Correntes.

Do edifício te recordarás

“Lembra-se? É magnífico! Por que ri? Acha que lhe contei pilhérias? (‘E se ele souber que só possuo aquele único número de *O sino*⁸⁴ e que nada li além disso?’, pensou Kólia, estremecendo.)

— Oh! Não, não estou rindo e não penso absolutamente que você mentiu para mim. Eis por que não o penso: porque é, ai!, a pura verdade! Diga-me, leu o *Oniéguin*, de Púchkin? Você falava de Tatiana...

— Não, ainda não, mas quero lê-lo. Não tenho preconceitos, Karamázov. Quero ouvir ambas as partes. Por que essa pergunta?

— Por coisa nenhuma.

— Diga, Karamázov, o senhor me despreza? — cortou Kólia, que se ergueu diante de Aliócha, como para se pôr em posição. — Por favor, fale francamente.

— Eu o desprezo? — Aliócha olhou-o com espanto. — Por quê, afinal? Deploro somente que uma natureza encantadora como a sua, na aurora da vida, já esteja pervertida por tais absurdos.

— Não se inquiete por minha natureza — interrompeu Kólia, não sem fatuidade —, mas quanto a suspeito, eu o sou. Tola e grosseiramente suspeito. O senhor sorriu ainda há pouco, e pareceu-me...

— Ah! Sorri por uma razão bem diversa. Fique sabendo: li recentemente a opinião de um estrangeiro, um alemão que vivia na Rússia, a respeito da juventude estudantil de hoje: “Se mostrardes a um estudante russo — escreveu ele — uma carta do firmamento, a respeito da qual não tinha ele até então nenhuma ideia, ele vo-la devolverá no dia seguinte com correções.” Conhecimentos nulos e uma presunção sem limites, eis o que queria dizer o alemão a respeito do estudante russo.

— Ah, é totalmente verdadeiro! — disse Kólia, numa explosão de riso. — É a própria verdade! Bravo, alemão! No entanto, aquele cabeça quadrada não encarou também o lado bom, que pensa o senhor? A presunção, seja, isso vem da juventude, isso se corrige, se verdadeiramente deve ser corrigido; em compensação, há o espírito de independência desde os mais jovens anos, a audácia das ideias e das convicções, em lugar de seu servilismo rastejante diante da autoridade. No entanto, o alemão disse a verdade! Viva o alemão! Entretanto, é preciso sufocar os alemães. Muito embora sejam fortes nas ciências, é preciso sufocá-los...

— Por que isso? — sorriu Aliócha.

— Ora essa! É pilhéria minha, possivelmente, convenho. Sou por vezes um capeta e, quando alguma coisa me agrada, não me contenho e sou capaz de proferir absurdos. A propósito, estamos aqui prosando e aquele doutor não acaba. Aliás, pode dar-se que esteja examinando a mamãe e a Nínotchka, a doente. Sabe duma coisa? Essa Nínotchka me agradou. Quando eu ia saindo, sussurrou-me ela: “Por que não veio antes?”, num tom de censura. Creio que ela é muito boa e digna de lástima.

— Sim, sim, você voltará e verá que criatura é ela. Precisa conhecer tais criaturas para saber apreciar muitas outras coisas que aprenderá

precisamente em companhia delas — observou Aliócha com ardor. — É o melhor meio para você se transformar.

— Oh, quanto lamento e me censuro por não ter vindo antes! — disse Kólia com amargura.

— Sim, é muito de lamentar. Viu a alegria do pobrezinho? E como se consumia ele à sua espera!

— Não me fale disso! Aviva meu pesar. Aliás, bem o mereci. Se não vim, foi por amor-próprio egoísta e por vil despotismo, do qual jamais pude desembaraçar-me, malgrado todos os meus esforços. Vejo-o agora, por muitas coisas sou um miserável, Karamázov!

— Não, você tem uma natureza encantadora, se bem que falsificada, e compreendo por que podia exercer tamanha influência sobre aquele menino nobre duma sensibilidade doentia! — respondeu calorosamente Aliócha.

— E é o senhor quem me diz isso!? — exclamou Kólia. — Imagine que pensei várias vezes, estando aqui, que o senhor me desprezava. Se soubesse como faço questão de sua opinião!

— Mas pode ser mesmo verdade que seja você tão desconfiado? Nessa idade! Pois bem, imagine que, ainda há pouco, ao olhá-lo, quando você falava, pensava justamente que você deveria ser muito desconfiado.

— Já o pensou? Que perspicácia tem o senhor, vejam só! Aposto que foi quando falava eu do pato. Imaginei então que o senhor me desprezava profundamente, porque eu me esforçava por bancar o malicioso. Detestei-o de repente por essa razão e comecei a perorar. Em seguida, pareceu-me (já aqui), quando eu disse: “Se Deus não existisse, era preciso inventá-lo”, que me apressara por demais em exhibir minha instrução, tanto mais quanto lera essa frase em alguma parte. Mas juro-lhe que não era por vaidade, mas à toa, ignoro por quê, em minha alegria, verdadeiramente creio que foi em minha alegria... muito embora seja vergonhoso aborrecer as pessoas pelo fato de se estar alegre. Sei disso. Em compensação, estou persuadido agora de que o senhor não me despreza e que sonhei tudo isso. Oh! Karamázov, sou profundamente infeliz. Imagino, por vezes, Deus sabe por quê, que toda gente zomba de mim e estou pronto então a subverter a ordem estabelecida.

— E atormenta os de seu convívio — sorriu Aliócha.

— É verdade, sobretudo minha mãe. Karamázov, diga, mostro-me agora muito ridículo?

— Não pense nisso, não pense absolutamente! — exclamou Aliócha. — E que é o ridículo? Sabe-se quantas vezes um homem é ou parece ridículo? Além do mais, atualmente, quase todas as pessoas que têm capacidade temem extremamente o ridículo, o que as torna infelizes. Admiro-me somente de que experimente você isso a tal ponto, se bem que o observe desde muito tempo e não unicamente em sua casa. Atualmente, adolescentes estão atingidos por esse mal. É quase uma loucura. O diabo encarnou-se no amor-próprio, para apoderar-se da geração atual, sim, o diabo — insistiu Aliócha sem sorrir, como pensava Kólia, que o fixava. — Você é como todos — concluiu ele —, isto é, como muitos, somente não se deve ser como todos.

— Ainda mesmo que todos sejam assim?

— Sim, ainda mesmo que todos sejam assim. Apenas você não será como eles. Na realidade, você não é como todos; não corou em confessar um defeito e até mesmo um ridículo. Ora, atualmente, quem é capaz disso? Ninguém, não se sente mesmo mais a necessidade de condenar-se a si mesmo. Não seja como todos, ainda que ficasse sozinho.

— Muito bem! Não me enganei a seu respeito. O senhor é capaz de consolar. Oh, quanto me sentia atraído para o senhor, Karamázov! Desde muito tempo aspirava por este encontro. Dar-se-ia que também pensasse assim a meu respeito? Ainda há pouco o disse.

— Sim, ouvi falar de você e pensava também em você... e, se em parte é o amor-próprio que o fez agora perguntar isso, isso nada quer dizer.

— Sabe, Karamázov, que nossa explicação se assemelha a uma declaração de amor? — declarou Kólia com uma voz fraca e como que envergonhada. — Não é ridículo?

— Absolutamente, e, mesmo se fosse ridículo, não quereria dizer nada, porque está bem — afirmou Aliócha, com um claro sorriso.

— Convenha, Karamázov, que o senhor mesmo, agora, sente um pouco de vergonha também... Vejo-o em seus olhos — e Kólia sorriu com um ar astuto, mas quase feliz.

— Que há de vergonhoso?

— Por que corou?

— Mas foi você que me fez corar! — disse, rindo, Aliócha, que ficara, com efeito, todo vermelho. — Pois bem, sim, sinto um pouco de vergonha, Deus sabe por quê, ignoro-o... — murmurou ele, quase constrangido.

— Oh, como gosto do senhor e como o aprecio neste momento, justamente, porque o senhor também sente vergonha comigo! Porque é como eu! — exclamou Kólia, entusiasmado. Tinha as faces vermelhas, seus olhos brilhavam.

— Escute, Kólia, você será muito infeliz na vida — disse de repente Aliócha.

— Sei, sei. Como o senhor adivinha tudo! — confirmou logo Kólia.

— Mas, no conjunto, abençoará, no entanto, a vida.

— É isto! Viva! O senhor é um profeta! Nós nos entenderemos, Karamázov. Sabe? O que mais me encanta é que o senhor me tratava completamente como a um igual. Ora, nós não somos iguais, o senhor é superior! Mas nos entenderemos. Dizia a mim mesmo há um mês: “Ou seremos imediatamente amigos para sempre, ou nos separaremos como inimigos até a morte!”

— E, ao falar assim, você já gostava de mim, decerto! — E Aliócha soltou uma risada alegre.

— Eu gostava enormemente do senhor, gostava do senhor e pensava no senhor! E como pode o senhor tudo adivinhar? Ora, eis o doutor. Meu Deus, diz alguma coisa, olhe que cara ele tem!

VII

ILIÚCHA

O doutor saía da isbá metido em sua peliça e com o gorro na cabeça. Tinha o ar quase irritado e cheio de asco, como se receasse sujar-se. Percorreu com os olhos o vestibulo, lançando um olhar severo a Aliócha e a Kólia. Aliócha fez sinal ao cocheiro, e o carro que havia trazido o doutor avançou para a porta. O capitão saiu precipitadamente atrás dele e, inclinado, desculpando-se quase, deteve-o para uma derradeira palavra. O rosto do pobre homem estava abatido e seu olhar, apavorado.

— Excelência, excelência... será possível? — começou ele, sem terminar, limitando-se a juntar as mãos em seu desespero, se bem que seu olhar implorasse ainda o médico, como se verdadeiramente uma palavra dele pudesse mudar a sorte do pobre menino.

— Que fazer? Não sou Deus — respondeu o doutor num tom displicente, se bem que grave por hábito.

— Doutor... Vossa Excelência... e será em breve, em breve?

— Pre-pa-rem-se para tudo — respondeu o doutor, martelando as palavras e, baixando os olhos, dispunha-se a transpor a soleira para subir no carro.

— Excelência, em nome de Cristo! — O capitão, apavorado, deteve-o uma segunda vez. — Excelência... será que na verdade não há nada, nada que possa salvá-lo, agora?

— Isso não de-pen-de de mim, agora — declarou o médico, impaciente —, e, no entanto, hum! — parou de repente —, sim, por exemplo, o senhor poderia... enviar... seu paciente... imediatamente e sem tardar (o doutor pronunciou essas derradeiras palavras quase com cólera, a ponto de fazer o capitão estremecer) a Si-ra-cu-sa, então... em consequência das novas condições cli-ma-té-ri-cas fa-vo-rá-veis... poderia, talvez, pro-du-zir-se...

— A Siracusa!?! — exclamou o capitão, como se não compreendesse ainda.

— Siracusa fica na Sicília — explicou Kólia, em voz alta.

O doutor olhou para ele.

— Na Sicília?! Excelência — disse o capitão transtornado —, o senhor viu! — Juntou as mãos, mostrando o interior de sua casa. — E a mamãe, a família?

— Não, sua família não iria à Sicília, mas ao Cáucaso, desde a primavera... e depois que sua esposa tivesse tomado as águas no Cáucaso, em vista de seus reumatismos... seria preciso enviá-la imediatamente a Paris, à clínica do a-li-e-nis-ta Le-pel-le-ti-er. Poderia dar-lhe uma apresentação; e então... poderia talvez produzir-se...

— Doutor, doutor! O senhor está vendo! — E o capitão estendeu de novo os braços, mostrando, em seu desespero, as traves nuas que formavam a parede do vestibulo.

— Mas isso não é de minha alçada — sorriu o médico. — Disse-lhe simplesmente o que poderia responder a ciência à sua pergunta a respeito

dos derradeiros meios, o resto... a meu pesar...

— Não tenha medo, curandeiro, meu cachorro não o morderá — disse bem alto Kólia, notando que o doutor olhava com alguma inquietação para Carrilhão, que se mantinha na soleira. Um tom colérico ressoava em sua voz. Como o declarou mais tarde, foi de propósito e para insultar o doutor que o chamara de curandeiro.

— Que é? — disse o doutor, fitando Kólia com surpresa. — Quem é? — e dirigiu-se a Aliócha, como para lhe pedir contas.

— É o dono de Carrilhão, curandeiro, não se inquiete a respeito de minha pessoa.

— Carrilhão? — repetiu o doutor, que não tinha compreendido.

— Adeus, curandeiro, tornaremos a ver-nos em Siracusa.

— Quem é, quem é ele? — perguntou o doutor, exasperado.

— É um colegial, doutor, um brincalhão, não lhe dê atenção — declarou, rapidamente, Aliócha, franzindo o cenho. — Kólia, cale-se! Não dê atenção — repetiu ele, com alguma impaciência.

— É preciso dar-lhe uma surra, dar-lhe uma surra — disse o doutor furioso, batendo com os pés.

— Sabe, curandeiro, que Carrilhão poderia muito bem morder? — proferiu Kólia, com voz trêmula e muito pálido, de olhos chamejantes. — Aqui, Carrilhão!

— Kólia, se você disser ainda uma palavra, romperei com você para sempre! — gritou impetuosamente Aliócha.

— Curandeiro, só há uma criatura no mundo que possa dar ordens a Nikolai Krasótkin, ei-la (designou Aliócha). Submeto-me, adeus.

Abriu a porta e entrou no quarto. Carrilhão lançou-se atrás dele. O doutor ficou cinco segundos como que petrificado, olhou Aliócha e cuspiu, gritando: “É, é, não sei o quê!” O capitão precipitou-se para ajudá-lo. Aliócha entrou por sua vez. Kólia já estava à cabeceira de Iliúcha. O doente segurava-lhe a mão e chamava seu pai. O capitão voltou logo.

— Papai, papai, venha cá... nós... — murmurou Iliúcha superexcitado, mas, não tendo força para continuar, estendeu para a frente seus braços emagrecidos, passou-os em torno de Kólia e de seu pai, que reuniu no mesmo abraço, apertando-se contra eles. O capitão foi sacudido por soluços silenciosos, e Kólia estava a ponto de chorar.

— Papai, papai! Quanto dó o senhor me causa, papai! — gemeu Iliúcha.

— Iliúcha, meu querido... o doutor disse... que tu ficarás curado... seremos felizes.

— Ah, papai! Sei bem o que o novo doutor lhe disse a meu respeito... Vi! — exclamou Iliúcha.

Apertou-os de novo com todas as forças contra si, ocultando o rosto no ombro do pai.

— Papai! Não chore... quando eu morrer, tome um bom menino, outro... escolha o melhor dentre eles, chame-o de Iliúcha e ame-o em lugar de mim...

— Cala-te, meu velho, ficarás bom! — gritou Krasótkin, como que zangado.

— Quanto a mim, papai, não se esqueça nunca de mim — continuou Iliúcha. — Venha a meu túmulo... o senhor sabe, papai, enterre-me junto de nossa grande pedra, lá aonde íamos passear, e vá lá com Krasótkin, de tardinha. E Carrilhão... E eu os esperarei... Papai, papai!

Sua voz estrangulou-se; os três mantiveram-se enlaçados, sem falar. Nínotchka chorava mansamente em sua cadeira, e, de repente, vendo todos a chorar, a mamãe desatou em lágrimas.

— Iliúcha! Iliúcha! — exclamava ela. Krasótkin desvencilhou-se dos braços de Iliúcha.

— Adeus, meu velho, minha mãe me espera para almoçar — disse ele rapidamente. — Que pena não a haver eu prevenido! Ficaré muito inquieta. Mas, depois do almoço, voltarei para teu lado, até a noite, e terei muita coisa para contar-te. E trarei Carrilhão; agora vou levá-lo, porque ele se poria a uivar na minha ausência e te incomodaria. Até logo!

Correu para o vestíbulo. Não queria chorar, mas não pôde impedir-se disso. Foi nesse estado que o encontrou Aliócha.

— Kólia, deve manter absolutamente sua palavra e voltar, senão experimentará ele violento pesar — disse, com insistência.

— Absolutamente! Oh, quanto me censuro por não ter vindo mais cedo! — murmurou Kólia, chorando francamente.

Naquele momento, o capitão surgiu e tornou a fechar logo a porta atrás de si. Tinha o ar desvairado, os lábios tremiam. Parou diante dos dois jovens e ergueu os braços para o ar.

— Não quero um bom menino! Não quero outro! — murmurou ele, selvagem, rangendo os dentes, “se me esquecer de ti, Jerusalém, fique pegada minha língua...”.

Não terminou, como se lhe faltasse a voz, e deixou-se cair diante de um banco de madeira. Com a cabeça apertada entre os punhos, pôs-se a soluçar, gemendo, mas baixinho, para que seus gemidos não fossem ouvidos na isbá. Kólia precipitou-se para a rua.

— Adeus, Karamázov! Virá também? — perguntou com um ar brusco, zangado, a Aliócha.

— Esta tarde, sem falta.

— Que disse ele a respeito de Jerusalém?... Que era aquilo?

— Tirado da *Bíblia*: “Se me esquecer de ti, Jerusalém”,⁸⁵ isto é, se eu esquecer o que tenho de mais precioso, se o trocar por outro amor, então que seja fulminado...

— Compreendo, basta! Venha também! Aqui, Carrilhão! — gritou ele, com raiva, ao cachorro, e afastou-se a grandes passadas.

LIVRO XI

IVAN FIÓDOROVITCH

I

EM CASA DE GRÚCHENHKA

Aliócha dirigia-se à praça da igreja, à casa Morózova, onde residia Grúchenhka. Naquela mesma manhã, havia-lhe ela enviado Fiénia, rogando-lhe insistentemente que fosse à sua casa. Indagando dela, soube Aliócha que a patroa se achava desde a véspera numa grande agitação. Durante os dois meses que se haviam seguido à prisão de seu irmão, fora ele muitas vezes à casa Morózova, espontaneamente ou da parte de Mítia. Três dias após, caíra Grúchenhka gravemente doente; mantivera-se de cama quase cinco semanas, ficando oito dias inconsciente. Mudara muito e emagrecera, com a tez amarelecida, embora pudesse sair havia já umas duas semanas. Mas, aos olhos de Aliócha, o rosto dela tornara-se mais sedutor e gostava ele, ao se aproximar dela, de encontrar-lhe o olhar. Seus olhos tinham tomado algo de resoluto e de reflexivo; uma decisão calma, mas inflexível, manifestava-se nela. Entre os supercílios cavara-se uma pequena ruga vertical que dava a seu gracioso rosto uma expressão concentrada, quase severa ao primeiro contato. Nenhum traço da frivolidade de outrora. Admirava-se Aliócha de que Grúchenhka tivesse conservado a alegria de outrora, malgrado a desgraça que a ferira — noiva de um homem detido quase logo depois por um crime horrível —, apesar da doença e da ameaça de uma condenação quase certa. Em seus olhos outrora altivos uma espécie de doçura brilhava agora, mas mostravam por vezes um clarão de maldade, quando a retomava uma antiga inquietação que, longe de se acalmar, aumentava em seu coração. Era o respeito de Katierina Ivânovna, de quem falava mesmo em seu delírio, durante sua doença. Aliócha compreendia que ela estava com ciúme por causa de Mítia, muito embora Katierina não o tivesse visitado uma vez sequer na prisão, como teria podido fazê-lo. Tudo isso embaraçava Aliócha, porque era somente nele que Grúchenhka confiava, pedindo sem cessar seus conselhos; por vezes não sabia o que dizer-lhe.

Chegou à casa dela, preocupado. Voltara ela da prisão havia meia hora e, apenas pela vivacidade com que se levantou à entrada dele, concluiu que

o esperava com impaciência. Em cima da mesa, havia um baralho; sobre o divã de couro arranjado como cama estava semi-estendido Maksímov, doente e enfraquecido, mas sorridente. Aquele velho, sem pouso, que voltara dois meses antes de Mókroie com Grúchenhka, não a deixara mais desde então. Após o trajeto sob a chuva e na lama, todo encharcado e apavorado, sentara-se no divã, olhando-a em silêncio com um sorriso que implorava. Grúchenhka, esmagada de pesar e já presa da febre, esqueceu-o quase a princípio, absorvida por outros cuidados; de repente, olhou-o fixamente, ele mostrou um sorriso lastimoso, embaraçado. Ela chamou Fiénia e ordenou que lhe desse de comer. Durante o dia inteiro ficou ele quase imóvel em seu lugar. Quando escureceu e fecharam os postigos, Fiénia perguntou à patroa:

— Então, senhora, este senhor vai ficar para dormir?

— Sim, prepara-lhe um leito no divã — respondeu Grúchenhka. Interrogando-o, soube que não sabia ele para onde ir e que “o senhor Kolgánov, meu benfeitor, declarou-me francamente que não me receberia mais e me deu cinco rublos”. — “Pois bem, tanto pior, fica”, decidiu Grúchenhka em seu pesar, sorrindo-lhe com compaixão. O velho ficou comovido com aquele sorriso, seus lábios tremeram de emoção. Foi assim que ficou em casa dela na qualidade de parasita errante. Mesmo durante a doença de Grúchenhka, não deixou a casa. Fiénia e a velha cozinheira, sua avó, não o expulsaram, mas continuaram a dar-lhe de comer e a fazer-lhe a cama em cima do divã. Posteriormente, Grúchenhka se habituou mesmo com ele e, voltando duma visita a Mítia (a quem visitava ainda convalescente), punha-se a conversar futilidades com Maksímuchka, para esquecer seu pesar. Verificou-se que o velho possuía certo talento de contador, de sorte que se lhe tornou mesmo necessário. Fora Aliócha, que não demorava, aliás, muito tempo, Grúchenhka não recebia quase ninguém. Quanto ao velho comerciante Samsónov, estava então gravemente doente, “ia-se”, como diziam na cidade; morreu, com efeito, uma semana depois do julgamento de Mítia. Três semanas antes de sua morte, sentindo chegar o fim, chamou à sua presença os filhos com suas famílias e ordenou-lhes que não mais o deixassem. A partir daquele momento, deu ordens expressas aos criados para não deixarem entrar Grúchenhka, e, se ela se apresentasse, dizer-lhe que “ele lhe desejava que vivesse muito tempo feliz e que o esquecesse completamente”. Grúchenhka mandava, no entanto, quase todos os dias saber notícias dele.

— Eis-te, afinal! — exclamou ela, largando as cartas e acolhendo alegremente Aliócha. — Maksímuchka me amedrontava dizendo que não virias mais. Ah, quanta necessidade tenho de ti! Senta-te. Queres café?

— Com prazer — disse Aliócha, sentando-se. — Estou com muita fome.

— Fiénia, Fiénia, café! Está pronto há muito tempo... Traz também uns bolinhos quentes! Sabes, Aliócha, tive uma complicação hoje a respeito desses bolinhos. Levei-os à prisão e, acredita, ele os recusou. Chegou mesmo a pisar um. “Vou deixá-los com o guarda — disse-lhe eu. — Se não os queres é que tua maldade te alimenta!” E fui saindo. Brigamos ainda uma vez. É todas as vezes a mesma coisa.

Grúchenhka falava com agitação. Maksímov sorriu timidamente e baixou os olhos.

— A propósito de quê, hoje? — perguntou Aliócha.

— Não esperava isso absolutamente. Imagina que está com ciúme de meu “antigo”. — “Por que lhe dás dinheiro? — diz-me ele. — Puseste-te, então, a sustentá-lo?” Está com ciúme, da manhã à noite. Certa vez sentiu ciúme até mesmo de Kuzmá, na última semana.

— Mas ele conhecia “o antigo”?

— Como não? Sabia de tudo desde o começo, hoje me injuriou. Tenho vergonha de repetir suas palavras. O imbecil! Rakitka chegou, quando eu saía. É talvez ele quem o excita, hem? Que pensas? — acrescentou ela, com ar distraído.

— Ele te ama muito e agora está nervoso.

— Como não estar nervoso? Julgam-no amanhã. Tinha ido justamente para reconfortá-lo, porque tenho medo, Aliócha, de imaginar o que acontecerá amanhã! Tu dizes que ele está nervoso? E eu então? E ele fala do polonês! Que imbecil! Mas creio que ele não está com ciúme de Maksímuchka.

— Minha mulher também era bastante ciumenta — observou Maksímov.

— De ti!... — disse Grúchenhka, rindo, malgrado seu. — Quem poderia mesmo fazê-la ficar ciumenta?

— As criadas de quarto.

— Cala-te, Maksímuchka, não estou de humor para risadas, a cólera mesmo me domina. Não olhes os bolinhos, não terás deles, far-te-iam mal.

E preciso cuidar também desse; dir-se-ia que minha casa é um asilo. — Sorriu.

— Não mereço seus benefícios, sou insignificante — disse Maksímov, num tom queixoso. — Prodigalize antes sua bondade com os que são mais úteis do que eu.

— Ora, Maksímuchka, cada qual é útil; como saber qual o mais, qual o menos? Se ao menos aquele polonês não existisse! Aliócha, ele também imaginou cair doente, hoje. Fui vê-lo igualmente. Vou enviar-lhe de propósito os bolinhos. Não o fiz, mas já que Mítia me acusa, disso, enviá-los-ei agora de propósito! Ah! Eis Fiénia com uma carta. É isso, são os poloneses pedindo ainda dinheiro!

Pan Mussialóvitch enviava-lhe, com efeito, uma carta bastante longa e empolada, como era seu hábito, em que lhe rogava que lhe emprestasse três rublos. Era acompanhada por um recibo com a promessa de pagar em três meses; a assinatura de *pan* Vrubliévski figurava também. Grúchenhka já havia recebido de seu “antigo” muitas cartas semelhantes com reconhecimentos de dívidas. Isso datava de sua convalescença, duas semanas antes. Sabia que os dois *pánowie* tinham, contudo, vindo saber notícias dela durante sua doença. A primeira carta, escrita numa folha de grande formato, lacrada com um sinete de família, era longa, bastante obscura e empolada, de modo que Grúchenhka só leu a metade e pô-la de parte sem ter nada compreendido dela. Zombava bem de cartas naquela ocasião. Essa primeira carta foi seguida de uma segunda, e que *pan* Mussialóvitch pedia-lhe que lhe emprestasse dois mil rublos a curto prazo. Grúchenhka deixou-a igualmente sem resposta. Veio, em seguida, uma série de missivas, igualmente pretensiosas, em que a soma pedida diminuía gradualmente, caindo para cem rublos, para 25, para dez e, por fim, Grúchenhka recebeu uma carta em que os *pánowie* mendigavam um rublo somente, com um recibo assinado pelos dois. Tornada de súbita piedade, foi ela mesma, ao crepúsculo, à casa do *pan*. Encontrou os dois poloneses numa miséria negra, famintos, sem fumo, sem cigarros, devendo à locadora. Os duzentos rublos ganhos de Mítia tinham desaparecido depressa. Grúchenhka ficou surpresa, contudo, por ser acolhida pretensiosamente pelos *pánowie*, com uma etiqueta majestosa e falas enfáticas. Só fez rir daquilo, deu dez rublos a seu “antigo”, contou rindo a coisa a Mítia, que não demonstrou nenhum ciúme. Mas os *pánowie* agarravam-se a Grúchenhka, bombardeavam-na todos os dias com pedidos

de dinheiro, e todas as vezes enviava ela alguma coisa. Eis que hoje Mítia se mostrara ferozmente ciumento.

— Como uma tola, passei em casa dele, quando fui ver Mítia, porque ele também estava doente, o meu antigo *pan* — continuou Grúchenhka com volubilidade. — Conto isso a Mítia, rindo: “Imagina — digo-lhe — que meu polonês pôs-se a cantar-me as canções de outrora, acompanhando-se numa guitarra. Pensa enternecer-me...” Então Mítia começou a injuriar-me... De modo que vou enviar bolinhos aos *pánowie*. Fiénia dá três rublos à menina que eles mandaram e uma dúzia de bolinhos enrolados num papel. Tu, Aliócha, contarás isso a Mítia.

— Nunca! — disse Aliócha, sorrindo.

— Ora! Pensas que ele se atormenta? É de propósito que se faz de ciumento. No fundo, isso pouco lhe importa — declarou Grúchenhka, com amargura.

— Como, de propósito?

— Como és ingênuo, Aliócha! Não compreendes nada, malgrado toda a tua inteligência. O que me ofende não é o ciúme dele, o contrário é que me teria ofendido. Sou assim. Admito o ciúme, sendo eu mesma ciumenta. Mas o que me ofende é que ele não me ama absolutamente e tem ciúme agora de mim de propósito. Serei uma cega? Põe-se a falar-me de Kátia, de como mandou ela vir de Moscou um médico afamado e o advogado número um de Petersburgo, para defendê-lo. Ama-a, pois que lhe faz o elogio em minha presença. É culpado para comigo, mas arma brigas contra mim e é o primeiro a acusar-me e a lançar as culpas sobre mim: “Conheceste o polonês antes de mim; é-me portanto permitido ter agora relações com Kátia.” Eis como estão as coisas. Quer lançar sobre mim toda a culpa. É de propósito que provoca essas brigas comigo, digo-te, somente eu...

Grúchenhka não terminou, cobriu os olhos com um lenço e desatou em lágrimas.

— Ele não ama Katierina Ivânovna — disse, com firmeza, Aliócha.

— Saberei dentro em pouco se ele a ama ou não — disse ela, com uma voz ameaçadora. Seu rosto alterou-se. Aliócha teve pena ao vê-la tomar de súbito um ar sombrio e irritado.

— Basta de tolices! Não foi para isso que te mandei chamar. Meu caro Aliócha, que se passará amanhã? Eis o que me tortura. Sou a única. Vejo

que os outros não pensam nisso, ninguém se interessa. Tu, pelo menos, pensas nisso? É amanhã o julgamento! Dize-me, como vão julgá-lo? Mas foi o lacaios quem matou, o lacaios! Meu Deus! Será possível que o condenem em lugar dele e que ninguém tome sua defesa? Não incomodaram o lacaios, não é mesmo?

— Interrogaram-no rigorosamente, e todos concluíram que não foi ele. Agora está gravemente doente, desde aquela crise. É uma doença séria.

— Senhor! Devias ir à casa daquele advogado e contar-lhe o caso em particular. Parece que mandaram buscá-lo em Petersburgo por três mil rublos.

— Sim, fomos nós que fornecemos a quantia, Ivan, Katierina Ivânovna e eu. Ela, sozinha, é que mandou buscar o médico, por dois mil rublos. O advogado Fietiukóvitch teria exigido mais; este caso, porém, teve repercussão na Rússia inteira, todos os jornais falam dele, de modo que Fietiukóvitch quis mesmo encarregar-se dele, sobretudo por causa da glória, tendo em vista a celebridade do processo. Estive com ele ontem.

— Então, falou-lhe?

— Escutou sem dizer nada. Sua opinião já está formada, afirmou-me. No entanto, prometeu levar em consideração minhas palavras.

— Como, em consideração? Ah, os velhacos! Eles o condenarão. E o doutor, por que o fizeram vir?

— Como perito. Quer-se estabelecer que Mítia é louco e que matou num acesso de demência — Aliócha sorriu mansamente —, mas meu irmão não consentirá nisso.

— Mas seria a verdade, se ele tivesse matado! Estava louco, então, completamente louco, e a culpa foi minha, minha, miserável! Mas não foi ele. E todo mundo pretende que foi ele o assassino. Até mesmo Fiênia depôs de maneira que parece ele culpado. E na venda, e aquele funcionário, e no botequim, onde o tinham ouvido antes, todos o acusam.

— Sim, os depoimentos multiplicaram-se — notou Aliócha, com ar sombrio.

— E Grigóri Vassílievitch persiste em dizer que a porta estava aberta, pretende tê-la visto, e nada o fará mudar de opinião; fui vê-lo, falei-lhe. Pois ainda por cima injuriou-me.

— Sim, é talvez o depoimento mais grave contra meu irmão — disse Aliócha.

— Quanto à loucura de Mítia, ela existe agora mesmo — começou Grúchenhka, com ar preocupado, misterioso. — Sabes, Aliócha, há muito tempo que queria dizer-te; vou vê-lo todos os dias e encho-me de espanto. Dize-me: que pensas? De que fala ele sempre, atualmente? Não compreendo nada do que ele diz, pensava que era algo de profundo, acima de meu alcance, tola que sou, mas eis que ele me fala dum neném: — “Por que é ele pobre, o neném? Por causa dele é que vou agora para a Sibéria, não matei, mas é preciso que eu vá para a Sibéria!” De que se trata? Quem é esse neném? Não compreendi nada disso. Pus-me simplesmente a chorar. Ele falava tão bem, ambos chorávamos, beijou-me e fez sobre mim o sinal da cruz. Que é que isso significa, Aliócha, quem é esse neném?

— Rakítin tomou o hábito de visitá-lo — sorriu Aliócha. —

Aliás... isto não parte de Rakítin. Não o vi ontem, irei vê-lo hoje.

— Não, não é Rakitka, é seu irmão Ivan Fiódorovitch quem o atormenta, quem vai vê-lo... — Grúchenhka interrompeu-se bruscamente, Aliócha olhou-a, estupefato.

— Como? Ivan vai vê-lo? Mítia mesmo me disse que ele nunca fora lá.

— Pois bem! Pois bem! Eis como sou! Tagarelei! — exclamou Grúchenhka, rubra de confusão. — Enfim, Aliócha, não fales, já que comecei, direi toda a verdade. Ivan foi lá duas vezes vê-lo: a primeira, logo que chegou de Moscou; a segunda, há uma semana. Proibiu Mítia de falar disso. Visitava-o às ocultas.

Aliócha permanecia mergulhado em suas reflexões. Aquela notícia impressionara-o fortemente.

— Ivan não me falou do caso de Mítia. Em geral, conversou pouco comigo; quando eu ia vê-lo, parecia sempre descontente, de modo que há já três semanas que não vou à casa dele. Hum... Se ele esteve lá há oito dias... produziu-se, com efeito, uma mudança em Mítia há uma semana...

— Sim, uma mudança — disse vivamente Grúchenhka. — Eles têm um segredo, o próprio Mítia me falou disso, e um segredo que o atormenta. Antes mostrava-se alegre, e se mostra ainda agora, somente, vês tu, quando começa a mover a cabeça, a andar de lá para cá, a puxar os cabelos das têmporas, sei que está agitado... tenho certeza!... Aliás, ainda hoje estava alegre.

— Tu disseste: nervoso.

— Uma e outra coisa. Fica nervoso por um momento, depois alegre, depois, de repente, nervoso de novo. Na verdade, Aliócha, ele me surpreende; uma tal sorte em perspectiva e acontece-lhe desatar em gargalhadas por bagatelas; dir-se-ia uma criança.

— É verdade que ele te proibiu de me falares a respeito de Ivan?

— Sim, és tu sobretudo que Mítia teme. Porque há um segredo, ele mesmo me disse... Aliócha, meu querido, vá pois, trata de saber qual é esse segredo e vem dizer-me, que eu, desgraçada, conheça enfim minha sorte maldita! Foi por isso que te mandei chamar hoje.

— Pensas que isso diz respeito a ti? Mas então ele não te teria dito!

— Não sei. Talvez não ouse dizer-me. Está prevenido. O fato é que tem um segredo.

— Mas tu mesma, que pensas disso?

— Penso que tudo está acabado para mim. São três ligados contra mim, Katka faz parte disso. É dela que provém tudo. Mítia me previne por alusão. Pensa em abandonar-me, eis todo o segredo. Imaginaram isso todos três, Mítia, Katka e Ivan Fiódorovitch. Ele mo disse, há uma semana, que Ivan está apaixonado por Katka, por isso vai tanto à casa dela. Aliócha, queria perguntar-te: é verdade ou não? Fala-me consciente.

— Não mentirei. Ivan não ama Katierina Ivânovna.

— Pois bem! eu também pensei isso então! Ele mente descaradamente. E faz-se agora ciumento para poder acusar-me em seguida. Mas é um imbecil, não sabe dissimular, é demasiado franco... Pagar-me-á! “Tu acreditas que eu matei!” Eis o que lhe ousa censurar-me! Que Deus lhe perdoe! Espera, essa Katka terá o que ver comigo no tribunal! Falarei... Direi tudo!

Pôs-se a chorar.

— Eis o que posso afirmar-te, Grúchenhka — disse Aliócha, levantando-se: — Em primeiro lugar, é que ele te ama, ama-te mais do que a tudo no mundo, e a ti somente, acredita-me. Tenho certeza disso. Em seguida, confesso-te que não irei arrancar seu segredo, mas, se ele me disser, preveni-lo-ei de que te prometi contar-te. Nesse caso, voltarei para dizer-te hoje. Somente... parece-me que Katierina Ivânovna nada tem a ver com isso, esse segredo deve referir-se a outra coisa. E certamente isso. Por hora, adeus!

Aliócha apertou-lhe a mão. Grúchenhka continuava chorando. Via ele bem que não acreditava ela em suas consolações, mas aquela efusão havia-a aliviado. Causava-lhe pena deixá-la naquele estado, mas estava com pressa. Tinha ainda muito que fazer.

II

O PÉ DOENTE

Queria, em primeiro lugar, ir à casa da senhora Khokhlakova. Apressava-se para acabar o mais depressa possível, para não chegar demasiado tarde ao encontro com Mítia. Havia três semanas que a senhora Khokhlakova estava doente; tinha o pé inflamado, e, muito embora não estivesse de cama, passava os dias semiestendida num divã, em sua alcova, em galante traje íntimo, mas decente. Aliócha observara uma vez, sorrindo inocentemente, que a senhora Khokhlakova tornava-se faceira, malgrado sua doença; enfeitava-se de borlas, fitas, camisetas. Durante os dois últimos meses, o jovem Pierkhótin pusera-se a frequentar-lhe a casa. Havia quatro dias que Aliócha ali não ia e, assim que entrou, dirigiu-se aos aposentos de Lisa, que lhe mandara dizer na véspera que fosse lá imediatamente vê-la para um negócio muito importante, o que por certas razões o interessava. Mas, enquanto a criada de quarto ia anunciá-lo, a senhora Khokhlakova, informada de sua chegada, chamou-o só por um minuto. Aliócha achou que era melhor satisfazer, em primeiro lugar, a mamãe, senão ela o mandaria chamar a todo instante. Estava estendida no divã, vestida como para uma festa, e parecia bastante agitada. Acolheu Aliócha com gritos de entusiasmo.

— Há um século que não o vejo! Uma semana inteira, misericórdia! Ah! Você cá esteve há quatro dias, na quarta-feira passada. Ia aos aposentos de Lisa, estou certa de que queria andar na ponta dos pés, para que eu não o ouvisse. Meu caro Alieksiêi Fiódorovitch, se você soubesse quanto ela me inquieta! Isso é o principal, mas falaremos a respeito depois. Caro Alieksiêi Fiódorovitch, confio-lhe inteiramente a minha Lisa. Após a morte do *stáriets* Zósima — paz à sua alma! (ela se benzeu) —, depois dele, considero você um asceta, se bem que lhe assente muito

elegantemente seu novo traje. Onde encontrou você aqui um tal alfaiate? Mas não, afinal, isso não tem importância. Perdoe-me chamá-lo por vezes Aliócha, sou uma velha, tudo me é permitido — sorriu faceiramente —, mas isso também virá depois. Sobretudo, não devo esquecer o principal. Rogo-lhe, se divagar, chame-me a atenção. Depois que Lisa retirou sua promessa — sua promessa infantil, Alieksiêi Fiódorovitch — de casar com você, deve ter bem compreendido que não era senão o capricho de uma menina doente, que ficou muito tempo em sua poltrona. Deus seja louvado, agora ela já anda. Esse novo médico que Kátia mandou buscar em Moscou para seu infeliz irmão, que amanhã... Que acontecerá amanhã? Morro só de pensar nisso! Sobretudo de curiosidade... Em suma, o tal médico veio ontem e examinou Lisa... Paguei-lhe cinquenta rublos pela visita. Mas não se trata disso. Está vendo, atrapalho-me. Apresso-me sem saber por quê. Não sei mais onde estou, tudo é para mim como uma meada enrolada. Tenho medo de pô-lo em fuga, aborrecendo-o. Só tenho visto você. Ah! meu Deus! Nem pensei nisso, em primeiro lugar, café, Iúlia, Glafira, café!

Aliócha apressou-se em agradecer, dizendo que acabara de tomar café.

— Em casa de quem?

— Em casa de Agrafigena Alieksándrovna.

— Em casa daquela mulher!? Ah! É ela a causa de tudo, aliás, não sei, dizem que ela procede agora irreprochavelmente, é um pouco tarde. Teria valido mais antes, quando era preciso, de que serve isso agora? Cale-se, Alieksiêi Fiódorovitch, porque tenho tanto que dizer que não direi nada absolutamente, creio. Esse horrível processo... irei de qualquer forma, preparo-me para isso, levar-me-ão numa cadeira, posso ficar sentada; e você sabe que figuro no rol das testemunhas. Como haverei de falar, como haverei de falar? Não sei o que direi. É preciso prestar juramento, não é?

— Sim, mas penso que a senhora não poderá comparecer.

— Posso ficar sentada. Ah, você me atrapalha! Esse processo, esse ato selvagem, em seguida todos vão para a Sibéria, outros se casam, e tudo isso depressa, depressa, e tudo muda, enfim todos envelhecem e olham para o túmulo. Pois bem! Seja, estou fatigada. Aquela Kátia... *cette charmante personne*, iludiu minha esperança; agora vai acompanhar um de seus irmãos à Sibéria, o outro a seguirá e estabelecer-se-á na cidade vizinha e todos farão uns e outros sofrer. Isso me faz perder o juízo, sobretudo essa publicidade; falaram disso milhares de vezes nos jornais de

Petersburgo e de Moscou. Ah! Sim, imagine você que escreveram também a meu respeito, que eu era uma “boa amiga” de seu irmão. Não posso pronunciar a tal palavra vergonhosa, imagine!

— É impossível! Onde escreveram isso, como?

— Vou mostrar-lhe. Recebi o jornal ontem. Aqui está, é no jornal de Petersburgo, *Boatos*. Esse *Boatos* apareceu este ano. Gosto muito dos boatos, fiz uma assinatura, e eis-me bem servida em questão de boatos. Está aqui, neste lugar, leia.

E estendeu a Aliócha um jornal que se achava sob o travesseiro.

Não estava agitada, mas abatida, e, com efeito, tudo se misturava talvez em sua cabeça. O suelto era característico e devia certamente impressioná-la, mas por felicidade achava-se ele então incapaz de concentrar-se em um ponto e podia num instante esquecer mesmo o jornal e passar a outra coisa. Quanto à repercussão daquele triste caso na Rússia inteira, conhecia-a Aliócha desde muito tempo, e Deus sabe as notícias estranhas que tivera ocasião de ler havia dois meses, entre outras verídicas, a respeito de seu irmão, dos Karamázov e dele mesmo. Dizia-se mesmo num jornal que, apavorado pelo crime de seu irmão, havia-se ele feito monge e enclausurara-se; aliás, desmentia-se esse boato afirmando, pelo contrário, que, em companhia do *stáriets* Zósima, arrombara ele a caixa do mosteiro e fugira. A notícia aparecida no jornal *Boatos* intitulava-se: “Escrevem-nos de Skotoprignonievsk⁸⁶ — (ai! assim se chama nossa cidadezinha, nome que ocultei por muito tempo) a propósito do processo Karamázov.” Era curta e o nome da senhora Khokhlakova nela não figurava. Contava-se somente que o criminoso que se preparavam para julgar com tal solenidade, capitão reformado, de atitudes insolentes, vadio e partidário da servidão, mantinha intrigas amorosas, influenciava sobretudo “algumas damas a quem a solidão pesava”. Uma delas, “uma viúva que se entediava”, afetando mocidade, se bem que mãe de uma filha já grande, enamorara-se dele a ponto de oferecer-lhe, duas horas antes do crime, três mil rublos para partir em sua companhia para as minas de ouro. Mas o celerado preferira matar o pai para roubar-lhe esses três mil rublos, contando com a impunidade, em vez de passear pela Sibéria os encantos quadragenários de sua dama. Essa correspondência peculiar terminava, como convém, por uma nobre indignação contra a imortalidade do parricídio e da servidão. Depois de ter lido com curiosidade, Aliócha dobrou o jornal, que entregou à senhora Khokhlakova.

— Então? Não sou eu? Fui eu, com efeito, que, uma hora antes, lhe propus as minas de ouro, e logo “encantos de quarenta anos”! Mas era esse meu objetivo? O jornalista fê-lo de propósito. Que o soberano juiz lhe perdoe essa calúnia como eu mesmo lhe perdoo, mas foi... sabe quem? Seu amigo Rakítin.

— Talvez — disse Aliócha, se bem que nada tenha ouvido a respeito.

— Foi ele, foi ele, decerto! Porque o pus para fora! Conhece então essa história?

— Sei que a senhora lhe pediu que cessasse suas visitas no futuro, mas por qual razão, justamente, não o soube... da parte da senhora pelo menos.

— Soube-o então por ele? Então, deblatera ele contra mim, com veemência?

— Sim, deblatera contra todo mundo, aliás. Mas ele tampouco me disse por qual motivo a senhora o mandou embora! De resto, encontro-o muito raramente. Não somos amigos.

— Pois bem! Vou contar-lhe tudo e, apesar de tudo, arrependo-me, porque há um ponto a respeito do qual sou eu mesma talvez culpada. Algo de totalmente insignificante, aliás. Veja, meu caro (a senhora Khokhlakova assumiu um ar jovial, e sorriu enigmaticamente), veja, suspeito... perdoe-me, falo-lhe como uma mãe... Oh! Não, não, pelo contrário, dirijo-me a você como a meu pai... porque a mãe nada tem a ver aqui... Enfim, tanto faz, como ao *stáriets* Zósima a confissão, e é tudo perfeitamente justo: chamei-o ainda há pouco de asceta... Pois bem! Eis, aquele pobre rapaz, seu amigo Rakítin (meu Deus! Não posso zangar-me contra ele), em suma, aquele desmiolado, imagine que lhe deu na cabeça, creio, enamorar-se de mim. Só o percebi depois, mas, no começo, isto é, há um mês, veio ver-me frequentemente, quase todos os dias, e contudo já nos conhecíamos antes. Não suspeitava de nada... e, de repente, foi como um raio de luz. Sabe você que há dois meses comecei a receber esse gentil e modesto rapaz, Piotr Ilitch Pierkhótin, funcionário aqui? Você o encontrou mais de uma vez. Não tem mérito ele, não é sério? Vem duas vezes por semana, aparece sempre bem-vestido, e, em geral, gosto da mocidade, Aliócha, quando ela tem modéstia, talento, como você; é quase um estadista, fala tão bem, haverei de recomendá-lo sem dúvida alguma. É um futuro diplomata. Naquele horrendo dia, quase me salvou da morte vindo procurar-me à noite. Quanto a seu amigo Rakítin, vem sempre com os sapatos ordinários que arrasta pelo tapete... em suma, põe-se a fazer alusões; uma vez, ao

retirar-se, apertou-me a mão com bastante força. Foi a partir daquele momento que fiquei doente do pé. Ele já havia encontrado Piotr Ilitch em minha casa e — acreditá-lo-ia você? — falava mal dele sem cessar, encarniçava-se contra ele não se sabia por quê. Contentava-me com observar os dois, para ver como se arranjariam, rindo comigo mesma. Um dia em que me encontrava sozinha, sentada, ou antes, já estendida, Mikhail Ivânovitch veio ver-me e, imagine você, trouxe-me versinhos de sua autoria, nos quais descrevia meu pé doente. Espere, como é?

*Esse encantador pezinho,
Sofre um tanto, coitadinho...*

“Ou algo assim, não consigo lembrar-me desses versos, tenho-os aí, hei de mostrar-lhos depois, são encantadores, e não tratam somente de meu pé, são morais, com uma ideia deliciosa, mas esqueci-a, em suma, dignos de figurar num álbum. Naturalmente, agradei-lhe, ele pareceu lisonjeado. Mal acabara de fazê-lo e entrou Piotr Ilitch. Mikhail Ivânovitch ficou sombrio como a noite. Via bem que Piotr Ilitch o incomodava, porque queria ele certamente dizer alguma coisa após os versos, pressentia-o, e o outro entrou naquele momento. Mostrei os versos a Piotr Ilitch, sem dizer o nome do autor. Mas estou persuadida de que ele o adivinhou imediatamente, muito embora o negue até hoje. Piotr Ilitch desatou na gargalhada, pôs-se a criticar: “Maus verso — disse ele — escritos por algum seminarista...” Sim, se o senhor visse com que calor, com que temeridade! Foi então que seu amigo, em lugar de rir, tornou-se furioso. Meu Deus! Pensei que eles iam bater-se. “Sou eu — disse ele — o autor. Escrevi-os por brincadeira, porque acho uma baixeza fazer versos... Somente, meus versos são bons. Querem elevar um monumento a Púchkin por ter cantado os pés das mulheres; meus versos têm uma tendência moral, o senhor mesmo não passa de um reacionário refratário à humanidade, ao progresso, estranho ao movimento das ideias, um burocrata, um papa-ordenados!” Pus-me então a gritar, a suplicar-lhes. Ora, Piotr Ilitch, você sabe, não tem medo, assumiu uma atitude muito digna, olhou-o ironicamente e pediu desculpas depois de tê-lo escutado: “Não sabia — disse —, senão não me teria exprimido dessa maneira, teria louvado seus versos... Os poetas são uma gente irritável.” Em suma, zombarias proferidas no tom mais sério. Ele mesmo me confessou depois

que estava zombando, mas eu deixara-me enganar. Pensava então, estendida como agora: ficará bem ou não, se eu expulsar Mikhail Ivânovitch por causa da intemperança de sua linguagem para com meu hóspede? Acreditaria você? Estou estendida, de olhos fechados, sem conseguir decidir-me, atormento-me, meu coração bate; gritarei ou não gritarei? Uma voz me diz: “Grita”, e outra: “Não, não grites!” Mal ouvi essa outra voz, pus-me a gritar, depois desmaiei. Naturalmente foi uma cena tumultuosa. De repente, levanto-me e digo a Mikhail Ivânovitch: lamento muito, mas não quero mais vê-lo em minha casa. Foi assim que o pus para fora. Ah, Alieksiêi Fiódorovitch! Sei bem que agi mal, mentia, não estava absolutamente zangada com ele, mas, de súbito, pareceu-me que seria muito bem aquela cena... Somente — acredita-o você? —, era aquela cena, no entanto, natural, porque eu chorava deveras e, depois ainda alguns dias, em seguida, afinal acabei por esquecer tudo de uma vez, depois do almoço. Havia ele cessado suas visitas fazia duas semanas, e eu perguntava a mim mesma: será possível que não volte mais? Foi, então, e eis que à noite trazem-me o jornal *Boatos*. Leio e fico boquiaberta, com muita raiva. De quem seria? Dele! Logo que saiu daqui, rabiscara isso para enviá-lo ao jornal que o publicou. Passava-se isso há duas semanas. Aliócha, tagarelo a torto e a direito, mas é mais forte do que eu!”

— É preciso absolutamente que chegue a tempo hoje de estar com meu irmão — balbuciou Aliócha.

— Justamente, justamente! Isso me lembra tudo! Diga-me, que é a obsessão?

— Que obsessão? — perguntou Aliócha, surpreso.

— A obsessão judiciária. Uma obsessão que faz perdoar tudo. Tenha você cometido o que tiver cometido, perdoam-lhe.

— A propósito de que diz isso?

— Eis por quê: essa Kátia... Ah! É uma encantadora criatura, mas ignoro de quem está ela enamorada. Veio aqui outro dia e nada pude saber. Tanto mais quanto ela se limita agora a generalidades, só me fala de minha saúde, afeta mesmo certo tom, e disse a mim mesma: “Pois seja, Deus a guarde!...” Ah! A propósito dessa obsessão, chegou esse tal doutor. Você sabe disso decerto, foi você que o mandou chamar, isto é, você não, mas Kátia. Sempre Kátia! Está bem! Eis aqui: um indivíduo é normal, mas, de repente, tem uma obsessão. Está lúcido, dá-se conta de seus atos, entretanto, está presa numa obsessão. Pois bem! Foi o que aconteceu

certamente a Dimíttri Fiódorovitch. É uma descoberta e um benefício da justiça nova. O tal doutor chegou, fez-me perguntas a respeito daquela noite, enfim, a respeito das minas de ouro: como estava ele então, o acusado? Em estado de obsessão, bem decerto; exclama dinheiro, dinheiro, dê-me três mil rublos, depois foi assassinar. Não quero, dizia ele, não quero matar, no entanto o fez. De modo que perdoá-lo-ão por causa dessa resistência, muito embora tenha matado.

— Mas ele não matou — interrompeu um pouco bruscamente Aliócha, cuja agitação e impaciência cresciam.

— Eu sei, foi o velho Grigóri quem matou.

— Como, Grigóri?

— Mas sim, foi Grigóri. Ficou desmaiado depois de ter sido golpeado por Dimíttri Fiódorovitch, depois levantou-se e, vendo a porta aberta, foi matar Fiódor Pávlovitch.

— Mas por quê, por quê?

— Sob o império duma obsessão. Voltando a si, depois de ter sido golpeado na cabeça, a obsessão fê-lo cometer aquele crime. Ora, diz ele que não matou, talvez não se lembre. Somente, veja você, será bem melhor que Dimíttri Fiódorovitch haja matado. É bem isso, embora fale de Grigóri, foi certamente Dimíttri, e isso é melhor, muito melhor. Não que eu aprove o assassinio dum pai por um filho; os filhos, pelo contrário, devem respeitar os pais, no entanto, vale mais que seja ele, porque então não terão vocês de ficar desolados, uma vez que ele matou inconscientemente, ou, antes, conscientemente, mas sem saber como a coisa ocorreu. Deve-se absolvê-lo; será humano, ver-se-ão os benefícios da justiça nova, eu não sabia de nada, dizem que isso é já coisa antiga; desde que o soube, ontem, fiquei tão impressionada que queria mandar chamar você; e, se o absolverem, convidá-lo-ei para jantar imediatamente, reunirei conhecidos e beberemos à saúde dos novos juízes. Não acho que seja perigoso, aliás haverá gente, poder-se-á sempre levá-lo, se ele se mostrar furioso; mais tarde, poderá ele noutra parte ser juiz de paz ou alguma outra coisa, porque os melhores juízes são aqueles que sofreram também desgraças. Sobretudo, quem não tem sua obsessão agora? Você, eu, todo mundo, e quantos exemplos! Um indivíduo está cantando uma romança, de repente algo lhe desagrade, pega uma pistola, mata o primeiro que encontra e absolvem-no. Li-o recentemente, todos os doutores confirmaram-no. Confirmam tudo, agora. Pense pois, Lisa tem uma obsessão, fez-me chorar

ontem e anteontem; hoje adivinhei que era simplesmente uma obsessão. Oh, Lisa causa-me tanta pena! Creio que perdeu o juízo. Por que mandou chamá-lo? Ou então veio você espontaneamente?

— Ela mandou chamar-me e vou ter com ela — declarou Aliócha, levantando-se com ar resoluto.

— Ah, caro Alieksiêi Fiódorovitch, eis talvez o essencial! — exclamou a senhora Khokhlakova, chorando. — Deus é testemunha de que lhe confio sinceramente Lisa, e não tem importância o haver mandado chamá-lo sem que eu o soubesse. Quanto a seu irmão Ivan, desculpe-me, mas não lhe posso confiar tão facilmente minha filha, muito embora o considere sempre o rapaz mais cavalheiresco. Imagine que veio visitar Lisa, e eu não sabia de nada.

— Como? O quê? Quando? — perguntou Aliócha, estupefato. Não se havia tornado a sentar.

— Vou contar-lhe, talvez o tenha mandado chamar para isso, não me lembro mais. Ivan Fiódorovitch veio ver-me duas vezes, depois de seu regresso de Moscou: a primeira, para fazer-me uma visita na qualidade de conhecido; a segunda, recentemente. Kátia encontrava-se aqui em minha casa, e ele entrou sabendo disso. Bem entendido, não pretendia eu frequentes visitas da parte dele, conhecendo suas complicações, *vous comprenez, cette affaire et la mort terrible de votre papa*,⁸⁷ mas venho a saber de repente que ele veio de novo, não aos meus aposentos, mas aos de Lisa, há seis dias; ficou uns cinco minutos. Soube-o três dias depois por Glafira, isso chocou-me. Chamo logo Lisa, que se põe a rir: pensava, disse ela, que a senhora estava dormindo e veio pedir-me notícias suas. Foi isso, decerto. Somente, Lisa, Lisa, meu Deus, que pena me causa! Imagine que, uma noite, há quatro dias, depois de sua visita, teve ela uma crise de nervos, gritos, gemidos. Por que nunca tenho eu crises de nervos? No dia seguinte, e no outro dia, novo ataque, e, ontem, essa obsessão. Ela grita para mim de repente: “Detesto Ivan Fiódorovitch, exijo que a senhora não o receba mais, que lhe proíba a entrada nesta casa!” Fiquei estupefata e repliquei-lhe: “Por que razão despedir um jovem tão cheio de méritos, tão instruído e além do mais tão infeliz, porque todas essas histórias são antes uma desgraça que uma felicidade, não é mesmo?” Ela desatou a rir às minhas palavras, duma maneira ferina. Fiquei contente, pensando tê-la divertido e que as crises cessariam. Aliás, queria eu mesma despedir Ivan Fiódorovitch por causa de suas estranhas visitas sem meu consentimento e

pedir-lhe explicações. Esta manhã, eis que, ao despertar, Lisa zangou-se com Iúlia e, imagine, bateu-lhe na cara. Ora, é monstruoso, trato de “você” minhas criadas de quarto. Uma hora depois, abraçava ela Iúlia e beijava-lhe os pés. Mandou dizer-me que não viria aqui, que não queria vir mais aqui a meus aposentos, doravante, e, quando me arrastei até o seu quarto, cobriu-me de beijos, chorando, depois empurrou-me para fora sem dizer uma palavra, de modo que nada pude saber. Agora, caro Alieksiêi Fiódorovitch, pondo toda a minha esperança em você, meu destino está sem dúvida em suas mãos. Rogo-lhe que vá ver Lisa, que esclareça tudo isso, como só você sabe fazê-lo, e vir contar-me, a mim, a mãe, porque você compreende, morrerei deveras, se isso tudo continua, ou fugirei desta casa. Não posso mais, tenho paciência, mas posso perdê-la e então... então será terrível. Ah, meu Deus, enfim, Piotr Ilitch! — exclamou a senhora Khokhlakova, radiante, vendo entrar Piotr Ilitch Pierkhótin. — Você chegou atrasado, atrasado! Pois bem, sente-se, fale, decida a sorte, que diz esse advogado? Aonde vai você, Alieksiêi Fiódorovitch?

— Ao quarto de Lisa.

— Ah, sim! Não se esquecerá, não se esquecerá do que lhe pedi? Trata-se de meu destino!

— Decerto que não, se todavia for possível... mas estou tão atrasado... — murmurou Aliócha, retirando-se.

— Não, venha sem falta e não, como diz se for possível, senão morrerei! — gritou às costas dele a senhora Khokhlakova, mas Aliócha já havia desaparecido.

III

UM DIABINHO

Encontrou Lisa, semiestendida na poltrona onde a carregavam, quando ainda não podia ela andar. Não se levantou à entrada dele, mas seu olhar penetrante atravessou-o. Aquele olhar estava um tanto aceso, a tez amarelada; ficou Aliócha impressionado com a mudança que se operara nela naqueles três dias, havendo mesmo emagrecido. Não lhe estendeu ela

a mão. Ele lhe aflorou os dedos finos, imóveis sobre seu vestido, e sentou-se diante dela, sem dizer nada.

— Sei que tem você pressa de ir à prisão — declarou bruscamente Lisa. — Mamãe reteve-o duas horas, acaba de falar-lhe de Iúlia e de mim.

— Como o sabe?

— Escutei. Que tem de me olhar? Se me agrada, escuto, não há mal nisso. Não peço perdão.

— Há alguma coisa que a perturbe?

— Pelo contrário, sinto-me muito bem. Ainda há pouco, pensava pela décima vez em como fiz bem em retomar a palavra dada e não me tornar sua mulher. Você não convém como marido; se casar com você e encarregá-lo de levar um bilhete a um apaixonado por mim, você o faria e traria mesmo a resposta. E aos quarenta anos ainda levaria tais bilhetes.

Pôs-se a rir.

— Há em você algo de mau e, ao mesmo tempo, de ingênuo — disse Aliócha, sorrindo.

— É por ingenuidade que não tenho vergonha diante de você. Não somente não tenho vergonha, mas não quero tê-la, justamente diante de você. Aliócha, por que é que não o respeito? Amo-o muito, mas não o respeito. Senão, não lhe falaria sem nenhuma vergonha, não é?

— Com efeito.

— Acredita que não tenho vergonha diante de você?

— Não, não acredito.

Lisa riu de novo nervosamente; falava depressa.

— Mandeí bombons para seu irmão, Dimítri Fiódorovitch, na prisão. Aliócha, sabe que você é muito gentil? Eu o amarei muito por me ter permitido tão depressa não amá-lo.

— Por que mandou chamar-me, hoje, Lisa?

— Queria dar-lhe parte dum desejo. Quero que alguém me faça sofrer, que case comigo, depois me torture, me engane e me abandone. Não quero ser feliz.

— Enamorou-se da desordem?

— Ah, quero a desordem! Quero pôr fogo na casa. Imagino a coisa: irei às ocultas, absolutamente às ocultas, tratar de pôr fogo. Procuram apagá-lo, a casa arde. Sei e me calo. Ah, que coisa estúpida! Que horror!

Fez um gesto de desgosto.

— Você vive na riqueza — disse Aliócha, em voz baixa.

— Será que vale mais viver pobremente?

— Sim.

— Era seu defunto monge quem lhe contava isso. Não é verdade, Que eu seja rica e todos os outros pobres, comerei bombons, beberei creme e não darei a ninguém! Ah! Não fale, não diga nada (fez um gesto, se bem que Aliócha não tivesse aberto a boca), você já me disse tudo isso antes, sei-o de cor. É aborrecido. Se sou pobre, matarei alguém, talvez mesmo mate sendo rica. Por que me constranger?... Sabe duma coisa? Quero segar, segar os trigos. Serei sua mulher, você tornar-se-á mujique, um verdadeiro mujique; teremos um potrozinho, quer? Conhece Kolgánov?

— Sim.

— Ele sonha, andando. Diz: “De que serve viver? Na verdade, é melhor sonhar.” Podem-se sonhar as coisas mais alegres, mas a vida é o tédio. Ele se casará em breve, fez, também a mim, uma declaração. Sabe rodar pião?

— Sim.

— Pois bem! Ele parece um pião: é preciso pô-lo em movimento, lançá-lo, rodá-lo. Se casar com ele, lançá-lo-ei a vida inteira. Não tem você vergonha de ficar comigo?

— Não.

— Você está muito zangado porque não falo das coisas santas. Não quero ser santa. Que se faz no outro mundo para o maior pecado? Você deve saber ao certo.

— Deus condena — disse Aliócha, olhando-a fixamente.

— É o que quero. Chegaria, condenar-me-iam, riria bem na cara de todos. Quero absolutamente pôr fogo na casa, Aliócha, em nossa casa, não me acredita?

— Por quê, afinal? Há crianças, aos 12 anos, que têm muita vontade de pôr fogo em alguma coisa e o fazem. É uma espécie de doença.

— Não é verdade, não é verdade. Há mesmo crianças, mas não falo disso.

— Você toma o mal pelo bem, é uma crise passageira que provém talvez de sua antiga doença.

— Mas você me despreza! Não quero fazer o bem, muito simplesmente, quero fazer o mal, não há nenhuma doença.

— Por que fazer o mal?

— Porque não resta nada em parte alguma. Ah, como seria bom! Sabe, Aliócha, penso por vezes em fazer muito mal, coisas vis, durante muito tempo, às ocultas, e de repente todos ficarão sabendo. Todos me cercarão e me mostrarão com o dedo, e eu os encararei. É muito agradável. Por que é tão agradável, Aliócha?

— À toa. A necessidade de esmagar algo de bom, ou, como você dizia, de pôr fogo. Isso acontece também.

— Não me contentarei com dizê-lo, fá-lo-ei.

— Acredito-o.

— Ah!, como o amo por causa dessas palavras: acredito-o. Com efeito, você não mente. Mas pensa talvez que lhe digo tudo isso de propósito, para irritá-lo?

— Não, não penso... se bem que haja talvez também um pouco dessa necessidade.

— Um pouco, sim. Não minto nunca diante de você — declarou ela com um clarão nos olhos.

O que impressionava sobretudo Aliócha era a seriedade dela; não havia sombra de malícia nem de brincadeira em seu rosto, muito embora outrora a alegria e a jovialidade não a deixassem nos momentos mais sérios.

— Há momentos em que o homem ama o crime — declarou Aliócha, com ar pensativo.

— Sim, sim, você exprimiu minha ideia, amam-no, todos o amam, sempre, e não por momentos. Sabe? Há como que uma convenção geral de mentira a esse respeito, todos mentem desde então. Pretendem odiar o mal e todos o amam dentro de si mesmos.

— E você continua a ler maus livros?

— Sim. Mamãe oculta-os debaixo de seu travesseiro, mas os surripio.

— Será que não tem você consciência de que se está destruindo?

— Quero destruir-me. Há aqui um rapaz que ficou deitado entre os trilhos durante a passagem de um trem. Felizardo! Escute, julgam agora seu irmão por ter assassinado seu pai, e todo mundo está contente porque ele o matou.

— Estão contentes porque ele matou o pai?

— Sim, todos estão contentes. Dizem que é horrível, mas, dentro de si mesmos, estão muito contentes. Eu sou a primeira.

— Em suas palavras, há um pouco de verdade — disse docemente Aliócha.

— Ah, que ideias tem você! — exclamou Lisa, entusiasmada. — E é um monge! Não pode você crer quanto o respeito, Aliócha, porque você nunca mente. Ah! É preciso que lhe conte um sonho ridículo: vejo por vezes, em sonho, diabos; é à noite, estou no quarto com uma vela; de repente, diabos surgem em todos os cantos, debaixo da mesa, abrem a porta, há uma multidão deles que quer entrar para agarrar-me. E já avançam, agarram-me. Mas benzo-me, e todos eles recuam, tomados de pavor; mas não desaparecem completamente; ficam a esperar à porta e nos cantos. De repente, sinto uma vontade louca de me pôr a blasfemar em voz alta; começo, ei-los que avançam em multidão, muito contentes; agarram-me de novo, de novo me persigno... e então vão-se todos eles. É algo muito divertido; tanto que até se perde a respiração.

— Eu também já tive sonho igual — disse Aliócha.

— Será possível? — gritou Lisa, espantada. — Escute, Aliócha, não ria, é muito importante; pode acontecer que duas pessoas tenham o mesmo sonho?

— Decerto.

— Aliócha, digo-lhe que é muito importante — prosseguiu Lisa, no auge da surpresa. — Não é o sonho que importa, mas o fato de haver você podido ter o mesmo sonho que eu. Você nunca mente, não minta agora: é verdade? Não está troçando?

— É verdade.

Lisa, atordoada, calou-se um instante.

— Aliócha, venha ver-me, venha mais vezes — proferiu ela num tom suplicante.

— Virei sempre à sua casa, toda a minha vida — respondeu ele, com firmeza.

— Falo a você só — continuou Lisa. — Falo a mim só e ainda a você. Senão a você, no mundo inteiro. E falo-lhe mais voluntariamente do que a mim. E não sinto nenhuma vergonha diante de você, Aliócha, nenhuma. Por que isso? Aliócha, é verdade que, na Páscoa, os judeus roubam as crianças e as degolam?

— Não sei.

— Tenho um livro em que se fala dum processo; conta-se que um judeu primeiro cortou os dedos de uma criança de quatro anos, depois crucificou-a numa parede com pregos; declarou ao tribunal que a criança morrera rapidamente, ao fim de quatro horas. É rápido, com efeito! Não cessava de gemer, e ele ali permanecia a contemplá-la. Muito bem!

— Bem?

— Sim. Penso por vezes que fui eu quem a crucificou. Está pendurada e geme, sento-me diante dela e como compota de abacaxi. Gosto muito disso. E você?

Aliócha contemplava em silêncio Lisa, cujo rosto dum amarelo pálido alterou-se de repente, seus olhos flamejaram.

— Sabe? Depois de ter lido essa história, soluzei a noite inteira. Creio ouvir a criança gritar e gemer (aos quatro anos, compreende-se) e essa ideia da compota não me deixa. De manhã, enviei uma carta pedindo a alguém que viesse sem falta ver-me. Veio, contei-lhe tudo a respeito da criança e da compota, tudo, e disse: “Muito bem!” Pôs-se a rir e achou que, com efeito, estava bem. Depois partiu ao fim de cinco minutos. Será que me desprezava? Fale, Aliócha, fale, desprezava-me, sim ou não?

Ergueu-se em seu divãzinho, com os olhos cintilantes.

— Diga-me — proferiu Aliócha, agitado —, você mesma mandou chamar esse “alguém”?

— Eu mesma.

— Enviou-lhe uma carta?

— Sim.

— Precisamente para pedir-lhe isso, a propósito da criança?

— Não, absolutamente. Mas, quando entrou, perguntei-lhe. Respondeu, pôs-se a rir, depois retirou-se.

— Agiu como homem honesto para com você — disse mansamente Aliócha.

— Mas desprezou-me? Riu.

— Não, porque ele mesmo crê talvez na compota de abacaxi. Está também muito doente agora, Lisa.

— Sim, assim o crê! — disse Lisa, com os olhos cintilantes.

— Ele não despreza ninguém — prosseguiu Aliócha. — Somente, não crê em ninguém. Se não crê, é bem certo que despreza.

— Por conseguinte a mim também? A mim?

— A você também.

— Está bem — disse Lisa, com raiva. — Quando ele saiu rindo, senti que o desprezo tinha algo de bom. Ter os dedos cortados como aquela criança é boa coisa; ser desprezada é boa coisa igualmente...

E soltou uma risada má, olhando para Aliócha.

— Sabe, Aliócha, queria... Salve-me! — ergueu-se, inclinou-se para ele, abraçou-o. — Salve-me! — gemeu ela quase. — Disse a alguém no mundo o que acabo de dizer-lhe? Sim, disse a verdade, a verdade! Matar-me-ei, porque tudo me desgosta! Não quero mais viver! Tudo me inspira desgosto, tudo! Aliócha, por que você não me ama, de modo algum?

— Mas, não, eu a amo! — respondeu Aliócha, com ardor.

— Será que você chorará por mim?

— Sim.

— Não porque recusei ser sua esposa, mas em geral?

— Sim.

— Obrigada! Só tenho necessidade de suas lágrimas. E que os outros me torturem, me pisem, todos, todos, sem exceção de ninguém! Porque não amo ninguém. Está ouvindo? Nin-guém! Pelo contrário, odeio-os! Vá ver seu irmão, Aliócha, já é tempo! — E largou-o.

— Como deixá-la assim? — disse ele, quase aterrorizado.

— Vá ver seu irmão, a prisão será fechada. Vá, eis aqui seu chapéu! Abrace Mítia, vá, vá!

Empurrou Aliócha quase à força para a porta. Ele a olhava numa dolorosa perplexidade, quando sentiu em sua mão direita um bilhete dobrado, lacrado. Leu o endereço: “Ivan Fiódorovitch Karamázov.” Lançou um olhar rápido a Lisa. O rosto dela era quase ameaçador.

— Não deixe de lhe entregar! — ordenou, com exaltação, toda trememente. — Hoje, imediatamente! Senão, envenenar-me-ei! Foi por isso que o chamei!

E bateu a porta. Aliócha pôs a carta em seu bolso e dirigiu-se para a escada, sem entrar nos aposentos da senhora Khokhlakova, a quem havia mesmo esquecido. Assim que ele se afastou, Lisa entreabriu a porta, meteu um dedo na fenda e apertou-o com todas as forças, fechando-a. Ao fim de alguns segundos, tendo retirado a mão, foi lentamente sentar-se na poltrona, examinou com atenção seu dedo enegrecido e o sangue que havia

brotado por baixo da unha. Seus lábios tremiam e ela murmurou rapidamente:

— Miserável! Miserável! Miserável! Miserável!

IV

O HINO E O SEGREDO

Já era tarde (e os dias são curtos em novembro), quando Aliócha tocou à porta da prisão. Caía a noite. Mas sabia que o deixariam entrar sem dificuldade. Em nossa cidadezinha, é o mesmo que em toda parte. No começo, sem dúvida, uma vez terminada a instrução preparatória, as entrevistas de Mítia com os parentes ou algumas outras pessoas eram cercadas de certas formalidades necessárias, mas, posteriormente, fizeram exceção para certos visitantes. Chegou a ponto de, por vezes, realizarem-se quase a sós as entrevistas com o prisioneiro. Aliás, esses privilegiados eram pouco numerosos: somente Grúchenka, Aliócha e Rakítin. O *isprávník* Mikhail Makárovitch estava muito favorável à jovem. O velho lamentava ter gritado contra ela em Mó Kroie. Em seguida, uma vez ao corrente, mudara completamente de opinião a seu respeito. E, coisa estranha, se bem que estivesse persuadido da culpabilidade de Mítia, desde sua prisão tornara-se mais indulgente para com ele: “Era talvez uma boa natureza, mas a embriaguez e a desordem perderam-no!” Uma espécie de compaixão havia sucedido nele ao horror do começo. Quanto a Aliócha, o *isprávník* gostava muito dele e conhecia-o há muito tempo, e Rakítin, que tomara o costume de visitar frequentemente o prisioneiro, estava muito ligado com “as meninas do *isprávník*”, como as chamava, e não se passava dia que não estivesse em casa delas. Dava lições na casa do inspetor da prisão, velhote bonachão, mas militar severo. Aliócha conhecia bem e desde muito tempo esse inspetor, que gostava de conversar com ele a respeito da “suprema sabedoria”. O velhote respeitava e até mesmo temia Ivan Fiódorovitch, sobretudo seus raciocínios, muito embora fosse ele próprio grande filósofo, à sua maneira, bem entendido. Mas sentia por Aliócha uma simpatia invencível. Havia um ano vinha estudando os Evangelhos apócrifos e comentava a cada instante sobre suas impressões a

seu jovem amigo. Outrora, ia mesmo vê-lo no mosteiro e discutia horas inteiras com ele e com os religiosos. Em suma, se Aliócha chegava atrasado à prisão, bastava passar em casa dele e a coisa se arranjava. Além do mais, o pessoal, até o derradeiro guarda, estava acostumado com ele. O sentinela não fazia naturalmente dificuldades, contanto que se tivesse uma autorização. Quando chamavam Mítia, descia ele de sua cela e ia ao parlatório. Ao entrar, Aliócha encontrou Rakítin, que se despedia de Mítia. Ambos falavam em voz alta. Mítia, despedindo-se dele, ria muito, e Rakítin parecia resmungar. Sobretudo nos últimos tempos, não gostava Rakítin de encontrar Aliócha, não lhe falava, cumprimentava-o mesmo com secura. Vendo Aliócha entrar, franziu o cenho, desviou a vista, mostrou-se muito preocupado em abotoar o sobretudo quente de gola de pele. Depois pôs-se a procurar o guarda-chuva.

— Contanto que não esqueça nada! — falou, para dizer alguma coisa.

— Especialmente, não esqueças o que não te pertence! — disse Mítia, rindo. Rakítin esquentou-se imediatamente.

— Recomenda isso a teus Karamázov, raça de exploradores, e não a Rakítin! — exclamou ele, tremendo de cólera.

— Que é que te deu? Estava brincando... São todos assim — disse Mítia a Aliócha, apontando Rakítin que saía rapidamente. — Ria, estava alegre, e ei-lo que se arrebatava! Nem mesmo te cumprimentou. Estão brigados? Por que vens tão tarde? Esperei-te com impaciência a manhã inteira. Não importa. Vamos tirar o atraso.

— Por que vem ele ver-te tantas vezes? Estás ligado a ele?

— Ligado a Mikhail? Não, precisamente. Aliás, é um porco! Toma-me por um miserável. Sobretudo, não entende uma brincadeira. É uma alma seca, lembra-me os muros da prisão, tais como os vi ao chegar. Mas é inteligente. Pois bem! Alieksiêi, estou perdido agora!

Sentou-se num banco, indicou um lugar junto dele a Aliócha.

— Sim, é amanhã o julgamento. Não tens na verdade nenhuma esperança, irmão?

— De que falas? — perguntou Mítia, com o olhar vago. — Ah!, sim, do julgamento. Ao diabo! Bagatelas tudo isso. Falemos do essencial. Sim, julgam-me amanhã, mas não é isso que me faz dizer que estou perdido. Não temo por minha cabeça, somente o que há dentro dela é que está perdido. Por que me olhas com ar desaprovador?

— De que falas, Mítia?

— Ideias! Ideias! A ética! Que é a ética?

— A ética? — disse Aliócha, surpreso.

— Sim, uma ciência, qual?

— Há, com efeito, uma ciência com esse nome... somente... não posso explicar-te, confesso-o.

— Rakítin sabe. É muito culto. Que o diabo o carregue! Não se fará monge. Quer ir para Petersburgo fazer crítica, mas de tendência moral. Pois bem! Pode ser útil, tornar-se alguém. É um ambicioso! Ao diabo a ética! Estou perdido, Aliócha, homem de Deus! Amo-te mais do que a todos. Meu coração bate, quando penso em ti. Quem é Carl Bernard?

— Carl Bernard?

— Não, Carl não, Claude Bernard.⁸⁸ Um químico, não?

— Ouvi dizer que é um sábio, não sei de mais nada a seu respeito.

— Ao diabo! Também eu nada sei. É provavelmente algum canalha, são todos canalhas. Mas Rakítin irá longe. Mete-se em toda parte, é também um Bernard. Oh, esses Bernard! Pululam.

— Mas que tens, afinal?

— Quer ele escrever um artigo a meu respeito e estreitar assim na literatura, eis por que vem ver-me, ele mesmo o declarou. Um artigo de tese: “Tinha de matar, é uma vítima do meio”, etc. Haverá, diz ele, um matiz de socialismo. O diabo o carregue! Quanto a mim, pouco me importa! Não gosta de Ivan, detesta-o, tu também não lhe és simpático. Não o ponho para fora, ele tem espírito, mas que orgulho! Dizia-lhe eu ainda há pouco: “Os Karamázov não são” canalhas, são filósofos, como todos os verdadeiros russos; mas tu, malgrado teu saber, não és um filósofo, não passas de um labrego.” Riu-se maldosamente. E eu acrescentei: *de opinionibus non est disputandum*.⁸⁹ Também sou clássico — concluiu Mítia, disparando a rir.

— Mas por que estás perdido? Disseste ainda há pouco.

— Por que estou perdido? Hum, no fundo... se se toma a coisa em conjunto, lamento Deus, eis tudo.

— Que queres dizer?

— Imagina, na cabeça, isto é, no cérebro, há nervos... esses nervos têm fibras e vibram... vês, olho alguma coisa, assim, e elas vibram, essas fibras... e assim que elas vibram forma-se uma imagem, não

imediatamente, mas ao fim dum instante, dum segundo, e forma-se um momento, isto é, não um momento — que o diabo o leve! —, mas um objeto ou uma ação; eis como se efetua a percepção, o pensamento vem em seguida... porque tenho fibras, e não porque tenho uma alma e fui criado à imagem de Deus; que bobagem! Mikhail explicava-me isso, ainda ontem, e enchia-me de ardor. Que bela coisa a ciência, Aliócha! O homem se transforma, compreendo-o... No entanto, lamento Deus!

— Já é uma boa coisa — disse Aliócha.

— Lamentar eu Deus? A química, irmão, a química! Não há nada a fazer, Vossa Reverendíssima, afaste-se um pouco, é a química que passa! Rakítin não ama Deus. Oh, não, não o ama! É o ponto fraco deles todos! Mas ocultam-no, mentem. “Pois bem, exporás essas ideias na rubrica da crítica?”, perguntei-lhe. “Não, não me deixarão fazê-lo”, continuou ele, rindo. “Mas, então, que se tornará o homem, sem Deus e sem imortalidade? Tudo é permitido, por consequência, tudo é lícito?” — “Não o sabias? Para um homem de talento, tudo é permitido, sabe sempre tirar-se de apertos. Mas tu, tu mataste, tu te deixaste apanhar e agora apodreces em cima da palha.” Eis o que ele me disse, o porco. Outrora, punha para fora indivíduos como esse, agora os escuto. Aliás, diz ele coisas sensatas e escreve bem. Começou, há oito dias, a ler-me um artigo; tomei nota de três linhas, espera, ei-las.

Mítia tirou vivamente do bolso um papel e leu: “Para resolver essa questão, é preciso pôr sua pessoa em oposição à sua atividade.”

— Compreendes ou não?

— Não, não compreendo — disse Aliócha.

Olhava Mítia e escutava-o com curiosidade.

— Eu tampouco. Não é claro, mas tem espírito. “Todos, diz ele, escrevem assim, atualmente, vem do meio ambiente...” Faz também versos o tratante. Cantou os pés da Khokhlakova, ah!, ah!, ah!

— Ouvi falar disso — disse Aliócha.

— Sim? Mas conheces os versos?

— Não.

— Tenho-os, vou lê-los. Não sabes, mas é uma verdadeira história! Canalha! Há três semanas, imaginou ele mexer comigo. “Deixaste-te apanhar como um imbecil, por três mil rublos, mas eu vou recolher 150 mil, caso com uma viúva e comprarei uma casa de pedra em Petersburgo,

começarei a publicar um jornal.” E a boca se lhe enche d’água, não por causa da Khokhlakova, mas dos 150 mil rublos. Estava seguro de si, vinha ver-me todos os dias: “Ela está cedendo”, dizia ele, radiante. E eis que o põem para fora; Pierkhótin, Piotr Ilitch passou-lhe a perna, viva! Beijarei de boa vontade aquela perua por havê-lo despachado. Foi na ocasião em que havia ele escrito esses versos. “Pela primeira vez, diz ele, rebaixo-me a escrever versos, para seduzir, portanto com um fim útil. De posse do capital duma idiota, posso tornar-me útil à sociedade.” A utilidade pública serve de desculpa a essa gente para todas as baixezas! “E, no entanto, diz ele, escrevi coisa melhor que Púchkin, porque soube exprimir, em versos brincalhões, minha tristeza cívica.” Compreendo o que diz ele de Púchkin. Por que limitar-se a descrever pés, se tinha verdadeiramente talento? Como estava orgulhoso de seus versos! Ah, o amor-próprio dos poetas! “Pelo restabelecimento do pé do objeto amado”, eis o título que aquele pândego imaginou!

*Seu encantador pezinho
Inchou, lhe dói um pouquinho.
Vêm doutores torturá-lo,
Todos no afã de curá-lo.*

*Não vou seu pé lamentar,
Púchkin o há de cantar,
Lamento-lhe a cabecinha.
A toda ideia durinha.*

*Já começava a entender
Quando o pé veio a doer.
Que o pé se restabeleça
E entre a ideia na cabeça.*

“Um verdadeiro porco, mas seus versos são divertidos, patife! E misturou-lhes deveras uma tristeza cívica. Estava furioso por ter sido despedido. Rangia os dentes”.

— Já se vingou — disse Aliócha. — Escreveu um artigo a respeito da senhora Khokhlakova.

E Aliócha contou-lhe o que aparecera no jornal *Boatos*.

— Foi ele, é bem dele! — confirmou Mítia, franzindo o cenho. — Esses artigos... eu sei... quantas infâmias já foram escritas a respeito de Grúchenhka, por exemplo!... E a respeito de Kátia, também... Hum!

Pôs-se a andar pelo quarto com ar preocupado.

— Irmão, não posso ficar muito tempo — disse Aliócha, após um silêncio. — Amanhã será um dia terrível para ti. Vai-se cumprir o julgamento de Deus... e admira-me que, em lugar de coisas sérias, fales de bagatelas...

— Não, não te espantes. Devo falar daquele cão fedorento? Do assassino? Conversamos de sobra a respeito dele! Que não se fale mais de Smierdiákov, aquele fedorento filho de uma fedorenta! Deus o castigará, hás de ver!

Aproximou-se de Aliócha, beijou-o com emoção. Seus olhos cintilavam.

— Rakítin não compreenderia isso, mas tu, tu compreendes tudo: por isso esperava-te com impaciência. Vês, queria, há muito tempo, dizer-te muitas coisas, entre estas paredes degradadas, mas calava o essencial, o momento não parecia ter ainda chegado. Esperei a derradeira hora para expandir-me. Meu irmão, senti nascer em mim, desde minha prisão, um novo ser; um homem novo ressuscitou! Existia em mim, mas nunca se teria revelado se o raio não o tivesse atingido. Que me importa, a mim, cavar durante vinte anos nas minas? Isso não me amedronta, mas temo outra coisa agora: que esse homem ressuscitado se retire de mim! Pode-se encontrar também nas minas, em um forçado e em um assassino, um coração de homem e entrar em entendimento com ele, porque ali também se pode amar, viver e sofrer! Pode-se reanimar o coração entorpecido de um forçado, cuidar dele, trazer afinal da cova para a luz uma alma grande, regenerada pelo sofrimento, ressuscitar um herói! Ora, há centenas deles e somos todos culpados para com eles. Por que pensei então no neném, em tal momento? Era uma profecia. Irei por causa do neném. Porque todos são culpados para com todos. Todos são nenéns, há crianças grandes e pequenas. Irei por causa delas, é preciso que alguém se devote por todos. Não matei meu pai, mas aceito a expiação. Foi aqui, entre estas paredes degradadas, que tive consciência de tudo isso. Há muitos, centenas sob a terra, de martelo na mão. Sim, estaremos acorrentados, privados de liberdade, mas, em nossa dor, ressuscitaremos para a alegria, sem a qual o

homem não pode viver nem Deus existir, porque é Ele quem a dá. Esse é o Seu grande privilégio, Senhor, que o homem se consuma na oração! Como viverei sob a terra sem Deus? Rakítin mente; se expulsam Deus da Terra, nós o reencontraremos sob a terra! Um forçado não pode passar sem Deus, ainda menos que um homem livre. E então nós, os homens subterrâneos, cantaremos das entranhas da terra um hino trágico ao Deus da alegria! Viva Deus e Sua alegria divina! Eu O amo!

Ao declamar essa tirada estranha, Mítia estava quase sufocado. Empalidecera, seus lábios tremiam, lágrimas lhe corriam pelas faces.

— Não, a vida está cheia, a vida extravasa mesmo sob a terra! Não podes crer, Aliócha, como quero viver agora, a que ponto a sede da existência apoderou-se de mim, precisamente entre estas paredes degradadas! Rakítin não compreende isso, só pensa em construir uma casa, em pôr nela locatários, mas eu te esperava. Que é o sofrimento? Não o temo, fosse ele infinito. Outrora o temia. Pode acontecer que não responda a nada no tribunal... Com a força que sinto em mim, creio-me em condições de dominar todos os sofrimentos, contanto que possa dizer a mim mesmo a cada instante: existo! Em meio aos tormentos, crispado pela tortura, existo! Amarrado ao pelourinho, existo ainda, vejo o sol, e, se não o vejo, sei que ele é luz. E saber isso é já toda a vida. Aliócha, meu querubim, a filosofia me mata, que o diabo a leve! Nosso irmão Ivan...

— Que há com Ivan? — interrompeu Aliócha, mas Mítia não ouviu.

— Vês, outrora, não tinha todas essas dúvidas, ocultava-as dentro de mim. Foi justamente talvez porque ideias desconhecidas referviam em mim que eu me embriagava, batia-me, arrebatava-me: era para dominá-las, esmagá-las. Nosso irmão Ivan não é como Rakítin, oculta seus pensamentos; é uma esfinge, cala-se sempre. Mas Deus me atormenta, não penso senão nisso. Que fazer, se Deus não existe? Rakítin tem razão de pretender que é uma ideia forjada pela humanidade? Nesse caso, o homem seria o rei da Terra, do Universo. Muito bem! Somente, como será ele virtuoso sem Deus? Pergunto a mim mesmo. Com efeito, a quem amará o homem então? A quem cantará hinos de reconhecimento? Rakítin ri, diz que se pode amar a humanidade sem Deus. Aquele fedelho pode afirmar isso, eu não posso compreendê-lo. A vida é fácil para Rakítin: “Ocupa-te antes — dizia-me hoje — com estender os direitos cívicos ou impedir a alta da carne; dessa maneira, servirás melhor a humanidade e a amarás mais que com toda a tua filosofia.” Ao que lhe respondi: “Tu mesmo, não

acreditando em Deus, elevarás o preço da carne, se houver oportunidade, e ganharás um rublo em vez dum copeque.” Zangou-se. Com efeito, que é a virtude? Responde-me, Alieksiêi. Não represento para mim a virtude como um chinês, é pois uma coisa relativa? Ou então, não é relativa? Questão insidiosa! Não rirás se te disser que isso me impediu de dormir durante duas noites? Admira-me que se possa viver sem pensar nisto. Vaidade! Para Ivan, não há Deus. Ele tem uma ideia. Uma ideia acima de meu alcance. Mas não a diz. Penso que ele é franco-maçom. Interroguei-o, não me deu resposta. Teria querido beber da água de sua fonte, ele se cala. Uma vez somente falou.

— Que disse?

— Perguntava-lhe: “Então, tudo é permitido?” Ele franziu a testa: “Fiódor Pávlovitch, nosso pai — disse ele —, era um porco, mas raciocinava certo.” Eis suas palavras. É mais claro que Rakítin...

— Sim — disse Aliócha, com amargura.

— Voltaremos a isso. Quase não te tenho falado de Ivan até o presente. Esperei até o fim. Uma vez terminada a peça e pronunciada a sentença, contar-te-ei tudo. Há uma coisa terrível, para a qual serás meu juiz. Mas agora, nem mais uma palavra a respeito. Falas do julgamento de amanhã, acreditarías?, não sei de nada.

— Falaste com aquele advogado?

— De que serve? Conte-lhe tudo. Um manso velhaco da capital, um Bernard! Não crê numa palavra do que lhe digo. Pensa que sou culpado, imagina, vejo-o bem! “Então, por que veio defender-me?”, perguntei-lhe. Pouco me importa essa gente! E os médicos queriam fazer-me passar por louco. Não o permitirei! Katierina Ivânovna quer cumprir “seu dever” até o fim. Com rigor! (Mítia sorriu amargamente.) É cruel como uma gata. Sabe que eu disse em Mókroie que tinha ela grandes cóleras! Contaram-lhe. Sim, os depoimentos multiplicaram-se ao infinito. Grigóri mantém o que disse: é honesto, mas imbecil. Há muitas pessoas honestas por imbecilidade. É uma ideia de Rakítin. Grigóri me é hostil. Valeria melhor ter tal pessoa por inimiga que por amiga. Digo isso a propósito de Katierina Ivânovna. Tenho muito medo de que ela fale no tribunal da saudação até o chão que ela me fez, quando lhe emprestei os 4.500 rublos! Há de querer pagar até o derradeiro vintém. Não quero seus sacrifícios! Terei vergonha disso no tribunal! Vá vê-la, Aliócha, pede-lhe que não fale disso. Ou então será impossível? Que diabo, não importa, aguentarei! Não

a lastimo. É ela que o quer. O ladrão só terá aquilo que merece. Farei um discurso, Alieksiêi. (Sorriu de novo, amargamente.) Somente, somente, há Grúchenhka, Senhor! Por que sofre ela tanto, agora? — exclamou ele, com lágrimas. — Pensar nela é o que me mata. Estava aqui ainda há pouco...

— Contou-me. Causaste-lhe muito pesar hoje.

— Sei. Que o diabo me leve por causa de meu gênio! Fiz-lhe uma cena de ciúmes. Estava arrependido, quando ela partiu, beijei-a. Mas não lhe pedi perdão.

— Por quê?

— Mítia pôs-se a rir alegremente.

— Que Deus te preserve, meu caro, de pedir alguma vez perdão a uma mulher amada! Sobretudo a uma mulher amada, e quaisquer que sejam teus agravos a ela! Porque a mulher, meu irmão, quem diabo sabe o que é? Eu, em todo caso, conheço as mulheres! Tenta pois reconhecer teus erros — “É culpa minha, perdão, desculpa-me” — sofrerás uma saraivada de censuras! Jamais um perdão franco, simples; começará por humilhar-te, envilecer-te, censurar-te-á agravos imaginários, e somente então te perdoará. E ainda é a melhor dentre elas! Não perdoará as menores coisas. Tal é a ferocidade de todas, sem exceção, desses anjos sem os quais não poderíamos viver! Vês tu, meu caríssimo, digo-o francamente: todo homem decente deve estar sob a chinela duma mulher. É minha convicção, ou antes, meu modo de sentir. O homem deve ser generoso; isso não rebaixa. Mesmo um herói, mesmo César. Mas nunca peças perdão, a nenhum preço. Lembras-te dessa máxima, vem de teu irmão Mítia, a quem as mulheres botaram a perder. Não, repararei meus agravos a Grúchenhka, mas sem pedir-lhe perdão. Venero-a, Alieksiêi, mas não o nota ela; pensa que nunca a amo bastante. Faz-me sofrer com esse amor. Antes, sofria eu com suas sinuosidades pérfidas, agora formamos uma só alma e por ela tornei-me um homem. Ficaremos juntos? Se não, morrerei de ciúme... Já penso nisso cada dia... Que te disse ela de mim?

Aliócha repetiu-lhe o que Grúchenhka dissera. Mítia escutou atentamente e ficou satisfeito.

— Então, não está zangada pelo fato de ser eu ciumento! Eis bem a mulher! “Também eu tenho um coração duro.” Gosto dessas naturezas, se bem que não suporte o ciúme! Brigaremos, mas a amarei sempre. Será que os forçados podem casar-se? Não posso viver sem ela...

Mítia andou pelo quarto, com os supercílios franzidos. Já quase não se enxergava. De repente, pareceu preocupado.

— Então, diz ela que há um segredo? Uma conspiração a três contra ela, com Katka? Pois bem! Não, não é isso. Grúchenhka enganou-se como uma tola. Aliócha querido, tanto pior... Vou revelar-te nosso segredo.

Mítia olhou para todos os lados, aproximou-se de Aliócha, pôs-se a falar-lhe em voz baixa, se bem que, na realidade, ninguém pudesse ouvi-los; o velho guarda dormitava num banco, os soldados de serviço estavam bastante afastados.

— Vou-te revelar nosso segredo — disse ele à pressa. — Iria fazê-lo depois, porque posso eu tomar uma decisão sem ti? És tudo para mim. Ivan nos é superior, mas tu vales mais que ele. Somente tu decidirás. Talvez sejas mesmo superior a Ivan. Vês, é um caso de consciência, um negócio tão importante que não posso resolvê-lo eu mesmo sem teu conselho. No entanto, é ainda demasiado cedo para um pronunciamento; é preciso esperar o julgamento. Tu decidirás em seguida a respeito de minha sorte. Agora, contenta-te em escutar-me, mas não digas nada. Expor-te-ei somente a ideia, deixando de lado os detalhes. Mas nada de perguntas, não te mexas, está entendido? E teus olhos que eu esquecia! Lerei neles tua decisão, mesmo que não fales. Oh, tenho medo! Escuta, Aliócha: Ivan propõe que eu fuja. Passo por cima dos detalhes; tudo está previsto, tudo pode arranjar-se. Cala-te. Na América, com Grucha, porque não posso viver sem ela... E se não a deixam seguir-me? Será que os forçados podem casar-se? Ivan diz que não. Que farei sem Grucha, debaixo da terra, com uma marreta? Só serviria para partir com ela minha cabeça! Mas, por outro lado, a consciência. Furto-me ao sofrimento, desvio-me da via de purificação que se oferecia a mim. Ivan diz que, na América, com boa vontade, pode a gente ser mais útil que nas minas. Mas que virá a ser então de nosso hino subterrâneo? A América é ainda vaidade! E há também, eu penso, muita desonestidade em partir para a América. Escapo à expiação! Eis por que te digo, Aliócha, só tu podes compreender isso; para os outros, tudo quanto te disse do hino são tolices, delírio. Tratar-me-ão de louco ou de imbecil. Ora, não sou uma coisa nem outra. Ivan também compreende o hino, decerto, mas cala-se. Não crê nele. Não fala, não fala; vejo, por teu olhar, que já decidiste. Poupa-me, não posso viver sem Grucha, espera até o julgamento.

Mítia acabou com um ar desvairado. Segurava Aliócha pelos ombros, fixava-o com o olhar ávido, ardente.

— Podem os forçados casar-se? — repetiu ele pela terceira vez, com voz suplicante.

Aliócha, muito comovido, escutava com profunda surpresa.

— Dize-me — perguntou ele —, é verdade que Ivan insiste muito? Quem teve primeiro essa ideia?

— Foi ele. Ele insiste! Não o via, veio de repente, há uma semana, e começou por aí. Não propõe, ordena. Não duvida de minha obediência, se bem que lhe tenha eu aberto meu coração como a ti e falado do hino. Expôs-me seu plano, reuniu as informações, mas voltarei a isso. Ele o quer ardentemente. E, sobretudo, oferece dinheiro: dez mil rublos para fugir, vinte mil na América; pretende que se pode muito bem organizar a fuga com dez mil rublos.

— E recomendou-te que não me falasses?

— A ninguém e sobretudo a ti. Tem medo que sejas como minha consciência viva. Não lhe digas que te pus a par, rogo-te!

— Tens razão, é impossível decidir antes da sentença. Depois do julgamento, verás tu mesmo; haverá em ti um homem novo que decidirá.

— Um homem novo, ou um Bernard, que decidirá como Bernard! Assim, parece-me ser eu mesmo um vil Bernard — disse Mítia, com um sorriso amargo.

— Será possível, meu irmão, que não esperes justificar-te amanhã?

Mítia ergueu os ombros, abanou a cabeça negativamente.

— Aliócha — disse de repente —, está na hora de ires. Acabo de ouvir o inspetor no pátio; vai chegar aqui, estamos atrasados, é desordem. Beija-me depressa, faz sobre mim o sinal da cruz para o calvário de amanhã...

Abraçaram-se e beijaram-se.

— E Ivan, que me propõe a fuga, ele próprio acredita que eu matei.

Triste sorriso desenhou-se em seus lábios.

— Perguntaste-lhe?

— Não. Queria perguntar-lhe, mas não tive coragem. Aliás, compreendi-o por seu olhar. Então, adeus!

Beijaram-se de novo. Aliócha ia sair, quando Mítia o chamou.

— Fica assim diante de mim, assim.

Pegou de novo Aliócha pelos ombros. Seu rosto tornou-se muito pálido, seus lábios se contraíram, seu olhar sondava o irmão.

— Aliócha, dize-me toda a verdade, como diante de Deus. Crês que eu matei? A verdade inteira, não mintas!

Aliócha cambaleou, sentiu um aperto no coração.

— Basta! Que dizes?... — murmurou como desvairado.

— Toda a verdade, não mintas!

— Jamais cri um só instante que sejas um assassino! — exclamou com voz trêmula Aliócha, que levantou a mão como para tomar a Deus por testemunha. Uma expressão de felicidade pintou-se no rosto de Mítia.

— Obrigado — disse, suspirando, como depois de um desmaio. — Restituíste-me a vida... Acreditas? Até agora temia perguntar-te, a ti, a ti! Vá, agora, vá! Tu me fortificaste para amanhã. Que Deus te abençoe! Retira-te, ama Ivan!

Aliócha saiu todo choroso. Semelhante desconfiança da parte de Mítia, mesmo para com ele, revelava um desespero que ele jamais suspeitara que fosse tão profundo em seu desgraçado irmão. Infinita compaixão apoderou-se dele. Estava profundamente magoado. “Ama Ivan!” Lembrou-se de súbito dessas derradeiras palavras de Mítia. Ia precisamente à casa de Ivan, a quem queria ver desde a manhã. Ivan inquietava-o tanto quanto Mítia, e agora mais do que nunca, após aquela entrevista.

V

NÃO FOSTE TU!

Para ir à casa do irmão, tinha de passar por diante da casa onde morava Katierina Ivânovna. As janelas estavam iluminadas. Parou e resolveu entrar. Não havia visto Katierina fazia mais de uma semana e pensou que Ivan estivesse talvez em casa dela, sobretudo na véspera dum dia tão importante. Na escada, fracamente iluminada por uma lanterna chinesa, cruzou com um homem em quem reconheceu o irmão.

— Ah, és tu? — disse secamente Ivan Fiódorovitch. — Adeus. Vais à casa dela?

— Sim.

— Não te aconselho. Está agitada, tu a perturbarás ainda mais.

— Não, não — gritou uma voz no alto da escada. — Alieksiêi Fiódorovitch, acaba de vê-lo?

— Sim, vi-o.

— Manda ele dizer-me alguma coisa? Entre, Aliócha, e você também, Ivan Fiódorovitch, volte sem demora. Estão ouvindo?

A voz de Kátia era tão imperiosa que Ivan, após um instante de hesitação, decidiu-se a subir de novo com Aliócha.

— Ela estava escutando! — murmurou ele, agitado, consigo mesmo, mas Aliócha o ouviu.

— Permita que conserve meu sobretudo — disse Ivan, ao entrar no salão. — Ficarei apenas um minuto.

— Sente-se, Alieksiêi Fiódorovitch — disse Katierina Ivânovna, que ficou de pé. Não havia mudado, mas seus olhos sombrios brilhavam com um clarão mau. Aliócha lembrou-se mais tarde de que ela lhe parecera particularmente bela naquele instante.

— Que me manda ele dizer?

— Somente isto — disse Aliócha, olhando-a de frente: — Que a senhora se poupe e não fale no tribunal do que (hesitou um pouco)... se passou entre vocês... por ocasião do primeiro encontro.

— Ah! De minha saudação até o chão por causa do dinheiro? — disse ela, com um riso amargo. — Teme por si ou por mim? Quer que eu poupe a quem, afinal? A ele ou a mim? Fale, Alieksiêi Fiódorovitch.

Aliócha olhava-a atentamente, esforçando-se por compreendê-la.

— À senhora e a ele.

— É isso — disse ela com maldade e corou. — Você não me conhece ainda, Alieksiêi Fiódorovitch. Eu tampouco me conheço. Talvez venha a detestar-me, depois do interrogatório de amanhã.

— A senhora depará com lealdade — disse Aliócha. — É o que é preciso.

— A mulher nem sempre é leal. Há uma hora, temia o contato daquele monstro como o de um réptil... entretanto, é ele sempre um ser humano para mim. Mas é um assassino? Foi ele quem matou!? — exclamou ela, voltando-se para Ivan. Aliócha compreendeu logo que ela já lhe havia feito aquela pergunta antes de sua chegada, pela centésima vez talvez, e que

havam brigado. — Fui à casa de Smierdiákov... Foste tu que me persuadiste de que ele é um parricida. Acreditei em ti!

Ivan sorriu constrangido. Aliócha estremeceu ouvindo aquele “em ti”. Não suspeitava de tal intimidade.

— Pois bem! Basta — cortou Ivan. — Vou-me embora. Até amanhã.

Saiu, dirigindo-se para a escada. Katierina Ivânovna agarrou imperiosamente as mãos de Aliócha.

— Siga-o! Alcance-o! Não o deixe só um instante. Está louco. Não sabe que ele ficou louco? Está com febre nervosa. O médico me disse, vá, corra...

Aliócha precipitou-se atrás de Ivan Fiódorovitch, que não havia dado ainda cinquenta passos.

— Que queres? — disse ele, voltando-se para Aliócha. — Ela te mandou seguir-me, porque estou louco. Sei isso de cor — acrescentou ele, irritado.

— Ela se engana, decerto, mas diz com razão que estás doente. Examinava-te ainda há pouco, tens o rosto desfeito, Ivan.

Ivan continuava andando, Aliócha seguia-o.

— Sabes, Alieksiêi Fiódorovitch, como é que se fica louco? — perguntou Ivan, num tom calmo, em que transparecia curiosidade.

— Não, ignoro-o; penso que há muitos gêneros de loucura.

— Pode uma pessoa perceber por si mesma que está ficando louca?

— Penso que a pessoa não pode observar-se em semelhante caso — respondeu Aliócha, surpreso. Ivan calou-se um instante.

— Se queres conversar comigo, mudemos de conversa — disse ele, de repente.

— Com medo de esquecê-la, eis aqui uma carta para ti — disse timidamente Aliócha, estendendo-lhe a carta de Lisa. Aproximavam-se dum lampião. Ivan reconheceu a letra.

— Ah, é daquela diabinha! — Deu uma risada má e, sem abri-la, rasgou a carta em pedaços, que se dispersaram ao vento.

— Ainda não tem 16 anos e já se oferece — disse, num tom cheio de desprezo.

— Como se oferece ela!? — exclamou Aliócha.

— Ora essa, como as mulheres corrompidas.

— Que estás dizendo, Ivan? — protestou Aliócha, cheio de dor. — É uma criança, tu insultas uma criança! Ela também está muito doente, talvez também se torne louca. Tinha de entregar-te sua carta... Queria eu, pelo contrário, que me explicasses... para salvá-la.

— Nada tenho a explicar-te. Se é uma criança, não sou eu sua babá. Cala-te, Alieksiêi, não insistas. Nem mesmo penso nisso.

Houve novo silêncio.

— Ela vai rezar à Virgem todas as noites para saber o que deve fazer amanhã — continuou ele, num tom maldoso.

— Tu... falas de Katierina Ivânovna?

— Sim. Aparecerá ela para salvar Mítia ou para perdê-lo? Rezará para ser esclarecida. Não sabe ainda, vê, não tendo tido ainda tempo de se preparar. Outra ainda que me toma por ama de leite, quer que eu a acalente.

— Katierina Ivânovna te ama, meu irmão — disse tristemente Aliócha.

— É possível. Mas a mim ela não agrada.

— Ela sofre. Por que então dizer-lhe... por vezes, palavras que lhe dão esperança? — prosseguiu timidamente Aliócha. — Sei que o fizeste, perdoa-me se falo assim.

— Não posso fazer o que seria preciso, romper e falar-lhe de coração aberto! — disse Ivan, com arrebatamento. — É preciso esperar que o assassino seja julgado. Se romper com ela agora, botará a perder amanhã, por vingança, aquele desgraçado, porque ela o odeia e tem consciência disso. Aqui, é mentira sobre mentira! Enquanto ela conservar esperança, não botará a perder aquele monstro, sabendo que eu quero salvá-lo. Ah, quando será pronunciada essa maldita sentença!

As palavras “assassino” e “monstro” tinham impressionado dolorosamente Aliócha.

— Mas como poderia ela perder o nosso Mítia? Em que é de temer seu depoimento?

— Não o sabes ainda. Tem em suas mãos um documento escrito por Mítia demonstrando que foi ele quem matou Fiódor Pávlovitch.

— É impossível! — exclamou Aliócha.

— Impossível, como? Eu mesmo o li.

— Não pode existir semelhante documento! — repetiu Aliócha com ardor. — Não pode existir, porque não foi Mítia o assassino. Não foi ele

quem matou nosso pai.

Ivan parou.

— Quem então o matou, em tua opinião? — perguntou ele friamente. Havia arrogância na voz.

— Tu mesmo sabes quem — disse mansamente e num tom penetrante Aliócha.

— Quem? Essa fábula a respeito daquele idiota epilético, Smierdiákov?

— Tu mesmo sabes quem... — deixou Aliócha escapar, já sem forças. Ofegava, tremia.

— Mas quem então, quem? — gritou Ivan, cheio de raiva. Não era mais senhor de si.

— Só sei uma coisa — disse Aliócha, em voz baixa. — Não foste tu que mataste o pai. Estou certo disso.

— Que queres dizer com estas palavras: “Não foste tu”? — perguntou Ivan, estupefato.

— Não foste tu que mataste, não foste tu! — repetiu com firmeza Aliócha. Houve um silêncio.

— Mas sei bem que não fui eu, estás delirando? — disse Ivan, pálido, com um sorriso que era mais uma careta. Encarava Aliócha. Encontravam-se de novo perto de um lampião.

— Não, Ivan, disseste a ti mesmo várias vezes que eras tu o assassino.

— Quando o disse?... Estava em Moscou... Quando o disse? — repetiu Ivan, perturbado.

— Tu o disseste a ti mesmo muitas vezes, quando ficavas sozinho, durante aqueles dois terríveis meses — disse Aliócha brandamente. Dir-se-ia que falava, malgrado seu, obedecendo a uma ordem imperiosa. — Tu te acusaste, reconheceste que o assassino não era outro senão tu. Mas enganas-te, não és tu, tu me entendes? Não és tu! É Deus quem me envia para dizer-te.

Ambos se calaram durante um minuto. Pálidos, fitavam-se bem nos olhos. De súbito, Ivan estremeceu, agarrou Aliócha pelo ombro.

— Estavas em minha casa! — cochichou ele, com os dentes cerrados. — Estavas em minha casa, à noite, quando ele veio... Confessa-o... Viste-o?

— De quem falas... de Mítia? — perguntou Aliócha, que não compreendia.

— Dele, não... ao diabo o monstro! — vociferou Ivan. — Será que sabes que ele veio ver-me? Como o soubeste? Fala!

— “Ele” quem? Ignoro a quem te referes — disse Aliócha, aterrorizado.

— Não, tu sabes... senão como é que tu... não podes deixar de saber...

Mas conteve-se. Parecia meditar. Um sorriso estranho pregueava-lhe os lábios.

— Meu irmão — prosseguiu Aliócha, com voz trêmula —, disse-te isso porque crês em minha palavra, eu o sei. Disse-te duma vez para sempre: “Não foste tu!” Ouves? Duma vez para sempre. E foi Deus quem me inspirou, ainda que tenhas de odiar-me doravante.

Mas Ivan voltara a dominar-se.

— Alieksiêi Fiódorovitch — disse ele, com um sorriso frio —, não gosto nem dos profetas nem dos epilépticos, sobretudo dos enviados de Deus, você bem o sabe. Desde agora, rompo com você e, sem dúvida, para sempre. Rogo-lhe que me deixe nesta encruzilhada. De resto, aqui está a rua que leva à sua casa. Sobretudo, evite vir à minha casa hoje, ouviu?

Voltou-se e afastou-se a passos firmes, sem se voltar.

— Meu irmão — gritou-lhe Aliócha —, se te acontecer alguma coisa hoje, pensa em mim!...

Ivan não respondeu. Aliócha ficou na encruzilhada, perto do lampião, até que Ivan desapareceu na escuridão. Retomou então lentamente o caminho de sua residência. Nem ele nem Ivan tinham querido morar na casa solitária de Fiódor Pávlovitch. Aliócha alugava um quarto mobiliado em casa de particulares. Ivan Fiódorovitch ocupava um apartamento espaçoso e bastante confortável na ala duma casa que pertencia a uma senhora abastada, viúva de um funcionário. Tinha para servi-lo apenas uma velha surda, entrevada de reumatismo, que se deitava e se levantava às seis horas. Ivan Fiódorovitch tornou-se muito pouco exigente durante aqueles dois meses e gostava muito de ficar sozinho. Ele mesmo arrumava seu quarto e ia raramente às outras peças. Tendo chegado ao portão e já segurando o cordão da sineta, parou. Sentia-se sacudido por um arrepio de cólera. Largou o cordão, cuspiu e dirigiu-se bruscamente para o outro extremo da cidade, para uma casinha de madeira empenada, a duas verstas

de sua residência. Era ali que morava Mária Kondrátieva, a antiga vizinha de Fiódor Pávlovitch, que ia à casa dele buscar sopa e à qual Smierdiákov cantava canções, acompanhando-se na guitarra. Vendera sua casa e vivia com a mãe numa espécie de isbá; Smierdiákov, doente e quase moribundo, instalara-se em casa delas. Era para lá que se dirigia agora Ivan Fiódorovitch, cedendo a um impulso súbito, irresistível.

VI

PRIMEIRA CONVERSA COM SMIERDIÁKOV

Era a terceira vez que Ivan Fiódorovitch ia conversar com Smierdiákov, desde seu regresso de Moscou. Vira-o após o drama, no primeiro dia de sua chegada, depois visitou-o duas semanas após. Mas, havia mais de um mês, não voltara à casa de Smierdiákov e não sabia quase nada dele. Ivan Fiódorovitch voltara de Moscou cinco dias somente após a morte do pai, enterrado na véspera. Com efeito, ignorando Aliócha o endereço do irmão em Moscou, recorrera a Katierina Ivânovna, que telegrafou a suas parentas, na ideia de que Ivan Fiódorovitch fora visitá-las assim que chegara. Mas só as visitou quatro dias mais tarde e, depois de ter lido o telegrama, regressou às pressas para nossa cidade. Conversou em primeiro lugar com Aliócha, ficando surpreso por vê-lo afirmar a inocência de Mítia e designar Smierdiákov como o assassino, contrariamente à opinião geral. Depois de ter visto o *isprávník* e o procurador, tomou conhecimento, com detalhes, da acusação e do interrogatório; ficou mais espantado ainda e atribuiu a opinião de Aliócha unicamente a seu extremo afeto fraternal, à compaixão que Mítia lhe inspirava. A esse propósito, expliquemos de uma vez por todas os sentimentos de Ivan por seu irmão Dimítri Fiódorovitch; decididamente não gostava dele, a compaixão que ele lhe inspirava misturava-se a muito desprezo, indo até a aversão. Mítia era-lhe totalmente antipático, até mesmo fisicamente. Quanto ao amor de Katierina Ivânovna por ele, causava indignação a Ivan. Vira Mítia no primeiro dia de sua chegada, e essa entrevista, longe de enfraquecer sua convicção de culpabilidade, havia-a fortificado. Seu irmão estava então inquieto, numa agitação doentia, falava muito, mas distraído e

desorientado, exprimia-se com brusquidão, acusava Smierdiákov, atrapalhava-se terrivelmente. Falava sobretudo dos três mil rublos “roubados” pelo defunto. “Aquele dinheiro me pertencia — afirmava Mítia. — Mesmo se eu o tivesse roubado, teria sido justo.” Não respondia quase às acusações que se elevavam contra ele, e se discutia os fatos em seu favor era duma maneira confusa, canhestra, como se não quisesse mesmo justificar-se aos olhos de Ivan; pelo contrário, zangava-se, desdenhava as acusações, invectivava, acalorava-se. Zombava do testemunho de Grigóri relativo à porta aberta, assegurava que era “o diabo quem a tinha aberto”. Mas não podia explicar esse fato de maneira plausível. Havia mesmo ofendido Ivan, por ocasião dessa primeira conversa, declarando-lhe bruscamente que não cabia aos que sustentavam que “tudo é permitido” suspeitar dele e interrogá-lo. Em suma, mostrara-se bastante pouco amável com Ivan Fiódorovitch. Este, após sua conversa com Mítia, foi logo ter com Smierdiákov.

Ainda no vagão, pensava constantemente em Smierdiákov e em sua derradeira conversa na véspera da partida. Muitas coisas o perturbavam, pareciam-lhe suspeitas. Mas, no depoimento ao juiz de instrução, havia Ivan provisoriamente guardado segredo a respeito. Esperava avistar-se com Smierdiákov, que se encontrava então no hospital. O doutor Herzenstube e o médico do hospital Varvínski responderam categoricamente às perguntas de Ivan Fiódorovitch, que a epilepsia de Smierdiákov estava certificada; e pareceram mesmo surpresos de que ele lhes perguntasse se não houvera simulação no dia do drama. Deram-lhe a entender que era uma crise extraordinária, que se repetiria durante vários dias, pondo em perigo a vida do doente. Agora, graças às medidas tomadas, podia-se afirmar que ele escaparia, mas, talvez, acrescentou o doutor Herzenstube, sua razão ficasse perturbada, se não para sempre, pelo menos por muito tempo. Insistindo Ivan Fiódorovitch em saber se ele estava louco no momento, responderam-lhe que sem estar ainda completamente louco, apresentava certas anomalias. Ivan Fiódorovitch resolveu dar-se conta disso pessoalmente. Foi imediatamente admitido à presença de Smierdiákov, que se encontrava num quarto separado e deitado. Um segundo leito era ocupado por um hidrópico que só poderia durar um ou dois dias e não iria atrapalhar a conversa. Smierdiákov mostrou um sorriso desconfiado à vista de Ivan Fiódorovitch, pareceu mesmo intimidado no primeiro momento, pelo menos teve Ivan essa

impressão. Mas isso só durou um instante, e Smierdiákov espantou-o quase por sua calma no resto do tempo. À primeira vista, pôde Ivan Fiódorovitch convencer-se da gravidade de seu estado; estava muito fraco, falava lentamente, penosamente, emagrecera muito e amarelecera. Durante os vinte minutos que durou a conversa, queixava-se sem cessar de dores de cabeça e de lassidão em todos os membros. Seu rosto chupado de eunuco havia-se encolhido, com os cabelos revoltos nas têmporas. Somente uma mecha delgada erguia-se à guisa de topete. Mas o olho esquerdo, piscante e parecendo fazer alusão, lembrava o antigo Smierdiákov: “Dá gosto falar com um homem de espírito”, lembrou-se logo Ivan Fiódorovitch. Sentou-se a seus pés, num tamborete. Smierdiákov mexeu-se, gemendo, mas ficou em silêncio; não tinha ar de muita curiosidade.

— Podes falar-me? Não te fatigarei demais.

— Decerto — murmurou Smierdiákov, com voz fraca. — Há muito tempo que o senhor chegou? — acrescentou com condescendência, como para encorajar o visitante constrangido.

— Hoje somente... para esclarecer a trapalhada de vocês.

Smierdiákov suspirou.

— Que tens de suspirar? Sabias então? — perguntou Ivan.

— Como não o teria sabido? — disse Smierdiákov, após um silêncio.

— Era claro, de antemão. Mas como prever que aquilo acabaria assim?

— Acabaria o quê? Nada de rodeios! Por que predisseste que terias uma crise logo que descesses à adega? Designaste abertamente a adega.

— Disse isso em seu depoimento? — perguntou Smierdiákov, com fleuma.

— Ainda não, mas o direi decerto. Deves-me explicações, meu amigo, e fica sabendo, meu caro, que não permitirei que brinques comigo!

— Por que brincar com o senhor, quando minha esperança está toda no senhor, como que em Deus? — proferiu Smierdiákov, sem se comover.

— Em primeiro lugar, sei que não se pode prever uma crise de epilepsia. Obtive informações, portanto é inútil fingir. Como, pois, fizeste, para me predizer o dia, a hora e até mesmo o lugar? Como podias saber de antemão que terias uma crise justamente naquela adega, se não simulaste?

— De toda maneira teria eu de ir à adega várias vezes ao dia — respondeu lentamente Smierdiákov. — Foi assim que caí do celeiro, há um

ano. Bem decerto não se pode prever o dia e a hora duma crise, mas pode-se ter sempre um pressentimento.

— Ora, tu predisseste o dia e a hora!

— No que concerne à minha doença, senhor, informe-se antes junto aos médicos para saber se ela era natural ou fingida; nada mais tenho a dizer-lhe a este respeito.

— Mas a adega? Como previste a adega?

— Essa adega o atormenta! Quando ali desci, tinha medo, desconfiava, tinha medo porque, uma vez ausente o senhor, não havia mais ninguém para me ajudar. Pensava: “Vou ter um ataque, cairei ou não?” E essa apreensão provocou o espasmo na garganta... vim abaixo. Tudo isso, bem como nossa conversa, na véspera, no portão, quando lhe falava de meus temores, inclusive a adega, eu o expus com detalhes ao senhor doutor Herzenstube e ao juiz de instrução, Nikolai Parfiénovitch; ficou tudo constando dos autos. O médico do hospital, Varvinski, explicou particularmente que a apreensão mesma havia provocado a crise e o fato foi notado.

Como que esgotado pela lassidão, Smierdiákov respirou com dificuldade.

— Então, já fizeste essas declarações? — perguntou Ivan Fiódorovitch um tanto desconcertado. Queria amedrontá-lo, ameaçando-o com a divulgação de sua conversa, mas o outro tomara a dianteira.

— Que tenho a temer? Devem eles conhecer toda a verdade — disse Smierdiákov, com segurança.

— E contaste também exatamente nossa conversa perto do portão?

— Não, não exatamente.

— Disseste também que sabes simular uma crise, como disse te gabavas diante de mim?

— Não.

— Dize-me agora por que me mandavas para Tchermachniá?

— Temia que o senhor fosse para Moscou. Tchermachniá é mais perto.

— Mentas, foste tu que instaste comigo para partir; “afaste-se do pecado”, dizias.

— Foi unicamente por amizade, por devotamento, pressentindo uma desgraça e para poupá-lo. Mas minha segurança passava além da do senhor. De modo que lhe disse “afaste-se do pecado” para fazê-lo

compreender que aconteceria alguma coisa e que o senhor deveria ficar para defender seu pai.

— Deverias ter me falado francamente então, imbecil!

— Como poderia fazê-lo? O medo dominava-me, e o senhor poderia ter se zangado. Podia temer, com efeito, que Dimítri Fiódorovitch fizesse escândalo e arrebatasse aquele dinheiro que considerava propriedade sua, mas quem teria crido que aquilo acabaria em um assassinato? Pensava que ele se contentaria com furtar aqueles três mil rublos ocultos sob o colchão, num envelope, mas ele assassinou. Como adivinhar, senhor?

— Então, se dizes tu mesmo que era impossível, como podia eu adivinhar e ficar? Não está claro.

— O senhor podia adivinhar pelo fato de enviá-lo eu a Tchermachniá em lugar de Moscou.

— Que é que isso prova?

Smierdiákov, que parecia muito cansado, calou-se de novo.

— O senhor podia compreender que se eu o aconselhava a ir a Tchermachniá, é que desejava tê-lo por perto, porque Moscou é longe. Sabendo que o senhor estava nas proximidades, Dimítri Fiódorovitch teria hesitado! O senhor poderia, se preciso, acorrer e defender-me, porque eu lhe havia informado que Grigóri Vassílievitch estava doente e eu receava uma crise. Ora, explicando-lhe que se poderia, por meio de sinais, penetrar em casa do defunto, e que Dimítri Fiódorovitch os conhecia graças a mim, pensei que o senhor adivinharia por si mesmo que ele se entregaria decerto a violências e que, longe de partir para Tchermachniá, o senhor ficaria.

“Ele fala sensatamente — pensava Ivan —, se bem que titubeie; por que dizia Herzenstube que tem ele o espírito transtornado?”

— Estás com astúcias comigo. O diabo te carregue! — exclamou Ivan, zangado.

— Francamente, cria então que o senhor havia adivinhado — replicou Smierdiákov, com o ar mais ingênuo.

— Nesse caso, teria eu ficado!

— Isso mesmo! Eu pensava que o senhor partia apesar de tudo para salvar-se, porque o senhor tinha medo.

— Acreditavas que todos são tão covardes como tu?

— Desculpe, pensava que o senhor era como eu.

— Decerto, era preciso prever; aliás, eu previa uma vilania de tua parte. Mas tu mentes, mentes de novo! — exclamou Ivan, impressionado por uma lembrança. — Hás de lembrar-te de que, no momento de minha partida, disseste-me: “Dá gosto conversar com um homem de espírito.” Estavas, pois, contente com minha partida, uma vez que me cumprimentavas.

Smierdiákov suspirou várias vezes e pareceu corar.

— Estava contente — disse ele com esforço —, mas unicamente porque o senhor se decidia por Tchernachniá em lugar de Moscou. É sempre mais perto; e minhas palavras não eram um cumprimento, mas uma censura. O senhor não compreendeu.

— Que censura?

— Muito embora pressentindo uma desgraça, o senhor abandonava seu pai e recusava-se a defender-nos, porque podia eu ser o suspeito de ter furtado aqueles três mil rublos.

— Que o diabo te leve! Um instante; falaste aos juizes a respeito dos sinais, daquelas pancadas?

— Expliquei-lhes tudo, sem faltar nada.

Ivan Fiódorovitch admirou-se de novo.

— Se pensei então em alguma coisa foi numa infâmia de tua parte; aliás, esperava isso. Dimítiri podia matar, mas acreditava-o incapaz de roubar. Tu me disseste que sabias simular as crises. Por que disseste isso?

— Por ingenuidade. Jamais simulei a epilepsia, foi simplesmente para me gabar, por estupidez. Gostava muito do senhor então e conversava com toda a simplicidade.

— Meu irmão te acusa, diz que foste tu que mataste e roubaste.

— Decerto, que outra coisa poderá dizer? — Smierdiákov sorriu amargamente. — Mas quem acreditará em tais acusações dele? Grigóri Vassílievitch viu a porta aberta. É concludente. Enfim, que Deus o perdoe! Ele tenta salvar-se e tem medo.

Smierdiákov pareceu refletir, depois acrescentou:

— É sempre a mesma coisa; quer atirar esse crime sobre mim, já o ouvi dizer, mas teria eu prevenido o senhor de que sei simular a epilepsia, se me preparasse para matar seu pai? Planejando esse crime, poderia eu ser tão tolo a ponto de revelar de antemão tal prova e, ainda por cima, ao filho da vítima! Pense nisso! É verossímil? Nesse momento, ninguém

ouve nossa conversa, exceto a Providência, mas, se o senhor a comunicasse ao procurador e a Nikolai Parfiénovitch, serviria isso para minha defesa, porque um celerado não pode ser tão ingênuo. Todos raciocinarão assim.

— Escuta — disse Ivan Fiódorovitch levantando-se, impressionado por esse último argumento. — Não suspeito de ti absolutamente. Seria ridículo acusar-te... agradeço-te mesmo teres me tranquilizado. Vou-me embora, mas voltarei. Adeus. Restabelece-te. Tens necessidade de alguma coisa?

— Agradeço-lhe. Marfa Ignatiévna não me esquece e, sempre boa, me vem em auxílio quando preciso. Pessoas de bem vêm ver-me todos os dias.

— Adeus. Aliás, não direi que sabes simular uma crise... aconselho-te também a não falar disso — disse Ivan sem saber por quê.

— Compreendo bem. Se o senhor não disser, não repetirei tampouco toda a nossa conversa junto ao portão...

Ivan Fiódorovitch saiu. Apenas dera uns dez passos no corredor, deu-se conta de que a derradeira frase de Smierdiákov tinha algo de ferino. Queria já ir-se embora, mas ergueu os ombros e saiu do hospital. Sentia-se tranquilizado pelo fato de que o culpado não era Smierdiákov, mas seu irmão Mítia, conquanto devesse ser isso precisamente o contrário, parece. Não queria procurar a razão disso, sentindo repugnância em analisar suas sensações. Tinha pressa de esquecer. Nos dias que se seguiram, convenceu-se definitivamente da culpabilidade de Mítia, estudando mais a fundo as acusações que pesavam sobre ele. Pessoas inferiores, tais como Fiénia e sua mãe, tinham prestado depoimentos perturbadores. Inútil falar de Pierkhótin, do botequim, da loja dos Plótnikovi, das testemunhas de Mókroie. Os detalhes sobretudo eram esmagadores. A história das pancadas misteriosas havia impressionado o juiz e o procurador quase tanto quanto o depoimento de Grigóri a respeito da porta aberta. Marfa Ignátievna, interrogada por Ivan Fiódorovitch, declarou-lhe que Smierdiákov passara a noite atrás do biombo, “a três passos de nosso leito”, e que, muito embora dormisse ela profundamente, despertara muitas vezes ouvindo-o gemer: “Gemia o tempo todo.” Conversando com Herzenstube, Ivan Fiódorovitch contou-lhe suas dúvidas a respeito da loucura de Smierdiákov, a quem achava simplesmente fraco, mas o velho sorriu com finura: “Sabe em que ele se ocupa agora? Aprende de cor palavras francesas escritas em letras russas num caderno, eh!, eh!, eh!” As dúvidas de Ivan Fiódorovitch desapareceram afinal. Já não podia pensar

mais em Dimítri senão com desgosto. No entanto, havia uma coisa estranha: a persistência de Aliócha em afirmar que o assassino não era Dimítri, mas “muito provavelmente” Smierdiákov. Ivan sempre fizera grande caso da opinião de seu irmão e aquilo o tornava perplexo. Outra coisa estranha, notada por Ivan: Aliócha nunca era o primeiro a falar de Mítia, limitando-se a responder às perguntas dele, Ivan. Aliás, tinha Ivan outra coisa na cabeça no momento; desde seu regresso de Moscou, estava loucamente apaixonado por Katierina Ivânovna. Não é aqui o lugar para descrever essa nova paixão de Ivan Fiódorovitch, que influiu em toda a sua vida; formaria isso matéria dum outro romance que escreverei talvez um dia. Devo assinalar, em todo caso, que, quando ele declarou a Aliócha, ao sair da casa de Katierina Ivânovna: “a mim ela não agrada”, como o contei mais atrás, mentia a si mesmo; amava-a loucamente, ao mesmo tempo que a odiava por vezes, a ponto de ser capaz de matá-la. Isso ligava-se a muitas causas; transtornada pelo drama, voltara-se para Ivan Fiódorovitch, que de novo estava a seu lado, como para um salvador. Estava ofendida, humilhada em seus sentimentos, e eis que reaparecia o homem que a amava tanto antes — ela bem o sabia — e cuja inteligência e coração sempre apreciara. Mas a severa moça não se dera totalmente, malgrado a impetuosidade de seu amoroso, digna dos Karamázov, e a fascinação que ele exercia sobre ela. Ao mesmo tempo, atormentava-se sem cessar por ter traído Mítia e, por ocasião de suas frequentes discussões com Ivan, declarava-lhe isso francamente. Era o que, falando a Aliócha, chamara ela de “mentira sobre mentira”. Havia, com efeito, muita mentira nas relações deles, o que exasperava Ivan Fiódorovitch... mas não antecipemos. Em suma, por algum tempo, esqueceu-se ele quase de Smierdiákov. No entanto, duas semanas após sua primeira visita, as mesmas ideias estranhas recomeçaram a atormentá-lo. Perguntava a si mesmo muitas vezes por que, na derradeira noite, na casa de Fiódor Pávlovitch, antes de sua partida, saíra de mansinho para a escada, como um ladrão, para escutar o que fazia seu pai no rés do chão. Posteriormente, lembrou-se disso com desgosto. Sentiu-se de súbito angustiado, no dia seguinte pela manhã em viagem, e, ao aproximar-se de Moscou, dizia a si mesmo: “Sou um miserável!” Por que isso? Pensava mesmo uma vez que essas ideias penosas podiam fazer que esquecesse Katierina Ivânovna, quando encontrou Aliócha na rua. Deteve-o logo e perguntou-lhe:

— Lembras-te daquela tarde em que Dimítri irrompeu em casa de nosso pai e bateu nele? Disse-te mais tarde no pátio que me reservava “o direito de desejar”. Dize-me, pensaste então que eu desejava a morte de nosso pai?

— Sim — disse mansamente Aliócha.

— Aliás, não era difícil adivinhar. Mas não pensaste também que eu desejava que os répteis se devorassem mutuamente, isto é, que Dimítri matasse nosso pai o mais depressa possível... e que eu mesmo o ajudaria nisso?

Aliócha empalideceu, olhou em silêncio para o irmão, fitando-o bem nos olhos.

— Fala! — exclamou Ivan. — Quero saber o que pensaste. É-me precisa toda a verdade!

Sufocava e olhava de antemão Aliócha com um ar cheio de maldade.

— Perdoa-me, pensei isso também — murmurou Aliócha, sem acrescentar “circunstância atenuante”.

— Obrigado — disse secamente Ivan, que prosseguiu seu caminho.

Desde então, notou Aliócha que o irmão o evitava e lhe testemunhava aversão, tanto que cessou suas visitas. Logo depois desse encontro, voltara Ivan Fiódorovitch a ver Smierdiákov.

VII

SEGUNDA CONVERSA COM SMIERDIÁKOV

Smierdiákov havia saído do hospital. Residia naquela casinha empenada que se compunha de duas peças reunidas por um vestíbulo. Maria Kondrátievna e sua mãe habitavam uma, a outra era ocupada por Smierdiákov. Não se sabia exatamente a que título se instalara ele em casa delas; mais tarde, supôs-se que vivia como noivo de Maria Kondrátievna e não pagava nada no momento. A mãe e a filha estimavam-no muito e consideravam-no superior a elas. Depois de ter batido, Ivan, segundo as indicações de Maria Kondrátievna, entrou diretamente à esquerda na peça ocupada por Smierdiákov. Uma estufa de faiança desprendia um calor

intenso. As paredes estavam ornadas de papel azul, mas rasgado, sob o qual, nas fendas, formigavam as baratas das quais se ouvia o barulho contínuo. O mobiliário era insignificante: dois bancos contra as paredes e duas cadeiras perto da mesa muito simples, coberta por uma toalha de ramagens cor-de-rosa. Sobre as janelas, gerânios; a um canto, imagens santas. Na mesa, um pequeno samovar de cobre, bastante amassado, uma bandeja e duas xícaras. Mas estava apagado, Smierdiákov já havia tomado o chá... Estava sentado em um banco e escrevia num caderno. Ao lado dele, achavam-se um pequeno tinteiro e uma vela num candelabro de ferro fundido. Olhando Smierdiákov, teve Ivan a impressão de que estava ele completamente restabelecido. Tinha o rosto mais fresco, menos magro, os cabelos empomados, um roupão de quarto pintalgado, forrado de algodão e bastante usado. Estava de óculos, o que era novidade para Ivan Fiódorovitch. Esse detalhe irritou-o: “Semelhante criatura usar óculos!” Smierdiákov ergueu lentamente a cabeça, fixou o visitante através dos óculos; tirou-os, depois se levantou displicentemente, menos em atitude de respeito do que para cumprir estrita polidez. Ivan notou tudo isso num piscar de olhos e, sobretudo, o olhar malévolo e mesmo orgulhoso de Smierdiákov. “Que vens fazer aqui? Já nos entendemos”, parecia ele dizer. Ivan Fiódorovitch mal se continha.

— Faz calor aqui — disse, ainda de pé, desabotoando o sobretudo.

— Tire-o — sugeriu Smierdiákov.

Ivan Fiódorovitch tirou o sobretudo, pegou uma cadeira com as mãos trêmulas, aproximou-a da mesa e sentou-se. Smierdiákov já havia retomado seu lugar.

— Em primeiro lugar, estamos sós? — perguntou severamente Ivan Fiódorovitch. — Não poderão ouvir-nos?

— Ninguém. O senhor viu que há um vestíbulo.

— Escuta, então. Que é que insinuavas quando te deixei, no hospital, dizendo que, se eu não falasse de tua habilidade em simular epilepsia, tu não relatarias ao juiz toda a nossa conversa junto do portão? Que significa esse “toda”? Que entendias com isso? Era uma ameaça? Existe um acordo entre nós? Tenho medo de ti?

Ivan Fiódorovitch falava com cólera, dava claramente a entender que desprezava os rodeios, jogava as cartas na mesa. Smierdiákov lançou um

olhar mau, seu olho esquerdo pôs-se a piscar, como para dizer, com sua reserva habitual: “Queres ir diretamente ao caso, pois seja!”

— Queria dizer então que, prevendo o assassinato do próprio pai, o senhor deixou-o sem defesa. Era uma promessa de calar-me para impedir julgamentos desfavoráveis de seus sentimentos ou mesmo de outra coisa.

Pronunciou Smierdiákov essas palavras sem se apressar, parecendo senhor de si, mas num tom áspero, provocante. Fixou Ivan Fiódorovitch com ar insolente.

— Como? O quê? Estás em teu bom senso?

— Estou em todo meu bom senso.

— Estava eu então a par do assassinato!? — exclamou Ivan, dando um formidável murro na mesa. E que significa “de outra coisa”? Fala, miserável!

Smierdiákov calava-se, com a mesma insolência no olhar.

— Fala, pois, canalha infecto, outra coisa!

— Pois bem! Queria eu dizer com aquilo que o senhor mesmo, talvez, desejasse vivamente a morte de seu pai.

Ivan Fiódorovitch levantou-se e bateu com todas as forças no ombro de Smierdiákov; ele cambaleou até perto da parede, lágrimas inundaram-lhe o rosto. “É vergonhoso, senhor, bater em um homem sem defesa!”

Cobriu o rosto com o sujo lenço de quadrados azuis e pôs-se a soluçar.

— Basta! Para com isso! — disse imperiosamente Ivan, que tornou a sentar-se. — Não me leves aos extremos!

Smierdiákov descobriu os olhos. Seu rosto enrugado exprimia vivo rancor.

— De modo que, miserável, acreditavas que, de conluio com Dimítri, queria eu matar meu pai?

— Não conhecia seus pensamentos, e foi para sondá-lo que o detive no corredor.

— Quê? Sondar o quê?

— Suas intenções. Se o senhor desejava que seu pai fosse prontamente assassinado!

O que exasperava Ivan Fiódorovitch era o tom altivo e impertinente de que não queria desistir Smierdiákov.

— Foste tu que o mataste! — exclamou Ivan, de repente. Smierdiákov sorriu, desdenhoso.

— O senhor sabe perfeitamente que não fui eu, e teria crido que um homem inteligente não insistiria nisso.

— Mas por que tiveste tal suspeita a meu respeito?

— Como o senhor sabe, é por medo. Porque estava em tal situação que desconfiava de todo mundo. Quis também sondá-lo porque, pensei, se o senhor estivesse de acordo com seu irmão, estaria eu perdido.

— Não falavas assim há duas semanas.

— Subentendia a mesma coisa no hospital, supondo que o senhor compreenderia por meias palavras e que evitara uma explicação direta.

— Vejam só! Mas responde então, insisto: como pude inspirar em tua alma vil essa ignóbil suspeita?

— Matar pessoalmente não era o senhor capaz disso, mas desejava que outrem o fizesse.

— Com que fleuma ele fala! Mas por que tê-lo-ia eu querido?

— Como? Por quê? E a herança? — disse perfidamente Smierdiákov. — Após a morte de seu pai, devia receber quarenta mil rublos cada um, se não mais. Se Fiódor Pávlovitch, porém, tivesse desposado aquela senhora, Agrafiena Alieksándrovna, teria ela logo transferido o capital para seu nome, porque não é tola, de sorte que nada teria restado para os senhores três. Esteve isso por um fio; bastava que ela dissesse uma palavra e ele a teria acompanhado à igreja, todo enamorado.

Ivan Fiódorovitch mal se podia conter.

— Está bem — disse por fim —, vês?, nem te bati nem te matei. Continua. Então, em tua opinião, encarregara eu meu irmão Dimítri dessa tarefa, contava com ele?

— Certamente. Assassinando, perdia ele todos os direitos, era degradado e deportado. Seu irmão Alieksiêi Fiódorovitch e o senhor herdariam a parte dele, e não seriam quarenta mil rublos para cada um, mas sessenta mil que lhes caberia. O senhor contava certamente com Dimítri Fiódorovitch.

— Pões minha paciência à prova! Escuta, patife, se tivesse contado naquele momento com alguém, seria contigo, e não com Dimítri, e, juro-o, pressentia alguma infâmia de tua parte... então... lembro-me de minha impressão!

— Eu também cri um instante que o senhor contava comigo — disse ironicamente Smierdiákov —, de sorte que o senhor se desmascarava

ainda mais, porque se partia malgrado aquele pressentimento, isso revertia em dizer: podes matar meu pai, não me oponho a isso.

— Miserável! Havias compreendido isso?

— Pense um pouco: o senhor ia partir para Moscou, recusava, malgrado os rogos de seu pai, dirigir-se a Tchernachniá. E consente, de repente, a uma palavra minha! Que é que o levava àquela Tchernachniá? Para partir assim sem razão, a meu conselho, era preciso que esperasse o senhor alguma coisa de mim.

— Não, juro que não — gritou Ivan, rangendo os dentes.

— Como não? O senhor deveria ter, pelo contrário, o senhor, o filho da casa, por causa daquelas palavras, me conduzido à polícia e mandado chicotear-me... pelo menos surrar-me ali mesmo. Em lugar de zangar-se, segue conscienciosamente meu conselho, parte, coisa absurda, porque deveria ter ficado para defender seu pai... Que devia eu concluir?

Ivan tinha o ar sombrio, com os punhos crispados sobre os joelhos.

— Sim, lamento não te ter surrado então — disse, com um sorriso amargo. — Não podia levar-te à polícia, não me teriam acreditado sem provas. Mas surrar-te... Ah! Lamento não ter pensado nisso; muito embora as agressões físicas sejam proibidas, ter-te-ia amassado devidamente o focinho.

Smierdiákov observava-o quase com volúpia.

— Nos casos ordinários da vida — declarou ele, num tom satisfeito e doutoral, como quando discutia sobre a fé com Grigóri Vassílievitch em casa de seu amo —, as agressões físicas estão realmente proibidas pela lei; renunciaram a tais brutalidades, mas, nos casos excepcionais, entre nós como no mundo inteiro, até mesmo na República Francesa, continuam a atacar-se violentamente como no tempo de Adão e Eva, e será sempre assim. No entanto, o senhor, mesmo num caso excepcional, não ousou.

— São palavras francesas que estás aprendendo ali? — perguntou Ivan, designando um caderno na mesa.

— Por que não? Completo minha instrução com a ideia de que um dia talvez visitarei também eu aquelas felizes regiões da Europa.

— Escuta, monstro — disse Ivan, que tremia de cólera —, não temo tuas acusações, depõe contra mim tudo quanto queiras. Se não te matei, ainda há pouco, foi unicamente porque suspeito de ti como autor desse crime e quero entregar-te à justiça. Eu te desmascararei.

— Em minha opinião, o senhor faria melhor calando-se. Porque, que pode o senhor dizer contra um inocente e quem o acreditará? Mas, se o senhor me acusar, contarei tudo. Preciso bem defender-me!

— Pensas que tenho medo de ti agora?

— Admitamos que a justiça não acredite em minhas palavras; em compensação, o público acreditará e será uma vergonha para o senhor.

— Isso quer dizer que “dá gosto falar com um homem de espírito”, não é? — perguntou Ivan, rangendo os dentes.

— O senhor o disse. Dê prova de espírito.

Ivan Fiódorovitch levantou-se, fremente de indignação, vestiu o sobretudo e, sem mais responder a Smierdiákov, sem mesmo olhá-lo, precipitou-se para fora da isbá. O vento fresco da noite refrescou-o. Fazia luar. As ideias e sensações turbilhonavam nele. “Ir denunciar agora Smierdiákov? Mas que dizer? Ele é, contudo, inocente. Será ele quem me acusará, pelo contrário. Com efeito, por que parti então para Tchernachniá? Com que fim? Certamente, esperava eu alguma coisa, ele tem razão...” Pela centésima vez, lembrava-se de como, na derradeira noite passada em casa do pai, se mantinha ele na escada, à escuta, e isto lhe causava tal sofrimento que chegou mesmo a parar, como que transpassado: “Sim, esperava aquilo, então, é verdade! Quis o assassinato! Eu o quis mesmo? Preciso matar Smierdiákov!... Se não tiver coragem para isso, não vale a pena viver!...” Ivan seguiu diretamente para a casa de Katierina Ivânovna, que ficou espantada com o ar desvairado dele. Repetiu-lhe toda a sua conversa com Smierdiákov, até a mínima palavra. Se bem que se esforçasse ela por acalmá-lo, andava ele para lá e para cá, proferindo frases incoerentes. Sentou-se, afinal, pôs os cotovelos na mesa, com a cabeça entre as mãos, e fez uma reflexão estranha:

— Se não foi Dimítri, mas Smierdiákov, sou seu cúmplice, porque fui eu que o impeli ao crime. Impeli-o eu mesmo? Não o sei ainda. Mas se foi ele quem matou, e não Dimítri, sou também um assassino.

A essas palavras, Katierina Ivânovna levantou-se em silêncio, foi à escrivaninha e tirou de uma caixinha um papel que colocou diante de Ivan. Era o documento a respeito do qual falara mais tarde a Aliócha como duma prova formal da culpabilidade de Dimítri. Era uma carta escrita a Katierina Ivânovna por Mítia, em estado de embriaguez, na noite de seu encontro com Aliócha, quando este voltava ao mosteiro depois da cena em

que Grúchenhka insultara sua rival. Depois de tê-lo deixado, correu Mítia à casa de Grúchenhka, não se sabe se ele a viu, mas acabou a noite no botequim A Capital, onde se embriagou completamente. Nesse estado pediu uma pena, papel e rabiscou um documento importante. Era uma carta prolixa, incoerente, digna de um bêbedo. Dir-se-ia um ébrio, que, de volta a casa, conta com animação à mulher ou aos que o cercam que um canalha acaba de insultá-lo, a ele, homem decente, mas que haverá de arrancar-lhe o couro; o homem fala a mais não poder, pontuando de murros na mesa sua narrativa incoerente, comovido até as lágrimas. O papel de carta que lhe tinham dado no botequim era uma folha grosseira, suja, trazendo nas costas uma conta. Faltando espaço para aquele falatório de bêbedo, Mítia enchera as margens e escrevera as derradeiras linhas atravessando o texto. Eis o que dizia a carta:

Kátia fatal, amanhã arranjarei dinheiro e te restituirei teus três mil rublos. Adeus, mulher rancorosa, adeus também, meu amor! Acabemos com isso! Amanhã, irei pedir dinheiro a todo mundo; se me recusarem, dou-te minha palavra de honra que irei à casa de meu pai, quebrar-lhe-ei a cabeça e me apoderarei do dinheiro debaixo de seu travesseiro, contanto que Ivan tenha partido. Irei parar no presídio, mas restituir-te-ei teus três mil rublos! Adeus. Saúdo-te até o chão, em comparação contigo sou um miserável. Perdoa-me. Ou antes, não, não me perdoes; estaremos mais à vontade, tu e eu! Prefiro o presídio a teu amor, porque amo outra, tu a conheces demasiado desde hoje. Como poderias perdoar? Matarei aquele que me despojou! Abandonarei vocês todos para partir para o Oriente, não mais ver ninguém, “ela” tampouco, porque não és a única a me fazer sofrer. Adeus!

P.S. Eu te amaldiçoo, e contudo adoro-te! Sinto meu coração bater, resta nele uma corda que vibra por ti. Ah! É preferível que ele arrebente! Eu me matarei, mas matarei em primeiro lugar o monstro, arrancar-lhe-ei os três mil rublos e os atirarei a teus pés. Serei um miserável a teus olhos, mas não um ladrão! Aguarda os três mil. Estão na casa do cão maldito, debaixo de seu colchão, amarrados por uma fita cor-de-rosa. Não sou eu o ladrão, matarei o homem que me roubou. Kátia, não me desprezes. Dimítri é um assassino, mas não um ladrão! Matou o pai e se perdeu, para não ter de suportar teu orgulho e para não te amar.

PP.S. Beijo-te os pés, adeus!

PP.SS. Kátia, roga a Deus para que me deem dinheiro. Então não derramarei sangue, mas, se me recusarem, eu o derramarei. Mata-me! Teu escravo e teu inimigo.

D. Karamázov

Depois de ter lido esse “documento”, Ivan ficou convencido. Fora seu irmão quem matara e não Smierdiákov. Se não fora Smierdiákov, não fora pois ele, Ivan. Aquela carta constituía, a seus olhos, uma prova categórica. Para ele, não podia mais haver dúvida alguma sobre a culpabilidade de Mítia. A propósito, Ivan jamais suspeitara de uma cumplicidade entre Mítia e Smierdiákov; isso não concordava com os fatos. Estava completamente tranquilizado. No dia seguinte, só se lembrou com desprezo de Smierdiákov e de suas zombarias. Ao fim de alguns dias, admirou-se mesmo de ter podido ofender-se tão cruelmente com as suspeitas dele. Resolveu esquecê-lo totalmente. Passou-se assim um mês. Soube por acaso que Smierdiákov estava doente de corpo e espírito. “Esse indivíduo ficará louco”, dissera a respeito dele o jovem médico Varvinski. Cerca do fim do mês, o próprio Ivan começou a sentir-se bastante mal. Consultara mesmo o médico mandado vir de Moscou por Katierina Ivânovna. Pela mesma época, as relações entre eles azedaram-se ao extremo. Eram como dois inimigos amorosos um do outro. Os regressos de Katierina Ivânovna para Mítia, passageiros mas violentos, exasperavam Ivan. Coisa estranha, até a derradeira cena em presença de Aliócha, quando voltou este da prisão, ele, Ivan, jamais ouvira, durante todo o mês, Katierina Ivânovna duvidar da culpabilidade de Mítia, malgrado seus regressos a ele, que lhe eram tão odiosos. Era também de notar que, sentindo seu ódio por Mítia crescer cada dia, compreendesse Ivan ao mesmo tempo que o odiava não por causa dos regressos a ele de Katierina Ivânovna, mas por ter matado o pai deles! Dava-se perfeitamente conta disso. Não obstante, dez dias antes do julgamento, fora ver Mítia e lhe propusera um plano de evasão, evidentemente concebido desde muito tempo. Fora esse passo inspirado em parte pelo despeito que lhe causava a insinuação de Smierdiákov, de que ele, Ivan, tinha interesse em que seu irmão fosse condenado, porque sua parte da herança e a de Aliócha subiria de quarenta para sessenta mil rublos. Decidira sacrificar trinta mil para

fazer Mítia evadir-se. Ao voltar da prisão, estava triste e perturbado, teve de súbito a impressão de que desejava aquela evasão não somente para fazer desaparecer assim seu despeito, mas por outra razão. “Seria porque, no fundo de minha alma, seja também um assassino?”, perguntara a si mesmo. Estava vagamente inquieto e ulcerado. Sobretudo, durante aquele mês, seu orgulho muito sofrera, mas tornaremos a falar disso...

Quando Ivan Fiódorovitch, após sua conversa com Aliócha e já à porta de sua casa, resolvera ir à casa de Smierdiákov, obedecia a uma indignação súbita que dele se havia apoderado. Lembrou-se de repente de que Katierina Ivânovna acabava de exclamar em presença de Aliócha: “Foste tu, tu somente, que me persuadiste de que ele (isto é, Mítia) era o assassino!” Ao lembrar-se disso, ficou Ivan estupefato; jamais lhe assegurara a culpabilidade de Mítia, pelo contrário, chegara a suspeitar de si mesmo em presença dela, ao voltar da casa de Smierdiákov. Em compensação, fora “ela” quem lhe exibira então aquele documento e demonstrara a culpabilidade de seu irmão? E agora ela exclamava: “Eu mesma fui à casa de Smierdiákov!” Quando isso? Ivan nada sabia. Não estava ela então bem convencida. E que tinha podido dizer-lhe Smierdiákov? Teve um acesso de furor. Não compreendia como, meia hora antes, pudera deixar passar aquelas palavras sem se espantar. Largou o cordão da campainha e dirigiu-se à casa de Smierdiákov. “Eu o matarei talvez, agora!”, pensava pelo caminho.

VIII

TERCEIRA E ÚLTIMA CONVERSA COM SMIERDIÁKOV

Durante o trajeto, um vento áspero e fresco começou a soprar, o mesmo que de manhã, trazendo uma neve fina, espessa e seca. Caía ela sem aderir ao solo, o vento fazia-a turbilhonar e dentro em breve desencadeou-se uma verdadeira tormenta. Na parte da cidade em que morava Smierdiákov quase não há lampiões. Ivan marchava no escuro orientando-se instintivamente. A cabeça doía-lhe. As têmporas latejavam-lhe, o pulso estava acelerado. Um pouco antes de chegar à casinha de Maria Kondrátiévna, encontrou um mujique embriagado, de cafetã remendado,

que caminhava em zigue-zague, invectivando, interrompendo-se por vezes para entoar uma canção com sua voz rouca:

*Para Píter⁹⁰ partiu Vanka,
Por ele não esperarei.*

Mas parava sempre no segundo verso e recomeçava suas imprecações. Há um bom tempo, sentia Ivan Fiódorovitch inconscientemente verdadeiro ódio contra aquele indivíduo; de repente, deu-se conta disso. Imediatamente, teve uma vontade irresistível de matá-lo. Justamente naquele momento encontraram-se lado a lado, e o mujique, cambaleando, deu violento encontrão em Ivan. Ele repeliu com raiva o bêbedo, que caiu sobre a terra gelada, exalou um gemido e calou-se. Jazia de costas, desmaiado. “Ele vai congelar!”, pensou Ivan, que prosseguiu seu caminho.

No vestibulo, Maria Kondrátiévna, que viera abrir, com uma vela na mão, disse-lhe em voz baixa que Páviel Fiódorovitch (isto é, Smierdiákov) estava muito mal e parecia fora de juízo, tendo mesmo recusado tomar chá.

— Está fazendo barulho, então? — indagou Ivan.

— Pelo contrário, está completamente calmo, mas não o retenha demasiado tempo... — pediu Maria Kondrátiévna.

Ivan entrou na isbá.

Estava esta sempre bastante aquecida, mas notavam-se algumas mudanças no quarto; um dos bancos dera lugar a um grande divã de falso acaju, recoberto de couro, arranjado como cama com travesseiros bastante limpos. Smierdiákov estava sentado, sempre metido em seu velho roupão de quarto. Tinham posto a mesa diante do divã, de sorte que restava pouco espaço. Em cima, um grosso volume de capa amarela. Acolheu ele Ivan com um longo olhar silencioso, não parecendo absolutamente surpreendido por sua visita. Tinha mudado muito fisicamente, com o rosto bastante emagrecido e amarelo, os olhos cavados, as pálpebras inferiores arroxeadas.

— Estás verdadeiramente doente? — disse Ivan Fiódorovitch. — Não te reterei muito tempo, conservarei mesmo meu sobretudo. Posso sentar-me?

Aproximou uma cadeira da mesa e sentou-se.

— Por que não falas? Só tenho uma pergunta a fazer-te, mas juro-te que não partirei sem resposta. Katierina Ivânovna veio ver-te?

Smierdiákov não respondeu, fez um gesto apático e virou-se.

— Que tens?

— Nada.

— Nada, como?

— Está bem! Sim, ela veio, que é que tem o senhor com isso? Deixe-me em paz.

— Não, não te deixarei. Fala, quando veio ela?

— Ora, já perdi a lembrança.

Smierdiákov sorriu com desdém. De repente, voltou-se para Ivan, com o olhar carregado de ódio, como um mês antes.

— Creio que o senhor também está doente. Como tem as faces cavadas, o ar desfeito!

— Deixa minha saúde e responde à minha pergunta.

— Por que seus olhos estão tão amarelos? O senhor deve estar-se atormentando.

Pôs-se a rir, escarninho.

— Escuta, já te disse que não partirei sem resposta! — exclamou Ivan exasperado.

— Por que essa insistência? Por que me tortura? — disse Smierdiákov, num tom doloroso.

— Que diabo! Não és tu quem me interessa. Responde e ir-me-ei imediatamente.

— Nada tenho a responder-lhe.

— Asseguro-te que te obrigarei a falar.

— Por que se inquieta o senhor? — Smierdiákov fitou-o com desgosto, mais do que com desprezo. — Por que é amanhã o julgamento? Mas o senhor não arrisca nada, tranquilize-se, pois, afinal! Vá tranquilamente para sua casa, durma em paz, nada tem a temer.

— Não te compreendo... por que haveria eu de temer amanhã? — disse Ivan, espantado, e de repente sentiu-se gelado de medo. Smierdiákov mirava-o de alto a baixo.

— O senhor não com-pre-ende? — disse ele, num tom de censura. — Que necessidade experimenta um homem inteligente de representar

semelhante comédia?

Ivan olhava-o sem falar. O tom inesperado, tão arrogante, com que lhe falava seu antigo lacaio, exorbitava do comum.

— Digo-lhe que o senhor nada tem a temer. Não deporei contra o senhor, não há provas. Veja como suas mãos tremem. Por que isso? Volte à sua casa, não é o senhor o assassino!

Ivan estremeceu, lembrou-se de Aliócha.

— Sei que não sou eu... — murmurou ele.

— O senhor o sabe?

Ivan levantou-se e agarrou-o pelo ombro.

— Fala, réptil! Dize tudo!

Smierdiákov não se mostrou nada amedrontado. Olhou somente Ivan com um ódio louco.

— Então, foi o senhor quem matou, se é assim — murmurou ele com raiva.

Ivan deixou-se recair na cadeira, parecendo meditar.

Sorriu maldosamente.

— Sempre a mesma história, como da outra vez?

— Sim, o senhor compreendia tudo da vez passada, compreende agora ainda.

— Compreendo somente que estás louco.

— E isso não lhe aborrece? Estamos aqui, creio, na intimidade, de que serve enganar-nos, representar uma comédia mutuamente? Ou então quer ainda lançar tudo sobre mim só, à minha cara? O senhor matou, é o senhor o principal assassino, não fui senão seu auxiliar, seu fiel instrumento, o senhor sugeriu, eu realizei.

— Realizou? Foste tu que mataste?

Sentiu como uma comoção no cérebro, um arrepio glacial percorreu-o todo. Por sua vez, Smierdiákov observava-o com espanto. O terror de Ivan impressionava-o, afinal, por sua sinceridade.

— Não sabia, pois, de nada? — disse ele com desconfiança.

Ivan continuava a olhá-lo, sua língua estava como que paralisada.

*Para Píter partiu Vanka,
Por ele não esperarei.*

creu ele, de súbito, ouvir.

— Sabes, tenho medo de que sejas um fantasma — murmurou ele.

— Não há fantasma aqui, exceto nós dois, e ainda um terceiro. Sem dúvida está aí, agora.

— Quem? Que terceiro? — proferiu Ivan cheio de medo, olhando em redor de si, como se procurasse alguém.

— É Deus, a Providência, que está aqui, perto de nós, mas é inútil procurá-lo, o senhor não o encontrará.

— Mentiste, não foste tu que mataste! — vociferou Ivan. — Estás louco, ou me exasperas por prazer, como da outra vez!

Smierdiákov, nada amedrontado, observava-o atentamente. Não podia dominar sua desconfiança, parecia-lhe que Ivan sabia de tudo e simulava ignorância para rejeitar todas as culpas sobre ele só.

— Espere — disse ele afinal, com uma voz fraca e, retirando a perna esquerda de sob a mesa, pôs-se a arregaçar a calça. Smierdiákov usava meias brancas e chinelos. Sem pressa, tirou sua liga e meteu a mão na meia. Ivan Fiódorovitch, que o olhava, estremeceu, de súbito, de terror.

— Demente! — berrou ele. Levantou-se dum salto, recuou vivamente batendo com as costas na parede, onde ficou como que pregado, com os olhos fixos em Smierdiákov, cheio dum terror louco. Imperturbável, continuava Smierdiákov a cascavilhar na meia, esforçando-se por pegar alguma coisa. Conseguiu-o por fim, e Ivan viu-o retirar papéis, ou um maço de papéis, que depositou em cima da mesa.

— Eis! — disse ele em voz baixa.

— O quê?

— Queira olhar.

Ivan aproximou-se da mesa, pegou o maço e começou a desfazê-lo, mas de repente retirou os dedos como ao contato de um réptil repugnante, temível.

— Seus dedos tremem convulsivamente — notou Smierdiákov, e ele mesmo, sem se apressar, desdobrou o papel. Sob o envelope, havia três pacotes de cédulas de cem rublos.

— Está tudo aí, os três mil, não precisa contar. Tome — disse designando as cédulas. Ivan tombou na cadeira. Estava branco como linho.

— Causaste-me medo... com essa meia... — proferiu ele, com um estranho sorriso. — Então, deveras, não sabia ainda?

— Não, não sabia, acreditava que tivesse sido Dimítri. Ah! Meu irmão! Meu irmão! — Pegou a cabeça entre as mãos. — Escuta: tu mataste só, sem meu irmão?

— Somente com o senhor, com o senhor só. Dimítri Fiódorovitch está inocente.

— Está bem... está bem... Falaremos de mim em seguida. Mas por que tremo dessa maneira?... Não posso articular as palavras.

— O senhor era atrevido então, “tudo é permitido”, dizia o senhor, agora está com medo! — murmurou Smierdiákov estupefato. — Quer limonada? Vou pedir. Refresca. Mas seria preciso cobrir primeiro isto.

Designava o maço de cédulas. Fez um movimento para a porta, a fim de chamar Maria Kondrátiévna e dizer-lhe para trazer limonada; procurando com que ocultar o dinheiro, tirou a princípio o lenço, mas como ele estivesse sujo demais, pegou de cima da mesa o grosso volume amarelo que Ivan havia notado ao entrar, e cobriu com ele as cédulas. Aquele livro tinha como título: *Sermões de nosso santo padre Isaac, o Sírio*.

— Não quero limonada — disse Ivan. — Senta-te e fala: como o fizeste? Dize tudo...

— O senhor deveria tirar o sobretudo, senão ficará alagado de suor. Ivan tirou o sobretudo que atirou sobre o banco, sem se levantar.

— Fala, rogo-te, fala!

Parecia calmo. Estava certo de que Smierdiákov diria tudo agora.

— Como se passaram as coisas? — Smierdiákov suspirou. — Da maneira mais natural, segundo as próprias palavras...

— Voltaremos a falar de minhas palavras — interrompeu Ivan, mas sem se zangar desta vez, como se estivesse totalmente senhor de si. — Conta somente, em detalhes e com ordem, como deste o golpe. Sobretudo não esqueças os detalhes, rogo-te.

— O senhor tinha partido, caí na adega...

— Era uma crise, ou então simulavas?

— Simulava, é claro. Desci tranquilamente até embaixo, estendi-me, depois do que comecei a gritar. E debati-me, enquanto me transportavam.

— Um instante. Simulaste também mais tarde, no hospital?

— Absolutamente. No dia seguinte de manhã, ainda em casa, fui dominado por uma crise verdadeira, a mais forte desde anos. Fiquei dois

dias inconsciente.

— Bem, bem. Continua.

— Puseram-me num divã, por trás do biombo; esperava por isso mesmo, porque, quando eu estava doente, Marfa Ignátievna me instalava sempre para passar a noite no quarto deles. Sempre foi boa para mim, desde que nasci. Durante a noite, eu gemia, mas mansamente. Esperava sempre Dimítri Fiódorovitch.

— Onde o esperavas, em tua casa?

— Por que em minha casa? Esperava sua vinda à casa do pai. Estava certo de que ele viria naquela mesma noite, porque, privado de minhas informações, devia fatalmente introduzir-se por meio de escalada e empreender alguma coisa.

— E se ele não tivesse vindo?

— Então, nada teria acontecido. Sem ele, eu não teria agido.

— Bem, bem... fala sem te apressares, sobretudo não omitas nada.

— Contava que ele mataria Fiódor Pávlovitch, porque eu o tinha preparado bem para isso... nos últimos dias... e sobretudo conhecia os sinais. Desconfiado e arrebatado como era, não podia deixar de penetrar na casa. Esperava por isso.

— Um instante Se ele tivesse matado, teria também tirado o dinheiro: devias raciocinar assim. Que teria restado para ti? Não o vejo.

— Mas não teria jamais encontrado o dinheiro. Disse-lhe que o dinheiro estava debaixo do colchão. Mentia. Estava numa caixinha. Em seguida, como Fiódor Pávlovitch só confiava em mim no mundo, sugeri-lhe esconder o dinheiro por trás dos ícones, porque ninguém teria a ideia de procurá-lo ali, sobretudo num momento de pressa. Meu conselho havia agradado a Fiódor Pávlovitch. Teria sido ridículo guardar o dinheiro debaixo do colchão, numa caixinha fechada a chave. Mas todos acreditaram nessa caixinha. Raciocínio estúpido. Portanto, se Dimítri Fiódorovitch tivesse assassinado, teria fugido ao menor alerta, como todos os assassinos, ou então tê-lo-iam surpreendido e detido. Podia eu assim, no dia seguinte, ou na mesma noite, ir furtar o dinheiro, sendo tudo imputado a Dimítri Fiódorovitch.

— Mas se ele tivesse apenas golpeado, sem matar?

— Nesse caso, não teria eu certamente ousado tirar o dinheiro, mas contava que ele golpearia Fiódor Pávlovitch até fazê-lo perder os sentidos;

então eu me apossaria da bolada e lhe teria explicado em seguida que fora Dimíttri Fiódorovitch quem roubara.

— Espere... não estou entendendo mais. Foi então Dimíttri quem matou? Tu somente roubaste?

— Não, não foi ele. Decerto, eu poderia dizer-lhe, ainda agora, que foi ele... mas não quero mentir, porque... porque mesmo se, como o vejo, o senhor nada compreendeu até o presente e não simula para lançar todas as culpas sobre mim, é, no entanto, culpado de tudo; com efeito, o senhor estava prevenido do assassinato, o senhor me encarregou da execução e partiu. De modo que, quero demonstrar-lhe esta noite que o principal, o único assassino foi o senhor, e não eu, se bem que tenha matado. Legalmente, é o senhor o assassino.

— Como assim? Por que sou eu o assassino? — não pôde Ivan Fiódorovitch impedir-se de perguntar, esquecendo sua decisão de deixar para o fim da conversa o que lhe dizia respeito pessoalmente. — É sempre a propósito de Tchermachniá. Para! Dize-me por que era preciso o meu consentimento, uma vez que havias tomado minha partida como um consentimento? Como me explicarás tu isso?

— Seguro de seu consentimento, sabia que, quando o senhor voltasse, não criaria problemas por causa da perda desses três mil rublos, se por acaso a justiça suspeitasse de mim em lugar de Dimíttri Fiódorovitch ou de cumplicidade com ele; pelo contrário, o senhor teria tomado minha defesa... Tendo herdado, graças a mim, poderia o senhor em seguida recompensar-me para o resto da vida, porque, se seu pai tivesse casado com Agrafiena Alieksándrovna, o senhor nada viria a receber.

— Ah, tinhas então intenção de atormentar-me toda a vida! — disse Ivan, de dentes cerrados. — E se eu não tivesse partido e te tivesse denunciado?

— Que poderia o senhor dizer? Que eu o aconselhara a partir para Tchermachniá? Bobagens, tudo isso. Aliás, se o senhor tivesse ficado, nada teria acontecido, teria eu compreendido que o senhor não queria e manter-me-ia tranquilo. Mas sua partida assegurava-me que o senhor não me denunciaria e fecharia os olhos a respeito desses três mil rublos. Não teria podido perseguir-me em seguida, porque teria eu contado tudo à justiça, não o roubo ou o assassinato, isso não o teria eu dito, mas que o senhor me havia impellido e que eu não consentira. Dessa maneira, não poderia o senhor confundir-me, por falta de provas, e eu teria revelado com que

ardor o senhor desejava a morte de seu pai, e todo mundo tê-lo-ia crido, dou-lhe minha palavra.

— Desejava eu tão intensamente a morte de meu pai?

— Decerto, e seu silêncio me autorizava a agir.

Smierdiákov estava muito enfraquecido e falava com lassidão, mas uma força interior galvanizava-o, tinha algum desígnio oculto, Ivan o pressentia.

— Continua tua narrativa.

— Continuemos! Estou deitado e ouço um grito do *bárin*. Grigóri saíra um pouco antes. De repente, põe-se ele a gritar, depois tudo volta a silenciar. Espero imóvel, meu coração bate, não podia aguentar mais. Levanto-me, saio; à esquerda, a janela de Fiódor Pávlovitch estava aberta, avancei para escutar se dava ele sinal de vida, ouço o *bárin* agitar-se e suspirar. “Está vivo”, penso. Aproximo-me da janela e grito ao *bárin*: “Sou eu.” E ele me diz: “Veio, veio e fugiu. (Referia-se a Dimíttri Fiódorovitch.) Matou Grigóri!” — “Donde?”, pergunto-lhe em voz baixa. “Lá embaixo, no canto”, e mostra-me. “Espere!”, digo. Pus-me à sua procura e tropecei, perto do muro, em Grigóri, que jazia desmaiado e todo ensanguentado. “É então verdade que Dimíttri Fiódorovitch veio”, pensei, e resolvi levar a coisa a cabo. Mesmo que Grigóri estivesse vivo ainda, nada veria, uma vez que estava sem sentidos. O único risco era Marfa Ignátievna levantar-se. Senti-o naquele momento, mas um frenesi apoderara-se de mim, a ponto de fazer-me perder a respiração. Voltei à janela do *bárin*: “Ela está aqui, Agrafiena Alieksándrovna veio, quer entrar.” Ele estremeceu. — “Onde, aqui, onde?” Suspira, ainda sem acreditar. — “Ora, aqui, abra pois!” “Olha-me pela janela, indeciso, temendo abrir; tem medo de mim”, pensei. É engraçado; de repente, imaginei fazer sobre a vidraça o sinal da chegada de Grúchenhka, diante dele, sob seus olhos; não acreditava ele nas palavras, mas, logo que eu bati, correu a abrir a porta. Eu queria entrar, ele barra-me a passagem. — “Onde está ela, onde está ela?” Olha-me e palpita. “Ah, pensei, se tem tal medo de mim, isso vai mal!” E minhas pernas bambeavam, tremia ao pensar que ele não me deixasse entrar, ou que chamasse, ou que Marfa Ignátievna chegasse. Não me lembro, mas devia estar muito pálido. Cochichei: “Ela está lá embaixo, sob a janela, como foi que não a viu?” — “Traz-a, traze-a!” — “Ela está com medo, os gritos amedrontaram-na, escondeu-se numa moita; chame-a o senhor mesmo do gabinete.” Correu para ali, pousou a vela sobre a janela:

“Grúchenhka, Grúchenhka! Estás aí?”, gritava ele. Não queria debruçar-se nem afastar-se de mim, não ousava, por causa do medo que eu lhe inspirava. “Ei-la — digo-lhe —, ei-la lá na moita, sorri para o senhor, está vendo-a?” Acreditou em mim de repente e se pôs a tremer, tão louco estava por aquela mulher; debruçou-se inteiramente. Agarrei então o pesa-papéis de ferro fundido, que estava em cima da mesa, o senhor se lembra?, pesa bem umas três libras, e assestei-lhe com todas as minhas forças uma pancada na cabeça, com o canto. Não lançou um grito, tombou. Dei-lhe mais dois golpes e senti que estava ele com o crânio partido. Tombou de costas, todo coberto de sangue. Examinei-me: nem um respingo; enxuguei o pesa-papéis, repu-lo em seu lugar, depois tirei o envelope de trás dos ícones, retirando dele o dinheiro e atirando-o ao chão com a fita cor-de-rosa. Fui ao jardim tremendo todo, diretamente àquela macieira oca que o senhor conhece. Tinha-a notado e pus de reserva papel e um trapo; enrolei a soma neles e metia-a no fundo do oco. Ficou lá 15 dias, até minha saída do hospital. Voltei a deitar-me, pensando com terror: “Se Grigóri estiver morto, poderá isso ir muito mal; mas se voltar a si estará tudo muito bem, porque Dimítiri Fiódorovitch veio e, por consequência, matou e roubou.” Na minha impaciência, pus-me a gemer para despertar Marfa Ignátievna. Ela se levantou por fim, chegou até junto de mim, depois, notando a ausência de Grigóri, correu para o jardim, onde eu a ouvi gritar. Já estava eu tranquilizado.

Smierdiákov parou. Ivan havia-o escutado num silêncio de morte, sem se mover, sem desfitar dele os olhos. Smierdiákov lançava-lhe por vezes uma olhadela, mas olhava sobretudo de lado. Terminada sua narrativa, pareceu emocionado, respirando com dificuldade, o rosto coberto de suor. Não se podia adivinhar se ele sentia remorsos.

— Um instante — retomou Ivan, refletindo. — E a porta? Se ele só abriu a ti, como pôde Grigóri tê-la visto aberta antes? Por que a viu ele bem em primeiro lugar? — Ivan interrogava, com o tom mais calmo, nada irritado, de sorte que, se alguém os tivesse observado naquele momento, do limiar, teria concluído que eles se entretinham pacificamente a respeito dum assunto qualquer.

— Quanto àquela porta que Grigóri pretende ter visto aberta, não passa de um efeito de sua imaginação — disse Smierdiákov, com um sorriso. Porque é um homem muito teimoso, terá acreditado ver, e o senhor não conseguirá demovê-lo disso. É uma felicidade para nós que tenha ele

formado uma ideia errônea; o depoimento dele acaba de confundir Dimítri Fiódorovitch.

— Escuta — disse Ivan, parecendo de novo atrapalhar-se —, escuta... Tinha ainda muitas coisas a perguntar-te, mas esqueci-as... Ah, sim, diz-me somente, por que abriste e jogaste no chão o envelope? Por que não ter saído com tudo?... De acordo com tua narrativa, pareceu-me que o tinhas feito de propósito, mas não posso com preender a razão...

— Não agi sem motivos. Um homem inteirado de tudo, como eu por exemplo, que talvez pôs o dinheiro no envelope, viu quando o lacravam e escreviam o endereço, por que tal homem, se cometeu o crime, haveria de deslacrar logo o envelope, com tal precipitação e estando seguro do conteúdo? Pelo contrário, metê-lo-ia simplesmente no bolso e se esquivaria. Dimítri Fiódorovitch teria agido de outro modo; não conhece o envelope senão por ouvir dizer e apressar-se-á em deslacrá-lo, assim que o encontrar, para verificar o conteúdo, depois atirá-lo-á no chão, sem refletir que ele constituirá uma peça acusadora, porque é um ladrão novato, jamais operou abertamente e é nobre de nascimento. Não teria vindo precisamente roubar, mas retomar seus bens, como havia previamente declarado diante de todo mundo, vangloriando-se de ir à casa de Fiódor Pávlovitch para fazer justiça com as próprias mãos. Por ocasião de meu depoimento, sugeri essa ideia ao procurador, mas sob forma de alusão, e, de tal sorte, que ele acreditou ter sido ele próprio quem a encontrou; estava encantado...

— Refletiste verdadeiramente em tudo isso no local e naquele momento? — exclamou Ivan Fiódorovitch estupefato. Observava de novo Smierdiákov, cheio de espanto.

— Por favor, pode-se pensar em tudo numa tal pressa? Tudo isso estava combinado de antemão.

— Pois bem!... Pois bem! Foi o próprio diabo que te emprestou seu concurso! Não és bobo, és muito mais inteligente do que eu pensava...

Levantou-se para dar alguns passos pelo quarto, mas, como mal se podia passar entre a mesa e a parede, deu meia-volta e tornou a sentar-se. Foi o que talvez o exasperou; pôs-se de novo a vociferar.

— Escuta, miserável, vil criatura! Não compreendes então que, se ainda não te matei, é porque te guardo para responder amanhã perante a justiça? Deus o vê (levantou a mão), talvez tenha eu sido culpado, talvez

tenha desejado secretamente... a morte de meu pai, mas, juro-te, não te impeli absolutamente, não, não! Não importa, denunciar-me-ei eu mesmo amanhã, está decidido! Direi tudo, mas compareceremos juntos! E digas ou testemunhes o que quiseses a meu respeito, eu o aceito e não te temo; confirmarei tudo eu mesmo! Mas, também, será preciso que confesses! É preciso, é preciso, iremos juntos! Será assim!

Ivan exprimia-se com energia e solenidade: somente por seu olhar se via que manteria sua palavra.

— O senhor está doente, vejo, bem doente. Tem os olhos completamente amarelos — disse Smierdiákov, mas sem ironia e até mesmo com compaixão.

— Iremos juntos! — repetiu Ivan. — E se não vieres, confessarei tudo sozinho.

Smierdiákov pareceu refletir.

— Isto não se dará, o senhor não irá — disse ele, num tom categórico.

— Tu não me compreendes!

— O senhor terá demasiada vergonha de confessar tudo, aliás isso não serviria de nada, porque negarei ter falado tais coisas com o senhor, direi que o senhor está doente (vê-se bem) ou que se sacrifica por compaixão com seu irmão e me acusa porque jamais vali nada a seus olhos. E quem lhe dará crédito? Que prova tem o senhor?

— Escuta, tu me mostraste esse dinheiro para convencer-me.

Smierdiákov retirou o volume, descobrindo o maço.

— Tome este dinheiro — disse ele suspirando.

— Decerto que o tomo! Mas por que me dás, uma vez que mataste para obtê-lo? — E Ivan observou-o com estupefação.

— Não tenho mais necessidade dele — disse Smierdiákov, com voz trêmula. — Pensava a princípio, com este dinheiro, estabelecer-me em Moscou, ou mesmo no estrangeiro, era meu sonho, pois que tudo é permitido. Foi o senhor quem, com efeito, me ensinou isso e muitas vezes explicou-o: se Deus não existe, não há virtude e ela é inútil. Raciocinei assim.

— Chegaste a isso sozinho? — perguntou Ivan, com um sorriso constrangido.

— Sob a influência do senhor.

— Então tu crês em Deus, agora, pois que entregas o dinheiro?

— Não, não creio Nele — murmurou Smierdiákov.

— Por que então o entregas?

— Deixe isso! — cortou Smierdiákov num gesto de lassidão. — O senhor mesmo repetia então que tudo é permitido. Por que está tão inquieto agora? Quer mesmo denunciar-se? Mas não há perigo! O senhor não irá! — afirmou ele, categórico.

— Haverás de ver!

— É impossível. O senhor é demasiado inteligente. Ama o dinheiro, eu o sei, as honras também, porque o senhor é muito orgulhoso, é doido pelo belo sexo, ama acima de tudo viver à sua vontade e independente. Não haverá de querer estragar toda a vida, atraindo sobre si tal ignomínia. De todos os filhos de Fiódor Pávlovitch é o senhor aquele que mais se lhe assemelha, é a mesma alma.

— Não és na verdade bobo — disse Ivan, com estupor; o sangue subiu-lhe ao rosto. — Pensava que eras um tolo.

— Era por orgulho que o senhor o acreditava. Tome, pois, o dinheiro.

Ivan pegou o maço de cédulas e meteu-o no bolso, sem embrulhá-lo.

— Mostrá-las-ei amanhã no tribunal — disse ele.

— Ninguém lhe dará crédito. Não é o dinheiro que lhe falta no momento, o senhor põe em seu cofrezinho esses três mil rublos.

Ivan levantou-se.

— Repito-te que não te matei unicamente porque tenho necessidade de ti amanhã, não o esqueças!

— Pois bem! Mate-me, mate-me agora — disse Smierdiákov, com um ar estranho. — O senhor nem mesmo o ousa — acrescentou com um sorriso amargo —, o senhor não ousa mais nada, o senhor tão ousado outrora!

— Até amanhã!... — E Ivan marchou para a porta.

— Espere... mostre-me ainda uma vez.

Ivan tirou as cédulas, mostrou a ele; Smierdiákov mirou-as uma dezena de vezes.

— Pois bem, vá... Ivan Fiódorovitch! — gritou ele, de repente.

— Que queres? — Ivan, que ia saindo, voltou-se.

— Adeus.

— Até amanhã.

Ivan saiu. A tormenta continuava. Marchou a princípio com passos seguros, mas se pôs logo a cambalear. “É algo físico”, pensava, sorrindo. Uma espécie de alegria invadia-o. Sentia em si uma firmeza inabalável; as hesitações dolorosas daqueles últimos tempos tinham desaparecido. Sua decisão estava tomada e “já não voltaria atrás”, dizia a si mesmo, cheio de felicidade. Naquele momento tropeçou, esteve a ponto de cair. Parando, distinguiu a seus pés o mujique que ele havia derrubado, jacente no mesmo lugar, inerte. A neve quase lhe recobria o rosto. Ivan ergueu-o e carregou-o nos ombros. Tendo avistado luz em uma casinhola, foi bater nos postigos e pediu ao proprietário que o ajudasse a transportar o mujique para uma casa particular, prometendo-lhe três rublos. Não contarei pormenorizadamente como Ivan Fiódorovitch conseguiu ser bem-sucedido em sua empresa e mandou examinar o mujique por um médico, pagando generosamente as despesas. Digamos somente que isso exigiu quase uma hora. Mas Ivan ficou satisfeito. Suas ideias dispersavam-se: “Se não tivesse eu tomado uma resolução tão firme para amanhã”, pensou ele de súbito, deliciado, “não teria ficado uma hora a ocupar-me com aquele mujique, teria passado de lado sem me inquietar... Mas como tenho a força de observar-me? E eles que decidiram que me estou tornando louco!” Ao chegar diante da porta de sua casa, parou para perguntar a si mesmo: “Não faria eu melhor indo agora à casa do procurador e contar tudo?... Não, amanhã, tudo duma vez!” Coisa estranha, quase toda a sua alegria desapareceu no mesmo instante. Quando entrou no quarto, uma sensação glacial constringiu-o, como a lembrança, ou antes a evocação, de não sei que de penoso ou repugnante, que se encontrava naquele momento naquele quarto e que lá já estivera. Deixou-se cair no divã. A velha criada trouxe-lhe o samovar, ele fez chá, mas não o bebeu; mandou a criada embora até o dia seguinte. Sentia-se tonto, cansado, indisposto. Foi adormecendo, mas pôs-se a andar para afugentar o sono. Parecia-lhe que delirava. Depois de se ter tornado a sentar, pôs-se a olhar de tempos em tempos, em redor de si, como para examinar alguma coisa. Por fim seu olhar se fixou em um ponto. Sorriu, mas o rubor da cólera subiu-lhe ao rosto. Por muito tempo ficou imóvel, com a cabeça entre as mãos, fixando sempre o mesmo ponto, sobre o divã colocado contra a parede em frente. Visivelmente, alguma coisa naquele lugar o irritava, o inquietava.

IX

O DIABO. A ALUCINAÇÃO DE IVAN FIÓDOROVITCH

Não sou médico e, no entanto, sinto que chegou o momento de fornecer algumas explicações sobre a doença de Ivan Fiódorovitch. Digamos imediatamente que estava na iminência de uma febre nervosa, tendo a doença acabado por triunfar de seu organismo enfraquecido. Sem conhecer a medicina, arrisco essa hipótese de que tinha ele talvez conseguido, por um esforço de vontade, conjurar a crise, esperando, bem entendido, a ela escapar. Sabia-se doente, mas não queria abandonar-se à doença naqueles dias decisivos em que devia mostrar-se, falar ousadamente, justificar-se aos próprios olhos. Tinha ido ver o médico vindo de Moscou a chamado de Katierina Ivânovna. Depois de havê-lo auscultado e examinado, concluiu o facultativo pela existência de um desarranjo cerebral e não ficou nada surpreso com uma confissão que Ivan lhe fez, no entanto, com repugnância. “As alucinações são muito possíveis em seu estado, mas seria preciso controlá-las... aliás, o senhor deve tratar-se seriamente, senão isso se agravará.” Mas Ivan Fiódorovitch não deu importância a esse sábio conselho: “Tenho ainda força para andar. Quando eu cair, será diferente. Tratará de mim quem quiser!”

Tinha quase consciência de seu delírio e fixava obstinadamente certo objeto, em cima do divã, em frente a ele. Ali apareceu de repente um indivíduo, que entrou Deus sabe como, porque não estava ele ali quando Ivan Fiódorovitch chegou, após sua visita a Smierdiákov. Era um senhor, ou uma espécie de cavalheiro russo, *qui frisait la cinquantaine*,⁹¹ como dizem os franceses, um pouco grisalho, os cabelos longos e espessos, a barba em ponta. Trazia um paletó marrom, evidentemente da casa de um bom alfaiate, mas já usado, datado de cerca de três anos e completamente fora de moda. A roupa branca, o comprido lenço de pescoço, tudo lembrava o cavalheiro elegante; mas a roupa, observada de perto, não estava lá muito limpa e o lenço de pescoço, bastante gasto. Suas calças de quadrados assentavam-lhe bem, mas eram demasiado claras e demasiado justas, como não se usam mais atualmente, da mesma maneira o chapéu de feltro branco, malgrado a estação. Em suma, um aspecto ao mesmo tempo decente e de quem estava em dificuldades financeiras. O cavalheiro

parecia ser um desses antigos proprietários rurais que floresciam no tempo da servidão; vivera na sociedade, tivera outrora relações conservadas talvez até agora, mas, pouco a pouco, empobrecido após as dissipações da juventude e a recente abolição da servidão, tornara-se uma espécie de parasita de boa companhia, recebido em casa de seus antigos conhecidos por causa do gênio acomodaticio e a título de homem decente, que se pode admitir à mesa em qualquer ocasião, embora num lugar modesto. Esses parasitas, de gênio afável, que sabem contar uma história, organizar um jogo, detestar as incumbências de que os encarregam, são em geral viúvos ou solteirões; por vezes têm filhos, sempre educados longe, em casa de alguma tia, a respeito da qual o cavalheiro quase nunca fala quando em boa companhia, como se se envergonhasse de tal parentesco. Acaba por se desacostumar dos filhos, que lhe escrevem de longe em longe, por ocasião de seu aniversário ou do Natal, cartas de felicitações às quais ele por vezes responde. A fisionomia daquele visitante inesperado era mais afável que bonachona, pronta a amabilidade de acordo com as circunstâncias. Não tinha relógio, mas usava um lornhão de aro de tartaruga, preso por uma fita preta. O dedo médio da mão direita estava ornado com um anel de ouro maciço com uma opala barata. Ivan Fiódorovitch mantinha-se em silêncio, resolvido a não travar conhecimento. O visitante aguardava, como um parasita que acaba de deixar o quarto que lhe é reservado, a hora do chá, para fazer companhia ao dono da casa, mas que se cala, estando este absorvido em suas reflexões, pronto todavia a uma amável prosa, contanto que o dono da casa a comece. De repente seu rosto revelou preocupação.

— Escuta — disse ele a Ivan Fiódorovitch —, desculpe-me, quero somente lembrar-te: foste à casa de Smierdiákov, a fim de te informares a respeito de Katierina Ivânovna, mas vieste embora sem nada saber. Decerto te esqueceste...

— Ah, sim! — disse Ivan preocupado. — Esqueci-me... Não importa, aliás, deixemos isso para amanhã. A propósito — disse ele, irritado ao visitante —, era eu quem devia ter-me lembrado disso ainda há pouco, porque me sentia angustiado a respeito. Bastou que tivesses surgido para que acredite que essa sugestão partiu de ti.

— Pois bem, não o creio — e o cavalheiro sorriu, com ar amável. — A fé não se impõe. Aliás, nesse domínio, as provas, mesmo materiais, são ineficazes. Tomé acreditou, porque queria acreditar, não por ter visto

Cristo ressuscitado. Assim, os espíritas... gosto muito deles... imagina que acreditam servir à fé, porque o diabo lhes mostra chifres de vez em quando. “É uma prova material da existência do outro mundo.” O outro mundo demonstrado materialmente! Que ideia! Enfim, isso provaria a existência do diabo, mas não a de Deus. Quero passar para uma sociedade idealista, a fim de fazer-lhes oposição.

— Escuta — disse Ivan Fiódorovitch, levantando-se —, creio que estou delirando, conta o que quiseses, pouco me importa! Não me exasperarás como antes. Somente, tenho vergonha... Quero andar pelo quarto... Por vezes, deixo de ver-te, de ouvir-te, mas adivinho sempre o que queres, porque “sou eu quem fala e não tu!”. Mas não sei se dormia, na derradeira vez, ou se te vi realmente. Vou aplicar em minha cabeça um guardanapo molhado, talvez assim te dissipes.

Ivan foi buscar um guardanapo e fez como dizia, depois do que pôs-se a andar para lá e para cá.

— Causa-me prazer nos tratarmos por “tu” — disse o visitante.

— Imbecil, acreditas que vou tratar-te por “vós”? Sinto-me disposto... se pelo menos não tivesse dor de cabeça... mas não me venhas com tanta filosofia como na última vez. Se não podes ir-te embora, inventa pelo menos algo de engraçado. Conta-me mexericos, porque não passas de um parasita. Que pesadelo tenaz! Mas não te temo. Acabarei vencendo-te. Não me internarão!

— *C'est charmant!*, parasita. É meu papel, com efeito. Que sou eu na terra senão um parasita? A propósito, surpreende-me ouvir-te; palavra, comesas a tomar-me por um ser real e não pelo produto apenas de tua imaginação, como o sustentavas da outra vez.

— Nem um instante tomo-te por uma realidade! — exclamou Ivan, com raiva. — És uma mentira, um fantasma de meu espírito doente. Mas não sei como desembaraçar-me de ti, vejo que será preciso sofrer algum tempo. És uma alucinação, a encarnação de mim mesmo, de uma parte apenas de mim... de meus pensamentos e de meus sentimentos, mas dos mais vis e dos mais tolos. A esse respeito, poderias mesmo interessar-me, se tivesse tempo para perder contigo.

— Com licença, vou confundir-te; ainda há pouco, perto do lampião, quando deste com Aliócha, gritando-lhe “Soubeste-o por ele? Como sabes que ele vem ver-me?”, era a meu respeito que falavas. Portanto,

acreditaste um instante que eu existo realmente — disse o cavalheiro com um sorriso delicado.

— Sim, era uma fraqueza... mas não podia acreditar em ti. Talvez te tenha visto somente em sonho, e não na realidade, na derradeira vez.

— E por que foste tão duro com Aliócha? Ele é encantador, sinto-me culpado para com ele, por causa do *stáriets* Zósima.

— Como ousas falar de Aliócha, lacaio! — disse Ivan, rindo.

— Injurias-me rindo, bom sinal. Aliás, estás bem mais amável comigo do que da última vez e compreendo por quê: essa nobre resolução...

— Não me fales disso — gritou Ivan, furioso.

— Compreendo, compreendo, *c'est noble, c'est charmant*, vais amanhã defender teu irmão, tu te sacrificas... *c'est chevaleresque*...

— Cala-te, se não toma cuidado com os pontapés!

— Em certo sentido, isso me causará prazer, porque meu objetivo será atingido; se ages assim, é que crês em minha realidade, não se trata um fantasma a pontapés. Basta de brincadeiras! Podes injuriar-me, mas vale mais a pena ser um pouco mais delicado, mesmo comigo. Imbecil, lacaio! Que expressões!

— Injuriando-te, injurio-me! Tu és eu mesmo, mas com outro focinho. Exprimes meus pensamentos... e nada podes dizer de novo!

— Se nossos pensamentos se encontram, isso me honra — disse graciosamente o cavalheiro.

— Somente tu escolhes meus pensamentos mais estúpidos... És besta e vulgar. És estúpido. Não posso suportar-te! Que fazer, que fazer!? — murmurou Ivan entre dentes.

— Meu amigo, quero, no entanto, permanecer um cavalheiro e ser tratado como tal — disse o visitante com certo amor-próprio, aliás conciliador, bonachão. — Sou pobre, mas... não direi muito honesto, mas... admite-se geralmente como um axioma que sou um anjo decaído. Palavra, não posso imaginar como pude, outrora, ser um anjo. Se o fui algum dia, foi há tanto tempo que não é pecado esquecê-lo. Agora, atenho-me apenas à minha reputação de homem decente e vivo como posso, esforçando-me por ser agradável. Gosto sinceramente dos homens; caluniaram-me muito. Quando me transporto aqui para a terra, entre vocês, minha vida toma uma aparência de realidade, e é o que mais me agrada. Porque o fantástico me atormenta como a ti mesmo, de modo que

gosto do realismo terrestre. Entre vocês, tudo é definido, há fórmulas, geometria; entre nós, só equações indeterminadas! Aqui, passeio, sonho (gosto de sonhar). Tomo-me supersticioso, não rias, peço-te; a superstição me agrada. Adoto todos os hábitos de vocês; gosto de ir aos banhos públicos, imagina, estar na sauna com os comerciantes e os popes. Meu sonho é encarnar-me, mas definitivamente, em algum comerciante obeso e partilhar todas as suas crenças. Meu ideal é ir à igreja e lá acender uma vela, de todo o coração, palavra! Então meus sofrimentos terão fim. Gosto também dos remédios de vocês; na primavera, havia uma epidemia de varíola, fui vacinar-me. Se soubesses como estava eu contente! Dei dez rublos para “nossos irmãos eslavos”!... Não me ouves. Não estás em teu estado normal, hoje... — O cavalheiro fez uma pausa. — Sei que foste ontem consultar aquele médico... Pois bem, como vais! Que te disse ele?

— Imbecil!

— Em compensação, tens tanto espírito! Invectivas de novo. Não é por interesse que te perguntava isso. Podes não responder. Eis meus reumatismos que se apoderam de mim de novo.

— Imbecil!

— Continuas? Lembro-me ainda de meus reumatismos do ano passado.

— O diabo com reumatismo?

— Por que não? Se me encarno, tenho de suportar todas as consequências. *Satanas sum et nihil humani a me alienum puto.*⁹²

— Como, como? *Satanas sum et nihil humani...* Não está mal para o diabo!

— Sinto-me feliz por ver que afinal te causei satisfação.

— Isso não aprendeste de mim — disse Ivan, surpreso —, isso jamais me ocorreu. É estranho...

— *C'est du nouveau, n'est-ce pas?*⁹³ Dessa vez agirei lealmente e te explicarei a coisa. Escuta. Nos sonhos, sobretudo durante os pesadelos que provêm dum desarranjo de estômago ou de outra coisa, o homem tem por vezes visões tão belas, cenas da vida real tão complicadas, atravessa tal sucessão de acontecimentos de peripécias inesperadas, desde as manifestações mais altas até as menores bagatelas, que, juro-te, o próprio Liev Tolstói não as imaginaria. Entretanto, esses sonhos ocorrem não aos escritores, mas a pessoas comuns: funcionários, jornalistas, popes... Um

ministro chegou a confessar-me que suas melhores ideias lhe vinham quando dormia. É o mesmo agora; digo coisas originais, que nunca te vieram ao espírito, como nos pesadelos; entretanto, não sou senão tua alucinação.

— Mentas. Teu fim é persuadir-me que existes e eis que tu mesmo pretendes ser um sonho.

— Meu amigo, escolhi hoje um método particular que te explicarei em seguida. Espera um pouco, onde estava eu? Ah, sim! Resfriei-me, mas não entre vocês, lá mesmo...

— Lá mesmo, onde? Dize, pois, demorarás ainda muito tempo!? — exclamou Ivan, quase desesperado. Parou, sentou-se no divã, pegou de novo a cabeça entre as mãos. Arrancou o guardanapo molhado e atirou-o fora com despeito.

— Estás com os nervos doentes — observou o cavalheiro com ar displicente, mas amigável. — Estás com raiva de mim porque me resfriei, entretanto aconteceu da maneira mais natural. Corria eu para uma festa diplomática, em casa duma grande dama de Petersburgo, que manejava a seu gosto os ministros. De casaca, gravata branca, enluvado, no entanto estava ainda Deus sabe onde, e para chegar à terra era preciso transpor o espaço. Decerto, não é senão um instante, mas a luz do Sol leva oito minutos e, imagina, de casaca e de colete aberto. Os espíritos não gelam, mas quando me encarnei... em suma, agi descuidadamente e aventurei-me; no espaço, no éter, na água... faz um frio, nem se pode mesmo chamar isso de frio, imagina: 150 graus abaixo de zero. Conhece-se a brincadeira de jovens aldeãs: quando gela a trinta graus, propõem a algum simplório lamber um machado; a língua gela instantaneamente, o simplório arranca a pele, e são apenas trinta graus. A 150 graus, bastaria, penso, tocar um machado com um dedo para que ele desapareça... se pelo menos houvesse um machado no espaço...

— Mas será possível? — interrompeu, distraidamente, Ivan Fiódorovitch. — Lutava com todas as forças para resistir ao delírio e não afundar na loucura.

— Um machado? — repetiu o visitante com surpresa.

— Mas sim, que será feito dele lá!? — exclamou Ivan, com uma obstinação colérica.

— Um machado no espaço? *Quelle idée!* Se se encontrar bem longe da Terra, penso que se porá a girar em torno sem saber por quê, à maneira de um satélite. Os astrônomos calcularão quando se levantará e quando se porá. Gatsuk⁹⁴ pô-lo-á em seu almanaque, eis tudo.

— És estúpido, horrivelmente estúpido! Prega mentiras mais espirituosas, ou não te darei ouvidos. Queres convencer-me pelo realismo de teus processos, persuadir-me de tua existência. Não creio nela!

— Mas não estou mentindo, tudo isso é verdade. Infelizmente, a verdade quase nunca é espirituosa. Vejo que esperas de mim algo de grande, talvez de belo. É lamentável, porque só dou o que posso...

— Não me venhas com filosofia, pedaço de asno!

— Como posso filosofar, quando estou com todo o lado direito paralisado, obrigando-me a gemer? Consultei a faculdade; sabem diagnosticar maravilhosamente, explicam-nos a doença, mas são incapazes de curar. Havia lá um estudante entusiasta: “Se o senhor morrer — dizia ele —, conhecerá exatamente a natureza de seu mal!” Têm a mania de dirigir-nos a especialistas: nós nos limitamos a diagnosticar, vá ver fulano, ele o curará. Não se encontra mais absolutamente médico à moda antiga, que tratava todas as doenças. Agora só há especialistas, que fazem publicidade. Para uma doença no nariz enviam a gente a Paris, ao consultório de um especialista europeu. Ele examina o nariz da gente. Não posso, diz ele, curar senão a narina direita, porque não trato as narinas esquerdas, não é minha especialidade. Vá a Viena; há lá um especialista para as narinas esquerdas. Que fazer? Recorri aos remédios de curandeiras, um médico alemão aconselhou-me que esfregasse no corpo, após o banho, mel e sal. Fui aos banhos só por prazer e me besuntei em pura perda. Em desespero de causa, escrevi ao conde Mattei, de Milão; enviou-me um livro e umas bolinhas. Que Deus lhe perdoe! Imagina que o extrato de malte de Holf curou-me. Tinha-o comprado por acaso, tomei um frasco e meio e tudo desapareceu radicalmente. Estava resolvido a publicar uma declaração nos jornais, porque a gratidão falava em mim, mas foi outra história, nenhuma redação a aceitou! “É demasiado reacionária — dizem —, ninguém acreditará nisso, *le diable n'existe point*. Publique isso anonimamente.” Mas de que vale uma declaração anônima? Brinquei com os redatores: “Ser reacionário — dizia-lhes — é crer em Deus em nossa época, mas eu, eu sou o diabo.” — “Decerto, toda a gente crê no diabo, contudo é impossível, poderia isso prejudicar nosso programa. Talvez...

sob uma forma humorística...” Mas então, pensei, não seria espirituoso. E minha declaração não apareceu. Isso ficou me pesando no coração. Os melhores sentimentos, tais como a gratidão, estão formalmente proibidos para mim, por causa de minha posição social.

— Voltas a cair na filosofia? — disse Ivan, de dentes cerrados.

— Deus me livre! Mas a gente não pode impedir-se de queixar-se por vezes. Sou caluniado. Tu me tratas a todo momento de imbecil. Vê-se bem que és um homem jovem. Meu amigo, só há o espírito. Recebi da natureza um coração bom e alegre, “também compus *vaudevilles*”.⁹⁵ Tomas-me, creio, por um velho Khlestakov, mas meu destino é bem mais sério. Por uma espécie de decreto inexplicável, tenho por missão “negar”, e, no entanto, sou visceralmente bom e inapto para a negação. “Não, tens de negar! Sem negação, não há crítica, e que seria das revistas sem a crítica? Só restaria um hosana. Mas isso não basta para a vida, é preciso que esse hosana passe pelo cadinho da dúvida, etc.” Aliás, não me meto em tudo isso, não fui eu quem inventou a crítica, não sou o responsável por ela. Pois bem! Tenho servido de bode expiatório, obrigaram-me a fazer crítica e a vida começou. Compreendemos essa comédia; quanto a mim, aspiro ao nada. Não, é preciso que vivas, dizem-me, porque sem ti nada existiria. Se tudo fosse razoável na terra, nada se passaria nela. Sem ti, nada de acontecimentos; ora, são precisos os acontecimentos. Cumpro, pois, minha missão, bem a contragosto, para suscitar acontecimentos, e realizo o irracional, cumprindo ordem. As pessoas levam essa comédia a sério, malgrado todo o espírito. Para elas é uma tragédia. Sofrem, evidentemente... em compensação, vivem, uma vida real e não imaginária, porque o sofrimento é a vida. Sem o sofrimento, que prazer ofereceria ela? Tudo se assemelharia a um *te-déum* interminável; é santo, mas bastante tedioso. E eu? Eu sofro e, no entanto, não vivo. Sou a incógnita de uma equação. Sou o espectro da vida, que perdeu a noção das coisas, e esqueço até meu nome. Ris?... Não, não ris, zangas-te de novo, como sempre. Ser-te-ia preciso sempre inteligência; ora, repito-te, daria toda essa vida sideral, todos os graus, todas as honras, para encarnar-me na pele duma vendedora obesa e ir queimar velas na igreja.

— Tu também não crês em Deus — disse Ivan, com um sorriso cheio de ódio.

— Como dizer, se falas seriamente...

— Deus existe ou não existe? — insistiu Ivan, encolerizado.

— Ah! É sério então? Meu caro, Deus é-me testemunha de que não sei de nada, não posso dizer melhor.

— Não, tu não existes, tu és eu mesmo e nada mais! Não passas de uma quimera!

— Se queres, tenho a mesma filosofia que você, é verdade. *Je pense, donc je suis*,⁹⁶ eis o que é certo; quanto ao resto, quanto a todos esses mundos, Deus e o próprio Satã, tudo isso não me é provado. Têm eles uma existência própria ou serão apenas uma emanção de mim, o desenvolvimento sucessivo de meu “eu”, que existe temporal e pessoalmente... mas detenho-me, porque tenho a impressão de que vais bater-me.

— Farias melhor se me contasses uma anedota!

— Eis uma, precisamente no quadro de nosso tema, isto é, mais uma lenda que anedota. Tu censuras minha incredulidade. Mas, meu caro, não sou só eu assim; entre nós, todos estão agora perturbados por causa das ciências de vocês. Enquanto havia os átomos, os cinco sentidos, os quatro elementos, a coisa ia bem ainda. Os átomos já eram conhecidos na Antiguidade. Mas vocês descobriram “a molécula química”, “o protoplasma”, e o diabo sabe ainda o quê! Aprendendo isso, os nossos baixaram a cauda. Foi a barafunda; sobretudo a superstição, os mexericos proliferaram; fica sabendo que temos disso, tanto quanto vocês, talvez mesmo um pouco mais, e, afinal, também as declarações; há igualdade entre nós, uma seção em que recebemos certas “informações”. Pois bem, essa lenda de nossa Idade Média, da nossa, não da de vocês, não merece nenhum crédito, exceto entre gordas vendedoras, as nossas, não as de vocês. Tudo quanto existe entre vocês, existe também entre nós; revelo-te esse mistério por amizade, se bem que seja proibido. Essa lenda fala, pois, do paraíso. Havia na terra certo filósofo que negava tudo, as leis, a consciência, a fé, sobretudo a vida futura. Morreu pensando entrar nas trevas do nada, e ei-lo em presença da vida futura. Espanta-se, indigna-se: “Isso — diz ele — é contrário às minhas convicções.” E foi condenado por isso... Desculpe-me, transmito-te esta lenda como me contaram... Portanto, foi ele condenado a percorrer nas trevas um quatrilhão de quilômetros (porque contamos também em quilômetros, agora), e, quando tiver ele acabado o seu quatrilhão, as portas do paraíso se abrirão diante dele e tudo lhe será perdoado...

— Que tormentos há no outro mundo, além do quatrilhão? — perguntou Ivan, com estranha animação.

— Que tormentos? Ah, não me fales! Outrora, havia-os para todos os gostos; agora, é sempre mais o sistema das torturas morais “os remorsos da consciência” e outras pataratas. Devemos isso à “doçura dos costumes” de vocês. E quem tira proveito disso? Somente os que não têm consciência, porque zombam dos remorsos! Em compensação, as pessoas decentes, que conservaram o sentimento da honra, sofrem... Eis o que acontece com as reformas operadas em terreno mal preparado e copiadas de instituições estrangeiras. São deploráveis! O fogo de outrora valia melhor. O condenado ao quatrilhão olha, pois, em redor de si, depois se deita atravessado na estrada: “Não ando, por princípio recuso!” Pega a alma de um ateu russo esclarecido e mistura-a com a do profeta Jonas, que se aborreceu três noites na barriga de uma baleia, e obterás nosso pensador recalcitrante.

— Sobre que se estendeu ele?

— Havia certamente alguma coisa sobre a qual se estenderia. Não estás brincando?

— Viva! — exclamou Ivan, com a mesma animação. Escutava com uma curiosidade inesperada. — Pois bem! Continua ele deitado?

— Mas não, ao fim de mil anos, levantou-se e pôs-se a andar.

— Que asno! — Ivan deu uma risada nervosa e pôs-se a refletir. — Não será a mesma coisa ficar deitado eternamente ou marchar um quatrilhão de verstas? Mas perfaz isso um bilhão de anos?

— E até mesmo mais. Se houvesse lápis e papel, poder-se-ia calcular. Faz muito tempo que ele chegou, e é aqui que começa a anedota.

— Como? Mas onde arranjou ele um bilhão de anos?

— Pensas sempre em nossa terra atual! A terra reproduziu-se talvez um milhão de vezes; gelou-se, fendeu-se, desagregou-se, depois decompôs-se em seus elementos, e, de novo, as águas recobriram a terra. Em seguida, foi novamente um cometa, depois um Sol donde saiu o globo. Esse ciclo se repete talvez uma infinidade de vezes, sob a mesma forma, até o mínimo detalhe. É mortalmente aborrecedor...

— Pois bem! Que aconteceu quando ele acabou?

— Assim que ele entrou no paraíso, dois segundos, de relógio na mão, não se tinham passado (se bem que seu relógio, em minha opinião, deve

ter-se decomposto em seus elementos durante a viagem) e já exclamava que, por aqueles dois segundos, bem valia fazer não só um quilômetro, mas um quilômetro de quilômetros, à quilométronésima potência! Em suma, cantou hansas, exagerou mesmo, a ponto de pensadores mais dignos recusarem estender-lhe a mão nos primeiros tempos; tornara-se demasiado bruscamente conservador. É o temperamento russo. Repito-o, é uma lenda. Eis as ideias que têm curso entre nós a respeito dessas matérias.

— Apanhei-te! — exclamou Ivan, com uma alegria quase infantil, como se lhe voltasse a memória. — Fui eu mesmo que inventei essa anedota do quilômetro de anos! Tinha então 17 anos, estava no ginásio... Conte-a a um de meus camaradas, Koróvkin, em Moscou... Essa anedota é muito característica, tinha-a esquecido, mas lembrei-me dela inconscientemente; não foste tu que a contaste! É assim que uma multidão de coisas nos volta à memória, quando marchamos para o suplício... ou quando sonhamos. Pois bem, não passas de um sonho!

— A violência com que me negas assegura-me que, apesar de tudo, crês em mim — disse o cavalheiro jovialmente.

— Absolutamente! Não creio em ti nem uma centésima parte!

— Mas uma milésima crês. As doses homeopáticas são talvez as mais fortes. Confessa que crês em mim, pelo menos uma décima milésima parte...

— Não! — gritou Ivan irritado. — Aliás, gostaria bem de crer em ti!

— Eh!, eh!, eh! Por fim confessou! Mas sou bom, vou ajudar-te. Fui eu que te apanhei! Conte-te, de propósito, essa anedota para enganar-te definitivamente a meu respeito.

— Mentis. O fim de tua aparição é convencer-me de tua existência.

— Precisamente. Mas as hesitações, a inquietação, o conflito entre a fé e a dúvida constituem por vezes tal sofrimento para um homem escrupuloso como você, que melhor vale enforcar-se. Sabendo que crês um pouco em mim, contei-lhe essa anedota para entregar-te definitivamente à dúvida. Conduzo-te entre a fé e a incredulidade alternativamente, não sem um fim. É um novo método; quando cessares completamente de crer em mim, pôr-te-ás a assegurar-me que não sou um sonho, que existo verdadeiramente, conheço-te; então meu fim será atingido. Ora, meu fim é nobre. Depositarei em ti um minúsculo germe de fé que dará nascimento a

um carvalho, um carvalho tão grande que será teu refúgio e queres fazer-te anacoreta, porque é teu vivo desejo em segredo, nutrir-te-ás de gafanhotos, prepararás tua salvação no deserto.

— Então, miserável, é para minha salvação que trabalhas?

— É bem preciso praticar alguma vez uma boa obra. Tu te zangas, pelo que vejo!

— Palhaço! Jamais tentaste aqueles que se nutrem de gafanhotos, rezam 17 anos no deserto até ficarem cobertos de musgo?

— Meu caro, não faço outra coisa senão isso. A gente esquece o mundo inteiro por uma alma assim, porque é uma joia de preço, uma estrela que vale por vezes toda uma constelação. Temos nossa aritmética. A vitória é preciosa! Ora, certos solitários, palavra de honra, valem tanto quanto você, do ponto de vista intelectual, se bem que não o creias; podem contemplar simultaneamente tais abismos de fé e de dúvida que parece, por vezes, na verdade, que basta apenas um cabelo para que eles sucumbam.

— Pois bem! Tu te retirarias de nariz bem comprido!

— Meu amigo — observou o visitante, sentencioso —, mais vale ter o nariz comprido do que não ter nariz, como o dizia ainda recentemente um marquês doente (deve ter sido tratado por um especialista), confessando-se a um padre jesuíta. Assisti a isso, era encantador. “Entregai-me meu nariz!”, e batia no peito. “Meu filho — insinuava o padre —, tudo é regulado pelos decretos insondáveis da Providência, um mal aparente traz por vezes um bem oculto. Se uma sorte cruel o privou de seu nariz, o senhor ganha com isso pelo fato de ninguém mais doravante ousar dizer-lhe que o senhor tem o nariz comprido.” — “Meu padre, não é isso um consolo! — exclamou ele desesperado. — Ficarei, pelo contrário, encantado por ter cada dia o nariz comprido, contanto que ele esteja no lugar!” — “Meu filho — disse o padre, suspirando —, não se podem pedir todos os bens ao mesmo tempo e já é murmurar contra a Providência, que, mesmo assim, não o esqueceu; porque, se o senhor grita, como ainda há pouco, que seria feliz toda a vida por ter o nariz comprido, seu desejo será satisfeito indiretamente, porque, tendo perdido o nariz, pelo fato mesmo, tem o senhor o nariz comprido...”

— Ora! Que coisa estúpida! — exclamou Ivan.

— Meu amigo, eu queria fazer-te rir, juro-te que tal é a casuística dos jesuítas e que tudo isso é rigorosamente exato. Esse caso é recente e causou-me bastantes preocupações. De volta para casa, o desgraçado rapaz estourou os miolos naquela noite; não o deixei até o derradeiro instante... Quanto aos confessionários jesuíticos, são na verdade meu divertimento agradável nas horas de tristeza. Eis uma historieta desses últimos dias. Uma jovem normanda, loura, de vinte anos, chega à casa de um velho padre. Uma beleza! Que corpo! Era de fazer vir água à boca. Ajoelha-se, murmura seu pecado através da grade. “Como, minha filha, você recaiu no pecado?... Ó *Sancta Maria*, que ouço eu? Já é outro? Até quando durará isso? Não tem você vergonha?” — “*Ah!, mon Père* — responde a pecadora arrependida —, *ça lui a fait tant de plaisir et à moi si peu de peine!*”⁹⁷ Considera essa resposta! É o grito da própria natureza, vale isto mais que a inocência! Dei-lhe a absolvição e voltei-me para retirar-me, quando ouvi o padre marcar-lhe um encontro para aquela noite. Por mais resistente que tenha sido o velho, sucumbiu logo à tentação. A natureza, a verdade, desforrou-se! Por que fazes careta? Eis-te de novo zangado? Não sei mais que fazer para te ser agradável...

— Deixa-me, tu me obsedas como um pesadelo — gemeu Ivan, vencido por sua visão. — Tu me aborreces e me atormentas. Daria muito para escorraçar-te.

— Repito, modera tuas exigências, não exijas de mim o grande e o belo, e verás como seremos bons amigos — disse o cavalheiro com um tom sugestivo. Na verdade, tens razão de querer-me mal porque não apareci em meio duma nuvem vermelha, entre o trovão e os raios, com as asas avermelhadas, mas me apresentei com traje tão modesto. Em primeiro lugar, teus sentimentos estéticos estão melindrados, depois teu orgulho; tão grande homem receber a visita de um diabo tão comum! Há em ti aquela fibra romântica de que zombou Bielínski! Que fazer, rapaz? Ainda há pouco, no momento de vir à tua casa, pensei, para brincar, em tomar a aparência de um conselheiro de Estado aposentado, condecorado com as ordens do Leão e do Sol, mas não ousei, porque ter-me-ias batido: como, pôr no peito as placas do Leão e do Sol, em lugar da Estrela Polar ou de Sírio?! E insistes em chamar-me estúpido. Meu Deus, não pretendo ter a tua inteligência. Mefistófeles, aparecendo a Fausto, afirma que quer o mal e não faz senão o bem. Bem, isso é lá com ele, comigo é o contrário. Sou talvez o único ser no mundo que ama a verdade e quer sinceramente o

bem. Estava presente quando o Verbo crucificado subiu ao céu, levando a alma do bom ladrão; ouvi as exclamações jubilosas dos querubins cantando hosana e os hinos dos serafins, que faziam tremer o Universo. Pois bem, juro-o pelo que há de mais sagrado, quis juntar-me aos coros e gritar também hosana! As palavras iam sair de meu peito... sabes que sou bastante sensível e impressionável do ponto de vista estético. Mas o bom senso — a mais desgraçada de minhas faculdades — reteve-me nos justos limites e deixei passar a hora propícia! Porque, pensava eu então, que aconteceria se eu cantasse hosana? Tudo se extinguiria no mundo, não ocorreria mais nada. Eis como os deveres de meu cargo e minha posição social obrigaram-me a repelir um impulso generoso e a permanecer na infâmia. Outros arrogam-se toda a honra do bem: não me deixam senão a infâmia. Mas não invejo a honra de viver à custa de outrem, não sou ambicioso. Por que, entre todas as criaturas, sou eu só votado às maldições das pessoas honestas e mesmo aos pontapés de botas, pois, encarnando-me, devo suportar tais consequências? Há aí um mistério, mas a preço algum querem revelar-me, com medo que entoe eu hosana e tão logo desapareçam as imperfeições necessárias, reine a razão no mundo inteiro: seria naturalmente o fim de tudo, até mesmo de jornais e revistas, porque quem os assinaria então? Sei que por fim eu me reconciliaria, farei também eu meu quatrilhão e conhecerei o segredo. Mas, à espera, amuo-me e cumpro a contragosto minha missão; perder milhões para salvar um só. Quantas almas, por exemplo, foi preciso perder e quantas reputações macular para obter um só justo, Jó, do qual se serviram outrora para me pregarem bem má peça. Não, enquanto o segredo não for revelado, existem para mim duas verdades: a lá de baixo, a deles, que ignoro totalmente, e a outra, a minha. Resta ver qual é a mais pura... Dormes?

— Penso bem — gemeu Ivan — em tudo o que há de animal em mim, tudo o que há muito tempo digeri e eliminei como uma sujeira, tu nos trazes como uma novidade!

— Então, não fui bem-sucedido! Eu que pensava encantar-te com minha eloquência! Esse hosana no céu, na verdade, não estava mal, não é? Depois aquele tom sarcástico à Heine,⁹⁸ não é?

— Não, jamais tive esse espírito de lacaio! Como pôde minha alma produzir um lacaio de tua espécie?

— Meu amigo, conheço um encantador jovem russo, amador de literatura e de arte. É o autor dum poema que promete, intitulado: “O

grande inquisidor...” Era unicamente ele que eu tinha em vista.

— Proíbo-te de falar de “O grande inquisidor”! — exclamou Ivan, rubro de vergonha.

— E o cataclismo geológico, lembras-te? Que poema!

— Cala-te ou eu te mato!

— Matar-me? Não, é preciso que eu me explique em primeiro lugar. Vim cá para oferecer a mim mesmo esse prazer. Oh, quanto amo os sonhos de meus jovens amigos, fogosos, sedentos de vida! “Ali vive gente nova!”, dizias tu na última primavera, quando te preparavas para vir aqui. “Eles querem tudo destruir e regressar à antropofagia. Não me consultaram, os estúpidos. Em minha opinião, não é preciso destruir nada, a não ser a ideia de Deus no espírito do homem: eis por onde é preciso começar. Oh, os cegos, não compreendem nada! Uma vez que a humanidade inteira professe o ateísmo (e creio que essa época, à maneira das épocas geológicas, chegará a seu tempo), então, por si mesma, sem antropofagia, a antiga concepção do mundo desaparecerá, e sobretudo a antiga moral. Os homens se unirão para retirar da vida todos os gozos possíveis, mas neste mundo somente. O espírito humano se elevará até um orgulho titânico, e isso será a humanidade deificada. Triunfando sem cessar e sem limites da natureza pela ciência e pela energia, o homem, por isso mesmo, experimentará constantemente uma alegria tão intensa que ela substituirá para ele as esperanças das alegrias celestes. Cada qual saberá que é mortal, sem esperança de ressurreição, e resignar-se-á à morte com uma altivez tranquila, como um deus. Por altivez, abster-se-á de murmurar contra a brevidade da vida e amará seus irmãos duma maneira desinteressada. O amor só procurará gozos breves, mas o próprio sentimento de sua brevidade reforçar-lhe-á a intensidade tanto quanto outrora ela se disseminava nas esperanças de um amor eterno, além-tumular...”, e assim por diante. É encantador!

Ivan tapava os ouvidos com as mãos, olhava para o chão, tremia da cabeça aos pés. A voz prosseguiu:

— A questão consiste nisto, sonhava meu jovem pensador: será possível que essa época chegue algum dia? Na afirmativa, tudo está decidido, a humanidade se organizará definitivamente. Mas como, diante da estupidez inveterada da espécie humana, não se venha isso a realizar talvez nem dentro de mil anos, é permitido a todo indivíduo que tenha consciência da verdade regularizar sua vida como bem entender, de acordo

com os novos princípios. Nesse sentido, tudo lhe é permitido. Mais ainda: mesmo se essa época nunca deva chegar, como Deus e a imortalidade não existem, é permitido ao homem novo tornar-se um homem-deus, seja ele o único no mundo a viver assim. Poderia doravante, de coração leve, libertar-se das regras da moral tradicional, às quais estava o homem sujeito como um escravo. Para Deus, não existe lei. Em toda parte onde Deus se encontra, está em seu lugar! Em toda parte em que me encontrar, será o primeiro lugar... tudo é permitido, um ponto, é tudo! Tudo isso é muito gentil, somente se se quer trapacear, de que serve a sanção da verdade? Mas nosso russo contemporâneo é assim feito: não se decidirá a trapacear sem essa sanção, tanto ama ele a verdade...

O visitante deixara-se arrebatado por sua eloquência, elevava cada vez mais a voz e olhava com ironia o dono da casa; mas não pôde acabar. Ivan agarrou de repente um copo em cima da mesa e atirou-o no orador.

— *Ah, mais, c'est bête enfin!*⁹⁹ — exclamou o outro, erguendo-se vivamente e enxugando as gotas de chá que lhe caíram na roupa. — Lembrou-se do tinteiro de Lutero!¹⁰⁰ Quer ver em mim um sonho e lança copos contra um fantasma! Isso é digno duma mulher! Bem suspeitava que fingias tapar os ouvidos e que estavas escutando...

Nesse momento, bateram na janela com insistência. Ivan Fiódorovitch levantou-se.

— Estás ouvindo? Abre então! — exclamou o visitante. — É teu irmão Aliócha que vem anunciar-te uma notícia das mais inesperadas, garanto-te!

— Cala-te, impostor, sabia antes de ti que era Aliócha, pressentia-o, e decerto não vem à toa, traz evidentemente uma “notícia”! — exclamou Ivan, exaltado.

— Abre então, abre-lhe. Está lá fora uma tempestade de neve e é teu irmão quem bate. *Monsieur sait-il le temps qu'il fait? C'est à ne pas mettre un chien dehors...*¹⁰¹

Continuavam a bater. Ivan quis correr à janela, mas sentiu-se como que paralisado. Esforçava-se por partir os laços que os prendiam, mas em vão. Batiam cada vez com mais força. Por fim, os laços se romperam e Ivan Fiódorovitch levantou-se. As duas velas acabavam de consumir-se, o copo que havia atirado contra seu visitante estava na mesa. No divã, ninguém.

As pancadas na janela persistiam, mas bem menos fortes do que lhe tinham parecido, bem discretas até.

— Não é um sonho! Não, juro que não era um sonho, tudo isso acaba de ocorrer.

Ivan correu à janela e abriu o postigo.

— Aliócha, eu te havia proibido de vir — gritou ele, com raiva, a seu irmão. — Em duas palavras: que queres? Em duas palavras, ouves-me?

— Há uma hora, Smierdiákov enforcou-se — disse Aliócha.

— Sobe o patamar, vou abrir a porta — disse Ivan.

X

“FOI ELE QUEM O DISSE!”

Aliócha contou a Ivan que, uma hora antes, Mária Kondrátiévna fora à casa dele para informá-lo de que Smierdiákov acabava de suicidar-se. “Entro no quarto dele para retirar o samovar e vejo-o pendurado de um prego grande na parede.” Perguntando-lhe Aliócha se fizera ela sua declaração a quem de direito, respondeu que viera diretamente à casa dele, correndo. Tremia como uma folha. Tendo-a acompanhado à isbá, havia Aliócha encontrado Smierdiákov ainda pendurado. Em cima da mesa, um papel com estas palavras: “Ponho fim a meus dias voluntariamente. Não acusem ninguém de minha morte.” Deixando esse bilhete em cima da mesa, dirigiu-se Aliócha à casa do *isprávník*, “e dali à tua casa”, concluiu, olhando fixamente para Ivan, cuja expressão o intrigava.

— Meu irmão — disse de repente —, deves estar muito doente! Olhas-me sem ter o ar de compreender o que te digo.

— Foi bom teres vindo — disse Ivan com ar preocupado e sem prestar atenção à exclamação de Aliócha. — Sabia que ele se tinha enforcado.

— Por intermédio de quem o sabias?

— Não lembro por intermédio de quem, mas sabia-o. Sabia-o? Sim, ele me disse. Dizia-mo ainda há pouco...

Ivan mantinha-se no meio do quarto, com o ar sempre absorto, olhando para o chão.

— Ele quem? — perguntou Aliócha com uma olhadela involuntária em redor.

— Esquivou-se.

Ivan ergueu a cabeça e sorriu mansamente.

— Teve medo de ti, da pomba. És um puro “querubim”. Dimítri assim te chama: querubim... O grito formidável dos serafins! Que é um serafim? Talvez toda uma constelação, e essa constelação talvez seja senão uma molécula química... Existe a constelação do Leão e do Sol, sabes?

— Meu irmão, senta-te — disse Aliócha espantado —, senta-te no divã, suplico-te. Deliras, apoia-te na almofada, assim. Queres um guardanapo molhado sobre a cabeça? Isso te aliviaria.

— Dá-me o guardanapo que está em cima da cadeira, atirei-o ali ainda há pouco.

— Não, não está ali. Não te inquietes, ei-lo aqui — disse Aliócha, encontrando num canto, perto do lavatório, um guardanapo limpo, ainda dobrado. Ivan examinou-o com um olhar estranho. Pareceu voltar-lhe a memória.

— Espera — disse ele, levantando-se. — Há uma hora apliquei à minha cabeça esse mesmo guardanapo molhado, depois joguei-o ali... como pode estar ele seco? Não havia outro.

— Aplicaste esse guardanapo na cabeça?

— Sim, e andei pelo quarto há uma hora... Por que as velas estão consumidas? Que horas são?

— Em breve será meia-noite.

— Não, não, não! — exclamou Ivan. — Não era um sonho! Ele estava aqui, neste divã. Quando tu bateste na janela, atirei-lhe um copo... aquele... Espera um pouco, não é a primeira vez... mas não são sonhos, é realidade: ando, falo, vejo... dormindo. Mas ele estava aqui, neste divã... É muito estúpido ele, Aliócha, muito estúpido. — Ivan pôs-se a rir e a caminhar pelo quarto.

— Quem é estúpido? De quem falas, meu irmão? — perguntou ansiosamente Aliócha.

— Do diabo! Ele vem ver-me. Veio duas ou três vezes. Irrita-me, pretendendo que lhe quero mal por não ser ele senão o diabo, em lugar de Satã, com asas avermelhadas, cercado de trovões e raios. Não passa de um impostor, um mau diabo de baixa classe. Vai aos banhos. Se lhe tirassem a

roupa, haveriam de encontrar nele certamente uma cauda fulva, do comprimento de um *árchin*, lisa como a de um cão dinamarquês... Aliócha, estás enregelado, coberto de neve, queres chá? Está frio, vou pôr a funcionar o samovar... *C'est à ne pas mettre un chien dehors...*

Aliócha correu ao lavatório, molhou o guardanapo, persuadiu Ivan a tornar a sentar-se e aplicou-o à sua cabeça. Sentou-se ao lado dele.

— Que é que dizias há pouco a respeito de Lisa? — prosseguiu Ivan. (Tornava-se bastante loquaz.) Lisa me agrada. Falei-te mal dela. É falso, ela me agrada. Tenho medo amanhã, por causa de Kátia sobretudo, pelo futuro. Ela me abandonará amanhã e me espezinhará. Crê que perco Mítia por ciúme, por causa dela, sim, ela crê isso! Mas não! Amanhã, será a cruz e não a forca. Não, não me enforcarei. Sabes que não poderei jamais me matar, Aliócha? Será por baixaza? Não sou um covarde. É por amor à vida! Como sabia eu que Smierdiákov se enforcara? Sim, foi “ele” quem me disse...

— E estás persuadido de que alguém veio aqui?

— Neste divã, no canto. Foste tu que o afugentaste. Sim, foste tu que o puseste em fuga, desapareceu à tua chegada. Gosto de teu rosto, Aliócha. Sabias disso? Mas “ele”, sou eu, Aliócha, eu mesmo. Tudo quanto há em mim de baixo, de vil, de desprezível! Sim, sou um “romântico”, ele o notou... no entanto, é uma calúnia. Ele é horrendamente estúpido, mas por isso que logra êxito. É astuto, bestialmente astuto, sabe muito bem levar-me ao extremo. Zombava de mim, dizendo que eu creio nele, foi assim que me obrigou a escutá-lo. Mistificou-me como a uma criança. Aliás, disse a meu respeito muitas verdades, coisas que eu jamais teria dito a mim mesmo. Sabes, Aliócha, sabes — acrescentou Ivan, num tom confidencial — que eu gostaria bem que fosse realmente “ele”, e não eu?

— Ele fatigou-te — disse Aliócha, olhando para seu irmão com compaixão.

— Irritou-me, sabes, e bem habilmente: “A consciência, que é isso? Fui eu que a inventei. Por que se têm remorsos? Por hábito. Hábito que tem a humanidade há sete mil anos. Desfaçamo-nos do hábito e seremos deuses.” Foi ele quem o disse!

— Mas não tu, não tu!? — exclamou malgrado seu Aliócha, com um olhar luminoso. — Pois bem! Deixa-o, esquece-o então! Que ele leve consigo tudo quanto tu maldizes agora e que não volte mais!

— Ele é mau, zombou de mim. É um insolente, Aliócha — disse Ivan, fremindo à lembrança da ofensa. — Caluniou-me a muitos respeitos, caluniou-me na minha cara. “Oh! vais praticar uma nobre ação, declararás que foste tu o assassino responsável, que o laçao matou teu pai por instigação...”

— Meu irmão, contém-te; não foste tu que mataste. Não é verdade!

— Foi ele quem o disse, e ele o sabe: “Vais praticar uma ação virtuosa e, contudo, não crês na virtude, eis o que te irrita e te atormenta.” Eis o que ele me disse, e ele é perito nisso...

— És tu que dizes, e não ele! E falas em delírio!

— Não, ele sabe o que diz: “É por orgulho que vais dizer: Fui eu que matei, por que estais tomado de espanto? Mentis! Desprezo vossa opinião, zombo do vosso espanto.” Dizia ainda: “Sabes? Queres que te admirem; é um criminoso, um assassino, dirão, mas que sentimentos nobres! Para salvar seu irmão, acusou-se!” Mas é falso, Aliócha! — exclamou Ivan, com os olhos cintilantes. — Não quero a admiração dos alarves. Juro-te que ele mentiu. Foi por isso que lhe atirei um copo, que se quebrou no focinho dele!

— Meu irmão, acalma-te, deixa de...

— Não, é um sábio torcionário, e cruel — prosseguiu Ivan, que não havia ouvido. — Sabia bem por que ele vinha. “Pois seja — dizia ele —, tu querias ir por orgulho, mas guardando a esperança de que Smierdiákov seria desmascarado e enviado ao presídio, que absolveriam Mítia e que te condenariam moralmente apenas (ouves, ele riu neste ponto!), enquanto que outros te admirariam. Mas Smierdiákov está morto, quem te acreditará agora no tribunal? Tu somente? No entanto, vais, decidiste ir. Com que objetivo, afinal?” É estranho, Aliócha, não posso suportar semelhantes perguntas. Quem tem a audácia de mas fazer?

— Meu irmão — interrompeu Aliócha, gelado de medo, mas esperando sempre fazer Ivan voltar à razão —, como pôde ele falar-te da morte de Smierdiákov antes de minha chegada, quando ninguém a conhecia e não tivera tempo de sabê-la?

— Ele me falou dela — disse Ivan, num tom decisivo. — Não me falou senão disso, se quiseses. “Se ainda acreditasses na virtude: não me acreditarão, não importa, vou por uma questão de princípio. Mas tu não passas de um porco, como Fiódor Pávlovitch, nada tens que ver com a

virtude. Por que ires até lá, se teu sacrifício é inútil? Não sabes de nada e darias muito para sabê-lo! Suponhamos: tu te decidiste! Passarás a noite a pesar o pró e o contra! No entanto, irás, bem o sabes, sabes que, qualquer que seja tua resolução, a decisão não depende de ti. Irás, porque não ousarás fazer de outro modo. E por que não ousarás? Adivinha tu mesmo, é um enigma!” Nisso partiu, quando tu chegavas. Tratou-me de covarde, Aliócha. *Le mot de l'enigme*¹⁰² é que sou um covarde! Smierdiákov disse o mesmo. É preciso matá-lo. Kátia me despreza, vejo isso há um mês. Lisa começa a desprezar-me. “Irás para que te admirem”, é uma mentira abominável! E tu também, tu me desprezas, Aliócha. Detesto-te de novo! E odeio também o monstro, que ele apodreça no presídio! Cantou um hino! Irei amanhã cuspir na cara de todos.

Ivan levantou-se cheio de furor, arrancou o guardanapo, voltou a andar pelo quarto. Aliócha lembrou-se de suas recentes palavras: “Parece-me dormir acordado... Ando, falo, vejo, e contudo durmo.” Era bem isso. Não ousava deixá-lo para ir procurar um médico, não tendo ninguém a quem confiá-lo. Pouco a pouco, Ivan pôs-se a desarrazoar completamente. Continuava a falar, mas suas palavras eram incoerentes. Articulava mal as palavras; de repente cambaleou, mas Aliócha pôde sustentá-lo; tirou-lhe a roupa, com dificuldade, e meteu-o na cama. O doente caiu num profundo sono, com a respiração regular, Aliócha velou-o ainda umas duas horas, depois pegou um travesseiro e estendeu-se no divã, sem tirar a roupa. Antes de adormecer, rezou por seus irmãos. Começava a compreender a doença de Ivan. “Os tormentos duma resolução orgulhosa, uma consciência exaltada!” Deus, em quem Ivan não acreditava, e sua verdade tinham subjugado aquele coração ainda rebelde. “Sim, pensava Aliócha, já que Smierdiákov está morto, ninguém acreditará em Ivan; no entanto, ele irá depor. Deus vencerá, disse a si mesmo Aliócha, com um doce sorriso. Ou Ivan despertará à luz da verdade, ou então... sucumbirá no ódio, vingando-se de si mesmo e dos outros por ter servido a uma causa na qual não acreditava”, acrescentou ele com amargura e rezou de novo por Ivan.

LIVRO XII

UM ERRO JUDICIÁRIO

I

O DIA FATÍDICO

No dia seguinte aos acontecimentos que narramos, às dez horas da manhã, foi aberta a sessão do tribunal e começou o julgamento de Dimítri Karamázov.

Devo declarar previamente que me é impossível relatar todos os fatos na ordem detalhada. Tal exposição demandaria, creio, um grosso volume. De modo que, não me queiram mal por limitar-me ao que me pareceu mais impressionante. Pude tomar o acessório pelo essencial e omitir traços característicos... Aliás, é inútil desculpar-me... Faço o melhor que posso, e os leitores saberão vê-lo.

Antes de penetrar na sala, mencionemos o que causava a surpresa geral. Todo mundo conhecia o interesse despertado por aquele processo impientemente esperado, as discussões e suposições que provocava havia dois meses. Sabia-se também que aquele caso tivera repercussão em toda a Rússia, mas sem se imaginar que ele pudesse suscitar semelhante emoção em outra parte que não entre nós. Veio gente não somente da sede da província, mas de outras cidades e até mesmo de Moscou e de Petersburgo, juristas, notabilidades, bem como senhoras. Todos os cartões foram arrebatados num abrir e fechar de olhos. Para os visitantes de destaque, haviam reservado lugares por trás da mesa que presidia o tribunal; instalaram-se ali cadeiras, o que jamais se vira. As senhoras, bastante numerosas, formavam pelo menos a metade do público. Havia tantos juristas que não se sabia onde metê-los, estando todos os convites distribuídos desde muito tempo. Construiu-se à pressa, no fundo da sala, por trás do estrado, uma separação no interior da qual tomaram eles lugar, dando-se por felizes em poderem ficar mesmo de pé, porque haviam retirado todas as cadeiras, a fim de obter-se espaço, e a multidão reunida assistiu ao julgamento de pé, em massa compacta. Certas senhoras, sobretudo as recém-chegadas, mostraram-se nas galerias excessivamente enfeitadas, mas a maior parte não pensava na toalete. Lia-se em seus rostos uma curiosidade ávida. Uma das particularidades daquele público,

digna de ser assinalada e que se manifestou no correr dos debates, era a simpatia da enorme maioria das senhoras por Mítia, que desejavam ver absolvido. Talvez porque tivesse ele a reputação de cativar os corações femininos. Contava-se com a presença das duas rivais. Katierina Ivânovna sobretudo excitava o interesse geral; contavam-se coisas espantosas a seu respeito e de sua paixão por Mítia, apesar do crime dele. Lembravam seu orgulho (não fizera visitas quase a ninguém), suas “relações aristocráticas”. Dizia-se que tinha ela a intenção de pedir ao governo autorização para acompanhar o condenado ao presídio e casar-se com ele nas minas, embaixo do solo. A aparição de Grúchenhka não despertava menos interesse, esperava-se com curiosidade o encontro em plenário das duas rivais, a jovem aristocrata e a cortesã. Aliás, nossas damas conheciam melhor Grúchenhka, que “tinha posto a perder Fiódor Pávlovitch e seu desgraçado filho”, e a maior parte se admirava de que uma mulher tão ordinária, nem mesmo bonita, tivesse podido tornar a tal ponto apaixonados o pai e o filho. Sei pertinentemente que, em nossa cidade, sérias querelas de família rebentaram por causa de Mítia. Muitas senhoras disputavam com os maridos, em consequência do desacordo a respeito daquele triste caso, e compreende-se que eles chegassem ao recinto não somente maldispostos para com o acusado, mas enraivecidos contra ele. Em geral, ao contrário das mulheres, o elemento masculino era hostil ao detento. Viam-se rostos severos, carrancudos, outros encolerizados e isso na maioria. É verdade que Mítia insultara muitas pessoas, durante sua permanência entre nós. Decerto, alguns espectadores estavam quase alegres e bastante indiferentes à sorte de Mítia, embora interessados pelo resultado do caso; a maior parte desejava o castigo do culpado, salvo talvez os juristas, que só encaravam o processo do ponto de vista jurídico contemporâneo, negligenciando o lado moral. A chegada de Fietiukóvitch, de grande reputação por causa de seu talento, agitava todo mundo; não era a primeira vez que vinha ele à província advogar em processos criminais de repercussão, dos quais se guardava depois por muito tempo a lembrança. Circulavam anedotas sobre nosso procurador e sobre o presidente do tribunal. Contava-se que o procurador tremia ao ter de tornar a encontrar-se com Fietiukóvitch, que eram antigos inimigos, já em Petersburgo, no começo de suas carreiras; que o nosso suscetível Ipolit Kirílovitch, que se julgava lesado desde muito, porque não era convenientemente apreciado seu mérito, havia retomado coragem com o

caso Karamázov e sonhava mesmo reerguer sua reputação embaciada, mas Fietiukóvitch lhe causava medo. Quanto ao temor de Fietiukóvitch, essas asserções não eram totalmente justas. Nosso procurador não era desses caracteres que se deixam levar diante do perigo, mas, pelo contrário, daqueles cujo amor-próprio aumenta, exalta-se, precisamente na proporção do perigo. Em geral, nosso procurador era demasiado ardente e impressionável. Punha por vezes toda a alma num negócio, como se de sua decisão dependessem sua sorte e sua fortuna. No mundo judiciário, sorriam dessa singularidade, que valera a nosso procurador certa notoriedade, maior do que não se teria podido crer de acordo com sua situação modesta na magistratura. Riam sobretudo de sua paixão pela psicologia. Na minha opinião, todos se enganavam; nosso procurador era, creio, dum caráter bem mais sério do que muitos pensavam. Mas aquele homem doentio não soubera colocar-se no início de sua carreira, nem depois.

Quanto ao presidente do tribunal, era um homem instruído, humano, conhecendo praticamente a causa e com as ideias mais modernas. Tinha certo amor-próprio, mas pouca ambição. O principal objetivo de sua existência consistia em ser um progressista. Aliás, tinha relações, fortuna. Verificou-se mais tarde que se interessava bastante vivamente pelo caso Karamázov, mas somente num sentido geral, como fenômeno classificado, encarado como resultante de nosso regime social, como característica da mentalidade russa, etc. Quanto ao caráter particular do caso, à personalidade de seus atores, a começar pelo acusado, isso não lhe apresentava senão um interesse vago, abstrato, como convinha aliás, talvez.

Muito tempo antes da hora, a sala estava repleta. É a mais bela da cidade, vasta, alta, sonora. À direita do tribunal, que tinha assento sobre um estrado, tinham instalado uma mesa e duas filas de cadeiras para o júri. À esquerda se encontrava o lugar do acusado e de seu defensor. No meio da sala, perto dos juízes, as peças de convicção figuravam numa mesa: o roupão de seda branca de Fiódor Pávlovitch, ensanguentado; o pilão de cobre, instrumento presumido do crime; a camisa e a sobrecasaca de Mítia, toda manchada perto do bolso onde metera ele o lenço; o dito lenço, onde o sangue formava uma crosta; a pistola carregada em casa de Pierkhótin para o suicídio de Mítia e tirada furtivamente por Trifon Borísovitch, em Mó Kroie; o envelope dos três mil rublos destinados a

Grúchenhka, a fita cor-de-rosa que o amarrava e outros objetos que esqueci. Mais longe, no fundo da sala, mantinha-se o público, mas, diante da balaustrada, tinham disposto cadeiras para as testemunhas que ficariam na sala depois de seus depoimentos. Às dez horas apareceu o tribunal, composto do presidente, dum assessor e dum juiz de paz honorário. O procurador chegou no mesmo instante. O presidente era robusto, baixo e gordo, com o rosto congestionado, homem duns cinquenta anos, de cabelos grisalhos cortados curtos e condecorado. O procurador pareceu a toda a gente estranhamente pálido, de tez quase verdoenga, emagrecido por assim dizer subitamente, porque eu o havia visto na antevéspera em seu estado normal. O presidente começou por perguntar ao oficial de justiça se todos os jurados estavam presentes... Mas é-me impossível continuar assim, tendo-me escapado certas coisas e sobretudo porque, como já o disse, o tempo e o lugar me faltariam para um relato integral. Sei somente que a defesa e a acusação só recusaram pequeno número de jurados. O júri compunha-se de quatro funcionários, dois comerciantes, seis camponeses e pequenos-burgueses de nossa cidade. Muito tempo antes do julgamento, lembro-me de que, na sociedade, perguntavam, sobretudo as senhoras: “Será possível que um caso de psicologia tão complicada seja submetido à decisão de funcionários e de mujiques? Que é que eles compreenderão disso?” Efetivamente, os quatro funcionários que faziam parte do júri eram gente modesta, já grisalha, exceto um, pouco conhecidos em nossa sociedade, tendo vegetado com mesquinhos ordenados; deviam ser casados com velhas, impossíveis de exhibir, e ter uma ninhada de meninos, talvez descalços; as cartas encantavam-lhes os lazes e não tinham, bem entendido, jamais lido coisa alguma. Os dois comerciantes tinham o ar calmo, mas estranhamente taciturno e imóvel, estando um deles barbeado e trajado à europeia, e o outro, de barba grisalha, trazia no pescoço uma medalha. Nada a dizer dos pequenos-burgueses e camponeses de Skotoprignonievsk. Os primeiros assemelham-se bastante aos segundos e trabalham como eles. Dois dentre eles usavam também traje europeu, o que os fazia parecerem mais sujos e mais feios talvez que os outros, tanto que todos perguntavam a si mesmos involuntariamente, como o fiz, olhando-os: “Que pode essa gente compreender mesmo dum tal caso?” Não obstante, seus rostos, rígidos e carrancudos, mostravam uma expressão imponente.

Enfim, o presidente abriu a sessão declarando ao auditório que ia dar-se início ao julgamento do crime de que foi vítima o conselheiro titular aposentado Fiódor Pávlovitch Karamázov... Não me recordo bem como o disse. Os oficiais de justiça tiveram ordem de introduzir o acusado e apareceu Mítia. Reinou profundo silêncio na sala. Poder-se-ia ouvir uma mosca voar. Mítia causou-me uma impressão das mais desfavoráveis. Apresentou-se como um janota, de roupa nova, luvas lustrosas, roupa branca fina. Soube depois que ele encomendara para aquele dia uma sobrecasaca em Moscou, em casa de seu antigo alfaiate, que havia conservado suas medidas. Avançou a grandes passos, rígido, olhando fixamente à frente e sentou-se com ar impassível. Apareceu ao mesmo tempo seu defensor, o famoso Fietiukóvitch; um murmúrio discreto percorreu a sala. Era um homem grande e seco, de pernas finas, dedos exangues e afilados, cabelos curtos, o rosto imberbe e lábios finos pregueavam-se por vezes num sorriso sarcástico. Parecia ter quarenta anos. O rosto teria sido simpático não fossem os olhos, desprovidos de expressão e muito aproximados do nariz, comprido e delgado. Em suma, aquela fisionomia lembrava um pássaro. Estava de casaca e de gravata branca. Lembro-me do interrogatório de identificação. Mítia respondeu com uma voz tão forte que surpreendeu o presidente. Depois, fizeram leitura da lista das testemunhas e dos peritos. Quatro dentre eles faltavam: Miúsov, que voltara a Paris, mas cujo depoimento figurava no processo; a senhora Khokhlakova e o proprietário rural Maksímov, por motivo de doença, e Smierdiákov, falecido subitamente, como o atestava um relatório da polícia. A notícia de sua morte causou sensação. Muitos, no público, ignoravam ainda seu suicídio. O que impressionou sobretudo foi uma frase de Mítia a esse respeito:

— Para cão, morte de cão! — exclamou ele.

Seu defensor adiantou-se por ele, o presidente ameaçou-o de tomar medidas severas no caso de novo insulto. Mítia repetiu várias vezes ao advogado, a meia-voz e em arrependimento aparente:

— Não o farei mais! Escapou-me. Não recomeçarei.

Esse episódio não testemunhava em seu favor aos olhos dos jurados e do público. Dava uma amostra de seu caráter. Foi sob essa impressão que o escrivão leu o libelo acusatório. Era conciso, limitando-se à exposição dos principais motivos de acusação; não obstante, fiquei vivamente impressionado. O escrivão lia com voz nítida e sonora. Aquela tragédia

aparecia em relevo, alumada por uma luz implacável. Depois do quê, o presidente perguntou a Mítia:

— Acusado, reconhece-se culpado?

Mítia levantou-se.

— Reconheço-me culpado de embriaguez, de devassidão e de preguiça — disse ele com exaltação. — Queria corrigir-me definitivamente, na hora mesma em que a sorte me feriu. Mas estou inocente da morte do velho, meu pai e meu inimigo. Não o roubei tampouco, não, não sou capaz disso. Dimíttri Karamázov é um canalha, mas não um ladrão!

Sentou-se de novo, a fremir. O presidente exortou-o a responder unicamente às perguntas. Em seguida, foram chamadas as testemunhas para prestar juramento. Os irmãos do acusado foram dispensados dessa formalidade. Depois das exortações do padre e do presidente, mandaram para fora as testemunhas para serem de novo chamadas uma a uma.

II

TESTEMUNHAS PERIGOSAS

Ignoro se as testemunhas de acusação e de defesa foram agrupadas pelo presidente e em que ordem se propunha chamá-las. É provável. Em todo caso, começou-se pelas testemunhas de acusação. Repito que não tenho a intenção de reproduzir integralmente os interrogatórios. Aliás, seria em parte supérfluo, porque a acusação e a defesa resumiram claramente a marcha e o sentido do caso, bem como os depoimentos das testemunhas. Anotei integralmente, por vezes, aqueles dois notáveis discursos que citarei a seu tempo, da mesma maneira que um episódio inesperado do julgamento, que influiu indubitavelmente em seu desenlace fatal. Desde o começo, uma particularidade daquele caso afirmou-se aos olhos de todos: a força extraordinária da acusação, em relação aos meios da defesa. Todo mundo compreendeu logo isso, quando se viram os fatos agruparem-se, acumularem-se e o horror do crime exibir-se pouco a pouco em plena luz. Dava-se conta o público de que a causa estava bem clara, que a dúvida era impossível, que os debates seriam apenas meras formalidades, estando mais que demonstrada a culpabilidade do acusado. Penso mesmo que nem

dúvida havia para todas as senhoras que aguardavam com tanta impaciência a absolvição do interessante acusado. Mais ainda, parece-me que se sentiriam elas aflitas diante de uma culpabilidade menos evidente, porque isso teria diminuído o efeito do desenlace, quando se absolvesse o criminoso. Coisa estranha é que todas as senhoras acreditaram na absolvição quase até o derradeiro minuto. “Ele é culpado, mas absolvê-lo-ão por humanidade, em nome das ideias novas”, etc. Eis por que haviam ocorrido com tanto açodamento. Os homens interessavam-se sobretudo pela luta entre o procurador e o famoso Fietiukóvitch. Todos perguntavam a si mesmos com espanto: que poderá fazer de uma causa perdida de antemão Fietiukóvitch, com todo o seu talento? De modo que o observavam com uma atenção intensa. Mas Fietiukóvitch ficou até o fim como um enigma para todos. As pessoas experimentadas pressentiam que tinha ele um sistema, que perseguia um objetivo, mas era quase impossível adivinhar qual. Sua segurança saltava, no entanto, aos olhos. Além disso, notou-se com satisfação que, durante sua curta estada entre nós, se pusera notavelmente a par do caso e havia-o estudado em todos os detalhes. Admirou-se em seguida sua habilidade em desacreditar todas as testemunhas da acusação, em confundi-las tanto quanto possível e, sobretudo, em manchar-lhes a reputação moral, e, por consequência, seus depoimentos. Aliás, supunha-se que ele assim agia muito por jogo, por assim dizer, por coquetismo jurídico, a fim de pôr em ação todos os processos advocatórios, porque pensava-se com razão que aqueles “denegrimientos” não lhe proporcionariam nenhuma vantagem definitiva, e ele próprio, provavelmente, o compreendia melhor que ninguém; devia ter em reserva uma ideia, uma arma oculta, que revelaria no momento querido. No instante, consciente de sua força, parecia divertir-se. Assim, quando interrogou Grigóri Vassílievitch, o antigo criado de quarto de Fiódor Pávlovitch, que afirmou ter visto a porta da casa aberta, o defensor aferrou-se a ele, quando chegou sua vez de fazer-lhe perguntas. Grigóri Vassílievitch apareceu à barra das testemunhas sem se mostrar absolutamente perturbado pela majestade do tribunal ou pela presença de numeroso público. Depôs com a mesma segurança com que o teria feito se estivesse a sós com sua mulher, mas com mais deferência. Era impossível confundi-lo. O procurador interrogou-o muito tempo a respeito de particularidades da família Karamázov. Grigóri traçou dela um quadro sugestivo. Via-se que a testemunha era ingênua e imparcial. Malgrado todo

o respeito pelo antigo patrão, declarou que ele fora injusto para com Mítia e “não educava os filhos como era preciso. Sem mim, teria ele sido roído pelos piolhos”, disse ele, ao falar da tenra infância de Mítia. “Tampouco, não deveria ter o pai prejudicado o filho no referente aos bens que herdara da mãe.” Tendo-lhe o procurador perguntado sobre que se baseava para afirmar que Fiódor Pávlovitch prejudicara o filho por ocasião do acerto de contas, Grigóri, para espanto geral, não apresentou nenhum argumento decisivo, mas persistiu dizendo que aquele acerto não fora justo, e que Mítia deveria ter recebido ainda alguns milhares de rublos. A esse propósito, interrogou o procurador, com uma insistência particular, todas as testemunhas que se presumia estivessem ao corrente, inclusive os irmãos do acusado, mas nenhuma delas o esclareceu duma maneira precisa, cada qual afirmando a coisa sem poder fornecer dela uma prova mais ou menos exata. O relato da cena à mesa, em que Dimítri Fiódorovitch irrompeu na sala e bateu no pai, ameaçando voltar para matá-lo, produziu uma impressão sinistra, tanto mais quanto o velho criado narrava com calma e concisão, numa linguagem original, o que causava muito efeito. Declarou que a ofensa de Mítia, que então lhe batera no rosto e derrubara, estava desde muito tempo perdoada. Quanto a Smierdiákov — benzeu-se — era um rapaz bem-dotado, mas deprimido pela doença e sobretudo ímpio, tendo sofrido a influência de Fiódor Pávlovitch e de seu filho mais velho. Atestou com calor sua honestidade, contando o episódio do dinheiro achado e entregue por Smierdiákov ao patrão, o que lhe valeu, com uma moeda de ouro, a confiança dele. Sustentou teimosamente a versão da porta aberta para o jardim. Aliás, fizeram-lhe tantas perguntas que não posso lembrar-me de todas. Por fim, foi a vez do defensor, que se informou em primeiro lugar do envelope em que, segundo parecia, Fiódor Pávlovitch ocultara três mil rublos para certa pessoa. “Viu-o, o senhor que vivia desde tanto tempo junto de seu patrão?” Grigóri respondeu que não e que não sabia da existência desse dinheiro e dele só conhecendo “depois que toda a gente falava”. A pergunta relativa ao envelope fê-la Fietiukóvitch, todas as vezes que pôde, às testemunhas, com a mesma insistência que o procurador pusera em informar-se sobre a partilha dos bens; todas responderam que não tinham podido ver o envelope, embora muitas dele tivessem ouvido falar. A persistência do defensor foi notada desde o começo.

— Agora, poderia eu perguntar-lhe — continuou Fietiukóvitch — de que se compunha esse bálsamo, ou antes, essa infusão com a qual o senhor esfregou seus rins, antes de deitar-se, na noite do crime, como ressalta do inquérito?

Grigóri olhou-o com ar aparvalhado e, após um silêncio, murmurou: “Havia salva nela.”

— Somente salva, nada mais?

— E tanchagem.

— E pimenta, talvez?

— Havia também pimenta.

— E tudo isso com vodca!

— Com álcool.

Um ligeiro sorriso percorreu o auditório.

— Veja-se, até mesmo álcool. Depois de ter-se esfregado a região renal, o senhor bebeu o resto da garrafa, com uma piedosa prece conhecida somente por sua esposa, não é?

— Sim.

— Bebeu muito? Um ou dois copinhos?

— O conteúdo de um copo.

— Tanto assim? Um copo e meio, talvez?

Grigóri guardou silêncio. Parecia compreender.

— Um copo e meio de álcool puro, não teria sido muito? Que pensa o senhor? Com isso podem-se ver abertas as portas do paraíso!

Grigóri continuava calado. Nova risada esfuziou. O presidente agitou-se.

— Poderia o senhor dizer — insistiu Fietiukóvitch — se estava desperto quando viu a porta do jardim aberta?

— Estava em cima de minhas duas pernas.

— Isso não quer dizer que o senhor estivesse desperto. (Novas risadas.) Teria podido, por exemplo, responder naquele momento, se alguém lhe perguntasse, em que ano nós estamos?

— Não sei.

— Está bem! Em que ano estamos, desde o nascimento de Jesus Cristo? Sabe-o?

Grigóri, com ar confuso, olhava fixamente seu carrasco. Sua ignorância do ano atual parecia estranha.

— Talvez saiba o senhor quantos dedos tem nas mãos.

— Tenho o hábito de obedecer — proferiu, de súbito, Grigóri. — Se agrada às autoridades zombar de mim, devo suportá-lo.

Fietiukóvitch ficou um pouco desconcertado. O presidente interveio e lembrou-lhe que devia fazer mais perguntas em relação com o caso. O advogado respondeu com deferência que nada mais tinha a perguntar. Certamente, o depoimento de um homem “tendo visto as portas do paraíso” e ignorando em que ano vivia poderia inspirar dúvidas, de sorte que o fito do defensor foi atingido. Um incidente marcou o fim do interrogatório. Tendo-lhe o presidente perguntado se tinha observações a apresentar, Mítia exclamou:

— Exceto o que se refere à porta, a testemunha disse a verdade. Eu lhe agradeço ter-me livrado dos parasitas e perdoado minhas pancadas; esse velho foi durante toda a sua vida honesto e fiel a meu pai como 36 cães-d’água!

— Acusado, policie suas expressões — disse severamente o presidente.

— Não sou um cão-d’água — resmungou Grigóri.

— Pois bem! Sou eu que sou um cão-d’água! — gritou Mítia. — Se é uma ofensa, assumo-a para mim e peço-lhe perdão. Fui brutal e violento com ele. Com Esopo também.

— Que Esopo? — acentuou severamente o presidente.

— Refiro-me a Pierrot... a meu pai, Fiódor Pávlovitch.

O presidente exortou de novo Mítia a escolher seus termos com mais prudência.

— O senhor se prejudica assim no espírito de seus julgadores.

O defensor procedeu com a mesma habilidade com Rakítin, uma das testemunhas mais importantes, da qual muito esperava o procurador. Sabia uma multidão de coisas, vira tudo, conversara com uma multidão de pessoas e conhecia a fundo a biografia de Fiódor Pávlovitch e dos Karamázov. Na verdade, não ouvira falar do envelope de três mil rublos, senão por Mítia. Em compensação descreveu com detalhes as proezas de Mítia no botequim A Capital, suas palavras e seus atos comprometedores, contou a história do Esfregão de Tília, do capitão Snieguiriov. Quanto ao

que o pai podia ter de restituir ao filho por ocasião do acerto de contas, o próprio Rakítin nada sabia e safou-se graças a generalidades desdenhosas: “Impossível compreender qual não tinha razão e não se emaranhar naquela barafunda dos Karamázov.” Apresentou aquele crime trágico como o produto dos costumes atrasados da servidão e da desordem em que estava mergulhada a Rússia, privada das instituições necessárias. Em suma, deixaram-no discorrer. Foi depois desse julgamento que o senhor Rakítin se revelou e atraiu a atenção. O procurador sabia que a testemunha preparava para uma revista um artigo relativo ao crime e citou algumas partes dele no discurso acusatório (como se verá mais adiante). O quadro pintado pela testemunha pareceu sinistro e reforçou a acusação. Em geral, a exposição de Rakítin agradou ao público pela independência e pela nobreza de pensamento; ouviram-se mesmo alguns aplausos, quando falou ele da servidão e da Rússia presa da desorganização. Mas Rakítin, que era jovem, cometeu um descuido de que soube logo aproveitar-se o defensor. Interrogado a respeito de Grúchenka e arrastado por êxito e pela altura moral em que havia plainado, exprimiu-se com algum desdém a respeito de Agrafiena Alieksándrovna, “mantida pelo comerciante Samsónov”. Teria dado muito depois para retirar essa expressão, porque foi aí que Fietiukóvitch o apanhou. E isso porque Rakítin não esperava que o advogado tivesse podido iniciar-se em tão pouco tempo em detalhes tão íntimos.

— Permita-me uma pergunta — começou o defensor com um sorriso amável e quase atencioso. — É mesmo o senhor Rakítin, autor de uma brochura editada pela autoridade diocesana, *Vida do bem-aventurado padre Zósima*, cheia de pensamentos religiosos, profundos, com uma dedicatória bastante piedosa à Sua Grandeza, e que eu li recentemente com muito prazer?

— Não estava destinada a aparecer... publicaram-na depois — murmurou Rakítin, que parecia desconcertado.

— Está muito bem. Um pensador como o senhor pode e mesmo deve interessar-se pelos fenômenos sociais. Sua brochura, graças à proteção de Sua Grandeza, o senhor bispo, divulgou-se e prestou serviço... Mas eis o que estaria eu curioso de saber: o senhor acaba de declarar que conhecia intimamente a senhora Svietlova?¹⁰³ (N.B. Tal era o nome de família de Grúchenka. Ignorava-o até aquele dia.)

— Não posso responder por todas as minhas amizades... Sou jovem... Aliás, quem o poderia? — disse Rakítin, corando.

— Compreendo, compreendo perfeitamente! — disse Fietiukóvitch, fingindo-se confuso e como que pressuroso em desculpar-se. — O senhor poderia, não importa quem, interessar-se por uma mulher jovem e bonita que recebia em sua casa a flor da juventude local, mas... eu queria somente informar-me; sabemos que há dois meses, desejava vivamente a senhora Svietlova conhecer o mais moço dos Karamázov, Alieksiêi Fiódorovitch. Ela lhe prometera 25 rublos, se o senhor o levasse a ela com sua batina religiosa. A visita ocorreu na noite mesma do drama que provocou o processo atual. Recebeu o senhor então da senhora Svietlova 25 rublos de recompensa? Eis o que queria que o senhor me dissesse.

— Era uma brincadeira... Não vejo em que isso possa interessá-lo. Recebi esse dinheiro por brincadeira... para restituí-lo em seguida.

— Por consequência, o senhor aceitou-o. Mas ainda não o restituiu... ou talvez já?

— Uma bagatela... — murmurou Rakítin. — Não posso responder a tais perguntas... Decerto, haverei de restituí-lo.

O presidente interveio, mas o defensor declarou que não tinha mais nada a perguntar ao senhor Rakítin. Ele se retirou um tanto envergonhado. O prestígio do personagem ficou assim abalado, e Fietiukóvitch, acompanhando-o com o olhar, parecia dizer ao público: “Eis o que valem vossos acusadores!” Mítia, furioso por causa do tom com que Rakítin se referira a Grúchenka, gritou de seu lugar: “Bernard!” Quando o presidente lhe perguntou se tinha alguma coisa a dizer, exclamou:

— Ia ele ver-me na prisão para arrancar-me dinheiro, esse miserável, esse ateu. Mistificou Sua Grandeza, o senhor bispo!

Mítia foi naturalmente chamado à ordem, mas o senhor Rakítin ficou liquidado. O testemunho do capitão Snieguiriov não logrou êxito, por uma razão bem diversa. Apareceu esfarrapado, de roupa suja e, malgrado as medidas de precaução e o exame prévio, encontrou-se em estado de embriaguez. Recusou responder a respeito do caso do insulto que lhe fizera Mítia.

— Deus lhe perdoe! Iliúcha proibiu-o. Deus me recompensará lá em cima.

— Quem o proibiu de falar?

— Iliúcha, meu menino: “*Bátiuchka, bátiuchka*, como ele te humilhou!” Dizia isso perto da pedra. Agora, está morrendo.

O capitão se pôs subitamente a soluçar e deixou-se cair aos pés do presidente. Levaram-no logo, entre as risadas da assistência. O efeito com que contava o procurador malogrou-se.

O defensor continuou a usar de todos os meios, causando admiração cada vez mais por seu conhecimento do caso, até nos menores detalhes. Assim, o depoimento de Trifon Borísovitch tinha causado viva impressão, naturalmente das mais desfavoráveis ao acusado. Segundo ele, Mítia, por ocasião de sua primeira estada em Mókroie, deveria ter gasto pelo menos três mil rublos, “mais ou menos. Quanto dinheiro foi gasto, só com os cigarros! Quanto a nossos mujiques piolhentos, não eram cinquenta copeques, mas 25 rublos no mínimo que distribuía a cada um. E quanto lhe roubaram! Os ladrões não se gabaram disso. Como reconhecê-los, entre tamanhas liberalidades? Nossa gente são uns bandidos, desprovidos de consciência. E as moças, que não tinham um vintém, estão ricas agora”. Em suma, lembrava cada despesa e fazia conta de tudo. Isso arruinava a hipótese de 1.500 rublos gastos e do restante guardado no amuleto. “Vi eu mesmo os três mil rublos em suas mãos, vi com meus próprios olhos e sabemos o que é dinheiro, ora se não sabemos!” Sem tentar prejudicar-lhe o depoimento, o defensor lembrou que o cocheiro Timofiéi e outro mujique, Akim, tinham encontrado no vestibulo, por ocasião da primeira viagem a Mókroie, um mês antes da detenção, cem rublos perdidos por Mítia, que estava embriagado e os haviam entregue a Trifon Borísovitch, que deu um rublo a cada um. “Pois bem! Devolveu o senhor então esse dinheiro ao senhor Karamázov, sim ou não?” Trifon Borísovitch, malgrado seus rodeios, confessou a coisa, depois que foram interrogados os mujiques, afirmando ter restituído o dinheiro a Dimítri Fiódorovitch, “com toda a honestidade, mas estando ele embriagado na ocasião, não podia lembrar-se disso”. Ora, como tivesse negado o achado antes, sua restituição a Mítia embriagado inspirava naturalmente dúvidas. Dessa maneira, uma das testemunhas de acusação mais perigosas tornava-se suspeita e atingida na sua reputação. Foi a mesma coisa com os poloneses; entraram com ar desenvolto, atestando que haviam “servido à coroa” e que “*pari* Mítia lhes oferecera três mil rublos para comprar-lhes a honra”. Pan Mussialóvitch esmaltava suas frases com palavras polonesas, e vendo que isso lhe dava importância aos olhos do presidente e do procurador tornou-

se ousado e se pôs a falar em polonês. Mas Fietiukóvitch apanhou-os também em suas redes; malgrado suas hesitações, Trifon Borísovitch, chamado de novo à barra, teve de reconhecer que *pan* Vrubliévski substituíra um baralho de cartas ao dele, e que *pan* Mussialóvitch, presidindo a banca, trapaceava. Isso foi confirmado por Kolgánov por ocasião de seu depoimento, e os *pánowie* retiraram-se um tanto envergonhados, entre risos da assistência. Os fatos se passaram da mesma maneira com quase todas as testemunhas mais importantes. Fietiukóvitch conseguiu desconsiderar cada uma delas e apanhá-las em falta. Os amadores e os juristas admiravam-no, enquanto perguntavam a si mesmos para que podia servir aquilo, porque, repito-o, a acusação parecia cada vez mais irrefutável e trágica. Mas, via-se, pela segurança do “grande mago”, que ele estava tranquilo e esperava-se: não era homem para vir de Petersburgo para nada e para lá voltar sem resultado.

III

A PERÍCIA MÉDICA E UMA LIBRA DE AVELÃS

A perícia médica tampouco foi favorável ao acusado. Aliás, Fietiukóvitch mesmo não contava muito com ela, como bem se viu. No fundo, realizou-se unicamente por insistência de Katierina Ivánovna, que mandara chamar um famoso médico de Moscou. A defesa, certamente, nada podia perder com isso, podia mesmo ganhar no caso mais favorável. Misturou-se nisso certo elemento cômico em consequência de um desacordo entre os médicos. Os peritos eram o famoso médico em questão, o doutor Herzenstube, de nossa cidade, e o jovem médico Varvínski. Os dois últimos figuravam também na qualidade de testemunhas citadas pelo procurador. O primeiro chamado foi o doutor Herzenstube, setuagenário grisalho, atingido de calvície, de estatura mediana e constituição robusta. Bastante estimado e respeitado em nossa cidade, era um médico consciencioso, excelente homem pio, uma espécie de irmão morávio. Há muito tempo estabelecido entre nós, tinha grande dignidade em suas maneiras. Filantropo, tratava gratuitamente os pobres e os camponeses, visitava os casebres e as isbás, deixando dinheiro para os remédios, mas

era teimoso como uma mula. Impossível fazê-lo desistir duma ideia. A propósito, quase todo mundo na cidade sabia que o famoso médico, chegado há pouco, já se permitira fazer observações bastante descorteses a respeito da capacidade do doutor Herzenstube. Se bem que o médico de Moscou não cobrasse menos de 25 rublos por visita, houve pessoas que aproveitaram de sua estada para consultá-lo. Eram naturalmente clientes de Herzenstube, e o famoso médico criticou por toda parte o tratamento dele da maneira mais acerba. Acabou por perguntar ao doente, ao entrar: “Então, quem o atochou de drogas, Herzenstube? Eh!, eh!, eh!” Este, bem entendido, veio a saber. Portanto, os três médicos apareceram como peritos. O doutor Herzenstube declarou que “o acusado era visivelmente anormal do ponto de vista mental”. Depois de ter exposto suas considerações, que omito aqui, acrescentou que essa anomalia resultava não só da conduta anterior do acusado, mas se observava presentemente, e, quando lhe pediram que se explicasse, declarou o velho doutor com ingenuidade que o acusado, ao entrar, “tinha um ar espantoso, em vista das circunstâncias, caminhava como um soldado, olhando diretamente à frente, quando deveria voltar os olhos para a esquerda, onde se conservavam as senhoras, porque era grande amador do belo sexo e devia preocupar-se com o que elas diriam dele”, concluiu o velho em sua linguagem original. Exprimia-se voluntária e longamente em russo, mas cada uma de suas frases tinha um torneio alemão, o que não o perturbava de modo algum, porque imaginara toda a vida que falava excelentemente o russo, melhor mesmo que o dos russos, e gostava muito de citar os provérbios, afirmando cada vez que os provérbios russos são os melhores e os mais expressivos de todos. Na conversação, por distração talvez, esquecia por vezes as palavras mais comuns, que conhecia perfeitamente, mas que lhe fugiam de repente. O mesmo acontecia quando falava alemão; viam-no então agitar a mão diante do rosto como para agarrar a expressão perdida, e ninguém teria podido obrigá-lo a continuar antes que a tivesse tornado a encontrar. Sua observação de que o acusado deveria ter, ao entrar, olhado para as senhoras, divertiu a assistência. O velho era muito querido de nossas damas. Sabiam que, tendo ficado celibatário, piedoso e de costumes puros, considerava as mulheres criaturas ideais e superiores. Assim, sua observação inesperada pareceu das mais estranhas.

O médico de Moscou declarou categoricamente, por sua vez, que tinha o estado mental do acusado como normal, mesmo em supremo grau.

Discorreu sapientemente sobre a obsessão e a mania e concluiu que, de acordo com todos os dados recolhidos, o acusado, já vários dias antes de sua detenção, se achava presa numa obsessão mórbida incontestável, e, se cometera um crime, se bem que tivesse dele consciência, era quase involuntariamente, sem ter a força de resistir ao impulso que o impelia. Mas, além da obsessão, notara o doutor a mania, o que constituía, em sua opinião, um primeiro passo para a demência completa. (*N.B.* Uso de meus próprios termos, pois o doutor exprimia-se numa linguagem científica e especial.) “Todos os seus atos estão em contradição com o bom senso e a lógica”, prosseguiu ele. — “Sem falar do que não vi, isto é, do crime e de todo esse drama, anteontem, conversando comigo, tinha um olhar fixo e inexplicável. Ria bruscamente e sem motivo, presa numa verdadeira irritação permanente e incompreensível. Proferia palavras estranhas: ‘Bernard, a ética e outras coisas que não vêm ao caso.’ Mas o doutor notava sobretudo essa mania no fato de que o acusado não podia falar sem exasperação dos três mil rublos de que se julgava frustrado, ao passo que ficava relativamente calmo ao lembrar-se de outras ofensas e fracassos sofridos. Enfim, parecia que, já antes, ficava furioso a respeito desses três mil rublos e, no entanto, assegura-se que não é ele interesseiro nem cúvido. Quanto à opinião de meu sábio colega — concluiu com ironia o doutor de Moscou — que o acusado, ao entrar, deveria ter olhado para as senhoras em vez de fazê-lo diretamente a sua frente, é uma asserção engraçada, mas radicalmente errônea, porque, muito embora convenha eu que o acusado, ao entrar na sala em que se decide sua sorte, não deveria ter tido um olhar tão fixo e que isso poderia com efeito revelar uma perturbação mental, afirmo ao mesmo tempo que deveria ter ele olhado não para a esquerda, para as senhoras, mas para a direita, procurando com os olhos seu defensor, aquele em quem espera e do qual depende sua sorte.” O doutor formulara sua opinião num tom imperioso. Mas o desacordo entre os dois peritos pareceu particularmente cômico após a conclusão inesperada do doutor Varvinski, que lhes sucedeu. Segundo ela, o acusado, agora como então, era absolutamente normal, muito embora antes de sua detenção devesse encontrar-se numa superexcitação extraordinária, podia isso provir das causas mais evidentes: ciúme, cólera, embriaguez contínua, etc. Mas aquele nervosismo nada tinha a ver com “a obsessão”, de que acabavam de falar. Quanto a saber para onde devia olhar o acusado ao entrar na sala, “em minha humilde opinião, deveria olhar

diretamente à frente, como o havia feito na realidade, com os olhos fixos nos juízes dos quais dependia doravante sua sorte, de modo que por isso mesmo demonstrara seu estado perfeitamente normal naquele instante”, concluiu o jovem médico com alguma animação.

— Bravo, curandeiro! — gritou Mítia. — É isso mesmo!

Fizeram Mítia calar-se, mas aquela opinião teve influência decisiva sobre tribunal e público, porque toda a gente dela partilhou, como se viu posteriormente. O doutor Herzenstube, ouvido como testemunha, serviu inopinadamente aos interesses de Mítia. Na qualidade de velho habitante, conhecia há muito tempo a família Karamázov, forneceu algumas informações bastante interessantes para a acusação e continuou:

— No entanto, o pobre rapaz merecia melhor sorte, tivera bom coração na infância e, mesmo depois, eu o sei. Um provérbio russo diz: “Bom é que o homem tenha juízo, porém melhor é ainda que o acompanhe outro homem de juízo, pois assim serão dois juízos e não um só...”

— Dois juízos valem mais que um — declarou com impaciência o procurador, que conhecia o hábito do velho de falar com lentidão e prolixidade, sem se perturbar com a impressão produzida e com a perda de tempo que causava, afeiçoado, ao contrário, à sua pesada facúndia germânica. O velho gostava de mostrar-se espirituoso.

— Isto mesmo! É o que digo — continuou ele, com tenacidade: — Dois juízos valem mais do que um. Mas ele ficou só e o dele se foi... Onde o largou ele? Esqueci-me da palavra — prosseguiu, agitando a mão diante dos olhos. — Ah, sim, *spazieren*!¹⁰⁴

— A passear?

— Isso mesmo! É o que digo. Seu juízo saiu, pois, a vagabundear e perdeu-se. E, no entanto, era um homem grato e sensível; lembro-me dele quando era pequeno, abandonado em casa do pai no quintal, quando corria de pés descalços, com um botão só nas calças. — A voz do honesto velho matizou-se de emoção. Fietiukóvitch estremeceu como se pressentisse alguma coisa.

— Sim, era eu mesmo ainda jovem então... Tinha 45 anos e acabava de chegar aqui. Tive piedade da criança e disse a mim mesmo: “Por que não comprar uma libra para ele?...” Pois sim! Uma libra de quê? Esqueci como isso se chama... uma libra do que as crianças gostam muito, como é

mesmo?... — E o doutor agitou de novo as mãos. — Cresce numa árvore, colhem-no.

— Maças?

— Oh! n-não! Vendem-se às libras, ao passo que as maçãs se vendem às dúzias, nem a peso... há muitas, são pequeninas, mete-se na boca e craque!...

— Avelãs?

— Isso mesmo! Avelãs, é o que digo — confirmou o doutor imperturbável, como se não tivesse procurado a palavra. — E levei ao menino uma libra de avelãs; nunca as recebera. Levantei o dedo e disse: “Meu rapaz! *Gott der Vater.*” Ele pôs-se a rir e repetiu: “*Gott der Vater.*” — “*Gott der Sohn.*” — Ele riu de novo e gorjeou: “*Gott der Sohn.*” — “*Gott der heilige Geist.*” Ele riu ainda e esforçou-se para dizer: “*Gott der heilige Geist.*”¹⁰⁵ Dois dias depois, quando eu passei, ele mesmo gritou para mim: “Meu senhor, *Gott der Vater, Gott der Sohn.*” Esquecera-se de *Gott der heilige Geist*, mas eu lhe recordei, e ele de novo me causou compaixão. Levaram-no e não mais o vi. Vinte e três anos depois encontrava-me uma manhã em meu consultório, com a cabeça já branca, quando entra um jovem em pleno viço e que não fui capaz de reconhecer; levantou o dedo e disse rindo: “*Gott der Vater, Gott der Sohn und Gott der heilige Geist!*” Cheguei ainda há pouco e venho agradecer-lhe a libra de avelãs, porque ninguém nunca as comprara para mim, foi o senhor o único.” Lembrei-me então de minha feliz juventude e do pobre menino descalço. Fiquei comovido e disse-lhe: “És um jovem agradecido, já que não te esqueceste daquela libra de avelãs que te levei em tua infância.” Apertei-o em meus braços e abençoei-o. E chorei. Ele ria... porque o russo ri muitas vezes em ocasiões em que devia chorar. Mas ele chorava também, vi-o. E agora, ai!...

— E agora choro eu, alemão, e agora choro eu, homem de Deus! — gritou de repente Mítia.

Seja como for, aquela anedota produziu uma impressão favorável. Mas o principal efeito em favor de Mítia foi causado pelo depoimento de Katierina Ivânovna, do qual vou falar. Em geral, quando chegou a vez das testemunhas de defesa, a sorte pareceu sorrir a Mítia e, o que é mais de notar, inopinadamente para a própria defesa. Mas, antes de Katierina Ivânovna, interrogaram Aliócha, que se lembrou de súbito de um fato que

parecia refutar positivamente um dos pontos mais importantes da acusação.

IV

A SORTE SORRI A MÍTIA

Isso ocorreu improvisadamente mesmo para Aliócha. Não prestara juramento e, desde o começo, fora objeto duma viva simpatia, tanto de um lado quanto do outro. Via-se que seu bom renome o precedia. Aliócha mostrou-se modesto e reservado, mas seu afeto por seu desgraçado irmão transparecia em seu depoimento. Caracterizou-o como um ser sem dúvida violento e arrebatado pelas paixões, mas nobre, altivo, generoso, capaz de se sacrificar se lhe pedissem. Reconheceu aliás que, para o fim a paixão de Mítia por Grúchenhka, sua rivalidade com o pai, haviam-no posto numa posição intolerável. Mas repeliu com indignação a hipótese de que seu irmão tivesse podido matar para roubar, embora convindo que aqueles três mil rublos tinham-se tornado uma obsessão no espírito de Mítia, que os considerava como uma parte de sua herança, fraudulentamente desviada por seu pai e não podia falar-se deles sem ficar furioso. Quanto à rivalidade das duas “pessoas”, como dizia o procurador, exprimiu-se evasivamente e recusou mesmo responder a uma ou duas perguntas.

— Seu irmão lhe disse que tinha a intenção de matar seu pai? — perguntou o procurador. — O senhor pode não responder se isso lhe convier.

— Diretamente não me disse.

— Indiretamente, então?

— Falou-me uma vez de seu ódio a nosso pai, temia... num momento de exasperação, ser capaz de matá-lo.

— E o senhor acreditou nele?

— Não ousou afirmá-lo. Sempre pensei que um sentimento elevado o salvaria no momento fatal, como aconteceu, com efeito, porque não foi “ele” quem matou meu pai — disse Aliócha, com uma voz forte que ressoou. O procurador estremeceu como um cavalo de batalha ao som do clarim.

— Esteja certo de que não duvido da sinceridade de sua convicção, independentemente de seu amor fraternal por esse infeliz. O inquérito já nos revelou sua opinião original sobre o trágico episódio que se desenrolou em sua família. Mas não lhe oculto que ela é isolada e contraditada por outros depoimentos. De modo que estimo necessário insistir para conhecer os dados que o convenceram definitivamente da inocência de seu irmão e da culpabilidade de outra pessoa que o senhor designou no inquérito.

— No inquérito, respondi somente às perguntas — disse Aliócha com calma. — Não formulei acusação contra Smierdiákov.

— Contudo, o senhor designou-o.

— De acordo com as palavras de meu irmão Dimítri. Sabia que, por ocasião de sua detenção, acusara Smierdiákov. Estou persuadido da inocência de meu irmão. E, se não foi ele quem matou, então...

— Foi Smierdiákov? Por que ele precisamente? E por que está o senhor tão convencido da inocência de seu irmão?

— Não podia duvidar dele. Sei que ele não mente. Vi, por seu rosto, que ele me dizia a verdade.

— Somente por seu rosto? São essas todas as suas provas?

— Não tenho outras.

— E não tem outras provas da culpabilidade de Smierdiákov senão as palavras de seu irmão e a expressão de seu rosto?

— Não.

O procurador não insistiu. As respostas de Aliócha decepcionaram profundamente o público. Tinha-se falado de Smierdiákov, corria o boato de que Aliócha reunia provas decisivas em favor de seu irmão e contra o lacaio. Ora, ele nada trazia, senão uma convicção moral, bem natural no irmão do acusado. Chegou a vez de Fietiukóvitch, que perguntou a Aliócha em que momento o acusado lhe falara de seu ódio ao pai e de suas veleidades de assassinio, e se fora, por exemplo, por ocasião de sua derradeira entrevista antes do drama. Aliócha estremeceu como se uma lembrança lhe voltasse.

— Lembro-me agora de uma circunstância que tinha completamente esquecido. Não era claro então, mas agora...

E Aliócha contou com animação que, quando viu seu irmão pela última vez, à noite, debaixo de uma árvore, ao voltar para o mosteiro, Mítia,

batendo no peito, lhe repetira várias vezes que possuía o meio de reerguer sua honra, que esse meio estava ali, sobre seu peito... “Acreditei então que, ao bater no peito, falava de seu coração”, prosseguiu Aliócha, “das forças que podia ali colher para escapar a uma vergonha horrenda que o ameaçava e que ele não ousava mesmo confessar. Na verdade, pensei então que falasse de nosso pai e fremissem de vergonha à ideia de tratá-lo com violência; no entanto, parecia designar alguma coisa sobre seu peito, de modo que, lembro-me, veio-me a ideia de que o coração se encontra mais embaixo, ao passo que ele batia bem mais alto, aqui, abaixo do pescoço, e designava sempre esse lugar. Minha ideia pareceu-me absurda, mas designava talvez precisamente o amuleto onde estavam costurados os 1.500 rublos!...”

— Precisamente — gritou de súbito Mítia. — É isso, Aliócha, era sobre ele que eu batia.

Fietiukóvitch rogou-lhe que se acalmasse, depois voltou a Aliócha. Este, arrebatado por sua recordação, emitiu calorosamente a hipótese de que aquela vergonha provinha sem dúvida de que, tendo consigo aqueles 1.500 rublos que teria podido restituir a Katierina Ivânovna como a metade de sua dívida, tinha Mítia, no entanto, decidido fazer deles outro uso e partir com Grúchenka, se ela consentisse nisso...

— É isso mesmo, é bem isso mesmo — exclamou Aliócha, muito animado —, meu irmão me disse naquele momento que poderia apagar imediatamente a metade de sua vergonha (disse várias vezes: a metade!), mas que, por desgraça, a fraqueza de seu caráter o impedia disso... sabia de antemão que era incapaz de fazê-lo!

— E o senhor se recorda nitidamente de que ele batia naquele lugar do peito? — perguntou Fietiukóvitch.

— Muito nitidamente, porque perguntava a mim mesmo então: por que bate ele tão alto, se o coração está mais embaixo? Minha ideia pareceu-me absurda... lembro-me. Eis por que essa recordação me voltou. Como pude esquecê-la até agora? Seu gesto designava decerto esse amuleto, esses 1.500 rublos que ele não queria restituir! E por ocasião de sua detenção, em Mókroie, contaram-me, gritou que a ação mais vergonhosa de sua vida era que, tendo a possibilidade de devolver a Katierina Ivânovna a metade de sua dívida (justamente a metade!) e de passar por homem honesto, preferira guardar o dinheiro e continuar como ladrão a seus olhos. E quanto essa dívida o atormentava! — concluiu Aliócha.

Bem entendido, o procurador interveio. Pediu a Aliócha que descrevesse de novo a cena e insistiu em saber se o acusado, batendo no peito, parecia designar alguma coisa. Talvez batesse por acaso com o punho.

— Não, não com o punho! — exclamou Aliócha. — Designava com os dedos, aqui, bem no alto... Como pude esquecê-lo até agora?

O presidente perguntou a Mítia o que podia dizer a respeito desse depoimento. Mítia confirmou que designara os 1.500 rublos que trazia sobre o peito, abaixo do pescoço, e que era uma vergonha, “uma vergonha que não contesto, o ato mais vil de minha vida! Teria podido restituí-los e não o fiz. Preferi ficar como ladrão aos olhos dela, e o pior é que eu sabia de antemão que agiria assim! Tu tens razão, Aliócha, obrigado”.

Dessa forma terminou a declaração de Aliócha, caracterizada por um fato novo, por mínimo que fosse, um começo de prova demonstrando a existência daquele amuleto com os 1.500 rublos e a veracidade do acusado, quando declarava, em Mókroie, que aquele dinheiro lhe pertencia. Aliócha estava radiante, sentou-se todo vermelho no lugar que lhe indicaram, repetindo para si: “Como pude esquecer aquilo? Como foi que só me lembrei agora?”

Foi ouvida em seguida Katierina Ivânovna. Sua entrada causou sensação. As senhoras assestaram suas lunetas, os homens agitaram-se, alguns se levantaram para ver melhor. Afirmou-se, mais tarde, que Mítia ficara branco como um pano, quando ela apareceu. Toda de preto, avançou para a barra modestamente, quase timidamente. Seu rosto não traía nenhuma emoção, mas a resolução brilhava em seus olhos sombrios. Estava muito bonita naquele momento. Falou com uma voz doce, mas nítida, com grande calma, ou pelo menos esforçando-se para isso. O presidente interrogou-a com muitas atenções, como se temesse tocar “certas cordas”, e cheio de respeito por seu infortúnio. Desde as primeiras palavras, Katierina Ivânovna declarava que fora noiva do acusado “até o momento em que ele próprio me abandonou...”. Quando a interrogaram, a respeito dos três mil rublos confiados a Mítia para serem enviados pelo correio às parentas, respondeu com firmeza: “Não lhe havia dado aquela quantia para que a remetesse logo; sabia que estava ele muito precisado de dinheiro... naquele momento... Entreguei-lhe aqueles três mil rublos com a condição de enviá-los a Moscou, se quisesse, no prazo de um mês. Não teve razão em atormentar-se a propósito dessa dívida...”

Não relato as perguntas e as respostas integralmente, limitando-me ao essencial de seu depoimento.

— Estava certa de que enviaria aquela soma assim que a tivesse recebido de seu pai — prosseguiu ela. — Sempre tive confiança em sua lealdade... em sua perfeita lealdade... nos negócios de dinheiro. Contava ele receber três mil rublos de seu pai e falou-me disso por diversas vezes. Sabia que estavam eles em conflito e sempre acreditei que seu pai o havia lesado. Não me recordo de que haja ele proferido ameaças contra o pai, pelo menos na minha presença. Se tivesse vindo ver-me, tê-lo-ia logo tranquilizado a respeito daqueles desgraçados três mil rublos, mas não voltou... e eu mesma... encontrava-me numa situação... que não me permitia que o mandasse chamar... Aliás, não tinha absolutamente o direito de mostrar-me exigente por conta dessa dívida — acrescentou num tom resolutivo. — Recebi eu mesma dele, um dia, uma soma superior, e aceitei-a sem saber quando estaria em condições de pagar-lhe.

Sua voz tinha algo de provocante. Naquele momento, foi a vez de Fietiukóvitch interrogá-la.

— Não foi aqui, mas no começo de suas relações com ele, não? — perguntou com tato o defensor, que pressentia algo em favor de seu cliente. (Entre parêntesis, se bem que chamado de Petersburgo, em parte pela própria Katierina Ivânovna, tudo ignorava do episódio dos cinco mil rublos dados por Mítia e da saudação até o chão. Ela lhe havia dissimulado! Silêncio estranho. Pode-se supor que, até o derradeiro momento, hesitou em falar, aguardando alguma inspiração.)

Não, jamais esquecerei aquele momento! Ela contou tudo, todo aquele episódio, comunicado por Mítia a Aliócha, e a saudação até o chão, as causas, o papel de seu pai, sua visita à casa de Mítia, e não fez nenhuma alusão à proposta de Mítia de enviar-lhe Katierina Ivânovna para buscar o dinheiro. Guardou a respeito um silêncio magnânimo e não corou de revelar que fora ela que correria, por sua própria vontade, à casa do jovem oficial, esperando não sabia o quê... para obter dele dinheiro. Era comovedor. Eu estremecia ouvindo-a, a assistência era toda ouvidos. Havia naquilo algo de inaudito, jamais se teria esperado, mesmo de uma moça tão imperiosa e altiva, tal franqueza e semelhante imolação. E por quem, para quê? Para salvar aquele que a havia traído e ofendido, para contribuir, por pouco que fosse, a tirá-lo de apuros, causando uma boa impressão! Com efeito, a imagem do oficial, dando seus cinco mil rublos, tudo quanto

lhe restava, e inclinando-se respeitosamente diante de uma moça inocente, aparecia como das mais simpáticas, mas... meu coração cerrou-se! Senti a possibilidade de uma calúnia, posteriormente (e foi o que aconteceu!). Com uma ironia malévola, repetiu-se na cidade que a narrativa não era talvez totalmente exata, precisamente naquele ponto em que o oficial deixava partir a moça com apenas uma respeitosa saudação. Fez-se alusão a uma “lacuna”. “Se as coisas não se passaram mesmo assim — diziam as mais respeitáveis de nossas damas —, pode-se ainda fazer reservas a respeito da conduta da moça, mesmo para salvar seu pai.” Será que Katierina Ivânovna, com sua penetração mórbida, não pressentira tais falatórios? Decerto que sim, mas decidira tudo dizer! Naturalmente, essas dúvidas insultuosas a respeito da veracidade do relato só se manifestaram mais tarde. No primeiro momento todos ficaram emocionados. Quanto aos membros do tribunal, escutavam num silêncio respeitoso. O procurador não se permitiu nenhuma pergunta sobre o assunto. Fietiukóvitch fez a Katierina uma profunda vênia. Oh! O triunfo era seu, quase. Que o mesmo homem tenha podido, num ímpeto de generosidade, dar seus derradeiros cinco mil rublos, e, em seguida, matar o pai para roubar-lhe três mil, era coisa que não se aguentava de pé. Fietiukóvitch podia pelo menos afastar a acusação de roubo. O caso esclarecia-se a uma nova luz. A simpatia voltava-se a favor de Mítia. Uma ou duas vezes, durante o depoimento de Katierina Ivânovna, quis ele levantar-se, mas tornou a cair sobre o banco, cobrindo o rosto com as mãos. Quando ela acabou, exclamou ele, estendendo-lhe os braços:

— Kátia, por que causaste minha perda!?

Desatou em soluços, mas se repôs depressa e gritou ainda:

— Agora, estou condenado!

Depois enrijeceu-se em seu lugar, com dentes cerrados e os braços cruzados sobre o peito. Katierina Ivânovna ficou na sala; estava pálida, de olhos baixos. Seus vizinhos contaram que ela tremia, como presa de febre. Foi a vez de Grúchenhka.

Vou abordar a catástrofe que causou talvez, com efeito, a perda de Mítia. Porque estou persuadido, e todos os juristas disseram-no depois, que, sem esse episódio: o criminoso teria obtido pelo menos as circunstâncias atenuantes. Mas tratar-se-á disso dentro em pouco. Falemos primeiro de Grúchenhka.

Apareceu também toda de preto, com os ombros cobertos por magnífico xale. Avançou para a barra com andar silencioso, requebrando-se levemente, como fazem por vezes as mulheres corpulentas, com os olhos fixos no presidente. Em minha opinião, estava muito bem e nada pálida, como o pretenderam as damas mais tarde. Assegurou-se também que tinha o ar absorto e maldoso. Creio somente que estivesse irritada e sentisse pesar com intensidade sobre ela os olhares desprezadores e curiosos do público, ávido de escândalo. Era uma dessas naturezas altivas, incapazes de suportar o desprezo que, desde que o suspeitam nos outros, as inflama de cólera e as impele à resistência. Havia também, seguramente, timidez e pudor dessa timidez, o que explica a desigualdade de sua linguagem, ora encolerizada, ora desdenhosa e grosseira, na qual se sentia de súbito uma nota sincera, quando ela se acusava. Por vezes, falava sem se importar com as consequências: “Tanto pior para o que acontecerá, dir-lhe-ei no entanto...” A propósito de suas relações com Fiódor Pávlovitch, observou num tom cortante: “Bagatelas, tudo isso; é culpa minha se ele se ligou a mim?” Um instante depois, acrescentou: “Tudo isso é culpa minha, zombava do velho e de seu filho e levei-os aos extremos a ambos. Sou a causa desse drama.” Veio-se a falar de Samsónov: “Isso não diz respeito a ninguém — replicou ela com violência —, era meu benfeitor, foi ele quem me recolheu descalça, quando os meus me expulsaram da isbá.” O presidente lembrou-lhe que ela devia responder diretamente às perguntas, sem entrar em detalhes supérfluos. Grúchenka corou, os olhos cintilaram. Não vira o envelope dos três mil rublos e só sabia da existência pelo “celerado”. “Mas tudo isso são bobagens, por preço algum teria ido à casa de Fiódor Pávlovitch...”

— A quem trata a senhora de celerado? — perguntou o procurador.

— Ao lacaios Smierdiákov, que matou seu amo e enforcou-se ontem.

Apressaram-se em perguntar sobre que baseava uma acusação tão categórica, mas tampouco ela sabia de nada.

— Foi Dimítri Fiódorovitch quem me disse. Podem crer nele. Aquela pessoa perdeu-o, ela é a única causa de tudo — acrescentou Grúchenka, toda trêmula, num tom em que transparecia o ódio.

Quiseram saber a quem fazia ela alusão.

— Ora, a essa senhorita, a essa Katierina Ivânovna. Chamara-me à sua casa, oferecera-me chocolate, na intenção de seduzir-me. Não tem um pingão de vergonha, palavra...

O presidente interrompeu-a, rogando-lhe que moderasse as expressões. Mas, inflamada pelo ciúme, estava pronta a tudo afrontar...

— Por ocasião da detenção, em Mókroie — lembrou o procurador —, a senhora acorreu da peça vizinha, gritando: “Sou culpada de tudo, iremos juntos para o presídio!” A senhora também então, naquele momento, acreditava que fosse ele parricida?

— Não me recordo de meus sentimentos de então — respondeu Grúchenhka. — Todo mundo o acusava, senti que era eu a culpada e que ele havia matado por minha causa. Mas desde que ele proclamou inocência, acreditei nele e acreditarei sempre, não é homem de mentiras.

Fietiukóvitch, que a interrogou em seguida, informou-se de Rakítin e dos 25 rublos “como recompensa por ter-lhe levado Alieksiêi Fiódorovitch Karamázov”.

— Não há nada de espantar no fato de ter ele aceitado esse dinheiro — sorriu desdenhosamente Grúchenhka. — Vinha sempre pechinchar, recebendo até trinta rublos por mês e, na maior parte das vezes, para se divertir; tinha com que comer e beber, sem precisar de pedir dinheiro.

— Por qual razão era a senhora tão generosa para com o senhor Rakítin? — continuou Fietiukóvitch, muito embora o presidente se agitasse.

— É meu primo. Minha mãe e a dele eram irmãs. Mas suplicava-me que eu não dissesse a ninguém, tanta era a vergonha que eu lhe causava.

Esse fato novo foi uma revelação para todo mundo, ninguém suspeitava disso na cidade, nem mesmo no mosteiro. Rakítin, dizem, estava rubro de vergonha. Grúchenhka estava furiosa contra ele, pois soubera que havia deposto contra Mítia. A eloquência do senhor Rakítin, suas nobres tiradas contra a servidão e a desordem cívica da Rússia ficaram assim arruinadas na opinião pública. Fietiukóvitch estava satisfeito, o céu vinha-lhe em auxílio. Aliás, não retiveram Grúchenhka muito tempo, pois nada podia comunicar de particular. Causou no público uma impressão das mais desfavoráveis. Centenas de olhares desdenhosos fixaram-na, quando, após seu depoimento, foi sentar-se bastante longe de Katierina Ivânovna. Enquanto a interrogavam, Mítia mantivera-se em silêncio, como petrificado, de olhos baixos.

Ivan Fiódorovitch apresentou-se como testemunha.

SÚBITA CATÁSTROFE

Fora chamado antes de Aliócha, mas o oficial de justiça informou ao presidente que uma indisposição súbita impedira a testemunha de comparecer e que logo que se refizesse viria depor. Não se deu, aliás, atenção a isso e sua chegada quase passou sem ser notada; as principais testemunhas, sobretudo as duas rivais, já tinham sido ouvidas, a curiosidade começava a cansar-se. Nada de novo a esperar dos derradeiros depoimentos, depois de tudo quanto já tinha sido dito. O tempo passava, Ivan avançou com uma lentidão estranha, sem olhar para ninguém, a cabeça baixa, o ar absorto. Trajava corretamente, mas seu rosto, marcado pela doença, tinha qualquer coisa de terroso que lembrava o de um moribundo. Ergueu os olhos, percorreu a sala com um olhar turvo. Aliócha levantou-se, lançou uma exclamação, mas não lhe prestaram atenção.

O presidente lembrou à testemunha que não havia ele prestado juramento, podendo, portanto, manter silêncio, mas devia depor de acordo com sua consciência, etc. Ivan escutava, com os olhos vagos. De repente, um sorriso desenhou-se em seu rosto e, quando o presidente, que o olhava com espanto, acabou, desatou ele a rir.

— E depois, que mais? — perguntou em voz alta.

Silêncio absoluto na sala. O presidente ficou inquieto.

— O senhor... talvez esteja ainda indisposto? — perguntou, procurando com o olhar o oficial de justiça.

— Não se inquiete Excelência, sinto-me suficientemente bem e posso contar-vos algo de curioso — respondeu Ivan num tom calmo e deferente.

— Tem uma comunicação particular a fazer? — continuou o presidente com certa desconfiança.

Ivan Fiódorovitch baixou a cabeça e esperou durante alguns segundos antes de responder.

— Não... nada a dizer de particular.

Interrogado, deu a contragosto respostas lacônicas e, no entanto, bastante razoáveis, com uma repulsa crescente. Alegou ignorância a respeito de muitas coisas e nada sabia das contas do pai com Dimítri Fiódorovitch. “Não me ocupava com isso”, declarou. Ouvira as ameaças

do acusado contra o pai e sabia da existência do envelope por intermédio de Smierdiákov.

— Sempre a mesma coisa! — interrompeu-se de súbito, com um ar de cansaço. — Nada posso dizer ao tribunal.

— Vejo que o senhor ainda está doente e compreendo seus sentimentos... — começou o presidente.

Ia perguntar ao procurador e ao advogado se tinham perguntas a fazer, quando Ivan disse com voz extenuada:

— Permita que me retire, Excelência, não me sinto bem. — Depois do quê, sem esperar a autorização, encaminhou-se para a saída. Mas, depois de alguns passos, parou, pareceu refletir, sorriu e voltou a seu lugar.

— Pareço-me, Excelência, com aquela jovem camponesa, o senhor sabe: “Se quiser, irei, se não quiser, não irei!” Seguem-na para vesti-la e levá-la ao altar, e ela repete aquelas palavras... Isso se encontra numa cena popular...

— Que quer dizer o senhor com isso? — perguntou severamente o presidente.

— Aqui está — disse Ivan, exibindo um maço de cédulas —, aqui está o dinheiro... o mesmo que se achava naquele envelope (e designava as peças de convicção) e por causa do qual mataram meu pai. Onde devo colocá-lo? Senhor oficial de justiça, entregue-o a ele.

O oficial de justiça pegou o maço de notas e entregou-o ao presidente.

— Como pode estar este dinheiro em seu poder... se é bem o mesmo? — perguntou o presidente surpreso.

— Recebi-o de Smierdiákov, do assassino, ontem... Fui à casa dele antes que se enforcasse. Foi ele quem matou meu pai, e não meu irmão. Matou e eu o incitei a isso... Quem não deseja a morte do pai?

— Está em seu juízo? — não pôde o presidente impedir-se de dizer.

— Sim, estou em meu juízo... um juízo vil como o vosso, como o de todos esses... focinhos! — Voltou-se para o público.

— Mataram seus pais e simulam o terror — disse ele com desprezo e rangendo os dentes. — Fazem caretas uns para os outros. Os mentirosos! Todos desejam a morte de seus pais. Um réptil devora o outro!... Se não houvesse parricídio, zangar-se-iam e ir-se-iam embora furiosos. É um espetáculo! *Panem et circenses!*¹⁰⁶ Aliás, também eu sou bonito! Têm água, deem-me de beber, em nome de Cristo! — Agarrou a cabeça. O

oficial de justiça aproximou-se dele logo. Aliócha levantou-se, gritando: “Ele está doente, não acreditem nele, está com febre nervosa!” Katierina Ivânovna tinha-se levantado precipitadamente e, imóvel de terror, contemplava Ivan Fiódorovitch. Mítia, com um sorriso careteante, escutava avidamente seu irmão.

— Tranquilizai-vos, não estou louco, sou apenas um assassino — continuou Ivan. — Não se pode exigir eloquência de um assassino — acrescentou, sorrindo.

O procurador, visivelmente agitado, inclinou-se para o presidente. Os jurados cochichavam. Fietiukóvitch aguçou os ouvidos. A sala aguardava, ansiosa. O presidente pareceu dominar-se.

— Testemunha, o senhor usa duma linguagem incompreensível e que não se pode tolerar aqui. Acalme-se e fale... se tem verdadeiramente alguma coisa a dizer. Por qual meio poderá confirmar tal confissão... se é que ela não resulta do delírio?

— O fato é que não tenho testemunhas. Aquele cão do Smierdiákov não vos enviará lá do outro mundo seu depoimento... num envelope. Vós desejaríeis sempre envelopes. Basta um. Não tenho testemunhas... Exceto uma, talvez.

Sorriu com ar pensativo.

— Quem é sua testemunha?

— Tem uma cauda, Excelência, não está de conformidade com as regras! *Le diable n'existe point!* Não presteis atenção, é um diabinho sem importância — acrescentou ele confidencialmente, deixando de rir. — Deve estar em alguma parte aqui, debaixo da mesa das peças de convicção. Onde estaria ele, senão ali? Escutai-me: eu lhe disse “Não quero calar-me” e ele me fala de cataclismo geológico... besteiras! Ponde o monstro em liberdade... ele cantou seu hino porque tem o coração leve! A mesma coisa que se um canalha bêbado berrasse “Para Píter partiu Vanka.” Eu, por dois segundos de alegria, daria um quatrilhão de quatrilhões. Vós não me conheceis! Oh, como tudo é estúpido entre vós! Pois bem! Prendei-me em lugar dele! Não vim aqui por coisa nenhuma... Por que tudo o que existe é tão estúpido?

E voltou a inspecionar lentamente a sala com ar meditativo. A emoção era geral. Aliócha ia correr para ele, mas o oficial de justiça já havia agarrado Ivan Fiódorovitch pelo braço.

— Que é que há!? — exclamou ele, fixando o oficial de justiça, mas de repente agarrou-o pelos ombros e derrubou-o. Os guardas correram, prenderam-no, e ele se pôs a urrar como um louco furioso. Enquanto o levavam, gritava palavras incoerentes.

Foi um tumulto geral. Não me lembro de tudo em sua ordem, a emoção impedia-me de observar direito. Sei somente que, uma vez estabelecida a calma, o oficial de justiça foi repreendido, se bem que explicasse às autoridades que a testemunha estava durante todo o tempo em estado normal, que o doutor o examinara por ocasião de sua ligeira indisposição, uma hora antes; até o momento de compreender, exprimia-se sensatamente, de modo que nada se podia prever, fazia ele mesmo questão de ser ouvido. Mas, antes que a emoção se acalmasse, ocorreu nova cena. Katierina Ivânovna teve uma crise de nervos. Gemia e soluçava ruidosamente, sem querer retirar-se. Debatia-se, suplicando que a deixassem na sala. De repente, gritou para o presidente:

— Tenho ainda alguma coisa a dizer, imediatamente... imediatamente!... Eis aqui um papel, uma carta... tomai-a, lede depressa! É a carta do monstro que ali está! — disse ela, apontando Mítia. — Foi ele quem matou o pai, ides vê-lo, escreveu-me dizendo como o mataria! O outro está doente, há três dias que está com febre nervosa!

O oficial de justiça pegou o papel e entregou-o ao presidente. Katierina Ivânovna tornou a cair sobre a cadeira, ocultou o rosto, pôs-se a soluçar silenciosamente, abafando os menores gemidos, de medo que a fizessem sair. O papel em questão era a carta escrita por Mítia no botequim A Capital, que Ivan considerava prova categórica. Ai, foi justamente o efeito que ela produziu! Sem essa carta, não teria Mítia talvez sido condenado, pelo menos tão rigorosamente! Repito que foi difícil seguir todos os detalhes. Mesmo agora, tudo aquilo me aparece de modo confuso. O presidente apresentou sem dúvida aquele novo documento às partes e ao júri. Ao perguntar a Katierina Ivânovna se já se restabelecera, respondeu ela vivamente:

— Estou pronta! Estou completamente em condições de responder-vos.

Temia ainda que não a ouvissem. Pediram-lhe que explicasse pormenorizadamente em que circunstâncias recebera aquela carta.

— Recebi-a na véspera do crime, vinha do botequim, escrita numa fatura, vede — gritou ela, ofegante. — Ele me odiava então, tendo tido a

baixeza de seguir aquela criatura... e também porque me devia aqueles três mil rublos. A vilania e a dívida causavam-lhe vergonha. Eis o que se passou. Suplico-vos que me ouçais. Três semanas antes de matar o pai, chegou à minha casa uma manhã. Sabia que ele necessitava de dinheiro e sabia também para quê..., precisamente para seduzir aquela criatura e levá-la consigo. Conhecia sua traição, sua intenção de abandonar-me, e entreguei-lhe eu mesma aquele dinheiro, sob pretexto de enviá-lo à minha irmã em Moscou. Ao mesmo tempo, fitava-o bem no rosto e lhe disse que poderia enviá-lo quando quisesse, mesmo em um mês. Como não compreendeu ele que isso significava: “Precisas de dinheiro para trair-me; aqui está: sou eu que te dou; toma-o, se tens coragem!” Queria confundilo. Pois bem! Ele aceitou esse dinheiro, levou-o e gastou-o em uma noite com aquela criatura. No entanto, compreendera que eu sabia de tudo, garanto-vos, e que eu lhe dava unicamente para experimentá-lo, para ver se cometeria ele a infâmia de aceitá-lo. Nossos olhares se cruzaram, ele compreendeu tudo e partiu com meu dinheiro!

— É verdade, Kátia! — exclamou Mítia. — Tinha compreendido tua intenção e, no entanto, aceitei teu dinheiro. Desprezai todos um miserável, eu o mereci!

— Acusado — disse o presidente —, mais uma palavra e eu o farei sair da sala.

— Esse dinheiro atormentou-o — prosseguiu Kátia, precipitadamente —, queria devolvê-lo, mas precisava dele para aquela criatura. Eis por que matou o pai, mas não me restituiu nada, partiu com ela para aquela aldeia onde o prenderam. Foi lá que de novo fez a farra, com o dinheiro roubado. Um dia, antes do crime, escreveu-me essa carta estando bêbedo — adivinhei logo —, sob o império da cólera e persuadido de que eu não a mostraria a ninguém, mesmo se ele cometesse assassinio. Senão não a teria escrito. Sabia que eu não queria perdê-lo por vingança! Mas lede, lede com atenção, rogo-vos, vereis que ele descreve tudo de antemão: como matará o pai, onde está escondido o dinheiro. Notai sobretudo esta frase: “Matarei, contanto que Ivan tenha partido.” Por conseguinte, premeditou o crime — insinuou perfidamente Katierina Ivânovna. Via-se que ela estudara cada detalhe daquela carta fatal. — Sóbrio, não me teria ele escrito, mas vede, essa carta constitui um programa!

Na sua exaltação, desdenhava as consequências possíveis, se bem que as tivesse encarado talvez um mês antes, quando perguntava a si mesma

trêmula de cólera: “Será preciso ler isso no tribunal?” Agora, havia queimado seus navios. Foi então que o escrivão leu a carta que produziu uma impressão esmagadora. Perguntaram a Mítia se a reconhecia.

— Sim, sim, e não a teria escrito, se não tivesse bebido!... Nós nos odiávamos por muitas causas, Kátia, mas juro-te que, malgrado meu ódio, eu te amava e tu não me amavas!

Recaiu sobre o banco, torcendo as mãos.

O procurador e o defensor perguntaram, cada qual por sua vez, a Katierina Ivânovna por quais motivos ela a princípio não havia revelado aquele documento e deposto num tom completamente diverso.

— Sim, menti ainda há pouco, contra minha honra e minha consciência, mas queria salvá-lo, precisamente porque ele me odiava e me desprezava. Oh! Desprezava-me, sempre me desprezou, desde o instante em que lhe fiz aquela saudação até o chão por causa daquele dinheiro. Senti-o logo, mas fiquei muito tempo sem acreditá-lo. Quantas vezes li em seus olhos: “Vieste, no entanto, tu mesma, à minha casa.” Oh! Ele nada tinha compreendido, não adivinhou por que eu fora, só pode pensar na baixeza! Julga todos os outros por si — disse com furor Kátia, no auge da exaltação. — Queria casar comigo somente por causa de minha herança, somente por isso, sempre suspeitei disso. É uma fera! Estava certo de que durante toda a minha vida, eu tremeria de vergonha diante dele e que ele poderia desprezar-me e dominar-me, eis por que queria desposar-me! É a verdade! Tentei vencê-lo por um amor infinito, queria mesmo esquecer sua traição, mas ele nada compreendeu, nada, nada! Pode ele compreender alguma coisa? É um monstro! Não recebi essa carta senão no dia seguinte, à noite, trouxeram-me do botequim, e, de manhã, estava ainda decidida a perdoar-lhe tudo, até mesmo sua traição!

O procurador e o presidente acalmaram-na do melhor modo possível. Estou certo de que eles próprios tinham talvez vergonha de aproveitar-se de sua exaltação para colher tais confissões. Ouviram-nos dizer: “Compreendemos seu sofrimento, creia-o, somos capazes de compartilhar de seus sentimentos”, etc., etc., e, no entanto, arrancavam aquele depoimento de uma mulher enlouquecida, presa numa crise de nervos. Enfim, com uma lucidez extraordinária, como acontece frequentemente em semelhante caso, descreveu ela como se desarranjara, naqueles dois meses, a razão de Ivan Fiódorovitch, observado pela ideia de salvar “o monstro e o assassino”, seu irmão.

— Ele se atormentava! — exclamou ela —, queria atenuar a falta, confessando-me que ele próprio não gostava de seu pai e tinha talvez desejado sua morte! Oh! É uma consciência de escol, eis as causas de seus sofrimentos! Não tinha segredos para mim; ia ver-me todos os dias como meu único amigo. “Tenho a honra de ser sua única amiga!” — disse ela, num tom de desafio, com os olhos brilhantes. — Foi ele duas vezes à casa de Smierdiákov. Um dia, veio dizer-me: “Se não foi meu irmão quem matou, se foi Smierdiákov (porque divulgou-se essa lenda), talvez seja eu também culpado, porque Smierdiákov sabia que eu não gostava de meu pai e pensava talvez que eu desejasse sua morte.” Foi então que lhe mostrei essa carta. Ficou definitivamente convencido da culpabilidade do irmão. Estava aterrorizado. Não podia suportar a ideia de que o próprio irmão fosse um parricida! Há uma semana que isso o torna doente. Nesses últimos dias, delirava, verifiquei que sua razão se perturbava. Ouviram-no andar falando sozinho pelas ruas. O médico que mandei buscar em Moscou examinou-o anteontem e disse-me que a febre nervosa ia-se declarar, e tudo isso por causa do monstro! Ontem soube da morte de Smierdiákov, e isso foi para ele o derradeiro golpe. Tudo isso por causa desse monstro e a fim de salvá-lo!

Certamente, não se pode falar assim e fazer tais confissões senão uma vez na vida, nos derradeiros momentos, por exemplo, ao subir no cadafalso. Mas isso convinha precisamente ao caráter de Kátia. Era bem a mesma moça impetuosa que havia corrido à casa de um jovem libertino para salvar o pai; a mesma que, havia pouco, altiva e casta, sacrificava publicamente o pudor virginal contando “a nobre ação de Mítia”, com o único objetivo de amenizar a sorte que o esperava. E agora se sacrificava igualmente, mas por um outro, tendo talvez, naquele instante, somente, sentido pela primeira vez quanto aquele outro lhe era querido. Sacrificava-se por ele em seu terror, imaginando de súbito que ele se perdia com o seu depoimento, que havia matado em lugar do irmão, sacrificava-se a fim de salvá-lo, a ele e à sua reputação. Uma questão angustiante surgia: tinha ela caluniado Mítia a respeito de suas antigas relações? Não, não mentia cientemente, gritando que Mítia a desprezava por causa daquela saudação até o chão! Acreditava nisso, estava profundamente convencida, desde aquela saudação talvez, de que o ingênuo Mítia, que a adorava ainda naquele momento, zombava dela e a desprezava. E somente por orgulho deixara-se dominar por um amor extremado por ele, por orgulho ferido, e

esse amor assemelhava-se a uma vingança. Talvez aquele amor extremado se tivesse tornado um amor verdadeiro, talvez Kátia não quisesse outra coisa melhor, mas Mítia havia-o ofendido até o fundo de sua alma com sua traição, e aquela alma não perdoava. A hora da vingança soara bruscamente, e todo o rancor doloroso, acumulado no coração da mulher ofendida, exalava-se dum só jato. Entregando Mítia, entregava-se ela própria. Assim que ela terminou, seus nervos a traíram, a vergonha invadiu-a. Sofreu nova crise de nervos, foi preciso carregá-la para fora. Naquele momento, Grúchenka correu gritando para Mítia, tão rapidamente que não houve tempo para detê-la.

— Mítia, aquela víbora te perdeu! Vós a vistes em ação! — acrescentou, fremente, dirigindo-se aos jurados. A um sinal do presidente, agarraram-na e levaram-na para fora. Ela se debatia, estendendo os braços para Mítia. Ele soltou um grito e quis correr-lhe ao encontro. Subjugaram-no, não sem dificuldade.

Penso que as espectadoras ficaram satisfeitas, o espetáculo valia a pena. O médico de Moscou, que o presidente mandara chamar para cuidar de Ivan, veio fazer seu relatório. Declarou que o doente atravessava uma crise das mais perigosas, que deveriam levá-lo dali imediatamente. Na antevéspera, o paciente fora consultá-lo, mas recusara tratar-se, malgrado a gravidade de seu estado. “Confessou-me que tinha alucinações, encontrava mortos na rua, e que Satã lhe fazia visitas todas as noites”, concluiu o famoso doutor. A carta de Katierina Ivânovna foi ajuntada às provas documentárias. Tendo o tribunal deliberado, decidiu prosseguir os debates e mencionar nos autos os depoimentos inesperados de Katierina Ivânovna e de Ivan Fiódorovitch.

Os depoimentos das últimas testemunhas só fizeram confirmar os precedentes, mas com certos detalhes característicos. Aliás, a acusação, à qual chegamos, resume-os todos. Os derradeiros incidentes haviam superexcitado os espíritos, esperavam-se com uma impaciência febril os discursos e o veredicto. Fietiukóvitch estava aterrorizado com as revelações de Katierina Ivânovna. Em compensação, o procurador triunfava. Houve suspensão da audiência por uma hora. Às oito horas da noite em ponto, creio, o procurador começou sua acusação.

A ACUSAÇÃO. CARACTERIZAÇÃO

Ipolit Kirílovitch tomou a palavra com um tremor nervoso, a fronte e as têmporas banhadas dum suor frio, o corpo percorrido por arrepios, como o contou depois. Olhava aquele discurso como seu *chef-d'oeuvre*,¹⁰⁷ seu canto de cisne, e morreu tuberculoso nove meses mais tarde, justificando assim essa comparação. Pôs nele todo o coração e toda a inteligência de que era capaz, revelando um senso cívico inesperado e interesse pelas questões ardentes. Seduziu sobretudo pela sinceridade; acreditava sinceramente na culpabilidade do acusado e acusava não só por dever, em virtude de suas funções, mas animado do desejo de salvar a sociedade. Até mesmo as damas, hostis no entanto a Ipolit Kirílovitch, convieram na viva impressão que ele produzira. Começou com uma voz irregular, que em breve se firmou e ressoou na sala inteira, até o fim. Mas apenas acabara sua acusação esteve a ponto de desmaiar.

“Senhores jurados, esse caso teve repercussão na Rússia inteira. No fundo, por que admirar-se disso? Estamos habituados a todas essas coisas! Por desgraças, esses casos sinistros quase não nos emocionam mais. É nossa apatia que deve causar horror e não o crime de tal ou qual indivíduo. Por que essa indiferença, donde vem que reagamos tão fracamente diante dos fenômenos que nos pressagiam um futuro sombrio? Será preciso atribuir isso ao cinismo, ao esgotamento precoce da razão e da imaginação de nossa sociedade, tão jovem ainda, mas já débil? À subversão de nossos princípios morais ou à ausência total desses princípios? Deixo em suspenso essas perguntas, que nem por isso são menos angustiantes e solicitam a atenção de cada cidadão. Nossa imprensa, no começo tão tímida ainda, prestou no entanto alguns serviços à sociedade, porque, sem ela, não conheceríamos a licença desenfreada e a desmoralização que revela sem cessar a todos, e não apenas aos frequentadores das audiências que se tornaram públicas sob o novo reinado. E que lemos nos jornais? Oh! Atrocidades, diante das quais o processo atual empalidece e parece quase sem importância. A maior parte de nossas causas criminais atesta uma espécie de perversidade geral, que entrou em nossos costumes e é difícil de combater como flagelo social. Aqui, é um jovem e brilhante oficial da alta classe que assassina sem remorso não só um modesto funcionário, a quem devia dinheiro, como também a criada dele, a fim de

reapossar-se de uma promissória e rouba o dinheiro: ‘Isso servirá para meus prazeres.’ Realizado o crime, retira-se, depois de ter posto um travesseiro sob a cabeça das vítimas. Em outra parte, um jovem herói, condecorado pela bravura, estrangula como um salteador, na grande estrada, a mãe do chefe, e, para persuadir os cúmplices, assegura-lhes que ‘aquela mulher ama-o como a um filho, confia nele e, por conseguinte, não tomará precauções’. São monstros, mas, em nossa época, não ousa dizer que estejamos diante apenas de casos isolados. Um, sem chegar até o crime, pensa da mesma maneira e é tão infame quanto o outro, mas no foro íntimo. A sós com a consciência, pergunta a si mesmo talvez: ‘Não será a honra um preconceito?’ Vão dizer que calunio nossa sociedade, que estou fora de meu juízo, que exagero. Pois seja, nada de melhor exigiria senão que me enganasse a esse respeito.

“Não me acrediteis, considerai-me como um doente, mal lembrai-vos de minhas palavras; mesmo que eu não diga senão a vigésima parte da verdade, é de fazer fremir! Olhai quantos suicídios ocorrem entre os jovens! E eles se matam sem perguntar a si mesmos, como Hamlet, o que haveria ‘em seguida’, a questão da imortalidade da alma, da vida futura não existe para eles. Vede nossa corrupção, nossos devassos: ao lado deles Fiódor Pávlovitch, a desgraçada vítima desse processo, parece uma criança inocente. Ora, nós todos o conhecemos, vivia entre nós... Sim, a psicologia do crime, na Rússia, será talvez estudada um dia por espíritos eminentes, entre nós e na Europa, porque o assunto vale a pena. Mas esse estudo virá depois, com vagar, quando a incoerência trágica da hora atual, não sendo mais que uma recordação, poderá ser analisada mais imparcialmente do que sou eu capaz de fazê-lo. No momento, nós nos atemorizamos ou fingimos atemorizar-nos, embora saboreando esse espetáculo, como amadores de sensações fortes, que sacodem nossa cínica ociosidade, ou, como as crianças, escondemos a cabeça sob o travesseiro à vista desses fantasmas que passam, para esquecê-los em seguida na alegria e nos prazeres. Mas um dia ou outro será preciso refletir, fazer nosso exame de consciência, dar-nos conta de nosso estado social. Um grande escritor do período precedente, no final de uma de suas obras-primas, comparando a Rússia a uma fogaosa troica, que galopa para um fim desconhecido, exclama ‘Ah, troica, ligeira como um pássaro, quem pois te inventou?’, e, num ímpeto de entusiasmo, acrescenta que diante dessa troica em disparada todos os povos se afastam respeitosamente.¹⁰⁸ Seja

assim, senhores, bem o quero, mas, em minha humilde opinião, o genial artista concluiu assim num acesso de entusiasmo ingênuo, ou talvez temesse a censura da época. Porque, atrelando somente seus heróis à sua troica, os Sobakiévitch,¹⁰⁹ os Nosdriov, os Tchítchikov, qualquer que seja o cocheiro, ir-se-ia Deus sabe aonde com tais corcéis! ‘Ora, são os corcéis de outrora, bem inferiores aos nossos, temos melhores...’”

Aqui, o discurso de Ipolit Kirílovitch foi interrompido por aplausos. O liberalismo do símbolo da troica russa agradou. Na verdade, os aplausos foram raros, de sorte que o presidente não achou mesmo necessário ameaçar o público de “mandar evacuar” a sala. No entanto, Ipolit Kirílovitch sentiu-se reconfortado: nunca o haviam aplaudido! Tinham recusado escutá-lo durante tantos anos, de repente, podia fazer-se ouvir por toda a Rússia!

“Quem é, pois, essa família Karamázov, que adquiriu de súbito tão triste celebridade? Talvez exagere, mas parece-me que ela resume certos traços fundamentais de nossa sociedade contemporânea, em estado microscópico, ‘como uma gota d’água resume o sol’. Vede aquele velho debochado, aquele pai de família que acabou tão tristemente. De raça nobre, tendo estreado na vida como mesquinho parasita, um casamento imprevisto proporciona-lhe um pequeno capital; a princípio vulgar velhaco e palhaço obsequioso, é antes de tudo um usurário. Com o tempo, à medida que enriquece, vai tomando asas. A humildade, a bajulação desaparecem, resta apenas um cínico mau e zombador, um debochado. Nenhum senso moral, uma sede de viver inextinguível. À parte os prazeres sensuais, nada existe, eis o que ele ensina aos filhos. Na qualidade de pai, não reconhece nenhuma obrigação moral, zomba dela, deixa os filhos ainda meninos nas mãos dos criados e regozija-se quando os levam. Esquece-se mesmo deles totalmente. Toda a sua moral se resume nesta frase: ‘*Après moi le déluge!*’¹¹⁰ É o contrário de um cidadão, destaca-se completamente da sociedade: ‘Pereça o mundo, contanto que eu me ache bem, eu só.’ E acha-se bem, sente-se completamente contente, quer levar aquela vida ainda vinte ou trinta anos. Engana o filho e com o dinheiro dele, herança de sua mãe que se recusa a entregar-lhe, procura tomar-lhe a amante. Não, não quero abandonar a defesa do acusado ao eminente advogado vindo de Petersburgo. Eu também direi a verdade, eu também compreendo a indignação acumulada no coração desse filho. Mas basta a respeito desse desgraçado velho: recebeu sua recompensa. Lembremos, no

entanto, que era um pai e um pai moderno. Será caluniar a sociedade dizer que há nela muitos como ele? Ai! A maior parte dentre eles não se exprime com tanto cinismo porque são mais bem-educados, mais instruídos, porém, no fundo, têm a mesma filosofia. Admitamos que seja eu pessimista. Está entendido que me perdoareis. Não me acrediteis, mas deixai que me explique, havereis de lembrar-vos, contudo, de algumas de minhas palavras. Vejamos os filhos desse homem. Um está diante de vós, no banco dos réus; serei breve a respeito dos outros. O mais velho deles é um desses rapazes modernos, brilhante por sua instrução e por sua inteligência, que não crê em nada no entanto e já renegou muitas coisas, como o pai. Todos nós o ouvimos, era recebido cordialmente em nossa sociedade. Não ocultava suas opiniões, muito pelo contrário, o que me encoraja a falar agora dele com alguma franqueza, não a título pessoal, mas somente como membro da família Karamázov. Ontem, suicidou-se aqui, na extremidade da cidade, um desgraçado, idiota, implicado estreitamente neste processo, antigo criado e talvez filho natural de Fiódor Pávlovitch, Smierdiákov. Contou-me, lamuriando, no inquérito, como esse jovem Karamázov, Ivan Fiódorovitch, o amedrontara com seu niilismo moral: “Tudo, segundo ele, é permitido, e nada doravante deve ser proibido. Eis o que ele me ensinava.” Essa doutrina deve ter acabado de desarranjar o espírito do idiota, se bem que certamente sua doença e o terrível drama ocorrido na casa lhe tenham também perturbado o cérebro. Mas esse idiota é o autor duma observação que teria feito honra a um observador mais inteligente, eis por que falei dele. ‘Se há — disse-me ele — um dos filhos de Fiódor Pávlovitch que mais se parece com ele pelo caráter, é Ivan Fiódorovitch!’ A respeito dessa observação, que considero característica, não quero insistir mais, pois acho indelicado seguir por esse caminho. Oh! Não quero tirar conclusões e prognosticar unicamente a ruína para esse jovem destino. Vimos hoje que a verdade é ainda poderosa em seu jovem coração, que os sentimentos familiares não estão ainda sufocados nele pela irreligião e pelo cinismo das ideias, inspirados ainda mais pela hereditariedade do que pelo verdadeiro sofrimento moral. O mais moço, ainda adolescente, é piedoso e modesto; ao inverso da doutrina sombria e dissolvente do irmão, aproxima-se dos “princípios populistas”, ou do que assim se chama em certos meios intelectuais. Ligou-se ao mosteiro, esteve mesmo quase a ponto de tomar o hábito. Encarna, parece-me, inconscientemente, o fatal desespero que leva uma multidão de

peessoas em nossa desgraçada sociedade — por temor do cinismo corruptor e porque atribuem falsamente todos os nossos males à cultura ocidental — a voltar, como dizem, ao solo natal, a lançar-se, por assim dizer, nos braços da terra natal, como crianças aterrorizadas pelos fantasmas se refugiam sobre o seio esgotado da mãe, para dormir tranquilamente e escapar às visões que os amedrontavam. Quanto a mim, formulo os melhores votos para esse adolescente tão bem-dotado, desejo que seus nobres sentimentos e suas aspirações pelos princípios populistas não degenerem posteriormente, como ocorre com frequência, num sombrio misticismo do ponto de vista moral, e num estúpido chauvinismo do ponto de vista cívico, dois ideais que ameaçam a nação de males ainda mais graves, talvez, do que a perversão precoce proveniente da cultura ocidental mal compreendida e adquirida em vão, tal como a de que sofre seu irmão.”

As alusões ao chauvinismo e ao misticismo receberam alguns aplausos. Sem dúvida, deixara-se Ipolit Kirílovitch arrebatado e tudo isso não quadraria com o processo, sem contar que era pouco claro, mas aquele tuberculoso avinagrado tinha muita vontade de fazer-se ouvir, pelo menos uma vez na vida. Contou-se, mais tarde, que, na caracterização de Ivan Fiódorovitch, obedecera a um sentimento pouco delicado: batido uma ou duas vezes por ele em discussões em público, queria agora vingar-se. Ignoro se se podia concluir assim. Aliás, tudo isso não era senão uma introdução antes de abordar diretamente o caso.

“O terceiro filho dessa família moderna está no banco dos réus. Sua vida e suas façanhas se desenrolam diante de nós, chegou a hora em que tudo se exhibe à luz meridiana. Ao contrário de seus irmãos, dos quais um é um ‘ocidental’, o outro um ‘populista’, representa a Rússia natural, não toda, Deus nos livre! E no entanto ei-la, a nossa querida Rússia, sente-se, ouve-se nele, a *mátuchka*. Há em nós uma estranha liga de bem e de mal, amamos Schiller e a civilização, ao mesmo tempo fazemos barulho nos botequins e arrastamos pela barba nossos companheiros de embriaguez. Acontece-nos ser excelentes, mas só quando tudo nos vai bem. Nós nos entusiasmos pelos mais nobres ideais, com a condição de alcançá-los sem esforço e sem que isso nos custe alguma coisa. Não gostamos de pagar, mas gostamos muito de receber. Fazei-nos a vida feliz, dai-nos todos os bens possíveis e vereis como somos gentis. Não somos ávidos, decerto, mas dai-nos o máximo de dinheiro possível e vereis com que desprezo pelo vil metal nós o dissiparemos em uma noite de orgia. E se

nos recusam o dinheiro, mostraremos como sabemos arranjá-lo, se preciso. Mas procedamos com ordem. Vemos em primeiro lugar o pobre menino abandonado ‘descalço no quintal’, segundo a expressão de nosso respeitável concidadão, de origem alemã. Ai! Repito, não abandono a ninguém a defesa do acusado. Sou acusador e defensor. Somos também seres humanos, capazes de apreciar a influência das primeiras impressões de infância sobre o caráter. Mas o menino torna-se um rapaz, ei-lo oficial; suas violências e uma provocação para duelo obrigam-no a exilar-se para uma cidade fronteiriça. Naturalmente farreia, leva vida a rédeas soltas. Temos sobretudo necessidade de dinheiro, e, após longas discussões, transige com o pai em troca de seis mil rublos que lhe são enviados. Notai: assinou um papel; existe uma carta dele em que renuncia quase ao resto e termina, por essa soma, a questão por causa da herança. Foi então que travou conhecimento com uma moça culta, de nobre caráter. Não entrarei em detalhes, vós acabais de ouvi-los: trata-se de honra e de abnegação, e eu me calo. A imagem do rapaz frívolo e corrupto, mas, inclinando-se diante da verdadeira nobreza, diante de uma ideia superior, nos pareceu das mais simpáticas. Mas, em seguida, nesta mesma sala, mostraram-nos o reverso da medalha. Não ousou tampouco lançar-me em conjeturas e abstenho-me de analisar as causas. Nem por isso deixam essas causas de existir. Essa mesma pessoa, com as lágrimas de uma indignação muito tempo contida, declara-nos que foi ele o primeiro a desprezá-la por seu ímpeto imprudente, impetuoso talvez, porém nobre e generoso. O noivo dessa jovem teve um sorriso zombador que somente dele não podia ela suportar. Sabendo que a havia traído (porque pensava ele poder permitir-se tudo no futuro, até mesmo a traição), sabendo disso, ela lhe entrega três mil rublos, dando-lhe a entender claramente que adivinha suas intenções: “Pois bem, recebê-los-ás, sim ou não, terás a coragem?”, diz-lhe seu olhar penetrante. Ele a olha, compreende-lhe perfeitamente o pensamento (ele mesmo o confessou perante vós), depois apropria-se desses três mil rublos e gasta-os em dois dias com seu novo amor. Em que acreditar? Na primeira lenda, no nobre sacrifício de seus derradeiros recursos e na homenagem à virtude, ou no reverso da medalha, na baixeza dessa conduta? Nos casos comuns, convém procurar a verdade entre os extremos; não é o caso aqui. Muito provavelmente, mostrou-se ele tão nobre da primeira vez como vil da segunda. Por quê? Porque somos uma ‘natureza ampla’, um Karamázov — eis aonde quero chegar — capaz de

reunir todos os contrastes e de contemplar ao mesmo tempo dois abismos: o do alto, o abismo dos sublimes ideais, e o de baixo, o abismo da mais ignóbil degradação. Lembrai-vos da brilhante ideia formulada ainda há pouco pelo senhor Rakítin, o jovem observador, que estudou de perto toda a família Karamázov: ‘A consciência da degradação é tão indispensável a essas naturezas desenfreadas quanto a consciência da nobreza moral’, e é verdade; essa mistura antinatural lhes é constantemente necessária. Dois abismos, senhores, dois abismos simultaneamente, senão não estamos satisfeitos, falta alguma coisa à nossa existência. Somos amplos, amplos, como nossa mãe Rússia, tudo admitimos e a tudo nos acomodamos. A propósito, senhores jurados, acabamos de falar desses três mil rublos e me permito antecipar um pouco. Imaginai que, com esse caráter, tendo recebido esse dinheiro ao preço duma tal vergonha, da derradeira humilhação, imaginai que, no mesmo dia, tenha podido separar a metade, costurá-la num amuleto e ter, em seguida, a constância de andar com ela um mês inteiro sobre seu peito, malgrado a falta de recursos e as tentações? Nem por ocasião de suas orgias nos botequins, nem quando lhe foi preciso deixar a cidade para arranjar em casa de sabe Deus quem o dinheiro necessário, a fim de subtrair sua bem-amada às seduções do pai, do rival, ousa tocar naquele amuleto. Não fosse senão para não deixar sua amiga exposta às intrigas do velho de que se mostrava tão ciumento, deveria ter desfeito seu amuleto e montado guarda em torno dela, aguardando o momento em que ela lhe diria: ‘Sou tua’, para levá-la para longe daquele meio fatal. Mas não, não recorreu a seu talismã, e sob qual pretexto? O primeiro pretexto, dissemo-lo, era que necessitava de dinheiro, no caso de querer sua amiga partir com ele. Mas esse primeiro pretexto, segundo as próprias palavras do acusado, deu lugar a outro. Enquanto, diz ele, carregar comigo esse dinheiro, ‘sou um miserável, mas não um ladrão’, porque posso sempre ir encontrar minha noiva e, apresentando-lhe a metade da soma de que fraudulentamente me apropriei, dizer-lhe: ‘Vês, gastei a metade de teu dinheiro e provei que sou um homem fraco e sem consciência, e, se queres, um miserável (emprego os termos do acusado), mas não um ladrão, porque então não te teria trazido essa metade, ter-me-ia apropriado dela como da primeira.’ Singular explicação! Esse arrebatado sem caráter, que não pôde resistir à tentação de aceitar três mil rublos em condições tão vergonhosas, dá prova de súbito de uma firmeza estoica e anda com mil rublos no pescoço sem

ousar neles tocar! Quadra-se isso com o caráter que analisamos? Não e permito-me contar-vos como o verdadeiro Dimítri Fiódorovitch teria procedido, se estivesse verdadeiramente decidido a costurar seu dinheiro num amuleto. À primeira tentação, fosse apenas para causar prazer à bem-amada, com a qual já havia despendido a metade do dinheiro, teria descosido o amuleto e retirado, digamos, cem rublos para a primeira vez, por que de que serve restituir absolutamente a metade, quando 1.400 rublos são suficientes? Dá na mesma: ‘Sou um miserável e não um ladrão, porque restituirei 1.400 rublos; um ladrão teria guardado tudo.’ Algum tempo depois, teria de novo retirado uma cédula, depois uma terceira, e assim por diante, até a penúltima, no fim do mês: ‘Um miserável, não um ladrão. Gastei 29 cédulas, restituirei a trigésima, um ladrão não agiria assim.’ Mas essa penúltima cédula desapareceu por sua vez e teria ele olhado a derradeira dizendo a si mesmo: ‘Não vale mais a pena, gastemos esta como as outras!’ Eis como teria procedido o verdadeiro Dimítri Karamázov, tal como o conhecemos! Quanto à lenda do amuleto, está em contradição absoluta com a realidade. Pode-se supor tudo, menos isso. Mas voltaremos a isso.”

Depois de ter exposto ordenadamente tudo quanto o inquérito conhecia das discussões de interesses e relações entre pai e filho, concluindo de novo que era totalmente impossível estabelecer, a respeito da divisão da herança, a qual havia prejudicado o outro, Ipolit Kirílovitch, a propósito daqueles três mil rublos que se tornaram uma ideia fixa no espírito de Mítia, trouxe à baila a perícia médica.

VII

BOSQUEJO HISTÓRICO

“A perícia médica quis provar-nos que o acusado não está em seu juízo cabal e é maníaco. Sustento que está no uso de sua razão; mas isto é o pior de tudo: se não estivesse com todo o juízo, talvez se tivesse mostrado mais inteligente. Eu reconheceria de boa vontade sua mania, mas num ponto somente, assinalado pela perícia, a maneira de ver o acusado a respeito desses três mil rublos de que seu pai o havia fraudado. Não obstante, pode-

se encontrar um ponto de vista bem mais direto que a propensão do acusado à loucura para explicar sua exasperação constante a propósito desse dinheiro. Quanto a mim, partilho inteiramente da opinião do jovem médico que acha que o acusado goza e gozava de todas as faculdades e estava apenas exasperado e irritado. Eis o que importa: não eram aqueles três mil rublos que constituíam o objeto da exaltação constante do acusado, mas bem outra causa que excitava sua cólera. Essa causa era o ciúme!”

Aqui, Ipolit Kirílovitch estendeu-se a respeito da fatal paixão do acusado por Grúchenka. Começou pelo momento em que o acusado se dirigia à casa da “jovem pessoa” para “bater nela”, de acordo com a expressão dele; mas, em lugar disso, ficou a seus pés e foi o começo desse amor. Ao mesmo tempo, essa pessoa é notada pelo pai do réu — coincidência fatal e surpreendente — porque aqueles dois corações inflamaram-se ao mesmo tempo com uma paixão desenfreada, como verdadeiros Karamázov, se bem que conhecessem desde antes a jovem mulher. Possuímos a própria confissão dela: “Zombava — diz ela — de um e do outro.” Sim, essa intenção veio-lhe de repente ao espírito, e, finalmente, os dois ficaram enfeitiçados por ela. O velho, que adorava o dinheiro, preparou três mil rublos, somente para que ela fosse à casa dele, e, em breve, chegou a estimar-se feliz se ela consentisse em casar-se com ele. Temos testemunhos formais a esse respeito. Quanto ao réu, conhecemos a tragédia que viveu. Mas tal era o “jogo” da jovem pessoa. Essa sereia não deu nenhuma esperança ao desgraçado, senão no derradeiro momento, quando, de joelhos diante dele, estendia-lhe os braços. “Enviai-me para o presídio com ele, fui eu que o impeli, sou a culpada!”, gritava ela com um sincero arrependimento por ocasião da detenção. O senhor Rakítin, o talentoso jovem que já citei e que empreendeu descrever este caso, definiu em algumas frases concisas o caráter da heroína: “Um desencanto precoce, a traição e o abandono do noivo que a seduzira, depois a pobreza, a maldição duma honesta família, por fim a proteção dum velho rico que, aliás, ela encara ainda agora como seu benfeitor. Naquele jovem coração, talvez inclinado ao bem, a cólera amontoou-se. Tomou-se calculista, amante da acumulação de dinheiro; zomba da sociedade e tem-lhe rancor.” Isso explica o ter podido ela zombar de um e de outro, por pura maldade. Durante esse mês em que o réu ama sem esperança, degradado por sua traição e por sua desonestidade,

está além disso enlouquecido, exasperado por um ciúme incessante do pai. E, para cúmulo, o velho insensato esforça-se por seduzir o objeto de sua paixão por meio daqueles três mil rublos que o filho lhe reclama como a herança da mãe. Sim, convenho que era duro de suportar! Havia motivo para ficar maníaco. E não era o dinheiro que importava, mas o cinismo repugnante que conspirava contra sua felicidade, com aquele mesmo dinheiro!

Em seguida, Ipolit Kirílovitch abordou a gênese do crime no espírito do réu, baseando-se nos fatos.

“Em primeiro lugar, limitamo-nos a vociferar nos botequins durante todo aquele mês. Dizemos voluntariamente tudo quanto nos passa pela cabeça, até mesmo as ideias mais perigosas. Somos expansivos, mas, não se sabe por quê, exigimos que nossos ouvintes nos testemunhem inteira simpatia, tomem parte em nossos desgostos, façam coro, não nos estorvem em nada. Senão, ai deles! (Seguia-se o caso do capitão Snieguiriov.) Os que viram e ouviram o acusado durante esse mês tiveram finalmente a impressão de que ele não se ateriam a simples ameaças contra o pai e que, em sua exasperação, era capaz de levá-las a efeito. (Aqui o procurador descreveu a reunião de família no mosteiro, as conversações com Aliócha e a cena escandalosa em casa de Fiódor Pávlovitch, em que o réu havia irrompido na sala depois do jantar.) Não estou certo — prosseguiu Ipolit Kirílovitch — de que, antes dessa cena, tivesse já o réu resolvido eliminar o pai. Mas essa ideia lhe viera já, encarava-a, os fatos, as testemunhas e a própria confissão o provam. Confesso, senhores jurados, que até hoje hesitava em crer na premeditação completa. Estava persuadido de que havia ele encarado por várias vezes aquele momento fatal, mas sem precisar a data e as circunstâncias da execução. Minha hesitação cessou em presença desse documento esmagador, apresentado hoje ao tribunal pela senhorita Vierkhóvtseva. Vós ouvistes, senhores, sua exclamação: ‘É o plano, o programa do assassinato!’ Eis como definiu ela aquela desgraçada carta de bêbedo. Com efeito, essa carta estabelece a premeditação. Foi escrita dois dias antes do crime, e sabemos que naquele momento, antes da realização de seu horrendo projeto, jurava o réu que se não encontrasse quem lhe emprestasse o dinheiro no dia seguinte, mataria o pai para tomar o dinheiro que estava embaixo do travesseiro, ‘num envelope amarrado com uma fita cor-de-rosa, assim que Ivan partir’. Estais ouvindo? ‘Assim que Ivan partir...’ Por conseguinte, tudo está

combinado, as circunstâncias são previstas, e tudo se passou como ele o escrevera. A premeditação não tem dúvida alguma, o crime tinha o roubo como móvel, está escrito e assinado. O acusado não renega sua assinatura. Dir-se-á: é a carta de um bêbedo. Mas isso não atenua nada, pelo contrário; escreveu, estando bêbedo, o que havia combinado em estado lúcido. Senão, ter-se-ia absterido de escrever. Mas, objetar-se-á, talvez, por que gritou seu projeto nos botequins? Quem premedita tal ato cala-se e mantém segredo. É verdade, mas então tinha ele apenas veleidades, sua intenção amadurecia. Posteriormente, mostrou-se mais reservado a esse respeito. Na noite em que escreveu aquela carta, depois de ter-se embriagado no botequim A Capital, ficou excepcionalmente silencioso, manteve-se à parte sem jogar bilhar, limitando-se a maltratar um caixeiro de armazém, mas, inconscientemente, incapaz de renunciar a discutir, de acordo com seu hábito. Decerto, uma vez resolvido a agir, devia o réu recear ter-se gabado por demais em público de suas intenções, e que isso pudesse servir de prova contra ele, quando executasse seu plano. Mas que fazer? Não podia recolher suas palavras e esperava safar-se ainda dessa vez. Fiamo-nos em nossa estrela! Senhores! Deve-se reconhecer que fez ele grandes esforços antes de chegar a esse ponto e para evitar um desenlace sangrento: ‘Pedirei amanhã dinheiro a todo mundo — escreve ele em sua linguagem original —, e se me recusarem, o sangue correrá.’ De novo, vemo-lo agir em estado lúcido, como tinha escrito quando estava ébrio!”

Aqui, Ipolit Kirílovitch descreveu pormenorizadamente as tentativas de Mítia para arranjar dinheiro, para evitar o crime. Relatou suas gestões junto a Samsónov, sua visita a Liágavi. “Fatigado, mistificado, faminto, tendo vendido o relógio para pagar a viagem (embora levando consigo 1.500 rublos, com efeito!), atormentado pelo ciúme por causa da bem-amada que deixou na cidade, suspeitando de que em sua ausência pudesse ela ir encontrar-se com Fiódor Pávlovitch, regressa afinal. Deus seja louvado! Ela não esteve lá. Ele próprio a acompanha à casa de seu protetor, Samsónov. (Coisa estranha, não há ciúme de Samsónov, e é esse um detalhe característico!) Corre a seu posto de observação ‘no quintal’ e ali sabe que Smierdiákov teve uma crise, que o outro criado está doente; o campo está livre, os ‘sinais’ estão em suas mãos, que tentação! Não obstante, resiste; vai à casa de uma pessoa por todos respeitada, a senhora Khokhlakova. Essa senhora, que se compadeceu há muito tempo da sorte

dele, dá-lhe o mais sábio dos conselhos: renunciar à farra, àquele amor escandaloso, às aquelas excursões pelos botequins, em que se gastava sua jovem energia, e partir para as minas de ouro, na Sibéria: ‘Lá está o derivativo para as forças que refervem no senhor, para seu caráter romanesco, ávido de aventuras.’ Depois de ter descrito o desenlace do encontro e o momento em que o réu soube de repente que Grúchenka não ficou em casa de Samsónov, bem como o furor do infeliz ciumento, à ideia de que ela o enganava e se encontrava agora em casa de Fiódor Pávlovitch, Ipolit Kirílovitch concluiu, fazendo notar a fatalidade desse incidente: se a criada tivesse tido tempo de dizer-lhe que a bem-amada dele estava em Mókroie com o primeiro amante, nada teria acontecido. Mas estava transtornada, jurou a seus deuses, e, se o réu não a matou ali mesmo, foi porque correu em perseguição da infiel. Mas notai isto: embora fora de si, apodera-se de um pilão de cobre. Por que precisamente um pilão? Por que não outra arma? Mas se nos preparávamos para essa cena, encarada havia um mês, se qualquer coisa parecida com uma arma se nos apresenta, dela nos apoderamos como tal. Cerca de um mês, dizíamos a nós mesmos que um objeto daquele gênero poderia servir de arma. De modo que não hesitamos. Por conseguinte, o réu sabia o que fazia ao agarrar aquele fatídico pilão. Ei-lo no jardim do pai, o campo está livre, nenhuma testemunha, uma escuridão profunda e o ciúme. A suspeita de que ela está ali, nos braços do rival, e zomba dele talvez naquele instante, apodera-se de seu espírito. E não somente a suspeita, trata-se bem disso, a velhacaria salta aos olhos: ela está ali, naquele quarto onde há luz, está em casa dele, por trás do biombo, e o infeliz desliza para a janela, olha com delicadeza, resigna-se e se vai prudentemente para não praticar uma desgraça, para evitar o irreparável; e querem fazer-nos acreditar nisso, a nós que conhecemos o caráter do acusado, que compreendemos seu estado de espírito, revelado pelos fatos, sobretudo então quando estava a par dos sinais que permitiam penetrar logo na casa!”

A esse propósito, Ipolit Kirílovitch abandonou provisoriamente a acusação e achou necessário estender-se a respeito de Smierdiákov, a fim de liquidar o episódio das suspeitas dirigidas contra ele e, encerrar duma vez por todas essa ideia. Não negligenciou nenhum detalhe, e todo mundo compreendeu que, malgrado o desdém que testemunhava por essa hipótese, considerava-a, no entanto, muito importante.

VIII

DISSERTAÇÃO A RESPEITO DE SMIERDIÁKOV

“Em primeiro lugar, donde vem a possibilidade de semelhante suspeita? Quem primeiro denunciou Smierdiákov como o assassino foi o próprio réu, por ocasião de sua prisão; contudo, até hoje, não apresentou ele o menor fato em apoio dessa inculpação, nem mesmo uma alusão mais ou menos verossímil a um fato qualquer. Em seguida, três pessoas somente confirmam seus dizeres: seus dois irmãos e a senhora Svietlova. Mas o mais velho formulou essa suspeita somente hoje, no curso dum acesso de demência e de febre nervosa; antes, durante esses dois meses, estava persuadido da culpabilidade do irmão e nem mesmo procurou combater essa ideia. Aliás, voltaremos a isso. O mais moço declara não ter nenhuma prova que confirme sua ideia da culpabilidade de Smierdiákov e se baseia unicamente nas palavras do acusado e na ‘expressão de seu rosto’; proferiu duas vezes ainda há pouco esse argumento extraordinário. A senhora Svietlova exprimiu-se duma maneira talvez ainda mais estranha: ‘Podeis crer no acusado, não é homem de mentiras.’ Eis todas as acusações alegadas contra Smierdiákov, ‘que pôs fim a seus dias numa crise de loucura’ interessados na sorte do réu. E, no entanto, a acusação contra Smierdiákov circulou e persiste; pode-se acreditar nisso, pode-se imaginá-la?”

Aqui, Ipolit Kirílovitch julgou necessário esboçar o caráter de Smierdiákov, “que pôs fim a seus dias numa crise de loucura”. Apresentou-o como um ser fraco, de instrução rudimentar, conturbado por ideias filosóficas acima de seu alcance, aterrorizado diante de certas doutrinas modernas sobre o dever e a obrigação moral, que lhe inculcavam — na prática — por sua vida descuidada, seu amo Fiódor Pávlovitch, talvez seu pai, e — na teoria — por meio de conversações filosóficas estranhas, o filho mais velho do defunto, Ivan Fiódorovitch, que apreciava essa diversão sem dúvida por tédio ou por uma necessidade de zombaria, não tendo encontrado outro emprego. Descreveu-me ele próprio seu estado de espírito, os derradeiros dias que passou na casa de seu amo — explicou Ipolit Kirílovitch —, mas outras pessoas atestam a coisa: o acusado, seu irmão e até mesmo o criado Grigóri, isto é, todos aqueles que deviam

conhecê-lo de perto. Além disso, atingido de epilepsia, Smierdiákov era medroso como uma galinha. “Caía a meus pés e beijava-os”, declarou-nos o réu, quando não compreendia ainda o prejuízo que poderia causar-lhe essa declaração, “é uma galinha epiléptica”, dizia ele do outro na sua linguagem pitoresca. E eis que o acusado (ele mesmo o atesta) faz dele seu homem de confiança e o intimida a ponto de consentir ele afinal em servir-lhe de espião e de informante. Nesse papel de espião, trai seu amo, revela ao acusado a existência do envelope das cédulas e os sinais por meio dos quais pode-se chegar até ele; aliás, poderia ele agir de outro modo? “Ele me matará, dava-me bem conta disso”, dizia ele, tremendo, no inquérito, se bem que seu carrasco já estivesse detido e fora de condições de molestá-lo. “Suspeitava de mim a cada instante e eu, gelado de terror, apressava-me, para acalmar-lhe a cólera, em comunicar-lhe todos os segredos, a fim de provar minha boa-fé e ter a vida salva.” Tais são as palavras, anotei-as. “Quando gritava por mim, acontecia-me atirar-me a seus pés.” De natural bastante honesto, gozando da confiança de seu amo, que comprovara essa honestidade quando seu criado lhe entregou o dinheiro que ele havia perdido, o infeliz Smierdiákov deve ter sentido profundo arrependimento de sua traição àquele a quem amava como seu benfeitor. Os epiléticos, gravemente atacados, de acordo com o relato de psiquiatras eminentes, têm a mania de acusar-se a si mesmos. A consciência de sua culpabilidade atormenta-os, têm remorsos, muitas vezes sem motivos, exageram suas faltas, forjam mesmo crimes imaginários. Acontece que semelhante indivíduo torna-se verdadeiramente culpado e criminoso, sob a influência do medo, da intimidação. Além disso, pressentia ele a possibilidade duma desgraça, em vista das circunstâncias. Quando o filho mais velho de Fiódor Pávlovitch, Ivan Fiódorovitch, partiu para Moscou, no mesmo dia do drama, Smierdiákov suplicou-lhe que ficasse, mas sem ousar, com sua covardia habitual, dar-lhe parte de seus temores de uma maneira categórica. Limitou-se a alusões que não foram compreendidas. É preciso notar que, para Smierdiákov, Ivan Fiódorovitch representava como que uma defesa, uma garantia de que nada de desagradável aconteceria enquanto estivesse ele presente. Lembrai-vos da frase de Dimítri Fiódorovitch em sua carta de êbrio: “Matarei o velho, contanto que Ivan parta.” Por conseguinte, a presença de Ivan Fiódorovitch parecia a todos garantir a ordem e a calma na casa. Parte ele e Smierdiákov; cerca de uma hora depois, tem uma crise, aliás

bastante compreensível. É preciso mencionar aqui que, presa do terror e duma espécie de desespero, Smierdiákov, nos derradeiros dias, sentia particularmente a possibilidade de uma crise próxima, que se produzia sempre nas horas de ansiedade e de viva emoção. Não se pode evidentemente adivinhar o dia e a hora desses ataques, mas cada epilético pode sentir-lhes os sintomas. Assim fala a medicina. Um pouco depois da partida de Ivan Fiódorovitch, Smierdiákov, que se sente abandonado e sem defesa, vai à adega para atender às necessidades da casa e pensa, ao descer a escada: “Terei ou não um ataque, e se ele me tomasse agora?” Precisamente, aquele estado de espírito, aquela apreensão, aquelas perguntas provocam o espasmo na garganta, precursor da crise; precipita-se sem conhecimento no fundo da adega. Esforçam-se em suspeitar desse acidente bem natural, em ver nele uma indicação, uma alusão revelando a simulação voluntária da doença! Mas, nesse caso, pergunta-se logo: Por quê? Com que fim? Deixo de lado a medicina; a ciência mente, dizem, a ciência se engana, os doutores não souberam distinguir a verdade da simulação; pois seja, admitamos, mas respondi a esta pergunta: que razão tinha ele para simular? Seria para se fazer notar de antemão na casa onde premeditava um assassinio? Vede, senhores jurados, havia cinco pessoas em casa de Fiódor Pávlovitch na noite do crime: em primeiro lugar, o dono da casa, mas não matou a si mesmo, é claro; em segundo lugar, o criado Grigóri, mas quase foi morto; em terceiro lugar, a mulher de Grigóri, Marfa Ignátievna, mas seria uma vergonha supô-la assassina do amo. Restam, por consequência, duas pessoas em causa: o réu e Smierdiákov. Mas como o acusado afirma que não é ele o assassino, deve ser Smierdiákov, não há alternativa, porque não se pode suspeitar de ninguém mais. Eis a explicação dessa acusação ‘sutil’ e extraordinária contra o infeliz idiota que se suicidou ontem! Justamente porque não havia ninguém em quem deitar a mão! Se tivesse existido a mínima suspeita contra algum outro, uma sexta pessoa, estou certo de que o próprio réu teria tido vergonha de acusar então Smierdiákov e acusaria esse outro, porque é perfeitamente absurdo acusar Smierdiákov desse assassinato.

“Senhores, deixemos a psicologia, deixemos a medicina, deixemos mesmo a lógica, consultemos os fatos, nada mais que os fatos, e vejamos o que eles nos dizem. Smierdiákov matou, mas como? Só ou de cumplicidade com o réu? Examinemos de início o primeiro caso, isto é, o assassinato cometido sozinho. Evidentemente, se Smierdiákov matou foi

por alguma coisa, num interesse qualquer. Mas não tendo nenhum dos motivos que impeliam o acusado, isto é, o ódio, o ciúme, etc., Smierdiákov só matou para roubar, para se apropriar daqueles três mil rublos que seu patrão metera, diante dele, em um envelope. E eis que, tendo resolvido matar, comunica previamente a outra pessoa, que acontece ser a mais interessada, precisamente o réu, tudo quanto se refere ao dinheiro e aos sinais, o lugar onde se encontra o envelope, seu sobrescrito, com que está ele amarrado, e sobretudo lhe comunica aqueles sinais, por meio dos quais pode-se entrar em casa de seu amo. Pois bem! É para se trair que ele age assim? Ou a fim de arranjar um rival que talvez tenha também vontade de vir a apoderar-se do envelope? Sim, dir-se-á, mas falou dominado pelo medo. Como assim? O homem que não hesitou em conceber um ato tão ousado e feroz, e em executá-lo em seguida, comunica semelhantes informações, que é o único a conhecer no mundo e que ninguém teria jamais adivinhado, se tivesse ele guardado silêncio. Não, por mais medroso que fosse, depois de ter concebido tal ato, esse homem não teria falado a ninguém a respeito do envelope e dos sinais, porque teria sido trair-se de antemão, teria inventado alguma coisa de propósito e mentido, se tivessem exigido dele informações, mas guardado silêncio a respeito. Pelo contrário, repito-o, se não tivesse dito uma palavra a respeito do dinheiro e dele se tivesse apossado após o delito, ninguém no mundo teria jamais podido acusá-lo de assassinato tendo o roubo como móvel, porque ninguém, exceto ele, tinha visto aquele dinheiro, ninguém sabia da existência dele na casa. Mesmo acusando-o, ter-se-ia atribuído outro motivo ao crime. Mas, na ausência de outros motivos prévios, e como todo mundo, ao contrário, tinha-o visto estimado por seu amo, honrado com sua confiança, ter-se-ia suspeitado logo de início de um homem tendo esses motivos, de um homem que, longe de dissimulá-los, ter-se-ia gabado publicamente, em uma palavra, ter-se-ia suspeitado do filho da vítima, Dimíttri Fiódorovitch. Teria sido vantajoso para Smierdiákov, assassino e ladrão, que se acusasse esse filho, não é? Pois bem! É a ele, é a Dimíttri Fiódorovitch que Smierdiákov, tendo premeditado o crime, fala de antemão do dinheiro, do envelope, dos sinais; que lógica, que clareza!!!

“Chega o dia do crime premeditado por Smierdiákov, e ele cai da escada, tendo simulado um ataque de epilepsia. Por quê? Sem dúvida para que o criado Grigóri, que tinha intenção de tratar-se, renuncie a isso talvez

vendo a casa sem vigilância, e monte guarda. Provavelmente também a fim de que o próprio patrão, vendo-se abandonado e temendo a vinda do filho, o que ele não ocultava, redobrasse de desconfiança e de precauções. Sobretudo, enfim, para que o transportem imediatamente, a ele, Smierdiákov, esgotado por sua crise, da cozinha onde dormia só e tinha sua entrada particular, para outra extremidade do pavilhão, no quarto de Grigóri e da mulher, por trás duma separação, como faziam sempre que tinha ele um ataque, de acordo com as instruções do amo e da compassiva Marfa Ignátievna. Ali, oculto atrás do biombo e para melhor parecer doente, começa sem dúvida a gemer, isto é, a despertá-los a noite inteira (o depoimento deles faz fé), e tudo isso a fim de se levantar mais facilmente e matar em seguida seu patrão!

“Mas, dir-se-á, talvez simulasse uma crise precisamente para desviar as suspeitas, e falou ao réu a respeito do dinheiro e dos sinais para tentá-lo e impeli-lo ao crime. E, quando o réu, depois de ter matado, retirou-se levando o dinheiro e talvez fez barulho e despertou testemunhas, então, vede, Smierdiákov se levanta e vai também... pois bem, que vai ele fazer? Vai assassinar uma segunda vez o patrão e roubar o dinheiro já roubado. Senhores, não é isso caso para rir? Eu mesmo tenho vergonha de fazer tais suposições; no entanto, imaginai que é precisamente o que afirma o acusado: ‘Quando eu já havia partido, diz ele, depois de ter abatido Grigóri e provocado o alarme, Smierdiákov se levantou para assassinar e roubar.’ Deixo de lado a impossibilidade para Smierdiákov de calcular e de prever os acontecimentos, a vinda do filho exasperado que se contenta com olhar respeitosamente pela janela e, conhecendo os sinais, retira-se e lhe abandona a presa! Senhores, proponho a pergunta seriamente: em que momento Smierdiákov cometeu seu crime? Indicai esse momento, senão a acusação tomba.

“Mas talvez a crise fosse real. Tendo recuperado seus sentidos, o doente ouviu um grito, saiu, e então? Olhou e disse a si mesmo: ‘Está decidido: matarei o patrão! Mas como soube ele o que se tinha passado, jazendo até então inconsciente? Aliás, senhores, a própria fantasia tem seus limites.

“Pois seja, dirão as pessoas sutis, mas se os dois estivessem de convivência, se houvessem assassinado juntos e partilhado o dinheiro?”

“Sim, há, com efeito, uma suspeita grave, e antes de tudo, com fortes presunções em apoio, um deles assassina e se encarrega de tudo, enquanto

o outro cúmplice fica deitado simulando uma crise, precisamente para despertar de antemão a suspeita em todos, para alarmar o patrão e Grigóri. Pergunta-se por quais motivos teriam podido os dois cúmplices imaginar plano tão absurdo? Mas talvez não houvesse senão uma cumplicidade passiva da parte de Smierdiákov; talvez, apavorado, consentiu apenas em não se opor ao assassinio e, pressentindo que o acusariam por ter deixado matar seu amo sem defendê-lo, terá obtido de Dimítri Karamázov a permissão de ficar deitado durante aquele tempo, como se tivesse uma crise: ‘Estás livre para assassinar, nada tenho com isso.’ Nesse caso, como essa crise teria posto a casa em alvoroço, Dimítri Karamázov não podia consentir em tal convenção. Mas admito que tenha consentido; nem por isso deixaria de resultar que Dimítri Karamázov é o assassino direto, o instigador, e Smierdiákov, um cúmplice passivo, e nem mesmo isso; deixou simplesmente fazer, por temor e contra a sua vontade; esta distinção não teria escapado à justiça; ora, que vemos? Por ocasião de sua detenção, o acusado lança toda a culpa sobre Smierdiákov e acusa-o, só a ele. Não o acusa de cumplicidade; só ele é que assassinou e roubou, é obra de suas mãos. Mas que cúmplices são esses que começam logo a acusar-se? Isso não existe. E notai que risco para Karamázov: é o principal assassino, o outro limitou-se a deixar fazer, deitado atrás do tabique, e ele o ataca. Mas esse comparsa poderia zangar-se e, por instinto de conservação, apressar-se em dizer toda a verdade; participamos todos dois, contudo, eu não matei, somente tolerei e deixei fazer, por temor. Porque Smierdiákov podia compreender que a justiça discerniria logo seu grau de culpabilidade, e contar com um castigo bem menos rigoroso que o principal assassino, que queria atirar toda a culpa sobre ele. Mas então teria forçosamente confessado. Contudo, nada disso se dá. Smierdiákov não soprou palavra a respeito da cumplicidade, se bem que o assassino o haja acusado formalmente e apontado todo o tempo como o único autor do crime. Não é tudo; Smierdiákov revelou no inquérito que havia ele próprio falado ao acusado do envelope com o dinheiro e dos sinais, e que, sem ele, este nada teria sabido. Se tivesse sido verdadeiramente cúmplice e culpado, teria comunicado a coisa tão voluntariamente no inquérito? Pelo contrário, ter-se-ia desnaturado e atenuado os fatos. Mas não agiu assim. Somente um inocente, que não teme ser acusado de cumplicidade, pode agir dessa maneira. Pois bem! Num acesso de melancolia mórbida consecutiva à epilepsia e a todo esse drama, enforcou-se ontem, depois de

ter escrito este bilhete: ‘Ponho fim a meus dias voluntariamente. Não acusem ninguém de minha morte.’ Que lhe custaria acrescentar: sou eu o assassino e não Karamázov? Mas não fez nada disso; sua consciência não chegou a esse ponto.

“Ainda há pouco, trouxeram dinheiro ao tribunal, três mil rublos, as cédulas que se encontravam no envelope que figurava entre as peças de convicção, recebi-as ontem de Smierdiákov. Mas vós não vos esquecestes, senhores jurados, dessa triste cena. Não lhes tornarei a traçar os detalhes, contudo permitir-me-ei duas ou três observações escolhidas de propósito entre as mais insignificantes, porque não surgirão no espírito de cada um e serão esquecidas. Em primeiro lugar, foi por remorso que ontem Smierdiákov restituiu o dinheiro e enforcou-se. (De outro modo não o teria restituído.) E não foi senão ontem à noite, evidentemente, que confessou pela primeira vez seu crime a Ivan Karamázov, como este último o declarou, senão por que teria este guardado silêncio até agora? Confessou, admitamos. Mas, por que, repito-o, não disse toda a verdade no seu bilhete fúnebre, sabendo que no dia seguinte iam julgar um inocente? O dinheiro apenas não constitui uma prova. Soube completamente por acaso, há uma semana, bem como duas pessoas aqui presentes, que Ivan Fiódorovitch Karamázov mandara trocar na sede da província dois títulos de dívida a cinco por cento, de cinco mil rublos cada um, ou seja, dez mil ao todo. Isso para mostrar que sempre se pode arranjar dinheiro para uma data fixa e que os três mil rublos apresentados não são necessariamente os mesmos que se encontravam na gaveta ou no envelope. Enfim, tendo Ivan Karamázov colhido ontem as confissões do verdadeiro assassino, ficou em seu quarto. Por que não fez imediatamente sua declaração? Por que ter esperado até o dia seguinte? Estimo que se possa adivinhar a razão disso; doente há uma semana, tendo confessado ao médico e aos que o cercavam que tinha alucinações e encontrava pessoas mortas, ameaçado pela febre nervosa que se declarou hoje, ao saber de súbito da morte de Smierdiákov, fez este raciocínio: ‘Este homem está morto, pode-se acusá-lo, salvarei meu irmão. Tenho dinheiro, apresentarei um maço de cédulas, dizendo que Smierdiákov mas entregou antes de morrer.’ É desonesto, direis, se bem que acuse um morto, mas não é desonesto mentir, mesmo para salvar seu irmão? Pois seja, mas se mentiu inconscientemente, se imaginou que tenha acontecido, com o espírito definitivamente transtornado pela notícia da morte súbita do laçao! Assististes àquela cena ainda há pouco, vistes em

que estado se encontrava aquele homem. Mantinha-se de pé e falava, mas onde estava sua razão? O depoimento do doente foi seguido de um documento, de uma carta do réu à senhorita Vierkhóvtseva, escrita dois dias antes do crime de que contém o programa detalhado. De que serve procurar esse programa e seus autores? Tudo se passou exatamente de acordo com ele e ninguém ajudou o autor! Sim, senhores jurados, ‘isso se passou como estava escrito!’. E não fugimos com um temor respeitoso da janela paterna, sobretudo estando persuadido de que nossa bem-amada se encontrava nos aposentos dele. Não, é absurdo e inverossímil. Ele entrou e foi até o fim. Deve ter matado num acesso de furor, vendo seu rival detestado, talvez com um só golpe de pilão, mas em seguida, depois de ter-se convencido por um exame detalhado de que ela não estava ali, não se esqueceu de meter a mão sob o travesseiro e de apoderar-se do envelope com o dinheiro, que figura agora, rasgado, entre as peças de convicção. Falo disso para assinalar-vos uma circunstância característica. Um assassino experimentado, vindo exclusivamente para roubar, teria deixado no soalho o envelope, tal como foi encontrado junto do cadáver? Smierdiákov, por exemplo, teria levado tudo, sem se dar o trabalho de abri-lo perto de sua vítima, sabendo bem que ele continha dinheiro, pois que o vira ser nele metido e lacrado; ora, desaparecido o envelope, não se podia saber se houvera roubo. Pergunto-vos, senhores jurados, teria Smierdiákov agido assim e deixado o envelope no chão? Não, assim devia proceder um assassino furioso, incapaz de refletir, nunca tendo roubado nada e que, mesmo agora, se apropriado dinheiro, não como um vulgar malfeitor, mas como alguém que retoma seus bens daquele que os roubou, porque tais eram precisamente, a respeito daqueles três mil rublos, as ideias de Dimítri Karamázov, que nele chegavam já à mania. De posse do envelope, que jamais vira antes, rasga-o para certificar-se de que contém dinheiro, depois atira-o fora e foge com as cédulas no bolso, sem suspeitar de que deixa assim atrás de si, sobre o soalho, uma prova esmagadora. Tudo porque foi Karamázov e não Smierdiákov, e não refletiu, aliás não tinha tempo. Foge, ouve o grito do criado que o alcança, que o agarra, que o detém, vacila e cai derrubado por uma pancada de pilão. O réu salta do alto da paliçada por compaixão. Imaginai que ele nos garante que desceu por piedade, por compaixão, para ver se podia socorrê-lo. Mas seria aquele o momento para enternecimento? Não, tornou a descer precisamente para certificar-se de que estivesse ainda viva a única testemunha de seu crime.

Qualquer outro sentimento, qualquer outro motivo teriam sido insólitos! Notai que ele se mostra solícito para com Grigóri, enxuga-lhe a cabeça com seu lenço, depois, crendo-o morto, como que desvairado, coberto de sangue, corre de novo à casa de sua bem-amada; como não pensou ele que naquele estado imediatamente o acusariam? Mas o próprio réu nos assegura que não prestou atenção a isso; pode-se admiti-lo, é muito possível, isso acontece sempre aos criminosos em semelhantes momentos. Dum lado, um cálculo infernal, do outro, o raciocínio falha. Mas, naquele minuto, perguntava ele somente a si mesmo onde ela estava. Na pressa de sabê-lo, corre à sua casa e sabe duma notícia imprevista, esmagadora para ele: ela partiu para Móкроie a fim de juntar-se ao antigo amante, ‘o indiscutível’.”

IX

PSICOLOGIA A VAPOR. A TROICA EM DISPARADA. PERORAÇÃO

Chegado a esse momento de seu discurso, Ipolit Kirílovitch, que havia evidentemente escolhido o método de exposição rigorosamente histórico, muito do agrado de todos os oradores nervosos que procuram de propósito quadros estritamente delimitados, a fim de moderar seu ardor, estendeu-se a respeito do primeiro amante, “o indiscutível”, e formulou a esse respeito algumas ideias interessantes. “Karamázov, ferozmente ciumento de todos, apaga-se de súbito e desaparece diante do ‘antigo’ e do ‘indiscutível’. E é tanto mais estranho que antes quase não prestara atenção ao novo perigo que o ameaçava na pessoa desse rival inesperado. Mas representava-se isso como distante, e Karamázov só vive no momento presente. Provavelmente, considerava-o mesmo uma ficção. Mas, tendo logo compreendido, com o coração dolorido, que a dissimulação daquela mulher, sua mentira de ainda há pouco, provinham talvez do fato de que esse novo rival, longe de ser um capricho e uma ficção, representava tudo para ela, toda sua esperança na vida. Tendo compreendido isso, resignou-se. Pois bem, senhores jurados, não posso passar em silêncio esse traço inesperado no réu: de súbito apareceram a sede da verdade, a necessidade imperiosa de respeitar aquela mulher, de reconhecer os direitos de seu

coração, e isso no momento em que, por ela, acabava de tingir suas mãos no sangue de seu pai! É verdade que o sangue vertido gritava já vingança, porque, tendo perdido sua alma, destruído sua vida terrestre, devia, malgrado seu, perguntar a si mesmo naquele momento: ‘Que sou eu, que posso eu ser agora para ela, para essa criatura querida mais que tudo no mundo, em comparação com esse primeiro amante, ‘o indiscutível’, com aquele que, arrependido, volta para essa mulher seduzida outrora por ele, com um novo amor, com propostas leais e a promessa de uma vida regenerada e doravante feliz?’ Mas ele, o desgraçado, que pode ele oferecer-lhe agora? Karamázov compreendeu tudo isso e que seu crime lhe barrava a estrada, que não passava de um criminoso votado ao castigo, indigno de viver! Essa ideia o esmagou, aniquilou-o. Imediatamente, decide-se por um plano insensato que, dado o caráter, devia parecer-lhe a única saída para sua terrível situação: o suicídio. Corre a desempenhar suas pistolas em casa do funcionário Pierkhótin, e, no caminho, tira do bolso o dinheiro pelo qual acaba de manchar as mãos no sangue do pai. Oh, agora mais do que nunca tem ele necessidade de dinheiro; Karamázov vai morrer, Karamázov se mata; hão de lembrar-se disso! Não é por coisa nenhuma que somos poeta, não é por coisa nenhuma que queimamos nossa vida como uma vela, pelos dois lados. Alcançá-la é, lá, uma festa de arromba, uma festa como jamais se viu, para que fique na lembrança e dela se fale por muito tempo. No meio dos gritos selvagens, das loucas canções e das danças dos ciganos ergueremos nosso copo para felicitar a bem-amada por sua nova felicidade, depois ali, diante dela, a seus pés, estouraremos os miolos, para redimir nossas faltas. Ela se recordará de Mítia Karamázov, verá quanto a amava, lamentará Mítia! Aí temos o pitoresco, a exaltação romanesca em quantidade, reencontramos o arrebatamento selvagem e a sensualidade por Karamázov, mas há algo mais, senhores jurados, que grita na alma; impressiona o espírito sem cessar, envenena o coração até a morte; esse algo é a consciência, senhores jurados, é seu julgamento, é o remorso. Mas a pistola concilia tudo, é a única solução; quanto ao outro mundo, ignoro se Karamázov pensou então no que haveria do outro lado e se é capaz disso, como Hamlet. Não, senhores jurados, em outra parte, tem-se Hamlet, nós não temos senão Karamázov!”

Aqui, Ipolit Kirílovitch traçou um quadro detalhado dos fatos e gestos de Mítia, da cena em casa de Pierkhótin, no botequim, com os cocheiros.

Citou uma multidão de frases confirmadas por testemunhas, e o quadro se impunha à convicção dos ouvintes. Sobretudo impressionava o conjunto dos fatos. A culpabilidade daquele ser desorientado, descuidado de sua segurança, saltava aos olhos. “De que servia a prudência? — prosseguiu Ipolit Kirílovitch —; duas ou três vezes esteve ele a ponto de confessar e fez alusões (seguiram-se os depoimentos das testemunhas). Gritou mesmo ao cocheiro na estrada: ‘Sabes que conduzes um assassino?’ Mas não podia dizer tudo: era-lhe preciso, em primeiro lugar, chegar à aldeia de Mó Kroie e ali terminar o poema. Ora, que é que esperava o infeliz? O fato é que em Mó Kroie percebeu logo que seu rival ‘indiscutível’ não é irresistível e que suas felicitações a propósito da nova felicidade não são recebidas com agrado. Mas conheceis já os fatos, senhores jurados, segundo o inquérito. O triunfo de Karamázov sobre seu rival foi completo; então começa para ele uma crise terrível, a mais terrível de todas que atravessou. Pode-se reconhecer, senhores jurados, que a natureza ultrajada e o coração criminoso exercem um castigo mais rigoroso que o da justiça humana! Além disso, os castigos que ela inflige trazem um abrandamento à expiação da natureza, são mesmo necessários à alma do criminoso naqueles momentos, para salvá-la do desespero, porque posso imaginar o horror e o sofrimento de Karamázov ao saber que ela o amava, que ela repelia por causa dele o antigo amante, que o convidava a ele, Mítia, a uma vida regenerada, prometia-lhe a felicidade, e isso quando tudo está para ele acabado, quando nada mais é possível! A propósito, eis aqui, de passagem, uma observação muito importante para explicar a verdadeira situação do acusado naquele momento: aquela mulher, objeto de seu amor, permaneceu para ele até o fim, até a detenção, uma criatura inacessível, se bem que apaixonadamente desejada. Mas por que não se suicidou ele então? Por que ter abandonado esse projeto e esquecido até mesmo sua pistola? Essa sede apaixonada de amor e a esperança de estancá-la imediatamente retiveram-no. Na embriaguez da festa, está como que acorrentado à sua bem-amada, que compartilha da orgia com ele, mais sedutora do que nunca. Ele não se afasta de seu lado e, cheio de admiração, apaga-se diante dela. Esse ardor apaixonado pôde abafar até mesmo por um instante o temor da prisão e o remorso. Oh, por um instante somente! Imagino o estado d’alma do criminoso como escravizado a três elementos que o dominavam totalmente: em primeiro lugar, a embriaguez, os vapores do álcool, o barulho da dança e dos cantos, e ela, a tez

avermelhada pelas libações, cantando e dançando, sorrindo-lhe ébria também. Em seguida, o pensamento reconfortante de que o desenlace fatal está ainda afastado, de que virão prendê-lo somente no dia seguinte de manhã. Algumas horas de prazo é muito, pode-se imaginar muita coisa durante esse tempo, Suponho que terá experimentado sensação análoga à do criminoso a quem levam à forca; é preciso percorrer ainda uma longa rua, a passo, diante de milhares de espectadores, depois dobra-se outra rua, ao fim da qual somente se encontra o lugar fatal. No começo do trajeto, o condenado, em cima da carreta ignominiosa, deve imaginar que tem ainda muito tempo para viver. Mas as casas se sucedem, a carreta avança, não tem importância, está ainda longe a esquina da segunda rua. Olha ele corajosamente à direita e à esquerda aqueles milhares de curiosos indiferentes que o encaram e sempre lhe parece que é um homem igual a eles. E eis que dobram a segunda rua, mas não importa, resta um bom pedaço de caminho. Enquanto vai vendo desfilar as casas, o condenado pensará: ‘Ainda há muitas.’ E assim até o local da execução. Eis, imagino, o que experimentou Karamázov. ‘Ainda não descobriram o crime — pensa ele —, pode-se procurar alguma coisa, terei tempo de combinar um plano de defesa, de me preparar para resistir, mas, no momento, viva a alegria! Ela é tão sedutora!’ Está perturbado e inquieto, contudo consegue retirar a metade de seu dinheiro e escondê-lo. Não posso explicar a mim mesmo de outro modo o desaparecimento da metade dos três mil rublos retirados de sob o travesseiro do pai. Tendo já ido a Mókroie para fazer farra, conhece aquela velha casa de madeira, com seus alpendres e varandas. Suponho que uma parte do dinheiro foi escondida então, pouco tempo antes da detenção, numa fenda ou rachadura, sob uma tábua do parquet, num canto, debaixo do telhado. Por quê? — perguntarão. Uma catástrofe está iminente, sem dúvida não pensamos ainda em enfrentá-la, falta tempo, as têmperas nos batem, ‘ela’ nos atrai como um ímã, mas tem-se sempre necessidade de dinheiro. Em toda parte, é-se alguém com dinheiro. Tal providência, num momento semelhante, parecer-vos-á talvez estranha. Mas ele mesmo afirma ter, um mês antes, num momento também crítico, posto de lado e cosido num amuleto a metade de três mil rublos; e, se bem que seja isso certamente uma invenção, como vamos prová-lo, essa ideia é familiar a Karamázov, meditou-a. Além do mais, quando afirmava mais tarde ao juiz de instrução ter reservado 1.500 rublos num amuleto (o qual nunca existiu), imaginou isso ali na hora talvez, precisamente porque, duas

horas antes, retirara e escondera a metade da soma, em alguma parte, em Mókroie, por prevenção, até pela manhã, para não guardá-la consigo, de acordo com uma inspiração súbita. Lembrai-vos, senhores jurados, de que Karamázov pode contemplar ao mesmo tempo dois abismos. Nossas pesquisas naquela casa foram vãs, talvez o dinheiro lá ainda esteja, talvez tenha desaparecido no dia seguinte e se encontre agora de posse do acusado. Em todo caso, detiveram-no ao lado de sua amante, de joelhos diante dela que estava deitada; estendia-lhe ele os braços, esquecendo tudo o mais, a ponto de não ouvir a aproximação daqueles que iam detê-lo. Não teve tempo de preparar uma resposta e foi apanhado desprevenido.

“E agora ei-lo diante de seus juízes, diante daqueles que vão decidir de sua sorte. Senhores jurados, há, no exercício de nossas funções, momentos em que nós mesmos temos quase medo da humanidade! É quando se contempla o terror bestial do criminoso que se vê perdido, mas quer lutar ainda. É quando o instinto de conservação desperta nele de repente, quando ele fixa em nós um olhar penetrante, cheio de ansiedade e de sofrimento, quando ele escruta vosso rosto, vossos pensamentos, pergunta a si mesmo de que lado virá o ataque, imagina, num instante, no seu espírito perturbado, mil planos, mas teme falar, teme trair-se! Esses momentos humilhantes para a alma humana, esse calvário, essa avidez bestial de salvação são horríveis, fazem tremer por vezes o próprio juiz e excitam sua compaixão. E nós assistimos a esse espetáculo. A princípio aturdido, deixou ele escapar no seu terror algumas palavras das mais comprometedoras: ‘O sangue! Mereci!’ Mas logo se reteve. Não sabe ainda o que dizer, o que responder e só pode opor uma vã negativa: ‘Sou inocente da morte de meu pai!’ Eis a primeira trincheira, por trás da qual tentará construir outros trabalhos de defesa. Sem aguardar nossas perguntas, trata de explicar suas primeiras exclamações comprometedoras dizendo que se acha culpado somente da morte do velho criado Grigóri: ‘Sou culpado desse sangue, mas quem matou meu pai, senhores, quem pôde matá-lo, senão eu?’ Ouvis, ele no-lo pergunta, a nós que fomos fazer-lhe essa pergunta!” Compreendeis esta frase antecipada: “Senão eu?”, essa trapaça, essa ingenuidade, essa impaciência de Karamázov? Não fui eu quem matou, não acrediteis em nada. ‘Quis matar, senhores’, apressa-se ele em confessar (tem pressa), ‘mas estou inocente, não fui eu!’. Convém que quis matar: vede como sou sincero, apressai-vos também em crer na minha inocência. Oh! Nesses casos, o criminoso se mostra por vezes duma

irreflexão, duma credulidade incríveis. Como por acaso, o juiz de instrução lhe faz a pergunta mais ingênua: ‘Não seria Smierdiákov o assassino?’ Aconteceu o que esperávamos; zangou-se por ter sido precedido, tomado de improviso, sem que lhe deixem tempo de escolher o momento mais favorável para empurrar para a frente Smierdiákov. Seu gênio arrebatava-o logo ao extremo, afirma-nos energicamente que Smierdiákov é incapaz de assassinar. Mas não lhe deis crédito, não passa de uma astúcia, não renuncia absolutamente a acusar Smierdiákov, pelo contrário, põ-lo-á ainda em causa, já que não tem outra pessoa, porém mais tarde, porque para o momento o negócio está arruinado. Não será talvez senão no dia seguinte, ou mesmo em vários dias: ‘Vós vedes, era o primeiro a negar que foi Smierdiákov, vós vos lembrais, mas agora, estou convencido, não foi talvez senão ele!’ No momento, opõe-nos negações veementes, a impaciência e a cólera lhe sugerem a explicação mais inverossímil; olhou o pai pela janela e afastou-se respeitosamente. Ignorava ainda o alcance do depoimento de Grigóri. Procedemos ao exame detalhado de suas roupas. Essa operação exaspera-o, mas retoma coragem; só foram encontrados 1.500 rublos dos três mil. É então, nesses minutos de irritação contida, que a ideia do amuleto lhe vem pela primeira vez ao espírito. Certamente, ele próprio sente toda a inverossimilhança desse conto e tem trabalho para torná-lo mais plausível, para inventar um romance conforme à verdade. Em semelhante caso, o inquérito não deve dar ao criminoso tempo de se reconhecer, proceder por ataque brusco, a fim de que ele revele seus pensamentos íntimos na sua ingenuidade e na sua contradição. Não se pode obrigar um criminoso a falar senão comunicando-lhe de improviso, como por acaso, um fato novo, uma circunstância duma extrema importância, que permaneceu até então para ele não prevista e despercebida. Tínhamos bem pronto um fato semelhante, é o testemunho do criado Grigóri, a respeito da porta aberta por onde saiu o acusado. Tinha-a ele totalmente esquecido e não supunha que Grigóri tivesse podido notá-la. O efeito foi colossal. Karamázov ergueu-se, gritando: “Foi Smierdiákov quem matou, foi ele!”, revelando assim seu pensamento íntimo, sob a forma mais inverossímil, porque Smierdiákov não podia assassinar senão depois que Karamázov tivesse dominado Grigóri e fugido. Ao saber que Grigóri vira a porta aberta antes de cair, e ouvido, quando se levantou, Smierdiákov gemer por trás do tabique, ficou aterrorizado. Meu colaborador, o ilustre e sagaz Nikolai

Parfiénovitch, contou-me mais tarde que naquele momento sentira-se emocionado até as lágrimas. Então, para livrar-se de apuros, apressa-se o réu em contar-nos a história daquele famoso amuleto. Senhores jurados, já vos expliquei por que considero essa história do dinheiro cosido um mês antes num amuleto não somente um absurdo, mas como a invenção mais extravagante que se possa imaginar no caso particular. Mesmo apostando para saber quem faria o conto mais inverossímil, nada de pior se teria encontrado. Aqui, pode-se confundir o narrador triunfante com os detalhes, esses detalhes cuja realidade é sempre tão rica e que esses infelizes narradores involuntários desdenham sempre como supostamente inúteis e insignificantes. Trata-se bem disso, o espírito deles medita um plano grandioso e ousam objetar-lhes ninharias! Ora, está nisso o defeito da couraça. Pergunta-se ao acusado: ‘Onde arranjou o senhor o pano para seu amuleto, quem o costurou?’ — ‘Eu mesmo o costurei.’ — ‘Mas donde vem o pano?’ O acusado ofende-se logo, considera isso um detalhe quase ofensivo para ele e, acreditá-lo-íeis?, está de boa-fé! São todos semelhantes. ‘Cortei-o de minha camisa.’ — ‘Perfeito. De modo que, amanhã, encontraremos na sua roupa íntima essa camisa com um pedaço tirado.’ Pensai bem, senhores jurados, que se tivéssemos encontrado essa camisa (e como não encontrá-la na sua mala ou na sua cômoda, se ele disse a verdade?) constituiria isto já um fato tangível em favor da exatidão de suas declarações! Mas não se dá ele conta disso. — ‘Não me lembro, pode dar-se que o tenha costurado aproveitando uma touca de minha locadora.’ — ‘Que touca!’ — ‘Tirei-a de seu quarto, andava por ali, uma velharia de algodão.’ — ‘Está bem certo disso?’ — ‘Não, bem certo, não...’ E ele se zanga, no entanto. Como não se lembrar? Nos momentos mais terríveis, quando levam a gente ao suplício, são precisamente de semelhantes detalhes que nos lembramos. O condenado esquecerá tudo, mas um teto verde avistado no caminho ou uma gralha sobre uma cruz voltar-lhe-á à memória. Ao costurar seu amuleto, ocultava-se das pessoas da casa, deveria lembrar-se desse medo humilhante de ser surpreendido de agulha na mão, e como, ao primeiro alerta, correu para trás do tabique (há um em seu quarto)... Mas, senhores jurados, por que comunicar-vos todos esses detalhes!? — exclamou Ipolit Kirílovitch. — É porque o réu mantém obstinadamente até hoje essa versão absurda! Durante esses dois meses, desde aquela noite fatídica, nada explicou nem acrescentou um fato probante às suas precedentes declarações fantásticas. São ninharias, diz

ele, e vós deveis acreditar na minha palavra de honra! Oh! Seríamos felizes em acreditar, desejá-lo-íamos ardentemente, ainda que seja só pela honra! Somos chacais, sedentos de sangue humano? Indicai-nos um só fato em favor do réu, e nós nos regozijaremos, mas um fato tangível, real, e não as deduções de seu irmão, baseadas na expressão de seu rosto, ou a hipótese de que, batendo no peito, no escuro, devia necessariamente designar o amuleto. Nós nos regozijaremos com esse acontecimento novo, seremos os primeiros a abandonar a acusação. Agora, a justiça reclama, e nós acusamos, sem nada suprimir às nossas conclusões.”

Depois, Ipolit Kirílovitch chegou à peroração. Tinha febre; com uma voz vibrante evocou o sangue vertido, o pai morto por seu filho “pela vil intenção de roubá-lo”. Insistiu na concordância trágica e flagrante dos fatos. “E seja o que for que possa dizer-vos o defensor célebre do réu, malgrado a eloquência patética que fará apelo à vossa sensibilidade, não esqueçais que estais no santuário da justiça. Lembrai-vos de que sois os defensores do direito, o baluarte de nossa santa Rússia, dos princípios, da família, de tudo quanto lhe é sagrado. Sim, vós representais a Rússia neste momento e não somente neste recinto repercutirá vosso veredicto: toda a Rússia vos escuta, a vós, seus sustentáculos e seus juízes, e ficará reconfortada ou consternada pela sentença que ides proferir. Não enganeis sua expectativa, nossa fatal troica corre a toda a brida, talvez para o abismo. Há muito tempo, muitos russos elevam os braços, quereriam deter essa corrida insensata. E se outros povos se afastam ainda da troica em disparada, não é talvez por respeito, como imaginava o poeta; é talvez por horror, por desgosto, notai-o bem. E ainda é bom que se afastem, porque poderiam muito bem erguer um muro sólido diante desse fantasma e porem eles próprios um freio ao desencadeamento de nossa licença, para preservar a si mesmos e à civilização. Essas vozes de alarme começam a repercutir na Europa, já as ouvimos. Guardai-vos de tentá-las, de alimentar seu ódio crescente com um veredicto que absolveria o parricida!”

Em suma, Ipolit Kirílovitch, que se deixara arrebatado, acabou duma maneira patética e produziu grande efeito. Apressou-se em sair e quase desmaiou na peça contígua. O público não aplaudiu, mas as pessoas sérias estavam satisfeitas. As damas estavam-no menos, contudo a eloquência dele também lhes agradou, tanto mais que não lhes temiam as consequências e contavam bastante com Fietiukóvitch: “Ele vai afinal tomar a palavra, e, decerto, triunfar!” Mítia atraía os olhares; durante a

acusação, permanecera silencioso; de dentes cerrados, olhos baixos. Uma vez ou outra, erguia a cabeça e prestava atenção, sobretudo quando se tratou de Grúchenka. Quando o procurador citou a opinião de Rakítin sobre ela, Mítia teve um sorriso desdenhoso e proferiu bastante distintamente: “Bernard!” Quando Ipolit Kirílovitch contou como o havia atormentado por ocasião do interrogatório em Mókroie, Mítia levantou a cabeça, escutou com intensa curiosidade. Num dado momento, pareceu querer levantar-se, gritar qualquer coisa, mas conteve-se e contentou-se com erguer desdenhosamente os ombros. As proezas do procurador em Mókroie desenfreadam mais tarde os falatórios e zombaram de Ipolit Kirílovitch: “Não pôde ele impedir-se de gabar suas capacidades.” A audiência foi suspensa por um quarto de hora, vinte minutos. Tomei nota de certas opiniões expostas em público:

— Um discurso sério! — observou, franzindo os supercílios, um senhor num grupo.

— Meteu-se na psicologia — disse outra voz.

— Tudo isso é rigorosamente verdadeiro.

— Sim, revelou-se um mestre.

— Fez o balanço completo.

— Nós também tivemos a nossa conta — acrescentou uma terceira voz. — No começo, lembram-se?, quando disse ele que todos eram como Fiódor Pávlovitch.

— E no fim também. Mas isso não é verdade.

— Deixou-se arrebatado um pouco!

— É injusto, injusto.

— Mas não, foi hábil. Esperou muito tempo sua hora: falou afinal! Eh!, eh!

— Que irá dizer o defensor?

Num outro grupo:

— Não teve razão em atacar o peterburguês “fazendo apelo à sensibilidade”, lembram-se?

— Sim, cometeu uma rata.

— Foi demasiado longe.

— Um homem nervoso.

— Estamos aqui a rir, mas como se sentirá o réu?

— Sim, como se sente Mítia?

— Que irá dizer o defensor?

Num terceiro grupo:

— Quem é aquela senhora obesa, com uma luneta, sentada na extremidade?

— É a esposa divorciada dum general. Conheço-a.

— Por isso usa uma luneta.

— Um velho quadro.

— Mas não, é picante.

— Dois lugares mais adiante está uma lourinha, aquela é melhor.

— Procederam com muita habilidade em Mókroie, não foi?

— Decerto. Voltou a falar disso. Como se não o tivesse feito bastante na sociedade!

— Não pôde conter-se. O amor-próprio.

— Um preterido, eh!, eh!, eh!.

— E suscetível. Muita retórica, frases grandiloquentes.

— Sim, e notem que ele quer causar medo. Lembram-se da troica? “em outra parte tem-se Hamlet, e nós não temos senão Karamázov!” Isso não está mal.

— Isso é endereçado aos liberais. Tem medo.

— Tem medo também do advogado.

— Sim, que irá dizer o senhor Fietiukóvitch?

— Pois bem! Diga o que disser, não convencerá nossos mujiques.

— Acredita que não?

Num quarto grupo:

— O que disse da troica está bem, principalmente quando fala dos povos.

— E é verdade, lembras-te?, quando disse que os povos não esperariam.

— Como assim?

— Na semana passada, um membro do Parlamento inglês interpelou o ministro a respeito dos niilistas e perguntou: “Não seria tempo de ocuparem essa nação bárbara para educá-la?” Foi a ele que Ipolit Kirílovitch fez alusão, eu o sei. Falou disso a semana passada.

— Não têm o braço tão longo assim.

— Por que não bastante longo?

— Basta que fechemos Cronstadt¹¹¹ e não lhes forneçamos trigo. Onde o arranjarão?

— Mas há agora na América.

— Não é verdade.

Mas a sineta fez-se ouvir. Cada qual se precipitou para seu lugar.

Fietiukóvitch tomou a palavra.

X

A DEFESA. UMA ARMA DE DOIS GUMES

Ficou tudo em silêncio às primeiras palavras do célebre advogado. A sala inteira tinha os olhos fixos nele. Começou com uma simplicidade persuasiva, mas sem a menor jactância. Nenhuma pretensão à eloquência e ao patético. Era um homem que conversava na intimidade de um círculo de amigos. Tinha uma bela voz, forte, agradável, em que ressonava algo de sincero, de simples. Mas cada qual sentiu logo que o orador podia elevar-se ao verdadeiro patético, “e tocar os corações com uma força desconhecida”. Expressava-se talvez menos corretamente que Ipolit Kirílovitch, mas sem longas frases e com mais precisão. Uma coisa desagradou às senhoras: curvava-se, sobretudo no começo, não para saudar, mas como para lançar-se na direção de seu auditório; dir-se-ia que seu longo dorso estava provido no meio de uma charneira e capaz de formar quase um ângulo reto. No início, falou como que desalinhadamente, sem método, escolhendo os fatos ao acaso, para deles formar afinal um todo completo. Ter-se-ia podido dividir seu discurso em duas partes, a primeira constituindo uma crítica, uma refutação da acusação, por vezes mordaz e sarcástica. Mas na segunda, mudou de tom e de processos, elevou-se de súbito até o patético; a sala parecia esperar por isso e freuiu de entusiasmo. Abordou diretamente o caso, declarando que, muito embora sua atividade se desenrolasse em Petersburgo, ia muitas vezes à província defender acusados cuja inocência lhe parecia certa ou provável. “Aconteceu-me a mesma coisa desta vez — explicou. — Bastou-me a leitura dos jornais no começo, para que eu notasse algo de impressionante em favor do acusado. Meu interesse foi despertado por um

fato bastante frequente na prática judiciária, mas que não se observa nunca, creio, em tal grau e com particularidades tão características como no presente processo. Deveria mencionar esse fato somente na minha peroração, mas formularei meu pensamento desde o começo, tendo a fraqueza de abordar o assunto diretamente, sem mascarar os efeitos nem poupar as impressões. Será talvez imprudente de minha parte, mas é sincero. Esse pensamento se formula da seguinte maneira: uma concordância esmagadora de fatos contra o réu e, ao mesmo tempo, nem um fato que suporte a crítica, se examinado isoladamente. Os boatos e os jornais tinham-me confirmado sempre mais nessa ideia, quando recebi de repente dos parentes do acusado a proposta para defendê-lo. Aceitei com entusiasmo e acabei de convencer-me aqui. Foi afinal para destruir essa funesta concordância dos fatos, de demonstrar a inanidade de cada uma das acusações considerada isoladamente, que aceitei defender esta causa.”

Depois desse exórdio o defensor prosseguiu:

“Senhores jurados, sou aqui um forasteiro, acessível a todas as impressões, sem partido preconcebido. O acusado, de caráter violento, de paixões desenfreadas, não me ofendeu anteriormente, como aconteceu a numerosas pessoas desta cidade, o que explica muitas das prevenções contra ele. Decerto, convenho que a opinião pública está indignada contra ele com razão: o réu é violento, incorrigível. Era, no entanto, recebido em toda parte; acolhiam-no mesmo festivamente na família de meu eminente contraditor. (*N.B.* Houve aqui entre o público algumas risadas, aliás logo reprimidas. Cada um sabia que o procurador recebia Mítia em sua casa contra sua vontade, unicamente porque se interessava por ele sua mulher, senhora das mais respeitáveis, porém extravagante e que gostava de teimar contra o marido, sobretudo em detalhes. De resto, Mítia ia bastante raramente à casa deles.) Não obstante, ousou admitir — prosseguiu o defensor — que, mesmo um espírito bastante independente e um caráter tão justo como meu contraditor tenha podido conceber contra meu constituinte certa prevenção errônea. Oh! É tão natural, o infeliz bem que o mereceu. O senso moral e sobretudo o senso estético são por vezes inexoráveis. Decerto, a eloquente acusação nos apresentou uma análise rigorosa do caráter e dos atos do acusado, um ponto de vista estritamente crítico; testemunha profundeza psicológica, quanto à essência do caso, que não poderia ter sido atingida se o animasse apenas um preconceito contra a personalidade do réu. Mas há coisas piores e mais funestas, em semelhante

caso, que um preconceito hostil. Acontece, por exemplo, quando somos obcecados por uma necessidade de criação artística, de invenção romanesca, sobretudo com os ricos dons psicológicos que são nosso apanágio. Ainda em Petersburgo, tinham-me prevenido, aliás eu mesmo o sabia, que teria aqui como adversário um psicólogo profundo e sutil, que se assinalou desde muito tempo por essa qualidade no mundo judiciário. Mas a psicologia, senhores, embora sendo uma ciência notável, assemelha-se a uma arma de dois gumes. Eis aqui um exemplo tomado ao acaso na acusação. O réu, de noite, no jardim, ao fugir, escala a paliçada, derruba com uma pancada de pilão o criado Grigóri, que o agarrou pela perna. Logo depois, salta em terra, e, durante cinco minutos, fica ao lado de sua vítima para saber se a matou ou não. O acusador não quer por coisa alguma no mundo acreditar na sinceridade do acusado que afirma ter agido por um sentimento de compaixão. ‘Tal sensibilidade será possível em tal momento? Não é natural; o que ele quis precisamente foi assegurar-se de que a única testemunha de seu crime vivia ainda, provando assim que ele o havia cometido, porque não podia saltar dentro do jardim por outro motivo.’ Eis a psicologia, apliquemo-la por nossa vez ao caso, mas pela outra extremidade, e será também perfeitamente verossímil. O assassino salta em terra por prudência, para assegurar-se de que a testemunha vive ainda e, no entanto, acaba de deixar no escritório de seu pai, segundo o testemunho do próprio acusador, uma prova esmagadora, o envelope rasgado cujo sobrescrito indicava que continha ele três mil rublos. ‘Se ele tivesse levado o envelope, ninguém no mundo teria sabido da existência desse dinheiro e, por conseguinte, do roubo, cometido pelo réu.’ São os próprios termos da acusação. Mas admitamos a coisa; eis bem aqui a sutileza da psicologia, que me atribui em tais circunstâncias a ferocidade e a vigilância da águia, e, um instante depois, a timidez e a cegueira da toupeira! Mas se levo a crueldade e o cálculo a ponto de tornar a descer, unicamente para ver se a testemunha de meu crime vive ainda, por que ficar, solícito, cinco minutos junto daquela nova vítima, correndo o risco de atrair novas testemunhas? Por que estancar com meu lenço o sangue que corre do ferimento, para que esse lenço sirva em seguida de peça de convicção? Nesse caso, não teria valido mais acabar a golpes de pilão aquela testemunha incômoda? Ao mesmo tempo, deixa no local outra testemunha, o pilão, de que se apoderou na casa das duas mulheres que poderão sempre reconhecê-lo, atestar que o retirou da casa delas. E não o

deixou cair na alameda, esquecido por distração, em seu afobamento; não, atiramos fora nossa arma, encontrada a 15 passos do local onde Grigóri tombou golpeado. Por que agir assim? — perguntarão. Foi o remorso de ter assassinado o velho criado, foi ele que nos fez atirar fora com uma maldição o instrumento fatal, não há outra explicação. Se podia sentir remorsos desse assassinato, foi certamente porque estava inocente do de seu pai. Um parricida, longe de se aproximar da vítima por compaixão, só teria pensado em salvar a pele. Pelo contrário, repito-o, em lugar de ir atendê-la, teria acabado de arrebentar-lhe o crânio. A piedade e os bons sentimentos supõem, previamente, uma consciência pura. Eis outra espécie de psicologia. É de propósito, senhores jurados, que recorro também eu à psicologia para demonstrar claramente que dela se pode tirar não importa o quê. Tudo depende daquele que opera. Quero falar dos excessos da psicologia, senhores jurados, do abuso que dela se faz.”

Aqui se ouviram de novo, entre o público, risos aprovadores. Não reproduzirei por inteiro a defesa, limitando-me a citar-lhe as passagens essenciais.

XI

NEM DINHEIRO NEM ROUBO

Houve uma passagem da defesa que surpreendeu todo mundo: foi a negativa formal da existência daqueles três mil rublos fatais e, por consequência, da possibilidade de um roubo.

“Senhores jurados, o que impressiona neste processo, a qualquer espírito não prevenido, é uma particularidade das mais características: a acusação de roubo e, ao mesmo tempo, a impossibilidade completa de indicar materialmente o que foi roubado. Pretende-se que três mil rublos desapareceram, mas ninguém sabe se existiram realmente. Julgai: em primeiro lugar, como viemos a saber da existência desses três mil rublos e quem os viu? Somente o criado Smierdiákov, que declarou que se encontravam eles num envelope subscrito. Falou disso antes do drama ao acusado e a seu irmão, Ivan Fiódorovitch. A senhora Svietlova foi também informada. Mas essas três pessoas não viram o dinheiro e uma

questão surge: se verdadeiramente ele existiu e Smierdiákov o viu, quando foi que o viu a derradeira vez? E se seu amo tivesse retirado esse dinheiro da cama para tornar a guardá-lo no cofre, sem lhe dizer? Notai que, segundo Smierdiákov, estava ele oculto debaixo do colchão; o acusado deve tê-lo arrancado dali; ora, o leito estava intacto, como está provado nos autos. Como pode ser isso, e, sobretudo, por que os lençóis finos colocados expressamente naquela noite não ficaram manchados pelas mãos ensanguentadas do réu? Mas, dir-se-á, e o envelope rasgado sobre o soalho? Vale a pena falar disso. Ainda há pouco, fiquei um tanto surpreso por ouvir o próprio eminente acusador dizer a esse respeito, quando assinalava o absurdo da hipótese de ser Smierdiákov o assassino: ‘Sem esse envelope, se ele não tivesse ficado no chão como uma prova e o ladrão o tivesse levado, ninguém no mundo teria sabido de sua existência e de seu conteúdo e, por conseguinte, do roubo cometido pelo acusado.’ Assim, pela própria confissão da acusação, é unicamente esse pedaço de papel rasgado, munido dum sobrescrito, que serve para culpar de roubo o réu, senão, ninguém teria sabido que houvera roubo e, talvez, que o dinheiro existisse. Ora, o simples fato de achar-se no chão esse pedaço de papel basta para provar que continha dinheiro e que o roubaram? Mas, objeta-se, Smierdiákov viu-o no envelope. Quando o viu pela última vez? Eis o que eu pergunto. Conversei com Smierdiákov, disse-me tê-lo visto dois dias antes do drama! Mas por que não supor, por exemplo, que o velho Fiódor Pávlovitch, trancado em seu quarto, na febril expectativa de sua bem-amada, teria, à toa, tirado e rasgado o envelope? ‘Ela talvez não me acredite, mas, quando eu lhe mostrar um maço de trinta cédulas, isso causará mais efeito, a água lhe virá à boca’ — e rasga o envelope, retira dele o dinheiro e atira-o no chão, sem temer naturalmente comprometer-se. Senhores jurados, não vale esta hipótese o mesmo que a outra? Que há nela de impossível? Mas, neste caso a acusação de roubo cai por si mesma; não havendo dinheiro, não há roubo. Pretende-se que o envelope encontrado no chão prova a existência do dinheiro; não posso eu sustentar o contrário e dizer que ele estava caído vazio no soalho precisamente porque aquele dinheiro tinha sido dele retirado previamente pelo próprio dono? ‘Mas neste caso, onde foi parar o dinheiro, não o encontraram por ocasião da busca?’ Em primeiro lugar, encontraram uma parte no seu cofrezinho; depois pôde ele retirá-lo de manhã ou mesmo na véspera, dispor dele, enviá-lo, mudar afinal completamente de ideia, sem julgar

necessário dar disso parte a Smierdiákov. Ora, se esta hipótese é um tanto pouco verossímil, como se pode inculpar tão categoricamente o réu de assassinato seguido de roubo? Entramos assim no domínio da novela. Para sustentar que uma coisa foi roubada, é preciso designar essa coisa ou, pelo menos, provar irrefutavelmente que ela existiu. Ora, ninguém nem mesmo a viu. Recentemente, em Petersburgo, um rapaz de 18 anos, comerciante ambulante, entrou em pleno dia na casa de um cambista e o matou a golpes de machado com uma audácia extraordinária, levando 1.500 rublos. Foi preso cinco horas depois; encontrou-se em seu poder a soma inteira, menos 15 rublos já gastos. Além disso, o caixeiro da vítima, que se havia ausentado, indicou à polícia não só o montante do roubo, mas o valor e o número das cédulas e das moedas de ouro de que se compunha a soma. Foi tudo encontrado de posse do assassino, que fez aliás confissões completas. Eis, senhores jurados, o que chamo eu uma prova! O dinheiro está ali, pode-se tocá-lo, impossível negar-lhe a existência. Dá-se o mesmo no caso que nos ocupa? No entanto, a sorte de um homem está em jogo. ‘Pois seja — dir-se-á —, mas ele foi farrear naquela mesma noite e esbanjou dinheiro, e donde provêm os 1.500 rublos que foram encontrados em seu poder?’ Mas precisamente o fato de só terem encontrado 1.500 rublos, a metade da soma, prova que esse dinheiro não provinha talvez de modo algum do envelope. Calculando rigorosamente o tempo, estabeleceu o inquérito que o acusado, depois de ter visto as criadas, se dirigiu diretamente à casa do funcionário Pierkhótin, pois não ficou só um instante, não tendo podido, pois, ocultar na cidade a metade dos três mil rublos. A acusação se baseia nisso para supor que o dinheiro está oculto em alguma parte na aldeia de Mókroie. Por que não nos subterrâneos do castelo de Udolfo,¹¹² senhores? Não é isso uma suposição fantástica e romanesca? E notai, basta afastar essa hipótese para que a acusação de roubo venha abaixo, porque que fim tiveram esses 1.500 rublos? Por meio de qual prodígio puderam desaparecer, se está demonstrado que o réu não foi a parte alguma? E é com semelhantes novelas que estamos prestes a destruir uma vida humana? No entanto, dir-se-á, não soube ele explicar a proveniência do dinheiro encontrado em seu poder, aliás, cada qual sabe que ele não o tinha antes. Mas quem o sabia? O acusado explicou claramente donde provinha o dinheiro e, se quiserdes, senhores jurados, essa explicação é das mais verossímeis e concorda completamente com o caráter do réu. A acusação atém-se à própria novela: um homem de

vontade fraca, tendo aceito três mil rublos de sua noiva em condições humilhantes, não pôde, dizem, retirar a metade e guardá-la num amuleto; pelo contrário, supondo-se que o houvesse feito, tê-lo-ia descosido cada dois dias para dele retirar cem rublos e nada teria restado ao fim de um mês. Deveis lembrar-vos de que tudo isso foi declarado num tom que não sofria objeção. Mas se as coisas se tivessem passado de outro modo e tivésseis criado outro personagem? Foi bem o que aconteceu. Objetar-se-á talvez: ‘Testemunhas atestam que ele gastou de uma vez, na aldeia de Mó Kroie, os três mil rublos emprestados pela senhorita Vierkhóvtseva, por conseguinte, não pôde retirar-lhes a metade.’ Mas quais são essas testemunhas? Já se viu o crédito que merecem. Além do mais, um bolo na mão de outrem parece sempre maior. Nenhuma dessas testemunhas contou as cédulas, todas as avaliariam de relance de olho. A testemunha Maksímov chegou a declarar que o réu tinha vinte mil rublos. Vede, senhores jurados, como a psicologia serve a duplo fim. Permitti-me aplicar aqui a contrapartida. Veremos o que resultará disso.

“Um mês antes do drama, três mil rublos foram confiados ao acusado pela senhorita Vierkhóvtseva, para enviá-los pelo correio, mas pode-se perguntar se foi em condições tão humilhantes como se proclamou ainda há pouco. O primeiro depoimento da senhorita Vierkhóvtseva a esse respeito era bem diferente, o segundo transpirava cólera, vingança, um ódio muito tempo dissimulado. Mas o simples fato de não ter a testemunha dito a verdade, por ocasião de sua primeira versão, dá-nos o direito de concluir que o mesmo aconteceu na segunda. A acusação respeitou essa novela, imitarei sua reserva. Todavia, permitir-me-ei observar que, se uma pessoa tão pura e tão respeitável como a senhorita Vierkhóvtseva se permite na audiência mudar de repente seu depoimento, no fim evidente de prejudicar o acusado, é também evidente que suas declarações estão maculadas de parcialidade. Negar-se-nos-ia o direito de concluir que uma mulher ávida de vingança pôde exagerar muitas coisas? Notadamente as condições humilhantes em que o dinheiro foi oferecido. Pelo contrário, esse oferecimento deve ter sido feito duma maneira aceitável, sobretudo para um homem tão leviano quanto nosso constituinte, que contava, aliás, receber em breve do pai os três mil rublos devidos pelo acerto de contas. Era aleatório, mas sua leviandade mesma o persuadia de que iria obter satisfação e poderia, por conseguinte, desonerar-se de sua dívida para com a senhorita Vierkhóvtseva. Mas a

acusação repele absolutamente a versão do amuleto: ‘Esses sentimentos são incompatíveis com seu caráter.’ No entanto, falastes vós mesmos dos dois abismos que Karamázov pode contemplar ao mesmo tempo. Com efeito, sua natureza bifronte é capaz de deter-se no meio da devassidão mais desenfreada, se sofre uma outra influência. A outra influência é o amor, esse novo amor que se inflamou nele como a pólvora, e para a qual é preciso dinheiro, mais ainda que para fazer a farra com aquela mesma bem-amada. Se ela lhe disser ‘Sou tua, não quero Fiódor Pávlovitch’, ele a agarrará, levá-la-á para longe, com a condição de ter os meios para isso. Isso se passa antes do bródio. Karamázov não se pode dar conta disso? Eis o que o atormentava; que há de inverossímil no ter ele reservado esse dinheiro para o que desse e viesse? Mas o tempo passa, Fiódor Pávlovitch não dá ao acusado os três mil rublos, pelo contrário, corre o boato de que os destina precisamente para seduzir sua bem-amada. ‘Se Fiódor Pávlovitch não me der nada — pensa ele —, passarei por um ladrão aos olhos de Katierina Ivânovna.’ Assim nasce a ideia de ir depositar diante de Katierina Ivânovna aqueles 1.500 rublos que continua a trazer consigo, no amuleto, dizendo: ‘Sou um miserável, mas não um ladrão.’ Eis, pois, uma dupla razão para conservar aquele dinheiro como a menina de seus olhos, em lugar de descoser o amuleto e dele retirar uma cédula após outra. Por que recusar ao acusado o sentimento da honra? Existe nele esse sentimento, mal compreendido talvez, muitas vezes errôneo, seja, mas real, levado até a paixão, provou-o ele. Mas a situação se complica, as torturas do ciúme atingem seu paroxismo, essas duas questões, sempre as mesmas, obsedam cada vez mais o cérebro enfebrecido do acusado: ‘Se eu reembolsar Katierina Ivânovna com que dinheiro levarei Grúchenhka?’ Se se embriagou, praticou loucuras e barulho nos botequins durante todo aquele mês, foi talvez precisamente porque estava cheio de amargura e sem força para suportar aquele estado de coisas. Essas duas questões tornaram-se finalmente tão irritantes que o reduziram ao desespero. Mandara seu irmão mais moço pedir uma derradeira vez aqueles três mil rublos ao pai, mas, sem esperar a resposta, irrompeu em casa do velho e bateu-lhe diante de testemunhas. Depois disso, nada mais tinha a esperar. Naquela mesma noite, bate no alto do peito, precisamente no lugar daquele amuleto, e jura ao irmão que tem um meio de apagar sua vergonha, mas que o manterá, porque se sente incapaz de recorrer a esse meio, sendo de caráter demasiado fraco. Por que recusa a acusação acreditar no

depoimento de Alieksiêi Karamázov, tão sincero, tão espontâneo e plausível? Por que, ao contrário, impor a versão do dinheiro escondido numa fenda, nos subterrâneos do castelo de Udolfo? Na mesma noite da conversa com seu irmão, escreveu o acusado aquela carta fatal, base principal da inculpação de roubo. ‘Pedirei dinheiro a todo mundo, e, se me recusarem, matarei meu pai e tirarei o dinheiro de sob o colchão, no envelope amarrado com uma fita cor-de-rosa, contanto que Ivan parta.’ Eis o programa completo do assassinato. Como não seria ele? ‘Tudo se passou como ele o havia escrito!’, exclama a acusação. Mas, em primeiro lugar, é uma carta de bêbedo: escrita sob o império duma extrema irritação; em seguida, não fala do envelope senão por informação de Smierdiákov, sem tê-lo ele próprio visto; em terceiro, se bem que a carta exista, como provar que os fatos a ela correspondem? Encontrou o réu o envelope sob o travesseiro? Continha ele dinheiro mesmo? Aliás, era atrás do dinheiro que corria o acusado, lembrai-vos? Não correu como um louco para roubar, mas somente para saber onde estava aquela mulher que o fizera perder a cabeça, por conseguinte não de acordo com um plano, para um roubo premeditado, mas de improviso, num acesso de ciúme furioso! ‘Sim, mas depois do crime, apoderou-se do dinheiro.’ Finalmente, matou, sim ou não? Repilo com indignação a acusação de roubo; só será possível se se indicar exatamente o objeto do roubo, é um axioma! Mas está demonstrado que ele matou, mesmo sem roubar. Não seria isso também uma novela?

XII

NÃO HOUE ASSASSINATO

“Não vos esqueçais, senhores jurados, de que se trata da vida de um homem. A prudência se impõe. Até o presente, a acusação hesitava em admitir a premeditação. Foi preciso para convencê-la aquela fatal carta de bêbedo, apresentada hoje ao tribunal. ‘Isso se passou, como ele o havia escrito.’ Mas, repito-o, o acusado não correu à casa de seu pai senão para procurar sua amiga, saber onde ela estava. É um fato irrecusável. Se a tivesse encontrado em sua casa, longe de executar suas ameaças, não teria

ido a parte alguma. Foi por acaso, de improviso, talvez sem se recordar de sua carta. ‘Mas apoderou-se de um pilão’, o qual, haveis de lembrar-vos, deu margem a considerações psicológicas. No entanto, vem-me ao espírito uma ideia bem simples: se esse pilão, em lugar de encontrar-se a seu alcance, estivesse no armário, o acusado, não o vendo, teria partido sem arma, de mãos vazias, e não teria talvez matado ninguém. Como se pode concluir desse incidente a premeditação? Sim, mas proferiu nos botequins ameaças de morte contra o pai, e, dois dias antes, na noite em que foi escrita essa carta de bêbedo, estava calmo e brigou somente com um caixeiro, ‘porque Karamázov não podia fazer de outro modo’. A isso, responderei que, se tivesse ele meditado em tal crime, segundo um plano traçado, teria certamente evitado essa briga e não teria talvez ido ao botequim, porque, em semelhante caso, a alma busca a calma e o isolamento, esforça-se por subtrair-se à atenção: ‘esquecei-me, se puderdes’, e isso não por cálculo somente, mas por instinto. Senhores jurados, a psicologia tem duplo fim e nós sabemos também compreendê-la. Quanto a essas ameaças vociferadas durante um mês nos botequins, ouvem-se muitos meninos disputar-se ou bêbedos brigar, ao sair do botequim, ‘eu te matarei’, mas isso não vai muito longe. E essa carta fatal, não foi também o produto da embriaguez e da cólera, o grito do bêbedo que ameaçava praticar uma desgraça? Por que não? Por que essa carta é fatal, em lugar de ser ridícula? Porque foi encontrado assassinado o pai do réu, porque uma testemunha viu no jardim o acusado armado que fugia e foi ela mesma por ele abatida, por conseguinte tudo se passou como ele o havia escrito, eis por que essa carta não é ridícula, mas fatal. Deus seja louvado, eis-nos chegados ao ponto crítico. ‘Uma vez que estava no jardim, matou, pois.’ Toda a acusação se atém a estas palavras ‘uma vez que’ e ‘pois’. E se este ‘pois’ não tivesse fundamento, malgrado as aparências? Oh! Convenho que a concordância dos fatos, as coincidências, são bastante eloquentes. No entanto, considerai todos esses fatos isoladamente, sem vos deixar impressionar por seu conjunto; por que, por exemplo, recusa a acusação absolutamente acreditar na veracidade do réu, quando declara ele ter-se afastado da janela de seu pai? Lembrai-vos dos sarcasmos a respeito da deferência e dos sentimentos piedosos que o assassino teria de súbito experimentado. E se tivesse havido verdadeiramente aqui algo de semelhante, um sentimento de piedade, senão de deferência? ‘Sem dúvida, minha mãe rezava por mim então’,

declara o réu no inquérito, e fugiu assim que verificou que a senhora Svietlova não estava em casa de seu pai. ‘Mas não podia verificá-lo pela janela’, objeta-nos a acusação. Por que não? A janela abriu-se aos sinais feitos pelo acusado. Fiódor Pávlovitch pôde pronunciar uma palavra, deixar escapar um grito, revelando a ausência da senhora Svietlova. Por que ater-se absolutamente a uma hipótese surgida de nossa imaginação? Na realidade, há mil possibilidades escapando à observação do romancista mais sutil. ‘Sim, mas Grigóri viu a porta aberta; por conseguinte, o acusado entrou certamente na casa, matou, pois.’ Quanto a essa porta, senhores jurados... Vede, não temos aqui senão o único testemunho de um indivíduo que se achava, aliás, num tal estado que... Mas seja, a porta estava aberta, admitamos que as negativas do acusado sejam uma mentira, ditada por um sentimento de defesa bem natural, admitamos que ele haja penetrado na casa. Então, por que se quer que ele haja matado se entrou? Pôde ter entrado, percorrido os quartos, pôde empurrar o pai para um lado, bater-lhe mesmo, mas, depois de ter verificado a ausência da senhora Svietlova, fugiu, feliz por não tê-la encontrado e ter-se poupado um crime. Eis justamente por que, um momento depois, tornou a descer para ir em socorro de Grigóri, vítima de seu furor; foi porque era suscetível de experimentar um sentimento de piedade e de compaixão, porque escapara à tentação, porque sentia a alegria de um coração puro. Com uma eloquência impressionante, a acusação nos descreve o estado de espírito do acusado na aldeia de Mókroie, quando o amor lhe apareceu de novo, chamando-o a uma vida nova, quando não lhe era possível amar tendo atrás de si o cadáver ensanguentado de seu pai e, em perspectiva, o castigo. No entanto, o Ministério Público admitiu o amor, explicando-o à sua maneira: ‘A ebriedade, a trégua de que se beneficiava o criminoso etc.’ Mas não criastes um novo personagem, senhor procurador, pergunto-vos novamente? O acusado é grosseiro e sem coração a ponto de ter podido, num momento semelhante, pensar no amor e nos subterfúgios de sua defesa, tendo na verdade sobre a consciência o sangue de seu pai? Não, mil vezes não! Logo depois de ter descoberto que ela o ama, chama-o, promete-lhe a felicidade, estou persuadido de que teria ele experimentado uma necessidade imperiosa de suicidar-se e ter-se-ia tirado a vida, se tivesse tido atrás de si o cadáver de seu pai. Oh, não, decerto não teria esquecido onde se encontravam suas pistolas! Conheço o acusado; a brutal insensibilidade que lhe atribuem é incompatível com seu caráter. Ter-se-ia

matado, é certo, e não o fez precisamente porque ‘sua mãe rezava por ele’, e porque não havia vertido o sangue do pai. Durante aquela noite passada em Mókroie, atormentou-se somente por causa do velho que abatera, suplicando a Deus que o reanimasse para que pudesse escapar à morte e ele próprio ao castigo. Por que não admitir essa versão? Que prova decisiva temos nós de que o acusado mente? Mas irão de novo opor-nos o cadáver de seu pai! Ele fugiu sem matar, então quem é o assassino?

“Repito que é essa toda a lógica da acusação: quem matou, senão ele? Não há ninguém para pôr em seu lugar. Senhores jurados, será bem isso? É bem verdade que não se encontra ninguém mais? A acusação enumerou todos aqueles que estavam na casa ou a ela foram naquela noite. Encontraram-se cinco pessoas. Três dentre elas, convenho, estão inteiramente fora de causa: a vítima, o velho Grigóri e a mulher. Restam, pois, Karamázov e Smierdiákov. O senhor procurador exclama pateticamente que o acusado só designa Smierdiákov em desespero de causa, que se houvesse uma sexta pessoa, ou mesmo sua sombra, o acusado, tomado de vergonha, apressar-se-ia em denunciá-la. Mas, senhores jurados, por que não fazer o raciocínio inverso? Há dois indivíduos em presença: o acusado e Smierdiákov, não posso eu dizer que só se acusa meu constituinte em desespero de causa? E isso unicamente porque, por prevenção, excluiu-se de antemão de toda suspeita Smierdiákov. Na verdade, Smierdiákov só é designado pelo réu, por seus dois irmãos e pela senhora Svietlova. Mas há outros testemunhos: é a emoção confusa suscitada na sociedade por certa suspeita, percebe-se um vago rumor, sente-se uma espécie de expectativa. Enfim, prova disso é a conexão dos fatos, característica mesmo em sua impressão; em primeiro lugar, aquela crise de epilepsia sobrevinha precisamente no dia do drama, crise que a acusação teve de defender e de justificar o melhor que pôde. Depois esse repentino suicídio de Smierdiákov na véspera do julgamento. Em seguida, o depoimento não menos inopinado, em plenário, do irmão do acusado, que havia crido até então em sua culpabilidade e traz de repente o dinheiro declarando que Smierdiákov é o assassino. Oh! Estou persuadido, tanto como o Ministério Público, de que Ivan Fiódorovitch está com febre nervosa, de que seu depoimento tenha podido ser uma tentativa desesperada, concebida no delírio, para salvar seu irmão, acusando o defunto. Não obstante, o nome de Smierdiákov foi pronunciado, tem-se de novo a impressão de um enigma. Dir-se-ia, senhores jurados, que há aqui

algo de inexprimido, de inacabado. Talvez a luz se faça. Mas não antecipemos. O tribunal decidiu ainda há pouco prosseguir nos debates. Eu poderia, enquanto espero, apresentar algumas observações a respeito do caráter de Smierdiákov, traçado com um talento tão sutil pela acusação. Embora admirando-o, não posso subscrever seus traços essenciais. Estive com Smierdiákov, falei-lhe, causou-me uma impressão bem diversa. Era fraco de saúde, decerto, mas não de caráter, não era absolutamente a criatura fraca que a acusação imagina. Sobretudo não encontrei nele timidez, essa timidez que nos descreveram de maneira tão característica. Nenhuma ingenuidade, uma extrema desconfiança, dissimulada sob as aparências da simplicidade, um espírito capaz de muito meditar. Oh! Foi por candura que a acusação o julgou fraco de espírito. Produziu em mim uma impressão precisa; parti persuadido de estar tratando com uma criatura visceralmente má, desmedidamente ambiciosa, vingativa e invejosa. Recolhi certas informações: detestava sua origem, tinha vergonha dela e relembrava, rangendo os dentes, que provinha de uma fedorenta. Mostrava-se desrespeitoso para com o criado Grigóri e a mulher, que haviam tomado conta dele em sua infância. Maldizendo a Rússia, dela zombava, sonhava partir para a França, tornar-se francês. Muitas vezes declarou, ainda antes, não poder fazê-lo por falta de recursos. Creio que não amava ninguém, senão a si próprio, e achava-se singularmente elevado... A cultura consistia para ele numa roupa decente, numa camisa limpa e em botas bem engraxadas. Crendo-se (há fatos em apoio) filho natural de Fiódor Pávlovitch, pôde criar ódio à sua situação em relação aos filhos legítimos de seu amo; têm eles tudo e ele nada, para eles todos os direitos, herança, enquanto que ele não passa de um cozinheiro. Contou-me que pusera o dinheiro no envelope com Fiódor Pávlovitch. O destino daquela soma — graças à qual teria podido abrir seu caminho — era-lhe evidentemente odioso. Além disso, viu três mil rublos em cédulas novas (perguntei-lhe de propósito). Oh! Nunca mostreis a uma criatura invejosa e cheia de amor-próprio uma grossa soma de uma vez; ora, via ele pela primeira vez tal soma numa mesma mão. Aquele maço de dinheiro pode ter deixado em sua imaginação uma impressão mórbida, sem outras consequências no começo. Meu eminente contraditor expôs, com uma sutileza notável, todas as hipóteses pró e contra a possibilidade de inculpar Smierdiákov de assassinato, insistindo nesta pergunta: que interesse tinha ele em simular uma crise? Sim, mas não simulou

necessariamente, a crise pôde sobrevir muito naturalmente e passar da mesma forma, voltando o doente a si. Sem se restabelecer, terá retomado a consciência, como acontece entre os epilépticos. Em que momento Smierdiákov cometeu seu crime?, pergunta a acusação. É muito fácil indicá-lo. Pôde voltar a si e levantar-se, depois de ter dormido profundamente (porque as crises são sempre seguidas dum profundo sono), justamente no momento em que o velho Grigóri, tendo agarrado pela perna, sobre a paliçada, o acusado, que fugiu, vociferou: ‘Parricida!’ Esse grito incomum, no silêncio e nas trevas, pôde despertar Smierdiákov, cujo sono era já talvez mais leve. Levanta-se e vai quase inconscientemente ver de que se trata. Ainda estremunhado, sua imaginação dormita, mas ei-lo no jardim, aproxima-se das janelas iluminadas, toma conhecimento da terrível notícia da boca de seu amo, evidentemente satisfeito com a presença dele. O velho, aterrorizado, conta-lhe tudo pormenorizadamente. Sua imaginação inflama-se. E, em seu cérebro perturbado, uma ideia toma corpo, ideia terrível, mas sedutora e duma lógica irrefutável: assassinar, apoderar-se dos três mil rublos e tudo atribuir depois ao filho do patrão. De quem se suspeitará agora, quem pode ser acusado senão ele? As provas existem, estava no local. A cupidez pode ter-se apoderado dele, ao mesmo tempo que a consciência da impunidade. Oh, a tentação sobrevém por vezes em rajadas, sobretudo em criminosos que não suspeitavam, um minuto antes, de que queriam matar! Assim, Smierdiákov pôde entrar nos aposentos de seu amo e executar seu plano. Com que arma? Com a primeira pedra que terá apanhado no jardim. Por quê, com qual fim? Mas três mil rublos são uma fortuna. Oh! Não me contradigo; o dinheiro pode ter existido. Talvez mesmo somente Smierdiákov sabia onde encontrá-lo em casa de seu amo. ‘Pois bem! E o envelope caído no chão, rasgado?’ Ainda há pouco, ao ouvir a acusação insinuar sutilmente a esse respeito que somente um ladrão novato, tal como precisamente Karamázov, podia agir assim, e, em nenhum caso, Smierdiákov, que não teria jamais deixado tal prova contra si. Ainda há pouco, senhores jurados, reconheci de súbito um argumento dos mais familiares. Imaginei que essa hipótese relativa à maneira pela qual Karamázov devia ter procedido com o envelope, já a ouvira eu dois dias antes do próprio Smierdiákov, e isso para grande surpresa minha; parecia-me ele, com efeito, representar ingenuidade e impor-me de antemão essa ideia para que eu tirasse dela a mesma conclusão, como se ele a soprasse

para mim. Não agiu ele da mesma maneira no inquérito e impôs essa hipótese ao eminente representante da acusação? E a mulher de Grigóri, dirão? Ouviu o doente gemer toda a noite. Seja, mas é esse um argumento muito frágil. Conheci uma senhora que se queixava amargamente de ter estado acordada toda a noite por um fraldiqueiro que a impedia de dormir. No entanto, o pobre animal, como se soube, não latira senão duas ou três vezes. E é natural; uma pessoa que dorme ouve gemer, desperta resmungando, para tornar a adormecer logo. Duas horas depois, novo gemido, novo despertar seguido de sono, e ainda duas horas depois, três vezes ao todo. De manhã, a pessoa que dormia levanta-se queixando-se de ter estado acordada a noite inteira por causa de gemidos contínuos. Deve necessariamente ter essa impressão; os intervalos de duas horas, durante os quais dormiu, escapam-lhe, somente os minutos de vigília lhe voltam ao espírito, parece-lhe que a despertaram a noite inteira. Mas por que, exclama a acusação, não confessou Smierdiákov no bilhete escrito antes de morrer? ‘Sua consciência não chegou até aí.’ Permite; a consciência é já o arrependimento, talvez que o suicida não experimentasse arrependimento, mas apenas desespero. São duas coisas totalmente diversas. O desespero pode ser mau e irreconciliável, e o suicida, no momento de liquidar-se, podia detestar mais do que nunca aqueles de quem tivera inveja toda a vida. Senhores jurados, tomai cuidado em não cometer um erro judiciário! Que há de inverossímil em tudo quanto vos expus? Encontrai um erro em minha tese, encontrai nela uma impossibilidade, um absurdo! Mas, se minhas conjecturas são pelo menos um pouco verossímeis, sede prudentes. Juro-o pelo que há de mais sagrado, creio absolutamente na versão do crime que acabo de apresentar-vos. O que me perturba sobretudo e me põe fora de mim é o pensamento de que entre a massa de fatos acumulados pela acusação contra o réu, não há nem um só que seja seu tanto quanto exato e irrecusável. Sim, decerto, o conjunto é terrível; aquele sangue que goteja das mãos, de que está impregnada sua roupa íntima, aquela noite escura em que repercutiu o grito de ‘Parricida!’, aquele que o lançou ao cair, com a cabeça partida, depois aquela massa de palavras, de depoimentos, de gestos, de gritos, oh, tudo isso pode falsear uma convicção, mas não a vossa, senhores jurados! Lembrai-vos de que vos foi dado um poder ilimitado de ligar e desligar. Mas quanto maior é esse poder, mais temível é seu uso! Mantenho absolutamente tudo quanto acabo de dizer, mas seja, convenho por um

instante com a acusação que meu infeliz constituinte sujou suas mãos com o sangue de seu pai. Não é senão uma suposição, repito-o, não duvido nem um minuto de sua inocência; no entanto, escutai-me, mesmo nessa hipótese. Tenho ainda alguma coisa a dizer-vos, porque pressinto em vossos corações um violento combate... Perdoai-me essa alusão, senhores jurados, quero verdadeiramente ser verídico e sincero até o fim. Sejam todos sinceros!”

Nesse momento o defensor foi interrompido por aplausos bastante vivos. Com efeito, pronunciou as derradeiras palavras com uma voz tão emocionada que todo mundo sentiu que talvez houvesse verdadeiramente alguma coisa a dizer, e alguma coisa de capital importância. O presidente ameaçou “mandar evacuar” a sala, se “semelhante manifestação” se reproduzisse. Todos se calaram e Fietiukóvitch começou, com uma voz compenetrada, totalmente mudada.

XIII

UM SOFISTA

“Não é somente o conjunto dos fatos que acabrunha meu constituinte, senhores jurados, não, o que o acabrunha, na realidade, é o fato apenas de terem encontrado seu pai assassinado. Se se tratasse de um simples crime, dada a dúvida que plaina sobre o caso, sobre cada um dos fatos considerados isoladamente, teríeis afastado a acusação ou pelo menos hesitado em condenar um homem unicamente por causa de uma prevenção, contra ele, ai!, demasiado justificada! Mas estamos em presença de um parricídio. Isso se impõe a ponto de fortificar a fragilidade mesma dos pontos principais de acusação no espírito menos prevenido. Como absolver tal acusado? Se fosse culpado e escapasse ao castigo? Eis o sentimento instintivo de cada um. Sim, é uma terrível coisa derramar o sangue do pai, o sangue daquele que vos gerou, amou, o sangue daquele que prodigalizou sua vida por vós, que se afligiu com doenças infantis, que sofreu para que fôsseis felizes e não viveu senão por vossas alegrias e por vossos êxitos! Oh, o assassinato de tal pai, não se pode mesmo imaginá-lo! Senhores jurados, que é um pai verdadeiro, que majestade, que ideia

grandiosa oculta esse nome? Acabamos de indicar em parte o que deve ser. Neste caso tão doloroso, o defunto, Fiódor Pávlovitch Karamázov, nada tinha de um pai, tal como nosso coração acaba de defini-lo. É desagradável. Sim, com efeito, há pais que se assemelham a uma calamidade. Examinemos as coisas de mais perto, não devemos recuar diante de nada, senhores jurados, diante da gravidade da decisão a tomar. Devemos sobretudo não ter medo agora nem afastar certas ideias, tais como crianças ou mulheres medrosas, de acordo com a feliz expressão do eminente representante da acusação. No decorrer de seu ardente libelo acusatório, meu honrado adversário exclamou por várias vezes: ‘Não, não abandonarei a ninguém a defesa do acusado, nem mesmo ao defensor chegado de Petersburgo, sou ao mesmo tempo acusador e defensor!’ No entanto, esqueceu-se de mencionar que, se esse temível acusado guardou por 23 anos tal gratidão por uma libra de avelãs, com que o presenteou o único homem que, sendo ele menino, teve para com ele tal gesto em casa de seu pai, universalmente tal homem deveria lembrar-se, durante esses 23 anos, de como andava descalço em casa de seu pai, no quintal, ‘as calças presas por um só botão’, segundo a expressão de um homem de coração, o doutor Herzenstube. Oh, senhores jurados, de que serve olhar de perto essa calamidade, repetir o que toda a gente conhece! Que é que meu constituinte encontrou ao chegar à casa de seu pai? E por que o representar como um ser sem coração, um egoísta, um monstro? É impetuoso, é selvagem, violento, eis por que o julgam agora. Mas quem é o responsável por seu destino, de quem a culpa se, com tendências virtuosas, um coração sensível e grato, recebeu uma educação tão absurda? Desenvolveram-lhe a razão, instruíram-no, alguém lhe testemunhou um pouco de afeto em sua infância? Meu constituinte cresceu ao deus-dará, isto é, como um animal selvagem. Talvez tivesse ardente desejo de rever o pai após aquela longa separação, talvez lembrando-se de sua infância, como através de um sonho, tenha afastado muitas vezes o fantasma odioso do passado, desejando de toda a sua alma absolver e abraçar o pai! E então? Acolhem-no com zombarias cínicas, desconfiança, chicanas a respeito de sua herança; só sua herança; só ouve frases e máximas que enojam o coração, finalmente vê seu pai tentar arrebatá-lo, com o próprio dinheiro, sua amiga. Oh, senhores jurados, é repugnante, é atroz! E aquele velho queixa-se a todo mundo da irreverência e da violência do filho, difama-o na sociedade, causa-lhe danos, calunia-o, compra suas promissórias para

metê-lo na cadeia! Senhores jurados, as pessoas aparentemente duras, violentas, impetuosas, tais como meu constituinte, são muitas vezes corações ternos, somente não o mostram. Não riais de minha ideia! O senhor procurador zombou impiedosamente de meu constituinte, apontando seu amor por Schiller e pelo sublime. Em seu lugar, não teria zombado. Sim, esses corações — oh!, deixai-me defendê-los, tão raramente e tão mal compreendidos —, esses corações vivem muitas vezes sedentos de ternura, de beleza, de justiça, precisamente como por contraste consigo mesmos, com sua violência e sua dureza, e não suspeitam disso. Parecendo apaixonados e violentos, são capazes de amar até ao sofrimento, uma mulher, por exemplo, e certamente com um amor ideal e elevado. Repito-o, não riais, é o que acontece a maior parte das vezes com tais naturezas. Somente não podem dissimular sua impetuosidade por vezes grosseira, eis o que fere a atenção, eis o que se nota, enquanto que o íntimo permanece ignorado. Pelo contrário, suas paixões acalmam-se rapidamente, mas junto duma pessoa de sentimentos elevados, esse ser que parece grosseiro, violento, busca a regeneração, a possibilidade de emendar-se, de tornar-se nobre, honesto, ‘sublime’, por mais desacreditada que esteja esta palavra. Disse ainda há pouco que respeitaria o romance de meu constituinte com a senhorita Vierkhóvtseva. Contudo, pode-se falar por palavras veladas; ouvimos não um depoimento, mas apenas o grito de uma mulher exaltada que se vinga e não cabe a ela censurar a ele sua traição, porque foi ela quem traiu! Se tivesse tido o tempo para refletir, não teria dado semelhante testemunho. Oh! Não acrediteis, não, meu constituinte não é um monstro, como o chamou ela. O Crucificado, que amava os homens, disse antes das angústias da Paixão: ‘Eu sou o Bom Pastor, que dá sua vida por suas ovelhas, e nenhuma delas perecerá.’ Não percamos, não, uma alma humana! Eu perguntava: que é um pai? É um nome nobre e precioso!, exclamei. Mas é preciso usar lealmente o termo, senhores jurados, e me permito chamar as coisas por seu nome. Um pai tal como a vítima, o velho Karamázov, é indigno de se chamar assim. O amor filial não justificado é absurdo. Não se pode suscitar o amor com coisa nenhuma, somente Deus é quem tira alguma coisa do nada. ‘Pais, não provoqueis a ira de vossos filhos’, escreveu o apóstolo com um coração ardendo de amor. Não é para meu constituinte que cito essas santas palavras, recordo-as para todos os pais. Quem me confiou o poder de instruí-los? Ninguém. Mas como homem, como

cidadão, dirijo-me a eles: *vivos voco!*¹¹³ Não permanecemos muito tempo na Terra, nossas ações e nossas palavras são muitas vezes más. Por isso tratemos de aproveitar todos os momentos que passamos juntos para nos dirigir mutuamente uma boa palavra. É o que faço: aproveito da ocasião que me é oferecida. Não é por coisa nenhuma que esta tribuna nos foi concedida por uma vontade soberana, toda a Rússia nos ouve. Não falo somente para os pais que estão aqui, grito para todos: ‘Pais, não provoqueis a ira de vossos filhos!’ Pratiquemos, em primeiro lugar, nós mesmos o preceito do Cristo, e então somente poderemos exigir alguma coisa de nossos filhos. Senão, não somos pais, mas inimigos para eles, não são nossos filhos, mas nossos inimigos, e isso por culpa nossa! ‘E com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós’,¹¹⁴ não sou eu que o digo, é o Evangelho que o prescreve; medi com a mesma medida que vos é aplicada. Como acusar nossos filhos se eles nos retribuem o que fazemos com eles? Recentemente, na Finlândia, suspeitou-se que uma criada havia dado à luz clandestinamente. Espionaram-na e encontrou-se no celeiro, dissimulado por trás de tijolos, sua mala que continha o cadáver de um recém-nascido, morto por ela. Descobriram-se igualmente os esqueletos de dois outros bebês, que ela confessou ter matado ao nascerem. Senhores jurados, é mãe uma mulher dessas? É certo que pôs filhos no mundo, mas qual de nós ousaria dar-lhe o santo nome de mãe? Sejam ousados, senhores jurados, sejam mesmo temerários, devemos sê-lo neste momento e não temer certas palavras, certas ideias, como as vendedoras de Moscou, que temem o ‘metal’ e o ‘enxofre’. Provemos, pelo contrário, que o progresso dos derradeiros anos influiu também em nosso desenvolvimento e digamos francamente: não basta procriar para ser pai, é preciso ainda merecer esse título. Sem dúvida, a palavra pai tem outra significação, segundo a qual um pai, fosse ele um monstro, um inimigo jurado de seus filhos, ficará sempre pai, pelo simples fato de tê-los gerado. Mas é uma significação mística, por assim dizer, que escapa à inteligência, que se pode admitir somente como artigo de fé, bem como muitas coisas incompreensíveis nas quais a religião nos obriga a crer. Mas, nesse caso, deve permanecer isso fora do domínio da vida real. Nesse domínio, que tem não somente seus direitos, mas impõe grandes deveres, se queremos ser humanos, cristãos, enfim, somos obrigados a aplicar somente ideias justificadas pela razão e pela experiência passadas no crisol da análise; em uma palavra, agir sensatamente e não com

extravagância, como em sonho ou no delírio, para não prejudicar nosso semelhante, fazê-lo sofrer, causar sua perda. Faremos então obra de cristãos e não somente de místicos, uma obra sensata, verdadeiramente filantrópica...”

Nesse momento, vivos aplausos partiram de diferentes pontos da sala, mas Fietiukóvitch fez um gesto, como para suplicar que não o interrompessem. Todos se acalmaram imediatamente. O orador prosseguiu:

“Pensais, senhores jurados, que tais questões possam escapar a nossos filhos, quando começam eles a refletir? Não, decerto, e não exigiremos deles uma abstenção impossível! A vista dum pai indigno, sobretudo comparado aos de outros meninos, seus condiscípulos, inspira, malgrado seu, a um jovem questões dolorosas. Respondem-lhe banalmente: ‘Foi ele quem te gerou, és seu sangue, de modo que deves amá-lo.’ O rapaz pensa malgrado seu: ‘Será que ele me amava quando me gerou — pergunta ele, cada vez mais surpreso —, foi por mim que ele me deu a vida? Ele não me conhecia, ignorava mesmo meu sexo, naquele minuto de paixão, talvez aquecido pelo vinho, e só me transmitiu uma inclinação pela bebida, eis todos os seus benefícios... Por que devo amá-lo, pelo simples fato de me ter gerado, a ele que nunca me amou?’ Oh! Essas perguntas parecem-vos talvez grosseiras, cruéis, mas não exijais dum espírito jovem uma abstenção impossível: ‘Expulsai o natural pela porta e ele entrará pela janela’, mas, sobretudo, não temamos o ‘metal’ e o ‘enxofre’ e resolvamos a questão como o prescrevem a razão e a humanidade, e não a ideias místicas. Como resolvê-la? Pois bem! Que o filho venha perguntar seriamente ao pai: ‘Pai, dize-me por que devo amar-te, prova-me que é um dever’, e se esse pai for capaz de responder-lhe e de provar-lhe, eis uma verdadeira família, normal, que não repousa unicamente sobre um preconceito místico, mas sobre bases racionais, rigorosamente humanas. Pelo contrário, se o pai não apresenta nenhuma prova, está liquidada essa família; o pai não é mais um pai para seu filho, este recebe a liberdade e o direito de considerá-lo um estranho e até mesmo um inimigo. Nossa tribuna, senhores jurados, deve ser a escola da verdade e das ideias sãs!”

Vivos aplausos interromperam o orador. Certamente não eram unânimes, mas a metade da sala aplaudia, inclusive pais e mães. Gritos agudos partiam das tribunas ocupadas pelas senhoras. Gesticulava-se com os lenços. O presidente pôs-se a agitar a campainha com todas as forças.

Estava visivelmente agastado com aquele tumulto, mas não ousou mandar evacuar a sala, como já havia ameaçado; até mesmo dignitários, velhos condecorados instalados atrás do tribunal, aplaudiam o orador, de sorte que, restabelecida a calma, contentou-se ele em reiterar sua ameaça e Fietiukóvitch, triunfante e emocionado, prosseguiu seu discurso.

“Senhores jurados, vós vos lembrais daquela noite terrível, de que tanto se falou aqui, em que o filho introduziu-se por meio de escalada em casa do pai e se encontrou face a face com o inimigo que lhe havia dado o dia. Insisto vivamente nisto: não era o dinheiro que o atraía; a acusação de roubo é um absurdo, como já o expus! E não foi para matar que ele forçou a porta; se tivesse premeditado um crime, ter-se-ia munido previamente de uma arma, mas pegou o pilão instintivamente, sem saber por quê. Admitamos que tenha enganado o pai com os sinais e penetrado na casa, já disse que não creio um instante sequer nessa lenda, mas seja, suponhamos um minuto! Senhores jurados, juro pelo que há de mais sagrado, se Karamázov tivesse tido como rival um estranho, em lugar de seu pai, depois de ter verificado a ausência daquela mulher, ter-se-ia retirado precipitadamente, sem fazer-lhe mal, quando muito ter-lhe-ia batido, empurrado, sendo a única coisa que lhe importava encontrar sua amiga. Mas viu seu pai, seu perseguidor desde a infância, seu inimigo que se tornara um monstruoso rival; bastou isso para que um ódio irresistível se apoderasse dele, abolindo sua razão. Todos os seus agravos ressurgiram-lhe duma vez. Foi um acesso de demência, mas também um movimento da natureza, que vingava inconscientemente a transgressão de suas leis eternas. No entanto, mesmo então, o assassino não matou, afirmo-o, proclamo-o, não; brandiu somente o pilão num gesto de indignação e de desgosto, sem intenção de matar, sem saber que matava. Se não tivesse tido esse fatal pilão nas mãos, teria somente batido no pai, talvez, mas não o teria assassinado. E ao fugir, ignorava se o velho por ele abatido estava morto. Tal crime não é crime, não é um parricídio. Não, a morte de tal pai não pode ser assemelhada a um parricídio senão por preconceito! Mas foi esse crime realmente cometido?, pergunto-vos ainda uma vez. Senhores jurados, vamos condená-lo, e ele dirá de si mesmo: ‘Essas pessoas nada fizeram por mim, para me elevar, me instruir, tornar-me melhor, fazer de mim um homem. Recusaram-me toda assistência e agora me mandam para o presídio. Eis-me quite, não lhes devo nada, nem a ninguém. São más, cruéis. Sê-lo-ei também.’ Eis o que ele dirá, senhores jurados! Juro-o:

declarando-o culpado, vós não fareis senão pô-lo à vontade, aliviar sua consciência, maldirá o sangue por ele vertido, em lugar de sentir remorsos. Ao mesmo tempo, tornareis sua recuperação impossível, porque permanecerá mau e cego até o fim de seus dias. Quereis infligir-lhe o castigo mais terrível que se possa imaginar, ao mesmo tempo que regenerais sua alma para sempre? Se afirmativamente, esmagai-o com a vossa clemência! Vós o vereis estremecer. Sou digno dum tal favor, dum tal amor?, dirá a si mesmo. Há nobreza, senhores jurados, nessa natureza selvagem. Inclinar-se-á diante de vossa mansuetude, tem sede de um grande ato de amor, inflamar-se-á e ressuscitará definitivamente. Certas almas são bastante mesquinhas para acusar o mundo inteiro. Mas cumulai essa alma de misericórdia, testemunhai-lhe amor e ela maldirá suas obras, porque os germes do bem nela proliferam. Sua alma expandir-se-á vendo a mansuetude divina, a bondade e a justiça humanas. Será tomada de arrependimento, a imensidão da dívida contraída a esmagará. Não dirá então ‘estou quite’, mas ‘sou culpado diante de todos e o mais indigno de todos’. Com lágrimas de enternecimento exclamará: ‘Os homens valem mais do que eu, porque quiseram salvar-me, em lugar de perder-me!’ Oh! É-vos tão fácil usar de clemência, porque na ausência de provas decisivas, ser-vos-ia demasiado penoso dar um veredicto de culpabilidade. Vale mais absolver dez culpados que condenar um inocente. Ouvis a grande voz do século passado de nossa história nacional? Cabe a mim, mesquinho, lembrar-vos que a justiça russa não tem unicamente por fim castigar, mas também regenerar um ser perdido? Que os outros povos observem a letra da lei, e nós, o espírito e a essência, para a regeneração dos decaídos. E se é assim, então, avante, Rússia! Não vos atemorizeis com as vossas troicas em disparada, das quais os outros povos se afastam com repulsa! Não é uma troica em disparada, é um carro majestoso, que roda solenemente, tranquilamente para seu alvo. A sorte de meu constituinte está em vossas mãos, bem como os destinos do direito russo. Vós o salvareis, vós o defendereis, mostrando-vos à altura de vossa missão.”

XIV

OS MUJIKES MANTIVERAM-SE FIRMES

Assim concluiu Fietiukóvitch, e o entusiasmo de seus ouvintes não conheceu mais limites. Não se devia pensar em reprimi-lo; as mulheres choravam, bem como muitos homens, houve mesmo dois dignitários que derramaram lágrimas. O presidente resignou-se e esperou antes de agitar a campanha. “Atentar contra semelhante entusiasmo teria sido uma profanação!”, exclamaram mais tarde nossas damas. O próprio orador parecia sinceramente emocionado. Foi nesse momento que nosso Ipolit Kirílovitch se levantou para replicar. Lançaram-lhe olhares carregados de ódio: “Como ousa ele replicar?”, murmuravam as senhoras. Mas os murmúrios de todas as senhoras do mundo, tendo à frente sua esposa, não teriam detido o procurador. Estava pálido e tremia de emoção; suas primeiras frases foram mesmo incompreensíveis, ofegava, articulava mal, embaraçava-se. Aliás, conseguiu dominar-se logo. Não citarei senão algumas frases desse segundo discurso.

“[...] Censuram-nos ter inventado novelas. Mas fez o defensor coisa diversa? Só faltaram versos. Fiódor Pávlovitch, à espera de sua bem-amada, rasga o envelope e atira-o no chão. Citam-se mesmo suas palavras na ocasião. Não é um poema? E onde está a prova de que ele tirou o dinheiro e quem ouviu o que ele dizia? O imbecil Smierdiákov, transformado numa espécie de herói romântico que se vinga da sociedade por causa de seu nascimento ilegítimo, não é um poema ao gosto byroniano? E o filho que, tendo entrado intempestivamente em casa do pai, o mata sem matá-lo, não é mesmo nem mais uma novela, nem um poema, é uma esfinge propondo enigmas que ele próprio, decerto, não pode resolver. Se matou, é porque matou, como admitir que tenha matado sem ser um assassino, quem compreenderá isso? Em seguida, declara-se que nossa tribuna é a da verdade e a das ideias sãs e profere-se nela este axioma: que não passa de um preconceito qualificar de parricídio o assassinato de um pai. Mas se o parricídio é um preconceito e cada menino pode perguntar ao pai ‘Pai, por que devo amar-te?’, que se tornarão as bases da sociedade, que se tornará a família? O parricídio, vede, é o “enxofre” da vendedora moscovita. As mais nobres tradições da justiça russa são desnaturadas unicamente para obter ganho de causa, para obter a absolvição de quem não pode ser absolvido. Cumulai-o de clemência, exclama o defensor, o criminoso mais não pede, ver-se-á amanhã o resultado! Aliás, não será por uma modéstia exagerada que ele pede apenas a absolvição do acusado? Por que não pedir a fundação duma bolsa

que imortalizaria a façanha do parricídio aos olhos da posteridade e da jovem geração? Corrigem-se o Evangelho e a religião: tudo isso é misticismo, somente nós possuímos o verdadeiro cristianismo, já verificado pela análise da razão e das ideias sãs. Evoca-se, diante de nós uma falsa imagem do Cristo! ‘E com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós!’, exclama o defensor, concluindo logo que o Cristo ordenou medir com a mesma medida que a nós é aplicada — eis o que se proclama da tribuna da verdade! Lemos o Evangelho somente na véspera de nossos discursos, para brilhar pelo conhecimento de uma obra bastante original, por meio da qual pode-se produzir certo efeito na medida em que for necessário. Ora, o Cristo proibiu precisamente agir assim, porque é o que torna o mundo mau, e nós, longe de pagar o mal pelo mal, devemos oferecer a face e perdoar aqueles que nos ofenderam. Eis o que nos ensinou o nosso Deus e não que seja um preconceito proibir que os filhos matem os pais. E não seremos nós que corrigiremos nesta tribuna o Evangelho de nosso Deus, que o defensor digna-se apenas em chamar ‘o Crucificado que amava os homens’, em oposição a toda a Rússia ortodoxa que o invoca: ‘Porque Tu és nosso Deus!...’

Aqui, o presidente interveio e rogou ao orador que não exagerasse, que ficasse nos limites justos, etc., como fazem de hábito os presidentes em semelhante caso. A sala estava inquieta. O público agitava-se, proferia exclamações indignadas. Fietiukóvitch nem mesmo replicou, veio somente, de mãos sobre o coração, pronunciar num tom ofendido algumas palavras cheias de dignidade. Aflorou de novo, com ironia, as “novelas” e a “psicologia” e achou meio de desfechar o seguinte dardo: “Júpiter, não tens razão, pois que te zangas”, o que causou risos no auditório, porque Ipolit Kirílovitch não se assemelhava absolutamente a Júpiter. Quanto à pretensa acusação de permitir à mocidade o parricídio, declarou Fietiukóvitch, com grande dignidade, que a ela não responderia. A respeito da “falsa imagem do Cristo” e do fato de não se ter ele dignado chamá-lo Deus, mas apenas “o Crucificado que amava os homens”, o que é “contrário à ortodoxia e não podia ser dito na tribuna da verdade”, falou Fietiukóvitch de “insinuação” e deu a entender que, vindo aqui, acreditava pelo menos aquela tribuna ao abrigo de acusações “perigosas para sua pessoa como cidadão e fiel súdito”... Mas a essas palavras o presidente também o deteve e Fietiukóvitch, inclinando-se, terminou sua tréplica,

acompanhado pelo murmúrio aprovativo de toda a sala. Ipolit Kirílovitch, segundo a opinião de nossas damas, estava “confundido para sempre”.

Foi em seguida dada a palavra ao acusado. Mítia levantou-se, mas não disse grande coisa. Estava física e moralmente sem forças. O ar de independência e energia com que entrara pela manhã havia quase desaparecido. Parecia ter atravessado, naquela manhã, uma crise decisiva que lhe ensinara e fizera compreender algo de muito importante, que antes ele não apreendia. Sua voz se enfraquecera, não gritava mais. Sentia-se em suas palavras a resignação e o acabrunhamento da derrota.

“Que posso dizer, senhores jurados? Vão julgar-me, sinto a mão de Deus sobre mim. É o fim de um homem transviado! Mas, como se me confessasse a Deus, a vós também digo: ‘Não derramei o sangue de meu pai!’ Repito-o uma derradeira vez. Não fui eu quem matou! Era desregrado, mas amava o bem. Constantemente, aspirava a emendar-me e vivi como um animal selvagem. Obrigado ao procurador, disse a meu respeito muitas coisas que eu ignorava, mas é falso que tenha eu matado meu pai, o procurador se enganou! Obrigado igualmente a meu defensor: chorei ao ouvi-lo, mas é falso que eu tenha matado meu pai, não se devia nem supô-lo! Não acrediteis nos médicos, estou em plena razão, somente sinto-me acabrunhado. Se me poupardes e me absolverdes, rezarei por vós. Tornar-me-ei melhor, dou minha palavra, dou-a diante de Deus. Se me condenardes, quebrarei eu próprio minha espada e beijar-lhe-ei os pedaços! Mas poupai-me, não me priveis de meu Deus, conheço-me: eu me revoltarei! Estou acabrunhado, senhores... poupai-me!”

Caiu quase em seu lugar, sua voz se partiu, a derradeira frase mal foi articulada. O tribunal redigiu em seguida os quesitos a propor e pediu suas conclusões às partes. Mas omito os detalhes. Enfim, os jurados retiraram-se para deliberar. O presidente estava extenuado, de modo que lhes dirigiu uma alocução: “Sede imparciais, não vos deixeis influenciar pela eloquência da defesa, contudo pesai vossa decisão; lembrai-vos da alta missão de que estais revestidos”, etc. Os jurados retiraram-se, foi suspensa a audiência. Pôde-se dar um giro, trocar impressões, fazer lanche no bufete. Era bastante tarde, cerca de uma hora da madrugada, mas ninguém foi embora. Os nervos tensos impediam de pensar no repouso. Todo mundo aguardava com ansiedade o veredicto, exceto as damas, que, na impaciência febril, estavam tranquilas: “A absolvição é inevitável.” Todas se preparavam para o minuto emocionante do entusiasmo geral. Confesso

que, entre os homens, muitos estavam certos da absolvição. Uns se regozijavam, outros franziam a testa, alguns baixavam simplesmente a cabeça; não queriam absolvição! Fietiukóvitch mesmo estava certo do triunfo. Cercavam-no, felicitavam-no complacentemente.

— Há — dizia ele num grupo, como se contou depois —, há fios invisíveis que ligam o defensor aos jurados. Formam-se e se pressentem já no curso da defesa. Senti-os, eles existem. Teremos ganho de causa, ficai tranquilos.

— Que vão dizer agora nossos mujiques? — proferiu um gordo senhor bexigoso, de ar carrancudo, proprietário nos arredores, aproximando-se de um grupo.

— Não há somente mujiques. Há quatro funcionários.

— Ah, sim, os funcionários! — disse um membro do *ziémstvo*.

— Conhece Nazárieu, Prokhor Ivânovitch, aquele comerciante que tem uma medalha? Faz parte do júri.

— E com isso?

— É um dos luminares da corporação.

— Mantém-se sempre em silêncio.

— Mantém o silêncio, pois tanto melhor. Não cabe ao petersburguês dar-lhe lições. Ele mesmo seria capaz de dá-las a toda Petersburgo. Doze filhos, imaginem só!

— Será possível que não o absolvam? — gritava num outro grupo um de nossos jovens funcionários.

— Será certamente absolvido — disse uma voz decidida.

— Seria uma vergonha não absolvê-lo! — exclamou o funcionário. — Admitamos que tenha matado, mas um pai como o dele! E, afinal, estava em tal exaltação... Pôde deveras ter assestado apenas uma pancada de pilão e o velho caiu. Mas erraram metendo o laçaio nisso. Não passa de um episódio burlesco. No lugar do defensor, teria eu dito redondamente: ele matou, mas não é culpado, que o diabo vos leve!

— Foi o que ele fez, somente não disse que o diabo vos leve!

— Não, Mikhail Siemiônitch, ele quase o disse — declarou uma terceira voz.

— Permitti, senhores, absolveram durante a Quaresma uma atriz que cortara a garganta da mulher de seu amante.

— Sim, ela, porém, não foi até o fim.

— Dá na mesma, tinha começado.

— E o que disse ele dos meninos! Foi admirável!

— Admirável.

— E sobre o misticismo, hem?

— Deixem o misticismo — exclamou outro —, considerem antes a sorte de Ipolit doravante! Amanhã, sua esposa o arranhará por causa de Mítia.

— Está aqui ela?

— Por que aqui? Se aqui estivesse, já o teria arranhado. Fica em casa, tem dor de dentes, eh!, eh!, eh!

— Eh!, eh!, eh!

Num terceiro grupo:

— Mítia poderia muito bem ser absolvido.

— Seria magnífico! Amanhã saqueará A Capital e passará dez dias na carraspana.

— Ah, sim, o diabo!

— Não se pôde passar sem o diabo, seu lugar estava bem indicado aqui.

— Senhores, a eloquência é uma bela coisa. Mas não se pode arrebentar a cabeça de um pai impunemente. Senão, aonde iríamos parar?

— E aquilo do carro, do carro, lembram-se?

— Sim, fez ele duma carroça um carro.

— Amanhã, o carro virará carroça de novo, “de acordo com as conveniências”.

— As pessoas tornaram-se espertas. A verdade existe ainda na Rússia, senhores, sim ou não?

Mas a campanha retiniu. Os jurados tinham deliberado uma hora exata. Profundo silêncio reinou, quando o público retomou seus lugares. Lembro-me da entrada do júri na sala. Afinal! Não citarei os quesitos por ordem, esqueci-os. Lembro-me somente da resposta ao primeiro quesito, o principal: “O acusado matou para roubar com premeditação?” (Esqueci o texto.) O presidente do júri, aquele funcionário que era o mais jovem de todos, respondeu com voz nítida, em meio dum silêncio de morte:

— Sim, culpado.

Depois foi a mesma resposta a respeito de todos os pontos: culpado, sem a menor circunstância atenuante!

Ninguém esperava por isso, todos contavam pelo menos com a indulgência do júri. O silêncio continuava, como se o auditório estivesse petrificado, tanto os partidários da condenação como os da absolvição. Mas foram apenas os primeiros minutos, aos quais sucedeu um terrível tumulto. Entre o público masculino, muitos estavam encantados. Outros chegavam mesmo a esfregar as mãos, sem dissimular sua alegria. Os descontentes tinham o ar acabrunhado, erguiam os ombros, cochichavam como se ainda não se dessem conta. Mas nossas damas, meu Deus!, pensei que elas fossem fazer um motim. A princípio, não quiseram acreditar em seus ouvidos. De repente, ruidosas exclamações ecoaram: “Que é isso? Por que isso?” Deixavam seus lugares. Certamente, imaginavam que se podia, no mesmo instante, mudar tudo aquilo e recomeçar. Naquele momento, Mítia se levantou de repente e gritou com voz dilacerante, os braços estendidos para diante:

— Juro-o perante Deus e à espera do juízo final, não derramei o sangue de meu pai! Kátia, eu te perdoo! Irmãos, amigos, velai pela outra!

Não terminou e pôs-se a soluçar ruidosamente, com uma voz que não parecia a sua, como que mudada, inesperada, vinda só Deus sabia donde. Nas tribunas, num canto recuado, repercutiu um grito agudo: era Grúchenka. Suplicara que a deixassem entrar e voltara para a sala antes dos discursos. Levaram Mítia. A sentença do julgamento ficou adiada para o dia seguinte. Todos se levantaram em grande tumulto, mas eu já não escutava mais. Lembro-me somente de algumas exclamações no patamar da saída:

- Vai pegar não menos de vinte anos de trabalho nas minas!
- Nada menos!
- Sim, os nossos mujiques mantiveram-se firmes!
- E ajustaram suas contas com nosso Mítia!

EPÍLOGO

I

PROJETOS DE EVASÃO

No quinto dia após o julgamento de Mítia, cerca das oito horas da manhã, Aliócha dirigiu-se à casa de Katierina Ivânovna para se entender definitivamente com ela a respeito dum assunto importante; estava, além disso, encarregado dum recado. Mantinha-se ela no mesmo salão onde recebera Grúchenhka; na peça vizinha, Ivan Fiódorovitch, presa da febre, jazia inconsciente. Logo depois da cena no tribunal, Katierina Ivânovna mandara transportar para sua casa Ivan Fiódorovitch, desmaiado, sem se incomodar com os comentários inevitáveis e a censura da sociedade. Uma das duas parentas que viviam com ela partira imediatamente para Moscou, a outra ficara. Mas se as duas tivessem partido, isso não teria mudado a decisão de Katierina Ivânovna, resolvida a tratar ela mesma o doente e a velar por ele noite e dia. Era tratado pelos doutores Varvínski e Herzenstube; o médico de Moscou regressara, recusando-se a pronunciar-se sobre o desenlace da doença. Os doutores, malgrado suas afirmativas tranquilizadoras, não podiam dar ainda uma esperança firme. Aliócha visitava seu irmão duas vezes por dia, mas dessa vez tratava-se de um assunto particularmente embaraçoso, pressentia a dificuldade que teria em falar dele, e apressava-se, devendo ir a outra parte para um outro assunto importante, naquela mesma manhã. Havia um quarto de hora que conversavam. Katierina Ivânovna estava pálida, extenuada, presa duma agitação doentia: pressentia o objetivo da visita de Aliócha.

— Não se inquiete com sua decisão — dizia ela com firmeza a Aliócha. — Duma maneira ou doutra, chegará ele a esta solução: é preciso evadir-se. Esse infeliz, esse herói da consciência e da honra — não ele, não Dimítri Fiódorovitch, mas o que está doente aqui e se sacrificou por

seu irmão (acrescentou Kátia, de olhos cintilantes) —, já desde muito tempo me comunicou todo o plano de evasão. Tinha mesmo dado passos... já lhe falei disso... Veja você, será, provavelmente, na terceira etapa, quando se levar o comboio dos deportados para a Sibéria. Oh! é ainda longe. Ivan Fiódorovitch foi ver o chefe da terceira etapa. Mas não se sabe ainda quem comandará o comboio, aliás, isso jamais é sabido com antecedência. Amanhã, talvez, lhe mostrarei o plano detalhado que Ivan Fiódorovitch me deixou na véspera do julgamento, para o que desse e viesse... Você deve lembrar-se, discutíamos, quando você chegou; descia ele a escada, vendo você, obriguei-o a tornar a subir, recorda-se? Sabe a que respeito discutíamos?

— Não, não sei.

— Evidentemente, ele lhe ocultou: era precisamente a propósito desse plano de evasão. Já me havia explicado o essencial três dias antes; foi a origem de nossas discussões durante aqueles três dias. Eis por quê: quando me declarou que, se ele fosse condenado, Dimíttri Fiódorovitch fugiria para o estrangeiro com aquela criatura, zanguei-me de repente; não lhe direi por qual razão, ignoro-a eu mesma. Oh, sem dúvida foi por causa dela e porque acompanharia Dimíttri em sua fuga! — exclamou Katierina Ivânovna, com os lábios trêmulos de cólera. — Minha irritação contra aquela criatura fez que Ivan Fiódorovitch acreditasse que eu estava com ciúme dela e, por conseguinte, ainda enamorada de Dimíttri. Eis a causa de nossa primeira discussão. Não quis dar explicação e não podia pedir perdão, era-me penoso que tal homem pudesse suspeitar que eu amasse como outrora aquele... E isso quando, desde muito tempo, lhe havia eu declarado com toda a franqueza que não amava Dimíttri e que só a ele amava! Foi por simples animosidade contra aquela criatura que me zanguei com ele! Três dias mais tarde, justamente na noite em que você veio, trouxe-me ele um envelope lacrado que eu deveria abrir no caso de acontecer-lhe alguma coisa. Oh, pressentia ele sua doença! Explicou-me que aquele envelope continha o plano detalhado da evasão, e que, se ele morresse ou caísse perigosamente doente, deveria eu sozinha salvar Mítia. Deixou-me também dinheiro, quase dez mil rublos, a soma à qual o procurador, tendo sabido que ele a mandara trocar, fez alusão em seu discurso. Fiquei estupefata ao ver que, malgrado seu ciúme, e persuadido de que eu amava Dimíttri, Ivan Fiódorovitch não renunciara a salvar seu irmão e confiava em mim para isso! Oh, era um sacrifício sublime! Você

não pode compreender a grandeza duma tal abnegação, Alieksiêi Fiódorovitch! Ia prostrar-me a seus pés, mas, quando pensei de repente que ele atribuiria esse gesto unicamente à minha alegria de saber Mítia salvo (e ele o teria decerto acreditado!), a possibilidade duma tal injustiça de sua parte irritou-me tão fortemente que, em lugar de beijar-lhe os pés, fiz-lhe nova cena! Quanto sou infeliz! Que horrível gênio o meu! Você verá: agirei de tal maneira que ele me deixará por uma outra de mais fácil viver, como Dimítiri, mas então... não, não o suportarei, matar-me-ei! No momento em que você chegou, naquela noite e quando ordenei a Ivan que tornasse a subir, o olhar cheio de ódio e de desprezo que ele me lançou ao entrar pôs-me em tal cólera que — lembra-se? — gritei de repente que fora ele, somente ele, quem me assegurara que Dimítiri era o assassino! Caluniava-o para feri-lo uma vez mais; ele nunca me assegurara tal coisa, pelo contrário, era eu quem lhe afirmava! A causa de tudo é a minha violência. Aquela abominável cena perante o tribunal, fui eu que a provoquei! Queria ele provar-me a nobreza de seus sentimentos e que, malgrado meu amor por seu irmão, não o haveria de perder por vingança, por ciúme. Então prestou o depoimento que você conhece... Sou a causa de tudo, sou eu a única culpada.

Jamais fizera Kátia tais confissões a Aliócha. Compreendeu ele que chegara ela àquele grau de sofrimento intolerável em que o coração mais orgulhoso abdica de toda altivez e se confessa vencido pela dor. Aliócha conhecia outra causa para o pesar da moça, se bem que ela a dissimulasse desde a condenação de Mítia, mas isso lhe teria causado demasiada pena, se ela se humilhasse a ponto de falar-lhe disso ela mesma, agora. Sofria por causa de sua “traição” na audiência e pressentia que sua consciência a impelia a acusar-se precisamente diante dele, Aliócha, numa crise de lágrimas, batendo com a testa no chão. Temia ele aquele instante e queria poupar-lhe o sofrimento. Mas por isso seu recado se tornava mais difícil de dar. Voltou a falar de Mítia.

— Não receie nada por ele — continuou obstinadamente Kátia —, sua decisão é passageira, fique certo de que ele consentirá em evadir-se. Aliás, não será imediatamente, terá ainda tempo para se decidir a isso. Ivan Fiódorovitch já estará curado na ocasião e ocupar-se-á de tudo, de sorte que não terei de meter-me nisso. Não se inquiete, Dimítiri consentirá em evadir-se. Aliás, poderá ele renunciar àquela criatura? Ora, não a admitiriam no presídio, de modo que, como não fugir! Sobretudo, ele o

teme, receia sua censura do ponto de vista moral, mas você deve permitir-lhe magnanimamente que fuja, já que sua sanção é tão necessária — acrescentou Kátia com ironia.

Calou-se um instante, sorriu e continuou:

— Ele fala de hinos, de cruz a carregar, dum certo dever, lembro-me. Ivan Fiódorovitch relatou-me tudo isso... Se soubesse você como ele falava a respeito! — exclamou de súbito Kátia, com um ímpeto irresistível. — Se você soubesse quanto ele amava aquele desgraçado, no momento em que me contava isso, e quanto, talvez, o odiava ao mesmo tempo! E eu o escutava, eu o via chorar com um sorriso altivo! Oh, criatura! Vil criatura que eu sou! Fui eu que o fiz enlouquecer! Mas o outro, o condenado, está pronto a sofrer — concluiu Kátia com irritação. — Será capaz? Os seres como ele ignoram o sofrimento!

Uma espécie de ódio e de desgosto transparecia em suas palavras. Entretanto, havia-o traído. “Pois bem! É talvez porque se sinta culpada para com ele que o odeia por momentos”, pensou Aliócha. Teria querido que só fosse por momentos. Sentira um desafio nas derradeiras palavras de Kátia, mas não lhe deu importância.

— Pedi-lhe que viesse hoje para que você me prometa convencê-lo. Mas talvez, segundo você também, fosse desleal e vil evadir-se, ou, como dizer... não cristão? — acrescentou Kátia com uma provocação ainda mais acentuada.

— Não, não é nada. Dir-lhe-ei tudo... — murmurou Aliócha. — Ele lhe pede que vá hoje — continuou ele, bruscamente, olhando-a bem no rosto.

Ela estremeceu e fez um leve movimento de recuo.

— Eu... é possível? — disse ela, empalidecendo.

— É possível e é um dever! — declarou Aliócha num tom firme e com animação. — Você lhe é mais necessária do que nunca. Não a teria atormentado prematuramente a esse respeito sem necessidade. Ele está doente, está como louco, pede que vá vê-lo, constantemente. Não é para uma reconciliação que quer vê-la, mostre-se somente no limiar de seu quarto. Está bem mudado desde aquele dia e compreende toda a extensão de seus agravos a você. Não é seu perdão que ele quer: “Não posso ser perdoado”, diz ele. Quer somente vê-la no limiar...

— Você de repente me... — murmurou Kátia. — Pressentia nesses dias que você viria aqui com esse fito... Sabia bem que ele me mandaria chamar!... É impossível!

— Impossível, seja, mas faça-o. Lembre-se de que, pela primeira vez, está ele consternado por havê-la assim ofendido, pela primeira vez, jamais antes compreendeu suas faltas tão profundamente! Diz ele: “Se ela recusar vir, serei sempre infeliz.” Entende? Um condenado a vinte anos de trabalhos forçados sonha ainda com a felicidade. Não causa isso compaixão? Pense que vai você ver uma vítima inocente — disse Aliócha, com um ar de desafio. — Suas mãos estão limpas de sangue. Em nome de todos os sofrimentos que o esperam, vá vê-lo agora! Vá, conduza-o nas trevas, mostre-se somente no limiar... Deve, deve fazê-lo — concluiu Aliócha, insistindo com energia na palavra “deve”.

— Devo... mas não posso... — gemeu Kátia. — Ele me olhará... não posso...

— Vossos olhares devem reencontrar-se. Como poderá você viver doravante, se recusa agora?

— Antes sofrer toda a vida.

— Deve ir, é preciso — insistiu de novo Aliócha inflexível.

— Mas por que hoje, por que imediatamente?... Não posso abandonar o doente...

— Por um momento poderá, não demorará muito. Se você não for, Dimítri terá delírio esta noite. Não lhe estou mentindo, tenha piedade!

— Tenha piedade de mim! — disse com amargor Kátia e desatou a chorar.

— Então você irá! — proferiu firmemente Aliócha, vendo-a chorar. — Vou dizer-lhe que você irá agora mesmo.

— Não, por coisa alguma do mundo, não lhe diga disso! — exclamou Kátia com terror. — Irei, mas não lhe diga de antemão, porque talvez eu não entre... Não sei ainda...

Sua voz partiu-se. Respirava com dificuldade. Aliócha levantou-se para sair.

— E se eu encontrasse alguém? — disse ela, de repente, empalidecendo de novo.

— Por isso é que é preciso ir imediatamente, não haverá ninguém, fique tranquila. Nós a esperaremos — concluiu ele com firmeza e saiu.

II

POR UM INSTANTE A MENTIRA TORNA-SE VERDADE

Apressou-se em seguir para o hospital onde se achava Mítia no momento. Dois dias depois do julgamento, tendo contraído febre nervosa, haviam-no transportado para o hospital, na divisão dos detidos. Mas o doutor Varvínski, a pedido de Aliócha, da senhora Khokhlakova, de Lisa e de outras pessoas, mandou colocar Mítia num quarto à parte, o ocupado outrora por Smierdiákov. Na verdade, no fundo do corredor estacionava uma sentinela e a janela era gradeada; Varvínski podia, pois, estar tranquilo a respeito dos resultados dessa complacência um tanto ilegal. Bom e compassivo, compreendia quanto era duro para Mítia entrar sem transição na sociedade dos malfeitores e que lhe era preciso a princípio habituar-se a isso. As visitas eram autorizadas secretamente pelo doutor, pelo diretor e mesmo pelo *isprávník*, mas somente Aliócha e Grúchenhka iam ver Mítia. Por duas vezes, Rakítin tentara introduzir-se, mas Mítia pediu insistentemente a Varvínski que não o deixasse entrar.

Aliócha encontrou seu irmão sentado num divã, com roupão de quarto; tinha um pouco de febre, a cabeça enrolada num guardanapo molhado com água e vinagre. Lançou a Aliócha um olhar vago em que transparecia uma espécie de terror.

Em geral, desde sua condenação, tornara-se pensativo. Por vezes, ficava uma meia hora sem dizer nada, parecendo entregar-se a uma meditação dolorosa, esquecendo seu interlocutor. Se saía de seu devaneio, era sempre de improviso e para falar de outra coisa diferente do assunto da conversa. Por vezes, olhava seu irmão com compaixão, parecia menos à vontade com ele do que com Grúchenhka. Na verdade, nunca falava com ela, mas, assim que ela entrava, seu rosto se iluminava. Aliócha sentou-se em silêncio ao lado dele. Dimítri esperava-o com ansiedade, contudo não ousava interrogá-lo. Achava impossível que Kátia consentisse em vir, enquanto sentia que, se ela não viesse, seria intolerável. Aliócha compreendia seus sentimentos.

— Parece que Trifon Borísovitch quase demoliu sua hospedaria — disse febrilmente Mítia. — Levanta as pranchas do parquete, arranca tábuas; desmontou toda a galeria, pedaço por pedaço, na esperança de

encontrar um tesouro, os 1.500 rublos que o procurador pretende ter eu escondido lá. Logo de volta, dizem que se pôs ele à obra. Bem feito para o velhaco. Soube-o ontem por um guarda que é de lá.

— Escuta — disse Aliócha —, ela virá, não sei quando, talvez hoje, ou em algumas horas, ignoro-o. Mas virá, é certo. — Mítia estremeceu, teria querido falar, mas manteve silêncio. Aquela notícia perturbava-o. Via-se que estava ansioso por conhecer os detalhes da conversa, enquanto temia perguntá-los. Uma palavra cruel ou desdenhosa de Kátia teria sido para ele, naquele momento, igual a uma martelada na cabeça.

— Ela disse, entre outras coisas, que te tranquilizasse a consciência a respeito da evasão. Se Ivan não estiver curado na ocasião, ela é quem se ocupará disso.

— Já me falaste disso — observou Mítia.

— E tu, tu o repetiste a Grucha.

— Sim — confessou Mítia. — Ela não virá esta manhã — olhou timidamente para seu irmão —, só virá à noite. Quando eu lhe disse que Kátia trataria do assunto, calou-se a princípio, com os lábios contraídos, depois murmurou: “Pois seja!” Compreendeu que era grave. Não ousei fazer-lhe perguntas. Agora parece ela compreender que não é a mim que Kátia ama, mas a Ivan.

— Deveras?

— Talvez não. Em todo caso, Grucha não virá esta manhã. Encarreguei-a dum recado... Escuta, nosso irmão Ivan é um espírito superior, ele é que deve viver e não nós. Curar-se-á.

— Imagina que Kátia, malgrado seus alarmes, quase não duvida de sua cura.

— Então é que ela está persuadida de que ele morrerá. É o pavor que lhe inspira essa convicção.

— Ivan é de constituição robusta. Eu também espero sua cura — disse Aliócha, apreensivo.

— Sim, ele se curará. Mas tem ela a convicção de que ele morrerá. Deve sofrer muito...

Reinou silêncio. Mítia estava atormentado por uma grave preocupação.

— Aliócha, eu amo apaixonadamente Grucha — disse ele de repente, com voz trêmula, em que havia lágrimas.

— Não a deixarão contigo lá.

— Queria dizer-te ainda — prosseguiu Mítia com voz vibrante —, se me baterem no caminho ou lá, não o suportarei, matarei e fuzilar-me-ão. E serão vinte anos! Aqui, os guardas já me tuteiam. Esta noite toda refleti. Pois bem, não estou pronto! É acima de minhas forças! Eu que queria cantar um hino, não posso suportar o tuteio dos guardas. Tudo haveria de suportar por amor de Grucha, tudo... exceto nas pranchas... Mas não a deixarão entrar lá.

Aliócha sorriu mansamente.

— Escuta, meu irmão, uma vez por todas. Eis minha opinião a esse respeito. Sabes que não minto. Não estás preparado para semelhante cruz, não é feita para ti. Mais ainda, não tens necessidade duma provação tão dolorosa. Se houvesse matado teu pai, lamentaria que repelisses a expiação. Mas és inocente e essa cruz é demasiado pesada para ti. Uma vez que querias regenerar-te pelo sofrimento, guarda sempre presente, em qualquer parte em que viveres, esse ideal da regeneração. Isso bastará. O fato de te teres furtado a essa terrível prova servirá somente para fazer-te sentir um dever maior ainda, e esse sentimento contínuo contribuirá talvez mais para tua regeneração do que se fosses para lá. Porque não suportarias os sofrimentos do presídio, revoltar-te-ias, talvez acabasses dizendo: “Estou quite.” O advogado disse a verdade nesse sentido. Nem todos suportam fardos pesados; há criaturas que sucumbem... Eis minha opinião, se desejas tanto conhecê-la. Se tua evasão devesse custar caro a outros, oficiais e soldados, não te permitiria que te evadisses. — Aliócha sorriu. — Mas assegura-se (o próprio chefe de condução disse-o a Ivan) que não haverá sanções severas, sabendo-se arranjar as coisas e que eles se safarão de complicações facilmente. Decerto é desonesto corromper consciências, mesmo nesse caso, mas aqui abster-me-ei de julgar, porque se, por exemplo, Ivan e Kátia me tivessem confiado um papel nesse negócio não teria hesitado em empregar a corrupção: devo dizer-te toda a verdade. Assim, não cabe a mim julgar tua maneira de agir. Mas sabe que não te condenarei jamais. Aliás, é estranho, como poderei eu ser teu juiz neste caso? Está bem! Creio ter examinado tudo.

— Em compensação, serei eu que me condenarei! — exclamou Mítia. — Evadir-me-ei. Já estava decidido: será que Mítia Karamázov pode não fugir? Mas me condenarei e passarei minha vida a expiar essa falta. É bem assim que falam os jesuítas? Como o estamos fazendo agora, hem?

— Com efeito — disse alegremente Aliócha.

— Eu te amo porque dizes sempre a verdade completa, sem nada ocultar! — disse Mítia, radiante. — Portanto, apanhei Aliócha em flagrante delito de jesuitismo! Merecerias que te beijassem por isso, deveras! Pois bem! Escuta o resto, vou acabar de expandir-me. Eis o que imaginei e resolvi. Se conseguir evadir-me com dinheiro e um passaporte e se chegar à América serei reconfortado por essa ideia de que não é para viver feliz que o faço, mas para sofrer um presídio que talvez seja igual a este! Asseguro-te, Alieksiêi, que um vale o outro! Que o diabo leve essa América! Já a odeio. Grucha me acompanhará, seja, mas olha-a: tem ela o ar duma americana? Ela é russa, russa até a medula dos ossos, sofrerá a saudade de sua terra, e, sem cessar, vê-la-ei sofrer por causa de mim, carregando uma cruz que não mereceu. E eu suportarei os pulhas de lá, mesmo que todos valessem mais do que eu? Já a detesto, a essa América! Pois bem! Muito embora sejam eles lá técnicos fora do comum ou outra coisa, leve-os o diabo, não são a minha gente! Amo a Rússia, Alieksiêi, amo o Deus russo, por mais vil que eu seja! Sim, rebentarei lá! — exclamou ele, com os olhos de repente cintilantes. Sua voz tremia.

— Pois bem! Eis o que decidi, Alieksiêi, escuta! — prosseguiu, logo que se acalmou. — Assim que lá chegar, com Grucha, por-nos-emos a trabalhar na lavoura, a trabalhar na solidão, entre os ursos, bem longe. Lá também há recantos perdidos. Dizem que ainda existem peles-vermelhas. Pois bem! Será para essa região que iremos, entre os derradeiros moicanos. Estudaremos imediatamente a gramática, eu e Grucha. Ao fim de três anos, saberemos o inglês a fundo. Então, adeus, América! Voltaremos à Rússia, como cidadãos americanos. Não tenhas receio, não voltaremos para esta cidadezinha, ocultar-nos-emos em alguma parte, ao norte ou ao sul. Estarei mudado, ela também; mandarei fazer para mim na América uma barba postiça, furarei um olho, se não usarei uma barba grisalha de um *archin* (a nostalgia da pátria envelhecer-me-á depressa), talvez não me reconheçam. Se for reconhecido, que me deportem, tanto pior, era meu destino! Na Rússia também, trabalharemos num canto perdido, e far-me-ei sempre passar por americano. Em compensação, morreremos na terra natal. Eis meu plano. É irrevogável. Tu o aprovas?

— Sim — disse Aliócha para não contradizê-lo.

Mítia calou-se um instante e declarou de repente:

— Viste como me trataram na audiência? Quanta má vontade!

— Mesmo sem isso, terias sido condenado — disse Aliócha, suspirando.

— Sim, estão fartos de mim, aqui! Que Deus lhes perdoe, mas é duro! — gemeu Mítia. Novo silêncio.

— Aliócha, executa-me agora mesmo: virá ela ou não agora? Fala! Que disse ela?

— Prometeu vir, mas não sei se será hoje. É-lhe penoso!

Aliócha fitou timidamente seu irmão.

— Concordo! Concordo! Aliócha, eu ficarei louco! Grúchenhka não cessa de fitar-me. Ela compreende. Meu Deus! Acalma-me, que peço eu? Kátia! Será que compreendo o que estou pedindo? Eis aqui a tal impetuosidade dos Karamázov! Não, não sou capaz de sofrer! Não passo de um miserável!

— Ei-la! — exclamou Aliócha.

Nesse momento, Kátia apareceu no limiar. Parou um instante e olhou para Mítia com um ar desvairado. Mítia levantou-se vivamente, pálido de terror, mas logo um sorriso tímido, súplice, desenhou-se em seus lábios e, de repente, num movimento irresistível, estendeu seus braços para Kátia, que correu para ele. Ela agarrou-lhe as mãos, fê-lo sentar-se no leito, sentou-se também, sem largar-lhe as mãos que apertava convulsivamente. Por várias vezes, ambos quiseram falar, mas se contiveram, olhando-se em silêncio, com um sorriso estranho, como que presos um ao outro; dois minutos assim se passaram.

— Perdoaste? — perguntou por fim Mítia, e logo, voltando-se radiante para Aliócha, gritou-lhe:

— Ouves o que peço, ouves?

— Eu te amo, porque teu coração é generoso! — disse Kátia. — Não tens necessidade de meu perdão nem eu tampouco do teu. Que me perdoes ou não, a lembrança de cada um de nós ficará como uma ferida na alma do outro, isso deve ser... — Deteve-se para tomar alento. — Por que vim? — prosseguiu ela, febrilmente. — Para beijar teus pés, apertar tuas mãos até doerem, lembras-te?, como em Moscou, para dizer-te ainda que és meu Deus, minha alegria, para dizer-te que te amo loucamente — gemeu ela, num soluço. Pousou os lábios ávidos na mão de Mítia. Corriam-lhes lágrimas pelas faces. Aliócha mantinha-se silencioso e desconcertado. Não esperava aquela cena.

— O amor desapareceu, Mítia — continuou ela —, mas o passado é-me dolorosamente querido. Fica-o sabendo para sempre. Agora, por um instante, suponhamos verdadeiro o que teria podido ser — murmurou ela, com um sorriso crispado, fixando-o de novo com alegria. — Agora, amamos cada um para nosso lado, no entanto, amar-te-ei sempre, e tu também, sabia-o? Ouve, ama-me, ama-me toda a tua vida! — suspirou ela, com voz trêmula em que havia leve tom de ameaça.

— Sim, eu te amarei e... sabes, Kátia — disse Mítia, parando a cada palavra —, sabes que há cinco dias, naquela noite, eu te amava... Quando caíste desmaiada e te levaram... Toda a minha vida! Será assim, para todo o sempre.

Assim trocavam eles essas frases quase absurdas e exaltadas, mentirosas talvez, mas eram sinceros e tinham em si uma confiança absoluta.

— Kátia — exclamou, de repente, Mítia —, acreditas que eu matei? Sei que agora não o crês, mas naquela ocasião... quando depunhas... tu o acreditavas verdadeiramente?

— Jamais o acreditei, mesmo então! Eu te detestava e persuadi-me, por um instante... Ao depor, estava convencida... mas, logo imediatamente depois, deixei de crê-lo. Fica-o sabendo. Esquecia-me de que vim aqui para penitenciar-me! — disse ela, com uma expressão toda nova, que não lembrava em nada as ternas frases de ainda há pouco.

— Como isso é horrível para ti, mulher! — disse, de repente, Mítia.

— Deixa-me — murmurou ela —, eu voltarei, agora não posso mais.

Levantara-se, mas de súbito lançou um grito e recuou.

No quarto havia entrado bruscamente, embora sem ruído, Grúchenhka. Ninguém a esperava. Kátia lançou-se para a porta, mas parou diante de Grúchenhka, tomou-se duma palidez de cera e murmurou, um suspiro:

— Perdoe-me!

A outra fitou-a e, ao fim dum instante, disse-lhe, em voz amarga, carregada de ódio:

— Somos más todas duas! Como haveremos de perdoar uma à outra? Mas salva-o e, em compensação, eu rezarei por ti toda a minha vida.

— E tu recusas perdoar-lhe? — gritou Mítia, num tom de viva censura.

— Fica tranquila, eu o salvarei — apressou-se em dizer Kátia, que saiu apressada.

— Pudeste recusar-lhe teu perdão, quando ela mesma te pedia? — exclamou de novo Mítia com amargura.

— Não a censures, Mítia, não tens o direito! — interveio com vivacidade Aliócha.

— Era seu orgulho e não seu coração que falava — disse com desgosto Grúchenka. — Se ela te libertar, perdoar-lhe-ei tudo...

Calou-se, como se reprimisse alguma coisa e não pudesse ainda serenar-se. Chegara ali totalmente por acaso, não suspeitando de nada e sem esperar aquele encontro.

— Aliócha, corre atrás dela! — disse Mítia, ansioso, ao irmão. — Dize-lhe... não sei o quê... não a deixes partir assim!

— Virei ver-te antes do anoitecer! — gritou Aliócha, que correu para alcançar Kátia. Alcançou-a, de fato, já fora do hospital. Ia depressa e lhe disse rapidamente:

— Não, é-me impossível humilhar-me diante daquela mulher. Quis beber o cálice até o fim, por isso lhe pedi perdão. Ela recusou... Amo-a por isso! — disse Kátia com voz alterada, e seus olhos brilhavam cheios de ódio feroz.

— Meu irmão não esperava por isso — balbuciou Aliócha. — Estava persuadido de que ela não viria...

— Sem dúvida. Deixemos isso — interrompeu ela. — Escute: não posso acompanhá-lo ao enterro. Enviei-lhes flores para o caixão. Devem ter ainda dinheiro. Se for preciso, diga-lhes que para o futuro não os abandonarei jamais. E agora, deixe-me, deixe-me, rogo-lhe. Você já está atrasado, está tocando para a derradeira missa... Deixe-me, por favor!

III

ENTERRO DE ILIÚCHA. ALOCUÇÃO PERTO DA PEDRA

Estava atrasado, com efeito. Esperavam-no e tinham mesmo já decidido levar sem ele para a igreja o pequeno ataúde ornado de flores. Era o de Iliúcha, o pobre menino. Morrera dois dias depois da sentença do julgamento. Ainda no portão, foi Aliócha acolhido pelos gritos dos

rapazes, camaradas de Iliúcha. Tinha vindo uma dúzia, com suas sacolas escolares nas costas. “Papai chorará, fiquem com ele”, dissera-lhes Iliúcha, antes de morrer, e os meninos lembravam-se disso. À frente deles achava-se Kólia Krasótkin.

— Como estou contente por sua vinda, Karamázov! — exclamou ele, estendendo a mão a Aliócha. — Aqui está horrível! Na verdade, causa dó ver. Snieguiriov não está bêbedo, temos certeza de que não bebeu hoje, mas tem ar de embriagado... Mantenho-me firme, mas é horrível. Karamázov, se não o retardo, far-lhe-ei apenas uma pergunta antes de entrar.

— Que há, Kólia? — Aliócha parou.

— Seu irmão é inocente ou culpado? Foi ele quem matou seu pai ou foi o laçao? Acreditarei no que o senhor disser. Há quatro noites que não durmo pensando nessa ideia.

— Foi o laçao o assassino, meu irmão está inocente — respondeu Aliócha.

— É também minha opinião!... — exclamou de repente o jovem Smúrov.

— De modo que sucumbe ele como uma vítima inocente pela verdade!? — exclamou Kólia. — Sucumbindo é feliz! Estou pronto a invejá-lo!

— Como pode você dizer isso e por quê? — disse Aliócha, surpreso.

— Oh, se eu pudesse um dia sacrificar-me pela verdade! — declarou Kólia com entusiasmo.

— Mas não num caso como esse, não com tal opróbrio, em circunstâncias tão horríveis! — disse Aliócha.

— Certamente... quereria morrer pela humanidade inteira e, quanto à vergonha, pouco importa: pereçam nossos nomes. Respeito seu irmão!

— Eu também! — exclamou de modo completamente inesperado o mesmo menino que pretendia outrora saber quem fundara Troia. Como então, ficou vermelho como uma peônia.

Aliócha entrou. No ataúde azul, enfeitado com tiras brancas, estava Iliúcha deitado, as mãos juntas, os olhos fechados. Os traços de seu rosto emagrecido mal haviam mudado e, coisa estranha, o cadáver quase não exalava odor fétido. A expressão era séria e como que pensativa. As mãos sobretudo eram belas, como talhadas em mármore. Tinham posto flores

nelas. O ataúde inteiro, por dentro e por fora, estava ornado de flores enviadas de manhã cedo por Lisa Khokhlakova. Mas tinham vindo outras, da parte de Katierina Ivânovna, e, quando Aliócha abriu a porta, o capitão, com um buquê nas mãos trêmulas, desmanchava-o sobre seu querido filho. Mal olhou para o recém-chegado; aliás, não prestava atenção a ninguém, nem mesmo à mulher, a *mamacha* demente e chorosa, que se esforçava por se erguer sobre as pernas doentes, para ver de mais perto o filho morto. Quanto a Nínotchka, os meninos tinham-na levado, com sua cadeira, para bem perto do caixão. Apoiara a cabeça nele e devia estar chorando mansamente. Snieguiriov tinha o ar animado, mas como que perplexo e, ao mesmo tempo, selvagem. Havia loucura em seus gestos, nas palavras que lhe fugiam. “Meu pequeno, meu querido pequeno!”, exclamava ele a cada instante, olhando Iliúcha.

— *Pápotchka*, dá-me também flores, toma da mão dele aquela flor branca e dá-me! — pediu, soluçando, a *mamacha* louca. Fosse que a rosinha branca que estava nas mãos de Iliúcha lhe agradasse muito, ou quisesse ela guardá-la como lembrança dele, agitava-se, com os braços estendidos para a flor.

— Não darei nada a ninguém! — respondeu duramente Snieguiriov. — São dele as flores e não tuas. Tudo é dele, nada de ti!

— Papai, dê uma flor a mamãe! — disse Nínotchka, mostrando o rosto úmido de lágrimas.

— Não darei nada, sobretudo a ela! Ela não o amava. Tirou-lhe seu canhãozinho — disse o capitão com um soluço, lembrando-se de como Iliúcha tinha então cedido o canhão à mãe. A pobre louca pôs-se a chorar, ocultando o rosto nas mãos. Os meninos, vendo afinal que o pai não saía de perto do caixão, e que era tempo de levá-lo à igreja, cercaram-no compactamente e puseram-se a levantá-lo.

— Não quero enterrá-lo no cemitério! — clamou de súbito Snieguiriov. — Enterrá-lo-ei perto da pedra, de nossa pedra! Era a vontade de Iliúcha. Não deixarei que o levem!

Havia três dias que ele falava em enterrá-lo perto da pedra; mas Aliócha e Krasótkin intervieram, bem como a locadora, sua irmã e todos os meninos.

— Que ideia essa de enterrá-lo perto de uma pedra impura, como um renegado? — disse severamente a velha. — No cemitério, a terra é

abençoada. Será mencionado nas orações. Ouvem-se os cantos da igreja, o diácono tem uma voz tão sonora e tudo chegará até ele, como se fosse ali mesmo, junto de sua sepultura.

O capitão teve um gesto de lassidão, como para dizer: “Façam o que quiserem!” Os meninos ergueram o caixão, mas, ao passar perto da mãe, detiveram-se um instante para que ela pudesse dizer adeus a Iliúcha. Vendo, de repente, de perto, aquele rosto querido, que ela havia três dias não tinha contemplado senão a certa distância, pôs-se ela a balançar a cabeça grisalha.

— Mamãe, abençoe-o, beije-o — gritou-lhe Nínotchka. Mas a velha, como um autômato, continuou a menear a cabeça e, sem nada dizer, com o rosto crispado pela dor, bateu no peito com o punho. Levaram o caixão para mais longe. Nínotchka pousou um derradeiro beijo nos lábios do irmão. Aliócha, ao sair, rogou à locadora que velasse pelas duas mulheres; ela não o deixou acabar.

— Conhecemos nosso dever, ficarei junto delas, nós também somos cristãos.

A velha chorava ao dizer isso. A igreja estava a pouca distância, uns trezentos passos quando muito. Fazia um tempo claro e ameno, com um pouco de geada. Os sinos ainda dobravam. Snieguiriov, apressado e desorientado, acompanhava o ataúde, metido no velho sobretudo, demasiado leve para a estação, segurando na mão o chapéu de feltro de largas abas. Presa de inexplicável inquietação, ora queria sustentar a cabeceira do caixão, o que só fazia atrapalhar os que o carregavam, ora esforçava-se por andar ao lado. Tendo uma flor caído na neve, precipitou-se para apanhá-la, como se aquilo tivesse uma grande importância.

— O pão, esqueceram o pão! — exclamou ele, de repente, com terror. Mas os meninos lhe lembraram logo que ele acabava de pegar um pedaço de pão e trazia-o no bolo. Tirou-o e acalmou-se ao vê-lo.

— É Iliúcha que o quer — explicou ele a Aliócha. — Uma noite, em que estava eu à sua cabeceira, disse-me de repente: “*Pápotchka*, quando me enterrarem, esmigalhe pão em cima de minha cova, para atrair os pardais. Eu os ouvirei e me causará prazer o não me sentir só.”

— Pois muito bem — disse Aliócha. — Será preciso trazer pão muitas vezes.

— Todos os dias, todos os dias! — murmurou o capitão como que reanimado.

Chegaram por fim à igreja, e o ataúde foi colocado no meio dela. Os meninos cercaram-no e portaram-se exemplarmente durante a cerimônia. A igreja era antiga e bastante pobre, muitos ícones não tinham molduras, mas, em igrejas assim, se sente a gente mais à vontade para rezar. Durante a missa, Snieguiriov pareceu acalmar-se um pouco, se bem que a mesma preocupação inconsciente reaparecesse por momentos nele; ora se aproximava do caixão para arranjar o pano fúnebre, ou o *vientchik*,¹¹⁵ ora quando uma vela caía do candelabro, corria a recolocá-la, demorando-se nisso infindavelmente. Depois, tranquilizou-se e ficou à frente, com ar preocupado e como que perplexo. Depois da epístola, cochichou a Aliócha que não a haviam lido como era devido, sem explicar seu pensamento. Pôs-se a cantar o hino querúbico, depois prosternou-se, com a cabeça contra as lajes, antes que ele terminasse, e assim ficou durante muito tempo. Por fim, foi dada a absolvição e distribuíram-se as velas. O pai, precipitado, ia de novo agitar-se, mas a unção e a majestade do canto fúnebre o transtornaram. Pareceu encolher-se e se pôs a soluçar a curtos intervalos, a princípio abafando a voz, depois, para o fim, ruidosamente. No momento dos adeuses, quando se ia fechar o caixão, abraçou-se com ele como se quisesse a isso opor-se e começou a cobrir de beijos os lábios do filho. Exortaram-no a afastar-se e já havia ele descido o degrau, quando, de repente, estendeu vivamente os braços e tirou algumas flores do caixão. Contemplou-as e nova ideia pareceu absorvê-lo, de modo que esqueceu, por um instante, o essencial. Pouco a pouco, tombou no devaneio e não fez nenhuma resistência quando levaram o caixão.

O túmulo, situado bem perto da igreja, no cemitério, custara caro. Pagara-o Katierina Ivânovna. Após o rito usual, os coveiros desceram o caixão. Snieguiriov, com flores na mão, inclinava-se de tal maneira por cima da cova aberta que os meninos, amedrontados, agarraram-lhe o sobretudo e puxaram-no para trás. Mas ele parecia não compreender bem o que se passava. Quando encheram a cova, pôs-se a desenhar, com ar preocupado, na terra que se amontoava, e começou mesmo a falar, mas ninguém compreendeu nada; aliás, não tardou a calar-se. Lembraram-lhe então de que era preciso reduzir o pão a migalhas; moveu-se, tirou o pão do bolso e espalhou-o em migalhas sobre o túmulo: “Venham, passarinhos, venham, gentis pardais!”, murmurava ele, solícito. Um dos meninos fez-

lhe ver que as flores o atrapalhavam e que deveria confiá-las a alguém. Mas ele recusou, pareceu mesmo aterrorizado, como se quisessem tomá-las dele, e depois de haver-se assegurado com um olhar de que tudo estava realizado e o pão reduzido a migalhas, voltou-se e seguiu tranquilamente para casa. Mas, pouco a pouco, apressou o passo, corria quase. Os meninos e Aliócha seguiam-no de perto.

— Flores para *mamacha*, flores para *mamacha*! Ofenderam a *mamacha*! — exclamou ele, de repente. Alguém lhe gritou que pusesse o chapéu, que estava fazendo frio. Como que irritado com tais palavras, atirou-o na neve, dizendo: “Não quero chapéu, não quero!” O jovem Smúrov apanhou o chapéu e segurou-o. Todos os meninos choravam, sobretudo Kólia e o rapaz que havia descoberto Troia. Malgrado as lágrimas, achou Smúrov meio de apanhar um pedaço de tijolo que aparecia vermelho entre a neve, para visar no voo a um bando de pardais. Não acertou neles, naturalmente, e continuou a correr, chorando. A meio caminho, Snieguiriov parou, de súbito, estacionou um instante como impressionado por alguma coisa; depois, voltando-se para o lado da igreja, encaminhou-se para o túmulo deixado só. Mas os meninos o agarraram em um piscar de olhos, aferrando-se a ele por todos os lados. Sem forças, dominado, rolou sobre a neve, debateu-se soluçando e se pôs a gritar: “Iliúcha, meu querido filhinho!” Aliócha e Kólia levantaram-no, suplicaram-lhe que se mostrasse razoável.

— Capitão, basta, um homem corajoso deve suportar tudo — balbuciou Kólia.

— O senhor está estragando as flores — disse Aliócha. — A *mamacha* as espera, está chorando porque o senhor lhe recusou as flores de Iliúcha. O leito de Iliúcha ainda está lá.

— Sim, sim, vamos ver a *mamacha* — lembrou-se, de súbito, Snieguiriov. — Vão levar o leito! — acrescentou, como se temesse verdadeiramente que o levassem. Levantou-se e correu a casa, mas não se estava longe, e todo mundo chegou ao mesmo tempo. Snieguiriov abriu vivamente a porta, gritou para a mulher, para com a qual se mostrara tão duro:

— Querida *mamacha*, eis flores que Iliúcha te envia. Tens dores nos pés?

Estendeu-lhe as flores, geladas e machucadas, quando havia rolado na neve. Naquele momento, percebeu a um canto, diante do leito, os sapatos

de Iliúcha que a locadora acabara de arrumar, velhos sapatos que se haviam tornado vermelhos, encoscorados, remendados. Vendo-os, ergueu os braços, avançou, caiu de joelhos, agarrou um dos sapatos, que cobriu de beijos, gritando:

— Iliúcha, meu querido filhinho, onde estão teus pés?

— Para onde o levaste!? Para onde o levaste!? — exclamou a louca, com uma voz dilacerante. Nínotchka também se pôs a soluçar. Kólia saiu correndo, seguido pelos meninos. Aliócha fez o mesmo.

— Deixemo-lo chorar — disse ele a Kólia. — É impossível consolá-los. Voltaremos daqui a pouco.

— Sim, não há nada a fazer, é horrível — aprovou Kólia. — Tenho muito pesar e, para ressuscitá-lo, daria tudo no mundo!

— Eu também — disse Aliócha.

— Que pensa o senhor, Karamázov, será preciso vir esta noite? Ele vai embriagar-se.

— É bem possível. Viremos somente nós dois, e basta, passar uma hora com ele, com a mamãe e Nínotchka. Se viéssemos todos, serviria para lembrar-lhes tudo — aconselhou Aliócha.

— A locadora vai preparar a mesa para a comemoração,¹¹⁶ virá o pope. Será preciso voltar para lá agora, Karamázov?

— Absolutamente.

— É estranho tudo isso, Karamázov. Tal dor e pastéis; como tudo é estranho em nossa religião!

— Haverá salmão — disse o rapaz que havia descoberto Troia.

— Peço-lhe seriamente, Kartachov, que não intervenha com suas bobagens, sobretudo quando não se está falando com você e que se quer mesmo ignorar sua existência — disse Kólia, com irritação. O rapaz corou, mas não ousou responder. Entretanto, todos seguiam lentamente a vereda, e Smúrov exclamou de repente:

— Eis a pedra de Iliúcha, sob a qual queriam enterrá-lo!

Todos pararam, silenciosos, ao lado da pedra. Aliócha olhava, e a cena que lhe havia contado outrora Snieguiriov, de como Iliúcha, chorando e abraçando seu pai, exclamava “*Pápotchka, pápotchka*, como ele te humilhou!”, aquela cena lhe voltou repentinamente à memória. A emoção dominou-o. Olhou com ar sério todos aqueles rostos gentis de escolares, camaradas de Iliúcha, e lhes disse:

— Meus amigos, queria dizer algumas palavras, aqui mesmo.

Os meninos cercaram-no e fitaram nele olhares de expectativa.

— Meus amigos, vamos separar-nos. Ficarei ainda algum tempo com meus irmãos, dos quais um vai ser deportado e o outro está moribundo. Mas deixarei em breve esta cidade, talvez por muito tempo. Vamos, pois, separar-nos. Convenhamos aqui, diante da pedra de Iliúcha, que jamais o esqueceremos e nos lembraremos uns dos outros. E, aconteça o que acontecer mais tarde na vida, ainda mesmo que fiquemos vinte anos sem nos vermos, lembrar-nos-emos de como enterramos o pobre menino, contra o qual eram atiradas pedras perto do passadiço, deveis lembrar-vos, e que foi depois amado por todos. Era um menino amável, bom e corajoso, tendo o sentimento da honra e da amarga ofensa sofrida por seu pai, contra a qual se revoltou. Assim nos lembraremos dele toda a nossa vida. E mesmo se estivermos ocupados com negócios da mais alta importância e tenhamos alcançado honras ou caído no infortúnio, mesmo então não esqueçamos jamais como nos foi doce, aqui, comungar uma vez em um bom sentimento que nos tomou, enquanto amávamos o pobre menino, talvez melhores do que somos na realidade. Meus pombinhos, deixai que vos chame assim, porque vos assemelhais todos àqueles encantadores pássaros, enquanto fito vossos rostos, amáveis, meus queridos meninos, talvez não compreendais o que vou dizer-vos, porque nem sempre sou claro, mas havereis de lembrar-vos e mais tarde me dareis razão. Sabei que não há nada de mais nobre, de mais forte, de mais são e de mais útil na vida que uma boa recordação, sobretudo provindo da juventude, da casa paterna. Falam-vos muito de vossa educação; ora, uma recordação santa, conservada desde a infância, é talvez a melhor educação. Se fazemos provisão de tais recordações para a vida, salvamo-nos definitivamente. E mesmo se só guardarmos no coração uma boa recordação, isso poderá servir um dia para nos salvar. Talvez nos tornemos mesmo maus, mais tarde, incapazes de nos abstermos duma má ação, riamos das lágrimas de nossos semelhantes, dos que dizem, como Kólia exclamou ainda há pouco, “quero sofrer por todos!”, talvez zombemos deles maldosamente. Mas por piores que nos tornemos, do que Deus nos preserve, quando nos lembrarmos de como enterramos Iliúcha, de como o amamos em seus derradeiros dias, e das conversas que mantivemos cordialmente em redor desta pedra, o mais duro e o mais zombeteiro dentre nós, se assim nos tornarmos, não ousará zombar, em seu foro íntimo, dos bons sentimentos

que experimenta neste momento! Mais ainda, talvez que precisamente essa recordação apenas o impeça de agir mal; fará um exame de consciência e dirá: “Sim, eu era bom então, ousado, honesto.” Que ria consigo mesmo, pouco importa, a gente zomba muitas vezes do que é bom e belo; é somente por leviandade, mas asseguro-vos que, logo depois de ter rido, dirá a si mesmo em seu coração: “Fiz mal em rir-me, porque não devemos rir dessas coisas!”

— Será absolutamente assim, Karamázov, eu o compreendo! — exclamou Kólia, de olhos brilhantes. Os meninos agitaram-se e queriam também gritar alguma coisa, mas contiveram-se e fixaram no orador olhares emocionados.

— Disse isso para o caso em que nos tornarmos maus — prosseguiu Aliócha. — Mas por que nos tornarmos maus, não é, meus amigos? Seremos antes de tudo bons, depois honestos, enfim, não nos esqueceremos jamais uns dos outros. Insisto nisso. Dou-vos minha palavra, meus amigos, de que não esquecerei nenhum de vós; cada rosto que me olha agora, dele me lembrarei, mesmo daqui a trinta anos. Ainda há pouco, Kólia disse a Kartachov que queríamos ignorar sua existência. Posso eu esquecer que Kartachov existe, que não cora mais como quando descobriu Troia, mas me olha alegremente com seus belos olhos? Meus caros amigos, sejamos todos generosos e corajosos como Iliúcha, inteligentes, corajosos e generosos como Kólia (que se tornará bem mais inteligente ao crescer), sejamos modestos, porém amáveis como Kartachov. Mas por que só falar desses dois? Todos vós me sois caros doravante, todos tendes um lugar em meu coração e reclamo um no vosso! Pois bem! Quem nos reuniu neste bom sentimento, do qual queremos guardar para sempre a lembrança, senão Iliúcha, aquele bom, aquele gentil menino, que nos será sempre querido? Nós não o esqueceremos, boa e eterna recordação dele em nossos corações, agora e para todo o sempre!

— É isso, é isso, lembrança eterna! — gritaram todos os meninos com suas vozes sonoras e com ar comovido.

— Nós nos lembraremos de seu rosto, de sua roupa, de seus pobres sapatinhos, de seu ataúde, de seu desgraçado pai e de como tomou a defesa dele, sozinho contra toda a classe.

— Nós nos lembraremos dele! Era bravo, era bom!

— Ah, como eu o amava! — exclamou Kólia.

— Meus meninos, meus queridos amigos, não temais a vida! Ela é tão bela quando se pratica o bem e a verdade!

— Sim, sim! — repetiram os meninos entusiasmados.

— Karamázov, nós o amamos! — ecoou uma voz, provavelmente a de Kartachov.

— Nós o amamos, nós o amamos! — repetiram em coro. Muitos tinham lágrimas nos olhos.

— Viva Karamázov! — proclamou Kólia.

— E lembrança eterna para o pobre menino! — acrescentou de novo Aliócha, com emoção.

— Lembrança eterna!

— Karamázov! — exclamou Kólia. — É verdade o que diz a religião, que ressuscitaremos dentre os mortos, que nos tornaremos a ver uns aos outros, e todos e Iliúcha?

— Decerto ressuscitaremos, tornaremos a ver-nos, contaremos uns aos outros alegremente tudo quanto se passou — respondeu Aliócha, meio risonho, meio entusiasta.

— Oh, como será bom! — disse Kólia.

— E agora já falamos muito. Vamos ao jantar fúnebre. Não vos perturbeis pelo fato de comermos pastéis. É uma velha tradição que tem seu lado bom — disse Aliócha, sorrindo. — Pois bem! Vamos agora, de mãos dadas.

— É sempre assim, a vida inteira, de mãos dadas! Viva Karamázov! — repetiu Kólia com entusiasmo, e sua aclamação foi repetida por todos os meninos.

¹ São Lucas, C. 11, v. 29.

² Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), socialista francês, autor de teorias famosas sobre a propriedade. Mikhail Bakunin (1814-1876), filósofo russo, um dos chefes da I Internacional.

³ Alusão à sublevação, em Paris, que destronou Luís Felipe (24/2/1848).

⁴ Servos da gleba. Calculava-se a riqueza dos proprietários rurais pelo número de “almas” que eles possuíam.

⁵ Literalmente: truncado.

⁶ Monge idoso e pobre, respeitado por sua bondade e sabedoria.

⁷ É esta a grafia usada por Dostoiévski nesta obra, embora a forma Zóssim seja mais correta e usual.

⁸ “Vi a sombra de um cocheiro que, com a sombra de uma escova, esfregava a sombra de uma carruagem.” Versos tirados de uma paródia do livro VI da *Eneida* pelos irmãos Perrault, em 1646.

⁹ Plural russo de *stáriets*.

¹⁰ Mosteiro famoso na província de Kaluga.

¹¹ Literalmente: cisão. Seita religiosa dos “velhos crentes” que provocou o cisma na igreja russa, em meados do século XVII, contra as reformas do patriarca Nikhon.

¹² Nome forjado. Do verbo *napravliat*, endireitar, dirigir.

¹³ Denis Diderot (1713-1784), pensador, escritor e crítico francês, diretor principal da *Enciclopédia*. Ateu convicto, foi grande admirador da vida e suas formas e reconduziu a moral à fisiologia. Fez uma viagem à Rússia para agradecer a Katierina II os benefícios dela recebidos.

¹⁴ Katierina Romanovna, princesa Dachkova, mulher de letras, amiga de Katierina II e presidenta da Academia de Ciências (1743-1810).

¹⁵ Grigóri Alieksándrovitch Potiomkin (1739-1790), o célebre príncipe de Táuride, marechal de campo e favorito de Katierina II. Projetou expulsar totalmente os turcos da Europa.

¹⁶ Aleixo, Alieksiêi, um dos santos mais populares da hagiografia russa.

¹⁷ Gregório VII, um dos maiores pontífices romanos, papa entre 1073-1085, fez-se célebre por suas lutas contra o imperador da Alemanha Henrique IV.

¹⁸ Outro dos principais personagens de *Os bandidos*, de Schiller.

¹⁹ Variante carinhosa do diminutivo de Agrafiena, Grucha, que é também nome comum e significa pera.

²⁰ Apelido dado ao velho Fiódor Pávlovitch com a intenção, expressamente, pejorativa, de emprestar-lhe as qualidades negativas de vagabundagem e histrionismo atribuídas à semilendária figura do também velho, feio, gago e corcunda fabulista grego, mas cujo engenho e sutileza são igualmente proverbiais. Esopo viveu entre os anos 620-560 a.C. na corte de Creso, e morreu ao ser atirado do alto de um precipício, como castigo por um crime que lhe foi falsamente atribuído.

²¹ Mais nobreza que sinceridade.

²² Adeptos da seita dos *khristi* (cristos) ou, por zombaria, dos *khlisti* ou *khlistóvstvo* (flagelantes), que apareceu na Rússia no século XVII. Tiveram seus profetas e praticaram exageradamente seus ritos, entre eles o da chicotada, daí o nome pejorativo que lhes deram.

²³ Região do sudoeste da França, famosa por seus vinhos, situada entre a costa atlântica e o estuário do Gironde, no departamento do mesmo nome.

²⁴ Sobrenome de conhecidos comerciantes russos da época, proprietários de famosos armazéns de comestíveis finos.

- ²⁵ Literalmente: fedorento. Mais adiante o leitor irá encontrar esse apelido transformado no sobrenome Smierdiáchtchaia, fedorenta.
- ²⁶ Santo Isaac, monge do Oriente, zeloso defensor da ortodoxia. Faleceu por volta do ano 380.
- ²⁷ Literalmente: fedorenta.
- ²⁸ Poema de Niekrássov que continha: “Quando das trevas do erro...”
- ²⁹ Conto popular russo que inspirou a Púchkin seu “Conto do pescador e do peixe”.
- ³⁰ Deusa latina das colheitas, da Agricultura e da Civilização.
- ³¹ Charles-Paul de Kock (1794-1871), fecundo romancista francês, autor de histórias frívolas sobre a vida das costureiras e dos pequenos-burgueses.
- ³² Alusão à passagem bíblica, *números*, cap. XXII, vs. 22-36, em que o Profeta, montado numa burra, foi detido por um anjo que impedia o passo do animal; como Balaão castigasse repetidas vezes a besta, esta falou repreendendo-o. Somente então Balaão viu o anjo, e diante do milagre abençoou o povo de Israel em vez de maldizê-lo, contrariando as ordens de Balak, rei dos Moabitas.
- ³³ Primeira coletânea de novelas de Gógol (1831).
- ³⁴ Mc, 4:24.
- ³⁵ Tudo isso é porcaria.
- ³⁶ Diminutivo carinhoso de Alieksiêi.
- ³⁷ Há Piron dentro disso. Alexis Piron (1689-1773), célebre poeta francês autor da comédia *La métromanie*. Compôs também grande número de sátiras, canções e epigramas espirituosos, e a maioria das vezes licenciosos.
- ³⁸ Famoso romance de Mikhail Iúrievitch Liérmontov (1814-1841). As narrações dessa obra custaram-lhe um duelo, em que perdeu a vida.
- ³⁹ Senhor. Tratamento respeitoso dado outrora às pessoas da classe privilegiada. Atualmente, emprega-se no sentido irônico de comodista, preguiçoso.
- ⁴⁰ Jonas. Nome bíblico, dado geralmente a pessoas do clero.
- ⁴¹ Nome forjado. De *krasota*, beleza.
- ⁴² “Pouco me importa, senhora, o vosso agradecimento.” Schiller, *A luva*, estrofe VIII.
- ⁴³ Refere-se ao costume que havia, na época, de a gente pobre acrescentar um “s” ao fim das palavras como deferência às pessoas importantes.
- ⁴⁴ Versos de *O demônio*, de Liérmontov.
- ⁴⁵ Nome forjado, composto de *tchemo*, preto, e *mázat*, pintar, sujar. Literalmente: aquele que pinta ou suja de preto. Deturpação intencional de Karamázov.
- ⁴⁶ Trocadilho com a palavra *sosna*, pinheiro, e a expressão *so sna*, em sonho, na frase *sosna kak so sna*.
- ⁴⁷ Referência à comédia de Griboiédov *A desgraça de ter talento*.
- ⁴⁸ Alusão ao significado do sobrenome Smierdiáchtchaia.
- ⁴⁹ Dostoiévski faz Smierdiákov cometer um erro histórico para ressaltar sua ignorância e seu pedantismo.
- ⁵⁰ Profissões de fé.
- ⁵¹ “Se Deus não existisse, precisaríamos inventá-lo.” Citação da *Epístola ao Autor dos três impostores*, de Voltaire.

- ⁵² Célebre matemático grego (330-270 a.C.), que ensinou em Alexandria, no reinado de Ptolomeu I. O axioma fundamental da sua geometria é: “Por um ponto exterior a uma reta, somente podemos fazer passar uma só paralela a essa reta.”
- ⁵³ Possível equívoco de Dostoiévski, confundindo este santo com são Julião, o Hospitaleiro.
- ⁵⁴ Nikolai Alieksiêievitch Niekrássov (1821-1888), poeta, romancista e crítico. Foi ele quem publicou *Pobre gente* pela primeira vez.
- ⁵⁵ Título dado ao herdeiro da Coroa da França. Neste caso, o primogênito de Louis XI e Charlotte de Savoie, depois o rei Charles VIII de Valois (1470-1498).
- ⁵⁶ O bom julgamento da Santíssima e Graciosa Virgem Maria.
- ⁵⁷ A Virgem entre os condenados.
- ⁵⁸ Do Apocalipse, de são João.
- ⁵⁹ Fiódor Ivânovitch Tiútchev (1803-1873), poeta contemporâneo de Púchkin, muito influenciado por Heine e Goethe.
- ⁶⁰ “Para a maior glória de Deus.” Mote dos jesuítas.
- ⁶¹ “Jovem, levanta-te.” Lc, 7:14. Palavras da linguagem aramaica, pronunciadas por Jesus Cristo quando da ressurreição do filho da viúva de Naim.
- ⁶² Famosos conquistadores tártaros. Gêngis-Khan (1167-1227) subjugou e devastou a China, a Mongólia e a Pérsia. Fundou o primeiro Império Mongol, a que deu uma administração notável. Tamerlão (1336-1405), parente longínquo de Gêngis-Khan, foi o fundador do segundo Império Mongol, caracterizando-se seu reinado por longas guerras de conquista. Morreu quando se dispunha à conquista da China.
- ⁶³ “Tenho dito.” Expressão latina empregada antigamente no final dos discursos.
- ⁶⁴ Literalmente: cão de caça. Apelido de Górstkin.
- ⁶⁵ Jo, 12:24-25.
- ⁶⁶ Ao conduzir-se o cadáver de um simples monge da cela para a igreja e, após a cerimônia fúnebre, da igreja para o cemitério, canta-se o versículo “Que vida bem-aventurada”. Se o defunto é um religioso professor de segundo grau, canta-se o hino “Ajuda e protetor”. (N. do A.)
- ⁶⁷ Costumavam-se denominar os prédios pelos nomes de seus proprietários.
- ⁶⁸ Jo, 2:1-10.
- ⁶⁹ Agripina, empregado por Mítia com intenção notadamente irônica, tem, em russo, um matiz mais distinto do que a forma habitual Agrafiena.
- ⁷⁰ Mikhail Ievgráfovitch Saltikov-Chtchédrin (1826-1889), célebre escritor de romances sociais com tendências liberais. Foi deportado por Nikolai I e indultado por Alieksandr II.
- ⁷¹ Vocativo de *pan*, “senhor”, em polonês. Os nomes poloneses, da mesma forma que os russos — e também alemães e latinos —, sofrem alteração nas desinências por causa das flexões de gênero, número e caso. Assim ocorre nas páginas seguintes com *páni*, *pánienka*, *pánowie*, *pánienki*.
- ⁷² Personagem principal de *Almas mortas*, de Gógol.
- ⁷³ Literalmente: interesseiro. Nome forjado. De *rubi*, rublo.
- ⁷⁴ Antes da partilha e anexação da Polônia, levada a efeito no reinado de Katierina II.
- ⁷⁵ Nobre, em polonês.
- ⁷⁶ Teimosa, em polonês.
- ⁷⁷ Vagabundo, miserável, em polonês.

- ⁷⁸ Literalmente: aquela que tem a última palavra em tudo.
- ⁷⁹ Senhor coronel, em polonês.
- ⁸⁰ Nome derivado do topônimo Dardanelos, estreito entre a Europa e a Ásia, ligando o mar de Mármara ao mar Egeu.
- ⁸¹ Vissarion Grigórievitch Bielínski (1812-1848), escritor, crítico e polemista russo de fama mundial.
- ⁸² Tatiana Narina é a heroína do poema “Tevguéni Oniéguin”, de Púchkin, sobre o qual escreveu Bielínski sérios estudos críticos.
- ⁸³ A Terceira Seção era a polícia secreta, cuja sede ficava perto da ponte das Correntes.
- ⁸⁴ *Kolokol*, em russo. Famosa revista fundada por Herzen, literato russo, contemporâneo de Dostoiévski e partícipe do movimento revolucionário da época. Era publicada em Londres e introduzida clandestinamente na Rússia.
- ⁸⁵ Salmo, 136:5 e 6.
- ⁸⁶ Significa, por extensão: mercado de animais.
- ⁸⁷ Você compreende, esse caso e a morte terrível de seu papai.
- ⁸⁸ Fisiologista francês (1813-1878). *Introdução ao estudo da medicina experimental*, de sua autoria, é uma obra-prima de método.
- ⁸⁹ Opiniões não se discutem.
- ⁹⁰ Petersburgo, na linguagem do povo.
- ⁹¹ Orçando pelos cinquenta.
- ⁹² Sou Satanás e nada do que é humano reputo alheio a mim.
- ⁹³ É novidade, não é?
- ⁹⁴ Aliksandr Gatsuk (1832-1891), editor de jornais, revistas e almanaques.
- ⁹⁵ Palavras de Khlestakov, em *O inspetor*, de Gógol, 3º ato, cena 6.
- ⁹⁶ “Penso, logo existo” (*Cogito ergo sum*). Princípio fundamental sobre o qual Descartes (1596-1650), famoso filósofo e matemático francês, assenta sua doutrina filosófica, denominada mais tarde “cartesianismo”. Descartes é considerado o pai do método e o verdadeiro fundador da filosofia moderna. Entre suas obras principais, sobressaem: *Discours de la méthode*, *Traité de l’homme* e *méditations métaphysiques*.
- ⁹⁷ Ah, meu padre, isso lhe causou tanto prazer e a mim tão pouco trabalho!
- ⁹⁸ Heinrich Heine (1797-1856), poeta e prosador alemão, de ascendência hebraica. Autor de poesias de uma melancolia irônica e dolorosa.
- ⁹⁹ Ah, mas é estúpido afinal!
- ¹⁰⁰ Martinho Lutero (1483-1546). Foi, à parte seu papel religioso, um místico e iluminado (acreditava ter visto muitas vezes o diabo, atirando-lhe certo dia um tinteiro na cabeça).
- ¹⁰¹ O senhor sabe que tempo está fazendo? Nem um cachorro se deve pôr lá fora...
- ¹⁰² A chave do enigma.
- ¹⁰³ Nome forjado. Derivado de *sviet*, luz, claridade.
- ¹⁰⁴ Passear, em alemão.
- ¹⁰⁵ Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo.
- ¹⁰⁶ Pão e circo (*Sátiras*, X, 81). Expressão de desprezo com que Juvenal, célebre poeta satírico latino, fustiga os romanos da decadência, que só pediam trigo no Fórum e espetáculos gratuitos no circo.

¹⁰⁷ Obra-prima.

¹⁰⁸ Gógol, em *As almas mortas*.

¹⁰⁹ Nome forjado pelo autor. De *sobaka*, cão.

¹¹⁰ Depois de mim o dilúvio. Frase atribuída a Luís XV por uns e à Mme. Pompadour por outros.

¹¹¹ Porto e forte militar numa ilha, no fundo do golfo da Finlândia, junto à foz do rio Nievá.

¹¹² *Os mistérios de Udolfo*, romance muito popular em toda a Europa, da romancista inglesa Anne Radcliffe (1764-1823).

¹¹³ Convosco os vivos.

¹¹⁴ Mt, 7:2.

¹¹⁵ Tira de cetim ou de papel, na qual se colocavam imagens de Cristo, da Virgem e de são João Crisóstomo.

¹¹⁶ O costume de “comemorar” os mortos com um jantar era, tanto na Rússia como noutros países nórdicos, sobrevivência dos ágapes funerários dos primeiros tempos do cristianismo.

DIREÇÃO GERAL

Antônio Araújo

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Zaira Mahmud

REVISÃO

Eni Valentim Torres

Eduardo Carneiro

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Futura

CAPA

Maquinaria Studio

IMAGEM DE CAPA

GettyImages - Bettmann-Colaborador